



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Rodrigo Coelho dos Santos

**A ALIMENTAÇÃO NO *CANCIONEIRO POPULAR*
PORTUGUÊS COLIGIDO POR J. LEITE
VASCONCELLOS**

Dissertação de Mestrado em Alimentação: Fontes, Cultura e Sociedade, orientada pela
Professora Doutora Irene Maria de Montezuma de Carvalho Mendes Vaquinhas,
apresentada ao Conselho Interdepartamental da Faculdade de Letras da Universidade
de Coimbra

Julho de 2021

FACULDADE DE LETRAS

A ALIMENTAÇÃO NO CANCIONEIRO POPULAR PORTUGUÊS COLIGIDO POR J. LEITE VASCONCELLOS

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	A alimentação no <i>Cancioneiro Popular Português</i> coligido por J. Leite Vasconcellos
Autor/a	Rodrigo Coelho dos Santos
Orientador/a(s)	Doutora Irene Maria de Montezuma de Carvalho Mendes Vaquinhas
Júri	Presidente: Doutora Maria José de Azevedo Santos Vogais: 1. Doutora Maria João Albuquerque Figueiredo Simões 2. Doutora Irene Maria de Montezuma de Carvalho Mendes Vaquinhas
Identificação do Curso	2º Ciclo em Alimentação: Fontes, Cultura e Sociedade
Área científica	História das Culturas
Especialidade/Ramo	Alimentação: Fontes, Cultura e Sociedade
Data da defesa	06-09-2021
Classificação	18 valores



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Agradecimentos

À professora doutora Irene Vaquinhas, pela extraordinária capacidade de orientação, devido não só ao seu rigor, assertividade e sensibilidade, como aos seus profundos conhecimentos, paciência e boa disposição.

À professora doutora Maria José Azevedo, pela sua contagiante paixão para com a História e para com os alunos com quem trabalha infatigavelmente essa História.

À professora doutora Carmen Soares, pelo excelente acolhimento neste mestrado e pelo engenho inspirador com que soube conectar a Antiguidade com o Presente através dos afectos e do sabor.

À professora doutora Paula Barata Dias, pela riqueza e agudeza do seu olhar por que pude perscrutar o universo humano, quase divino.

À professora doutora Ana Leonor Pereira, pelas ousadas e inspiradoras abordagens ao mundo da alimentação.

À minha esposa e filhos, pais, sogros e irmãos.

E ao povo português.

RESUMO

A alimentação no *Cancioneiro Popular Português* coligido por J. Leite Vasconcellos

Através do levantamento das referências alimentares no *Cancioneiro Popular Português*, de Leite Vasconcellos, revelamos os géneros alimentares referidos, bem como as principais temáticas e respectivos contextos. A par da componente alimentar, destacamos outras dimensões (medicinal, social, amorosa, religiosa e linguística) que afloram constantemente, através de uma abordagem multidisciplinar inspirada em J.-P. Poulain, M. Montanari e C. Nogueira.

Após termos constituído uma base de dados com os excertos das canções onde encontrámos referências passíveis de ser relacionadas com o universo alimentar, tanto directamente, ao explicitarem alimentos, como indirectamente, ao mencionarem utensílios, locais e momentos sociais, procedemos ao seu agrupamento em temáticas que dividimos em duas secções.

Depois de uma breve contextualização, abordamos, na primeira secção, termos genéricos, como comida, fartura, fome, sede e sabor, entre outros, seguindo-se confecções e temperos, bem como os lugares da produção de matéria-prima alimentar (horta, pomar, rio, mar, etc.), da sua transformação em alimento (cozinha e moinho), e da sua comercialização (adega, taberna, botica, etc.), passando ainda pelos utensílios usados. Debruçamo-nos também sobre as festividades onde a alimentação tem um papel relevante (como o carnaval, as ceifas, o natal e o casamento), concluindo com a apresentação da componente literária de que se reveste a alimentação (comparações, metáforas, etc.), sem deixar de lado a etimologia e topónimos com origem na nossa temática.

Na segunda secção apresentamos, por ordem decrescente de referências, os bens alimentares divididos em cinco grandes grupos; vegetais (ervas, arbustos, flores, legumes da horta e árvores); animais (terrestres e aves, peixes, moluscos e crustáceos, entre outros); frutos e respectivas árvores de fruto; bebidas (água, vinho, aguardente, leite e derivados, etc.); e cereais (incluindo seara e pão).

Tendo iniciado cada subcapítulo com um breve resumo, concluímos a dissertação tecendo considerações finais do que julgámos ser mais relevante.

Palavras-chave: Alimentação, Cancioneiro Popular Português, Leite Vasconcellos, Literatura Oral, Século XIX.

ABSTRACT

Food in *Portuguese Popular Songbook* collected by J. Leite Vasconcellos

After searching food references in Leite Vasconcellos' *Portuguese Popular Songbook*, we present not only food goods, but the main themes and contexts related. Besides the food dimension, we stress those that emerge frequently (medicine, religion, love and linguistics), using a multidisciplinary approach inspired by J.-P. Poulain, M. Montanari and C. Nogueira.

We created a data base with excerpts that have some kind of relation with the food universe, directly, referring food, and indirectly, referring tools, places and social events. We gathered them in groups of different themes, separated in two sections.

In the first section, after a general contextualization, we start with generic terms, such as food, abundance, hunger, thirst and flavor; then we move on to confections and seasonings, production places (garden, orchard, river, sea), transformation places (kitchen, mill), and commercialization places (cellar, tavern, drugstore), focusing also in some food tools. Then, we pass to festivities where food is important (Carnival, harvest, Christmas, wedding, etc.). We finish with the literary component: food references usually use comparisons and metaphors; there is also some etymology that is worth to explore, since many places have names originally related to our theme.

In the second section we present food goods divided into five groups: vegetables (herbs, bushes, flowers, garden vegetables and trees); animals (land and birds, fish, mollusks and crustaceans, among others); fruits and their trees; beverages (water, wine, spirit, milk and dairy, etc.); and cereals (including crop and bread).

Since we started each subchapter with a briefing, we conclude our thesis recapitulating and weaving some considerations about the most important issues.

Keywords: Food, Portuguese Popular Songbook, Leite Vasconcellos, Oral Literature, 19th Century.

ÍNDICE

Lista de Tabelas

Lista de Anexos

Lista de Siglas

1 - Apresentação, Motivação e Objectivos	1
1.1 Estrutura, Metodologia e Estado da arte	2
SECÇÃO I – INTRODUÇÃO	
I.1 – Contextualização histórica do séc. XIX português	8
I.2 – Contextualização literária do CPP de LV	9
I.3 – Caracterização do CPP de LV	11
I.4 – Ordenação geográfica dos dados recolhidos	12
SECÇÃO II – ALIMENTAÇÃO	
II.1 – Intróito: Comida, Fartura, Fome e Sabor	16
II.2 – Refeições	19
II.3 – Confeções salgadas, adocicadas e comida sagrada	19
II.4 – Técnicas de confecção e temperos	21
II.5 – Ubicações	22
II.5.1 – Produção	23
II.5.2 – Transformação	24
II.5.3 – Comercialização	26
II.6 – Objectos	28
II.6.1 – Utensílios de cozinha	29
II.6.2 – Utensílios de arrumação e transporte alimentares	31
II.6.3 – Pesos, volumetrias e preços	34
II.7 – Calendário anual e celebrações pontuais	36
II.7.1 – Festividades anuais	36
II.7.2 – Celebrações pontuais	38
II.8 – Dimensão literária, linguística e sonora da alimentação	42
II.8.2 – Dimensão literária e linguística	42
II.8.2 – Dimensão sonora: a substancialização da palavra	45
II.8.2 – Etimologia alimentar	47

SECÇÃO III – GÉNEROS ALIMENTARES

III – Introdução	49
III.1 – Vegetais	50
III.1.1 – Ervas	51
III.1.2 – Arbustos	55
III.1.3 – Flores	57
III.1.4 – Legumes da Horta	59
III.1.5 – Árvores	63
III.2 – Animais	64
III.2.1 – Animais terrestres	64
III.2.2 – Peixes	70
III.2.3 – Outros animais	74
III.3 – Frutos e árvores de fruto	74
III.4 – Bebidas	85
III.5 – Cereais e Pão	90
Considerações finais	95
Fonte	101
Bibliografia	101
Webgrafia	116
Anexos	117

Lista de tabelas

- Tabela 1: N° de textos do Cancioneiro com referências alimentares (valores percentuais)
- Tabela 2: Províncias e Ilhas Adjacentes segundo o Código Administrativo de 1936 e respectivas abreviaturas
- Tabela 3: N° de concelhos com relevância alimentar (por ordem decrescente)
- Tabela 4: N° de textos com referências alimentares por província (por ordem decrescente)
- Tabela 5: Vinte e cinco concelhos com maior número de textos com referências alimentares (por ordem decrescente)
- Tabela 6: N° de referências a géneros alimentares por tipologia (por ordem decrescente)
- Tabela 7: N° de referências a géneros alimentares específicos (por ordem decrescente)
- Tabela 8: N° de referências a vegetais (por ordem decrescente)
- Tabela 9: N° de referências a ervas por concelho e província (por ordem decrescente)
- Tabela 10: N° de referências a arbustos por concelho e província (por ordem decrescente)
- Tabela 11: N° de referências a flores por concelho e província (por ordem decrescente)
- Tabela 12: N° de referências a legumes da horta por concelho e província (por ordem decrescente)
- Tabela 13: N° de referências a mel e relacionados por concelho e província (por ordem decrescente)
- Tabela 14: N° de referências a árvores por concelho e província (por ordem decrescente)
- Tabela 15: N° de referências a animais terrestres e peixes (por ordem decrescente)
- Tabela 16: N° de referências a animais terrestres (por ordem decrescente)
- Tabela 17: N° de referências a pombo, pomba e rola por concelho e província (por ordem decrescente)
- Tabela 18: N° de referências a galináceos e ovo por concelho e província (por ordem decrescente)
- Tabela 19: N° de referências a caprinos e ovinos por concelho e província (por ordem decrescente)

- Tabela 20: N° de referências a bovinos por concelho e província (por ordem decrescente)
- Tabela 21: N° de referências a suínos e por concelho e província (por ordem decrescente)
- Tabela 22: N° de referências a alimentos porcinos por concelho e província (por ordem decrescente)
- Tabela 23: N° de referências a outros animais terrestres por concelho e província (por ordem decrescente)
- Tabela 24: N° de referências a peixe por concelho e província
- Tabela 25: N° de referências a peixes por concelho e província (por ordem decrescente)
- Tabela 26: N° de referências a moluscos e crustáceos por concelho e província (por ordem decrescente)
- Tabela 27: N° de referências a frutos por concelho e província (por ordem decrescente)
- Tabela 28: N° de referências a árvores de fruto por concelho e província (por ordem decrescente)
- Tabela 29: N° de referências a citrinos e às restantes frutas (por ordem crescente)
- Tabela 30: N° de referências a árvores de citrinos e às restantes árvores de fruta (por ordem crescente)
- Tabela 31: N° de referências a citrinos (por ordem decrescente)
- Tabela 32: N° de referências a árvores de citrinos (por ordem decrescente)
- Tabela 33: N° de referências a castanha e ouriço (por ordem decrescente)
- Tabela 34: N° de referências a azeite por concelho e província
- Tabela 35: N° de referências a uva, cacho e bago (por ordem decrescente)
- Tabela 36: N° de referências a videira e variantes (por ordem decrescente)
- Tabela 37: N° de referências a pinha e pinhão (por ordem decrescente)
- Tabela 38: N° de referências a bebidas por concelho e província (por ordem decrescente)
- Tabela 39: N° de referências a locais onde existe água (por ordem decrescente)
- Tabela 40: N° de referências a derivados lácteos por concelho e província (por ordem decrescente)
- Tabela 41: N° de referências a pão, farinha, farelo e cereais (por ordem decrescente)

- Tabela 42: N° de referências a cereais por concelho e província (por ordem decrescente)

Lista de Anexos

- Anexo I-1 – Ilustrações de Simone dos Prazeres
- Anexo I-2 – Mapas III e IV do Código Administrativo de 1936
- Anexo I-3 – Províncias e Concelhos segundo o Código Administrativo de 1936 com referências alimentares no CPP
- Anexo II-1.1 – Comer e Comida
- Anexo II-1.2 – Fartura e Fome
- Anexo II-1.3 – Sabor e gosto, cheiro, amargo e picante
- Anexo II-2 – Refeições
- Anexo II-3.1 - Confeções salgadas
- Anexo II-3.2 – Confeções doces
- Anexo II-3.3 – Comida sagrada
- Anexo II-4 – Técnicas de confecção
- Anexo II-4.1 – Temperos
- Anexo II-5.1.1 – Horta, quinta, quintal, pomar e fazenda
- Anexo II-5.1.2 – Mar e rio
- Anexo II-5.2.1 – Cozinha e Açougue
- Anexo II-5.2.1.1 – Fogo e Lume
- Anexo II-5.2.2 - Moinho
- Anexo II-5.3.1 – Adega, Taberna e outros
- Anexo II-5.3.2 – Botica, Remédios e outros
- Anexo II-5.3.2.1 - Cosmética e Sabão
- Anexo II-6.1.1 - Utensílios de confecção
- Anexo II-6.1.2 – Panos, Loiças e Escudelas
- Anexo II-6.1.3 – Talheres
- Anexo II-6.2.1 – Armazenamento de Sólidos
- Anexo II-6.2.2 – Acondicionamento de Líquidos
- Anexo II-6.3 – Pesos e Volumetrias
- Anexo II-6.3.1 – Preços

- Anexo II.7.1 – Festividades anuais
- Anexo II-7.2.1 – Casamento e conjugalidade
- Anexo II-7.2.1.1 Gordo e Magro
- Anexo II-7.2.2 – Enterro
- Anexo II-7.2.2.1 – Matar, caçar e pescar
- Anexo II-8.1 – Anatomia Alimentar
- Anexo II-8.2 – Dimensão Literária da Alimentação
- Anexo II-8.3 – Comparações e Metáforas
- Anexo II-8.4 – Canto, Fala e Palavra
- Anexo II-8.6 – Etimologia Alimentar
- Anexo II-8.6.1 – Ocupações e Verbos
- Anexo III-1 – Lista Completa Géneros Alimentares
- Anexo III-1.1 – Ervas
- Anexo III-1.2 – Arbustos
- Anexo III-1.3 - Flores
- Anexo III-1.4 – Horta
- Anexo III-1.4.1 – Mel
- Anexo III-1.5 – Árvores
- Anexo III-2.1.1 – Pombas e rola
- Anexo III-2.1.2 – Galináceos
- Anexo III-2.1.3 – Caprinos e Ovinos
- Anexo III-2.1.4 – Bovinos
- Anexo III-2.1.5 – Suíno, gorduras e iguarias
- Anexo III-2.1.6 – Outros animais
- Anexo III-2.2 – Peixe
- Anexo III-2.2.1 – Peixes II
- Anexo III-2.2.3 – Moluscos e crustáceos
- Anexo III-2.3 – Outros animais II
- Anexo III-3.1 – Cítrinos
- Anexo III-3.2 – Castanha
- Anexo III-3.3 – Azeitona, oliveira e azeite
- Anexo III-3.4 – Uva, videira, parreira

- Anexo III-3.5 – Maçã
- Anexo III-3.6 – Pera
- Anexo III-3.7 – Pinha
- Anexo III-3.8 – Figo
- Anexo III-3.9 – Cereja
- Anexo III-3.10 – Amora
- Anexo III-3.11 – Frutas várias
- Anexo III-4.1 – Água
- Anexo III-4.2 – Vinho e excesso
- Anexo III-4.3 – Outras bebidas alcoólicas
- Anexo III-4.4 – Leite, derivados e mamar
- Anexo III-4.5 – Outras bebidas
- Anexo III-5.1 – Trigo
- Anexo III-5.2 – Milho
- Anexo III-5.3 – Centeio
- Anexo III-5.4 – Arroz
- Anexo III-5.5 – Outros cereais
- Anexo III-5.6 – Seara e grão
- Anexo III-5.7 – Farinha e farelo
- Anexo III-5.8 – Pão
- Anexo IV-1.1 – Ervas referidas por concelho
- Anexo IV-1.2 – Arbustos referidos por concelho
- Anexo IV-1.3 – Flores referidas por concelho
- Anexo IV-1.4 – Legumes da Horta referidos por concelho
- Anexo IV-1.5 – Árvores referidas por concelho
- Anexo IV-2 – Animais referidos por concelho
- Anexo IV-3.1 – Frutos referidos por concelho
- Anexo IV-3.2 – Árvores de fruto referidas por concelho
- Anexo IV-4 – Bebidas referidas por concelho
- Anexo IV-5 – Cereais referidos por concelho
- Anexo IV-6 – Mapas dos concelhos onde são referidos água, vinho, pomba, olival, pão e limão

- Anexo V – Transcrição de excertos do CPP de LV

Lista de siglas

- CPP – Cancioneiro Popular Português
- LV – Leite Vasconcellos
- UC – Universidade de Coimbra

*Debaixo da terra se criam
Coisinhas que sabem bem...*
(M. Canaveses, CPP I, pág. 353)

Apresentação

Costumes gastronómicos regionais têm vindo a ser cada vez mais valorizados e mediatizados em Portugal, não só como forma de preservar o passado, mas também enquanto meio de aliciar o investimento, na perspectiva de que o futuro se enriqueça precisamente graças à traça cultural popular, que urge recolher, já que não tardará muito «para que desapareça esta bela, nobre, rica e plurissecular manifestação do espírito humano», como refere M. Fontes acerca de romances e poemas tradicionais coligidos por ele próprio (Fontes, M., 1987, p. LXVII). O CPP de LV, devido à proximidade histórica, à variedade e explicitação dos lugares de recolha das quadras, contribui de modo particular para a descoberta de tradições, tanto a nível da alimentação em si como de quanto nela está implicado, nomeadamente nos aspectos antropológicos e sociológicos.

Com os Descobrimentos, tornou-se quase impossível manter isolamentos geográficos que permitissem perpetuar a pretensa genuinidade de culturas muito próprias. Ainda que não se possa falar em sistemas alimentares puros sem interferências exteriores (cf. Goody, J., 1998), decorrem em especial desde as últimas décadas a padronização e a homogeneização massiva dos cultivos e das culturas ocidentais. Estas transformações reflectem-se materialmente no sacrifício genético de antigas estirpes endémicas, por ficarem aquém da desejada produtividade das que actualmente monopolizam o globo. Já a nível cultural, e no caso específico de Portugal, resultam na descaracterização da dieta atlântica. Pese os esforços da UNESCO em valorizar os diferentes patrimónios culturais materiais e imateriais, e apesar do movimento *slow food* (West & Domingos, 2016), prevalece uma vontade de descobrir novidades que se traduz em modas passageiras – se a estas se desse tempo a que estabelecessem ligações com as populações, eventualmente poderiam ser integradas nas culturas, desenvolvendo-se em novas tradições.

Nesta perspectiva, os cancioneiros revelam-se como um barómetro sensível através dos quais podemos aferir a urgência de inovações e de acontecimentos históricos marcantes. As novidades são *incorporadas* na cultura tradicional precisamente através da *apropriação verbal*, uma das *funções* da poesia oral. Manifesta-se, assim, nos cancioneiros uma cosmovisão apoiada na tradição, deixando transparecer um lado estável e um outro lado flexível (Nogueira & Semik, 2017).

Importa não deixar serem engolidas pela voracidade do tempo as preciosidades que se encontram esparzidas ao longo do Cancioneiro – uma possível despensa espiritual para a nova geração, que parece cada vez mais alheada deste torrão natal, que é mais do que aquele *Jardim da Europa à beira-mar plantado* de Tomás Ribeiro: antes, uma horta rica em variedade. Sob esta perspectiva, o CPP de LV apresenta-se como um *banco de sementes culturais* praticamente congelado do passado.

Procurámos fazer germinar brevemente as que ocultam a potência dum universo alimentar, sem deixarmos de sentir constantemente o despertar de outras potências. Os dados concretos com que nos deparamos no CPP são enriquecidos por dados menos directos e até subjectivos: os *contextos* onde ocorre a alimentação, juntamente com as *ocupações* e *preocupações*, e

ainda as maneiras de *pensar*, de *sentir* e até de *expressar*, acabam por contribuir para um olhar mais expansivo deste universo, que apenas aguarda pela nossa curiosidade para por si mesmo brilhar.

Com a presente dissertação tencionámos crivar o Cancioneiro Popular coligido por LV em busca de referências alimentares, tendo compilado numa base de dados as quadras onde surgem. Estas referências demonstraram ser por vezes directas e ostensivas, explicitando alimentos; por outras revelaram-se, como referimos, mais alargadas, remetendo para materiais e locais, eventos sociais e relações humanas. Fomos assim levados a reuni-las em duas diferentes secções, que necessariamente vão-se relacionando. À medida que avançámos, elaborámos pequenos resumos que nos ajudaram a tecer as considerações finais.

Motivação

No âmbito do mestrado da FLUC em Alimentação: Fontes, Cultura e Sociedade, um triplo estímulo aliciou-nos à presente dissertação: o Cancioneiro como fonte alimentar, a sede filológica pessoal, e um apetite antropológico universal.

Por um lado interessou-nos a possibilidade de usar (com a devida cautela – cf. Vaquinhas, I., 2002: 211) o CPP de LV como fonte para o estudo da alimentação do povo português na transição do século XIX para o XX. Tendo como formação de base a filologia clássica, julgámos enriquecedor usar uma aproximação metodológica moldada por essa nossa formação, tentando fazer transparecer algo das qualidades estéticas de tal fonte. Pelos sentimentos de empatia inerentes a qualquer ser humano em relação aos seus semelhantes, não pudemos deixar de valorizar a complexidade humana, que aporta uma maior profundidade à dimensão alimentar quando o fio desta se espelha nos jogos simbólicos e nas redes sociais que tecem entre si os membros das comunidades populares.

De entre os vários cancioneiros à disposição, optámos pelo de LV por duas razões: inicialmente fora-nos indicado pela orientadora, a professora doutora Irene Vaquinhas, aquando da frequência da sua cadeira no primeiro ano de mestrado intitulada Gastronomia e Sociabilidade na Época Contemporânea, após lhe termos expressado o desejo de nos debruçarmos sobre as canções populares numa perspectiva alimentar, havendo realizado um pequeno trabalho nesse sentido. Tencionámos, pois, dar continuidade a tal trabalho, de modo a podermos no futuro vir a estudar outros cancioneiros, de forma a compará-los entre si, e verificar a pertinência dessas fontes populares orais no que concerne ao estudo diversificado da alimentação. A segunda razão relaciona-se com o nosso desejo de reflectir sobre a importância da alimentação nesta fonte *oral*: pretendemos verificar sucintamente se oralidade e som são aqui relevantes, visto que a dimensão sonora tem vindo a ser valorizada na gastronomia e noutros campos, como o terapêutico, pelas suas propriedades com repercussões físicas – mas também psicológicas.

Objectivos

Propomo-nos estudar a relevância alimentar no CPP de LV. Partimos da questão inicial: que referências alimentares surgem no CPP de LV? Esta questão leva-nos imediatamente a outras: qual o papel das referências alimentares no CPP? Que relação guardam estas referências com as referências geográficas? Como é dinamizado o quotidiano popular pela

alimentação? Para que outras dimensões, para além da material, se apresta a alimentação? É o som sob a forma da palavra oral relevante no universo alimentar do CPP?

Estrutura e Metodologia

Efectuámos o levantamento das referências alimentares no CPP de LV, criando bases de dados em Word e Excel a partir da transcrição de todos os excertos onde detectámos referências alimentares¹ (v. Anexo V - Transcrição de excertos do CPP de LV). Estas bases de dados permitiram-nos elaborar 42 tabelas, apresentadas ao longo da dissertação; elas contêm dados estatísticos acerca dos bens alimentares e da sua localização geográfica, que usámos para extrair informação e fundamentar o nosso texto. Elaborámos também seis mapas de Portugal onde destacámos os concelhos em que ocorrem alguns dos bens alimentares mais referidos (água, vinho, oliveira, pão, pomba e limão), para obtermos uma visualização topográfica da sua distribuição pelo continente e pelas ilhas.

Através de pontos de vista multidisciplinares, organizámos as referências alimentares em duas secções, que se entrecruzam: a primeira diz respeito aos *contextos* alimentares, e a segunda aos *géneros* alimentares. Introduzindo os conteúdos de ambas as secções através de uma perspectiva geral, procedemos também a breves contextualizações históricas sempre que nos pareceu relevante, na medida em que estas aportam esclarecimentos que enriquecem a análise.

Na primeira secção apresentamos os dados de modo *qualitativo*, seguindo um método inspirado no *filológico*, na medida em que investimos na apresentação dos contextos em que surgem termos que remetem para a alimentação para daí inferir significados. Nesta secção abordamos termos genéricos (p. ex. *comida, fome, cozinha, utensílios*); seguidamente debruçamo-nos sobre as refeições e as confeções, bem como sobre as técnicas e temperos usados. Não podemos deixar de referir os locais onde diferentes etapas da alimentação tomam lugar, desde a produção (terra e mar), transformação (cozinha a moinho), até à comercialização (adega, taberna, botica, etc.), bem como os distintos objectos usados no âmbito alimentar. Tão pouco deixamos de parte as festividades anuais e as celebrações pontuais onde comida e bebida são os anfitriões. De seguida focamo-nos na dimensão literária das comparações e metáforas alimentares que foram surgindo, terminando esta primeira secção com uma breve abordagem à etimologia e topónimos que têm relação com o nosso tema.

Na segunda debruçamo-nos sobre matérias-primas e géneros alimentares, através de uma abordagem qualitativa e quantitativa, graças aos dados fornecidos pelas várias tabelas, que tão pouco dispensam interpretação. Criámos cinco grandes grupos: vegetais, onde constam ervas, arbustos, flores, legumes da horta e árvores; animais; frutos e respectivas árvores; bebidas; cereais e pão. Em cada grupo abordamos os itens individualmente, por ordem decrescente quanto ao número de referências.

Ao longo dos assuntos abordados, vamos remetendo para os anexos as localizações exactas nos excertos do CPP donde retiramos a informação que apresentamos. Nestes anexos, agrupados por temáticas e esquematizados por tópicos, constam as referências alimentares

¹ Tomamos como referências alimentares palavras e expressões que apontam para alimentos em si ou que se relacionam com a alimentação, incluindo profissões e actividades do sector alimentar, sem descartar o que tenha etimologicamente afinidade com a temática.

que considerámos relevantes no CPP. Como são muitas referências, não pudemos explicitá-las todas, tendo optado por mencionar as que nos suscitaram mais interesse. Somos de crer que tais anexos, devido à divisão por temáticas, bem como à abundância e variedade, podem ser de interesse para outros estudos na área da alimentação.

Ao final tecemos conclusões gerais com base na informação colectada. Dada a abundância da nossa recolha, transparece mais um teor descritivo do que uma abordagem interpeladora, na medida em que nos importa *dar conta das referências*. Contudo, sublinhando o que nos pareceu merecedor de destaque, não deixamos de tecer considerações pontuais, pertinentes e fundamentadas.

A nossa fonte é, pois, o CPP de LV, publicado em três volumes por ordem da UC. Lançámos mão a bibliografia diversa, nomeadamente teses, dissertações, artigos científicos, manuais botânicos e livros variados, no sentido de nos orientarem no seu estudo de uma perspectiva abrangente.

Para cada conteúdo procuramos respeitar à seguinte ordem de abordagem: uso *nutritivo* e *medicinal* (o alimento na dimensão material), a dinâmica *amorosa* e *social*, abordagem *religiosa*, e referência *geográfica*, deixando transparecer os recursos estilísticos recorrentes.

Porque a informação se encontra dispersa, um mesmo assunto é abordado de várias perspectivas, sendo impossível estancá-los – tal dá azo a algumas repetições, que acabam por se tornar proveitosas ao apresentarem assuntos idênticos em diferentes contextos.

Estado da arte

A alimentação é um fenómeno do mundo orgânico – mas não só: reveste-se de múltiplas dimensões. Tais dimensões têm sido abordadas por várias disciplinas no ocidente: começando com a *Dietética* de Hipócrates e seus seguidores, a *Filosofia* desde Platão a R. Barthes, e *Cultos, Religiões e Simbolismos* desde o Antigo e Novo Testamento a M. Douglas; passando pela *Antropologia e Etnografia*, do próprio L. Vasconcellos, de Lévi-Strauss, de A. Richards e de J. Goody; sem esquecer a *Sociologia*, com G. Simmel, D. Lupton, J.-P. Poulain e A. Murcott; e naturalmente a História, com K. Kiple, J.-L. Flandrin, M. Montanari, B. Lauriou, e I. Braga. Até a *Físico-Química* de ponta se debruçou nas décadas passadas sobre a temática, através do *Modernist Cuisine Lab* de N. Myhrvold, que, aliciado pelo movimento da Cozinha Modernista, almejou tornar acessível a compreensão científica dos processos e tecnologias alimentares tanto recentes como tradicionais.

Enquanto fenómeno físico e fisiológico, importa-nos dar conta das referências alimentares no Cancioneiro, para verificar que, de facto, o alimento nunca fica pelo seu cultivo, preparação ou deglutição – o alimento ao mergulhar no torrão da humanidade desintegra-se como semente numa série de espigas recorrentes, cada qual germinando numa seara cativante.

É, pois, com este espírito de abertura que pretendemos levar a cabo o nosso trabalho, inspirados pela abordagem sócio-antropológica de J.-P. Poulain (2002), que analisa a alimentação numa dimensão estruturante da sociedade, debruçando-se sobre técnicas, espaços e temporalidade, entre outros aspectos; pela interpretação gramatical da alimentação de M. Montanari (2008), que estabelece um paralelo entre a linguagem da comida e a linguagem

verbal; e ainda pela abordagem multidisciplinar de C. Nogueira ao cancioneiro de Baião (v. bibliografia), concelho que, como veremos, muito aportou ao CPP de LV.

Conta-se que Heraclito, aquecendo-se certa vez junto do forno, dissera a quem o achou que *também aí se encontravam deuses* (Aristóteles, *De partibus animalium*, 645a). Talvez tivesse em mente, mais do que afirmar a ubiquidade da divindade e da oportunidade da exercitação filosófica: chamar a atenção para um local que afinal é sagrado precisamente por ser diariamente consagrado na existência humana. No forno da confecção faz-se *aparecer* a jeito fenomenológico o alimento (de modo tão plástico no caso dum pão levedado) – pelo menos é neste sentido parece apontar em parte a interpretação de Heidegger ao filósofo grego: «“Mesmo aqui” – e justamente aqui, na inaparência do ordinário, vigora o extraordinário do aparecimento» (Heidegger, M., 1998, citado em Kirchner, R., 2018: 188).

De seguida fazemos uma breve revisão da literatura quanto aos âmbitos que concerne a nossa dissertação.

Ana Canesqui, nos seus *Comentários sobre os Estudos Antropológicos da Alimentação* (2005), oferece uma excelente revisão dos estudos alimentares a partir da segunda metade do século XX de antropólogos brasileiros e estrangeiros, separando-os em vários grupos, dos quais destacamos: A) Estudos de comunidade no âmbito das crenças, saúde, e mudanças de habitat e tecnologia. B) Estudos de hábitos e ideologias alimentares, que se debruçam sobre o modo de vida dos desfavorecidos, compreendendo os hábitos alimentares através de teorias que estabelecem um sistema de classificação de alimentos e associando esse sistema às práticas sociais com diferentes significações por parte de cada grupo. C) Estudos sobre a organização da família, no que concerne às estratégias domésticas de sobrevivência e às práticas de consumo alimentar. D) Estudos que relacionam alimentação com saúde, fraqueza física e doença, destacando a valorização da boa alimentação. E) Estudos que articulam a comida com a identidade, graças ao simbolismo e aos valores que adquire na dimensão social: a nível tradicional nas comidas religiosas com ecos nas cozinhas regionais, e a nível moderno no *fast-food* e no *franchising*.

Sob uma perspectiva etnográfica no âmbito alargado da tradição popular portuguesa, refira-se a obra de Salwa Castelo-Branco e Jorge Branco (2006), *Folclorização em Portugal: uma perspectiva*, que nos fala da *institucionalização* do Folclore ao longo do século passado no nosso país: abordando a integração da população rural na nação, valoriza o folclore como uma cultura expressiva, que cumpre um papel social valioso.

Viegas Guerreiro debruçou-se sobre a temática da cultura popular em vários trabalhos, entre os quais «Para a História da Literatura Popular Portuguesa», já de 1978. Neste trabalho destaca-se a valorização da riqueza fenomenológica da oralidade e a problematização de termos como *tradicional*, *popular*, *oratura* e *texto*.

De João Leal (2000) «Etnografias Portuguesas (1870-1970)», importa referir a valorização da cultura popular rural enquanto fonte para abordar temas da *identidade nacional*.

J. Pinto-Correia, em «A literatura popular e as suas marcas na produção literária do século XX – Uma primeira síntese» (1988), procura desemaranhar os diferentes fios que compõem o novelo da literatura popular através da sua diferenciação em quatro grupos: não tradicional, popularizante, popular tradicionalista, e literatura popular tradicional – esta posteriormente será desdobrada entre escrita tradicional e oral tradicional.

A nível de romancero, M. Costa Fontes é uma figura incontornável pelo contributo no estudo do Romancero português não só na Península Ibérica e ilhas atlânticas, como da América do Norte e Brasil (a bibliografia é extensa), o que lhe confere uma visão abrangente no que concerne à literatura oral.

Anabela Gonçalves, na dissertação «Do Alimento que os Contos Guardam» (2003), destaca-se por dar conta das referências alimentares (e derivados) em 674 contos populares portugueses, distinguindo *alimentos concretos*, *alimentos desejados* e *alimentos cozinhados*.

Sobre os *cancioneiros populares*, até ao final do séc. XX, as investigações em Portugal eram escassas, limitando-se a prefácios com orientação histórico-cultural e filológica (Nogueira, C., 2000). Carlos Nogueira, inspirado em LV, experienciou e recolheu na passada década de noventa literatura oral da zona de Baião, sobre a qual se vem debruçando em vários trabalhos, nomeadamente: «A Poesia Oral em Baião – Edição e Estudo» (2000), e «Poesia Oral Tradicional e Funcionalidade», com V. Semik (2017). Através de uma abordagem multidisciplinar muito pertinente (literária, linguística, antropológica e sociológica), analisa o cancioneiro baiano abarcando a relação oral/escrito, e dando ênfase à transmissão e recepção, bem como à importância da musicalidade e da dança. Sem esquecer os aspectos da forma de expressão e de conteúdos, procura apresentar as relações entre literatura oral, os elementos da tradição que transcendem o indivíduo, e as forças da sociedade e da história. Partindo ainda da distinção de J. Júnior entre *funções estéticas* e *anestéticas* na poesia oral brasileira, realça as funções da poesia oral de Baião, já que são aquelas que justificam a existência desta, valorizando assim, entre outros, os papéis do poeta, do contexto da performance literária, da linguagem e do estilo, e da transmissão e recepção.

J. Mendonça apresentou em 2018 a dissertação *A Voz Lírica do Alentejo*, tendo, como C. Nogueira, recolhido por si própria a literatura oral, no seu caso em Reguengos de Monsaraz, e pretendendo não só tal recolha mas a sua divulgação através de meios digitais. Salienta-se na sua análise a valorização do poder da palavra em composições entre o religioso e o supersticioso, como orações, benzuras e esconjuros, sem descurar as cantigas de embalar.

Na dissertação de Gabriela Sándor «A literatura oral tradicional lusófona no ensino/aprendizagem do Português Língua Estrangeira» (2015), encontramos valorizada a cultura oral como forma de acercar o estrangeiro ao espírito dum povo, nomeadamente através do desenvolvimento das competências comunicativas utilitárias numa aproximação mais literária, contemplando o aspecto *estético* da nova língua, que brilha precisamente na vertente oral tradicional – o que já havia feito notar J. Júnior (Júnior, 1981, citado por Nogueira & Semik, 2017).

De Anamarija Marinović temos, entre outros trabalhos, a tese «Motivos de Beleza e Amor no Cancioneiro Popular Português e Sérvio» (2014), onde procura mostrar como o modo de encarar tais motivos através da poesia popular influencia em ambos os povos comportamento e pensamento.

Especificamente quanto ao CPP de LV, a par do seu tratamento formal, Maria Nunes procurou em «O Cancioneiro Popular em Portugal», de 1978, debruçar-se sobre os conteúdos (que referiremos mais à frente), numa análise concisa de forma e estilo, onde a alimentação apenas é abordada de passagem.

Como obras fundamentais acerca da alimentação que incidem no período em que nos focamos, e precisamente no quotidiano, não podemos deixar de indicar José Mattoso, com a

«História da Vida Privada em Portugal, Época Contemporânea» (terceiro volume), coordenada por Irene Vaquinhas, de 2011, focando-se no nosso país; e o segundo volume da «História da Alimentação», de Flandrin e Montanari, de 2008, que oferece uma perspectiva internacional.

Realçamos ainda a importância de trabalhos e estudos que têm procurado preservar o conhecimento popular no uso de plantas aromáticas e medicinais (PAM) autóctones, que ameaça extinguir-se, nomeadamente Joana Rodrigues, que publicou vários relatórios onde colectou esse saber oral através de entrevistas a pessoas de gerações mais velhas. Apenas recorrendo as essas (e outras) recolhas logramos perspectivar o alcance de referências a inúmeras plantas que faz o CPP de LV.

Referente à pertinência do som na alimentação, abordada inicialmente por E. Crocker (1950) e L. Pettit (1958), destacam-se actualmente os estudos *crossmodal* levados a cabo por C. Spence e por R. Carvalho sobre como certos sons se fundem com certos sabores (e os confundem). Sendo possível interferir e enriquecer a degustação através das ondas sonoras (Kontukoski et al., 2015), há ainda vários estudos de Q. Wang sobre a interferência da música na percepção da intensidade dos sabores da acidez e da doçura. Mencionamos ainda a utilização terapêutica da música através da sua vibração acústica (via aérea e óssea) aplicada no recente método Tomatis².

Por fim, aproveitamos para dar conta de dois artistas regionais (Beira Interior de Portugal) que têm desenvolvido obras inspiradas no Romanceiro e no Cancioneiro: César Prata, que editou vários discos com interpretações musicais da literatura oral com a colaboração de outros artistas, cujo projecto consta na Associação *A Música Portuguesa a Gostar dela Própria*; e Simone Prazeres, que tem vindo a ilustrar quadras do CPP de LV que se prendem precisamente com a temática alimentar, e cujas imagens nos cedeu gentilmente (v. Anexo I-1 – Ilustrações de Simone dos Prazeres).

Somos de crer que contribuiremos para futuros estudos na área tanto da alimentação em Portugal como dos cancioneiros e da cultura popular portuguesa na medida em que, partindo de uma postura multidisciplinar, nos debruçamos especificamente sobre a temática alimentar num Cancioneiro que apenas foi abordado por Nunes de modo generalista e sucinto. Na esteira do que se propõe o IELT (Instituto de Estudos de Literatura Tradicional), nomeadamente a investigação da cultura tradicional através de estudos transdisciplinares que forneçam uma compreensão abrangente dos universos literário, cultural e social, esperamos demonstrar que também a Alimentação resulta num excelente critério para análises etnográficas e literárias mais substanciais; esperamos ainda enriquecer os estudos históricos ao realçar as potencialidades do CPP de LV enquanto *fonte*.

² Trata-se por uma estimulação neurosensorial através da manipulação de várias frequências usando auscultadores especiais, capazes de fazer repercutir vibrações ósseas. Este método procura não só o melhorar capacidades intelectuais, como emocionais e motoras, recorrendo a um repertório de músicas eruditas (em especial Mozart).

SECÇÃO I - INTRODUÇÃO

I.1 – Contextualização histórica do final do séc. XIX português

Cumprido ao iniciarmos proceder a uma brevíssima contextualização histórica de Portugal na passagem do século XIX para o XX. Por que transformações passara o país nessa transição que LV acompanhou? Se com um pouco de desfasamento as novidades do espírito acabavam por entrar em Portugal (pensemos em de A. Quental e Hegel), as sucessivas inovações científicas tardariam mais.

No que diz respeito à agricultura, a resistência à introdução de tecnologias no seio de comunidades que há séculos vêm repetindo os mesmos procedimentos, ao ponto de se terem tornado numa espécie de instinto, é ubíqua no universo humano, pelo que o processo de modernização no seio do povo resultou lento. O cultivo do território nacional foi aumentando progressivamente: passou de um terço em 1819 a ocupar 60% no início do século seguinte (Marques, A., 1986), através de desbravamentos e arroteamentos – no caso dos montes junto ao baixo Mondego tinha sido iniciado já no século XVIII (Vaquinhas, I., 2000). Deu-se a introdução de inovações técnicas, como máquinas e fertilizantes, cujo uso, embora incentivado pelos sindicatos, conheceria fraca adesão por parte dos camponeses (Vaquinhas, I. & Neto, M., 2000). Refira-se que o desenvolvimento na agricultura não foi de um crescimento linear: no terceiro quartel do século XIX sucederam-se várias crises agrícolas, baixas de preço e quebras de rendimento devido, entre outras causas, à concorrência estrangeira, nomeadamente dos Estados Unidos (Vaquinhas, I. & Neto, M., 2000), o que levaria à adopção de medidas proteccionistas.

Com o crescimento das populações, generalizaram-se alimentos, como a batata e o arroz³, cujas plantações se alastraram, a par da vinha e dos pomares (Marques, A., 1986). Deu-se também uma mudança quanto aos hábitos de consumo do pão: começou-se a pretender o consumo do centeio e do milho pelo trigo, para benefício dos latifundiários do sul de Portugal (Reis, J., 1979: 763). Acresce a evolução nas vias de transportes, promovida pela Companhia das Obras Públicas, o que permitiu uma melhoria na alimentação não propriamente na zona camponesa do país, mas no litoral, onde a indústria começava a fomentar uma outra classe: a operária (Cascão, R., 2011).

Importa referir que o analfabetismo grassava de alto a baixo no país – 85% em 1850 e 75% em 1900 (Candeias e Simões, citados em Almeida et al., 2009, p. 2) –, pese as tentativas da escolarização a nível primário, gratuita e obrigatória, que até meados do Estado Novo não lograria grande expressão: a Regeneração procurava moldar cidadãos competentes para o que esperava vir a ser a nova realidade industrial. A Carta Constitucional em 1826 (alínea §30.º do Art. 145º) instituiu o direito à Instrução Primária gratuita para todos os cidadãos do Reino; mas já cinquenta anos antes tinha nascido a instrução primária (Carta de Lei de 6 de Novembro de 1772).

Apesar de Portugal ter sido um dos primeiros países da Europa a legislar sobre a obrigatoriedade escolar, foi dos últimos a cumpri-la; a instabilidade política apenas forçou no papel reformas sucessivas e a realidade miserável do país tão pouco contribuiu: quem abdicaria dos filhos no dia a dia para o amanhã das terras que urgia? A consciência desta

³ O arroz das colónias encarecera, pelo que se desenvolveu a orizicultura no território nacional, enquanto se sobrecarregava de taxas o arroz do estrangeiro – cf. Vaquinhas, I., 2000.

realidade reflectiu-se no facto de na altura vigorarem disciplinas práticas, como Noções de Agricultura para rapazes e Economia Doméstica para raparigas, particularizadas quanto aos seus conteúdos consoante o contexto urbano ou rural (Lei da Reforma do Ensino Primário, de 1870).

Contudo, o analfabetismo jamais pôs em causa a sensibilidade própria do povo. Pela ausência de suporte escrito, a cultura popular primou pelo recurso a formas de expressão simples e cativantes, que facilitassem a memorização – aliciada pela musicalidade da palavra oral, pelos instrumentos e pelas danças.

Importa menos pormenorizar esta cultura do que relacioná-la com o quotidiano, na medida em que espelharia as transformações sócio-económicas: não esperemos que coincidam temporalmente a superação de tabus e a introdução de novidades na dieta com a sua apropriação por parte do canto vernacular. Recordemos que no Congresso Internacional de Folclore, de 1938, L. Febvre (1938) afirmava que a alimentação conhece uma certa estabilidade, visto que os seres humanos têm problemas em aceitar alimentos novos.

A camada mais culta da sociedade, pelo contrário, faria questão em acompanhar a revolução gastronómica, tomando como uma mais-valia a actualização, como forma de pôr em dia a sua suposta civilidade – recorde-se a sobrevalorização da sofisticação francesa, retratada por Eça de Queirós, que a acabará por preterir por uma mistificação da simplicidade portuguesa (cf. *A Cidade e as Serras* e *A correspondência de Fradique Mendes*).

I.2 – Contextualização literária do CPP de LV

Sem pretendermos enredar-nos nas questões de definição e delimitação de Literatura Oral Tradicional (cf. Dias, 2012; Guerreiro e Mesquita, 2011), atenderemos ao interesse generalista pelo *folclore*, que emergiu pela Europa em meados do séc. XIX. Tal termo, cunhado por W. Thoms em 1850, abarca a cultura vernácula e as suas tradições, onde encontramos músicas e canções, quadras e rimas, trava-línguas e provérbios, danças e teatros, artes e ofícios, costumes, crenças e mezinhas – quanto, enfim, o que o coração dum povo anima. Aquando do seu nascimento, procurou conferir legitimidade às democracias europeias do séc. XIX (Ramos, R., 2013), num momento histórico de valorização dos nacionalismos, enaltecendo o passado e perpetuando a herança identitária dos diferentes grupos sociais (Cabral, C., 2011).

A ceifa da seara folclórica não foi, pois, exclusiva de LV: o interesse urbano e intelectual pela cultura popular e rural, embora se tivesse nutrido da fantasia do seio do romantismo, ganhou contornos científicos com novas disciplinas, como a Etnografia e a Antropologia. Dentro do contexto internacional, Portugal seguia o exemplo dos escritores alemães. Não por acaso se dava esta valorização do património oral: a vida ocidental estava prestes a mudar com a revolução industrial, ameaçando toda aquela cultura rural, eventualmente moritura (v. Burke, P., 1978).

Refere M. Nunes (1978) que entre os séculos XIX e XX deram-se várias iniciativas, encabeçadas pelo viajado Garrett, com o seu *Romanceiro*, acreditando encontrar o verdadeiro espírito português no povo e nas suas tradições, que incarnam o grande livro nacional, afirmando que «nenhuma coisa pode ser nacional se não for popular» (Garrett, 1853, p. XXV). Outras iniciativas foram levadas a cabo por António Tomás Pires, com os seus Cantos Populares Portugueses em quatro volumes, a par de cancionários menos extensos, como as

Mil Trovas, de Agostinho de Campos com Alberto de Oliveira, e *O que o Povo Canta*, de Jaime Cortesão. Vale a pena destacar o *Cancioneiro Popular* de Teófilo Braga, de 1867 (com segunda edição, alargada, em 1911), que contém «reliquias da poesia portuguesa dos séculos XII a XVI» (Braga, T., 1867, p. 1), embora de todo simples, uma vez que não faltam estrofes que revelam níveis de instrução pouco vulgares. Não esqueçamos Adolfo Coelho, de quem temos recolhas populares mais abrangentes (em finais do século).

Refere ainda Nunes (1978) que esta foi uma época em que as cantigas tradicionais portuguesas de carácter local ficaram salvaguardadas em colecções numerosas, dando como exemplos alguns compiladores: Firmino Martins coligindo o folclore de Vinhais, e Pires de Lima o de Vila Real; a Lopes Dias devemos a *Etnografia da Beira*; enquanto a Fernandes Tomás várias obras: *Canções Populares da Beira*, *Canções Portuguesas e Velhas Canções*, *Romances Populares Portugueses*, e ainda *Cantares do Povo*, tendo-se socorrido do fonógrafo. Não pode ficar de parte Guilherme Felgueiras que, na década de 1960, compilou o *Cancioneiro Popular Transmontano e Alto-Duriense*.

No âmbito desta recolha a nível musical, destacam-se o pioneiro João António Ribas que, em 1857, publicava *Músicas Tradicionais Portuguesas*, e Giacometti com Lopes-Graça, que entre as décadas de 1960 e 1980 publicavam a *Música Regional e Música Tradicional Portuguesa*, bem como o *Cancioneiro Popular Português*. Pelo meio, houve toda uma série de compiladores: César das Neves e Gualdino de Campos; Armando Leça; Jaime Lopes Dias; Gonçalo Sampaio; Maria Lima Tavares de Sousa; Vergílio Pereira; António Marvão. Os trabalhos de António Mourinho e de José Alberto Sardinha já são mais recentes. Por fim, não podíamos deixar de referir a iniciativa *A Música Portuguesa a Gostar dela Própria*, com a sua recolha audiovisual, todavia em andamento.

Repare-se que este tipo de trabalho se foca mais na preservação formal do que propriamente numa abordagem do conteúdo – trata-se de facto de Cancioneiros. O folclore parece apenas ser interessante em termos de análises antropológicas e etnográficas (feitas de forma brilhante por Lévi-Strauss, que dá grandes lições de interpretação e hermenêutica, ao jeito de S. Freud), para não falar da componente alimentar. No já referido I Congresso Internacional de Folclore, em Tours, 1938, Dina Lévi-Strauss e Mário Andrade apresentavam uma pesquisa cartográfica sobre tabus alimentares e danças populares brasileiras (Shimabukuro et al., s/d). Como diz Nunes (1978), referindo-se à atitude de T. Braga frente à imensidão da cultura popular: há que atender ao aspecto estético – que é como quem diz: separar o trigo do joio.

Foi neste contexto que LV, médico de formação, mas etnólogo de coração, se mostrou sensivelmente incitado à recolha e preservação de tão rica tradição, tendo-lhe dedicado uma longa vida (1858 - 1941). Nasceu na Ucanha, no concelho de Tarouca. Aos dezoito anos rumou ao Porto, para licenciar-se em Ciências Naturais em 1881 e posteriormente em Medicina (1886). Foi subdelegado de saúde no Cadaval em 1887, e no ano seguinte mudou-se para Lisboa, para trabalhar na Biblioteca Nacional durante vinte e três anos. Em 1901 doutorou-se em Filologia na U. de Paris, com uma tese acerca da dialectologia portuguesa. Criou o Museu Etnográfico Português, que se tornou no actual Museu Nacional de Arqueologia. Leccionou ainda na Faculdade de Letras da U. de Lisboa, tendo-se reformado em 1929, para dedicar os últimos anos à escrita. Deixou um riquíssimo espólio que abarca

várias áreas, como Etnografia, Filologia, Dialectologia, Arqueologia, Numismática e Epigrafia⁴.

Acerca de Maria Arminda Zaluar Nunes dispomos de pouca informação: foi professora auxiliar do 2º grupo no Liceu Pedro Nunes, de Lisboa⁵, em cuja Revista de Pedagogia e Cultura «Palestra» publicou, entre outros, os artigos: «O Cancioneiro Inédito do Doutor Leite de Vasconcelos: seus temas» e «A Flor, Motivo Folclórico Português»⁶. Contribuiu também com artigos para a Revista de Letras da U. de Lisboa na década de 1930 sobre Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco e Gil Vicente⁷, e escreveu «A psicologia feminina da obra de Camões»⁸. Participou ainda no livro de leitura do 1º ciclo do 1º e 2º anos «A nossa pátria», sob a coordenação de Manuel Viegas Guerreiro, em 1963⁹, com quem viria a colaborar na organização e publicação do espólio de J. Leite Vasconcellos.

I.3 – Caracterização do CPP de LV e breve história

O CPP de LV foi publicado por ordem da UC em três volumes coordenados por Maria Zaluar Nunes, entre 1975 e 1983. Contém quase quinze mil textos, agrupados por assuntos, ao longo de mais de 1700 páginas. Segundo a própria Nunes (1978), as principais temáticas são: Amor, Casamento, Filhos, Quotidiano Familiar, Trabalho, Conceitos da Vida, Crenças Religiosas, Maravilhoso Popular, e Sátira. De modo a obtermos uma imagem da sua magnitude e heterogeneidade, apresentamos o índice de cada tomo.

I tomo: Cantigas do Começo, Cantigas às Cantigas, Cantigas da Natureza, Rimas Infantis, Cantigas de Roda, Modas, Divertimentos, Cantigas do Trabalho, Ritmos, Amores.

II tomo: Amor e Tristezas, Em Expectativas, Família, Conselhos a Namorados, Solteiros Casados e Viúvos, Da Vida Quotidiana, Usos e Costumes, a Rua a Fonte o Rio, a Terra Amada, Cantigas Conceituosas, Simbolismo de Cores e de Plantas, Subtilezas, Culto pelos Jogos Verbais, Bocas do Mundo, Graças Chalaças e «Cantigas às Aversas», Cantigas Satíricas, Em redor de Números, Superstições, Idades da Vida, Crepúsculo e Ocaso da Vida, Assuntos Vários Versados em Décimas, Ecos da História de Portugal.

III tomo: Cantigas Geográficas e Tópicas, Cantigas Religiosas, Calendário, Saudações, Remates de Cantigas, Cantigas da Despedida, e ainda uma Adenda.

O CPP é composto maioritariamente por quadras. Existem também dísticos e tercetos, a par de algumas quintilhas, sextinas, oitavas e décimas, a que se somam lengalengas intermináveis. A redondilha maior impera, se bem que haja versos de cinco sílabas, e até versos quebrados de três ou quatro. A rima é constante – quando se evita é por algum propósito particular. Forma e conteúdo remetem por vezes para o passado trovadoresco

⁴ Informação obtida a partir dos sites cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xix/jose-leite-de-vasconcelos.html.YO8RFehKiUI (acedido a 01/07/2021) e museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=301 (acedido a 01/07/2021).

⁵ V. arquivo-ec.sec-geral.mec.pt/details?id=48033 (acedido a 01/07/2021).

⁶ V. sec-geral.mec.pt/sites/default/files/palestra_final.pdf (acedido a 01/07/2021).

⁷ V. ceh.fcsh.unl.pt/pdf/ferramentas/instrumentos_listagens_artigos_periodicos/Letra%20R/revfaclettras_lx.pdf (acedido a 01/07/2021).

⁸ Nunes, M., 1936, *A psicologia feminina na obra de Camões*, Lisboa, Of. Gráf. do Inst. Sup. de Ciências Económicas e Financeiras.

⁹ Nunes, M., Gouveia, D. & Andrade, M., 1963, *A nossa pátria, Livro de leitura, 1º ciclo - 1º ano*, Guerreiro, M. (org.), Lisboa, Livraria Didáctica (3ª ed.); Nunes, M., Gouveia, D. & Andrade, M., 1963, *A nossa pátria, Livro de leitura, 1º ciclo - 2º ano*, Guerreiro, M. (org.), Lisboa, Livraria Didáctica (3ª ed.).

(Nunes, 1978). É lamentável a perda da dança e música, visto que os meios de registo mecânicos na época não estavam disponíveis – se bem que em algumas Canções do Berço existam anotações musicais.

Refere Nunes (p. IX-XII, CPP, I tomo, 1975) que o paladino da publicação do espólio literário das tradições orais recolhidas por LV, cujos maços repousaram durante anos no Museu Etnológico, foi Orlando Ribeiro, tendo sido tal publicação repartida em cinco secções: Romanceiro Português, Etnografia Portuguesa, Contos Populares e Lendas, Teatro Popular Português, e o Cancioneiro.

No caso do CPP, Nunes acedeu a dezenas de maços, maioritariamente manuscritos, da autoria de LV e de dadores de diferentes proveniências geográficas e culturais. Muitas folhas soltas, com inúmeras anotações a lápis ou tinta já esbatida, com caligrafia apressada, tornaram-lhe penosa a tarefa da transcrição daquilo que depois pareceria impossível ordenar. A falta dum plano concreto em relação à forma final do Cancioneiro por parte de LV deveu-se entre outros factores à constante recollecção directa e indirecta que fez até ao fim da vida – a datação mais antiga duma quadra no CPP é de c. 1840, em §III-2624, que lhe fora dada por uma tia, e a mais recente de 1941, em §I-1090, nada querendo deixar escapar (p. ex.: temos a transcrição do leiteiro de uma taberna em §II-2017). Ainda assim, foi um projecto que LV afirmou por várias vezes pretender levar a cabo.

Pese estas datas que limitam o período da recolha, as próprias cantigas acabam por enquadrar o Cancioneiro no período histórico anterior à implantação da República¹⁰. Não se trata apenas do uso de moedas mais antigas, como os réis em detrimento do escudo, ou da ausência de referências ao sistema métrico, preterido pelas antigas medidas manuelinas. Na verdade existem outros indícios, como as sezões, que se associavam na segunda metade do séc. XIX à expansão dos novos arrozais (se bem que «a malária fosse endémica em alguns pontos do país» (Vaquinhas, I., 2016: 71), onde a água estagnava); ou a desolação do Douro, aquando da destruição causada pela filoxera; também existem referências trocistas a Maria da Fonte, que queria ser rainha, ou a D. Miguel, que se sustentava com comida (enquanto sem ela se sustentava a Constituição), entre muitas outras.

A tal vastidão de materiais recolhidos coube a Nunes a responsabilidade de dar a forma acessível por que hoje os podemos consultar. Explicando a ordenação que adoptou, refere que seguiu o critério da classificação das cantigas por assuntos, que por sua vez dão azo a capítulos, ordenadas alfabeticamente. Não se evitam, contudo, algumas repetições, pois uma mesma cantiga presta-se a diferentes classificações quanto ao assunto. As variantes são remetidas para notas de rodapé.

I.4 – Ordenação geográfica dos dados recolhidos

Dos 14949 textos que contabilizámos no CPP, pouco mais dum terço (5308) apresenta pelo menos uma referência alimentar (v. tabela 1), sendo frequente cada texto conter múltiplas referências. Dos que apresentam referências alimentares, quase 20% (1051) não têm a indicação geográfica. Optámos por incorporar as freguesias nos concelhos, para concentrarmos os grupos geográficos. Houve freguesias que nos resultaram pouco claras na

¹⁰ Se bem que também existam esporádicas referências que apontam para um período mais recente, como a aterrizagem inédita de um avião em V. N. de Baronia, acontecimento glossado em décimas por um pastor de 70 anos (v. CPP III, p. 442).

identificação, como Gandra, Pinheiro, Vila Chão e Vila Nova – dado o número reduzido das suas referências optámos por omiti-las na contabilização nos concelhos.

Tabela 1: Nº de textos do Cancioneiro com referências alimentares (valores percentuais)

Tomo	Nº total de textos	Nº textos c/ ref. alimentar	%
I	6246	2100	33,6%
II	4791	1744	36,4%
III	3912	1464	37,4%
Total	14949	5308	35,5%

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Partindo da divisão geográfica apresentada no Código Administrativo, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 27/424, de 31 de Dezembro de 1936, repartimos o território em doze zonas (v. tabela 2), correspondendo às onze províncias do território continental (V. Anexo I-2 – Documentos relativos ao Código Administrativo de 1936), e ainda às ilhas adjacentes (Madeira e Açores). Optámos por esta divisão porque reflecte a diversidade nacional no período em que o cancioneiro foi coligido através dum número pequeno de zonas relativamente homogêneas. Como o próprio artigo 231º deste Código refere: «Província é a associação de concelhos com afinidades geográficas, económicas e sociais». De facto, dentro das limitações das províncias presta-se atenção a características de vários concelhos limítrofes entre distritos: por exemplo, o concelho de V. N. Foz-Côa, embora pertença ao distrito da Guarda, é incluído na província de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Descartámos os distritos que o mesmo Código Administrativo apresenta por serem em maior número (dezoito distritos no continente, sem contar os distritos autónomos das ilhas), visto que aportaria pormenorização excessiva no âmbito do presente trabalho.

Tabela 2: Províncias e Ilhas Adjacentes segundo o Código Administrativo de 1936 e respectivas abreviaturas

Província	Abreviatura
Minho	Minho
Douro Litoral	Douro Lit.
Trás-os-Montes e Alto Douro	T.M. e Alto Douro
Beira Alta	B. Alta
Beira Baixa	B. Baixa
Beira Litoral	B. Lit.
Ribatejo	Rib.
Estremadura	Estrem.
Alto do Alentejo	A. Alent.
Baixo Alentejo	B. Alent.
Algarve	Alg.
Ilhas Adjacentes	Ilhas Adj.

Fonte: Código Administrativo de 1936

Do panorama geral observado nas tabelas 3 e 4 e nas tabelas do Anexo I-2¹¹ – Províncias e Concelhos retiramos as seguintes conclusões: Trás-os-Montes e Alto Douro é a província que contém maior número de concelhos (30), seguido do Alto Alentejo (28) e da Beira Alta (26). Já a província do Douro Litoral é onde ocorre o maior número de textos com referências alimentares (817), seguida de Trás-os-Montes e Alto Douro (710) e do Minho (610). O concelho que mais vezes surge é o Baião (283); seguem-se-lhe Viana do Alentejo (155), Nisa (152), Portimão (139) e Bragança (102).

Ressalta, pois, o contributo da província do Douro Litoral em relação às restantes no que diz respeito ao número de textos relevados: pela tabela 5, onde constam os vinte e cinco concelhos do país com maior número de textos com referências alimentares, verificamos que sete pertencem a esta província, reclamando o concelho de Baião o primeiro lugar. Tomados como um par, V. Alentejo e Nisa, da província do Alto Alentejo, perfazem um número de textos com referências alimentares um pouco mais elevado do que o de Baião (307). A província do Ribatejo e as Ilhas Adjacentes são as que contabilizam os números mais discretos de textos com relação alimentar. O concelho de Portimão concentra 40% dos textos com referências alimentares na respectiva província.

Tabela 3: Nº de concelhos com relevância alimentar (por ordem decrescente)

Nº ordem	Província	Nº concelhos c/ textos de relevância alimentar	%
1	Trás-os-Montes e Alto Douro	30	12,8%
2	Alto do Alentejo	28	11,9%
3	Beira Alta	25	10,6%
4	Estremadura	24	10,2%
4	Minho	24	10,2%
5	Beira Litoral	22	9,4%
5	Douro Litoral	22	9,4%
6	Algarve	16	6,8%
7	Baixo Alentejo	14	6,0%
8	Ribatejo	12	5,1%
9	Beira Baixa	11	4,7%
10	Ilhas Adjacentes	7	3,0%
	Total	235	100,0%

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Tabela 4: Nº de textos com referências alimentares por província (por ordem decrescente)

N. ordem	Província	N. textos c/ ocor. aliment.	%
1	Douro Litoral	817	18,2%
2	Trás-os-Montes e Alto Douro	710	15,8%
3	Minho	610	13,6%
4	Alto do Alentejo	557	12,4%
5	Beira Alta	402	8,9%

¹¹ No Anexo I-2 – Províncias e Concelhos apresentamos listas com ordenação alfabética e ordenação decrescente de número de referências, tanto por Províncias como por Concelhos.

6	Algarve	344	7,7%
7	Beira Baixa	263	5,8%
8	Estremadura	252	5,6%
9	Baixo Alentejo	230	5,1%
10	Beira Litoral	163	3,6%
11	Ilhas Adjacentes	79	1,8%
12	Ribatejo	69	1,5%
	Total	4496	100,0%

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Tabela 5: Vinte e cinco concelhos com maior número de textos com referências alimentares (por ordem decrescente)

Nº ordem	Província	Concelho	n.º textos c/ ocor. aliment.	%
1	Douro Lit.	Baião	283	6,29%
2	A. Alent.	V. Alentejo	155	3,45%
3	A. Alent.	Nisa	152	3,38%
4	Alg.	Portimão	139	3,09%
5	T.M e Alto Douro	Bragança	102	2,27%
6	T.M e Alto Douro	Lamego	84	1,87%
7	Minho	P. Lima	78	1,73%
8	Minho	Barcelos	75	1,67%
9	B. Baixa	C. Branco	73	1,62%
10	B. Alent.	Castro Verde	73	1,62%
11	Minho	(Minho)	72	1,60%
12	A. Alent.	Alandroal	67	1,49%
13	B. Alta	C. Beira	66	1,47%
14	Douro Lit.	Feira	66	1,47%
15	Minho	A. de Valdevez	62	1,38%
16	B. Alta	Tarouca	62	1,38%
17	Minho	Melgaço	61	1,36%
18	Douro Lit.	Cinfães e Sinfães	60	1,33%
19	Estrem.	Cadaval	59	1,31%
20	B. Alent.	Moura	58	1,29%
21	Douro Lit.	M. Canaveses	55	1,22%
22	Douro Lit.	V. Conde	54	1,20%
23	Douro Lit.	Penafiel	51	1,13%
24	Estrem.	Lisboa	50	1,11%
25	Douro Lit.	Porto	50	1,11%
26	T.M e Alto Douro	S. M. Penaguião	49	1,09%

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

SECÇÃO II – ALIMENTAÇÃO

II.1 – Intróito

De modo a obtermos um panorama inicial alargado, introduzimo-nos no universo alimentar do CPP debruçando-nos sobre as diferentes acepções de *comer* e *comida* que nele afloram; de seguida, partindo da noção de *fartura* e *sustento*, passamos a *fome* e *sede*, culminando no *sabor*, no *gosto* e no *cheiro*. Delimitamos assim em traços gerais os trâmites em que o CPP nos incita a prosseguir com as averiguações.

Através destes termos genéricos, a par dos respectivos contextos, constatamos que no CPP existe um mundo alimentar onde coexistem *rudezas* e *subtilezas*: a materialidade da necessidade física, com todos os constrangimentos inerentes da fome e da sede, e desde o simples sustento até à desejada fartura; materialidade essa que proporciona inúmeras experiências que daí desabrocham e interagem, nas diferentes dimensões *sociais*, *amorosas*, *religiosas*, *medicinais* e até *linguísticas*, com recurso abundante a simbolismos e metáforas.

Se sentidos como o sabor, o gosto, o cheiro, o doce e o amargo servem de pretexto para se exprimir algo mais do que reacções *fisiológicas*, não podemos então deixar de explorar também quanto de *psicológico* aporta a necessidade vital de alimentar-se, que se impõe mais como uma *urgência* do que aparece como um *dilema* (cf. Pollan, M., 2011).

II.1.1 – Comida e comer

Comida é um termo genérico e abrangente; tem um forte tronco físico, que se ramifica em galhos mais delicados no âmbito do *amoroso* e *social*, *religioso* e *medicinal*, e eventualmente *linguístico*. *Geograficamente*, comida é um factor que caracteriza localidades e habitantes positiva e negativamente.

A *dimensão material* (v. anexo II-1.1 – Dimensão material) torna o acto de *comer* numa necessidade e numa obrigação – diz-se que a boca é comedeira. Quem puder deve regalar a barriga, desejando-se saúde para tal – não é raro cantar-se o que se comeu, já que as digestões vão-se com desejos. Há o que se come só uma vez sem se querer mais, e o que não se quer comer mas que se pode vender; há comidas que não fartam e outras que rebentam com uma pessoa. A quem se quer mal deseja-se que não possa comer nem beber. Os animais domésticos suscitam cuidados alimentares, tornando-se fonte de preocupação, mas também de inspiração e troça; não faltam as criaturas que comem o interdito sem qualquer moralidade, como o rato e o milho, ou os pardais e as azeitonas.

Comer comporta uma *dimensão social* (v. anexo II-1.1 – Dimensão social). Referem-se os modos de se comer a sopa ao início, ao meio e ao fim, ainda que em tom anedótico; o que se come e não se come, o como se come e se bebe, e ainda o que se pensa da comida – tudo isto revela quem se é e donde se veio. O estatuto social determina o que cabe ao comensal: capitão e juiz comerão leitão e perdiz; o excesso alimentar dos abastados não escapa à ironia, como os maus hábitos do ganhão ou dos pastores, para não falar do vício do vinho.

A *dimensão amorosa* (v. anexo II-1.1 – Dimensão amorosa) patenteia-se na necessidade de se cozinhar e partilhar comida no contexto do namoro e do casamento; diz-se que o casamento só é comestível enquanto está quente, que o solteiro é como o perdigão ao comer apenas do que quer, e que a rapariga madura é como a pera em Agosto que todos querem comer; passa-se sem comer, mas não sem se ver quem se ama; amar pode tirar o apetite e levar a uma dieta de lágrimas e suspiros.

A *dimensão religiosa* (v. anexo II-1.1 – Dimensão religiosa) transparece na confissão de se ter comido carne à sexta-feira e na acusação de alguém ter bebido o azeite eclesiástico, na comunhão da hóstia, no agradecimento a Deus pelo alimento, e na percepção da queda de Adão por causa de comida; a água benta é explicitamente tomada em *refeição* dos pecados – no sentido de *remédio*.

A comida é, pois, também percebida como *medicamento* (v. anexo II-1.1 – O alimento como medicamento), e o modo como se come tem repercussão na saúde: água fria com castanha quente arruína o dente; os médicos prescrevem receitas no duplo sentido de o *alimento* ser o *medicamento*; algumas comidas causam dor de barriga, havendo até doenças que acabam por comer o corpo. Nesta acepção de *ser-se comido*, refere-se por várias vezes que o ser humano acaba comido pelo mar e pelo tubarão, pelo lobo e até pelo gato, pela bruxa, pela geadá, pela terra – o adro da Igreja come caras lindas; tem também certa dimensão erótica, até brejeira. Comer implica ainda: *matar* – e morrer, dentro de uma existência apenas possível graças à predação (v. II.7.2.2.1 – Matar para comer e viver).

A *dimensão linguística* esboça-se na fala doce, por vezes enganadora, e na compreensão de que cantar e ser alegre bastam para alimentar, não se devendo passar fome pela tristeza – as *palavras* e o seu *som* servem por si mesmas de comida (cantar engana a fome), e não deixam cair no esquecimento momentos alimentares que foram memoráveis. É tudo menos gratuita a metáfora de se ter cestas, sacos e taleigadas cheias de cantigas (p. ex.: o termo *repochunchudo* a que se associa o Entrudo é uma verbalização musical e untuosa para o ouvido).

Geograficamente (v. anexo II-1.1 – Terras e comida), muitas terras tanto são conhecidas pela comida (Guarda e Miranda), por darem de comer (várias aldeias e Celorico), e pelo modo de comer (Vieiros, Outra Banda).

II.1.2 – Fartura e sustento, fome e sede

O termo *fartura* (v. anexo II-1.2 – Fartar, fartura, alarve, guloso) aponta para a necessidade (e por vezes needade) da saciedade: deseja-se que o que se coma farte; uma casa cheia tem fartura; o minhoto não se farta de comer broa; pede o padre a Deus pela morte de quem o farte. Farta-se o cão com a carne do chibo que morreu, e o bezerro com a erva do lameiro; há árvores que dão fruta com fartura. Também o gabarolas tem cabaços à fartura, enquanto o namorado anda farto das amoras do namoro. *Rebentar* de comida (v. anexo II-1.2 – Rebentar de comida) tem conotações negativas, sendo alarve um termo insultuoso – já guloso tem conotações divertidas. Comida é *sustento* (v. anexo II-1.2 – Sustento e Manter) e comer *sustentar-se*: ganha-se o pão para se sustentar; o sustento dos filhos do pescador é a pesca, e a erva dos animais é o sustento de homens bestiais; D. Miguel sustentava-se com comida, e sem ela sustentava-se a Constituição; o milho é o sustento do povo, e o maná (enquanto hóstia) é o sustento das almas; os doentes sustentam o cirurgião, e os beijos os namorados.

A *fome* (v. anexo II-1.2 – A fome), por seu lado, emagrece, debilita e mata; faz a criança chorar e gritar, e causa dor – a ela, e à mãe. Atormenta órfão e soldado; anda junto das portas de quem tem um ofício; o maltês tem por quarto mandamento andar farto de fome – diz-se que não há fartura que não dê em fome; pesca-se sardinha apenas para matar a fome. Eventualmente faz perder a fala, ganhar ferrugem nos dentes e teias no cu. Associa-se-lhe

guerra, pestes e oração: no Céu não há fome – talvez por isso se prefira morrer a casar com um barrosão. Cantar engana a fome, o que se faz bastante em Maio. Há fome emocional de beijos e abraços, e abandonar um amor é condená-lo à fome – contudo, por causa do namoro também surge fome devido ao desleixo em que cai a fazenda. Há terras de fome, como Lisboa e Mujães: na Idanha ela provoca fanicos; terá nascido em Sendas, sido baptizada em Paçó, adoecido em Paredas, para ir morrer em Grijó.

Já a *sede* (v. anexo II-1.2 - Sede) abrasa; falar e viajar causam-na; apaga-se na fonte, ou com vinho maduro, antes que o verde; prefere morrer à sede a rapariga a casar-se com alguém duma terra de muito vinho – no Céu tão pouco há sede. Tem dimensão amorosa: há sede de beijos, e quanto mais água dá o amor mais a sede fica; ter o amor de frente é como morrer de sede com a boca na fonte – só sacia quando dá a água pela boca, e não pela panela. De Lazarim veio-se cheio de sede; ia-se morrendo dela em Almeida, Lisboa, V. Real, Cima do Douro, e no Rio de Janeiro.

II.1.3 – Sabor, gosto, cheiro, amargo e doce

Estas sensações abrangem tanto os alimentos em si, como os transcendem. Outros gostos serão abordado no capítulo III.3 – Confeccções.

O *sabor* (v. anexo II-1.3 - Sabor) surge no âmbito alimentar e metafórico. Se por um lado a água é saborosa, e o sal e a pimenta dão sabor à comida, já os beijos duma cara enfarinhada sabem a pão, e os da saloia sabem simplesmente bem – também o remate da cantiga traz os temperos que tornam a galinha saborosa, enquanto o amor que começa com uma gracinha acaba num dissabor.

O *gosto* (v. anexo II-1.3 - Gosto) é referido como o quarto sentido; gostar de alguém é saboreá-lo; ir comendo é ir gostando. O gosto aproxima, mas também aparta: o que sabe bem à rapariga pode não ser do gosto do rapaz. Amar chega a ser viver com gosto; granjear para comer torna-se no único bom gosto que se tem na vida; até o fado enquanto música tem um certo gosto.

O *cheiro* (v. anexo II-1.3 - Cheiro) é referido como o terceiro sentido, guardando relações com a memória afectiva. Pelo cheiro delatam-se confeccções – e por estas traem-se estados de espírito. O cheiro é essencial para o amor: a falta de cheiro indicia ausência; a rapariga prefere o rapaz que cheira a figo torrado ao homem que fede a mar. O mesmo se diga da comida: o caldo que cheira bem é apetecível; muitas ervas interessam pelo cheiro. Já a maçã pode perder simbolicamente o perfume no travesseiro.

O *amargo* (v. anexo II-1.3 – Amargo, azedo e picante) confunde-se com o *azedo*. Ambos indiciam alimentos com propriedades medicinais: citrinos, raízes, comidas. Indiciam também estados de espírito sombrios. Por vezes misturam-se: coração azedo com outro doce resulta num bom guisado.

O *doce* (v. anexo II-1.3 – Doce, doçura e açúcar) refere-se a alimentos, mormente frutas (incluindo citrinos); mas também se presta a ser transposto para o âmbito simbólico, como a companhia, o coração, o amor, a voz, a morte. As expressões doces tornam doces corações duros e podem enganar. O açúcar associa-se ao amor esporadicamente: fala-se em partir para *a terra do açúcar* depois dum desaire amoroso, e *açúcar em ponto* é um termo pejorativo (porque causa fastio).

II.2 – Refeições

As sensações *supra* referidas ocorrem das refeições. Os comeres ao longo do dia são quatro (v. anexo II-2 - Comeres): *almoço*, *jantar*, *merenda* e *ceia*. O pão deve constar neles – e por vezes algo imaterial, como convívio ou amor. Há ainda outras refeições: *refeição*, *farnel*, *manjar*, *patuscada*, *petisco*, *lavage*, *vianda* e *sobremesa*.

O *almoço* (v. anexo II-2 - Almoço) come-se cedo – há quem gaste nele quanto ganhou. Segue-se o jantar (v. anexo II-2 - Jantar), pelo meio-dia; partilha-se com quem se trabalha, e deve estar quente – confecciona-se ao lume; o jantar de domingo é especial. A *merenda* (v. anexo II-2 - Merenda) leva-se para os jornaleiros, ou pode já vir feita de casa; é um momento para descanso; quando substancial denota riqueza e gula. A *ceia* (v. anexo II-2 - Ceia) dá-se depois do sol-pôr, antes de acostar: não convém ser pesada; as raparigas perdem-na por causa do baile, os rapazes por causa das raparigas; Cristo ceou provações.

Repare-se como estas refeições se referiam a momentos distintos das refeições actuais: o antigo almoço corresponde ao actual pequeno-almoço, sendo antigo jantar o nosso almoço e a antiga ceia o moderno jantar; quanto à merenda, hoje tem *lanche* como variante. Refere Henriques, F. (1731) que as pessoas do campo tomariam estas quatro refeições diárias para poderem trabalhar muito.

Existem também nomes genéricos (v. anexo II-2 – Refeições variadas): o próprio termo *refeição* tem uma acepção religiosa; *farnel* aponta para a jornada, e pode adquirir um sentido metafísico; *manjar* diz-se exclusivamente como alimento dos namorados arrufados; *patuscada* aponta para um ambiente festivo entre o lobo e a raposa; *petisco* comporta uma dimensão de fartura e saciedade. Há denominações concretas: *lavage* é a comida depreciativa de quem quer poupar na comida – visto ser a que se preparava para o porco; diz-se que se vai a Miranda comer caldo como *vianda* (sendo vianda uma comida sólida, tratar-se-á talvez de um caldo bastante espesso); e *sobremesa* é um mimo que não pretende saciar mais que um capricho.

II.3 – Confeccções

Explicitam-se no CPP o nome de algumas confeccções: as substanciais, que servem de refeição por si, que denominamos *salgadas*; outras mais ligeiras, que denominamos *adocicadas*; e as do âmbito religioso. Por vezes referem-se características específicas (como o poejo na açorda), bem como os contextos (como a romaria de S. Brás), sem esquecer a componente geográfica. Grande parte destas confeccções atém-se ao espectro do concreto; contudo, não deixam de aflorar ora aspectos sociais, como nas migalhas; ora amorosos, como no bacalhau; ora medicinais, como no caldo; ora religiosos, como na hóstia; repare-se também na metáfora da ponte de filhoses do Entrudo. A geografia assume ainda um papel de relevo, como no caso das diferentes papas – motivo de gracejo.

II.3.1 – Confeccções salgadas

São as que confundimos modernamente com pratos principais (v. anexo II-3.1 – Confeccções salgadas). *Açorda*, com poejo ou hortelã, é a comida do ganhão no Alandroal e do abegão em Nisa, trabalhadores da lavoura alentejana (cf. Almeida, M., 2002); em Moura diz-se que para as raparigas da Cabeça Gorda a açorda é sinónimo de casar; *papa-açorda* é

termo injurioso. *Bacalhau e batatas misturados* diz-se que é o amor. A *badana* parece dar para uma semana. *Fava rica* é vendida por uma preta na praia – os beijos da preta do Bairro da Bica sabem a tal prato. *Arroz de caçoila* come-se com feijão-frade. A *canhoa* come-se em Miranda, e *leitão assado* na Anadia. *Orelheira* será pelo S. Brás, com uma borracheira. Também há o *rojão*, por que o lavrador cria o porco. *Tripas cozidas, assadas* ou *fritas*, na sertã ou na caldeira, não parecem agradar particularmente – também se cozinham bofes. Diz-se ainda que a *salsa é para os ovos*, e a *hortelã para as couves*.

Sopa e caldo têm âmbito mais alargado: a sopa é feita na panela ao fogo; pode ser comida da malga, tigela ou prato, com colher, e migada; há uma sopeira; certa pessoa foi em tempos a melhor sopa no prato de quem amava. Caldo serve-se ao jantar da panela, e come-se da tigela, com pão; pode ser perfumado com cravo, rosa e flor de laranjeira; há-o grosso ou gordo; de feijão; o de couves agradeceria uns enchidos; o de galinha é terapêutico; em Miranda serve de vianda.

Migas fazem parte da refeição: podem ser na sopa, mas também numa malga com limão; há migas de leite para o gato; quando contêm formigas recusam-se; as migas da Guarda são abomináveis. As *migalhas* servem para sustentar os pobres, e não se desprezam, já que também são pão – num sentido metafórico, a namorada não quer ficar atida às migalhas de ninguém, mas saber novas do amado. De farinha são as *papas*, que se cozem e comem à colher, sendo mexidas no caldeiro ou no pote; levam sal; para o menino Jesus são com mel; no Porto são de farelo, no Algarve de milho; no Pocinho de V. R. S. António come-se xerém¹², e as meninas da Praia só comem frangolho à colherada¹³. No Cadaval refere-se Lisboa com a expressão «papa fina, coisa boa»¹⁴.

Há dois apontamentos de comeres fantasiosos, que esboçam apetites exóticos: um *gafanhoto* coze no forno com três postas de toucinho, e um *escaparão* (pequena cobra) é comido com feijão.

II.3.2 – Confeções adocicadas

Em termos de confeções menos substanciais (v. anexo II-3.2 – Confeções doces), refere-se um copo de *água-mel*¹⁵ no meio do Guadiana, que se confunde com os olhos dum Manel. Menciona-se *arroz doce*, na caçoila; a referência à *canela* parece remeter precisamente para esta iguaria, apreciada pelas mulatas da Baía, e que serve de recompensa à menina recatada. Fala-se genericamente em *confeitos* numa enumeração de guloseimas, confundindo-se também com adereços, cabelos e olhos. Igualmente genérico é o termo *doce*, elaborado por umas freiras; pede-se doce pelos Reis; diz-se que Cupido foi criado com doce. A *marmelada* permite cantar bem, pelo que se pedem talhadas; dá-se pelas janeiras; é bela e boa, vindo aos arráteis de Palmela e da Lagoa. A referência à *perada* é sucinta, assim como aos *rebuçados*, que se compram para dar ao menino Jesus. O *caramelo* não é tão doce como as Marias.

¹² Nota: no início do séc. XX o xerém era um dos pratos mais consumidos no Algarve – cf. Rodrigues, J., 2010: 227.

¹³ Trata-se de papa feita à base de trigo integral estraçoado, consumida na ilha da Madeira – cf. Vieira, A., 2016: 17 e 28.

¹⁴ Certamente com o sentido de acepipe ou iguaria, cf: «Sim? Então tens algum petisco papa-fina?», *Penhor materno, A taberna do canal*, in *jornal Campeão das Províncias*, n.º 4:312, de 8 de Novembro 1913, Aveiro.

¹⁵ V. III.1.4.1 – Mel.

As *filhós* fazem-se pelo Natal, para haver um prato delas, que os janeiros ambicionam; deseja-se ainda uma ponte de filhoses para passar o Entrudo. As *sopinhas de mel* são para as crianças e o menino Jesus. Numa cantiga infantil tratam-se certas pessoas a *biscoito*. *Bolo* é termo genérico; leva sal, come-se com leite; faz doer a barriga; coze-se aquando do pão no forno – o cheiro do forno varrido põe o genro a pensar que a sogra lhe fará um bolo; pede-se pelas janeiras e aquando do pão de Deus; o dedo indicador é o divertido fura-bolos (o mindinho é o *maminho*). *Melindre* é deturpado em belindre em contexto amoroso, e entra também num jogo de palavras com melindroso.

Das *cavacas* diz-se que são retiradas do pinheiro, ficando expostas as faltas da árvore. *Pão-de-ló* é bolo de casamento e baptizado. *Pão de rala* tem conotação negativa; é pedido por uma mãe para as filhas esfomeadas. O *queijato*¹⁶ é oferta da madrinha do casamento. *Quentinhas* são fritas no azeite pelo Natal. A *rosca* está a cargo dos mordomos na adoração do presépio. Uma *rosquilha* surge no andor da Sra. da Cola. O *folar* aparece feito por um burro num banquete imaginário com um juiz e um capitão, estando reservado para o primeiro que tomar a palavra. *Mimos* é nome genérico para o que se pede pelos Reis.

II.3.3 – Comida sagrada

Não podemos deixar de apontar a referência a alimentos sagrados (v. anexo II-3.3 – Comida sagrada), que denotam um cuidado especial na elaboração, com fins transcendentais. A *hóstia* divina apenas leva trigo, esse cereal sem igual; é comungada uma vez consagrada; coloca-se no céu da boca, e protege dos malefícios da cardina. O *maná* confunde-se com hóstia: sendo o sustento das almas, concede imortalidade a quem o tomar.

II.4 – Técnicas de confecção

No seguimento das confecções, debruçamo-nos agora nas técnicas que conseguimos detectar (v. anexo II-4 – Técnicas de confecção) e que nos permitiram inferir sucintamente métodos diferentes de cozinhar. Constatamos que o âmbito concreto predomina, afluindo aqui e ali algum simbolismo (como no sal).

Existe a noção do oposto à confecção: o *cru* contrapõe-se ao cozinhado – embora seja a arte da cozinha o que torna comestível o alimento. *Cru* tem conotação negativa: ser-se cru é ser-se cruel; contudo, *salsa crua* é termo elogioso, talvez no sentido de frescura; usa-se ainda um fio cru de linho para atar um ramo, com conotações de pobreza e delicadeza.

Refere-se o *amanho* da pescadinha na proa por parte do rapaz quando regressam as armações carregadas à praia. *Assam-se* diferentes alimentos: chouriço, carneiro, cabrito, peru, leitão, galo e frango; bacalhau, sardinha e peixe da ribeira; batata; ovo; castanha; maçaroca; maçã; até homens num contexto amoroso; *perna assada* é alcunha; diz-se ainda que assar confere gosto à carne. *Coze-se* cabrito e umas unhas de cabra; peixe da ribeira; ovo; castanha; referem-se umas coutadas¹⁷ cozidas; cozer o pão, embora homónimo na língua portuguesa, é um método distinto.

O *guisado* implica molho; refere-se um *guisado* agridoce com dois corações – fala-se a jeito de troça de um *guisado* sem molho de costeletas de pulga e fressuras de pilho.

¹⁶ Bolo doce para o dia de casamento, que custava 500 réis – v. Vasconcellos, J., 1911: 261.

¹⁷ Metonímia para *bolotas*.

Fritam-se ovos; tripas e carne; postas de bacalhau, sardinhas e peixe; os homens tanto se querem fritos como assados – num contexto amoroso. É referido de modo trocista um coração de pulga frito que satisfiz muitas pessoas. *Cara de sardinha frita* é insultuoso.

Fuma-se chouriços e salpicões no fumeiro. O fumo talvez torne as casas defumadas, contrapondo-se às caiadas. Fazem-se defumaduras em contexto supersticioso, roçando no medicinal. De fumar tabaco não se referem efeitos.

Os *enchidos* estão implícitos nas iguarias; refere-se certo senhor que enche morcelas com as mulheres de casa aquando das janeiras.

Moído é o sal usado na carne; o trigo no moinho é igualmente moído.

Pica-se também o sal para a carne; já a fruta diz-se que é picada pelas aves; medicinalmente, picadelas de urtiga curam.

Salga-se como método de conserva: há sardinha de salgadeira – do presunto não se explicita. Há um borracho que quer ficar bem salgado aquando do funeral. Da Nazaré vem peixe salgado. O pão não se quer propriamente salgado, mas tão pouco insosso. A água das Pedras Salgadas é medicinal.

Salpica-se com borrasco o mesmo borracho que se queria salgado, sendo ainda coberto de vinho, numa espécie de confecção grotesca.

Torrado aparece o pão, pedindo manteiga; acompanham o alimento torrado chá e café com limão. Como método de conservação surge nos figos, com um aroma próprio incarnado num rapaz apetitoso. O sol torra o corpo – o bronze trigueiro é depreciado. A língua dos homens deseja-se torrada, para ser desfeita em pó.

II.4.1 – Temperos

Dentro deste contexto das técnicas, relevamos os *temperos* (v. anexo II-4.1 - Temperos).

O *sal* personificado diz que o mundo perderá o tempero se o deixarem afogar; serve para dar sabor: usa-se em bolo, pão, berças, papas e cabrito; tem dimensão religiosa ao ser colocado na boca aquando do baptismo, e entra também em mezinhas; exige conhecimentos para ser produzido, sendo exportado para Inglaterra – pelo sal dá-se muito metal. Um amor antigo torna-se sal amargo que entra pela boca. Aveiro não tem igual precisamente por este cristal.

Um *ramo* da horta tempera, até uma folha de couve. *Canela* usa-se no arroz. Parecem remeter para tempero os quatro frades que se foram buscar num ceirão: frei *vinagre*, frei *azeite*, frei *alho* e frei *pimentão* – algures refere-se o *clorau*. Ao caldo bem temperado apenas falta o *limão* do namoro, já que os pais consentem, mas a rapariga não. O *remate da cantiga* foi buscar temperos para a galinha.

II.5 – Ubicações

A alimentação no CPP relaciona-se com vários locais. Nuns *produz-se* a matéria-prima alimentar, como na terra e no mar; noutros *processa-se* essa matéria-prima: cozinha e moinho; e noutros *comercializa-se*: adega, armazém, estalagem, arraial, botequim e taberna. Na botica os géneros são explorados pelas propriedades medicinais.

Verificamos que os diferentes espaços onde a alimentação tem as suas raízes não se deixam limitar por essa função: terra e mar, para além de provirem sustento, fornecem um contexto social em que afloram outras dimensões; nos lugares de confecção sugerem-se

conotações metafóricas, principalmente no fogo. Quanto ao consumo: adegas, tabernas e arraiais tornam-se em locais de dinamismo social, onde se procura bem-estar, ainda que a custo de alguma dissipação financeira e moral. Já a botica é vista de modo céptico e estéril pela desconfiança que geram as próprias maleitas: estas como que inibem simbolismos de maior, ficando-se estes pela doença da saudade e do amor. Por fim, resulta relevante a sonoridade das mezinhas e da receita de palavras doces, donde se perspectivam os poderes da modulação verbal, aliada à teatralidade dos gestos, que desenvolveremos em II.8 – Dimensão literária e linguística.

II.5.1 – Produção

Os alimentos são obtidos tanto em terra como na água do mar e do rio, graças ao engenho humano, que se impõe em terra mas no mar se expõe. A terra implica posse: é uma propriedade que pode ser cultivada, com relativa proximidade com a habitação; embora o espaço bem delimitado seja reservado, oferece-se como ponto de encontro ou de procura do outro. Já o mar não tem dono, assumindo-se ele mesmo como uma espécie de senhor; serve de despensa, mas também de via de comunicação, enquanto o rio resulta numa barreira; pequenos ribeiros prestam-se acima de tudo a servir de papel de cenário, embora a praia também acabe por ser pano de fundo onde à angústia das ondas se soma a da partida das embarcações.

II.5.1.1 – Terra e agricultura: horta, quintal, pomar, quinta e seara

A produção no solo advém da horta, do pomar, da quinta e da seara.

Na *horta* (v. anexo II-5.1.1 - Horta) há legumes e fruta, ervas e flores, lenha até; tratada pelo hortelão, carece de rega; por vezes o que nela se semeia dá azo a várias fantasias: da semente dum repolho nasceu uma velha ruça, de bacalhau um frade capucho e uma burra velha; pede-se nos santuários ramos de cerejeira ou carvalho para pôr na horta; as moças da Serra exclamam pela sua horta, que não passa de uma cerca velha. O *quintal* (v. anexo II-5.1.1 - Quintal) confunde-se com horta; nele também se cultivam fantasias, como a semente das mulheres que acabou por germinar numa laranjeira que dá pau para colheres; é local de namoro, correndo-se o risco de levar um tiro; há um quintal da formosura onde existem duas maçãs; diz-se que à roda da vila de Trena há quintais.

O *pomar* (v. anexo II-5.1.1 - Pomar) tem conotações amorosas: a laranja que se oferece é a primeira fruta que o pomar do pai deu; certo rapaz diz que já foi ao pomar da moça comer da fruta sem ter sido o primeiro; em Elvas comeram-se laranjas do pomar do rei.

Já a *quinta* (v. anexo II-5.1.1 - Quinta) é uma propriedade que dá sustento; tem dimensão amorosa: a alegria duma quinta é o verde limoeiro, como a alegria dos olhos é o amor primeiro; a quinta de S. Justa tem um chafariz ao meio, e o Carrascal diz-se das quintas. Por *fazenda* (v. anexo II-5.1.1 - Fazenda) entende-se tanto uma quinta como o dote de casamento; na primeira acepção, conota-se com riqueza: os pobres não pedem as fazendas mas as migalhas que crescem das mesas dos ricos. Para dote ver II.7.2.1 – Casamento.

Para seara: ver III.5.5 – Seara e grão.

II.5.1.2 – Água e pesca: mar, rio, ribeira, lago e lagoa

Da água vem alimento, em particular do mar e do rio – e ribeira (para o número de referências a locais de água, v. tabela 39, em III.4.1 – Água).

O *mar* (v. anexo II-5.1.2 - Mar) é sagrado e assustador: nele pesca-se tanto o sustento como o amor; por vezes resulta mortal. Exige redes e linha, anzol e isca, a par de embarcações; o luar alumia os pescadores no mar, onde chegam a passar seis dias da semana – quanto mais brutos se fizerem, mais sucesso terão; e diz-se que é milagre que S. Pedro tenha sido pescador e santo. Em terra carece-se da ajuda da mulher. Quando as armações chegam carregadas de sardinhas, está o rapaz a amanhar pescadinha na proa, para delícia da namorada. Ver pescar na Nazaré é lindo, e na praia de Lagos apanham-se berbigões em embarcações. O mar é ainda via de transporte: o sal de Portugal segue em navios para Inglaterra, e um barco leva laranjas da China para as raparigas do norte.

No *rio* (v. anexo II-5.1.2 - Rio) também se pesca, nomeadamente trutas e peixinhos – sustento de quem vive à sua beira. Serve ainda de local onde se lava a roupa e eventualmente se busca água, pese esta poder ir turva e ser salobra. Do outro lado do rio existem castanheiros, laranjais, até uma latada e marmelos; já junto à margem existem amieiros e salgueiros, e várias ervas, como salva, salsa, coentros e alecrim. Banhar-se nele pelo São João tem efeitos terapêuticos. Por vezes ganha dimensão metafórica, quando em vez de água leva vinho ou sangue de quem se ama, chegando-se-lhe a pedir num triste contexto que leve sumo de limão. O Mondego, apesar das boas trutas, tem uma água que mete medo – a do Tejo é de evitar; no Guadiana caçam-se patos reais, ainda que com espingardas de cana; no Douro, no Teixeira, no Tua e no Pinhão lava-se roupa.

Já pela *ribeira* (v. anexo II-5.1.2 - Ribeira), para além de peixe, apanham-se urtigas e chapotos. A sua água presta-se à rega, enquanto as imediações prestam-se a refeições, desde peixe cozido ou assado com trigo e vinho, a um simples chá de folha de laranjeira. O seu peixe irrequieto simboliza o amado quando dá voltas na cama; sem se ir propriamente pescar: pode-se ir simplesmente namorar – o Amor gosta de pescar com a cana corações à borda da *ribeira*; por ela andam os amores em busca da erva cidreira; diz-se que não há ribeira sem água nem donzela sem amor, sendo conotado com leviandade a expressão *ir de ribeiro em ribeiro*. A ribeira de Alcobaça dá verdura todo o ano.

O *lago* (v. anexo II-5.1.2 – Lago e lagoa) dá de beber ao cavalo. Na *lagoa* há milho, onde caricatamente um velho perdeu a velha; fala-se por fim que os olhos são dois peixes a nadar numa lagoa enquanto choram lágrimas de sangue.

II.5.2 – Transformação

A criação de comida passa pela confecção, enquanto apropriação cultural do humano sobre a natureza. Aqui é quando a cultura se impõe, na medida em que pode controlar as etapas do processo, o que não acontecia na produção, visto estar à mercê da natureza. A cozinha é certamente o laboratório mais antigo, cuja tecnologia milenar, o fogo, permite a alquimia da transformação do cru em cozido ao mesmo tempo que civiliza¹⁸. Por outro lado, o moinho reflecte um grau de sofisticação maior – e de velhacaria. Se o lar é acolhedor pelo borralho e pelo calor humano, e o próprio forno do pão alicia à intimidade, já as mós frias e

¹⁸ Não é por demais referir que a mestria culinária do fogo é algo que se tem vindo a perder devido à evolução da tecnologia (cf. Myhrvold, N. et al., vol. 2, 2011).

mecânicas, a par da usura da maquia, pela qual quem mondou e ceifou e malhou sem descanso se vê roubado, como que traem os aspectos menos positivos da civilidade.

II.5.2.1 – Cozinha e cozinheira, o açougue

O espaço que se reserva à cozinha varia não só de família para família, mas de zona urbana para zona rural. A meados do século XIX na casa lisboeta era ela frugal, sem fogões nem chaminé, mas com fogareiros de barro, e poucos utensílios, o que causava uma má impressão aos estrangeiros (Cascão, R., 2011: 46).

Já a casa gandraesa, quase só usada para pernoitar e tomar refeições, visto que os seus ocupantes passavam o dia no campo (Cação, I., 1999: 19), era térrea e possuía duas cozinhas. A cozinha principal, interior, servia eventualmente de espaço de recepção. A cozinha do forno fazia a transição entre o interior privado e o exterior público; era a mais usada no dia-a-dia familiar, passando-se nela os serões. A uma altura pouco mais elevada que o chão cozinhou-se ao borralho tanto para as pessoas como para os animais (Dias, J., Galhano, F. & Oliveira, V., 1959: 434).

No CPP, a cozinha (v. anexo II-5.2.1 – Cozinha e cozinheira) é referida como uma divisão separada da casa; fica na parte de baixo. Local de tentativas de namoro, é onde trabalha a cozinheira, com lenço, jaqueta e avental; no laço do avental traz uma folha de nabo ou laranja – por questões de moda, o avental deixou de levar barra preta, em detrimento de lenços. A cozinheira faz abanar o sobrado como a roda dum carro, trazendo para a sala o caldo dos malhadores; dão-se-lhe vivas pelas janeiras; ela dorme ao cimo das escadas, mas tem uma vida para além da cozinha, saindo dela para ir conversar com o outro sexo.

Aproveitamos este apartado para referir as escassas referências ao açougue (v. anexo II-5.2.1 - Açougue): é o local onde se faz a carne em postas para ser vendida. Deseja-se ver um certo ingrato feito precisamente em postas, sendo vendida aos arráteis; tenta-se passar também o dito de que os homens são para as mulheres como as mulheres para os açougues; é referido certo bairro delicado dos açougues como bairro dos ricos, na Parada. Resulta uma expressiva metáfora geográfica a quadra que afirma que na ladeira da mina de S. Domingos as cortas resultam no açougue enquanto a contramina é a carneira: o largo espaço escavado é tomado como um talho, vindo das galerias a carne, i.e.: o minério, o que de certo modo aponta para as semelhanças da violência que requer a profissão de açougueiro e de mineiro.

II.5.2.1.1 – Fogo e lume

Cozinha-se no *fogão* (v. anexo II-5.2.1.1 – Lar, Fogão, Forno), aceso pelas *brasas* do forno, que podem ter uso terapêutico – o verbo *abrasar* aplica-se a alcachofras, sede e amor. Junto ao *lar* está o prato da filhós; também estão as *cinzas* (v. anexo II-5.2.1.1 - Cinza) usadas para a barreira e mezinhas; os gatos gostam do *cinzal*.

No *forno* coze-se pão e bolo e assam-se batatas; o cheiro do forno varrido não passa desapercibido; a pá do forno pode servir para bater na filha; dentro do forno cresce o pão, pelo que se fazem orações junto dele; alguém gostaria de ser forneiro só para se aquecer; há quem durma atrás do forno; metem-se cantigas sem brio num forno frio, enquanto outras foram para um quente.

Para o *lume* (v. anexo II-5.2.1.1 – Lume, lenha e cavaco) precisa-se de *lenha*: apanha-se chamiçada na horta; há lenha melhor do que outra – para a fogueira de S. Nicolau pede-se

pau, chamiçada e até a fralda da camisa; alguém fica à porta à espera duma resposta como feixinho de lenha; a Maria das Mantas tem lenha nos cornos e lume nos olhos. O lume acende-se na chaminé ou no forno – com esse lume acende-se também o cigarro; ao lume cozinha-se com panela ou púcaro, que se têm de ir voltando para não queimar a comida; junto do lume está o fumeiro e uma linguariça; o gosto humano de remexer os tições é tal que quem morrer ao pé do lume gostaria de ficar com os braços de fora para todavia ter esse prazer, ou com a cabeça saída, para tomar o café, junto da chaminé. A *pederneira* (v. anexo II-5.2.1.1 - Pederneira) deita faíscas; de seixo branco, simboliza o amor que dura pouco; certo amado que partiu tem tripas de pederneira e coração de pedra; a quem se quer mal deseja-se que magoe os dedos ao ferir o lume. O *fogo* (v. anexo II-5.2.1.1 - Fogo) é a fonte de energia predilecta para cozinhar, mas também para magoar e destruir; o fogo da Caldeira, nos Açores, não permite que se semeie milho.

II.5.2.2 – Moinho e moleiro

No *moinho* (v. anexo II-5.2.2 – Moinho e moleiro) transforma-se o grão em farinha, separando-se o farelo. A sua força motriz advém de burro, vento, água, e até urina de uma velha; é visitado pelo pai e mãe, filha e namorada, pelo frade, pelo velho e pela cabra-cega. O *moleiro*, porque não arreda daí, resulta num bom amor: sabe-se sempre onde está; contudo, é ofício de ladrão e de langão, conotado com avareza por causa da *maquia*, chegando a ser tirada por cada membro da casa; o moleiro ousa adiar o ingresso no Céu por ter o grão na moenga. As voltas do moinho têm sabor metafórico, e dentro do peito existem azenhas.

II.5.3 – Comercialização: lugares de consumo

A última etapa do processo alimentar social divide-se entre locais privados e públicos. Trata-se de espaços concretos, onde se visa a satisfação da fome e a restituição da saúde, mas também a interacção e exibição sociais. Em comum parecem ter todos eles a questão económica, visto que este tipo de consumo implica gastos – e dissipação. Considerando relevante a botica no âmbito alimentar, apresentamos, em traços gerais, os tratamentos para os principais males, fazendo ainda referência à cosmética e à higiene.

II.5.3.1 – Adega, armazém (panilha), estalagem e hoteleiro, arraial, botequim e taberna

Existem vários locais onde comer – mas sobretudo beber (v. Anexo II-5.3.1 – Adega, Taberna e outros). A *adega*, fonte de alegria, é onde se guarda o vinho à chave, e que se deixa como herança; é o local de enterro para um amante do vinho, e onde eventualmente se come leitão assado – também se refere certo *armazém* (ou *panilha*), cujas iguarias e vinho levam ao mineiro todo o dinheiro. *Estalagem* e *hoteleiro* são apenas referidos – em tom depreciativo. A grandeza dos *arraiais* advém do vinho, onde o sal também comparece, para temperar as suas comidas. No *botequim* toma-se café, mas começa a ser pouco frequentado pelos rapazes, que preferem gastar o dinheiro em cetim (talvez para o oferecer às raparigas). É a *taberna* o local de eleição, apesar de o vendeiro (que canta) apenas causar mais sede; o luxo das tabernas é o vinho; nelas encontra alívio e contentamento tanto o jovem como o velho; a taberna acaba por se tornar vício pela bebida e pelo jogo, para desespero das mulheres; no Minho exprime-se o desejo de se estar à porta duma taberna em Lisboa para se ver dançar as saloias com bota

de meia perna¹⁹, enquanto os de C. Branco e de Nisa anseiam por ir à Malpica do Tejo só para verem na taberna as malpiqueiras com saia à meia perna.

II.5.3.2 – Botica, remédios, doença e veneno

Na *botica* (ou *farmácia*) fazem-se e vendem-se remédios (ou drogas), como xarope e alvaiade²⁰ (V. Anexo II-5.3.2 – Botica). Resulta caro ir à botica, pelo que o boticário é um rico partido amoroso; juntamente com o doutor, é culpado pela morte de muita gente; também se diz que todos os males se curam com remédios da botica, excepto a saudade. É local de referência urbanística; o melhor de Arruda é o chafariz e a botica, enquanto em Tolosa apenas falta uma botica.

Surgem esparsamente *sumos* e *chás* de flores e ervas: de amor-perfeito, flor de laranjeira, erva-cidreira, mentrasto, rosmaminho, salsa, trovisco, açucena. Deseja-se que o rio leve não água mas sumo de limão, para não dar ocasião a que o mundo fale. Refere-se sucintamente um vinho quinino²¹, que alegra mas estorva o andar. Há ainda receitas e mezinhas para vários males, físicos e psicológicos: azia, catarreira, cobrelo, empachado, ruborado, alfobre, bichas e lombrigas, bicho e bichoco, dada do seio, erisipela e espinhela, escaldadura, cosedura de pés, gretas da mão, unheiro, zipla e ziplão²² (V. Anexo II-5.3.2 – Remédios e mezinhas).

Até para mau-olhado, dor de cotovelo, feitiços e pecados não faltam usos supersticiosos e mágicos, como o alho que empece feitiçeiros, a rama de oliveira que cura o doente, a semente de feto que enfeitiça, ervas e plantas que se queimam pelo S. João, azevinho para fortuna nos negócios e limões que se picam como se fossem corações. Para tratar feridas referem-se unguentos; são também mencionados aguarrás e água-forte. As orvalhadas resultam milagrosas ao sararem o coração de dores – enquanto fenómeno social resultam saudáveis para o espírito, acalmando os ardores. Poéticas são as referências à sangria do Sol pela Lua, ao sinapismo de beijos para a tristeza, aos xaropes de paciência e de beijos. Uma mãe dá uma receita para os dias de casado do filho, que se confunde com remédio: usar palavras doces.

A *doença* faz doer a cabeça e acaba por matar (v. Anexo II-5.3.2 – Veneno e doença); tristeza e ausência de amor adoecem uma pessoa; diz-se que a fome adoeceu em Paredes. Fala-se do *veneno* na água, e no amor – os homens são mel na boca e rosalgam no coração. Existe uma mina de veneno entre Cote e Cividé.

Reza-se pela *saúde* para comer o pão (v. Anexo II-5.3.2 – Saúde). Ir a caldas ou termas acaba por ser desperdício de dinheiro: o simples ar da terra natal cura, ou a água da Fonte Santa. Venera-se N. Sra. dos Remédios, que na mão traz a salvação, acudindo à gente doente; há uma Sra. das Febres, e uma Sra. da Saúde: pedem-se aos santos saúde por si ou pelo amado.

¹⁹ As saloias usavam bota de cano (Alexandre, P., 2002: 55).

²⁰ Químico com uso cosmético – v. Braga, M., 2015: 81.

²¹ O quinino, originário de uma planta da América do Sul, era usado para tratamento da malária desde o séc. XVII – que grassou em meados do séc. XIX em Portugal devido à proliferação dos arrozais, e cujas seções seriam tratadas com este alcalóide – cf. Saavedra, M., 2010; Vaquinhas, I., 2000.

²² Como é referido nas notas às quadras do Cancioneiro onde surgem referenciados estes males, cobrelo é herpes, ruborado é erisipela (também chamada zipla e ziplão), alfobre é farfalho ou sapinhos que surgem na boca das crianças, bicho e bichoco são feridas advindas de vírus de animais, dada é uma inflamação que surge nos seios aquando da amamentação, cosedura dos pés é uma torção ou torcedura, e unheiro é um panarício. Já a espinhela é a apófise xifóide, no externo, que causa dor no peito quando o corpo movimenta objectos pesados – cf. Almeida, A., 2013: 3-4.

II.5.3.2.1 – Cosmética

Referências *cosméticas* são raras (v. Anexo II-5.3.2.1 - Cosmética e Sabão): pó e banha são para o cabelo, também tratado com a erva tormentelo (usa-se unto para untar a sanfona); refere-se a douradinha como planta boa para que o cabelo chegue a arrastar-se pelo chão quando colhida na véspera de S. João. As moças gastam caixas de pó de arroz para encobrir os defeitos. O alvaiade, que já referimos, partilhava esta finalidade. O lodo, apesar das propriedades cosméticas (Silva, E., 2011), no CPP apenas conspurca raiz e água.

Higienização e salubridade²³, embora não tivessem sido uma prioridade na viragem do século²⁴, davam mostras progressivas de uma consciencialização mais generalizada (Correia, 2012). Esta crescente percepção da importância da saúde reflectia o desenvolvimento da ciência médica. Promoviam-se por então práticas comunitárias de índole sanitária, tais como banhos no mar, como em Lisboa, sem deixar de levar em conta os aspectos alimentares (lembremo-nos de Amílcar de Sousa e dos higienistas²⁵).

Creemos ser enriquecedor destacar brevemente as referências a *sabão*, tendo em conta a sua fabricação tradicional com produtos vegetais e animais, antes do florescimento da indústria química²⁶: várias vezes surge não só nas mãos das lavadeiras para lavar roupa no rio (como o Tua e o Pinhão – o Douro dispensa sabão), mas nas queixas das esposas devido a maridos ferreiros, sempre imundos pelo ofício. Com o sabão tenta-se também tirar nódoas do coração, e há quem o use para *adubar papas* de farelo, como os tripeiros do Porto e os cangados da Outra Banda; à falta de sabão para lavar a roupa recorre-se a rosas, que deixam o *cheiro* na mão; o sabão é vendido pela saloia na praça, que usa como contrapeso vistoso as asinhas dum pavão; diz-se que o bom sabão para a roupa vai-se buscar à Lousada. Por fim, há referências à água e à cinza da *barrela*: esta arruma-se ou atira-se pelo rio sem se querer saber mais dela, simbolizando o desprezo por alguém.

II.6 – Objectos

Existe uma parafernália de objectos para usos tanto directos como indirectos no universo alimentar: por um lado há os que dizem respeito à cozinha e às refeições; por outro há os que servem de transporte, de armazenamento e de medição. No final referimos ainda os preços de bens alimentares que surgem esparsamente.

Verifica-se a aplicação da bateria alimentar noutros âmbitos que o da comida: loiças e utensílios de confecção prestam-se principalmente a conotações amorosas, mas também para criticar comportamentos. Saliente-se o valor da colher como principal talher, o rico simbolismo da faca e canivete, e o papel da navalha na objectivação da violência²⁷ –

²³ Veja-se Pereira, A. & Pita, J., 2011.

²⁴ O discurso da decadência fisiológica da suposta raça portuguesa haveria ganhar contornos políticos durante a década de 1890, aquando do Ultimatum, já que daquela transparecia a decadência moral advinda de uma monarquia corrupta. Numa sociedade a cujas condições de vida pouco higiénicas se juntava o alcoolismo, a disciplina de Educação Física nas escolas tornar-se-ia numa das facetas dum movimento geral, que através da mudança do comportamento familiar, sexual e alimentar (entre outros) procurou sanar a nação no início do século seguinte (cf. Vaquinhas, 1992).

²⁵ Cf. Braga, I., 2019.

²⁶ Cf. Cruz, I., 2016.

²⁷ V. o que referimos em II.7.2.2.1 – Matar para comer e viver.

autêntico adereço do homem do campo. Igualmente simbólica é a utilização de certos recipientes, como a bacia ou a cesta. Se os continentes do vinho atêm-se a guardar e servir a bebida, já os da água prestam-se a outras dimensões. Medidas e medidores permitem verificar como a quantidade, ora é fisicamente apreciada, ora faz ressaltar defeitos sociais. Os preços resultam interessantes ao deixarem entrever o valor e desvalor tanto de mercadorias como de indivíduos; aliás, como iremos mostrar, a referência a tostão, vintém, réis e contos, bem como a ausência de escudos, datam o CPP de LV no período anterior à República. Por fim, note-se a importância das referências geográficas: terras e gentes são caracterizadas económica e psicologicamente por estes objectos do dia-a-dia.

II.6.1 – Utensílios de cozinha

Distinguímos os que se usam para confeccionar dos que se usam à refeição

II.6.1.1 – Utensílios de confecção

Na *caldeira* fazem-se papas e tripas e, no *caldeirão*, fritam-se as quentinhas. É no *caldeiro* que a padeira traz as brasas do forno para acender o fogão, como é daí que os pastores bebem leite; o sal derrete-se em caldeiras ao lume; referem-se umas panelas no inferno, sobre achas de pinho; é insultuoso chamar alguém de caldeira rota (v. Anexo II-6.1.1 - Utensílios de confecção: caldeira).

O *púcaro*, embora possa levar feijões e se ponha ao lume, também serve para transporte de água, donde se bebe e com que se rega; nele vai metido o sol, a lua e o brio de alguma moça. O namorado loiceiro oferece um púcaro à rapariga para regar o craveiro do amor; à N. Senhora leva-se um púcaro de mel; *pucarinho de Aveiro* é termo carinhoso; Idanha, Braga e as Caldas são terra de pucarinhos; Casa Nova e Sobreiro²⁸, em Mafra, são lugares de muita púcara – aliás, o concelho Mafra tem uma antiga tradição cerâmica²⁹ (v. Anexo II-6.1.1 - Utensílios de confecção: púcaro)

As *panelas* vão ao fogo para ferver sopa ou cozer arroz ou feijões, dando-se-lhe voltas como ao púcaro para não queimar – a comida também se lhe pode agarrar; ao galo pedrês ameaça-se com a panela por causa das garras; por ela pode-se beber água, embora sejam preferíveis os lábios da amada. *Paneleiro* é a profissão do sogro que envolve a família, já que a sogra faz panelas e a cunhada trata do barro; panela resulta num dote para a filha; às crianças chama-se de panela à testa enquanto se bate nela; ao ver-se um coxo exclama-se *enforca-panelas*³⁰; Buarcos é uma panela velha; amores dos Barros são testos de panela; as meninas de Vilar não a sabem soçobrar uma vez ao lume (v. Anexo II-6.1.1 - Utensílios de confecção: panela).

O *tacho* parte-se numa situação anedótica ao se escorregar com ele. A *caçoila* reserva-se para arroz e arroz-doce. Na *frigideira* frita-se um coração de pulga; *calcanhar de frigideira* é um insulto. Na *sertém* cozem-se tripas, e nela se gostaria de fritar homens. O *assador* é para as castanhas; tem umas asas que se poderiam pedir emprestadas à sopeira para se alcançar o amor (v. Anexo II-6.1.1 - Utensílios de confecção: tacho, frigideira, sertém e assador).

²⁸ Freguesia onde havia fábricas de louça - Leal, S., 1873: 420.

²⁹ Cf. Horta, C., 2014: 67.

³⁰ Cf. Adrião, J., 1920.

A *peneira* é usada pela moleirinha; em certa procissão segue uma charola feita de arcos de peneira; fica-se com peneiras nos olhos ao estar sempre a ver se vem certo rapaz; diz-se que o sol vai metido numa peneira como o brio das raparigas da Ribeira; de Lisboa veio uma peneira de seda para peneirar a neve da Serra da Estrela, e de Hamburgo outra para peneirar a neve do Caramulo. Na *masseira* dá-se volta à massa do pão; a mulher pequena põe-se em cima da rasa para lhe chegar. Com a *pá* a mãe padeira bate na filha. A mulher do forneiro acarreta *tabuleiros*. A Nossa Senhora, em V. N. Foz-Côa, leva-se um queijo na *francela*, já que é novidade. Usa-se um *pau* para pendurar os chouriços no fumeiro; fala-se também em pau para se fazer colheres. Da *salgadeira* tiram-se sardinhas (v. Anexo II-6.1.1 - Utensílios de confecção: peneira, masseira, francela salgadeira).

II.6.1.2 – Loiças

Há *loiça* fina e de cristal (v. Anexo II-6.1.2 – Panos, Loiças e Escudelas); a loiça quer-se bem limpa: tarefa da filha que pode levar um tabefe do pai caso cozinhe sem depois a lavar; por cada prato que quebra paga um tostão; enquanto a lava o namorado atira-lhe pedrinhas. C. Branco tem loiça; as Caldas devem ir devagar com ela, para não acabar em cacos; no Telhado, freguesia do Fundão, há um oleiro que faz loiça e dinheiro. Na *cantareira* tilintam os pratos que a filha herdará da mãe³¹ – também tilinta o namorado quando junto da amada; as mulheres do Pedrógão e da Terra Fria só sabem ir à cantareira ver de vinho. *Prateleira* confunde-se com cantareira.

O *prato* serve para comer à mesa (v. Anexo II-6.1.2 – Panos, Loiças e Escudelas: prato, malga, tigela e sopeira); prato quebrado conota-se com desventura; comer de pratos de prata de nada vale à cativa a quem falta a liberdade. A *malga* usa-se para beber água; é na malga que se apanha o sangue da sangria do Sol; a Maria é uma malga de água que se hesita em beber; ver nascer nela o sol é aceitar um namoro; as moças do Revordelo só sabem ir ver se a malga tem sopa ou vinho. A *tigela* quer-se cheia de caldo; enquanto assim estiver ela estará a barriga vazia; com uma cobriu-se um recém-nascido, que os gatos confundiram com vitela; a filha esperava receber como dote da mãe três tigelas; o amor é uma tigela. O *pires* faz grande traquinada ao cair, como certa rapariga ao suspirar. Do *sucareiro* apenas se diz que o gato lambareiro lhe põe a mão. A *sopeira* tem as asas do assador que já referimos; galinha e pato saíram da capoeira por causa duma sopeira.

Na ponta da *pia* pisa-se salsa; quem bebe água da pia é besta; o porco tem uma, onde alguém tem o seu bem retratado – pegar nela com os dentes é prova de valentia, quando não quebrá-la; existe a pia baptismal; certa rapariga é pia de água benta onde todos põem a mão. Da *gamela* comem as vacas. Da *manjedoura* comem os animais no presépio, mas também os homens – enquanto as mulheres fazem-no à mesa.

Na *mesa* serve-se comida e bebida (v. Anexo II-6.1.2 – Panos, Loiças e Escudelas: mesa e guardanapo); mesa sem vinho não presta, e sem pão é como mulher sem marido; o rico tem-na abastecida, desejando-se-lhe as migalhas; à mesa do rei não se inibe de ir a azeitona, surgindo também a pimenta e um cálice de ouro; a quem se quer mal deseja-se que o prato lhe fuja da mesa; é posta e retirada por uma rapariga que chora; pelas janeiras deseja-se uma

³¹ Abordamos o dote em II.7.2.1 – Casamento: boda, dote e vida conjugal.

mesa bem posta. Mandou-se fazer um *lustre* para pôr na mesa redonda, pensando em casamento.

Com o *guardanapo* fazem-se cálculos matemáticos; nas pontas dum nasce o sol; sabe-se um saco de cantigas e ainda um guardanapo; é um guardanapo de estalagem certo rapaz com quem falou a rapariga; no lugar do Porco acharam-se belos guardanapos.

II.6.1.3 – Talheres

Refere-se um *garfo* de vidro com que come certo rapaz que toma uma moça por tola; um José é o garfo de prata com que alguém se serve. A mãe promete à filha como dote uma *escudela*, mas depois quebra-lhe as costas com ela. A *salva de prata* é um tesouro que não se partilha sequer com o rei; quem se ama é uma salva de prata (v. Anexo II-6.1.3 – Talheres: garfo e salva).

Há *colher* de ferro e de pau (v. Anexo II-6.1.3 – Talheres: colher) – o pau do pinheiro alto é bom para colheres, como o da laranjeira que nasceu da semente das mulheres; cada pessoa traz consigo a colher – em noite de chuva de papas as moças deverão levar colheres; com ela come-se sopa e mel; também serve para remexer no caldeiro; uma viola feita de pau de colheres faz dançar as mulheres; pede-se a Deus que livre do rabo das colheres – pelo rabo duma foi o gato à panela; o amor é uma colher de pau – a rapariga mostra às visitas a colher de estimação que o namorado lhe ofereceu; as moças do Pocinho comem xerém às colheradas, e as da Praia colheradas de frangolho.

A *faca* (v. Anexo II-6.1.3 – Talheres: faca, canivete e navalha) corta torradas, cebolas e toucinho, mas também adversários e esconjuros, e até o coração no amor triste e no amor traído; a quem se quer mal deseja-se que a faca não corte; ter a faca na mão é dispor da situação; a língua dos vizinhos é faca afiada; a Ilha Terceira é uma faca sem ponta. O *canivete* baila para cortar chouriça pelas janeiras, e parte o pão de ló pelo casamento; dentro do peito do noivo está um canivete dourado; o de prata que se afunda no mar ou que se põe à mesa do rei simboliza um amor abandonado. A *navalha* tem conotações de violência: com ela desafia-se a canalha (cf. *O Malhadinhas*, de A. Ribeiro), derraba-se uma cachorrinha, cortam-se as faces do amor; com ela também se desfaz a barba dos homens – as solteiras não usam navalha na parte de baixo; com ela faz-se ainda em três tempos um marquesinho; o amado é uma navalha de meia lua que a moça abandona; aprende-se a ler nas costas da navalha o que se responderá a certas meninas; de Espanha encomendou-se uma grande navalha.

O acto de *cortar* surge repetidamente em diferentes contextos (v. Anexo II-6.1.3 – Talheres: cortar), sendo até referida a profissão do corta-rama, cujo brio se revela pela azinheira bem rodada: corta-se nos pães e enchidos; na ceifa, vindima e poda – há podão e tesouras; corta-se tabaco; ao Entrudo cortou-se o pescoço, e a Jesus as carnes; corta-se e talha-se a doença; cortar na vida de alguém como tesoura na roupa e cortar o elo à couve têm conotações amorosas.

II.6.2 – Utensílios de arrumação e transporte alimentares

Há utensílios cuja utilização primária nem sempre é explicitada – muitos ficam por referências simbólicas. Considerámos pertinente constatá-los aqui, pois pela variedade permitem vislumbrar questões práticas do dia a dia, ao mesmo tempo que servem de adereço

para uma brevíssima mas deliciosa narrativa. Dividimo-los consoante o conteúdo: sólidos e líquidos.

II.6.2.1 – Recipientes de sólidos

A *algibeira* serve para transporte de trigo e sementes de ervas; é onde se guarda o dinheiro da venda do peixe, a sogra e os cabaços amorosos; a laranja apanha-se no lenço da algibeira; Maria da Fonte tem pistolas aí, e as algibeiras de Pernes nada têm. Alguém inventa que lhe roubaram uma *gorpelha*³² de vinagre. Outro queixa-se de que as *palanganas*³³ foram roídas pelas ratazanas (v. Anexo II-6.2.1 – Armazenamento de Sólidos: algibeira, gorpelha e palangana).

Aquando dos Reis dão-se vivas por uma senhora que é *açafatinho* de confeitos; um açafate semeado de formigas foi enviado como presente. No debrum do *alguidar* parte-se o toucinho das janeiras; o chapéu do estudante é um alguidar; como o marido: quando se quebra um compra-se outro. A *bacia* apara o sangue da sangria do Sol – o Sol nasce numa bacia, que pode ser de prata; numa bacia também de prata foi o mar buscar água; os olhos da menina são a bacia onde o amado se lava; na Murteira há uma bacia onde um amor se lava à hora de jantar. *Alimpa-barranhões*³⁴ é insultoso (v. Anexo II-6.2.1 – Armazenamento de Sólidos: alguidar, bacia e barranhã).

A *arca* guarda o pão; o coração de alguém abre e fecha, mas não é arca nem baú. No *baú* guarda-se a laranja de ouro que se oferece ao amor – pode ser uma figa; nele também se guarda dinheiro e um canivete dourado para o casamento. Da *caixa* tira-se o pão de que os lavradores encheram; para a caixa foi o coelho que se caçou; em Maio vai-se à caixa das castanhas; nela guarda-se a maçã perfumada com que se pagará a alguém; referem-se caixas cosméticas de pó de arroz. No *fole* guarda a mãe a farinha, que uma vez vazio a filha receberá em dote (v. Anexo II-6.2.1 – Armazenamento de Sólidos: arca, baú, caixa e fole).

Na *cesta* vão os ovos e a galinha que a saloia apregoa; leva a mulher ao lavrador o *cesto* do almoço; numa vindima vai o vinho na cesta, enquanto o pão segue na cabaça; vindima-se com tesoura e cestinha; vende-se o pão que segue na cesta; uma oliveirinha apenas dá duas cestas de azeitona; a boca da morena é o cestinho e os beijos são os morangos; rapaz e rapariga altercando são dois ouriços numa cesta; amor velho é um arco de cesto sem fundo; ir às ameixas com um cestinho é ir ver dum novo amor; sabe-se uma cesta de cantigas cheia até ao arco. Com um *cabazinho* de ovos anda a morte; num outro estão olhos à venda. Na *canastra* segue a sardinha da varina – o rancho das da Nazaré leva-a à cabeça; quem se deixou de amar torna-se *canastro* velho. No *balaio* leva o menino Jesus contas de cheiro. Num *ceirão* de Lisboa vêm quatro frades: vinagre, azeite, alho e pimentão³⁵. Refere-se ainda

³² Calão usado no Alentejo e no Algarve para uma alcofa grande para transporte de objectos – cf. Almeida, J., 2021: 119.

³³ Vaso de barro baixo e largo – cf. Bluteau, R., 1789, p. 148.

³⁴ L. Vasconcellos esclarece: «Barranhões = alguidares onde comem os ganhões», CPP II, p. 344.

³⁵ Em *Simbolismo Popular Religioso nos Açores*, refere W. Giese a explicação de Luís S. Ribeiro: «Nesta quadra parece haver alusão irónica à glotonaria dos frades.». Apresenta de seguida a sua interpretação referindo que neste caso frades e frei referir-se-iam à forma dos vasos continentes, se bem que reconheça ser caso único de tal significado; reconhece que *frade* tem como significados conhecidos pedra de marco, cogumelo, pedras na cozinha na zona meridional de Portugal, sendo ainda nome para diferentes objectos de madeira – v. Giese, W., 1982: 461.

um *costal*³⁶ de cantigas que alguém tem para desatar (v. Anexo II-6.2.1 – Armazenamento de Sólidos: cesta, cabaz, canastra e ceirão).

II.6.2.2 – Recipientes de líquidos

Subdividimos estes recipientes em três vertentes: vinho, água e outros.

II.6.2.2.1 – Recipientes para vinho

O *copo* de tinta preta é de vinho, que se escorropicha na taberna, e é de vidro; pede-se um copo pelas janeiras; quando é de água é o coração de Maria, e quando de água-mel é os olhos do Manel; o António é um lindo copo de beber; pôr um cravo num copo de vinho é sinal de amor; o lodo no fundo do copo tem conotação amorosa negativa; é carinhoso *meu copo de Veneza* (v. Anexo II-6.2.2.1 – Acondicionamento de Líquidos: copo).

Cabaça contém o vinho que se leva aos jornaleiros; já o cabreiro leva a cabaça no bolso; a ciranda tem brio porque bebe pela cabaça; pode conter vinagre, num contexto amoroso. *Rolha* de cortiça usa-se no cabaço; certa fábrica de rolhas está cheia de rosas (v. Anexo II-6.2.2.1 – Acondicionamento de Líquidos: cabaça e rolha).

Meia *canada* de vinho é pedida pelos malhadores; o mineiro gasta quanto ganha em comida acompanhada por meia canada; a Maria trocou a saia por meia canada; N. S. das Dores foi deitada na canada das adegas. O *garrafão* pede-se na malha por causa do vinho; num enterro dum borracho, cada membro da irmandade levará um garrafão. Pelo *cangirão* pedem os janeireiros; no S. João não falta um cangirão de vinho (v. Anexo II-6.2.2.1 – Acondicionamento de Líquidos: canada, garrafão e cangirão).

A *garrafa* contém vinho; pede-se que chovam garrafas a par da comida; deitar-lhe água acaba por turvar o vinho; gostaria de se engarrafar o namorado para não o queimar o sol; afirma-se que quando o rei deixou de pedir tropa, Lisboa ficou cercada de garrafas de licor. *Canabarro*³⁷ usa-se para servir o vinho à refeição. *Bota* é nome para o pipo do vinho que se leva pelo caminho preso por uma corda. Por um *cornu* bebe-se o vinho de S. Bento do Cando. Vão ver se o *pichorro*³⁸ tem vinho as mulheres de Pedrógão; deseja-se sarna nos do Rochoso porque nunca largam o pichorro (v. Anexo II-6.2.2.1 – Acondicionamento de Líquidos: garrafa, canabarro, bota e pichorro).

A *pipa* é do vinho – pelo S. João abundam ambos; quando o pipo verte o dono desespera; alguém herdou uma adega de pipas vazias; outro desejava a cama ao pé dum pipo; fala-se num Inácio da Pipa; a ciranda embarcou para o Porto numa pipa. A *cuba* do bom vinho escusa taberneira. Do *tonel* vem o vinho que se espera pelos Reis; pode servir de cova fúnebre. *Odres* de vinho são carregados pelo burrinho; da pele dum lobo fizeram alguns *juijeis*³⁹ Certa *barrica* serve de migalheiro; chama-se barrico dos ricos ao Bairro do Açougue. Por fim, está um *alambique* de aguardente dentro do peito para destilar saudades. (v. Anexo II-6.2.2.1 – Acondicionamento de Líquidos: pipa, cuba, tonel, odre, barrica e alambique).

³⁶ Cesto oval em vime, usado na Nazaré sobre a cabeça para transporte de peixe – v. Escallier, C., 1999: 296.

³⁷ Em Alenquer o canabarro é um vaso usado para tirar o vinho da dorna para o caneco – cf. Silva, D., 1944: 307.

³⁸ Nome dado a uma pichorra pequena, usado como vasilha para líquidos, tanto água como o vinho das pipas – cf. Fernandes, I., 2012: 540.

³⁹ Do dialecto minhoto, de significado incerto – cf. Vasconcellos, J., 1885: 19.

II.6.2.2.2 – Recipientes para água

Do *vaso* bebe-se água; há de madeira, louça fina e cristal; a *ama* é um vaso de alegria para os segadores, que desejam ser bem pagos pela jeira segada; a *palma* de quem se ama serve de vaso de consolação ao dar de beber água (v. Anexo II-6.2.2.1 – Acondicionamento de Líquidos: vaso).

Bilha leva-se com água da fonte para casa; a rapariga quer enchê-la de beijos para o seu amor se banhar; dentro do peito há duas bilhas de aguardente para disfarçar mágoas amorosas; o coração é uma bilha que S. António deita ao chão. Na *cântara* vem a água que se buscou da fonte ou do rio, onde se quebra, à causa do amor; pode-se encher de flores na fonte dos amores; certa sogra é um *cântaro*. Do *jarro* dá-se água para beber; quebrar o jarro verde tem conotações amorosas (v. Anexo II-6.2.2.1 – Acondicionamento de Líquidos: bilha, cântara e jarro).

Casca de melancia presta-se a trazer e beber água; lava-se o rosto na água da melancia. O *chapéu* no Minho leva água – também se refere que o chapéu do estudante é de alguidar, servindo ainda para se apanharem uvas (v. Anexo II-6.2.2.1 – Acondicionamento de Líquidos: casca de melancia e chapéu).

Boca entre namorados vira bica de água que apenas provoca mais sede – é preferível a boca à panela ou ao copo, desde que não se tenha nojo; pode ser também cestinha de beijos-morangos. Por um *caqueiro* deu-se água a beber num lugar de muitas púcaras. O *seio* pode ser uma garrafa de água; os *peitos* da amada são de leite coalhado – moça de peito seco não é apetecível; por falta de fonte pede-se uma pinga de água do peito; dentro dele há garrafinhas de licor; o peito do dono da casa é a fonte dos anjos (v. Anexo II-6.2.2.1 – Acondicionamento de Líquidos: boca, caqueiro e seio).

II.6.2.2.3 – Outros recipientes

A *talha* roça-se com rosmaninho; na fonte dos amores encheu-se de flores. Um *pote* enche-se com rosas; outro escorropicha-se de vinho; outro deitou fora as papas que a velha cozeu; o do avaro pelas janeiras contém farelo que se deseja infestado de gorgulho (para estes e os recipientes que se seguem, v. Anexo II-6.2.2.1 – Acondicionamento de Líquidos).

Cálice de ouro serve à missa – um António é o cálice de ouro que serve à mesa do rei; ao servir a N. Senhor torna-se divino e bento; a água dos montes vem num cálice de vidro. Uma *taça* de veneno é oferecida à rival no amor. Há um *frasco* de licor no peito de que o coração bebe o amor.

No fundo da *caneca* vai o sol como um amor se vai e outro vem; dos cacos duma caneca semeados brotaram um rapaz e um frade, e da asa brotou um velho.

Gargalinho de infusa é termo afectuoso e *gargalo de ametolia* denota um mau cantor.

II.6.3 – Pesos e volumetrias

Há indicações de pesos e medidas (v. Anexo II-6.3 – Pesos e Volumetrias). Por elas podemos verificar acepções simbólicas decorrentes do uso alimentar, como excesso e fartura – mas também troça e desprezo. Segundo L. Lopes (2005: 42), a metrologia em Portugal, com origem nos contributos de romanos, povos europeus e árabes, passou por três fases: a

diversidade entre localidades na Idade Média, a uniformização com D. Manuel I, e a implantação do sistema métrico decimal.

*Alqueire*⁴⁰ diz-se de feijão, centeio, farelo e tabaco; semeiam-se os alqueires aquando da chuva; quatro *quartas* perfazem um alqueire; um devoto vai buscar diariamente uma quarta de água à Sra. da Conceição. *Moio*⁴¹ diz-se do trigo; por cada bago semeado deseja-se um moio; a rapariga desafiada calcula um moio de trigo com joio contendo quatrocentas e oitenta meias quartas⁴². O *saco* vai-se enchendo durante as janeiras – também se enche com o pão de Deus; o moleiro reza pelo seu saco maquiado; sabem-se sacos de cantigas, que se desatam para cantar ao desafio. Por *saca* de carvão é tratado um preto. *Rasa*⁴³ diz-se do sal e tabaco; há quem saiba uma rasa cheia de cantigas. *Taleigada*⁴⁴ diz-se também das cantigas, que se sabem ou se guardam para outro dia.

*Almude*⁴⁵ indicia desmesura: quer-se uma cama junto a um pipo de almude; há quem beba um almude de vinho. *Arrobas*⁴⁶ de carne são comidas pelo serrano, e a serrana pesa o Algarve às arrobas. *Arráteis*⁴⁷ dizem-se da marmelada⁴⁸ que vem da Lagoa⁴⁹; quer-se ver alguém à venda em postas no açougue aos arráteis – pode ser em quartos. *Molho* diz-se de várias ervas; atam-se molhos nas segadas de Além Douro e Espanha; do Barroso voltou-se com um molho pequenino. Há *ramo* de salsa, alecrim, arruda e flores; uma das três filhas de N. Senhora corta o raminho da azia. *Mancheia* diz-se da hortelã; Adão foi formado duma mancheia de barro.

II.6.3.1 – Preços

Não podíamos deixar de mostrar como o custo dos bens alimentares oferece mais do que uma perspectiva económica: uma riqueza simbólica (v. Anexo II-6.3.1 – Preços).

O Senhor diz ao rico que quer entrar no céu que deverá ir vender o trigo a *quartilho*⁵⁰; vendem-se a «quartilho» olhos azuis num cabaz, e a *cruzado*⁵¹ os pretos – o cruzado que se trouxe do Brasil⁵² ficou empenhado nas tavernas. A venda de sal à Inglaterra rende *conto* e *milhão* a Portugal. Os cinco *réis* guardados no baú serão usados para sardinha no casamento – ou pão branco; também se gastam cinco réis em pimenta, para pôr na língua de certa menina; o maço de tabaco está a trinta réis, e os queijos de cabra a dez; ao domingo vão dez réis de

⁴⁰ Consoante a região no primeiro quartel do séc. XIX, oscilava entre os 13 e os 19 litros – cf. Lopes, L., 2003: 347.

⁴¹ Um moio equivalia a 64 alqueires – Lopes, L., 2003: 44

⁴² Uma quarta equivalia a 4 alqueires – Lopes, L., 2003: 44

⁴³ Rasa em Entre Douro e Minho confunde-se com o alqueire de 17 litros – cf. Lopes, L., 2003: 355. Refere I. Amorim (1999: 62) que o peso da rasa variava consoante fosse pão, sal e cal.

⁴⁴ Segundo Bluteau, R., 1789, taleigada é «a porção que se leva em huma taleiga», enquanto taleiga é um «saco pequeno, huma taleiga de trigo são 4 alqueires», p. 440-441. Repare-se que uma taleiga de cereais corresponde a 4 alqueires – Lopes, L., 2003: 44.

⁴⁵ Um almude equivalia a 2 alqueires – Lopes, L., 2003: 44.

⁴⁶ Uma arroba equivalia a 14,6 kg – Lopes, L., 2018: 198.

⁴⁷ Um arrátel equivalia a 0,45 kg – Lopes, L., 2018: 198.

⁴⁸ Marmelada é alcunha em Loulé e no sul do país – cf. Ferreira, M., 2004.

⁴⁹ Talvez haja aqui ecos da indústria conserveira no Algarve – cf. Serra, J., 2007.

⁵⁰ Confusão com quartinho, moeda com valor de 1200 réis, cunhada até ao reinado de D. João VI - v. Tomás, A. & Valério, N., s/d.

⁵¹ Um cruzado valia 400 réis – cf. Tomás, A. & Valério, N., s/d.

⁵² Lembramos que a escravatura no Brasil, negócio extremamente lucrativo tanto pela comercialização de seres humanos como pela sua escravização nas plantações, só foi abolida em 1888 – v. Leite, M., 2017.

aguardente para a cova dum dente. Um *vintém*⁵³ de pão foi-se buscar à praça da Figueira; por outro *vintém* compra-se tabaco, como se gasta em vinho; diz-se que S. António vende peras a *vintém*, e que os moços de agora são frangos de *vintém*.

A seis *tostões*⁵⁴ vende-se um alqueire de feijões, e pela mesma quantidade vende a saloia uma cesta de ovos e galinha – noutra canção a saloia pedia três mil réis (cinco vezes mais); cada prato que se quebrar ao lavar a loiça custará um *tostão*.

II.7 – Calendário anual e celebrações pontuais

As festas agrícolas e religiosas promovem eventos sociais que se repetem de ano para ano (cf. Costa, F., 2016; Braga, T., 1986). Estas celebrações são o que M. Lopes chamou de ritos de passagem, cujos «rituais divulgam, solenizam, fixam na memória dos próprios e da comunidade»⁵⁵ grandes momentos de mutação existencial. Neles há alimentos pré-estabelecidos que devem ser consumidos segundo normas estritas⁵⁶.

No caso do CPP de LV, são momentos em que de facto a alimentação sobressai: do Carnaval e das primeiras mondas, passando pelas ceifas e malhas, desfolhadas e vindimas, sem esquecer o S. Martinho e a apanha da castanha e da azeitona, até às celebrações do Natal, com os Reis e as Janeiras – entre outras festas e romarias esparsas, como de S. Bartolomeu e de S. Brás⁵⁷.

O alimento transparece ainda em quadras que celebram os eventos pontuais, como funerais e casamento – este merece particular atenção, porquanto resulta numa espécie de utopia alimentar, que pode acabar invertida.

Nestas festividades reflecte-se com exuberância praticamente todo o universo alimentar – estudos sobre os cancioneros como os de Nogueira (2000) e de Nunes (1978) debruçam-se sobre a temática da alimentação precisamente a partir dos momentos festivos; refiram-se ainda os trabalhos históricos de M. Lopes sobre os alimentos nos rituais familiares. Poderíamos dizer que é neles que o alimento conhece a plenitude, ao concorrerem trabalhos do campo e do mar, economias da casa e arte culinária. Dão alento para suportar o que não passaria dum quotidiano monótono no ciclo anual, e encorajam no seguimento das fases que uma existência carnal impõe, nomeadamente procriação e morte. A última numa dupla acepção: a morte humana inevitável, mas também a morte dos animais, que importa realçar.

II.7.1 – Festividades anuais

Trata-se das que vão ocorrendo ao longo do ano, de modo cíclico, numa dimensão agrícola e noutra espiritual, entre o catolicismo e o animismo e paganismo – que tanto preocupavam a hierarquia eclesiástica (Silva, 2011) –, e que ao se repetirem acabam por causar expectativa e gerar ansiedade.

⁵³ Um *vintém* correspondia a 20 réis - cf. Tomás, A. & Valério, N., s/d.

⁵⁴ O *tostão* antes da República valia 100 réis. Com a adopção do Escudo, o novo *tostão* valia 10 centavos, tendo sido emitido a partir de 1915 - cf. Tomás, A. & Valério, N., s/d.

⁵⁵ Lopes, M., 2012: 153.

⁵⁶ V. Lopes, M., 2012: 168.

⁵⁷ Não é possível precisar o local destas romarias, visto haver, p. ex., só no concelho de Guimarães, duas em honra a S. Bartolomeu e três a S. Brás – v. Barroso, P., 2003. E. Oliveira faz uma descrição pormenorizada da romaria de S. Bartolomeu do Mar, entre V. Castelo e Esposende – v. Oliveira, E., 1995: 239-250.

II.7.1.1 – Carnaval e monda

O Entrudo goza-se com galinhas e capões, e é seguido pelas orações da Quaresma, com calabças e feijões; personifica um santo gordo, que passa sobre uma ponte de filhoses; é tanta a fartura que até a raposa anseia pela sua chegada, interpolando os pastores para saber da data.

Enquanto germinam os cultivos do trigo, arroz e linho, despontam várias ervas infestantes, que se mondam: joio, gorga, azevém, ervilhaca, balanco – e cabaços (i.e.: recusas de namoro); a monda separa os namorados; por vezes monda-se sozinho, mas também é-se pago, arranjando-se dinheiro para casar (v. Anexo II.7.1 – Festividades anuais: Carnaval e monda).

II.7.1.2 – Ceifa, malha e desfolhadas

O S. João é o início da época da fartura; o divertimento juvenil até às desfolhadas, quando se partilharão castanhas assadas, é desejado com veemência. Pelo São João há carneiro e peru assado, pipas de vinho e carros de pão; é altura em que as searas estão maduras, e se regam as hortas; então corre a água abençoada, incitando a banhos purificadores – até o pastor lava o gado; a água que nessa noite fica ao relento torna escusado o fermento para fazer pão⁵⁸; queimam-se supersticiosamente plantas como sargaço, rosmaninho, tomilho bela-luz, feto e giesta – até alcachofras, no âmbito amoroso; curam-se feitiços bebendo chá das ervas então colhidas, já que todas têm préstimo e cheiram bem; entretecem-se também coroas de madressilva e murta; não faltam ameixas, cerejas, e ginjas – são as lampas⁵⁹. As orvalhadas sanjoaninas por entre o centeio prometem pão quente e vinho maduro (v. Anexo II.7.1 – Festividades anuais: Ceifa e malha).

Durante as malhas exige-se vinho, sob ameaça de se deixar ir o grão na palha – a alegria causada pela chegada do garrafão pode roçar em heresia ao se cantar *Kurie eleisão*; pão também se agradece; quando regressam, aguarda os malhadores um caldo cheiroso; para trás restam sempre respigos⁶⁰, por vezes abundantes. A forte ceifeira é imprecada a ceifar para além do pão as penas alheias; a foice na seara de outrem deve ir com cuidado; vale a pena ir à ceifa para ver as ceifeiras lavar o rosto. Era a ceifa uma tarefa sazonal (tal como a debulha, a vindima e o varejo da azeitona), que requeria muita mão de obra em pouco tempo; deste modo geravam-se fluxos migratórios recorrentes, embora o número de trabalhadores oscilasse de ano para ano conforme a colheita⁶¹. Daí o CPP fazer referência não só a zonas do

⁵⁸ Esta ideia não é descabida, visto que as leveduras naturais na panificação são desenvolvidas a partir dos microorganismos presentes tanto na farinha como no meio-ambiente de cada local, se bem que careçam de vários dias para proliferar – cf. Myhrvold, N. & Migoya, F., 2017, vol. 2.

⁵⁹ Como refere L. Vasconcellos, em nota no Cancioneiro: «Quando vão colher a fruta, na manhã de São João, pela orvalhada, dizem que são as lampas de São João.» (v. CPP III, p. 351). Para outros significados de lampas v. Viterbo, S., 1920.

⁶⁰ Refere Silva, D. (1944: 591): «Respigar – Torres Vedras – buscar espigas de trigo nas searas ceifadas, nas palhas, etc.». Comenta ainda que o rebusco de forma geral tem um carácter caritativo em todo o mundo; no caso das uvas, para além de ser incentivado no Pentateuco para provimento de pobres e estranhos, órfãos, viúvas e velhos, resulta benéfico se aproveitado na lagarada, ao tornar o vinho mais equilibrado e duradouro (p. 578-9). Trata-se, pois, de uma prática comunitária corrente, sendo rebuscados para além dos cereais figos, cachos de uva, castanhas, azeitonas, etc. – v. Ribeiro, O., 1991: 395. Refira-se que inevitavelmente se davam casos de abuso, como o de certas rebuscadeiras de azeitona no concelho de Montemor, intimadas em Novembro de 1879 por assaltar olivais não varejados (Vaquinhas, I., 1990: 119).

⁶¹ V. Martins, C., 1997.

país que atraíam os migrantes, mas também ao modo como estes eram tratados: ceifa é no Alentejo, Barros e Campo Maior; no Ladoeiro dão pão de cevada e pagam mal; na Guarda comem-se migas com águas encharcadas.

II.7.1.3 – Uvas e castanhas

Vindima é tempo de vida e doçura, não faltando o que comer, e cachos para oferecer; segue pão na cesta e vinho da cabaça para os vindimadores; se de dia se escolhe a uva, de noite é para namorar; é preciso guardar sempre a latada, para não a encontrar vindimada; depois da vindima pouco sobra para rebusco, mas à falta de uvas respigam-se conversas – respiga-se nas vinhas vindimadas como se namoram amores rejeitados; feito o vinho brinda-se um copinho; diz-se que o mundo é uma vinha, os lares são latadas, e cada cristão uma cepa que a morte vindima; a Sra. do Desterro vai pelo Douro com a cestinha e a tesoura a vindimar, como a Sra. da Alagada pelo Tejo acima, e a das Amoras, e a do Castelo; quem vai ao Douro vindimar ganha uns poucos réis, gastos durante o regresso; ao Douro também se vai respigar, mas sem grande sucesso. Já no lagar passam-se tristes noites sem amor; e um velho foi encontrado morto entre as virges do lagar (v. Anexo II.7.1 – Festividades anuais: Vindima e S. Martinho).

A apanha das castanhas requer varejadores, que por vezes não abundam. No S. Martinho gasta-se o dinheiro em vinho, embora muito não passe de larapa⁶²; bebe-se aguardente, e comem-se castanhas, então rebuscadas; o velho adora o santo na taberna despejando copos pelo frio.

II.7.1.4 – Natal: Janeiras e Reis

No fim do ano, pelo Natal, nas Janeiras e nos Reis, cantam-se quadras e espera-se receber o que comer e beber. Para a noite de Natal em especial apanha-se pinha mansa. Na noite de Janeiras, de barriga tão vazia quanto o saco, pede-se morcela e chouriça, filhós e figo, e vinho, e chouriço, e toucinho e carne para se deitar no caldo de couve do dia seguinte – em troca concedem-se vivas e bênçãos em nome de Deus, da Virgem e dos santos, que se estendem às sementeiras. Um despenseiro mais arteiro mascara-se de preto da Guiné, pedindo de saco aberto uma súcia de linguariça, caixinhas doces, talhadas de marmelada, carne, pão e dinheiro – para mandar dizer missas pelas almas bentas; então os gatos ameaçam comer o que a dona ia oferecer (v. Anexo II.7.1 – Festividades anuais: Janeiras e Reis).

Os Reis mandam-se cantar, mas também pode ser de iniciativa própria, em grupo; pede-se que dêem esmola a tal sociedade as casas que cheiram a fritos – talvez das quentinhas, cuja massa ferve no azeite; leva-se um saco, que se ambiciona encher com os mimos da consoada, como o maior chouriço do fumeiro, um salpicão, chouriças; também um pedaço de toucinho, e vinho; alguns dizem claramente que não pretendem dinheiro, mas galinhas, capões e salpicões; pede-se vinho de seis anos, e ainda doces dos natais, e salsichões, e patos, e galinhas, e perus, e leitões, e presunto, e passas e figos, e carne do fumeiro – é muita coisa para talhar; tão pouco falta o pão leve, um bolo, e unto velho para a sanfona; a avareza é despedida com impropérios.

⁶² Calão algarvio para água-pé – v. Bessa, A., 1901: 181.

II.7.2 – Celebrações pontuais

Trata-se das que vão ocorrendo ao longo da vida, de modo esporádico, por vezes não se repetindo: a festa da boda, com a sequente vida conjugal; e o funeral, a par de outros momentos em que a morte está presente.

II.7.2.1 – Casamento: boda, dote e vida conjugal

Para além de quanto transparece nos namoros e nos arrufos de que vimos dando conta, o universo alimentar do amor surge com formas fixas no casamento: da festa e do dote à nova vida no lar com dependentes. À festa do enlace conjugal, segundo M. Lopes (2012), reserva-se a maior atenção relativamente ao aspecto alimentar, que podia abarcar um almoço inicial (i.e., o nosso pequeno-almoço) antes da cerimónia, à qual se seguia o jantar (o actual almoço), não faltando ofertas aos faziam parte da comunidade; na manhã seguinte por vezes dava-se continuidade ao festim com um novo almoço (pequeno-almoço)⁶³ (v. Anexo II-7.2.1 – Casamento e conjugalidade: A festa).

No CPP de LV refere-se que à boda nada faltará, exigindo gastos para os quais se poupou; come-se leitão e carneiro, sardinha, pão branco, pão da boda e pão de ló, e ainda queijato; nozes simbolizam casamento; fazem-se descrições dos preparativos nas canções infantis do galo e da galinha, onde constam madrinha e padrinho, dançarinas, amassadeiras, cozinheiras, gaiteiros e criadas de servir, não faltando referência à lenha para cozinhar, ao dote e à fazenda. Como dote os pais prometem à filha animais domésticos (cabra, ovelha, galinha), loiça (tigela, panela, escudela, prato e fole de farinha), até um gato – embora nem sempre nas melhores condições; a noiva oferece uma laranja de ouro que guardara no baú – ou uma figa de ouro; do noivo vem um moio de trigo – a colheita do pão pode determinar se é ano ou não de casamento. Às vezes nem o dote de vaca com bezerro chega para convencer – uma velha seduz um rapaz com a promessa de quarenta contos, e fatura de comida e bebida para o resto dos dias. A fazenda confunde-se com dote: deixa-se um amor por outro por causa da fazenda; há quem prefira escolher gente a fazenda – contudo, quem namorou a rapariga bonita sem pensar na fazenda acaba por morrer à fome (v. Anexo II-7.2.1 – Casamento e conjugalidade: O dote).

A vida conjugal carece penosamente de ser sustentada – é por isso que há quem a pretira pela de soldado; importa, pois, tomar bons partidos, como o moleiro, e evitar ir morar perto da fome, tanto pelo ofício do marido como pela sua terra. À esposa é exigida mestria culinária – haja lenha e comida; quem casa também passa a levar uma vida *cheia de fezes* (v. Anexo II-7.2.1 – Casamento e conjugalidade: Fazenda e sustento).

De facto, ao papel da mulher na mudança do séc. XIX para o XX estava associada, nas palavras de Vaquinhas & Guimarães (2011), certa «sacralização do lar», noção que veiculava um ideal de conjugalidade e a sequente maternidade dentro duma sociedade católica onde imperava a «ideia de família patriarcal» (Vaquinhas, 2011): a esfera pública estava nas mãos do homem, enquanto a privada se encontrava delegada à mulher, com uma capacidade jurídica reduzida. Tal ideologia transparecia precisamente na divisão dos Trabalhos Manuais masculinos e femininos já no ensino primário, que referimos no início – para não falar do desprezo pela progressão intelectual de uma virago, visto que acarretava supostamente tanto

⁶³ V. a descrição pormenorizada de um casamento em Picão, J., 1944: 148-159.

uma traição social como uma degradação biológica no que respeita à missão feminina da maternidade (Vaquinhas, 2012).

Inserir-se nesta mentalidade estereotipada a valorização da gordura na dimensão estética patente na figura feminina, reflexo daquele ideal maternal, em especial numa época em que doença e mortalidade, emigração e despovoamento ameaçavam o país: urgia regenerar a raça (Vaquinhas, 2012). Com a mudança de século, viriam novos ideais de beleza e elegância femininas, sem nunca se perder de vista a suposta vocação da mulher para o lar, marido e filhos.

II.7.2.1.1 – Promessas de gordura

Segundo o CPP de LV, a perspectiva da engorda matrimonial alicia – embora se diga que quem não casa também come; chegam-se a escolher amores apenas para evitar a inanição, enquanto certos casamentos miseráveis podem pela fome levar a mulher a mendigar no lupanar – uma canção mirandesa de embalar refere que uma velha cantoneira⁶⁴ dará de mamar ao menino. A gordura é bem vista, e cobiçada: a raposa prefere perder a samarra a largar a pita e a pata *gordas*, e com a lande das sobreiras *engorda* o Alentejo o seu gado; o Entrudo não é só gordo: é *reepochunchudo*; quer-se amar a mulher gorda com braços gordos – certas raparigas põem dois pares de meias para aparentarem pernas gordas (v. Anexo II-7.2.1.1 Gordo e Magro: Gordo e farfalhudo).

Contudo, o excesso é desprezado: a moça demasiado *farfalhuda* é reservada pelo pai para servir de tampa duma furda; uma esposa virou uma *pandorga*⁶⁵ que não mais cabe na cama. Já as raparigas parecem preferir moços nem gordos nem magros.

II.7.2.1.2 – Magro, delgado e delicado; fino e refinado

Ao contrário da gordura, *magreza* tem conotação negativa: a mulher magra tem maldade nos ossos – se é casada resulta de ser ciumenta, se solteira é sinal de querer casar; diz-se que quem tem mulher magriça tem bacalhau para todo o ano. Já o *delgado* e a *delicadeza* associam-se ao encanto sem conotação matrimonial: a saloia tem uma cintura delgada, o campaniço⁶⁶ é um namorado delicado com cara de ouriço; o adro da igreja come corpos delicados. *Fino* e *refinado* reportam-se apenas a nível alimentar: diz-se do vinho do Douro, e da aguardente; é boa a fina papa⁶⁷ de Lisboa (v. Anexo II-7.2.1.1 Gordo e Magro: magro, delgado, fino e refinado).

II.7.2.2 – Enterro e herança

⁶⁴ Segundo Bluteau, R., 1789: «prostituta, que anda pelos cantos».

⁶⁵ «Mulher gorda, especialmente barriguda» - Houaiss, A., 2003. Cf. Camilo Castelo Branco (1975), em *Eusébio Macário*: «Queria comer daquilo tudo. Era a evolução a fazer-se da futura baronesa do Rabaçal, gorda, pandorga, gulosa» (p. 97) - Branco, C., 1975, *Eusébio Macário, A Corja*, Porto, Lello & Irmão Editores. E ainda A. Ribeiro, 1960, em *Via Sinuosa*: «nenhuma pandorga podia acusá-lo de a ter empenhado», p. 88, Livraria Bertrand, Lisboa. Na verdade, a pandorga é um instrumento musical de percussão, cuja forma remete para tal silhueta.

⁶⁶ No Alentejo, campaniço, i.e., do campo (Castro Verde e Ourique), opõe-se a serrenho (Odemira e Almodóvar) – v. Barriga, M., 2017.

⁶⁷ V. O que referimos na nota 5 em II.3.1 – Confeções salgadas.

Como refere M. Lopes (2012), nos ritos fúnebres por todo o mundo ocorre o consumo de alimentos, num rito de agregação com o propósito de iniciar o processo de luto e celebrar a vida; no caso de Portugal, este consumo variava entre a oferta duma simples bebida, como café na Meda e aguardente em V. Real, como a provisão de algum sustento para quem viera ao velório de longe, havendo ainda confecções mais substanciais, como a canja de galinha em Castro Verde – no Alto Minho servia-se mesmo a «refeição do enterro» (pão e vinho com sardinha ou bacalhau).

Também no CPP de LV o alimento marca presença nos momentos fúnebres: pede-se para se ser enterrado junto à chaminé com o braço ou a cabeça de fora para beber ou mexer o café; aquando dum falecimento os rapazes jejuarão por trinta dias; na irmandade de S. Martinho, enquanto os irmãos levam garrações, um membro será enterrado num tonel, sendo a cova de aguardente; outro amante da bebida será sepultado no adro do mesmo santo entre tonéis, com sete pães a cada lado, toucinho à cabeceira, e ainda chouriço assado. Como herança podem ficar pipas e adegas – ainda que vazias; e vinhas... sem cepas; há quem receba figas (v. Anexo II-7.2.2 – Enterro).

II.7.2.2.1 – Matar para comer e viver

Neste seguimento fúnebre, não podemos deixar de tentar perceber como a morte se reflecte no CPP através da sua dimensão de fornecedora de bens alimentares, especialmente no seio duma comunidade que convive diariamente com quanto cria, tendo em vista satisfazer a finalidade gástrica da cultura: suprir necessidades físicas – se bem que acabem por colmatar outras necessidades simbólicas e espirituais.

A comida não é gratuita: se se semeia para se *ceifar* e se se planta para *colher*, também se *mata* para comer. O porco será *morto* para o lavrador ter rojões e haver fartura de carne; *decapita-se* o Entrudo, e *depenam-se* os galos que acabam na panela; o caçador *atira* com a espingarda tanto a pombas, rolos, perdizes e algarivões, como a lebres, coelhos e patos (*caça-se* ainda com laço e rede); *pescar* também é matar, à mão ou com anzol. A crueza está de tal modo entranhada no dia a dia que uma rapariga pede a S. João um marido, mesmo que a *mate* e *esfole* como um animal – diz-se que *as mulheres são para os açougues*. A água mata a sede e o vinho mata as lombrigas. Os remédios da botica também chegam a matar mais do que males. Na dimensão religiosa, o fruto proibido que foi comida virou ferro que a todos mata (v. Anexo II-7.2.2.1 – Matar, caçar e pescar).

Porém, repare-se que *caça* e *pescar* têm conotação amorosa, e muitos amantes podem ficar tanto presos ao anzol como mortos, acabando até por matar o seu par – os namorados matam-se com beijinhos; atirar as laranjas amorosas pode resultar em mortos (v. Anexo II-7.2.2.1 – Matar, caçar e pescar: anzol, isco, pescador e amañhar).

Apesar da recorrência, a morte não passa despercebida, nem acaba por insensibilizar: o falecimento de bois, um chamado Capote e outro chamado Ramalhete, é lamentado em quadras, o que revela afeições humanas pelos animais graças aos quais os seres humanos garantem o sustento. Por outro lado, o facto de se ter de recorrer à morte para se continuar a viver, apesar de se incorrer em bestialidade, também convida à exploração da dimensão metafórica de tal acto, conferindo-lhe maior profundidade e alguma espiritualidade, na medida em que permite pôr a vida em perspectiva e visualizar algumas situações do dia a dia por esse panorama. Resulta ainda de certo modo terapêutico, pois ao se *falar* sobre a morte e

ao se deixarem extravasar sentimentos de fúria com palavras, alivia-se o espírito, que poderia lançar mão à faca para se expressar, fazendo prevalecer um estado de fúria irracional.

Refira-se que a facilidade com que a violência irrompe e a agressividade latente eram «traços comuns às sociedades rurais» do séc. XIX, segundo I. Vaquinhas (1992: 146), atravessando todos os estratos sociais, independentemente de se ser homem ou mulher. A violência enquanto linguagem da transgressão era «um dos elementos dinâmicos e estruturadores das relações sociais» (Vaquinhas, I., 1992: 163), e recorria a «gestos e palavras, agressões e injúrias» (Vaquinhas, I., 1992: 148) – o que se reflecte sem dúvida em muitas quadras do Cancioneiro, corroborando a força verbal da oralidade, que abordaremos de seguida⁶⁸.

II.8 – Dimensão literária, linguística e sonora da alimentação

Temos procurado constatar como o universo alimentar no CPP se reveste de uma componente literária. Mas, para além dela, esse universo assume-se sonoramente como uma utilização linguística particular, com consistência e substância suficientes para lhe prestarmos atenção neste subcapítulo, que iniciaremos com a abordagem do metaforismo nas ideias e imagens veiculadas, para depois nos debruçarmos especificamente sobre a componente sonora.

II.8.1 – Dimensão literária e linguística

Anatomia alimentar: boca, dente, língua, barriga e estômago, tripas

Há uma *anatomia* do corpo humano que no CPP se reporta de modo relevante à alimentação: *boca, dente, língua, barriga, estômago* e *tripas* são componentes fisiológicos que raramente se ficam pelas funções alimentares.

A *boca* diz-se que é comedeira – nela se põe a comida e a bebida, por vezes ficando cheia; também se põe a boca na fonte ou na boca da amada para beber, sendo da boca que se depenicam beijos como a perdiz depenica seixos; a boca lava-se com vinho; a amada tem boquinha de açúcar e mel; o menino Jesus tem uma boquinha sem fel, de marmelada, de requeijão, e de sangue e leite – já a boca do Senhor está cheia de fel amargoso para curar; põe-se sal na boca aquando do baptismo; a quem se quer mal deseja-se que lhe rebente a boca ao comer um figo; pela boca entra veneno, e pela boca morre o peixe; é na boca que raposa e lobo levam o que caçaram; a boca da terra come pessoas; a boca do morto deve ficar de fora para poder tomar café – pode ser também a *língua*; alguém gostaria de pôr pimenta na língua da menina que escarmenta (v. Anexo II-8.1 – Anatomia Alimentar: Boca).

Pelos *dentes* é passada a galinha para chegar à barriga; deseja-se ser o primeiro a ferrar o dente no pão que vai cozer; criar ferrugem nos dentes é passar fome; sabe a pouco quando a comida e a bebida cabem na cova do dente; prefere-se a saúde dos dentes à do cabelo; água fria e castanha quente dá cabo daqueles; a sogra chega a dar uma *dentada* no genro antes do casamento (v. Anexo II-8.1 – Anatomia Alimentar: dentes).

Na *barriga* acaba a comida – sem comida ela dói e dá estalos; anda vazia pela noite das janeiras, e vazia permanece enquanto a malga estiver cheia; gostaria de se ter sete barrigas

⁶⁸ V. Neto, M., 2010, *O Universo da Comunidade Rural – Época Moderna, parte II – Violências do Quotidiano*, CHSC – Centro de História da Sociedade e da Cultura, Terra Ocre, Coimbra, p. 93-115.

para beber vinho; ela anima-se ao saber que já se acendeu o forno; ter barrigada é comer com fartura; o encanto para certo namorado está ao fundo da barriga, e o *estômago* dói a alguém por causa do boleco da padeira; quando se vê o amado as *tripas* revolvem-se (v. Anexo II-8.1 – Anatomia Alimentar: barriga e tripas).

Aspectos alimentares, portanto, afloram repetidamente numa dimensão literária, conferindo ao quotidiano rural um paladar mais requintado que se saboreia com gosto. No seguimento da anatomia que referimos, certas metáforas alimentares com referentes do corpo humano são dignas de ser constatadas (v. Anexo II-8.2 – Dimensão Literária da Alimentação).

O *rosto* pode ser de amêndoa branca. Certo homem tem *cabeça* de boi bravo, outro tem-na de vinho. Há muita *cara* variada: de cereja e limão, de maçã, leite coado, de porca, chafardel⁶⁹, sardinha crua ou frita, de faneca ratada e de ouriço. Os *olhos* podem ser de verde limão, amora ou azeitona preta, milho miúdo, coelho manso, touro moreno, porco montês, e de caçadora – também se diz que são marmelos, confeitos, bagos de pimenta, trigo na eira, sardinha frita, peixes, e até bichinhas vivas. Há *boca* de pampilo choco, e outra de charroco com *beijos* de apanhar farelo – a boca é ainda um jardim, sendo um cravo cada dente (dentes podem ser também milho miúdo). O *nariz* diz-se abatado. Há quem tenha *gargalo* de ametolia, e há quem tenha *pernas* de galo assado – existe *andar* de rola, e *passos* miúdos como a folha do poejo ou do codesso. *Mão* vira colherão para remexer as papas no caldeirão. Chegam a existir metamorfoses completas, como quando o abade vira galo que sai da capoeira a cantar.

Outras comparações e metáforas

Fora do âmbito anatómico, existem simples termos carinhosos e insultuosos, sementes de comparações e metáforas, inspirados no mundo da alimentação: pé de cereja, ginga ou de cabra; moreninha da cor do alvarelhão, uma casta de uva; pera podre; pinto choco e pintainho de vintém; guardanapo de estalagem; calcanhar de frigideira; papa-açorda e alimpa barranhões⁷⁰; barbas de chibarro velho, de galinha choca, de raposa, de peneireiro e de farelo (v. Anexo II-8.3 – Comparações e Metáforas: termos carinhosos e insultuosos).

Essas meras sementes germinam em versos e por vezes em quadras completas, onde se desenvolvem, surgindo maioritariamente no contexto amoroso: o amor é uma tigela, uma colher de pau e uma mistura de batatas e bacalhau; amores de Além Mondego são como fruta sombria que não tem gosto; amores ao pé da porta são como os pintos de inverno, que andam sempre a piar; os amores da azeitona são como o tremoço; o coração é uma terra lavrada com desejos de se falar com quem se ama; os amantes enxertar-se-ão um no outro ligando palma com palma e o coração à raiz da alma. Como uma azenha anda e outra desanda no peito: assim é o bem-querer; como a amora nasce da silva: assim o amor nasce da alma; como se agarra o perdigão no laço: assim se agarrará uma menina. Tragicamente materialista é a visão de que quem nasce sem ventura é como o prato quebrado que se atira para a rua. Por fim, dum modo entre o literário e o ordinário na ilha de S. Miguel refere-se o coito como o acto de

⁶⁹ Pode significar tanto «biltre» como «rebanho» – v. Viana, A., 1906: 278.

⁷⁰ V. o que referimos em II.6.2.1 – Recipientes de sólidos.

comer a isca e sujar o anzol no nascer e no pôr do sol (v. Anexo II-8.3 – Comparações e Metáforas: amor).

Por vezes, este discurso metafórico incide especificamente no género feminino: o amor da mulher é como o da galinha, e o coelho é como a moça solteira; a amada é como a tangerina que apodrece de madura, sendo por fora beleza e por dentro doçura; cama sem rapariga é como caldo sem pão; oliveira verdeal não medra em terra fria como menina casada fora da terra; a castanha resta grave no ouriço como a solteira na flor da idade; se os beijos espigassem como o alecrim as raparigas teriam a cara como um jardim; como a folha da oliveira estala no lume: assim o coração quando não fala com o seu amor (v. Anexo II-8.3 – Comparações e Metáforas: mulher, rapariga e solteira).

Por outras vezes, incidem as comparações no género masculino: como o alecrim se torce com o vento: assim o amado tosse quando passa pela namorada; as palavras do amado são como as cerejas belas; o rapaz anda atrás da rapariga como a pera atrás do ramo; os rapazes de agora são como os figos corigos, ou ouriços chochos, ou pão bolorento; o amor dos homens dura pouco, como a galinha quando no choco; esse amor é como o fermento que ao oitavo dia fica bolorento; como os pratos na prateleira tilintam: assim o rapaz quando junto da amada (v. Anexo II-8.3 – Comparações e Metáforas: homem, rapaz e solteiro).

Canto e fala, a palavra

Fora da temática amorosa, é recorrentemente explícita a relação entre alimentação e comunicação verbal na sua forma oral.

Se por um lado se canta para obter comida tanto no dia de Todos os Santos como pelo Natal, até à porta do prior para se receber as alvíssaras; por outro lado canta-se porque se tem comida e se quer festejar. Têm-se não só livros, mas sacos e cestas cheias, costais⁷¹, taleigadas e rasas repletas de cantigas, que ratos e formigas podem roer; por vezes mete-se num grão de cereal a cantiga do outro, quando não no forno e no assadeiro. O gargalo de *ametoila* de um confere elegância irónica ao seu canto; já o alqueire de farelo que vale a voz de outro deixa expressivamente claro o desprezo; quando a rapariga canta bem acaba por caçar um peixe-rapaz, e errar uma cantiga é como o errar do caçador – o remate da cantiga é o tempero que vai fazer saber melhor o caldo de galinha (v. Anexo II-8.4 – Canto, Fala e Palavra: cantar e cantiga).

Canta-se para dar gosto, como para fazer passar a fome; canta-se para alegrar, já que a tristeza nunca deu de comer a ninguém; por vezes um mal-estar inibe o canto, como uma dor de dentes ou de barriga. Há alimentos que alteram a voz para melhor e para pior; sem vinho muitos não cantam: bebê-lo faz cantar bem, tal como comer marmelada; com uma lima lima-se a garganta, e com água canta-se como o rouxinol, ou enrrouquece-se – até a fonte se diz que canta há muitos anos, tendo mantido o seu cantar de menina.

Enquanto se trabalha no campo canta-se, enquanto se dá de mamar; canta o taberneiro como o pastor, o lavrador e a moleirinha, canta-se na segada e na masseira, canta-se durante as britadas dos pinhões, e pelo S. Martinho não faltam canções; canta-se ao jantar e à ceia aos amos; até Jesus pelo Natal canta a missa nova com o cálice – rezar é uma forma de cantar que Deus concedeu aos homens para se livrarem de pestes e fomes, e as mezinhas no CPP podem

⁷¹ V. o que referimos em II.6.2.1 – Recipientes de sólidos.

ir além de cantos e modulações de palavras, quando aliadas à teatralidade dos gestos (como no caso das benzuras do pão nos vários momentos da confecção).

A força ilocutória da palavra (Nogueira & Semik, 2017), quando a fala se transforma em acto, ganha contornos interessantes no âmbito alimentar graças à substância da palavra numa *dupla acepção*: enquanto *símbolo* do referente encerrado nesse *signo* linguístico, que acaba por substituí-lo na ausência deste, fazendo-o comparecer desde a memória; e enquanto *som físico*, que ganha materialidade sonora quando é pronunciada – tão saboreada pela poesia sonora⁷². É esta duplicidade que transparece no CPP, especialmente no contexto amoroso: amor é uma palavra doce, como o nome próprio de quem se ama é doce; a fala do amado é mais doce que o açúcar – os homens têm um favo de mel na boca, ainda que rosaltar no coração. A palavra doce é um condão que Deus deu ao ser humano – para alívio, e para engano. Por vezes ouvir o amado faz estremecer a moça, quebrando-se-lhe o cântaro – esteja ela a comer e por tal fala poder-se-á engasgar. Também as bicas do chafariz lembram as falas do amado; e como se pede à árvore o fruto: pede-se ao amor uma fala (v. Anexo II-8.4 – Canto, Fala e Palavra: Palavra).

II.8.2 – Dimensão sonora: a substancialização da palavra

Estudos recentes de vários autores (A. Canesqui, R. Carvalho, A. Crisinel, K. Knöferle, M. Kontukoski, C. Spence, Q. Wang, entre outros) na psicologia acústica aplicados à gastronomia demonstram que o som tem uma dimensão material que afecta as percepções e as sensações que decorrem durante o processo alimentar positiva e negativamente – dimensão essa que é explorada a nível terapêutico no método Tomatis enquanto vibração estrutural (mas não só). Sabemos que o CPP resulta de uma recolha de composições orais, onde o som é a materialização de conteúdos culturais que afloram no seio dum povo maioritariamente analfabeto. Vemos como a alimentação nas suas diferentes acepções é um tema que ocorre com frequência neste cancioneiro; também vemos que existe uma noção do valor do som e da modulação musical das palavras, e que por vezes palavra e som se metamorfoseiam em alimento e medicamento. Somos assim levados a reflectir na existência, paralela ao universo alimentar enquanto *base material*, de uma dimensão onde os alimentos se *desmaterializam*, conferindo outras dinâmicas a esta relação entre comida e canção popular.

Verbalizar, enquanto necessidade que aparta e congrega, que harmoniza e segrega os membros de uma comunidade rural, criando ainda intimidade mas igualmente intimidando os jovens do sexo oposto, assemelha-se à urgência que o ser humano tem de alimentar-se, partilhando entre si certas características. A *palavra* vira *comida* linguística tanto simbólica como sonora: quando metamorfoseia o corpo em alimentos e quando transforma alimentos em partes do corpo (como nas metáforas que acabámos de ver), ou aquando da bênção do pão no forno, como se só se rezando ele crescesse e cozesse.

Mas a *comida* também toma a dimensão *linguística* de palavra quando vale por si mesma, simbólica e materialmente, nos diferentes momentos: nos momentos profissionais (quando a vendedeira mais do que apregoar galinha e ovos carrega-os pelas ruas); nos momentos sociais

⁷² No caso português por Américo Rodrigues, actual Director-Geral das Artes.

(quando a filha recebe como dote dos pais objectos de cozinha e animais); e nos momentos íntimos (quando o António oferece à rapariga um lenço cheio de nozes na intenção de casar).

A chamada *voz da comida* (Amon & Maldavsky, 2007), que o alimento adquire quando é usado como meio de comunicação, tem de facto uma *base vocal*, porque, enfim, existem palavras para denominar os alimentos. O esporádico casamento, o funeral pontual, a missa católica, as práticas supersticiosas que roçam no paganismo, a par dos recorrentes festejos anuais que vimos: têm sob si estendida uma toalha sobre a qual se serve a *refeição* indicada a cada um. Essa refeição pode ser *acompanhada* pela canção popular, quando há algo de facto sobre a mesa para se comer, e é celebrado (como quando se recebe pelas janeiras o que se pretendia). Mas também pode ser *evocada*, quando a comida não está presente, dando azo a injúrias a quem nada ofereceu pelos Réis, ou então despoletando a expressão do desejo fantasioso da sua chegada, como a ponte de filhoses do Entrudo, ou o planeamento rigoroso (e delicioso) do festim no futuro funeral. Repare-se como nesta última acepção dá-se a entender que a morte ao menos trará tal consolação alimentar tanto a quem é enterrado como a quem enterra.

Deste modo resulta possível à *palavra* ganhar a substancialidade de *alimento material*: o alimento enquanto referente desmaterializa-se aquando da sua transformação em palavra (signo) e som: é o que acontece quando dizemos a palavra «pão», porque conhecemos sobejamente aquilo a que se refere. Ora, esta desmaterialização da *comida*, o bem mais material da existência, é precisamente o que permite aquela *substancialização* da palavra em que o alimento se transformou. A palavra torna qualquer comida acessível em qualquer lugar em qualquer momento pela evocação: clamar pelo garrafão aquando da malha é fazê-lo comparecer ao espírito, e também dessedentar-se pela imaginação – até que chegue, ou não.

A palavra também possibilita metamorfoses alimentares do que não passava de emoções e sensações: quando se deseja que o mar seja de requeijão, não se transforma propriamente o oceano num leito de coalhada, mas no espírito a espuma das vagas confunde-se com a brancura do leite coagulado, e a sensação ondulante de inquietação sossega-se com tal materialidade familiar.

Aprofunda-se assim a dimensão simbólica da *voz da comida*, pois deste modo a comida, mesmo não estando presente, ao ser evocada por palavras mantém-se como meio de comunicação social, no sentido etimológico de *comunicar*: de pôr em comum o alimento, que os membros da comunidade conhecem do quotidiano, através do som, esse signo linguístico arbitrário, que essa comunidade aceita como substituto verbal de algo de concreto. Enquanto católicos surge-nos na mente o momento em que o sacerdote consagra hóstia e vinho através de palavras: enquanto articula sons o padre logra tanto transsubstanciá-los em carne e sangue de Cristo, como consegue dotar as palavras *pão* e *vinho* de substância suficiente para alimentar o ouvido do crente, cuja fé ganha força porque conhece do quotidiano o que é pão e o que é vinho, relacionando os objectos concretos com esse signo verbal que é proferido numa cerimónia.

Outra prova desta espécie de sinestesia verbal com base alimentar reside no mel: diz-se que se gosta desde criança do nome Daniel porque se encontra nele a doçura do favo de mel. Pela assonância (neste caso rima) dá-se uma transferência da qualidade dum alimento para um referente diferente, operando-se a transformação de um sabor num sentimento de amor. Pensemos igualmente na acidez da laranja (e do limão), e em como se presta perfeitamente à

acidez do amor, com o seu quê de travesso e agridoce. A laranja, após ser usada uma e outra vez no contexto amoroso, acaba por dar ao amor um sabor citrino; mas ao mesmo tempo a própria laranja evocará sentimentos amorosos cada vez que for saboreada numa espécie de jogo psicológico e de condicionamento reflexo.

O rudimento do alimento permite refinar sentimento e pensamento do indivíduo e até da sociedade quando se criam estas interrelações entre referente, signo e som, interrelações que refinam por sua vez o tal alimento inicial, dotando-o de algo mais, enriquecendo-o, tornando-o substancial. Acresce a esta desmaterialização da comida o facto de, uma vez transposta para o universo sonoro, poder ser temperada e destemperada pela prosódia em mil e uma variantes, tão caras tanto à arte dramática, como à retórica e à própria psicologia (cf. Rodrigues, A., 2007) – e, naturalmente, a uma sociedade rural cuja cultura se actualiza e perpetua de modo oral (cf. Nogueira, C. & Semik, V., 2016).

II.8.3 – Etimologia alimentar

No seguimento da valorização da palavra, e para concluirmos esta secção II, debruçar-nos-emos sucintamente sobre etimologias alimentares. No CPP estão presentes topónimos, nomes próprios e comuns, e ainda adjectivos que etimologicamente guardam relação, uns mais antiga do que outros, com a nossa temática (cf. Amaral & Seide, 2020; Rocha, 2017; Machado, 2003). Não sendo uma listagem exaustiva, apresentamos no anexo referido as que lográmos detectar.

Os topónimos são os mais abundantes (v. Anexo II-8.6 – Etimologia Alimentar: topónimos). A sua temática varia entre animais (Zebreira, do antigo *zebro* ibérico, e Côa, de *porco* ou *javali*), cereais (Panóias, de *pão*, e Abrantes, de *branza*), frutos (Mértola, de *mirtilo*, e Melides, de *mel*), plantas (Loredó, de *loureiro*, e Argozelo, de *rosmaninho*), líquidos (Anadia, de *água nativa*, e Couço, *cálice*, enquanto levada para o moinho), profissões (Soeira, de *porqueiro*, e Jagueiros, de *jugadeiro*), e topografia (Raposeira, com o sentido de *pastar*, e Gelfa, de *pastagem*), para além de outras difíceis de catalogar e que submetemos com os títulos *comida* (Lardosa, de *lardo*) e *diversos* (Tinalhas, de *tina*).

Quanto aos nomes próprios e alcunhas: encontramos também animais (Cabral e Coelho), plantas (Oliveira e Limoeiro), alguns objectos (o Gadanha, o Pipa) e outros temas *diversos* (Horta e Fonte). A nível de nomes comuns e adjectivos, sobressaem várias cores (cor de açafraão e cor de mel), não sendo *acastanhado* e *encarnado* de desprezar; sonoras e expressivas são as *ramalhudas* sobranceiras e o *repolhudo* manjeriço.

II.8.6.1 – Ocupações e verbos

Apresentamos ainda no anexo referido uma listagem das diferentes ocupações que se relacionam com o universo alimentar, bem como acções reportadas a esta temática sob a forma de infinitivo verbal (v. Anexo II-8.6.1 – Ocupações e Verbos).

Assim, entre as profissões que tratam directamente com a alimentação, encontramos, para além cozinheira, também a leiteira e a sardineira, referidas apenas no género feminino, havendo outras com variação de género, tais como a vendeira, a moleira e a aguadeira. Há

ainda a vareira/varina, a tricana, a vencelheira⁷³, a segadeira, a sachadeira, a regateira e a apanhadeira, para além do boieiro e do ganhão, do ceifador e do lavrador, do loiceiro e do paneleiro, do quinteiro e do varejeiro, entre outros.

Das inúmeras acções que relevámos dentro do CPP, umas incidem sobre a confecção, como adubar (no sentido de temperar), amassar, cortar, levedar, derreter (sal), enfarinhar, ferver, migar e retalhar; outras sobre a deglutição, como aviar, atacar-se de fruta, chupar, engolir, petiscar, provar e ratar; outras ainda sobre a agricultura, como grelar, pastar, respigar, sachar e semear; e outras mais genéricas, como caçar, chocar, talhar (doença) e untar.

Cumpriria num estudo mais aprofundado dar conta dos contextos em que ocorrem, pois embora se refiram a actos concretos não deixam por certo de estar inseridos numa *canção* onde tantas vezes se vai além do directo e ostensível, procurando exprimir-se algo mais.

⁷³ V. Silva, D., 1944: 649, «Vencilho – Aveiro – atilho de colmos de cereais praganosos ou de vime, com que se atam os molhos de ervas, etc.».

SECÇÃO III – GÉNEROS ALIMENTARES**III - Introdução**

Nesta terceira secção abordamos os géneros alimentares explicitados no CPP (v. tabela 6). Dividimo-los em cinco grupos: *Vegetais*, nome genérico para ervas, arbustos, legumes da horta, flores e árvores; *Animais*, onde se incluem animais terrestres, marítimos e outros; *Frutos*, que surgem a par das respectivas *Árvores de Fruto*; *Bebidas*, onde constam água e vinho, entre outros; e *Cereais*, onde se inclui o pão.

Tabela 6: N° de referências a géneros alimentares por tipologia (por ordem decrescente)

N° ordem	Tipologia	N°	%
1	Vegetais	1063	21,3%
2	Animais	1042	20,9%
3	Frutos	1000	20,0%
4	Árvores de fruto	839	16,8%
5	Bebidas	615	12,3%
6	Pão e cereais	433	8,7%
	Total	4992	100,0%

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

A presente ordenação pauta-se por um critério estatístico (patente nas tabelas): seguimos a ordem decrescente do número de referências a cada grupo em relação aos demais, critério que se espelha por sua vez dentro de cada grupo. Com tal não pretendemos dizer que os últimos grupos sejam os menos relevantes – julgamos que todas as referências constatadas são relevantes, carecendo de interpretação dentro dos respectivos grupos e em relação aos outros.

Talvez haja que compreender estes dados levando em conta que, embora no conjunto haja grupos com maior destaque, também nos menores se encontram bens com elevado número de referências, sendo preferível propor outra tabela, muito mais extensa, onde constem por número de referências todos os géneros alimentares. Apresentamos, pois, na tabela 7 uma versão com os 25 primeiros géneros, relegando para o anexo III-1 - Lista Completa Géneros Alimentares a listagem completa. Nesta tabela 7 surgem géneros de todos os seis grandes grupos, com destaque para as frutas (7) e árvores de fruta (4) e animais terrestres (5). Ressaltam a par dos bens essenciais, como água, vinho, pão e ainda o azeite (se o considerarmos sob a forma de oliveira), outros variados, como frutas, plantas e animais. Cabe perguntar o porquê do destaque destes últimos três.

Tabela 7: N° de referências a géneros alimentares específicos (por ordem decrescente)

N° ordem	Tipologia	Designação	N°
1	Bebida	Água	284
2	Animal terrestre	Pomba	271
3	Árvore de fruto	Oliveira e olival	200
4	Bebida	Vinho	188
5	Cereal	Pão	184
6	Animal terrestre.	Galináceo	168

7	Fruto	Limão	151
8	Árvore de fruto	Videira e outros	135
9	Arbusto	Loureiro	119
10	Árvore de fruto	Pinheiro e outros	118
11	Fruto	Laranja	113
12	Animal terrestre	Caprino e ovino	108
13	Animal terrestre	Bovino	99
14	Diverso	Peixe	98
15	Arbusto	Alecrim	90
16	Fruto	Castanha e ouriço	83
16	Cereal	Trigo	83
17	Fruto	Azeitona	82
18	Fruto	Uva, cacho, bago	80
19	Fruto	Salsa	71
20	Árvore de fruto	Laranjeira e laranjal	69
21	Fruto	Maçã	67
22	Fruto	Pera	66
23	Animal terrestre	Rola	65
24	Cereal	Milho	61

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Talvez haja que ver estes dados à luz das relações entre concreto e metafórico, entre o material e o simbólico: por um lado os alimentos são para ser comidos e digeridos pelo corpo; por outro acabam por ser ingeridos também pelo espírito, que se apropria do mundo pelas dimensões metafóricas, com que exprime a sua maneira de ver e viver. Daí que pombas e pombos surjam com tanta abundância, tal como limões e laranjas – para não falar da água: as conotações amorosas que adquirem são frequentíssimas, e estas são as que importa cantar, ou não fosse o amor provavelmente o tema mais frequente na arte. Assim, as referências a bens supostamente secundários repetir-se-iam não porque importasse tanto celebrar tais alimentos por si, mas expressar algo que vai além, algo que inspiram e deixam transparecer, algo que convidam a aflorar tanto ao coração como aos lábios, relegando para segundo lugar o estômago.

III.1 Vegetais

Na flora portuguesa existem à volta de 3800 espécies, 500 das quais são aromáticas ou medicinais (Figueiredo, Pedro & Barroso, 2014). Assim, não é de estranhar que, pela variedade, os vegetais reclamem o primeiro lugar estatístico quando agrupados em cinco classes (v. tabela 8). Julgámos os frutos e respectivas árvores dignos de constar num lugar só deles, devido à quantidade de referências e dado o que referimos anteriormente.

Tabela 8: N° de referências a vegetais (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%
1	Ervas	290	27,3%
2	Arbustos	351	33,0%

3	Flores	187	17,6%
4	Legumes da Horta	156	14,7%
5	Árvores	79	7,4%
	Total	1063	100,0%

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Em vários vegetais aduzimos usos tradicionais portugueses (alimentar, medicinal, pontualmente veterinário) não explicitados no CPP, baseando-nos na consulta de bibliografia específica. Uma vez que estas obras reportam muitas vezes os mesmos usos, e de modo a evitar repetições excessivas ao longo do texto na sua referência, remetemos para esta nota⁷⁴ a sua listagem (os títulos completos encontram-se na bibliografia final). Salientamos o facto de muitos vegetais terem sido e todavia serem alvo de exportação e importação (cf. Mateus, E., 2014).

A par desses usos utilitários, destaca-se também a simbologia – p. ex.: couves são arrependimento; beldroegas: ciúme; silva: prisão; alfádega: saudades; hortelã, salsa e goivos significam esposados.

III.1.1 – Ervas

Relevámos 39 ervas com propriedades de interesse para a nossa temática (v. tabela 9). Nem sempre resulta claro a que planta se refere a denominação popular: p. ex. confundem-se diferentes plantas sob o nome *rabaça*. Ainda que se destaque a salsa, muitas ervas acabam apenas por marcar presença. Verificamos que na maior parte são referidas menos pela utilização do que pela componente simbólica, deixando entrever um uso verbal metafórico que supera o pragmático real, ainda que aquele simbolismo secundário só exista graças a esta utilidade primária. Refira-se ainda que na bibliografia consultada foram referidas com frequências utilizações supersticiosas, que por vezes transparecem nos próprios textos.

No Anexo III-1.1 – Ervas apresentamos as diferentes referências a cada erva nas quadras do CPP, enquanto no Anexo IV-1.1 listamos os concelhos onde aquelas surgem.

Tabela 9: N° de referências a ervas por concelho e província (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%	N° concelhos p/ Província
1	Salsa	71	24,5%	7/Minho, 7/Douro Lit., 7/T.M. e A. Douro, 4/B. Alta, 4/Alg., 3/B. Baixa, 3/A. Alent., 2/B. Alent., 1/B. Lit., 1/Ilhas Adj.
2	Rosmaninho	23	7,9%	5/B. Alta, 2/TMAT, 2/B. Lit., 1/Minho, 1/B. Baixa, 1/Estrem., 1/A. Alent., 1/Alg.
3	Erva-cidreira	17	5,9%	3/Minho, 2/Douro Lit., 1/T.M. e A. Douro, 1/A. Alent., 1/B. Alent.
4	Urtiga	16	5,5%	3/B. Alta, 2/Minho, 1/Douro Lit., 1/B. Baixa, 1/B. Lit.,

⁷⁴Alves, A., Ramos, M. & Carvalho, A., 2010; Cabral, C., Pita, J. & Salgueiro, L., 2014; Carvalho, A., 2007; Carvalho, A., Martins, M. & Frazão-Moreira, A., 2007; Carvalho, A. & Ramos, M., 2012; Carvalho, F., 2018; Cunha, A., Ribeiro, J. & Roque, O., 2017; Esteves, A., 2015; Ferrão e Liberato, s/d; Figueiredo, A., Pedro, L. & Barroso, J., 2014; Figueiredo et al., 2013; Freitas, F. & Mateus, M., 2013; Gerhardt, M., 2013; Henriques, F., 1731; ICN, 2006; ICNF, 2016; Lobo, G., 1824; Mateus, E., 2014; Matos, A., 1991; Medronho, J., 2015; Neto, F. & Simões, M., s/d; Neves, J. et al., 2008; Moura, M., s/d; Oliveira, E., 2015; Pereira, A., 2007; Pinto, S., 2018; Pinto J. & Pernes S., 2010; Rego, E., 2012; Rodrigues, J., 2006; Rodrigues, J., 2002; Rodrigues, J., 2001; Romano, A. & Gonçalves, S., 2015; Salgueiro, L., 2007.

				1/Estrem.
5	Hortelã	14	4,8%	3/Douro Lit., 3/T.M. e A. Douro, 1/A. Alent.
5	Manjerico	14	4,8%	2/Estrem., 1/T.M. e A. Douro, 1/B. Alta, 1/A. Alent., 1/Alg.
6	Manjerona	13	4,5%	2/Douro Lit., 1/B. Lit., 1/A. Alent., 1/Estrem., 1/Alg.
7	Marcela	11	3,8%	3/Douro Lit., 3/Minho, 3/B. Baixa, 1/B. Alta, 1/Estrem.
7	Rabaça	11	3,8%	1/Minho, 1/B. Alta, 1/B. Alta, 1/A. Alent., 1/Alg.
8	Mentrasto	10	3,4%	2/Minho, 1/Douro Lit., 1/T.M. e A. Douro, 1/A. Alent., 1/B. Alent.
9	Arruda	8	2,8%	3/Douro Lit., 1/Minho, 1/TMAT, 1/B. Lit.
9	Poejo	8	2,8%	2/A. Alent., 1/Douro Lit., 1/B. Alent.
9	Sargaço	8	2,8%	1/Minho, 1/Douro Lit., 1/T.M. e A. Douro, 1/B. Alta
10	Salva	7	2,4%	1/Minho, 1/T.M. e A. Douro, 1/B. Alta
11	Coentro	6	2,1%	2/Minho, 1/T.M. e A. Douro, 1/B. Alta, 1/Rib., 1/A. Alent.
12	Cizirão	5	1,7%	2/A. Alent., 1/Minho
13	Erva-doce	4	1,4%	2/Douro Lit., 1/Minho, 1/Ilhas Adj.
14	Agrião	3	1,0%	1/T.M. e A. Douro, 1/B. Alent.
14	Balanco	3	1,0%	1/B. Alta, 1/Estrem.
14	Carapeto e pilrito	3	1,0%	2/B. Alent.
14	Cardo	3	1,0%	1/Minho, 1/ T.M. e A. Douro
14	Erva-mate	3	1,0%	1/A. Alent.
14	Ervilhaca	3	1,0%	1/B. Alta, 1/Estrem., 1/A. Alent.
14	Saramago	3	1,0%	1/B. Lit., 1/A. Alent.
14	Tormentelo	3	1,0%	3/Minho
15	Acintro	2	0,7%	1/Douro Lit.
15	Beldroega	2	0,7%	1/Douro Lit.
15	Berbasco	2	0,7%	2/Douro Lit.
15	Junça	2	0,7%	1/Minho
15	Orégão	2	0,7%	1/Douro Lit., 1/A. Alent.
15	Segurelha	2	0,7%	1/Minho, 1/Douro Lit.
16	Borragem	1	0,3%	1/Douro Lit.
16	Cicuta	1	0,3%	s/i
16	Douradinha	1	0,3%	1/A. Alent.
16	Erva-do-monte	1	0,3%	1/Minho
16	Erva N^a Senhora	1	0,3%	1/Douro Lit.
16	Feto	1	0,3%	1/Minho
16	Miomendro	1	0,3%	s/i
16	Unha-gata	1	0,3%	s/i
	Total	290	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Salsa é para dar gosto; usa-se nos ovos; vende-se aos molhos; um ramo dela tempera. Há um sumo de salsa; e dar água por um ramo ou da raiz é envenenar (usa-se juntamente com raiz de morangueiro para a prisão de ventre – Rodrigues, J., 2002). Conota-se com saudade, traição, crueza – contudo, salsa crua é elogioso. Tem conotações amorosas. De Olivença encomendou-se salsa. Tradicionalmente é usada como infusão para secar o peito após o período da amamentação, tendo também propriedades diuréticas.

O *rosmaninho* é o rei das flores. Dá-se de beber do seu sumo. Com as flores roça-se a talha. É usado em rezas. Apresta-se a metáforas amorosas: não há rosmaninho sem flor, como solteira sem amor e casada sem ciúme; arrancar o rosmaninho é não amar mais. Usa-se para constipações sob a forma de chá, servindo ainda para prevenir a queda de cabelo; queimado serve para desinfectar o curral.

Há *erva-cidreira* tanto no valado como na varanda e no altar. Tem propriedades medicinais, e é apreciada pelo gado. Com ela faz-se uma cama para o S. João Batista. Chama-se à amada raminho de erva-cidreira. Em Vila do Conde apanha-se junto ao cais da Ribeira.

A *urtiga* apanha-se junto ao ribeiro, e tem propriedades medicinais⁷⁵. Cai-se para as urtigas por causa do amor. Os estudantes de Coimbra comem urtigas para darem o dinheiro às raparigas. Vilar Seco e Vila de Mós são terra de urtigas; Almendra dá ortigões.

Diz-se que a *hortelã* é para as couves, como a salsa para os ovos; vende-se às mancheias; remete para crueza e falsidade, embora signifique esposados juntamente com salsa e goivos; hortelã e salsa, aliás, aparecem aparelhados com frequência em contextos amorosos de difícil interpretação. Usa-se chá de hortelã para tratar lombrigas, servindo ainda para acalmar dores de cabeça e de estômago. Também se usa para condimentar confecções.

Manjerico e *manjeriço* confundem-se. Plantam-se no vaso, à janela. Com conotações amorosas. Os da Andorinha cheiram a manjeriço; Ribaldeira é um manjerico, Porto um manjeriço.

Manjerona acompanha as referências ao alecrim. Presente em capelas em Mangualde e Castro Verde. Tem conotação amorosa. Alivia a digestão, sendo usada em enchidos e saladas.

A *marcela* tem uma dimensão religiosa: serve para varrer capelas; o seu cheiro perfuma as celebrações. Resulta num bom leito para os namorados. O seu chá alivia a má disposição.

A *rabaça* bandeja-se viçosa como a moça quando se penteia. Tem também sentido negativo: rebenta com quem a come; e chama-se rabaceira a quem come fruta do chão. É usada para saladas.

O *mentrasto* tem uma dimensão amorosa. Apresenta propriedades medicinais, aliviando a irritação provocada pelas urtigas e a dor de dentes.

A *arruda* delata-se pelo cheiro. Simboliza arrufos de namorados. Amarga ao dar-se de beber. Tem propriedades supersticiosas ao afastar as bruxas, servindo ainda para desinfectar o curral. Como chá alivia da má disposição. Por aumentar as contracções do útero, deve ser evitada pelas grávidas (Cunha, A., Ribeiro, J. & Roque, O., 2017) – tratava-se de uma planta abortiva.

Poejo é o rei das ervas, em especial no Alentejo; deita-se na açorda. É sinal de abandono, mas também tem dimensão amorosa. O seu chá serve para tratar afecções intestinais.

⁷⁵ Em 2009 foi criada a Confraria da Urtiga, em F. de Algodres, com o objectivo de promover as potencialidades terapêuticas e gastronómicas desta planta (v. <https://www.facebook.com/ConfrariaDaUrtiga/> - acedido a 03/06/2021).

O *sargaço* é o rei das ervinhas do monte. Usa-se em rezas. Conota-se com tristeza. Tradicionalmente faz-se chá da raiz juntamente com a de medronheiro para limpar o sangue.

A *salva* requer gosto. Tem propriedades medicinais; dar de beber água da raiz resulta amargo. À Sra. do Castelo enche-se a capela de salva. As folhas usam-se para aromatizar confecções.

Com a cana do *coentro* fazem-se rocas e cadeiras; é o par da salsa numa dimensão amorosa. Folhas e sementes usam-se como condimento, tendo ainda propriedades digestivas.

A *erva-doce* salpica o mar; é apanhada no cais da Ribeira. É utilizada para condimentar comida, e como chá tem fins terapêuticos. Tradicionalmente também se usa em rezas para tratar o cobrão (herpes).

Agrião é substituído na alimentação pela *rabaça* quando o tempo daquele passa. Com usos alimentares e medicinais desde os romanos, só passou a ser cultivado a partir do séc. XIX em Portugal (Cunha, A., Ribeiro, J. & Roque, O., 2017).

O *balanco*, da família das aveias, oferece-se num ramalhete. Usa-se para tratar fadiga e convalescenças.

O *cardo* pica como a maldade; a raiz tem um gosto. O cardo beija-mão mata. Para além de coalhar o leite para elaborar queijo, serve para tratar inflamações do fígado.

O *carapeto* (pilrito) tem conotações amorosas. Os frutos são comestíveis, e deles faz-se tanto chá como xarope para tratar a fraqueza.

A *erva-mate*⁷⁶ serve de exclamação de raiva amorosa.

A *ervilhaca* é da família da fava, e serve para ramalhetes amorosos.

O *saramago* é o rei das ervas do bairro. Faz-se uma ausência como a flor do saramago em contexto amoroso. A rama cozida é usada em cataplasmas para tratar o golpe de sol.

O *acintro* (absinto) corta-se e seca-se para se recuperar um amor. Tem várias propriedades medicinais, sendo usado em chás, cataplasmas e banhos.

Beldroegas acompanham coutadas⁷⁷ cozidas. Simbolizam ciúme. Usadas em saladas e sopas, têm ainda propriedades medicinais.

A *junça* vem junto da água. Possui tubérculos comestíveis, e o chá serve para prevenir a queda de cabelo.

O *berbasco* oferece-se num ramo amoroso. Em cataplasma é usado para tratar feridas e dores reumáticas.

Orégão oferece-se em ramo, e remete para namoro. Usado como erva aromática na cozinha, o seu chá serve para tratar afecções das vias respiratórias.

A *segurelha* tem conotações amorosas. Para além de erva condimentar, tem propriedades medicinais a nível digestivo.

Na *borragem* enxerta-se a rosa. Usa-se como chá para constipações.

A *cicuta* semeia-se no quintal, se bem que para germinar numa burra. É reconhecidamente venenosa, e é usada há séculos como medicamento por médicos (cf. Mateus, E., 2014).

A *douradinha* é boa para o cabelo se colhida no S. João. Usa-se tradicionalmente para tratar eczemas em cataplasmas.

⁷⁶ Trata-se do chimarrão, com origem na América Meridional (cf. Gerhardt, M., 2013).

⁷⁷ I.e., bolotas (por metonímia).

Referida numa benzura para talhar a erisipela, a *erva-do-monte* é usada de facto para tratar feridas na pele e ainda constipações.

A *erva de N^a Senhora* é colhida para livrar do demónio. Usa-se para afecções do sistema urinário e para tratar hemorróidas.

O *feto* representa o amor que acaba em nada. Presente como remédio na botica, é também usada em contextos supersticiosos (cf. Mateus, E., 2014).

O *miomendro* vê a folha ser levada pelo Tejo quando vai grande, ao contrário da palavra firme. Tem propriedades sedativas, sendo usado para dor de dentes.

A *unha-gata* é uma erva molesta nas ceifas. Usa-se para afecções do sistema urinário.

III.1.2 – Arbustos

De entre as 23 variedades sobressaem o loureiro e o alecrim (v. tabela 10). Outros arbustos, como a giesta, que poderiam passar despercebidos, merecem ser mencionados após análise mais atenta, visto serem usados popularmente com fins medicinais e supersticiosos – até veterinários e agrícolas. Nenhum destes arbustos é mencionado nas Ilhas.

No Anexo III-1.2 – Arbustos apresentamos as diferentes referências a cada arbusto nas quadras do CPP, enquanto no Anexo IV-2.2 listamos os concelhos onde aqueles surgem.

Tabela 10: N^o de referências a arbustos por concelho e província (por ordem decrescente)

N ^o ordem	Designação	N ^o	%	N ^o concelhos p/ Província
1	Loureiro	119	33,9%	10/Minho, 10/T.M. e A. Douro, 9/B. Alta, 8/Douro Lit., 5/B. Baixa, 4/Alg., 3/Estrem., 3/A. Alent., 2/B. Lit.
2	Alecrim	90	25,6%	9/Minho, 8/T.M. e A. Douro, 8/Alg., 7/Douro Lit., 6/A. Alent., 4/B. Alta, 4/Estrem., 3/B. Alent., 1/B. Baixa, 1/B. Lit.
3	Murta	32	9,1%	4/A. Alent., 3/T.M. e A. Douro, 3/Estrem., 2/Douro Lit., 1/Minho, 1/B. Alta, 1/B. Baixa, 1/Alg.
4	Giesta e tojo	23	6,6%	4/Minho, 2/T.M. e A. Douro, 1/Douro Lit., 1/B. Alta, 1/B. Lit., 1/A. Alent., 1/B. Alent., 1/Alg.
5	Tomilho Serpão	21	6,0%	5/T.M. e A. Douro, 4/Douro Lit., 3/Minho, 1/B. Alta
6	Carqueja	12	3,4%	3/B. Alta, 2/Douro Lit., 2/T.M. e A. Douro, 1/Minho
7	Sabugueiro	9	2,6%	2/Douro Lit., 2/B. Alta, 1/Minho
8	Madressilva	7	2,0%	2/Douro Lit., 1/Minho, 1/A. Alent., 1/Alg.
9	Junco	6	1,7%	2/B. Alent., 1/Douro Lit., 1/A. Alent.
9	Trovisqueira	6	1,7%	1/Minho, 1/Douro Lit., 1/T.M. e A. Douro, 1/A. Alent.
10	Cana da índia	4	1,1%	1/T.M. e A. Douro, 1/B. Alta
11	Azevinho	3	0,9%	1/Minho, 1/Douro Lit.
11	Tomilho Bela-luz	3	0,9%	1/T.M. e A. Douro
12	Buxo	2	0,6%	1/A. Alent.
12	Daroeira	2	0,6%	1/Alg.
12	Esteva	2	0,6%	1/A. Alent.
12	Mirra	2	0,6%	1/A. Alent.

12	Piorno	2	0,6%	1/Minho, 1/A. Alent.
12	Urze e urgueira	2	0,6%	2/B. Alta
13	Camarinha	1	0,3%	1/B. Lit.
13	Piteira	1	0,3%	1/B. Baixa
13	Tomilho Docelima	1	0,3%	1/B. Baixa
13	Tomilho Limonete	1	0,3%	s/i
	Total	351	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

III.1.2.1 – Loureiro

É conhecido por todo o continente. O seu pau é apreciado; as bagas apenas se referem. Quando junto ao caminho acaba desfolhado. Tem uma dimensão religiosa e supersticiosa. Com propriedades medicinais: é desagradável beber água com sabor à raiz do loureiro. A sua sombra regala. Presta auxílio no amor ao ocultar os namorados e ao servir de escada; dar falas ao loureiro é deixar-se cortejar; pode dar má fama à rapariga. Depois de ao loureiro de Lisboa ter caído a bolota cantam-se os Reis. Em Alpedrinha, Salvaterra, Andorinha e Longroiva varrem-se capelas com as suas ramas. Em Vouzela há um ramo à porta de S. João, o que faz dele um vendeiro. Aromatizante culinário, tem ainda como uso terapêutico o chá para alívio da embriaguez.

III.1.2.2 – Alecrim

Referido em todo o continente, é o rei das ervas e dos cheiros da horta; ceifa-se às paveias. Pega de galha, mas pede-se a Deus que o prenda. Por ladear os caminhos, fica com os ramos arrancados. Faz-se uma infusão de alecrim para lavar a estátua de S. João. Presta-se a conotações amorosas: é local de encontro, namoro e revelações; oferece-se em ramo; por ele choram os olhos; espiga, como deveriam espigar os beijos, e bandeia-se como o solteiro. Em Nelas varre-se o patim numa igreja com raminhos seus. O alecrim de Viana nasce sem flor nem rama; o do Brasil e o de Castela têm folha recortada; o de Itália rescende como o amado. Rama, folha e flor são usadas em aplicações medicinais sob a forma de chás e emplastros para tratar desde a constipação ao reumatismo, tendo ainda propriedades diuréticas, entre outras.

III.1.2.3 – Outros arbustos

A *murta* tem conotações amorosas. Também simboliza dor, relacionando-se até com morte. Floresce na Margeira. Tecem-se coroas dela no S. João; na Sra. da Granja colhem-se ramos. Aproveita-se a baga adstringente, e dos ramos extrai-se tinta azul (Lobo, G., 1824). Também é tida na conta de medicamento (Mateus, E., 2014).

A *giesta* presta-se a superstições. A sua flor pela manhã não tem igual. Do pau fazem-se violas e estatuária – a Sra. da Penha tem brincos de giesta. Tem conotações amorosas. O tojo serve de leito. As flores em chá usam-se para a diabetes.

Tomilho tem conotações amorosas. Confunde-se em várias espécies (cf. Figueiredo et al., 2013): enquanto *bela-luz* usa-se numa reza; sobre ele a Virgem estendia os cueiros de Jesus. Como *doce-lima* semeia-se no altar de S. João. Como *limonete* oferece-se em ramo para se pôr no bolso do colete. Enquanto *serpão* resulta tão miúdo não se consegue atar aos molhos. Enquanto *tormentelo* é usado no cabelo das mulheres. Possui propriedades digestivas, anti-sépticas e anti-inflamatórias; chás e xaropes são usados para tratar constipações e dores de cabeça, participando ainda nas fogueiras do S. João. De resto, é sobejamente reconhecido o seu contributo aromático na gastronomia.

A *carqueja* apanha-se do monte em molhos; na serra cai-lhe a flor; chama-se *carqueijinha do Marão* à Várzea da Serra e à Sra. da Serra; S. Helena em Tarouca mora na *carquejada*. Usada para temperos culinários (inclusive para chamoscar o porco), também se faz chá da flor, ramas e raiz para fins terapêuticos.

O *sabugueiro* é referido como o *sempre-verde*, e menciona-se pelas propriedades medicinais. Relaciona-se com a loucura e o amor. Há-os com flor e sem flor. Na Serra da Estrela é apanhado. De entre os usos terapêuticos destaca-se o tratamento de tosse e resfriado. A nível gastronómico, serviu de corante de vinho e outras bebidas.

A *madressilva* é amarga na raiz; com muita flor, mas sem fruto. Encobre o namorado, e perdeu o cheiro no travesseiro. Fazem-se coroas dela pelo S. João. Da família do sabugueiro, tem também uso medicinal, com propriedades laxantes e diuréticas.

O *junco* verde é queimado pelo S. João, e serve de juramento. É usado para a enxertia (Lobo, G., 1824).

A *cana da índia* presta-se a ser aberta metaforicamente, para verificar-se-lhe o conteúdo. O seu rizoma é comestível, tendo propriedades medicinais a nível desintéria⁷⁸.

O *trovisco* surge num chá em contexto amoroso, sendo venenoso – na verdade, tem propriedades abortivas. Já a *trovisqueira* protege a perdiz. Tradicionalmente, prendem-se ramas no pescoço do gado quando sofre de diarreia.

O *azevinho* traz sorte; S. Bento do Cando é feito de pau de azevinho. Com uso supersticioso, talvez possa ter também utilidade medicinal (Rego, E., 2012).

Fala-se do pau de *buxo*, que cerca Nisa. É usado para tratar reumatismo.

A *daroeira* relaciona-se com o amor. É usada em cataplasmas para alergias.

Da *esteva* diz-se que dá correpio. Usada na culinária, faz o coelho manso saber a bravo, servindo ainda para limpar tachos amarelos. As suas folhas retiram o mau cheiro do calçado.

A *mirra* só aparece na natividade. Tradicionalmente é usada para tratar inflamações da pele.

O *piorno* é amargo. Quando amareleja parece-se com quem canta. Do pau faz-se estatuária. É usado para tratar inchaços.

A *urze* diz-se dos montes, e é venerada, enquanto a *urgueira* apenas se diz que é da serra. O seu chá é diurético.

A *camarinha* tem medo quando o mar se encrespa. Dos frutos fazem-se para compotas e a planta é usada como antipirético.

Há *piteiras* ao redor de Painho, na Sertã. Enquanto os frutos se comem frescos ou em compota, a seiva e as folhas são usadas em xarope para a tosse e inflamações da pele.

⁷⁸ Cf. Ferrão e Liberato, s/d, «Canna indica L.», in *Dicionário de Plantas Medicinais*.

III.1.3 – Flores

(Anexo III-1.3 e Anexo IV-1.3) Flores carregam um forte simbolismo (já G. Lobo se referia a ele em 1824 no seu tratado de jardinagem). Embora actualmente se possam verificar diferentes utilizações alimentares e medicinais em inúmeras flores (cf. Carvalho, F., 2018), limitámo-nos a constatar as 13 que revelaram usos tradicionais nos âmbitos que nos concernem (v. tabela 11). Nenhuma destas flores é referida nas Ilhas.

No Anexo III-1.3 – Flores apresentamos as diferentes referências a cada flor nas quadras do CPP, enquanto no Anexo IV-1.3 listamos os concelhos onde aquelas surgem.

Tabela 11: N° de referências a flores por concelho e província (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%	N° concelhos p/ Província
1	Açucena	51	27,3%	5/Minho, 5/Douro Lit., 6/T.M. e A. Douro, 3/B. Baixa, 3/A. Alent., 3/Alg., 2/B. Alta, 1/B. Lit., 1/Rib., 1/B. Alent.
2	Lírio	40	21,4%	5/Douro Lit., 4/B. Baixa, 4/B. Alent., 3/A. Alent., 2/Minho, 1/T.M. e A. Douro
3	Malva	30	16,0%	5/T.M. e A. Douro, 3/Douro Lit., 3/A. Alent., 2/Minho, 1/B. Baixa, 1/B. Alta, 1/Estrem., 1/B. Alent.
4	Amor-perfeito	27	14,4%	4/T.M. e A. Douro, 2/Minho, 2/Douro Lit., 2/A. Alent., 2/B. Alent., 2/Alg., 1/B. Alta, 1/B. Baixa, 1/Rib.
5	Perpétua	10	5,3%	3/B. Baixa, 1/Minho, 1/Rib., 1/A. Alent.
6	Rosa	8	4,3%	1/Douro Lit., 1/T.M. e A. Douro, 1/A. Alent.
7	Margarida	5	2,7%	4/Douro Lit., 2/T.M. e A. Douro, 1/Minho
8	Camellia	4	2,1%	1/B. Baixa, 1/A. Alent., 1/Alg.
8	Malmequer	4	2,1%	1/Minho, 1/B. Baixa, 1/A. Alent.
9	Açafrão	3	1,6%	2/T.M. e A. Douro
9	Margaça	3	1,6%	1/B. Baixa, 1/Estrem.
10	Papoila	1	0,5%	1/B. Lit.
10	Pimpinela	1	0,5%	s/í
	Total	187	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

A *açucena*, presente por todo o continente, dá um sumo que renova o amor, e tem conotações amorosas. Serve de enfeite, especialmente nos altares. A de Marvão é famosa. O

Douro, que parecia uma açucena, passou a meter pena⁷⁹. Usada para remédios caseiros, surge ainda nas celebrações religiosas entre Março e Maio.

O *lírio* remete para amor e distanciamento – até tristeza. S. João tem uma capa cor de lírio. Alguém deseja estar à sombra do lírio branco em Portalegre. É tida em conta como erva medicinal pelos médicos (cf. Mateus, E., 2014).

A *malva* é flor sem igual. Remete para amor e casamento. O seu verde tem virtudes terapêuticas. A serra de Mafra tem malvas, assim como as muralhas de Marvão; Castelo Melhor é malvas. Usada em cataplasmas para desinfetar feridas, é ainda ingerida em chá para afecções estomacais e intestinais.

Amor-perfeito dá chá que cura a melancolia. Tem conotações amorosas – nasce da união entre cravo e rosa. Jesus tem semelhanças com esta flor. Sendo comestível, é usada crua para embelezar confecções (Carvalho, F., 2018).

A *perpétua* não tem cheiro e é sombria, embora também se apreste ao amor. Alpalhão é famoso pelas perpétuas. As suas infusões servem para acalmar a dor de garganta.

A *rosa* tem propriedades medicinais nas variedades de Alexandria, Jericó e rosa branca, a qual existe em Nisa. Refere-se um licor de rosa. Usada em compotas, também serve para tratar debilidade física.

Margarida é a melhor das flores e simboliza o primeiro amor colhido. Em cataplasma alivia a dor, e o seu chá tem propriedades anti-inflamatórias e diuréticas.

O *malmequer* semeia-se. Tem conotações amorosas. Usado em cataplasmas tem propriedades cicatrizantes e hidratantes.

Camélia representa a amada colhida pelo amado. Encontra-se à entrada de Elvas. Enquanto planta do chá, foi introduzida em Portugal, em especial no Minho, com sementes vindas de Macau e Inglaterra no início do séc. XIX. Cultivada inicialmente pela flor, as folhas viriam a ser comercializadas para o chá a partir da década de 1870 nos Açores (cf. Moura, M. s/d).

O *açafrão* é referido pela cor. Semeado no quintal deu pés de burro. Peja os campos de Coimbra. Usado para dar cor e aroma em doçaria, folares e arroz.

A *margaça* (camomila) não é comida pelos bois, representando a mulher preterida. Resta sob a ceifa. Com propriedades digestivas, o seu chá acalma o estômago.

A *papoila* é a rainha das flores do bairro. As sementes usam-se em pães e bolos pelo sabor, tendo ainda propriedades sedativas

A *pimpinela* alberga o rouxinol no jardim. O seu chá usa-se para constipações e dores de barriga.

III.1.4 – Legumes da Horta

Vimos em II.5.1.1 (Terra e agricultura) que, na horta e no quintal, ocorre muito mais do que o cultivo de vegetais, essencial para a alimentação rural, que apresenta variedade. Aqui damos conta das 21 espécies que encontramos (v. tabela 12), e das diferentes conotações a que se aprestam, com saborosas indicações alimentares (batatas gostam de bacalhau),

⁷⁹ Provável alusão à filoxera, que «destruiu por completo as vinhas de muitas regiões e transformou em mortórios extensas áreas da paisagem rural» (Martins, C., 1991: 653). Embora tivesse permitido a modernização do sector vitivinícola, levaria à febre vitícola e à subsequente crise sócio-económica numa conjuntura depressiva internacional (v. Sequeira, C., 2014: 30-31).

agrícolas (plantar cebola entre salsa e coentro) e económicas (o custo do alqueire de feijão, as réstias de alhos que se mercam na feira), mas também abstractas e simbólicas (como os cabaços), quiçá brejeiras no caso do nabal. Todos estes vegetais ocorrem apenas no continente, à excepção do tabaco – cuja dimensão social é notável.

No Anexo III-1.4 – Legumes da horta apresentamos as diferentes referências a cada legume nas quadras do CPP, enquanto no Anexo IV-1.4 listamos os concelhos onde aqueles surgem.

Tabela 12: N° de referências a legumes da horta por concelho e província (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%	N° concelhos p/ Província
1	Couve e berça	25	16,0%	4/T.M. e A. Douro, 3/Douro Lit., 2/Minho, 2/B. Alta, 2/Alg., 1/B. Lit., 1/A. Alent., 1/B. Alent.
2	Abóbora	22	14,1%	3/Douro Lit., 2/Minho, 2/T.M. e A. Douro, 2/A. Alent., 1/B. Baixa, 1/Estrem., 1/Alg.
3	Tabaco	13	8,3%	3/T.M. e A. Douro, 2/Douro Lit., 2/Ilhas Adj., 1/B. Alta, 1/B. Baixa, 1/Estrem., 1/A. Alent., 1/Alg.
4	Batata	12	7,7%	2/T.M. e A. Douro, 1/Douro Lit., 1/B. Alta, 1/B. Lit., 1/Rib., 1/Estrem., 1/A. Alent.
5	Nabo e grelo	10	6,4%	5/B. Alta, 3/T.M. e A. Douro, 3/Douro Lit., 1/B. Lit., 1/Estrem., 1/B. Alent.
6	Alho	9	5,8%	3/Minho, 2/T.M. e A. Douro, 1/Douro Lit.
6	Feijão	9	5,8%	5/Alg., 4/Estrem.
7	Cebola	8	5,1%	3/Minho, 3/Douro Lit., 1/A. Alent.
7	Fava	8	5,1%	3/Alg., 2/B. Alent., 1/Minho
8	Alcachofra	7	4,5%	2/Estrem., 1/Douro Lit., 1/Douro Lit., 1/Alg.
8	Ervilha e griséu	7	4,5%	2/Alg., 1/Douro Lit., 1/Estrem.
9	Girasol	5	3,2%	2/T.M. e A. Douro, 1/Estrem.
10	Nabiça	4	2,6%	3/T.M. e A. Douro, 1/Douro Lit., 1/B. Alta
10	Pepino	4	2,6%	2/T.M. e A. Douro, 2/B. Alent.
11	Repolho	3	1,9%	3/T.M. e A. Douro, 1/A. Alent., 1/Alg.
12	Alface	2	1,3%	1/Douro Lit., 1/B. Alta
12	Alho porro	2	1,3%	1/Minho
12	Cebolinho	2	1,3%	1/Douro Lit.

12	Hortaliça	2	1,3%	1/A. Alent.
13	Espargo	1	0,6%	1/A. Alent.
13	Pimento	1	0,6%	1/B. Baixa
	Total	156	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

A *couve* é mencionada por todo o continente. Está para a horta como a sardinha para o mar; tempera-se com hortelã; usa-se no caldo. As *berças* deitam-se às galinhas. Couve presta-se a simbolismo amoroso – usada até como folha para correspondência. A Beira é a mãe da couve.

A *abóbora* surge também por todo o continente. É comida pela quaresma com feijões. *Cabaços*, *cabaças* e *cabaceiras* são usados como recipiente para líquidos. *Dar um cabaço* é recusar namoro; o coração pode ser desprezado como um cabaço velho; do amante troça-se como um *botelho* agarrado.

O ubíquo *tabaco* é vendido à rasa. Carece de autorização legal para ser cultivado. Tem uma dimensão social de vaidade e prestígio; também dá azo à partilha e ao convívio. Serve de pretexto para pedir lume à dona de casa, com intenções dúbias. É um vício que não é barato, e que encareceu com João Franco⁸⁰. Alguém foi ao Pico buscar tabaco para fumar com os da Madeira; são referidos os tabaquistas da Mexilhoeira. Já o *cigarro* tem uma dimensão amorosa: é vestígio da presença do namorado; o *morrão* pode queimar a roupa à rapariga; o brilho dos olhos da moça acende o cigarro; aproxima genro e sogro; serve até de alcoviteiro; diz-se que as penas do coração não se esfumam como o cigarro. Por fim, o *charuto* é sinal de senhoria, sem deixar de ser também um adereço do *preto* (i.e., do negro africano).

Batatas assam-se no forno depois do pão; quem as comeu com casca ia-se engasgando. Batatas e bacalhau são a estranha penitência de alguém – o amor é também uma mistura de batatas e bacalhau. A um namorado chama-se batata assada, porque crua não se come. Em Pernes apenas há batatas; os da Gafanha vendem batatas às de Alqueidão.

Do *nabo* referem-se folha e grelos. Grelos e nabais têm conotações dúbias de licenciosidade.

Alhos mercam-se em réstias na feira. Com uso supersticioso. Confundem-se com bugalhos. Chás e infusões de alho usam-se para problemas de estômago.

Feijão come-se em caldos feitos no púcaro; ceou-se feijão-frade com as comadres; houve quem comesse lagarto com feijão. Com a quaresma vêm calabças com feijões. A camponesa vende o alqueire de feijão a seis tostões; com o Pimenta⁸¹ encareceu. Na horta foram alvo do gato. Para Azeitão vão burros carregados de feijão; o Algarve tem bom feijão.

Cebola planta-se entre salsa e coentro. Presta-se a ironias.

⁸⁰ Sobre o monopólio do tabaco na transição de século, v. Alves, D., 2010.

⁸¹ Provavelmente Alfredo Lopes Pimenta (1882-1950), «uma das figuras mais irreverentes da primeira metade do século XX» - Branco, J., s/d, in *Dicionário dos Historiadores Portugueses* – Da Academia Real das Ciências até ao final do Estado Novo, Matos, S. (coord.).

A *fava* dá-se em todas as terras, mas só uma dá farinha. Uma preta vende *fava rica*⁸², e dá beijos com sabor igual. Fava simboliza fortuna. Tem conotações amorosas sombrias. Pede-se a S. Miguel de Creixomil favas; os do Crato são *escalda-favais*.

Alcachofra relaciona-se com o amor, que se revela ao ser queimada pelo S. João; quando floresce indicia namoro. S. João guarda as moças que vêm das alcachofras.

Ervilha (ou *griséu*) conota-se com prosperidade na fazenda. A rapariga é uma flor de ervilha.

Girassol é termo carinhoso; ao nascer traz maravilhas; deixa saudades de quando se abria. Pela folha da *nabiça* dão-se vivas.

O *pepino* atira-se à cara; da semente saiu um velho a tocar violino.

Repolho semeia-se na horta.

Alface tem dimensão amorosa. Quando neva sobre a alface queixa-se a rapariga dos amores. *Salada* acompanha peixe frito num funeral. Como o gato não morre por salada, morre alguém de amores por outro.

Alho porro tem uso supersticioso; surge ainda como interjeição.

Junto ao *cebolinho* a ama perdeu as chaves, para risada dos malhadores.

Hortaliça tem conotação amorosa. Monsaraz é terra de muita hortaliça.

O *espargo* resta sozinho no monte, como quem for abandonado pelo amor.

Pimento está implícito sob a forma de *pimentão* e *clorau* ao se acusar o Pimenta de encarecer os bens alimentares. Muxagata dá pimentos.

III.1.4.1 – Mel

Indispensável pela polinização numa alimentação rica nestes vegetais e nos frutos que iremos abordar, a abelha aporta ainda o benefício do néctar sob a forma de *mel* (v. tabela 13).

Tabela 13: N° de referências a mel e relacionados por concelho e província (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%	N° concelhos p/ Província
1	mel	24	77,4%	4/A. Alent., 3/T.M. e A. Douro, 2/Estrem., 1/Minho, 1/Douro Lit., 1/Alg., 1/Ilhas Adj.
2	abelha	3	9,7%	1/Minho, 1/T.M. e A. Douro
3	cortiço	2	6,5%	1/Minho, 1/Douro Lit.
3	favo	2	6,5%	1/Minho, 1/Douro Lit., 1/T.M. e A. Douro
	Total	31	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

No CPP o mel distribui-se por todo o país. Come-se com a colher e há sopinhas de mel; oferece-se a N^a Senhora um pucarinho para fazer as papas a Jesus; é sinal de riqueza. Tem dimensão amorosa: S. João apenas se alimentou dele durante meses, tal como se vive do beijo amado; mel é todo doçura, como o coração da amada; resulta enganador na boca, quando o coração é o oposto – daí a expressão ambígua *falinhas de mel*. Cair a sopa no mel indica algo inesperado, e com mel enganam-se os parvos. Tem tal doçura que a simples palavra *mel*

⁸² Para ilustrações e fotografias de vendedeiras de fava rica, v. <https://historiaschistoria.blogspot.com/2020/?m=0> (acedido a 01/06/2021).

consegue passá-la ao nome Daniel. Refere-se um *copo de água-mel*⁸³ no Guadiana; S. Gonçalo de Amarante é feito de mel e azeite; elogia-se o mel da Vila em Portimão, onde uma parrinha de mel se oferece a Jesus.

III.1.5 – Árvores

Para além das árvores de fruto que referiremos mais abaixo, existem nove espécies que importa mencionar (v. tabela 14). Revelando propriedades alimentares e medicinais, aprestam-se a outras dimensões menos materiais, concernentes ao amor, à feitiçaria, à tristeza e à loucura.

No Anexo III-1.5 – Árvores apresentamos as diferentes referências a cada árvore nas quadras do CPP, enquanto no Anexo IV-1.5 listamos os concelhos onde aquelas surgem.

Tabela 14: N° de referências a árvores por concelho e província (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%	N° concelhos p/ Província
1	Amieiro	22	27,8%	5/Douro Lit., 4/Minho, 4/T.M. e A. Douro
1	Salgueiro	22	27,8%	3/B. Lit., 2/Minho, 2/T.M. e A. Douro, 2/B. Alta, 1/Rib., 1/A. Alent., 1/B. Alent.
2	Freixo	8	10,1%	2/A. Alent., 2/B. Alent., 1/Alg.
2	Olmo	8	10,1%	2/T.M. e A. Douro, 1/Douro Lit., 1/Ilhas Adj.
3	Cedro	7	8,9%	3/Douro Lit., 1/Minho
3	Faia	7	8,9%	2/I. Adj., 1/T.M. e A. Douro, 1/B. Baixa, 1/B. Alent.
4	Eucalipto	3	3,8%	1/A. Alent.
5	Chorão	1	1,3%	1/T.M. e A. Douro
5	Choupo	1	1,3%	1/Rib.
	Total	79	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Do *amieiro* aproveita-se a casca para sapatos e a madeira para escultura. Contém propriedades cicatrizantes, sendo usado para feridas na pele.

O *salgueiro* é o primeiro a dar folha. Do pau fazem-se sarilhos⁸⁴. Conota-se com loucura. Dá sombra aos namorados. Há salgueiros no rio Dão e frente a Penacova. Ao possuir compostos químicos do tipo salicílico tem propriedades semelhantes à aspirina.

Faia, *freixo* e *olmo* têm uma dimensão amorosa. O fruto da faia é doce e comestível, sendo a casca usada em contexto terapêutico pelas propriedades adstringentes. O Faial é canada dos olmos brancos; os olmos tiveram um uso alimentar em tempos de escassez: as folhas mais

⁸³ Subproduto da produção melífera, trata-se da água resultante da lavagem das ceras após a extracção do mel, que contém restos de mel, pólen e própolis, e que é aquecida durante algumas horas - v. Delsin, C., 2018.

⁸⁴ «Debadoura, em que se envolvem os fios das massarocas para fazer as meiadãs» (Bluteau, R., 1789).

novas coziam-se como couve e da casca fazia-se farinha para cozer pão (Pereira, A., 2007). O chá de freixo usa-se para dores.

O *cedro* é o rei dos vales e é aromático. Tem uma maçã que não amadurece nem apodrece, doce mas amarga na casca, como o amor dos homens. Sendo retiro das aves, tem conotações amorosas. Simboliza tristeza; relaciona-se com feitiçaria. Eventualmente usado como vassoura. Em Cividade havia um cipreste que gerava escorpiões. A seiva do cedro aplica-se no reumatismo e na tosse.

O *eucalipto* tem um nome bonito; há na Idanha-a-Velha e em Marvão. É uma planta aromática; em xarope usa-se para desinfectar a boca, tosse e dores de garganta; em loção é esfregado para dores variadas e inchaços; queimado serve para desinfectar curral e casa. Também se usa para afastar borboletas das batatas e dos feijões guardados.

Há um *chorão* em Grijó. A seiva é usada para tratar erupções cutâneas.

Ao *choupo* sobe-se para tomar amores. Parte da casca podia ser usada na panificação em tempos de escassez, sendo também usada como antipirético.

III.2 – Animais

Os animais no cancioneiro são mais do que uma fonte alimentar: são seres vivos com que as pessoas convivem – em especial os terrestres, inspirando percepções particulares da vida diária, como já vimos em algumas comparações e metáforas.

Agrupámo-los em três secções: Terrestres (inclui aves), Peixes (inclui crustáceos e moluscos), que surgem na tabela 15, e ainda Outros – estes últimos participam de algum modo na alimentação humana, embora não façam parte da dieta, revestindo-se de certo interesse antropológico na medida em que interagem com as pessoas, suscitando reacções.

No Anexo IV-2 – Animais referidos por Concelho e Província, listamos os concelhos onde todos estes os animais surgem, indicando também a respectiva Província.

Tabela 15: Nº de referências a animais terrestres e peixes (por ordem decrescente)

Animais	Nº	%
Terrestres	860	85,0%
Peixes	152	15,0%
Total	1012	100,0%

Nota: em *peixes* não estão contempladas as referências do termo genérico *peixe*.

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

III.2.1 – Animais Terrestres

Os terrestres reclamam 85% das referências, onde se contam Pomba e Rola, Galináceos, Caprinos e Ovinos, Bovinos, Suínos, e Outros (perdiz e perdigão, coelho, lebre, pato, peru, galinhola, algrivão, veado e pássaro), conforme podemos ver na tabela 16.

Tabela 16: Nº de referências a animais terrestres (por ordem decrescente)

Nº ordem	Designação	Nº	%
1	Pomba	271	31,5%
2	Galináceo	168	19,5%
3	Caprino e ovino	108	12,6%

4	Bovino	99	11,5%
5	Rola	65	7,6%
6	Porcino	38	4,4%
7	Perdiz	22	2,6%
8	Coelho	20	2,3%
8	Galinholha	20	2,3%
9	Perdigão	19	2,2%
10	Lebre	14	1,6%
11	Pato	11	1,3%
12	Peru	3	0,3%
13	Algrivão	1	0,1%
13	Veado	1	0,1%
	Total	860	100,0%

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

III.2.1.1 – Pomba e rola

Tabela 17: N° de referências a pombo, pomba e rola por concelho e província (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%	N° concelhos p/ Província
1	Pombo	139	41,4%	11/T.M. e A. Douro, 9/Douro Lit., 7/B. Baixa, 5/Minho, 4/B. Alta, 3/Estrem., 7/A. Alent., 3/Alg., 2/Ilhas Adj., 2/B. Alent.
2	Pomba	132	39,3%	v. pombo
3	Rola	65	19,3%	5/Douro Lit., 5/T.M. e A. Douro, 2/Minho, 2/B. Alta, 2/B. Baixa, 2/Estrem., 2/Alg., 1/A. Alent., 1/B. Alent.
	Total	336	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Pombas e pombos bravos são os animais mais referenciados, e ocorrem por todo o país (v. tabela 17). São caçados e fornecem ovos; têm conotações amorosas em metáforas abundantes – assim como o *pombal*; têm também uma dimensão religiosa; servem de meio de comunicação. A *rola* aparece ao longo do continente; resulta numa extensão da pomba na caça e nos ovos, e nas dimensões metafóricas, sem o aspecto religioso; o seu andar e a sua fisionomia inspiram comparações; conota-se com a cozinheira (v. Anexo III-2.1.1 – Pombas e rola).

III.2.1.2 – Galináceos

Tabela 18: N° de referências a galináceos e ovo por concelho e província (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%	N° concelhos p/ Província
1	Galinha	71	31,8%	5/Minho, 4/Douro Lit., 4/Estrem., 4/Alg., 3/T.M. e A. Douro, 3/B. Alta, 2/A. Alent., 2/Ilhas Adj., 1/Minho, 1/B. Lit., 1/Rib., 1/B. Alent.

2	Galo	55	24,7%	9/T.M. e A. Douro, 6/Minho, 4/Douro Lit., 3/Estrem., 3/Alg., 3/B. Alta, 2/A. Alent., 1/B. Baixa
3	Ovo	55	24,7%	6/T.M. e A. Douro, 5/Douro Lit., 4/Minho, 4/Estrem., 2/Alg., 1/B. Alta, 1/B. Baixa, 1/Rib., 1/A. Alent., 1/Ilhas Adj.
4	Pita	14	6,3%	3/T.M. e A. Douro, 2/Minho, 1/Douro Lit., 1/B. Alta, 1/Estrem.
5	Pinto	12	5,4%	1/Douro Lit., 1/B. Alta, 1/B. Lit., 1/Rib., 1/A. Alent., 1/Alg.
6	Frango	11	4,9%	2/Douro Lit., 2/Estrem., 1/Minho, 1/T.M. e A. Douro, 1/A. Alent., 1/Alg.
7	Capão	5	2,2%	1/Minho
	Total	223	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Ocupam o segundo lugar, distribuindo-se por todo o território (v. tabela 18). A *galinha* é um tesouro, porque fonte de rendimento, alimento e saúde; a saloia vende-a pelas ruas, a par dos ovos⁸⁵. Presta-se a metáforas de amor, vaidade, loucura e insulto. Pode ser dote de casamento. Do *galo* referem-se o montês, o pedrês e o preto romano; acaba na panela se não fizer mais do que usar as garras; cumpre-lhe galar, para dar continuidade à criação – presta-se a simbolismo no amor e na sexualidade; possui dotes administrativos invejáveis, ao ser senhor do galinheiro; o seu canto tem conotações religiosas; refere-se o *capão* como galo sem crista, comido com a galinha no Entrudo. Os *ovos* reservam-se para o clero, alfaiate e criança – há de pato e de rola; vão em cestas ou cabazes; comem-se fritos, com salsa; simbolizam riqueza e amor. O Algarve está cheio de riquezas como um ovo. O *pinto* surge em contextos amorosos. Em Espinho os moços modernos são *frangos de vintém*, prometendo às almas dez réis na esperança de que lhes venha a barba (v. Anexo III-2.1.2 – Galináceos).

III.2.1.3 – Caprinos e ovinos

Tabela 19: N° de referências a caprinos e ovinos por concelho e província (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%	N° concelhos p/ Província
1	Cabra	32	29,6%	5/B. Alta, 3/A. Alent., 3/Alg., 2/Minho, 1/B. Lit., 1/B. Alent.
2	Ovelha	27	25,0%	4/B. Baixa, 3/B. Alta, 2/Minho, 2/A. Alent., 2/Alg., 1/T.M. e A. Douro, 1/Estrem., 1/Ilhas Adj.
3	Carneiro	18	16,7%	4/T.M. e A. Douro, 3/Douro Lit., 2/A. Alent., 1/Minho, 1/B. Alta, 1/Estrem.

⁸⁵ Veja-se o Bilhete Postal «Costumes de Portugal – Vendendo galinhas em Lisboa», BP n°206 - Edição F.A. Martins - Praça Luís de Camões, 35, disponível em: <https://www.postais-antigos.com/costume-lisboa-vendedora-de-galinhas-lisboa.html> (acedido a 24/06/2021).

4	Cabrito	6	5,6%	1/T.M. e A. Douro
5	Chibo	5	4,6%	1/A. Alent.
5	Cordeiro	5	4,6%	1/Minho, 1/Douro Lit., 1/B. Alta, 1/Ilhas Adj.
5	Rebanho	5	4,6%	1/Minho, 1/Douro Lit., 1/B. Baixa, 1/Estrem., 1/Alg.
6	Borrego	3	2,8%	1/A. Alent., 1/B. Alent.
6	Chibarro	3	2,8%	2/Alg.
7	Anaco	2	1,9%	1/A. Alent.
8	Bode	1	0,9%	1/Douro Lit.
8	Malata	1	0,9%	s/i
	Total	108	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Estão em terceiro lugar, e distribuem-se pelo país, em especial Interior e Alentejo (v. tabela 19). Das *cabras* faz-se queijo caro, embora sejam abundantes; come-se-lhe o *cabrito*; a cabra serve de dote, a par do *chibo* e do *anaco*⁸⁶; tem uma dimensão amorosa brejeira; apresta-se a diversões infantis, elogios e insultos; quem tem cabras tem cabedal – do seu couro fazem-se sapatos. As moças de Revordelo são como cabras quando na eira, e ao pastor de Nisa fogem as cabras para a Cardosa. A *ovelha* refere-se pela lã e estrume; é fonte de riqueza, e passível de servir de dote; por vezes confunde-se com rapariga; tem conotações religiosas. Quem foi à Columbeira, no Bombarral, só encontrou malatas⁸⁷. Já o *carneiro* é referido pela carne, que é a melhor e vai ao casamento⁸⁸; tem conotações religiosas; o seu hábito de marrar reflecte-se num pai de uma rapariga contra certo namorado (v. Anexo III-2.1.3 – Caprinos e Ovinos).

III.2.1.4 – Bovinos

Tabela 20: N° de referências a bovinos por concelho e província (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%	N° concelhos p/ Província
1	Boi	66	66,7%	5/T.M. e A. Douro, 4/Estrem., 4/Minho, 3/Alg., 2/Rib., 2/A. Alent., 2/B. Alent., 1/B. Lit.
2	Vaca	29	29,3%	1/Minho, 1/Douro Lit., 1/B. Alta, 1/B. Lit., 1/Estrem., 1/Rib., 1/A. Alent., 1/Ilhas Adj.
3	Bezerro	3	3,0%	1/Douro Lit., 1/B. Alta

⁸⁶ «O cabrito, que está no segundo anno de idade» - Bluteau, R., 1789.

⁸⁷ «Borro e borra lhe passam a chamar [ao borrego e à borrega] ao ano... Malato e malata é hoje sinónimo de borro e borra» - v. Ficalho, C., 1979: 146.

⁸⁸ Na descrição dum casamento alentejano, J. Picão (1944: 155) refere que se servia no almoço de recepção coxo frito: «guisado de borrego ou de chibo... com manteiga de porco e alho», e ao jantar «ensopado», sem precisar de que animal.

4	Vitela	1	1,0%	2/Douro Lit., 1/T.M. e A. Douro
	Total	99	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Há 99 referências a bovinos, ocupando o quarto lugar, distribuídas pelo país (v. tabela 20). O *boi* é valorizado como animal de trabalho na lavoura; a sua bestialidade conota-se com a dos homens, mas goza de certos traços humanos: nome próprio, aflição pelo trabalho, cuidado na alimentação, dependência do boieiro, e até certa virtude quando no presépio. Da *vaca* trata a mulher; dela advém leite, bifes, língua, pele e coiro. Explicitam-se Alcanena pelos curtumes e Coja pelos habitantes *bezerrões* (v. Anexo III-2.1.4 - Bovinos).

III.2.1.5 – Suínos

Tabela 21: Nº de referências a suínos e por concelho e província (por ordem decrescente)

Nº ordem	Designação	Nº	%	Nº concelhos p/ Província
1	Porco	23	60,5%	3/B. Lit., 2/Douro Lit., 2/T.M. e A. Douro, 2/B. Alta, 2/Alg., 1/Minho, 1/B. Baixa, 1/Estrem., 1/Rib., 1/A. Alent., 1/B. Alent., 1/Ilhas Adj.
2	Porca	10	26,3%	4/Minho, 2/Alg., 1/Douro Lit., 1/T.M. e A. Douro, 1/B. Alta
3	Leitão	4	10,5%	1/T.M. e A. Douro, 1/B. Lit.
4	Barrasco	1	2,6%	1/A. Alent.
	Total	38	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Tabela 22: Nº de referências a alimentos porcinos por concelho e província (por ordem decrescente)

Nº ordem	Designação	Nº	%	Nº concelhos p/ Província
1	Toucinho	13	25,5%	2/Alg., 1/Douro Lit., 1/B. Alta, 1/B. Lit., 1/Estrem., 1/Rib.
2	Chouriço	10	19,6%	1/Minho, 1/T.M. e A. Douro, 1/B. Alta, 1/B. Lit., 1/Estrem., 1/Rib., 1/A. Alent., 1/B. Alta/Alg., 1/Alg.
3	Chouriça	5	9,8%	2/T.M. e A. Douro, 1/Minho, 1/Alg.
3	Morcela	5	9,8%	1/A. Alent.
3	Salpicão	5	9,8%	2/T.M. e A. Douro, 1/Minho
3	Unto	5	9,8%	2/Minho, 1/Douro Lit., 1/T.M. e A. Douro, 1/Estrem.
4	Presunto	3	5,9%	1/Estrem., 1/B. Alent.
5	Banha	1	2,0%	1/Douro Lit.
5	Linguariça	1	2,0%	1/A. Alent.

5	Orelheira	1	2,0%	s/i
5	Rojão	1	2,0%	1/Douro Lit.
5	Salsichão	1	2,0%	s/i
	Total	51	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

O *porco* encontra-se por todo o território, sendo referido com frequência na Beira Litoral (v. tabela 21). Mata-se pela fartura da carne, que é transformada em *toucinho*, *chouriço*, *chouriça*, *morcela*, *salpicão*, *presunto*, *linguariça* e *salsichão*; são ainda referidos a *orelheira*, o *rojão*, e *unto* – *banha*, *boches* (i.e.: bofes) e *tripas* ocorrem sem referência a porco; menciona-se o fumeiro e a arca (v. tabela 22). Por vezes presta-se a comparações e metáforas, mormente insultuosas – embora seja também um animal admirado. A saloia vende toucinho na praça. O *leitão* come-se pelo casamento. Pelos Reis e Janeiras pedem-se enchidos e fumados. A rapariga usa banha para embelezar o cabelo. O Alentejo tem muito presunto. Na festa de S. Brás come-se salpicão. O gandarês tem olhos de porco montês. Na Anadia come-se leitão assado (v. Anexo III-2.1.5 - Suíno, gorduras e iguarias).

III.2.1.6 – Outros: perdiz e perdigão, coelho, lebre, pato, peru, galinhola, algrivão, veado e pássaro

Surgem em menor grau outros animais, na maioria alvos de caça (v. tabela 23). O pano de fundo das suas referências divide-se entre o alimentar e o amoroso (v. Anexo III-2.1.6 – Outros animais).

Tabela 23: N° de referências a outros animais terrestres por concelho e província (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%	N° concelhos p/ Província
1	Perdiz	22	22,4%	9/T.M. e A. Douro, 3/B. Alta, 2/Douro Lit., 2/A. Alent., 1/Minho, 1/Rib., 1/A. Alent., 1/Alg.
2	Coelho	20	20,4%	6/Douro Lit., 1/T.M. e A. Douro, 1/B. Baixa, 1/Estrem., 1/A. Alent.
3	Perdigão	19	19,4%	v. perdiz
4	Lebre	14	14,3%	2/T.M. e A. Douro, 1/Minho, 1/B. Lit., 1/B. Alta, 1/A. Alent., 1/B. Alent.
5	Pato	11	11,2%	1/T.M. e A. Douro, 1/B. Alta, 1/A. Alent.
6	Peru	8	8,2%	3/T.M. e A. Douro, 1/Douro Lit., 1/Estrem.
7	Galinhola	2	2,0%	1/T.M. e A. Douro
8	Algrivão	1	1,0%	1/Alg.
8	Veados	1	1,0%	s/i

Total	98	100,0%
--------------	-----------	---------------

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Perdiz e perdigão surgem com frequência em Trás-os-Montes; caçam-se; perdiz é comida de juiz; aprestam-se a metáforas amorosas, mormente pela caça.

O *coelho* surge em especial no Douro Litoral; caça-se; apresta-se a metáforas amorosas.

A *lebre* caça-se; simboliza a rapariga que não se deixa prender.

O *pato* põe ovos e coabita com a galinha; no Guadiana caça-se pato-real.

Peru assa-se pelo S. João e pede-se pelos Reis⁸⁹; perua é calão para bebedeira.

A *galinhola* apresta-se a metáforas de caça amorosa.

Algrivões são caçados simbolicamente pelo pai de uma rapariga.

Refere-se um *veado* que é perseguido por um cavaleiro em contexto religioso.

Por fim, diz-se sem se especificar que um *pássaro* foi agarrado no Domingo de Lázaro, para ser depenado no domingo de Ramos e papado no domingo da Ressurreição; refere-se ainda genericamente que se caçam *passarinhos* com laço. Por serem designações genéricas não os incluímos na tabela 23

III.2.2 – Peixes

Peixe surge no CPP como um termo genérico para quanto vive no mar (v. tabela 24). Dado o elevado número de referências a este termo, optamos por abordá-lo inicialmente, antes de o concretizarmos nas diferentes espécies (v. Anexo III-2.2 - Peixe).

Tabela 24: N° de referências a peixe por concelho e província

Designação	N°	N° concelhos p/ Província
Peixe	98	9/Mínho, 7/Douro Lit., 7/T.M. e A. Douro, 5/B. Alta, 5/Estrem., 3/A. Alent., 2/B. Baixa, 2/B. Alent., 2/Ilhas Adj., 1/B. Lit., 1/Alg.

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Peixe surge por todo o país. É frito ou assado, acompanhado de pão e vinho, e ainda salada. O seu ganho só fica na algibeira quando ele é vendido; é referida uma *praça do peixe*. É o sustento do pescador, no mar e no rio. Reveste-se de dimensões simbólicas e as metáforas e comparações amorosas são abundantes: como quem vai ao mar sempre apanha algum, assim quem namora sempre logra carinhos; como o peixe dá voltas na água fria, assim quem ama se revolta na cama sem dormir; pode o peixe cansar-se de nadar sob as ondas, mas não o rapaz de adorar certa menina. *Ser-se o peixinho de alguém* tem conotação amorosa; *botar o peixe na água para o ver nadar* tem certo erotismo, que se pode tornar brejeiro em *comer peixe*. Na esteira da dimensão proverbial, surgem quadras onde se refere que morre o amor do gabarolas como *morre o peixe pela boca*, e que *está como peixe na água*, fora da qual morre, quem está em casa do seu pai. Geograficamente, o peixe que o Algarve dá ao Alentejo é retribuído com pão; na praia da Nazaré compra-se peixe salgado.

⁸⁹ Veja-se o desenho de L. Freire «Os vendedores de perús» na revista Occidente, n. 432, de 21 de Dezembro de 1890, p. 284, onde duas pessoas levam pela cidade um bando de perus com a ajuda de uma vara.

Referem-se 24 espécies de peixe, incluindo baleia e baleote (v. tabela 25). A sardinha destaca-se largamente, marcando presença em todo o continente. O único peixe referido nas Ilhas é a garoupa. A truta, enquanto peixe de rio, restringe-se ao Norte e ao Interior. As referências aos peixes incidem particularmente na componente alimentar, embora haja situações em que apontem para outros âmbitos, mormente sociais (pesca, comércio e festas), amorosos – até religiosos (v. Anexo III-2.2.1 – Peixes II).

Tabela 25: N° de referências a peixes por concelho e província (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%	N° concelhos p/ Província
1	Sardinha	53	43,1%	5/Alg., 4/Minho, 4/T.M. e A. Douro, 3/Estrem., 2/Douro Lit., 2/B. Alta, 2/B. Lit., 2/A. Alent., 1/B. Baixa, 1/Rib., 1/B. Alent.
2	Bacalhau	13	10,6%	2/Douro Lit., 2/Estrem., 2/Alg., 1/Minho
2	Truta	13	10,6%	3/B. Alta, 3/Douro Lit., 2/T.M. e A. Douro, 1/Minho
3	Pescada	7	5,7%	4/Estrem., 2/T.M. e A. Douro, 1/B. Lit.
4	Tainha	5	4,1%	1/Douro Lit., 1/Estrem., 1/Ilhas Adj.
5	Baleia	4	3,3%	1/T.M. e A. Douro, 1/Estrem., 1/B. Alent., 1/Alg.
5	Atum	4	3,3%	1/B. Alta, 1/Alg.
6	Enguia	3	2,4%	1/T.M. e A. Douro, 1/Estrem., 1/A. Alent.
7	Carapau	2	1,6%	1/B. Alta, 1/Estrem.
7	Fataça	2	1,6%	1/Estrem.
7	Garoupa	2	1,6%	1/Ilhas Adj.
7	Tubarão	2	1,6%	1/Alg.
7	Cachucho	2	1,6%	1/Alg.
8	Alfaquete	1	0,8%	1/Alg.
8	Baleote	1	0,8%	v. baleia
8	Boga	1	0,8%	1/A. Alent.
8	Cação	1	0,8%	1/B. Lit.
8	Charroco	1	0,8%	1/Alg.
8	Dentão	1	0,8%	1/Alg.
8	Peixe-cão	1	0,8%	1/Minho
8	Peixe-espada	1	0,8%	1/Minho
8	Robalo	1	0,8%	1/Minho

8	Salmonete	1	0,8%	1/Alg.
8	Zorra	1	0,8%	v. tubarão
	Total	123	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

III.2.2.1 – Sardinha

Pode ser frita ou assada, com pão, da salgadeira; serve para governar uma pessoa. Guardam-se cinco réis para comprá-la aquando do casamento. É apreçada pela varina – troça-se de Maria da Fonte⁹⁰ ao dizer-se que era uma regateira da sardinha que queria ser rainha. A horta está para as couves como o mar está para as sardinhas – ao ponto de se as ver saltar. A sua pesca causa apreensão às mulheres. Presta-se a metáforas e insultos. Em Lisboa come-se sardinha. Vem cheio de rabos de sardinha quem esteve em Cima do Douro. Na Nazaré pescam-na – no Alentejo não. Troça-se de Monchique com a chegada à vila dum batalhão de sardinhas tendo um gato por capitão.

III.2.2.2 – Outros peixes

Surgem de preferência pelo Litoral, embora também sejam mencionados no Interior.

O *bacalhau* não surge no Interior do país; refere-se em diferentes confecções (às postas, assado, frito) – diz-se que o amor é uma mistura de bacalhau e batatas; semeado na horta dá ora uma burra ora um frade; reservam-se as espinhas para quem canta mal; encareceu por causa do Pimenta⁹¹; ter uma esposa magriça é garantia de ter bacalhau para todo o ano.

A *truta* surge no Norte e no Interior; abunda no Mondego e apresta-se a metáforas amorosas.

A *pescada* surge em especial na Estremadura; é apreçada pela varina e não tem igual.

A *tainha* apanha-se no mar como na rocha se apanham pombas e como na terra couves.

O *atum* guarda-se para quem se ama.

Da *baleia* referem-se a dimensão religiosa e o caso da venda de um *baleote* que deu à costa em Lagos.

Cachucho e *dentão* são difíceis de pescar, embora garantam dinheiro.

A *garoupa* resulta numa felicidade para quem a logra, sendo pescada na Madeira, na Ponta do Sol, com anzol.

O *tubarão* e a *zorra* (espécie de tubarão⁹²) resultam monstruosos pelo tamanho e pela dieta de homens.

Referem-se ainda laconicamente o *alfaquete* (alfaquim, também conhecido por peixe-galo), que é excelente; o grande *cação*; o *carapau* magro, que um gato comeu; o *charroco*, conhecido pela boca feia, parecida à de certa pessoa; a *enguia*; e a *fataça*. Da *boga* diz-se que se apanha no cascalho. O *peixe-espada* foi-se pescar ao Lameirão, tendo-se trazido apenas

⁹⁰ Nome dado à revolta que ocorreu no Minho em 1846 contra as inovações liberais, como as leis da saúde e a questão dos cemitérios, e ainda a nova política tributária, entre outras reformas político-administrativas iniciadas dez anos antes. Chegaria a depor autoridades locais por outras designadas pelas próprias populações, com vista a manter a identidade das suas comunidades – cf. Ferreira, F., 2004. Sendo um nome de mulher, personificou «todas as mulheres anónimas que ao longo da história tiveram coragem de se manifestar» - Silva, C., 2019:184.

⁹¹ V. nota 81 em III.1.4 – Legumes da Horta – feijão.

⁹² *Alopias Vulpinus* – v. C. Carneiro, M., Martins R., Reiner, F. & Batista, I., 2019.

um peixe-cão (bodião, também conhecido por gaio). Os *robalos* são sempre apanhados por quem vai ao mar. E os *salmonetes* criam-se no mar como rosas na terra.

III.2.2.3 – Moluscos e crustáceos

Trata-se dum pequeno conjunto, com 27 referências, a maior parte oriunda do Algarve (v. tabela 26): caracol, caranguejo e caranguejola, camarão, berbigão, alcofinha, amêijoa, conquilha, lagueirão, mexilhão – e ainda o genérico marisco (v. Anexo III-2.2.3 – Moluscos e crustáceos).

Tabela 26: N° de referências a moluscos e crustáceos por concelho e província (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%	N° concelhos p/ Província
1	Caracol	9	31,0%	1/B. Lit., 1/Estrem., 1/Rib., 1/A. Alent.
2	Caranguejo e caranguejola	6	20,7%	2/Ilhas Adj., 1/B. Alta, 1/Estrem., 1/Alg.
3	Camarão	5	17,2%	1/Douro Lit., 1/B. Lit., 1/Alg.
4	Berbigão	3	10,3%	1/Alg.
5	Alcofinha	2	6,9%	1/Alg.
6	Amêijoa	1	3,4%	1/Alg.
6	Conquilha	1	3,4%	1/Alg.
6	Lagueirão	1	3,4%	1/Alg.
6	Mexilhão	1	3,4%	1/Douro Lit.
	Total	29	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

O *caracol* é comido na época das ameixas; presta-se a comparações com a lavadeira e o solteiro; simboliza resistência; é usado como termo carinhoso.

Com o *caranguejo* faz-se um relógio para medir o tempo do amor – no mar da Ribeira Quente, nos Açores, apanham-se *caranguejolas*, que servem de prenda amorosa.

O bom *camarão* é de Vila Franca, e vai-se a S. Paio da Torreira apanhá-lo – o rei teria partido aquando da implantação da República à pesca dos camarões; para Palmela parte um tal rapaz do camarão.

De modo pontualíssimo refere-se que as *alcofinhas*⁹³ apanham-se ao rebentar da maré; que o *mexilhão* é vendido na praia por uma preta⁹⁴; que o *lagueirão* (lingueirão, ou também longueirão – cf. Peixoto, A., 1889: 14) hesita numa situação amorosa ao chorar pela *amêijoa*

⁹³ Também conhecidas por cornetinhas, da família dos búzios – v. Peixoto, A. 1889:15.

⁹⁴ A preta do mexilhão é tema de algumas gravuras e ilustrações ao longo do séc. XIX. Apresentou-se em 1904, no Teatro da Trindade, uma opereta intitulada precisamente «A Preta do Mexilhão», paródia à Aída, de G. Verdi, com texto de E. Coelho e P. Pinto, tendo como maestros J. Neuparth e N. Milano – v. O Occidente, Revista Ilustrada de Portugal e do Extranjero, 27.º Anno – XXVII volume – N.º 917, de 20 de Junho de 1904, Lisboa.

que suspira, pela *conquilha* que chora, e pelo *berbigão* de que tem saudades – o berbigão é apanhado em Lagos, sendo a dieta das moças de Ferragudo.

Por fim, o *marisco* é depreciado pelo fedor, desagradando às raparigas o homem do mar que o rescende. Por ser termo genérico não o incluímos na tabela 26.

III.2.3 – Outros animais

Existe uma série de outros animais que, embora não entre na dieta, participa na alimentação humana, espelhando relações maioritariamente predatórias, mas também de comensalismo e parasitárias, dignas de ser consideradas: trata-se de gato, rato, lobo, raposa, formiga, pardal, tordo, gorgulho e toupeira (v. Anexo III-2.3 – Outros animais II).

O *gato* interfere na alimentação de uma casa: é valioso na caça dos ratos, e por tal perambula pela cozinha e pela horta, gerando cenas anedóticas; chega a ser um dote atencioso da mãe para a filha. É um animal alimentado pelas pessoas com carinho.

O *rato* rói pão, faneca, grão de milho, palanganas, o sebo da corda, as maçarocas das meninas dum serão; também é mencionado anedoticamente; são ainda referidos *ratazanas* e um *larião*.

O *lobo* ronda o povoado quando com fome; é caçado; apresta-se a metáforas amorosas e psicológicas. O Alentejo pela sua imensidão é acusado pelo Algarve de criar lobos.

A *raposa* gosta das aves do curral – S. António chega a abrir-lhe as portas; tem a ousadia de perguntar aos pastores quando é o dia do Entrudo.

A *formiga* aparece nas migas; tem conotação negativa.

Contra o *pardal* pede-se protecção divina pela azeitona; embora todos os pássaros comam o milho, é o pardal quem arca com a culpa, como todos namoravam a Joana para pagá-las o Baltasar; é sustento dos pardais o milho miúdo de Cambeses, Carneiro, Ramalde e do Minho.

Arma-se ao *tordo* quando a azeitona fica madura e quando o loureiro tem baga, numa conotação amorosa com a nubildade.

O *gorgulho* devora farelo, e até homens.

Separa as janelas dos namorados vizinhos o salto de uma *toupeira*, podendo esta simbolizar o pai que não quer tal casamento.

III.3 – Frutos e árvores de fruto

Frutos e árvores de fruto concentram mais de 1800 referências alimentares, com 36 variedades de frutos e 31 de plantas (v. tabelas 27 e 28). Apesar de os havermos considerado grupos distintos na tabela 6, por razões de afinidade abordamo-los aqui em simultâneo.

Só os citrinos enquanto conjunto representam um terço das referências aos frutos; após estes, destacam-se, para além da azeitona e da uva, a castanha, a maçã, a pera, o figo e a amora. Há frutos que são referidos francamente mais vezes que a planta (limão, laranja, maçã, pera, cereja e noz), e vice-versa (oliveira, pinheiro e amendoeira), revelando diferentes relevâncias. A videira apresenta alguma variedade nas referências – já na uva é em menor quantidade. Geograficamente, constata-se que há frutos que se restringem a determinadas zonas, como a castanha, que prefere os concelhos setentrionais, enquanto a amêndoa se fica pelos meridionais.

Frutas e respectivas árvores transcendem os limites alimentares de forma riquíssima, seja pela partilha (duma castanha ou de cerejas) que alicia relações, seja pelas ubicações (pomar

ou vinha) e pelas sazonalidades (a vindima ou o varejo) que servem de cenário simbólico, seja ainda pelas dimensões metafóricas (a flor da cerejeira ou o ouriço virginal), sem esquecer a componente religiosa (as frutas pelas romarias).

No Anexo IV-3.1 e no anexo IV-3.2 listamos os concelhos onde todas estas frutas e árvores surgem, indicando também as respectivas províncias.

Tabela 27: N° de referências a frutos por concelho e província (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%	N° concelhos p/ Província
1	Limão	151	15,1%	9/Minho, 7/Douro Lit., 7/B. Alta, 6/T.M. e A. Douro, 5/B. Alent., 4/Estrem., 3/B. Baixa, 3/B. Lit., 3/A. Alent., 2/Alg., 2/Ilhas Adj.
2	Laranja	113	11,3%	10/T.M. e A. Douro, 5/Douro Lit., 5/A. Alent., 4/Minho, 4/B. Alta, 4/B. Alent., 4/Alg., 2/B. Baixa, 2/B. Lit., 1/Estrem.
3	Castanha e ouriço	83	8,3%	6/T.M. e A. Douro, 6/B. Alta, 5/Minho, 4/A. Alent., 2/Douro Lit., 2/B. Baixa, 2/Alg., 1/Estrem., 1/B. Alent.
4	Azeitona	82	8,2%	8/Minho, 8/T.M. e A. Douro, 7/A. Alent., 6/Douro Lit., 5/B. Alta, 3/B. Lit., 2/B. Baixa, 1/Estrem., 1/B. Alent., 1/Alg.
5	Uva, cacho, bago	80	8,0%	6/Estrem., 4/B. Alta, 4/A. Alent., 3/Minho, 3/Douro Lit., 4/B. Alent., 3/Alg., 2/T.M. e A. Douro, 2/B. Lit., 1/Rib., 1/Ilhas Adj.
6	Maçã	67	6,7%	5/Douro Lit., 4/Minho, 4/T.M. e A. Douro, 4/B. Baixa, 4/Estrem., 3/B. Lit., 3/A. Alent., 2/B. Alta, 1/Ilhas Adj.
7	Pera	66	6,6%	4/A. Alent., 4/Alg., 3/Douro Lit., 2/Minho, 2/B. Alta, 2/B. Baixa, 2/Estrem., 1/T.M. e A. Douro, 1/Rib., 1/B. Alent.
8	Pinha e pinhão	61	6,1%	10/Minho, 5/Douro Lit., 2/T.M. e A. Douro, 2/B. Alta, 2/Rib., 2/Alg., 1/Estrem., 1/A. Alent.
9	Figo	50	5,0%	9/Alg., 7/T.M. e A. Douro, 4/B. Baixa, 3/A. Alent., 3/B. Alent., 2/Douro Lit., 2/B. Alta, 2/B. Lit., 1/Estrem.
10	Cereja	44	4,4%	7/Minho, 6/Douro Lit., 6/T.M. e A. Douro, 3/B. Alta, 2/B. Baixa, 2/Rib., 1/Estrem., 1/B. Alent.
11	Amora	36	3,6%	3/A. Alent., 2/Douro Lit., 2/B. Alta, 2/B. Alent., 1/Minho, 1/Estrem., 1/Ilhas Adj.
12	Bolota	26	2,6%	4/Minho, 3/Douro Lit., 2/Alg., 1/T.M. e A. Douro, 1/B. Alta, 1/Estrem., 1/A. Alent.

13	Lima	25	2,5%	4/Douro Lit., 4/B. Alta, 3/Minho, 3/B. Alent., 2/T.M. e A. Douro, 1/B. Baixa, 1/Estrem., 1/Ilhas Adj.
14	Noz	16	1,6%	3/Minho, 3/A. Alent., 2/Douro Lit., 1/B. Alta, 1/Estrem., 1/B. Alent., 1/Alg.
15	Ameixa	13	1,3%	4/Douro Lit., 4/B. Alent., 1/Minho, 1/T.M. e A. Douro, 1/B. Alta, 1/Alg.
15	Marmelo	13	1,3%	3/Douro Lit., 3/T.M. e A. Douro, 2/Alg., 2/B. Alent., 1/A. Alent.
16	Melancia	11	1,1%	2/Douro Lit., 1/T.M. e A. Douro, 1/B. Alta, 1/B. Baixa, 1/Alg., 1/Ilhas Adj.
17	Ginja	9	0,9%	3/Alg., 1/B. Baixa, 1/Estrem., 1/B. Alent.
18	Amêndoa	7	0,7%	4/Alg., 2/A. Alent., 1/Estrem.
19	Alfarroba	6	0,6%	3/Alg.
19	Gamboa e zambujo	6	0,6%	2/A. Alent., 1/B. Lit., 1/B. Alent.
20	Cidra	5	0,5%	2/Alg., 1/Minho, 1/Douro Lit.
21	Banana	4	0,4%	2/B. Alta, 1/B. Lit., 1/A. Alent., 1/Alg.
22	Avelã	3	0,3%	2/B. Alent.
22	Melão	3	0,3%	2/B. Alent., 1/Douro Lit.
22	Palmito	3	0,3%	1/B. Baixa, 1/Estrem., 1/A. Alent., 1/B. Alent.
22	Tangerina	3	0,3%	2/A. Alent.
22	Tremoço	3	0,3%	1/A. Alent.
23	Damasco	2	0,2%	1/A. Alent., 1/Ilhas Adj.
23	Medronho	2	0,2%	1/Douro Lit., 1/T.M. e A. Douro
23	Morango	2	0,2%	1/Minho
24	Abrunho	1	0,1%	1/B. Alent.
24	Ananás	1	0,1%	1/Ilhas Adj.
24	Andrina	1	0,1%	1/T.M. e A. Douro
24	Pêssego	1	0,1%	1/Minho
24	Romã	1	0,1%	1/T.M. e A. Douro
	Total	1000	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Tabela 28: Nº de referências a árvores de fruto por concelho e província (por ordem decrescente)

Nº ordem	Designação	Nº	%	Nº concelhos p/ Província
1	Oliveira	200	23,8%	11/T.M. e A. Douro, 10/Minho, 9/Douro Lit., 9/Alg., 8/B. Alta, 8/A. Alent., 6/Estrem., 6/B. Alent., 5/B. Baixa, 3/B. Lit., 1/Rib.
2	Videira	135	16,1%	10/Minho, 9/T.M. e A. Douro, 8/B. Alta, 6/B. Alent., 6/Alg., 5/Douro Lit., 5/A. Alent., 4/B. Lit., 4/Estrem., 2/B. Baixa, 2/Rib., 2/Ilhas Adj.
3	Pinheiro	118	14,1%	11/Minho, 7/Douro Lit., 6/T.M. e A. Douro, 6/B. Alta, 5/Alg., 4/A. Alent., 2/B. Baixa, 2/Rib., 2/B. Alent., 1/B. Lit., 1/Estrem.
4	Laranjeira	69	8,2%	7/Minho, 7/Douro Lit., 6/T.M. e A. Douro, 4/B. Alta, 4/A. Alent., 4/B. Alent., 3/B. Baixa, 2/Alg., 1/B. Lit.
5	Castanheiro	48	5,7%	8/Minho, 5/T.M. e A. Douro, 3/B. Alta, 2/Douro Lit., 1/B. Baixa
6	Figueira	42	5,0%	6/T.M. e A. Douro, 5/A. Alent., 4/Alg., 3/B. Baixa, 2/Douro Lit., 2/B. Alta, 1/Minho, 1/Estrem.
7	Limoeiro	36	4,3%	5/Minho, 5/Douro Lit., 3/T.M. e A. Douro, 2/B. Alta, 2/B. Alent., 2/Alg., 1/Rib., 1/Estrem., 1/A. Alent.
8	Amendoeira	26	3,1%	6/Alg., 3/Douro Lit., 3/T.M. e A. Douro, 3/B. Alta, 3/B. Baixa, 2/B. Alent., 1/Estrem., 1/A. Alent.
9	Carvalho	24	2,9%	4/Douro Lit., 4/Minho, 3/B. Alta
10	Pessegueiro	20	2,4%	4/Douro Lit., 3/Minho, 1/T.M. e A. Douro, 1/B. Alta, 1/A. Alent., 1/Alg., 1/Ilhas Adj.
11	Sobreiro	14	1,7%	4/Minho, 2/Douro Lit., 2/T.M. e A. Douro, 1/Estrem., 1/B. Alent., 1/Alg.
12	Amoreira	12	1,4%	1/T.M. e A. Douro, 1/B. Baixa, 1/Estrem.
12	Palmeira	12	1,4%	3/A. Alent., 2/Estrem., 1/B. Lit., 1/B. Alent.
13	Macieira	11	1,3%	2/Minho, 2/Douro Lit., 2/T.M. e A. Douro, 1/B. Alta, 1/B. Baixa, 1/B. Lit., 1/A. Alent.
13	Silva	11	1,3%	2/B. Alta, 1/Minho, 1/Douro Lit., 1/T.M. e A. Douro, 1/Estrem., 1/B. Alent., 1/Ilhas Adj.
14	Azinhreira	10	1,2%	3/A. Alent., 2/Alg., 1/Minho, 1/B. Baixa, 1/Estrem., 1/B. Alent.
15	Cerejeira	9	1,1%	2/Minho, 2/Douro Lit., 1/B. Alta
16	Alfarrobeira	6	0,7%	1/Estrem., 1/Alg.

16	Pereira	6	0,7%	2/Douro Lit., 1/Minho, 1/T.M. e A. Douro, 1/Rib.
17	Bananeira	5	0,6%	1/B. Lit., 1/Alg.
17	Marmeleiro	5	0,6%	3/A. Alent., 2/Douro Lit., 1/B. Lit., 1/Alg.
17	Nogueira	5	0,6%	1/Douro Lit., 1/B. Alta, 1/A. Alent.
18	Cidreira	3	0,4%	1/Minho, 1/Douro Lit., 1/B. Alent.
18	Medronheiro	3	0,4%	1/Minho, 1/B. Baixa
19	Gamboeira	2	0,2%	1/B. Lit., 1/A. Alent.
19	Meloal	2	0,2%	2/T.M. e A. Douro
20	Avelaneira	1	0,1%	1/Minho
20	Damasqueiro	1	0,1%	1/B. Baixa
20	(Estufa) ananás	1	0,1%	1/Ilhas Adj.
20	Melancial	1	0,1%	1/B. Alent.
20	Morangal	1	0,1%	s/i
	Total	839	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

III.3.1 – Citrinos

Tabela 29: N° de referências a citrinos e às restantes frutas (por ordem crescente)

Designação	N°	%
Citrinos	297	29,7%
Total de frutas	1000	100,0%

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Tabela 30: N° de referências a árvores de citrinos e às restantes árvores de fruta (por ordem crescente)

Designação	N°	%
Árvores de citrinos	108	12,9%
Total de árvores de fruta	839	100,0%

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Os citrinos são as frutas mais referidas, enquanto as suas árvores gozam de protagonismo bem menor em relação às demais, sobrepondo-se a laranjeira ao limoeiro (v. tabelas 29 a 32). Surgem por todo o continente e nas Ilhas só se faz referência à lima – recorde-se que no séc. XIX os Açores eram grandes exportadores de laranja para Inglaterra (cf. Sousa, 2012; Silva, 2010; Dias, 1995).

Tabela 31: N° de referências a citrinos (por ordem decrescente)

Designação	Nº	%
Limão	151	50,8%
Laranja	113	38,0%
Lima	25	8,4%
Cidra	5	1,7%
Tangerina	3	1,0%
Total	297	100,0%

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Tabela 32: Nº de referências a árvores de citrinos (por ordem decrescente)

Designação	Nº	%
Laranjeira e laranjal	69	63,9%
Limoeiro	36	33,3%
Cidreira	3	2,8%
Total	108	100,0%

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Diz-se que o *limão* é fruta azeda que consta da botica; é usado para temperar caldos, e casa bem com o café. Atirar com um limão ou pô-lo a correr significa tentar o amor; a sua estrutura interna em gomos remete para um coração partido; a forma exterior sugere os seios da amada. O *limoeiro* serve de escada na escalada amorosa. A *lima* acompanha o limão.

Laranja é também fruta azeda, mas dada pela mão de quem se ama torna-se doce. É para ser colhida, e não apanhada – cair de madura é cair em perdição. Como o limão, põe-se a correr e a rolar no âmbito amoroso. A laranja de ouro oferece-se na noite de núpcias. Sob a *laranjeira* canta-se e dança-se; a sua madeira é usada em adufes, arados, teares, colheres e camas; com a folha faz-se chá; a flor usa-se na culinária, nas celebrações religiosas e na retórica amorosa. A casca dos citrinos serve de embarcação em moldes poéticos.

A *cidra* serve de ponte nas gradações entre limão e laranja, e presta-se aos arremessos amorosos. Já a *tangerina* é como o amor dos homens, e quando madura apodrece por dentro.

Em Elvas vendem-se laranjas na praça. Galveias é terra de laranjas; Tavarede é do limão verde; Messejana e Panóias em Ourique são verde lima. Fala-se do limão e da laranja da China; e do Brasil refere-se um limoeiro (v. Anexo III-3.1 – Citrinos).

III.3.2 – Castanha

É o terceiro fruto mais referido a seguir ao limão e à laranja. *Castanha* e *castanheiro* surgem mais nos concelhos do Norte e do Interior, embora a castanha apareça também nos do Sul. Na tabela 33 distinguimos as referências entre castanha e ouriço.

Tabela 33: Nº de referências a castanha e ouriço (por ordem decrescente)

Designação	Nº	%
Castanha	72	86,7%
Ouriço	11	13,3%
Total	83	100,0%

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Cozida ou assada, é acompanhada de bebida alcoólica; a sua apanha desloca gente, exigindo varejadores, que se exibem às raparigas. Soutos são sinal de riqueza, e pelo S. Martinho são rebuscados⁹⁵. A castanha tem conotações amorosas: é partilhada, prometida e oferecida; quanto ao ouriço: tem dimensão erótica. Sobreiró, Portalegre e Alegrete têm boas castanhas; algumas capelas em Guimarães, Lamego e Fornos de Algodres desfrutam da sombra de *soutos*. Folha casca, flor e fruto têm propriedades tónicas e sedativas (v Anexo III-3.2 – Castanha).

III.3.3 – Azeitona

É o quarto fruto mais mencionado – já a *oliveira* e o *olival* ocupam o primeiro lugar entre as árvores. Fruto e árvore surgem por todo o país, excepto nas Ilhas. Referem-se as variedades *galega*, *cordovesa* e *cordovil* – desta faz-se o azeite que ilumina o Divino Sacramento. A pequena não se despreza, já que todas acabam no lagar; também se retalha, e vai à mesa do rei – a azeitona é considerada o rei dos amores. Carece de ser varejada e apanhada, dando azo a distrações no *olival dos amores*, que recebe gente de fora, migrantes que retornam por vezes insatisfeitos⁹⁶. Reza-se para que os pardais não a pilhem. Simboliza o amor e a rapariga. Atiram-se azeitonas à janela de quem se ama; e o caroço é um segredo do coração. A oliveira é ubíqua, aparecendo com frequência nos adros; muitas terras estão rodeadas de olivais. A azeitona de Elvas tem o caroço tapado; o Douro e Amarante são terras de varejo.

Tabela 34: Nº de referências a azeite por concelho e província

Designação	Nº	Nº concelhos p/ Província
Azeite	32	3/Minho, 3/T.M. e A. Douro, 3/Alg., 2/B. Alta, 2/A. Alent., 1/B. Baixa, 1/B. Lit.

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

No *azeite* (v. tabela 34) cozinham-se as quentinhas pelo Natal, e pede-se azeite pelas Janeiras; o odor que emana quando se fritam ovos espalha-se pela rua; tem usos medicinais; certo namorado sacristão come o azeite dos santos com pão, deixando estes às escuras; quando o azeite está caro, os olhos amados servem de candeia; uma nódoa de azeite tira-se com o tempo, mas a nódoa de a rapariga ter sido judia⁹⁷ não acaba por sair; duvida-se do azeite que certa oliveira ou azeitona podem dar, como se duvida amorosamente de algumas pessoas. De Moura vem o bom azeite; referem-se os *bagaceiros* de Amieira – as raparigas da Delgada e da Roliça apenas comem o *bagajo* para poupar dinheiro para sapatos com laço; S. Gonçalo de Amarante é feito de mel e azeite (v. Anexo III-3.3 – Azeitona, oliveira e azeite).

III.3.4 – Uva

⁹⁵ O rebusco da castanha começava no S. Martinho (Ribeiro, O., 1991: 395). V. nota 60 em II.7.1.2 – Ceifa, malha e desfolhadas.

⁹⁶ Sobre estas migrações e outros movimentos sazonais, v. II.7.1.2 – Ceifa, malha e desfolhadas.

⁹⁷ Cf. Bluteau, R., 1789: «Judiar, (...) vulg. Escarnecer».

Com *videira*, *vinha* e *parreira*, entre outras designações (v. tabela 36), a uva forma uma plêiade de referências: *uva*, *cacho* e *bago* (v. tabela 35) surgem quase tantas vezes quanto a azeitona, e a planta ocupa o segundo lugar nas referências nacionais. São referidos por todo o país, incluindo Ilhas – o fruto surge mais nos concelhos do Centro e Sul, enquanto a planta nos do Norte.

Tabela 35: N° de referências a uva, cacho e bago (por ordem decrescente)

Designação	N°	%
Uva	38	47,5%
Cacho	37	46,3%
Bago	5	6,3%
Total	80	100,0%

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Tabela 36: N° de referências a videira e variantes (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%
1	Videira	42	31,1%
2	Vinha	31	23,0%
3	Parreira	26	19,3%
4	Latada	12	8,9%
5	Cepa	9	6,7%
6	Vide	8	5,9%
7	Parra	5	3,7%
8	Bacelo	1	0,7%
8	Vidinho	1	0,7%
	Total	135	100,0%

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

A uva madura é vida e doçura, e quem tem uvas tem algo para dar; são cobiçadas, e por isso vigiadas. *Parras* e uvas são festa e fartura, e a *vindima* é tempo de risada. Tem conotações religiosas, até metafísicas: o mundo é uma *vinha* que a morte vindima, sendo cada *cepa* um cristão. Tem ainda uma dimensão erótica com sabor salomónico: a amada é uma vinha madura; subir a *parreira* é ir em busca do amor; o belo *cacho* pode ficar fora do alcance. A *videira* carece de poda – e de lágrimas; as *gavinhas* são a prisão do amor; como a folha lhe cai: os amantes naturalmente se entregam. Não dá boa chama a *cepa*, e a sua tortuosidade resulta numa representação plástica do espírito de quem bebe demasiado. Canta a rapariga que, embora se faça de desentendida, não lhe escapa nada, tal como pela folha conhece o *vidinho*⁹⁸. A *parreira* é apreciada pela sombra, que dá azo a intimidades – tê-la à porta é uma desculpa para namorar. Candós, Lagos e Olhão estão cercados de uvas; a ilha Graciosa é mãe das uvas; no vale das Sete Cidades as cepas folhosas chamam-se *faieiras* (v. Anexo III-3.4 – Uva, videira, parreira).

⁹⁸ Cf. Bluteau, R., 1789: «Vidinho (...) os renovos da videira, que servem para bacelo, e reformar as vinhas».

III.3.5 – Maçã

É a sexta fruta mais mencionada, marcando presença de norte a sul, inclusive nas Ilhas. Refere-se a variedade *camoesa*. Gosta-se da maçã corada. No verão oferecem-se maçãs assadas ao amado. Tem simbologia religiosa e presta-se a metáforas amorosas. Maçã picada pelo rouxinol perde a beleza; o seu perfume pode dissipar-se na cama de quem se ama. A maçã verde no ramo é um futuro amor; esmorece na apetência a que se deixa abanar. A *macieira* racha-se em pequenos cavacos, como os beijos racham os namorados. O Teixoso é bom para maçãs (v. Anexo III-3.5 – Maçã).

III.3.6 – Pera

É a sétima fruta mais mencionada, marcando presença de norte a sul. Referem-se pontualmente pera *de água*, *amorim*, *baguim*, *cabeçal*, *carvalhal*, *parda*, e *pigarça*; fala-se ainda em *perico* e *perada*. Agosto é o mês das peras. Simbolizam o rapaz ou rapariga que se ama. Olhos são peras; e as meninas são peras pigarças: por fora uma coisa, por dentro outra. Devem madurar como o amor. As peras velhas acabam preteridas pelas novas – depois dos trinta é-se *pera passada*. Diz-se que S. Bento é das peras. Envia-se em raminhos do Algarve, Lisboa e Coimbra. O Teixoso é bom para peras (v. Anexo III-3.6 – Pera).

III.3.7 – Pinha e pinhão

Pinha e *pinhão* (v. tabela 37) ocorrem quase sempre juntos, embora a pinha seja referida duas vezes mais. Fruto e árvore têm maior incidência nos concelhos do Norte e do Interior.

Tabela 37: N° de referências a pinha e pinhão (por ordem decrescente)

Designação	N°	%
Pinha	43	70,5%
Pinhão	18	29,5%
Total	61	100,0%

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Apanham-se pinhões para a ceia de Natal; oferecem-se em pouca quantidade, por supostamente fazerem mal. Da madeira de *pinho* fazem-se colheres; do *pinhal* vem a resina; junto ao pinho colocam-se as cavacas a secar. Com pinho acendem-se caldeiras infernais, e com a rama varre-se uma igreja. As raparigas são pinhas coradas por que o rapaz anseia; junto do pinho marcam-se encontros. O rapaz é um pinho *manso* que dá sombra todo o verão. Semear um pinho e esperar pelas pinhas é promessa de amor. Da Caparica vem uma preta a vender pinhas e pinhões⁹⁹; em Barreiros, Leiria, ocorre a *britada*¹⁰⁰ dos pinhões, que dá azo a serões e paixões. Com os rebentos faz-se chá para constipações e para afecções renais (v. Anexo III-3.7 – Pinha).

⁹⁹ Uma gravura (c. 1850) de J. Palhares apresenta uma «mulher de Leiria, vendendo pinhões em Lisboa – v. <https://purl.pt/29794> (acedido a 15/06/2021)

¹⁰⁰ Britar pinhões é retirá-los da casca. L. Vasconcellos, no boletim de Etnografia de 1920, faz uma descrição pormenorizada da sua colheita, britada e torrefacção em Leiria – v. Boletim de Etnografia, n.º 1, Imprensa Nacional, Lisboa, p. 44-49.

III.3.8 – Figo

Presente por todo o país, é mencionado em especial no Sul, assim como a árvore. Referem-se pontualmente figos *corigos*¹⁰¹, *lampos*¹⁰², *moscatéis* e *verdeais*, havendo ainda *figueira brava*, *preta* e *da índia* (a piteira, da família dos cactos, que referimos em III-1.2 – Arbustos). São vendidos na feira; conservam-se em passa ou torrados. Têm propriedades medicinais. A folha é usada para enfeitar um amor. A madeira da figueira serve para rocas, mas não para queimar – como os que deitam muita chama e fazem pouca brasa. A figueira incarna a rapariga; dar figos é dar beijos; deve ter pé ligeiro quem lhos quiser comer – embora a moça não queira dar fruto sem flor (*figo é a figa brejeira*, representação da vulva: cf. Vasconcellos, J., 1996; Medina, J., 1992 – Júnior, A. (1935) refere-a como a *concha Ciprea*). Despreza-se a rapariga que se deixa como figo apalpar por todos; mas os rapazes podem ser como figos corigos. Diz-se que do figo nasceu a ciência. Algarve é terra de figo, ao ponto de se tornar num vício dos seus habitantes; perto de Loulé há muito figo, e no Alentejo as raparigas têm fama de ser figos apalpados pelos beirões; em Penafiel, a romaria de S. Bartolomeu oferece figos aos fiéis. Algumas terras destacam-se pelas figueiras em redor (v. Anexo III-3.8 – Figo).

III.3.9 – Cereja

É a décima fruta mais mencionada, marcando presença de norte a sul, em grande variedade de concelhos. Referem-se as variedades *soldar* e *bical*. Diz-se que é o primeiro fruto, e por tal desperta o amor. As raparigas como as cerejas apanham-se pelo *pé* – algumas resistem até cair de maduras, sendo o pai a *cerejeira*; e porque são pilhadas pelas aves, não devem protelar o casamento. *Pé* e *cara de cereja* ou *ginja* são lugares comuns na retórica amorosa. O Senhor de Matosinhos satisfaz os fiéis de cerejas, tal como no S. João no Minho; ir às cerejas é ir ao Marão (v. Anexo III-3.9 – Cereja).

III.3.10 – Amora

Em décimo primeiro lugar, surge por todo o país. A *silva* é referida em nove concelhos, enquanto a *amoreira* apenas em três. A *amora* da silva encontra-se no mato, onde se vai colher para namorar; conota-se com a rapariga, e remete para o amor. Como a amora nasce da silva, o amor nasce da alma, prendendo quem ama. Como a silva dá amoras, a menina deveria dar beijos. A silva representa precisamente o amor que nasce do coração – a tal planta pede-se uma fruta, como ao amor um retrato. A amora serve ainda de travesseiro no leito do amor. Pela abundância pode provocar fastio no rapaz, e até remeter para falsidade. Já a amora da amoreira é oferecida num ramo, e a árvore presta-se a sextas; quando perde a folha, perde a escolha quanto a namorados. Da folha faz-se uma infusão que se bochecha para afecções bocais (v. Anexo III-3.10 – Amora).

III.3.11 – Outras frutas

¹⁰¹ Variedade pouco doce, cultivada em Torres Novas – v. Bobone, A., 1932:173-6.

¹⁰² São os que passam «o inverno em estado muito rudimentar para só se desenvolverem no ciclo vegetativo seguinte» - Bobone, A., 1932: 126. Distiguem-se dos chamados vindimos porque estes desenvolvem-se no mesmo ciclo vegetativo em que despontam – Bobone, A., 1932: 195.

Bolota e árvores: Bolota, carvalho e sobreiro são mais referenciados no Norte – a *azinheira* tem prevalência no Sul. A bolota é referida como *lande*, fruto do carvalho e do sobreiro – da azinheira não se refere. Engorda o gado. Ano de bolota carece de varejo e apanha – oportunidade para namoros. A casca do carvalho parece ter atributo medicinal, e a sua madeira é boa para ferramentas; diz-se que o carvalho dá quatro castas de fruto: bugalhos, bugalhinhos, landes e maçãs de cuco. O azinho dá excelente lenha, e a sua bolota é usada para afecções intestinais. Do sobreiro vem a cortiça, que tem que sustentar como um marido a mulher. *Quando a sobreira der bagos* indica tempos que não nunca virão (v. Anexo III-3.11 – Frutas várias: bolota).

A *noz*: é referida especialmente no Norte e no Alentejo. Tem forte dimensão simbólica. A *nogueira* é sagrada, e sugere promessas de amor sob a forma do fruto – dormir debaixo da noqueira tem algo de erótico. Oferecer nozes sabe a casamento. A casca oculta uma voz e um coração. Faz-se chá da folha para baixar a tensão (v. Anexo III-3.11 – Frutas várias: noz).

A *ameixa* está presente por todo o país, mas não se refere a árvore. Amadurece pelo S. João. A *reinol* é uma ameixa cobiçada. Do *abrunho* refere-se a doçura. Ameixas remetem para intimidade, que nem sempre resulta positiva, dando azo a queixas – são desejos amorosos que se procuram concretizar e que podem sair frustrados (v. Anexo III-3.11 – Frutas várias: ameixa).

Do *marmelo*, presente por todo o país, refere-se a variedade *gamboa*. Dele faz-se *marmelada*, que se pede pelas janeiras e ao menino Jesus. O marmelo retalha-se como o coração oferecido. A vara do marmeleiro é apreciada. Os frutos ameaçam cair se não forem colhidos; ter olhos como marmelos é insultuoso. Gamboa relaciona-se com amores dúbios. De Palmela e Lagoa trazem-se arrâteis de marmelada (v. Anexo III-3.11 – Frutas várias: marmelo).

Melancia e melão surgem um pouco por todo o país. A melancia serve para as camponesas lavarem o rosto no verão; a casca usa-se na fonte; é conotada com os seios; a flor pode simbolizar um novo amor; a romaria de S. Bartolomeu em Penafiel conta com melancias. O *meloal* é um alvo fácil para roubo; e dumas *pevides* semeadas nasceu uma monstruosidade (v. Anexo III-3.11 – Frutas várias: melancia e melão).

A *palmeira* dá a *palma* que dá o *palmito*. Com conotações amorosas. Alcobaça tem uma no meio; a Columbeira tem-na à entrada, e um palmito à saída (v. Anexo III-1.5 – Árvores: palmeira).

A *amendoeira* surge três vezes mais que o fruto – este é referido em especial no Sul, enquanto aquela é ubíqua. A flor da amendoeira representa o primeiro amor; e a árvore presta-se a ser trepada pelo pretendente. Há papel feito de amendoeira. A *amêndoa doce* é o coração da amada, enquanto a *amargosa* engana o rapaz. Com a delicadeza que se parte a sua casca: assim se chamará discretamente a atenção de quem se ama na missa do domingo. É o símbolo do Algarve; Alcoutim, Armação de Pêra e Cimbres estão rodeados de amendoeiras (v. Anexo III-3.11 – Frutas várias: amêndoa).

A *alfarroba* está adstrita ao Algarve, e resulta em motivo de troça: diz-se que é comida para burros. O ramo serve de chibata. As folhas são as mulheres algarvias, que caem logo que ficam amarelas sem que os bois as comam. Refere-se um suposto uso medicinal da alfarroba. Albufeira está rodeada de farrobeirões; a Rocha da Pena é terra dos farrobeirais (v. Anexo III-3.11 – Frutas várias: alfarroba).

A *banana* mede-se ao metro. Quem esteve no Brasil comeu-a. *À sombra da bananeira* tem sabor proverbial e conotação negativa, sendo ainda o lugar onde o preto fala com a preta (v. Anexo III-3.11 – Frutas várias: banana).

A *avelã* surge no Alentejo. É referida como alimento. A sua flor é invocada numa imprecação relativa ao casamento por dinheiro (v. Anexo III-3.11 – Frutas várias: avelã).

Os *tremoços* servem-se num prato ao amado, e são comparados com os amores da azeitona (v. Anexo III-3.11 – Frutas várias: tremoços).

O *damasco* tem dimensão amorosa enquanto árvore que se trepa. Diz-se que o Pico e o Faial são pais do damasco (v. Anexo III-3.11 – Frutas várias: damasco).

Do *medronho* faz-se aguardente. A rapariga bonita é corada como o fruto; e a árvore sem flor é triste como as raparigas sem amor. O rapaz vai-se aos *medronhais* ver da rapariga. Em Celorico de Basto havia um medronheiro que foi cortado. Tem propriedades diuréticas e anti-sépticas (v. Anexo III-3.11 – Frutas várias: medronho).

Morango é fruto erótico: a rapariga é o *morangal* dos desejos, sendo a boca a cesta, e os beijos os morangos. Em ramo resultam uma prenda de amor (v. Anexo III-3.11 – Frutas várias: morango).

Do *ananás* refere-se a *estufa* donde um amante desprezado vê alvorecer (v. Anexo III-3.11 – Frutas várias: ananás).

Das *andrinhas*¹⁰³ apenas se diz que se encontraram talhadas (v. Anexo III-3.11 – Frutas várias: andrina).

O *pêssego* é uma prenda do pessegueiro – o fruto em si apenas é referido uma vez, já que o protagonismo incide no simbolismo da árvore, que surge vinte vezes, em especial no Minho e Douro Litoral. Sob os seus ramos os namorados fazem o leite; as suas flores representam o amor – ao ponto de despertarem a nubilidadade na rapariga sobre a qual caem. O tronco presta-se a gravuras apaixonadas. Como rebenta pelo pé, deseja-se que também rebente a língua do pérfido (v. Anexo III-3.11 – Frutas várias: pêsego).

Referem-se ainda pontualmente *lampas* – o nome que se dá à fruta que se colhe pelo S. João; e umas *rainhas*, que acompanham morangos num ramo de amor (v. Anexo III-3.11 – Frutas várias: lampas e rainhas).

III.4 – Bebidas

Num modesto penúltimo lugar surgem 615 referências a 14 bebidas (v. tabela 38). Água e leite ocorrem em todo o país; o vinho não se menciona nas Ilhas, embora nelas se mencione a planta. Tal modéstia é aparente, uma vez que neste grupo se encontram os bens alimentares mais recorrentes: água e vinho.

Tabela 38: N° de referências a bebidas por concelho e província (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%	N° concelhos p/ Província
1	Água	284	46,2%	16/Minho, 16/T.M. e A. Douro, 14/Douro Lit., 13/B. Alta, 10/Alg., 8/B. Baixa, 8/A. Alent., 7/B. Lit., 7/B. Alent., 6/Estrem., 3/Rib., 3/Ilhas Adj.
2	Vinho	188	30,6%	11/Minho, 11/T.M. e A. Douro, 10/Douro Lit., 8/Alg., 7/B. Alta,

¹⁰³ Abrunhos selvagens. Trata-se de um vocábulo usado na Terra de Miranda, partilhado com o castelhano (*andrina* e *endrina*) – v. Alves, A., Ramos, M. & Carvalho, A., 2010: 27.

				5/B. Lit., 4/Estrem., 3/A. Alent., 2/B. Baixa, 1/Rib., 1/B. Alent.
3	Leite	57	9,3%	7/T.M. e A. Douro, 6/A. Alent., 3/Alg., 2/Minho, 2/B. Alta, 2/Estrem., 2/Ilhas Adj., 1/Douro Lit., 1/B. Baixa
4	Aguardente	33	5,4%	5/T.M. e A. Douro, 4/B. Alta, 3/Minho, 3/Douro Lit., 2/A. Alent., 2/Alg., 1/B. Lit., 1/Estrem., 1/B. Alent.
5	Sumo	17	2,8%	3/T.M. e A. Douro, 2/Douro Lit., 2/B. Lit., 2/A. Alent., 2/Alg., 1/Minho, 1/B. Alta, 1/Estrem.
6	Licor	10	1,6%	2/T.M. e A. Douro, 2/A. Alent., 2/B. Alent., 1/Douro Lit., 1/B. Baixa, 1/B. Lit.
7	Café	8	1,3%	3/A. Alent., 2/Minho, 1/B. Alent.
8	Chá	6	1,0%	1/T.M. e A. Douro, 1/A. Alent.
9	Água pé	5	0,8%	2/T.M. e A. Douro, 1/B. Alta
10	Gasosa	2	0,3%	1/Estrem., 1/Alg
10	Larapa	2	0,3%	1/B. Baixa
11	Água mel	1	0,2%	s/i
11	Cerveja	1	0,2%	1/Alg.
11	Limonada	1	0,2%	1/Estrem., 1/A. Alent.
	Total	615	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Não se pode descurar o valor da água apenas por se evitar o seu consumo por questões sanitárias: enquanto elemento essencial à vida, aglomera em seu redor pessoas e conglomeras povoações, que dela dependem, gerando assim dinâmicas sociais *hídricas*, que na maioria remetem para relações de intimidade – a *fonte* chega a ser mais citada do que a água, o que revela a importância do *local*. Também o vinho gera dinâmicas, com conotações variadas: surge em contextos que apenas roçam no amoroso, já que maioritariamente é brindado na lavoura e nos festejos – por vezes degenerando em borracheira e até em vício. Cumpre ainda referir que o leite não se limita a ser líquido: adquire outras consistências (queijo, requeijão, manteiga, almece e coalhada).

Nas bebidas, tal como nas comidas, encontramos um lubrificante social, que dá azo a manifestações da vida em comunidade – líquido ou sólido, o alimento reúne as pessoas.

No Anexo IV-4 listamos os concelhos onde todas estas bebidas surgem, indicando também as respectivas províncias.

III.4.1 – Água

Tabela 39: N° de referências a locais onde existe água (por ordem decrescente)

Designação	N°	%
Fonte	286	39,8%
Mar	171	23,8%
Rio	132	18,4%
Poço	45	6,3%
Ribeiro	44	6,1%
Chafariz	32	4,5%
Lagoa	3	0,4%

Nascente	3	0,4%
Cisterna	1	0,1%
Lago	1	0,1%
Total	718	100,0%

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Ocorre por todo o país e é a principal referência alimentar no CPP – a par de *fonte* (v. tabela 39). É servida e bebida a partir de vários meios, desde os habituais *vaso e copo, malga, garrafa, cântaro, bilha, panela e púcaro*, a outros rústicos: *melancia, açucena, rosmaninho e salsa*; há ainda meios simbólicos, como *olhos, boca, peito e palma*. Vem da *fonte* e do *rio, monte e mato, raiz da cana* e do *coração*. É preterida pelo vinho por razões sanitárias, vinho que nunca deve ser por ela conspurcado – água *enxovalhada* só mesmo para não morrer de sede, já que pode ter sanguessugas, veneno e lombrigas. Usa-se água com ervas para mezinhas. Tem dimensão religiosa e medicinal: há água benta, e benzem-se as próprias fontes; a água que se bebe pelo S. João dá saúde. Tem dimensão amorosa: água e amor relacionam-se pela sede insaciável; a moça é água – ambas podem ser enturvadas; a água dos olhos rega o pomar do coração – ou mesmo nascer do coração; um copo de água à janela da rapariga denota independência amorosa (v. Anexo III-4.1 – Água: água).

A *fonte* está no monte – inveja-se quem bebe água de todas as fontes. A fonte é um caminho amoroso, onde se rompe muito calçado e tecido: é o lugar de encontro por excelência; aí se enche de beijos o cântaro – ou de lágrimas. Na fonte onde os jovens se exibem, enrama-se o futuro amor e fazem-se juramentos; aí se deixam pistas e avisos. Fonte, enfim, conota-se com raparigas: fazem-se fontes na esperança de que elas apareçam; visitá-la de noite roça na grosseria (v. Anexo III-4.1 – Água: fonte).

Fala-se ainda em *nascente, poço, chafariz* e *cisterna*. S. António faz rebentar as *nascentes* quando a sede abrasa o fiel. O *poço* tem dimensão sombria; o pensamento pode ser fundo como ele – assim como os seus amores, pelo que se devem evitar; julgando-se tirar água tiraram-se enganos; quem bebe do poço muda de fala – e beber da *cisterna* constipa. O *chafariz* está na praça, dando de beber a quem passa; de noite é visitado pela moça para namorar (v. Anexo III-4.1 – Água: nascente, poço e chafariz).

São várias as referências geográficas devido à água (v. Anexo III-4.1 – Água: Referências geográficas). O chafariz da Dorna na Guarda tem *bicas* memoráveis, tal como Seia; mas aquando das ceifas, as águas da Guarda são perigosas; as do rio de Mirandela são insalubres; Longroiva tem águas especiais. Olhão tem poços novos; V. Velha do Ródão tem uma *bomba* para extrair a água que faz as delícias das mulheres. A água de Monchique é a riqueza do Algarve, embora as suas *caldas* sejam dispendiosas – ir às Pedras Salgadas tão pouco sai barato. Beber água do Tejo deixa a fala baixa, e a do Livramento produz esquecimento. Há terras que não têm água, como Salvaterra, Vila Nova, Vila Seca e Vila Verde; em Cima do Douro passa-se *sede*; as águas da Valada e de Paredão de Bula não matam a sede.

Fontes existem em várias terras; a melhor é a do Luso; a da Goma de Proença tem fama até ao Alentejo; Monsaraz tem a fonte no Telheiro, e na de Palvarinho roça-se a talha com rosmaninho; a fonte de N^a Sra. das Entráguas rega Coimbra; a Sra. da Graça tem uma fonte coberta de rosas; S. Gonçalo de Amarante e S. João de Braga dão de beber das suas fontes.

Os poços da Tolosa têm água encharcada, e o da Sra. das Entreáguas não tem fundo. Várias terras possuem chafarizes; o de Alter do Chão é chamado o dos bonecos; em Elvas há um à entrada a dar vivas a D. Luís; o melhor de Arruda é mesmo o chafariz.

Do mar e rio tratámos em II.5.1 (Água e pesca).

III.4.2 – Vinho

Ocupa o segundo lugar no número de referências, e aparece por todo o continente (v. Anexo III-4.2 – Vinho e excesso: vinho). É servido e guardado em vários recipientes¹⁰⁴: *bota, cabaça, pipa, canabarro, garrafa, garrafão, cuba, odre, tonel e pote*; é medido em *canada* e *almude*. Pelo *copo* é bebido à refeição – nada presta na mesa onde ele falta; sacia a sede, e é preferido à água por ser uma bebida segura; dá força aos jornaleiros, servindo ainda de pagamento. Pede-se pelas janeiras; pelo S. Martinho dá-se *larapa* por vinho; pelas orvalhadas bebe-se *maduro*. Paga-se por ele nas *tabernas*, e fecha-se às chaves na *adega*. Quem tem vinho é rei, dando espírito a quem dele carecia; rejuvenesce, e faz cantar.

Relaciona-se com paixão e raiva – *cabeça de vinho* é insultuoso; parece ter segundas intenções aquele que pede a uma senhora para lhe dar a provar do vinho. Com dimensão religiosa e medicinal: das três gotas do sangue de Cristo, a segunda fez o vinho; o carneiro de S. João pede ao santo vinho; a estátua de S. Paio da Torreira lava-se com vinho com que depois se tratam sezões.

O vinho de Bragança faz dançar; o do Douro, fino e forte, não tem igual, mas estorva o andar; Alentejo e Algarve têm bom vinho, tal como C. Basto, Alvaredos, Vidigueira e Ribeira; o minhoto bebe vinho de *enforcado*; os de Cabeceiras bebem muito; as mulheres de Pedrógão, e as raparigas de Revordelo e da Terra fria gostam dele; vão a Melgaço os galegos por ser o vinho barato.

O consumo excessivo revela-se um filão sociológico (v. Anexo III-4.2 – Vinho e excesso: excesso de vinho): beber vinho é um *vício*, mas deseja-se bom proveito; domingo é dia do pai ficar *pingo*; o diabo deveria levar os *beberrões*; há quem chegue a preterir fontes de água por fontes de vinho, e quem gostasse de ter sete barrigas para bebê-lo e matar tristezas; cura-se a *ressaca* bebendo todavia mais. O vinho embrutece o doutor e endoidece as pessoas; dá forças mas turva o andar; até na hora extrema o borracho cisma com um funeral *vinico*; um camarada morre se não beber, havendo quem queira provar do vinho de Jesus – a *abstinência* dele não consta nas escrituras. Um frade vende o rabo da burra por vinho, e vinte e quatro freiras morreram de *borracheira* numa canção infantil; S. Martinho é venerado despejando copos na taberna; a S. João do Cando pede-se vinho; exclama-se que S. António está borracho quando se manda um copo abaixo; S. Paio da Torreira tomou banho na praia com uma grande bebedeira; Reguengos é terra das borracheiras.

III.4.3 – Aguardente, licor e cerveja

A *aguardente* é a filha do vinho; é fina e esperta; quer-se refinada e bem temperada; dá força, mas também entesica; no domingo bebem-se dez réis dela. Tem uma dimensão amorosa, que parece faltar ao vinho: dentro do peito há uma *azenha* de aguardente para *destilar* saudades, e duas bilhas quando se quer disfarçar a mágoa do amor; quem beber um

¹⁰⁴ V. II.6.2.2.1 – Recipientes para vinho.

copo da que se tem no peito ficará cativado; o apaixonado dá pena pelas *garrafinhas* de aguardente à janela. No verão de S. Martinho vai-se a ela; é apreciada pelo abade de S. Vicente; de Cima do Douro vem uma mulher cheia de água-pé; em Nisa já não se quer mais nada quando a de medronho está na *estila* (v. Anexo III-4.3 – Outras bebidas alcoólicas: aguardente).

O *licor* vem em garrafinhas; dois copinhos dele e duas estaladas põem o pretendente no lugar; dão-se vivas por copinhos de licor – refere-se um de *genebra*; o vinho chama-se a si próprio de *verde licor*, e fala-se num *licor de rosa*. A *cerveja* apenas surge aquando duma troca por uma *gasosa*. Por fim, um copo de *água-mel* aparece no Guadiana, a par doutro copo de água, contendo cada qual os olhos do Manel e da Maria amada (v. Anexo III-4.3 – Outras bebidas alcoólicas: licor, cerveja e água-mel).

III.4.4 – Leite e derivados

Leite é a terceira bebida mais referida, e surge por todo o país. Dão-no vacas, cabras e mães; mama-se e come-se; conota-se com comida fácil, para crianças, gatos – e pastores brutos, que o comem dos *caldeiros*. Resulta bela a *cara de leite coado*, assim como *pele branca como leite* – já *palidez de leite* prenuncia doença, e *cor de leite* não é senão insulto. Tem uma dimensão amorosa. Jura-se pelo leite que se mamou. Em Lisboa a *leiteira* vende o leite; as moças da Flor da Rosa vão à *leitaria*; às raparigas da Portela não faltará leite pelo verão, visto estarem de esperanças; Raposeira tem bom leite (v. Anexo III-4.4 – Leite, derivados e mamar: leite).

Tabela 40: N° de referências a derivados lácteos por concelho e província (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%	N° concelhos p/ Província
1	Queijo	14	43,8%	2/B. Alta, 1/Douro Lit., 1/T.M. e A. Douro, 1/B. Baixa, 1/Estrem., 1/A. Alent., 1/B. Alent.
2	Requeijão	9	28,1%	2/A. Alent., 2/Alg., 1/B. Lit., 1/Estrem.
3	Manteiga	7	21,9%	2/Minho, 2/B. Alta, 1/Douro Lit.
4	Almece	1	3,1%	1/B. Alent.
5	Coalhada	1	3,1%	1/Alg.
	Total	32	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Existem alguns *derivados* sólidos (v. tabela 40): o *queijo* surge por todo o continente; é pesado na loja; pagar por ele dez réis é considerado excessivo para o número de cabras que há por aí; ao moiral¹⁰⁵ das cabras não falta leite para que a noiva faça queijos – o beijo à recém-casada sabe a queijo, mas ao marido a ranço; resulta erótica a rapariga que come pão e queijo à janela; Alentejo é terra de queijo; o do Rabaçal tem fama; certa solteira gostaria de

¹⁰⁵ No CPP de LV surge sempre com esta grafia, em vez de maioral. Em Avis no início do séc. XX ao cabreiro chamava-se maioral das cabras, usando-se a grafia moural (Almeida, M., 2002: 2).

fazer um queijo de neve na Serra da Estrela. O *requeijão* é vendido com o leite pela leiteira e pela saloia; são imaginadas ondas de requeijão para tornar o mar apetecível; *boca de requeijão* é termo afectivo para o menino Jesus. *Manteiga* acompanha torradas, e café com limão; uma velha chocalheira deu ovos e manteiga. O *almece*¹⁰⁶ reserva-se para quem se ama. Por fim, diz-se que só há *coalhada* quando é tempo de leite, não sendo pedida durante as janeiras.

III.4.5 – Outras bebidas: sumo, chá, limonada, café e gasosa

Existem referências breves a outras bebidas não alcoólicas (v. Anexo III-4.5 – Outras bebidas), dentre as quais se destaca o sumo, presente em todo o continente, e que compreende tanto frutas espremidas como infusões de plantas: há *sumo* guardado dentro do limão, que escorreu do coração quando aquele foi atirado; da laranja tira-se o sumo ou suga-se; referem-se *sumos de ervas*: mentrasto, rosmaninho, salsa, trovisco e açucena. Refere-se *chá* de folha de laranjeira; os chás de erva-cidreira e amor-perfeito são para feitiços e para o cansaço da vida. Já a *limonada* faz-se do limão verde, conotando-se de algum modo com o dinheiro que se deve. O *café* toma-se em casa e no botequim; não se pretere vinho pelo café; gostaria de se ser enterrado junto à chaminé para se mexer e beber o café. Da *gasosa* apenas se diz que é trocada com um papagaio por cerejas ou cervejas.

III.5 – Cereais

São referidos sete variedades: trigo, milho, centeio, arroz, cevada, aveia e linhaça (v. tabela 42). No universo dos cereais, *pão* é um termo que reclama acima de quarenta por cento das referências totais (v. tabela 41) – mais do dobro do trigo; resulta tanto genérico como problemático: consoante o contexto significa grão, seara e o próprio alimento cozido. Os cereais no CPP não se destacam especialmente – mas tão pouco deixam de ter importância: as etapas do seu ciclo são celebradas na comunidade, como a monda, as ceifas, as malhas e as desfolhadas, sem esquecer a etapa final da confecção e consumo; no caso do trigo, a abundância determinará se será ano de casamentos. A par da componente alimentar são mais uma vez valorizadas outras componentes, como a social, a amorosa e a religiosa.

Convém notar que segundo os índices de produção agrícola entre meados e finais do séc. XIX, trigo, centeio e milho, pese alguma oscilação, mantiveram uma tendência de crescimento. Já no início do século XX disparou a produção do trigo, enquanto o arroz, pese o aumento, foi mais irregular e centeio e milho diminuía¹⁰⁷. Nas palavras de Sousa, E., (1897: 51), espelhando esta época de transição: «A civilização aspira a substituir o negro pão grosseiro das aldeias sertanejas e atrasadas, o milho e o centeio, a cevada, as bolotas... pelo pão de trigo branco e bem feito, que testemunha o conforto e o bem estar».

No Anexo IV-5 listamos os concelhos onde estes cereais surgem, indicando também as respectivas províncias.

¹⁰⁶O *almece* é um subproduto do queijo: trata-se do soro do leite fervido a que se pode acrescentar um pouco de leite, ou um pouco de leite e *coalhada*. É uma palavra com origem árabe usada no Alentejo e Algarve, enquanto no centro e norte do país fala-se em soro (com origem latina), sendo ambas usadas nos Açores. Outras variantes podem ser aguadilha, atabefe, chorriho, etc. V. Álvarez, X. & Saramago, J., 2012.

¹⁰⁷Cf. Lains, P. & Sousa, P., 1999: 29.

Tabela 41: N° de referências a pão, farinha, farelo e cereais (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%
1	Pão	184	42,5%
2	Trigo	83	19,2%
3	Milho	61	14,1%
4	Farinha	32	7,4%
5	Centeio	24	5,5%
6	Farelo	17	3,9%
7	Arroz	13	3,0%
8	Cevada	12	2,8%
9	Linhaça	4	0,9%
10	Aveia	3	0,7%
	Total	433	100,0%

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

Tabela 42: N° de referências a cereais por concelho e província (por ordem decrescente)

N° ordem	Designação	N°	%	N° concelhos p/ Província
1	Trigo	83	41,5%	8/T.M. e A. Douro, 5/Estrem., 4/B. Alta, 4/A. Alent., 4/Alg., 3/Minho, 3/Douro Lit., 3/B. Baixa, 3/B. Alent., 1/B. Lit., 1/Ilhas Adj.
2	Milho	61	30,5%	6/Minho, 6/Douro Lit., 5/T.M. e A. Douro, 5/B. Alta, 3/B. Baixa, 2/Alg., 2/B. Lit., 2/A. Alent., 1/B. Alent.
3	Centeio	24	12,0%	5/Douro Lit., 2/Minho, 2/T.M. e A. Douro, 1/A. Alent.
4	Arroz	13	6,5%	3/T.M. e A. Douro, 2/B. Alta, 2/A. Alent., 1/Douro Lit., 1/B. Baixa, 1/Estrem.
5	Cevada	12	6,0%	2/B. Baixa, 1/Minho, 1/Douro Lit., 1/B. Alta, 1/Estrem., 1/A. Alent., 1/B. Alent., 1/Alg.
6	Linhaça	4	2,0%	2/B. Alent., 1/A. Alent.
7	Aveia	3	1,5%	1/Douro Lit.
	Total	200	100,0%	

Fonte: L. Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*

III.5.1 – Trigo

Da segunda metade do séc. XIX em frente os hábitos alimentares no que concerne aos cereais mudaram: as populações, que cresciam, preferiam cada vez mais o trigo, a par da deslocação de pessoas de zonas onde o centeio e o milho eram consumidos para onde o trigo supria as necessidades de hidratos. Este contexto, a par do proteccionismo quanto à importação do trigo da América do Norte, levou ao aumento da produção nacional do cereal, em benefício dos latifundiários do sul de Portugal. Apesar do seu encarecimento causado por tais medidas políticas, o hábito enraizara-se e o preço do pão de trigo não

acompanhou o custo da matéria-prima¹⁰⁸, o que contribuiu para o declínio do consumo dos outros cereais (Reis, J., 1979:762).

O trigo é, pois, o cereal mais referenciado, em especial no Alentejo, sendo o único que ocorre por todo o território. O *pão* quando é de trigo é como tal especificado – está reservado para os ricos e para ocasiões especiais. O trigo não tem igual, ao ponto de apenas ele entrar na hóstia. Carece de monda, ceifa e malha, dando azo a convívio. Os casamentos dão-se em ano de trigo barato. Tem ricas conotações metafóricas, e até sociais: comer nove tetos de trigo é apenas para fadistas; o namorado de Braga vem só afeito ao trigo. Terras de trigo são o Alentejo, Leiria, Juromenha e Paçó; a padeira de Fornos de Algodres tem *coração de trigo*; na Moreira os rapazes levam pão de trigo às raparigas (v. Anexo III-5.1 - Trigo).

III.5.2 – Milho

Tendo sido «um dos mais importantes alimentos dos estratos populares» nos séc. XVI e XVII (Almeida, L., 1992:128), nas comarcas perto do mar, este cereal só no séc. XVIII se estenderia mais pelo interior do país – desde então até ao séc. XX manteria «durante largo tempo o primeiro lugar entre os cereais panificáveis» (Almeida, L., 1992: 143), com especial incidência no Norte atlântico.

No CPP de LV é ele o segundo cereal mais referenciado, contribuindo para tal a repetição do termo numa mesma quadra por várias vezes. Tem especial incidência de facto no Norte – mas também no Interior. Semeado em Março, carece de rega e monda – se não for sachado não dará nada, tal como a rapariga. Pelas *desfolhadas* comem-se *maçarocas* assadas; a *barba* do milho serve de alimento para bestas, mas tem propriedades medicinais (Neves et al., 2008). Junto do milho namora-se. As raparigas do Algarve são *papas de milho*¹⁰⁹, e o minhoto come *broa* sem se fartar. São terras de *milho miúdo* Cambeses, Carneiro, Ramalde e o Minho; já Veiga tem *milho grande*, e Basto tem *milharia*; no Campo, em Coimbra, há leiras de milho; se a Caldeira do Faial se extinguísse poderia ter milho semeado (v. Anexo III-5.2 - Milho)

III.5.3 – Centeio

A produção do centeio na passagem do séc. XIX para o XX conheceu um declínio, devido à ascensão do trigo. Não é de estranhar, pois, que surja em terceiro lugar nas referências aos cereais, tendo prevalência no norte e interior do país. Acode as pessoas enquanto alimento, servindo a sua palha (o colmo) de telhado. Como o trigo, carece de monda, ceifa e malha, que resultam em momentos de convívio e troca galharda de palavras – a malha pode dar uma dimensão violenta ao amor. Ir regar o centeio é namorar. O grão e a espiga também se prestam a metáforas (v. Anexo III-5.3 - Centeio).

III.5.4 – Arroz

¹⁰⁸ Havia um preço garantido para o trigo nacional, fixado em 1889, sendo posteriormente actualizado - cf. Reis, J., 1979: 747. A lei cerealífera de 1899, que assegurava a manutenção do preço do pão comum, ficaria conhecida como Lei da Fome (Reis, J., 1979: 773). Aliás, a estabilidade na panificação está relacionada com a estabilidade social ao longo da História humana (cf. Myhrvold, N. & Migoya, F., 2017, vol. 1).

¹⁰⁹ V. o que referimos sobre papas em II.3.1 – Confeções salgadas.

Ainda que se tenha tornado parte da dieta portuguesa, ao arroz custou conquistar tal lugar, muito devido ao paludismo que o seu cultivo acarretou, tendo-se chegado a afirmar que a praga dos arrozais reclamava uma vida pela produção de cada 16 hectolitros do cereal¹¹⁰.

Surge um pouco por todo o continente, à excepção do Algarve. Coze-se na panela, e servi-lo cru é sinal de querer enganar; há também *arroz de caçoila*, e *arroz doce* – dá-se arroz com canela à menina recatada. Pela monda do arroz encontram-se e apartam-se os namorados. O pó de arroz cobre as meninas de Flor da Rosa; as mulatas da Baía alimentam-se de arroz doce; os arrozais turvam as águas do Tejo e da Vala, em Salvaterra de Magos (v. Anexo III-5.4 - Arroz).

III.5.5 – Cevada, aveia e linhaça

Surgindo pelo continente (à excepção de Trás-os-Montes), a *cevada* perde em comparação com o trigo. Antigamente usada nos pães terçados e quartados, nesta altura caía em desuso na panificação portuguesa (Sousa, E., 1897:123). Tal como o centeio, ir regar a cevada é namorar. Tem a folha pequena, como a amizade quando não é recíproca. O pão de cevada que dão nas ceifas do Ladoeiro é desprezado; em Trás da Serra apanha-se a cevada à mão (v. Anexo III-5.5 – Outros cereais: Cevada).

A *linhaça* surge em especial no Alentejo. É referida pelo linho; em ano de muito linho haverá linhaça. Coimbra está rodeada de campos de linhaça. Com a estopa queimada dentro dum copo a servir de ventosa faziam-se tratamentos sobre a pele untada com mel, e com a linhaça faziam-se cataplasmas para bronquites¹¹¹ (v. Anexo III-5.5 – Outros cereais: Linhaça).

Da *aveia* diz-se sucintamente que apesar de feia mata a fome. De facto, refere E. Sousa que é «o pão da extrema miséria, das crises agudíssimas da fome» (Sousa, E., 1897:122), embora acabe por realçar a sua riqueza nutritiva (p. 338), apontando-lhe ainda usos terapêuticos (v. Anexo III-5.5 – Outros cereais: aveia).

III.5.6 – Seara e grão

Chama-se *pão à seara* e ao *grão*. A sua ceifa não se deve ser distraída com namoros – a seara dá pão como meninas de estimação. É graças ao boi que as terras dão pão, e ao trabalho dos lavradores; Deus e Jesus também têm um papel, e a S. Bárbara pede-se que afaste a trovoadas.

Alentejo é terra de pão, assim como o Algarve, Barroso, Campo de Víboras (Bragança), Vilares (Alfândega da Fé), Veiga (S. Marta de Penaguião) e Cima Côa – Lisboa não. Caria (Sernancelhe) se fosse semeada dá-lo-ia. O lavrador do Marão depende do pão (v. Anexo III-5.6 – Seara e grão).

III.5.7 – Farinha e farelo

Ambos são usados para fazer pão. Com a *farinha* faz-se *fermento*; peneira-se e bate-se. Farinha é termo genérico: não especifica o cereal. Há farinha de mandioca e talvez de fava. Troça-se de quem só come farinha, mas dá-la ao burro é mimá-lo. Ao sujar a moleira e a

¹¹⁰ Cf. Vaquinhas, I., 2000: 177.

¹¹¹ V. Freitas, F. & Mateus, M., 2013.

padeira a farinha confere-lhes sabor de pão aos beijos; tê-la na cabeça simboliza cãs. Recebe-se um pouco de farinha como dote; serve de pagamento para quem vai arranjar a azenha; encareceu com o Pimenta¹¹². É usada para a erisipela. Virará farinha o rapaz que voltar a falar com uma certa moça; os namorados poderão juntar-se como rolão e farinha (v. Anexo III-5.7 – Farinha e farelo: Farinha).

O *farelo* separa-se no moinho – há padeiros de farelo. Vale pouco, como a voz de quem canta mal. Quem come farelo pretende poupar dinheiro para roupa. *Barbas de farelo* é insultoso (v. Anexo III-5.7 – Farinha e farelo: Farelo).

III.5.8 – Pão cozido

Para confeccioná-lo precisa-se de *água, fermento e farinha* (trigo, centeio, milho, cevada); é preciso ainda *amassar e tender*; usa-se *peneira e masseira*; ao enfornar-se dizem-se vários tipos de orações e de esconjuros, e até antes, depois de se amassar, enquanto está a levedar, orando-se a S. Gonçalo, S. Mamede, S. João, S. Vicente, a N. Senhora e a Deus. Arrecada-se no *alforge, enxaca, palangana, arca, cesto e caixa*. Embora tenha por vezes dimensão religiosa, pão é sustento mundano – *ganhar o pão* é ganhar para viver, e resulta no dever dum pai (v. Anexo III-5.8 – Pão: Pão cozido). *Migalhas* apesar de tudo são pão. Deseja-se gorgulho a quem o recusa como esmola (v. Anexo III-5.8 – Pão: Migalhas).

Essencial na mesa, é usado como viático para outros alimentos – por vezes com conotações eróticas. Caldo sem pão é rapaz sem rapariga. Quando escusa conduto é sinal da sua excelência; mas uma vez bolorento é desprezado, como os rapazes falsos. Rapazes-pintos começam namoros oferecendo pão de trigo. Há *pão de ló* e *pão de rala* – bolos para dias festivos.

De Castela vem pão, assim como de Vizela; no Porto já não comem pão, mas papas; a padeirinha hesita em ir vender pão a Coimbra por causa dos estudantes; um namorado de Braga só come pão de trigo; Paçó, em Vinhais, tem bom pão de trigo; o minhoto come *pão de passarinho*; o pão de Lamego é vendido pela própria Sra. da Lapa quando esta vai a Moledo.

¹¹² V. nota 81 em III.1.4 – Legumes da Horta – feijão.

Considerações finais

Debruçámo-nos sobre o Cancioneiro de LV através de uma perspectiva alimentar. Revelou-se não só uma fonte rica em informação sobre os costumes, mas também um manancial de expressões da sensibilidade do povo português: prima este tanto pela delicadeza como não evita alguma crueza.

Tendo, pois, verificado que a alimentação surge em vários tipos de referências, explicitámo-las ao longo do trabalho. Assim iniciámos com uma abordagem de alguns termos genéricos, nomeadamente comida, fartura, fome e sabor. Estes termos deixaram transparecer os âmbitos em que o alimento surge uma e outra vez. Primeiramente, a alimentação é um fenómeno físico recorrente, onde participam a boca e barriga, porque as digestões vão-se como os desejos, e a fome faz sofrer o corpo. A par desta objectividade carnal, subjaz toda uma dimensão social, desde as refeições diárias habituais, às festividades anuais ansiadas pela abundância, sem esquecer que através do que se come e como se come se revela o estatuto de cada qual.

Dentro desta mundanidade, transparecem ainda questões religiosas, seja pelas celebrações católicas, seja até pela noção de que alimento e pecado estão relacionados: a maçã causou a queda de Adão, e água benta com a hóstia tomam-se como refeição dos pecados. Transparecem também questões de ordem médica, porque o alimento é de facto o principal medicamento, como o caldo de galinha, havendo ainda plantas e receitas para tratar afecções. Não podia faltar a dimensão amorosa: as raparigas são como peras maduras que se desejam comer, os solteiros são como perdigões que comem o que querem, o casamento é apenas comestível enquanto está quente.

Foi importante começar com esta indagação generalista porque passámos a dispor de marcos que nos orientassem na exploração das diferentes referências alimentares. Assim, debruçámo-nos de seguida sobre as refeições diárias, que para o trabalhador do campo são quatro, visto carecer de alimento para não desfalecer: almoço, jantar, merenda e ceia. Notámos como são referidas outras denominações, como o farnel, que se leva para a jornada, ou o manjar, reservado para os namorados, sendo usadas em contextos específicos.

A referência a confecções salgadas escasseiam, mas contêm indicações geográficas precisas, ao serem pratos típicos de certas regiões: a açorda é a comida do ganhão em Nisa; a canhoa come-se em Miranda, na Anadia leitão assado, e em V. Real de S. António xerém. Em termos de confecções adocicadas, tais indicações geográficas não ocorrem, surgindo nas festividades por todo o país, como filhós no Natal, e bolo no casamento.

Já no que diz respeito às técnicas de confecção, foi-nos possível fazer um levantamento mais rico, porque são aplicadas concretamente não só à comida, como em contextos medicinal e religioso, sem faltar algum metaforismo quando aplicado nas relações sociais. Assim, fala-se em assar chouriço, ou castanha – mas também homens. A fritura de ovos, devido ao aroma que deixa, serve para o amor se orientar quando passa pela rua. O fumo, essencial nos enchidos, surge nas defumaduras supersticiosas – o domínio do fogo nas várias vertentes é essencial enquanto fonte principal de energia nos cozinhados. O sal é igualmente importante – de todos os temperos, é o que encerra maior simbolismo, usando-se para conservar, dar sabor, purificar no baptismo, e até amargar a boca dum velho amor.

A variedade de objectos de que carece o universo alimentar fica patente nos inúmeros utensílios para cozinhar, acondicionar e transportar, para não falar nas medidas usadas e em

alguns preços. As baterias de cozinha apontam para cozinhados ao lume, com caldeiros, panelas, púcaros, tachos e frigideiras – de ferro e barro, portanto. Sendo o pão importante na alimentação, acaba-se por se descrever várias vezes os instrumentos da «padeirinha», à base de madeira, como a masseira e a peneira, o tabuleiro e a pá do forno. Loiças são objectos queridos e caros: para além da malga e da tigela, os pratos merecem cuidados especiais para não se partirem, e podem resultar no dote que a mãe deixa à filha. Os talheres, resumindo-se essencialmente à colher (de ferro ou pau) e à faca, deixam perceber a simplicidade popular no acto de comer. Abundam os objectos para a arrecadação e transporte: a arca e a caixa para o pão, o fole e o saco para a farinha; o cesto para as uvas da vindima; e para vender pela rua a cesta com ovos, ou a canastra com a sardinha.

Muitos envases para água e vinho também surgem, desde o copo ao cântaro e ao pipo que restam em casa, passando pelo garrafão que se leva para o campo e pela garrafa que se serve à mesa. Merece destaque o simbolismo da boca, que entre namorados serve de bica de água; e ainda a fresca casca de melancia, donde bebe e lava o rosto a mulher no campo.

Em termos de pesos e medidas, transparece o recurso ao antigo sistema tradicional, que remonta a D. Manuel I e que perdurou bem para além da adopção do sistema métrico-décimal em 1852, sendo ainda hoje usado no meio tradicional. Encontramos referências ao alqueire, à quarta e à taleiga, à rasa, ao moio, ao arrátel, à arroba e ao almude. Se hoje faz sentido falar em meio quilo de marmelada, já não fará tanto referir-se a doze ovos – permanece entre nós a noção da dúzia. Do mesmo modo, neste mundo popular, em especial no rural, perpetuou-se o recurso a este tipo de medições que não tem pretensões científicas, mas satisfaz os usos comerciais.

Também em termos monetários referem-se os antigos Réis, em vez dos novos Escudos da República: vintém, tostão, quartinho, e conto, sem faltar o cruzado que se trouxe do Brasil (seria das fortunas geradas pela escravatura?) atestam uma delimitação temporal no CPP¹¹³.

Foi importante averiguar os locais donde provêm as matérias-primas alimentares: terras e mares, rios e pomares – porque deixam transparecer o contacto directo com o meio de subsistência. A horta (e o quintal), pela proximidade com as habitações, é o lugar mais referenciado, prestando-se essencialmente a ser semeado – fica, pois, patente a ligação com a fonte de alimentação. A posse de terra é essencial para garantir sustento: espaços incultos são referidos como lar de animais selvagens, aonde os caçadores vão – resultando mesmo assim em fonte de alimentação. Mas alguns animais indesejados também causam dano nas culturas e nas criações de gado, como a raposa e o lobo, ratos, pardais e tordos, até a toupeira e o gorgulho.

A par das hortas, são referidos campos e searas, tornando-se palco de inúmeras interações sociais, já que enquanto se monda, ceifa e malha canta-se ao desafio. O mesmo sucede aquando dos deslocamentos sazonais por causa das vindimas e da azeitona, onde o dono e a dona são chamados a comparecer com a comida e a bebida, essenciais para manter a actividade dos trabalhadores, que se regozijam com tal aparição.

Sendo Portugal um país com uma extensa orla costeira, e havendo abundância de peixes, o mar fornece comida sem carecer de cultivo, ao contrário da terra. Em contrapartida, para

¹¹³ Sobre esta delimitação temporal, veja-se o que referimos em I.3 – Caracterização do CPP de LV e breve história.

obtê-la há que arriscar a vida, pelo que a praia se torna num local de nostalgia para ambas as partes: para os pescadores que partem e para as mulheres que ficam. O rio, por outro lado, fornece peixe (e patos selvagens), bem como água, para não falar de força motriz para os moinhos. Rio e ribeira conotam-se com o Amor, que gosta de neles pescar corações.

Para além destes locais naturais, existem outros construídos: a cozinha, o forno e o moinho. A mulher encontra-se relegada para a cozinha, enquanto forno e moinho são partilhados por homens e mulheres. A panificação é referida apenas à mãe e por vezes à filha. Se cozinha e forno são lugares com conotações positivas, já o moinho, devido à maquia, aponta para avareza e ladroagem, em que participa toda a família do moleiro.

Enquanto nestes lugares se trabalha, outros há onde se folga, como a adega e a taberna, sem esquecer o arraial. Neles bebe-se com fartura, e dá-se largas à alegria – e aos cordões da bolsa. Num mundo onde se ganha pouco, tal dissipação não é vista sem contemplações pelas esposas, enquanto os maridos encontram alívio e contentamento no que roça o desregramento. De igual modo, a botica é vista com suspeitas: custa dinheiro aviar as receitas, e muitas vezes médico e boticário parecem apenas causar a morte a muita gente – na mudança do séc. XIX para o XX os avanços na medicina e a mudança de hábitos na higiene tardavam a impor-se. Superstição e mezinhas caseiras parecem ser preferíveis, visto que cada qual pode praticá-las por si mesmo, recorrendo ao que a natureza oferece e ao conhecimento empírico da tradição.

Acontecimentos que animam toda comunidade, e em que os senhores brilham em termos de riqueza, são os que ocorrem anualmente, associando a agricultura com o espírito cristão e com algo de pagão: são as ceifas e o S. João, são as vindimas, as castanhas e o S. Martinho, são os varejos da azeitona, as Janeiras pelo Natal, terminando de algum modo no Carnaval, que antecedendo o longo jejum da Quaresma coincide com a escassez de bens alimentares. Neles celebra-se com comida e bebida com fartura, embora seja no casamento onde tudo brilhe mais, sem a alimentação estar ausente sequer no dia do enterro. Estes momentos de abundância procuram animar um quotidiano desgastante, marcando um ritmo que ajuda a ultrapassar a monotonia e aliciando com perspectivas de uma melhoria, se bem que momentânea; por outro lado criam também a ideia de que tudo é passageiro: tanto a fome como a saciedade.

Não há dúvida de que tais festividades reforçam o sentido da comunidade, que afinal se congrega para obter o alimento de modo mais seguro, ao mesmo tempo que cultiva relações e desenvolve as suas emoções dum jeito próprio: cantando. Este desenvolvimento interior transparece nas metáforas e comparações a que os alimentos tantas vezes se aprestam nos lábios dos camponeses. São variadas e ricas as sensibilidades que transparecem nas palavras ora carinhosas, ora insultuosas, ora brejeiras e poéticas: quem nasce sem ventura é como o prato quebrado que se atira para a rua; cama sem rapariga é como caldo sem pão; o coração é uma terra lavrada com desejos de se falar com quem se ama.

Embora o amor seja uma excelente fonte de inspiração, a comida e a bebida acabam também por se mostrar temas de eleição, porque cantar torna a refeição frugal mais substancial, e resulta em satisfação mesmo para quem não dispõe de pão: cantar engana a fome. Cantam-se pelos Réis para celebrar a comida, como se canta durante a obtenção da matéria-prima que deu azo a tais iguarias nos trabalhos de campo ou na confecção do pão.

A cantiga parece pois ser a companheira que anda a par da alimentação neste universo rural. É por isso que esta última se cristaliza na forma linguística de nomes próprios, em especial na topografia: Côa tem origem em javali, Panóias em pão, Argozelo em rosmaninho, entre outras localidades, que vão buscar as designações a vegetais, animais, árvores e frutos, bebidas e cereais que existiam inicialmente nesses locais. Igualmente, os namorados acabam por trocar nomes carinhosos com base em alimentos, desde ervas e flores a leite e mel, sem faltarem naturalmente injúrias inspiradas nesse universo alimentar, como barba de chibarro velho ou papa-açorda.

Todos estes géneros alimentares esparzem-se pelo Cancioneiro. No presente trabalho agrupámo-los segundo a sua tipologia. A mais vasta: a das ervas aromáticas e arbustos, flores e legumes da horta, incluindo algumas árvores da natureza, é bastante diversa.

Das 39 ervas destaca-se a salsa pela frequência com que ocorre, embora todas elas partilhem o interesse gastronómico com algum que outro medicinal – bastantes vezes sobressai o aspecto simbólico, mormente amoroso. Dos arbustos destacam-se o loureiro e o alecrim, aprestando-se na maior parte mais à simbologia do que propriamente à culinária, tal como sucede com as flores. Das 21 espécies de legumes que despontam na horta, muitas ficam-se pela edibilidade, enquanto o mel do cortiço, por causa da doçura, ganha conotações amorosas, por vezes negativas. Já as referências às árvores que surgem na natureza repartem-se entre as medicinais e as amorosas.

Toda esta variedade silvestre espelha a riqueza da dieta atlântica, onde vivem diferentes tipos de animais, Quanto aos domésticos, verificámos de modo parecido certa variedade, destacando-se de longe a referência às pombas, ou não simbolizassem o amor. A galinha, pelo contrário, é valorizada como fonte alimentar e de rendimento (ovos), prestando-se ainda a fins medicinais. Naturalmente o gado caprino e ovino, bem como o bovino, são referidos – o carneiro tem relevo como carne de casamento, e a cabra vale pelo queijo caro. O porco sobressai a nível dos enchidos, em especial o toucinho e o chouriço, cobiçados aquando das Janeiras – trata-se de um animal essencial, na medida em que a sua proteína, tal como sucede com o queijo, pode ser conservada ao longo de meses. Outros animais selvagens prestam-se à caça e, por tal, a metáforas amorosas, como coelhos, lebres e perdigões.

De entre os peixes, a rainha do mar é a sardinha, enquanto a truta é de algum modo a princesa do rio em Trás-os-Montes e na Beira Alta. Outras espécies dão conta da riqueza piscatória do país, essencial na dieta atlântica, juntamente com os enchidos, os vegetais e os cereais. Não faltam mariscos e moluscos pontuais, embora se limitem às zonas litorais.

A variedade na dieta portuguesa é realmente exuberante a nível dos frutos (36 tipos de fruta), sendo ubíquos tanto a laranja e o limão, como a castanha, a azeitona e a uva, donde provêm o azeite e o vinho. Os citrinos surgem com frequência no âmbito amoroso. Já a castanha gosta de ser partilhada como gesto de intimidade, enquanto a azeitona remete para o «olival dos amores» – numa referência aos namoros que surgem durante o varejo. A uva é a fruta que conta com maior riqueza: presta-se tanto ao amor e ao erotismo, como à festa, à fartura e à risada, sem descurar a dimensão espiritual.

Relativamente às árvores, a oliveira reclama quase um quarto de todas as referências, seguida da videira: ambas surgem por todo o país. Muitas vezes árvore e fruto coincidem nas quadras; mas quando não, a árvore ganha uma dimensão a que o fruto não se aprestava, como

o pessegueiro, que surge muitas mais vezes do que pêsego: sob ele fazem o leite os namorados.

A nível das bebidas é de longe a água a referência principal: os seus mananciais prestam-se a encontros e desencontros amorosos, tanto na fonte e no chafariz, como no rio ou ribeiro, e mesmo no moinho. Tal importância deve-se à absoluta necessidade que dela tem o ser humano, bem como à ausência de água canalizada. Trata-se, pois, de uma riqueza natural do país.

O vinho é venerado até à exaustão, e provavelmente será o termo alimentar mais rico a nível de conotações, a par da uva e da videira: da refeição à festa, da missa à adega, do amor à embriaguez, da paixão à raiva: nada parece estar-lhe vedado – para o melhor e para o pior, curando tristezas e também endoidecendo. Já a aguardente é mais fina, mal se referindo excessos dela. Quanto ao leite: desdobra-se nos derivados, como queijo, requeijão e manteiga, relegando-se o leite para a maternidade e infância, para as vendedeiras de Lisboa e para elogios e insultos amosos. Chás e sumos apenas são referidos de passagem, enquanto o café demonstra fazer parte da cultura portuguesa, ao ser tomado tanto em casa, junto ao lume, como no botequim.

Por fim, ainda que aparentem aparecer pouco pelos respectivos nomes, os cereais, sob a denominação de «pão», ocorrem de norte a sul com abundância. Destacam-se o trigo e o milho, relacionando-se este com o amor, e aquele com o que de melhor se pode servir – só ele entra na hóstia. Embora importantes, centeio, cevada, aveia, e mesmo o arroz, cuja produção crescia no final do séc. XIX, surgem como bens de pouca relevância, em especial depois da exuberância alimentar de outros géneros, acabando por se dissolver em termos como o já referido «pão» ou noutros, como «papa». Não esqueçamos que os cereais estão na base da alimentação; tão pouco podemos olvidar que os trabalhos estivais estão orientados para sua colheita, acabando por ser celebrados indirectamente através de toda a cantoria que ocorre durante as mondas, as ceifas e as desfolhadas, metamorfoseando-se no resto do ano em papas e pão.

Geograficamente, cumpre referir que a província que mais contribuiu com quadras relacionadas com a temática alimentar foi a do Douro Litoral, certamente devido à concentração de concelhos numa pequena área. Contudo, para além do concelho de Baião, sobressaem outros concelhos, de norte a sul, como Ponte de Lima e Barcelos no Minho, Bragança e Lamego em Trás-os-Montes e Alto Douro, Celorico da Beira na Beira Alta e C. Branco na Beira Baixa, Cadaval e Lisboa na Estremadura, Viana do Alentejo e Nisa no Alto Alentejo, Moura no Baixo Alentejo, e Portimão no Algarve. O continente fica, pois, bem representado graças à variedade dos lugares que serviram de fonte. Já das ilhas da Madeira e dos Açores a contribuição foi mais parca.

Seleccionámos seis bens alimentares de entre os que têm maior destaque (água, vinho, oliveira, pão, pomba e limão) e criámos mapas onde sobressaem os concelhos que contribuíram com quadras onde tais bens são referidos (v. Anexo IV-6 – Mapas dos concelhos onde ocorrem alguns termos alimentares). Através deles proporcionamos a imagem de como se distribuem pelo território: a água aparece referida de norte a sul, assim como a oliveira, o pão, e ainda o limão; já o vinho tem preponderância a norte do Tejo, prevalecendo a pomba nas zonas interiores.

De modo geral, poderemos afirmar que os géneros alimentares não aparecem adstritos a certas províncias: o território nacional, apesar de variado, nunca foi tão extenso que não tivesse permitido a deslocação, em especial numa época histórica em que as vias e os meios de transportes modernos todavia estavam a evoluir e se carecia de mão de obra sazonal ao longo do ano. Deste modo é natural que os alimentos se disseminassem de umas regiões para as outras. Ainda assim, verifica-se que há zonas onde certos alimentos ocorrem mais vezes, como a amêndoa no Sul, e a castanha no norte, devido a contingências edafoclimáticas, ou ainda os peixes do mar precisamente na costa e nas ilhas.

Por um lado temos o milho, presente tanto no Minho como no Algarve; por outro temos a castanha, que pela possibilidade de ser conservada surge tanto nas províncias mais frias, que a produzem, como nas mais quentes, mesmo fora de época (troçadas como gesto de amor aquando do S. João). Sem embargo, existem denominações locais, como o almece, usado nas zonas meridionais, expostas à influência árabe, ou como a andrina, na Província de Trás-os-Montes, na raia castelhana. Deste modo, não nos sendo permitido generalizar, cumpre-nos concluir que cada referência alimentar deve ser contemplada dentro do seu contexto geográfico, como as estufas de ananás e o cultivo de tabaco nas Ilhas Adjacentes, ou as vindimas pelo Douro, ou as britadas de pinhões em Leiria, ou enfim as vendedeiras saloias de galinha e ovos, inclusive a preta da fava rica e dos mexilhões, em Lisboa.

Os dados estatísticos que aportámos com este trabalho devem, pois, ser vistos com certa reserva, servindo como indicadores de largo espectro sobre géneros alimentares comuns a todo o território, bem como sobre outros mais específicos, com certa relação com os locais donde foram recolhidas as quadras onde tais géneros são referidos. Estes dados certamente beneficiarão de comparações com dados de outras fontes, tanto de cancioneiros como de estudos históricos.

Procurámos averiguar as referências alimentares no Cancioneiro, que assumem diferentes papéis sob a forma de géneros e de costumes. Os géneros são variados, com predomínio de alimentos no estado natural, havendo referências a algumas confecções. Dos costumes transparece a valorização da alimentação nos espaços a ela dedicados, bem como nos materiais, e nas festividades por que se organiza a sociedade.

A alimentação funciona assim por vezes como *primum movens* no associativismo de indivíduos que visam o cultivo do campo de sol a sol, enquanto por outras se assume como fim ao se juntarem para comer e beber os frutos desse mesmo cultivo nas celebrações pontuais. Ao se evitar a ameaça da inanição e ambicionando até gordura e fartura (que podem descambar em excesso), fecha-se a circularidade alimentar que perpassou o povo de boca em boca, dando-lhe de comer e fazendo-o cantar.

Fonte

Cancioneiro Popular Português, coligido por J. Leite de Vasconcellos, coordenado e com Introdução de Maria Arminda Zaluar Nunes, tomos I a III (1975, 1979, 1983), por Ordem da Universidade, Acta Universitatis Conimbricensis

Bibliografia

- Adrião, J., 1920, *Retalhos de um adagiário (continuação)*, in *Revista Lusitana*, p. 107-132, Vasconcellos, A. (dir.), vol. 23, n.os 1-4, Livraria Classica Editora, A. M. Teixeira & C.a. (Filhos), Lisboa.
- Alexandre, P., 2002, *A propósito do traje tradicional de Lisboa*, in *Boletim do Grupo Amigos de Lisboa*, II série, n.º 16, p. 52-60, Olisipo, Lisboa, disponível em <http://hdl.handle.net/10400.21/1955> - acedido a 01/06/2021.
- Almeida, A., 2013, *Espinhela caída: referências históricas e práticas de cura populares*, Editora Universitária da UFRPE, disponível em <https://repositorio.ufrpe.br/handle/123456789/2351> - acedido a 15/05/2021.
- Almeida, J., 2021, *Dicionário aberto de calão e expressões idiomáticas*, disponível em <https://natura.di.uminho.pt/~jj/pln/calao/dicionario.pdf> - acedido a 11/06/2021.
- Almeida, L., 1992, *A propósito de milho "marroco" em Portugal nos séculos XVI-XVIII*, in *Revista Portuguesa de História*, tomo XXVII, Fac. Letras, U. Coimbra, p. 103-143.
- Almeida, M., 2002, *Abegão*, in *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Martins, C. & Monteiro, N. (orgs.), Madureira, N. (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, pp. 150-151, Oeiras, Celta Editora.
- -----, 2002, *Cabreiro*, in *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Martins, C. & Monteiro, N. (orgs.), Madureira, N. (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, pp. 139-143, Oeiras, Celta Editora.
- Almeida, L., et al., 2009, *Do governo das escolas de instrução primária ao governo das escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico: um olhar a partir da legislação*, in *Investigar, Avaliar, Descentralizar. Actas do X Congresso da SPCE (CdRom): 6_Cmcs_AT2_Organização e Administração Educação: Regulação - Mesa nº 21 - Comunicação nº 261*, Bragança: SPCE e ESE/IPB, 2009, disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26310/2/86486.pdf> - acedido a 15/03/2020.
- Álvarez, X. & Saramago, J., 2012, *Áreas Lexicais Galegas e Portuguesas: um novo olhar para a proposta de Cintra*, in *Estudis Romanics*, vol. 34, p. 55-97, disponível em <https://publicacions.iec.cat/repository/pdf/00000181%5C00000009.pdf> - acedido a 12/01/2021.
- Alves, A., Ramos, M. & Carvalho, A., 2010, *Yerbas i árboles de la Tierra de Miranda: nomes, mezinhas e outros usos*, in *Revista de Letras*, 9, série II, Dezembro, p. 13-35, Departamento de Letras, Artes e Comunicação, UTAD.
- Alves, D., 2010, *A República atrás do balcão – os lojistas de Lisboa na fase final da Monarquia (1870-1910)*, dissertação de doutoramento, F.C.S.H., U. Nova de Lisboa.
- Amaral, E. & Seide, M., 2020, *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*, S. Paulo, Editora Edgard Blücher Ltda, disponível em

file:///C:/Users/desktop/Downloads/OpenAccess-Amaral-9786555500011.pdf - acedido a 01/04/2021.

- Amorim, I., 1999, *Para uma cultura do poder: as reformas metroológicas e a realidade regional: estudo de um caso: a metrologia do sal de Aveiro*, in Carlos Alberto Ferreira de Almeida: in memoriam, vol. I, Fac. Letras, U. Porto, p. 57-71.

- Aristotle, 1961, *Parts of Animals*, with an English translation by A.L. Pech, the Loeb Classical Library, Harvard University Press.

- Azevedo, M., 2005, *Toponímia Moçárabe no Antigo Condado Conimbricense*, dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/716> - acedido a 15/02/2021.

- Barriga, M., 2017, *Cante ao baldão: uma prática de desafio no Alentejo entre 1980 e a actualidade*, in *Cantar no Alentejo: A terra, o passado e o presente*, Pestana, M. & Oliveira (coord.), Estremoz Editora, p. 119-132.

- Barros, A., 2016, *Remédios vários e receitas aprovadas: segredos vários*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, disponível em <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1282-9> - acedido a 20/01/2021.

- Barros, B. & Guerreiro, L., 2005, *Dicionário de Falares do Alentejo*, Porto, Campo das Letras.

- Barroso, P., 2003, *Romarias como ideologia e representação da identidade local: crenças e formação do património simbólico e popular*, ESEV – DCA, disponível em <https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/5009> - acedido a 05/04/2021.

- Barthes, R., 1961, *Pour une psycho-sociologie de l'alimentation contemporaine*, in *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*, 16^e année, n.º 5, p. 977-986, disponível em: www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1961_num_16_5_420772 - acedido a 15/03/2020.

- Bessa, A., 1901, *A linguagem popular I, A gíria portuguesa: esboço de um dicionário de "Calão"*, Lisboa, Liv. Central de Gomes de Carvalho.

- *Bíblia, volume II – Novo Testamento – Apóstolos, Epístolas, Apocalipse*, 2017, tradução do grego, apresentação e notas de Frederico Lourenço, Lisboa, Quetzal.

- Bluteau, R., 1789, *Diccionario da Lingua Portuguesa, Lisboa, Tomo Primeiro (A-K) e Tomo Segundo (L-Z)*, Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

- Bobone, A., 1932, *Contribuição para o estudo taxonómico da espécie Ficus Carica, L.*, in *Anais do Instituto Superior de Agronomia*, vol. 5, p.173-6.

- Braga, I., 2019, *Das origens do vegetarianismo em Portugal Amílcar de Sousa (1876-1940), o «apóstolo verde»*, Biblioteca Nacional de Portugal.

- -----, 2015, *Sabores e Segredos: Receituários Conventuais Portugueses da Época Moderna*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, disponível em <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1080-1> - acedido a 10/12/2020.

- -----, 2015, *À mesa conventual e os sabores da América*, in *Odisseia de Sabores da Lusofonia*, Ribeiro, C. & Soares, C. coordenadores, Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 169-182, disponível em http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1086-3_5 - acedido a 01/04/2021

- -----, 2007, *À mesa com Grão Vasco. Para o estudo da alimentação no séc. XVI*, in *Máthesis*, n.º 16, p. 9-59, disponível em <https://digitalis->

dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/23549/3/Mathesis16_artigo1.pdf?ln=pt-pt – acedido a 01/04/2021.

- Braga, T., 1986, *O Povo Português II – nos seus costumes, crenças e tradições*, Lisboa, Etnográfica Press, disponível em <https://books.openedition.org/etnograficapress/3996> – acedido a 10/03/2021.

- -----, 1867, *Cancioneiro Popular, Coligido da tradição*, Coimbra, Imprensa da Universidade, disponível em https://archive.org/details/bub_gb_A4EgXZBhsEkC/page/n5/mode/2up - acedido a 01/04/2021.

- Branco, J., s/d, *PIMENTA, Alfredo Augusto Lopes*, in *Dicionário dos Historiadores Portugueses – Da Academia Real das Ciências até ao final do Estado Novo*, Matos, S. (coord.).

- Burke, P., 1978, *Popular Culture in Early Modern Europe*, London, Harper Torchbooks.

- Cabral, C., 2011, *Património cultural imaterial – Convenção da Unesco e seus contextos*, Lisboa, Edições 70.

- Cabral, C., Pita, J. & Salgueiro, L., 2014, *Plantas medicinais: entre o passado e o presente: a colecção de fármacos vegetais da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra (séculos XIX-XX)*, Imprensa da Universidade de Coimbra, disponível em <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0875-4> - acedido a 04/01/2021.

- Cação, I., 1999, *Sobre a Gândara e a Casa Gandaresa*, Câmara Municipal da Figueira da Foz.

- *Campeão das Províncias*, 1913, ano 62.º, n.º 6312, Sábado, 8 de Novembro, Diretor e responsável: Firmino de Vilhena, Aveiro.

- Canesqui, A., 2005, *Olhares antropológicos sobre a alimentação – Comentários sobre os estudos antropológicos da alimentação*, in *Antropologia e nutrição: um diálogo possível*, Canesquis, A. & Garcia, R., organizadores, p. 23-47, disponível em <http://books.scielo.org/id/v6rkd/pdf/canesqui-9788575413876-02.pdf> - acedido a 20/04/2021.

- Capela, J. (coordenador), 2006, *As freguesias do Distrito de Vila Real nas Memórias Paroquiais de 1758 – Memórias, História e Património*, Braga, Barbosa & Xavier, Lda. - Artes Gráficas, disponível em <http://hdl.handle.net/1822/11897> - acedido a 29/01/2021.

- Carneiro, M., Martins R., Reiner, F. & Batista, I., 2019, *Ictiofauna de Portugal: Diversidade taxonómica, nomes comuns e nomes científicos dos peixes marinhos*, IPMA, Lisboa.

- Carvalho, A., 2007, *Etnobotânica do nordeste português: espécies, usos e saberes da Terra-Fria Transmontana*, Semana da Ciência e Tecnologia, Rota de Investigação, Centro de Investigação de Montanha, Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Bragança, disponível em <http://hdl.handle.net/10198/920> - acedido a 30/01/2021.

- Carvalho, A., Martins, M. & Frazão-Moreira, A., 2007, *Flora aromática e medicinal do nordeste português: espécies, usos e saberes da Terra-Fria Transmontana*, in *Actos do II Colóquio Nacional de Plantas Aromáticas e Medicinais*, Vila das Caldas do Gerês, Terras de Bouro, Associação Portuguesa de Horticultura, DRAP-Norte, disponível em <http://hdl.handle.net/10198/914> - acedido a 12/12/2020.

- Carvalho, A. & Ramos, M., 2012, *Etnoflora da Terra de Miranda. Cultivos, Yerbas i Saberes*, FRAUGA – Associação para o Desenvolvimento Integrado de Picote, Instituto Politécnico de Bragança, disponível em <http://hdl.handle.net/10198/9202> - acedido a 21/03/2021.
- Carvalho, F., 2018, *Avaliação da qualidade de flores de Viola Cornuta frescas e liofilizadas e estudo sobre o consumo de flores comestíveis em Portugal*, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/118776/2/312107.pdf> - acedido a 04/01/2021.
- Carvalho, F., 2016, *How sound can influence taste perception?*, ABAV – Young Acousticians Day. Gent., disponível em: https://www.researchgate.net/publication/291802565_How_sound_can_influence_taste_perception – acedido a 10/03/2020.
- Carvalho, F. et al., 2015, *Using sound-taste correspondences to enhance the subjective value of tasting experiences*, Front, Psychol. 6:1309, disponível em: doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01309 – acedido a 10/03/2020.
- Cascão, R., 2011, *À volta da mesa: sociabilidade e gastronomia*, in *História da Vida Privada em Portugal – A Época Contemporânea*, vol. III, Vaquinhas, I. (coord.), Mattoso, J. (dir.), Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates.
- -----, 2011, *Modos de habitar*, in *História da Vida Privada em Portugal – A Época Contemporânea*, vol. III, Vaquinhas, I. (coord.), Mattoso, J. (dir.), p. 22-55, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas e Debates.
- Castelo-Branco & Branco (2003), *Folclorização em Portugal: uma perspectiva*, in *Vozes do Povo*, p. 1-21, Etnográfica Press, disponível em: <https://books.openedition.org/etnograficapress/545?lang=en> – acedido a 15/03/2020.
- *Código Administrativo, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 27/424, de 31 de Dezembro de 1936*, Lisboa, Empresa Jurídica Editora, disponível em <https://www.fd.unl.pt/anexos/investigacao/2195.pdf> - acedido a 22/05/2021.
- Coelho, M. & Soares, C., 2018, *Um doce e nutritivo fruto: a castanha na história da alimentação e da gastronomia portuguesas*, in *Mesas luso-brasileiras: alimentação, saúde & cultura*, vol. 2, Imprensa da Universidade de Coimbra, disponível em http://dx.doi.org/10.7213/978-85-54945-11-4_6 - acedido a 8/01/2021.
- Corção, M., 2014, *Câmara Cascudo, o “provinciano incurável”: desvendando os caminhos da história da alimentação no Brasil*, tese de doutoramento, Universidade Federal do Paraná.
- -----, 2012, *A influência do gosto da cozinha portuguesa na História da alimentação no Brasil de Câmara Cascudo*, in *Estudos Históricos*, vol. 25 n.º 50, p. 408-425, Rio de Janeiro, disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/3965/6616> - acedido a 02/03/2021.
- Correia, M., 2012, *A Doença num Contexto Sócio Económico Cultural – Memórias e Realidades de Coimbra no Século XIX e XX*, dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, disponível em <https://eg.uc.pt/handle/10316/30650> - acedido em 13/02/2021.

- Cosme, J., 2014, *A consciência sanitária em Portugal nos séculos XVIII-XIX*, in *CEM*, n.º 5, Fac. Letras, U. Porto, p. 45-62, disponível em <https://ojs.letras.up.pt/index.php/CITCEM/article/view/4782> - acessado a 03/06/2021.
- Costa, F., 2016, *Do material ao imaterial. Procissões, festas e romarias no Almanach de Lembranças (1851-1932)*, dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/86720> - acessado a 2/04/2021.
- Crisinel, A.S. & Spence, C., 2010, *As bitter as a trombone: Synesthetic correspondences in nonsynesthetes between tastes/flavors and musical notes*, *Attention Perception & Psychophysics*, October, disponível em doi.org/10.3758/APP.72.7.1994 – acessado a 10/03/2020.
- Crocker, E., 1950, *The technology of flavors and odors*, in *Confectioner* 34, 7-8, p. 36-37.
- Cruz, I., 2016, *Da prática de química à química prática: desenvolvimento da prática de química no ensino português (1852-1889)*, tese de doutoramento, Universidade de Évora, disponível em <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/17568> - acessado a 01/04/2021.
- Cunha, A., Ribeiro, J. & Roque, O., 2017, *Plantas aromáticas em Portugal – caracterização e utilizações*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Delgado, M., 1980, *Subsídio para o Cancioneiro Popular do Baixo Alentejo*, INIC (2ª ed.).
- Delsin, C., 2018, *Mel: caracterização de processos e desenvolvimento de uma nova formulação de Melosa*, dissertação de mestrado, Escola Superior Agrária do Politécnico de Coimbra, disponível em <http://hdl.handle.net/10400.26/28442> - acessado a 3/04/2021.
- Dias, J., Galhano, F. & Oliveira, V., 1959, *A região e a casa Gandaresa*, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 17, n.º 1-4, p. 417-443, Faculdade Letras, U. Porto, disponível em <https://ojs.letras.up.pt/index.php/tae/article/view/8725> – acessado a 20/06/2021.
- Dias, L., 2012, *A relação entre a Literatura Popular Transmontana e a Literatura para a Infância (Em Contexto de 2.º Ciclo de Ensino Básico)*, dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, disponível em <http://hdl.handle.net/10198/7966> - acessado a 01/04/2021.
- Dias, A., 1988, *Artesanato de palma*, in *Antropologia Portuguesa*, vol. 6, p. 31-44, Instituto de Antropologia, Universidade de Coimbra, disponível em <http://hdl.handle.net/10316.2/30623> - acessado a 01/04/2021.
- *Dicionário dos Historiadores Portugueses – Da Academia Real das Ciências até ao final do Estado Novo*, Matos, S. (coord.), disponível em <http://dichp.bnportugal.pt/> - acessado a 22/05/2021.
- Escallier, C., 1999, *O papel das mulheres da Nazaré na economia Haliêutica*, in *Etnográfica*, vol. III, p. 293-308.
- Esteves, A., 2015, *Plantas endémicas portuguesas com utilização medicinal*, dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Fernando Pessoa, disponível em <http://hdl.handle.net/10284/5307> - acessado a 02/02/2021.
- Febvre, L., 1938, *Répartition géographique des fonds de cuisine en France*, in *Travaux du 1er Congrès international de folklore*, p.123-130, Tours.

- Fernandes, A., 1999, *Toponímia Portuguesa – exame a um dicionário*, Arouca, Associação para a Defesa da Cultura Arouquense.
- Fernandes, I., 2012, *A loiça preta em Portugal: Estudo histórico, modos de fazer e de usar – parte II*, Instituto de Ciências Sociais, U. Minho.
- Ferrão, J. & Liberato, M., s/d, *Dicionário de Plantas Mediciniais – ordenadas pelo nome científico (letra A-P)*, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa, disponível em http://icm.fch.lisboa.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl_fac.asp?SSPAGEID=1043&lang=1&artigoID=6578 – acedido a 29/04/2021
- Ferreira, F., 2004, *Modernização e conflito no mundo rural do séc. XIX: politização e “política popular” na Maria da Fonte*, in *Revista da Faculdade de Letras História*, Porto, III série, vol. 5, p. 31-49.
- Ferreira, M., 2004, *A história ‘doce’ de uma alcunha do Sul: Marmelada*, in *Actas do XX Encontro Nacional Portuguesa de Linguística*, APL, Lisboa, p. 573-589.
- Ficalho, C., 1979, *Notas Históricas acerca de Serpa e O elemento árabe na linguagem dos pastores alentejanos*, Lisboa, União Gráfica.
- Figueiredo, A., Pedro, L. & Barroso, J., 2014, *Plantas aromáticas e medicinais – óleos essenciais e voláteis*, in *Revista da APH*, n.º 114, p. 29-33, disponível em http://cbv.fc.ul.pt/2014_Revista_da_APH_114_20_PAM.pdf - acedido a 20/12/2020.
- Figueiredo et al., 2013, *Thymus Capitellatus Hoffmanns. & Link*, in *Agrotec*, n.º 9, p. 12-15, disponível em http://www.agrotec.pt/wp-content/uploads/2012/05/Thymus-capitellatus_AGROTEC_9_2013.pdf - acedido a 03/04/2021.
- Flandrin, J. & Montanari, M., 2008, *História da Alimentação, da Idade Média aos tempos actuais*, Lisboa, Terramar.
- Fontes, M., 1987, *Romanceiro da Província de Trás-os-Montes*, Tomo I e II, Acta Universitatis Conimbrigensis.
- Franzoni, E., 2016, *A gastronomia como elemento cultural, símbolo de identidade e meio de integração*, disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/19832>, acedido a 03/01/2021.
- Freitas, F. & Mateus, M., 2013, *Plantas e seus usos tradicionais - Freguesia Fajã da Ovelha*, Funchal, Serviço do Parque Natural da Madeira.
- Garrett, A., 1853, *Romanceiro I – Romances da Renascença*, Terceira Edição, Lisboa, em casa da viúva Bertrand e Filhos, disponível em <https://purl.pt/924/3/> - acedido a 01/04/2021.
- Gerhardt, M., 2013, *História ambiental da erva-mate*, tese de doutoramento, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107480> - acedido a 30/01/2021.
- Giese, W., 1982, *Simbolismo Popular Religioso nos Açores*, in *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. XL, p. 459-461.
- Goody, J., 1998, *Cozinha, Culinária e Classes*, Lisboa, Celta.
- Gonçalves, A., 2003, *Do Alimento que os Contos Guardam*, dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

- Guerreiro, C., & Mesquita, A., 2011, *Bendito e Louvado, meu conto acabado: A literatura tradicional como património cultural da Humanidade*, in *Revista de Letras*, II, n.º 10 (2011), 153-164, disponível em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/8096>, - acedido a 05/01/2021.
- Guerreiro, M., 1978, *Para a História da Literatura Popular Portuguesa*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, disponível em <file:///C:/Users/desktop/Downloads/bb019.pdf> - acedido a 20/10/2020.
- Guimarães, A., 2004, *Entre a Antiguidade e os Tempos Modernos - A propósito da comida nos Contos Populares e no Cancioneiro Popular*, in *Falas da Terra*, p. 293-296, Lisboa, Edições Colibri.
- Gregoric, P., 2001, *The Heraclitus Anecdote: De Partibus Animalium i 5.645a17-23*, in *Ancient Philosophy*, 21, p. 1-13, Mathesis Publications.
- Heidegger, M., 1998, *Heráclito: A origem do pensamento ocidental. Lógica. A doutrina heraclítica do lógos*, Rio de Janeiro, Relume-Dumar.
- Henriques, F., 1731, *Ancora Medicinal para conservar a vida com saúde*, Lisboa Oriental, na Officina Augustiniana.
- Henriques, F., Gonçalves, T. & Caninas, J., 2006, *Os Sentidos na Poesia Popular da Região de Castelo Branco*, in *Medicina na Beira Interior – da pré-história ao século XX*, Marques, A. (director), Salvado, A. (editor), Cadernos de Cultura n.º20, disponível em http://www.historiadamedicina.ubi.pt/cadernos_medicina/vol.XX.pdf - acedido a 01/12/2020.
- *História do Trabalho e das Ocupações, vol. III, A Agricultura*, Dicionário, 2002, coordenação de Nuno Luís Madureira, Lisboa, Celta Editores.
- Horta, C., 2014, *Manuel Mafra (1831-1905) e as Origens da Cerâmica Artística das Caldas da Rainha*, tese de doutoramento, Fac. Letras, U. Lisboa.
- Houaiss, A., 2003, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates
- ICN, 2006, *Plano de Ordenamento do Parque Natural de Montesinho, Relatório de caracterização*, Bragança.
- ICNF, 2016, *Espécies arbóreas indígenas em Portugal continental – guia de utilização*, Departamento de Gestão e Produção Florestal, disponível em <https://www.icnf.pt/api/file/doc/2ed27ed862242e3e> - acedido a 02/02/2020.
- Júnior, A., 1935, *Nos domínios da superstição. Mau olhado e figa*, in *Revista da Faculdade de Direito*, Universidade de São Paulo, 31 (1), p. 56-83, disponível em <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/65692/68303> - acedido a 1/02/2021.
- Kiple, K., 2008, *Uma história saborosa do mundo – Dez milénios de globalização alimentar*, Casas das Letras.
- Kirchner, R., 2018, *A morada do pensador: Heráclito na perspectiva de Heidegger*, in *Revista Ideação*, n.º 38, Julho/Dezembro 2018, p. 187-199, disponível em <http://oaji.net/pdf.html?n=2020/8922-1596073831.pdf> - acedido a 10/04/2021.
- Knöferle, K. & Spence, C., 2012, *Crossmodal correspondences between sounds and tastes*, in *Psychonomic Bulletin & Review*, October, (s/indicação de página), disponível em www.doi.org/10.3758/s13423-012-0321-z – acedido a 10/03/2020.

- Kontukoski, M. et al., 2015, *Sweet and sour: music and taste associations*, in *Nutrition & Food Science*, vol. 45 Iss 3, p. 357-376, disponível em [dx.doi.org/10.1108/NFS-01-2015-0005](https://doi.org/10.1108/NFS-01-2015-0005) – acessado a 10/03/2020.
- Lains, P. & Sousa, P., 1999, *Estatística e produção agrícola em Portugal, 1848-1914*, disponível em http://www.vetbiblios.pt/NO_PASSADO/Apontamentos_Historicos/Estatistica_Producao_Agricola_Portugal_1848_1914.pdf - acessado a 02/06/2021.
- Lauriou, B., 1992, *A Idade Média à Mesa*, Lisboa, Publicações Europa-América.
- Leal, J., 2000, *Etnografias Portuguesas (1870-1970)*, Etnográfica Press, disponível em <https://books.openedition.org/etnograficapress/2562> - acessado a 20/04/2020.
- Leal, S., 1873, *Portugal antigo e moderno: dicionário geographico, estatístico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa.
- Leite, M., 2017, *Tráfico Atlântico, Escravidão e Resistência no Brasil*, in *Sankofa, Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, ano X, n.º XIX, p. 64-82.
- Lévi-Strauss, C., 2015, *Mitológicas I: O Cru e o Cozido*, São Paulo, Cosac Naify.
- Lobo, G., 1824, *O jardineiro, anthologia ou Tratado das flores, aos amantes da jardinagem*, Coimbra, na Real Imprensa da Universidade, disponível em <http://hdl.handle.net/10316.2/2933> - acessado a 12/02/2021.
- Lopes, L., 2018, *A coleção de pesos de ferro sem forma determinada do Museu Nacional Machado de Castro*, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 21, p. 197-208.
- ----, 2005, *A cultura da medição em Portugal ao longo da história*, in *Educação e Matemática*, n.º 84, p. 42-48, Fac. Letras, U. Coimbra.
- ----, Lopes, L. (2003), *Medidas Portuguesas de Capacidade: Origem e Difusão dos Principais Alqueires usados até ao Século XIX*, in *Revista Portuguesa de História*, t. XXXVI, vol. 2, p. 345-360.
- Lopes, M., 2012, *Os alimentos nos rituais familiares portugueses (1850-1950)*, in *O tempo dos alimentos e os alimentos no tempo*, p. 167-179, Araújo, M., Lázaro, A., Ramos, A. & Esteves, A. (coord.), Braga, CITCEM.
- Lupton, D., 1996, *Food, the Body and the Self*, London, SAGE Publications.
- Machado, J., 2003, *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Maciel, M., 2005, *Olhares antropológicos sobre a alimentação – Identidade cultural e alimentação*, in *Antropologia e nutrição: um diálogo possível*, Canesquis, A. e Garcia, R., organizadores, p. 49-55, Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, disponível em <http://books.scielo.org/id/v6rkd/pdf/canesqui-9788575413876-03.pdf> - acessado a 20/04/2020.
- Marinović, A., 2015, *Teófilo Braga e a Poesia Popular*, auto-publicação.
- ----, 2014, *Motivos de Beleza e Amor no Cancioneiro Popular Português e Sérvio*, tese de Doutorado, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, disponível em <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/11641> - acessado a 04/05/2020.
- Marques, A., 1986, *História de Portugal*, vol. III, Lisboa, Palas Editores.

- Marques, J., 2003, *A génese do Romaneiro do Algarve de Estácio da Veiga*, tese de doutoramento, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, disponível em <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/5907> - acedido a 01/04/2020.
- Martins, C., 1997, *Trabalho e condições de vida em Portugal (1850-1913)*, in *Análise Social*, vol. XXXII (142), p. 483-535, Instituto de Ciências Sociais, U. Lisboa.
- -----, 1991, *A filoxera na viticultura nacional*, in *Análise Social*, vol. XXVI (112-113), p. 653-688, Instituto de Ciências Sociais, U. Lisboa.
- Mateus, E., 2014, *Ervas que curam – da “Terra das Ervanárias” à produção de plantas medicinais e de conhecimento*, tese de doutoramento, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, disponível em <http://hdl.handle.net/10451/20245> - acedido a 12/12/2020.
- Matos, A., 1991, *A medicina popular no século XIX – sua prática nas aldeias da Serra da Gardunha*, in *Medicina na Beira Interior – da pré-história ao século XX*, Marques, A. (director), Salvado, A. (editor), Cadernos de Cultura, n.º3, disponível em http://www.historiadamedicina.ubi.pt/cadernos_medicina/vol03.pdf - acedido a 01/12/2020.
- Mattoso, J. (dir.), 2011, *História da Vida Privada em Portugal - Época Contemporânea, A Época Contemporânea* - coordenação de Irene Vaquinhas, 3º vol., Lisboa, Temas e Debates.
- Mazoyer, M. & Roudart, L., 2009, *História das agriculturas no mundo – Do neolítico à crise contemporânea*, S. Paulo, Editora UNESP.
- Medina, J., 1992, *O gesto do Zé Povinho: da figa ao manguito*, in *Revista da FCSH* - 1992-93, p. 219-230, disponível em <http://hdl.handle.net/10362/6731> - acedido a 1/02/2021.
- Medronho, J., 2015, *Avaliação da actividade biológica e teor em fenóis de diferentes extratos de palmeira anã (Chamaerops Humilis L.)*, dissertação de mestrado integrado, Universidade do Algarve, disponível em <http://hdl.handle.net/10400.1/7567> - acedido a 01/04/2021.
- Mendonça, L., 2018, *Da Voz Lírica do Alentejo (Contributo para o estudo da Literatura Oral e Tradicional de Reguengos de Monsaraz)*, tese de doutoramento da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, disponível em <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/33400?mode=full> – acedido a 01/14/2021.
- Montanari, M., 2008, *Comida como cultura*, São Paulo, Senac.
- Moura, M., s/d, *Introdução da cultura do chá na Ilha de S. Miguel no século XIX (subsídios históricos)*, tese de doutoramento, Fac. de Ciências Sociais e Humanas, U. Açores.
- Murcott, A., 2019, *Introducing the Sociology of Food & Eating*, London, Bloomsbury Academic.
- Myhrvold, N. & Migoya, F., 2017, *Modernist Bread*, 5 vol., Köln, Taschen.
- Myhrvold, N. et al., 2011, *Modernist Cuisine*, 5 vol., Köln, Taschen.
- Neto, F. & Simões, M., s/d, *As Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares da Terra Fria Transmontana*, DRAP – Norte, disponível em http://www.drapn.min-agricultura.pt/drapn/conteudos/cen_documentos/outros/Terra%20Fria.pdf – acedido a 12/12/2020.

- M. Neto, 2010, *O Universo da Comunidade Rural – Época Moderna, parte II – Violências do Quotidiano*, CHSC – Centro de História da Sociedade e da Cultura, Terra Ocre, Coimbra, p. 93-115.
- Neves, J. et al., 2008, *Usos populares de plantas medicinais da flora transmontana*, in *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*, Porto, p. 226-235, disponível em <http://hdl.handle.net/10284/942> - acedido a 12/12/2020.
- Nogueira, C., 2018, *Representações da morte no cancioneiro infantil e juvenil (oral e escrito) português*, in *Romance Notes*, volume 58, n.º 1, 2018, p. 85-94, The Department of Romance Studies, The University of North Carolina, Chapel Hill, disponível em <https://doi.org/10.1353/rmc.2018.0008> - acedido a 02/01/2021.
- -----, 2012, *A recolha e a classificação de um cancioneiro português*, in *ETNICEX*, n.º 4, p. 103-121, disponível em <file:///C:/Users/desktop/Downloads/Dialnet-ARcolhaEAClassificacaoDeUnCancioneiroPortugues-4281568.pdf> - acedido a 20/02/2021.
- -----, 2001, *Quadra Tradicional: questões de estrutura e de forma*, in *E.L.O.*, 7-8, (s/ indicação de páginas), disponível em https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/1460/1/7_8_Nogueira.pdf - acedido a 15/01/2021.
- -----, 2000, *A Poesia Oral em Baião – Edição e Estudo*, Edições Vercial, Braga, disponível em <https://silo.tips/download/carlos-nogueira-a-poesia-oral-em-baiiao> - acedido a 12/12/2020.
- Nogueira, C. & Semik, V., 2017, *Poesia oral tradicional e funcionalidade*, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, volume 56, p. 24-42, disponível em https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/3634523/Poesia_Oral_tradicional_e_funcionalidade.pdf - acedido a 12/12/2020.
- Nunes, M., 1978, *O Cancioneiro Popular em Portugal*, Biblioteca Breve, vol. 23, Instituto de Cultura Portuguesa, disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/estudos-literarios-critica-literaria/77-77/file.html>.
- Nunes, N., 2002, *O açúcar de cana na ilha da Madeira: do Mediterrâneo ao Atlântico – Terminologia e tecnologia históricas e actuais da cultura açucareira*, dissertação de doutoramento, Universidade da Madeira, disponível em <http://hdl.handle.net/10400.13/318> - acedido a 01/04/2021.
- *Occidente, Revista Ilustrada de Portugal e do Extranjero*, 1904, 27.º Anno – XXVII Volume, - n.º 917, 20 de Junho, Lisboa.
- -----, 1890, 13º Anno, Volume XIII – n.º 432, 21 de Dezembro de 1890, Lisboa, disponível em http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/obras/ocidente/1890/N432/N432_master/N432.pdf - acedido a 24/06/2021.
- Oliveira, E., 2015, *Do carvalho ao castanheiro: usos e propriedades medicinais de fagáceas nas Enarrationes de Amato Lusitano*, in *Humanismo e Ciência – Antiguidade e Renascimento*, Andrade, A., Mora, C. & Torrão, J. coordenadores, UA Editora - Universidade de Aveiro; Imprensa da Universidade de Coimbra; Annablume, disponível em <http://hdl.handle.net/10316.2/35701> - acedido a 13/04/2021.
- Oliveira, E., 1995, *Festividades Cíclicas em Portugal*, p. 239-250, Etnográfica Press.

- Oliveira, R., 2011, *Para o estudo da saúde conventual no início do século XIX: as boticas*, in *Asclepio, Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, vol. LXIII, n.º1, p. 123-154, disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/229892824.pdf> - acedido a 20/03/2020.
- Peixinho, A., 2016, *Estética alimentar queirosiana: notas gastronómicas na obra de Eça de Queirós*, in *Patrimónios alimentares de aquém e além-mar*, Imprensa da Universidade de Coimbra – Annablume, disponível em: https://doi.org/10.14195/978-989-26-1191-4_9 - acedido em 03/02/2021.
- Peixoto, A., 1897, *Museu – Molluscos marinhos de Portugal*, Porto, Typographia Occidental.
- -----, 1889, *Notas sobre a malacologia popular*, in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, n.º 2, Porto, Typographia Occidental.
- *Penhor materno, A taberna do canal*, in *jornal Campeão das Províncias*, n.º 4:312, de 8 de Novembro 1913, Aveiro, disponível em http://www.asw.pt/jornais/Campeao_das_Provincias/CP_1913-11-08.pdf - acedido a 01/06/2021.
- Pereira, A., 2007, *Cultura in vitro do ulmeiro (Ulmus minor Mill.)*, tese de doutoramento, Departamento de Biologia, U. Aveiro.
- Pereira, A. & Pita, J., 2011, *A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal*, in *História da vida privada em Portugal*, vol. 3: *A época contemporânea*, Vaquinhas, I. (coord.), Mattoso, J. (dir.), p. 104-105, Lisboa, Temas e Debates / Círculo de Leitores.
- Pereira, G., Amorim, M., & Lage, M. (coordenadores), 2019, *Douro e Pico, Paisagens Culturais Património Mundial*, Porto, CITCEM, disponível em <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-16-9/dou> - acedido a 02/02/2021.
- Pessoa, F., 1973, *Quadras ao Gosto Popular*, texto estabelecido e prefaciado por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática (6ª ed.).
- Pettit, L., 1958, *The influence of test location and accompanying sound in flavor preference testing of tomato juice*, in *Food Technology*, n.º 12, p. 55-57.
- Picão, J., 1983, *Através dos campos – usos e costumes agrícola-alentejanos*, Lisboa, Etnográfica Press, disponível em <https://books.openedition.org/etnograficapress/4155> - acedido a 12/02/2021.
- Pinto-Correia, J., 1988, *A literatura popular e as suas marcas na produção literária portuguesa do século XX - uma primeira síntese*, in *Revista Lusitana*, nova série, 9, p. 19-45.
- Pinto, S., 2018, *Hábitos de consumo de plantas aromáticas e medicinais e especiarias em Portugal*, dissertação de mestrado, Instituto superior de Agronomia, Universidade de Lisboa, disponível em <http://hdl.handle.net/10400.5/17988> - acedido a 12/12/2020.
- Pinto J. & Pernes S., 2010, *Guia da Flora*, Universidade do Algarve
- Platão, *Górgias*, 1997, introdução, tradução do grego e notas de Manuel de Oliveira Pulquério, Lisboa, Edições 70.
- Pollan, M., 2011, *The Omnivore's Dilemma*, London, Bloomsbury Publishing Plc.
- Poulain J. 2002, *Sociologies de l'alimentation*, Paris, Presses Universitaires de France.

- Poulain, J. & Proença, R., 2003, *O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares*, in *Revista de Nutrição*, Campinas, 16 (3), p. 245-256, disponível em file:///C:/Users/desktop/Downloads/revistaJPProssanaa02v16n3.pdf - acedido a 03/01/2021.
- Ramachandran, V. & Hubbard, E., 2001, *Synaesthesia - A Window Into Perception, Thought and Language*, in *Journal of Consciousness Studies*, 8, No. 12, p. 3–34. Disponível em: <http://chip.ucsd.edu/pdf/Synaesthesia%20-%20JCS.pdf> – acedido em 10/03/2020.
- Ramos, R., 2013, *A ciência do povo e as origens do estado cultural*, in *Vozes do povo: a folclorização de Portugal*, Castelo-Branco & Branco (editores), p. 24-35, Oeiras, Celta, disponível em <https://books.openedition.org/etnograficapress/549> - acedido a 20/04/2020.
- Rego, E., 2012, *Avaliação da Actividade Anti-inflamatória de Plantas dos Açores*, dissertação de mestrado, Departamento de Ciências Tecnológicas e Desenvolvimento, Universidade dos Açores, disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/61439952.pdf> - acedido a 01/04/2021.
- Reis, C., 1999, *Fradique Mendes: origem e modernidade de um projeto heteronímico*, in *Estudos Queirosianos: ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra*, Lisboa, Presença, p. 137-155.
- Reis, J., 1979, *A «Lei da Fome»: as origens do proteccionismo cerealífero (1889-1914)*, in *Análise Social*, vol. XV (60), p. 745-793, Instituto de Ciências Sociais, U. Lisboa.
- *Revista de Guimarães*, volume II, n.º1 – Janeiro – 1885, Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira.
- Ribeiro, O., 1991, *Opúsculos geográficos, IV Volume – O mundo rural*, Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa .
- Ribeiro, T., 1863, *D. Jayme*, Lisboa, Typ. da Sociedade Typographica Franco-Portugueza.
- Richards, A., 1956, *Chisungu: a girl's initiation ceremony among the Bemba of Northern Rhodesia*, London, Fabe.
- Rio-Torto, G. et al., 2016, *Gramática Derivacional do Português*, Imprensa da Universidade de Coimbra, disponível em <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0864-8> - acedido a 29/01/2021.
- Rocha, C., 2018, *Etimologia dos Hidrotopónimos de Portugal Continental – História linguística de um território*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Rodrigues, A., 2007, *As Emoções na Fala*, dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro, disponível em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/1899/1/2008001295.pdf> - acedido a 02/04/2021.
- Rodrigues, J., 2006, *Recolha dos “saber-fazer” tradicionais das plantas aromáticas e medicinais – concelhos de Aljezur, Lagos e Vila do Bispo*, relatório de projecto, Bordeira, AFLOSUL.
- -----, 2002, *Contributo para o estudo etnobotânico das plantas medicinais e aromáticas na área protegida na Serra do Açor*, APPSA, ICN, disponível em <http://www.etnobotanica.uevora.pt/2002%20Joana%20CRodrigues%20PAM%20Serra%20do%20Acor%20APPSA.pdf> – acedido a 12/12/2020.

- ----, 2001, *Contributo para o estudo etnobotânico das plantas medicinais e aromáticas no Parque Natural da Serra de S. Mamede*, ICN – PNSSM, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, disponível em <http://www.etnobotanica.uevora.pt/2001%20Joana%20Rodrigues%20PAM%20PNSerra%20S%20Mamede.pdf> – acedido a 01/04, 2021.
- Romano, A. & Gonçalves, S., 2015, *Plantas silvestres comestíveis do Algarve*, Universidade do Algarve, disponível em <https://issuu.com/ualg/docs/plantas-silvestres-comestiveis-do-a> - acedido a 10/02/2021.
- Roper, J., 2007, *Thoms and the Unachieved “Folk-Lore of England”*, in *Folklore*, 118:2, p. 203-216, disponível em: doi.org/10.1080/00155870701340035 – acedido a 02/04/2020.
- Saavedra, A., 1919, *A Linguagem Médica Popular*, tese de doutoramento, Fac. Medicina, U. Porto.
- Saavedra, M., 2010, *“Uma Questão Nacional” – Enredos da malária em Portugal, séculos XIX e XX*, tese de doutoramento, Instituto de Ciências Sociais, U. Lisboa.
- Salgueiro, L., 2007, *Os tomilhos de Portugal*, in *Potencialidades e Aplicações das Plantas Aromáticas e Mediciniais*, Curso Teórico-Prático, Figueiredo A. C., J. G. Barroso & L. G. Pedro (editores), Edição Centro de Biotecnologia Vegetal – Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, p. 48-54, disponível em <http://cbv.fc.ul.pt/PAM/pdfsLivro/LigiaSalgueiro.pdf> - acedido a 02/02/2021.
- Sandór, G., s/d, *A literatura oral tradicional lusófona no ensino/aprendizagem do PLE*, dissertação de mestrado, Faculdade de Letras - Universidade do Porto, acedido a <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/81975/2/37711.pdf> - acedido a 28/02/2021.
- Santo, M., 1988, *Origens Orientais da Cultura Popular Portuguesa seguido de Ensaio Sobre Toponímia Antiga*, Assírio & Alvim.
- Sequeira, C., 2014, *Antão Fernandes de Carvalho e a República no Douro*, Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», Porto.
- Serol, P., 2017, *Caracterização Microbiológica Quantitativa e Qualitativa de Queijo Serpa*, relatório de mestrado, Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Beja.
- Serra, J., 2007, *O Nascimento de um império conserveiro: “A Casa Fialho” (1892-1939)*, dissertação de mestrado, Fac. Letras, U. Porto.
- Shimabukuro et al. (s.d.), *Catálogo da Sociedade de Etnografia e Folclore*, Centro Cultural de São Paulo.
- Silva, C., 2019, *Protestos no feminino na Europa: das “Marias da Fonte” às marchas mundiais das mulheres*, in *The Overarching Issues of the European Space – a strategic (re)positioning of environmental and socio-economic problems*, p. 184-196, Porto, Fac. Letras U. Porto.
- Silva, D., 1944, *Esboço dum vocabulário agrícola regional*, in *Anais do Instituto Superior de Agronomia*, Lisboa, p. 205-680, disponível em <file:///C:/Users/desktop/Downloads/ANAIS-V.XII.F.2%20BA.p.205.PDF> – acedido a 03/04/2020.

- Silva, L., 2010, *Laranjas, Dickens e São Miguel - A propósito de “Oranges And Lemons”*, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, disponível em <http://hdl.handle.net/10400.3/2403> - acessado a 12/12/2020.
- Silva, L., Vieira, C. & Soares, B., 2000, *Práticas e Lógicas Quotidianas da Alimentação*, in *IV Congresso Português de Sociologia*, (s/indicação de páginas), disponível em https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR462e0728ea612_1.pdf - acessado a 05/04/2021.
- Silva, M., 2011, *Camponeses, Igreja e I República: o caso do Lindoso no Alto Minho (1820-1926)*, in *Estudos Regionais*, 119, II Série, n.º 5, p. 119-137, disponível em <http://hdl.handle.net/1822/12397> - acessado a 29/01/2021.
- Silva, V., 1999, *Teoria da Literatura*, Coimbra, Livraria Almedina (8º ed.).
- Simmel, G., 2004, *Sociologia da Refeição*, in *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.º 33, p. 159-166, disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2218> - acessado a 02/02/2021.
- Sousa, P., 2012, *A produção e a exportação de laranja nos Açores (1800-1880) – Um olhar a partir da periferia: o caso da ilha de São Jorge*, in *Povos e Culturas*, 16, p. 329-343, disponível em <https://doi.org/10.34632/povoseculturas.2012.8910> - acessado a 01/03/2021.
- Sousa, E., 1897, *O Pão – dissertação inaugural apresentada á Escola Medico-Cirurgica do Porto*, Typographia Occidental, Porto.
- Spence, C., 2015, *Eating with our ears: assessing the importance of the sounds of consumption on our perception and enjoyment of multisensory flavour experiences*, in *Flavour*, 4:3, disponível em <https://flavourjournal.biomedcentral.com/articles/10.1186/2044-7248-4-3> – acessado em 10/03/2020.
- *The Jewish Study Bible: Torah, Nevi'im, Kethuvim*, 2014, ed. Adele Berlin & Marc Zvi Brettler, Oxford.
- Tomás, A. & Valério, N., s/d, *Meios de pagamento emitidos pelo Estado português*, Série Documentos de Trabalho, Instituto Superior de Economia e Gestão, U. Lisboa.
- Tomás, P., 1896, *Canções populares da Beira*, Figueira, Imprensa Lusitana, disponível em <https://www.worldcat.org/title/cancoes-populares-da-beira/oclc/65401059> - acessado a 27/01/2021.
- Vaquinhas, M., 2016, *O “mal das sezões”: arrozais, malária e protesto popular nos campos do Mondego (séculos XIX e XX)*, in *Percursos da história: estudos In Memoriam de Fátima Sequeira Dias*, Conde, M., Machado, M. & Silva, S. (coord.), p. 65-87, Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores.
- -----, 2012, *Quando a gordura começou a deixar de ser formosura...: os caminhos de um novo paradigma estético nos finais do século XIX - inícios do século XX*, in *Revista de História das Ideias*, Vol. 33, Instituto de História e Teoria das Ideias, p. 241-259, Fac. Letras, U. Coimbra.
- -----, 2011, *A família, essa ‘pátria em miniatura’*, in *História da Vida Privada - A Época Contemporânea*, p. 125-129, Vaquinhas, I. (coord), Mattoso, J. (dir.), Círculo de Leitores/Temas e Debates.

- -----, 2002, *Linhas de investigação para a história das mulheres nos séculos XIX e XX – Breve esboço*, in *Revista da Faculdade de Letras*, p. 201-221, História, III série, vol, 3, Porto.
- -----, 2000, *Um espaço em transformação: a extensão da cultura do arroz nos campos do Mondego, 1856-1888*, in *A cidade e o campo – Colectânea de Estudos*, p. 169-181, Centro de História da Sociedade e da Cultura, Coimbra, disponível em <http://hdl.handle.net/10316/34630> - acedido a 01/06/2021.
- -----, 1992, *Notas para a História da Violência em Portugal, na segunda metade do século XIX*, in *Separata da Revista Portuguesa de História*, Tomo XXVII, p. 145-162, Coimbra.
- -----, 1992, *O conceito de “decadência fisiológica da raça” e o desenvolvimento do desperto em Portugal (Finais do século XIX/Princípios do século XX)*, in *Revista de História das Ideias*, vol. 14, p. 365-388, Fac. Letras da U. Coimbra.
- -----, 1990, *Violência, Justiça e Sociedade Rural, Os campos de Coimbra, Montemor-o-Velho e Penacova de 1858 a 1918*, dissertação de Doutoramento, F. Letras, U. Coimbra.
- Vaquinhas, M. & Guimarães, M., 2011, *Economia doméstica e governo do lar – Os saberes domésticos e as funções da dona de casa*, in *História da Vida Privada - A Época Contemporânea*, p. 194-197, Vaquinhas, I. (coord), Mattoso, J. (dir.), Círculo de Leitores/Temas e Debates.
- Vaquinhas, M. & Mendes, J., 2005, *Os arrozais do Baixo Mondego entre o passado e o futuro – da memória à salvaguarda do património*, Câmara Municipal de Montemor-o-Velho.
- Vaquinhas, M. & Neto, M., 2000, *Agricultura e Mundo Rural: tradicionalismo e inovações*, in *História de Portugal: o Liberalismo*, Mattoso, J. (coord.), vol. V, pp. 334-337, Lisboa, Círculo Leitores.
- Vasconcellos, J., 1996, *Signum Salomonis – A figa – A Barba em Portugal*, Etnográfica Press, disponível em <https://directory.doabooks.org/handle/20.500.12854/55058> - acedido a 24/01/2021.
- -----, 1920, *Boletim de Etnografia, Publicação do Museu Etnológico Português*, n.º1, Lisboa, Imprensa Nacional.
- -----, 1911, *Revista Lusitana, Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal*, volume XIV, Livraria Clássica Editora.
- -----, 1885, *Dialectos minhotos*, in *Revista de Guimarães*, 2 (1), p. 05-19, Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira.
- -----, 1882, *Tradições Populares de Portugal*, Porto, Livraria Portuense de Clável & C.^a – Editores.
- Viana, A., 1906, *Apostilas aos dicionários portugueses*, Tomo I, Livraria Clássica Editora, Lisboa .
- Vieira, A., 2016, *O trigo e o pão “nosso...” na Capitania de Machico*, in *Cadernos de divulgação do CEHA*, Projeto “Memória-Nona Ilha” / DRC / SRETC, n.º 103, Funchal.
- Viterbo, S., 1920, *O S. João e as tradições populares – Lampas e figos lampos*, in *Revista Lusitana*, p. 138-144, Vasconcellos, A. (dir.), vol. 23, n.os 1-4, Livraria Classica Editora, A. M. Teixeira & C.a (Filhos), Lisboa.

• Wang, Q., 2013, *Music, Mind, and Mouth: Exploring the Interaction between Music and Flavor Perception*, Massachusetts Institute of Technology, disponível em http://alumni.media.mit.edu/~janiwang/thesis/janice_wang_ms_thesis.pdf – acedido em 10/03/2020.

• West, H. & Domingos, N., 2016, *A gourmetização da comida da pobreza. O presidium Slow Food do queijo Serpa*, in *O Espectro da Pobreza. História, Cultura e Política em Portugal no Século XX*, Frederico Ágoas e José Neves (organizadores), p. 173-205, Lisboa, Mundos Sociais, disponível em <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/27711> - acedido a 02/02/2021.

Webgrafia

- <http://amusicaportuguesaagostardelaproprias.org/> (acedido a 14/10/2020)
- <http://arquivo-ec.sec-geral.mec.pt/> (acedido a 01/07/2021)
- <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/etnologia-etnografia-tradicoes.html> (acedido a 22/02/2021)
- <http://dp.uc.pt/> (acedido a 4/01/2021)
- <http://www.eu-nomen.eu/portal/> (acedido a 30/01/2021)
- <http://www.folclore-online.com/> (acedido a 11/03/2020)
- <http://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/> (acedido a 7/05/2020)
- http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/o_arqueologo_portugues_1_serie/ (acedido a 29/03/2021)
- <https://almanquesilva.wordpress.com/> (acedido a 24/06/2021)
- <https://ceh.fcsh.unl.pt/> (acedido a 01/07/2021)
- <https://historiaschistoria.blogspot.com/2020/?m=0> (acedido a 24/06/2021)
- <https://ielt.fcsh.unl.pt/> (acedido a 14/10/2020)
- <https://romanceiro.pt/> (acedido a 14/10/2020)
- <https://unesco.missaoportugal.mne.gov.pt/pt/portugal-e-a-unesco/cultura/patrimoniocultural-imaterial> (acedido a 6/04/2020)
- <https://www.asturnatura.com/> (acedido a 18/03/2021)
- <https://www.bdalentejo.net/> (acedido a 16/03/2021)
- <https://www.estraviz.org/> (acedido a 4/01/2021)
- <https://www.facebook.com/ConfrariaDaUrtiga/> (acedido a 03/06/2021)
- <https://www.maresaudade.org/> (acedido a 27/05/2021)
- <https://www.meloteca.com/cancioneiro/> (acedido a 2/03/2020)
- <https://www.postais-antigos.com/costume-lisboa-vendedora-de-galinhas-lisboa.html> (acedido a 24/06/2021)
- <https://www.sec-geral.mec.pt/> (acedido a 01/07/2021)
- <https://www.tomatis.com/en> (acedido a 10/05/2020)
- <https://www.uc.pt/cech/biblioteca-online/diaita-scripta-realia> (acedido a 25/06/2020)

ANEXOS

ANEXO I-1 – Ilustrações de Simone dos Prazeres



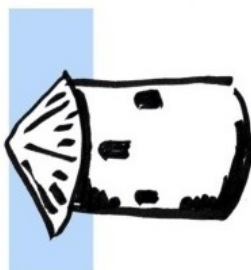
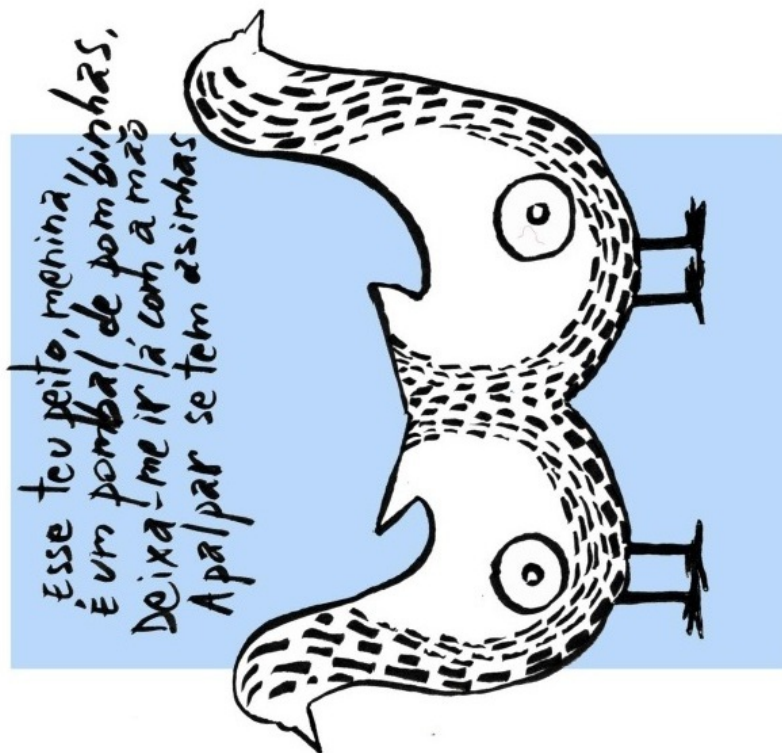
Tendes dois olhos na cara / Que parecem dois marmelos: / Tendes boca de charroco, / Beiços de apanhar farelos.

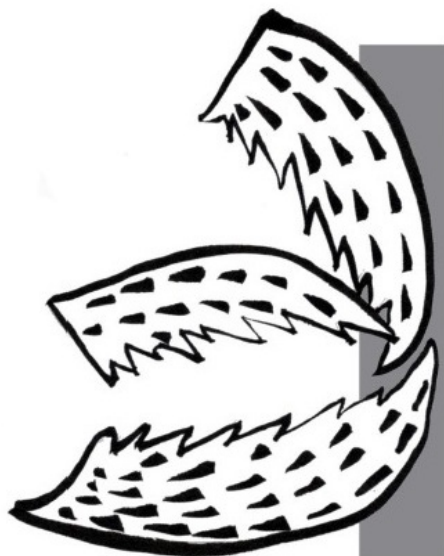
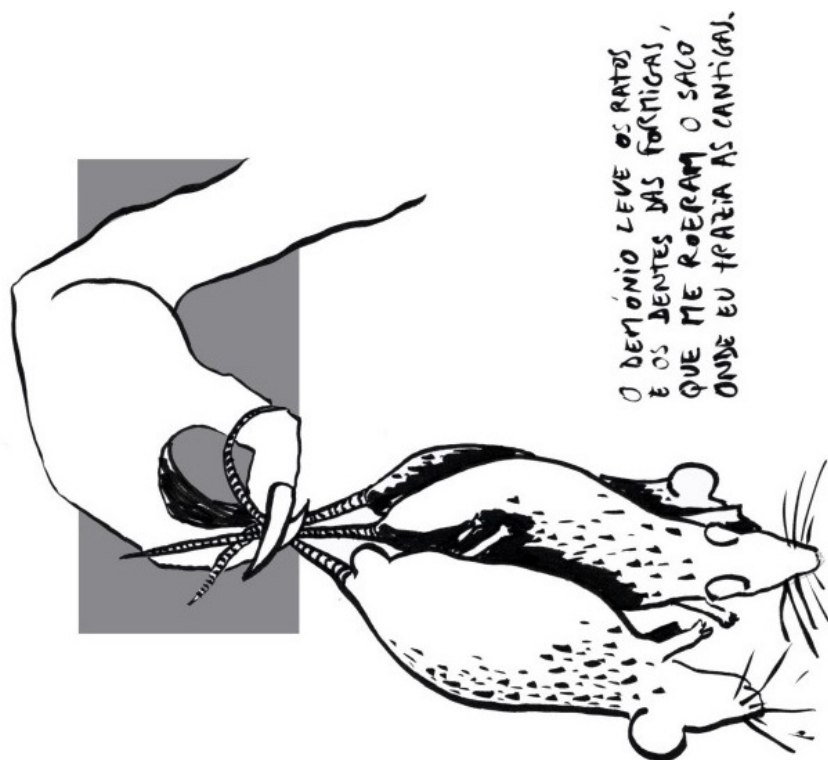


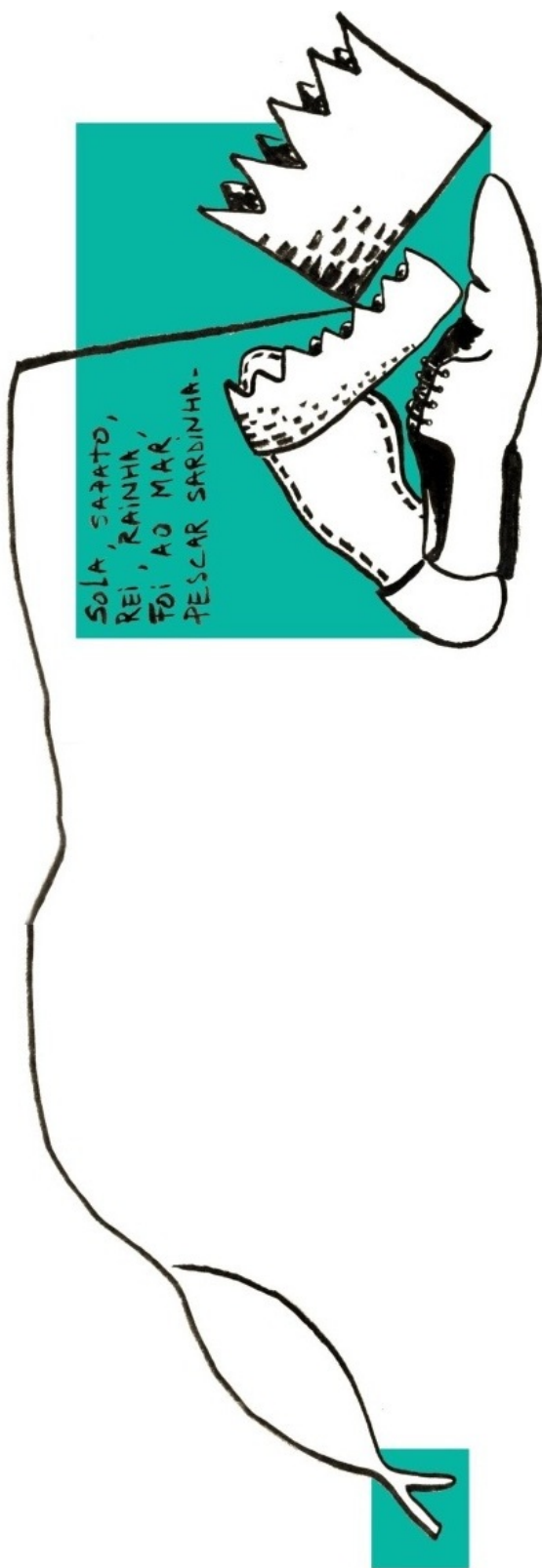
SE OS BEIJOS ESTIGASSEM,
COMO ESTIGA O ALECRIM,
TINHAM AS RARIÇAS
A CARA COMO UM JARDIM.













ANEXO I-2 – Mapas III e IV do Código Administrativo de 1936

MAPA III

Províncias

Minho	Vila Pouca de Aguiar Vila Real
Braga (capital)	Bragança
Amares	Allândega da Fe
Barcelos	Bragança
Braga	Carrazeda de Anciais
Cabeceras de Basto	Freixo de Espada-à-Cinta
Celorico de Basto	Macedo de Cavaleiros
Esposende	Miranda do Douro
Fafe	Mirandela
Gumarães	Mogadouro
Póvoa de Lanhoso	Tôrre de Moncorvo
Terras do Bouro	Vila Flor
Vieira do Minho	Vimioso
Vila Nova de Famalicão	Vinhais
Vila Verde	
Viana do Castelo	Guarda
Arcos de Valdevez	Vila Nova de Fozcoia
Caminha	
Melgaço	Viseu
Monção	Armamar
Paredes de Coura	Lamego
Ponte da Barca	S João da Pesqueira
Ponte do Lima	Tabuaço
Valença	
Viana do Castelo	Douro Litoral
Vila Nova da Cerveira	
Tras-os-Montes e Alto Douro	Pôrto (capital)
Vila Real (capital)	Amarante
Alijo	Balão
Boticas	Felgueiras
Chaves	Gondomar
Mesão Frio	Lousada
Mondim de Basto	Maia
Montalegre	Marco de Canaveses
Murça	Matozinhos
Pêso da Régua	Paços de Ferreira
Ribeira de Pena	Paredes
Sabrosa	Penafiel
Santa Marta de Penaguão	Pôrto — 1º bairro
Valpaços	Pôrto — 2º bairro
	Povoa de Varzim
	Santo Tirso

Valongo	
Vila do Conde	
Vila Nova de Gaia	
Aveiro	
Arouca	
Castelo de Paiva	
Espinho	
Feira	
Viseu	
Resende	
Sinfães	
Beira Alta	
Viseu (capital)	
Carregal do Sal	
Castro Daire	
Mangualde	
Moimenta da Beira	
Mortagua	
Nelas	
Olveira de Frades	
Penalva do Castelo	
Penedono	
Santa Comba Dão	
S. Pedro do Sul	
Sátão	
Sernancelhe	
Tarouca	
Tondela	
Vila Nova de Paiva	
Viseu	
Vouzela	
Coimbra	
Olveira do Hospital	
Tábua	
Guarda	
Agnar da Beira	
Almeida	
Celorico da Beira	
Figueira de Castelo Rodrigo	
Fornos de Algodres	
Gouveia	
Guarda	
Manteigas	
Meda	
Pinhel	
Sabugal	
Seia	
Trancoso	
Beira Baixa	
Castelo Branco (capital)	
Belmonte	
Castelo Branco	
Covilhã	
Fundão	
Idanha-a-Nova	
Oleiros	
Penamacor	
Proença-a-Nova	
Sertã	
Vila de Rei	
Vila Velha de Ródão	
Coimbra	
Pampilhosa da Serra	
Santarém	
Mação	
Beira Litoral	
Coimbra (capital)	
Arganil	
Cantanhede	
Coimbra	
Condeixa-a-Nova	
Figueira da Foz	
Góis	
Lousã	
Mira	
Miranda do Corvo	
Montemor-o-Velho	
Penacova	
Penela	
Poiães	
Soure	
Aveiro	
Águeda	
Albergaria-a-Velha	
Anadia	
Aveiro	
Estarreja	
Ilhavo	
Mealhada	
Murtosa	
Olveira de Azeméis	
Olveira do Barro	
Ovar	
S. João da Madeira	
Sever do Vouga	
Vagos	
Vale de Cambra	

Leiria	Sintra
Alvaiázere	Sobral de Monte Agraço
Ancião	Tôrres Vedras
Batalha	Leiria
Castanheira de Pêra	Alcobaça
Figueiro dos Vinhos	Bombarral
Leiria	Caldas da Rainha
Pedrogão Grande	Marinha Grande
Pombal	Nazare
Santarem	Óbidos
Vila Nova de Ourem	Peniche
Ribatejo	Pôrto de Mós
Santarem (capital)	Setubal
Abrantes	Alcochete
Alcanena	Almada
Almeirim	Barreiro
Alpiarça	Moita
Benavente	Montujo
Cartaxo	Palmela
Chamusca	Sexal
Constância	Setúbal
Coruche	Sezimbra
Ferreira do Zêzere	Alto do Alentejo
Golegã	Évora (capital):
Rio Maior	Alandroal
Salvaterra de Magos	Arraiolos
Santarem	Borba
Sardoal	Estremoz
Tomar	Évora
Tôrres Novas	Montemor-o-Novo
Vila Nova da Barquinha	Mora
Lisboa	Mourão
Azambuja	Portel
Vila Franca de Xira	Redondo
Portalegre	Reguengos de Monsaraz
Ponte de Sor	Viana do Alentejo
Estremadura	Vila Viçosa
Lisboa (capital)	Portalegre
Alenquer	Alter do Chão
Arruda dos Vinhos	Arronches
Cadaval	Aviz
Cascais	Campo Maior
Lisboa — 1.º bairro	Castelo de Vide
Lisboa — 2.º bairro	Crato
Lisboa — 3.º bairro	Elvas
Lisboa — 4.º bairro	Fronteira
Loures	Gavião
Loumbã	Marvão
Mafra	Monforte
Oeiras	Nisa
	Portalegre
	Sousel

Baixo Alentejo

Beja (capital)

Aljustrel
 Almodôvar
 Alvito
 Barrancos
 Beja
 Castro Verde
 Cuba
 Ferreira do Alentejo
 Mertola
 Moura
 Odemira
 Ourique
 Serpa
 Vidigueira

Setubal

Alcácer do Sal
 Grândola

Santiago do Cacém
 Sines

Algarve

Faro (capital)

Albufeira
 Alcoutim
 Aljezur
 Alportel
 Castro Marim
 Faro
 Lagoa
 Lagos
 Loule
 Monchique
 Olhão
 Portimão
 Silves
 Tavira
 Vila do Bispo
 Vila Real de Santo António

MAPA IV

Classificação dos distritos

1ª ordem

Lisboa
 Pôrto

2ª ordem

Beja
 Braga
 Castelo Branco
 Coimbra
 Évora
 Faro

Santarém
 Vila Real
 Viseu

3ª ordem

Aveiro
 Bragança
 Guarda
 Leiria
 Portalegre
 Setubal
 Viana do Castelo

ANEXO I-3 – Províncias e Concelhos segundo o Código Administrativo de 1936 com referências alimentares no CPP

Concelhos com textos com referências alimentares em cada Província (por ordem decrescente)

Província: Minho			
N. ordem	Concelho	N. textos c/ ocor. aliment.	%
1	P. Lima	78	12,8%
2	Barcelos	75	12,3%
3	(Minho)	72	11,8%
4	A. de Valdevez	62	10,2%
5	Melgaço	61	10,0%
6	Guimarães	45	7,4%
7	P. Coura	35	5,7%
8	V. Castelo	29	4,8%
9	Braga	22	3,6%
9	V. N. Cerveira	22	3,6%
10	C. Basto	21	3,4%
11	Cabeceiras de Basto	13	2,1%
12	(Norte)	12	2,0%
13	(Entre Douro e Minho)	10	1,6%
13	Monção	10	1,6%
14	V. N. Famalicão	8	1,3%
15	Alto Minho	5	0,8%
15	Terras de Bouro	5	0,8%
15	Valença	5	0,8%
16	Amares	4	0,7%
16	Ponte Barca	4	0,7%
17	Fafe	3	0,5%
17	Vieira Minho	3	0,5%
18	Caminha	2	0,3%
18	Póvoa Lanhoso	2	0,3%
19	Esposende	1	0,2%
19	Vizela	1	0,2%
	Total	610	100,0%

Província: Douro Litoral			
N. ordem	Concelho	N. textos c/ ocor. aliment.	
1	Baião	283	34,6%
2	Feira	66	8,1%
3	Cinfães e Sinfães	60	7,3%
4	M. Canaveses	55	6,7%
5	V. Conde	54	6,6%
6	Penafiel	51	6,2%
7	Porto	50	6,1%
8	Amarante	38	4,7%
9	Maia	35	4,3%
10	V.N. Gaia	24	2,9%
11	Resende	20	2,4%
12	Paredes	18	2,2%
13	S. Tirso	17	2,1%
14	Lousada	11	1,3%
15	Felgueiras	9	1,1%
16	Castelo Paiva	7	0,9%
17	P. Ferreira	5	0,6%
18	Espinho	4	0,5%
19	Gondomar	3	0,4%
19	Matosinhos	3	0,4%
19	P. Varzim	3	0,4%
20	Arouca	1	0,1%
	Total	817	100,0%

Província: Trás-os-Montes e Alto Douro			
N. ordem	Concelho	N. textos c/ ocor. aliment.	%
1	Bragança	102	14,4%
2	Lamego	84	11,8%
3	S. M. Penaguião	49	6,9%
4	A. Fé	48	6,8%
4	Mesão Frio	48	6,8%
5	Trás-os-Montes	42	5,9%
6	V. Real	39	5,5%
7	V.N. Foz-Côa	37	5,2%
8	T. Moncorvo	34	4,8%
9	Mogadouro	31	4,4%
10	Vimioso	21	3,0%
11	Mirandela	18	2,5%
12	Barroso	17	2,4%
12	Chaves	17	2,4%
13	Douro	13	1,8%
14	M. Douro	12	1,7%
15	Valpaços	11	1,5%
15	V. Pouca Aguiar	11	1,5%
16	Alijó	10	1,4%
16	Armamar	10	1,4%
16	S. João Pesqueira	10	1,4%
17	Montalegre	9	1,3%
17	Vinhais	9	1,3%
18	Peso da Régua	7	1,0%
19	Alto Douro	4	0,6%
19	M. Cavaleiros	4	0,6%
20	Baixo Douro	3	0,4%
20	Tabuaço	3	0,4%
21	C. Ansiães	2	0,3%
22	Mondim de Basto	1	0,1%
22	Murça	1	0,1%
22	Sabrosa	1	0,1%
22	Terra de Miranda	1	0,1%
22	Vila Flor	1	0,1%
	Total	710	100,0%

Província: Beira Alta			
N. ordem	Concelho	N. textos c/ ocor. aliment.	%
1	C. Beira	66	16,4%
2	Tarouca	62	15,4%
3	Guarda	33	8,2%
4	(Beira Alta)	30	7,5%
4	Nelas	30	7,5%
5	O. Hospital	28	7,0%
6	Mangualde	22	5,5%
7	F. Algodres	21	5,2%
8	Viseu	14	3,5%
9	Tondela	10	2,5%
9	Vouzela	10	2,5%
10	C. Daire	9	2,2%
10	Sabugal	9	2,2%
10	Seia	9	2,2%
11	Almeida	8	2,0%
11	Moimenta Beira	8	2,0%
12	Gouveia	5	1,2%
12	Trancoso	5	1,2%
13	Dão	4	1,0%
13	Sernancelhe	4	1,0%
14	S. Comba Dão	3	0,7%
15	Carregal Sal	2	0,5%
15	Manteigas	2	0,5%
15	Meda	2	0,5%
15	Mortágua	2	0,5%
15	Pinhel	2	0,5%
15	Tábua	2	0,5%
	Total	402	100,0%

Província: Beira Baixa			
N. ordem	Concelho	N. textos c/ ocor. aliment.	%
1	C. Branco	73	27,8%
2	Idanha-a-Nova	41	15,6%
2	V. Velha Ródão	41	15,6%
3	Mação	35	13,3%
4	Vila Rei	14	5,3%
5	(B. Baixa)	13	4,9%
5	Covilhã	13	4,9%
6	Proença-a-Nova	10	3,8%
7	Fundão	8	3,0%
8	Penamacor	6	2,3%
8	Sertã	6	2,3%
9	Oleiros	3	1,1%
	Total	263	100,0%

Província: Beira Litoral			
N. ordem	Concelho	N. textos c/ ocor. aliment.	%
1	Coimbra	40	24,5%
2	Alvaiázere	33	20,2%
3	Ovar	17	10,4%
4	Aveiro	13	8,0%
5	Leiria	8	4,9%
5	O. Azeméis	8	4,9%
6	Condeixa	7	4,3%
6	F. Foz	7	4,3%
7	Penacova	5	3,1%
8	Montemor-o-Velho	3	1,8%
8	Anadia	3	1,8%
8	Condeixa-a-Nova	3	1,8%
8	Lousã	3	1,8%
8	Miranda do Corvo	3	1,8%
9	Arganil	2	1,2%
9	Mira	2	1,2%
10	Cantanhede	1	0,6%
10	Estarreja	1	0,6%
10	Góis	1	0,6%
10	Pedrógão	1	0,6%
10	S. J. Madeira	1	0,6%
10	S. Vouga	1	0,6%
	Total	163	100,0%

Província: Ribatejo			
N. ordem	Concelho	N. textos c/ ocor. aliment.	%
1	Alcanena	15	21,7%
2	Cartaxo	12	17,4%
3	Ponte Sor	11	15,9%
4	R. Maior	6	8,7%
5	Abrantes	5	7,2%
5	Almeirim	5	7,2%
5	Santarém	5	7,2%
6	Tomar	4	5,8%
7	Coruche	2	2,9%
8	Chamusca	1	1,4%
8	Ferreira do Zêzere	1	1,4%
8	Salvaterra Magos	1	1,4%
8	V. F. Xira	1	1,4%
	Total	69	100,0%

Província: Estremadura			
N. ordem	Concelho	N. textos c/ ocor. aliment.	%
1	Cadaval	59	23,4%
2	Lisboa	50	19,8%
3	Óbidos	39	15,5%
4	Alcobaça	19	7,5%
5	Mafra	14	5,6%
6	C. Rainha	11	4,4%
7	Arruda dos Vinhos	9	3,6%
7	Bombarral	9	3,6%
8	Sintra	8	3,2%
9	Estremadura	6	2,4%
10	Alenquer	4	1,6%
10	Loures	4	1,6%
10	Setúbal	4	1,6%
10	Torres Vedras	4	1,6%
11	Almada	2	0,8%
11	Seixal	2	0,8%
11	Montijo	2	0,8%
12	Odivelas	1	0,4%
12	Palmela	1	0,4%
12	Peniche	1	0,4%
12	Porto de Mós	1	0,4%
12	Queluz	1	0,4%
12	Sobral do M. Agraço	1	0,4%
	Total	252	100,0%

Província: Alto do Alentejo			
N. ordem	Concelho	N. textos c/ ocor. aliment.	%
1	V. Alentejo	155	27,8%
2	Nisa	152	27,3%
3	Alandroal	67	12,0%
4	Avis	37	6,6%
5	R. Monsaraz	29	5,2%
6	Elvas	20	3,6%
7	Redondo	16	2,9%
8	Estremoz	15	2,7%
9	Évora	11	2,0%
10	Campo Maior	9	1,6%
10	Crato	9	1,6%
11	Serra da Ossa	6	1,1%
12	Arronches	4	0,7%
12	Castelo Vide	4	0,7%
12	Portalegre	4	0,7%
13	Alter do Chão	3	0,5%
13	Olivença	3	0,5%
14	Fronteira	2	0,4%
14	Gavião	2	0,4%
14	Montargil	2	0,4%
15	Arraiolos	1	0,2%
15	Marvão	1	0,2%
15	Montemor-o-Novo	1	0,2%
15	Mora	1	0,2%
15	Portel	1	0,2%
15	Sousel	1	0,2%
15	Vila Viçosa	1	0,2%
	Total	557	100,0%

Província: Baixo Alentejo			
N. ordem	Concelho	N. textos c/ ocor. aliment.	%
1	Castro Verde	73	31,7%
2	Moura	58	25,2%
3	Serpa	36	15,7%
4	Mértola	14	6,1%
5	Ourique	11	4,8%
6	Beja	10	4,3%
7	Aljustrel	7	3,0%
7	Vidigueira	7	3,0%
8	Cuba	6	2,6%
9	A. do Sal	3	1,3%
10	Odemira	2	0,9%
11	Alvito	1	0,4%
11	Grândola	1	0,4%
11	Sines	1	0,4%
	Total	230	100,0%

Província: Algarve			
N. ordem	Concelho	N. textos c/ ocor. aliment.	%
1	Portimão	139	40,4%
2	(Algarve)	39	11,3%
3	Loulé	34	9,9%
4	Monchique	28	8,1%
5	Faro	22	6,4%
6	Olhão	13	3,8%
7	Lagos	11	3,2%
8	Albufeira	10	2,9%
8	Silves	10	2,9%
9	Alcoutim	9	2,6%
9	Lagoa	9	2,6%
10	Tavira	8	2,3%
11	Alportel	5	1,5%
12	Castro Marim	4	1,2%
13	Aljezur	1	0,3%
13	V. R. S. António	1	0,3%
13	V. do Bispo	1	0,3%
	Total	344	100,0%

Ilhas Adjacentes			
N. ordem	Concelho	N. textos c/ ocor. aliment.	%
1	Ilha S. Jorge	30	38,0%
2	Ilha S. Miguel	23	29,1%
3	Ilha Faial	9	11,4%
4	Ilha Graciosa	8	10,1%
5	Ilha Madeira	5	6,3%
6	Ilha Flores	2	2,5%
6	Ilha S. Maria	2	2,5%
	Total	79	100,0%

Todos os concelhos com textos com referências alimentares (por ordem decrescente)

Nº ordem	Província	Concelho	N. textos c/ ocor. aliment.	%
1	Douro Lit.	Baião	283	6,29%
2	A. Alent.	V. Alentejo	155	3,45%
3	A. Alent.	Nisa	152	3,38%
4	Alg.	Portimão	139	3,09%
5	T.M e Alto Douro	Bragança	102	2,27%
6	T.M e Alto Douro	Lamego	84	1,87%
7	Minho	P. Lima	78	1,73%
8	Minho	Barcelos	75	1,67%
9	B. Baixa	C. Branco	73	1,62%
9	B. Alent.	Castro Verde	73	1,62%
10	Minho	(Minho)	72	1,60%
11	A. Alent.	Alandroal	67	1,49%
12	B. Alta	C. Beira	66	1,47%
12	Douro Lit.	Feira	66	1,47%
13	Minho	A. de Valdevez	62	1,38%
13	B. Alta	Tarouca	62	1,38%
14	Minho	Melgaço	61	1,36%
15	Douro Lit.	Cinfães e Sinfães	60	1,33%
16	Estrem.	Cadaval	59	1,31%
17	B. Alent.	Moura	58	1,29%
18	Douro Lit.	M. Canaveses	55	1,22%
19	Douro Lit.	V. Conde	54	1,20%
20	Douro Lit.	Penafiel	51	1,13%
21	Estrem.	Lisboa	50	1,11%
21	Douro Lit.	Porto	50	1,11%
22	T.M e Alto Douro	S. M. Penaguião	49	1,09%
23	T.M e Alto Douro	A. Fé	48	1,07%
23	T.M e Alto Douro	Mesão Frio	48	1,07%
24	Minho	Guimarães	45	1,00%
25	T.M e Alto Douro	(Trás-os-Montes)	42	0,93%
26	B. Baixa	Idanha-a-Nova	41	0,91%
26	B. Baixa	V. Velha Ródão	41	0,91%
27	B. Lit.	Coimbra	40	0,89%
28	Alg.	(Algarve)	39	0,87%
28	Estrem.	Óbidos	39	0,87%
28	T.M e Alto Douro	V. Real	39	0,87%
29	Douro Lit.	Amarante	38	0,85%
30	A. Alent.	Avis	37	0,82%
30	T.M e Alto Douro	V.N. Foz-Côa	37	0,82%
31	B. Alent.	Serpa	36	0,80%
32	B. Baixa	Mação	35	0,78%

32	Douro Lit.	Maia	35	0,78%
32	Minho	P. Coura	35	0,78%
33	Alg.	Loulé	34	0,76%
33	T.M e Alto Douro	T. Moncorvo	34	0,76%
34	B. Lit.	Alvaiázere	33	0,73%
34	B. Alta	Guarda	33	0,73%
35	T.M e Alto Douro	Mogadouro	31	0,69%
36	B. Alta	(Beira Alta)	30	0,67%
36	Ilhas Adj.	Ilha S. Jorge	30	0,67%
36	B. Alta	Nelas	30	0,67%
37	A. Alent.	R. Monsaraz	29	0,65%
37	Minho	V. Castelo	29	0,65%
38	Alg.	Monchique	28	0,62%
38	B. Alta	O. Hospital	28	0,62%
39	Douro Lit.	V.N. Gaia	24	0,53%
40	Ilhas Adj.	Ilha S. Miguel	23	0,51%
41	Minho	Braga	22	0,49%
41	Alg.	Faro	22	0,49%
41	B. Alta	Mangualde	22	0,49%
41	Minho	V. N. Cerveira	22	0,49%
42	Minho	C. Basto	21	0,47%
42	B. Alta	F. Algodres	21	0,47%
42	T.M e Alto Douro	Vimioso	21	0,47%
43	A. Alent.	Elvas	20	0,44%
43	Douro Lit.	Resende	20	0,44%
44	Estrem.	Alcobaça	19	0,42%
45	T.M e Alto Douro	Mirandela	18	0,40%
45	Douro Lit.	Paredes	18	0,40%
46	T.M e Alto Douro	Barroso	17	0,38%
46	T.M e Alto Douro	Chaves	17	0,38%
46	B. Lit.	Ovar	17	0,38%
46	Douro Lit.	S. Tirso	17	0,38%
47	A. Alent.	Redondo	16	0,36%
48	Rib.	Alcanena	15	0,33%
48	A. Alent.	Estremoz	15	0,33%
49	Estrem.	Mafra	14	0,31%
49	B. Alent.	Mértola	14	0,31%
49	B. Baixa	Vila Rei	14	0,31%
49	B. Alta	Viseu	14	0,31%
50	B. Lit.	Aveiro	13	0,29%
50	B. Baixa	(B. Baixa)	13	0,29%
50	Minho	Cabeceiras de Basto	13	0,29%
50	B. Baixa	Covilhã	13	0,29%
50	T.M e Alto Douro	(Douro)	13	0,29%
50	Alg.	Olhão	13	0,29%

51	Rib.	Cartaxo	12	0,27%
51	T.M e Alto Douro	M. Douro	12	0,27%
51	Minho	(Norte)	12	0,27%
52	Estrem.	C. Rainha	11	0,24%
52	A. Alent.	Évora	11	0,24%
52	Alg.	Lagos	11	0,24%
52	Douro Lit.	Lousada	11	0,24%
52	B. Alent.	Ourique	11	0,24%
52	Rib.	Ponte de Sor	11	0,24%
52	T.M e Alto Douro	Valpaços	11	0,24%
52	T.M e Alto Douro	V. Pouca Aguiar	11	0,24%
53	Alg.	Albufeira	10	0,22%
53	T.M e Alto Douro	Alijó	10	0,22%
53	T.M e Alto Douro	Armamar	10	0,22%
53	B. Alent.	Beja	10	0,22%
53	Minho	(Entre Douro e Minho)	10	0,22%
53	Minho	Monção	10	0,22%
53	B. Baixa	Proença-a-Nova	10	0,22%
53	T.M e Alto Douro	S. João Pesqueira	10	0,22%
53	Alg.	Silves	10	0,22%
53	B. Alta	Tondela	10	0,22%
53	B. Alta	Vouzela	10	0,22%
54	Alg.	Alcoutim	9	0,20%
54	Estrem.	Arruda dos Vinhos	9	0,20%
54	Estrem.	Bombarral	9	0,20%
54	A. Alent.	Campo Maior	9	0,20%
54	B. Alta	C. Daire	9	0,20%
54	A. Alent.	Crato	9	0,20%
54	Douro Lit.	Felgueiras	9	0,20%
54	Ilhas Adj.	Ilha Faial	9	0,20%
54	Alg.	Lagoa	9	0,20%
54	T.M e Alto Douro	Montalegre	9	0,20%
54	B. Alta	Sabugal	9	0,20%
54	B. Alta	Seia	9	0,20%
54	T.M e Alto Douro	Vinhais	9	0,20%
55	B. Alta	Almeida	8	0,18%
55	Ilhas Adj.	Ilha Graciosa	8	0,18%
55	B. Baixa	Fundão	8	0,18%
55	B. Lit.	Leiria	8	0,18%
55	B. Alta	Moimenta Beira	8	0,18%
55	B. Lit.	O. Azeméis	8	0,18%
55	Estrem.	Sintra	8	0,18%
55	Alg.	Tavira	8	0,18%
55	Minho	V. N. Famalicão	8	0,18%
56	B. Alent.	Aljustrel	7	0,16%

56	Douro Lit.	Castelo Paiva	7	0,16%
56	B. Lit.	Condeixa	7	0,16%
56	B. Lit.	F. Foz	7	0,16%
56	T.M e Alto Douro	Peso da Régua	7	0,16%
56	B. Alent.	Vidigueira	7	0,16%
57	B. Alent.	Cuba	6	0,13%
57	Estrem.	Estremadura	6	0,13%
57	B. Baixa	Penamacor	6	0,13%
57	Rib.	R. Maior	6	0,13%
57	A. Alent.	Serra da Ossa	6	0,13%
57	B. Baixa	Sertã	6	0,13%
58	Rib.	Abrantes	5	0,11%
58	Rib.	Almeirim	5	0,11%
58	Alg.	Alportel	5	0,11%
58	Minho	(Alto Minho)	5	0,11%
58	B. Alta	Gouveia	5	0,11%
58	Ilhas Adj.	Ilha Madeira	5	0,11%
58	Douro Lit.	P. Ferreira	5	0,11%
58	B. Lit.	Penacova	5	0,11%
58	Rib.	Santarém	5	0,11%
58	Minho	Terras de Bouro	5	0,11%
58	B. Alta	Trancoso	5	0,11%
58	Minho	Valença	5	0,11%
59	Estrem.	Alenquer	4	0,09%
59	T.M e Alto Douro	(Alto Douro)	4	0,09%
59	Minho	Amares	4	0,09%
59	A. Alent.	Arronches	4	0,09%
59	A. Alent.	Castelo Vide	4	0,09%
59	Alg.	Castro Marim	4	0,09%
59	B. Alta	(Dão)	4	0,09%
59	Douro Lit.	Espinho	4	0,09%
59	Estrem.	Loures	4	0,09%
59	T.M e Alto Douro	M. Cavaleiros	4	0,09%
59	Minho	Ponte Barca	4	0,09%
59	A. Alent.	Portalegre	4	0,09%
59	B. Alta	Sernancelhe	4	0,09%
59	Estrem.	Setúbal	4	0,09%
59	Rib.	Tomar	4	0,09%
59	Estrem.	Torres Vedras	4	0,09%
60	B. Alent.	A. do Sal	3	0,07%
60	A. Alent.	Alter do Chão	3	0,07%
60	B. Lit.	Anadia	3	0,07%
60	T.M e Alto Douro	(Baixo Douro)	3	0,07%
60	B. Lit.	Condeixa-a-Nova	3	0,07%
60	Minho	Fafe	3	0,07%

60	Douro Lit.	Gondomar	3	0,07%
60	B. Lit.	Lousã	3	0,07%
60	Douro Lit.	Matosinhos	3	0,07%
60	B. Lit.	Miranda do Corvo	3	0,07%
60	B. Lit.	Montemor-o-Velho	3	0,07%
60	B. Baixa	Oleiros	3	0,07%
60	A. Alent.	Olivença	3	0,07%
60	Douro Lit.	P. Varzim	3	0,07%
60	B. Alta	S. Comba Dão	3	0,07%
60	T.M e Alto Douro	Tabuaço	3	0,07%
60	Minho	Vieira Minho	3	0,07%
61	Estrem.	Almada	2	0,04%
61	B. Lit.	Arganil	2	0,04%
61	Minho	Caminha	2	0,04%
61	T.M e Alto Douro	C. Ansiães	2	0,04%
61	B. Alta	Carregal Sal	2	0,04%
61	Rib.	Coruche	2	0,04%
61	A. Alent.	Frenteira	2	0,04%
61	A. Alent.	Gavião	2	0,04%
61	Ilhas Adj.	Ilha Flores	2	0,04%
61	Ilhas Adj.	Ilha S. Maria	2	0,04%
61	B. Alta	Manteigas	2	0,04%
61	B. Alta	Meda	2	0,04%
61	B. Lit.	Mira	2	0,04%
61	A. Alent.	Montargil	2	0,04%
61	Estrem.	Montijo	2	0,04%
61	B. Alta	Mortágua	2	0,04%
61	B. Alent.	Odemira	2	0,04%
61	B. Alta	Pinhel	2	0,04%
61	Minho	Póvoa Lanhoso	2	0,04%
61	Estrem.	Seixal	2	0,04%
61	B. Alta	Tábua	2	0,04%
62	Alg.	Aljezur	1	0,02%
62	B. Alent.	Alvito	1	0,02%
62	Douro Lit.	Arouca	1	0,02%
62	A. Alent.	Arraiolos	1	0,02%
62	B. Lit.	Cantanhede	1	0,02%
62	Rib.	Chamusca	1	0,02%
62	Minho	Esposende	1	0,02%
62	B. Lit.	Estarreja	1	0,02%
62	Rib.	Ferreira do Zêzere	1	0,02%
62	B. Lit.	Góis	1	0,02%
62	B. Alent.	Grândola	1	0,02%
62	A. Alent.	Marvão	1	0,02%
62	T.M e Alto Douro	Mondim de Basto	1	0,02%

62	A. Alent.	Montemor-o-Novo	1	0,02%
62	A. Alent.	Mora	1	0,02%
62	T.M e Alto Douro	Murça	1	0,02%
62	Estrem.	Odivelas	1	0,02%
62	Estrem.	Palmela	1	0,02%
62	B. Lit.	Pedrógão	1	0,02%
62	Estrem.	Peniche	1	0,02%
62	A. Alent.	Portel	1	0,02%
62	Estrem.	Porto de Mós	1	0,02%
62	Estrem.	Queluz	1	0,02%
62	T.M e Alto Douro	Sabrosa	1	0,02%
62	Rib.	Salvaterra Magos	1	0,02%
62	B. Lit.	S. J. Madeira	1	0,02%
62	B. Lit.	S. Vouga	1	0,02%
62	B. Alent.	Sines	1	0,02%
62	Estrem.	Sobral do M. Agraço	1	0,02%
62	A. Alent.	Sousel	1	0,02%
62	T.M e Alto Douro	Terra de Miranda	1	0,02%
62	Alg.	V. do Bispo	1	0,02%
62	T.M e Alto Douro	Vila Flor	1	0,02%
62	Rib.	V. F. Xira	1	0,02%
62	Alg.	V. R. S. António	1	0,02%
62	A. Alent.	Vila Viçosa	1	0,02%
62	Minho	Vizela	1	0,02%
		Total	4496	100,00%

ANEXO II-1.1 – Comer e Comida

Dimensão material

- comer é uma necessidade (§I-324);
- a boca é comedeira (§I-725);
- comer é uma obrigação (§I-461);
- amaldiçoa-se alguém desejando que não possa comer nem beber (§II-4247) – também se tenta anular tal feitiço (§II-4342);
- quem puder deve regalar a sua barriga (§I-613);
- come-se o melhor e deixa-se o não tão bom (§I-464);
- há o que só se come uma vez sem se querer mais (§I-2117);
- por vezes não come o que se tem, desejando o alheio (§I-662);
- comem-se certos alimentos que não fartam, enquanto outros acabam por rebentar com a pessoa (§I-756);
- o pão ao levedar torna-se comestível (§II-1926);
- deseja-se ter saúde para poder comer (§II-1933);
- deseja-se que o que se coma farte (§II-1944);
- morrendo o porco já não comerá bem o lavrador (§I-1546);
- cantar e ser alegre talvez alimente, já que a tristeza não (§-1256);
- a quem se quer mal deseja-se que nada tenha para comer (§II-1940);
- o que não se quer comer sempre se pode vender (§I-778);
- canta-se o que se comeu (§I-453);
- fartar-se de algum alimento pode ter uma subtil conotação negativa (§I-783);
- comer com requinte não substitui a liberdade à cativa (§II-481);
- fala-se de como e onde os animais comem (§I-587);
- a alimentação dos animais é motivo de preocupação (§1973), e de inspiração para metáforas amorosas (§II-3123, §II-3159);
- os animais domésticos podem acabar por comer o que não era para eles, como o boi e a água, a galinha e o milho (§I-609), o rato e o milho (§I-639); o gato e o leite (§I-728) ou carapau (§III-3828); os pardais e as azeitonas (§III-3567); a raposa sagaz comeu tudo (§I-307).

Dimensão religiosa

- comer carne à sexta merece confissão (§II-3500);
- uma comida condenou Adão e a humanidade (§II-4662);
- a comunhão é um sacramento (§III-2541), que se come na hóstia (§III-2663);
- agradece-se a Deus pelo alimento que não se mereceu (§III-2545);
- o menino Jesus está deitado na manjedoura onde come o boi e a mula (§III-3633);
- há quem coma o que não deve ser comido, como o azeite eclesiástico (§I-1676);
- se a dura realidade fosse comestível, os homens comê-la-iam com prazer (§I-1898).

Dimensão social

- há modos de se comer à mesa que se devem respeitar (§II-2010);
- o que se come e como se come releva quem se é e de onde se é (§II-2061, §II-3778);
- troça-se de como as pessoas comem (§I-475):
- quem come como os animais é uma besta (§I-1633, §II-3833);
- consoante o estatuto social assim se repartem as iguarias (§I-627b);
- não abona a favor do calhameiro comer carne de burro pensando que é carneiro (§III-2602);
- troça-se de quem gasta o dinheiro em vaidades e não na alimentação (§II-3782);
- padres e cavalheiros são ironizados pelo excesso alimentar (§II-3895);
- a vida do malhão é comer e beber (§I-985);
- o tunante come quanto ganha com outra rapariga esquecendo-se da namorada (§I-1489);
- pelo acto da deglutição transparece o gosto (§I-248);
- há comilões que devoram tudo e ainda dizem que é pouco (§II-3720);
- é-se conhecido pela voracidade (§II-3724).

O alimento como medicamento

- há comidas fáceis, como leite com bolo (§I-89) – mas comer bolo também faz doer a barriga (§II-2030);
- há ervas que rebentam com um homem (§II-3365);
- contraste de temperaturas na comida arruína os dentes (§II-4331);
- os médicos prescrevem comidas, como caldo (§I-774, §I-782);
- comida azeda provoca rouquidão (§I-6148);
- há doenças que comem o corpo, como o bicho (§II-4348), e a rosa vermelha (§II-4358).

Ser-se comido

- o sapo mete-se na boca da cobra para ser comido (§I-309);
- o mar é um leão porque come tudo (§I-169);
- o tubarão come gente (§II-3008);
- corre-se o risco de se ser comido pelo lobo (§I-529);
- os gatos deram com um bebé coberto com uma tigela tendo-o confundido com vitela (§II-3449);
- a cabra cabriola come meninos (§I-768);
- a mãe de alguém é bruxa e mete medo porque come crianças (§I-962);
- a terra não come uma promessa (§II-1425), mas sim o corpo (§II-2620, §II-4432-5);
- o adro da igreja come caras lindas (§II-4528-30);
- a geada comeu moços (§III-289);
- por vezes é-se metamorfoseado em algum alimento do dia-a-dia (§I-550).

Dimensão amorosa

- o amor é tigela, colher de pau e mistura de batatas com bacalhau (§II-3469);

- para comer há que cozinhar no contexto do namoro (§I-1107) e conjugal (§II-3290);
- o marido é uma batata assada porque não se come crua (§I-550);
- o casamento só é comestível enquanto quente (§I-2261);
- o solteiro e o perdigão comem do que querem (§I-2290);
- a presença da amada dá de comer aos olhos (§I-2968), e ver o amor é almoçar (§I-3121);
- pode-se passar sem comida mas não sem a visão de quem se ama (§I-3331);
- lágrimas e suspiros serão o comer da rapariga até voltar a ver o seu amado (§II-1006);
- o rapaz enganará a barriga das raparigas com falas de doçura, como se fosse comida (§III-3911);
- quem ao comer batatas ouve o seu amor quase que sufoca (§II-3657);
- os amantes partilham a comida (§I-3222, §I-3415), mesmo que os mate (§I-3151);
- quando um come ou bebe tem necessidade de dar também ao outro (§I-3222);
- há sensualidade em ver a amada comer pão e queijo à janela (§I-4920);
- amar tanto pode tirar o apetite (§I-3481, §II-308), como levar a uma dieta de lágrimas (§II-854);
- a rapariga-maçã que já foi picada pelo rouxinol é posta de lado (§I-4596), tal como a fruta que caiu (§I-4724);
- como a pera em Agosto, todos querem comer a rapariga madura (§I-5006).

Terras e comida

- dão de comer: aldeia do Mato (§III-46) e da Serra (§III-50), aldeia do Baldio e Carneira (§III-202), Cabaços (§III-285), Celorico (§III-359) – é registo formular (§III-2380);
- memoráveis pela comida: Guarda (§III-575), Miranda (§III-792), Vale da Mó (§III-1257), Baía (§III-2228);
- o modo como comem: os de Vieiros quando comem com os porcos até quebram a pia com os dentes (§III-1299), e os da Outra Banda já não sabem comer pão, mas papas com sabão (§III-1738);
- vai-se ao S. Brás pela comida (§III-2719).

ANEXO II-1.2 – Fartura e Fome

Fartar, fartura, alarve, guloso

- uma jovem come que se desunha com a colher que traz consigo (§I-1090);
- casa cheia tem fartura (§I-644);
- pede-se a Deus que o pão que está a cozer farte quem o comer (§II-1944);
- alguém fartar-se-á com as miudezas que a mãe está a assar (§I-784);
- um minhoto não se farta de comer broa (§I-756);
- o cão terá barrigada e fartadela uma vez que o chibo morreu (§-879);
- pede-se a menina do gado que farte o bezerro no seu lameiro (§II-2996);
- há árvores que dão fruta com fartura (§II-4216);
- a fartura pode dar em fome (§I-4183);
- o quarto mandamento do maltês é andar farto de fome (§I-1577);
- o quarto mandamento é jejuar depois de farto (§II-3827);
- o namorado já anda farto de amoras (§I-4800, §I-4802);
- o gabarolas tem cabaços à fartura (§III-35);
- quem se ama é uma cepa com fartura de cachos (§II-3018);
- o padre pede a Deus pela morte de quem o farte – já o cirurgião é pela de quem o sustente (§II-4239);
- terá fartura quem achar o trevo de quatro folhas (§I-4293);
- uma velha conquista um rapaz pela promessa de vir a viver na fartura (§II-4175);
- alarve é termo insultuoso (§II-2146, §II-4216);
- o namorado algarvio que passava as passas do Algarve foi para o Alentejo onde passa passas de alarve (§III-1678);
- Póvoa é rei dos alarves (§III-1614);
- a terra de Basto é farta, e tem fartura de toleima e fidalgaria (§III-229).
- um guloso papou cinco peras que vinham do Algarve (§III-76);
- umas gulosas comeram escarapão com feijão (§III-849);
- um guloso quer todas as Marias já que são mais doces que o caramelo (§I-5472).

Rebentar de comida

- a rabaça rebenta com quem a come (§II-3365);
- o minhoto rebentou com um bolo (§I-756);
- o pipo ameaça rebentar e verter o vinho (§II-1948);
- deseja-se a alguém que a boca lhe rebente quando comer um figo (§II-4671).

Excremento

- umas moças bonitas apanham as caganitas das ovelhas (§III-330);
- os ratos defecam na arca rota de quem nada oferece pelas janeiras (§III-2697);

- há uma Rita Caganita (§I-488).

Sustento

- a pesca é o sustento dos filhos do pescador (§I-1880);
- comer é sustentar-se (§I-3233);
- o sustento de quem mora ao pé do rio é peixinhos (§I-4923);
- beijos também são sustento (§I-4942);
- alimento pode ser sob a forma visão (§I-6036);
- o amor é sustento (§II-1006) – arrufos são o manjar dos amantes (§I-2378, §I-3891, §I-4836, §II-808);
- sustentar mulher e filhos é uma grande pensão (II-1769);
- o sustento dos homens-besta é a erva dos animais (§II-3867);
- a quinta sustenta uma pessoa (§II-4085);
- o sustento do cirurgião é o doente, e o do padre quem morre (§II-4239);
- o pobre deseja que o rico lhe dê um lugar onde ganhe pão para se sustentar – nem que seja de migalhas (§II-4640);
- D. Miguel sustentava-se com comida, e sem ela sustentava-se a Constituição (§II-4708);
- terra de pouco sustento é desprezável (§III-73);
- milho miúdo é sustento de pardais (§III-301);
- há quatro terras que sustentam ironicamente Portugal (§III-1464);
- milho é sustento do povo (§III-2140);
- o alimento é abençoado por Deus para melhor servir e amar (§III-2544);
- o maná é sustento das almas simbolizado na hóstia (§III-2563).

Manter

- saudades mantêm a mulher que vive sozinha (§II-1854).

Digestão

- vão-se as digestões com desejos (§I-644);
- ao noivo deu uma indigestão depois de comer unhas de cabra com sumo de limão (§II-4647).

A fome

- faz emagrecer (§II-3471);
- chega a matar (§I-613);
- faz a criança chorar (§I-385), e gritar (§I-1880);
- é uma preocupação da mãe (§II-1756, §II-4640);
- atormenta o órfão (§II-526), e o soldado (§II-4659);
- quem puder trabalhar não morrerá de fome (§II-4640);

- quem não trabalha não come (§I-1379);
- o quarto mandamento do maltês é andar farto de fome (§I-1577);
- chega a fome aos portais dos que têm um officio (§I-1617);
- faz que a barriga dê estalos e caia a saia durante na jornada (§I-1754, §II-2021);
- faz tremer as pernas e doer a cabeça com doença (§II-3344);
- faz perder a fala (§II-3584);
- faz criar ferrugem nos dentes e teias de aranha no cu (§III-661);
- pesca-se sardinha para matar a fome (§I-1884);
- o lobo quando a sente não respeita o povoado (§I-2276), e acentua-lhe o frio (§II-2092);
- não há fartura que não dê em fome (§I-4183);
- morre-se à fome de beijos, e um beijo da saloia é o sustento dum homem (§I-4942);
- há fome de abraços (§I-4969);
- morre de fome quem uma vez enamorado deu o brio por consumado (§II-588);
- o coração e o estômago doem com fome do boleco da padeira (§II-3348);
- abandonar um amor é condená-lo à fome (§II-889);
- barriga cheia tira o medo à fome (§II-3352), assim como casar (§II-1711) – embora também o cause (§II-1770), ao ponto de matar (§II-3704);
- namorar pode chegar a matar pela fome devido ao desleixo da fazenda (§II-1781);
- cantar engana a fome (§II-2080), e em Maio canta-se para passar a fome (§III-2631);
- fome associa-se com guerra (§III-3555), peste e orações (§III-2429);
- no Céu não há fome (§III-2436);
- prefere-se morrer de fome a casar com um barrosão (§III-225);
- na Idanha a fome provoca fanicos (§III-583);
- Lisboa é terra de fome (§III-661);
- em Mujães gerou-se a fome (§III-858);
- ela nasceu em Sendas, baptizou-se em Paçó, adoeceu em Paredas, e faleceu em Grijó (§III-1415).

Sede

- anda a par com a fome na vida do soldado (§II-4659);
- a sede abrasa (§III-2914);
- é na fonte onde se apaga a sede (§I-2436);
- quanto mais água dá o amor mais a sede fica (§I-3426);
- o amor saciará a sede de água quando dada pela boca, não pela panela (§I-3568);
- a sede pode não ser muita: apenas uma desculpa (§I-5199);
- quando o coração tem sede: bebe amor do frasco (§II-3603);
- quem não der de beber amor tão pouco o receberá (§I-4175);
- pode obrigar a beber donde não se queria (§II-2659, §III-1597);
- por vezes prefere-se morrer à sede do que casar com um homem numa terra de muito vinho (§III-1750);

- o vinho maduro apaga melhor a sede do que o verde (§II-1981);
- sentem sede os animais (§I-277);
- a laranja que caiu na água tinha sede (§II-1530);
- falar muito faz sede, e muita sede faz segura (§II-2708);
- viajar também faz sede (§II-3038);
- por vezes a água não mata a sede (§I-884), como tão pouco o amor se esquece (§I-3834);
- ter o amor de frente é como morrer à sede com a boca na fonte (§I-3208);
- há sede de beijos (§I-4969);
- no Céu não há sede (§III-2436);
- ia-se morrendo à sede em Almeida (§III-94), em Lisboa (§III-665), Vila Real (§III-1330), Cima do Douro (§III-1929), e Rio de Janeiro (§III-2251) – aliás, é registo formular (§III-2395);
- de Lazarim veio-se cheio de sede por causa do vendeiro (§III-622).

ANEXO II-1.3 – Sabor e gosto, cheiro, amargo e picante

Sabor

- a água é saborosa (§I-5279);
- o sal deita sabor no comer (§II-4672);
- beijos de cara enfarinhada sabem a pão (§I-1597);
- beijos da saloia são poucos e sabem bem (§I-4942);
- coisinhas que se criam sob a terra também sabem bem (§I-2540);
- o remate da cantiga traz os temperos que fazem a galinha saber bem (§III-3845);
- o amor começa com uma gracinha e acaba em dissabor (§I-2373).

Gosto

- é o quarto sentido, e gostar de alguém é saboreá-lo (§I-2409-13);
- enquanto se come vai-se gostando (§I-248);
- tem gosto positivo a salsa (§I-3889);
- o gosto da raiz do cardo é negativo (§I-3907);
- a pimenta faz a comida gostosa (§I-5008);
- a carne assada é a que tem mais gosto (§II-2031);
- granjear para comer é para alguém o único bom gosto que tem na vida (§III-3896);
- a fruta depois de enxertada torna-se mais gostosa, numa metáfora sexual (§II-2937);
- gosto pode ser desejo a roçar no capricho (§I-4739);
- fazer gosto de alguém é desenvolver um amor (§I-2530, §II-915);
- a laranja apesar de saber bem pode não ser do gosto do amado: o gosto aparta (§I-1164), porque é algo de pessoal (§I-2607);
- pelo gosto prende-se alguém (§I-2443);
- dar gosto à amada é proporcionar-lhe um prazer (§I-1208);
- a amada pode auto-satisfazer o próprio gosto enamorando-se (§I-5062);
- o amor dá pena e gosto em simultâneo (§I-2255);
- ama-se com gosto (§I-3959);
- amar é viver com gosto (§II-4629);
- é gostosa a paixão que se sente embriagada pelo licor de rosa (§II-1947);
- a amada entrega-se a quem é do seu gosto (§I-4553);
- andar ao gosto de alguém é resultar agradável (§I-3187);
- o fado enquanto música tem um certo gosto (§I-1319);
- a Rosa duvida do gosto que poderá ter por possuir um nome de flor sem valor (§I-5404);
- a fruta sombria não tem gosto, como os amores de Além Mondego (§III-1962);
- ir à Caldeira, no Faial, é gosto (§III-3138).

Cheiro

- é o terceiro sentido, e relaciona-se com a memória afectiva (§§I-2409-13);
- o cheiro delata confecções: um forno a cozer pão (§I-2807), ovos fritos (§II-2333), simples fritos (§III-2663);
- o caldo é apetecível pelo cheiro a cravo, rosa e flor de laranjeira (§I-1458-9);
- moço que cheira a figo torrado é desejável (§II-2039) – de modo algum o que cheira a marisco (§I-5415);
- há quem se envaideça de cheirar bem como o pão de ló (§II-1465);
- há ervas que interessam pelo cheiro (§I-3790, §I-5616, §II-3212);
- o alecrim, rei dos cheiros da horta (§I-2233), perdeu o cheiro na cama duma donzela (§I-182);
- a flor perfumada da laranjeira simboliza o amor (§I-187);
- o cheiro duma prenda é um tesouro que se procura resguardar (§I-5538);
- o cheiro da maçã que se recebeu dura há vários anos (§I-960, §I-5538);
- uma maçã perdeu o cheiro no travesseiro da amada (§I-3654), tal como a madressilva (§I-3674), a rosa de Alexandria (§I-3682-3) – a mais cheirosa (§I-5311);
- a floração rescende (§I-2388), e o cacho em flor não igual (§II-196);
- por vezes parece que a flor cheirosa é posta à janela para atrair o insecto do amor (§II-1859);
- essencial para o amor (§I-180, §I-3115);
- a falta de cheiro indicia ausência (§II-3447);
- resulta impossível de ocultar (§I-3007);
- pelo cheiro transparece a doçura (§I-2198);
- o bom cheiro pode ocultar amargura na raiz (§I-4446);
- há uma água de cheiro, que vem em garrafinhas (§I-5534);
- é importante na lavagem da roupa (§I-1529);
- o cheiro do tabaco é intenso (§II-4182);
- o do chamusco remete inconscientemente para a matança do porco (§II-4196);
- aquando das festas religiosas as igrejas rescendem cheiros típicos: flores várias, ervas e fruta (§III-996, §III-2487, §III-2814, §III-3398, §III-3551);
- pelo S. João cheira a rosmaninho (§III-3010), madressilva e murta (§III-3163);
- aquando das janeiras pairam cheiros pelas ruas (§III-2638);
- a casa de quem nada oferece pelas janeiras cheira mal: a barro, breu, unto e pinho (§III-2690-3);
- o cheiro a uma erva em especial delata a origem da pessoa: as moças da Andorinha cheiram a manjerição (§III-141).

Amargo, azedo e picante

Amargo

- a casca dos citrinos é amarga (§I-2029), a da maçã do cipreste (§I-2031), a raiz da madressilva (§I-4446), o trovisco (§I-5413);
- a arruda é amarga quando bebida (§I-2963);

- beber o amargo parece ser terapêutico (§I-2401, §II-487);
- a amêndoa é amargosa num contexto de engano (§III-135), assim como o sal (§I-4744).
- amar amarga (§I-2341);
- imaginações e cuidados são a amargura dos casados (§II-1004);
- a vida da saloia é amargurada (§I-1044);
- Deus tem a boca cheia de fel amargoso na medida em que é capaz de perdoar os pecados (§III-2736);

Azedo

- confunde-se com o ácido do vinagre, incarnado numa mulher azeda (§II-4045);
- tem uma dimensão medicinal na lima, limão e limoeiro, capazes de tirar o fastio dum amor (§II-3988, §I-1691, §I-2273, §I-3551);
- o limão é para ser azedo (§I-5925);
- a laranja azeda vira doce quando trazida pela mão amada (§I-5590);
- comida azeda provoca rouquidão (§I-6148, §II-4330);
- coração azedo com outro doce dá um bom guisado (§II-3501).

Picante

- a pimenta queima (§I-4032);
- as urtigas talvez sejam picantes (§II-4647).

Doce, doçura e açúcar

Doce

- diz-se da laranja e tangerina (§I-2029), laranjeira (§II-2971), limão (§I-2866), pera (§I-1291), pereira (§III-762), maçã (§II-1237), amêndoa (§I-2623), mel (§I-5060), açúcar (§I-6120), caramelo (§I-5472), cravo (§I-2198), maçã do cipreste (§I-2031), água (§I-1851);
- há uma erva doce (§I-991);
- é termo afectivo (§I-841, §I-1638, §I-2400);
- a mão do amor adoça a fruta azeda (§I-5590);
- Cupido é doce (§I-2114), tal como o cativo do amor (§I-2464), as palavras de amor (§I-2516-7), e a união do amor (§I-2313) – que pode amargar (§I-2341);
- um nó (§II-110);
- a companhia (§II-1285);
- o coração (§II-3501);
- a voz (§I-6149);
- a harmonia (§III-2671);
- a morte (§I-3544, §II-2977-8);
- nomes próprios (§I-5367, §I-5885);
- doces expressões tornam doces os corações duros (§I-2421);
- a maneira de falar doce pode enganar (§I-1099).

Doçura:

- diz-se do abrunho (§I-5641);
- diz-se do apodrecer de madura da tangerina (§I-5693);
- há doçura aquando da vindima (§I-665-6);
- a vida como fruta outonada pode não ter muita doçura (§II-4660);
- o nome do amado tem a doçura do favo (§I-5340);
- têm-na os primeiros amores (§I-2138);
- a doçura do amor tem por trás uma pena assassina (§I-2213);
- falas de doçura são enganadoras, e palavra com doçura é condão divino acessível a todos (§III-3911);
- a Virgem é de doçura (§III-3835).

Açúcar

- o amor é mais doce que o açúcar (§I-6120);
- termo carinhoso (§II-1339), assim como boquinha de açúcar (§I-2623);
- açúcar em ponto é depreciativo, porque o doce mete fastio (§II-3673);
- por desaires amorosos ameaça-se partir para a terra do açúcar (§II-35);
- o gato lambareiro põe a mão no açucareiro (§I-766).

ANEXO II-2 - Refeições

Comeres

- são quatro ao dia, que não se podem escusar (§II-2040, §II-2068): almoço, jantar, merenda e ceia (§II-2040);
- devem conter pão (§I-1761, §II-2023, §III-3106);
- ficar do almoço para a ceia é uma ventura amorosa (§I-2223);
- jantar e ceia são alturas em que se encontra certa pessoa (§I-881), e em que se canta aos amos (§I-1269);
- por vezes almoço e jantar parecem ocorrer ao meio e ao final do dia (§III-1275);
- num jantar no céu deram como sobremesa lembrança dos carinhos dos anjos (§II-283).

Almoço

- come-se cedo (§I-1771);
- alguém gastou nele quanto ganhou, e ficou sem jantar (§I-1680).

Jantar

- antecede a merenda (§II-2022);
- deve estar bem quente (§I-1771);
- é cozinhado ao lume (§II-2043, §II-3486, §II-4646);
- presta-se atenção à sua hora, talvez pelo apetite que se sente (§II-2043);
- come-se com companhia (§II-283);
- come-se ao meio-dia com quem se está a trabalhar (§I-1754, §I-1986, §II-737);
- o amo trá-lo aos jornaleiros (§I-1759), formando-se então uma sociedade (§I-1772);
- comadres jantam açorda (§II-2053);
- o rei janta no palácio com a rainha (§I-295);
- o jantar de Domingo é especial (§III-3152).

Merenda

- não deve tardar (§I-1771), já que tem as suas horas (§II-2040);
- dá-se a alguém (§I-718, §I-1091);
- é trazida para os jornaleiros (§I-1673) – podem-na trazer já de casa (§II-3515);
- merendas substanciais revelam riqueza e gula (§I-1974-7);
- é um momento de sesta e descanso, e no tempo da Sra. dos Remédios acabam-se as merendas (§III-3497) – como no tempo da Sra. do Viso (§III-3527);
- o filho esfomeado pede ao menino Jesus parte da sua merenda (§III-3660).

Ceia

- depois do sol pôr (§II-4094), antes de ir para a cama (§I-217);
- deve-se comer com cuidado (§I-1771);

- uma criada regala-se com a ceia que lhe deu a sociedade (§I-1465);
- comadres cearam feijão-frade (§II-2053);
- a amada leva-a pela noite ao pastor (§I-1641);
- por causa do baile umas moças deitaram-se sem ela (§I-1285);
- quem tem amores em terra alheia também a perde (§I-2106);
- é habitual os rapazes perderem a ceia pelas raparigas (§II-3536);
- a hora das ceias do Senhor foi de provações (§II-4382).

Refeições variadas

Refeição

- como remédio de água benta para pecados (§III-2566).

Farnel

- faz-se para a jornada, e não está feito quando a morte vem (§II-4552).

Manjar

- alimento dos amantes quando arrufados (§I-2378, §I-3891, §I-4836, §II-808).

Patuscada

- foi feita pelo lobo e raposa (§I-307).

Petiscos

- com eles ninguém passa mal (§III-1744).

Vianda

- é parecida a caldo (§III-792).

Lavage

- é a comida de quem quer poupar (§II-3782).

Sobremesa

- pede-se uma castanha ao castanheiro para o amado que jejua (§II-3324);
- pode ser metafórica, sob a forma de lembrança (§II-283).

ANEXO II-3.1 - Confeções salgadas

(Para derivados lácteos: v. Anexo III-4.4)

Açorda

- a comida dos ganhões (§II-3722) e do abegão (§III-195);
- leva hortelã (§I-4913), ou poejo (§I-4938);
- numa quinta-feira jantou-se açorda (§II-2053);
- o ti Manel pediu açorda e depois não a quis comer (§III-3860).
- papa-açorda é depreciativo (§II-3731);
- para as moças da Cabeça Gorda casar é comer açorda (§III-288).

Bacalhau e batatas

- o amor é uma mistura de batatas e bacalhau (§II-3469).

Badana

- tem-se badana para toda a semana (§I-534);
- há uma Joana Badana (§I-460).

Fava rica

- é vendida pela preta na praia (§I-615);
- o beijo duma preta no bairro da Bica soube a fava rica (§III-2090).

Arroz de caçoila

- referido com feijão frade (§III-3115).

Caldo

- servido ao jantar da panela (§II-2043);
- é comido na tigela (§I-653), com pão (§I-3633);
- escalda (§I-481-2);
- cheira bem: a cravo, rosa e flor de laranjeira (§I-1458-9);
- há caldo grosso (§I-658-60) ou gordo (§II-3710);
- há caldo de couves (§II-2041);
- não há como o de galinha (§II-2031) – é terapêutico (§I-1515, §II-3668);
- o de feijões deve ser evitado (§I-451);
- o pai gosta dele bem feito (§I-4123);
- o marido por vezes não o come (§II-1790);
- a certo caldo bem temperado apenas falta o limão do namoro (§I-2259);
- em Miranda serve de vianda (§III-792).

Sopa

- faz-se numa panela a ferver ao fogo (§I-1107);
- come-se da malga (§III-1070), tigela (§III-2880), ou prato (§I-3917), com colher (§I-1037);
- existe a sopeira (§II-3545);
- bebe-se vinho antes, durante e depois da sopa (§II-2010);
- miga-se com pão (§II-3380);
- há sopinhas de mel (§I-713, §I-732-3);
- o antigo amor foi em tempos a melhor sopa no prato de quem amava (§I-4465, §I-4744);
- cair a sopa no mel é ocorrer o que não se queria (§I-5204, §I-5210);
- cair a sopa ao vinho tem conotação negativa (§I-5471);
- ao menino Jesus gostar-se-ia de valer com sopinha sem a mãe saber (§III-3661-3).

Canhoa

- come-se em Miranda (§III-792).

Papas

- cozem-se (§I-1169);
- comem-se à colher (§I-475);
- mexem-se no caldeiro (§I-726) – ou fazem-se pote (§II-4209);
- uma velha chora passado um ano pelas papas que um pote deitou fora (§II-4209);
- levam sal (§I-626);
- N. Senhora fá-las com mel para Jesus (§III-3641);
- chover papas conota-se com mentir (§II-3764);
- no Porto (§II-4717) e na Outra Banda (§III-1738) são de farelo;
- no Algarve são de milho (§III-83);
- no Pocinho come-se xerém (§III-984);
- em Lisboa a papa é fina (§III-2028).

Migas

- de pão na sopa (§II-3380);
- com limão numa malga (§I-3233);
- há de leite para o gato (§I-728);
- por vezes têm formigas (§I-461, §I-482);
- desprezam-se as migas da Guarda (§III-575).

Leitão assado

- no Vale da Mó, na Anadia, come-se leitão assado (§III-1257).

Rojão

- o lavrador come-o graças ao seu porco (§I-1546).

Orelheira

- comida no S. Brás, para se apanhar uma borracheira (§III-2719).

Tripas (§§I-777-84)

- cozinham-se na sertém ou na caldeira;
- são cozidas, fritas ou assadas;
- há uma referência a bofes (§I-781).

Salsa e ovos, hortelã e couve

- a hortelã é para as couves, como a salsa para os ovos (§II-3680).

Gafanhoto com toucinho

- no forno cozinha-se um gafanhoto com três postas de toucinho (§I-637).

Escarapão com feijão

- as da mouraria mataram um escarapão e as do Castelo comeram-no com feijão (§III-849).

Guisado de pulga e piolho

- de Lisboa foi enviado um guisado sem molho de costeletas de pulga e fressuras de piolho (§II-3336).

ANEXO II-3.2 Confeccões doces

(Para derivados lácteos: v. Anexo III-4.4)

Água mel

- no meio do Guadiana está um copo de água-mel (§III-1938).

Arroz doce

- na caçoila (§III-3846);
- como o arroz leva canela, o António pela-se pela moça (§II-1494);
- a rapariga que se recatar merecerá arroz com canela (§II-2058);
- as mulatas da Baía comem-no (§III-2228).

Confeito e cumfêtes

- constam numa enumeração de guloseimas (§II-2054);
- confundem-se com adereços (§I-1776), cabelo (§I-5728), e olhos (§I-6017);
- dão-se vivas no grão do confeito (§III-2685).

Doce

- mandam-se umas freiras fazer doce (§I-601-4);
- Cupido foi criado com doce (§I-2114);
- pelos Reis pedem-se os doces dos natais, e pelas janeiras caixinhas doces (§III-2648);
- no Senhor de Matosinhos alguém se quer satisfazer de doces (§III-2818);
- no S. Bartolomeu há doces (§III-3348).

Marmelada

- pede-se uma talhada para cantar bem (§II-2059);
- ao acabar uma história gostaria de se ter a boca cheia de marmelada (§I-698);
- pedem-se talhadas dela pelas janeiras (§III-2648);
- boca de marmelada é termo carinhoso (§III-3666);
- é coisa boa e traz-se aos arrâteis da Lagoa (§III-596);
- é coisa bela e traz-se aos arrâteis de Palmela (§III-903).

Perada

- faz-se da pêra (§I-4895).

Rebuçados

- compram-se para dar ao menino Jesus (§III-3647).

Filhós

- surge numa sucessão de guloseimas (§II-2054);

- apanham-se cavaquinhas para se fazer filhós (§I-711);
- deseja-se uma ponte de filhoses para passar o Entrudo (§III-2599);
- na noite de janeiras há um prato de filhós (§III-2638, §III-2643);
- em Felgueiras comem-nas quentes (§III-495).

Sopinhas de mel

- há sopinhas de mel (§I-713, §I-732-3);
- dá-se a N. Senhora um púcaro de mel para fazer papas a Jesus (§III-3641).

Biscoito

- coze-se (§I-604);
- certas pessoas foram tratadas a biscoito (§I-600-1).

Bolo

- leva sal (§I-606);
- é fácil de comer com leite (§I-89);
- alguém comeu um bolo e rebentou (§I-756);
- faz doer a barriga (§II-2030);
- a padeira é um boleco que transtorna o rapaz (§II-3348);
- a mãe quando coze pão faz um bolo (§II-1483);
- o namorado imagina que a sogra lhe fará um ao sentir o cheiro do forno varrido (§I-2807);
- a recém-casada gastou um prato de farinha num bolo (§II-4105);
- o frade fá-lo para dar à menina (§I-976);
- pede-se aquando do pão por Deus (§III-3576);
- pelas janeiras dá-se bolo (§III-2689);
- está subentendido em fatia (§II-2054);
- chama-se o dedo indicador fura-bolos (§I-495-99);
- em Lamego comeu-se um bolo (§III-612).

Belindre

- por melindre, confundido com belindrinho num contexto amoroso (§III-1138);
- consta num jogo de palavras com melindroso (§I-3409).

Cavacas

- retiram-se do pinheiro redondo, ficando patentes as faltas do peito (§II-2757).

Pão de ló

- cheira bem (§II-1465);
- batido pela padeira (§I-890); servido no dia de noivado (§II-1710) ou baptizado (§II-3602).

Pão de rala

- comê-lo para sempre resulta uma maldição (§II-4671);
- é pedido a uma dona de casa para ser dado a meninas esfomeadas (§II-3584).

Queijato

- dado pela madrinha de casamento (§II-1738).

Quentinhas

- fritas no azeite e procuradas pelas janeiras (§III-2650).

Rosca

- está a cargo dos mordomos, desejando-se um troço (§III-3647).

Rosquilha

- surge no andor da Sra. da Cola (§III-3435).

Folar

- reservado para o primeiro que quiser falar, num contexto de banquete (§I-627b).

Mimos

- dizem-se da consoada, e pedem-se pelos reis (§III-2655).

ANEXO II-3.3 - Comida sagrada

Hóstia

- é divina, e nela se encerra o bem do ser humano (§III-2452);
- feita de trigo (§III-2458);
- comunga-se da hóstia consagrada por Cristo (§III-2663);
- coloca-se no céu da boca o bom Jesus sacramentado, que protege dos malefícios da cardina (§II-4309).

Maná

- espécie de pão, confunde-se com hóstia, e é sustento das almas, concedendo imortalidade no Céu a quem o tomar (§III-2563).

ANEXO II-4 – Técnicas de confecção

Amanhar

- amanha-se pescadinha na proa ao regressar das armações carregadas de sardinha (§I-1792).

Amassar

- v. Anexo III-5.8.

Assado

- confere gosto à carne (§II-2031);
- há vários assados: chouriço (§III-3583); carneiro (§I-1974), cabrito (§I-1975), pirum (§III-3035), leitão (§III-1257), galo (§I-4731), frango (§II-3500); bacalhau (§I-488), sardinha (§I-597), peixe da ribeira (§I-1992); batata (§I-550, §II-3625); ovo (§I-736); castanha (§I-1101, §II-1303); maçã (§I-1476); maçaroca (§2051, §III-3861) – até homens (§II-3748);
- o namorado estranhamente recusa um assado (§II-3446);
- Chico Larico é o da perna assada (§I-454).

Cozido

- cabrito (§I-1975), unha de cabra (§II-4647); peixe da ribeira (§I-1992); ovo (§I-736); castanha (§III-1159); pão (§III-2549);
- há umas coutadas cozidas com beldroegas (§II-3454).

Cru

- contrapõe-se ao cozido, que torna comestível o alimento (§I-550, §I-4123, §II-3290);
- salsa crua é elogioso (§II-4217, §III-2641);
- cara de sardinha crua é insulto (§II-3727);
- cru é o fio de linho com que se ata um ramo (§I-946, §I-4914);
- crueza é crueldade (§I-4051, §I-4445);
- ser-se crua é ser-se cruel (§II-1167, §II-1318).

Fumo

- penduram-se chouriços no fumeiro (§III-2653), e salpicões (§III-2665) – carne, enfim (§III-2674);
- casas defumadas contrapõem-se às caiadas (§II-2515);
- faz-se uma defumadura para esconjuros (§II-4255, §II-4342);
- o fumo é delicado (§I-2121, §I-2888);
- serve de inspiração poética (§II-87);
- há fumo na serra (§III-1537), e fumaça em Rio Maior (§III-1684);
- fuma-se tabaco por vaidade (§II-1971), tristeza (§II-2062), e companheirismo (§II-2285, §III-2145).

Guisado

- tem molho (§II-3336);
- faz-se um com dois corações (§II-3501).

Moído

- diz-se do sal para cozinhar carne (§I-1975), e do trigo (§III-518).

Picado

- diz-se do sal para cozinhar carne (§I-1975);
- a fruta é picada pelas aves (§I-5618, §II-2999);
- picadelas de urtiga curam maleitas (§II-4647).

Salpicado

- um borracho ao morrer quer-se salpicado de borrascadinho e coberto de vinho como se estivesse a ser cozinhado (§II-4648).

Torrado

- pão torrado pede manteiga (§I-2117) – há torradas em quantidade (§I-2391);
- há passas de figo (§II-4329, §III-1678) – uma nota refere passas de uva (§III-3576);
- torram-se figos para conservá-los secos (§I-1843, §II-2039) – um moço cheira a figo torrado;
- enquanto alimento seco, pede por um acompanhamento líquido, como chá (§III-1347), ou café e limão (§II-2063);
- o sol torra o homem preto (§II-3304);
- as línguas dos homens deveriam ser torradas e reduzidas a pó (§II-3214).

Pimenta

- usada em cabrito assado ou cozido (§I-1975);
- gastam-se cinco réis em pimenta para a empregar na língua da menina que escarmenta (§II-3273);
- a rapariga é pimenta que não queima quando ao falar com o rapaz se pinta como não é (§I-4032);
- os olhos de quem se ama são dois bagos de pimenta (§I-6019);
- a rapariga a quem chamaram de preta é airosa como a pimenta preta que faz a comida gostosa (§I-5008, §I-6053) – a outra a quem chamaram trigueira não se escandalizou porque a pimenta trigueira vai à mesa do rei (§I-5009);
- é um dos quatro frades que se enviaram de Lisboa num ceirão (§III-639);
- a água do Tejo tem pimenta (§III-2010).

Enchido

- o senhor José Garcia e as suas belas enchem morcela (§II-4217).

Frito

- fritam-se ovos (§I-500, §II-2333), tripas (§I-782), carne (§II-3498), peixe (§II-1951), postas de bacalhau (§II-3563), sardinha (§I-488) – até homens (§II-3748) e um coração de pulga (§II-3895);
- cara de sardinha frita é insultuoso (§I-1079).

ANEXO II-4.1 – Temperos

Salgado

- diz-se do pão, que se pede a S. Gonçalo aquando da sua confecção para não ficar nem salgado nem insosso (§II-1930);
- a sardinha é depreciativamente salgadita (§II-4069), já que se tira da salgadeira (§II-4333);
- compra-se peixe salgado na Nazaré (§III-1534);
- um borracho ao morrer quer ficar bem salgadinho (§II-4648);
- a água das Pedras Salgadas é medicinal (§III-919);
- a água do mar é salgada, e a da fonte doce (§III-939).

Sal

- usado para temperar e dar sabor (§II-3619, §II-4672);
- sem sal a comida fica insossa (§II-4672);
- para fazer bolo (§I-606);
- deitam-se nas berças (§I-608) e nas papas (§I-626);
- pica-se ou mói-se sal com pimenta para o cabrito (§I-1975);
- exige conhecimentos para ser fabricado (§II-4672);
- sal do mar é usado para mezinha (§II-4358, §II-4360);
- põe-se sal na boca aquando do baptismo (§I-4190);
- o antigo amor torna-se sal amargo que entra pela boca (§I-4744);
- vão-se buscar rasas de sal (§I-608);
- oscila entre fêmea e macho conforme estiver diluído ou cristalizado (§II-4672);
- rende muito dinheiro ao reino de Portugal – é exportado em navios ingleses (§II-4672);
- dá-se pelo sal muito metal (§II-4672);
- quando se afoga perde-se o tempero do mundo (§II-4672);
- queima os olhos (§II-4672);
- a água da Vala tem sal (§III-2010);
- Aveiro não tem igual pelas marinhas de sal (§III-183).

Tempero

- tempera-se com uma folha de couve da horta (§I-2088);
- um raminho de horta tempera (§I-2116, §I-2368);
- quem traz água e sal traz o tempero na mão (§II-3619, §III-524);
- o sal afirma que o mundo perde o tempero se o deixarem afogar (§II-4672);
- parecem ser temperos os quatros frades que foram mandados num ceirão: frei vinagre, frei azeite, frei alho e frei pimentão (§III-639);
- o remate da cantiga foi à vila buscar os temperos para a galinha (§III-3845).
- a **canela** é usada no arroz. De Vizela e de Guimarães veio a cabra-cega com pão e canela;
- falta o **limão** ao caldo que está bem temperado, já que os pais consentem mas a filha diz não (§I-2259).

ANEXO II-5.1.1 – Horta, quinta, quintal, pomar e fazenda

Horta

- na horta há feijão maiato a que o gato da vizinha vai (§I-554);
- na horta há couves (§I-2088), repolho (§II-3562), salada (§II-3658), cebolinho (§III-2936), favas (§I-4026), salsa (§I-2116), alecrim (§I-2233), orégãos (§I-2589), trevo (§I-2709), murta (§I-1152), lírio roxo (§II-2855), açucena (§II-3060), gamboas (§II-3337), ameixas (§II-3831), ginjas (§III-3142) e cerejeira (§III-2856), chamiçada (§I-3743), trigo (§I-2651);
- carece de ser regada (§I-1667);
- a horta do duque é regada com água turva (§I-6120);
- três meninas vão pela horta à procura do hortelão (§I-2004);
- um Manuel da Horta vai para a sachada (§I-989);
- alguém foi degradado para as hortas, onde brinca com as horteloas (§II-3337);
- o Maio vai e vem pelas hortas acima e abaixo (§§III-2619-26);
- o sapo-concho anda pela horta (§I-1171);
- a pobrezinha que não tem casa nem horta é rica do amor de alguém (§I-3165);
- no campo das hortas alguém perdeu o anel de ouro pela manhã de S. João (§III-3032);
- semeiam-se na horta fantasias: da asa da caneca nasceu um velho (§II-3560), da semente das tecedeiras nasceu uma flor honesta (§II-3561), da semente do repolho uma velha ruça (§II-3562), de bacalhau frito às postas um frade capucho (§II-3563), de bacalhau às postas uma burra velha (§II-3564), da hortelã um rapaz com alforjes (§II-3565), do brio das raparigas uma rosa branca (§II-3566), do brio das tecedeiras uma rosa branca (§II-3567), do brio dos estudantes diamantes (§II-3568, §II-3570), dum rabo de bacalhau um frade capucho (§II-3571), dos cacos de caneca um rapaz a tocar rabeça (§II-3569);
- semeou-se na horta um açafate de formigas (§II-4013);
- pede-se à Sra. dos Verdes um ramo da sua cerejeira para pôr na horta (§III-2856) – da Sra. do Desterro traz-se um ranquinho de carvalha (§III-3261), assim como de S. Bartolomeu (§III-3344);
- S. João vem molhado de regar o cebolinho das hortas (§III-2936);
- as moças da Serra exclamam pela sua horta, que não passa de uma cerca velha (§II-3715, §III-1758);
- no cerro de S. Miguel está uma horta perdida por falta dum hortelão (§III-1140, §III-1836);
- o Maio vai e vem pelas hortas de Santarém (§III-2619).

Quintal

- nasce no quintal loureiro (§I-2615), e alecrim (§I-3859);
- no quintal há pinhas para apanhar (§I-3611), salsa (§I-4055), ervilhas e peras (§II-4208);
- semeia-se no quintal salsa, coentros e goivos (§I-2836);
- semeou-se no quintal malmequeres e cicuta para nascer um burro (§§I-789-90), malva para nascer um velho (§II-3572), a semente das mulheres para nascer uma laranjeira que dá pau para colheres (§II-3573), a semente do bacalhau e pevides de melão para nascer uma burra (§II-3574, §II-3577), um ramo de açafão para nascer pés de burro (§II-3582), repolho e pepino para nascer um velho careca (§§II-

3575-6), o amor dos estudantes para nascer rosa e uma videira com diamantes (§II-3578, §II-3580), o brio das violetas para nascer uma rosa branca com outras pretas (§II-3579), cacos de caneca para nascer um frade capucho (§II-3581), brio dos alfaiates para nascer uma parreira rodeada de bonifrates (§II-4131);

- pulam-se sete quintais por uma ameixa reinol (§II-3387);
- a cozinheira foi ao quintal falar com rapazes (§I-1459);
- quando o namorado vai ao quintal da rapariga pode levar um tiro (§II-1203, §II-1574);
- o namorado campino atira a vara para o quintal quando vai falar com a moça (§III-3899);
- pela janela do quintal a moça espreita o namorado (§III-2662);
- há um quintal da formosura onde há duas irmãs-maçãs (§I-5268);
- à roda de vila de Trena há quintais (§III-1205).

Pomar

- a laranja que se oferece é a primeira fruta que o pomar do pai deu (§I-5598);
- da janela do pomar vê-se um rouxinol a cantar do outro lado do rio (§II-2497);
- da janela do quarto a rapariga vê todo o pomar do sogro, quando lhe queria ver o filho (§I-3421);
- o rapaz diz que já foi ao pomar da moça comer da fruta sem ter sido o primeiro (§I-4547);
- o coração deve pedir terra para um pomar, visto já ter água dos olhos para o regar (§II-622);
- em Elvas comeu-se laranjas do pomar do rei (§III-455).

Quinta

- a quinta do pai dum pretendente sustenta a quem não come (§II-4085);
- uma quinta não dava uma quarta de pão (§III-494);
- a quinta da avó tem cerejas (§III-3862);
- a alegria dum quinta é o verde limoeiro, como a dos olhos é o amor primeiro (§I-5758);
- a alegria dum quinta é uma verde laranjeira, como dum mãe é ter uma filha solteira (§II-1617);
- a quinta de S. Justa tem um chafariz no meio (§III-1116);
- o Carrascal diz-se das quintas (§III-1655).

Fazenda

- foram passear à fazenda o lagarto e a cobra (§I-785);
- a mãe avisa a filha de que os homens são fraca fazenda (§II-2813);
- os pobres pedem não as fazendas mas as migalhas que crescem das mesas (§III-2721);
- confunde-se com dote: não se casa por se ter fazenda (§I-1148), e espera-se que o futuro cônjuge venda até as cabras da fazenda (§I-4391);
- pela fazenda deixa-se um amor por outro (§I-4430, §II-2122);
- quem namorou a bonita sem pensar na fazenda acaba por morrer de fome (§II-1781);
- ao amor pede-se para se enlevar da pessoa e não da fazenda (§II-2547, §II-2566);
- há quem prefira escolher gente a fazenda (§II-2551);

- moço afazendado atrai moças com um chão que já foi vinha e uma casa sem telhado (§II-4092);
- o cabreiro procura convencer a rapariga pela cabrada abundante e pela boa fazenda (§II-4627).

ANEXO II-5.1.2 – Mar e rio

Mar

- o mar é sagrado (§§III-2447-8);
- fala-se com as ondas do mar (§I-1882);
- no mar alto apanham-se os vendavais (§III-876);
- as nuvens formam-se no mar (§II-2745);
- quando o mar se levanta mete medo até às camarinhas (§III-2824);
- o pai do menino caiu ao mar (§I-318);
- o namorado jura pela vida que se vai deitar ao mar (§I-3749);
- o peixe quando salta para fora do mar morre (§II-2893);
- pede-se que o mar afogue o peixe mas que quem se ama não peça que o amante o deixe (§I-3813);
- os peixes choram no mar (§II-825);
- os peixes do fundo do mar têm os seus amores (§I-2091) – alimentam-se na união de amor onde não chega o calor (§I-2313);
- quem vai ao mar sempre apanha robalos ou peixinhos, como quem namora sempre alcança beijos e abraços (§I-4959);
- nunca do mar se sairia se sempre que se fosse caçar peixes se caçasse uma rapariga (§II-3402);
- andou-se com uma fateixa tendo visto fundura em todo o mar excepto no coração de alguém (§I-3948);
- atirar com o limão ao mar é atirar com o sentido aonde não se pode chegar (§II-437);
- pede-se bom tempo no mar para que os navios do sal não se afundem a caminho de Inglaterra (§II-4672).

Rio

- há peixinho do rio (§I-1836);
- peixes do rio podem servir de ceia (§II-4094);
- ao quebrar a cana, quem foi caçar trutas na ponte da Parada despiu-se e deitou-se ao rio para as caçar à mão (§III-909);
- quem mora à beira do rio sustenta-se com peixinhos, levando uma vida de abraços e beijinhos (§I-4923), bebendo quando tem sede e nadando quando tem calor (§II-1829);
- mora à beira do rio a filha dum pescador que caça peixinhos à cana para oferecer (§II-1853);
- certa rapariga quer ir morar no Peso para ver se é mimosa dos peixes daquele rio (§III-956);
- uma mulher mora sozinha à beira do rio entre suspiros e saudades (§II-1854);
- quem mora ao redor do rio bebe água sem lodo (§II-3208);
- quem cai da ponte vai beber água ao rio (§II-3888);
- vai-se ao rio encher o cantarinho (§I-5303);
- onde o rio desce há uma fonte (§I-3834);
- o rio vai turvo (§I-4163, §II-385);
- as águas dos rios e das ribeiras correm cada vez mais salobras (§II-2481);
- fica amarela a mulher que foi beber ao rio de Mirandela (§III-802);

- vai pelo rio abaixo a água da barreira (§I-4554);
- passa-se o rio sem se beber (§I-3526, §I-3533);
- do outro lado do rio tem-se um castanheiro e uma latada (§I-968), um laranjal (§II-2479), marmelos (§II-3455) e marmeleiro (§II-3628), um nabal (§II-2484), uma tapada semeada (§II-3330);
- está junto ao rio o amieiro (§I-970), o salgueiro (§I-3033), salva (§I-1033), salsa e alecrim (§I-3887), coentros (§I-5123);
- na banda do rio faz a rola o ninho, junto ao rosmaminho (§I-252);
- a pomba vai beber água ao rio com os pés no caramelo (§I-276);
- a ponta da navalha caiu ao rio que foi bebido pelas pombas (§I-650);
- vão beber à flor do rio todos os pássaros verdes (§I-2389) e todas as aves de pena (§II-2883), como todas as amizades têm o seu desvio momentâneo;
- leva-se o cavalo a beber ao rio (§I-1973);
- as meninas de além do rio lavam o cabelo com tormentelo (§II-2279);
- lava-se com sabão no rio (§I-1529);
- o rio já não leva água mas folhas de alecrim (§I-1532);
- as pedras de lavar estão no rio (§II-9);
- ir lavar ao rio e deixar fugir o sabão é formular (§III-2387);
- o rio é dos barqueiros (§II-2490);
- para falar com os amores de além rio tem que se pagar ao moleiro pelo batel (§I-1584);
- não se devem tomar amores da beira do rio (§II-1949);
- vai-se ao rio para falar ao amor (§I-5209);
- ama-se a rio cheio (§III-3172);
- correm rios de cristais pelas fontes dos olhos (§I-2400);
- um rio leva água, outro vinho e outro sangue da pessoa amada (§II-2483);
- pede-se ao rio que não leve água mas sumo de limão (§II-3242);
- troça-se do título de dona de uma senhora por ir ao rio sem criada (§II-4016);
- se o rio cresce arrasam-se os olivais (§II-269);
- o rio leva as barracas ficando os esteios para lenha (§II-2496);
- vai-se ao banho no rio pela manhã de S. João, quando a água corre abençoada e não se apanham doenças (§III-2941);
- a Sra. das Amoras vem pelo rio acima (§III-3408);
- no Mondego apanham-se boas trutas (§III-1959);
- quem bebe água do Mondego não tem medo (§III-1968);
- na barreira do Guadiana matou-se um pato real com uma espingarda de cana (§III-1935);
- a coruja canta junto do Guadiana (§III-1942);
- no meio do Guadiana estão os olhos do Manel e da Maria (§III-1936);
- a água do rio Minho vai ter ao Jordão como a mulher falsa requer uma facada (§III-1948);
- lava-se roupa no rio Douro (§III-1894), no rio Teixeira (§III-1991), no Tua e no Pinhão (§III-2007);
- não se deve beber água do Tejo (§III-1993).

Ribeira

- caça-se peixe vivo e bravo na ribeira, que se comerá com trigo e vinho com o amado (§I-1992);
- o Amor pesca corações com cana à borda da ribeira (§I-2153);
- o amado foi para lá da ribeira tomar o chá de folha de laranjeira (§II-3488);
- apanham-se chapotos e urtigas pelo ribeiro (§II-3708);
- da ribeira vem a junça (§III-77);
- no ribeiro há amieiro (§I-970) e loendro (§I-5076);
- rega-se o laranjal com a água da ribeira (§I-1664);
- ao chover correm os ribeiros (§I-111);
- na ribeira lava-se (§I-1612);
- alguém caiu à ribeira e partiu o tacho (§II-3306);
- há casas junto à ribeira (§I-588);
- como o peixe na ribeira, assim quem o amado criado na daroeira dá voltas na cama (§I-6194), ou na terra (§III-110);
- os amores andam na ribeira à erva cidra e à erva cidreira (§II-3105);
- o alecrim da ribeira é como quem namora à vista sem ninguém se importar (§II-3226);
- ao passar o ribeirinho a água não mata a sede nem o se esquece o amor (§I-884);
- não há ribeira sem água nem donzela sem amor (§I-2315);
- ir de ribeiro em ribeiro conota-se com leviandade amorosa (§I-4586);
- a rabaça da ribeira deita raízes ao lodo, como não se consegue deixar de todo quem se ama (§I-3781);
- na ribeira verdegam precocemente os olhos da Ana (§I-6010);
- a ribeira de Alcobaça dá verdura todo o ano, como o gabarola tem fartura de cabaços (§III-35);
- Lazarim tem ao fundo um ribeiro (§III-622).

Lago e lagoa

- leva-se o cavalo a beber ao lago (§I-1973);
- na lagoa há milho, onde o velho perdeu a velha (§II-4200);
- os olhos são dois peixes que nadam numa lagoa chorando lágrimas de sangue (§II-900, §I-5999).

ANEXO II-5.2.1 – Cozinha e Açougue

Cozinha e cozinheira

- divisão de uma casa (§I-614), separada da sala (§II-2513);
- fica na parte de baixo (§I-1016, §II-3034);
- local de caça amorosa (§II-3954);
- onde se trocam beijos (§I-3609, §I-4904);
- onde trabalha a cozinheira, com jaqué e lenço (§I-1459);
- a cozinheira faz abanar o sobrado como a roda dum carro (§II-3891);
- pede-se à cozinheira uma pinga de caldo (§I-1458), que leva para a sala para os malhadores (§I-1572);
- dão-se-lhe vivas aquando da janeiras, para ela dar por sua vez um enchido (§III-2641).
- ela tem vida para além da cozinha (§I-1459);
- dorme ao cimo das escadas (§I-1753);
- os gatos serão os cozinheiros no casamento da nova galinha (§I-589), tal como a rola (§I-590).

Açougue

- deseja-se que se chegue a ver certo ingrato no açougue feito em postas a ser vendido aos arráteis (§I-4107);
- diz-se que como os homens são para Deus as mulheres são para os açougues (§II-3680);
- na ladeira da mina de S. Domingos, em Mértola, diz-se que as Cortas é o açougue e contramina a carneira (§III-769);
- Parada tem um bairro do Açougue, que é delicado e dos ricos, sendo do agrado de quem canta (§III-911).

ANEXO II-5.2.1.1 – Fogo e Lume

Lar

- com cinza do lar se queima o bichocro (§II-4351);
- o prato da filhós está ao pé do lar (§II-2060).

Fogão

- aceso com brasas que se trazem do forno (§I-890).

Forno

- o pão está quente do forno (§I-642);
- foi-se ao forno buscar brasas para acender o fogão (§I-890);
- alguém gostaria de ser forneiro para estar à porta do forno a aquecer-se (§I-1512);
- usa-se uma pá no forno (§I-1619);
- a mãe usa a pá do forno para bater na filha (§II-1483);
- varre-se o forno quando se coze delatando pelo cheiro a confecção (§I-2807);
- antes de deitar o pão a rapariga varreu o forno com o anel oferecido (§I-4636) – doutra vez foi com o lenço (§I-4645);
- deseja-se que o pão cresça no forno (§II-1937-8);
- pede-se a Deus que abençoe o pão no forno para se comer uma vez fora (§II-1939-40);
- pede-se que Deus ponha a fortuna no forno (§II-1944);
- quando já anda lume no forno pode a barriga alegrar-se (§II-2030);
- espera-se que o forno acabe de cozer para assar batatas (§II-3625);
- no forno de uma rapariga um fadista comeu nove tetos (§II-3724);
- a Maria responde ao João que ela dorme detrás do forno (§I-5267);
- deitou-se um gafanhoto ao forno com três postas de toucinho (§I-637);
- meteram-se num forno frio cantigas mal cantadas ao desafio – outras meteram-se num forno quente (§I-1077);
- há o forno da cal (§II-3036).

Pederneira

- de seixo branco, simboliza o incêndio do amor de pouca dura (§I-4862);
- o amor que partiu para a Madeira tem entranhas de pederneira e coração de pedra dura (§III-2153);
- o filho da Pederneira deita faíscas (§III-1532).

Lume, lenha e cavaco

- a Maria da Manta tem lume nos olhos e lenha nos cornos (§I-667);
- alguém foi ao mar buscar lume mas queimou-se na faísca duns olhos (§I-5868);
- alguém acendeu o lume numa chaminé dourada (§II-506);
- lenha verde não arde (§II-1796);

- a água pisada a pés ferve sem ir ao lume (§II-1995);
- põe-se lume no forno para se cozinhar (§II-2030);
- pede-se lume à vizinha para o cigarro (§II-2286);
- coze-se arroz com a panela ao lume (§II-3290), ou feijões (§II-3632);
- a mãe pariu ao lume (§II-3449);
- os gatos estão no cinzal (§I-589);
- aguarda-se à porta por uma resposta como um feixinho de lenha (§I-2806);
- é preciso dar volta à panela quando está ao lume (§II-3767) – ou ao púcaro (§III-1081);
- se se morrer ao pé do lume, que fiquem os braços de fora nos carvões para mexer nos tições (§II-4205);
- o café toma-se à chaminé (§II-4206);
- a quem se quer mal deseja-se que magoe os dedos ao ferir lume (§II-4671);
- a moça está ao lume sentada num cortiço, junto do fumeiro (§III-2664);
- uma cerca velha com dois cavacos à porta quer passar por horta (§II-3715);
- não dar cavaco de alguém é não interessar-se (§III-1903);
- leva cavacos e lenha o Tejo quando vai cheio (§II-4784).

Pau e chamiçada

- apanha-se chamiçada na horta (§I-3743);
- pede-se pau, chamiçada e até a fralda da camisa para a fogueira de S. Nicolau (§III-3588).

Brasa

- a padeira vai ao forno buscar brasas para acender o fogão (§I-890);
- lenha de figueira faz muita chama e pouca brasa (§I-1120);
- vai-se à vizinha pedir uma brasa para o cigarro (§II-2286);
- brasas têm uso terapêutico (§II-4647);
- a sede abrasa (§III-2914);
- o amor abrasa corações (§I-2401) – a chama do amor é violenta (§III-2970);
- abrasam-se alcachofras para determinar um amor (§III-2970-1).

Fogo

- ao fogo ferve a panelinha com a sopa (§I-1107);
- por vezes há fogo no mar com peixes a arder (§II-3303);
- uns ladrões deitaram fogo à fonte (§II-3356, §II-4646);
- a uma ingrata deseja-se que o fogo salte para o fato (§I-4671);
- gostaria de se ver lançar fogo a certa localidade com um açafate de rosas, sendo o coração o tojo (§III-284);
- deseja-se que a Caldeira perdesse o fogo para se poder semear (§III-2140).

Cinza

- os gatos restam no cinzal (§I-589);
- com a cinza faz-se a barrela (§I-4555);
- talha-se o alfobre com cinza do lar (§II-4351).

Chaminé

- acendeu-se lume numa chaminé dourada para repartir amores e acabou-se sem nada (§II-506);
- quer-se ser enterrado junto à chaminé, para se tomar café (§II-3445);
- na chaminé está uma linguariça (§III-3648).

ANEXO II-5.2.2 - Moinho

Moinho e moleiro

- mói-se grão no moinho com a força da burra (§I-1585), água corrente (§I-2077), vento (§III-199, §III-562) – até urina (§II-4215);
- há moinhos dentro do peito (§I-2382-5);
- vão ao moinho a mãe (§I-318), o pai (§I-414), a filha (§I-1587), a namorada (§I-1596), o frade (§I-976), o velho (§II-4198), a cabra-cega (§I-719);
- as mós giram como a mocidade ao dançar (§I-1286);
- as voltas do moinho têm um sabor proverbial (§I-4684);
- o domingo é um dia especial no moinho (§I-5174);
- o moleiro está sempre no moinho, ao contrário de outros amores (§I-1421, §I-1590);
- é ofício de ladrão (§I-1591, §II-4137);
- é ofício de langão (§I-1428);
- é tão avaro que não tem vagar para ir para o céu (§I-1588);
- o moleiro fica com a maquia (§I-1589) – pelo que pode ser um bom partido (§I-1586);
- cada membro da família tira a sua maquia (§I-1599);
- quando se beija a moleira traz-se o dobro do cereal que se levou (§II-3385);
- os beijos do moleiro sabem a pão (§I-1597);
- há um moleiro que faz travessias pelo rio com o batel (§I-1584).

ANEXO II-5.3.1 – Adega, Taberna e outros

Adega, taberna, botequim, arraial, vendeiro, armazém, estalagem, hotel

- a **adega** é uma fonte de alegria (§I-1762);
- os janeiros pedem o vinho da adega (§III-2664);
- na adega guardam-se as pipas à chave (§I-1049, §II-4187);
- na adega do Semiano come-se leitão assado (§III-1257);
- quando se morrer quer-se o funeral à porta duma adega (§II-4648);
- deitaram N. Sra. das Dores nas canadas das adegas (§III-2728);
- o mineiro gasta quanto tem no **armazém** ou numa **panilha** em comida e bebida (§II-4643);
- refere-se guardanapo de **estalagem** (§I-4517);
- Pedras Salgadas é um grande **hoteleiro** onde se gasta todo o dinheiro (§III-920);
- o vinho é o luxo das **tabernas** (§I-1159);
- como a cuba de bom vinho escusa taberneira: a rapariga deve retirar-se da janela (§II-1919);
- só à porta da taberna se tem alívio e contentamento (§II-1991-3);
- na taberna canta o taberneiro (§I-1186);
- o marido está na taberna a jogar para desespero da esposa (§II-1785);
- amores de beira rio passam os domingos na taberna a jogar (§II-1949);
- certo Matoso aprendeu da avó ir com companhia para a missa mas não para a taberna (§II-3773);
- no tempo de João Franco estão as tabernas fechadas, pelo que ao domingo não há vinho (§II-4762);
- gostar-se-ia de estar em Lisboa à porta duma taberna para ver o amor com bota de meia perna (§III-675) – ou para ver dançar as saloias (§III-2054);
- gostar-se-ia de estar em Malpica à porta duma taberna para ver as raparigas com saia à meia perna (§III-719);
- pede-se a Deus quando se for velho para ir para a taberna despejar copos de vinho para suportar o frio da serra (§III-3584);
- refere-se um leteiro de uma taberna (§II-2017);
- numa taberna encontrou-se um homem a parir enquanto a mulher estava a lavar (§II-3294);
- toma-se café no **botequim** enquanto a pulga morde o pé (§II-3360);
- os janotas já não vão ao botequim para gastarem o dinheiro em cetim (§I-1013, §II-3776);
- levou-se uma espiga por se ter ido ao botequim por causa de certa porca (§II-3264);
- o vinho dá grandeza aos **arraiais** (§I-1159);
- o sal vai aos arraiais temperar as comidas (§II-4672);
- o **vendeiro** apenas causa mais sede aos clientes (§III-622) – é um dos quatro ladrões (§II-4137);
- certo vendeiro faz de alcoviteiro (§II-4084);
- pede-se aos rapazes de Além Douro que cedam a vendeira aos do povinho da Ribeira (§III-1908);
- a vendeira vende leite e requeijão (§I-1556);
- faz-se vergonhosamente de S. Gonçalo um vendeiro ao ter à porta um ramo de loureiro (§III-2868), assim como S. João (§III-3023) – no caso de S. António o ramo está no altar (§III-2898).

ANEXO II-5.3.2 – Botica, Remédios e outros

Botica

- também chamada farmácia (§I-3890);
- qualquer botica tem remédio para tudo (§II-331);
- onde se fazem os remédios (§I-1401, §I-3288);
- na botica vende-se alvaiada (§II-2586), e limão, por ser azedo (§I-2273);
- da botica vem o xarope para o menino que está à morte (§I-394);
- com unguentos tratam-se as feridas (§I-644);
- gasta-se muito na botica (§I-4429, §II-3793);
- onde se vendem drogas lucrativas para a esposa do boticário (§II-3291);
- a mulher do boticário é sedutora (§II-3472);
- há quem tenha botica em casa sendo o pai o boticário enquanto a mãe faz os remédios (§I-1401);
- o boticário é doutor e é um partido amoroso cobiçado (§I-1655);
- boticário e médico são tidos como culpados da morte de muitos (§II-4140);
- o Maio era boticário e vendeu o negócio para comprar o saio (§III-2619);
- o limão do namoro foi a correr até à botica (§II-2636), e houve um que foi atirado da janela da botica (§II-3333);
- é local de referência no mapa urbanístico (§II-2409, §III-568);
- o melhor de Arruda é o chafariz e a botica (§III-172);
- a Tolosa apenas falta uma botica (§III-1211).

Remédios e mezinhas

- remédio confunde-se com solução (§II-2593, §II-2659);
- a paciência é um remédio (§II-2867);
- os remédios da botica apenas matam (§II-1499);
- mandam-se vir remédios por vezes não para curar mas se morrer (§I-3890, §I-4710), com lentidão (§I-5944);
- pede-se um remédio para se ver quem se ama (§I-3506), e outro para a ausência (§§II-189-190);
- há remédio para tudo menos para a saudade (§II-331, §II-378, §II-2503);
- o remédio do amor pode estar defronte e mesmo assim morrer-se (§II-476);
- o x é um xarope amargo para os corações quando abrasados de amor (§I-2401);
- há xarope de beijos para quem anda cansado da vida (§I-3590) – há sinapismos de beijos para a tristeza (§II-3293);
- há xarope de paciência como remédio para uma ausência (§II-189);
- curam-se todos males com remédio da botica, excepto a saudade (§II-373);
- há uma Sra. dos Remédios, que traz na mão a salvação (§III-3472, §III-3491).
- a Virgem Maria talha a **azia** com um livro que leva na mão (§II-4337);
- a **azia** talha-se com um esconjuro (§II-4336, §II-4338);

- o **alfobre** talha-se com saliva e cinza do lar (§II-4351);
- as **bichas** talham-se com um ensalmo (§II-4376);
- o **bicho** talha-se com ensalmos (§II-4348, §III-3315) e carvão (§II-4349);
- o **bichoco** talha-se com sal do mar, azeite e ensalmos (§II-4373), com o sempre-verde (§II-4374);
- há um tratamento fantástico para as **lombrigas**, ou talvez **bexigas**, com água-forte e águarrás, picadelas de urtigas, brasas vivas e urina (§II-4647);
- a **catarreira** cura-se com quatro sardinhas assadas da salgadeira (§II-4333);
- o **cobrelo** cura-se com água da fonte e esparto do monte (§II-4339), com faca, defumadura e esconjuros (§II-4342);
- benze-se a **cosedura dos pés** com um ensalmo (§II-4367);
- a **dada** no seio da mulher talha-se com ensalmos (§II-4369-70);
- para a **dor de cotovelo** usa-se alecrim de Viana (§III-1281);
- para o **empachado**: alfarroba e figo que se põem no umbigo (§II-4329);
- a **erisipela** talha-se com esparto do monte e água da fonte (§II-4354), com um carvão e ensalmos (§II-4355), talvez com farinha (§II-4356), com sal do mar, água da fonte, erva do monte (§II-4358), com acintro e rezas (§II-4360);
- a **escaldadura** talha-se com um esconjuro (§II-4344), e com uma erva (§II-4380);
- a **espinhela** trata-se com um ensalmo (§II-4335);
- talha-se o **fastio** com lima ou limão azedo – se bem que metafórico (§II-3988);
- **feitícios** curam-se com chá de erva cidreira colhida por uma moça na noite de S. João (§II-4298);
- as **gretas** da mão talham-se com ensalmos (§II-4371);
- o **mau olhar** talha-se com um lenço e ensalmos (§II-4352);
- para **pecados**: água benta (§III-2566);
- o sempre-verde talha o **ruborado** (§II-4295);
- o **unheiro** talha-se com um ensalmo (§II-4375);
- a **zipla** cura-se com azeite e lã de ovelha viva (§II-4357);
- o alho desempece feiticeiras (§II-4240);
- trazer a semente do feto é enfeitiçar (§III-192);
- passar-se doente pelo ramo da oliveira cura (§II-4241);
- há chá de amor perfeito (§I-4882), flor de laranjeira (§II-3488), e erva-cidreira (§II-7298);
- há sumos de monstrel (§I-1048), rosmaninho (§II-3038) e salsa verde (§III-665);
- para o amor há sumo de trovisco (§I-4803) e açucena (§I-4838).
- certo vinho quinino põe uma pessoa fina mas estorva o andar (§II-1964)
- sumo de limão e unhas de cabra provocaram indigestão (§II-4647) – a quem se quer mal deseja-se que tal lhe ocorra ao comer cerejas (§II-4671);
- queimam-se alcachofras pelo S. João para atizar o amor (§III-2970);
- as orvalhadas são milagrosas, porquanto saram as dores no coração, acalmando os ardores (§III-2953);
- a lua sangra o sol com as estrelas como lancetas enquanto o luar pega na malga (§I-132) – as estrelas podem ser a bacia (§I-133), o sol-posto ata a fita (§I-134) ou uma estrela (I-135).

- para se ter saúde deita-se fogo ao sargaço, rosmaninho, bela-luz, feto e giesta (§III-2993);
- pica-se o limão como se pica um coração numa sessão de feitiçaria (§II-4247);
- colhe-se azevinho para se ter fortuna nos negócios (§II-4249).

Receita

- passa-se uma receita de mezinha (§II-2031);
- a mãe dá uma receita ao filho para os dias de casado, e confunde-se com remédio (§III-3911).

Veneno e rosalgar

- a água resulta venenosa e mortal (§II-1983);
- oferece-se à rival no amor uma taça de veneno (§I-4328);
- amantes partilham uma azeitona cordovesa correndo o risco de morrerem pelo veneno que poderá ter (§II-4449);
- o amor relegado torna-se veneno e rosalgar que entram na boca do amado (§I-3917);
- os homens são mel na boca e rosalgar no coração (§§II-2739-41);
- entre Coté e Cividé há uma mina de veneno que mata (§II-4675).

Doença

- a filha doente chama pelo barbeiro (§I-1394);
- passar-se doente pela pessoa amada dá saúde (§I-3318) – ou pelas telhas do seu telhado (§II-1838);
- passar pela oliveira restitui a saúde (§II-4241, §III-1760);
- Nossa Sra. deve restituir a saúde ao amado para a rapariga não estar solteira (§I-3497, §II-4543);
- beber da cisterna de alguém constipa (§I-6137);
- estar o amor ausente faz adoecer (§II-215);
- a tristeza faz adoecer o peito (§II-3293);
- doer a barriga é sinal de comer bolo (§II-2030);
- a fome adoeceu em Paredes (§III-1415);
- a Sra. dos Remédios acode à gente doente (§III-3472) – refere-se uma Sra. das Febres (§III-3268);
- para a doença conhecida receita-se uma mezinha (§II-2031);
- a cabeça dói com doença (§II-3344);
- pela doença da erisipela morre muita gente (§II-4361);
- nunca se apanham doenças com a água do rio na manhã de S. João (§III-2941).

Saúde

- deseja-se saúde para comer o pão que se vai cozer (§II-1933, §II-1944);
- um bêbado afirma que por mais que beba não perde a saúde (§II-1959);
- gostaria de se estar doente e de ter saúde e de ter a cama junto dum pipo de almude (§II-1998);
- vai-se a algum local doente para se trazer saúde (§II-4241);
- os ares da terra natal saram os doentes (§II-2516);

- apesar do dinheiro gasto nas caldas de Monchique e nas termas das Pedras Salgadas a saúde continua igual (§III-297, §III-919-20);
- beber da Fonte Santa dá saúde (§III-512);
- deseja-se saúde aos da casa generosa pelas janciras (§III-2650);
- há uma Sra. da Saúde (§III-2743-53, §III-3375);
- pede-se à Sra. de Vila Velha que dê saúde ao amado (§III-2787-8);
- pede-se saúde por si mesmo numa série de esconjuros (§III-2986, §III-2993-4);
- pede-se a S. João saúde pelo coração (§III-2992);
- pede-se saúde pelo coração e peito (§III-2986), braço, cruces e testa (§III-2993), barriga, dentes e por entre as pernas das raparigas (§III-2994);
- a Sra. dos Remédios tem na mão o remédio da saúde, que também dá salvação (§III-3478).

ANEXO II-5.3.2.1 - Cosmética e Sabão

Cosmética

- a rapariga que foi deixada pelo rapaz deita pó e banha no cabelo em vez de o cortar (§I-4512);
- com tormentelo as raparigas tratam do cabelo (§I-5717, §III-1126, III-1742);
- para um bom cabelo, ao ponto de arrastar-se pelo chão, deve-se colher a douradinha na véspera de S. João (§I-5735);
- as raparigas gastam caixas de pó de arroz para encobrir os defeitos quando vão à leitaria (§III-510).

Sabão

- gasta-se quanto se tem em sabão para lavar o marido ferreiro (§§I-1493-7);
- lava-se roupa mesmo sem sabão (§I-914, §I-1529-31, §III-1774);
- guarda-se o sabão só para se usar em prendas especiais (§I-5329);
- a menina da saia branca gasta demasiado sabão sem ter pai nem rapaz ricos (§II-3850);
- o sabão por vezes é levado pelo rio (§III-1894);
- à falta de sabão, ensaboa-se com rosas, ficando o cheiro na mão (§III-1894, §III-2003);
- a saloia vende sabão na praça, usando asinha de pavão como contrapeso (§I-923);
- trocam-se pregos de ouro por sabão ranhoso (§I-637);
- tenta-se tirar com sabão uma nódoa do coração (§II-410, §II-787, §III-669, §III-2005);
- há quem coma papas de farelo adubadas com sabão, como os tripeiros do Porto e os cangados da Outra Banda (§II-3778, §II-4717, §III-1738);
- o bom sabão para a roupa é da Lousada (§III-700);
- a água do Douro junto ao Pinhão lava a roupa sem sabão (§III-2007).

Barrela

- a barrela tem cinza (§I-4555, §I-4719);
- quer-se tanto a alguém como à água da barrela, que se atira pelo rio (§I-4554) ou que se arruma a um canto (§I-4556).

ANEXO II-6.1.1 - Utensílios de confecção

Assador

- para assar as castanhas, fazendo-se girar (§II-1303, §II-3480);
- o assador tem asas que se poderiam pedir emprestadas à sopeira para voar e alcançar o amor (§II-3545).

Caçoila

- há um arroz de caçoila (§III-3115) – e arroz doce na caçoilinha (§III-3846).

Caldeira

- onde se fazem as papas (§I-726);
- onde se fazem tripas (§I-783);
- derrete-se o sal em caldeiras ao lume (§II-4672);
- bate-se no caldeirão enquanto ferve a massa das quentinhas (§III-2650);
- os pastores comem leite nos caldeiros (§I-1633);
- a padeirinha vai ao forno com um caldeiro buscar brasas para acender o fogão (§I-890);
- no inferno aprontam-se caldeiras (§II-4644);
- é insulto caldeira rota onde os porcos vão comer (§II-3728).

Francela

- leva-se a N. Senhora um queijo na francela, que é novidade na terra (§III-3641).

Frigideira

- frita-se um coração de pulga numa frigideira (§II-3895);
- calcanhar de frigideira é insulto (§II-4017).

Massadeira

- usada para dar a volta à massa do pão (§I-709);
- a mulher pequena põe-se em cima da rasa para chegar à masseira (§I-5157).

Pá

- a mãe padeira quando se zanga com a filha bate-lhe com a pá do forno (§I-1619, §II-1483).

Panela

- põe-se ao fogo para ferver e se fazer sopa (§I-1107);
- à panela ao lume convém dar volta para não queimar (§II-3767);
- tira-se o caldo da panela quando são horas de jantar (§II-2043);
- coze-se arroz na panela ao lume (§II-3290);

- cada vez que o homem não vê a mulher planta feijões na panela (§II-3437);
- ameaça-se com a panela um galo pedrês (§II-3703);
- descarta-se a panela para beber água da boca da amada (§I-3422);
- o sogro é paneleiro, a sogra faz panelas, e a cunhada trata do barro (§I-1624) – pode ser o marido a fazer as panelas (§I-1625);
- o paneleiro é pobre e trabalha de dia à vela (§I-1626);
- um gato foi à panela (§I-1762);
- o namorado atira pedrinhas a uma panela de cerol enquanto a rapariga remenda (§I-2901);
- a mãe promete uma panela como dote para no fim a filha levar com ela na cara (§II-4111);
- a quem se quer mal deseja-se que a panela se lhe apegue (§II-4671);
- deseja-se sarrar a velha dentro da panela (§III-2610);
- a testa da cara diz-se de panela para se bater nela (§I-725);
- ao ver-se um coxo diz-se enforca-panelas (§I-569);
- pelo mar vai uma panela (§I-1019);
- deseja-se valer o menino Jesus com sopas da panela (§III-3661);
- Buarcos é uma panela velha (§III-1472);
- amor dos Barros são testos de panela (§III-221);
- o sol vai metido numa panela como o brio das meninas da Covela (§III-425);
- as meninas de Vilar não sabem sobraçar as panelas ao lume (§III-1357).

Pau

- para pendurar os chouriços no fumeiro (§III-2653);
- para fazer colheres: v. colheres.

Peneira

- a moleirinha quer experimentar uma nova peneira (§I-1598);
- há uma charola feita de arcos de peneira (§III-3060);
- fica-se com peneiras nos olhos de ver se vem o rapaz da cana cor de vinho (§I-5223);
- de Lisboa veio uma peneira de seda para peneirar a neve da Serra da Estrela (§III-1658) – também veio uma de Hamburgo para a neve do Caramulo (§III-2332);
- vai o sol metido numa peneira como o brio das meninas da Ribeira (§III-1752).

Pia

- a menina pisa a salsa na ponta da pia (§I-585);
- é besta quem bebe água nas pias (§I-1066);
- o papagaio bebe em pia de prata (§I-4008);
- certa menina é pia de água benta onde todos põem a mão (§I-4540);
- alguém tem o seu bem retratado na pia do porco (§II-4030);
- é prova de valentia pegar na pia dos porcos com os dentes (§II-3775) – ou quebrar (§III-1299);

- há a pia baptismal (§III-252).

Púcaro

- o homem não deita feijões no púcaro quando não vê a mulher (§II-3659);
- recomenda-se levar um púcaro para se parecer bonito ao beber na fonte do monte (§II-2464);
- o púcaro de água da amada é delicado (I-5279);
- a rapariga dá a água mas não o púcaro, para que o rapaz não se gabe (§I-1073);
- o púcaro vidrado está tocado de amor e gostaria de dar de beber água a certo senhor (§I-1074);
- um amor da raia é loiceiro e deu um púcaro à rapariga para regar o craveiro (§I-1563) – que é o coração (§II-1249);
- o sol vai metido num púcaro, como o brio de certas moças (§III-2389) – a lua também pode ir metida num púcaro (§II-2278);
- deve-se andar com cuidado com o amor que é da terra dos púcaros, para não o pôr em cacos (§III-270);
- leva-se à N. Senhora um pucarinho de mel para fazer as papas ao menino Jesus (§III-3641);
- pede-se à Sra. dos Montes Ermos que lance um púcaro de água ao caminho (§III-3777);
- pucarinho de Aveiro é termo amoroso (§I-5351, §I-5385) – assim como pucarinho da tenda (§I-5392);
- as meninas de Resende não sabem sobraçar o púcaro ao lume (§III-1081);
- Casa Nova é lugar de muita púcara (§III-1533);
- Idanha tem pucarinhos (§III-1519);
- Braga é a terra dos pucarinhos (§III-270) – assim como Caldas (§III-300).

Salgadeira

- tiram-se sardinhas da salgadeira (§II-4333).

Sertém

- onde se cozem tripas (§I-779);
- onde se gostaria de ver fritos os homens (§II-3748).

Tabuleiros

- são acarretados pela mulher do forneiro (§II-4216).

Tacho

- alguém ao escorregar quebrou o tacho (II-3306).

ANEXO II-6.1.2 – Panos, Loiças e Escudelas

Avental

- a cozinheira anda de avental (§I-1459);
- nos aventais já não se usa barra preta mas lenços de malha (§II-2134);
- no laço do avental traz-se uma folha de nabo (§I-1054) – pode ser de laranjeira (§I-1664);
- a moça que é poeta traz lenços nos aventais (§III-1729);
- chama-se a uma rapariga Charneca por trazer um avental (§III-1734).

Guardanapo

- o rapaz com que a moça falou não passou dum guardanapo de estalagem (§I-4517);
- sabe-se um saco de cantigas e um guardanapo (§I-100);
- fazem-se cálculos com guardanapos (§I-1113);
- o sol nasce nas pontas dum guardanapo §II-3422);
- no Porco acharam-se belos guardanapos (§III-1487).

Cantareira

- na cantareira tilintam os pratos como o namorado junto da amada (§I-5112);
- na cantareira tilintam os pratos que a mãe guardou para a filha (§II-1517);
- a silva verde em casa resta junto da cantareira (§I-4718, §II-1744);
- as mulheres do Pedrógão só sabem ir à cantareira ver de vinho (§III-923), tal como as da Terra Fria (§III-1777).

Gamela

- alguém pôs uma gamela com duas vacas (§II-4653).

Loiça

- quer-se a loiça bem lavada (§I-1464);
- a loiça fina e de cristal são lavadas com água (§I-1159);
- lavar a loiça é uma das tarefas da filha em casa (§I-1510);
- o pai bateu na filha por ter o caldo feito mas a loiça por lavar (§I-1720);
- o namorado atira pedrinhas à rapariga enquanto esta lava a loiça (§I-2903-4) – essas pedrinhas podem quebrar a loiça (§I-2997);
- cada prato que se quebra a lavar pagar-se-á a um tostão (§I-1463);
- a quem se odeia deseja-se que o gato quebre a loiça (§II-4671);
- refere-se um pintor de louça fina, que pinta pratos (§I-1564);
- C. Branco tem loiça (§III-1519);
- Caldas deve ir devagar com a loiça, para não acabar em cacos (§III-300);
- no Telhado há um oleiro que de barro faz loiça e de loiça dinheiro (§III-1202).

Lustre

- mandou-se fazer um lustre para pôr na mesa redonda na expectativa dum matrimónio (§I-2713).

Malga

- o limão cortado enche uma malga migada (§I-3233);
- a Maria é uma malga de água fria que se hesita em beber no momento (§I-2714) – também pode ser uma malga de beber (§I-5395);
- ver o Sol nascer numa malga de beber significa aceitar um namoro (§I-3175-9);
- a malga recebe o sangue do Sol que a Lua sangra com estrelas como lancetas (§I-132, §I-134);
- as raparigas de Revordelo só sabem ir ver se a malga tem sopa ou vinho (§III-1070).

Manjedoura

- onde comem os homens, enquanto as mulheres fazem-no na mesa (§II-3833);
- Jesus nasceu numa manjedoura donde comiam o boi e a mula (§III-3634).

Mesa

- onde se serve a comida (§I-590, §I-3864) e bebida (§I-5786);
- à mesa do rei vai a azeitona preta (§I-5007), a pimenta (§I-5009, §I-6053), e é servida por um cálice de ouro (§I-5786);
- numa mesa sem vinho nada presta (§II-2019);
- mulher sem marido é mesa sem pão (§II-2598);
- o pobre morre de inveja pela mesa bem abastecida do rico (§II-2699);
- a alguém que se quer mal deseja-se que o prato lhe fuja da mesa (§II-4671);
- pelas janeiras deseja-se uma mesa posta (§III-2650);
- desejam-se as migalhas que crescem nas mesas dos ricos (§III-2721);
- à mesa acusam-se reciprocamente os namorados (§I-3826);
- uma menina chora ao pôr e levantar a mesa (§II-856);
- são servidos suspiros à mesa da rapariga que anseia por ver o seu amado (§II-1006, §II-1854);
- o rapaz avisa a menina altiva de que já viu toalha limpa servir de rodilha à mesa (§II-2696);
- do outro lado do mar as mulheres comem à mesa e os homens à manjedoura (§II-3833);
- a andorinha servirá à mesa no casamento da galinha (§-590);
- a mesa de Jesus é a mesa da comunhão (§III-3635).

Pires

- como os pires ao caírem fazem grande traquinada, assim certa rapariga suspira (§II-987).

Prateleira

- onde se põem e donde se tiram pratos (§I-1148);
- onde os pratos tilintam, como o amado quando perto da rapariga (§I-3366).

Prato

- a garoupa que alguém pescou é só para o prato dele (§I-1823);
- deu-se um prato de ervilhas a alguém (§I-694);
- à cativa de nada serve comer em pratos de prata se lhe faltar a liberdade (§II-481);
- deseja-se a alguém que se quer mal que o prato lhe fuja da mesa (§II-4671);
- quem nasce sem ventura é como prato quebrado que se atira para a rua (§II-464);
- cada prato quebrado por quem os lava será pago a um tostão (§I-1463) – ou um vintém (§I-1464);
- um prato foi pintado por um pintor de louça fina (§I-1564-5);
- um certo senhor é um pratinho de sopa (§I-1037);
- a amada foi em tempos a melhor sopa no prato do amado (§I-3917);
- o rapaz tem autorização para meter a mão no prato dos tremoços (§II-2057);
- está um prato junto do lar com filhós pelas janeiras (§II-2060), pelo qual se vem (§III-2638, §III-2643);
- a filha recebeu de dote um prato de farinha com que fez um bolo (§II-4105);
- os corações dos namorados estão dentro dum prato lavado (§I-948);
- a amada sente-se deixada como os pratos que se põem e tiram da prateleira (§I-1148);
- a filha agradece à mãe por lhe ter deixado os pratos da cantareira (§II-1517);
- na prateleira os pratos estão sempre a tilintar como o amado quando perto da rapariga (§I-3366, §I-5112);
- o luar segura o prato que recebe o sangue da sangria do sol pela lua e pela estrela (§I-135);
- uma das bicas na rua de Palhais escorre para o prato, e outra do prato para o pio (§III-989).

Sopeira

- a galinha e o pato saíram da capoeira por causa de uma sopeira (§I-509);
- a sopeira tem as asas do assador que alguém gostaria de usar para voar até ao amor (§II-3545).

Tigela

- tigela cheia: barriga vazia (§I-652);
- quer-se a tigela cheia de caldo (§I-653);
- um recém-nascido foi coberto pela mãe com uma tigela (§II-3449);
- a mãe promete de dote à filha três tigelas que acabou por guardar para si (§II-4108);
- o amor é uma tigela (§II-3469);
- pelo mar vai uma tigela (§I-1019);
- o sol vai metido numa tigela como o brio de certas meninas (§III-2389);
- pede-se a S. Gonçalo de Amarante que case as velhas com uma tigela de sopa (§III-2880).

ANEXO II-6.1.3 – Talheres

Faca

- a faca corta torradas a oito (§I-2391);
- faca é para cortar cebola (§I-4680);
- com a faca corta-se um esconjuro (§II-4342);
- a quem se quer mal deseja-se que não tenha faca que corte (§II-4671);
- a faca custa a cortar no toucinho que nas janeiras se quer dar (§III-2642, §III-2648);
- faca e navalha usam-se para lutar (§I-532);
- a faca que o homem fez mata o boi (§I-624);
- quem ama alguém ausente deseja uma faca de bom corte para morrer (§II-4578);
- a mulher falsa ao homem requer faca ao coração (§III-1948);
- uma facada tem cura (§II-274) – desde que não chegue ao coração (§II-2885), ou com remédio da botica (§II-378);
- são facadas num rapaz as palavras que a rapariga dá a outro (§I-4269);
- ter a faca na mão é poder dispor da situação (§I-1106);
- abre-se com uma faca o coração que se deixou agarrar por aquele de quem podia fugir (§I-4347);
- não há faca que corte mais que a língua dos maus vizinhos (§II-3204);
- a ilha Terceira é faca sem ponta (§III-2152).

Canivete

- um canivete baila para cortar o chouriço pelas janeiras (§III-2664);
- dentro do peito do rapaz vai um canivete dourado para dar no dia de noivado (§I-5614) – também para partir o pão de ló (§II-1710);
- o canivete de prata que se afunda no mar (§I-2786) ou o que se põe na mesa do rei simboliza o amor que se deixou (§I-4595).

Navalha

- desafia-se a canalha à navalha (§I-1094-5);
- a ponta duma navalha derrabou uma cachorrinha (§I-650);
- com a navalha de fino corte faz-se em três tempos um marquesinho (§I-1323);
- o barbeiro cortou com as navalhas as faces delicadas do amor (§I-4413);
- a barba do juiz é feita com uma navalha de prata (§I-1391);
- os novos rapazes fazem barba com navalhas compradas publicamente (§II-2269);
- moças solteiras não usam navalha na parte de baixo, junto à muralha (§III-3816);
- com a navalha retalha-se o coração para fazer uma medalha presa num cordão (§I-5599);
- o amado é uma navalha de meia lua que a rapariga abandona (§I-4625);
- alguém aprenderá a ler nas costas duma navalha para responder a certas meninas (§III-329);
- certa pulha vai deitada por cima de uma navalha trazendo muita besta em ano de pouca palha (§III-2598);

- de Espanha mandou-se vir uma grande navalha (§II-4216).

Cortar

- formigas e ratos cortam com os dentes (§I-87);
- cortam-se as guias às árvores (§I-234, §I-2465) – da oliveira fazem-se cajados (§I-1398);
- corta-se tabaco (§I-601);
- ter a faca na mão pronta para cortar significa poder dispor da situação (§I-1106);
- a foice corta no pão (§I-1430);
- a menina que anda à erva corre o risco de se cortar (§I-1433);
- corta-se o bico à rola e a espiga ao centeio (§I-2112);
- com o machado cortam-se raízes (§I-2203, §§I-5407-09);
- cortar a videira da janela é cortar a escada do amor (§§I-3658-9);
- cortar o elo à couve é pôr namorado desvairado no lugar (§I-4848);
- a noqueira tem as nozes cortadas (§II-869);
- cortar é podar (§II-1265);
- o brio do corta-rama é a azinheira bem rodada (§II-3134);
- refere-se o **podão** (§II-1265) – com que alguém vai às enguias (§II-3641) –, e as **tesouras** (§III-3263);
- o manjerico tem a folha recortada (§II-1469);
- cortar o cacho é vindimar (§§II-2715-6);
- cortar na vida a alguém como tesoura na roupa é deixar de amá-lo (§II-3222);
- a rama dos nabos corta-se com um podão (§II-3632);
- não se deve cortar a barba ao milho (§II-3867);
- cortam-se ervas para se porem a secar (§II-4272);
- uma das filhas da Senhora corta o raminho da azia (§II-4336);
- corta-se como se talha uma doença ou um mal (§II-4342);
- ver os filhos sem comer corta o coração (§II-4640);
- a vida enquanto fruta é pela mão da morte cortada (§II-4660);
- corta-se o pé à figueira que não dá figo (§III-506) – não se deve cortar árvore que dá fruto (§III-1707);
- pelas janeiras cortam-se enchidos para dar (§III-2662);
- ao Entrudo cortaram o pescoço (§III-2596);
- a Jesus cortaram as carnes (§III-2642);
- as bagadas do Senhor cortam o crente com dor (§III-3733).

Podar

- poda-se a cepa (§I-1168, §I-4454).

Colher

- há colher de pau e de ferro (§I-670);
- um jovem traz a sua própria colher para comer (§I-1090);

- com uma colher rota não se leva nada à boca (§I-474);
- vai-se ao mel com uma colher (§I-474);
- comem-se papas com uma colher (§I-475);
- as mãos fazem de colherão, colherinha e colhereta para mexer as papas na caldeira (§I-726);
- o namorado merece uma colher grande para comer almece (§II-3490);
- certo senhor é um prato de sopa que se come sem colher (§I-1037);
- o gato foi à panela pelo rabo da colher (§I-1762);
- as moças deverão levar colheres em noite de chuva de papas (§II-3764);
- bom pau para colheres é o do pinheiro alto (§I-1007);
- a laranjeira que nasceu da semente das mulheres dá pau para colheres (§II-3573);
- certa viola feita de pau de colheres faz dançar as mulheres (§I-1343);
- uma rapariga mostra às visitas a colher de pau de estimação que lhe ofereceu o namorado (§I-5593);
- o amor é uma colher de pau (§II-3469);
- as colheres têm uma alcofa onde por vezes neva (§II-3957);
- pede-se a Deus que livre do rabo das colheres (§I-451);
- pelos Reis dão-se despedidas por cima dum colher (§III-2673);
- as moças do Pocinho comem xerém às colheradas (§III-984);
- as moças da Praia comem grandes colheradas de frangolho (§III-1050).

Garfo

- certo rapaz que come com garfo de vidro toma por tola uma rapariga (§I-4597);
- o José é o garfo de prata com que alguém se serve à mesa (§I-3864).

Escudela

- a mãe prometeu como dote uma escudela para depois quebrar com ela as costas da filha (§II-4110).

Salva

- a salva de prata de alguém não vai à mesa do rei (§I-2674);
- quem se ama é uma salva de prata (§II-240, §III-2330).

ANEXO II-6.2.1 – Armazenamento de Sólidos

Açafate

- dão-se vivas a uma senhora que é açafatinho de confeitos (§III-2653);
- semeou-se um açafate de formigas para mandar de presente (§II-4013).

Algibeira

- onde a joeireira guarda trigo (§I-1526);
- onde se traz alecrim e alfavaca para semear (§II-4061);
- onde se guarda o dinheiro do peixe vendido (§I-1875);
- onde se vão guardando cabaços (§I-1028);
- onde se leva a sogra (§II-3322);
- apanhar-se-á a laranja no lenço da algibeira (§II-3338);
- Maria da Fonte tem pistolas na algibeira (§II-4735);
- em Pernes as algibeiras não têm nada (§II-4654).

Alguidar

- é no debrum do alguidar que se acaba de partir o toucinho para oferecer pelas janeiras (§III-2642, §III-2648);
- quando se quebra um compra-se outro – tal como o marido (§II-4167);
- o chapéu do estudante é de alguidar (§I-1490);

Arca

- os lavradores enchem as arcas de pão (§I-1542);
- o dono deu o pão da arca aos malhadores (§I-1777);
- um coração abre e fecha sem ser arca nem baú (§I-5890).

Bacia

- o mar foi buscar água numa bacia de prata (§I-2164);
- as estrelas são bacias que aparam o sangue do sol-posto sangrado pela Lua (§I-133);
- o sol nasce numa bacia (§I-4256, §II-2688) – que pode ser de prata (§I-3062);
- os olhos da menina são uma bacia onde o amado se lava (§I-5845);
- na Murteira há uma bacia onde um amor se lava à hora de jantar (§III-863).

Balaio

- o menino Jesus leva no balaio contas de cheiro (§III-3648).

Barranhão

- alimpa barranhões é insultuoso (§II-3731).

Baú

- guarda-se uma laranja de ouro no baú para se oferecer ao amor (§I-2659) – pode ser uma figa para o marido (§I-5518);
- guardam-se cinco réis no baú há muito tempo para a sardinha no casamento (§II-3394);
- guarda-se no baú um canivete dourado para partir pão de ló no noivado (§II-3602);
- um coração abre e fecha sem ser baú (§I-5890).

Cabaz

- a morte anda com um cabazinho de ovos (§II-4490);
- num cabazinho estão olhos à venda (§II-3507).

Caixa

- da caixa tira-se o pão (§I-720);
- os lavradores enchem as caixas de pão (§I-1542);
- meteu-se numa caixa o coelho que se caçou (§I-622);
- em Maio vai-se à caixa das castanhas (§III-2619, §III-2622);
- guarda-se na caixa uma maçã corada com que se pagará a alguém (§I-239) – para não perder o cheiro (§I-5538);
- as meninas de Flor da Rosa tapam a sua lixaria com caixas de pó de arroz (§III-510).

Canastra

- a varina anda com a canastra a vender sardinha (§I-1044);
- em Janeiro está um canastro à porta sem espigas mas achas de pinheiro (§II-3972);
- alguém se queixa de lhe terem roubado quatro canastras de azeite (§II-4646);
- pelo mar vai uma canastra (§I-1020);
- quem já não se ama vira canastro velho (§I-4592);
- havia um homem dentro de uma canastra (§I-686);
- colocou-se sobre alguém que pernoitou no cortelho uma canastra de mato como cobertor (§II-3340);
- o rancho das varinas da Nazaré leva a canastra à cabeça (§III-869).

Ceirão

- de Lisboa mandaram-se num ceirão quatro frades que se confundem com temperos (§III-639).

Cesta

- uma oliveira pequena não chega a dar mais de duas cestas de azeitona (§I-246);
- uma mulher leva à vila ovos numa cestinha (§I-1513);
- uma saloia vende pela rua uma cesta de ovos com uma galinha em cima (§I-1514-6);
- numa vindima o vinho vai na cesta e o pão na cabaça (§I-1742);

- a mulher leva ao lavrador o cesto do almoço (§I-1982);
- a um homem que traz a sachola apenas falta o cestinho (§II-3955);
- a Mariquinhas vai com a cestinha da meia ver do seu amor na cadeia (§I-5273);
- rapaz e rapariga altercando entre si são dois ouriços numa cesta (§I-1165);
- a rapariga preterida diz ao seu amor para ir com um cestinho às ameixas a ver dum amor como o que deixa (§I-4211);
- um amor velho é um arco de cesto sem fundo (§I-4592);
- a rapariga é o cestinho fechado onde o coração do amado anda (§I-5424);
- a boca da morena é a cestinha e os beijos morangos (§I-5653);
- alguém sabe uma cesta cheia de cantigas até ao arco, e antes de desatar o saco gasta o que tem na cesta (§I-37);
- cada cão com o seu cesto e cada cesto com o seu pão (§I-642);
- começa-se e acaba-se um conto com era uma vez um cesto e uma canastra (§I-684);
- a Sra. do Desterro vai pelo Douro a vindimar com tesoura e cestinha (§III-3263) – a Sra. da Alagada vai pelo Tejo só com a cesta (§III-3377), como a Sra. das Amoras (§III-3408), e a Sra. do Castelo (§III-3417);
- a Sra. da Lapa vai ao Moledo com uma cestinha a vender pão de Lamego (§III-3275).

Fole

- a mãe ofereceu um fole sem farinha como dote à filha (§II-4101);
- deseja-se que o fole da farinha vá para um canto, sob ameaça do moleiro lhe tirar mais um tanto de maquia (§II-4135).

Gorrelha

- alguém queixa-se de lhe terem roubado uma gorrelha de vinagre (§II-4646);

Palangana

- umas ratazanas roem as palanganas (§I-306).

Sucareiro

- o gato lambareiro põe a mão no açucareiro (§I-766).

Anexo II-6.2.2.1 – Acondicionamento de Líquidos

Adega

- de onde se vai buscar o vinho (§III-2664);
- onde se guardam as pipas à chave (§I-1049);
- o dono ao morrer deixa as chaves da adega (§II-4187);
- é a fonte de alegria e está na posse do senhor e da esposa (§I-1762);
- local de funeral para um amante do vinho (§II-4648);
- deitaram N. Sra. das Dores na canada das adegas (§III-2728);
- numa adega do Vale da Mó come-se leitão assado (§III-1257).

Alambique e lambique

- dentro do peito está um alambique de aguardente para destilar saudades (§II-3601, §II-4028).

Almetolia

- diz-se dum mau cantor que tem um gargalo de almetolia (§II-3733).

Barrica e barrico

- alguém tem uma barrica para migalheiro (§I-613);
- o Bairro do Açougue é o barrico dos ricos (§III-911)

Bilha

- uma menina não deve entornar a bilha que leva cheia para casa (§I-958);
- alguém leva a bilha à fonte dos amores para enchê-la de beijos para o seu amor se banhar (§II-2425);
- o coração é uma bilha que S. António deita ao chão (§III-2901).
- alguém tem dentro do peito duas bilhas de aguardente para disfarçar mágoa de amor (§II-4027).

Boca

- entre namorados a boca vira bica de água que apenas dá mais sede (§I-3426);
- prefere-se a boca de quem se ama para beber água do que a panela (§I-3422) ou o copo (§III-222);
- boca é a cestinha de beijos que são morangos (§I-5653).

Bota (enquanto pipo)

- a bota que leva o vinho está presa por uma corda (§I-624);
- há uma hortelã de bota (§II-3565).

Cabaça

- bebe-se vinho dela (§I-639);
- o dono deve levar uma cabaça de vinho aos trabalhadores (§I-1984);
- o vinho do malhador baila na cabaça (§I-1571);

- uma que vai pelo mar talvez leve vinho (§I-1020);
- a ciranda por ter brio bebe pela cabaça (§I-856);
- leva vinagre – talvez como azedume, já que cabaça é sinónimo de recusa amorosa (§II-4216);
- o coração dos rapazes é um cabaço velho (§II-3894);
- o cabreiro leva-a no bolso dos calções (§II-4627);
- numa vindima o pão vai na cabaça e o vinho na cesta (§I-1742);
- há fogo em casa da cabaça (§I-1020);
- tem graça (§I-573).

Cális e Cálix

- a água dos montes vem num cálice de vidro (§I-5158);
- António é um cálice de ouro que serve à mesa do rei (§I-5786);
- é divino ao servir a N. Senhor (§III-2459) – e também bento (§III-2663);
- com um cálice de ouro celebra-se a missa nova (§III-2655, §III-2664).

Canabarro

- para vinho à refeição (§I-1992).

Canada

- a Maria trocou a saia por meia canada (§I-988);
- os malhadores pedem mais meia canada de vinho (§I-1575);
- o mineiro gasta o dinheiro em comida acompanhada de meia canada de vinho (§II-4643);
- deitaram N. Sra. das Dores na canada das adegas (§III-2728).

Caneca e asa

- o sol vai abaixo no fundo de uma caneca como vai um amor e vem outro (§I-937);
- semeou-se a asa de uma caneca para nascer um velho (§II-3560);
- semeou-se os cacos de uma caneca para nascer um rapaz (§II-3569) e um frade (§II-3581).

Cangirão e cãijerão (de vinho)

- uns janeiros pedem copo e cangirão (§II-2060, §III-2638);
- no S. João não falta um cangirão de vinho (§III-3035).

Cântara

- a padeira foi buscar água com a cântara (§I-890);
- vai-se ao rio ou à fonte encher o cantarinho (§-5303);
- foi-se à fonte trazer lágrimas no cântaro (§II-850);
- na fonte dos amores encheu-se o cântaro de flores (§I-5207);
- por ser de barro pode partir ao ouvirem-se quadras de amor na fonte (§II-2457);

- a ciranda quebrou a cantarinha na fonte (§I-855);
- quebrou-se o cantarinho ao ouvir o amor falar durante o caminho da fonte (§I-5203);
- quebrou-se o cantarinho na fonte ao dar água ao amor (§I-5236);
- a mãe bate à filha por ter quebrado a cantarinha (§II-1490);
- a filha que quebrou a cantarinha ganhará dinheiro para outra (§II-1491);
- mesmo em botas de veludo, acaba-se por quebrar a cantarinha na fonte (§II-2443);
- apesar de já estar quebrado o cantarinho, o namorado quer que a menina lhe dê água (§II-2433);
- o namorado mandou a rapariga apanhar os cacos do cantarinho quebrado à sua porta para os compor (§II-3388);
- certa sogra é um cântaro (§I-1066).

Casca de melancia

- bebe-se e busca-se água da fonte na casca da melancia (§I-5202, §I-5196);
- lava-se o rosto na água da melancia (§II-173, §III-1717).

Caqueiro

- num lugar onde há muitas púcaras deu-se água a alguém por um caqueiro (§III-1533).

Chapéu

- no Minho leva-se água no chapéu (§III-1349);
- o chapéu do estudante é de alguidar (§I-1490);
- apanham-se uvas no chapéu (§I-5566).

Cisterna

- beber da cisterna de alguém constipa (§I-6137);

Copo

- de água (§I-1071) – que se confunde com o coração de Maria (§III-2502);
- de água-mel, que se confunde com os olhos do Manel (§III-1938);
- de vinho (§I-597) – que se vira do fundo para o ar (§I-895);
- feito de vidro (§III-2639);
- na taberna despejam-se copos de vinho (§III-3584);
- com o copo vem a pinga (§II-2011);
- com o vinho corre o copo (§II-2013);
- copo de tinta preta é vinho (§III-918);
- nas janeiras pede-se um copo (§II-2060);
- dão-se vivas por dentro dum copo (§III-2639);
- pôr-se um cravo de molho num copo de vinho é demonstrar amor por alguém (§I-2690);
- o António é um lindo copo de beber (§I-5322);

- água no copo cria lodo no fundo numa dimensão amorosa (§II-1267, §II-1567);
- a água dada pelo copo sabe mal quando pode ser dada pela boca (§III-22);
- meu copo de Veneza é termo carinhoso (§III-2330);

Corno

- pede-se a S. Bento do Cando para deitar vinho para ser bebido por um corno (§III-3317).

Cuba

- a cuba que tem bom vinho escusa taberneira (§II-1919).

Frasco

- dentro do peito há um frasco de licor que o coração abre para beber amor (§II-3603).

Garrafa

- pede-se que chovam garrafas de vinho a par de comida (§II-1951);
- alguém leva nas garrafas pão e vinho nos alforjes (§II-3294);
- o vinho misturado com água turva na garrafa (§I-2820);
- deitar água no vidro faz derramar a garrafa (§I-5903);
- mandava-se engarrafar numa garrafa de vidro o amado António para não ficar queimado pelo sol (§I-5468);
- Lisboa ficou cercada de garrafas de licor quando o rei deixou de pedir tropa (§III-655);

Garrafão

- ninguém malha sem vir garrafão (§I-1567) - os malhadores pedem pelo vinho do garrafão (§II-4176);
- cada acompanhante do funeral dum borracho levará à irmandade o seu garrafão (§II-4648);
- os olhos da Marianita encobrem no garrafão (§II-1989);
- alguém se queixa de lhe terem roubado um garrafão de sardinhas (§II-4646).

Infusa

- gargalinho de infusa é termo afectuoso (§II-2175).

Jarro

- dá-se de beber água dum jarro (§I-3225);
- alguém que ama quebrou o jarro verde (§I-2978).

Juijéis

- com a pele dum lobo alguém fez vinte e quatro juijéis (§II-3368).

Odre

- o burrinho leva odres que levam o vinho (§II-3942);
- da pele dum lobo alguém fez odres.

Pichorro

- as mulheres do Pedrógão só sabem ir à cantareira ver se o pichorro tem vinho (§III-923), assim como as da Terra Fria (§III-1777);
- os do Rochoso nunca largam o pichorro (§III-3007);

Pipa e pipo

- a pipa é do vinho (§I-720);
- o dono da malhada deu vinho da pipa (§I-1777);
- pelo S. João há pipas de vinho (§II-4245);
- pelas janeiras pede-se ao patrão para ver se da pipa escorre (§III-2649) – se a pipa tiver vinho deve dar de beber (§III-2689);
- alguém desespera pela ameaça do pipo verter o vinho, lamentando estar cheio e vazio (§II-1948);
- herdou-se da Tirana uma adega de pipas vazias (§I-1049) – a sogra só deixou uma pipa vazia §II-4192);
- há um Inácio da Pipa (§II-4216);
- uma pita está debaixo da pipa que pinga (§I-581);
- no cimo dum pinheiro está uma pipa feita ao torno (§I-1963);
- a ciranda foi para o Porto embarcada numa pipa (§I-855);
- alguém desejará ter a cama ao pé dum pipo de almude (§II-1998);

Pote

- enche-se de rosas (§I-5206);
- o pote deitou fora as papas que uma velha cozeu (§II-4209);
- dão-se vivas por um senhor que é capaz de beber um pote de vinho (§III-2700);
- deseja-se a um avaro pelas janeiras que o gorgulho infeste o pote do farelo (§III-3577).

Rolha

- o cabaço tem uma rolha de cortiça (§II-3894);
- há uma fábrica das rolhas cheia de rosas (§I-2543).

Seio e peito

- o seio pode ser uma garrafinha de água (§I-3647);
- o peito do dono da casa é uma fonte dos anjos (§III-2638);
- dentro do peito há garrafinhas de licor (§I-3305);
- pede-se uma pinga de água da raiz do peito por falta de fontes (§I-3605);
- os peitos da amada são de leite coalhado (§I-3688);

- moça de peito seco não é apetecível (§II-3807).

Taça

- oferece-se uma taça de veneno à rival no amor (§I-4328).

Talha

- na fonte dos amores encheu-se a talha de flores (§I-5207, §II-2449);
- na fonte do Palvarinho a filha roçou a talha com rosmaninho (§III-906).

Tonel

- cantam-se os reis esperando vinho do tonel (§III-2674);
- no adro de S. Martinho está um corpo sepultado entre dois tonéis de vinho (§III-3583);
- um borracho quer um tonel como cova (§II-4648);
- da pele dum lobo fizeram-se vinte e cinco tonéis (§II-3368).

Vaso

- há de madeira, louça fina e cristal (§I-1159);
- para beber água (§I-1159);
- a ama é um vaso de alegria para os segadores (§I-1768);
- enquanto vaso, a palma de quem se ama serve de consolação ao dar de beber água (§I-3325).

Anexo II-6.3 – Pesos e Volumetrias

Almude

- há um pipo de almude (§II-1998);
- há quem beba um almude de vinho.

Alqueire

- a camponesa vende um alqueire de feijões (§I-1412);
- do moinho levou-se três quartas de centeio e trouxe-se um alqueire e meio (§II-3385);
- a voz de alguém quando canta vale um alqueire de farelos (§II-4039);
- semeiam-se os alqueires aquando da chuva (§I-111);
- uma velha cheirava a três alqueires de tabaco de cada banda (§II-4182).

Arrátel

- traz-se arrátéis de marmelada da Lagoa (§III-596);
- deseja-se ver alguém no açougue em postas a vender aos arrátéis (§I-4107) – ou em quartos (§I-4407).

Arroba

- o serrano come carnes às arrobas (§II-2061);
- a serrana pesa o Algarve às arrobas (§III-87);

Costal

- alguém tem um costal de cantigas para desatar (§I-12).

Mancheia

- a hortelã é às mancheias (§II-2571);
- Deus formou Adão numa mancheia de barro (§III-2448).

Moio

- foi-se buscar um moio de trigo (§I-638);
- de dote recebeu-se um moio de trigo (§II-3825);
- deseja-se que cada bago de pão semeado dê um moio e cada moio um milhão (§III-3632);
- numa aritmética trocista calcula-se um moio de trigo com joio como tendo quatrocentas e oitenta meias quartas (§I-1116).

Molhos

- a salsa vende-se aos molhos (§II-2571);
- canta-se o alecrim aos molhos (§I-878);
- numa segada vão-se atar os molhos (§I-2560), sendo a segadeira a vencelheira (§I-1432);
- alguém fez molhos de manjerona (§I-5180);

- o serpão por ser miúdo não se pode atar aos molhos (§I-2297);
- deitou-se o molho de carqueja que se foi fazer no mato para se ver o lombo pelado do amado (§II-3815);
- ir-se-á a Além Douro esgalhar e atar molhos com quem se ama (§III-1882);
- vai-se a Espanha segar e atar molhos (§III-2269);
- voltou-se do Barroso com um molho pequenino (§III-224);

Quarta

- quatro quartas fazem um alqueire (§I-1412);
- certa quinta não dá uma quarta de pão (§III-494);
- um devoto todos os dias vai buscar uma quarta de água à Sra. da Conceição (§II-2465).

Quartinho

- para se ir para o céu deve-se vender trigo a quartinho (§I-942);
- vendem-se dum cabaz olhos azuis a quartinho (§II-3507).

Ramo

- um raminho de salsa serve de tempero (§I-2116);
- há de alecrim (§I-2410);
- oferece-se um ramo de arruda (§I-4083);
- há de flores (§I-5603);
- uma das três filhas da N. Senhora corta o raminho da azia (§II-4336).

Rasa

- há de tabaco (§I-588);
- há de sal (§I-608);
- a mulher pequena põe-se em cima da rasa para chegar à masseira (§I-1718);
- há quem saiba uma rasa cheia de cantigas (§I-1157, §I-1269).

Saca

- chama-se a um preto saca de carvão (§II-3304).

Saco e saquinho e saqueta

- o moleiro reza pela salvação do seu saco maquiado – se pudesse ficava até com a baraça (§II-4133);
- pede-se que encham o saco com o pão por Deus (§III-3577);
- na noite das janeiras canta-se para se encher o saquinho (§III-2645);
- um aldrabão queixa-se do roubo dum saco de leite (§II-4646);
- saber-se um saco de cantigas é expressão recorrente (§I-36-47) – também se sabem saquetinhas (§I-98)
- ratos e formigas roeram o saco das cantigas (§I-86);

- manda-se meter pessoas num saco (§I-600);
- desata-se o saco das cantigas para cantar ao desafio (§I-1162).

Taleiga

- sabe-se uma taleigada de cantigas (§I-36);
- a taleiga de cantigas guarda-se para amanhã (§I-47).

ANEXO II-6.3.1 – Preços

Réis e contos

- os queijos de cabra estão a dez réis (§II-4022);
- a saloia pede três mil réis por uma cesta de ovos e uma galinha (§I-1516);
- maço de tabaco está a trinta réis (§II-4761);
- compra-se tabaco a dez réis (§II-4018);
- com cinco réis de cigarros arranja-se uma namorada (§II-2061);
- o sal rende conto e milhão (§II-4672);
- ao domingo vão dez réis de aguardente para a cova dum dente (§I-597);
- tem-se cinco réis na janela para dar de pão branco no casamento (§II-1645);
- tem-se cinco réis no baú para comprar sardinha no casamento (§II-3394);
- tem-se cinco réis para comprar pimenta para pôr na língua duma menina (§II-3273);
- tem-se dez réis e quatro vinténs para comprar as melancias que as moças trazem no seio (§I-3631);
- deseja-se ter cinco réis para comprar uma figa a uma espertalhona (§II-3261, §II-3272);
- foi roubado um conto do mel (§II-4646);
- os olhos duma menina valem mil contos de réis (§I-5830);
- nas vindimas do Douro alguém ganhou trinta réis (§I-1744, §III-1890-2) – outro ganhou dez réis (§III-1889);
- o sol ao nascer traz em cada ponta do guardanapo dez réis (§II-3422);
- uma velha promete como dote a um rapaz quarenta contos (§II-4175).

Vintém

- gasta-se um vintém em água pisada a pés que ferveu sem ir ao lume (§II-1995);
- S. António vende peras a vintém (§III-2927);
- foi-se à praça da Figueira buscar um vintém de pão (§II-3398);
- cabe na boca das meninas da Carvalha um pão de vintém (§III-328);
- compra-se tabaco por um vintém (§II-4018, §III-1891);
- paga-se um vintém por cada prato que se quebra (§I-1464);
- a passagem de barco para ir às vindimas do Douro custa um vintém (§I-1744);
- troca-se um beijo da saloia por um vintém (§I-4942);
- compra-se um limão por um vintém para tirar a nódoa do coração (§I-6076, §II-551);
- são frangos de vintém os moços de agora (§II-2065, §II-3781);
- chama-se a alguém pintainho de vintém (§II-2956, §III-844).

Tostão

- a seis tostões vende-se um alqueire de feijões (§I-1412);
- a saloia pede seis tostões por uma cesta de ovos e uma galinha (§I-1514);
- paga-se um tostão por cada prato que se quebra (§I-1463);
- tem-se meio tostão em prata para comprar uma figa (§II-3274);

- com cinco tostões um rapaz pobre compraria olivais e uma espingarda de ouro ou cobre (§II-4651).

Quartinho

- deve vender a quartinho o trigo o rico que quiser ir para o Céu (§I-942);
- olhos azuis num cabaz vendem-se a quartinho (§II-3507).

Cruzado

- o cruzado que se trouxe do Brasil ficou empenhado na taverna (§III-2183);
- olhos pretos num cabaz vendem-se a cruzado (§II-3507).

ANEXO II.7.1 – Festividades anuais

Carnaval e monda

- o Entrudo goza-se com galinhas e capões, e é seguido pelas orações da Quaresma (§II-2034, §III-2606), com calabaças e feijões (§III-2607);
- personifica um santo gordo (§III-2597), que passa sobre uma ponte de filhoses (§III-2599);
- a raposa anseia pela chegada do Entrudo (§III-2600);
- germinam os cultivos do trigo (§I-1615), arroz (§I-1604), e linho (§I-1608);
- despontam várias ervas, que se mondam: joio, gorga, cabaços, azevém (§I-1609), ervilhaca e balanço (§I-1616);
- a monda separa os namorados (§I-1603);
- por vezes monda-se sozinho (§I-1605, §I-1612);
- nas mondas arranja-se dinheiro para casar (§I-1606);
- é costume chamar pessoas para a monda (§I-1615);
- as mondadeiras agradecem que o sol se ponha (§III-3907).

Ceifa e malha

- o divertimento pelas desfolhadas é desejado com antecedência pela mocidade (§I-1475);
- pelo São João um carneiro (§III-3152) e pimum assado (§III-3035), pipas de vinho e carros de pão (§II-4245);
- é altura em que as searas estão maduras (§III-2632, §III-2979), e se regam as hortas (§III-2936);
- corre a água abençoada, incitando a banhos purificadores (§III-1941);
- pelo São João até o pastor lava o gado (§III-2933);
- a água que nessa noite fica ao relento escusa fermento para fazer pão (§III-2943);
- queimam-se plantas como sargaço, rosmaninho, bela-luz, feto e giesta (§III-2993), e alcachofras (§III-2976);
- curam-se feitiços bebendo chá das ervas colhidas no S. João (§III-2981) – todas têm préstimo (§III-2985), e cheiram bem (§III-3040);
- entretecem-se coroas de madressilva e murta (§III-3163);
- não faltam ameixas (§III-3059), cerejas (§III-3051, §III-3071), e ginjas;
- as lampas são a fruta colhida pela manhã de S. João (§III-3142);
- as orvalhadas sanjoaninas por entre o centeio prometem pão quente e vinho maduro (§III-2954).
- pelas desfolhadas o tempo é alegre (§I-1568);
- partilham-se castanhas assadas (§I-1477);
- a malha exige vinho (§I-1566), sob ameaça de se deixar ir o grão na palha (§I-1575);
- a alegria causada pela chegada do garraão pode roçar na heresia (§II-4176);
- os malhadores agradecem o pão da arca e o vinho da pipa que o dono deu (§I-1777);
- aguarda os malhadores um caldo cheiroso (§I-1572);
- para trás restam respigos abundantes que alguém leva para a seara (§I-1670);
- a ceifeira é imprecada a ceifar para além do pão as penas alheias (§I-1429);

- a foice em seara alheia deve ir com cuidado (§I-1430);
- vale a pena ir à ceifa para ver as ceifeiras lavar o rosto (§I-1431);
- ceifa é no Alentejo (§II-4655), nos Barros (§III-222), Campo Maior (§III-311);
- nas ceifas do Ladoeiro dão pão de cevada e pagam mal (§III-595);
- nas ceifas da Guarda comem-se migas boas e bebem-se águas encharcadas (§III-575).

Vindima

- vindima é tempo de vida e doçura, e não falta o que comer (§§I-665-6);
- não faltam cachos para oferecer (§I-1741);
- segue pão na cesta e vinho da cabaça para os vindimadores (§I-1742);
- de dia escolhe-se a uva para de noite se namorar (§I-1747);
- é preciso guardar sempre a latada, para não a encontrar vindimada (§II-3070);
- depois da vindima pouco sobra para rebusco (§II-1238);
- à falta de uvas respigam-se conversas (§III-1893);
- respiga-se nas vinhas vindimadas como se namoram amores rejeitados (§I-5131);
- feito o vinho brinda-se um copinho (§II-2004);
- o mundo é uma vinha, os lares são latadas, e cada cristão uma cepa que a morte vindima (§II-2650);
- a Sra. do Desterro vai pelo Douro com a cestinha e a tesoura a vindimar (§III-3263), como a Sra. da Alagada pelo Tejo acima (§III-3377), a Sra. das Amoras (§III-3408), a Sra. do Castelo (§III-3417);
- quem vai ao Douro vindimar ganha uns poucos réis, gastos durante o regresso (§III-1889-92);
- ao Douro também se vai respigar, mas sem grande sucesso (§III-1893);
- no lagar passam-se tristes noites sem amor (§I-1746);
- um velho foi encontrado morto entre as virges do lagar (§II-4194).

S. Martinho

- a apanha das castanhas requer varejadores, que pode não haver (§III-765);
- gasta-se o dinheiro em vinho (§II-1995);
- muito vinho não passa de larapa (§III-3579, §III-3582);
- bebe-se aguardente (§II-1996-7, §III-3580);
- comem-se castanhas rebuscadas (§III-3581);
- o velho adora o santo na taberna despejando copos para suportar o frio (§III-3584).

Janeiras e Reis

- cantam-se quadras que nem sempre fazem referência a iguarias, embora se receba de comer e beber (§III-3635);
- para a noite de Natal em especial apanha-se pinha mansa (§III-3215);
- na noite de Janeiras anda-se de barriga tão vazia quanto o saco (§III-2645);
- pede-se morcela e chouriça, filhós e figo, e vinho (§II-2060), chouriço (§III-2641), toucinho (§III-2642) e carne para se deitar no caldo de couve do dia seguinte (§III-2644);

- em troca concedem-se vivas e bênçãos em nome de Deus, da Virgem e dos santos (§III-2642), que se estendem às sementeiras (§III-2643);
- um despenseiro mais arteiro mascara-se de preto da Guiné, pedindo de saco aberto uma súa de linguariça, caixinhas doces, talhadas de marmelada, carne, pão e dinheiro – para mandar dizer missas pelas almas bentas (§III-2648);
- por vezes os gatos ameaçam comer o que a dona ia oferecer (§III-2650);
- os Reis mandam-se cantar (§I-600), mas também pode ser de iniciativa própria (§I-602);
- pede-se que dêem esmola à sociedade (§III-2660) as casas que cheiram a fritos (§III-2663) – talvez das quentinhas, cuja massa ferve no azeite (§III-2650);
- leva-se um saco (§III-2658), que se ambiciona encher com os mimos da consoada (§III-2655), tais como o maior chouriço do fumeiro, um salpicão, chouriças (§III-2653);
- também se pede um pedaço de toucinho, e vinho (§2664);
- alguns dizem claramente que não pretendem dinheiro, mas galinhas, capões e salpicões (§III-2665);
- pede-se vinho de seis anos, e ainda doces dos natais, e salsichões, e patos, e galinhas, e perus, e leitões, e presunto (§III-2669), e passas e figos, e carne do fumeiro (§III-2674) – muita coisa para talhar (§III-2675);
- não falta o pão leve (§III-2683), um bolo (§III-2688), e unto velho para a sanfona (§III-2687);
- a falta de generosidade é despedida com impropérios (§III-2690-3).

ANEXO II-7.2.1 – Casamento e conjugalidade

A festa

- ao casamento nada faltará (§I-590);
- exige poupanças (§I-1606):
- para o casamento da nova galinha precisa-se de noivo, madrinha e padrinho, dançarinas, amassadeiras, fernejeiras, cozinheiras, gaiteiros, comida e lenha (§III-589) – também faz falta quem sirva à mesa e um enxoval (§I-590);
- come-se leitão e carneiro (§I-1139), sardinha (§II-3394), queijato (§II-1738), pão branco (§II-1645), pão da boda (§I-2261), e pão de ló (§II-1710);
- nozes simbolizam casamento (§I-5327);
- casam-se as velhas com uma tigela de sopa (§III-2880);
- o peru velho não chega a casar (§I-760);
- as moças da Cabeça Gorda pensam que casar é comer açorda (§III-288).

O dote

- casar sem dote é remar contra a maré (§II-1715);
- oferece-se uma laranja de ouro que se guardou ao cônjuge (§II-1712);
- os pais enganam prometendo à filha uma cabra (§I-649), três ovelhas (§II-4106), uma galinha (§II-4112), três tigelas (§II-4108), uma escudela (§II-4110), uma panela (§II-4111), um prato de farinha (§II-4105), um fole com farinha (§II-4101), quando não tudo o que têm (§II-4101);
- da parte do noivo pode vir um moio de trigo em ano de abundância (§II-3825);
- a colheita pode determinar o ano do casamento (§III-2632);
- por vezes bastam a burra da noiva e os alhos do noivo (§II-3621);
- por vezes nem que o dote fosse vaca com bezerro (§I-4627);
- guarda-se uma figa de ouro para o futuro marido (§II-4279);
- uma velha convence um rapaz com um dote de quarenta contos, e fartura de comida e bebida para sempre (§II-4175).

Fazenda

- foram passear à fazenda o lagarto e a cobra (§I-785);
- a mãe avisa a filha de que os homens são fraca fazenda (§II-2813);
- os pobres pedem não as fazendas mas as migalhas que crescem das mesas (§III-2721);
- confunde-se com dote: não se casa por se ter fazenda (§I-1148), e espera-se que o futuro cônjuge venda até as cabras da fazenda (§I-4391);
- pela fazenda deixa-se um amor por outro (§I-4430, §II-2122);
- quem namorou a bonita sem pensar na fazenda acaba por morrer de fome (§II-1781);
- ao amor pede-se para se enlevar da pessoa e não da fazenda (§II-2547, §II-2566);
- há quem prefira escolher gente a fazenda (§II-2551);
- moço afazendado atrai moças com um chão que já foi vinha e uma casa sem telhado (§II-4092);

- o cabreiro procura convencer a rapariga pela cabrada abundante e pela boa fazenda (§II-4627).

Sustento

- sustentar a casa torna-se penoso (§I-1109, §II-1756, §II-1769, §II-1770);
- o rapaz prefere ser soldado a manter a família cavando o torrão (§I-1427);
- às raparigas importa escolher tanto um bom partido – o moleiro (§I-1586) –, como a terra para onde se irá viver (§III-225, §III-312);
- uma vez casado, não se quer ir a parar a um lugar onde se gera a fome, como Mujães (§III-858);
- evite-se o partido que tem a fome à porta (§I-1617);
- não basta arranjar comida: é preciso lenha para cozinhar (§I-589);
- a esposa terá que saber cozinhar, sem poupar na comida para comprar roupa (§II-3767);
- tão pouco basta pôr o púcaro ao lume (§III-1081);
- por vezes o marido não come o que a esposa cozinhou (§II-1790), seja assado ou cozido (§II-3446);
- cada vez que o homem não vê a mulher planta feijões na panela (§II-3437)
- a arte culinária da sogra é troçada pelo genro (§I-1169);
- a perspectiva de engordar com a vida de casado é aliciadora (§III-3910);
- quem não casa também come (§II-1711);
- por vezes a promessa de comida não é suficiente para a rapariga (§I-1103);
- escolhem-se segundos amores como quem apenas come para não morrer (§I-2039) – como se escolhe uma mulher feia (§I-2278);
- o pretendente promete não fazer passar fome à moça que não coma (§II-4085);
- uma rapariga mostra às visitas a colher de pau de estimação que lhe ofereceu o namorado (§I-5593) – o amor é uma colher de pau (§II-3469);
- casar pode pela pobreza levar à prostituição (§II-4638) – uma velha cantoneira dará de mamar ao menino (§I-320);
- quem casou passou a levar uma vida cheia de fezes (§II-1752);
- a mulher chega a pedir a S. João um noivo ao ponto de não se importar ser por ele morta e esfolada (§III-3099).

ANEXO II-7.2.1.1 Gordo e Magro

Gordo, farfalhudo, grosso, pandorga, repochunchudo, grosso

- a raposa prefere perder a samarra a perder uma pata e uma pita gordas (§I-1981);
- o lobo está bem gordo (§I-729);
- o Entrudo é gordo e repochunchudo (§III-2597);
- quando o toucinho é grosso custa a cortar (§III-2642);
- diz-se padre nosso, caldo grosso (§§I-658-661);
- como não há caldo tão gordo que não se lhe consiga ver o fundo a menina não deve pensar ser única no mundo (§II-3710);
- gosta-se da mulher de peito subido porque é como a terra gorda que garante fruto (§I-3570);
- promete-se à futura noiva bom viver para andar bem gordinha (§III-3910);
- pede-se a S. João um noivo nem gordo nem magro (§III-3039);
- quer-se amar mulher gorda com braços gordos (§II-3794, §II-4055);
- a rapariga despreza o pretendente dizendo que é grossa para palito (§I-4263);
- certas moças usam dois pares de meias para terem pernas gordas (§II-3713, §III-1230);
- o Mondego gosta de ver se as pernas das raparigas são grossas ou delgadas (§III-1965);
- alguém gostaria de ser pulga no serão para apalpar as raparigas e saber quais são as gordas (§I-1062);
- uma moça é tão farfalhuda que o pai a guarda para tampa duma furda (§II-3711);
- o boeiro não é magro nem gordo (§III-195);
- o carneiro de S. João faz tocar tanto o guiso fino como o grosso (§III-3154);
- com a lande das sobreiras o Alentejo engorda gado (§II-4655).

Magro, delgado e delicado

- o compadre está tão magro que parece um carapau (II-3471);
- a mulher magra tem maldade nos ossos (§II-4048);
- a mulher magra se é casada é ciumenta, se solteira quer casar (§II-3985);
- quem tem mulher magriça tem bacalhau para o ano inteiro (§II-4045);
- quem desejava mulher delgada acabou com uma da grossura duma linha (§II-4047);
- queria-se uma mulher delicada, mas acabou-se com uma pandorga que não cabe na cama (§§II-4050-1);
- à delicadinha que anda a pedir hesita-se em dar esmola ou cama (§I-3680);
- pé de ginja ou de cereja diz-se de quem é delicada (§I-4502, §I-5809);
- um namorado campaniço é um amor delicado com cara de ouriço (§III-309);
- um amor é o trevo, delicado na cintura, que se quer apanhar (§III-2585);
- a saloia tem a cintura delgada (§II-2230);
- um rapaz é delicado na cintura (§I-5663);
- uma rapariga é delicada como a linha (§I-5692);
- é delicada a rapariga que parece uma pomba branca (§II-486);

- o adro da igreja come corpos delicados (§II-4529-30, §III-1055);
- o vinho é coisa boa porque faz o cantar delgadinho (II-2002);
- é delicado o fumo que vara a telha dobrada como os olhos que namoram de pancada (§I-2121, §I-2888) – ou que namoram à candeia (§I-2541);
- é delicado o peixe que faz a cama no lodo como os olhos da rapariga que prenderam o rapaz (§I-2450);
- certo púcaro é delicado quando quem dele bebe água é um cravo e quem a vasa uma rosa (§II-2461);
- o bairro do Açogue é um bairro delicado (§III-911);

Fino e refinado

- o vinho do Alto Douro é fino (§II-2018);
- há aguardente refinada (§I-968), gerada em fino vapores (§II-1968) – faz a fala fina (§I-6122);
- em Lisboa há papa fina, coisa boa (§III-2028);
- à moça ao cantar para a parede caiu um peixe fino na rede (§II-3079);

ANEXO II-7.2.2 – Enterro

Enterro e herança

- aquando dum falecimento os rapazes jejuarão trinta dias (§II-3537);
- certa irmandade de S. Martinho levando garrações num funeral enterra um membro num tonel, sendo a cova de aguardente (§II-4648);
- um apaixonado pela pinga tem o corpo sepultado no adro de S. Martinho entre tonéis, com sete pães a cada lado, toucinho à cabeceira, e chouriço assado (§III-3583);
- enterra-se alguém junto à lareira de cabeça ou braço de fora para poder beber (§II-3445) ou mexer o café (§II-4185);
- de herança podem ficar pipas e adegas vazias (§II-4192, §II-4187), e vinhas sem cepa (§II-4186);
- chega-se a ter figas como herança (§II-4189);
- quando o amor parte tão pouco deixa o que comer (§II-889).

ANEXO II-7.2.2.1 – Matar, caçar e pescar

Matar e caçar, atirar, disparar, acertar, abater, tiro

- diz-se do caçador quando atira (§I-82);
- mataram o gato que caçava ratos (§I-306);
- o dedo polegar é o mata-piolhos (§I-495) e matruca-piolhos (§§I-497-8);
- a faca mata o boi (§I-624);
- a Maria-das-Mantas mata meninos aos pares (§I-667);
- a gata recebe ameaças de morte por ter papado sopinhas de mel (§I-713);
- a água não mata a sede quando o amor não se esquece (§I-884);
- quem porfia mata caça (§I-1102);
- mata-se o desejo indo ver a rapariga (§I-1107);
- a erva unha-gata e o cardo beija-mão são o que mata pelo verão, e não a ceifa (§I-1437);
- atira-se à rola no adro (§I-265);
- o pai bateu de tal modo na filha que a poderia ter matado (§I-1720);
- vai-se vindimar a lata para tirar a menina do poder de quem a mata (§I-1745);
- pesca-se sardinha para matar a fome (§I-1884);
- deixar os amores mata (§I-2034);
- detrás da doçura vem uma pena que mata (§I-2213);
- a alma mata-se por quem ama (§I-2674);
- alguém matou o seu amante ao atirar com balas de ouro ao pássaro voante (§I-2858);
- alguém matou a pomba ao atirar com um limão às janelas da moça (§I-2866);
- quando o amor é firme não se mata (§I-4008);
- alguém matou a pomba na eira que ia ser freira (§I-4072);
- atirar e não matar é empregar mal o tempo em amores com alguém (§I-4494);
- os namorados matam-se com beijinhos (§I-4872);
- o rapaz mata-se por fazer com que as moças vão à fonte de prata que fez (§I-5229) – pode ser o S. João (§III-2964);
- quando se dá alecrim a alguém quer-se matá-lo, porque dá-se alecrim aos mortos (§I-5509);
- os olhos castanhos são os matadores (§I-5980);
- ausência da pessoa amada mata (§II-240);
- o amado chora que se mata (§II-826);
- de noite matam os sonhos, e de dia as saudades (§II-954);
- matarão o namorado a tiro se for ao quintal da amada (§II-1198);
- remédios da botica matam (§II-1499);
- o vinho mata as lombrigas (§II-1987);
- a força mata o homem valente (§II-2582);
- se o amante morre é porque é morto pela amada (§II-2931);
- a rapariga não vai à ribeira nem ao chafariz, onde se diz que está um homem que ela matou (§II-3160);

- alguém matou o reitor ao atirar uma laranja à sua janela (§II-3318);
- matam-se os minutos das horas em que não se vê quem se ama com um relógio feito de migalhas de queijo (§II-3369);
- alguém ainda tem unto velho do porco que haverá de matar (§II-3399, §II-4089);
- alguém dará uma salada quando matar o porco (§II-3658);
- reuniu-se uma multidão para matar uma aranha (§II-4127);
- o padre pede a Deus que mate quem o farte (§II-4239);
- médicos e boticários matam as pessoas (§II-4140);
- quem matar a pomba deverá guardar as penas da cabeça, por receio de enlouquecer por mal de amores (§II-4301);
- uma pescada com dragonas queria matar as patronas (§II-4649);
- o fruto que Deus proibiu é ferro que a todos mata (§II-4662);
- o veneno mata (§II-4675);
- matou-se um escarapão que foi comido com feijão (§III-849);
- alguém matou com uma maçã de ouro uma rapariga que estava de sentinela (§III-902, §III-2299);
- matou-se um pato real com uma espingarda de cana (§III-1935);
- depenam-se dois galos (§I-1166), e um pássaro (§III-2614);
- decapita-se o Entrudo (§III-2596) – ele matou um rato (§III-2597);
- pelos Reis está um frio que mata (§III-2667);
- pede-se a S. João um noivo, mesmo que venha a matar e esfolar a mulher (§III-3099);
- as mulheres são para os açougues (§II-3680);
- pede-se a S. Bento que mate o bicho (§III-3315).

Anzol, isco, rede e linha

- mete-se o anzol ao fundo quando se vai aos peixes com um guicheiro (§II-3827);
- pede-se emprestado o anzol ao pescador de água doce para ir às garoupas no mar da Ponta do Sol (§III-2158);
- deita-se rede ao mar para apanhar fataça e tainha (§I-1811);
- pesca-se garoupa de cana no mar (§I-1822);
- com a rede pescou-se um tubarão que trazia a Maria Conceição (§II-3366);
- olhos são anzóis que pescam no mar sem rede (§I-2310);
- comer-se-á a isca e sujar-se-á o anzol a alguém ao nascer e ao pôr do Sol (§I-5067);
- fica-se preso como peixe no anzol quando se vêem os olhos do amor (§I-6016);
- quem se ama eventualmente virá ter às mãos como o peixe vem às redes (§I-843);
- ao nascer da lua no mar pesca-se com a rede a namorada (§I-1895);
- deixam-se as linhas aos velhos para as torcerem quando já da horta brotaram favas e se tomou de amores novos (§I-4026) – torcer linhas é sinal de não ter amores (§II-563);
- com vinte e quatro linhas arranja-se um estremalho para agarrar uma menina como a boga se apanha no cascalho (§I-4390);

- uma rapariga foi ao mar por uma linha, descendo por um cacho de uvas (§II-2654).

Pescador, pescar e amanhar

- pesca-se no mar (§I-646);
- a filha dum pescador de rio caça peixes à cana para dar ao seu amor (§II-1853);
- pesca-se o sustento para os filhos (§I-1880);
- pesca-se sardinha fresca para matar a fome (§I-1884, §II-2047);
- quanto mais bruto se fizer o pescador, mais peixe terá do mar (§I-1894);
- quando as armações chegam carregadas, vem-se já a amanhar peixe na proa (§I-1811);
- o pescador tem barco, redes e sardinhas no mar, e uma mulher que não quer trabalhar (§I-1902);
- o luar alumia os pescadores no mar (§I-3486);
- morrem pescadores no mar (§I-1877);
- o pescador passa uma semana no mar (§I-1788), e só um dia na cama (§I-1789);
- pede-se a N. Sra. da Ajuda pelos pescadores que andam no mar (§I-1848), à Sra. da Piedade (§III-2159);
- deve-se pescar S. Margarida que anda perdida pelo mar (§I-1899);
- a comitiva do rei freta um vapor para andar à pesca dos camarões (§III-2703);
- os homens do mar comeriam as ondas com pão se fossem de requeijão (§I-1898);
- o mar pediu a Deus peixes para andar acompanhado e também pela vida do pescador (§I-2282);
- o pescador não vai à pesca pelo peixe, mas para fazer senha ao amor (§I-2914);
- o rapaz propõe à rapariga irem pescar à praia, sendo ela o peixe e ele o camisinho (§II-1182);
- receia-se que o atum que se pescou no mar possa ser a amada (§I-1822);
- com redes pescam-se amores no mar (§I-1893, §§I-1894-5);
- no mar alguém cairá no laço para se tornar peixinho de outra pessoa (§I-1893);
- o Amor à borda da ribeira pesca com cana corações por brincadeira (§I-2153);
- à roda da saia da filha do pescador atiram-se pedrinhas (§I-2902);
- pede-se a S. Pedro que as trutas peguem na isca da amada, e que dê redes e anzóis e remos para remar nos braços dela (§III-3175)
- S. Pedro deixou a pesca para seguir o Senhor (§III-3173);
- foi grande milagre ter sido S. Pedro pescador e santo (§III-3180);
- S. Pedro deve largar a cana e ir para Cristo (§III-3181);
- os rapazes da Nazaré vão descalços e com camisas às riscas à pesca da sardinha (§II-2221);
- o Alentejo vai ao Algarve buscar muita pescaria, já que nem uma sardinha pesca (§II-4655);
- é lindo ver pescar na praia da Nazaré (§III-1682);
- vai-se ao Lameirão pescar numa lancha (§III-615);
- pede-se ao pescador de água doce o anzol para pescar garoupas no mar da Ponta do Sol (§III-2158);

Barco, batel, armação, navio

- as armações chegam carregadas de sardinha com o amado a amanhar pescadinha na proa (§I-1792);

- é num barco à vela que vem o namorado com a sardinha (§I-1819);
- no navio segue sal para Inglaterra (§II-4672);
- as macharrinhas de armação suscitam paixão (§I-1833);
- em embarcações vai-se na praia de Lagos apanhar berbigões (§III-601);
- um barco leva laranjas da China para as meninas do norte (§III-2339);
- foi-se ao Brasil num navio de carvão (§III-2206);
- a ciranda embarca numa pipa para o Porto (§I-855);
- mais alta que um navio é a salsa verde no mar, simbolizando o apartamento temporário dos namorados (§I-3888);
- o batel do coração voga no mar da tortura para arribar à praia da ilusão tendo por leme a desventura (§I-5839);
- da casca de limão faz-se a embarcação dos olhos para o coração (§I-1835) – da laranja faz o barquinho que embarca o pensamento do amado (§I-5597);
- ao amor que embarcou deseja-se que o mar se torne rosas, o navio num jardim e os mastros em açucenas (§I-3493);
- não há barco que vá à parreira de uvas que está no meio do mar (§II-3464);
- no batel passa o moleiro os namorados sobre o rio (§I-1584);
- da casca da laranja espremida faz-se um navio onde se embarca (§II-3514, §II-3611);
- S. João enquanto embarca e desembarca come uvas (§III-3137).

ANEXO II-8.1 – Anatomia Alimentar

Boca

- a boca é comedeira (§I-725);
- leva-se comida à boca com a colher (§I-474-5);
- quem tem sede põe a boca na fonte (§I-3208);
- a boca fica cheia de marmelada ou de furrica ao acabar uma história (§I-698-9);
- pôr sal na boca de alguém é baptizar (§I-4190);
- prefere-se a boca de quem se ama para beber água do que a panela (§I-3422) ou o copo (§III-222);
- entre namorados a boca vira bica de água que apenas dá mais sede (§I-3426);
- depenicam-se da boca amada beijos como a perdiz depenica seixos (§I-3580);
- pela boca entra o veneno em que se transformou quem se deixou de amar (§-3917, §I-4059);
- boca lava-se com vinho (§II-2010);
- uma noz caiu para a boca de quem dormia debaixo da noqueira e foi engolida (§II-3339);
- deseja-se que alguém fique com a boca rebentada ao comer um figo (§II-4671);
- a boca do morto deve ficar de fora para tomar um café (§II-4206);
- pela boca morre o peixe, tal como um possível amor morreu assim que se foi gabar (§I-5017, §I-5049, §II-2779);
- a boca da terra come pessoas (§II-4611);
- o papão leva o menino para a boca do lobo (§I-437);
- o sapo mete-se na boca da cobra para ser comido (§I-309);
- a raposa leva a caça na boca (§I-1981) – assim como o lobo (§II-2092);
- a hóstia coloca-se no céu da boca (§II-4309);
- a boca divina do Senhor está cheia de fel amargoso (§III-2736);
- o menino Jesus tem uma boquinha sem fel (§III-3648), de marmelada (§III-3666), requeijão (§III-3681), sangue e leite (§III-3682);
- a amada tem boquinha de açúcar e mel (§I-2623);
- o preto anda com o seu charuto na boca (§III-2086, §III-2091);
- a maçã ainda solteira não se quer abocanhada (§II-3126);
- pede-se da boca um beijo como um bocado da fruta que a amada come (§I-4893-6);
- a boca da amada enquanto come pão e queijo pode virar pistola que atira com um beijo (§I-4920);
- a boca não se enfada de beber na fonte defronte do amor (§I-5198);
- boca é a cestinha de beijos que são morangos (§I-5653);
- boca é um jardim, e cada dente um cravo (§I-6149);
- alguém tem beijos de apanhar farelos (§II-4024);
- na boca dos homens as falas de amor são favos de mel (§II-2739);
- quem tem boca vai a Roma (§I-614);
- a expressão andar ou cair nas bocas do mundo ganha uma dimensão alimentar quando acompanhada da queda da laranja (§II-3124);

- o saco das cantigas tem uma boca que se desata (§I-100);
- nas bocas das moças da Carvalha cabe um pão de vintém cada vez que se abrem (§III-328);

Dente

- bebe-se ou come-se o que vai para a cova dum dente (§I-597);
- a galinha é passada pelos dentes para a barriga (§II-2045);
- certo abade tem um dente muito inteligente para beber aguardente (§I-632);
- alguém tem dentes de milho miúdo (§I-5683) ou de cravo (§I-6153);
- deseja-se ser o primeiro a ferrar o dente no pão que se vai cozer (§II-1935);
- a sogra dá uma dentada ao genro antes do casamento (§III-2819);
- dor de dente inibe cantoria e leva a procurar alívio na taberna (§II-1991-3);
- criar ferrugem nos dentes é passar fome (§III-661);
- deseja-se mal pelos dentes e saúde nos dentes (§III-2994);
- caem os dentes com água fria e castanha quente (§II-4331);
- os dentes das formigas e dos ratos roem sacos e cortam livros (§I-86-7);
- os moços de Vieiros quando comem com os porcos quebram as pias com os dentes (§III-1299).

Língua

- numa venda, trocar-se-ia uma língua de vaca moirisca pela cidade de Coimbra (§I-588);
- deixa-se a língua de fora do enterrado para beber um copo (§II-1972);
- alguém gostaria de pôr pimenta na língua da menina que escarmenta (§II-3273).

Barriga

- é na barriga que vai parar a comida (§II-2045, §III-3911);
- dói pela fome (§II-3344) – então não se canta mais (§I-1155);
- dá estalos quando tem fome (§I-1754, §II-2021, §II-3767);
- a barriga está vazia quando a tigela ainda está cheia (§I-652);
- na noite das janeiras anda a barriga vazia (§III-2645);
- comer bolo faz doer a barriga (§II-2030);
- barriga cheia tira o medo à fome (§II-3352);
- enche-se a barriga de uvas (§I-620);
- pede-se ao Sr. do Cando que encha a barriga para se acabar com a festa (§III-3317);
- regala-se a barriga comendo um homem (§I-613-4);
- deseja-se ter sete barrigas quando se vê vinho puro (§II-1987);
- o encanto para o namorado está ao fundo da barriga (§I-1136);
- anima-se a barriguinha dizendo-lhe que já se acendeu o forno (§II-2030);
- as nozes podem ser barrigudas (§I-620);
- o cão terá barrigada porque morreu um chibo (§I-879).

Estômago

- dói com lazeira por causa do boleco da padeira (§II-3348).

Tripas

- revolvem-se quando se vê o amado (§II-3969);
- comem-se tripas cozinhadas (§§I-777-84);
- vendem-se tripas de vaca (§I-588);

ANEXO II-8.2 – Dimensão Literária da Alimentação

- **rosto** de amêndoa branca (§I-3094), de jasmim florido (§I-6156);
- **cabeça** de boi bravo (§II-3694), de vinho (§I-712);
- **cara** de cereja e limão (§I-973), de maçã (§III-3488), de leite coado (§I-2532), de porca (§II-3956), de chafardel (§I-474), de sardinha crua (§II-3727) ou frita (§I-1079), de faneca ratada pelos ratos (§II-4067), de ouriço (§III-309);
- **barbas** de chibarro velho e galinha choca (§II-3733), de raposo (§III-3102), de peneireiro (§I-4586), de farelo (§III-2653);
- **olhos** de verde limão (§I-5698), de amora preta (§I-3094), de azeitona preta (§I-5968), de milho miúdo (§I-5380), de pau preto (§I-5683), de coelho manso (§I-2824), de touro moreno (§II-3694), de porco montês (§III-3268), de caçadora (§I-2590);
- os **olhos** são duas azeitoninhas (§I-6022), marmelos (§II-4024); confeitos (§I-6017), bagos de pimenta (§I-6019), trigo na eira (§I-6026), sardinhas fritas (§II-3969), dois peixes (§I-5999), bichinhas vivas (§I-6023);
- **boca** de pampilo choco (§II-3726), de charroco (§II-4024);
- na **boca** um jardim, e um cravo em cada dente (§I-6149);
- **beijos** de apanhar farelos (§II-4024);
- **bigode** é poleiro de passarinhos (§II-2260);
- **dentes** de milho miúdo (§I-5683);
- **nariz** abatado (§III-3268), de pau preto (§I-1171);
- **pernas** de galo assado (§I-4731) – o abade vira galo ao sair da capoeira a cantar (§II-3524);
- faz-se da **mão** colherão, colherinha e colhereta para remexer as papas (§I-726);
- **gargalo** de ametolia (§II-3733);
- **andar** de rola (§I-5692); passos miúdos como a folha do poejo (§I-5652) ou do codesso (§I-5666);
- **cor** de cereja-soldar (§I-1952) ou cereja madura (§III-3425), de limão (§I-5782), de leite (§II-4074).

ANEXO II-8.3 – Comparações e Metáforas

Termos carinhosos e insultuosos

- pé de cereja (§I-231), de ginja (§II-3738), de cabra (§I-5784);
- molhinho de açucenas (§I-6156);
- amor-perfeito (§I-2100);
- cereijinha (§I-4498);
- moreninha da cor do alvarelhão (§I-4499);
- pera podre (§I-4503), pera parda (§II-2025);
- guardanapo de estalagem (§I-4517);
- calcanhar de frigideira (§II-4017);
- pinto choco (§I-3736);
- pintainho de vintém (§II-2956);
- porca (§II-4063);
- migalhas (§II-4064);
- padeiro sem farinha (§II-4066);
- papa-açorda e alimpa barranhões (§II-3731).

Comparações e metáforas

Amor

- o peito é a enxertia onde se enxerta o amor (§I-2286);
- os amantes enxertar-se-ão um no outro ligando palma com palma e o coração à raiz da alma (§I-3155);
- semeia-se a terra lavrada do coração com os desejos que se têm de se falar com quem se ama (§I-3498);
- o amor é doce porque Cupido criou-se com doce (§I-2114);
- o amor é uma tigela, uma colher de pau e uma mistura de batatas e bacalhau (§II-3469);
- o amor velho é como o pombal vazio (§I-2240);
- o amor é como o feto que nasce viçoso e logo se seca (§I-2244);
- os amores da azeitona são como o tremçoço (§I-1736);
- amores de Além-Mondego são como fruta sombria que não tem gosto (§III-1962);
- os amores ao pé da porta são como os pintos de inverno (§I-2072);
- as pombas ao nascer dão beijinhos, como os amores quando estão sozinhos (§I-4885); o amor abraça corações (§I-2401) – a chama do amor é violenta (§III-2970);
- retalha-se o coração como o marmelo (§I-5794);
- lança-se fogo a certo lugar com um açafate de rosas sendo o coração o tojo (§III-284);
- tem-se alguém pelo pé como o limão (§I-4188);
- alguém não caiu na rede da fonte onde se lhe tinha feito um laço (§I-2436);
- armam-se laços no caminho da igreja para caçar raparigas pelo pé como à cereja (§I-4360);
- como se agarra o perdigão no laço: assim se agarrará uma menina (§I-4338);
- montar-se-á um laço para alguém cair nele ou tirar-se-lhe a vida (§I-4359);

- arma laço suficiente para oito passarinhos quem anda hesitante acima e abaixo (§I-2679) – podem ser pintassilgos (§II-3706).

Mulher, rapariga e solteira

- o moço é trigo limpo e a moça suja cevada (§II-4065);
- o amor da mulher é como o da galinha (§II-4118);
- o coelho é como a moça solteira (§I-2264);
- as raparigas de Revordelo são como cabras novas (§III-1071);
- a morena é o morangal dos desejos: a boca é a cestinha e morangos são os beijos (§I-5653);
- a amada é como a tangerina que apodrece de madura: por fora beleza e por dentro doçura (§I-5693);
- o pessegueiro é triste quando sem flor como as raparigas quando sem amor (§I-2291);
- oliveira verdeal não medra em terra fria como a menina casada fora da terra (§I-2305);
- cama sem rapariga é como o caldo sem pão (§I-3633);
- a maçã na macieira tilinta como o namorado à beira da rapariga (§I-5160);
- a açucena bandeia-se ao pé da água como a solteira quando se penteia (§I-5700);
- a azeitona pequena é como a moça bonita (§II-2540);
- as raparigas de agora são como a pera pigarça (§II-3771);
- a oliveira da serra é batida pelos ventos, como a solteira é perseguida de amores (§I-2035);
- o medronheiro é triste enquanto sem flor, como as raparigas quando sem amor (§I-2284) - tal como o pessegueiro (§I-2291);
- a castanha resta grave no ouriço como a solteira na flor da idade (§II-2542);
- a laranja, que nasce com a casca dura, é como a solteira, que ao andar se apura (§II-2555);
- se os beijos espigassem como o alecrim as raparigas tinham a cara como um jardim (§I-4964);
- certa rapariga é direita como um anzol (§II-3759);
- como a amoreira fica sem folha: sem rapaz ficará aquela que se gaba (§I-4398);
- certa rapariga é apalpada por todos como o figo na figueira (§I-4533);
- uma moça não é como a figueira que dá fruto sem flor (§I-4610);
- a rapariga que deixou o rapaz não quer ser como a rola que morreu ao desamparo (§I-5062);
- é-se triste como a folha do limão (§I-5336), e como a flor do marmelo (§I-4504);
- é-se clara como a água: leal a todo o mundo e por todo o mundo falseada (§II-770);
- é-se corada como a palmeira (§I-4533), e como a cereja (§I-5635);
- é-se clara como o leite (§I-4533);
- as mulheres enfiadas na agulha parecem as éguas velhas na debulha (§II-3899);

Homem, rapaz e solteiro

- o namorado aguarda à porta por uma resposta como um feixinho de lenha (§I-2806);
- o rapaz anda atrás da rapariga como a pera atrás do ramo (§I-4723);
- o amado está junto à rosa como um cordeirinho pelo receio de lhe picar um espinho (§II-2979);
- fala-se com uma rapariga como a flor da ervilha (§II-1647);

- as palavras do amado são como cerejas belas (§I-6126);
- laranja e tangerina são doces com a casca amarga, como o amor dos homens, que logo se acaba (§I-2029);
- como a água deixa a fonte: o rapaz abandonará a menina (§I-4354);
- o caracol é vadio como o solteiro (§II-2761);
- a cobra desaparece no rosmaninho como o amor dos homens se desconhece (§II-2544);
- o alecrim à borda da água bandeia-se como o solteiro quando namora (§I-2056);
- o lobo quando tem fome é como o rapaz enamorado (§I-2276) - os homens são como os lobos (§II-3963-4);
- os rapazes de agora são como os figos corigos (§I-4055), ou como os ouriços chochos (§II-3780), ou como o pão bolorento (§II-3783);
- o rapaz que foge das moças como lobo das ovelhas leva pancada da mãe (§I-3655);
- o amor dos homens é bom mas dura pouco, como a galinha quando no choco (§II-3885);
- o amor dos homens é como o fermento que ao oitavo dia fica bolorento (§II-3886);
- a morte do marido é como a do alguidar (§II-4167);
- o senhor da casa quando põe o chapéu na sala parece um manjerição (§III-2655);
- certo compadre é magro como um carapau (§II-3471);

Diversos

- quem nasce sem ventura é como o prato quebrado que se atira para a rua (§II-464);
- pelo nascer e pôr do sol comer-se-á a isca de alguém e sujar-se-lhe-á o anzol (§I-5067);
- Gradiz é como o pão da padeira (§III-544);
- o Algarve é cheio como um ovo (§II-4655);
- murta é dor (§II-2916);
- beldroegas são ciúmes (§II-2917);
- couves são arrependimento (§II-2917);
- salsa verde na parede é sinal de engano (§I-2367);
- malva roxa significa paciência (§II-140);
- cravo roxo significa sentimento (§II-2914);
- hortelã, salsa e goivos significa esposados (§II-2920);
- alfádega é saudades (§II-2917);
- silva é prisão (§I-946);
- lírio roxo é sinal de apartação (§I-946);
- a arruda pelos valados é a pouca dura dos arrufos dos namorados (§II-2929);
- far-se-á uma ausência como a flor do saramago (§II-183);
- corta-se amorosamente na vida a alguém como a tesoura na roupa (§II-3222);

Símiles

- como uma azenha anda e outra desanda dentro do peito: assim é o bem-querer (§I-2383);

- como o alecrim se torce com o vento: assim o amado tosse quando passa pela namorada (§I-2936);
- como a folha da oliveira estala no lume: assim o coração quando não fala com o seu amor (§I-3102);
- como os pratos na prateleira tilintam: assim o rapaz quando junto da amada (§I-5112);
- como a amora nasce da silva: o amor nasce da alma (§I-2033).

ANEXO II-8.4 – Canto, Fala e Palavra

Cantar e cantiga

- os janeireiros cantam por comida (§II-2060);
- alguém canta na noite das janeiras com a barriga vazia (§III-2645);
- enquanto se cantam as janeiras abre-se o saco para encher de comida e esmolos (§III-2650);
- canta-se para se pedir os mimos da consoada (§III-2655) – galinhas, capões, salpicões (§III-2665), carne, vinho, passas e figos (§III-2674), unto (§III-2687);
- pode-se descartar o que se cantou quando não se recebe nada pelos Reis (§III-2699);
- no dia de Todos os Santos canta-se e pede-se o pão por Deus: passas de uva, figos secos, castanhas e nozes (§III-3576);
- canta-se à porta do prior para receber as alvissaras: passas para as mulheres e vinho para os homens (§III-2738);
- metem-se as cantigas num grão de centeio (§I-1076), de cevada e trigo (§II-3734), num forno frio ou quente, e no assadeiro (§I-1077);
- tem-se um costal de cantigas para desatar (§I-12);
- sabe-se um saco de cantigas, uma taleigada (§I-36), uma cesta pelo arco (§I-37), um guardanapo (§I-100), uma rasa cheia (§I-1157);
- ratos e formigas roeram os livros das cantigas (§I-81, §§I-86-7);
- o gargalo da ametoila relaciona-se com o canto (§II-3733);
- a laranja que nasce com a casca dura é como cantigas para quem murmura (§II-3125);
- a voz de alguém que canta vale um alqueire de farelo (§II-4039);
- a rapariga ao cantar para a parede acabou por enredar um peixe (§II-3079);
- o errar duma cantiga é como o errar do caçador (§I-55, §I-82);
- alguns pensam que saber cantar é comer leite com bolo (§I-89);
- sabem-se cantigas vermelhas e amarelas (§I-40);
- a perdiz enquanto canta fica presa na enxó (§I-251);
- canta o coelho em Cima do Douro (§III-1927);
- o cuco canta na laranjeira (§I-261);
- o rouxinol canta no laranjal (§I-255);
- o rouxinol ao cantar põe o pé na manjerona dando vivas ao alecrim (§I-281) – pode pôr os pés no alecrim (§I-285), na madressilva (§I-287);
- o papagaio ao cantar no jardim põe um pé na laranjeira e outro no alecrim (§I-290);
- ouviu-se de noite cantar uma truta (§I-3439);
- a cotovia canta ao pé da amoreira (§I-4134);
- ouviu-se cantar o cuco dentro duma maçaroca (§II-3425);
- o galo é um cantarista que se depena (§I-1166);
- galos e galinhas passam a vida a cantar no galinheiro (§II-459);
- o abade é um galo que canta ao sair da capoeira (§II-3524);
- alguém sabe cantar tão bem como se mungem as galinhas (§II-4068);

- pita que canta quer galo (§III-2869);
- certo galo preto romano canta no campanário de S. João de Malta (§III-3093);
- a Sra. da Lapa tem um galo no sino que canta à meia-noite para acordar o Verbo divino (§III-3287) – o da Sra. da Veiga não o acorda mas recorda-o (§III-3565);
- canta-se para dar gosto (§I-1208, §I-1229);
- canta-se uma cantiga enquanto a fome não passa (§II-2080);
- quer-se cantar porque a tristeza nunca deu de comer a ninguém (§I-1256, §I-3371);
- quando se está doente de amor, o canto do rouxinol não é grato (§II-215);
- não se acompanha no canto porque dói a barriga (§I-1155);
- dor de dente inibe o canto (§§II-1991-3);
- sem vinho não se canta (§II-2013);
- o vinho faz cantar bem (§II-1953, §§II-1999-2003) – quando forte faz cantar (§II-2018);
- lima-se a garganta com uma lima para cantar como a rola (§I-1249);
- comer marmelada faz cantar bem (§II-2059);
- bebe-se a tamarga para cantar (§I-1171);
- quer-se beber água para cantar de seguida, como faz o rouxinol (§I-1200);
- beber água de outra fonte muda o cantar (§I-6123);
- beber água de amores muda a fala (§I-1173, §I-6131);
- quem bebeu água do Tejo já não consegue cantar (§III-1992);
- o remate da cantiga foi à fonte (§III-3843), ou à vila buscar os temperos para a galinha saber bem (§III-3845);
- a fonte velha nunca perde o cantar de menina (§II-4414);
- dá-se de mamar enquanto se canta (§I-320);
- canta-se ao pé da laranjeira (§I-1112);
- canta-se enquanto se rega o milho (§I-1083);
- o pastor canta (§I-1179, §I-1630);
- o taberneiro canta na taberna (§I-1186);
- o lavrador canta no alto da serra (§I-1552);
- a moleirinha canta (§III-1853);
- canta-se aos amos ao jantar e à ceia (§I-1269);
- canta-se na malha e enquanto se amassa (§I-2015);
- canta-se pelo S. Martinho (§II-1996);
- canta-se na britada dos pinhões nos Barreiros (§III-218);
- a filha da saloia quer cantar à saloia (§III-2055);
- quem se criou com uma mãe vareira só sabe cantar a moda chamada vareira (§I-1223);
- Jesus pelo Natal canta a missa nova com o cálice (§III-2664);
- por bondade divina os homens rezam orações para se livrem de pestes e fomes (§III-2429);

- amor é uma palavra doce (§I-2517);
- não há palavra mais doce do que *amor do meu coração* (§I-2516);
- *Maria da Conceição* é palavra doce (§I-5885);
- as palavras do amado são como cerejas (§I-6126);
- os homens têm doce falar e favo de mel na boca, mas rosagar no coração (§II-2739-41);
- dão-se falas de doçura às moças para as enganar (§III-3911);
- quando falam em doce à rapariga, logo se lhe lembra o nome de José (§I-5367);
- as falas do amado são mais doces que o açúcar (§I-6120);
- a Virgem ao nascer o Menino chamou-o de bago de oiro (§III-3630);
- a palavra ou fala com doçura é um condão que Deus deu ao ser humano (§III-3911);
- a fala outrora soava docemente (§I-6138);
- o segundo sentido é ouvir as doces expressões que fazem ternos e doces os corações mais duros (§I-2421);
- ao amor entendido meia palavra basta (§I-2152);
- ao ouvir o amado falar a rapariga quebrou o cântaro na fonte (§I-5203);
- as águas das bicas da Dorna da Guarda lembra as falas que o amor dizia (§III-573);
- era água de passagem a fala que uma rapariga dava a certo rapaz (§I-4517);
- como se pede à pinha um pinhão: pede-se ao amor uma fala em troca do coração (§I-6144) – também se pede pera à pereira e amora à amoreira (§II-1308);
- como a rapariga pediu água e recebeu vinho ao passar pela porta do amado: deverá o amado falar quando passar pela porta da amada, já que esta não adivinha (II-1994);
- a mãe ralha à filha por dar falas ao loureiro (§II-1485);
- se a oliveira falasse falaria dos amantes que encobriu (§I-3034);
- a cozinheira deixa a cozinha para ir falar com os rapazes (§I-1459);
- o pastor deixa o gado na erva para ir falar com o seu amor (§I-1639);
- semeia-se a terra lavrada do coração com os desejos que se têm de se falar com quem se ama (§I-3498);
- como o peixe morre pela boca: assim se deveria ter calado o rapaz da fala que lhe dera a rapariga (§I-5017, §I-5049);
- como o manjerico rescende: não se pode tapar a boca a quem fala (§II-3198);
- ouvir alguém falar enquanto se come pode engasgar (§II-3657);
- falar muito faz sede (§II-2708);
- a aguardente temperada faz a fala fina (§I-6122);
- bebe-se a cardina para se ter melhor fala (§II-4309);
- tira-se o fastio que alguém tem de falar com um limão vindo da China (§III-2340);
- restitui-se a fala a alguém dando-lhe um pão de rala (§II-3584);
- comida azeda enrouquece – mas não tanto como falar ao amor (§I-6148, §I-6132, §II-4330);
- o cigarro serve de alcoviteiro para falar às moças (§II-2273);
- para que um enterro seja bem falado deve haver peixe frito e salada (§II-4648).

ANEXO II-8.6 – Etimologia Alimentar

I - Topónimos

Animais

- Adão-Lobo
- Carneiro
- Cerveira: cervo
- Côa: porco ou javali
- Columbeira
- Lobo (Lapa do L.)
- Manadas
- Mexilhoeira Grande
- Pocariça: curral de porcos
- Porco
- Perdigão (Quinta do P.)
- Ral: rã
- Vieira
- Zebreira: zebro

Cereais

- Abrantes: branza (palha de milho)
- Alpalhão
- Milhundos
- Monte Trigo
- Palhais
- Panóias: pão
- Peso (Val' do P.): penso (para animal)
- Sarnadinha: seara
- Trigueirais
- Verdemilho

Frutos e árvores de fruto

- Abrunhosa: abrunho
- Aldeia de Lima
- Amarante: amaranto
- Ameixoal
- Amendoeira
- Armação de Pera
- Avelãs
- Azambujeira
- Azeitão

- Bogalhos
- Carrascal
- Carrasqueira
- Carvalha
- Carvalha Alta
- Carvalhal
- Carvalhido
- Castanheira
- Castelo de Vide
- Chã da Aveleira
- Figueira
- Figueiró
- Figueiros
- Landal
- Landre
- Macedo: macieiras
- Maceiradão
- Mazedo: talvez de macieira
- Melgaço
- Melides
- Mértola: mirtilo
- Moreira
- Olivais
- Oliveira
- Oliveirinha
- Olivais
- Olivença
- Pereiro
- Pinhão
- Pinheirinho
- Pinheiro
- Pinhal Novo
- Pinheiro
- Pinheiros
- Pinhel
- Pinha (Além da P.)
- Pomar
- Sobreira
- Sobreiró

- Val-Maceiras

- Zambujeiro

Líquidos

- Águas Boas
- Anadia: fonte natural
- Borba: talvez fontes termais
- Couço: cálice (levada de água para o moinho)
- Caldas
- Fontainhas
- Fonte
- Fonte-Fria
- Fonte Redonda
- Fonte Santa
- Fontelas
- Fontinha
- Machede: reservatório
- Milfontes
- Pias: cisterna
- Pipa (Fonte da P.)
- Poço de El-Rei
- Ul: água
- Vinhó

Plantas

- Algoz: alecrim
- Aljustrel: talvez de giesta
- Ameal: amieiro
- Amieira
- Argozelo: rosmaninho
- Arruda
- Azinhal
- Baraçais: baraço
- Barca da Amieira
- Cabaços
- Cardosa
- Cebolais de Cima
- Charneca
- Choupal

- Ervedal
 - Ervilhais
 - Faial
 - Felgueiras: feto
 - Folgosa: felgas
 - Freixeiro
 - Freixo
 - Horta do Vale
 - Lentisciais
 - Ligares: azinhais
 - Linhares: cultivo de linho
 - Lodão das Ramadas
 - Loredo: loureiro
 - Loureiro
 - Lourosa
 - Malveiros
 - Margedo: prado
 - Medas
 - Murteira
 - Murtosa
 - Nabais
 - Palma
 - Rabaçal
 - Rabaceira
 - Salgueiro
 - Salgueirais e Salgueiral
 - Salgueiro do Campo
 - Salzedas: salgueirais
 - Sarzedo: salgueirais
 - Soutelinho
 - Souto
 - Teixeira
 - Tojeira
 - Tramagal: tramaga
 - Tregosa: torga
 - Trouviscal
 - Urgueira
 - Vidigueira: agnocasto
- Profissões**
- Açougue (bairro)
 - Brandeiro
 - Cambeses: camba
 - Carvoeiro
 - Jugueiros: jugadeiro
 - Merca-tudo (rua)
 - Mó (Vale da M.)
 - Moinhos (rio de M.)
 - Mós (Vila de M.)
 - Oleiros (bairro)
 - Pastoria
 - Pesqueira
 - Soeira: porqueiro
- Topografia**
- Alqueve: alqueive
 - Alto das Eiras
 - Calvão: terra por cultivar
 - Eiraqueimada
 - Fajã: terreno cultivável junto ao mar
 - Gelfa: pastagem
 - Granja
 - Margeira: prado
 - Olhalvo: olhalva
 - Prados
 - Raposeira: pastar
 - Varge: várzea
 - Veiga: planície fértil
- Comida**
- Alcácer do Sal
 - Cabeça Gorda
 - Dagorda
 - Delgada
 - Fermentelos
 - Lardosa
 - Malhapão
 - Machede (reservatório de água)
 - Manteigas
- Mamarrosa
 - Sanguinhal
 - Tripeiro
- Diversos**
- Aivados: alvado
 - Barril (lugar do B.)
 - Caldeira
 - Cambeses: camba (mó manual)
 - Cantarinho
 - Cortiço
 - Cuba
 - Fornos
 - Gamelas
 - Matança
 - Pederneira
 - Tinalhas: tina (de vinho)
- II - Nomes e apelidos**
- Plantas**
- Alcachopa (Sra. da A.)
 - Farrobeirão
 - Limoeiro
 - Loureiro
 - Margarida
 - Murtinha e Murtinho
 - Oliveira
 - Oliveira (N. Sra. da)
 - Palheirinho (Senhor do P.)
 - Palmela
- Animais**
- Cabral e Cabrais
 - Cabril
 - Coelho
 - Pinto
 - Pombal
 - Pombinho
- Objectos**
- Gadanha

- Pipa (alcunha)

Diversos

- Enxara (Sra. da E.)
- Fonte
- Horta
- Remédios (N. Sra. dos R.)
- Remexido
- Sanguinheira (Sra. da S.)
- Vinha

III - Cores diversas e outros

- Açafão (cor de a.)
- Acastanhados
- Ameixa (cor de)
- Castanho
- Cereja (cor da c.)
- Cor (de mel)
- Encarnada
- Lima (cor de l.)
- Limão (cor de l.)
- Mel (cor de m.)
- Melina (fonte m.)
- Ramalhudas (sobrancelhas)
- Repolhudo (manjerição)
- Trigueiro, trigueirão e
trigueirinha
- Uvas (cor das u.)
- Vinho (cor de v.)

Anexo II-8.6.1 – Ocupações e Verbos

Ocupações relativas a alimentos

- | | | |
|------------------------------------------|-------------------------------|-------------------------------------------------------------------|
| • (Açougue) | • Magano (e maganaria) | • Antecolher (colhido antes do tempo) |
| • Aguaheiro (a) | • Maltês (malta e maltesaria) | • Apalpar (fruta) |
| • Bagaceiro (do azeite) | • Mulateiro | • Apanhar (cavaquinhas, ervas, fruta, beijos, peixe, borracheira) |
| • Caçador | • Oleiro | • Aparar (ramo de alecrim) |
| • Dispenseiro (leva o saco nas janeiras) | • Paliteiro | • Apagar (sede) |
| • Fernejeiras (?) | • Paneleiro | • Apodrecer |
| • Forno | • Pastor e Pastorinha | • Apregoar |
| • Leiteira | • Pegureirinha (guarda-gados) | • Armar (laços para caçar) |
| • Moleiro (a) | • Porcariço e porqueiro | • Arrancar |
| • Padeiro (a) (e padaria) | • Quinteiro | • Arrebentar (do chão) |
| • Pasteleiro | • Regateira | • Arrecolher |
| • Pescador | • Rendeiro | • Atacar-se (de limões) |
| • Sardinheira | • Sachadeira | • Atar (molhos) |
| • Tabaquista | • Segadeira | • Atirar (balas, fruta) |
| • Taberneiro e vendeiro(a) | • Tricana | • Aviar (dar de comer/encher a barriga) |
| | • Vareira e varina | • Basar (por vazar) |
| | • Varejador e varejeiro | • Bater (enquanto se cozinha b. no caldeirão) |
| | • Vencelheira | • Beber |

Outras ocupações

- Alforgeiros
- Almocreve
- Apanhadeira
- Boieiro (a)
- Cabaneiro (a)
- Cabreiro
- Camponesa
- Cardanheiro
- Carvoeiro
- Cavador
- Ceifador
- Corticeiro
- Criado(a) (de servir)
- Ganhão
- Guarda-porcos
- Jornaleira
- Hortelão(oa)
- Hoteleiro
- Lavrador
- Loiceiro

Verbos

- Abanar e embanar (fruto da árvore)
- Abastecer (mesa)
- Abocanhar
- Abrasar (sede)
- Acender
- Acoalhar (em sal a água do mar)
- Acrescentar (levedar)
- Adocicar
- Adubar (temperar)
- Aferrar (o dente)
- Amadurar
- Amarelejar (amadurar)
- Amansar
- Amassar
- Andar a algo (café, farinha, carvão, ervas, sardinha)
- Botar (sal, água ao vinho)
- Buscar (água)
- Caçar (peixe, lebre)
- Cair (de madura)
- Cantar (os Reis)
- Cavacar (cortar em cavacos)
- Cavar (terra)
- Cear
- Ceivar
- Chamuscar
- Cheirar (a algo – a comida)
- Chocar (ovos)
- Chupar (sumo à fruta)
- Coar
- Colher e acolher

- Comer
- Comprar (ovos, cigarros)
- Comungar
- Corar (amadurar)
- Correr (agua da fonte)
- Cortar (tabaco, cebola, nabos, carne)
- Cozer (no forno)
- Cozer (na sertã)
- Cozinhar
- Crescer (levedar)
- Criar
- Curar
- Dar (comida, d. de beber)
- Dar (gosto)
- Dar (socos na farinha)
- Dar (malhar)
- Dar (a terra d. pão)
- Deitar (atirar-se)
- Deitar (fora)
- Deitar (temperar)
- Deitar (chouriça na couve)
- Depenar
- Depenicar
- Derramar (sangue)
- Derreter (sal)
- Desfarinhar
- Despejar (escorropichar)
- Destilar
- Dispor (semear)
- Dizimar (renda)
- Encher-se (de comida)
- Encher (o púcaro de água, o papo, morcelas)
- Endoidecer (vinho)
- Enfarinhar
- Engarrafar
- Engolir
- Engordar
- Ensaboar
- Enxertar
- Escorrer (vinho da pipa)
- Esgalhar
- Espigar
- Esfoliar
- Estar (no fogo)
- Estilar (destilar)
- Fartar
- Fazer (doce, biscoito, fermento, papas, pão, vinho, cigarros)
- Fazer (f. algo em azeite)
- Ferir (lume)
- Fernejar (?)
- Ferver (panelinha)
- Ferver (massa)
- Ferver (vinho)
- Fritar
- Florir (antes de virar fruto)
- Fumar
- Galar
- Ganhar (o pão)
- Gostar (saborear)
- Governar-se (g. com sardinha)
- Grelar
- Guardar (a vinha)
- Guardar (sopa, trigo,)
- Impregnar (pimenta na língua)
- Ir (ao café, ginja, fonte, erva = andar e mandar, à mesa - vai)
- Jejuar
- Lavar (loiça)
- Lavrar
- Levantar (mesa)
- Levar (a bilha à fonte/moinho)
- Levedar
- Limar (garganta)
- Malhar
- Mamar
- Manter (mantimento)
- Mantigar (mitigar a fome)
- Matar
- Mercar
- Merendar
- Meter (no forno, no assadeiro)
- Mexer (papas)
- Migar
- Misturar (fermento e pão)
- Moer (sal)
- Mungir
- Moer (moinho)
- Moleirar
- Molhar (garganta)
- Morrer (de fome, sede) e Morto (porco)
- Nascer (água, fava)
- Ougar (a videira)
- Papar
- Parir
- Partir (laranja, bacalhau)
- Passar (ficar em passa)
- Passar (fruta demasiado madura)
- Pastar e apastorar
- Pedir (pão)
- Pegar (uvas)
- Pegar (as trutas na isca)
- Peneirar
- Penicar (o frango)
- Perder-se (o pão/seara: estragar-se)

- Pesar
- Pescar
- Petiscar
- Pilhar
- Piar
- Picar (sal)
- Picar (fruta)
- Pisar (uva)
- Pisar (p. açucena para dar de beber)
- Plantar
- Pôr (de molho)
- Pôr (a mesa)
- Pôr (ovos)
- Prantar (aguardente na candeia)
- Prender (no anzol)
- Provar (comida)
- Quebrar (loiça)
- Queimar (a pimenta q.)
- Queimar (tratar doença)
- Recolher (colher)
- Rasmalhar (ouvir r. o ovo)
- Raspar (vinha)
- Ratar
- Rebuscar
- Recolher
- Refinar (aguardente)
- Refrescar (com bebida)
- Regalar (a barriga)
- Regelar
- Regar
- Remexer (papas)
- Render (a azeitona r. azeite)
- Rescender
- Respigar
- Retalhar e Arretalhar
- Rilhar
- Roçar (uma vasilha com ramos)
- Roer
- Rolar (pão)
- Saber (bem)
- Sachar
- Salpicar
- Sarar
- Satisfazer-se (de comida)
- Secar (fonte)
- Secar (ervas)
- Semear
- Servir (à mesa)
- Servir (o trigo s. a N. senhor)
- Sobraçar (púcaro)
- Sustentar
- Talhar (curar)
- Talhar e arretalhar (azeitona)
- Tapar (sopa)
- Temperar
- Tender
- Teta (dar a t.)
- Tirar (fruta da árvore, água)
- Tirar (fastio)
- Tomar (café, maná)
- Tosquiar
- Trazer (água)
- Turvar (vinho)
- Untar (com sebo ou unto)
- Varar e varejar
- Varrer (forno)
- Vazar
- Vender (comida)
- Verdegar
- Verter
- Vindimar

ANEXO III-1 – Lista Completa Géneros Alimentares

n. ordem	tipo	nome	n. ocor.
1	LÍQUIDO	Água	284
2	ANIM. TERR.	Pombas	271
3	ARV. FRUTO	Oliveira	200
4	LÍQUIDO	Vinho	188
5	CEREAL	Pão	184
6	ANIM. TERR.	Galináceo	168
7	FRUTO	Limão	151
8	ARV. FRUTO	Videira	135
9	ARBUSTO	Loureiro	119
10	ARV. FRUTO	Pinheiro e outros	118
11	FRUTO	Laranja	113
12	ANIM. TERR.	Caprino e ovino	108
13	ANIM. TERR.	Bovino	99
14	DIVERSO	Peixe	98
15	ARBUSTO	Alecrim	90
16	FRUTO	Castanha e ouriço	83
16	CEREAL	Trigo	83
17	FRUTO	Azeitona	82
18	FRUTO	Uva, cacho, bago	80
19	ERVAS	Salsa	71
20	ARV. FRUTO	Laranjeira	69
21	FRUTO	Maçã	67
22	FRUTO	Pera	66
23	ANIM. TERR.	Rola	65
24	CEREAL	Milho	61
24	FRUTO	Pinha e pinhão	61
25	LÍQUIDO	Leite	57
26	PEIXE	Sardinha	53
27	FLOR	Açucena	51
28	FRUTO	Figo	50
29	ARV. FRUTO	Castanheiro	48
30	FRUTO	Cereja	44
31	ARV. FRUTO	Figueira	42
32	FLOR	Lírio	40

33	ANIM. TERR.	Porcino	38
34	FRUTO	Amora	36
34	ARV. FRUTO	Limoeiro	36
35	LÍQUIDO	Aguardente	33
36	DIVERSO	Azeite	32
36	CEREAL	Farinha	32
36	ARBUSTO	Murta	32
37	DIVERSO	Mel, abelha, cortiço, favo	31
38	FLOR	Malva	30
39	FLOR	Amor-perfeito	27
40	ARV. FRUTO	Amendoeira	26
40	FRUTO	Bolota	26
41	HORTA	Couve e berça	25
41	FRUTO	Lima	25
42	ARV. FRUTO	Carvalho	24
42	CEREAL	Centeio	24
43	ARBUSTO	Giesta e tojo	23
43	ERVAS	Rosmaninho	23
44	HORTA	Abóbora	22
44	ARV.	Amieiro	22
44	ANIM. TERR.	Perdiz	22
44	ARV.	Salgueiro	22
45	ARBUSTO	Tomilho serpão	21
46	ANIM. TERR.	Coelho	20
46	ANIM. TERR.	Galinholá	20
46	ARV. FRUTO	Pessegueiro	20
47	ANIM. TERR.	Perdigão	19
48	ERVAS	Erva-cidreira	17
48	CEREAL	Farelo	17
48	LÍQUIDO	Sumo	17
49	FRUTO	Noz	16
49	ERVAS	Urtiga	16
50	ERVAS	Hortelã	14
50	ANIM. TERR.	Lebre	14
50	ERVAS	Manjerico	14
50	DIVERSO	Queijo	14
50	ARV. FRUTO	Sobreiro	14
51	CEREAL	Arroz	13
51	FRUTO	Ameixa	13

51	PEIXE	Bacalhau	13
51	ERVAS	Manjerona	13
51	FRUTO	Marmelo	13
51	HORTA	Tabaco	13
51	DIVERSO	Toucinho	13
51	PEIXE	Truta	13
52	ARV. FRUTO	Amoreira	12
52	HORTA	Batata	12
52	CEREAL	Cevada	12
52	ARBUSTO	Carqueja	12
52	ARV.	Palmeira	12
53	ARV. FRUTO	Macieira	11
53	ERVAS	Marcela	11
53	FRUTO	Melancia	11
53	ANIM. TERR.	Pato	11
53	ERVAS	Rabaça	11
53	ARV. FRUTO	Silva	11
54	ARV. FRUTO	Azinheira	10
54	DIVERSO	Chouriço	10
54	LÍQUIDO	Licor	10
54	ERVAS	Mentrasto	10
54	HORTA	Nnabo e grelo	10
54	FLOR	Perpétua	10
55	HORTA	Alho	9
55	CRUST. MOL.	Caracol	9
55	ARV. FRUTO	Cerejeira	9
55	FRUTO	Ginja	9
55	HORTA	Feijão	9
55	DIVERSO	Requeijão	9
55	ARBUSTO	Sabugueiro	9
56	ERVAS	Arruda	8
56	LÍQUIDO	Café	8
56	HORTA	Cebola	8
56	HORTA	Fava	8
56	ARV.	Freixo	8
56	ARV.	Olmo	8
56	ERVAS	Poejo	8
56	FLOR	Rosa	8
56	ERVAS	Sargaço	8

57	HORTA	Alcachofra	7
57	FRUTO	Amêndoa	7
57	ARV.	Cedro	7
57	HORTA	Ervilha e griséu	7
57	ARV.	Faia	7
57	ARBUSTO	Madressilva	7
57	DIVERSO	Manteiga	7
57	PEIXE	Pescada	7
57	ERVAS	Salva	7
58	FRUTO	Alfarroba	6
58	ARV. FRUTO	Alfarrobeira	6
58	CRUST. MOL.	Caranguejo e caranguejola	6
58	LÍQUIDO	Chá	6
58	ERVAS	Coentro	6
58	FRUTO	Gamboa e zambujo	6
58	ARBUSTO	Junco	6
58	ARV. FRUTO	Pereira	6
58	ERVAS	Trovisco	6
59	LÍQUIDO	Água pé	5
59	ARV. FRUTO	Bananeira	5
59	CRUST. MOL.	Camarão	5
59	DIVERSO	Chouriça	5
59	FRUTO	Cidra	5
59	ERVAS	Cizirão	5
59	HORTA	Girassol	5
59	FLOR	Margarida	5
59	ARV. FRUTO	Marmeleiro	5
59	DIVERSO	Morceia	5
59	ARV. FRUTO	Nogueira	5
59	PEIXE	Tainha	5
59	DIVERSO	Salpicão	5
59	DIVERSO	Unto	5
60	PEIXE	Atum	4
60	PEIXE	Baleia	4
60	FRUTO	Banana	4
60	FLOR	Camélia	4
60	ARBUSTO	Cana da índia	4
60	ERVAS	Erva-doce	4
60	CEREAL	Linhaça	4

60	FLOR	Malmequer	4
60	HORTA	Nabiça	4
60	HORTA	Pepino	4
60	ARBUSTO	Trovisqueira	4
61	FLOR	Açafrão	3
61	CEREAL	Aveia	3
61	ERVAS	Agrião	3
61	FRUTO	Avelã	3
61	ARBUSTO	Azevinho	3
61	ERVAS	Balanco	3
61	CRUST. MOL.	Berbigão	3
61	ERVAS	Carapeto e pilrito	3
61	ERVAS	Cardo	3
61	ARV. FRUTO	Cidreira	3
61	PEIXE	Enguia	3
61	ERVAS	Erva-mate	3
61	ERVAS	Ervilhaca	3
61	ARV.	Eucalipto	3
61	FLOR	Margaça	3
61	ARV. FRUTO	Medronheiro	3
61	FRUTO	Melão	3
61	FRUTO	Palmito	3
61	ANIM. TERR.	Peru	3
61	DIVERSO	Presunto	3
61	HORTA	Repolho	3
61	ERVAS	Saramago	3
61	FRUTO	Tangerina	3
61	ARBUSTO	Tomilho bela-luz	3
61	ERVAS	Tormentelo	3
61	FRUTO	Tremoço	3
62	ERVAS	Acintro	2
62	CRUST. MOL.	Alcofinha	2
62	HORTA	Alface	2
62	HORTA	Alho porro	2
62	ERVAS	Beldroega	2
62	ERVAS	Berbasco	2
62	ARBUSTO	Buxo	2
62	PEIXE	Cachucho	2
62	PEIXE	Carapau	2

62	HORTA	Cebolinho	2
62	FRUTO	Damasco	2
62	ARBUSTO	Daroeira	2
62	ARBUSTO	Esteva	2
62	PEIXE	Fataça	2
62	ARV. FRUTO	Gamboeira	2
62	LÍQUIDO	Gasosa	2
62	PEIXE	Garoupa	2
62	HORTA	Hortaliça	2
62	ERVAS	Junça	2
62	LÍQUIDO	Larapa	2
62	FRUTO	Medronho	2
62	ARV. FRUTO	Meloal	2
62	ARBUSTO	Mirra	2
62	FRUTO	Morango	2
62	ERVAS	Orégão	2
62	ARBUSTO	Piorno	2
62	ERVAS	Segurelha	2
62	PEIXE	Tubarão	2
62	ARBUSTO	Urze e urgueira	2
63	FRUTO	Abrunho	1
63	LÍQUIDO	Água mel	1
63	PEIXE	Alfaquete	1
63	ANIM. TERR.	Algrivão	1
63	DIVERSO	Almece	1
63	CRUST. MOL.	Amêijoa	1
63	FRUTO	Ananás	1
63	FRUTO	Andrina	1
63	ARV. FRUTO	Avelaneira	1
63	PEIXE	Baleote	1
63	DIVERSO	Banha	1
63	PEIXE	Boga	1
63	ERVAS	Borragem	1
63	PEIXE	Cacao	1
63	ERVAS	Camarinha	1
63	LÍQUIDO	Cerveja	1
63	PEIXE	Charroco	1
63	ARV.	Chorão	1
63	ARV.	Choupo	1

63	ERVAS	Cicuta	1
63	DIVERSO	Coalhada	1
63	CRUST. MOL.	Conquilha	1
63	ARV. FRUTO	Damasqueiro	1
63	PEIXE	Dentão	1
63	ERVAS	Douradinha	1
63	ERVAS	Erva-do-monte	1
63	ERVAS	Erva N. Senhora	1
63	HORTA	Espargo	1
63	ARV. FRUTO	Estufa ananás	1
63	ERVAS	Feto	1
63	CRUST. MOL.	Lagueirão	1
63	LÍQUIDO	Limonada	1
63	DIVERSO	Linguariça	1
63	ARV. FRUTO	Melancial	1
63	CRUST. MOL.	Mexilhão	1
63	ERVAS	Miomendro	1
63	ARV. FRUTO	Morangal	1
63	DIVERSO	Orelheira	1
63	FLOR	Papoila	1
63	PEIXE	Peixe-cão	1
63	PEIXE	Peixe-espada	1
63	FRUTO	Pêssego	1
63	HORTA	Pimento	1
63	FLOR	Pimpinela	1
63	ARBUSTO	Piteira	1
63	PEIXE	Robalo	1
63	DIVERSO	Rojão	1
63	FRUTO	Romã	1
63	PEIXE	Salmonete	1
63	DIVERSO	Salsichão	1
63	ARBUSTO	Tomilho docelima	1
63	ARBUSTO	Tomilho limonete	1
63	ERVAS	Unha-gata	1
63	ANIM. TERR.	Veado	1
63	PEIXE	Zorra	1

ANEXO III-1.1 – Ervas

Agrião

- diz-se que tem raiz perene (§I-5408);
- gosta da água (§II-2742);
- é lamentado com a rabaça, tal como os olhos de alguém que são fagueiros (§I-5811);
- quando passou o tempo dos agriões as rabaças também servem (§II-3830).

Acintro

- usado em mezinha para erisipela (§II-4360);
- usado talvez para feitiçaria (§II-4272).

Arruda

- conhece-se pelo cheiro (§II-3158);
- é aborrecida como quem não se ama (§II-388);
- quando pelos valados significa arrufos breves (§II-2929);
- amarga ao dar-se de beber (§I-2963);
- oferecer um ramo dela é fazer de alguém diabo, já tem propriedades mágicas (§I-4083, §I-5511, §II-4262);

Balanco

- usa-se num ramallete que oferece quem anda na monda (§I-1603).

Beldroegas

- são ciúme (§II-2917);
- acompanham coutadas cozidas (§II-3454).

Borragem (berças)

- deitam-se às galinhas (§I-608);
- é onde a rosa prefere ser enxertada, em vez do rapaz de fraca linhagem (§I-1115).

Camarinha

- tem medo quando o mar se alevanta de penedo em penedo (§III-2824).

Carapeto

- em botão é o rapaz que insiste em passar pela rua da rapariga (§I-4612);
- a sua flor é vistosa ao longe, suscitando amores (§II-1527).

Cardo

- o cardo beija-mão mata (§I-1437);

- a sua folha pica como a maldade (§II-2551);
- a raiz tem um gosto irónico como a lealdade de alguém (§I-3907).

Canela

- põe-se no arroz (§II-1494);
- a menina não deve subir à janela se quiser arroz com canela (§II-2058);
- a cabra-cega veio de Vizela com pão e canela (§I-717), assim como de Guimarães (§I-718).

Cicuta

- semeia-se no quintal para germinar numa burra branca (§I-790).

Coentro

- semeia-se com a salsa e goivos como namoro, na esperança do noivado (§I-2836);
- ladeia uma margem, estando a salsa do outro (§I-5123);
- fazem-se rocas com a cana de coentro (§II-2914), assim como cadeiras (§II-3314).

Erva-cidreira

- está tanto no valado como na varanda e no altar pronta para se regar (§I-241);
- os pastores deixam o gado comê-la enquanto falam com os seus amores (§I-1631), já que é sinal de haver pasto (§I-3169);
- à amada chama-se raminho de erva-cidreira (§I-4766);
- quem foi ao jardim das solteiras admirou-se de a encontrar (§II-1649);
- cura feitiços o seu chá, desde que colhido por uma moça na noite de S. João (§II-4298)
- quando o S. João Baptista chegar terá uma cama de ramos de erva-cidreira (§III-3076);
- junto ao Senhor da Serra há esta erva em abundância (§III-3353);
- anda-se a ela no cais da Ribeira, em V. Conde (§I-991).

Cizirão

- é enleio (§I-2726) que alguém gostaria de ser, enlevando o sentido de quem se ama (§I-3474).

Douradinha

- cria farta cabeleira se colhida na véspera do S. João (§I-5735).

Erva do monte

- talha a doença da rosa vermelha (§II-4358).

Erva de N. Senhora

- livra do demónio (§II-4269).

Erva doce

- salpica o mar (§I-3488);
- anda-se a ela no cais da Ribeira (§I-991).

Erva-mate

- exclama-se por ela três vezes por raiva dos homens altos (§I-5634).

Ervilhaca

- envia-se em ramalhete para o amado saber que a rapariga anda na monda (§I-1603).

Ferrã

- apenas é mencionada junto da palha (§I-520).

Feto

- representa o amor que nasce viçoso mas acaba em nada (§I-2244).

Gorga

- é uma erva que desponta no linho (§I-1609).

Junça

- vem junto da água (§I-2315, §III-77).

Maio

- é erva boa que se dá em terra dura (§II-3319).

Marcela

- colhe-se ao luar no adro (§I-205);
- é excelente para fazerem cama os namorados (§I-3685);
- a capela em Alpedrinha foi varrida com ramos de marcela (§III-100), assim como a Sra. da Póvoa (§III-2849), S. Marinha de Andorinha (§III-3199), a Virgem dos Remédios, de C. Branco (§III-3518), a Sra. da Granja, da Idanha (§III-3773);
- o S. João no Porto cheira a marcela (§III-2934), tal como o Menino em Óbidos (§III-3650).

Madressilva

- ficou cheirosa quando subiu ao ramo do limoeiro (§I-178);
- perdeu o cheiro no travesseiro de alguém (§I-3674);
- dá muita flor – mas não fruto (§I-179);
- é amarga na raiz (§I-4446);
- debaixo dela anda o namorado encoberto (§I-2954);
- uma coroa será entretecida com madressilva na noite de S. João (§III-3163).

Manjerico e manjeriço

- termos amorosos que se confundem entre si (§I-951, §I-2653);
- costumam estar à janela como a donzela (§I-2467, §I-3645);
- carecem da rega do namorico (§I-3974);
- enquanto verdes são mimosos como a rapariga (§I-3975, §I-4151), já que se vestem precisamente dessa cor (§II-479);
- o manjeriço já esteve plantado no vaso do peito amado (§I-4081);
- o manjerico materializa o amor enquanto prenda que rescende (§I-5616, §II-1908);
- manjerico está conotado com a flor da planta (§II-53);
- por causar escuridão não o quer a rapariga à janela onde cose (§II-1878);
- Adão-Lobo tem um manjerico à saída (§III-18), num registo formular (§III-2404);
- os da terra da Andorinha, em O. Hospital, cheiram a manjeriço (§III-141);
- Valverde é janela do manjerico (§III-1266);
- Ribaldeira é um manjerico e Dois Portos manjeriço (§III-1540), assim como o Porto (§III-1695).

Manjerona

- costuma acompanhar o alecrim (§I-206, §I-5376);
- o apaixonado faz molhos dela (§I-5180), enquanto quem o enfeitiçou se penteia à sombra da planta (§I-5734);
- passar pela manjerona é namoricar (§II-2805);
- dão-se vivas pelo raminho da manjerona (§II-4217);
- a rapariga deseja-se em Leiria, à sombra da manjerona, fazendo confidências à mãe (§III-628);
- nas Cabeças de C. Verde, S. Pedro tem a morada cercada de manjerona (§III-3174);
- a Sra. do Castelo de Mangualde tem a capela cheia de manjerona (§III-3423).

Mantrastro

- é verdura (§I-2726);
- é cuidadoso, ao contrário de certa pessoa (§I-1075);
- tratar alguém com mantrastro é não querer muito bem (§I-4154);
- o apaixonado tem esperança de que do mentrastro corra a pinga de água que tanto pede (§II-1222).

Miomendro

- a sua folha vai no Tejo, ao contrário da palavra que alguém diz sem arrependimento (§III-1999).

Orégão

- pode ser oferecido em raminho pela menina em troca de flores (§I-2589);
- é sinal de namoro (§I-2975).

Poejo

- é o rei das ervas, e deita-se na açorda (§I-4938, §II-3722);
- as suas folhas pequenas são como os passos de quem se ama (§I-5652);
- as suas folhas servem para cartas para o amor (§II-1098);
- quando lhe caem as sementes chegam as saudades de quem já não se vê (§II-2458);
- é sinal de abandono (§I-4739, §I-4770);
- no monte há uma poejeira que chora quando reverdece, qual rapariga que namora (§II-3129).

Panasco

- erva por onde a cobra desaparece, qual confiança por entre os homens (§II-2545).

Rabaça

- é lamentada a rabaça por estar exposta, como quem nasce com pouca ventura (§II-2616);
- como a rabaça brava tem repartimentos na folha, assim deve o amor ter duas à escolha (§I-3910);
- a rabaça viçosa bandeja-se como a moça quando se penteia (§II-1623);
- espirituosamente não é nome nem de homem nem de mulher, mas de erva que rebenta com quem a come (§II-3365, §II-3790);
- chama-se rabaceira a quem come a fruta do chão (§I-4516).

Rosmaninho

- o rei das flores (§I-606);
- não o há sem flor, como solteira sem amor e casada sem ciúme (§I-2211);
- mandar os amores ao rosmaninho é arranjar outros (§I-4006);
- como se arranca o rosmaninho, assim a pessoa que não ama mais pede que seja deixada em paz (§I-4489);
- um raminho dele serve de mil abraços e beijinhos (§I-5612);
- o rapaz que em pequeno era lindo desbotou como a sua flor (§I-5623, §II-4401);
- tratar alguém por flor de rosmaninho pode ser depreciativo (§II-1892);
- a cobra no rosmaninho é como o amor dos homens que mal se vê (§II-2544);
- uma rosa deu de beber sumo do rosmaninho, possível metáfora para amor (§II-3038);
- as raparigas na fogueira do S. João são atraídas pelo rosmaninho (§III-3010);
- roça-se a talha com flores de rosmano (§III-906);
- confunde-se com alfazema, de que se fazem ramos (§I-4534);
- a S. Bárbara reza-se por que a trovoada vá para onde não haja flor de rosmano (§III-2575);
- serve de esconjuro (§III-2986, §III-2993).

Salsa

- usa-se para dar gosto (§I-3109, §I-3889, §II-3212), especialmente aos ovos (§II-3680);
- dar água por um ramo de salsa verde é envenenar (§III-94), ou dar água da sua raiz (§III-1330);

- sumo de salsa verde não é nocivo (§III-665);
- é pisada na pia (§I-585);
- vem em raminhos amorosos (§I-1574);
- vende-se aos molhos (§II-2571);
- como um ramo de salsa tirado da horta basta para temperar, assim um amor de fora vale por vinte e cinco da terra (§I-2116);
- a salsa da serra verdeja (§I-3912);
- a da beira do rio é mimosa (§I-4317);
- nasce entre o trevo (§I-2136), como entre pedras (§I-2137), simbolizando a rapariga bonita mas leviana;
- enfeita a parede e é sinal de engano (§I-2366), embora valha mais amor numa hora do que a justiça por um ano (§I-2367);
- nas paredes também significa saudades (§II-2923);
- é traidora (§I-4051);
- é crueza (§II-1318);
- como a salsa retorce o pé, que fique retorcida a língua falsa (§I-4395);
- alguém foi dispor salsa verde pelos olivais para esquecer-se de quem amava, com efeito contrário (§I-3836);
- houve quem a semeasse nos pinheirais (§I-3893);
- a salsa que sobe ao alto é amor nada firme (§I-3911);
- salsa verde nos telhados significa arrufos de pouca dura (§I-4765);
- o José é a salsa da varanda duma maria (§I-5372);
- quando o loureiro bate à porta a salsa vai ver quem é (§I-5927);
- dão-se vivas por ramos de salsa crua (§II-4217);
- salsa crua é termo carinhoso (§III-3227);
- há uma salsa de além do Douro, que dá conselhos amorosos (§III-1863);
- da Olivença de Espanha mandou-se vir a verde salsa (§III-2312).

Salva

- dá-se à beira do rio, e torce-se de verde como a menina de falsidade se vende (§II-1033);
- requer gosto, como alguém diz que faz gosto de quem ama (§II-1416);
- pede-se a Deus que a salve, porque valem mais amores pobres do que ricos (§II-2105);
- dar de beber água da raiz da salva verde é depreciativo e formular (§III-2395);
- a Sra. do Castelo deve ter a capela cheia de salva (§III-3423).

Saramago

- o rei das ervas do bairro (§I-905);
- por culpa de um se arrancou um pé de trigo, espelhando a pouca vontade de falar com o amor (§I-5277);

- diz-se fazer uma ausência como a flor do saramago quando não se é amado pelo outro e se manda o coração ao largo (§II-183).

Sargaço

- o rei das ervinhas do monte (§II-838);
- é triste (§I-2163, §II-604), mas nele se pode fazer a cama do amor (§I-4911);
- houve quem fosse ao mar ao sargaço (§II-3948);
- imprecado em esconjuros (§III-2986, §III-2993).

Segurelha

- uma donzela imprecava a segurelha para a ajudar a andar segura pela ameaça de certo rapaz (§I-4388);
- relaciona-se com o amor (§I-3790).

Serpão

- de tão miúdo não se ata aos molhos (§I-2297);
- serve de contraponto para quem não amiudou ao ter esperado desde que nasceu pelo seu amor (§I-2624, §II-976);
- estando no peito do amado cresce, como a rapariga se sustenta sem comer ao ver tal rapaz (§I-3259);
- o amado é de facto o serpão que se tem na varanda (§I-5350);
- nasce no meio do cravo feminino (§II-1302);
- a rapariga perdeu os anéis entre a folha do serpão (§II-515, §III-3063);
- dão-se vivas pelo seu ramo (§III-2656).

Tomilho

- **Bela-luz:** queima-se num esconjuro (§III-2993);
- graças ao cheiro era a erva onde a virgem estendia os cueiros de Jesus (§III-3713, §III-3757);
- dão-se vivas por esta erva (§III-2653).
- **Docelima:** semeia-se no altar de S. João (§II-3559).
- **Limonete:** oferece-se em ramo para o rapaz usar no bolso do colete (§I-5520).
- **Tormentelo:** uma das ervas do monte com que a menina trata do cabelo (§I-5717), tal como as moças de S. André, em Barcelos (§III-1126), e as da Outra Banda, em Terras do Bouro (§III-1742).

Trovisco

- sega-se para se dar de beber do seu sumo ao namorado assanhado (§I-4803);
- dá-se-lhe um nó como se dá no rapaz amado (§I-5339);
- amarga como o rapaz que não se quer (§I-5413);
- a trovisqueira protege a perdiz (§II-1225, §II-3155).

Unha-gata

- uma das ervas que molesta aquando da ceifa (§I-1437).

Urtiga

- tem uma cor verde única (§I-2595);
- no cimo do povo há apenas urtigas, enquanto na rua da lameira estão as raparigas bonitas (§II-2423);
- urtigas apanham-se junto ao ribeiro (§II-3708);
- os rapazes caem para as urtigas por causa das raparigas (§II-3816);
- a urtiga tem propriedades medicinais pela urticária (§II-4647);
- os estudantes de Coimbra para poupar para as raparigas apenas comem urtigas (§III-402);
- Vilar Seco é terra de urtigas (§III-1478), assim como Vila de Mós (§III-1507);
- Almendra dá ortigões (§III-1520).

Verbasco

- usado num ramo que se oferece, simboliza o embasbacamento amoroso (§I-5483).

ANEXO III-1.2 – Arbustos

Alecrim:

- é o rei das ervas (§I-193) e dos cheiros da horta (§I-2233);
- nasce pelos quintais (§I-3859);
- com ele faz-se uma infusão com que se lavam pés e mãos a S. João (§III-2957);
- há espécies de folha larga e folha miúdas (§I-192);
- pejam o caminho, e seus ramos são arrancados por quem passa (§I-194);
- pega de galha (§I-4462);
- pede-se a Deus que prenda o alecrim (§II-2105);
- algures ceifa-se o alecrim às paveias (§II-2712);
- é a flor do monte, e por causa dele choram olhos (§I-878);
- dos cinco sentidos do amor, o terceiro é cheirar o alecrim (§I-2410);
- é local de encontro (§I-5245);
- é local de namoro (§I-4329);
- é local de revelações (§I-4690);
- uma criança rola num berço de alecrim sob o olhar materno (§I-413);
- um alecrim perdeu o cheiro na cama duma rapariga (§I-182);
- espiga, como deveriam espigar os beijos (§I-4964);
- à beira da água rescende (§I-2055);
- bandeia-se como o solteiro (§I-2056);
- vistoso na charneca, exemplifica os amores que se perdem pela falta de diligência (§I-2057);
- dele é a quinta-feira (§III-2582);
- ao colher da sua semente a rapariga ficou presa nos olhos do amado (§I-2449);
- quando nasce faz encosto ao peito do amado (§I-2607);
- dá-se um ramo ao namorado (§I-644 §I-946, §II-2912);
- vai-se à brincadeira com um raminho de alecrim (§I-1112);
- não há alecrim sem flor como solteira sem amor (§I-2209);
- alecrim de chapada não faz moita, como o solteiro que não se afoita a casar (§I-2231);
- o rouxinol dá vivas ao alecrim (§I-287);
- a rola fez ninho nele (§I-1010);
- o alecrim de certa terra representa o rapaz de fora que faz mudança ao sábado (§II-2753);
- alguém leva terra na algibeira para semear alecrim frente a um asno (§II-4061);
- quando batem à porta o alecrim vai ver se é o José (§I-5376), se são os olhos de Maria (§I-5926), ou se é o rancho de moças que vai para a Nazaré (§III-865);
- o alecrim de Viana nasce sem flor nem rama (§II-1332), e deita a raiz para o lado, excelente para a dor de cotovelo (§III-1281), assim como o do Brasil, que tem a folha recortada (§III-2193, §III-2194), e o de Castela (§III-2301);
- já o de Itália rescende como o amado (§III-2322);
- a Sra. das Neves no Cadaval está rodeada de alecrins (§III-3230);

- o patim de S. Bartolomeu em Nelas é varrido com raminhos de alecrim (§III-3342).

Azevinho

- traz sorte (§II-4249, §II-4283);
- S. Bento do Cando é feito de pau de azevinho (§III-3317).

Buxo

- serve para pau (§I-5634);
- Nisa está cercada de pau de buxo (§III-871).

Cana da índia

- abre-se para revelar se é falsa ou não (§I-828);
- também se inspecciona a raiz seguindo o intento do coração (§I-829);
- é regada com violência, como o amor parece não ter alma ou consciência (§III-1279).

Carqueja

- busca-se do mato (§I-2159) e no monte (§II-533);
- a rapariga ao fazer um molho caiu (§II-3815);
- o rapaz gostaria de ver as camponesas na ceifa lavar o rosto com a folha da carqueja colhida em Agosto (§I-1431);
- na serra cai-lhe a flor (§II-3837);
- há carqueja no Marão (§III-1821);
- chama-se à Várzea da Serra a carquejinha do Marão (§III-1482), assim como à Sra. da Serra (§III-3213);
- S. Helena em Tarouca tem a morada no meio da carquejada (§III-3237).

Codesso

- tem a folha pequena, como o andar de quem se ama (§I-5666);
- dão-se vivas pela sua folha (§III-2655).

Daroeira

- cria um amor daroito (§I-6194);
- de Alvito é também um amor irrequieto, criado na aroeira (§III-110).

Esteva

- dá correpio (§II-3227).

Giesta

- dá pau para viola (§I-1329);

- puxar a giesta branca é fazer-lhe diligência, talvez no sentido de fazer a corte (§I-2173);
- a sua flor ao abrir pela manhã não tem igual (§I-2199);
- a giesta aconselha a não se amar quem não presta (§II-2661);
- dão-se vivas pela sua folhinha (§III-2639);
- serve de esconjuro (§III-2993);
- S. Bento do Cando é feito de pau de giesta (§III-3317);
- a Sra. da Penha tem brincos de giesta (§III-3466).
- no **tojo** faz-se a cama de quem já não se quer (§I-4519), ou a cabeceira (§I-4559), visto que tal amizade agora cabe na folha do tojo (§II-3666);
- ele pica como a menina pica com os olhos (§I-5771);
- por vezes gosta-se tanto dum lugar que se deseja lançar-lhe o fogo com rosas sendo o coração o tojo (§III-284);
- a rapariga que namora piscando apenas os olhos é da Maia, que fica entre os tojos (§III-715);
- os calhameiros dormem no monturo, sobre tojos (§III-2602).

Junco verde

- serve de juramento (§I-2176), para lavradores e pastores (§I-3741);
- queima-se no S. João para pôr à prova o amor (§III-2972).

Loendro

- floresce na ribeira (§I-5076).

Louro e loureiro

- confundem-se (§I-3884, §II-2558);
- diz-se que é temido, talvez por superstição (§II-3230, §II-4289);
- diz-se que é um pau santo (§II-4264);
- é desagradável beber água que saiba à raiz do loureiro (§II-1223);
- dão-se vivas pela sua folha (§III-2671);
- o seu verde é único (§I-2208);
- o seu pau é verde (§I-2277), rachado ao correr, sugerindo de alguma forma que o homem que casa com a feia come para não morrer (§I-2278);
- é pau preto dos quintais (§I-2615);
- o que nasceu junto ao caminho está condenado a ser desfolhado (§I-235);
- quando dá bagas é altura de caçar tordos e amores novos (§II-3832);
- dá bagas pretas por castigo divino (§II-1342);
- também dá bagas brancas (§I-4779, §I-5152), de que o rouxinol gosta (§I-415), árvore predilecta desta ave (§II-215);
- pássaro e papão sobem ao loureiro para estorvar o sono da criança (§I-419, §I-426);
- loureiro é retiro (§I-4796);

- ter um à porta é ter sombra regalada, simbolizando fama de rapariga bonita (§I-2650);
- bate à porta (§I-5926);
- pela densidade não deixa que a moça entreveja o seu amor (§I-1036);
- ajuda no namorico (§I-2851);
- oculta a rapariga roubada (§II-1243);
- dar falas ao loureiro é deixar-se cortejar (§II-1485);
- o seu bater no telhado é chamamento amoroso (§I-2898), por vezes insistente (§II-1883);
- o namorado trepa-o para espreitar pela janela (§I-3637);
- é frágil, pelo que a rapariga pede que o rapaz se encoste antes ao seu peito (§I-3668);
- a senhora dos malhadores traz a filha como a guia do loureiro no Domingo de Ramos (§I-1749);
- como quando viçoso se apodera do jardim, assim a amada se deixa possuir (§I-5443);
- desterrou a cortiça, como anda desterrada a amada da vista do namorado (§II-207);
- uma castiça responde ao pretendente propondo-se dar o ramo de loureiro a um casado (§II-1739);
- com possíveis conotações negativas (§II-2692, §II-3133, §II-3192), já que o loureiro onde se fez cama acabou por se revelar chocalheiro (§II-3167) – daí a rapariga o amaldiçoar (§II-3194);
- em Vouzela diz-se que resulta vergonhoso estar um ramo de loureiro à porta de S. João, por fazer deste um vendeiro (§III-3023);
- bate com as pontas na Galiza, indiciando que os rapazes gostam de brincar com as galegas (§II-3907);
- as moças de Alpedrinha varrem a capela do anjo da Guarda com raminhos de loureiro, as de Salvaterra varrem o terreiro da Sra. da Póvoa (§III-2848), as de Andorinha fazem-no ao de S. Marinha (§III-3199), e as de Longroiva ao da Sra. do Viso (§III-3527);
- Matança tem um loureiro ao cimo para os cucos (§III-741);
- a Roliça tem um (§III-1091);
- ao loureiro de Lisboa cai a bolota aquando dos Reis (§III-2687).

Mirra

- referida apenas no contexto da natividade (§II-4663).

Murta

- colhida da horta, dá-se a quem morre em contexto amoroso, (§I-1152, §I-2594);
- serve de pretexto para trocar beijos (§I-4922);
- a menina é um raminho de murta (§I-998), tal como o rapaz (§I-5332);
- a sua flor é sinónimo de gratuidade (§I-1537);
- debaixo dessa flor vai-se beber água para ver os olhos amados (§I-5199);
- está no alto da serra (§I-3469);
- é dor (§I-5180);
- debaixo dela chora um amor (§II-1352);
- há quem deseje ser enterrado ao pé da murta (§II-4593);
- no S. João tece-se uma coroa com murta (§III-3163);

- floresce na Margeira (§III-790);
- o ranchinho da murta vai para a Nazaré (§III-3455);
- na Sra. da Granja colhem-se ramos de murta (§III-3772).

Piorno

- é amargo (§II-1353);
- arranca-se (§I-4990);
- quando amareleja é como fulano (§II-3162);
- S. Bento do Cando é feito de pau de piorno (§III-3317).

Piteira

- o lugar de Painho tem piteiras ao redor (III-897).

Urgueira

- é da serra (§III-1769).

Urze

- é do monte e é venerada (§III-2549).

ANEXO III-1.3 - Flores

Açafrão

- foi semeado no quintal para dar pés de burro (§II-3582);
- dá nome a uma cor (§II-4450);
- os campos de Coimbra estão deles semeados (§III-397).

Açucena

- quem bebe da água da açucena afina o canto (§I-1222);
- pisá-la para retirar o sumo renova o amor (§I-4838);
- o bom hortelão rega-lhe o pé de verão (§I-1525);
- quando junto à água é como o solteiro que laureia para onde quer (§I-2017);
- molhinho de açucenas é termo carinhoso (§I-6156);
- é símbolo da pureza que deseja o amado (§III-2540);
- presta juramento entre cravo e rosa (§I-195);
- é melindrosa (§II-3060);
- vai de branco quando se passeia em Maio (§I-211);
- na açucena de ouro, no jardim do peito, está o retrato de quem se ama (§I-2158, §I-5646);
- na açucena prendem-se os olhos (§I-2463);
- dentre os cinco sentidos empregues no amor o terceiro é cheirar a açucena (§I-2421);
- a Primavera do amor nasce no jardim das açucenas (§I-2566);
- como a açucena consegue estar muitos dias com o pé na água, nem uma hora suportam separados os namorados (§I-3096, §I-3114);
- ao embarcar o amor, a amada deseja que o mastro se torne açucenas para se recordar dela (§I-3493);
- quando regressa o amado, deseja-se enfeitar a casa de açucenas (§I-3559);
- a açucena vira sombria quando quem se ama arranja novos amores (§I-4220);
- há quem seja filho da açucena (§I-5190), quem sobrinha (§I-5038);
- o coração é sala onde a açucena passeia (§II-636);
- dão-se vivas pela casca da açucena (§III-2658) e pela folha (§III-2682);
- os namorados levam as suas penas ao altar de S. António, onde estão açucenas (§III-2899), assim como ao de S. João (§III-3067);
- o S. João da Ponte está delas enfeitado (§III-3089);
- as do Marvão são famosas (§III-1556);
- o Douro parecia uma açucena, mas agora mete pena (§III-1903).

Amor-perfeito

- pede chá de amor-perfeito quem está cansado da vida e do peito (§-3590);
- semeado não nasce na terra forte do coração firme até à morte (§I-3296), embora um tenha nascido donde arrancaram o coração (§I-5873);
- é termo carinhoso (§I-4497);

- confunde-se com o amor que é perfeito (§I-2100);
- simboliza quem se ama (§I-3116);
- é delicado e floresce no peito (§I-3161, §I-3203), donde se colhe (§I-3189);
- à falta de tal flor, sempre se pode colher um amor no jardim de Minerva (§I-3188);
- também nasce na beira do telhado, embora não se compare com o amor do peito (§I-3220);
- quando cravo e rosa se unem nasce o amor-perfeito (§I-3232);
- o namorado tem semelhanças com ele (§I-3241), assim como o menino Jesus (§III-3642);

Camélia

- acha-se à entrada de Elvas (§III-442);
- a amada deseja ser camélia colhida pelo amado (§III-2341).

Cilindra

- sujeita todas as flores de Maio como o amado se sujeita às feições da amada (§I-2664);
- é a flor mais cheirosa (§II-3212).

Cravina

- dão-se vivas por esta flor (§III-2685).

Goivo

- significa casamento (I-1018);
- semeia-se no quintal (§I-2836);
- quem se ama é um goivo (§I-2076);
- houve quem tivesse ido colher um ramo deles na campa duns noivos (§II-4477);
- há quem peça goivos para a sepultura (§II-4564);
- são a flor de Castelo de Vide (§III-1556).

Jasmim

- é termo carinhoso (§I-323), assim como rosto de jasmim florido (§I-6156);
- não é por ser jasmim que a rapariga será escolhida (§I-771);
- o rapaz é um jasmineiro infiel que dá falas a muita flor branca (§I-2270);
- como o jasmim é incapaz de ocultar o perfume, assim os namorados (§I-3007);
- o menino Jesus é um jasmim (§III-3671).

Lírio roxo

- é sentimento de amor (§I-193, §II-2855);
- é sentimento de apartação (§I-946, §II-593), e ais (§I-4302);
- o roxo do lírio não tem comparação (§I-2208);
- serve de confidente (§I-3001);

- serve de leito (§I-6172);
- o amor quando no campo encosta-se ao lírio branco (§I-1779);
- quando no vale é retrato de tristeza (§I-3866);
- atiram-se com lírios de ouro ao vaso da lealdade (§I-3934);
- lírios verdes são espelho de tristeza (§II-294) e saudades (§II-309);
- o lírio tem leriedade (§II-4468);
- S. João tem um capa cor de lírio (§III-2990);
- há quem se deseje em Portalegre, à sombra do lírio branco (§III-998).

Malmequer

- da sua semente nasceu um burro branco (§I-789);
- quem o semeia no pinhal deseja esquecer um amor (§I-3894);
- quando os corações amados se unem deitam malmequeres e amores-perfeitos (§I-6004);
- dão-se vivas pelo bem-querer (§III-2689).

Malva

- não há flor igual (§III-1581);
- a malva rosa é a rapariga que aprende a namorar (§I-177), mas não se compara a quem se ama (§I-2568);
- confunde-se com a malva roxa (§I-2024), que encobre o amor (§I-2933), e de que a rapariga pretende fazer um vestido para resolver o coração ingrato (§I-4104);
- malva roxa significa paciência (§II-140);
- houve quem arranjasse casamento debaixo dela (§II-1641);
- a alguns causa terror tal cor (§II-2548);
- o verde da malva tem virtudes (§I-3318);
- a sua folha põe demanda ao poejo porque pretende deixá-la (§I-4739);
- o malvaíscio tem uma raiz que não se consegue cortar (§I-5407);
- houve quem a semeasse no quintal para nascer um velho careca (§II-3572);
- estar nas malvas é estar a pensar em raparigas (§II-3816);
- dão-se vivas pela flor da malva (§III-2653);
- a serra de Mafra tem malvas (§III-708);
- junto às muralhas do Marvão apanhou-se malva (§III-735);
- uma chegou roxa a Viseu (§III-1384);
- Castelo Melhor é malvas (§III-1520).

Margaça

- fica por baixo do pão ceifado (§II-2291);
- por ser erva que os bois não comem representa a mulher preterida (§II-3159, §II-3801).

Margarida

- é a melhor das flores do jardim feminino (§I-5476, §II-2962, §II-3566);
- a margarida foi o primeiro amor colhido (§II-2986, §II-3059);
- é nome de rapariga (§II-3479, §III-1677), e de santa (§III-3556).

Pampilo

- tem boca de pampilo choco quem não se cala (§II-3726).

Papoila

- a rainha das flores do bairro (§I-905).

Perpétua

- não tem cheiro, e por isso não tem amores (§I-180);
- é sombria (§I-4687);
- está em altas torres, fazendo suspirar pela liberdade dos olhos de quem cativou (§II-1261);
- fazem-se ramos amorosos dela (§II-2919);
- se a perpétua varia nada há de permanente (§II-2944);
- está sozinha no campo (§III-3519);
- Alpalhão é famoso pelas suas perpétuas (§III-1587).

Pimpinela

- está no jardim e é nela que o rouxinol vive (§I-5097).

Pionia

- é a melhor do jardim e a todos encanta (§II-2936);
- os suspiros da donzela fazem-lhe tremer a raiz (§II-954);
- é parente do manjeriço (§II-1870).

Rosa

- terapêutica nas variedades de Alexandria (§I-3682), de Jericó (§I-5096), e rosa branca (§III-1857), que há em Nisa;
- é referido um licor de rosa (§II-1947).

Suspiro

- não tem igual (§I-2201);
- cai do céu (§I-913);
- confunde-se com o suspiro emotivo (§I-3041).

ANEXO III-1.4 – Legumes da horta

Abóboras

- troça-se do amante chamando-o botelho agarrado (§I-4518);
- cabaços, cabaças e cabaceiras surgem por vezes em contexto amoroso (§I-2081, §I-3977, §I-4997), por outras como botelha de líquidos (§I-856), especialmente vinho (§I-639, §I-1742), mas também vinagre (§II-4216);
- o coração dos rapazes é um velho cabaço desprezável (§II-3894);
- na quaresma comem-se calabaças com feijões (§III-2607).

Alcachofra

- relaciona-se com o amor (§II-4243, §III-2978);
- queima-se para revelar o amor (§II-3447, §III-2976);
- quando floresce indicia namoro (§III-2968, §III-2973);
- S. João guarda as moças que vêm das alcachofras (§III-3042).

Alface e salada

- folha de alface é termo carinhoso (§I-2663);
- há quem goste tanto de alguém como o gato de leitugas (§II-3813);
- quando neva sobre as alfices a rapariga queixa-se de amores (§I-1501).
- **Salada:** é verdura, e como o gato não morre por salada, assim morre alguém de amores por outro (§II-3634);
- para um funeral ser notável deverá servir-se peixe frito com salada (§II-4648).

Alhos

- confundem-se oralmente com bugalhos (§I-538) ou cascalhos (§I-539);
- o alho faz chorar alguém (§I-3576);
- a réstia de alhos merca-se na feira (§II-3621);
- a casca do alho entra num vira (§II-4201);
- afasta feiticeiras (§II-4240);
- alho bento é uma imprecação (§II-4303);
- frei Alho veio de Lisboa num ceirão (§III-639).

Alho porro

- surge numa imprecação (§I-4399);
- tem propriedades supersticiosas (§II-4259).

Batata

- assim que o forno acabar de cozer assar-se-ão umas batatinhas (§II-3625);
- alguém comeu três batatas com pele e quase que se engasgava (§II-3657);

- aparenta ter conotação negativa (§I-468);
- o namorado duma moça chama-se batata assada, porque não se come crua (§I-550);
- após confissão alguém recebeu de penitência batatas com bacalhau (§III-1454);
- o amor é uma mistura de batatas e bacalhau (§II-3469);
- da semente dum repolho nasceu uma velha com uma batata num olho (§II-3562);
- certo namorado andarês tem um nariz abatado (§III-3268);
- alguém queixa-se de lhe terem roubado um coiro de batatas (§II-4646);
- em Pernes apenas há batatas (§II-4654);
- os da Gafanha vendem batatas às meninas de Alqueidão (§III-1465).

Couve

- a horta está para as couves como o mar para as sardinhas (§II-1262);
- a boa filha vai à horta colher as couves que a mãe mandou, mas não sozinha (§I-5272);
- deita-se num caldo que agradecerá uns enchidos (§III-2644);
- uma folha das da horta chega bem, como um amor que de longe vem (§I-2088);
- a folha de couve serve para mandar saudades ao amor distante (§II-301);
- cortar o elo à couve é pôr o amante no lugar (§I-4848);
- couve é arrependimento (§II-2917);
- dão-se vivas pela sua folha (§III-2683);
- escreve-se ao amor numa folha de couve (§II-1097);
- graças à sua impermeabilidade tem picardia, já que lhe permite beber a água, como a cana do milho, durante o dia (§I-249);
- como a neve cai na folha da couve, assim gostaria quem ama de cair nos braços de quem ouve (§I-2552), como também neva no seu coração (§II-804);
- a hortelã é para as couves como as mulheres são para os açougues (§II-3680);
- a Beira é a mãe da couve (§III-1648);
- as **berças** dão-se às galinhas (§I-608).

Cebola

- a faca corta-a (§I-4680);
- o cebolo planta-se entre a salsa e o coentro (§I-2135);
- a alguém faz rir (§I-3576);
- diz-se dum pretendente ser corado como a cebola (§I-5640, §II-3760);
- a terra da cebola fica longe, e é de lá o amado (§II-1677);
- dão-se vivas a alguém entre cravos e cebolas (§III-2639), como na casca da cebola (§III-2640).

Cebolinho

- os malhadores divertidos cantam que foi junto ao cebolinho que a ama perdeu as chaves (§I-1773);
- carece da rega de S. João (§III-2936).

Ervilhas

- alguém recebeu um prato de ervilhas (§I-694);
- o pai velho é amigo das ervilhas dos quintais (§II-4208);
- griséu, nome popular para ervilha, é desejado em abundância ao patrão da casa (§III-2649);
- quem tem ervilha tem grão, pó e trigo (§I-898);
- a rapariga é uma delicada flor de ervilha (§II-1647);

Espargo

- está sozinho no monte, como há-de ficar quem for abandonado pelo amor (§I-4367).

Fava

- É de flor branca, cujo rigor interior é símbolo dum amor que há-de voltar (§I-2801);
- a folha é triste, verde e rigorosa como pode ser o amor (§I-3773, §I-3774);
- enquanto o faval da rapariga cria as vagens, desespera pelo amor que chega a todas menos a ela (§II-563);
- uma preta na praia vende fava rica (§I-615), e alguém deu um beijo a uma preta que soube a fava rica (§III-2090);
- a fava dá-se em todas as terras, embora só uma dê farinha, tal como as frangas que por se aperaltarem se julgam galinhas (§II-4057);
- desejam-se favas a alguém como fortuna (§III-2649);
- os do Crato são escalda-favais no sentido de assomadiços (§III-1557);
- pede-se a S. Miguel de Creixomil favas (§III-2577).

Feijão

- caldo dos feijões parece ser de evitar (§I-451);
- o gato da dona deve ser repreendido por ter ido aos feijões maiatos da horta (§I-554), e aos feijões forais (§I-1042), que não são os favoritos;
- feijões são vendidos pela camponesa a seis tostões o alqueire (§I-1412);
- alguém ceou feijão-frade com as comadres (§II-2053);
- cada vez que o homem não vê a mulher e vice-versa, ficam os feijões por deitar no púcaro (§II-3659, §II-3632, §II-3878);
- quando chega a quaresma chegam as calabças com feijões (§III-2607);
- vão burros carregados de feijão para Azeitão (§I-706);
- o Algarve tem o bom feijão (§II-4655);
- o Pimenta encareceu o feijão (§II-4777);
- em Moura diz-se que as gulosas do Castelo comeram escarapão com feijão (§III-849);
- os rapazes do Souto, em M. Canaveses, não valem um feijão galego (§III-1186).

Girassol

- termo carinhoso, por ser bonito e radiante (§I-1068, §II-77);
- traz maravilhas ao pé quando nasce (§II-2767);
- deixa saudades de quando se abria ao meio-dia (§II-77);
- dá-se a despedida pelos Reis por cima dum girassol (§III-2673).

Nabo

- quando se vai regar o nabal traz-se uma folhinha no avental (§I-1054, §II-2484);
- dão-se vivas pela folha do nabo (§III-2655);
- do nabal trazem-se grelos (§II-3399);
- um certo marido falecido era amigo dos grelos e andava pelos nabais (§II-4176);
- um pai velho estava proibido de ir aos nabais (§II-4208);
- nabo corta-se com um podão (§II-3632);
- no tempo dos nabos enforcam-se diabos (§I-569).

Nabiça

- dão-se vivas pela folha da nabiça (§III-2647, §III-2659, §III-2685).

Hortaliça

- é o rapaz que a rapariga exhibe (§I-1308);
- Monsaraz é terra de muita hortaliça, i.e. de moça bonita (§III-830).

Pepino

- atira-se à cara (§I-618, §I-620);
- a sua semente deu um velho a tocar violino (§II-3576).

Repolho

- semeou-se na horta repolho (§II-3562).

Pimento

- há referências a pimentão e a clorau quando se acusa Pimenta, simpatizante da monarquia, de encarecer os bens alimentares (§II-4777);
- Muxagata dá pimentos (§III-1520).

Tabaco

- vende-se à rasa (§I-588);
- corta-se (§I-601);
- manda-se buscar (§I-604);
- sinónimo de respeito (§II-1971, §II-2009);

- sinal de vaidade ridícula (§II-2277), de que mais de um se aproveita (§II-2284);
- dá azo à partilha (§II-2285) e à bebida (§II-2016);
- merece agradecimento quem fia tabaco (§II-4018);
- é um vício que sai caro (§II-4685, §III-1891);
- encareceu com João Franco (§II-4761);
- uma velha tresandava a tabaco (§II-4182);
- requer-se ao governo autorização para semear tabaco, que é taxado (§III-1903);
- fulano foi ao Pico buscar tabaco para fumar com os da Madeira (§III-2145);
- referem-se os tabaquistas da Mexilhoeira (§III-1633).
- O **cigarro** escondido nas telhas é sinal de namorado (§I-2998);
- a rapariga quer bem ao cigarro e ao fumador (§II-1464);
- o Morrão pode queimar a saia quando a rapariga conversa com o rapaz (§I-3573) ou mesmo quando dançam (§II-2128);
- por vezes o rapaz pretende acender o cigarro nas meninas dos olhos dela (§I-6156), ou ao menos enquanto vizinho pedir uma brasa como desculpa de entrar na casa dela (§II-2286, §II-2292) – até o padre a usa (§II-4157);
- o cigarro serve de alcoviteiro (§II-2273, §II-2293);
- cinco réis de cigarros aproximam genro e sogro (§II-2061), embora resulte maldição desejar que alguém case com um fumador (§II-4671);
- as penas do coração não se esfumam como o cigarro (§II-2062).
- O **charuto** tanto é sinal de senhoria (§II-4217), como hábito de preto (§III-2086, §III-2091).

ANEXO III-1.4.1 – Mel

- vai-se ao mel com a colher (§I-474);
- há sopinhas de mel (§I-713, §§I-732-3);
- dá-se a N. Senhora um púcaro de mel para fazer papas a Jesus (§III-3641);
- S. João bebeu apenas mel durante meses, como se vive do beijo de quem se ama (§III-3133);
- é sinal de riqueza (§II-4655);
- para se ter mel para o S. Miguel há que seguir uns quantos mandamentos folgazões (§II-3827);
- cai a sopa no mel quando acontece o inesperado (§I-5204, §I-5210);
- dá nome a uma cor (§I-862);
- com mel são enganados os parvos (§I-5060);
- resulta enganador na boca quando o coração é o oposto (§II-2729) – daí a expressão falinhas de mel (§II-3874);
- é-se tão atractivo para as moças como mel para as abelhas (§III-2654);
- o mel é todo doçura como o coração da amada (§I-2623);
- pela rima o mel confere doçura ao nome Daniel (§I-5340);
- alguém queixa-se de lhe terem roubado um conto de mel (§II-4646);
- no meio do Guadiana vai um copo de água-mel, que se confunde com os olhos do Manel (§III-1938);
- S. Gonçalo de Amarante é feito de mel e azeite (§I-3701);
- em Portimão elogia-se o mel da Vila (§III-1633);
- em Foz-Côa oferece-se um púcaro de mel à Senhora para fazer as papas ao menino (§III-3641);
- em Portimão uma parrinha de mel é ofertada ao menino Jesus (§III-3648).

ANEXO III-1.5 – Árvores

Amieiro

- a sua casca apresta-se a sapatos (§I-1764);
- a madeira apresta-se a escultura (§III-2884);
- é uma árvore do rio com boa sombra (§I-2720);
- pega de raiz (§I-4702);
- guarda relação com a dor psicológica (§II-617);
- tem uma criada, tal como alguém a tem de aguardente (§II-1975), talvez porque a Amieira é conhecida pelos bagaceiros, numa confusão entre bagaço de uva e de azeite (§III-1557);
- presta sombra ao namoro (§III-1991);
- dão-se vivas por ele (§III-2653);
- S. Gonçalo de Amarante é feito de pau de amieiro (§III-2884), como o S. João do Oratório (§III-3132), e S. Bento do Cando (§III-3316).

Cedro e cipreste

- é o rei dos vales (§I-4878);
- tem uma maçã, que não amadurece (§I-2030), nem apodrece ou cai (§I-3909);
- a sua maçã é doce mas amarga na casca, como o amor dos homens (§I-2031);
- o cedro dispensa rega (§I-2262);
- quando floresce rescende (§I-2388), embora alguém diga que nunca viu um florido (§I-4455);
- cortar-lhe a coruta é abandonar um amor (§I-4847);
- guarda um ninho pesado que o faz quebrar (§II-2976);
- o amor enleia-se-lhe em redor (§I-971);
- é o retiro das pequenas aves, como retirada anda a amada dos carinhos do namorado (§I-2606);
- vira a ponta quando não cresce mais, como os olhos quando não querem ver o amado (§I-5916);
- o cipreste verde é mimo como mimosa já foi a rapariga (§II-613);
- é triste, espelho de quem assim se sente (§II-405);
- ensombra a igreja, como anda ensombrado quem não obtém o que quer (§II-612);
- ao ter sido confidente das penas alheias acabou seco e partido (§II-815);
- varre-se com um ramo de cipreste quando se espera alguém especial (§II-2417);
- conota-se com a morte (§II-2950, §II-4548);
- no lugar da Cividade havia um cipreste pestífero, que gerava escorpiões (§II-4675);
- em Braga viu-se um cipreste nascer (§III-269), e no Porto foram dois (§III-1027), que se conotam com feitiços de amor (§III-1026);
- a Sra. da Graça está rodeada de ciprestes (§III-2783).

Chorão

- existe um ao cimo de Grijó (§III-554).

Choupo

- é alto e sobe-se-lhe para tomar amores (§I-4492).

Eucalipto

- tem um nome bonito mas leva uma vida triste por nascer longe (§I-237);
- Idanha-a-Velha está cercada deles, assim como o adro do Salvador, no Marvão (§III-737).

Faia

- é alta como a rapariga (§I-5692);
- em seu tronco grava-se o nome amado (§II-971);
- nela canta o melro (§II-3236);
- debaixo das faias espalham-se as paixões (§II-4219);
- quem morrer junto delas quer ser enterrado junto do freixo (§II-4586).

Freixo

- sobe-se-lhe para se saber se se é amado (§I-926);
- deve-se-lhe deixar crescer as guias (§I-3855);
- escrever no freixo e fazer encosto num ramo são gestos de amor (§I-4543).

Olmo

- estronca-se (§I-1999);
- não deixa verdegar derredor (§I-2083);
- a sua folha vira com o vento como a menina faz com o pensamento do rapaz (§I-3908);
- ripar-lhe as folhas é tirar de alguém o sentido (§I-4700);
- sob o olmo branco falou-se em casamento (§II-4260);
- o Faial é canada dos olmos brancos (§III-2134).

Palmeira

- dá a palma que dá o palmito (I-903);
- batem-se palmas na palmeira do deserto como sinal de amor encoberto (§I-2973);
- diz-se que rapariga é corada como a palmeira (§I-4533);
- como o sol inclina na folha do palmeirão assim se inclina a Joana nos olhos do João (§I-5955);
- Alcobaça tem no meio uma palmeira (§III-36);
- a Columbeira tem uma à entrada, e um palmito à saída (§III-411).

Sabugueiro

- é referido como o sempre-verde, e talha o ruborado (§II-4295), como o bichoco (§II-4374);
- é vário como o rapaz que namora muitas e suas flores são brancas (§I-4003);
- é louco sem que a rapariga enlouqueça por ele (§I-4667);

- a Granja, no Baião, tem sabugueiros sem flor (§III-548), tal como a Rua Nova (§III-1093), S. Tomé (§III-1151);
- a Portela tem-nos com flor (§III-1002);
- na Serra da Estrela apanha-se o sabugueiro (§III-1815).

Salgueiro

- gosta da água e tem a raiz no lodo (§II-1588);
- quem amava ao ir pelos salgueiros fez voar um bando que lhe disse terem sido falsos os seus carinhos (§I-3945);
- à sua sombra namora-se (§III-1953);
- a sua folha é a primeira (§II-2552);
- o salgueiro é loucura (§I-4669);
- dele se tiram paus para fazer sarilhos (§II-3400);
- frente a Penacova há um salgueiro (§III-928);
- também os há no rio Dão (§III-1858).

ANEXO III-2.1.1 – Pombas e rola

Pombas

- a pomba põe ovos que os frades comem (§I-650);
- é um meio de comunicação: leva cartas entre namorados (§II-1104, §II-1110);
- no bico leva flora vária (§I-862), um lenço em sinal de amizade (§I-3881), e até o coração de alguém (§I-2511);
- confunde-se com o portador dos recados (§II-1090), ao ponto de possuir o destinatário (§II-1144);
- termo carinhoso para a amada (§I-276);
- muitas das referências columbinas remetem para os namorados (§I-865), que nasceram para rolar e namoricar (§I-1032);
- cada pomba deve ter o seu par (§I-2624);
- a pomba poderia dar a mão para o namorado subir ao ninho (§I-3603);
- algumas pombas morrem desamparadas (§I-2773);
- pomba é coração (§I-5095);
- pode enlouquecer de amor (§II-2819);
- uma pomba exclui a outra (§I-4291);
- ao nascer logo andam aos beijinhos os pombinhos quando sozinhos (§I-4885);
- o namorado pede penas à pomba pela qual lhe ralham em casa (§I-3080);
- quando voa ficam as penas na mão (§II-670);
- o vestido da pomba é de penas, penas em que o amado vive (§II-3107);
- na oliveira do adro a pomba bate a asa publicamente (§I-243);
- no coração de uma pomba alguém assentou praça apenas para receber de seguida baixa (§I-1934);
- o bando de pombos bravos come bolotas e apanha com tiros (§I-279);
- de duas pombas que voam uma bastava para um coração de caçador (§I-3435);
- a pomba real morreu quando atiraram com o limão do namoro a certa janela (§I-2866);
- alguém acaba por matar a pomba que andava pela eira e que iria ser freira (§I-4072);
- cai no laço para beijos e abraços (§I-1009);
- na rocha apanham-se pombas (§I-5901), onde desmoem o ninho com o bico sem poderem desmoer o que têm dito a quem as ama (§II-688);
- o gavião caça pombas (§II-2948) – quem as quiser gavião há-de ser (§II-3009);
- o pombal é a casa dos pais da pomba (§I-3503), e também palácio (§I-1863);
- pombal vazio de paixão é o do velho coração – e frio (§I-2240);
- o peito da menina é um pombal que o amante anseia por apalpar (§I-3618);
- o jovem à janela preferia ver apenas a filha ao pombal do sogro (§II-1637);
- os pombinhos da Catrina andaram de pombal em pombal e de mão em mão (§I-1014);
- um boi chamava-se carinhosamente Pombinho (§I-1547);
- o Espírito Santo relaciona-se com a pomba (§III-2838, §III-2840) – uma cantou no coração de uma Maria (§I-1243);
- a Sra. da Lapinha de Guimarães foi benzer a água sob a forma de pomba (§III-3291);

- o Senhor da Piedade tem às janelas pombas (§III-466);
- na Fonte Redonda lavra-se com o arado de bico de pomba (§III-511);
- no bairro da Fonte, em Gimonde, a pomba bate asas e a rola faz o ninho (§III-538), assim como no pinheiro de Santana (§III-1118);
- no Alentejo cantam pombas (§III-63).

Rola

- é a cozinheira do casamento entre animais (§I-590);
- mora em baixo, na cozinha, aonde deve ir quem a quiser amar (§I-1016, §II-3034);
- rola publicamente pelo adro, sem que se consiga caçar (§I-265), se bem que eventualmente chegue a cair no laço (§I-865);
- uma vez visto onde fez o ninho, segue-se a sua caça, culminando num abraço ou num beijinho (§I-1010);
- queixa-se de lhe terem roubado os ovos e estragado o ninho, num sentido metafórico (§I-864, §I-865);
- ninguém canta como ela, e gosta muito de água (§I-15);
- quando perde o seu amor vira apática, tal como as pessoas (§I-261), acabando por morrer ao desamparo (§I-5062);
- existe um andar de rola (§I-5680);
- papo de rola é sinal de presunção (§II-2782);
- houve quem cortasse o bico à rola (§I-2112);
- uma fez o ninho no cachaço de um abade (§II-3679);
- certo cuco traz uma rola de choco com vinte e cinco pardais (§II-3925);
- está presente nas interjeições xó rola (§I-4537) e tó rola (§II-3760), exorcizando pensamentos de casamento;
- em Olo a rola canta muito cedo (§III-879);
- uma foi fazer o ninho no pinhal de Rio Maior (§III-1086), outra foi no pinheiro de Santana (§III-1118);
- uma rolinha vai rolando sobre Chaves (§III-365).

ANEXO III-2.1.2 – Galináceos

Galo

- há galo montês (§I-595), pedrês (§I-599), e preto romano (§III-3093);
- galo sem crista é capão (§I-565);
- galo para ser galo tem de ribanar a crista (§I-1151);
- tem que saber mais do que usar as garras, senão acaba na panela (§II-3703);
- é motivo de discussão entre vizinhas (§I-1042, §II-3495);
- um galo ameaça galar uma saloia num dia azarado (§I-1514), ou uma simples franga (§I-3652) – é o galo de fama (§II-3329);
- é um libertino ao namorar com quem quer sem casar (§I-3536);
- é invejado pela arte de governar o curral (§II-4070);
- o canto do galo avisa os namorados (§I-2949), como trai a presença dum amante no poleiro da amada (§I-3355);
- cantou aquando da natividade (§III-2649) e da crucificação (§III-2731);
- é insulto chamar alguém de pernas de galo assado (§I-4731);
- simboliza o rapaz que demasiado confiante na lábia corre o risco de ser depenado à desgarrada (§I-1166);
- o abade tem um galo, ou antes: o abade é um galo (§II-3524, §II-3525).

Frango

- o rapaz é galo ou frango (§I-1151);
- a rapariga é galinha (§III-900) ou franga (§I-3652);
- os moços viraram frangos de vintém (§II-2065);
- o frango depenica-se (§I-627);
- alguém confessa o pecado de ter comido frango assado à sexta-feira (§II-3500);
- a joieira guarda algum grão para dar à sua franga (I-1526);
- à Sra. da Cola prometeu-se uma franga (§III-3434).

Galinha e pinto

- pelos Reis (§III-2665) e pelo Entrudo (§I-2034) comem-se capões e galinhas;
- a galinha canta quando quer casar (§III-2869);
- a franga enfeitada quer passar por galinha (§II-4057);
- a galinha pinta é um tesouro (§I-588);
- a saloia prega galinha e ovos pela rua, necessários para tratar um doente (§I-774, §I-1514);
- a galinha é para caldos (§2031), ainda que não curem males de amor (§II-3668);
- a galinha sabe bem com temperos (§III-3845);
- é-se parvo e louco como a galinha quando no choco (§I-979);
- barbas de galinha choca é insulto (§I-1082).
- o amor dos homens dura tanto como o choco (§II-3885)

- o amor da mulher é como o duma galinha (§II-4118);
- uma madrasta é uma galinha que cria pintos que outra chocou (§II-1820);
- os amores ao pé da porta são como os pintos de inverno sempre a piar (§I-2072);
- troça a rapariga do imberbe chamando-o de pintainho, ao que este retorque com o desejo de ir ao seu poleiro para mostrar que sabe cantar (§II-2956);
- a galinha foi o dote que uma mãe depenou à filha (§II-4112);
- as galinhas do mosteiro depenicaram o S. João (§III-3119);
- as galinhas são apreciadas pelas raposas (§I-1981);

Ovo

- as mulheres interessam-se pelo dinheiro, como a galinha pelo ovo (§II-2070);
- muita galinha não é sinónimo de muito ovo (§I-559);
- ovos são para o padre (§I-605), para o alfaiate (§II-2020), e para a criança (§736);
- há ovos de pato (§I-626) e rola (§I-864);
- ovos vão em cesta (§I-1513) ou cabaz (§II-4490);
- os ovos gostam de salsa (§II-3680);
- amores novos denunciam-se pelo cheiro a ovos fritos em azeite (§II-2333);
- o Algarve é cheio de riquezas como um ovo (§II-4655);
- ir aos ovos é ir às raparigas (§II-4159).

ANEXO III-2.1.3 – Caprinos e Ovinos

Cabrito e cabra

- come-se assado ou cozido (§I-1975);
- um foi dado ao bispo (§II-4677);
- unhas de cabra servidas num casamento causaram indigestão (§II-4647);
- a cabra resulta num bom dote (§I-649);
- barbas de chibarro velho é um insulto (I-1082), assim como ser como um bode (§I-602);
- pé de cabra resulta um estranho elogio (§I-5786);
- estranha-se haver tanta cabra no mundo e ser o seu queijo tão caro (§II-4022);
- existem várias cantigas do jogo da cabra-cega (§§I-716-19);
- a cabra cabriola come meninos (§I-768);
- a barriga pelada da cabra faz imprecisar o cabreiro por uma rapariga (§I-2621);
- certa cabra confunde-se com um possível amor (§I-4665), à vista do qual berra o cabreiro (§II-3350);
- quem tem cabras tem cabedal (§II-4627);
- a rapariga que casou recebeu sapatos de cordovão (§I-607);
- as raparigas de Revordelo quando na eira são como cabras (§III-1071);
- em Nisa admoesta-se o pastor pelas cabras que lhe fogem para a Cardoso (§III-1692).

Carneiro

- é a melhor carne (§I-2204);
- prescrita pelo terceiro mandamento de um trocista (§II-3827);
- há posta de carneiro (§I-650);
- é a carne do casamento (§I-1139, §I-1511);
- pode ser assada (§I-1974);
- em Lisboa foi dada ao Andeiro (§II-4677);
- há quem a confunda com carne de burro (§III-2602);
- insulta-se dizendo que se viu o pai de alguém andar às turras com um carneiro (§I-1079);
- S. João da Ponte tem um carneiro na porta para ser comido no domingo (§III-3090);
- S. João do Bonfim tem um no altar que a futura nora reclama ao sogro para casar (§III-3104);
- é o animal que acompanha S. João pedindo-lhe vinho (III-3134);
- promete-se a S. João um carneirinho para jantar no domingo (§III-3152).

Ovelha

- é companhia amiga (§I-1638);
- importa pela lã (§I-1644, §III-2549) e pelo estrume (§III-330);
- serve de dote (§II-4106);
- serve de oferta ao menino Jesus (§III-3644);
- a ovelha é o crente e Jesus o pastor (§III-3685);
- se o pastor perder as ovelhas sempre pode zelar pelas cachopas (§I-1652);

- a fantasia confunde ovelhas com raparigas (§I-3698);
- para além de ser uma rica motivação, ovelhas, chibos e anacos aprestam-se a ser moeda de troca para casamento (§II-4616);
- quem foi à roda na Columbeira apenas encontrou malatas (§III-409).

ANEXO III-2.1.4 – Bovinos

Boi

- o boi lavra (503), e por tal merece uma bênção (§III-3632);
- compra-se (§I-600) e apresta-se a ser furtado da corte (§II-1436);
- bebe muita água (§I-609);
- tem nome próprio (§I-1547);
- ronca (§I-1998);
- carece dum boieiro (§I-1398);
- o próprio boi aflige-se tanto pelo arado como pelo ganhão (§II-3749);
- boi é sinónimo de bestialidade no homem (§II-3123);
- um rapaz tem cabeça de boi bravo e olhos de touro moreno (§II-3694);
- como os bois não comem a margaça, certa menina é mal empregada num rapaz que não é homem (§II-3159);
- presente no presépio, contrasta positivamente com a mula (§III-3631);
- a expressão pé de boi talvez indicie conservadorismo (§II-3656);
- comer um boi pelo focinho é tagarelice (§II-3720);
- vai-se ao Senhor da Pedra ver uma pegada de boi (§III-2827);
- na serra de Rio Maior guardam-se bois (§III-1087, §III-1883).

Vaca

- dela trata o sexo feminino (§I-1723, §II-2996);
- sinónimo de leite (§I-1558);
- numa venda, trocar-se-ia uma língua de vaca moirisca pela cidade de Coimbra (§I-588);
- quem come bifés e bebe leite fica muito magro (§II-3471);
- vaca e bezerro resultam num dote extravagante (§I-4627);
- nas costas dum vaca louca passou-se o mar (§II-3833);
- Alcanena, terra de coiros, é a primeira em peles e vacas (§II-4653);
- os de Coja são bezerrões (§III-1470).

ANEXO III-2.1.5 – Suíno, gorduras e iguarias

Porco

- os porcos levam-se ao tapado (§I-578) e ao mercado (§I-579);
- andam pelo lameiro (§I-765);
- estragam as cercas (§II-3437);
- a força do seu focinho é admirada (§I-304);
- o porco morituro (§II-4089) é sinónimo de presunto (§I-1314), de futuras chouriças (§II-3658) e fartura de carne (§III-2664) – merece insulto quem não a partilha (§III-2698);
- as tripas cozem-se (§I-777) ou fritam-se (§I-782) – não são particularmente apreciadas;
- quem fala demasiado é uma caldeira donde os porcos comem (§II-3728);
- é sinal de masculinidade pegar na sua pia com os dentes (§II-3775);
- levar a pia nos dentes é registo formular (§III-2414);
- na pia alguém tem o retrato do amado (§II-4030);
- porca é insulto (§I-1074, §II-3956), para mais quando ladra (§II-3264) – parece ser insulto entre mulheres (§II-4063);
- a porca torce o rabo em situações difíceis (§I-1109, §II-3949);
- no casamento come-se leitão (§I-1139);
- a perna de leitão cabe ao capitão (§I-627b);
- leitão vai bem com vinho (§II-2019, §III-1257);
- no dia de S. André pega-se no bácoro pelo pé (§III-3585);
- dizem em Cantanhede que o gandarês tem olhos de porco montês (§III-3268);
- as raparigas de Milhundos são filhas da porca ruça (§III-766);
- no Vale da Mó, na Anadia, come-se leitão assado (§III-1257).

Gorduras

Banha

- a rapariga embeleza o cabelo com banha (§I-4512).

Unto

- unto velho dura até à nova matança (§II-3399, §II-4089);
- pelos Reis pede-se unto para untar a sanfona (§III-2687);
- casa que nada dá pelas janeiras cheira a unto por nela morar algum defunto (§III-2692);
- alguém fez a matança dum rato que revelou ter muito unto (§III-2597).

Iguarias

Chouriça e chouriço

- a pessoa amada gosta de pão com chouriço (§II-2042);
- pelas janeiras pede-se chouriça e chouriço (§II-2060, §III-2638, §III-2641, §III-2644);
- receber uma chouriça pelas janeiras parece não ser algo excessivo (§III-2673);

- estão chouriços pendurados num pauzinho em cima no fumeiro (§III-2653) – que devem ser cortados para se darem pelas janeiras (§III-2664);
- promete-se dar um chouriço quando se for à horta e uma salada quando se matar o porco (§II-3658);
- alguém está sepultado com chouriço assado aos pés (§III-3583);
- S. João come chouriço (§III-2992).

Morcela

- pede-se morcela pelas janeiras (§II-2060, §III-2461);
- certo senhor está com as mulheres a encher morcelas (§II-4217);
- o mineiro gasta o salário no armazém comprando pão, morcilha e vinho (§III-4643).

Presunto

- ter porcos é ter presunto (§I-1314);
- pede-se presunto ao cantar os Reis (§III-2671);
- o Alentejo tem muito presunto (§II-4655).

Toucinho

- a saloia pesa e vende toucinho na praça (§I-923);
- alguém comeu toucinho sem lhe ter feito mal – e mais comeria se o padre lho tivesse dado (§I-664);
- pelas janeiras pede-se toucinho, que se corta com dificuldade (§III-2642, §III-2664) – pode vir com pão (§III-2650);
- alguém pôs uma borracha com toucinho (§II-4653);
- alguém foi enterrado com toucinho à cabeceira (§III-3583);
- cozeu-se no forno um gafanhoto com três postas de toucinho (§I-637).

Salpicão e salsichão

- merenda-se salpicão (§I-1976);
- o salpicão é de fumeiro (§III-2665);
- pelos Reis pede-se um salpicão e um salsichão (§III-2653, §III-2671);
- no S. Brás um borrachão encher-se-á de salpicão (§III-2719).

Linguariça

- pede-se pelas janeiras (§III-2648).

Rojão

- o lavrador come-o graças ao seu porco (§I-1546).

Orelheira

- será comida no S. Brás, para se apanhar uma borracheira (§III-2719).

ANEXO III-2.1.6 - Outros animais

Pato

- coabita com galinha (§I-509);
- gosta de água e põe ovos (§I-626);
- a raposa tanto leva uma pita como uma pata (§I-1981);
- pede-se pato pelos Reis (§III-2671);
- serve de interjeição (§II-3472);
- o pato real caça-se da barreira do Guadiana (§III-1935).

Perdiz

- é peça de caça (§I-55);
- o juiz come perna de perdiz (§I-627b);
- depenica seixos como gostaria o rapaz de depenicar beijos (§I-3580);
- houve quem armasse para a perdiz e tivesse acabado com uma petiz (§II-3396);
- quando a perdiz cantava dormiam juntos os amantes (§I-5024);
- de penedo em penedo desassossega quem tem o seu amor de frente (§I-5763);
- ouviu-se a perdiz cantar do peito altivo da amada (§II-490);
- como a perdiz se refugia debaixo da trovisqueira, assim quem foi deitado em fama gostaria de não perder o amor (§II-1225, §II-3155);
- juntamente com a galinhola, dá nome ao tipo de andar que suscita a paixão pela caça amorosa (§I-3567);
- a perdiz anda pelo monte a chamar pelo perdigão namorado (§I-250), e ambos inspiram os namorados (§-2842);
- o perdigão ora simboliza o rapaz apaixonado (§I-2005), que ama a perdigota (§I-3436), ora o solteiro (§I-2290);
- o perdigão representa a rapariga que se quer caçar (§I-4338), que por vezes anda perdida pela noite, desculpa perfeita para ir dormir com o amado (§I-3593);
- o perdigão vadia (§II-3625) e canta (§III-2498).

Peru

- é referido aquando dos Reis (§III-2671);
- é assado pelo S. João (§III-3035);
- peru velho não casará (§I-760);
- perua é bebedeira (§II-2009, §II-3441).

Galinhola

- enquanto passeava alguém encontrou uma galinhola que se confunde com uma menina (§II-3642);
- juntamente com a perdiz, dá nome ao tipo de andar que suscita a paixão pela caça amorosa (§I-3567).

Coelho

- é caçado (§I-582);
- leva-se para casa para se pôr numa caixa (§I-622);
- anda pela moita (§I-1126), aonde vai o caçador para ver uma menina (§I-1404);
- foge pela serra (§I-4420), por onde andam coelhos bravos, simbolizando os amores que se perdem por não se procurarem (§I-2218), mas também os corações que se devem juntar (§I-3468);
- a rapariga não pode ir ter com o namorado porque é vigiada como o coelho no monte (§I-2971), podendo vir a ser perseguida (§I-4354);
- ele é matreiro: como a solteira dorme só (§I-2264), e com os olhos abertos ao não ter os seus amores certos (§I-5074);
- ter olhos de coelho manso é sinal de fidelidade (§I-2824);
- é famoso o sermão de São Coelho (§I-629);
- em Cima do Douro ouve-se cantar o coelho (§III-1927).

Lebre

- a lebre caça-se, embora resulte numa desculpa para ir ver de namoro (§I-1404);
- a lebre está deitada em mangas de camisa no alto da serra (§I-3467), ou agachada detrás de uma janela (§II-2965);
- envaidece-se certa lebre que anda aos pulos sem haver quem a apanhe (§II-3419);
- houve um que passou a raia a cavalo numa lebre para que os espanhóis se espantassem (§III-2275).

Veado

- é perseguido por um cavaleiro num contexto religioso (§III-3457).

Algrivão

- o pai duma rapariga é caçador para matar os algrivões (§II-3300).

Pássaro

- um pássaro foi agarrado no Domingo de Lázaro, para ser depenado no domingo de Ramos e papado no domingo da Ressurreição (§III-2614);
- pelo trigo chilreia o passarinho, mas não se traz o laço para o apanhar (§II-2980);
- arma laço suficiente para oito passarinhos quem anda hesitante acima e abaixo (§I-2679) – podem ser pintassilgos (§II-3706).

ANEXO III-2.2 – Peixe

Peixe

- peixe é termo genérico para criatura do mar (§I-1821, §I-1849);
- o melhor peixe é a pescada (§I-2204);
- o peixe faz habitação em qualquer charco de água (§I-2756);
- por cima do verde do mar há peixe (§I-3940);
- debaixo do lodo há peixe (§II-1351);
- ceia-se peixe (§II-4094), frito com pão mole e garrafas de vinho (§II-1951);
- serve-se peixe frito e salada num enterro para este ser bem falado (§II-4648);
- S. Helena ceou peixe com as três Marias (§III-2576);
- no mar há muito peixe (§I-776) para se pescar (§I-1822);
- o primeiro mandamento é ir aos peixes com um guicheiro (§II-3827);
- apanhar peixe exige brutalidade (§I-1894);
- peixinho é do rio (§I-1836), mas também do mar (§I-1846);
- o amieiro deixa passar os peixinhos no rio (§I-970) – também o jasmineiro (§I-2983), e o salgueiro (§I-3033);
- pela ribeira anda um peixe vivo e bravo que se quer caçar e comer assado (§I-1992);
- há uma praça do peixe (§I-1851);
- quando o peixe vai vendido o ganho vai na algibeira (§I-1875);
- sustenta-se com peixinhos quem mora à beira do rio (§I-4923);
- o mar pediu peixes a Deus para dar ao pescador (§II-1289);
- os peixes são a companhia do mar (§I-2282);
- os peixes pediram a Deus fundura (§I-3490);
- o mar anda de luto porque morreram os seus peixes (§II-560);
- sempre apanha peixinhos quem vai ao mar, como quem namora sempre alcança carinhos (§I-4959);
- caça peixinhos com cana a filha do pescador que mora à beira rio para dar ao seu amor (§II-1853);
- querer ir apanhar peixe no mar pode significar querer morrer (§I-1853, §I-1882);
- cair peixe fino na rede tem conotação amorosa (§II-3079);
- ser-se o peixinho de alguém tem conotação amorosa (§I-1893);
- botar o peixe na água para o ver nadar tem conotação erótica (§II-2796, §II-2893);
- comer peixe tem conotação brejeira (§III-1710);
- quem está em casa do seu pai está como o peixe na água, que em saindo morre (§I-3375) – estar ou ser como o peixe na água é proverbial (§I-4121);
- como o peixe morre pela boca, assim morreu o amor por causa do gabarolas (§I-5017, §I-5049, §II-2779);
- os peixinhos no mar frio alimentam-se na união de amor (§I-2313);
- os peixes do fundo do mar têm os seus amores como as pessoas (§I-2091);
- o peixe vem às redes, como certa pessoa acabará por vir às mãos de alguém (§I-843);

- é delicado o peixe que faz a cama no lodo, como delicados são os olhos que prenderam alguém (§I-2450);
- tem-se no peito duas espinhas de peixe que fazem hesitar quem ama (§I-2740);
- o peixe cansa-se de nadar sob as ondas, mas não o rapaz de adorar certa menina (§I-3808);
- os olhos são dois peixes que choram lágrimas de sangue por alguém (§I-5999, §II-900);
- choram os peixes no mar como quem chora por não poder disfarçar a sua paixão (§II-825);
- como o peixe dá voltas na água fria, assim dá voltas na cama sem dormir quem tem amores (§I-2353, §§I-6209);
- pede-se que o mar afogue o peixe, mas que quem se ama não lhe peça para o deixar (§I-3813);
- chama-se peixinho ao tubarão que poderia ser amado se não comesse gente (§II-3008);
- a menina será o peixinho do mar enquanto o amado será o camisinho (§II-1182);
- fica-se preso como peixe no anzol ao ver os olhos de quem se ama (§I-6016);
- quando há fogo no mar os peixes ardem (§II-3303);
- os peixes do rio são os rapazes do Peso (§III-956);
- o Algarve dá peixe ao Alentejo em troca de pão (§II-4655, §III-84);
- os peixes foram escutar as verdades de S. António de Lisboa (§III-2914);
- compra-se peixe salgado na praia da Nazaré (§III-1534);

ANEXO III-2.2.1 – Peixes II

Alfaquete

- é excelente, e tem ressonância religiosa (§I-1849).

Atum

- reserva-se para quem se ama (§I-1822);
- por vezes é de tal ordem que se torna assustador (§I-1908).

Bacalhau

- refere-se bacalhau assado (§I-488) e frito às postas (§II-3563);
- quem se confessou no Porto recebeu como penitência batatas com bacalhau (§III-1454);
- o amor é uma mistura de bacalhau e batatas (§II-3469);
- o bacalhau ficou caro por causa do Pimenta (§II-4777);
- o que for remexido com bacalhau não fica muito mal, numa alusão ao Remexido que traiu a Rainha (§II-4728);
- as mulatas da Baía trocaram o bacalhau pelo arroz doce (§III-2228);
- ter uma mulher magriça é garantia de bacalhau pelo ano inteiro (§II-4045);
- semeou-se bacalhau cozinhado às postas na horta para nascer uma burra (§II-3564, §II-3574) ou um frade capucho (§II-3563, §II-3571);
- da semente da abundância nasceu uma velha com um bacalhau às costas (§II-3662);
- atiram-se com as espinhas do bacalhau que se está a comer para quem canta mal (§II-4068).

Boga

- como a boga no cascalho agarra-se a menina com um estremalho (§I-4390).

Cachucho e dentão:

- são óptimos, e garantem dinheiro na mão pese a dificuldade em pescá-los (§I-1896, §II-2056).

Cação

- é grande, e comparado a uma Maria da Conceição que o apaixonado imagina no inferno (§II-4644).

Carapau

- é magro (§II-3471);
- foi comido pelo gato da vizinha (§III-3828).

Charroco

- alguém tem uma boca de charroco (§II-4024).

Enguia

- resulta tonteria apanhá-la com um podão (§II-3641);
- não se apanha pelos campos (§II-3294);
- há uma Maria com rabo de enguia (§I-477).

Fataça

- apanha-se com a tainha (§II-2031).

Garoupa

- acabada de pescar será apenas para o prato de um, porque o afortunado não sabe se tal voltará a acontecer (§I-1823);
- na Ponta do Sol pesca-se fataça ao anzol (§III-2158).

Pescada

- é apregoada pela varina (§I-1044);
- não há peixe igual (§I-2204, §II-2031);
- quem mora ao pé do mar vê a pescada saltar (§II-1852), ou a ser amanhada pelo seu amado na proa dum armação carregada (§I-1792);
- houve quem tivesse visto uma pescada com dragonas montada em mosquitos (§II-4649);
- é apreciada por S. João (§III-2992).

Peixe-espada

- foi-se ao Lameirão pescá-lo, mas só se colheu um peixe-cão (§III-615).

Pimpões

- são de Vila Nova (§III-1520).

Robalos

- são sempre apanhados por quem vai ao mar, como quem vai ao amor logra abraços ou beijinhos (§I-4959).

Salmonetes

- criam-se nas ondas do mar como as rosas em terra (§I-1846).

Sardinha

- fala-se em sardinha frita (§I-488);
- pode ser assada (§I-597), como o minhoto que a leva no gotto (§I-756);
- os alfaiates à falta de ovos lá terão que se avir com sardinhas (§I-1380);
- na casa da madrinha dá-se pão e sardinha (§I-728);
- o João come a sardinha mas deixa o pão (§I-464);

- pão mole e sardinha barrenta para quem nos acompanha na amenta (§II-2052);
- guardam-se cinco réis para comprá-la aquando do casamento (§II-3397);
- a sardinha é boa quando o amor sentado na proa retorna no barco (§I-1791), ou nas armações carregadas (§I-1792);
- a Maria anda pela praia preocupada com o seu amor na pesca da sardinha (§I-1883), para a fome matar (§I-1884);
- as sardinhas são de quem as vai pescar (§I-1902);
- reza-se a S. João Baptista por elas (§III-3083);
- cura-se a catarreira assando quatro sardinhas tiradas da salgadeira (§II-4333);
- a horta está para as couves como o mar para as sardinhas (§II-1262);
- uma pessoa pode governar-se por elas (§II-2031);
- alguém vai pela estrada a vendê-la enquanto toca guitarra (§I-997);
- a varina apregoa-a (§I-1044);
- um pastor namora na charneca uma sardinheira (§I-1636);
- houve quem quisesse levar o seu burrinho à sardinha (§I-1171);
- quem mora junto ao mar vê-las saltar (§II-1852), ou escuta-as passar (§II-1875);
- é insulto cara de sardinha frita (§I-1079) e cara de sardinha crua (§II-3727);
- os olhos do amor são duas sardinhas fritas que revolvem as tripas da rapariga quando vê o moço (§II-3969);
- não é grande peixe, como um estudante não é grande partido (§II-4069);
- os rapazes da Nazaré vão à sua pesca (§II-2221);
- de Lisboa enviaram uma assada, mas foi comida no caminho (§II-3336);
- o Alentejo não pesca sardinha (§II-4655);
- Maria da Fonte era regateira de sardinha (§II-4730);
- diz-se que Monchique recebeu um batalhão de cabeças de sardinha e um gato por capitão (§III-1822);
- o pai em Lisboa come rabinho de sardinha (§I-769), e cheio de rabos de sardinha vem quem esteve em Cima do Douro (§I-1748).

Tainhas

- apanham-se no mar como se apanham na rocha pombas (§I-5901), como na terra couves (§II-2037), e como no mar canas (§I-5910).

Truta

- tem lindos olhos (§I-3069);
- o amado gostaria de lavar os olhos onde ela lava os seus (§I-5879);
- o namorado não é como a truta, que salta em qualquer charco (§I-3818, §I-5022);
- alguém que queria dormir nos braços amados ouviu cantar a truta ao meio da noite (§I-3439);
- na ponte da Parada houve quem tivesse caçado vinte e oito trutas (§III-909);
- no Mondego há boas trutas (§III-1959);

- pede-se a S. Pedro que elas peguem na isca do amor (§III-3175).

Tubarão e zorra:

- se não comesse gente ganharia o coração de alguém (§II-3008);
- foi dentro dum tubarão que veio a Maria da Conceição (§II-3366);
- certa vez pelos rochedos avistou-se uma **zorra** gigantesca (§I-1821).

Baleia

- navega no mar como o namorado nos olhos da amada e esta no coração daquele (§I-5909);
- no ventre de uma baleia salvou-se uma alma (§II-3523);
- a igreja da Atouguia tem ossos de baleia (§III-178);
- em Lagos vendeu-se um baleote que dera à costa (§III-600);
- chamam-se baleias às varas usadas nos espartilhos, de que a saloia não carece (§II-2230, §III-2058).

ANEXO III-2.2.3 – Moluscos e crustáceos

Caracol

- come-se ao pular da fogueira na época das ameixas (§I-1146);
- é um termo carinhoso (§III-3865);
- leva uma vida como a da lavadeira: ao frio de inverno e de verão ao calor (§I-1528);
- é vadio como o solteiro (§II-2761);
- simboliza a resistência (§II-3627);
- houve quem cantasse um fantástico desafio com um caracol (§II-4649);
- há uma fonte do caracol na Sra. do Castelo (§III-3420).

Lagueirão, amêijoia e conquilha:

- o lagueirão chora pela **amêijoia** que suspira, pela **conquilha** que derrama lágrimas, e pelo **berbigão** de que tem saudades (§II-3590).

Berbigão:

- dieta exclusiva das moças de Ferragudo (§III-496);
- apanhado nas praias de Lagos (§III-601).

Alcofinhas

- apanham-se ao rebentar da maré (§I-6133).

Camarão

- é do mar, por contraste com o peixe do rio (§I-1836);
- há um certo rapaz do camarão que vai até à aldeia despertar amores para logo partir para Palmela (§III-904);
- o melhor camarão é de Vila Franca (§III-1529);
- vai-se a S. Paio da Torreira apanhá-lo (§III-3530);
- depois da implantação da República troçava-se da comitiva do Rei que partira para ir pescar camarões (§III-2703).

Caranguejo

- serve para fazer relógios por que se contem os minutos longe de quem se ama (§II-191, §II-3369);
- alguém gostaria de nascer na maré do caranguejo, uma vez que quanto mais à frente olha mais atrás se vê (§II-503);
- como o filho do caranguejo imita o pai no andar, assim se sai aos seus (§II-2766);
- o senhor oferece uma caranguejola à sua preta (§III-2077);
- é no mar da Ribeira Quente que se apanham caranguejolas que acabam por se casar com mariolas (§III-2097).

Marisco

- o amor do mar fede a marisco, e por isso será preterido por um da terra (§I-5415) – aliás, o homem do mar por causa do casaco molhado é preterido pelo moço da terra com cheiro a figo torrado (§I-1843).

Mexilhão

- vendido na praia pela preta (§I-613, §I-615).

ANEXO III-2.3 - Outros animais II

Gato

- um gato roubou o coelho que se caçou (§I-622);
- o gato carece de repreensão por ir ao feijão da horta (§I-554);
- o gato da vizinha já comeu o carapau (§III-3828);
- a dona guerreia com os gatos dentro de casa por ameaçarem comer o que se ia oferecer pelas janeiras (§III-2650);
- o gato lambareiro põe a mão no açucareiro (§I-766);
- o gato foi à panela pelo rabo da colher (§I-1762);
- os gatos deram com um bebé coberto com uma tigela tendo-o confundido com vitela (§II-3449);
- numa canção infantil mexem-se as papas com o rabo do gato (§I-568);
- a bichaninha papou sopinhas de mel que depois guardou com o rabo do gato (§I-713);
- o gato comeu migas de leite que depois tapou com o rabo da gatinha (§I-728);
- lamenta-se a morte dum gato, porque a cozinha fica à mercê das ratazanas (§I-306);
- quem tem gatos tem gatinhos como quem porcos tem presuntos (§I-1314);
- a quem se quer mal deseja-se que o gato quebre a loiça (§II-4671);
- como dote a mãe ofereceu um gato sem orelhas à filha (§II-4106);
- no casamento da galinha os gatos do seu cinzal dispõem-se a cozinhar (§I-589);
- alguém pela-se por quem é amado como gato por salada (§II-3634, §II-3813);
- em ano de casamento as mulheres pesam-se a lã de gato e os homens a ouro (§II-3825);
- refere-se a história do gato maltês (§I-685);
- um gato faz renda (§II-3441);
- S. António faz das moças gato sapato quando as leva para a fonte (§III-2917);
- em Monchique formou-se um batalhão de cabeças de sardinha com um gato como capitão (§III-1822).

Rato

- cada rato sua espiga (§I-643);
- um ratinho comeu um grão de milho (§I-639);
- as ratazanas roem as palanganas e comem o pão todo (§I-306);
- um rato rói o sebo da corda que prende a bota que leva vinho (§I-624);
- ratos esburacaram uma viola nova ao tê-la confundido com centeio (§I-1345);
- alguém tem cara de faneca ratada pelos ratos (§II-4067);
- as moças rataram S. João Baptista (§III-3128);
- os senhores que nada oferecem pelas janeiras apenas têm uma arca rota onde os ratos cagam (§III-2697);
- o rato será padrinho no casamento da galinha (§I-589);
- gostaria de se ser rato para ratar as maçarocas das meninas no serão (§I-1063);
- uma porca pariu vinte e sete ratazanas (§II-3281);
- os ratos foram a uma velha julgando que era caçoula (§II-4182);

- o pai dos ratos roeu os livros das cantigas (§I-81) – e o saco (§I-86-7);
- festeja-se a morte da ratazana, tendo ficado apenas um larião (§III-3825);
- a maior matança do Entrudo foi um rato (§III-2597).

Lobo

- quando tem fome não respeita o povoado, como o solteiro quando enamorado (§I-2276);
- passa um lobo sem nada na boca (§II-2092);
- alguém que lutou com um lobo fez da sua pele odres e tonéis (§II-3368);
- o criado Frederico trocou a merenda por agulhinhas que meteu no rabo do lobo para o trazer bem gordo ao seu senhor (§I-729);
- o lobo estronca-se enquanto o boi ronca e o pastor toca o tambor (§I-1998);
- está um lobo atrás da Sé que quer comer uma pessoa (§I-529);
- os homens são como o lobo, só lhes faltando o rabo (§II-3963);
- o rapaz levou pancada da mãe por fugir das moças como lobo das ovelhas (§I-3655);
- a rapariga que sem medo viu o lobo na serra não teme o rapaz (§I-5050);
- o lobo ficou sem nada na patuscada que fez com a raposa (§I-307);
- o papão vem buscar o menino para o levar para a boca do lobo (§I-437);
- o Algarve reprocha ao Alentejo o facto de criar lobos devido à sua extensa área (§II-4655).

Raposa

- a raposa comeu tudo na patuscada que fez com o lobo (§I-307);
- vêm raposas papar o menino enquanto se embala (§I-328);
- a raposa que vai ferrungando com uma pita e uma pata na boca prefere perder a samarra do que a comida (§I-1981);
- a raposa vai até aos pastores perguntar quando é o Entrudo (§III-2600);
- S. António vem com uma raposa às costas e abre-lhe as portas para ela comer as pitas (§III-2897);
- S. João deu como noivo um barbas de raposo (§III-3102).

Formiga

- não se quer comer as migas porque têm formigas (§I-461, §I-482);
- pede-se mal pelas formigas e pelo formigão, e saúde para a barriga e para o coração (§III-2994);
- as formigas oferecem a comida aquando do casamento da galinha (§I-589);
- a mãe das formigas roeu os livros das cantigas (§I-81);
- semeou-se na horta um açafate de formigas para oferecer a quem se ensinam cantigas (§II-4013).

Pardal

- quando as galinhas vão-se ao trigo a culpa é dos pardais (§I-288);
- como todos os pássaros comem o trigo e é o pardal que as paga, assim todos namoram a Joana e foi o Baltasar quem as pagou (§II-4060);

- apanham-se pardais com os lenços de malha que se passaram a usar nos aventais (§II-2134);
- a erva-cidreira do monte é retiro dos pardais (§II-958);
- o coração duma pomba é maior que o dum pardal (§III-2601);
- é sustento dos pardais o milho miúdo de Cambeses (§III-301), de Carneiro (§III-323), do Minho (§III-782), Ramalde (§III-1066) – é registo formular (§III-2415);
- a Sra. da Saúde no meio dos olivais guarda a azeitona dos pardais (§§-2743-5);
- pede-se à Sra. da Penha que proteja a azeitona dos pardais (§III-3468), à Sra. da Veiga (§III-3567), à S. Eufémia (§III-3538).

Tordo

- arma-se aos tordos quando a azeitona fica preta (§I-3906), e quando o loureiro tem baga (§II-3832) com conotação amorosa.

Gorgulho

- deseja-se gorgulho a quem nada oferece pelas janeiras: que surja no pote e que não deixe farelo (§III-3577);
- em Figueiró deu o gorgulho nos homens e não deixou nenhum (§III-2875).

Toupeira

- vai da janela do namorado à da namorada o salto de uma toupeira: eles acabarão por casar mesmo que o pai não o queira (§I-3057).

ANEXO III-3.1 – Citrinos

Limão

- casa bem com o café (§II-2063);
- enquanto fruta azeda, consta da botica (§I-2273);
- numa degradação de doçura, ao limão cabe o último lugar (§II-2027);
- apenas é referido pela doçura quando o amor é correspondido (§I-5875);
- tempera caldos (§I-2259);
- tira nódoas, qual remédio para o coração (§I-6076);
- retira o fastio de quem não se gosta (§I-1091);
- apresta-se à magia (§II-4247);
- é favorita a expressão atirar com um limão (ou laranja), ou botá-lo a correr, num contexto amoroso (§I-2871, §I-2874);
- a abundância dos limões (e citrinos) é relacionada com a pouca sorte amorosa (§I-1047);
- a sua cor verde apresta-se ao amor (§I-5698);
- a sua estrutura interna, em gomos ou favos, evoca o coração partido (§III-119);
- a prisão do Limoeiro transparece nos grilhões do amor, incarnados pelos peitos da amada semelhantes a limões (§I-2482)
- o plural (limões) aplica-se quase exclusivamente numa acepção concreta, na medida em que remete para a relação entre árvore e fruto (§II-2994).

Laranja

- para além do gesto de atirá-la ou pô-la a correr (§III-367, §I-2855), costuma cair quando madura para o amor, ainda que em pleno inverno (§I-2507);
- cair de madura pode significar cair em perdição (§II-3124);
- é para ser colhida da árvore, e não apanhada do chão (§II-3592);
- é agridoce como o amor (§I-2029);
- pode simbolizar o feminino, enquanto o limão representa o masculino (§I-2508), ainda que nem sempre (§I-2029);
- de ouro, guarda-se no baú para oferecer a quem se ama (§I-5594), indiciando a virgindade que se entrega na noite de núpcias (§II-1712);
- é intrigante a laranja que se atira à janela do reitor e que o acaba por matar (§II-3318);
- a sua abundância é tal que acabam muitas laranjas no chão, simbolizando falsa amizade (§II-2875).
- No plural (laranjas) encontramos um uso recorrente ao fruto enquanto objecto concreto (§I-5590), ainda que nem sempre abdique do metafórico (§II-402, §II-564).
- O **limoeiro** serve de escada na escalada da conquista amorosa (§I-3953).

Laranjeira

- serve de ramada sob a qual se dança e canta (§I-1112);

- é destacado o perfume da flor da laranjeira tanto na culinária (§I-1572) como na retórica amorosa (§III-487) e na ornamentação religiosa (§III-2814);
- a sua madeira é usada em adufes (§I-1335), arados (§I-1548), tear (§I-1710), colheres (§II-3573), e camas (§II-4543);
- o chá da folha não é desprezado (§II-3488).

Tangerina

- acaba depressa como o amor dos homens (§I-2029);
- quando madura apodrece por dentro, mantendo a beleza exterior, como certas pessoas (§I-5693).

Lima

- limita-se a acompanhar o limão nas referências (§I-4828, §II-3988).

Cidra

- serve para arremessos amorosos (§I-1199);
- faz a ponte entre a laranja e o limão (§I-6099).

Referências geográficas

- nos Açores (§I-2887 e II-1707);
- presentes em todo o território: constam da lista de fórmulas (§III-2379);
- a sua casca pode servir de embarcação para se passear por Portugal (III-810);
- pelo facto de se atirar uma e outra vez com estes frutos, conseguem chegar até França (§III-2318), ou mesmo ao Brasil (§III-2169), simbolizando a partida de um amor;
- faz-se um barco da casquinha para embarcar olhos dentro do coração (§I-1835).
- Em Elvas, onde o rei teria um pomar de laranjas (§III-455), são vendidas na praça (§III-456);
- Galveias, terra das laranjas (§III-1574), diz-se que tem em redor laranjais carregados de flores (§III-528), o suficiente para distinguir tal terra de Avis (§III-1568).
- de Tavarede diz-se o limão verde (§III-1482);
- de Vale de Medeiros diz-se simplesmente limão (§III-1491), assim como Mondim de Baixo, uma vez que o de Cima é uma lima (§III-1496), como no caso de Lapa do Lobo e Vale de Medeiros, limão e lima respectivamente (§III-1506).
- o jogo entre lima e limão repete-se em Ourique e Castro (§III-1613), em Ponte do Lima e Viana (§III-1695), e em Cima do Douro e abaixo (§III-1878);
- de Messejana diz-se verde lima (§III-760), assim como das Panóias em Ourique (§III-907);
- Ponte de Lima é lima ou limão (§III-990).
- Da China refere-se um certo tipo de limão (§III-2340), assim como de laranja (§III-2338, §III-2339);
- do Brasil refere-se um limoeiro, metafórico ou não (§III-2187).

ANEXO III-3.2 – Castanha

Castanha

- surge também no Algarve, e dura até às «desbulhadas» (§II-2050);
- pode ser cozida (§III-1159), mas é preferencialmente assada e acompanhada de bebida alcoólica (§II-1996);
- comê-las quentes com água fria dá cabo dos dentes (§III-812);
- presta-se a conotações amorosas, tanto ao ser partilhada (§II-3324) como prometida (§II-3974);
- é uma oferta de amor, a quem se quer dar de comer (§I-5501), servindo até de sobremesa (§II-3324);
- simboliza o recato da menina solteira quando no ouriço (§II-2542, §II-2933), que ao se abrir representa por sua vez o desabrochar da nubildade (§I-4295);
- a apanha das castanhas desloca gente (§III-1784);
- exige varejadores (§III-765), excelente oportunidade para exposições atléticas (§I-3630);
- por vezes subir ao castanheiro é procurar amor (§II-3270);
- o ouriço da castanha serve de insulto, ao ser confundido com o animal homónimo (§I-4487, onde o castanheiro é sinal de riqueza);
- a folha picada como a renda (§I-2026) pode ser usada, tal como a casca dos citrinos, para fazer uma embarcação para o amor (§III-1405);
- as flores assemelham-se plasticamente a candeias (I-2099).
- Boas castanhas são as de Sobreiró (§III-1422), Portalegre (§III-1160) e Alegrete (§III-1661);
- de Durrães para o Carvoeiro precisa-se de uma embarcação de folhas de castanheiro (§III-1405);
- os castanheiros verdes dão sombra à Sra. da Abadia, em Guimarães (§III-3244), assim como à Sra. dos Remédios em Lamego, e à S. Eufémia, em F. Algodres e Lamego (§III-3545);
- a Sra. da Peneda, no Minho, foi-se pôr junto dos soutos (§III-3394).

ANEXO III-3.3 – Azeitona, oliveira e azeite

Azeitona

- retalha-se (§I-244);
- é humilde, mas faz com que o apaixonado a ela se sujeite (§I-3098);
- como a azeitona preta vai à mesa do rei, tão pouco se deve desprezar a rapariga escura (§I-5007);
- é rei dos amores depois de haver recebido as três cores: branco, vermelho e preto (§I-220);
- quando preta e madura chega a altura de armar aos tordos, como a rapariga se apresta aos amores novos (§I-3906);
- nasceu verde para o sol lhe dar cor, como os amantes nasceram um para o outro (§I-3099);
- os olhos dizem-se pretos de azeitona quando amam, ora causando medo ora cativando (§I-5968);
- os olhos do amor são duas azeitoninhas (§I-6022);
- mais negro que a azeitona pode ficar o coração (§II-671);
- como nasce redonda, assim a rapariga nasce para ser do seu amado (§I-2502);
- mesmo pequena a azeitona será sempre como uma moça bonita (§II-2540);
- a galega acaba no pio, como certa menina por excesso de brio (§I-1272);
- a cordovesa serve de refeição entre amantes, mesmo que tal lhes custe a vida por alguma peçonha (§I-3151);
- tal azeitona, uma vez falecido quem a apanhava, sofre a ameaça de ser arrastada (§II-454);
- a cordovil parece merecer tanto respeito como homem de pouca barba (§II-2253), assim como a galega (§II-2254) ou simplesmente a azeitona pequena (§II-2255), que o namorado rouxinol rouba (§II-2953);
- é da cordovil o azeite que alumia o Divino Sacramento (§III-2421);
- incita-se à apanha da azeitona para tal fim religioso (§III-2425);
- atiram-se azeitonas à janela do amor (§I-2864), ou à varanda (§I-2869) – até às meninas de Castela, acabando por matar a que estava de sentinela (§III-2299);
- é um segredo com o caroço escondido, como aquele que ama sem haver alguém que possa dizer de quem (§I-2926);
- por mais azeitona que haja, sempre haverá penas a mais (§I-245);
- houve uma azeitona que embarcou para o Brasil, deixando quem amava dormir sossegado (§III-2161, §III-2164).

Oliveira

- queixa-se dos humanos por lhe mandarem as ramas para o chão e lhe apanharem o fruto (§I-223);
- da oliveira pequena diz-se não dar grande apanha (§I-244), embora a azeitona que chegue a dar vá parar ao lagar como a rapariga que pese a pouca estatura é firme no amar (§I-3778);
- acabar no lagar é vir a casar (§II-1618);
- é oliveira pequena sem azeitona o homem que sem dinheiro pretende amor (§II-2107);
- a oliveira do adro, quando carregada e gratuita, suscita a irritação de quem nela revê uma amada impudica (§I-4817), embora a essa mesma oliveira se peça um ramo para vergastar o namorado teimoso (§I-4818);

- desconfia-se da oliveira do adro como da filha da cabaneira (§II-395), assim como da oliveira do norte (§II-2066);
- no olival dos amores perde-se muita azeitona entre apanhadeiras e varejadores (§I-1733);
- na apanha surgem namoricos, que logo se vão (§I-1735) – ficando ao menos o dinheiro na mão (§I-1758);
- o tempo que se passa na azeitona não é um tempo fácil (§III-628), e coincide com os reis (§III-2687).

Referências geográficas

- atira-se uma azeitona às muralhas de Alpalhão (§III-99), e às muralhas de Marvão (§III-735);
- Amarante é conhecido pelo varejo (§III-132);
- a azeitona de Elvas tem o caroço tapado (§III-441);
- Monsanto está cercado de olivais (§III-822);
- o comboio da Beira Alta é escuro como a azeitona (§III-1485);
- a apanha exige migrações (§III-1784);
- a terra do Douro é terra de varejo (§III-1922, §III-1925);
- vir do varejo de algures é registo formular (§III-2419);
- a Sra. da Saúde, em Campo Maior, está no meio dos olivais (§III-2743), assim como em V. Alentejo, onde dá pena não serem varejados (§III-2745);
- a Sra. do Castelo é alumuada pelo azeite amarelo da cordovil (§III-3418);
- à Sra. da Penha, em Castelo de Vide, reza-se contra os pardais que pilham os olivais (§III-3468), assim como à S. Eufémia, em O. Hospital (§III-3538), e à da Veiga, em Foz-Côa (§III-3567).

Azeite

- se a rua cheira a azeite é porque se fritaram ovos (§II-2333);
- no azeite fazem-se as quentinhas pelo Natal (§III-2650);
- pede-se azeite pelas janeiras (§III-3790);
- certo amor sacristão come o azeite com pão e deixa os santos às escuras (§I-1676, §II-4161);
- quando o azeite está caro não se usa a candeia para alumiar, mas os olhos amados (§I-2524);
- quando o azeite não está caro pede-se à candeia para alumiar (§I-5774) – precisa de azeite e torcida (§II-3302);
- nódoa de azeite tira-se com o tempo, mas a de a rapariga ter sido judia não (§II-3675);
- com azeite talha-se zipla e ziplão (§II-4357), erisipela (§II-4361);
- desvaria quem deita azeite no mar e aguardente na candeia (§I-6066);
- duvida-se do azeite que uma oliveira pequena possa dar, como dos amores que uma filha dum pobre pode tomar (§II-2067);
- duvida-se do azeite que a cordovil dará, como do respeito dos homens de pouca barba (§II-2253) – também se duvida da azeitona galega (§II-2254), ou simplesmente da azeitona pequena (§II-2255);
- quem tem olivais tem vinhos, e quem tem vinhas tem azeite (§II-3533);

- a azeitona cordovil dá o azeite bento, que alumia o divino sacramento (§III-2421) – é azeite amarelo, e alumia a Sra. do Castelo (§III-3418);
- o azeite está dentro da azeitona (§III-2425);
- Frei azeite foi um dos quatro frades que foram enviados de Lisboa num ceirão (§III-639);
- a alguém roubaram quatro canastras de azeite (§II-4646);
- as raparigas da Delgada apenas comem bagaço para poupar dinheiro para sapatos com laço (§III-433), assim como as da Roliça (§III-1090);
- S. Gonçalo de Amarante é feito de azeite e mel (§I-3701);
- referem-se os bagaceiros de Amieira (§III-1557);
- de Moura vem o bom azeite (§III-1661).

ANEXO III-3.4 – Uva, videira, parreira

Uva

- Uva madura é vida e doçura (§I-665);
- nada cheira como o cacho em flor (§II-196);
- o bacelo é quebrado por um anel que se atirou desprezado (§I-5557);
- quem tem uvas tem algo para dar, como a menina pode dar salvação ao soldado (§I-1926);
- as uvas roubam-se da vinha como as raparigas das mães (§I-3087);
- incita-se o namorado a apanhar as uvas que quiser usando o chapéu (§I-5566);
- o desejo delas só pode ser satisfeito quando estiverem maduras (§II-1300);
- parras e uvas são sinónimo de festa e fartura (§II-2054), e de raparigas bonitas (§II-3591);
- oferecem-se cachos aquando da vindima (§I-1741);
- vindima é tempo de risada (§II-2004);
- a amada é uma vinha madura e cheia de fartura (§II-3018);
- não se devem contar segredos como não se devem cortar cachos (§II-2715);
- a uva escolhe-se de dia para de noite se namorar (§I-1747);
- desce-se por um cacho de uvas ao mar falso do amor (§II-2654) – esta descida negativa implicou uma subida prévia (§II-3813);
- subir uma parreira em busca de uvas acaba por revelar o coração de Judas dos homens (§II-4019);
- o belo cacho pode ficar além do alcance (§II-3033);
- apartam o cacho da videira como apartam o rapaz da solteira (§II-103);
- no meio do mar perdem-se de maduras algumas uvas misteriosas (§II-3464);
- quando as uvas despontarem do chaparro e da videira vier a cortiça: então amar-se-á – se não houver preguiça (§II-3981);
- a uva presta-se a desafios matemáticos, que põem à prova o brio duma filha dum letrado (§I-1168);
- existe uma cor chamada de uva (§III-3047);

Videira

- as suas lágrimas são pelo amor que parte (§I-900);
- chora-se por cima da lata por causa da poda, para manter a videira na latada (§II-826);
- mesmo mal podada, continua a ressumar cachos, com a graça de Deus (§II-2681), podendo chegar a dar vinho (§II-2863);
- a menina pobre e feia é como a videira no monte que apesar de não ser podada dá uvas (§I-4454);
- a rapariga canta que, como pela folha conhece o vidonho, não deixa escapar nada, embora se faça de desentendida (§I-5114);
- os anéis (gavinhas) por que se agarra a ramada são as penas pela amada, apesar de a ramada servir de protecção (§I-908);
- esses elos relacionam-se com a prisão do amor (§I-2475), que restringe a liberdade do outro para prazer de quem ama (§I-4931) – aliás, tais enleios simbolizam receios inibidores (§II-2567).
- é tão natural cair a folha à videira como os dois amantes se entregarem um ao outro (§I-3048);

- a videira serve de escada por que o amor trepa à janela (§I-3657);
- quando se semeiam raparigas pode nascer uma videira (§II-3566) – por vezes basta semear o brio dos estudantes (§II-3568);
- como a videira só deve ser vindimada por quem a podou, não cai bem que outro se aproprie do fruto do trabalho alheio (§I-4618);
- carece de água (§I-1159);
- há rocas da sua madeira (§I-1511);
- a cepa não dá boa chama (§I-4279);
- a cepa é retorcida, como o passo de quem bebe vinho (§II-1962) – e a sua cabeça (§II-1965), ainda que agudize o espírito (§II-1964);
- a cepa é uma velha, tem filhos que a carregam, ganha olhos pelo verão, e um filho serve-lhe de condão (§II-1986);
- a cepa representa o cristão, sendo o mundo uma vinha, vindimada pela morte (§II-2651);
- cada casa é uma latada (§II-2650), sob a qual se costuma ir pedir os reis (§III-2655);
- herdar vinha sem cepa é herdar casa sem telhado (§II-4186).

Parreira

- pede-se-lhe um cacho como ao amor um remédio (§I-3506), ou à menina um gesto de carinho (§I-4937);
- pelo pó que deita resulta a deixa perfeita para a solteira convidar o rapaz a se encostar antes ao seu peito (§I-965);
- por vezes fundem-se as sombras da parreira e do amor num único regalo (§I-3373), ainda que apenas o peito seja encosto fixo para a vida (§I-3667);
- a amada anseia por ser parra verde que tape o seu amor trabalhador (§I-1730);
- a parra jamais cairá da vinha (§I-3726);
- foi debaixo da latada que se deu o primeiro momento de intimidade (§I-3159);
- ter uma parreira à porta é a desculpa para manter por perto o amado (§I-1740), carecendo ambas de estima (§II-1609);
- nem sempre se sabe vindimar nem namorar (§I-4202);
- só quando a parreira der diamantes se deixará de amar olhos galantes (§II-1413);
- quando ela der cortiça haver-se-á de amar (§II-3981).

Referências geográficas

- Candós está cercada de uvas (§III-315), assim como Lagos (§III-597), Olhão (§III-875);
- o casal das Gamelas no Bombarral tem uvas (§III-530);
- em Mafra diz-se que se vai à Serra da Neve a elas (§III-1534);
- a ilha Graciosa é mãe das uvas (§III-2146);
- no Alentejo ougar videira é uma labutação (§III-65);

- no alto do Douro alguém podou uma videirinha (§III-1876), onde existe a videira de alvarelhão (§III-1885);
- no vale das Setes Cidades, nos Açores, há cepas folhosas chamadas faieiras (§III-2101);
- o S. António de Lisboa faz dar uvas à parreira (§III-2914);
- no altar de S. João elas nascem (§III-3068);
- e em Tarouca diz-se que foi para o Norte comê-las (§III-350);
- na romaria de S. Bartolomeu, em Penafiel, também as há (§III-3348);
- Jesus é referido como baguinho de passa (§III-3691).

ANEXO III-3.5 – Maçã

Maçã

- pretende-se corada, e guarda-se como um tesouro numa caixa para pagar a alguém (§I-239, §II-1389);
- como o sol cora a maçã – o sol pode nascer numa maçã (§I-2668) –, assim a posse amadurece o amor (§I-5109);
- a origem dessa vermelhidão resulta um mistério (§I-240);
- é louvada por não ir ao fundo, mas flutuar, assim como quem a canta não se deixa afundar pelas bocas do mundo, e é ainda lamentada por ser picada pelo rouxinol, perdendo a beleza (§I-960);
- quando o rouxinol a pica no melhor, considera-se perdida para sempre a amada (§I-4596) – ainda que nem sempre (§I-5059);
- o seu cheiro pode ficar perdido na cama de quem se ama (§I-3654);
- a maçã oferecida por um caiador não perdeu a cor, e a dum carpinteiro não perdeu o cheiro (§I-5538);
- oferecem-se maçãs assadas ao amor no verão (§I-1476);
- quando se partilha, dá-se apenas um bocadinho – para de seguida se dar um beijinho (§I-4894);
- comer a maçã pode matar, i.e. ficar o namoro descoberto (§I-2993);
- o rapaz pode ser uma maçã doce, por quem se suspira pendendo da macieira (§II-1237);
- a verde maçã é o futuro namorado ainda no ramo novo (§I-2941);
- quando madura por si mesma quer cair, como os olhos da menina adormecem quando ensonados (§I-6163);
- se a maçã se deixar abanar da macieira, perderá apetência (§I-910, §II-2963);
- o roçar da maçã na rama é como o da amada junto do amado (§I-5160);
- a amada colhida no Outono já tem dono (§II-584);
- enquanto não casa a maçã pende corada (§II-1794), mas não se pode deixar abocanhar (§II-3126) – é que maçã madura e moça bonita: todos as querem comer (§II-2881);
- duas maçãs são duas irmãs no quintal da beleza à espera de serem colhidas numa noite de luar (§I-5268);
- deve esperar a que está no ramo alto pelo rapaz ainda novo (§II-1390);
- pede-se a filha-maçã ao pai-macieira (§II-1594);
- atirar maçãs a uma moça pode acabar por matá-la (§III-902);
- dão-se despedidas por cima de uma maçã (§III-3885);
- é o fruto da ciência proibido por Deus: de tão barata saiu cara, tendo ficado atravessada na garganta de Adão (§II-4662);
- colher uma camoesa no jardim de Deus é ganhar o céu no amor (§I-3190);
- a macieira racha-se em pequenos cavacos, como os beijos o fazem aos namorados (§I-4872);
- dela espera-se colher o futuro esposo (§I-5425), uma vez que foi nela criado (§II-1237);
- é na árvore onde se exhibe a maçã como a solteira em casa (§II-1779);
- alguém achou uma maçã entre Arganil e Góis (§III-1462);
- o Teixoso é bom para maçã (§III-1492);
- uma maçã atravessa o Rio Ave (§III-1844);

- santo António casamenteiro fará a maçã de quem tiver fé nele (§III-2906);
- a Sra. da Saúde dá uma maçã ao seu menino de regresso da lição (§III-2747);
- em Melgaço diz-se que o cheiro da maçã é o da graça da Sra. da Peneda (§III-3398);
- a Sra. dos Remédios de C. Branco tem cara de maçã madura (§III-3488).

ANEXO III-3.6 – Pera

Pera

- dão-se peras verdes para madurar como o amor (§I-912), porque só é doce madura (§I-1291); então partilha-se (§I-4893);
- a pera é tão boa que quando se pede não satisfaz apenas com um bocadinho (§I-4894, §I-4895);
- atirar às peras é tentar sorte no amor (§I-3333), embora uma não se distinga das outras quando pendem do ramo da nubildade (§I-3531);
- algumas ainda que podres não haverão de cair para quem as despreza (§I-4503);
- há quem goste de diferentes peras como de diferentes homens (§I-3949);
- as que se ocultam atrás do ramo são conotadas com traição (I-4723);
- Agosto é o mês em que todos querem comer alguém que gosta de ser chamado Pera Parda (§I-5006, §II-2025, §II-3328);
- os olhos da menina leviana são peras (§I-5846);
- as meninas são como peras pigarças: por fora uma coisa e por dentro outra (§II-3771);
- pera doce é termo carinhoso para namorado (§II-1339);
- a amada mais velha pode-se queixar ao namorado de ser preterida pelas peras novas à venda na praça (§II-3019);
- depois dos trinta é-se pera passada (§II-3762);
- peras não substituem o pão (§I-1761);
- São Bento é das peras (§II-2791);
- S. António vende-as baratas (§III-2927);
- Peras são o nome dado às pedras que enfeitam um anel (§I-5536);
- a pereira nova, quando por abanar, é metafórica (§II-2983);
- a perada é referida numa sucessão de partilha de frutas que culmina com um beijo (§I-4895);
- a pera envia-se em raminhos do Algarve (§III-76) Lisboa (§III-640) e Coimbra (§III-392);
- o Teixoso é bom para peras (§III-1492).

ANEXO III-3.7 – Pinha

Pinha, pinhão e pinheiro

- O pinhão pede-se à pinha e esta ao pinheiro, como à menina se pede os olhos para receber em troca o coração (§I-2635);
- por vezes pedem-se abraços (§I-4947), ou falas (§I-6144), ou o simples sim (§II-1309);
- pelos Reis dão-se vivas pela casquinha do pinhão (§III-2655);
- quando a comitiva dos Reis nada recebe diz que se trata de uma casa de pinhão (§III-2696), ou que a casa cheira a pinho (§III-2693);
- quem tem pinhas tem pinhões, como que tem amores tem saudades (§I-2357);
- oferecem-se pinhões em pouca quantidade, por poderem fazer mal (§II-2062);
- as solteiras são pinhas coradas no pinheiro (§I-2303), que quando maduras o jovem anseia por ter nas unhas (§I-3515);
- as pinhas podem ser de prata (§II-424).
- Varre-se com ramo de pinheiro quando se recebe o amor em casa (§II-1899);
- a madeira de pinheiro serve para fazer colheres (I-1007, §II-2800, §II-3953);
- semear nos pinheirais escuros é pôr à prova o amor (§I-3893, §I-2894);
- do pinhal vem a resina, que continua a escorrer como o amor mesmo que já não se queira (§I-4679);
- foi ao pé do pinheiro manso que se marcou um encontro frustrado (§I-5228), embora outros encontros tenham sido consumados (§II-22);
- o José é um pinheiro manso que dá sombra todo o verão (§I-5368, §I-5442);
- semear um pinho e esperar pelas pinhas pode ser promessa de amor ou simples adiamento (§II-1706, §II-3796);
- há um pinho com uma fantástica pipa de vinho de que as mulheres bebem enquanto os homens ficam pelo corno (§II-1963);
- a suposta flor branca do pinheiro redondo simboliza a virgindade, imprecada através da Sra. da Conceição e Sra. da Piedade (§II-2584);
- em Janeiro o canastro das espigas aparece cheio de achas de pinheiro (§II-3972);
- apanha-se a pinha mansa para a ceia de Natal (§III-3604);
- são de pinho as fogueiras com que alguém quer acender as caldeiras infernais (§II-4644);
- sob os pinhos colocam-se cavacas a secar (§II-2757, §II-3138);
- da Caparica vem uma preta a vender pinhas e pinhões (§I-613);
- no lugar dos Barreiros, em Leiria, ocorre a britada dos pinhões que dá azo a serões e paixões (§III-218, §III-3606);
- a igreja de Portalegre tem portas de pinheiro que ao se abrirem espalham o cheiro (§III-996);
- a Sra. da Serra apanha pinha mansa para a noite de Natal (§III-3215), como a Sra. da Abadia (§III-3238).

ANEXO III-3.8 – Figo

Figo e figueira

- diz-se que a figueira tem seis figos (§II-3285);
- são vendidos na feira (§I-644);
- o figo é a diligência, e a Figueira uma delícia (§III-500);
- em passa garantem a conservação, e têm propriedades medicinais (§I-1090, §II-2039, §III-4329);
- figos só são para quem os tem (§III-85);
- o moço que cheira a figo torrado é preferível ao do homem do mar (§I-1843);
- a figueira deve dar figos, mas a menina não (§I-2155);
- é reprovada aquela rapariga deliciosa que como o figo se deixa apalpar por todos (§I-4533, §I-5638);
- dar figos é sinónimo de dar beijos (§I-4933);
- o figo torna-se no travesseiro dum sonho amoroso (§I-6235);
- do figo nasceu a ciência (§II-473);
- ama-se a rapariga vistosa como figo na figueira (§II-1383);
- tem de ter pé ligeiro quem quiser comer os figos da figueira (§II-2984);
- os figos são a juventude alegre que dança ao ver uma velha gaiteira (§II-4210);
- os rapazes podem ser como figos corigos (§I-4055);
- não dá figos verdes a figueira preta, como tão pouco é leal aos pais a moça solteira (§I-2225);
- a impossibilidade de dar figos da raiz é proverbial (§II-4152);
- nas janeiras não são esquecidos (§III-2645, §III-2674).
- Vai-se à figueira tomar amores (§I-2157);
- dá madeira para a roca (§I-649);
- para lenha não presta, como aqueles que deitam muita chama mas fazem pouca brasa (§I-1120);
- por dar fruto sem flor é reprovada pelo Amor (§I-4604);
- a folha pode servir para um arranjo floral (§I-5526);
- dão-se vivas pela folha (§III-2641);
- a folha serve ainda para enfeitiçar (§III-2975).
- O Algarve é terra dos figos por excelência (§III-1648, §III-1661), ao ponto de se tornarem num vício (§III-74);
- Querença, de Loulé, tem muito figo (§III-1057);
- no Alentejo as raparigas têm fama de ser figos apalpadados pelos beirões (§III-1650);
- a romaria de S. Bartolomeu, em Penafiel, brinda os fiéis com figos (§III-3348);
- Cebolais de Cima destaca-se pelas figueiras em redor (§III-353), assim como Olhão (§III-876) e Tinalhas (§III-1209) – aliás, trata-se de uma fórmula (§III-2401).

ANEXO III-3.9 – Cereja

Cereja, cerejeira e ginja

- é recorrente chamar pé de cereja a rapaz ou rapariga (§I-231, §I-5318, §I-4502), reservando-se pé de ginja para o sexo feminino (§I-4502);
- cara de cereja (§I-973) e cor de cereja (§I-5635) ou ginja (§I-5641) fazem parte da retórica amorosa, assim como amar a cereja (§I-2759);
- evita-se a cerejeira enquanto pai (§I-3060), confundido também por ginja (§II-3521), ou a tia (§I-3059);
- não se deve protelar o casamento com a cereja (§II-1668);
- amá-la não basta, porque os gaios a acabarão por comer (§II-2998), ou então o rouxinol (§II-2999);
- como são o primeiro fruto, as cerejas estão também vocacionadas para ser amadas (§I-2768);
- algumas cerejas resistem até cair de maduras (§I-4498) – então estão boas para o fidalgo (§I-4501);
- as raparigas como a cereja apanham-se pelo pé (§I-4360);
- cerejeira também aponta para a rapariga solteira (§III-3070);
- as palavras do amado seguem como as cerejas umas atrás das outras (§I-6126);
- é colhida no mês de Maio (§III-3908);
- ir às ginjas é ir às raparigas (§I-5026);
- foram ginjas as lampas de S. João que se deram pelo buraco duma porta (§III-3142).
- A Sra. do Castelo é da cor da cereja madura (§III-3425), ou cereja-soldar (§I-1952), como o Senhor do Calvário (§III-3370);
- o Senhor de Matosinhos satisfaz os fiéis de cerejas (§III-2818), assim como o S. João no Minho pela mão de quem se ama (§III-3051) – aliás, no S. João houve quem tivesse comido muita dessa cereja (§III-3071);
- é no altar de S. João que afinal nascem cerejeiras (§III-3068);
- ir às cerejas é ir ao Marão (§II-3370).

ANEXO III-3.10 – Amora

Amora

- conotada com menina bonita (§I-1047);
- a amora torna-se em olhos (§I-2289);
- serve de travesseiro do leito do amor (§I-2156), a quem se pede remédio como se pede amoras à silva (§I-3506) ou à amoreira (§II-1308);
- como a amora nasce da silva: o amor nasce da alma (§I-2033);
- como a silva dá amoras deve a menina dar um beijo (§I-4932);
- o namorado confunde-se com amorado quando vem das amoras (§I-4800), estando ora ele ora ela já delas fartos (§I-4802);
- vai-se às amoras aquando de arrufos de namorados (§I-4801), embora estes possam ir a elas para evitar a má língua do vizinho (§II-3204);
- um raminho com amoras simboliza amor (§I-5526) e também luto (§I-5498);
- amoras são abundantes como as moças bonitas (§II-1707), embora a abundância possa representar a amizade fingida (§II-2875);
- encontram-se no mato (§I-4800);
- nem todas as silvas dão amoras, como sucede com a firmeza nos homens (§II-2674);
- troça-se de quem ama invertendo a cor da amora (§II-3760, §II-3922);
- a amora é cantada como o mistério do amor que amadureceu e que procura prender como a silva (§I-961)

Amoreira

- apresta-se a sestras (§-2156, §I-3633);
- por ser alta, resulta altiva e falsa como quem se ama, especialmente quando nela canta a cotovia (§I-4134);
- eventualmente irá perder a folha e ficar sem escolha quanto a namorados (§I-4398)
- as amoras da amoreira merecem ser distinguidas das da silva (§I-5526)

Silva

- dela vem a amora, madurada pelo sol, com que alicia alguém para o prender com as cadeias do amor (§I-961);
- silvas são sinal de amora enquanto rapariga bonita (§I-1047);
- representa o amor que nasce do coração (§I-2020);
- impreca-se à silva que dê o fruto, como ao amor o seu retrato (§I-5577), embora haja sempre silvas que não dão fruta como existem homens que não são firmes (§II-2674);
- o excesso de silvas e amoras representa amizade fingida e amor em vão (§II-2875);
- essa abundância faz o rapaz queixar-se da sua pouca fortuna (§II-3593).

ANEXO III-3.11 – Frutas várias

Alfarroba

- adstrita ao Algarve (§II-4655), cujos habitantes são acusados de nada mais comerem (§I-2061 e III-74);
- comida para os burros (§III-85);
- é um remédio que se põe no umbigo quando se está empachado (§II-4329);
- o seu ramo serve de chibata para se fazerem contas com o amo (§I-1751);
- as folhas representam as algarvias, que quando caem logo ficam amarelas (§II-2498), e que o marido boi não come (§II-3123);
- Albufeira está cercada de farrobeirões (§III-28);
- a Rocha da Pena é terra dos farrobeirais (§III-1088).

Ameixas

- Ir com um cesto às ameixas é procurar amor (§I-4211);
- apanhar ameixa de noite serve de deixa para a intimidade (§I-1146);
- ameixas são queixas que ficam por desabar como nuvem pelo ar (§I-4182);
- subir ao céu por uma ameixa é fiar-se nos homens (§II-2874);
- vai-se ao céu para ameixas, regressando-se desagrado (§II-3813);
- o desejo de ameixas pode exigir estranhos sacrifícios (§II-3831);
- vêm no ramo que se oferece (§I-5609);
- a sua cor serve de referência (§II-2212), embora a doçura seja dita do abrunho (§I-5641);
- pulam-se sete quintais por uma ameixa reinol (§II-3387);
- pelo São João amadurecem (§III-3059).

Amêndoa

- Sendo doce, representa o coração da amada (§I-2623);
- a casca que a envolve serve de deixa para chamar a atenção do amado aquando da missa em quadras delicadas (§I-2920, §II-2418);
- a brancura do miolo presta-se a servir de pintura dum retrato (§I-3094);
- sinal de fartura, ocorre em momentos festivos junto de outras guloseimas (§II-2054);
- a amêndoa amargosa engana o moço (§III-135);
- a flor da amendoeira representa o primeiro amor para bem (§I-1065) e para mal (§I-4441);
- a árvore presta-se como outras a ser trepada para o rapaz lograr o amor (§I-2528) e a rapariga também (§I-5038), mas por vezes para gorá-lo (§II-522, §II-3145);
- existe um papel feito de amendoeira com que se escreve (§II-1106);
- é um elogio chamar alguém de raminho de amendoeira (§III-2683);
- as suas flores têm algo de memorável (§III-2689);
- símbolo do Algarve, a par dos figos (§II-4655);
- a amendoeira cerca Alcoutim (§III-39), Armação de Pêra (§III-163), Cimbres (§III-370), num registo formular;

- a Sra. dos Remédios em C. Branco cheira à flor desta árvore (§III-3484).

Ananás

- dum estufa alguém vê a alvorada ansiando pelo arrependimento de quem o despreza (§I-4362).

Andrinhas

- ao irem ser colhidas são achadas já talhadas (§I-1979).

Avelã

- comem-se avelãs fantásticas dum pessegueiro (§I-619) e dum carvalho (§I-620);
- na canção do papa-ratos aparecem avelãs nuns alforjes em não muito bom estado (§I-637);
- a aveleira é invocada pela flor granada numa imprecação relativa ao casamento por dinheiro (§II-2101).

Bananas

- para comê-las convém estar junto à árvore (§I-248);
- jocosamente medem-se ao metro (§II-4653);
- existe desconfiança quanto aos seus benefícios (§III-3016);
- quem esteve no Brasil dela comeu (§III-2238);
- foi à sombra das bananeiras que alguém prendeu o Gungunhana (§II-4757);
- é sob tal sombra que o preto fala com a preta (§III-2088).

Bolotas

- uma das quatro castas de fruto da carvalha abençoada, entre bugalhos, bugalhinhos e maçãs do cuco (§I-221);
- tanto o carvalho como o sobreiro produzem bolotas (§I-1613) – da azinheira tal não é especificado;
- a lande das sobreiras engorda gado (§II-4655);
- o facto de o carvalho dar lande sem casulo é motivo de empáfia do rapaz junto da menina, já que tudo conquistará aquele não abrir a boca para falar (§II-2776);
- a fama quando falsa não passa de cascabulho de bolotas (§II-3618);
- nem todos os anos são de bolota (§III-2644);
- as landes carecem do varejo que alicia ao namoro (§I-1449), assim como à apanha (§I-1613);
- casas abastadas costumam ter um sobreiro ramalhudo donde cai o fruto aquando da visita por causa dos reis (§III-2686);
- não se deve desprezar o carvalho enquanto árvore, porque também dá fruta (§I-228) – cada árvore como cada pessoa dá o que tem (§II-2614), ainda que não se peçam bolotas pelas Janeiras (§III-2648);
- o bugalho nada tem a ver com o alho (§I-539);
- à casca do carvalho sugere-se um atributo provavelmente medicinal (§II-3893);
- a madeira (pau) para ferramentas não tem igual, e o azinho dá excelente lenha (§II-4151);
- a cortiça vem da sobreira (§I-2054), que a tem que sustentar como um casado a sua mulher (§I-1109);

- «Quando a sobreira der bagos» indica tempos que jamais virão (§II-3251);
- uma carvalha ladeia o santuário da Sra. do Desterro, em O. Hospital (§III-3261).

Damasco

- por amor fica quebrado o pé do damasco (§I-4493);
- sobe-se e desce-se pela árvore aquando do namoro (§I-3185);
- diz-se que a ilha do Pico e o Faial são pais do damasco (§III-2146).

Lampas

- nome genérico que se dá à fruta colhida pela manhã do S. João (§III-3142).

Marmelo

- vai-se acima do marmeleiro colher a gamboa, já não que convém deixar o amor à toa (§I-930) – é que pode algum pássaro bicá-lo (§I-1026);
- sobe-se ao marmeleiro para cortar apenas uma verdasca, pois um aceno ao amor basta (§I-2847);
- gamboeira e gamboa parecem por vezes apontar para pessoas duvidosas (I-1661, §II-3146, §II-3337).
- O marmelo retalha-se como o coração quando se o oferece (§I-3798);
- resulta-se triste como a flor do marmelo apenas para quem não se ama (§I-4504);
- ter olhos como marmelos é um insulto (§II-4024, §II-4039);
- a vara de marmeleiro estimula a educação da filha (§I-1394);
- a sua madeira flexível é o espelho de quem aparenta ir na conversa sem se deixar enganar (§I-5052);
- os marmelos ameaçam cair de maduros se não se atravessar o rio (§II-3455, §II-3628);
- é por talhadas de marmelada que se pede nas Janeiras (§III-2648), dela se carecendo para se cantar bem (§II-2059);
- ficou com a boca cheia de marmelada quem terminou uma história que sequer chegou a começar (§I-698);
- marmelada é a merenda que pende da boca do Menino, pela qual suspiram crianças (§III-3666, §III-3680).
- Em Portimão diz-se que se traz marmelada aos arrátéis de Lagoa (§III-596) e de Palmela (§III-903);
- de gamboa são as portas perfumadas do Senhor da Piedade, em Elvas (§III-3551).

Medronho

- Medronheiro sem flor resulta triste como as raparigas quando ainda sem amor (§I-2284);
- a rapariga bonita é corada como o medronho (§I-2546, §I-5637);
- de tanto haver ido aos medronhais ver da menina acabou o apaixonado por romper as solas (§II-1234);
- quando se está no campo e a aguardente na estia já não se quer nem vinho nem amor (§II-1946);
- é amaldiçoado quem cortou o medronheiro de Além de Água, em C. Basto, que dava fruto e sombra (§III-1707).

Melancia

- incarna a água com que as camponeses lavam o rosto (§I-1431) – visão pelo qual se tem que aguardar um ano (§III-1717);
- alguns servem-se da sua casca para beber água na fonte (§II-530), ou simplesmente trazê-la (§II-2444);
- o miolo pode forrar expressivamente um colete de abóbora (§II-3605);
- as moças trazem no seio melancias que se compram (§I-3631);
- um melancial nasceu no peito duma donzela (§I-3713);
- a flor da melancia pode parir um novo sol – indiciando talvez um amor por alguém (§I-115);
- a romaria de São Bartolomeu, em Penafiel, é a melhor porque nela há melancias (§III-3348).

Melão

- o meloal presta-se a ser pilhado (§I-618);
- as pevides do melão são semeadas no quintal, se bem que para dar uma burra (§II-3577).

Morango

- ramo de morangos troca-se com quem se ama (§I-1018);
- a boca pode virar cesta e os morangos beijos, sendo a amada o morangal dos desejos (§I-5653).

Nozes

- a noz é um segredo (§I-2510);
- a noqueira é sagrada (§I-4448);
- a noqueira sugere promessas de amor sob a forma de nozes pendentes que distraem quem é amado do peito de quem de facto ama (§II-197, §II-869);
- uma sesta debaixo da noqueira pode resultar erótica (§II-3339);
- a folha apresta-se a servir de sobrescrito para a carta do amor (§III-207);
- a noz, por vezes aparelhada com a castanha (§I-968, §II-2054), é barriguda (§I-620), pequenina e satisfatória como a rapariga no vira (§I-895);
- pela casca forte a noz apresta-se a juramentos de fidelidade (§I-3729);
- quando o carvalho der nozes o amor será correspondido para alguns (§I-4695);
- dar um lenço cheio de nozes à rapariga sabe a casamento (§I-5327);
- tira-se o grão à noz quebrando a casca, como se tira o coração a alguém (§I-6073).
- a casca da noz é onde a voz se oculta (§I-6134, §I-6135);
- menciona-se a noz em contexto de fartura (§II-2054).

Pêssego

- aveludado, é prenda do pessegueiro, e dá um bom presente para a namorada (§I-5588);
- o pessegueiro, como outras árvores de fruta, quando abanado remete para namoro (§I-1143, §II-1518);

- as suas flores fazem desabrochar uma certa nubilidade na rapariga todavia criança sobre a qual caem (§I-5023, §II-440);
- o ramo florido oferece-se com carinho (§I-5602);
- quando sem flor representa a rapariga sem amor (§I-2291);
- à falta de cobertor, sempre pode abanar o pessegueiro quem fizer cama na calçada para se cobrir com a flor (§I-6184);
- esta cama pode resultar triste, quando se vive num mar de tormentos e separação de quem se ama (§II-126);
- pega de raiz, ao contrário do amor (§I-4462);
- chega a ser louco, oposto a quem afinal não ama o suficiente para se perder por paixões (§I-4667);
- o tronco presta-se à gravura amorosa, pese o receio de esta ser mal recebida pelo outro (§II-1235);
- como rebenta pelo pé, deseja-se que rebente a língua do pérfido (§II-3143).

Rainhas

- acompanham morangos num ramo que se oferece a alguém amado (§I-1018).

Tremoços

- servem-se ambigualmente ao amado, que pode meter a mão no prato, visto nada haver de mais barato (§II-2057, §II-3547);
- o verde tremoço serve de comparação para os amores aquando da apanha da azeitona (§I-1736).

ANEXO III-4.1 – Água

Água

- Pode ser servida em vários suportes, uns naturais: açucena (§I-1222), melancia (§I-5196), rosmaninho (§II-3038), salsa (§III-94); outros pessoais: olhos (§I-5534), boca (§I-3422), palma da mão (§I-3325), peito ou seio (§I-3605, §I-3647); e outros artificiais: púcaro (§I-5279), panela (§I-3422), bilha (§II-2425), cântaro e cantarinha (§II-850, §I-5236), malga (§I-5394), garrafa de vidro (§I-5903), copo (§II-1267), caqueiro (§III-1533).
- Pode advir do rio (§II-3208), monte (§II-2464) e mato (§I-1071, §II-1222), como da raiz da cana (§II-2431) e da raiz do coração (§II-2430);
- com a água do mar vêm sal e temperos (§II-3619);
- pode beber-se com farelo (§II-3644);
- a que se deixou ao ar na noite de S. João usa-se para fazer pão sem precisar de fermento (§III-2943);
- terça-feira é dia de água (§III-2582), mas também sexta (§III-2585);
- beber água fria com comida quente dá cabo dos dentes (§II-4331);
- tratam-se com ervas e água várias doenças: cobrelo, (§II-4339, §II-4362), erisipela (§II-4354, §II-4358), e escaldadura (§II-4344);
- a água faz tropeira (§II-1982), e tem sanguessugas, veneno (§II-1983) e lombrigas (§II-1987);
- declina-se água em detrimento do vinho por razões sanitárias (§I-1570);
- água e vinho nunca se devem misturar (§I-2820), e é tonta a rapariga que o faz (§II-3535);
- água enxovalhada só mesmo para não morrer de sede (§III-1597);
- a água da barreira atira-se com ela, como a consideração por certa pessoa (§I-4698);
- remete para namoro (§I-1071);
- as fontes e o seu caminho são o lugar de encontro por excelência (§I-5203);
- água e amor estão correlacionados pela sede insaciável (§I-3785, §I-4032);
- todos a certa altura precisam de ir beber (§I-5198), mesmo que a sede não seja muita (§I-5199);
- a beber água toma-se amores (§I-1173, §I-5211);
- ir beber água de noite é acostar-se com a amada (§I-5394);
- quem bebeu água do poço de alguém não mais canta como soía (§I-6139);
- carecem dela o cantor (§I-1200) e os passarinhos (§I-2004);
- quando a rola perde o amor não bebe água alguma (§II-521);
- como a água deixa a fonte, a menina ficará ao desamparo (§I-4354);
- certa moça é clara como a água que todo o mundo falseia (§II-770) mas que ninguém logrará enturvar (§II-3191);
- a rapariga põe à janela um copo de água composto para afirmar a independência amorosa (§I-4553);
- os olhos dão água todo o ano ao chafariz do rei (§II-901);
- a água dos olhos rega o pomar do coração (§II-622, §II-1249);
- água nasce do coração (§II-811), embora este possa ser uma pedra que não dá água (§I-4082);
- água, vinho e sangue denotam sofrimento no amor (§II-400);
- amores novos deveriam durar tanto como a água da ciranda (§I-4408).

- há uma fresca disputa entre água e vinho: graças àquela fica limpa a loiça como se purifica a alma no baptismo, tudo no mundo carece dela, e não haveria vinho se a videira passasse sede – contudo, arrastasse pelo chão como a cobra reptante (§I-1159);
- água pisada pelo pé é uma água espirituosa (§II-1967, §II-1995, §II-2049);
- ao pedir água abriu-se uma fonte ao menino Jesus (§III-2492);
- o coração de Maria confunde-se com um copo de água fria no meio do mar (§III-2502);
- as águas das fontes são benzidas numa oração (§III-2549);
- toma-se água benta por refeição dos pecados (§III-2566);
- pede-se a S. Sebastião água e misericórdia (§III-2709);
- na manhã de S. João a água é benta e dá saúde (§III-2941);
- bebe-se água turva como expiação de pecados (§II-385, §II-2579).

Fonte

- A fonte é caminho para a alegria (§I-5303), onde já se rompeu muito calçado (§II-24), e muito tecido se rasgou (§II-2428);
- no seu largo lava-se e penteia-se o amor (§II-9), ataviando-se para se exhibir (§I-5195);
- é onde se encontram pistas que este deixou (§I-5197, §I-5238, §II-2436), bem como avisos (§I-2123);
- a fonte dos amores (§I-5207): onde se fazem juramentos (§I-3766) e se enrama o futuro namorado (§I-1994);
- o limão atirado foi dar à fonte (§I-2093);
- como não há fonte sem água não há donzela sem amor (§I-2176);
- na fonte a boca não se cansa de beber como o olho de ver quem se ama (§II-2438);
- dela regressa-se com o cântaro cheio de beijos (§II-2425);
- antes a fonte caia que o amor morra (§I-5221);
- olhos são fontes sentimentais (§I-2400, §I-4729);
- uma rapariga desenganada trouxe um cântaro de lágrimas (§II-850);
- vai-se beber a outra fonte quando se está mal com quem se ama (§I-4748);
- mudar de fonte é mudar de canto e de fala (§I-6123);
- há uma fonte melina que nasce debaixo da prata fina (§II-2432);
- o Manel mata-se porque depois de fazer uma fonte de prata não apareceram as moças (§I-5229);
- houve quem quase se afogasse por ver no fundo da fonte um retrato (§I-5301);
- as penas de morte da fonte podem matar (§II-1584);
- o pintassilgo é o alcoviteiro da fonte (§II-2429);
- o papagaio deve evitá-la, pois pode levar um tiro (§II-1591);
- a fonte é motivo de recordações quando se anda pelo mar (§II-291);
- inveja-se não quem tem muitos bens mas quem bebe água de todas as fontes (§II-3003);
- o caminho da fonte merece ser varrido com vassoura de prata (§I-5163), ou calcetado com diamantes (§II-2362);
- a visita nocturna à fonte pode descambar em grosseria (§II-2460);

- a fonte é dos estudantes como a praça das regateiras (§II-2490);
- a padeira nela vai buscar a água para amassar (§I-890);
- apesar da idade uma fonte nunca perde o cantar de menina (§II-4414);
- aquando das janeiras elogia-se o senhor da casa dizendo que seu peito é uma fonte onde os anjos vão beber (§III-2638);
- o ar das fontes por vezes precisa de ser esconjurado dos maus espíritos (§II-4342);
- tem algo de divino dormir sobre a fonte (§III-2433);
- presta-se à superstição (§III-2570);
- S. António leva as moças para a fonte para fazer delas gato sapato (§III-2917), ou para levar duas e trazer quatro (§III-2926);
- S. João espera na fonte para brincar com as raparigas (§III-2960), e também leva três para trazer quatro (§III-2961), fazendo fontes para as moças (§III-2962-2966);
- o menino Jesus chora porque lhe bateram as moças da fonte (§III-3706) – os seus cueiros são lavados na fonte do caramelo (§III-3751).

Nascente

- a fonte melina tem nascente debaixo da prata e em cima do ouro (§II-2432);
- S. António faz rebentar as nascentes quando a sede abrasa o crente (§III-2914).

Poço e chafariz

- dão-se flores no poço (§I-5510);
- um cravo que se atirou ao poço acabou por apodrecer (§I-183), enquanto outro saiu aberto (§I-3479);
- deita-se também o limão do namoro ao poço (§I-897);
- devem-se evitar os amores do poço (§I-941), porque não tem fundo (§I-1890);
- o poço atrai suicidas (§I-3749, §II-289, §II-538);
- a menina julga que não tem igual, embora a todo o poço se veja o fundo (§I-4488);
- os olhos navegam no poço dos namoros, que variam de profundidade (§I-4521);
- o pensamento pode ser fundo como o poço (§I-4643);
- beber do poço de alguém faz mudar de fala (§I-6139);
- alguém julgando tirar água do poço tirou enganos (§II-453);
- a rosa que se atirou ao chafariz ganhou raiz (§I-183);
- a sua água é usada pelo namorado barbeiro (§I-1391);
- lava-se uma toalha no chafariz (§I-1392);
- na praça há um (§I-3785), aonde vai de noite a moça namorar (§I-5284);
- há um de quatro esquinas e de pedra morena (§I-5807);
- dá de beber a quem passa (§II-2336).

Referências geográficas:

Água

- duas garrafinhas de água dos olhos seguiram para Lisboa (§II-3336);
- do Fundão vem-se com água (§III-528);
- a Dorna da Guarda tem bicas memoráveis (§III-573), assim como Seia (§III-1161);
- aquando das ceifas as águas da Guarda são perigosas (§III-575);
- são insalubres as do rio de Mirandela (§III-802);
- Longroiva tem águas especiais (§III-692);
- Olhão tem poços novos (§III-878);
- o Outeiro tem água boa (§III-892), assim como Fonte da Pipa (§III-1529);
- Peniche tem água doce no meio (§III-939), tal como Rio de Janeiro (§III-2246);
- V. Velha do Ródão tem uma bomba para tirar água que faz as delícias das mulheres (§III-1338);
- a água de Monchique é riqueza do Algarve (§III-1626), pelas suas Caldas são algo dispendiosas (§III-297), tal como dispendiosa resulta a visita a Pedras Salgadas (§III-919);
- no meio do Guadiana está um copo de água (§III-1938);
- beber água do Tejo deixa a fala baixa (§III-1992);
- a água do Livramento provoca esquecimento (§III-2099);
- Salvaterra não tem água (§III-1101), assim como Vila Nova (§III-1318), Vila Seca (§III-1333), e Vila Verde (§III-1349);
- foge-se de Cima do Douro por causa da sede (§III-1929);
- a água de Valada não mata a sede (§III-1253), tal como a de Paredão de Bula (§III-1865);
- S. Amaro não vale água (§III-1443);
- V. N. Ferreira à falta de melhor bebe água enxovalhada (§III-1622);
- a Beira tem água regelada (§III-1641);
- Viana do Bagio caiu da ponte e foi beber água ao rio (§III-1284);
- é formular haver uma terra que não dá água de graça a quem por ela passa (§III-2381), e o seu oposto (§III-2344);
- é formular morrer de sede por causa dum sécia em certa localidade (§III-2395).

Fonte

- em S. João da Ponte tomam-se as orvalhadas ao redor da fonte (§III-2967);
- a fonte da Garcia tem água graciosa (§II-2446);
- o Alandroal tem uma fonte (§III-22, §III-26, §III-1563), assim como o Algarve (§III-75), Alcobaça (§III-447), Almeida (§III-94), Barca (§III-986), Barral (§III-211), Gavião (§III-534), Idanha-a-Velha (§III-578), Campo (§III-1715) – cuja camponesa lava o rosto na água da melancia (§III-1717);
- a Fonte da Goma de Proença tem fama até ao Alentejo (§III-1052);
- Monsaraz tem a fonte no Telheiro (§III-832);
- na fonte de Palvarinho roça-se a talha com rosmaninho em vésperas de festa (§III-906);
- Varge tem duas fontes (§III-1269);
- a melhor fonte é a do Luso (§III-1461);
- troça quem diz que os de Soajo dão de beber a quem passa porque tem a fonte na estrada (§III-1178);

- as águas da Fonte Santa curam (§III-512);
- vai-se diariamente à Sra. da Conceição buscar água por devoção (§III-2522);
- a fonte de N. Sra. das Entráguas rega Coimbra (§III-2717);
- Sra. da Graça tem uma fonte sagrada coberta de rosas (§III-2782);
- S. Gonçalo de Amarante dá de beber das suas fontes (§III-2886), tal como S. João de Braga (§III-2949);

Poço e chafariz

- há um poço na Coitada (§III-1205);
- Tolosa tem poços de água encharcada (§III-1641);
- a Sra. de Entráguas tem um poço sem fundo (§III-2717);
- Melo tem um chafariz (§III-447), assim como Gimonde (§III-538), Guarda (§III-557), a quinta de S. Justa (§III-1116), S. Tirso (§III-1129), Soutominho (§III-1188), V. Real (§III-1327). V. N Milfontes (§III-1623);
- é fórmula dizer de alguma localidade ter um chafariz (§III-2345, §III-2346);
- Alcaide tem um chafariz na praça (§III-34);
- o de Alter do Chão é chamado dos bonecos (§III-104);
- o melhor de Arruda é o chafariz (§III-172);
- Elvas tem um à entrada com uma inscrição a dar vivas a D. Luís (§III-444);
- a Sra. da Lapa tem vários chafarizes (§III-3283).

ANEXO III-4.2 – Vinho e excesso

Vinho

- referência específica a vinho branco (§I-1974, §II-1946, §II-3827), e vinho verde (§II-1981);
- bebe-se pelo copo (§I-597) – copo de tinta preta é vinho (§III-918);
- serve-se da bota (§I-624), cabaça (§-639), pipa (§I-720), canabarro (§I-1992), garrafa (§I-2820), garrafão (§II-4176), cuba (§II-1919), odre (§II-3942), tonel (§II-4648), pote (§III-2700);
- é medido em canada (§I-1575) e almude (§II-3720).
- numa disputa com a água diz-se que é o luxo das tabernas, dá grandeza às festas e prazer aos convidados (§I-1159);
- é coisa santa (§II-1999);
- bebe-se à refeição (§I-597);
- mesa onde não há vinho nada presta (§II-2019);
- maduro de preferência (§I-664, §II-1981);
- vinho de seis anos é para ocasiões especiais (§III-2671);
- quem tem vinho é rei (§II-1985);
- quando o pipo verte desespera o dono (§II-1948);
- atestar o crescimento dos bachelos alegra tanto como o fim da vindima (§II-2002);
- escorropichá-lo inspira canções (§I-895) e bailaricos (§I-1571);
- dá espírito a quem não o tem (§II-1953);
- é uma bebida higienicamente segura (§I-1570);
- sacia a sede (§I-4969);
- ao vinho nunca se deve deitar água (§I-2820);
- quatro pinguinhas rejuvenescem um velho (§II-1997), assim como fazem cantar como a rola (§II-2001);
- um velho que bebe vinho leva uma vida excelente (§II-4197);
- vai bem com cigarro (§II-2016);
- o vinho relaciona-se com paixão (§II-1947) e raiva (§II-1952);
- D. Miguel sustenta-se com vinho, e sem ele sustenta-se a Constituição (§II-4708);
- fechadas as tabernas deixa de haver vinho ao domingo (§II-4762);
- ao contrário da água, que há em todo o lado, paga-se (§I-798, §II-1980, §III-2177);
- tem de ser transportado (§I-624);
- a cuba com bom vinho escusa taberneira (§II-1919);
- fecha-se à chave na adega (§I-1049, §I-1773);
- com pão serve de merenda para os jornaleiros (§I-1742, §I-1777), a quem dá força (§I-1566), servindo também de pagamento enquanto canada (§I-1575);
- uma moça deita o vinho ao boieiro (§I-1984);
- vinho para os homens e urina para as mulheres (§II-3295, §II-3425);
- pelas janeiras pede-se vinho (§III-2638, §III-2664), tal como pelos Reis (§III-2674);
- das três gotas de sangue de Cristo, a segunda fez o vinho (§III-2642);

- pelas orvalhadas bebe-se vinho maduro (§III-2954);
- o carneiro pede vinho a S. João (§III-3134);
- S. João mandou uma carta a dizer para as mulheres beberem vinho e os homens água choca (§III-3139);
- pelo S. Martinho dá-se larapa por vinho (§III-3579);
- cabeça de vinho é insulto (§I-712);
- há uma cor de vinho (§I-4712, §II-3784);
- cair a sopa ao vinho é de difícil interpretação (§I-5471);
- um homem que pede a uma senhora para lhe dar a provar do vinho tem segundas intenções (§II-1969);
- esconjura-se um mal para um local onde não haja vinho (§II-4342, §III-2575);
- pôr um cravo de molho num copo de vinho é resolver o coração (§-2690).
- O vinho de Bragança faz dançar (§II-1973);
- o do Alto Douro é forte, faz cantar e estorva o andar (§II-2018);
- o vinho do Douro é fino (§III-1930) e não tem igual (§III-1901);
- o Alentejo e o Algarve têm bom vinho (§II-4655), assim como Basto (§III-229), Alvaredos (§III-1422), Vidigueira (§III-1598), Ribeira (§III-1750);
- S. Marta em Penaguião apenas dá vinho (§III-1431);
- bebem muito os de Cabeceiras (§III-291);
- na lavoura do Minho os homens cuidam do vinho (§III-772);
- o minhoto bebe vinho de enforcado (§III-2026);
- as mulheres de Pedrógão gostam do vinho (§III-923), tal como as raparigas de Revordelo (§III-1070) e as da Terra Fria (§III-1777);
- os galegos vão a Melgaço pelo vinho barato (§III-2281);
- a estátua de S. Paio da Torreira é lavado com vinho que depois se bebe contra febres (§III-3532).

Excesso de vinho

- Beber vinho é um vício, mas deseja-se sempre bom proveito (§II-1971);
- beber a cardina é embriagar-se (§II-4309);
- ao domingo o pai fica pingo (§I-519);
- os beberrões deviam ser levados pelo diabo (§II-1977);
- há quem prefira fontes de vinho a fontes de água (§II-1974);
- alguém gostaria de se ter sete barrigas para o beber para matar tristezas (§II-1987);
- para curar a ressaca bebe-se todavia mais (§II-196);
- faz errar a porta e rodar a cabeça (§II-1965);
- embrutece até o sábio doutor (§II-1986);
- endoidece as pessoas (§II-1959);
- apesar de dar força turva o andar (§II-1960);
- certo vinho quinino põe uma pessoa fina mas estorva o andar (§II-1964)
- Junot gasta tudo em vinho (§II-4685);

- certo camarada morrerá se não beber (§III-2649);
- alguém quer provar do vinho de Jesus (§III-2663);
- no enterro um borracho quer ser coberto com vinho, ou então ficar à porta da adega (§II-4648);
- um corpo está sepultado no adro de S. Martinho entre dois tonéis (§III-3583);
- o bêbado fiel terá como cova um tonel (§II-4648);
- a abstinência de vinho não consta nas Escrituras (§II-1990);
- no S. João há pipas de vinho (§II-4245);
- a S. João do Cando pede-se vinho (§III-3317);
- venera-se S. Martinho despejando copos na taberna (§III-3584);
- S. António está borracho (§II-1990);
- S. Paio da Torreira banhou-se na praia com uma grande bebedeira (§III-3531);
- um frade vendeu o rabo da burra por vinho (§II-1979);
- vinte e quatro freiras morreram de borracheira (§I-601);
- Reguengos é terra das bebedeiras (§III-1564);
- um borrachão vai a S. Brás apanhar uma borracheira (§III-2719).

ANEXO III-4.3 – Outras bebidas alcoólicas

Aguardente

- é a filha do vinho, gerada dos vapores, e derruba para três dias os que a namoram (§II-1968);
- confunde-se com a embriaguez da paixão (§II-1947);
- é fina e esperta, e todos a vão visitar estando escondida (§I-1986);
- no domingo bebe-se dez réis dela (§I-597);
- oferece-se aos amigos para festejar (§II-2016);
- dão-se vivas por um copinho de aguardente (§III-2640);
- quer-se refinada (§I-968, §I-970);
- bem temperada faz a fala fina (§I-6122);
- um copo põe um homem contente (§I-3377);
- quatro goles fazem andar a pé §(I-4953);
- entesica (§II-1959);
- dentro do peito tem-se um copo dela, e quem dele beber ficará cativado (§I-2006) – são duas bilhas quando se quer disfarçar a mágoa do amor (§II-4027);
- dentro do peito tem-se uma azenha de aguardente para destilar saudades (§II-370);
- em Nisa, quando a aguardente de medronho está na estila já não se quer mais nada (§II-1946);
- o apaixonado dá pena pelas garrafinhas de aguardente à janela (§II-2007);
- no verão de S. Martinho vai-se a ela (§III-3580);
- o abade de S. Vicente aprecia-a (§I-632);
- deitá-la na candeia é desvario (§I-6066);
- de Cima do Douro vem uma mulher cheia de água-pé (§I-1748);

Licor:

- um bebedolas de pensamentos fúnebres pede uma cova de aguardente, e se a aguardente fosse licor querer-se-ia bem salgadinho (§II-4648);
- dois copinhos de licor com duas estaladas põem o pretendente no lugar (§-1101);
- trazem-se no peito garrafinhas de licor de que só beberá o amor (§I-3305) – pode ser em frasquinho (§II-3603, §II-4305);
- há um licor de rosa (§II-1947);
- o vinho chama-se a si mesmo verde licor (§II-1968);
- dão-se vivas por um copinho de licor (§III-2655), e por um de genebra (§III-2683);
- Lisboa fica cercada de garrafas de licor quando o rei não mais pede tropa (§III-655).

Cerveja

- apenas existe uma referência, onde se troca por uma gasosa (§I-804).

Água mel

- no meio do Guadiana está um copo de água-mel (§III-1938);

ANEXO III-4.4 – Leite, derivados e mamar

Leite

- dão-no vacas (§I-1558), cabras (§II-3533), e as mães (§III-3752);
- come-se (§I-5639) e mama-se (§II-1198);
- comer leite com bolo não custa nada (I-89);
- o gato comeu minguinhas de leite (§I-728);
- diz-se que comer leite e beber bifés faz emagrecer (§II-3471);
- o moiral das cabras tem muito leite para a amada fazer queijos (§I-1107);
- o amor do campo tem botas que cheiram a leite (§I-1557);
- os pastores são brutos porque comem leite nos caldeiros (§I-1633);
- a vendedeira vende leite e requeijão (§I-1556) – pode ser leiteira (§I-1560) e saloia (§I-1561);
- as janeiras não são tempo de leite nem coalhada (§III-2650).
- ao Deus menino deve dar-se leite (§III-3710) – tem boca de sangue e leite (§III-3682), e Maria amamenta-o (§III-3752).
- ao leite paga-se tributo para se ser branco como ele (§I-4197);
- uma cara de leite coado cativa (§I-2532, §I-2609), assim como a pele branca como o leite (§I-2644, §I-3681);
- os peitos da amada são de leite coalhado (§I-3688);
- a rapariga clara como o leite é apalpada como figo na figueira (§I-4533);
- é enganosa e cativante a rapariga branca como o leite e corada como o medronho (§I-5637);
- palidez de leite pode não ser bom sinal (§II-3020, §II-3939);
- cor de leite é tão elogioso como papo-seco (§II-4074);
- jura-se pelo leite que se mamou durante a criação (§II-1198, §II-1738);
- a monstruosa Maria-da-manta tem leite nas tetas (§I-667);
- se o mar fosse de leite (§III-2214) as ondas seriam requeijão que os homens comeriam (§I-1898).
- a leiteira vende leite em Lisboa (§I-1559);
- as raparigas da Flor da Rosa vão à leitaria (§III-510);
- as raparigas da Portela não terão falta dele pelo Verão porque estão para parir (§III-1003);
- Raposeira tem bom leite (§III-1633).

Almece

- quem se ama merece uma colher grande de almece (§II-3490).

Coalhada

- só quando é tempo de leite (§III-2650).

Manteiga

- vai bem com torradas (§I-2117), café e limão (§II-2093);
- a velha chocalheira deu ovos e manteiga (§I-647).

Queijo

- pesa-se na loja (§I-4917);
- os queijinhos custam dez réis – demasiado para a abundância de cabras (§II-4022);
- o moiral das cabras quer que a futura mulher lhe faça queijos (§I-1107);
- o beijo à nova esposa sabe a queijo e ao marido a ranço (§II-4174);
- alguém anseia pelo beijo da menina que come pão e queijo à janela (§I-4920);
- com migalhas faz-se um relógio para matar o tempo distante da amada (§II-3369);
- oferece-se a N. Senhora um queijinho na francela (§III-3641);
- Alentejo é terra de queijo (§II-4655);
- o do Rabaçal tem fama, e à custa desta vende-se queijo de má qualidade (§III-1061);
- a solteira quer ir à Serra da Estrela fazer um queijo de neve (§III-1799).

Requeijão

- vendido a par do leite pela leiteira (§I-1556, §I-1560) – também pela saloia (§I-1561);
- imaginam-se ondas de requeijão para se tornar apetecível a travessia do mar (§I-1898);
- boca de requeijão é termo afectivo (§III-3680).

Mamar

- o dedo polegar serve para fazer o gesto de mamar comida (§I-500) – o mindinho pode-se chamar maminho (§I-495);
- quando tem sono a criança quer mamar (§I-373);
- rola-se a criança enquanto se lhe fala da mama (§I-414);
- a mamã dará maminhas (§§I-732-3);
- a virgem Maria dá de mamar a Jesus (§III-3752);
- uma velha cantoneira dará a mama ao menino (§I-320);
- há ensalmos para a dada da mama (§§II-4369-70);
- jura-se pelo leite que se mamou (§II-1198).

ANEXO III-4.5 – Outras bebidas

Café

- enquanto planta anda-se a ele como à farinha e ao carvão (§I-1006, §I-5960);
- se possível é às toneladas (I-3584);
- não é preterido pelo vinho (§II-1967);
- toma-se no botequim (§II-3360), como em casa (§II-4206);
- casam bem café e limão (§II-2063, §II-2885);
- pede-se para se ser enterrado de cabeça de fora na chaminé para se beber o café (§II-3445);
- a avó gosta dele e fica enterrada com o braço de fora para mexer o café (§II-4185);
- namorado e café confundem-se na cabeça da mãe (§II-1474).

Chá

- Chá de amor-perfeito trata do cansaço da vida (§I-3590);
- o de erva-cidreira cura feitiços (§II-4298);
- a amada toma chá de folha de laranjeira (§II-3488).

Gasosa

- troca-se com o papagaio por cerejas ou cerveja (§I-804).

Limonada

- feita do verde limão, e conota-se com dinheiro (§II-2102).

Sumo

- o sumo do limão está guardado dentro de si (§I-1027), e escorre pelo coração quando atirado (§I-2880);
- um rio deveria levar sumo de limão em vez de água (II-3242);
- sumo de limão e unhas de cabra provocaram indigestão (§II-4647);
- da laranja oferecida tira-se sumo (§I-5597), ou suga-se (§II-2420).
- Há sumos de monstrel (§I-1048), rosmaninho (§II-3038) e salsa verde (§III-665);
- para o amor há sumo de trovisco (§I-4803) e açucena (§I-4838).

Xarope

- é amargo (§I-2401);
- há xarope de beijos que tratam do cansaço da vida (§I-3590);
- da botica veio um xarope de paciência como remédio para uma ausência (§II-189);
- vai-se à botica buscar um xarope para o menino que está à morte (§I-394).

ANEXO III-5.1 – Trigo

Trigo

- é loiro (§I-1845, §I-5149) e mimoso (§I-3452);
- não se compara a nenhum outro cereal (§I-217);
- dele diz-se o pão alvo (§I-1992), que não tem igual (§-2204, §I-2205);
- só o trigo entra na hóstia (§III-2458);
- é preferido pelos ricos (§I-942, §I-1526);
- guarda-se dinheiro para pão branco no casamento (§II-1645);
- no comércio presta-se a exibições de cálculos matemáticos (§I-1116);
- sachá-lo abre o apetite (§I-1673), e malhá-lo dá sede (§I-1567);
- carece de monda, sendo difícil encontrar gente (§I-1615);
- quando o trigo madurar virá o amado segar (§I-1844);
- ao ser ceifado, faz pensar nas penas de cada um (§I-1429), e quando joeirado faz lembrar raparigas a dançar (§I-856);
- ceifa-se por cima, deixando-se o restolho, enquanto o rapaz pisca o olho à menina (§I-2916);
- dentro dum bago de trigo mandam-se saudades secretas (§I-2980);
- trigo e vinho fazem cantar à amada (§II-2013);
- semeia-se trigo no coração da amada (§II-2335, §III-1172);
- quando o trigo está em grão promete maridos S. João (§III-3140);
- casa-se em ano de trigo barato (§II-3825);
- deseja-se fortuna pela sementeira do trigo (§III-2649);
- a namorada distrai-se na monda do trigo pela vontade de falar ao seu amor (§I-5277);
- como o trigo é enleado pelo cizirão, assim será enlevada a pessoa amada (§I-3474);
- como o perdigão anda de noite pelo trigo, assim a rapariga procura o amigo (§I-3593);
- os olhos de quem se ama por vezes são grãos que se semeiam no domingo para nascerem ao dia seguinte (§I-6007), por outras são trigo que sem ser semeado já verdeja (§-6010, §I-6011);
- quer-se tanto o amor como quantas folhas tem o trigo (§II-230);
- passarinho a chilrear no trigo pode dar em namoro (§II-2980);
- como todas as aves comem trigo, assim todos namoram a Joana (§II-4060);
- quem se julga trigo é demasiado puro e limpo para a cevada querer algo com ele (§II-4065);
- como o trigo estala sob a foice: assim fala quem não tem boca (§II-3243);
- semear trigo no mar é ter fraca sementeira (§II-3583);
- comer nove tetos de trigo no forno da forneira é só para fadistas (§II-3724);
- meter as canções de alguém num grão de trigo é menosprezo (§II-3734);
- um amor de Braga está habituado ao trigo (§III-271);
- o Alentejo tem trigo até mais não (§II-4655, §III-1661);
- Leiria é terra de trigo (§III-624);
- Paçó tem bom pão de trigo (§III-1422);
- Juromenha está bem de trigo (§III-2025);

- o moleiro em Azeitão deita trigo no taigão (§III-199);
- na Moreira os rapazes levam pão trigo às raparigas (§III-844);
- a padeira de F. de Algodres tem coração de trigo (§III-518);
- em Lenticais semear joio é recolher trigo galego (§III-629).

ANEXO III-5.2 – Milho

Milho

- semeia-se em Março (§III-2611), com ajuda dos bois (§-609);
- existe um milho-rei (§I-1106, §II-3809);
- o grão tanto vai ao moinho como é roído pelo rato (§I-639), ou comido pela galinha (§I-644);
- enquanto se rega o milho canta-se (§I-1083);
- a sua cana carece de água (§I-876), que velhacamente guarda de noite para se manter fresca de dia (§I-215), embora tal velhacaria passe também por simpatia (§I-219);
- deve ser sachado com cuidado e em grupo (§I-1671, §I-1774) a erva a que dá nome, a milhã (§I-1675);
- a rapariga como o milho deve ser sachada cedo ou não dará nada (§II-1476);
- reza-se a S. Marinha por bom tempo para o milho (§III-3196);
- à sombra do milho verde faz-se a cama do amor (§I-3591), e namora-se (§I-5056, §I-5057) – também se gostaria de sachá-lo à sombra (§I-1675);
- como o milho miúdo são os amores aquando da apanha da azeitona (§I-1735);
- olhos de milho miúdo tem conotação negativa (§I-5380), assim como dentes de milho miúdo (§I-5683), já que são alimento para pardais;
- a sua barba é sustento dos homens-besta (§II-3867);
- no tempo das desfolhadas comem-se maçarocas assadas (§II-2051, §III-3861);
- as maçarocas ficam pelo chão enquanto as moças arrancam o grão (§I-1063);
- há uma moda brejeira que vem numa maçaroca (§II-3295, §II-3425);
- um velho perdeu a velha no milheiral (§II-4200);
- as moças do Algarve são papas de milho (§III-83);
- Cambeses é terra de milho miúdo (§III-301), tal como Carneiro (§III-323), o Minho (§III-782), e Ramalde (§III-1066) – aliás, trata-se de uma fórmula (§III-2415);
- no Campo, em Coimbra, há leiras de milho (§III-1718);
- Veiga tem milho grande (§III-1785);
- Basto tem milharia (§III-229);
- à Caldeira do Faial conviria extinguir o fogo para ter milho semeado (§III-2140);
- o milhoto come broa sem se fartar (§I-756) e pão de passarinho (§III-2026).

ANEXO III-5.3 – Centeio

Centeio

- acode as pessoas (§I-217) – e os ratos (§I-1345);
- um pai semeou centeio e recolheu cevada (§II-3330);
- semeia-se centeio nas encostas altas chamadas quebra-costelas, para desespero dos jornaleiros (§I-1754);
- a sua palha serve de telhado (§I-3710, §II-1901);
- as orvalhadas cantam-se por entre o centeio (§III-2954);
- a S. Pedro pede-se pela ceifa do centeio (§III-3172);
- a sua malha é tempo de convívio (§I-2007);
- como se malha com violência o centeio (§I-1413), também a rapariga desconfiada precisa de pancada (§I-1102);
- o rapaz leva três quartos de centeio ao moinho para trazer alqueire e meio graças a um beijo (§II-3385);
- regar o centeio é ir namorar (§I-1666);
- meter as cantigas num grão de centeio é trocar do cantor (§I-1076);
- comparar o aspecto de alguém à espiga do centeio pode ser dúbio (§I-4510) – assim como cortar a espiga (§I-2112);
- dar um corno atrás do forno em vez dum beijo poderia remeter para o lenticão (§I-5267, §II-1940), já que o corno das bestas se apresta à bebida (§III-3317) – embora dar um corno também signifique ficar sem a sua parte (§II-1963);
- na Terra Quente tanto se sega centeio como se difama (§III-1781).

ANEXO III-5.4 – Arroz

Arroz

- carece da monda, o que dá oportunidade para os namorados se encontrarem (§I-1604) ou apartarem (§I-1614);
- quando leva canela é recompensa para a menina recatada (§II-1494, §II-2058);
- panela ao lume e arroz cru é sinal de alguém querer enganar (§II-3290);
- há arroz de caçoila (§III-3115), onde se faz também o arroz doce (§III-3845);
- dão-se vivas pelo grão de arroz (§III-2647), e pela folhinha (§III-2685);
- dele se faz o pó que encobre as meninas de Flor da Rosa (§III-510);
- os arrozais turvam as águas da Vala e do Tejo (§III-2010);
- as mulatas da Baía alimentam-se de arroz doce (§III-2228).

ANEXO III-5.5 – Outros cereais

Aveia

- é negra e feia, mas não deixa passar fome (§I-217).

Cevada

- é pura, e é reduzida pelo trigo a nada, numa metáfora para dois namorados (§II-2123) – a cevada também passa por suja (§II-4065);
- regar a cevada é ir namorar (§I-1666);
- a sua folha é pequena, como a amizade quando não recíproca (§I-3164);
- certo pai semeou centeio e colheu cevada (§II-3330);
- meter as cantigas de alguém num grão de cevada é menosprezar-lhas (§II-3734);
- nas infames ceifas do Ladoeiro dão pão de cevada (§III-595, §III-1504);
- em Trás da Serra apanha-se cevada à mão (§III-1773).

Linhaça

- é a planta do linho (§II-2649);
- em ano de muito linho haverá linhaça (§II-2649);
- entre as suas folhas se apanhará a rapariga que caiu em graça (§I-4385);
- Coimbra está rodeada de campos de linhaça (§III-397).

ANEXO III-5.6 – Seara e grão

Seara e grão

- pão é também a seara segada (§I-125, §I-1753), e o grão (§I-638, §I-3941);
- pelas desfolhadas vai-se ao pão quente (§III-2954);
- em seara alheia o pão deve ser ceifado com cuidado, numa ameaça amorosa sugestiva (§I-1430, §II-1752);
- ao ceifá-lo deve-se deixar o restolho por baixo, como a rapariga não deve ligar ao rapaz que pisca o olho (§I-1443);
- os lavradores enchem as caixas e as arcas de pão (§I-1542);
- a terra dá pão graças ao boi abençoado (§III-3632);
- a serra dá pão como meninas de estimação (§II-2822);
- antes de Adão as terras não davam pão (§III-2447, §III-2448);
- Deus pode pôr a terra a dar pão sem ser semeada (§II-2852);
- Deus cria o pão, e Jesus dá-no-lo (§III-3635);
- pede-se a S. Bárbara que afaste a trovoada do pão (§III-2575).
- o Barroso é terra de muito pão (§III-225, §III-226), assim como Campo de Víboras (§III-312), Vilares (§III-1368), Veiga (§III-1431), e Cima Côa (§III-1852) – trata-se de registo formular (§III-2388);
- Lisboa não é terra de pão, como não resulta bonita a menina cor de carvão (§III-657), tal como Óguela (§III-882);
- Caria se fosse semeada dava pão (§III-317);
- ao lavrador do Marvão sobrevém desgraça se a terra não der pão (§III-740).

ANEXO III-5.7 – Farinha e farelo

Farinha

- suja moleiras e padeiras (§I-891), conferindo um sabor de pão aos seus beijos (§I-1597);
- até o frade não consegue evitar ficar enfarinhado (§I-976);
- dela faz-se o fermento (§II-4198);
- peneira-se (§I-1598, §II-3380);
- a padeira dá socos na farinha (§II-1925);
- uma rapariga recebeu como dote da mãe um fole sem farinha (§II-4101), outra um prato de farinha (§II-4105);
- quem for arranjar a azenha quer em troca farinha da moleira (§II-3479);
- cabeça cheia de farinha é cabeça encanecida (§II-4417);
- dar água com farinha ao burro é mimá-lo (§I-1171);
- promete virar farinha o rapaz que voltar a falar a certa moça (§I-3758);
- namorados em querendo poderão juntar-se como rolão e farinha (§II-1187);
- enfarinha-se a erisipela (§II-4356);
- a farinha ficou cara por causa do Pimenta (§II-4777);
- deseja-se gorgulho a quem não dá uma esmola de pão (§III-3577);
- parece haver referência a farinhas de favas (§II-4057) e de mandioca (§III-2228).
- as meninas da Columbeira só comem farinha para poupar dinheiro para roupa (§III-410);
- as meninas do Pocinho só comem xerém (§III-984);
- as mulatas da Baía comem farinha de pau (§III-2228).

Farelo

- é separado da farinha no moinho (§I-719, §I-1601);
- há quem seja padeiro só de farelo (§II-4066);
- beber água com farelo é para rapazes (§II-3644, §II-3778) e raparigas (§II-3782) que querem poupar e comprar roupa;
- a voz que canta mal vale um alqueire de farelo (§II-4039);
- beijos de apanhar farelo são como os do charroco (§II-4024);
- chamam-se de barbas de farelo aos que nada dão pelos Reis (§III-2653);
- os do Porto só comem papas de farelo (§II-4717), tal como as meninas de Medrões (§III-745), e os da Outra Banda (§III-1738).

ANEXO III-5.8 – Pão

Pão cozido

- para se fazer pão precisa-se de água para amassar e forno para cozer (§I-890);
- para se fazer pão é preciso fermento e uma oração (§II-1931, §II-1936);
- sova-se a massa na masseira (§II-1925);
- amassar suja, ao ponto de se achar a rapariga tão asseada na massa como a porca no lamal (§II-4063);
- as porcas serão as amassadeiras no casamento da galinha (§I-589);
- peneira-se e dão-se voltas à massa na masseira (§I-709);
- tende-se a massa no Sábado (§I-1621) – para cozer no Domingo (§II-4089);
- numa quadra a mulher diz que amassa na sexta (§III-2593);
- no mês de Maio a mãe não amassa (§III-2631);
- partilhar fermento indicia relações (§II-2078);
- a água que fica ao relento pelo S. João permite fazer pão sem fermento (§III-2943);
- é preferível que o marido morra a que fique o pão por cozer (§II-4207, §II-4208).
- guarda-se o pão no alforge (§II-3294), enxaca (§II-4653) palangana (§I-306), arca (§I-1777), cesto (§I-642, §I-1742), caixa (§I-725, §I-1542), e em casa (§I-1554);
- casa onde não há pão dá azo a reclamação (§I-1761);
- pelo S. João vêm carros de pão (§II-4245);
- Deus provê o pão (§I-527);
- é sinal de fome pedir por pão (§I-499, §I-4969), senão mesmo de miséria (§I-598, §I-638, §I-639, §II-1756);
- quem o recusar como esmola recebe uma maldição de gorgulhos (§III-3577);
- há moleiras que ficam em casa a pedi-lo (§I-1602);
- D. Miguel sustentou-se com carne, pão e vinho, enquanto a Constituição sustentava-se sem eles (§II-4708);
- ganhar o pão significa trabalhar para ter o que comer e viver (§I-324, §I-1523, §II-4640);
- o casado deve garantir o pão dos filhos (§II-1773), para os rapazes se acabarem de criar (§II-3945);
- a primeira infância não come pão, mas beijos (§I-4950);
- o soldado tem o pão garantido, preterindo por isso a vida de casado (§I-1427);
- o pão representa o mistério da Paixão (§III-2563);
- enquanto maná é um suave sustento (§III-2563);
- uma das três gotas do sangue de Cristo fez o pão (§III-2642);
- é Jesus quem dá o pão à humanidade (§III-3635);
- pede-se ao menino Jesus comida porque em casa não há pão (§III-3680);
- o pão quer-se mole (§II-1951, §II-2052);
- despreza-se o pão bolorento, como os rapazes falsos por dentro (§II-3783);
- migalhas, apesar de insulto, são ainda pão (§II-4064);
- o pão é viático para outros alimentos como toucinho (§I-305), costela (§I-716), sardinha (§I-728), azeite (§I-1676), queijo (§I-4920), e morcela (§II-4643);

- os marinheiros comê-lo-iam com ondas se estas fossem de requeijão (§I-1898);
- cama de rapaz sem rapariga é caldo sem pão (§I-3633), tal como mulher sem homem (§II-1746) – um sinónimo para mesa sem pão (§II-2598);
- não se miga sopa sem pão (§II-3380);
- é sinal de gula deixá-lo pelo conduto (§I-464);
- pão com lágrimas é o alimento que o amor dá (§II-854);
- pão com chouriço tem conotação erótica (§II-2042);
- quente e saído do forno é excelente (§I-4829, §II-4197);
- o pão do padeiro come-se sem conduto, como certo José (§I-5440);
- há terras tão boas como o pão da padeira, que também escusa conduto (§III-544).
- pede-se pão pelas Janeiras (§III-2648), e também pão com toucinho (§III-2650) – pedir pão leve pelos Reis é registo formular (§III-2683);
- quem vai para o Limoeiro pede um pouco de pão a troco dum futuro limão (§I-1091);
- esconjura-se certa doença para um lugar onde não haja vinho nem pão (§II-4342);
- há um pão de ló que a padeirinha deve bater bem (§I-890), e que cheira bem como aquele que tem um amor (§II-1465) – é um pão para o noivado (§II-1710), e enquanto dura alegre a noiva (§I-2261);
- o pão de rala faz recuperar a voz a meninas que emudeceram, talvez pela fome (§II-3584) – embora comê-lo sempre seja uma maldição (§II-4671);
- S. Helena ceou com as três Marias pão e peixe (§III-2576);
- S. João vendeu o seu pão para comprar contas (§III-3106);
- de Castela vem pão e costela (§I-717);
- de Vizela vem pão e canela (§I-718);
- alguém foi à praça da Figueira buscar um vintém de pão (§II-3398);
- Alentejo é terra de pão (§II-4655), mas o Algarve também (§III-84, §III-87);
- os do Porto já não comem pão, mas papas (§II-4717);
- no Barroso acode-se à segada com vinho e pão (§III-227);
- um amor de Braga só come trigo (§III-271);
- as moças da Carvalha pese a boa aparência têm uma boca onde cabe um pão de vintém (§III-328);
- vai-se a Coimbra vender pão aos estudantes (§I-1620, §III-400);
- à hora de comer na lavoura do Minho as mulheres estão encarregues do pão e os homens do vinho (§III-772);
- os rapazes da Moreira são pintos de vintém que iniciam os namoros oferecendo pão de trigo (§III-844);
- Paçó tem bom pão de trigo (§III-1422);
- em Giões haverá pão enquanto houver padeiras (§III-1631);
- o homem do Minho come pão de passarinho (§III-2026);
- os da Serra têm pão (§III-87);
- N. Sra. da Lapa vai ao Moledo vender pão de Lamego (§III-3275).
- a criança impreca o menino Jesus da Lapa pela merenda por falta de pão em casa (§III-3660).

Migalhas

- referem-se a resquícios de alimentos (§II-2037);
- migalhas também são pão (§II-4064);
- há-as de queijo (§II-3369);
- os pobres pedem as migalhas dos ricos (§III-2721), com que se sustentam (§II-4640);
- a rapariga anseia por novas do amado para não ficar atida às migalhas de ninguém (§III-2534).

Migas

- v. Anexo II-3.1.

Mulete

- mandaram-se umas sécias buscar mulete (§I-604).

Papo-seco

- é insultuoso (§II-4074);
- à papo seco tem conotação negativa (§II-2242).

ANEXO IV-1.1 – Ervas referidas por Concelho e Província (colocamos entre parênteses localidades que são explicitadas dentro das próprias quadras)

Acintro – 1 – 1DL

- Cinfães - Douro Litoral

Agrião – 2 – 1TMAD, 1BAT

- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Moura - B. Alentejo

Arruda – 6 - 3DL, 1M, 1TMAT, 1BL

- Baião - Douro Litoral
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Felgueiras - Douro Litoral
- O. Azeméis - B. Litoral
- P. Coura - Minho
- Penafiel - Douro Litoral

Balanco – 2 – 1BA, 1E

- Alcobaça - Estremadura
- Trancoso - B. Alta

Beldroega – 1 – 1DL

- Baião - Douro Litoral

Berbasco – 2 – 2DL

- Baião - Douro Litoral
- V. N. Gaia - Douro Litoral

Borragem – 1 – 1DL

- Baião - Douro Litoral

Camarinha – 1 – 1BL

- Ovar - B. Litoral

Carapeto e pilrito – 2 – 2BAT

- Castro Verde - B. Alentejo
- Moura - B. Alentejo
- ubíquo

Cardo – 2 – 1M, 1TMAT

- Norte - Minho
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro

Cicuta

- s/i

Cizirão – 3 – 2AAT, 1M

- Barcelos - Minho
- Nisa - A. Alentejo
- R. Monsaraz - A. Alentejo

Coentro – 6 – 2M, 1TMAD, 1BA, 1R, 1AAT

- P. Lima - Minho
- V. Alentejo - A. Alentejo
- Celorico Basto - Minho
- O. Hospital - B. Alta
- Alcanena - Ribatejo
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro

Douradinha – 1 – 1AAT

- V. Alentejo - A. Alentejo

Erva-cidreira – 9 – 3M, 2DL, 1TMAD, 1AAT, 1BAA

- Baião - Douro Litoral
- Braga - Minho
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Castro Verde - B. Alentejo
- Melgaço - Minho
- Monção - Minho
- Óbidos - Estremadura
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Conde - Douro Litoral

Erva-doce – 4 – 2DL, 1M, 1IA

- Baião - Douro Litoral
- Braga - Minho
- Ilha S. Jorge - Ilhas Adjacentes
- V. Conde - Douro Litoral

Erva de N. Senhora – 1 – 1DL

- Porto - Douro Litoral

Erva-do-monte – 1 – 1M

- Fafe - Minho

Erva-mate – 1 – 1AAT

- Nisa - A. Alentejo

Ervilhaca – 3 - 1BA, 1E, 1AAT

- Alcobaça - Estremadura
- Nisa - A. Alentejo
- Trancoso – B. Alta

Feto – 1 – 1M

- Cabeceiras Basto - Minho

Junça – 1 – 1A

- Loulé - Algarve

Hortaliça – 1 – 1AAT

- R. Monsaraz - A. Alentejo
- (R. Monsaraz) – A. Alentejo

Hortelã – 8 – 3DL, 3TMAD, 1AAT

- Baião - Douro Litoral
- Cinfães - Douro Litoral
- Minho - Minho
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Resende - Douro Litoral
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo
- Vimioso - Trás-os-Montes e A. Douro

Marcela – 11 + 3 – 3DL, 3M, 3BB, 1BA, 1E

- C. Branco - B. Baixa
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Feira - Douro Litoral

- Fundão - B. Baixa
- Lousada - Douro Litoral
- Óbidos - Estremadura
- O. Hospital - B. Alta
- P. Coura - Minho
- Porto - Douro Litoral
- V. Castelo - Minho
- Vieira Minho - Minho
- (Andorinha)
- (Cebolal)
- (Covilhã) – B. Baixa

Madressilva – 5 – 2DL, 1M, 1AAT, 1A

- Avis - A. Alentejo
- Guimarães - Minho
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Portimão - Algarve
- V. Conde - Douro Litoral

Manjerico – 6 + 1 – 2E, 1TMAT, 1BA, 1AAT, 1A

- Avis - A. Alentejo
- Castro Daire - B. Alta
- Estremadura - Estremadura
- Portimão - Algarve
- T. Vedras - Estremadura
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Ribaldeira)

Manjerona – 7 + 3 – 2DL, 1BL, 1AAT, 1E, 1A

- Alvaiázere - B. Litoral
- Baião - Douro Litoral
- Castro Verde - B. Alentejo
- Elvas – A. Alentejo
- Loulé - Algarve
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Óbidos - Estremadura
- (Cabeças)
- (Carqueja)

- (Nazaré) - Estremadura

Mentrasto - 6 - 2M, 1DL, 1TMAD, 1AAT, 1BAT

- Alto Minho - Minho
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- Castro Verde - B. Alentejo
- Nisa - A. Alentejo
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro

Miomendro

- s/i

Orégão - 2 - 1DL, 1AAT

- Baião - Douro Litoral
- Beja - B. Alentejo

Poejo - 4 - 2AAT, 1DL, 1BAT

- Alandroal - A. Alentejo
- Baião - Douro Litoral
- Castro Verde - B. Alentejo
- R. Monsaraz - A. Alentejo

Rabaça - 5 - 1M, 1BA, 1BA, 1AAT, 1A

- F. Algodres - B. Alta
- Mação - B. Baixa
- Minho - Minho
- Nisa - A. Alentejo
- Portimão - Algarve

Rosmaninho - 15 - 5BA, 2TMAT, 2BL, 1M, 1BB, 1E, 1AAT, 1A

- A. Valdevez - Minho
- Baião - Douro Litoral
- C. Rainha - Estremadura
- C. Branco - B. Baixa
- C. Beira - B. Alta
- Coimbra - B. Litoral

- Dão - B. Alta
- Estremoz - A. Alentejo
- Monchique - Algarve
- Nelas - B. Alta
- O. Hospital - B. Alta
- Ovar - B. Litoral
- Tarouca - B. Alta
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro

Salsa - 39 + 4 - 7M, 7DL, 7TMAD, 4BA, 4A, 3BB, 3AAT, 2BAT, 1BL, 1IA

- Alcoutim - Algarve
- Alportel - Algarve
- Aveiro - B. Litoral
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Castelo Paiva - Douro Litoral
- Celorico Basto - Minho
- Cinfães - Douro Litoral
- Elvas - A. Alentejo
- Feira - Douro Litoral
- Fundão - B. Baixa
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Ilha Flores - Ilhas Adjacentes
- Mação - B. Baixa
- Mangualde - B. Alta
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Mértola - B. Alentejo
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Moura - B. Alentejo
- Guimarães - Minho
- Melgaço - Minho
- O. Hospital - B. Alta
- P. Coura - Minho
- Ponta da Barca - Minho
- P. Lima - Minho
- Portimão - Algarve

- R. Monsaraz - A. Alentejo
- Resende - Douro Litoral
- S. João Pesqueira - Trás-os-Montes e A. Douro
- Sernancelhe - B. Alta
- Silves - Algarve
- Tabuaço - Trás-os-Montes e A. Douro
- Trancoso - B. Alta
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Conde - Douro Litoral
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- Vimioso - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Além Douro)
- (Cima do Douro)
- (Oliveira)
- (Rio Janeiro)

Salva – 3 - 1M, 1TMAD, 1BA

- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Mangualde - B. Alta
- P. Lima - Minho

Saramago – 2 - 1BL, 1AAT

- Alandroal - A. Alentejo
- Ovar - B. Litoral

Sargaço – 4 - 1M, 1DL, 1TMAD, 1BA

- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- Montalegre – Trás-os-Montes e A. Douro
- Tarouca - B. Alta

Segurelha – 2 - 1M, 1DL

- Barcelos - Minho
- Cinfães - Douro Litoral

Tomilhos:

T. Docelima – 1 - 1BB

- Mação - B. Baixa

T. Limonete

- s/i

T. Serpão - 13 - 5TMAD, 4DL, 3M, 1BA

- Amarante - Douro Litoral
- Baião - Douro Litoral
- Celorico Basto - Minho
- Cinfães - Douro Litoral
- P. Coura - Minho
- P. Lima - Minho
- Resende - Douro Litoral
- Ribeira Pena – Trás-os-Montes e A. Douro
- Tabuaço - Trás-os-Montes e A. Douro
- Tarouca - B. Alta
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- S. João Pesqueira - Trás-os-Montes e A. Douro
- Montalegre – Trás-os-Montes e A. Douro

T. Bela-luz – 1 - 1TMAD

- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro

Tormentelo – 3 - 3M

- Barcelos - Minho
- Minho - Minho
- T. Bouro - Minho

Trovisco – 3 - 1M, 1DL, 1 AAT

- Barcelos - Minho
- M. Canaveses - Douro Litoral
- R. Monsaraz - A. Alentejo

Trovisqueira – 1 - 1TMAD

- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro

Unha-gata

- s/i

Urtiga – 9 - 3BA, 2M, 1DL, 1BB, 1BL, 1E

- B. Baixa - B. Baixa
- Cadaval - Estremadura
- F. Algodres - B. Alta
- Guarda - B. Alta

- Leiria - B. Litoral
- Minho - Minho
- Nelas - B. Alta
- Paredes - Douro Litoral
- V. Castelo - Minho

**ANEXO IV-1.2 – Arbustos referidos por
Concelho e Província**

Azevinho – 2 - 1M, 1DL

- Amarante - Douro Litoral
- A. Valdevez - Minho

Buxo – 1 - 1AAT

- Nisa - A. Alentejo

Cana da índia – 2 - 1TMAD, 1BA

- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Viseu - B. Alta

Carqueja – 8+1 - 3BA, 2DL, 2TMAD, 1M

- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- C. Beira - B. Alta
- Cinfães - Douro Litoral
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Tondela - B. Alta
- Tarouca - B. Alta
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Marão)

**Loureiro – 54 - 10M, 10TMAD, 9BA, 8DL, 5BB,
4A, 3E, 3AAT, 2BL**

- Algarve - Algarve
- Almeida - B. Alta
- Amarante - Douro Litoral
- A. Valdevez - Minho
- Avis - A. Alentejo
- Baião - Douro Litoral
- B. Alta - B. Alta
- B. Baixa - B. Baixa
- Bombarral - Estremadura
- Braga - Minho
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Alijó - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cadaval - Estremadura

- Campo Maior - A. Alentejo
- C. Branco - B. Baixa
- Celorico Basto - Minho
- Coimbra - B. Litoral
- Entre Douro e Minho - Minho
- V. N. Famalicão - Minho
- Feira - Douro Litoral
- F. Algodres - B. Alta
- Fundão - B. Baixa
- Guarda - B. Alta
- Guimarães - Minho
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Loulé - Algarve
- Lousã - B. Litoral
- Maia - Douro Litoral
- Mangualde - B. Alta
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Meda - B. Alta
- Melgaço - Minho
- Minho - Minho
- Mirandela - Trás-os-Montes e A. Douro
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Nelas - B. Alta
- Óbidos - Estremadura
- O. Hospital - B. Alta
- Penafiel - Douro Litoral
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- P. Lima - Minho
- Porto - Douro Litoral
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- Valença - Minho
- V. Velha Ródão - B. Baixa
- V. N. Cerveira - Minho
- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Bispo - Algarve
- Valpaços - A
- V. Conde - Douro Litoral
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro

- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro
- Vimioso - Trás-os-Montes e A. Douro
- Vouzela - B. Alta
- (Cebolal)
- (Lisboa)
- (Longroiva)
- (Matança)
- (Roliça)

**Alecrim – 51 + 6 - 9M, 8TMAD, 8A, 7DL,
6AAT, 4BA, 4E, 3BAT, 1BB, 1BL**

- Alcobaça - Estremadura
- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Algarve - Algarve
- Alvaiázere - B. Litoral
- Amarante - Douro Litoral
- Amares - Minho
- A. Valdevez - Minho
- Avis - A. Alentejo
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- B. Alta - B. Alta
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Castro Verde - B. Alentejo
- C. Beira - B. Alta
- Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Estremoz - A. Alentejo
- Évora - A. Alentejo
- Faro - Algarve
- Feira - Douro Litoral
- Felgueiras - Douro Litoral
- F. Algodres - B. Alta
- Guimarães - Minho
- Lagoa - Algarve
- Lisboa - Estremadura
- Loulé - Algarve
- Mafra - Estremadura
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Melgaço - Minho

- Minho - Minho
- Miranda Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Monchique - Algarve
- Moura - B. Alentejo
- Nelas - B. Alta
- Óbidos - Estremadura
- Odemira - B. Alentejo
- Olhão - Algarve
- P. Coura - Minho
- Penafiel - Douro Litoral
- P. Lima - Minho
- Ponte Sor - A. Alentejo
- Portimão - Algarve
- Redondo - A. Alentejo
- Tavira - Algarve
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- Valpaços - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Castelo - Minho
- V. Conde - Douro Litoral
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Velha Ródão - B. Baixa
- Vinhais - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Brasil)
- (Castela)
- (Charneca)
- (Itália)
- (Mondim)
- (Viana)

Daroeira – 1 - 1A

- Portimão - Algarve

Esteva – 1 - 1AAT

- R. Monsaraz - A. Alentejo

**Giesta e tojo – 12 - 4M, 2TMAD, 1DL, 1BA,
1BL, 1AAT, 1BAT, 1A**

- Alvaiázere - B. Litoral

- A. Valdevez - Minho
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cabeceiras Basto - Minho
- Castro Verde - B. Alentejo
- Guimarães - Minho
- Nisa - A. Alentejo
- O. Hospital - B. Alta
- Tavira - Algarve
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Maia)

Junco – 4 - 2BAT, 1DL, 1AAT

- Alandroal - A. Alentejo
- Castro Verde - B. Alentejo
- Paredes - Douro Litoral
- Vidigueira - B. Alentejo

Mirra – 1 - 1AAT

- Alandroal - A. Alentejo

Murta - 16 - 4AAT, 3TMAD, 3E, 2DL, 1M, 1BA, 1BB, 1A

- Alandroal - A. Alentejo
- Alcobaça - Estremadura
- Almada - Estremadura
- Avis - A. Alentejo
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- Barroso - Trás-os-Montes e A. Douro
- B. Alta - B. Alta
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cadaval - Estremadura
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Loulé - Algarve
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Nisa - A. Alentejo
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro

- V. Alentejo - A. Alentejo
- (Nazaré) - Estremadura

Piorno – 2 - 1M, 1AAT

- A. Valdevez - Minho
- Avis - A. Alentejo

Piteira – 1 - 1BB

- Sertã - B. Baixa

Urze e urgueira – 2 - 2BA

- B. Alta - B. Alta
- Tarouca - B. Alta

ANEXO IV-1.3 – Flores referidas por Concelho e Província

Açafrão – 2 + 1 - 2TMAD

- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Coimbra)

Açucena – 31 + 1 - 5M, 5DL, 6TMAD, 3BB, 3AAT, 3A, 2BA, 1BL, 1R, 1BAT

- Alcanena - Ribatejo
- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Amarante - Douro Litoral
- Avis - A. Alentejo
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- Braga - Minho
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- C. Branco - B. Baixa
- Castro Verde - B. Alentejo
- Coimbra - B. Litoral
- Évora - A. Alentejo
- Faro - Algarve
- F. Algodres - B. Alta
- Guimarães - Minho
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Lousada - Douro Litoral
- Mangualde - B. Alta
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Minho - Minho
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Monchique - Algarve
- Óbidos - Estremadura
- Silves - Algarve
- Penafiel - Douro Litoral
- Peso Régua - Trás-os-Montes e A. Douro
- Sertã - B. Baixa
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Castelo - Minho
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro

- V. Velha Ródão - B. Baixa
- (Marvão) A. Alentejo

Amor-perfeito - 17 - 4TMAD, 2M, 2DL, 2AAT, 2BAT, 2A, 1BA, 1BB, 1R

- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Amarante - Douro Litoral
- Avis - A. Alentejo
- Barcelos - Minho
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- C. Branco - B. Baixa
- Castro Daire - B. Alta
- Castro Verde - B. Alentejo
- Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Faro - Algarve
- Minho - Minho
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- Portimão - Algarve
- Redondo - A. Alentejo
- Serpa - B. Alentejo
- Abrantes - Ribatejo
- V. Conde - Douro Litoral

Camélia – 3 + 1 - 1BB, 1AAT, 1A

- C. Branco - B. Baixa
- Nisa - A. Alentejo
- Portimão - Algarve
- (Jarapão)

Goivo – 8 + 1 - 3BB, 1M, 1DL, 1TMAD, 1AAT, 1BAT

- A. Valdevez - Minho
- Baião - Douro Litoral
- C. Branco - B. Baixa
- Mação - B. Baixa
- Sertã - B. Baixa
- Vimioso - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo
- Serpa - B. Alentejo -

- (Castelo Vide)

Lírio – 19 - 7A, 7E, 4C, 1B

5DL, 4BB, 4BAT, 3AAT, 2M, 1TMAD

- A. Valdevez - Minho
- Baião - Douro Litoral
- Campo Maior - A. Alentejo
- C. Branco - B. Baixa
- Castro Verde - B. Alentejo
- Cinfães - Douro Litoral
- Évora - A. Alentejo
- Feira - Douro Litoral
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Minho - Minho
- Moura - B. Alentejo
- Penamacor - B. Baixa
- Portalegre - A. Alentejo
- Porto - Douro Litoral
- Serpa - B. Alentejo
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Velha Ródão - B. Baixa

Malmequer – 3 - 1M, 1BB, 1AAT

- Avis - A. Alentejo
- Barcelos - Minho
- C. Branco - B. Baixa

Malva – 17 - 5TMAD, 3DL, 3AAT, 2M, 1BB, 1BA, 1E, 1BAT

- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Baião - Douro Litoral
- C. Rainha - Estremadura
- Campo Maior - A. Alentejo
- C. Branco - B. Baixa
- Castro Verde - B. Alentejo
- Crato - A. Alentejo
- Elvas - A. Alentejo
- F. Algodres - B. Alta

- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Melgaço - Minho
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Penafiel - Douro Litoral
- V. Conde - Douro Litoral
- V. N. Cerveira - Minho
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- Vinhais - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Castelo Melhor)

Margaça – 2 - 1BB, 1E

- C. Branco - B. Baixa
- Mafra - Estremadura

Margarida – 7 - 4DL, 2TMAD, 1M

- A. Valdevez - Minho
- Baião - Douro Litoral
- Feira - Douro Litoral
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Paredes - Douro Litoral

Papoila – 1 - 1BL

- Ovar - B. Litoral

Perpétua – 6 + 1 - 3BB, 1M, 1R, 1AAT

- Castelo Vide - A. Alentejo
- C. Branco - B. Baixa
- Mação - B. Baixa -
- Minho - Minho
- Abrantes - Ribatejo
- V. Velha Ródão - B. Baixa
- (Alpalhão)

Pimpenela

- s/i

Pionia – 3 - 1M, 1DL, 1TMAD

- Braga - Minho
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Conde - Douro Litoral

Rosa – 3 + 1 - 1DL, 1TMAD, 1AAT

- Feira - Douro Litoral
- Nisa - A. Alentejo
- Montalegre - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Nisa)

**ANEXO IV-1.4 – Legumes da Horta referidos
por Concelho e Província**

**Abóbora, botelha e cabaça – 3DL, 2M, 2TMAD,
2AAT, 1BB, 1E, 1A**

- Alandroal - A. Alentejo
- A. Valdevez - Minho
- Baião - Douro Litoral
- Lisboa - Estremadura
- Mação - B. Baixa
- Mirandela - Trás-os-Montes e A. Douro
- P. Lima - Minho
- Portimão - Algarve
- Resende - Douro Litoral
- V. N. Gaia - Douro Litoral
- V. Pouca Aguiar - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo

Alcachofra – 6 - 2E, 1DL, 1DL, 1A

- Albufeira - Algarve
- Cadaval - Estremadura
- Óbidos - Estremadura
- Porto - Douro Litoral
- Tarouca - B. Alta

Alface – 1 - 1DL, 1BA

- Baião - Douro Litoral
- B. Alta - B. Alta

Alho – 6 + 1 – 3M, 2TMAD, 1DL

- A. Valdevez - Minho
- Barcelos - Minho
- Macedo Cavaleiros - Trás-os-Montes e A. Douro
- Portimão - Algarve
- V. Castelo - Minho
- V. Conde - Douro Litoral
- (Lisboa)

Alho porro – 1 - 1M

- A. Valdevez - Minho

**Batata – 8 - 2TMAD, 1DL, 1BA, 1BL, 1R, 1E,
1AAT**

- Figueira Foz - B. Litoral -
- Baião - Douro Litoral
- Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Elvas - A. Alentejo
- F. Algodres - B. Alta
- Alcanena - Ribatejo
- Óbidos - Estremadura
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Gafanha)
- (Pernes)

**Couve e berça – 16 + 1 - 4TMAD, 3DL, 2M,
2BA, 2A, 1BL, 1AAT, 1BAT**

- Alijó - Trás-os-Montes e A. Douro
- Baião - Douro Litoral
- Castro Verde - B. Alentejo
- Celorico Basto - Minho
- Faro - Algarve
- Guarda - B. Alta
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Mangualde - B. Alta
- Melgaço - Minho
- Nisa - A. Alentejo
- Olhão - Algarve
- O. Azeméis - B. Litoral
- Porto - Douro Litoral
- Régua - Trás-os-Montes e A. Douro
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Conde - Douro Litoral
- (Beira)

Cebola – 7 - 3M, 3DL, 1AAT

- A. Valdevez - Minho
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho

- Cinfães - Douro Litoral
- Guimarães - Minho
- Penafiel - Douro Litoral
- Ponte Sor - A. Alentejo

Cebolinho – 1 - 1DL

- Porto - Douro Litoral

Ervilha e griséu – 4 - 2A, 1DL, 1E

- Alcobaça - Estremadura
- Faro - Algarve
- Portimão - Algarve
- Feira – D. Litoral

Espargo – 1 - 1AAT

- Avis - A. Alentejo

Nabo, nabal e grelo – 14 5BA, 3TMAD, 3DL, 1BL, 1E, 1BAT

- Aveiro - B. Litoral
- Baião - Douro Litoral
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Castro Verde - B. Alentejo
- C. Beira - B. Alta
- Feira - Douro Litoral
- Guarda - B. Alta
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Mangualde - B. Alta
- Óbidos - Estremadura
- Sernancelhe- B. Alta
- Tarouca - B. Alta
- Feira – D. Litoral
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro

Fava – 6 + 1 - 3A, 2BAT, 1M

- Castro Marim - Algarve
- Castro Verde - B. Alentejo
- Faro - Algarve
- Guimarães - Minho

- Portimão - Algarve
- Moura - B. Alentejo
- (Creixomil)

Feijão – 14 + 1 - 5DL, 3AAT, 2A, 1BA, 1BL, 1E, 1BAT

- Alandroal - A. Alentejo
- Baião - Douro Litoral
- C. Beira - B. Alta
- Elvas - A. Alentejo
- Feira - Douro Litoral
- Lisboa - Estremadura
- Maia - Douro Litoral
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Monchique - Algarve
- Montemor Velho - B. Litoral
- Moura - B. Alentejo
- Nisa - A. Alentejo
- Paredes - Douro Litoral
- Portimão - Algarve
- (Algarve)

Girassol – 3 - 2TMAD, 1E

- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cadaval - Estremadura
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro

Nabiça – 5 - 3TMAD, 1DL, 1BA

- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cinfães - Douro Litoral
- S. João Pesqueira - Trás-os-Montes e A. Douro
- Tabuaço - Trás-os-Montes e A. Douro
- Tarouca - B. Alta

Pepino – 4 - 2TMAD, 2BAT

- Beja - B. Alentejo
- Cuba - B. Alentejo
- S. João Pesqueira - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro

Pimento – 1 + 1 - 1BB

- B. Baixa - B. Baixa
- (Muxagata)

Repolho – 5 + 1 - 3TMAD, 1AAT, 1A

- Algarve - Algarve
- Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Elvas - A. Alentejo
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Elvas)

**Tabaco – 12 + 3 - 3TMAD, 2DL, 2IA, 1BA, 1BB,
1E, 1AAT, 1A**

- Alandroal - A. Alentejo
- Cadaval - Estremadura
- C. Beira - B. Alta
- Feira - Douro Litoral
- Ilha Faial - Ilhas Adjacentes
- Ilha S. Miguel - Ilhas Adjacentes
- Penafiel - Douro Litoral
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- Peso Régua - Trás-os-Montes e A. Douro
- Portimão - Algarve
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Rei - B. Baixa
- (Ilha Pico)
- (Madeira)
- (Mexilhoeira)

**Mel, abelha, enxame, cortiço - 15 - 4TMAD,
4AAT, 2M, 2E, 1A, 1IA**

- Alandroal - A. Alentejo
- A. Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Baixo Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Elvas - A. Alentejo
- Guimarães - Minho
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro

- Lisboa - Estremadura
- Madeira - Ilhas Adjacentes
- Maia - Douro Litoral
- Óbidos - Estremadura
- P. Lima - Minho
- Ponte Sor - A. Alentejo
- Portimão - Algarve
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Alentejo)

**ANEXO IV-1.5 – Árvores referidas por
Concelho e Província**

Amieiro – 13 - 5DL, 4TMAD, 4M

- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Alto Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Amarante - Douro Litoral
- A. Valdevez - Minho
- Baião - Douro Litoral
- Entre Douro e Minho - Minho
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Melgaço - Minho
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Penafiel - Douro Litoral
- V. N. Foz Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. N. Gaia - Douro Litoral
- Vizela - Minho

Cedro – 4 - 3DL, 1M

- Baião - Douro Litoral
- Maia - Douro Litoral
- M. Canaveses - Douro Litoral
- V. Castelo - Minho

Chorão – 1 - 1TMAD

- Macedo Cavaleiros - Trás-os-Montes e A. Douro

Choupo – 1 - 1R

- Rio Maior - Ribatejo

Eucalipto – 1 - 1AAT

- Marvão - A. Alentejo

Faia – 5 + 1 - 2IA, 1TMAD, 1BB, 1BAT

- Ilha Graciosa - Ilhas Adjacentes
- Ilha S. Miguel - Ilhas Adjacentes
- Moura - B. Alentejo
- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro

- Proença-a-Nova - B. Baixa
- (Ilha Pico)

Freixo – 5 - 2AAT, 2BAT, 1A

- Loulé - Algarve
- Moura - B. Alentejo
- Serpa - B. Alentejo
- Serra Ossa - A. Alentejo
- V. Alentejo - A. Alentejo

Olmo – 4 + 1 - 2TMAD, 1DL, 1IA

- Baião - Douro Litoral
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Ilha Faial - Ilhas Adjacentes
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Ilha Faial)

Palmeira – 7 + 1 - 3AAT, 2E, 1BL, 1BAT

- Alandroal - A. Alentejo
- Alcobaça - Estremadura
- Bombarral - Estremadura
- Castro Verde - B. Alentejo
- Estarreja - B. Litoral
- Nisa - A. Alentejo
- V. Alentejo - A. Alentejo
- (Alcobaça)
- (Columbeira)

Sabugueiro – 5 - 2DL, 2BA, 1M

- Baião - Douro Litoral
- Minho - Minho
- O. Hospital - B. Alta
- Penafiel - Douro Litoral
- Tarouca - B. Alta

**Salgueiro – 12 + 2 - 3BL, 2M, 2TMAD, 2BA, 1R,
1AAT, 1BAT**

- Alcanena - Ribatejo
- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro

- Alter Chão - A. Alentejo
- Alvaiázere - B. Litoral
- Barcelos - Minho
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Condeixa-a-Nova - B. Litoral
- Melgaço - Minho
- Nelas - B. Alta
- Penacova - B. Litoral
- Serpa - B. Alentejo
- Tarouca - B. Alta
- (Dão)
- (Penacova)

ANEXO IV-2 – Animais referidos por Concelho e Província

Pomba, pombo e pombal – 54 - 11TMAD, 9DL, 7BB, 5M, 4BA, 3E, 7AAT, 3A, 3IA, 2BAT

- Alandroal - A. Alentejo
- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Amarante - Douro Litoral
- A. Valdevez - Minho
- Armamar - Trás-os-Montes e A. Douro
- Arronches - A. Alentejo
- Baião - Douro Litoral
- Braga - Minho
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- C. Rainha - Estremadura
- C. Branco - B. Baixa
- Castro Verde - B. Alentejo
- C. Beira - B. Alta
- Cinfães - Douro Litoral
- Covilhã - B. Baixa
- Elvas - A. Alentejo
- Entre Douro e Minho - Minho
- Évora - A. Alentejo
- Faro - Algarve
- Fundão - B. Baixa
- Gondomar - Douro Litoral
- Gouveia - B. Alta
- Guimarães - Minho
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Ilha Graciosa - Ilhas Adjacentes
- Ilha S. Jorge - Ilhas Adjacentes
- Ilha S. Miguel - Ilhas Adjacentes
- Lagoa - Algarve
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Lisboa - Estremadura
- Loures - Estremadura
- Mação - B. Baixa
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Minho - Minho

- Nisa - A. Alentejo
- O. Hospital - B. Alta
- Penafiel - Douro Litoral
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- Ponte Sor - A. Alentejo
- Portimão - Algarve
- Porto - Douro Litoral
- Serpa - B. Alentejo
- Tarouca - B. Alta
- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- Valpaços - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Conde - Douro Litoral
- V. N. Gaia - Douro Litoral
- V. Pouca Aguiar - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Rei - B. Baixa
- V. Velha Ródão - B. Baixa
- Vimioso - Trás-os-Montes e A. Douro

**Rola - 23 - 8A, 5B, 4C, 2D, 2E, 2F
5DL, 5TMAD, 2M, 2BA, 2BB, 2E, 2A, 1AAT,
1BAT**

- Alcobaça - Estremadura
- Alcoutim - Algarve
- Amarante - Douro Litoral
- Baião - Douro Litoral
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- C. Beira - B. Alta
- Chaves - Trás-os-Montes e A. Douro
- Gondomar - Douro Litoral
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Minho - Minho
- Moura - B. Alentejo
- Nelas - B. Alta
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro

- Peniche - Estremadura
- P. Lima - Minho
- Portimão - Algarve
- Proença-a-Nova - B. Baixa
- S. Tirso - Douro Litoral
- V. Alentejo - A. Alentejo

Galináceos

Capão – 1 - 1M

- Guimarães - Minho

Frango – 8 - 2DL, 2E, 1M, 1TMAD, 1AAT, 1A

- Cadaval - Estremadura
- Espinho - Douro Litoral
- Lagos - Algarve
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Loures - Estremadura
- Minho - Minho
- Penafiel - Douro Litoral
- Serra Ossa - A. Alentejo

Galinha - 31 - 5M, 4DL, 4E, 4A, 3TMAD, 3BA, 2AAT, 2IA, 1M, 1BL, 1R, 1BAT

- Açores - Ilhas Adjacentes
- Alcanena - Ribatejo
- Algarve - Algarve
- A. Valdevez - Minho
- Armamar - Trás-os-Montes e A. Douro
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- B. Alta - B. Alta
- Cabeceiras Basto - Minho
- Cadaval - Estremadura
- Condeixa - B. Litoral
- Ilha S. Miguel - Ilhas Adjacentes
- Lagos - Algarve
- Lisboa - Estremadura
- Loulé - Algarve
- Loures - Estremadura
- Melgaço - Minho
- Miranda Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Monção - Minho
- Nelas - B. Alta
- Nisa - A. Alentejo
- Penafiel - Douro Litoral
- P. Lima - Minho

- Portimão - Algarve
- Póvoa Varzim - Douro Litoral
- Régua - Trás-os-Montes e A. Douro
- Sabugal - B. Alta
- Seixal - Estremadura
- Serpa - B. Alentejo
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. N. Gaia - Douro Litoral

Galo - 30 - 9TMAD, 6M, 4DL, 3E, 3A, 3BA, 2AAT, 1BB

- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- A. Valdevez - Minho
- Armamar - Trás-os-Montes e A. Douro
- Baião - Douro Litoral
- Barroso - Trás-os-Montes e A. Douro
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cadaval - Estremadura
- Celorico Basto - Minho
- Cinfães - Douro Litoral
- Covilhã - B. Baixa
- Faro - Algarve
- Guimarães - Minho
- Loulé - Algarve
- Loures - Estremadura
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Minho - Minho
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Nelas - B. Alta
- P. Coura - Minho
- Portimão - Algarve
- Serra Ossa - A. Alentejo
- Tarouca - Beira Alta
- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro
- T. Vedras - Estremadura
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Castelo - Minho
- V. Conde - Douro Litoral
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro

- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro
- Vimioso - Trás-os-Montes e A. Douro
- Vouzela - B. Alta
- (fórmula)

Pinto – 6 - 1DL, 1BA, 1BL, 1R, 1AAT, 1A

- Alcanena - Ribatejo
- Condeixa - B. Litoral
- F. Algodres - B. Alta
- Nisa - A. Alentejo
- Portimão - Algarve
- V. Conde - Douro Litoral

- M. Canaveses - Douro Litoral
- Monção - Minho
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- P. Lima - Minho
- Penafiel - Douro Litoral
- Portimão - Algarve
- Régua - Trás-os-Montes e A. Douro
- Seixal - Estremadura
- Tomar - Ribatejo
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro

Pita- 8 - 3TMAD, 2M, 1DL, 1BA, 1E

- Alto Minho - Minho
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Feira - Douro Litoral
- Óbidos - Estremadura
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- P. Lima - Minho
- Tarouca - Beira Alta
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro

**Ovo – 27 - 6TMAD, 5DL, 4M, 4E, 2A, 1BA,
1BB, 1R, 1AAT, 1IA**

- Açores - Ilhas Adjacentes
- Amarante - Douro Litoral
- Armamar - Trás-os-Montes e A. Douro
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- Cabeceiras Basto - Minho
- Elvas - A. Alentejo
- Guarda - B. Alta
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Cadaval - Estremadura
- Gondomar - Douro Litoral
- Lagos - Algarve
- Lisboa - Estremadura
- Loures - Estremadura

Caprino e Ovino

Cabra – 15 + 3 - 5BA, 3AAT, 3A, 2M, 1BL,

1BAT

- Alandroal - A. Alentejo
- Almeida - B. Alta
- Ameixial - Algarve
- B. Alta - B. Alta
- Braga - Minho
- Castro Verde - B. Alentejo
- Estremoz - A. Alentejo
- Guimarães - Minho
- Leiria - B. Litoral
- Loulé - Algarve
- Monchique - Algarve
- Nelas - B. Alta
- Nisa - A. Alentejo
- Viseu - B. Alta
- Vouzela - B. Alta
- (Cardosa)
- (Revordelo)
- (Tolosa)

Ovelha – 16 - 4BB, 3BA, 2M, 2AAT, 2A,

1TMAD, 1E, 1IA

- Ameixial - Algarve
- Barcelos - Minho
- B. Alta - B. Alta
- B. Baixa - B. Baixa
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cabeceiras Basto - Minho
- Cadaval - Estremadura
- C. Beira - B. Alta
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Ilha S. Jorge - Ilhas Adjacentes
- Mação - B. Baixa
- Nisa - A. Alentejo
- Portimão - Algarve
- Redondo - A. Alentejo
- V. Rei - B. Baixa

- Vouzela - B. Alta

Carneiro – 12 - 4TMAD, 3DL, 2AAT, 1M, 1BA,

1E

- Alijó - Trás-os-Montes e A. Douro
- Amarante - Douro Litoral
- Arruda Vinhos - Estremadura
- Baião - Douro Litoral
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Maia - Douro Litoral
- Mangualde - B. Alta
- Melgaço - Minho
- Mondim Basto - Trás-os-Montes e A. Douro
- Nisa - A. Alentejo
- R. Monsaraz - A. Alentejo
- Vinhais - Trás-os-Montes e A. Douro

Bode – 1 - 1DL

- Resende - Douro Litoral

Malata – s/i

Anaco – 1 - 1AAT

- Alandroal - A. Alentejo

Cabrito - 1 - 1TMAD

- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro

Chibo – 1 - 1AAT

- Alandroal - A. Alentejo

Cordeiro - 4 - 1M, 1DL, 1BA, 1IA

- Braga - Minho
- Ilha S. Miguel - Ilhas Adjacentes
- Tarouca - B. Alta
- V. Conde - Douro Litoral

Rebanho – 5 - 1M, 1DL, 1BB, 1E, 1A

- Guimarães - Minho

- Cadaval - Estremadura
- Portimão - Algarve
- Baião - Douro Litoral
- V. Rei - B. Baixa

Borrego – 2 - 1AAT, 1BAT

- Moura - B. Alentejo
- R. Monsaraz - A. Alentejo

Chibarro – 2 - 2A

- Algarve - Algarve
- Portimão - Algarve

Porcino

Porco – 18 - 3BL, 2DL, 2TMAD, 2BA, 2A, 1M,

1BB, 1E, 1R, 1AAT, 1BAT, 1IA

- Alandroal - A. Alentejo
- Almeida - B. Alta
- Alvaiázere - B. Litoral
- Baião - Douro Litoral
- Cadaval - Estremadura
- Cantanhede - B. Litoral
- C. Branco - B. Baixa
- F. Zêzere - Ribatejo
- Guimarães - Minho
- Ilha S. Miguel - Ilhas Adjacentes
- Lousã - B. Litoral
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Monchique - Algarve
- Portimão - Algarve
- Serpa - B. Alentejo
- Tabuaço - Trás-os-Montes e A. Douro
- Tarouca - B. Alta
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- (fórmula)

Porca – 8 - 4M, 2A, 1DL, 1TMAD, 1BA

- Algarve - Algarve
- A. Valdevez - Minho
- Barcelos - Minho
- Minho - Minho
- Penafiel - Douro Litoral
- Portimão - Algarve
- Tarouca - B. Alta
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. N. Cerveira - Minho

Barrasco – 1 - 1AAT

- Elvas - A. Alentejo

Leitão – 2 - 1TMAD, 1BL

- Alijó - Trás-os-Montes e A. Douro

- Anadia - B. Litoral

Carnes porco

Toucinho – 8 - + 2 - 2A, 1DL, 1BA, 1BL, 1E, 1R

- Aljezur - Algarve
- Alvaiázere - B. Litoral
- Elvas - A. Alentejo
- F. Zêzere - Ribatejo
- Lisboa - Estremadura
- Monchique - Algarve
- Porto - Douro Litoral
- Viseu – Beira Alta
- (Alentejo)
- (Algarve)

Chouriço – 9 - 3D, 2C, 2E, 1A, 1F

**1M, 1TMAD, 1BA, 1BL, 1E, 1R, 1AAT, 1BAA,
1A**

- Alandroal - A. Alentejo
- Alvaiázere - B. Litoral
- Castro Verde - B. Alentejo
- F. Zêzere - Ribatejo
- Melgaço - Minho
- Olhão - Algarve
- Sintra - Estremadura
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- Viseu - B. Alta

Chouriça – 4 - 2TMAD, 1M, 1A

- Alportel - Algarve
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Melgaço - Minho
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro

Morcela – 1 - 1AAT

- Elvas - A. Alentejo

Salpicão – 3 - 2TMAD, 1M

- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Melgaço - Minho
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro

Unto – 5 - 2M, 1DL, 1TMAD, 1E

- Amarante - Douro Litoral
- Cadaval - Estremadura
- Celorico Basto - Minho
- Guimarães - Minho
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro

Presunto – 2 + 1 - 1E, 1BAT

- Lisboa - Estremadura
- Serpa - B. Alentejo
- (Alentejo)

Linguariça – 1 - 1AAT

- Elvas - A. Alentejo

Orelheira – s/i

Rojão – 1 - 1DL

- Baião - Douro Litoral

Banha – 1 - 1DL

- Baião - Douro Litoral

Salsichão – s/i

Bovinos

Boi – 23 - 5TMAD, 4E, 4M, 3A, 2R, 2AAT, 2BAT, 1BL

- Alandroal - A. Alentejo
- Alcobaça - Estremadura
- A. Valdevez - Minho
- Beja - B. Alentejo
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Celorico Basto - Minho
- Cuba - B. Alentejo
- Faro - Algarve
- Lagoa - Algarve
- Lisboa - Estremadura
- Mafra - Estremadura
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Olivença - A. Alentejo
- Ovar - B. Litoral
- P. Lima - Minho
- Portimão - Algarve
- Rio Maior - Ribatejo
- Salvaterra Magos - Ribatejo
- S. João Pesqueira - Trás-os-Montes e A. Douro
- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro
- T. Vedras - Estremadura
- V. Castelo - Minho
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro

Vaca – 8 + 1 - 1M, 1DL, 1BA, 1BL, 1E, 1R, 1AAT, 1IA

- Alcanena - Ribatejo
- A. Valdevez - Minho
- Elvas - A. Alentejo
- Ilha S. Jorge - Ilhas Adjacentes
- Lisboa - Estremadura
- O. Azeméis - B. Litoral
- Porto - Douro Litoral
- Tarouca - B. Alta
- (Alcanena)

Bezerro – 2 + 1 - 1DL, 1BA

- Maia - Douro Litoral
- Tarouca - B. Alta
- (Coja)

Vitela – 3 - 2DL, 1TMAD

- Baião - Douro Litoral
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- S. Tirso - Douro Litoral

Outros

Perdiz e perdigão - 20 - 9TMAD, 3BA, 2DL, 2AAT, 1M, 1R, 1AAT, 1A

- Armamar - Trás-os-Montes e A. Douro
- Baião - Douro Litoral
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cartaxo - Ribatejo
- F. Algodres - B. Alta
- Guarda - B. Alta
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Melgaço - Minho
- Miranda Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Moura - B. Alentejo
- Ourique - B. Alentejo
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- Portimão - Algarve
- Tarouca - B. Alta
- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Conde - Douro Litoral
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro

Coelho - 10 - 6DL, 1TMAD, 1BB, 1E, 1AAT

- Amarante - Douro Litoral
- Baião - Douro Litoral
- B. Baixa - B. Baixa
- Cinfães - Douro Litoral
- Feira - Douro Litoral
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Óbidos - Estremadura
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Conde - Douro Litoral
- V. N. Gaia - Douro Litoral

Galinholo - 1 - 1TMAD

- Miranda Douro - Trás-os-Montes e A. Douro

Lebre - 7 - 2TMAD, 1M, 1BL, 1BA, 1AAT, 1BAT

- Alvito - B. Alentejo
- Braga - Minho
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cinfães - Douro Litoral
- Guarda - B. Alta
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo

Pato - 3 - 1TMAD, 1BA, 1AAT

- Alandroal - A. Alentejo
- B. Alta - B. Alta
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro

Peru - 5 - 3TMAD, 1DL, 1E

- Baião - Douro Litoral
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Lisboa - Estremadura
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro

Algrivão - 1 - 1A

- Portimão - Algarve

Veado - s/i

Peixes

Peixe – 44 - 9M, 7DL, 7TMAD, 5BA, 5E, 3AAT, 2BB, 2BAT, 2IA, 1BL, 1A

- Amares - Minho
- A. Valdevez - Minho
- A. Vinhos - Estremadura
- Aveiro - B. Litoral
- Avis - A. Alentejo
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- B. Baixa - B. Baixa
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cadaval - Estremadura
- Castro Verde - B. Alentejo
- C. Beira - B. Alta
- Cinfães - Douro Litoral
- Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Feira - Douro Litoral
- Figueira Foz - B. Litoral
- Guarda - B. Alta
- Guimarães - Minho
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Ilha S. Jorge - Ilhas Adjacentes
- Ilha Graciosa - Ilhas Adjacentes
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Lisboa - Estremadura
- Maia - Douro Litoral
- Mafra - Estremadura
- Minho - Minho
- Moura - B. Alentejo
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Montinho - Estremadura
- Nelas - B. Alta
- Nisa - A. Alentejo
- O. Hospital - B. Alta
- P. Coura - Minho
- Penafiel - Douro Litoral
- P. Lima - Minho
- Portimão - Algarve

- Régua - Trás-os-Montes e A. Douro
- Tarouca - B. Alta
- T. Bouro - Minho
- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Conde - Douro Litoral
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro
- Ubíquo

Sardinha – 27 - 5A, 4M, 4TMAD, 3E, 2DL, 2BA, 2BL, 2AAT, 1BB, 1R, 1BAT

- Alcobaça - Estremadura
- Algarve - Algarve
- Alvaiázere - B. Litoral
- Aveiro - B. Litoral
- Barcelos - Minho
- B. Alta - B. Alta
- Cabeceiras Basto - Minho
- Cadaval - Estremadura
- C. Branco - B. Baixa
- Castro Verde - B. Alentejo
- Chaves - Trás-os-Montes e A. Douro
- Elvas - A. Alentejo
- Espinho - Douro Litoral
- V. N. Famalicão - Minho
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Lisboa - Estremadura
- Loulé - Algarve
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Olhão - Algarve
- Portimão - Algarve
- R. Monsaraz - A. Alentejo
- Tomar - Ribatejo
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. N. Gaia - Douro Litoral
- (Algarve)
- (Monchique)

Bacalhau – 7 - 2DL, 2E, 2A, 1M

- Algarve - Algarve
- Baião - Douro Litoral
- Felgueiras - Douro Litoral
- Lisboa - Estremadura
- Loures - Estremadura
- Monchique - Algarve
- P. Lima - Minho

Truta – 9 - 3BA, 3DL, 2TMAD, 1M

- Barroso - Trás-os-Montes e A. Douro
- B. Alta - B. Alta
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- C. Beira - B. Alta
- Feira - Douro Litoral
- Guarda - B. Alta
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Melgaço - Minho
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Parada)

Pescada – 7 - 4E, 2TMAD, 1BL

- Almada - Estremadura
- A. Vinhos - Estremadura
- Aveiro - B. Litoral
- Cadaval - Estremadura
- Chaves - Trás-os-Montes e A. Douro
- Mondim Basto - Trás-os-Montes e A. Douro
- Sintra - Estremadura

Baleia e baleote – 4 + 2 - 1TMAD, 1E, 1BAT, 1A

- Bombarral - Estremadura
- Mértola - B. Alentejo -
- Portimão - Algarve
- V. Flor - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Atouguia)
- (Lagos)

Atum – 2 - 1BA, 1A

- Guarda - B. Alta
- Portimão - Algarve

Enguia – 3 - 1TMAD, 1E, 1AAT

- Alandroal - A. Alentejo
- Cadaval - Estremadura
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro

Carapau – 2 - 1BA, 1E

- Almeida - B. Alta
- Lisboa - Estremadura

Fataça – 1 - 1E

- Cadaval - Estremadura

Garoupa – 1 - 1IA

- Ilha S. Jorge - Ilhas Adjacentes

Tubarão e zorra – 1 - 1A

- Portimão - Algarve

Alfaquete – 1 - 1A

- Portimão - Algarve

Boga – 1 - 1AAT

- Nisa - A. Alentejo

Cação – 1 - 1BL

- Figueira Foz - B. Litoral

Cachucho – 1 - 1A

- Portimão - Algarve

Charroco – 1 - 1A

- Algarve - Algarve

Dentão – 1 - 1A

- Portimão - Algarve

Peixe-cão – 1 - 1M

- Minho - Minho

Peixe-espada – 1 - 1M

- Minho - Minho

Robalo – 1 - 1M

- V. Castelo - Minho

Salmonete – 1 - 1A

- Portimão - Algarve

Tainha – 3 - 1DL, 1E, 1IA

- Cadaval - Estremadura
- Ilha S. Jorge - Ilhas Adjacentes
- Póvoa Varzim - Douro Litoral

Moluscos e crustáceos

Alcofinha – 1 - 1A

- Faro - Algarve

Caracol – 4 - 1BL, 1E, 1R, 1AAT

- Condeixa - B. Litoral
- Lisboa - Estremadura
- Tomar - Ribatejo
- V. Alentejo - A. Alentejo

**Caranguejo e caranguejola – 6 - 2IA, 1BA, 1E,
1A**

- Cadaval - Estremadura
- C. Beira - B. Alta
- Ilha S. Jorge - Ilhas Adjacentes
- Ilha S. Miguel - Ilhas Adjacentes
- Portimão - Algarve

Berbigão – 1 - 1A

- Portimão

Camarão – 3 + 1 - 1DL, 1BL, 1A

- Aveiro - B. Litoral
- Portimão - Algarve
- Porto - Douro Litoral
- (V. Franca)

Amêijoia – 1 - 1A

- Portimão - Algarve

Conquilha – 1 - 1A

- Portimão - Algarve

Lagueirão – 1 - 1A

- Portimão - Algarve

Mexilhão – 1 - 1DL

- Paredes - Douro Litoral

ANEXO IV-3.1 Frutos referidos por Concelho e

Província

Abrunho – 1 - 1BAT

- Moura - B. Alentejo

Alfarroba – 3 + 1 - 3A

- Algarve - Algarve
- Faro - Algarve
- Monchique - Algarve
- (Algarve) - Algarve

Ameixa – 12 - 4DL, 4BAT, 1M, 1TMAD, 1BA, 1A

- Amarante - Douro Litoral
- Baião - Douro Litoral
- Beja - B. Alentejo
- Cuba - B. Alentejo
- Feira - Douro Litoral
- Melgaço - Minho
- Moura - B. Alentejo
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- Portimão - Algarve
- Resende - Douro Litoral
- Serpa - B. Alentejo
- Vouzela - B. Alta

Amêndoa – 7 - 4A, 2AAT, 1E

- Albufeira - Algarve
- Loulé - Algarve
- Montijo - Estremadura
- Olhão - Algarve
- Ponte Sor - A. Alentejo
- Portimão - Algarve
- V. Alentejo - A. Alentejo

Amora – 12 - 3AAT, 2DL, 2BA, 2BAT, 1M, 1E, 1IA

- Avis - A. Alentejo
- Baião - Douro Litoral

- B. Alta - B. Alta
- Castro Verde - B. Alentejo
- Estremoz - A. Alentejo
- Mafra - Estremadura
- S. Comba Dão - B. Alta
- S. Miguel - Ilhas Adjacentes
- Serpa - B. Alentejo
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Castelo - Minho
- V. Conde - Douro Litoral

Ananás – 1 - 1IA

- S. Miguel - Ilhas Adjacentes

Andrina – 1 - 1TMAD

- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro

Avelã – 2 - 2BAT

- Beja - B. Alentejo
- Cuba - B. Alentejo

Azeite – 15 - 3M, 3TMAD, 3A, 2BA, 2AAT, 1BB, 1BL

- Albufeira - Algarve
- Aljezur - Algarve
- Almeida - B. Alta
- Baixo Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Coimbra - B. Litoral
- Estremoz - A. Alentejo
- Guarda - B. Alta
- Guimarães - Minho
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Loulé - Algarve
- Norte - Minho
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- Proença - B. Baixa
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. N. Cerveira - Minho

**Azeitona – 39 + 1 - 8M, 8TMAD, 7AAT, 6DL,
5BA, 3BL, 2BB, 1E, 1BAT, 1A**

Albufeira - Algarve

- Alcácer Sal - B. Alentejo
- Alcobaça - Estremadura
- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Alvaiázere - B. Litoral
- Avis - A. Alentejo
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Campo Maior - A. Alentejo
- C. Branco - B. Baixa
- Castelo Vide - A. Alentejo
- Celorico Basto - Minho
- Cinfães - Douro Litoral
- Coimbra - B. Litoral
- Crato - A. Alentejo
- Entre Douro e Minho - Minho
- Feira - Douro Litoral
- Guarda - B. Alta
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Maia - Douro Litoral
- Mangualde - B. Alta
- Minho - Minho
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Moimenta Beira - B. Alta
- Nisa - A. Alentejo
- Oleiros - B. Baixa
- O. Hospital - B. Alta
- Penacova - B. Litoral
- Penafiel - Douro Litoral
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- P. Lima - Minho
- R. Monsaraz - A. Alentejo
- Resende - Douro Litoral
- Sabugal - B. Alta
- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo

- V. N. Cerveira - Minho
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- Vimioso - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Elvas)

Banana – 5 - 2BA, 1BL, 1AAT, 1A

- Carregal Sal - B. Alta
- C. Beira - B. Alta
- Coimbra - B. Litoral
- Elvas - A. Alentejo
- Portimão - Algarve

**Bolota – 13 + 1 - 4M, 3DL, 2A, 1TMAD, 1BA,
1E, 1AAT**

- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Amarante - Douro Litoral
- Celorico Basto - Minho
- C. Beira - B. Alta
- Braga - Minho
- Lisboa - Estremadura
- Melgaço - Minho
- Minho - Minho
- Nisa - A. Alentejo
- Olhão - Algarve
- Porto - Douro Litoral
- Penafiel - Douro Litoral
- Portimão - Algarve
- (Lisboa) - D

**Castanha – 29 + 1 - 6TMAD, 6BA, 5M, 4AAT,
2DL, 2BB, 2A, 1E, 1BAT**

- Alandroal - A. Alentejo
- Albufeira - Algarve
- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- A. Valdevez - Minho
- Baião - Douro Litoral
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Castro Verde - B. Alentejo
- C. Beira - B. Alta

- Covilhã - B. Baixa
- Fafe - Minho
- Faro - Algarve
- Feira - Douro Litoral
- F. Algodres - B. Alta
- Guarda - B. Alta
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Lisboa - Estremadura
- Mação - B. Baixa
- Mangualde - B. Alta
- Nisa - A. Alentejo
- P. Coura - Minho
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- P. Lima - Minho
- Portalegre - A. Alentejo
- Póvoa Lanhoso - Minho
- Tarouca - B. Alta
- Tondela - B. Alta
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- Vila Real - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Alegrete) – A. Alentejo

Cereja – 26 + 1 - 7M, 6DL, 6TMAD, 3BA, 2BB, 2R, 1E, 1BAT

- Alijó - Trás-os-Montes e A. Douro
- Alto Minho - Minho
- A. Valdevez - Minho
- Baião - Douro Litoral
- Braga - Minho
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cartaxo - Ribatejo
- Castelo da Maia - Douro Litoral
- Castro Verde - B. Alentejo
- Chaves - Trás-os-Montes e A. Douro
- Feira - Douro Litoral
- Guarda - B. Alta
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Lisboa - Estremadura
- Lousada - Douro Litoral

- Mangualde - B. Alta
- M. Canavezes - Douro Litoral
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Minho - Minho
- Paços Ferreira - Douro Litoral
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- P. Lima - Minho
- Seia - B. Alta
- Tomar - Ribatejo
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Velha Ródão - B. Baixa
- (Marão)

Cidra – 4 - 2A, 1M, 1DL

- Baião - Douro Litoral
- Entre Douro e Minho - Minho
- Loulé - Algarve
- Portimão - Algarve

Damasco – 2 + 2 - 1AAT, 1IA

- Alandroal - A. Alentejo
- S. Jorge - Ilhas Adjacentes
- (Faial) - Ilhas Adjacentes
- (Pico) - Ilhas Adjacentes

Figo - 31 + 1 - 9A, 7TMAD, 4BB, 3AAT, 3BAT, 2DL, 2BA, 2BL, 1E

- Albufeira - Algarve
- Alcoutim - Algarve
- Algarve - Algarve
- Baião - Douro Litoral
- B. Baixa - B. Baixa
- Beja - B. Alentejo
- C. Branco - B. Baixa
- Castro Verde - B. Alentejo
- Coimbra - B. Litoral
- Cuba - B. Alentejo
- Faro - Algarve
- Figueira Foz - B. Litoral

- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Lagos - Algarve
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Lisboa - Estremadura
- Loulé - Algarve
- Miranda Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Moimenta Beira - B. Alta
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Monchique - Algarve
- Nisa - A. Alentejo
- O. Hospital - B. Alta
- Penafiel - Douro Litoral
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- Portalegre - A. Alentejo
- Serra da Ossa - A. Alentejo
- Silves - Algarve
- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- Vimioso - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Algarve) - Algarve

Ginja – 6 + 1 - 3A, 1BB, 1E, 1BAT

- Covilhã - B. Baixa
- Lisboa - Estremadura
- Monchique - Algarve
- Moura - B. Alentejo
- Portimão - Algarve
- Sul - Algarve
- (Baião)

**Laranja – 41 + 3 - 12E, 11A, 11B, 6C, 2D, 4F
10TMAD, 5DL, 5AAT, 4M, 4BA, 4BAT, 4A,
2BB, 2BL, 1E**

- Alandroal - A. Alentejo
- Alcoutim - Algarve
- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Alportel - Algarve
- Alvaiázere - B. Litoral
- Avis - A. Alentejo

- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- Beja - B. Alentejo
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cadaval - Estremadura
- C. Branco - B. Baixa
- Castro Verde - B. Alentejo
- C. Beira - B. Alta
- Cinfães - Douro Litoral
- Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Guimarães - Minho
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Loulé - Algarve
- Maia - Douro Litoral
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Melgaço - Minho
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Moimenta Beira - B. Alta
- Moura - B. Alentejo
- Nisa - A. Alentejo
- Ovar - B. Litoral
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- P. Lima - Minho
- Portimão - Algarve
- S. Comba Dão - B. Alta
- Serpa - B. Alentejo
- Serra da Ossa - A. Alentejo
- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- Valpaços - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. N. Gaia - Douro Litoral
- Vinhais - Trás-os-Montes e A. Douro
- Viseu - B. Alta
- (fórmula)
- (Elvas)
- (Galveias)
- (China)

Lima – 19 + 6 - 4DL, 4BA, 3M, 3BAT, 2TMAD, 1BB, 1E, 1IA

- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Aljustrel - B. Alentejo
- Amarante - Douro Litoral
- Baião - Douro Litoral
- C. Senhorim - B. Alta
- Castelo Paiva - Douro Litoral
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Ilha S. Miguel - Ilhas Adjacentes
- Lisboa - Estremadura
- Maia - Douro Litoral
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Monção - Minho
- Nelas - B. Alta
- Norte - Minho
- Ourique - B. Alentejo
- P. Lima - Minho
- S. Comba Dão - B. Alta
- Serpa - B. Alentejo
- Viseu - B. Alta
- (Cima do Douro) - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Lapa do Lobo) – B. Alta
- (Mondim de Cima) – B. Alta
- (Ourique) – B. Alentejo
- (Ponte do Lima) - Minho
- (Val'de Madeiros) – B. Alta

Limão – 49 + 7 - 9M, 7DL, 7BA, 6TMAD, 5BAT, 4E, 3BB, 3BL, 3AAT, 2A, 2IA

- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Algarve - Algarve
- Alvaiázere - B. Litoral
- Amarante - Douro Litoral
- A. Valdevez - Minho
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- Beja - B. Alentejo

- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cabeceiras Basto - Minho
- C. Senhorim – B. Alta
- Castelo Paiva - Douro Litoral
- Cinfães - Douro Litoral
- Entre Douro e Minho - Minho
- Estremoz - A. Alentejo
- Guarda - B. Alta
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Ilha Graciosa - Ilhas Adjacentes
- Ilha S. Miguel - Ilhas Adjacentes
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Leiria - B. Litoral
- Lisboa - Estremadura
- Loulé - Algarve
- Mação - B. Baixa
- Mafra - Estremadura
- Maia - Douro Litoral
- Mangualde - B. Alta
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Melgaço - Minho
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Minho - Minho
- Miranda Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Monção - Minho
- Moura - B. Alentejo
- Nelas - B. Alta
- Óbidos - Estremadura
- Odemira - B. Alentejo
- Ourique - B. Alentejo
- Ovar - B. Litoral
- P. Coura - Minho
- Penafiel - Douro Litoral
- P. Lima - Minho
- Portimão - Algarve
- Redondo - A. Alentejo
- S. Comba Dão - B. Alta
- Setúbal - Estremadura
- Serpa - B. Alentejo

- Tarouca - B. Alta
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Velha Ródão - B. Baixa
- Viseu - B. Alta
- (Abaixo do Douro) - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Castro Verde) – B. Alentejo
- (China)
- (Lapa do Lobo)
- (Mondim de Baixo) - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Val'de Madeiros) – B. Alta
- (Viana)

Maçã – 30 - 5DL, 4M, 4TMAD, 4BB, 4E, 3BL, 3AAT, 2BA, 1IA

- Alcobaça - Estremadura
- Algarve - Algarve
- Alvaiázere - B. Litoral
- A. Valdevez - Minho
- Arganil - B. Litoral
- Avis - A. Alentejo
- Baião - Douro Litoral
- Cadaval - Estremadura
- C. Branco - B. Baixa
- C. Beira - B. Alta
- Cinfães - Douro Litoral
- Covilhã - B. Baixa
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Ilha S. Miguel - Ilhas Adjacentes
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Melgaço - Minho
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Nisa - A. Alentejo
- Óbidos - Estremadura
- Ovar - B. Litoral
- P. Coura - Minho
- P. Lima - Minho

- S. Tirso - Douro Litoral
- S. João Pesqueira - Trás-os-Montes e A. Douro
- Seia - B. Alta
- Setúbal - Estremadura
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Conde - Douro Litoral
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. N. Gaia - Douro Litoral
- V. Velha Ródão - B. Baixa

Marmelo – 11 - 3DL, 3TMAD, 2A, 2BAT, 1AAT 3B, 3E, 3F

- Algarve - Algarve
- Baião - Douro Litoral
- Beja - B. Alentejo
- Cinfães - Douro Litoral
- Cuba - B. Alentejo
- Feira - Douro Litoral
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Miranda Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Portimão - Algarve
- Silves - Algarve
- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo

Gamboa – 4 - 2AAT, 1BL, 1BAT

- Condeixa - B. Litoral
- Elvas - A. Alentejo
- Moura - B. Alentejo
- R. Monsaraz - A. Alentejo

Medronho – 2 - 1DL, 1TMAD

- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Paços Ferreira - Douro Litoral

Melancia – 7 - 2DL, 1TMAD, 1BA, 1BB, 1A, 1IA

- Baião - Douro Litoral
- B. Baixa - B. Baixa
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro

- Faial - Ilhas Adjacentes
- Loulé - Algarve
- Penafiel - Douro Litoral
- Tondela - B. Alta

Melão – 3 - 2BAT, 1DL

- Beja - B. Alentejo
- Cuba - B. Alentejo
- Paredes - Douro Litoral

Morango – 1 - 1M

- A. Valdevez - Minho

Noz – 12 - 3M, 3AAT, 2DL, 1BA, 1E, 1BAT, 1A

- Alandroal - A. Alentejo
- Albufeira - Algarve
- Arruda dos Vinhos - Estremadura
- A. Valdevez - Minho
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- Estremoz - A. Alentejo
- Nisa - A. Alentejo
- P. Lima - Minho
- Porto - Douro Litoral
- Tarouca - B. Alta
- Vidigueira - B. Alentejo

Palmito – 4 - 1BB, 1E, 1AAT, 1BAT

- Alandroal - A. Alentejo
- Bombarral - Estremadura
- Castro Verde - B. Alentejo
- V. Velha Ródão - B. Baixa

Pera – 22 + 3 -

**4AAT, 4A, 3DL, 2M, 2BA, 2BB, 2E, 1TMAD,
1R, 1BAT**

- Alandroal - A. Alentejo
- Alcanena - Ribatejo
- Algarve - Algarve

- Baião - Douro Litoral
- Cadaval - Estremadura
- Castro Verde - B. Alentejo
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Lagos - Algarve
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Lisboa - Estremadura
- Maia - Douro Litoral
- Monchique - Algarve
- Montargil - A. Alentejo
- Nisa - A. Alentejo
- O. Hospital - B. Alta
- Portimão - Algarve
- P. Lima - Minho
- Porto - Douro Litoral
- Proença-a-Nova - B. Baixa
- Tarouca - B. Alta
- Terras da Feira -
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Castelo - Minho
- (Santo António)
- (São Bento)
- (Teixoso) - B. Baixa
- (ubíquo)

Pêssego – 1 - 1M

- P. Lima - Minho

Pinha e pinhão – 29 - 16A, 5B, 5D, 4C, 2F

**Pinha - 25 + 6 - 10M, 5DL, 2TMAD, 2BA, 2R,
2A, 1E, 1AAT**

- Alcanena - Ribatejo
- Amares - Minho
- Algarve - Algarve
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- B. Alta - B. Alta
- Cadaval - Estremadura
- C. Beira - B. Alta

- Celorico Basto - Minho
- Chaves - Trás-os-Montes e A. Douro
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Melgaço - Minho
- Minho - Minho
- Norte - Minho
- P. Lima - Minho
- P. Coura - Minho
- Penafiel - Douro Litoral
- Ponte Barca - Minho
- Porto - Douro Litoral
- Rio Maior - Ribatejo
- Serra Barroso - Trás-os-Montes e A. Douro
- Portimão - Algarve
- S. Tirso - Douro Litoral
- Sernancelhe - B. Alta
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Castelo - Minho
- (Caria)
- (Leiria)
- (Porto)
- (Senhora Abadia)
- (Senhora Serra)
- (Vidago)

Pinhão – 12 - 3M, 3DL, 1BB, 1BL, 1E, 1R, 1AAT, 1A

- Baião - Douro Litoral
- Cadaval - Estremadura
- Covilhã - B. Baixa
- Leiria - B. Litoral
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Norte - Minho
- P. Coura - Minho
- Penafiel - Douro Litoral
- P. Lima - Minho
- Portimão - Algarve
- Rio Maior - Ribatejo
- V. Alentejo - A. Alentejo

Romã – 1 - 1TMAD

- S. João Pesqueira - Trás-os-Montes e A. Douro

Tangerina – 2 - 2AAT

- Alandroal - A. Alentejo
- V. Alentejo - A. Alentejo

Tremoço – 1 - 1AAT

- Nisa - A. Alentejo

Uva, bacelo, moscatel, cacho, bago – 31 + 2 - 6E, 4BA, 4AAT, 3M, 3DL, 4BAT, 3A, 2TMAD, 2BL, 1R, 1IA

- Alandroal - A. Alentejo
- Albufeira - Algarve
- A. Valdevez - Minho
- Arganil - B. Litoral
- Arruda Vinhos - Estremadura
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- B. Alta - B. Alta
- Beja - B. Alentejo
- Bombarral - Estremadura
- Cadaval - Estremadura
- Coimbra - B. Litoral
- Cuba - B. Alentejo
- Gouveia - B. Alta
- Ilha S. Jorge - Ilhas Adjacentes
- Lisboa - Estremadura
- Mafra - Estremadura
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Olhão - Algarve
- O. Hospital - B. Alta
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- Penafiel - Douro Litoral
- P. Lima - Minho
- Ponte Sor - A. Alentejo

- Portimão - Algarve
- R. Monsaraz - A. Alentejo
- Rio Maior - Ribatejo
- Serpa - B. Alentejo
- Tarouca - B. Alta
- T. Vedras - Estremadura
- V. Alentejo - A. Alentejo
- (Ilha Graciosa) - Ilhas Adjacentes
- (Lagos) - Algarve

**ANEXO IV-3.2 Árvores de fruto referidas por
Concelho e Província**

Alfarrobeira – 2 + 3 - 1E, 1A

- Lisboa - Estremadura
- Portimão - Algarve
- (Albufeira) - Algarve
- (Algarve) - Algarve
- (Rocha da Pena) - Algarve

**Amendoeira – 22 - 6A, 3DL, 3TMAD, 3BA, 3BB,
2BAT, 1E, 1AAT**

- Albufeira - Algarve
- Alcoutim - Algarve
- Baião - Douro Litoral
- C. Branco - B. Baixa
- Castro Verde - B. Alentejo
- Guarda - B. Alta
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Lisboa - Estremadura
- Loulé - Algarve
- Mação - B. Baixa
- Mangualde - B. Alta
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Monchique - Algarve
- Nisa - A. Alentejo
- Olhão - Algarve
- Ourique - B. Alentejo
- Portimão - Algarve
- Porto - Douro Litoral
- S. Tirso - Douro Litoral
- Tarouca - B. Alta
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro

Amoreira – 3 - 1TMAD, 1BB, 1E

- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Loures - Estremadura

Ananás (estufa) – 1 - 1IA

- Ilha S. Miguel - Ilhas Adjacentes

Avelaneira – 1 - 1M

- Celorico Basto - Minho

**Azinheta (azinhal, azinho, carrasco,
carrasqueira) – 9 + 5 - 3AAT, 2A, 1M, 1BB,
1E, 1BAT**

- Alcoutim - Algarve
- Avis - A. Alentejo
- Castro Marim - Algarve
- Castro Verde - B. Alentejo
- Elvas - A. Alentejo
- Lisboa - Estremadura
- Mação - B. Baixa
- Melgaço - Minho
- Redondo - A. Alentejo
- (Alentejo)
- (Cabeça Gorda)
- (Giões) - Algarve
- (S. António Terruge)
- (Senhora Prazeres)

Bananeira – 2 - 1BL, 1A

- Coimbra - B. Litoral
- Portimão - Algarve

**Carvalho (carvalha, carvalheira) – 11 + 6 - 4DL,
4M, 3BA**

- Amarante - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- Braga - Minho
- C. Beira - B. Alta
- Cinfães - Douro Litoral
- Guarda - B. Alta
- Melgaço - Minho
- Minho - Minho
- O. Hospital - B. Alta

- Penafiel - Douro Litoral
- Porto - Douro Litoral
- (Barroca)
- (Peneda)
- (S. João Braga)
- (Senhora Desterro)
- (Senhora Martírio)
- (Senhora Peneda)

Castanheiro e souto – 19 - 8M, 5TMAD, 3BA, 2DL, 1BB

- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Celorico Basto - Minho
- Cinfães - Douro Litoral
- Covilhã - B. Baixa
- F. Algodres - B. Alta
- Guarda - B. Alta
- Guimarães - Minho
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Melgaço - Minho
- Minho - Minho
- Monção - Minho
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- P. Lima - Minho
- Póvoa Lanhoso - Minho
- Tondela - B. Alta
- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro

Cerejeira – 5 - 2M, 2DL, 1BA

- Alto Minho - Minho
- Guarda - B. Alta
- Lousada - Douro Litoral
- P. Coura - Minho
- Porto - Douro Litoral

Cidreira – 3 - 1M, 1DL, 1BAT

- Baião - Douro Litoral
- Beja - B. Alentejo
- Entre Douro e Minho - Minho

Damasqueiro – 1 - 1BB

- V. Velha Ródão - B. Baixa

Figueira, figueiral, piteira – 24 - 6TMAD, 5AAT, 4A, 3BB, 2DL, 2BA, 1M, 1E

- Albufeira - Algarve
- Baião - Douro Litoral
- B. Baixa - B. Baixa
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- C. Branco - B. Baixa
- Évora - A. Alentejo
- Faro - Algarve
- Guimarães - Minho
- Lagos - Algarve
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Lisboa - Estremadura
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Moimenta Beira - B. Alta
- Nisa - A. Alentejo
- O. Hospital - B. Alta
- Penafiel - Douro Litoral
- Portimão - Algarve
- Redondo - A. Alentejo
- Sertã - B. Baixa
- Serra da Ossa - A. Alentejo
- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- Vimioso - Trás-os-Montes e A. Douro
- (fórmula)

Gambocira – 2 - 1BL, 1AAT

- Condeixa - B. Litoral
- Elvas - A. Alentejo

Laranjeira e laranjal – 38 - 7M, 7DL, 6TMAD,

4BA, 4AAT, 4BAT, 3BB, 2A, 1BL

- Alportel - Algarve
- Armamar - Trás-os-Montes e A. Douro
- Avis - A. Alentejo
- Baião - Douro Litoral
- B. Alta - B. Alta
- Barcelos - Minho
- Braga - Minho
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- C. Branco - B. Baixa
- Castelo da Maia - Douro Litoral
- Castro Verde - B. Alentejo
- C. Beira - B. Alta
- Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Lousada - Douro Litoral
- Maia - Douro Litoral
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Melgaço - Minho
- Minho - Minho
- Mirandela - Trás-os-Montes e A. Douro
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Moura - B. Alentejo
- Niade Basto -
- Nisa - A. Alentejo
- O. Azeméis - B. Litoral
- Penafiel - Douro Litoral
- P. Lima - Minho
- Portimão - Algarve
- Redondo - A. Alentejo
- Resende - Douro Litoral
- Serpa - B. Alentejo
- Sines - B. Alentejo
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Velha Ródão - B. Baixa
- Vouzela - B. Alta
- V. Castelo - Minho

Limociro – 23 - 5M, 5DL, 3TMAD, 2BA, 2BAT, 2A, 1R, 1E, 1AAT

- Alcanena - Ribatejo
- Baião - Douro Litoral
- Braga - Minho
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Castro Daire - B. Alta
- Celorico Basto - Minho
- Cinfães - Douro Litoral
- Lagoa - Algarve
- Mafra - Estremadura
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Melgaço - Minho
- Montalegre - Trás-os-Montes e A. Douro
- Moura - B. Alentejo
- O. Hospital - B. Alta
- Penafiel - Douro Litoral
- Portimão - Algarve
- Redondo - A. Alentejo
- S. Tirso - Douro Litoral
- Serpa - B. Alentejo
- A. Valdevez - Minho
- V. Alentejo – A. Alentejo
- V. Castelo - Minho
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Brasil)

Macieira – 10 - 2M, 2DL, 2TMAD, 1BA, 1BB, 1BL, 1AAT

- Alvaiázere - B. Litoral
- A. Valdevez - Minho
- Cinfães - Douro Litoral
- Covilhã - B. Baixa
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- P. Coura - Minho
- Seia - B. Alta
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. N. Gaia - Douro Litoral

- Vimioso - Trás-os-Montes e A. Douro

Marmeleiro e gamboeira – 7 - 3AAT, 2DL, 1BL, 1A

- Baião - Douro Litoral
- Condeixa - B. Litoral
- Elvas - A. Alentejo
- Nisa - A. Alentejo
- Paredes - Douro Litoral
- Portimão - Algarve
- R. Monsaraz - A. Alentejo

Marmeleiro – 5 - 2DL, 2AAT, 1A

- Baião - Douro Litoral
- Nisa - A. Alentejo
- Paredes - Douro Litoral
- Portimão - Algarve
- R. Monsaraz - A. Alentejo

Medronheiro e medronhal – 2 - 1M, 1BB

- Celorico Basto - Minho
- Idanha-a-Nova - B. Baixa

Melancial – 1 - 1BAT

- Castro Verde - B. Alentejo

Meloal – 2 - 2TMAD

- S. João Pesqueira - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro

Nogueira – 3 - 1DL, 1BA, 1AAT

- Baião - Douro Litoral
- Nisa - A. Alentejo
- Tarouca - B. Alta

Palmeira – 7 - 3AAT, 2E, 1BL, 1BAT

- Alandroal - A. Alentejo
- Alcobaça - Estremadura
- Bombarral - Estremadura

- Castro Verde - B. Alentejo
- Estarreja - B. Litoral
- Nisa - A. Alentejo
- V. Alentejo - A. Alentejo

Pessegueiro – 12 - 4DL, 3M, 1TMAD, 1BA, 1AAT, 1A, 1IA

- Avis - A. Alentejo
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- Celorico Basto - Minho
- Ilha S. Miguel - Ilhas Adjacentes
- Feira - Douro Litoral
- Mangualde - B. Alta
- Montalegre - Trás-os-Montes e A. Douro
- P. Lima - Minho
- Portimão - Algarve
- Porto - Douro Litoral
- V. Conde - Douro Litoral

Pereira – 5 - 2DL, 1M, 1TMAD, 1R

- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Almeirim - Ribatejo
- Penafiel - Douro Litoral
- V. N. Cerveira - Minho
- V. N. Gaia - Douro Litoral
- (fórmula)

Silva – 8 - 2BA, 1M, 1DL, 1TMAD, 1E, 1BAT, 1IA

- Baião - Douro Litoral
- B. Alta - B. Alta
- Ilha S. Miguel - Ilhas Adjacentes
- Mafra - Estremadura
- Norte - Minho
- S. Comba Dão - B. Alta
- Serpa - B. Alentejo
- V. Pouca Aguiar - Trás-os-Montes e A. Douro

**Oliveira, olival – 71 - 11TMAD, 10M, 9DL, 9A,
8BA, 8AAT, 6E, 6BAT, 5BB, 3BL, 1R**

- Alandroal - A. Alentejo
- Alcácer Sal - B. Alentejo
- Alcobaça - Estremadura
- Alcoutim - Algarve
- A. da Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Aljustrel - Algarve
- Almeida - B. Alta
- Alvaiázere - B. Litoral
- Amarante - Douro Litoral
- Avis - A. Alentejo
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- B. Baixa - B. Baixa
- Beja - B. Alentejo
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cadaval - Estremadura
- Campo Maior - A. Alentejo
- C. Rainha - Estremadura
- C. Branco - B. Baixa
- Castelo Vide - A. Alentejo
- Castro Verde - B. Alentejo
- C. Beira - B. Alta
- Cinfães - Douro Litoral
- Elvas - A. Alentejo
- Esposende - Minho
- Faro - Algarve
- Feira - Douro Litoral
- Figueira Foz - B. Litoral
- F. Algodres - B. Alta
- Guarda - B. Alta
- Guimarães - Minho
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Lagoa - Algarve
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Lisboa - Estremadura
- Loulé - Algarve
- Maia - Douro Litoral
- Mangualde - B. Alta
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Melgaço - Minho
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Minho - Minho
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Moimenta Beira - B. Alta
- Monchique - Algarve
- Moura - B. Alentejo
- Nisa - A. Alentejo
- Óbidos - Estremadura
- O. Azeméis - B. Litoral
- Ourique - B. Alentejo
- P. Coura - Minho
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- Penafiel - Douro Litoral
- P. Lima - Minho
- Portimão - Algarve
- Resende - Douro Litoral
- R. Monsaraz - A. Alentejo
- Sabugal - B. Alta
- Salvaterra Magos - Ribatejo
- S. João Pesqueira - Trás-os-Montes e A. Douro
- Silves - Algarve
- Sobral do Monte Agraço - Estremadura
- Tarouca - B. Alta
- Tavira - Algarve
- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Castelo - Minho
- Vidigueira - B. Alentejo
- V. Conde - Douro Litoral
- V. N. Cerveira - Minho
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Velha Ródão - B. Baixa
- (Brasil)
- (Elvense)

- (Monsanto)
- (Pero-Soares)
- (Salvaterra)
- (São Pedro)
- (Sarapicos)
- (Ucanha)
- (Vila Cortês)
- (V. Velha Ródão)
- (Vilar Seco)
- (fórmula)

**Pinheiro – 44 + 17 - 11M, 7DL, 6TMAD, 6BA,
5A, 4AAT, 2BB, 2R, 2BAT, 1BL, 1E**

(pinhal, pinheiral, pinheireco)

- Alandroal - A. Alentejo
- Albufeira - Algarve
- Alcobaça - Estremadura
- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Algarve - Algarve
- Amares - Minho
- Alter Chão - A. Alentejo
- Alvaiázere - B. Litoral
- Amarante - Douro Litoral
- A. Valdevez - Minho
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- B. Alta - B. Alta
- Campo Maior - A. Alentejo
- Castro Verde - B. Alentejo
- C. Beira - B. Alta
- Chaves - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cinfães - Douro Litoral
- Covilhã - B. Baixa
- Ferreira Zêzere - Ribatejo
- F. Algodres - B. Alta
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Melgaço - Minho
- Minho - Minho
- Monchique - Algarve

- Moura - B. Alentejo
- Nelas - B. Alta
- Penafiel - Douro Litoral
- P. Lima - Minho
- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro
- Tarouca - B. Alta
- Ponta da Barca - Minho
- P. Coura - Minho
- Barroso - Trás-os-Montes e A. Douro
- Rio Maior - Ribatejo
- Porto - Douro Litoral
- Portimão - Algarve
- S. Tirso - Douro Litoral
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Castelo - Minho
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. N. Cerveira - Minho
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Velha Ródão - B. Baixa
- (Cabaços)
- (Carvalhal)
- (Castelejo)
- (Espadanedo)
- (Lomba)
- (Monchique)
- (Portalegre)
- (Santana)
- (S. Luzia)
- (Senhora Abadia)
- (Senhora Azares)
- (Senhora Barrocal)
- (Senhora Póvoa)
- (Serra do Ral)
- (Senhora Serra)
- (Ucanha)
- (Valada)

**Sobreiro – 11 + 1 - 4M, 2DL, 2TMAD, 1E,
1BAT, 1A**

- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Braga - Minho
- Celorico Basto - Minho
- Cinfães - Douro Litoral
- Cuba - B. Alentejo
- Lisboa - Estremadura
- Macedo Cavaleiros- Trás-os-Montes e A. Douro
- Melgaço - Minho
- Monção - Minho
- Portimão - Algarve
- Porto - Douro Litoral
- (Alentejo)

Vide, videira, vidonho, vinha, cepa, cepeira, bacelo, cercial e faieira – 59 - 10M, 9TMAD, 8BA, 6BAT, 6A, 5DL, 5AAT, 4BL, 4E, 2BB, 2R, 2IA

- Alandroal - A. Alentejo
- Albufeira - Algarve
- Algarve - Algarve
- Almeida - B. Alta
- Alto Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- A. Valdevez - Minho
- Arganil - B. Litoral
- Arruda dos Vinhos - Estremadura
- Baião - Douro Litoral
- Beja - B. Alentejo
- Bombarral - Estremadura
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cadaval - Estremadura
- Chaves - Trás-os-Montes e A. Douro
- Castro Verde - B. Alentejo
- Cartaxo - Ribatejo
- Coimbra - B. Litoral
- Condeixa-a-Nova - B. Litoral
- Cuba - B. Alentejo
- Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Entre Douro e Minho - Minho

- Faro - Algarve
- Felgueiras - Douro Litoral
- F. Algodres - B. Alta
- Gouveia - B. Alta
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Ilha S. Jorge - Ilhas Adjacentes
- Ilha S. Miguel - Ilhas Adjacentes
- Ponte de Sor - A. Alentejo
- Porto - Douro Litoral
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Lisboa - Estremadura
- Loulé - Algarve
- Lousã - B. Litoral
- Melgaço - Minho
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Minho - Minho
- Monchique - Algarve
- Moura - B. Alentejo
- Murça - Trás-os-Montes e A. Douro
- Nelas - B. Alta
- Nisa - A. Alentejo
- O. Hospital - B. Alta
- Paredes - Douro Litoral
- P. Coura - Minho
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- P. Lima - Minho
- Portimão - Algarve
- Porto - Douro Litoral
- Proença-a-Nova - B. Baixa
- R. Monsaraz - A. Alentejo
- Rio Maior - Ribatejo
- Serpa - B. Alentejo
- S. Comba Dão - B. Alta
- Tarouca - B. Alta
- Terras do Bouro - Minho
- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Castelo - Minho
- Vidigueira - B. Alentejo

- V. N. Cerveira - Minho
- Viseu - B. Alta

ANEXO IV-4 – Bebidas referidas por Concelho e Província

Água – 107 + 55 - 16M, 16TMAD, 14DL, 13BA, 10A, 8BB, 8AAT, 7BL, 7BAT, 6E, 3R, 3IA

- Alandroal - A. Alentejo
- Albufeira - Algarve
- Alcanena - Ribatejo
- Alcoutim - Algarve
- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Algarve - Algarve
- Alijó - Trás-os-Montes e A. Douro
- Aljustrel - B. Alentejo
- Almeirim - Ribatejo
- Alportel - Algarve
- Alvaiázere - B. Litoral
- Amarante - Douro Litoral
- Anadia - B. Litoral
- A. Valdevez - Minho
- Armamar - Trás-os-Montes e A. Douro
- Aveiro - B. Litoral
- Avis - A. Alentejo
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- Barroso - Trás-os-Montes e A. Douro
- B. Alta - B. Alta
- B. Baixa - B. Baixa
- Braga - Minho
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cabeceiras Basto - Minho
- Caminha - Minho
- C. Rainha - Estremadura
- C. Branco - B. Baixa
- Castro Verde - B. Alentejo
- C. Beira - B. Alta
- Cinfães - Douro Litoral
- Dão - B. Alta
- Coimbra - B. Litoral
- Estremoz - A. Alentejo
- Évora - A. Alentejo
- Fafe - Minho
- Faro - Algarve
- Feira - Douro Litoral
- Felgueiras - Douro Litoral
- F. Algodres - B. Alta
- Fundão - B. Baixa
- Guarda - B. Alta
- Guimarães - Minho
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Ilha Graciosa - Ilhas Adjacentes
- Ilha S. Jorge - Ilhas Adjacentes
- Ilha S. Miguel - Ilhas Adjacentes
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Lagos - Algarve
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Lisboa - Estremadura
- Loulé - Algarve
- Mação - B. Baixa
- Mafra - Estremadura
- Maia - Douro Litoral
- Mangualde - B. Alta
- Matosinhos – Douro Litoral
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Melgaço - Minho
- Mértola - B. Alentejo
- Minho - Minho
- Mirandela - Trás-os-Montes e A. Douro
- Miranda Corvo - B. Litoral
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Moura - B. Alentejo
- Nelas - B. Alta
- Nisa - A. Alentejo
- Norte - Minho
- Óbidos - Estremadura
- O. Hospital - B. Alta
- Ourique - B. Alentejo
- Ovar - B. Litoral
- Paredes - Douro Litoral
- Penacova - B. Litoral

- P. Coura - Minho
- Penafiel - Douro Litoral
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- Peniche - Estremadura
- Ponta da Barca - Minho
- P. Lima - Minho
- Portimão - Algarve
- Porto - Douro Litoral
- Póvoa Lanhoso - Minho
- Redondo - A. Alentejo
- R. Monsaraz - A. Alentejo
- Resende - Douro Litoral
- Sabugal - B. Alta
- Santarém - Ribatejo
- Seia - B. Alta
- Serpa - B. Alentejo
- Sertã - B. Baixa
- Silves - Algarve
- Tabuaço - Trás-os-Montes e A. Douro
- Tarouca - B. Alta
- T. Vedras - Estremadura
- Tavira - Algarve
- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro
- Trancoso - B. Alta
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Castelo - Minho
- Vidigueira - B. Alentejo
- V. Conde - Douro Litoral
- V. N. Cerveira - Minho
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. N. Gaia - Douro Litoral
- V. Pouca Aguiar - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Rei - B. Baixa
- V. Velha Ródão - B. Baixa
- Viseu - B. Alta
- (Alentejo)
- (Arga de Cima)
- (Beira)
- (Campo)
- (Castanheira)
- (Cima do Douro)
- (Coimbra)
- (Guadiana)
- (Guarda)
- (Idanha-a-Velha)
- (Livramento)
- (Longroiva)
- (Luso)
- (Miranda)
- (Mirandela)
- (Monchique)
- (Mondego)
- (Olhão) - Algarve
- (Paredão de Bula)
- (Peniche) - Estremadura
- (Rio de Janeiro)
- (Rio Maior)
- (Salvaterra)
- (S. Eufêmia)
- (S. Gonçalo Amarante)
- (S. João)
- (S. João Braga)
- (S. Sebastião)
- (Seia)
- (Senhora da Abadia)
- (Senhora da Ajuda)
- (Senhora da Conceição)
- (Senhora da Graça)
- (Senhora da Lapa)
- (Senhor da Serra)
- (Senhora da Veiga)
- (Senhora das Entráguas)
- (Senhora das Neves)
- (Senhora de S. Ana)
- (Senhora do Castelo)
- (Senhora dos Montes Ermos)

- (Senhora dos Remédios)
- (Serra)
- (Sines)
- (Sobreiro)
- (Tejo)
- (Tolosa)
- (Valada)
- (Viana do Bagio)
- (Vila Nova)
- (V. N. Ferreira)
- (V. Real)
- (V. Seca)
- (V. Velha Ródão)
- (V. Verde)
- (ubíquo)

Água-mel – s/i

Água-pé – 3 - 2TMAD, 1BA

- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- F. Algodres - B. Alta
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro

Aguardente – 22 + 1 - 5TMAD, 4BA, 3M, 3DL, 2AAT, 2A, 1BL, 1E, 1BAT

- A. Valdevez - Minho
- Baião - Douro Litoral
- Beja - B. Alentejo
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- C. Beira - B. Alta
- Cinfães - Douro Litoral
- Figueira Foz - B. Litoral
- F. Algodres - B. Alta
- Lisboa - Estremadura
- Loulé - Algarve
- Mangualde - B. Alta
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Minho - Minho

- Miranda Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Nelas - B. Alta
- Nisa - A. Alentejo
- R. Monsaraz - A. Alentejo
- Terras de Bouro - Minho
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- Vila Bispo - Algarve
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro
- (S. Martinho)

Almece – 1 - 1BAT

- Serpa - B. Alentejo

Café – 6 - 3AAT, 2M, 1BAT

- Alandroal - A. Alentejo
- Arronches - A. Alentejo
- Cuba - B. Alentejo
- Minho - Minho
- Nisa - A. Alentejo
- P. Lima - Minho

Cerveja – 1 - 1A

- Portimão - Algarve

Chá – 2 - 1TMAD, 1AAT

- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- Redondo - A. Alentejo

Coalhada – 1 - 1A

- Aljezur - Algarve

Gasosa – 2 - 1E, 1A

- Lisboa - Estremadura
- Portimão - Algarve

Leite – 26 + 3 - 7TMAD, 6AAT, 3A, 2M, 2BA, 2E, 2IA, 1DL, 1BB

- Alandroal - A. Alentejo
- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro

- Aljezur - Algarve
- Almeida - B. Alta
- Avis - A. Alentejo
- Carrazeda Ansiães - Trás-os-Montes e A. Douro
- Elvas - A. Alentejo
- Feira - Douro Litoral
- Guimarães - Minho
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Ilha S. Jorge - Ilhas Adjacentes
- Ilha S. Miguel - Ilhas Adjacentes
- Leiria - B. Litoral
- Melgaço - Minho
- Mirandela - Trás-os-Montes e A. Douro
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Nelas - B. Alta
- Nisa - A. Alentejo
- Olhão - Algarve
- Ponte Sor - A. Alentejo
- Queluz - Estremadura
- Redondo - A. Alentejo
- Silves - Algarve
- Sintra - Estremadura
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro
- Vimioso - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Lisboa)
- (Portela)
- (Raposeira)

Manteiga – 5 - 2M, 2BA, 1DL

- Celorico Basto - Minho
- C. Beira - B. Alta
- M. Canaveses - Douro Litoral
- P. Lima - Minho
- Tarouca - B. Alta

Larapa – 1 - 1BB

- Penamacor - B. Baixa

Licor – 9 + 1 - 2TMAD, 2AAT, 2BAT, 1DL, 1BB, 1BL

- Baião - Douro Litoral
- Castro Verde - B. Alentejo
- Figueira Foz - B. Litoral
- Gavião - A. Alentejo
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Moura - B. Alentejo
- Nisa - A. Alentejo
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Rei - B. Baixa
- (Lisboa) - D

Limonada – 2 - 1E, 1AAT

- Lisboa - Estremadura
- V. Alentejo - A. Alentejo

Queijo – 8 + 3 - 2BA, 1DL, 1TMAD, 1BB, 1E, 1AAT, 1BAT

- C. Branco - B. Baixa
- Castro Verde - B. Alentejo
- Lisboa - Estremadura
- Mangualde - B. Alta
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Moimenta Beira - B. Alta
- Montargil - A. Alentejo
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Alentejo)
- (Rabaçal)
- (Serra da Estrela)

Requeijão – 6 - 2AAT, 2A, 1BL, 1E

- Leiria - B. Litoral
- Nisa - A. Alentejo
- Olhão - Algarve
- Portimão - Algarve
- Redondo - A. Alentejo
- Sintra - Estremadura

**Sumo – 14 + 1 - 3TMAD, 2DL, 2BL, 2AAT, 2A,
1M, 1BA, 1E**

- Alcoutim - Algarve
- Alvaiázere - B. Litoral
- Avis - A. Alentejo
- Baião - Douro Litoral
- C. Rainha - Estremadura
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Leiria - B. Litoral
- Mangualde - B. Alta
- M. Canaveses - Douro Litoral
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- P. Lima - Minho
- Portimão - Algarve
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Lisboa) - D

**Vinho – 63 + 20 - 11M, 11TMAD, 10DL, 8A,
7BA, 5BL, 4E, 3AAT, 2BB, 1R, 1BAT**

- Alandroal - A. Alentejo
- Algarve - Algarve
- Amarante - Douro Litoral
- Almeida - B. Alta
- Alportel - Algarve
- Alto Minho - Minho
- A. Valdevez - Minho
- Arruda Vinhos - Estremadura
- Alvaiázere - B. Litoral
- Aveiro - B. Litoral
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- Barroso - Trás-os-Montes e A. Douro
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cadaval - Estremadura
- Cabeceiras Basto - Minho
- Castelo Paiva - Douro Litoral
- Castro Daire - B. Alta
- Castro Marim - Algarve

- Castro Verde - B. Alentejo
- Celorico Basto - Minho
- C. Beira - B. Alta
- Chaves - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cinfães - Douro Litoral
- Coimbra - B. Litoral
- Dão - B. Alta
- Elvas - A. Alentejo
- Faro - Algarve
- Ferreira Zêzere - Ribatejo
- Figueira Foz - B. Litoral
- Feira - Douro Litoral
- Guimarães - Minho
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Lisboa - Estremadura
- Maia - Douro Litoral
- Mangualde - B. Alta
- Melgaço - Minho
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Minho - Minho
- Mirandela - Trás-os-Montes e A. Douro
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Monchique - Algarve
- Nisa - A. Alentejo
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- Pedrógão Grande - B. Litoral
- Penafiel - Douro Litoral
- Penamacor - B. Baixa
- P. Lima - Minho
- Porto - Douro Litoral
- Portimão - Algarve
- Resende - Douro Litoral
- Silves - Algarve
- Terras de Bouro - Minho
- Tondela - B. Alta
- T. Vedras - Estremadura
- Trancoso - B. Alta
- Vila Bispo - Algarve

- V. N. Cerveira - Minho
- V. N. Gaia - Douro Litoral
- V. Pouca Aguiar - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Real - Trás-os-Montes e A. Douro
- Vinhais - Trás-os-Montes e A. Douro
- Viseu - B. Alta
- (Alentejo)
- (Alto Douro)
- (Alvaredos)
- (Bragança)
- (Cabeceiras)
- (C. Basto)
- (Douro)
- (Galiza)
- (Minho)
- (Pedrógão)
- (Penaguião)
- (Revordelo)
- (Ribeira)
- (S. Bento Cando)
- (S. João)
- (S. Martinho)
- (S. Paio Torreira)
- (S. António)
- (Terra Fria)
- (Vidigueira)

**ANEXO IV-5 Cereais referidos por Concelho e
Província**

**Arroz – 10 - 3TMAD, 2BA, 2AAT, 1DL, 1BB,
1E**

- Cadaval - Estremadura
- C. Beira - B. Alta
- Cinfães - Douro Litoral
- Gavião - A. Alentejo
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Mação - B. Baixa
- Nisa - A. Alentejo
- S. João Pesqueira - Trás-os-Montes e A. Douro
- Tabuaço - Trás-os-Montes e A. Douro
- Tarouca - B. Alta

Aveia – 1 - 1DL

- V. N. Gaia - Douro Litoral

Centeio – 10 - 5DL, 2M, 2TMAD, 1AAT

- Baião - Douro Litoral
- Cinfães - Douro Litoral
- Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Feira - Douro Litoral
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Melgaço - Minho
- Nisa - A. Alentejo
- P. Lima - Minho
- S. Tirso - Douro Litoral
- V. N. Gaia - Douro Litoral

**Cevada – 9 - 2BB, 1M, 1DL, 1BA, 1E, 1AAT,
1BAT, 1A**

- Baião - Douro Litoral
- Cadaval - Estremadura
- C. Branco - B. Baixa
- C. Beira - B. Alta
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Moura - B. Alentejo
- Nisa - A. Alentejo

- P. Lima - Minho
- V. Rei - Algarve

Linhaça – 3 + 1 - 2BAT, 1AAT

- Alandroal - A. Alentejo
- Beja - B. Alentejo
- Vidigueira - B. Alentejo
- (Coimbra)

**Milho – 6M, 6DL, 5TMAD, 5BA, 3BB, 2A, 2BL,
2AAT, 1BAT**

- Algarve - Algarve
- Alto Minho - Minho
- Amarante - Douro Litoral
- Amares - Minho
- Baião - Douro Litoral
- C. Branco - B. Baixa
- C. Beira - B. Alta
- Chaves - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cinfães - Douro Litoral
- Coimbra - B. Litoral
- Crato - A. Alentejo
- Fundão - B. Baixa
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Lagos - Algarve
- Matosinhos - Douro Litoral
- Melgaço - Minho
- Mesão Frio - Trás-os-Montes e A. Douro
- Minho - Minho
- Miranda Corvo - B. Litoral
- Miranda Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Mortágua - B. Alta
- Nelas - B. Alta
- Nisa - A. Alentejo
- P. Coura - Minho
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- Portimão - Algarve
- Porto - Douro Litoral
- Serpa - B. Alentejo

- Trancoso - B. Alta
- V. N. Gaia - Douro Litoral
- V. Pouca Aguiar - Trás-os-Montes e A. Douro
- Vouzela - B. Alta
- (Algarve) - Algarve
- (Cambeses)
- (Carneiro)
- (Minho)
- (Ramalde)
- (Veiga)

Trigo – 40 + 6 - 8TMAD, 5E, 4BA, 4AAT, 4A, 3M, 3DL, 3BB, 3BAT, 1BL, 1IA

- Alcobaça - Estremadura
- Alfândega Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Aljezur - Algarve
- Avis - A. Alentejo
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- C. Rainha - Estremadura
- C. Branco - B. Baixa
- C. Beira - B. Alta
- Castro Verde - B. Alentejo
- Faro - Algarve
- F. Algodres - B. Alta
- Ilha S. Miguel - Ilhas Adjacentes
- Lagos - Algarve
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Leiria - B. Litoral
- Lisboa - Estremadura
- Mangualde - B. Alta
- Mafra - Estremadura
- Maia - Douro Litoral
- Melgaço - Minho
- Miranda Douro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Mondim Basto - Trás-os-Montes e A. Douro
- Moura - B. Alentejo
- Nisa - A. Alentejo

- Palmela - Estremadura
- P. Lima - Minho
- Portalegre - A. Alentejo
- Portimão - Algarve
- R. Monsaraz - A. Alentejo
- Sabugal - B. Alta
- Serpa - B. Alentejo
- Sertã - B. Baixa
- T. Moncorvo - Trás-os-Montes e A. Douro
- Trás-os-Montes - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. N. Gaia - Douro Litoral
- V. Rei - B. Baixa
- Vinhais - Trás-os-Montes e A. Douro
- (Alentejo)
- (Braga)
- (Leiria)
- (Lentiscais)
- (Paçó)
- (Juromenha)

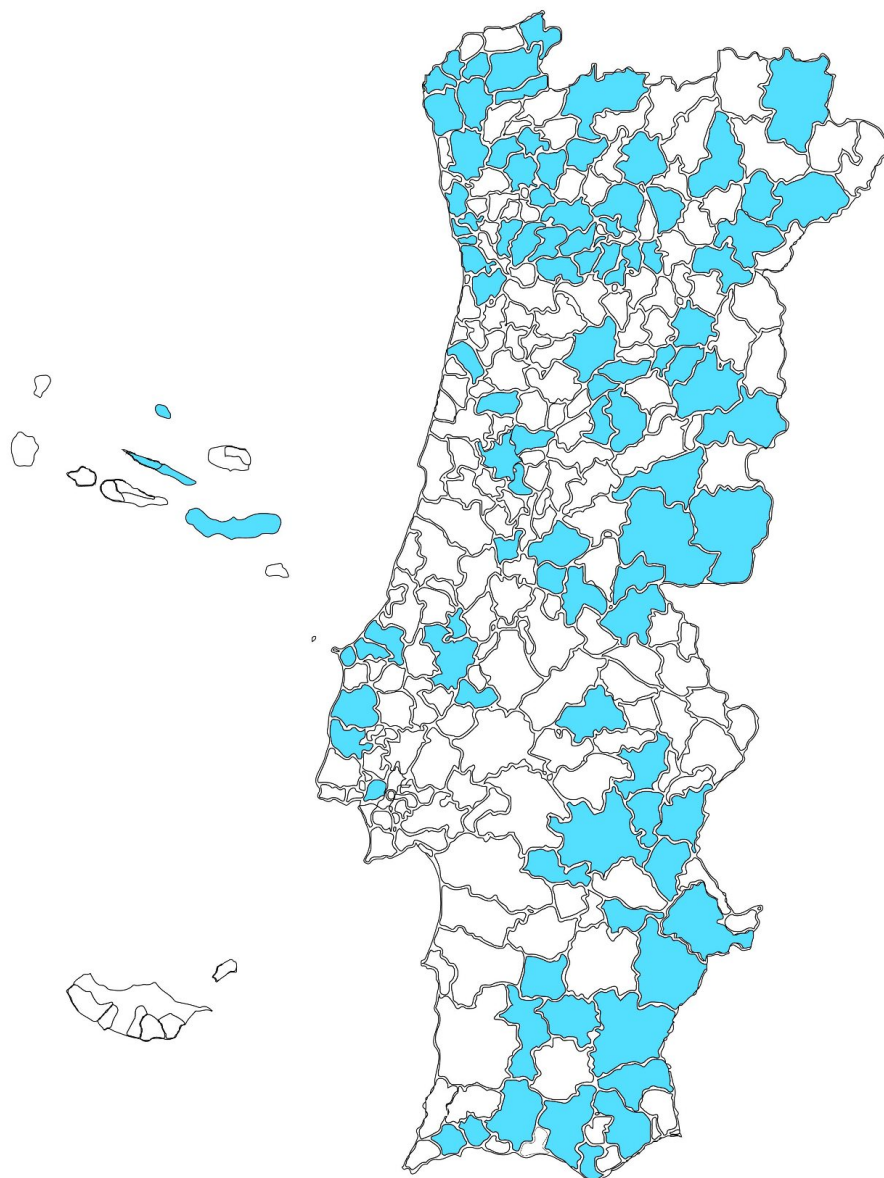
Pão – 71 +13 12TMAD, 11M, 11BA, 9A, 8DL, 7AAT, 5BB, 4E, 3BL, 2R, 1BAT, 1IA

- Alandroal - A. Alentejo
- Alentejo -
- A. Fé - Trás-os-Montes e A. Douro
- Algarve -
- Aljezur - Algarve
- Almeida - B. Alta
- Almeirim - Ribatejo
- Alto Minho
- Alvaiázere - B. Litoral
- A. Valdevez - Minho
- Arouca - Douro Litoral
- Arruda Vinhos - Estremadura
- Aveiro - B. Litoral
- Avis - A. Alentejo

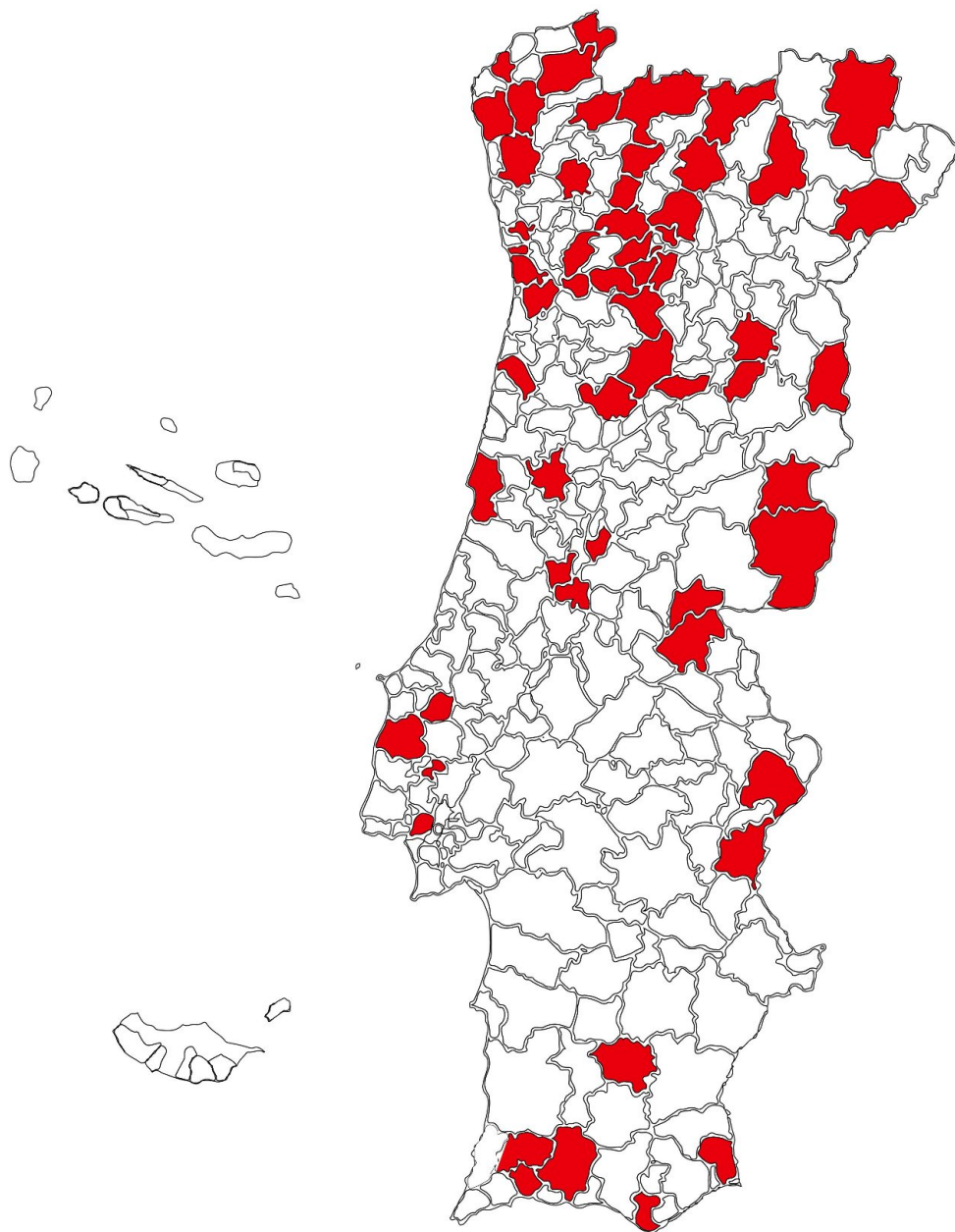
- Baião - Douro Litoral
- Barcelos - Minho
- B. Alta -
- Bragança - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cabeceiras Basto - Minho
- Campo Maior - A. Alentejo
- Cartaxo - Ribatejo
- C. Branco - B. Baixa
- C. Marim - Algarve
- C. Verde - B. Alentejo
- Celorico Basto - Minho
- C. Beira - B. Alta
- Chaves - Trás-os-Montes e A. Douro
- Cinfães - Douro Litoral
- Elvas - A. Alentejo
- Estremadura - Estremadura
- Faro - Algarve
- Feira - Douro Litoral
- F. Algodres - B. Alta
- Góis - B. Litoral
- Guarda - B. Alta
- Guimarães - Minho
- Idanha-a-Nova - B. Baixa
- Ilha Terceira - Ilhas Adjacentes
- Lagoa - Algarve
- Lamego - Trás-os-Montes e A. Douro
- Lisboa - Estremadura
- Loulé - Algarve
- Loures - Estremadura
- Mação - B. Baixa
- Maia - Douro Litoral
- Mangualde - B. Alta
- Melgaço - Minho
- Minho -
- Mogadouro - Trás-os-Montes e A. Douro
- Moimenta Beira - B. Alta
- Monchique - Algarve
- Mondim Basto - Trás-os-Montes e A. Douro
- Nelas - B. Alta
- Nisa - A. Alentejo
- Óbidos - Estremadura
- Olhão - Algarve
- Parede - Douro Litoral
- P. Coura - Minho
- Penamacor - B. Baixa
- P. Lima - Minho
- Portalegre - A. Alentejo
- Portimão - Algarve
- Régua - Trás-os-Montes e A. Douro
- Resende - Douro Litoral
- S. M. Penaguião - Trás-os-Montes e A. Douro
- Sernancelhe - B. Alta
- Silves - Algarve
- Tarouca - B. Alta
- Valpaços - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Alentejo - A. Alentejo
- V. Castelo - Minho
- V. Conde - Douro Litoral
- V. N. Foz-Côa - Trás-os-Montes e A. Douro
- V. Velha Ródão - B. Baixa
- Vimioso - Trás-os-Montes e A. Douro
- Vinhais - Trás-os-Montes e A. Douro
- Viseu - B. Alta

ANEXO IV-6 – Mapas dos concelhos onde são referidos água, vinho, pomba, olival, pão e limão

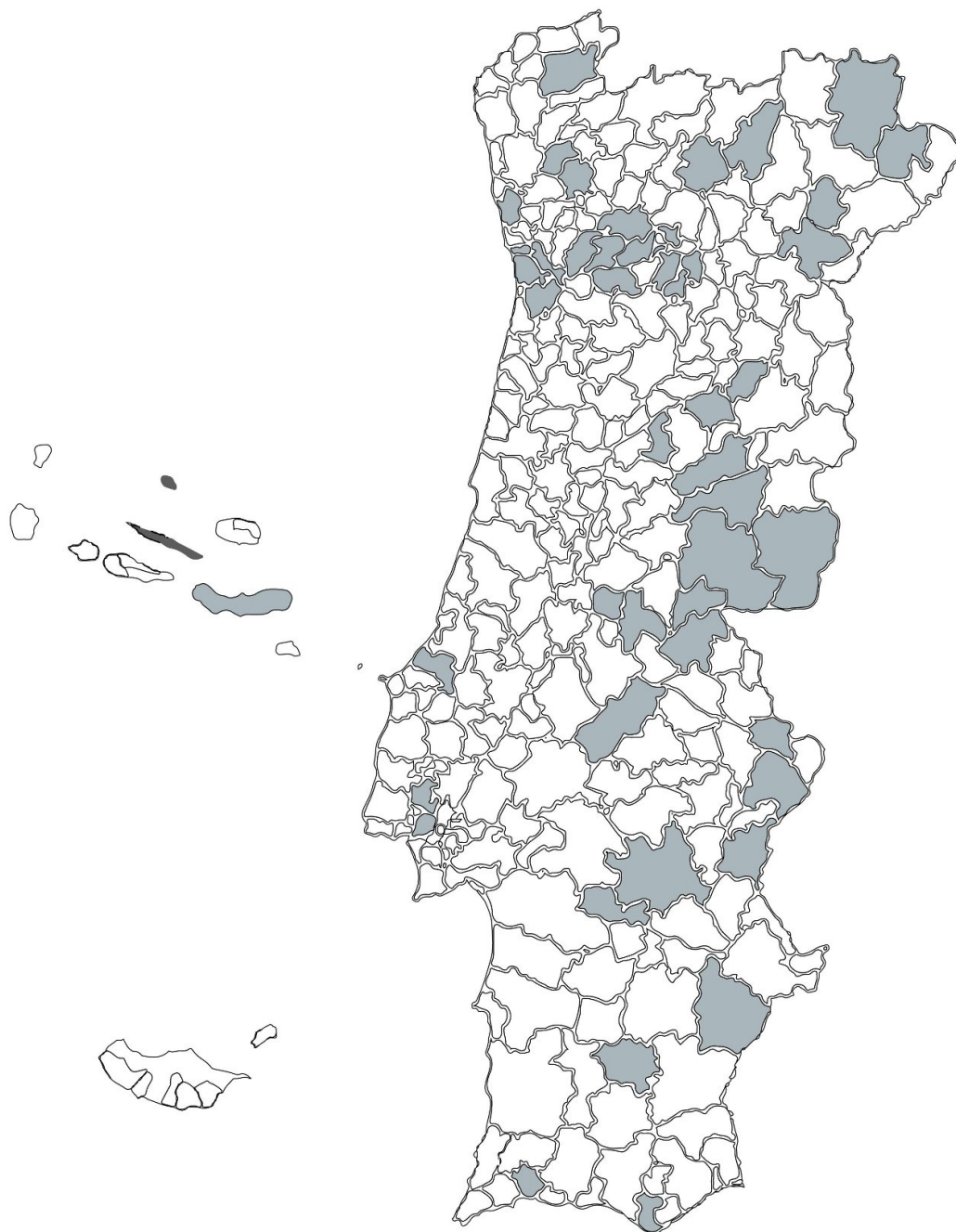
Mapa de concelhos onde é referido o termo «água» no CPP de LV



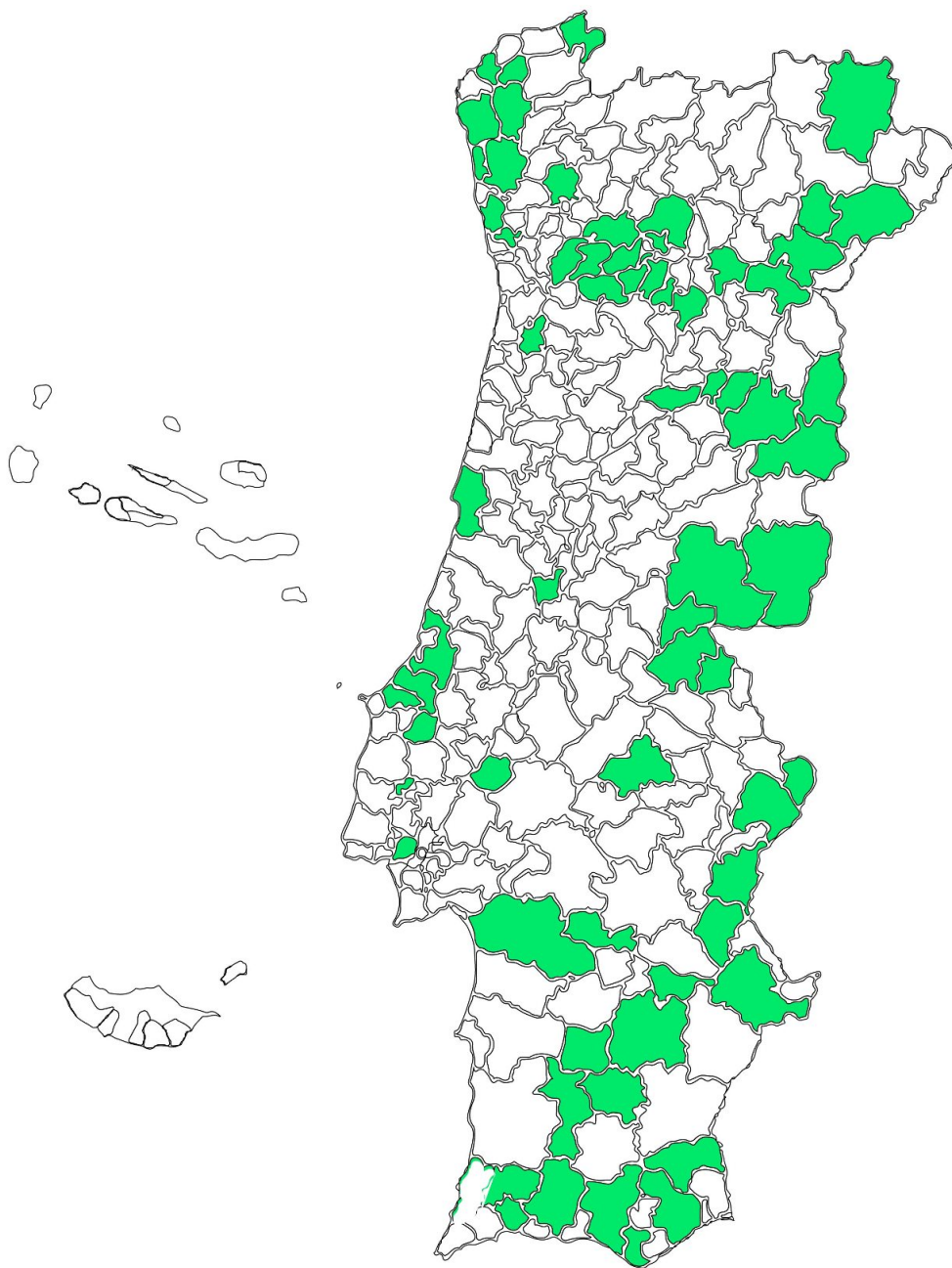
Mapa de concelhos onde é referido o termo «vinho» no CPP de LV



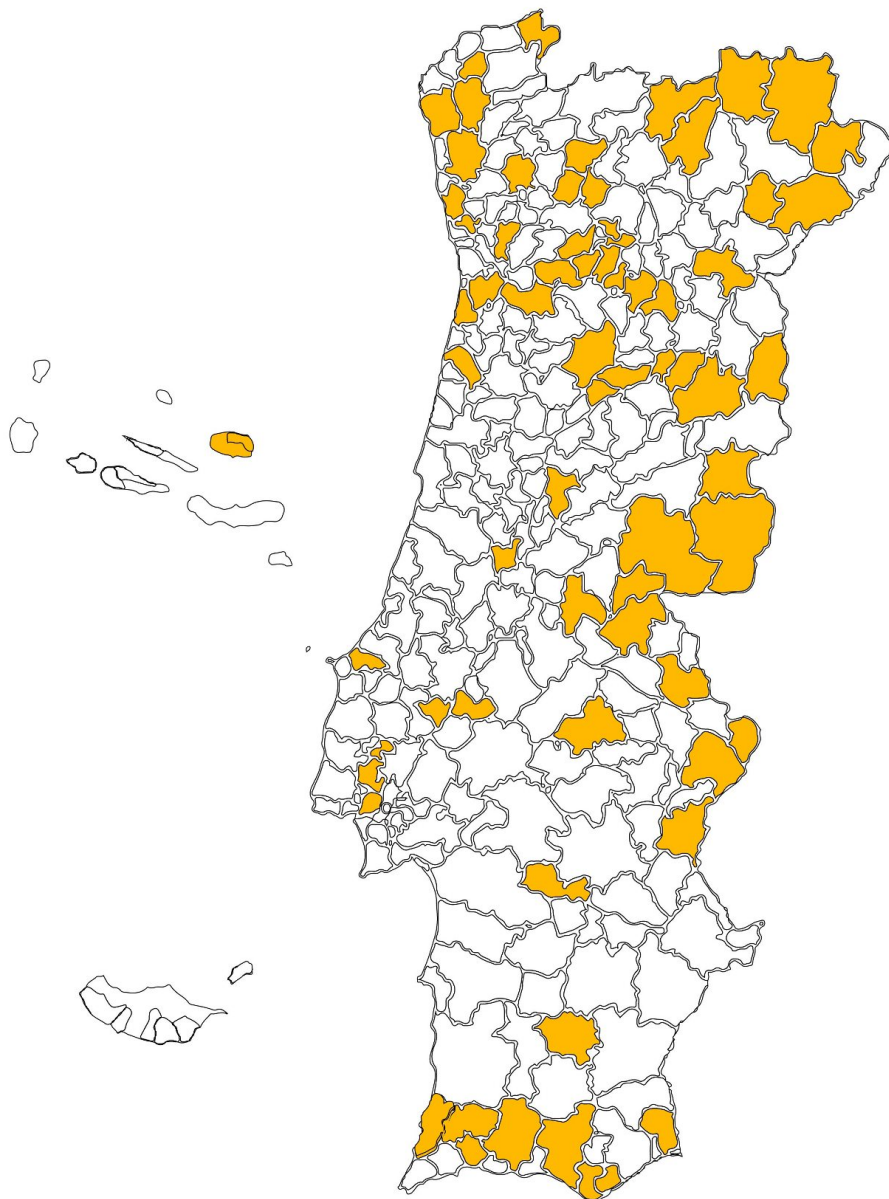
Mapa de concelhos onde são referidos os termos «pomba» e «pombo» no CPP de LV



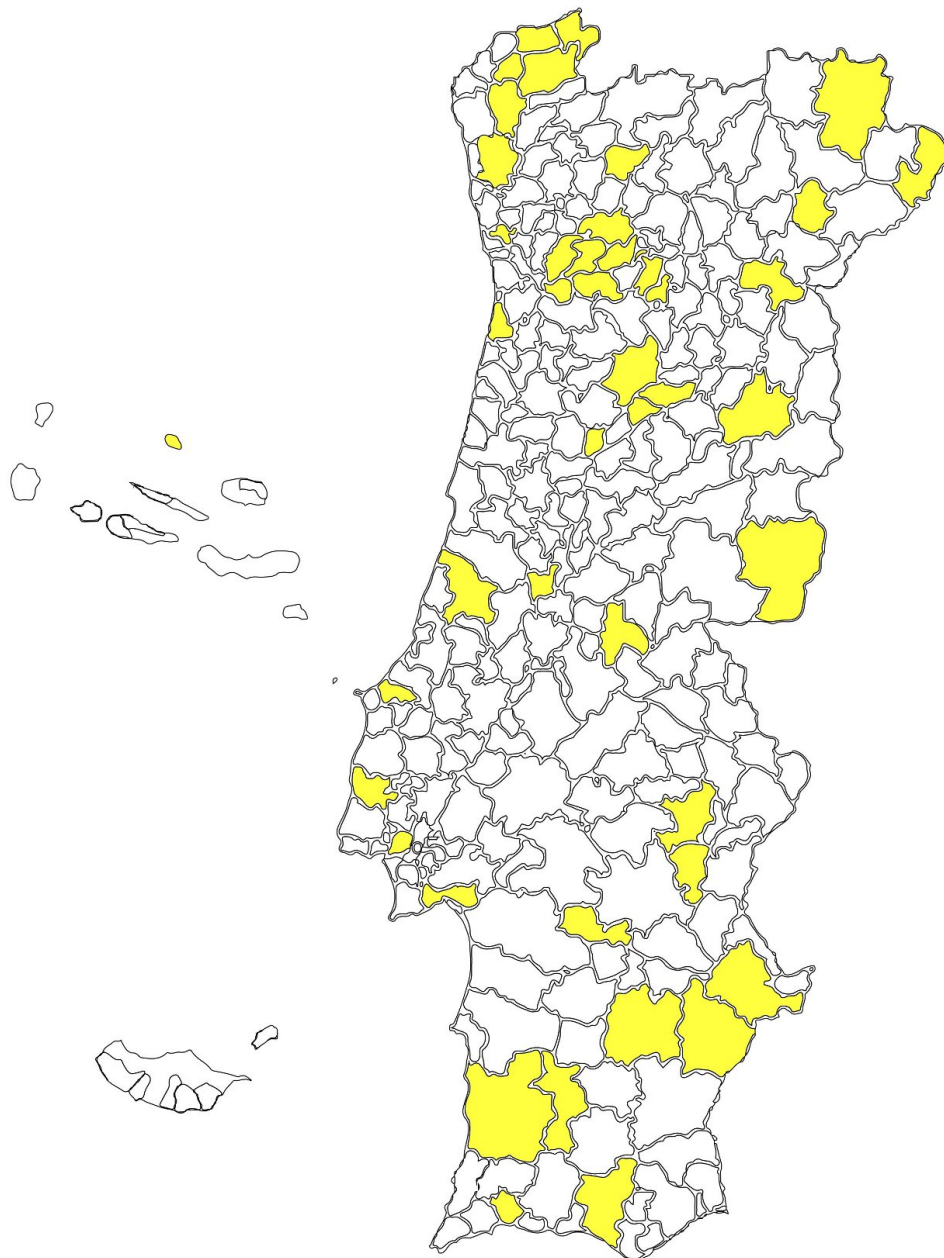
Mapa de concelhos onde são referidos os termos «oliveira» e «olival» no CPP de LV



Mapa de concelhos onde é referido o termo «pão» no CPP de LV



Mapa de concelhos onde é referido o termo «limão» no CPP de LV



ANEXO V – Transcrição de excertos do CPP de LV

§I-12 Cantigas e mais cantigas, Cantigas hei-de cantar. Delas tenho a casa cheia E um costal p'ra desatar. (V. Alentejo, CPP I, pág. 4)	(Castelo Vide; V. Velha Ródão, CPP I, pág. 6)	(Guimarães, CPP I, pág. 10)
§I-15 - Dá-me uma pinguinha d'água, Para molhar a garganta, Quero cantar como a rola. - Como a rola ninguém canta. (Moura, CPP I, pág. 4)	§I-45 Tenho um saco de cantigas E mais uma taleigada ... (Monchique, CPP I, pág. 7)	§I-81 Malo haja o pai dos ratos E mais a mãe das formigas, Quem me roeram os livros Donde eu estudava as cantigas! (Lamego, CPP I, pág. 11)
§I-36 Sei um saco de cantigas E mais uma taleigada; ... (O. Hospital, CPP I, pág. 6)	§I-46 Tenho um saco de cantigas E uma cesta até ò arco: Pus-me a cantar as da cesta P'ra não desatar o saco... (V. Alentejo, CPP I, pág. 7)	§I-82 Menina, não se admire Da cantiga ser errada: Também um bom caçador Atira, não mata nada. (Baião; Lagos, CPP I, pág. 12)
§I-37 Sei um saco de cantigas E uma cerca pelo arco; Vou começando da cesta, P'ra não desatar o saco! (Tondela, CPP I, pág. 6)	§I-47 Tenho um saco de cantigas, Uma talêga também; As do saco são p'ra hoje, Da talêga p'rà'menhã. (Alandroal, CPP I, pág. 7)	§I-86 O demónio leve os ratos E os dentes das formigas, Que me roeram o saco Onde eu trazia as cantigas. (Cabeceiras de Basto, CPP I, pág. 12)
§I-38 Sei um saco de cantigas Nos canos das minhas botas, ... (Bragança, CPP I, pág. 6)	§I-55 Ao errar de uma cantiga Não haja admiração: Também o bom caçador Errou a perdiz no chão. (Cartaxo, CPP I, pág. 9)	§I-87 O diabo leve os ratos Mai'los dentes às formigas, Que cortaram o meu livro, Onde eu estudava as cantigas. (Cabeceiras Basto; O. Azeméis, CPP I, pág. 12)
§I-39 Sei um saco de cantigas Para cantar à viola; ... (Maia, CPP I, pág. 6)	§I-56 Ao errar de uma cantiga Não haja que admirar: Também o bom caçador Erra o seu tiro no ar. (Vila Rei, CPP I, pág. 9)	§I-89 Pensais que o saber cantar É comer leite com bolo; É tirá-las da cabeça, É discorrer do miolo. (Melgaço, CPP I, pág. 12)
§I-40 Sei um saco de cantigas, Vermelhinhas e amarelas, P'ra cantar às raparigas Quando chegar ao pé delas. (Seia, CPP I, pág. 6)	§I-62 Canta o melro no loureiro A rola nos trigueirais, Canta o medroso assustado, De noite lá nos pinhais. Canta o pastor na cabana, E o padre no altar; ... (Vimioso, CPP I, pág. 10)	§I-97 Sei um saco de cantigas E mais u(m)a taleigada, ... (Minho, CPP I, pág. 13)
§I-44 Tenho um saco de cantigas Debaixo da travesseira; ...	§I-66 Cantigas de pé quebrado Querem dizer pobre coxo: Vai indo atrás do rebanho,	§I-98 Sei um saco de cantigas E mais uma saquetinha: ... (s/i, CPP I, pág. 13)

§I-99 Sei um saco de cantigas E mais uma taleigada, ... (Paredes, CPP I, pág. 13)	(Arronches, CPP I, pág. 17)	Tudo queres comer; (A. Fé, CPP I, pág. 21)
§I-100 Sei um saco de cantigas Inda mais um guardanapo: Cale-se lá, ó menina. Que eu desato a boca ao sacco. (Cadaval, CPP I, pág. 13)	§I-132 O sol posto vai doente, A Lu(n)a já vai sangrada; As estrelas são lancetas, O lu(n)ar pega na malga. (s/i, CPP I, pág. 18)	§I-176 No Maio, era no Maio, No tempo das ervas-flores; Agora chegou o tempo Das boeiras ter amores. (Bragança, CPP I, pág. 21)
§I-101 Tenho um saco de cantigas Atadas ao calcanhar, ... (Cadaval, CPP I, pág. 13)	§I-133 O sol-posto vai doente, A Lua o vai sangrar, As estrelas são bacias Que o sangue vão aparar. (Nisa, CPP I, pág. 18)	§I-177 A felor da malva-rosa Anda no mar a dançar, Assentada numa pedra A aprender a namorar. (C. Branco, CPP I, pág. 22)
§I-104 Esta noite choveu neve No gargalo do meu poço: Todas as rosas abriram Menos o meu cravo roxo. (Oliveira, CPP I, pág. 15)	§I-134 O sol-posto vai doente, A Lua o vai sangrar; O sol-posto ata a fita, Pega na malga o luar. (Viseu, CPP I, pág. 18)	§I-178 A madressilva cheirosa Assubiu ao limoeiro; Anda de ramo em ramo, Se cai ao chão perde o cheiro. (M. Canaveses, CPP I, pág. 22)
§I-111 Já chove, já quer chover, Já correm os ribeirinhos, Já semeiam os alqueires, Já cantam os passarinhos. (Nisa, CPP I, pág. 16)	§I-135 O sol-posto vai doente, A Lua vai-o sangrar, A 'strelinha ata a fita, Pega no prato o luar. (Melgaço, CPP I, pág. 18)	§I-179 A madressilva cheirosa Dá a flor e não dá fruto; Responde a comadre-silva Que de flor inda dá muito. (Portimão, CPP I, pág. 22)
§I-115 Já o Sol, senhora mãe, Não nasce onde nascia: Nasce detrás do Castelo Na felor da melancia. (Ilha Faial, CPP I, pág. 16)	§I-156 Se eu quiser saber, bem sei De que banda nasce o Sol; Nasce da banda de além, Na rains do serapol. (s/i, CPP I, pág. 20)	§I-180 A perpétua se cheirasse Era a rainha das flores, Mas a perpétua não cheira, Por isso não tem amores. (Minho, CPP I, pág. 22)
§I-125 O Sol é lavrador Sete-estrela abugão: A Lua é o celeiro, Donde se arrecada o pão. (C. Branco, CPP I, pág. 17)	§I-159 ... Deixa rebentar o salgueiro, Onde canta o rouxinol. (A. Fé, CPP I, pág. 20)	§I-182 - Alecrim verde cheiroso, Onde perdestes o cheiro? - Na cama duma donzela, Debaixo do travesseiro. (V. Castelo, CPP I, pág. 22)
§I-127 O Sol é trabalhador, Anda no campo lavrando, É abugão do Senhor, As 'strelas anda mandando.	§I-164 No meio daquele mar Anda uma pombinha branca, Não é pomba, não é nada, É o mar que se alevanta. (A. Fé, CPP I, pág. 20)	§I-183 Botei o crabo ò poço, A rosa ò chafariz: O crabinho bai secando, A rosa ganhou raiz. (Baião, CPP I, pág. 22)
	§I-169 Ó mar, tu és um leão,	

- §I-184
Camélias, cravos e rosas,
Saudades, goivos e lírios,
Malmequeres e açucenas,
Amores-perfeitos, martírios.
(C. Branco, CPP I, pág. 22)
- §I-187
Estando eu dormindo a sesta,
Debaixo da laranjeira,
Caiu uma flor no meu rosto;
Ai, Jesus, que tanto cheira!
(Portimão, CPP I, pág. 23)
- §I-189
...
Não vistes nascer o Sol
Numa rosa encarnada.
...
(Maia, CPP I, pág. 23)
- §I-190
Fui-me deitar a dormir
À sombra da laranjeira,
Caiu-me uma flor no rosto,
Ai, Jesus, que tão bem cheira!
(Lamego, CPP I, pág. 23)
- §I-191
- Manjaricão da janela,
Que tendes, que estais tão murcho?
- Foi o ano muito seco,
Ficar eu verde foi muito.
(s/i, CPP I, pág. 23)
- §I-192
O alecrim desta terra
Não é como o da minha.
Este tem a folha larga,
O meu tem-na miudinha.
(Ponte de Sor, CPP I, pág.23)
- §I-193
Ó alecrim, rei das ervas,
Ó reinuco, rei das flores,
Lírio roxo, sentimento,
Tenho-o eu por meus amores.
(A. de Valdevez, CPP I, pág. 23)
- §I-194
Ó alecrim, rei das ervas,
Quem te dispôs no caminho?
- Quantos passam e não passam
Todos tiram seu raminho.
(V. Castelo, CPP I, pág. 23)
- §I-195
O cravo bateu na rosa,
Açucena vai jurar.
Oh que lindo juramento
No meu jardim se vai dar!
(Mesão Frio, CPP I, pág. 23)
- §I-196
O cravo caiu do céu,
Deu na pedra, ficou coxo;
O lírio, com sentimento,
Logo se vestiu de roxo.
(Feira, CPP I, pág. 23)
- §I-204
O manjaricão desta terra
Já não é como o da minha:
O meu tem a folhar larga,
Este tem-na miudinha
(s/i, CPP I, pág. 24)
- §I-205
Ó que lindo luar vai
Para colher a macela
No adro de Santo António
Daquela mais amarela
(s/i, CPP I, pág. 24)
- §I-206
O rouxinol, quando canta,
Vai cantar ao meu jardim,
Põe os pés na manjerona
Diz que viva o alecrim!
(M. de Canaveses, CPP I, pág. 24)
- §I-207
Papagaio, pena verde,
Vai cantar ao meu jardim,
Põe o pé no manjarico
Dá vivas ao alecrim.
(Melgaço, CPP I, pág. 24)
- §I-210
Se tu fores ò jardim,
Não toques pela'çucena,
Qu'ela é muito belindrosa:
Qualquer cousa le dá pena.
(Feira, CPP I, pág. 25)
- §I-211
Todas as flores em Maio
Vão passear ao castelo:
A açucena vai de branco,
O goivo vai de amarelo.
(Sertã, CPP I, pág. 25)
- §I-214
A cana do milho verde
Tem muita velhacaria:
Recebe a água de noite
Para estar fresca de dia.
(Idanha-a-Nova, CPP I, pág. 25)
- §I-215
Até o milho no campo
Tem uma bilhacaria:
Guarda a água no olho
P'ra se regar todo dia.
(Penaguião, CPP I, pág. 25)
- §I-216
Deitei-me à sombra do milho,
Que tem muita velhacaria:
Bebe a água de noite,
Para estar fresco de dia.
(Nisa, CPP I, pág. 26)
- §I-217
O trigo disse p'rò centeio:
- Cala-te lá, centeio, centeiaço,
Que tu não fazes
As funções que eu faço.
- O centeio disse p'rò trigo:
- Cala-te lá, trigo espadanudo,
Que não acodes
Ao que eu acudo.
- A aveia disse:
- Eu sou a aveia negra e feia,
Mas quem me tiver em casa
Não vai p'rà cama sem ceia.
(V.N Gaia, CPP I, pág. 26)
- §I-218
Reparem para o milho bêrde
A malícia que ele sabe:
Recolhe a água no olho
Para se regar de tarde.
(M. Corvo, CPP I, pág. 26)

§I-219 Também o milho pequeno Tem a sua opinião: Arrecolhe a água ao toro Para beber todo o V'rao.	Eu não dizia que não. (Cinfães, CPP I, pág. 27)	§I-233 Grande árvore é o carvalhinho De quatro castas de fruto: Bugalhos e bugalhinhas, Landes e maçãs de cuco. (Penafiel, CPP I, pág. 27)
Também o milho pequeno Tem a sua simpatia: Arrecolhe a água ao toro Para beber todo o dia. (Nelas, CPP I, pág. 26)	§I-226 Abençoado carvalho, Que dá quatro castas de fruto: Bugalhos e bugalhetas, Landras e maçãs de cuco. (Minho, CPP I, pág. 27)	§I-234 Limoeiro da calçada Já não torna a dar limões, Que lhe cortaram as guias Para render corações. (Baião, CPP I, pág. 28)
§I-220 A azeitona já é preta Já recebeu as três cores: Já foi branca e vermelhinha, Agora é rei dos amores. (Nisa, CPP I, pág. 26)	§I-227 Árvore cidreira Qu'aqui'stá no alpendre, Quanto mais se rega Mais a silva pende. (Beja, CPP I, pág. 27)	§I-235 Loureiro, fostes ditoso Nascer ao pé do caminho: Quantos passageiros passam Todos tiram seu raminho. (V. Real, CPP I, pág. 28)
§I-221 A carvalha abençoada Dá quatro castas de fruto: Bugalhos e bugalhinhos, Landes e maçãs do cuco. (Amarante, CPP I, pág. 26)	§I-228 Carvalho, por ser carvalho, Também dá fruta no tempo, Também dá o seu bugalhinho Co' sua mosquinha dentro. (s/i, CPP I, pág. 27)	§I-236 Loureiro, verde loureiro, Quem te dispôs no caminho? Todos que passam e te vêem Todos tiram seu raminho. (B. Alta, CPP I, pág. 28)
§I-222 A oliveira se queixa, Eu acho que tem razão, Que lhe colhem a azeitona, Deitam os ramos ao chão. (Mangualde, CPP I, pág. 27)	§I-229 Chamais à moreira triste, Assim vós vos enganais; A moreira cria seda Com que vós vos asseais. (Baião, CPP I, pág. 27)	§I-237 Mal o haja o eucalipto Que tão longe foi nascer! Tem um nome tão bonito, É tão triste a vida dele. (Nisa, CPP I, pág. 28)
§I-223 A oliveira se queixa, Se se queixa tem razão, Apanharam-lhe a azeitona, Deitaram-lh'a rama ao chão. (Resende, CPP I, pág. 27)	§I-230 Chamais à moreira triste; Por que razão lo chamais? A moreira cria a sede Com que vós vos asseais. (S. Pedro Cebolais, CPP I, pág. 27)	§I-238 - Minha amora madurinha, Diz-me quem te amadurou: - Foi o Sol e mais a Lua E o calor que aqui passou. (Baião, CPP I, pág. 28)
§I-224 A oliveira se queixa, Se se queixa tem razão, Quando lhe colhem a baga, Deitam-lhe a rama ao chão. (Penafiel; Alcoaça, CPP I, pág. 27)	§I-231 Chamais-me pé de cereja, Pois a cereja tudo tem. É branca e é vermelha E verde no pé também. (V.N. Foz-Côa, CPP I, pág. 27)	§I-239 Minha maçã coradinha, Nem a comi nem a dei, Tenho-a na minha caixa, Com ela te pagarei. (Norte, CPP I, pág. 28)
§I-225 A sombra do castinheiro É muito fresca no V'rao: Se me mandasses p'ra ela,	§I-232 - Diz-me tu, erva cidreira, Por que razão não dás fruto. - Foi o ano muito seco, Eu ficar verde foi muito. (Monção, CPP I, pág. 27)	§I-240 Minha maçã vermelhinha, Quem foi que te avermelhou,

Foi o Sol ou foi a Lua, Ou calor que te abrasou? (Óbidos, CPP I, pág. 28)	Uma cesta até duas Já será muito carregar. (Nisa, CPP I, pág. 29)	§I-257 Atirei no ar ao jafo E o jafo não morreu: ... (Baião, CPP I, pág. 30)
§I-241 Ó erva cidreira, Que estás de valado, Quanto mais se rega Mais cresces p'ró lado!	§I-247 Que passarinho é aquele Qu'anda no lòreiro verde? Não é páss'ro, não é nada, É a raiz da cana verde. (Portimão, CPP I, pág. 29)	§I-261 Eu ouvi cantar o cuco Na folha da laranjeira; Ó cuco, meu rico cuco, Mal haja quem mal te queira! (Mogadouro, CPP I, pág. 30)
Ó erva cidreira, Que estás de varanda, Quanto mais se rega Mais cresces p'rà banda!	§I-248 Quem quiser comer bananas, Vá ao pé da bananeira; Vá comendo, vá gostando, Vá metendo na aljibeira. (Portimão, CPP I, pág. 29)	§I-262 Eu sou como a triste rola, Quando seus amores perde: Nem poisa em ramos verdes, Nem água quelara bebe. (Lamego; Peniche, CPP I, pág. 30)
Ó erva cidreira, Que estás no altar, Quanto mais se rega Mais cresces p'ró ar! (Óbidos, CPP I, pág. 28)	§I-249 Também as folhas de couve Têm a sua picardia: Guardam gotinhas de água Para beberem de dia. (Melgaço, CPP I, pág. 29)	§I-265 Vai a rola rolando Pelo adro da igreja: Não há tiro que a mate, Nem caçador que a veja. (Minho, CPP I, pág. 31)
§I-242 Ó limoeiro da calçada, Hei-de te dar um abano: Ou tu hás-de dar limões, Ou laranjas todo o ano. (M. Canaveses, CPP I, pág. 28)	§I-250 A perdiz anda no monte, O perdigão no valado; A perdiz anda dizendo: Anda cá, meu namorado! (Penaguião, CPP I, pág. 29)	§I-266 ... A cabecinha encarnada, O peitinho amarelo. (V. Conde, CPP I, pág. 31)
§I-243 Ó oliveira do adro, Retiro do passarinho, Onde a pomba bate a asa, Onde a rola faz o ninho. (Baião, CPP I, pág. 28)	§I-251 A perdiz canta no mato, Ela cuida que anda só; Quando mal não se aparcata Já está presa na enxó. (Portimão, CPP I, pág. 29)	§I-276 Ó minha pombinha branca, De biquinho amarelo, Quando vais beber ao rio, Pões os pés no carambelo. (s/i, CPP I, pág. 32)
§I-244 Oliveira pequenina Que azeitona pode dar? Dará uma ênté duas, Qu'ê p'ró dono arretalhar. (A. do Sal, CPP I, pág. 29)	§I-252 - A rola que vai rolando Onde irá fazê'lo ninho? - Naquela banda do rio Em cima do resmeninho. (Alcoutim, CPP I, pág. 29)	§I-277 Ó minha pombinha branca, Que andais no lameiro verde! Andais co'o bico na água E andais morrendo à sede! (Baião, CPP I, pág. 32)
§I-245 Oliveiras, oliveiras, Oliveiras, olivais, São mais as penas que tenho Que a azeitona que vós dais. (Sabugal, CPP I, pág. 29)	§I-255 Acolá no laranjal Há um lindo rouxinol, Que todos os dias canta Quando vem nascendo o sol. (P. Lima, CPP I, pág. 30)	§I-279 Ó que lindo bando De pombos bravos Comem a boleta
§I-246 Oliveirinha pequenina Que azeitona pode dar?		

Por esses montados	Vem a noite, Vai-te chegando. (Trás-os-Montes, CPP I, pág. 33)	E trepando vão roer Ao cabide o novo fato?! Triste de mim que farei? Mataram-me o meu bom gato! (A. Valdevez, CPP I, pág. 34-5)
Apanhando os tiros Dos caçadores, Comem a boleta Aos lavradores. (Nisa, CPP I, pág. 32)	§I-292 Que passarinho é aquela Que anda no lameiro verde, Sempre co'o biquinho n'água, Sempre morrendo à sede? (Minho, CPP I, pág. 33) Var.: Faz que bebe e não tem sede – Baião.	§I-307 O lobo mais a raposa Fizeram'ma patuscada; A raposa comeu tudo, O lobo ficou sem nada. (Vimioso, CPP I, pág. 35)
§I-281 O reixinol, quando canta, Vai cantar ao meu jardim; Põe o pé na manjerona, Diz que viva o alecrim. (Baião, CPP I, pág. 32)	§I-293 Que passarinho é aquele, Que canta no galho verde? Dorme com o bico na água, Está sempre a morrer à sede! (s/í, CPP I, pág. 33)	§I-309 O sapo é feiticeiro, Ninguém o há-de dizer, Mete-se na boca à cobra Para ela o comer. (Porto, CPP I, pág. 35)
§I-283 O rouxinol, quando bebe, Bate as asas no corrente; ... (C. Verde, CPP I, pág. 32)	§I-295 - Rouxinol que tão bem canta Donde se foi ensinar? - Ao palácio da rainha, Donde o rei'stava a jantar. (Armamar, CPP I, pág. 33)	§I-310 Ó zorra, encolhe o rabo, Que além vêm os caçadores: Os alfaiates de fila Talham-te um vestido de mil cores. (Portimão, CPP I, pág. 35)
§I-285 O rouxinol, quando canta, Põe os pés no alecrim; Encosta-se à manjerona, Dá combates ao jardim. (M. Canaveses, CPP I, pág. 32)	§I-304 Grande bicho é àranha Que pica no pau de pinho: Tem mais força no perçote Do que o porco no focinho (Portimão, CPP I, pág. 34)	§I-318 Cala, cala, meu menino, Quem é que te há-de arrolar? Tua mãe foi para o moinho E teu pai caiu ao mar. (Valpaços, CPP I, pág. 38)
§I-287 O rouxinol, quando canta, Vem cantar ao meu jardim, Põe os pés na madre-silva Diz que viva o alecrim. (Baião; V. Conde, CPP I, pág. 33)	§I-305 Joaninha, avoa, avoa Que o tê pai'stá em Lisboa, A tua mãe no pelourinho Comendo pão e toicinho. (Elvas, CPP I, pág. 34)	§I-320 Cala, cala, meu nino, nino, Quem te há-de dar la mama? Uma belha cantoneira Que lhe chama Sturiana. (Terra de Miranda, CPP I, pág. 38)
§I-288 Oliveiras, oliveiras, Oliveiras, olivais: As galinhas vão-se ao trigo, A culpa é dos pardais. (Sabugal, CPP I, pág. 33)	§I-306 Meu senhor's, eu tinha um gato A quem conservava amor Por ser grande caçador: Todos os dias um rato! Triste de mim, que farei? Mataram-me o meu bom gato! Triste de mim, que farei Entre tanta ratazana, Que me roem as planganas, Todo pão me vão comer	§I-323 Dorme dorme, meu anjinho, Meu raminho de jasmim; ... (Valpaços, CPP I, pág. 38)
§I-290 Papagaio pena verde Foi cantar ao meu jardim; Pôs um pé na laranjeira E um pé no alecrim. (A. Beira, CPP I, pág. 33)		§I-324 Dorme, dorme, meu filhinho, Porque eu tenho que fazer; Eu quero ir ganhar o pão Que precisamos de comer.
§I-291 Passarinho trigueiro, Põe-te no ramo,		

(Valpaços, CPP I, pág. 38)	(Baião, CPP I, pág. 43)	Ó papão, vai-te embora Para cima do telhado, Deixa dormir o menino Um soninho descansado. (Óbidos, CPP I, pág. 44)
§I-328 Dormi, meu menino, Fechai o olhinho, Que vêm as raposas Papar o menino. (Bragança, CPP I, pág. 38)	§I-381 Ó papão, Não venhas pelo telhado, Deixa dormir o menino Um soninho descansado. (Tondela, CPP I, pág. 44)	§I-389 Ó papão, vai-te embora, Que a menina não está cá: Foi p'ra casa da madrinha, Sabe Deus quando virá! (Óbidos, CPP I, pág. 44)
§I-330 Embala, berço, embala, Com pauzinho de oliveira: Embala-me esta menina, Que a quero meter freira. (Mínho, CPP I, pág. 39)	§I-382 Ó papão, vai-te daí, De cima desse telhado, Deixa dormir o menino Um soninho descansado. (Alentejo, CPP I, pág. 44)	§I-390 Ó papão, vai-te embora, Que o menino não está cá; Foi para casa da avó, Sabe Deus quando virá! (Algarve, CPP I, pág. 45)
§I-336 Lo feio bicho Papão Está em riba do telhado, Pera ver lo meu menino Se'stá no berço deitado: Ó Papão, tu vai-t'embora De riba desse telhado, Deixa mori'lo menino Seu sonhinho descansado. (Madeira, CPP I, pág. 40)	§I-383 Ó papão, vai-te embora, Daí desse cantinho, Deixa dormir o menino Um soninho pequenino. (Alentejo, CPP I, pág. 44)	§I-391 Ó papão, vai-te embora, Que o menino quer dormir: Venham nos anjos do céu, Ajudarem-no a cobrir. (Algarve, CPP I, pág. 45)
§I-339 Menino, está quedo; Que vem a Farronca Que te mete medo. (V. N. Foz-Côa, CPP I, pág. 40)	§I-384 Ó papão, vai-te embora, De cima desse telhado, Deixa dormir o menino O seu sono descansado. (Óbidos, CPP I, pág. 44)	§I-392 Ó papão, vai-te embora, 'Sconde-te para o telhado, Deixa dormir o menino Um soninho descansado. (Alandroal, CPP I, pág. 45)
§I-346 Ó lôreiro, bate, bate Com as pontas no telhado! Deixa dormir o menino Seu soninho descansado! (Penaguião, CPP I, pág. 41)	§I-385 Ó papão, vai-te embora, Deixa dormir o menino, Que ele não chora com fome, Chora por ser pequenino. (Algarve, CPP I, pág. 44)	§I-393 Ó papão, vai-te embora, Tira-te daí: Menino bonito Não é para ti. (Algarve, CPP I, pág. 45)
§I-353 Ó meu filho, dorme, dorme... Olha o papão que além está... Ó papã, vai-te embora, Que o menino dorme já! (Alentejo, CPP I, pág. 41)	§I-386 Ó papão, vai-te embora, Deixa dormir o menino, Qu'ele não chora com medo, Chora porque é pequenino. (Porto, CPP I, pág. 44)	§I-394 O rô-rô foi à botica, A busca o i jaroque: Ó rô-rô, vem depressa, Que o menino está à morte. (V. N. Foz-Côa, CPP I, pág. 45)
§I-373 ... O meu menino tem sono, Coitadinho, quer mamar. ...	§I-387 Ó papão, vai-te embora Lá p'ra cima do telhado, Deixa dormir a menina Um soninho descansado (Óbidos, CPP I, pág. 44)	§I-395 O rô-rô foi ao papão Por cima do meu telhado: Deixou o menino a dormir
	§I-388	

E o soninho descansado... (Sintra, CPP I, pág. 45)	Deixa a baga do loureiro; Deixa dormir a menina Que está no sono primeiro. (s/i, CPP I, pág. 47)	(V. N. Foz-Côa, CPP I, pág. 48)
§I-396 O rouxinol, quando canta, Põe o pé no amieiro... (Alentejo, CPP I, pág. 45)	§I-418 Rouxinol do bico negro, Deixa a baga do loureiro, Deixa dormir a menina, Que está no sono primeiro. (B. Baixa, CPP I, pág. 47)	§I-430 Vai-te embora, ó papão, Que o menino não' está cá: Foi para casa da tia, Sabe Deus quando virá! (Estremadura, CPP I, pág. 48)
§I-405 Quem tem meninos pequenos O remédio é cantar; Quantas vezes a mãe canta Com vontade de chorar! (Tarouca, CPP I, pág. 46)	§I-419 Sai-te daí, reixinol, Deixa a baga do loureiro, Deixa dormi'la menina Que está no sono primeiro. (Maia, CPP I, pág. 47)	§I-431 Vai-te embora, papão, De cima desse telhado, Deixa dormir o menino Um soninho descansado. (A. Sal; Algarve, CPP I, pág. 48)
§I-410 Rixinol de bico preto, Deixa a baga ò loreiro, Deixa dormir a menina Que' está de sono primeiro. (Cinfães, CPP I, pág. 46)	§I-425 Vai-te, Coca, vai-te, Coca, Para cima do telhado, Deixa dormir o menino Um soninho descansado. (s/i, CPP I, pág. 47)	§I-432 Vai-te embora, papão feio, Não queiras ser mau: Se não deixas dormir o menino, Vou bater-te com um pau. (Óbidos, CPP I, pág. 48)
§I-413 Rola, rola, meu filhinho, No teu berço de alecrim... Lençóis de cambraia fina, Cobertores de cetim. (Valpaços, CPP I, pág. 46)	§I-426 Vai-te daí, ó papão, De cima desse loureiro, Deixa dormir o menino Que está no sono primeiro. (V.N. Foz-Côa, CPP I, pág. 48)	§I-433 Vai-te embora, papão negro, Deixa o menino dormir; Venham os Anjinhos do Céu Ajudá-lo a cobrir. (Óbidos, CPP I, pág. 48)
§I-414 Rola, rola, meu menino, Quem te dá-de dar a mama? O teu pai foi p'ró moinho, Tua mãe caiu na cama. (Mangualde, CPP I, pág. 47)	§I-427 Vai-te daí, ó papão, De cima desse telhado, Deixa dormir o menino Um soninho descansado. (V.N. Foz-Côa, CPP I, pág. 48)	§I-434 Vai-te embora, papão negro, Para cima do telhado, Deixa dormir meu menino Um sono descansado. (Óbidos, CPP I, pág. 48)
§I-415 Rouxinol da pena verde Deixa a baga do loureiro, Deixa dormir o menino Que está no sono primeiro. (s/i, CPP I, pág. 47)	§I-428 Vai-te daí, passarinho, Deixa a baga do lóreiro, Deixa dormir a menina Que está no sono primeiro. (Sintra, CPP I, pág. 48)	§I-435 Vai-te embora, papão negro, Vai-te para o telhado, Deixa dormir o menino Um soninho descansado. (Óbidos, CPP I, pág. 48)
§I-416 Rouxinol da pena verde Não vás cantar ao loureiro, Que acordas a menina Que está no sono primeiro. (Mangualde, CPP I, pág. 47)	§I-249 Vai-te embora, ó Farronca, Vai-te embora, vai-te embora, Vai-te embora, ó Farronca, Que o menino já não chora.	§I-436 Vai-te embora, papão preto, Para cima do loureiro, Deixa dormir o menino O soninho primeiro. (Óbidos, CPP I, pág. 48)
§I-417 Rouxinol das penas de ouro,		§I-437

Vai-te embora, papão velho, Vai-te embora, papão novo, Não leves o meu menino Para a boca do lobo. (Óbidos, CPP I, pág. 48)	§I-445 ... Tu lhebarás la manta Yo llebarei lo candil. (Terras Miranda, CPP I, pág. 49)	- Não quero, que têm formigas. (F. Algodres, CPP I, pág. 51)
§I-438 Vai-te embora, passarinho, De cima desse loireiro, Deixa dormir o menino O seu soninho primeiro. (Alentejo, CPP I, pág. 49)	§I-451 Antonho, Deus te livre do demónio, E das más tentações, E do caldo dos feijões E do rabo das colheres. (Elvas, CPP I, pág. 50)	§I-464 João quelatrão Come a sardinha E deixa o pão. (V.N. Foz-Côa, CPP I, pág. 51)
§I-439 Vai-te embora, passarinho, De cima desse telhado, Deixa dormir o menino Nesse sono descansado. (Alandroal, CPP I, pág. 49)	§I-452 António, Deus te livre do demónio, Das teias das aranhas; Tomarás tu quatro castanhas! (Lisboa, CPP I, pág. 50)	§I-466 Joaquim, Vai à loca tira um chapim. (Cadaval, CPP I, pág. 51)
§I-440 Vai-te embora, passarinho, Deixa a baga do loureiro, Deixa dormir a menina, Que está no sono primeiro. (Penaguião, CPP I, pág. 49)	§I-453 Chico, Larico, Da perna alçada, Comeu uma galinha Na semana passada. (Lisboa, CPP I, pág. 50)	§I-468 José querraché, Batatas até! (F. Algodres, CPP I, pág. 51)
§I-441 Vai-te embora, passarinho, Deixa a baga ao loureiro, Deixa dormir o menino Que está no sono primeiro. Que está no sono primeiro, Que está no primeiro sono: Vai-te embora, passarinho, Deixa a flor do resmono. (V. do Bispo, CPP I, pág. 49)	§I-454 Chico, Larico, Da perna assada, Pariu um burrico Na noite passada. (Elvas, CPP I, pág. 50)	§I-474 Manuel, bacharel, Cara de chafardel, Vai-tò mel C'uma colher rota Que não leve nada na boca. (V.N. Foz-Côa, CPP I, pág. 51)
§I-442 Vai-te embora, passarinho, Deixa ò loureiro a baga, Deixa dormir o menino O sono da madrugada. (s/i, CPP I, pág. 49)	§I-455 Francisca, Da fralda faz a isca. (s/i, CPP I, pág. 51)	§I-475 Manuel Bacharel, Come as papas c'uma colher rota Que não leve nada à boca. (V.N. Foz-Côa, CPP I, pág. 52)
§I-444 Vai-te, vai-te, ó papão, De cima desse telhado, Deixa dormir o menino Um soninho descansado. (Moura, CPP I, pág. 49)	§I-460 Joana Badana, Essa tua cara A mim nã m'engana. (Elvas, CPP I, pág. 51)	§I-477 Maria, Rabo de enguia, Põe-te na pia, Verás tua tia. (Cadaval, CPP I, pág. 52)
	§I-461 - João, come as migas.	§I-478 - Maria cachucha, Com quem dormes tu? ... (Cadaval, CPP I, pág. 52)
		§I-481 - Ó Giraldo, Queres caldo? - Não, senhor, Que me escaldo.

(Porto, CPP I, pág. 52)	(Cabeceiras de Basto, CPP I, pág. 53)	Que me dão? Conta bem Que dez são. (Portimão, CPP I, pág. 54)
§I-482 - Ó Giraldo, Qués caldo? - Não que me escaldo.	§I-497 Dedo mendinho, Vizinho, O maior de todos, Fura-bolos, Matruca-piolhos. (Cadaval, CPP I, pág. 53)	§I-509 Um, dois, três, quatro, A galinha mais o pato Saíram da capoeira Por causa duma sopeira, Um, dois, três, quatro. (B. Alta, CPP I, pág. 55)
- Ó Giraldo, Qués migas? - Não que têm formigas. (V.N. Foz-Côa, CPP I, pág. 52)	§I-499 Este diz que quer pão, Este diz que não há Este diz que Deus dará, Este que furará, Este diz: Alto lá! (Cabeceiras de Basto, CPP I, pág. 53)	§I-519 Amanhã é sábado, Teu pai é cágado; Amanhã é domingo, Teu pai é pingo. (Olivença, CPP I, pág. 56)
§I-484 Ó Senhor João, Quem num tem dinheiro, Nem vai ao carvão. (s/i, CPP I, pág. 52)	§I-500 Mínimo: Fui ao mato. Anular: Eu ajudei-o. Médio: Achei um ovo. Index: Eu fritei-o. Polegar: E eu mamei-o. (Porto de Mós, CPP I, pág. 53)	§I-520 - Ah - Palha ferrã... (s/i, CPP I, pág. 56)
§I-485 Ó Senhor José, Quem não tem dinheiro, Nem vai ao café. (Lisboa, CPP I, pág. 52)	§I-501 Pequenino, Seu vizinho, Pai de todos, Fura-bolos, Mata-piolhos. (Estremadura, CPP I, pág. 54)	§I-522 Antão? Era pastor E guardava ovelhas E tinha um cão Sem orelhas... (C. Beira, CPP I, pág. 56)
§I-488 Rita Caganita, Bacalhau assado, Sardinha frita. (Lisboa, CPP I, pág. 52)	§I-502 Primeiro, mendinho; Segundo, chigantinho; Terceiro, maior de todos; Quarto, fura-bolos; Quinto, matroca-piolhos. (Baião, CPP I, pág. 54)	§I-523 Antão? Maria Leitão. (B. Alta, CPP I, pág. 56)
§I-493 Zé Carramé, Leva os porcos à maré, Enfiados numa linha, P'ra tocar a campainha. (Cadaval, CPP I, pág. 53)	§I-503 Boi branco Lavra no campo; Boi preto Lavra no cepo. Perdiz, Que me diz? Perdegão,	§I-527 Chove, chove, galinha mole, Nosso Senhor dará pão mole. (Lisboa, CPP I, pág. 56)
§I-495 Dedo maminho, Sê(u) vezinho, Pai de todos, Fura-bolos, Mata-piolhos. (Óbidos, CPP I, pág. 53)		§I-529 Desadormece, pé, Que está um lobo atrás da Sé; Ele quer-te comer Tu não podés correr (Baião, CPP I, pág. 56)
§I-496 Dedo mendinho, Este é o parceirinho, Este é o maior de todos, Este é o fura-bolos, Este é o matruca-piolhos.		§I-530 Dói-te a barriga?

Põe-na do burro por riba. (Baião, CPP I, pág. 56)	E um soldado p'ra um batalhão. (B. Alta; Lisboa, CPP I, pág. 58)	§I-578 Tosquiado, moleirado, Leva os porcos ao tapado. (Tabuaço, CPP I, pág. 60)
§I-532 É como calha... Uns à faca, Outros à navalha. (Cadaval, CPP I, pág. 57)	§I-559 - Que há de novo? - Muita galinha E pouco ovo. (Monção, CPP I, pág. 59)	§I-579 Tosquiado, muliado, Leva os porcos ao mercado. (Tarouca, CPP I, pág. 60)
§I-534 Temos badana P'ra toda a semana. (V.N. Foz-Côa, CPP I, pág. 57)	§I-565 Quépão! Capão?... É galo sem crista.	§I-581 Debaixo da pipa Está uma pita; A pipa pinga, A pita pia; A pipa pinga, A pita pia, etc. (Óbidos, CPP I, pág. 61)
§I-538 Falo-te em alhos, Respondes-me em bugalhos. (M. Cavaleiros, CPP I, pág. 57)	§I-567 [Quépão!] Queres, João?!... No moinho Está o grão Alheio E nosso não! (Óbidos, CPP I, pág. 59)	§I-582 Diz a velha relha, bufelha, saracotelha, cotrimbelha Ò velho relho, bufelho, saracotelho, cobrimbelho: - Vamos à caça raça, bufaça – cotrimbaça Dum coelho relho, bufelho, cobrimbelho? (Óbidos, CPP I, pág. 61)
§I-539 Falo-te em alhos, Respondes-me em cascalhos... (M. Cavaleiros, CPP I, pág. 58)	§I-568 (Quando se dão papas a crianças:) Remexidas, remexidas Có'o rabo do nosso cão, Tiradinhas, tiradinhas Có'o rabo do nosso gato. (Óbidos, CPP I, pág. 59)	§I-585 Menina que a salsa verde pisa, Bem a pisa, mal a pisa, Na ponta da pia a pisa. (V.N. Foz-Côa, CPP I, pág. 61)
§I-550 - Ó menina, Como se chama o seu home? - Batata assada, Que ela crua não se come. (Óbidos, CPP I, pág. 58)	§I-569 Russo, russelas, Enforca panelas, No tempo dos nabos Enforca diabos. (Óbidos, CPP I, pág. 60)	§I-587 Três pitas cotas numa conca comem Numa conca comem três pitas cotas. (s/i, CPP I, pág. 62)
§I-553 - O que foi? - Uma vaca que pariu um boi. (s/i, CPP I, pág. 58)	§I-571 Taipais são carretas, Quem te pariu tinha nove tetas, Não tinha nove, mas tinha dez; Quem te pariu tinha quatro pés, Eram uns pretos, outros malhados, Tu, por seres o mais enfezado, Valeste só um cruzado (Óbidos, CPP I, pág. 60)	§I-588 A minha galinha pinta Põe três ovos ao dia; Se ela pusera quatro, Que dinheiro não faria!
§I-554 Ó Senhora Ana, Reprenda o seu gato, Que ele foi à horta Ao feijão maiato. (Lisboa, CPP I, pág. 58)	§I-573 Tem uma graça Que nem uma cabaça! (Lisboa, CPP I, pág. 60)	§I-588 Já me davam pela cabeça Uma vaquinha moresca; Já me davam pela crista Uma vaquinha moirisca;
§I-556 Porcariço, rolhariço, Saca a rolha, mete o liço. (Abrantes, CPP I, pág. 58)		
§I-558 - Quantas horas são? - Falta dez réis p'ra meio tostão, Uma sardinha p'ra um quarteirão		

Já me davam pelo bico A renda do senhor bispo; Já me davam pela língua A cidade de Coimbra; Já me davam pelo pescoço Uma dama com seu moço; Já me davam pelo papo Rasa e meia de tabaco; Já me davam pela moela Uma vaquinha moirela; Já me davam pelo coração A renda de São João; Já me davam pelas tripas Duas feixadas de fitas; Já me davam pelo rabo Um cavalo enfreado; Já me davam pelas asas Na ribeira, umas casas; Já me davam pelas pernas Duas vaquinhas morenas; Já me davam pelas unhas Cento e meio de agulhas; Já me davam pelo corpo Toda a cidade do Porto; Já me davam pelo ril Um porrão de sahil.	Salta o rato do seu buraquinho: - Aqui'stouse eu p'ra ser padrinho! - O padrinho já nós cá temos, Dançarinas de onde é que haveremos? As moscas que andavam no ar: - Aqui'stouse eu, que é p'ra dançar! Dançarinas já nós cá temos: As amassadeiras de onde é que haveremos? As porcas que andavam no lamaçal: - Aqui estou eu para amassar! - Amassadeiras já nós cá temos, Fernezeiras de onde é que haveremos? As cegonhas que andavam no ar: - Aqui estou eu p'ra fernejar! - Fernezeiras já nós cá temos, Cozinheiras de onde é que haveremos? Os gatos do seu cinzal: - Aqui estou para cozinhar! - Cozinheiros já nós cá temos, O gaitreiro de onde é que haveremos? Diz o burro do seu outeiro: - Aqui estou eu, serei eu o gaitreiro!	- Vamos casar a nossa filhinha. - A nossa filhinha casada está, E agora o noivo donde virá? Dizia o galo que estava a cantar Que estava pronto com ela a casar. - O noivo já temos, já, Agora o padrinho donde virá? Dizia o rato, lá do buraquinho, Estava pronto a ser o padrinho. - O padrinho já temos, já, Agora a madrinha donde virá? Dizia a cabra, lá do meio da vinha, Estava pronta para ser a madrinha. - A madrinha já a temos, já, Agora o enxoval donde virá? Diz a aranha, lá do aranhal, Estava pronta a dar o enxoval. - Enxoval já temos, já, Agora a cozinheira donde virá? Dizia a rola que andava a rolar, Estava pronta a cozinhar. - Cozinheira já temos, já, Servir à mesa donde virá? Dizia a andorinha, com sua ligeireza, Estava pronta a servir à mesa.
Galinha que vale tanto Vai-se levar ao convento, Para que as freiras digam: Chô p'ra fora... chô p'ra dentro. (Penafiel, CPP I, pág. 62)		
§I-589 Disse o galo para a galinha: - Casamos a nossa filhinha? - Não é nada a gente casá-la, Se não ter quem seja noivo! - Disse o pinto dentro do ovo: - Aqui estou eu, serei o noivo! - O noivo já nós cá temos, A madrinha de onde a haveremos? - Salta a cobra da sua lapinha: - Aqui'stouse eu p'ra ser madrinha! - Madrinha já nós cá temos, O padrinho de onde o haveremos?		
	As formigas, do seu formigueiro: - Aqui estou co'o meu celeiro! - A comida já nós cá temos: Agora a lenha de onde haveremos? Vem o lagarto de rabo alçado: - Aqui'stouse eu co'o meu braçado! (Portimão, CPP I, pág. 63-4)	Diziam os mosquitos, que andavam no ar, Estavam prontos a irem bailar. - O bailarico já temos, já, O tocador donde virá? Dizia o burro, lá do palheiro, Estava pronto a ser o gaitreiro. - O gaitreiro já temos, já,
	§I-590 Dizia o galo para a galinha:	

Ao casamento nada faltará.
(Nelas, CPP I, pág. 64-65)

§I-591

Amanhã é domingo,
Canta o pintassilgo.
Pintassilgo derrabado
Não tem mulo nem cavalo,
Tem só uma burra cega
Que vai daqui a Castela.
Ó Castela, castelão,
Vem carregado de pão
Para mim e p'ró meu cão
Que o meu cão não'stá em casa.
'Stá a bordo dum navio,
Dá-lhe o vento e dá-lhe o frio
Vai parar ao corropio
E dá-lhe o vento e dá-lhe o sol
Vai parar ao rouxinol.
(Estremadura, CPP I, pág. 65)

§I-594

Amanhã é domingo,
Do padre Cachimbo;
O galo montês
Toca na rês;
A rês é de barro
Toca no adro;
...
(Cinfães, CPP I, pág. 66)

§I-595

Amanhã é domingo,
Pé de cachimbo;
Galo montês
Pica na rês;
A rês é de barro
Pica no adro;
...
(Guimarães, CPP I, pág. 66)

§I-596

Amanhã é domingo,
Pé de cachimbo.
Galo montês
Pica na rês;
A rês é de barro
Pica no adro;
...
(Torres Vedras, CPP I, pág. 66)

§I-597

Amanhã é domingo
Repica o sino.

Sardinha assada,
Um copo de vinho,
Dez réis de aguardente
P'rá cova dum dente.
(S/i., CPP I, pág. 66)

§I-598

Amanhe(n) é domingo
Canta o noxo pintaxilgo
Derribado
Num tem xela
Nem cavalo.
Ó Joana,
Dá cá pão
P'ra mim
E mais p'ró meu cão.
O meu cão
Num'stá cá
'Stá debaixo do navio
Dá-le o vento
Dá-le o frio,
Cantará coma um bugio.
(C. Basto, CPP I, pág. 66-7)

§I-599

...
Galo pedrês
Pica na rês;
A rês é miúda
Pica na tumba.
A tumba é de barro,
Pica no adro...
(S/i., CPP I, pág. 67)

§I-600

...
Os nove, que me ficaram,
Tratei-os a biscoito;
Deu-lhes o tango-mango,
Dos nove ficaram-me oito.
...
Os sete, que me ficaram,
Mandei-os cantar os Reis;
...
Os cinco, que me ficaram,
Mandei-os meter num saco;
...
Os três que me ficaram,
Mandei-os comprar uns bois;
...

(T. Moncorvo, CPP I, pág. 67-8)

§I-601

De vinte e quatro freiras que tinha
Mandei-as fazer doce:
Deu-lhes o trângulo-trico-trângulo-
mângulo nelas,
Não ficaram senão doze.

...

Dessas nove que ficaram
Mandei-as comer um biscoito:
Deu-lhes o trângulo-trico-trângulo-
mângulo nelas,
Não ficaram senão oito.

...

Dessas sete que ficaram
Mandei-os cantar os Reis:

...

Dessas cinco que ficaram,
Mandei-as cortar tabaco:
Deu-lhes o trângulo-trico-trângulo-
mângulo nelas,
Não ficaram senão quatro.

...

Dessas duas que ficaram
Mandei-as comer piru(m)a:
Deu-lhes o trângulo-trico-trângulo-
mângulo nelas,
Não ficaram senão u(m)a.

As vinte e quatro freiras que tinha
Fi-las andar numa poeira.
Eles morreram-me todas
Com uma grande borracheira.
(Penaguião, CPP I, pág. 68-9)

§I-602

Eram vinte e quatro freiras,
Todas a fazer um doce;
Deu-lh'o trângolho-mângolho nelas,
Não ficaram senão doze.

...

Dessas onze que elas eram
Uma era quema um pez;

...

Dessas dez que elas eram
Uma era quema um bode;

...

Dessas nove que ficaram,
Uma foi fazer biscoito;

...

Dessas sete que ficaram

- Uma foi cantar os Reis;
...
(Resende, CPP I, pág. 70-1)
- §I-603
Eram vinte e quatro marrafinhas
Todas a fazer um doce
Auga ao melro, seca o bico,
Não ficaram senão doze.
- Eram vinte e quatro marrafinhas
Todas a fazer um doce;
Deu-lhe o Trango-Mango nelas,
Não ficaram senão doze.
(Viseu, CPP I, pág. 71)
- §I-604
Eram vinte e quatro sécias
Todas a fazer um doce,
Deu-lhe o mal da moda nelas,
Não ficaram senão doze.
...
Essas dez que ficaram
Mandei-as dar esmola ò pobre,
...
Essas nove que ficaram
Mandei-as cozer biscoito,
...
Essas oito que ficaram
Mandei-as buscar mulete,
...
Essas sete que ficaram
Mandei-as cantar os Reis,
...
Essas cinco que ficaram
Mandei-as buscar tabaco,
...
Essa meia que ficou
Mandei-a buscar fajão
Deu-lhe o mal da moda nela,
Acabou-se a geração.
Amen!
(Feira, CPP I, pág. 72)
- §I-605
- Cá, crá, cá,
Põe-te na pã,
Faz'um bolinho
Para o João Pinho
Qu'anda no monte
Co'a perna quebrada.
- Quem na quebrou?
- Foi a galinha.
- Que é da galinha?
- Foi pôr o ovo.
- Que é do ovo?
- Levou-o o padre.
- Que é do padre?
- Foi dizê'la missa.
- Que é da missa?
- Que é da missa?
Já está dita.
(Baião, CPP I, pág. 73)
- §I-606
- Cri-cri-cri,
Quem lá'stá dentro?
- Cri-cri-cri,
'Stá a fazer o formento.
- Cri-cri-cri,
Faz-me um bolo.
- Cri-cri-cri,
Não tenho cá sal.
- Cri-cri-cri,
Mande-o buscar.
- Cri-cri-cri,
Não tenho por quem.
- Cri-cri-cri,
Pelo Zèzinho.
- Cri-cri-cri,
Está a chorar.
- Cri-cri-cri,
Quem lhe bateu?
- Cri-cri-cri,
Foi o clérigo.
- Cri-cri-cri,
Que é do clérigo?
- Cri-cri-cri,
Foi dizer missa,
Cri-cri-cri,
No altar da carriça.
(C. Beira, CPP I, pág. 73)
- §I-607
- Qui, q'ri, qui, casou Maria.
...
- Qui, q'ri, qui, deu-le uns sapatos.
- Qui, q'ri, qui, de que eles são?
- Qui, q'ri, qui, de cordovão.
(Amarante, CPP I, pág. 73)
- §I-608
- Qui, q'ri, qui, donde vais, velha?
- Qui, q'ri, qui, p'ra Pontevedra.
- Qui, q'ri, qui, que vais buscar?
- Qui, q'ri, qui, rasas de sal.
- Qui, q'ri, qui, p'ra que é o sal.
- Qui, q'ri, qui, p'ra botar às berças.
- Qui, q'ri, qui, p'ra que são nas berças?
- Qui, q'ri, qui, p'ra dar às galinhas.
- Qui, q'ri, qui, p'ra que são nas galinhas?
- Qui, q'ri, qui, p'ra pôr os ovos.
- Qui, q'ri, qui, p'ra que são os ovos?
- Qui, q'ri, qui, p'ra dar ò padre.
- Qui, q'ri, qui, p'ra que é o padre?
- Qui, q'ri, qui, p'ra dizê'la missa.
- Qui, q'ri, qui, p'ra que é a missa?
- Qui, q'ri, qui, p'ra nos salvar.
(Régua, CPP I, pág. 73-4)
- §I-609
- Qui queri qui,
Fazer formento.
- Qui queri qui,
Faz-me um bolo.
- Qui queri qui,
Não há sal.
- Qui queri qui,
Manda-o buscar.
- Qui queri qui,
Por quem?
- Qui queri qui,
Por João de além.
- Qui queri qui,
Estou coxo.
- Qui queri qui,
Quem te coxeou?
- Qui queri qui,
Foi a pedra.
- Qui queri qui,
Que é da pedra?
- Qui queri qui,
Foi pela cheia abaixo.
- Qui queri qui,
Que é dela a cheia?
- Qui queri qui,
Beberam os bois.
- Qui queri qui,
Cadê os bois?
- Qui queri qui,
Estão a semear o milho.
- Qui queri qui,
Cadê o milho?
- Qui queri qui,

Comeram as galinhas.
 - Qui queri qui,
 Que é das galinhas?
 - Qui queri qui,
 Estão a pôr ovos.
 - Qui queri qui,
 Que é dos ovos?
 - Qui queri qui,
 Comeu-os o padre.
 - Qui queri qui,
 Que é do padre?
 - Qui queri qui,
 Está a dizer a missa.
 - Qui queri qui,
 Que é da missa?
 - Qui queri qui,
 Está no altar.
 - Qui queri qui,
 Que é do altar?
 - Qui queri qui,
 Está na igreja.
 - Qui queri qui,
 Que é da igreja?
 - Qui queri qui,
 Está no seu lugar.
 (s/i., CPP I, pág. 74-5)

§I-611

- Qui queri qui,
 Que fazes lá dentro?
 - Qui queri qui,
 Faço formento.
 - Qui queri qui,
 Faz-me um bolo.
 - Qui queri qui,
 Não tenho sal.
 - Qui queri qui,
 Manda-o buscar.
 - Qui queri qui,
 Por quem?
 - Qui queri qui,
 Polo rapaz.
 - Qui queri qui,
 O rapaz' stá manco.
 - Qui queri qui,
 Quem no mancou?
 - Qui queri qui,
 Foi a bola.
 - Qui queri qui,
 Onde está a bola?
 - Qui queri qui,
 Fugiu para a mata.

- Qui queri qui,
 Que é da mata?
 - Qui queri qui,
 Queimou-a o lume.
 - Qui queri qui,
 Que é do lume?
 - Qui queri qui,
 Apagou-o a água.
 - Qui queri qui,
 Que é da água?
 - Qui queri qui,
 Beberam-na as galinhas.
 - Qui queri qui,
 Que é das galinhas?
 - Qui queri qui,
 Foram pôr ovos.
 - Qui queri qui,
 Que é dos ovos?
 Roubaram-nos os frades.
 (s/i., CPP I, pág. 75-6)

§I-612

Duzentos galegos
 Já não faz' um homem;
 Tudo quanto comem,
 Seu dinheiro, meu dinheiro,
 Arriscando anda'.
 Com sua demanda
 Não fez o que o rei mandou.
 Pinha e pinhão,
 Em se ver ausente
 Meio mundo patarata,
 Na real fragata.
 Quem tiver dinheiro
 Dê-m' o que eu lo gardarei.
 E chega à minha porta
 Grita: àque d' el-rei!
 Se não houver quem l' acuda
 Eu l' acudirei.
 (M. Canaveses, CPP I, pág. 76)

§I-613

Duzentos galegos
 Nã fazem um homem,
 Eles, cando cómim,
 Seu dinheiro, meu dinheiro;
 O homem embusteiro
 Arriscado anda;
 Ele na demanda
 Nã fez o que o rei mandou;
 Já se le pagou
 Àquele tunante;

Er'estudante;
 Alfinetes são amores;
 Tenho grandes dores
 Em te ver doente;
 Depois que' stás ausente,
 Meio mundo é patarata;
 Assim se arremata
 Quem vai na fragata;
 S'ela for à vela
 'Scusa de ir a reimos.
 Aqui nos perdemos
 Na nossa tiorga;
 Anda lá im moda;
 Quem tiver que coma
 Nã morra de fome,
 Coma um home,
 Regale a sua barriga.
 Esta rapariga,
 Por bem ser bem-criada,
 Anda enganada
 Nã sabe o que lhe convém;
 Dou-lhe os parabéns,
 Senhor patarata.
 Oiro nim prata
 Nunca m' entrou n' algibeira.
 Tenho uma cabeleira
 Que me veio de França;
 Trinca de uma trança,
 Quem tem bolsa faz a saia;
 Preta na praia
 A vinder mixilhão,
 Pinhas e pinhões,
 Lá vem de Caparica.
 Tenho uma barrica
 Para migalheiro.
 Quem tiver dinheiro
 Dê-mo qu' eu lo guardarei.
 Grito àquedenrei
 Não acho quem m' acuda.
 Amor caracunda
 Já lá vai pró deserto.
 (Cadaval, CPP I, pág. 76)

§I-614

Duzentos galegos
 Não fazem um homem,
 Porque quando comem,
 Seu dinheiro, meu dinheiro,
 É homem embusteiro,
 Arriscado anda,
 Porque na demanda
 Não fez o que El-rei mandou.

Já se lhe pagou
 Àquele estudante,
 Se ele é estudante;
 Alfinete, meu amor,
 Tenho grande dor
 Em te ver ausente.
 Se tu estás doente,
 Meio mundo patarata.
 Ai que se arremata
 A real fragata!
 Fragata vai à vela.
 Não preciso levar remos.
 Ai que nos perdemos
 Da nossa derrota!
 Anda agora em moda
 Quem tem boca vai a Roma.
 Quem tiver que coma,
 Não passa fome.
 Quem tiver um homem,
 Regala a sua barriga.
 Tem uma crica
 Para migalheiro.
 Quem tiver dinheiro
 Dê-o cá, que eu lho guardarei.
 Grito «aqui dEl-rei!»:
 Não há quem me acuda.
 Meu amor corcunda
 Já lá vai para o deserto.
 É um céu aberto,
 Em te ver, menina,
 De sala em sala,
 Da sala para a cozinha:
 No meio da sala
 Está uma macaquinha.
 (s/i., CPP I, pág. 77)

§I-615

Duzentos galegos
 Não fazem um homem;
 Tudo quanto comem,
 Meu dinheiro e seu dinheiro.
 Ah meu trapaceiro
 Tão arriscado anda!
 Não fiz o que o rei mandou.
 Já se le pagou
 Àquele tunante.
 Ele é tunante,
 Alfenetes são amores,
 Mas eu tenho grandes dores
 De te ver ausente..
 Se tu 'stás doente
 Meio mundo patarata;

Tudo se arremata
 Na real fragata!
 A fragata vai à vela,
 Não precisa levar remos,
 Mas vai tudo quanto nós perdemos
 Na real fragata.
 A preta na praia
 Vende mexilhão,
 Também vende fava rica;
 De sua carga
 Fiz um mealheiro.
 Quem tiver dinheiro
 Dê-mo, que eu lho guardarei.
 Quem não o tiver
 Grite: «aqui del-rei!»
 Ah, seu amor corcunda,
 Já lá vai p'ra o deserto!
 É um céu aberto
 Em te ver, menina,
 De sala em sala,
 Da sala p'rà cozinha!
 No meio da sala
 Dá-se-lhe uma voltinha,
 E ao outro canto
 Deita-se na caminha.
 (Paredes, CPP I, pág. 77-8)

§I-616

Era não era,
 Andando meu pai
 A lavar nu(m)a coirela
 U(m)a notícia lhe veio
 Que era seu pai morto
 E sua mãe por nascer.
 Botou os bois às costas,
 E o arado a comer.
 Chegou ali mais abaixo
 E viu u(m)a oliveira
 Carregada de maçãs.
 Subiu acima,
 Colheu romãs.
 E chegou mais abaixo
 E viu um meloal
 Carregado de pepinos.
 E veio o dono
 E atirou-lhe c'um troncho à testa
 E fez-lhe um buraco no joelho.
 (S.J. Pesqueira, CPP I, pág. 78)

§I-617

Era não era,
 Andava lavrando,

Veio-lhe a notícia
 Que seu pai era morto,
 Que sua mãe
 Estava para nascer.
 Pegou nos bois às costas,
 Deixou o arado a comer.
 (Lisboa, CPP I, pág. 78)

§I-618
 Era, não era, andava na serra.
 Era seu pai nado,
 Sua mãe por nascer.
 Ora o pobre do homem,
 O que lh'havia de acontecer!
 Pega nos bois às costas
 E deita os bois a comer,
 E põe-se a comer maçãs,
 Umhas podres e outras sãs.
 Vem o dono do meloal alheio:
 Ah, seu tratante!
 Você que anda aqui a fazer?
 Pega num torrão,
 Atira-lhe c'um pepino;
 Quebra-lhe o nariz
 E parte-lhe o focinho.
 (V. Real, CPP I, pág. 78)

§I-619

Era, não era
 No tempo da hera,
 Meu pai era vivo,
 Minha mãe por nascer,
 Que lhe havia de fazer?
 Deitei as pernas às costas
 E pus-me a correr.
 Subi por escada abaixo,
 Desci por ela acima,
 Encontrei um pessegueiro
 Carregado de maçãs,
 Fui-me a ele
 E comi avelãs.
 Veio o seu dono
 E deu-me com um pau,
 Bateu-me num olho,
 Magoou-me um joelho.
 (s/i., CPP I, pág. 78-9)

§I-620

Uma vez era um era-não-era,
 Andava lavrando na serra
 Com um boi Carrapato
 E outro Calhandro.

- A porta está na casa,
A casa está na rua,
A rua está na cidade de Roma,
Aqui estão as chaves da cidade de Roma.
(Tomar; V. Real, CPP I, pág. 82-3)
- §I-626
- Ningre-ningre, tu que fazes?
 - Ningre-ningre, faça papas.
 - Ningre-ningre, dá-me delas.
 - Ningre-ningre, não têm sal.
 - Ningre-ningre, João que lho bote.
 - Ningre-ningre, o João está manco.
 - Ningre-ningre, quem no mancou?
 - Ningre-ningre, foi a pedra.
 - Ningre-ningre, que é da pedra?
 - Ningre-ningre, está no mato.
 - Ningre-ningre, que é do mato?
 - Ningre-ningre, está no lume.
 - Ningre-ningre, que é do lume?
 - Ningre-ningre, está na água.
 - Ningre-ningre, que é da água?
 - Ningre-ningre, os patos beberam-na.
 - Ningre-ningre, que é dos patos?
 - Ningre-ningre, estão a pôr ovos.
 - Ningre-ningre, que é dos ovos?
 - Ningre-ningre, os frades comeram-nos.
 - Ningre-ningre, que é dos frades?
 - Ningre-ningre, estão a dizer a missa.
 - Ningre-ningre, vamos ouvi-la.
 - Ningre-ningre, já está dita.
- (s/i., CPP I, pág. 83)
- §I-627
- Número um' stá a dormir,
Número dois a dormir também.
Chamar o três a Belém.
O quatro não quige vir,
O cinco prantou-se a rir,
O seis tocou a alvorada,
O sete, com força armada,
Meteu oito no castelo,
O nove foi dar parte ao Melo,
O dez deu uma facada,
Onze, numa borracheira,
Doze rogou uma praga,
O treze deu a descarga,
O catorze em brincadeira,
- Quinze na mesma cegueira,
Dezasseis chamou zangado,
Dezassete arrenegado,
Dezoito não quige falar,
No dezanove quer dar,
Lá nos vinte estava deitado,
Vinte e um toca cavaquinho,
Vinte e dois toca rabeca,
Vinte e três calvo e careca,
Vinte e quatro ò cantinho,
Vinte e cinco paga o vinho,
Vinte e seis penica o frango,
Vinte e sete eu cá não mango!
Faça o vinte e oito o que quiser
Vinte e nove é pistauter.
Trinta e um veo Xavier,
Trinta e dois faz alfinetes,
Trinta e três faz carniquetes
Trinta e quatro bem mandado,
Trinta e cinco meu criado,
Trinta e seis meu augadeiro,
Trinta e sete meu enfermeiro,
Trinta e e oito jogador de barra,
Trinta e nove toca guitarra,
Quarenta bate o fado.
- Notem bem, ó meus senhores,
Notem se querem notar:
Comecei em número um,
Òs quarenta vim acabar.
(Lamego, CPP I, pág. 84)
- §I-627b
- Oh! vamos e venhamos
Pela terra dos ciganos,
Um burrinho compraremos,
O foliar que ele fizer
Será para o primeiro
Que aqui falar quiser,
Fora eu que sou juiz,
Como perna de perdiz.
Fora eu que sou capitão,
Como perna de leitão.
(Almanaque de Cruz Coutinho,
1881, CPP I, pág. 84)
- §I-628
- O sermão de São Coelho
Tem na barreta vermelha,
...
- (Penaguião, CPP I, pág. 85)
- §I-629
- O sermão do São Coelho
Tem uma barreta vermelha,
...
- (V. Real, CPP I, pág. 85)
- §I-630
- Oração de São Coelho
Com um barrete vermelho,
...
- (s/i, CPP I, pág. 85)
- §I-632
- Sermão de São Coelho
Com o seu barrete vermelho,
Com uma espada de cortiça
Para matar a carriça.
A carriça deu um berro,
Que toda a gente espantou.
Só uma velha ficou
Embrulhada num sapato,
Para mandar de presente
Ao abade de São Vicente,
Que tem um dente muito diligente
Para beber aguardente.
(Lisboa, CPP I, pág. 85)
- §I-633
- Sermão de São Coelho
Com um barrete vermelho,
...
- (s/i, CPP I, pág. 86)
- §I-634
- Sermão de São Coelho
Tem o rabo bem vermelho.
...
- (Guimarães, 1881, CPP I, pág. 86)
- §I-637
- Papa-ratos já morreu,
Tem na cova por fazer,
As velas por acender,
Pomos o manto e vamos a ver.
Ó Papão, fuge do telhado,
Deixa dormir o menino,
Um soninho descansado.
Tocando num pandêro,
Encontre uns alforgêros,
Carregados de avelãs,
Mêas podres, mêas sãs
Bradê p' ròs mêas amigos,

Acudiram-m'os ladrões,
 Despiram-m'os calções,
 Dêtararam-me num poço,
 C'um chocalho ò pescoço.
 As velhinhas a cantarem,
 As meninas a chorarem.
 Calai-vos, minhas meninas,
 Que amanhã será domingo.
 Cantará o pintassilgo,
 Pintassilgo derrabado,
 Sem ter sela nem cavalo,
 Tinha só'ma burra velha
 P'ra correr toda Castela,
 De Castela a Marçagão,
 A buscar pregos d'ôro,
 P'ra trocar por assabão.
 O sabão era ranhoso,
 Coitadinho do velho tinhoso,
 Fez a cama no telhado,
 Encontrou um gafanhoto,
 Mandô-o deitar ò forno,
 Com três postas de toucinho,
 Dava-lh'ô vento, dava-lh'ô frio
 Cantava como um bugio;
 Dava-lh'ô vento, dava-lh'ô sol,
 Cantava como um rôxinol.
 Rôxinol que tão bem cantas,
 Quem t'ensinô a cantar,
 Foi a rainha na varanda
 E o rê no laranjal
 Jogando à laranjinha
 O rê más a rainha.
 (Alentejo, CPP I, pág. 86-7)

§I-638
 Pintassilgo derrabado,
 Não tem sela nem cavalo,
 Foi buscar um moio de pão,
 P'ra ele mais pró seu cão,
 O seu cão não está em casa,
 Está debaixo do navio,
 Dá-lhe o vento, dá-lhe o frio,
 Faz cantá-lo como um assobio.
 (Alentejo, CPP I, pág. 87)

§I-639
 Pique, pique, me piquei,
 Um grão de milho achei;
 Um moinho me moeu,
 Um ratinho me comeu,
 Eu chamei por São Tiago,
 São Tiago não me ouviu,

Ouviram-me dous ladrões,
 Apalparam-me os calções;
 Eu cuidei que era graça,
 Bebi vinho da cabaça.
 (V.P. Aguiar, CPP I, pág. 87)

§I-641
 Por aquela serra acima
 Vinte cegos já lá vão.
 Cada cego com seu moço,
 Cada moço com seu cão:
 O cego dá pão ao moço,
 O moço dá pão ao cão.
 (Feira, CPP I, pág. 87)

§I-642
 Por aquele cerro acima
 Vinte e quatro cegos vão:
 Cada cego com seu moço,
 E cada moço com o seu cão,
 E cada cão com o seu cesto,
 E cada cesto com o seu pão.
 E o pão'stá quente do forno,
 Não pode a cadela com tanto
 cachorro.
 (Portimão, CPP I, pág. 87)

§I-643
 Por cima daquela serra
 Vinte e cinco cegos'stão.
 Cada cego tem seu moço,
 Cada moço tem seu cão,
 Cada cão teu seu gato,
 Cada gato tem seu rato,
 Cada rato sua espiga,
 Cada espiga seu grão.
 (V. Real, CPP I, pág. 88)

§I-644
 Quando em Belém se formou
 Um palácio de grande altura,
 Muita gente lá penou,
 Outra foi p'ra sepultura.
 Casa cheia tem fartura,
 Quem doba tem sarilho.
 Vai-se a galinha ao milho
 E quem paga são os pardais.
 Num burro com atafais
 Também se põem estribos.
 Na feira se vendem figos
 Para contentar os rapazes.
 No mar andam alcatrazes,

Todos lhe chamam gaivotas.
 E quem tem as pernas tortas
 Todos lhe chama calejos.
 Vão-se as digestões com desejos
 E as feridas com enguentos.
 Anda um moinho de vento,
 Quem faz a teia é a aranha.
 Oh! que cantiga tamanha
 Sem princípio nem fim!
 Um raminho de alecrim,
 Que se dá aos namorados.
 As armas são p'ra os soldados
 Também são p'ra os caçadores.
 Menina se tem amores
 Venha ao sério, e pode andar
 O pente pela cabeça
 E a flauta para tocar.
 Ah! que nariz tão malvado
 Criado com tal rigor.
 Muita gente lh'ô foi agabar,
 Para a bigorna d'um ferrador,
 Para a rabela dum arado
 E para cajado dum pastor.
 Tem mais de palmo e meio
 Que lhe chega até ao seio.
 (M. Douro, CPP I, pág. 88)

§I-646
 Sola, sapato,
 Rei, rainha
 Foi ao mar
 Pescar sardinha
 Para o filho
 Do Luís,
 Que está preso
 Pelo nariz.
 Salta a pulga
 Da balança,
 Dá um pulo
 E vai p'ra França.
 Os cavalos
 A correr,
 As meninas
 A aprender,
 A que for
 Mais bonita
 É que se há-de
 Esconder.
 (Lisboa; Tomar, CPP I, pág. 89)

§I-647
 Sorrobico, bico,

Quem te deu tamanho bico? Foi a velha chocalheira Com ovos e manteiga. E os cavalos a correr, E a as meninas a aprender E a que for mais bonita É que se vai esconder. (M. Canaveses, CPP I, pág. 89)	E já não sei dela. (Amarante, CPP I, pág. 90)	Comer não podia. (Lisboa, CPP I, pág. 91)
§I-649 Tenho uma roca De pau de figueira; Diz minha mãe Que não sou fiandeira; Diz meu pai: - Casar, casar. Diz minha mãe Que não tem que me dar; Diz meu pai Que me dá uma cabra; Diz minha mãe Que ela é brava; Diz meu pai Que a amansaremos. Toca, gaitero, Que nós dançaremos! (Guimarães, CPP I, pág. 89)	§I-651 Ave-Maria, Comer não podia: Adeus, padre, Até outro dia. (Porto, CPP I, pág. 90)	§I-662 Padre-Nosso, Comer não posso; Dai-me do nosso A ver se eu posso. (Matosinhos, CPP I, pág. 91)
§I-650 Varre, varre, nevoeiro, Para trás daquele outeiro, Que lá está João Ribeiro Com três postas de carneiro Para dar à cachorrinha, Cachorrinha derrabada. - Quem a derrabou? - Foi a ponta da navalha. - Que é da ponta da navalha? - Caiu ao rio. - Que é do rio? - Beberam-no as pombas. - Que é das pombas? - Foram pôr os ovos. - Que é dos ovos? - Comeram-nos os frades. - Que é dos frades? - Foram dizer a missa. - Que é da missa? - Já está dita. Barrela, barrela, barrela, Atrás da panela, Desanda-lhe o torno	§I-652 Ave-Maria, Tigela cheia, Barriga vazia. (V. Real, CPP I, pág. 90)	§I-663 - Padre-Nosso Rilha osso. - Rilha-o tu, Que eu já não posso. (V. Real, CPP I, pág. 91)
	§I-653 Ave-Maria, Tigela vazia, Queria mais caldo Mas não no havia. (s/i., CPP I, pág. 90)	§I-664 Pelo sinal Da santa carracha: Vinho maduro P'rá minha borracha.
	§I-657 Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, Para comer é que se faz isto! (Mértola, CPP I, pág. 91)	Pelo sinal Do bico real, Comi toucinho Não me fez mal; Se mais me desse, Mais comia; Adeus, padre, Até oitro dia. (Porto, CPP I, pág. 91)
	§I-658 Padre nosso, Caldo grosso. (Minho, CPP I, pág. 91)	§I-665 Salve-Rainha, Eu comer não tinha. Agora é vindima. Vida e doçura. Há uva madura. (T. Vedras, CPP I, pág. 91)
	§I-659 Padre Nosso, Caldo grosso; Rilha este osso Que eu já não posso. (Almeirim, CPP I, pág. 91)	§I-666 Salve-Rainha, Salta na vinha. Enquanto dura, Vida doçura; Em se acabando, Gemendo e chorando. (s/i., CPP I, pág. 91)
	§I-660 Padre-Nosso, Caldo grosso, Vai tu à missa Que eu não posso. (s/i., CPP I, pág. 91)	§I-667 A Maria-da-manta
	§I-661 Padre Nosso, Comer não posso; Ave-Maria,	

Tem os boches na garganta; Tem lume nos olhos E lenha nos cornos;	... (Sintra, CPP I, pág. 93)	Assim se amassa, Assim se peneira, Assim se dá a volta Ao pão da masseira.
Tem leite nas tetelíoiilas, Corre montes e vales E pés de altares E mata meninos aos pares. (C. Ansiães, CPP I, pág. 92)	§I-690 Era uma vez Uma vaca Vitória, Morreu a vaquinha E acabou-se a história. (Lisboa, CPP I, pág. 93)	- Peneiremos, Amassemos, Diz minha mãe Que nos reviremos. (C. Beira, CPP I, pág. 95-6)
§I-670 Colher de pau, Colher de ferro, Quem mentir Vai para o inferno. (Famalicão, CPP I, pág. 92)	§I-694 Eu fui lá, Deram-me um prato de ervilhas: Vim pelas escadas abaixo, Tudo se me tornou em mentiras. (Portimão, CPP I, pág. 94)	§I-711 Sarra, madeira Carapinteira; Sarramo-la nós, Que vimos de Cós. Apanhar cavaquinhas, Para fazer filhós: Uma p'ra mim, Outra p'ra vós. (Cadaval; Leiria, CPP I, pág. 96)
§I-673 Eu te amango, Eu te azango Com a perna Do meu frango. (Penafiel, CPP I, pág. 92)	§I-698 'Stá a minha história acabada, Minha boca cheia de marmelada. (V. Real, CPP I, pág. 94)	§I-712 Serra, Martinho, Cabeça de vinho, Olhos de mocho, Nariz pequeninho. (Guimarães, CPP I, pág. 96)
§I-674 Eu te inguiço Pela porta do caniço Que não cresças mais do que isso. (V. N. Famalicão, CPP I, pág. 92)	§I-699 'Stá a minha história dita E a tua boca cheia de furrica. (Cabeceiras Basto, CPPI, pág. 64)	§I-713 - Bichanininha gata, O que papastes tu? - Sopinhas de mel. - Não me guardastes nada? - Guardei, sim. - Com que as tapastes? - Com o rabo do gato. - Sape, sape, que te mato. (Óbidos, CPP I, pág. 96)
§I-683 Era um boi moirisco: Acabou-se a história, Não sei mais do que isto. (C. Basto, CPP I, pág. 93)	§I-705 Anda, burrinho, Para Azeitão, ... (Cadaval; Leiria, CPP I, pág. 95)	§I-716 - Cabra cega, donde vens? - De Castela. - Que me trazes? - Pão e costela. - Dás-me d'ela? - Não, que é para mim E p'rà minha velha Comer d'ela. (s/i., CPP I, pág. 96)
§I-684 Era uma vez Um cesto e uma canastra: Para conto já basta... (s/i., CPP I, pág. 93)	§I-706 Arre, burrinho, Para Azeitão, Que os outros Já lá vão Carregadinhos De feijão Para casa Do capitão. (s/i., CPP I, pág. 95)	§I-717 - Não me guardastes nada? - Guardei, sim. - Com que as tapastes? - Com o rabo do gato. - Sape, sape, que te mato. (Óbidos, CPP I, pág. 96)
§I-685 Era uma vez Um gato maltês; Construí um prédio, Não sei que mais fez. (s/i., CPP I, pág. 83)	§I-708 Arre, macho, que fais p'ra Faro Carregado de lenha de aro Com a canga e o arado E o menino de c... furado. (Loulé, CPP I, pág. 95)	§I-716 - Cabra cega, donde vens? - De Castela. - Que me trazes? - Pão e costela. - Dás-me d'ela? - Não, que é para mim E p'rà minha velha Comer d'ela. (s/i., CPP I, pág. 96)
§I-686 Era uma vez um homem Dentro duma canastra...	§I-709	§I-717

- Cabra cega,
 Onde vens?
 - De Vizela.
 - Que trazes de lá?
 - Pão e canela.
 - Dás-me dela?
 - Não; é para mim,
 É para a minha velha.
 - Zupe-te nela.
 (Guimarães, CPP I, pág. 97)
- §I-718
 - Cabra cega, donde vens?
 - Eu venho de Guimarães.
 - Que trazes de venda?
 - Pão e canela.
 - Dás-me de merenda?
 - Ficou-me na venda;
 Bubi-a de vinho.
 Agora me alembra.
 (Viseu, CPP I, pág. 97)
- §I-719
 - Cabra cega, donde vens?
 - Venho do moinho.
 - Que trazes?
 - Farinha e farelo.
 - Dá-me dela.
 - Não dou;
 Vai procurar quem te criou.
 (s/i., CPP I, pág. 97)
- §I-720
 Chi do coração,
 Da pipa do vinho,
 Da caixa do pão.
 (s/i., CPP I, pág. 97)
- §I-723
 Dai, dai, dai na doidinha:
 Que ela é vossa e não é minha.
 Dai, dai, tornai a dar,
 Que ela é de barro não se há-de
 quebrar.
 (Lagos, CPP I, pág. 97)
 Nota: «(...) bate-se nas fontes da
 criança com as mãos dela.»
- §I-725
 Esta barba barbadeira,
 Esta boca comedeira,
 Este nariz de picão,
- Estes olhos de ladrão,
 Esta testa de panela
 P'ra todos nós bater nela.
 (Maia, CPP I, pág. 97)
- §I-726
 Fazer mão de colherão,
 Para mexer papas no caldeirão;
 Fazer mãos de colherinha,
 Para mexer papas na caldeirinha;
 Fazer mão de colhereta
 Para mexer papas na caldeireta.
 (Portimão, CPP I, pág. 98)
- §I-727
 - Massaroco Cachifão,
 Dou-te uma massarocada
 Que te atiro ao chão!
 (s/i., CPP I, pág. 98)
- §I-728
 - Meranhinho gato,
 Que comêstais hoje?
 - Minguinhas de leite.
 - Guardastais-me delas?
 - Guardei, guardei:
 - Onde m'as posestais?
 - De trás da arquinha.
 - Com que m'as tapastais?
 - C'o rabo da gatinha.
 - Sape, sape!
 P'ra casa da madrinha,
 Que dá pão e sardinha!
 (V.N. Foz-Côa, CPP I, pág. 98)
- §I-729
 - Ó Fredrico!
 - Senhor meu?
 - Quelas águas?
 - Estão no prado.
 - Quem as guarda?
 - O Malpecado.
 - Que foste a fazer à vila?
 - A buscar a merendinha.
 - Què dela a que t'eu dei?
 - Por agulhinhas a troquei.
 - Pois què delas agulhinhas?
 - Meti-as no – do lobo.
 - Pois què delo lobo?
 - Vê-lo aqui, está bem gordo.
 (s/i., CPP I, pág. 98)
- §I-730
 Ó galinha, põe no ovo,
 Que a menina, papa-o todo.
 (Armamar, CPP I, pág. 98)
- §I-732
 Palminhas e mais palminhas,
 Que mãe-mãe dará maminhas,
 E o pai-pai, quando viel,
 Dará sopinhas de mel.
 (Madeira, CPP I, pág. 99)
- §I-733
 Palminhas, olaré, palminhas!
 A mamã dará maminhas,
 O papá, quando vier,
 Dará sopinhas de mel.
 (Lisboa, CPP I, pág. 99)
- §I-735
 Põe aqui, pintinha, o ovo
 Para o menino comer logo.
 (V.N. Foz-Côa, CPP I, pág. 99)
- §I-736
 Ponde, ponde, galinha, o ovo
 Ponde, ponde aqui todo:
 Cozido e assado no lar
 Que é para o menino papar.
 (Lagos, CPP I, pág. 99)
- §I-740
 Um e dois em Alborim,
 Três e quatro em latim.
 O rapaz que jogo faz?
 Faz o jogo de capão,
 Conta bem que vinte são.
 (Guimarães, CPP I, pág. 99)
- §I-741
 Uma velha do Serro do Oiro
 Tem uma gaita de pele de coiro,
 Com que ela ri, com que ela chora,
 Com que ela deita o seu mal fora.
 (Loulé, CPP I, pág. 99)
- §I-743
 ...
 O marantéu – tira o chapéu;
 ...
 (T. Moncorvo, CPP I, pág. 100)

§I-745 Bicha de al-rei, Põe as mãos p'ra o ar Senão matarei. (Vinhais, CPP I, pág. 100)	Tens tua mulher Debaixo do mar! Glu... glu... glu... (Lisboa, CPP I, pág. 101)	Nem esta por ser jasmim, Nem esta por ser cravina, Quero esta cá p'ra mim! (V. N. Foz-Côa, CPP I, pág. 103)
§I-746 Caracol, caracol, Põe os pauzinhos ao sol! (Lisboa, CPP I, pág. 100)	§I-761 Peru velho, Queres casar; Menina bonita Não hás-de lograr. (Lisboa, CPP I, pág. 102)	§I-774 Cheguei à janela Para ver quem vinha: Vinha uma saloia Pela rua acima;
§I-754 - Melrinha, melrosa, Tão bonita como a rosa, Que é dos ovos que lá puseste, Lá no cerro da Amorosa? - Lá pus um, lá pus dois, Lá pus três, lá pus quatro, Lá pus cinco, lá pus seis, Tornaram-se em dezasseis. (Portimão, CPP I, pág. 101)	§I-765 Sai, grilinho, Sai, grilão, Que andam os porcos No teu lameirão. (Guimarães, CPP I, pág. 102)	Seu pregão deitava Sua voz bem fina: - Quem compra os ovos, Também a galinha? - Venha cá, senhora, Venha cá p'ra cima, Tenho uma menina Muito doentinha.
§I-755 Minhoto, minhoto, Faze uma rodinha, Que eu te darei uma pitinha (s/i., CPP I, pág. 101)	§I-766 Sape, gato Lambareiro, Tira a mão Do sucareiro. (Porto, CPP I, pág. 102)	Os médicos dizem: - Tome cautelinha, Dê-lhe de comer Ovos e galinha.
§I-756 - Minhoto, minhoto, Que levas no goto? - Sardinha assada. - Quem ta assou? - Maria Gou-Gou.	§I-767 Sardão, pintão, Jogador da bola, Se quiseres pão quente, Salta cá fora... (s/i, CPP I, pág. 102)	Ao chegar ao canto, Ao voltar a esquina, Quebraram-se os ovos, Fugiu-lhe a galinha. (Açores, CPP I, pág. 104)
Passou pelo rio E não se molhou, Comeu uma broa E não se fartou, Comeu um bolo E arrebentou. (Famalicão, CPP I, pág. 101)	§I-768 Sou a cabra cabriola Que corre montes e vales E come meninos aos pares. Tamém te comerei a ti, Se cá chigares. (Alentejo, CPP I, pág. 102)	§I-776 - Menina, que sabe ler, Também sabe soletrar, Diga lá, minha menina, Quantos peixes há no mar. - Quantos peixes há no mar, Inda lá não fui ao fundo. - Diga lá, minha menina, Quantos homens há no mundo.
§I-758 - Papagaio real, quem passa? - É o rei que vai à caça. (Lisboa, CPP I, pág. 101)	§I-769 Voa, voa, joaninha, Que teu pai'stá em Lisboa, Comendo rabinho de sardinha, E a tua mãe está em casa, Comendo caldo de galinha. (V.N. Gaia, CPP I, pág. 102)	- Quantos homens há no mundo, Nem todos usam chapéu. - Diga lá, minha menina, Quantas'strelas há no céu.
§I-760 Peru velho, Não hás-de casar,	§I-771 ... Var.: Não quero esta por ser rosa,	- Quantas'strelas há no céu, Inda lá não fui acima. - Diga lá, minha menina, Quantos gomos tem a lima.

- Quantos gomos tem a lima. Tem tantos como o limão. - Diga lá, minha menina, Amor do meu coração. (Lisboa, CPP I, pág. 105)	(Vouzela, CPP I, pág. 106)	Roda à gôcha Caracol e a carocha! (s/i, CPP I, pág. 108)
§I-777 Minha mãe tem, tem, Tripas a cozer Em Santarém. (B. Alta, CPP I, pág. 105)	§I-784 Minha mãe tem, tem Tripinhas a assar: Ou de tripa ou boches Hei-me de fartar. (Porto, CPP I, pág. 106)	§I-798 Tudo certo e certinho E a cegana paga o vinho! (s/i, CPP I, pág. 108)
§I-778 Minha mãe tem, tem Tripas a cozer: Não sei se as coma Se as vá vender. (Vouzela, CPP I, pág. 105)	§I-785 O lagarto mais a cobra Foram passear à fazenda; ... Foram passear ao rastolho: ... Foram passear à charneca: ... Foram passear ao restolho: O lagarto de albernó, ... Foram passear à charneca, ... (s/i, CPP I, pág. 106)	§I-800 Adeus, Mexilhoeira Grande, ... Ui! Bate palmas e palmitos, Tem cadelas, tem canitos! ... (s/i, CPP I, pág. 108)
§I-779 Minha mãe tem, tem Tripas a cozer Numa sertém. (B. Alta, CPP I, pág. 105)	§I-786 O lagarto mais a cobra Foram passear ao restolho, ... (s/i, CPP I, pág. 107)	§I-801 O pai do ladrão Era lavrador, Vendeu um arado, Comprou um tambor. Comprou um tambor De sim ou de não, Rapaz, furta a moça Que tens ocasião. Se a não furtares Ficarás lambão. (V. N. Cerveira, CPP I, pág. 108)
§I-780 Minha mãe tem, tem Tripas a cozer: Ó de tripó pó, Que me hei-de encher! (Porto, CPP I, pág. 105)	§I-789 Sameei no meu quintal Semente de malmequeres, Nasceu um burrinho branco Que é maldito p'ra mulheres! (s/i, CPP I, pág. 107)	§I-804 Papagaio louro, Do bico dourado, Leva-me esta carta Ao meu namorado. Ele não é frade, Nem homem casado, É rapaz solteiro Lindo como um cravo.
§I-781 Minha mãe tem, tem Tripas a cozer: Ou de tripas ou boches Hei-de me eu encher. (Porto, CPP I, pág. 105)	§I-790 Sameei no mê quintal A semente da cecuta: Nasceu uma burrinha branca Que balha bem a manzuca. (s/i, CPP I, pág. 107)	Lindo como um cravo, Lindo como a rosa... Toma lá cerejas, Dá cá uma gasosa. (Lisboa, CPP I, pág. 109)
§I-782 Minha mãe tem, tem Tripas a fritar: Não sei se as coma, Ou se as vá dar. (Porto, CPP I, pág. 106)	§I-794 P'rá frente! Que brinca a gente! Rola o pão, que é rolator. Todos têm, só é não, Nesta terra seu amor. (s/i, CPP I, pág. 107)	Variante de Portimão: Dá-me cá cerveja, Que eu te dou gasosa.
§I-783 Minha mãe tem, tem Tripas na caldeira; Não sei se as coma, Se as leve à feira.	§I-795	§I-823 Ó cana real, canário,

Ó cana verde, canela; Quem gosta dela sou eu, Quem gosta de mim é ela. (Feira, CPP I, pág. 112)	E quebrou a cantarinha: Vem tu cá, minha ciranda, Vem tu cá, ciranda minha.	Está à sombra, tem vagar. ... Ó ai, Carolina, ó ai! A folha da lata cai! ... (Melgaço, CPP I, pág. 116)
§I-828 Abre-te, ó cana da Índia, Que eu quero-te ver o meio, Há quem diga que me és falsa, Eu também o arreceio. (Viseu, CPP I, pág. 113)	A ciranda foi p'ró Porto Embarcada nu(m)a pipa: Se ela foi, deixá-la ir, Ela bem usada fica. (Alijó, CPP I, pág. 115)	§I-861 ... Baila o bailarico À luz da candeia, ... (Lamego; Lisboa, CPP I, pág. 117)
§I-829 Abre-te, ó cana da Índia, Quero-te ver a raiz, Quero seguir o intento Que o meu coração me diz. (Viseu, CPP I, pág. 113)	§I-856 Esta moda da ciranda É uma moda bem ligeira, Faz andar as raparigas Como o trigo na joeira.	§I-862 A pombinha branca leva Um raminho de alecrim Vai voando, vai dizendo: - Lindos olhos tem o Joaquim. ... A pombinha branca leva Uma flor de cor do mel, Vai voando e vai dizendo: - Lindos olhos tem Manuel. (Lisboa, CPP I, pág. 117)
§I-841 Ó minha caninha verde, Ó meu doce belindrinho, Eu venho aqui de tão longe P'ra te alumiar o caminho.	Ó ciranda, ó cirandinha, Toca, toca a cirandar: Vamos dar a meia volta, Se é de vira, troca o par.	... A pombinha branca leva Uma flor de cor do mel, Vai voando e vai dizendo: - Lindos olhos tem Manuel. (Lisboa, CPP I, pág. 117)
Ó minha caninha verde, Ó meu Senhor do Padrão, Linda cara, lindos olhos Tem a rosa do Simão. (Mangualde, CPP I, pág. 114)	A ciranda por ter brio, Bebe por uma cabaça: O diabo da ciranda Até no beber tem graça!	§I-864 A rolinha se queixou Que lhe esbandalharam no ninho; A rola para que o fez Tanto à beira do caminho?
§I-842 Ó minha caninha verde, Ó meu verde carriço! Quero muito à minha sobra, Que é mãe do meu derriço!	A ciranda, por castigo, Bebe por um assobio: O diabo da ciranda Até no beber tem brio!	A rolinha se queixou Que lhe roubaram os ovos; Não nos puseras tu, rola, Tanto à vista dos olhos!
É a mãe do meu derriço, É a mãe do meu amor: Ó canavial do carriço, Canavial do amor! (Portimão, CPP I, pág. 114)	Ó ciranda, ó cirandinha, Eu hei-de ir ao teu serão, A fiar'ma maçaroca Do mais fino algodão.	A rolinha se queixou Que lhe roubaram o ninho; Não no puseras tu, rola, Tanto à beira do caminho! (Baião; Penaguião, CPP I, pág. 118)
§I-843 Ó minha caninha verde, Ó minha salta-paredes: Inda me hás-de vir às mãos, Como o peixe vem às redes! (Douro, CPP I, pág. 114)	Gosto muito da ciranda, Só pelo andar à roda: Lá dará contas a Deus Quem inventou esta moda! (V.N. Gaia, CPP I, pág. 116-17)	§I-865 A rolinha, sim, sim, sim, Caiu no laço, meu bem;
§I-855 A ciranda foi à fonte	§I-858 A dança da Carrasquinha É dançada assim ao lado; ... (Trás-os-Montes, CPP I, pág. 116)	A rola se vai queixando Que lhe tiraram no ninho; ... A rola se vai queixando Que lhe tiraram os ovos;
	§I-860 A moda da Carolina Quem a havia de inventar! A folha do limoeiro,	

Não os puseras tu, rola,
Tanto à vista dos olhos.

Rola o pombo, rola a pomba,
Rola o pombo rolador;
Todos têm, só eu não tenho,
Todos têm o seu amor.
(Gondomar, CPP I, pág. 118)

§I-867

...
Que o balão é levinho
Como a pena do pavão.
...
(Algarve, CPP I, pág. 119)

§I-873

...
Água leva o regadinho,
Água rega o alecrim;
Enquanto rega e não rega,
Vira-te p'ra mim, Joaquim.
...
(C. Beira, CPP I, pág. 119)

§I-876

...
Auga leva o regadinho,
Rega o milho pela folha;
...
Auga leva o regadinho,
Rega o milho pelo pé;
Eu vou para ti, tu foges,
Eu não sei o que isto é!
...
Auga leva o regadinho,
Vai regar e vai regar
O milho do lavrador,
Que está todo a secar.
(V.N. Gaia, CPP I, pág. 120)

§I-877

Ai do lírio branco,
Ai do lírio roixo;
...
Ai do lírio roixo,
Ai do lírio branco;
...
(A. Valdevez, CPP I, pág. 120)

§I-878

Alecrim,

Alecrim aos molhos,
Por causa de ti
Choram os meus olhos.

Meu amor,
Quem te disse a ti
Que a felor do monte
Que é o alecrim?

Alecrim,
Alecrim dourado,
Que nasce no monte
Sem ser semeado!
(s/í, CPP I, pág. 121)

§I-879

Alegra-te, cão Carochó,
Que amanhã tens barrigada:
Já morreu o chibo mocho,
Filho da cabra azulada.

Alegra-te, cão Carochó,
Que amanhã tens fartadela:
Já morreu o chibo mocho,
Filho da cabra amarela.
(Alandroal, CPP I, pág. 121)

§I-881

...
Há muito que não vi Ana,
Nem ao jantar nem à ceia;
Que é da minha rica Ana,
Que é da minha casa cheia?
(V.N. Gaia, CPP I, pág. 121)

§I-884

Ao passar do ribeirinho,
Água sobe e água desce:
Nem a-i-água mata a sede,
Nem o meu amor me esquece.

...
(Barroso, CPP I, pág. 122)

§I-890

Bate, padeirinha,
Bate pão de ló.
Bate bem batido,
Duma banda só.

Bate, padeirinha,
Bate, prenda amada,
Bate ligeirinha;

Acerta a pancada.

- Onde vens, ó padeirinha,
Com o caldeiro na mão?
- Fui ao forno buscar brasas
Para acender o fogão.

Ora bate, padeirinha,
Ora bate o pé no chão;
Ora bate padeirinha,
Amor do meu coração.

- Onde vais, ó padeirinha,
Com a cântara na mão?
- Vou à fonte buscar água
Para amassar o meu pão.

- Para amassar o teu pão
Dá-me dele um bocadinho;
Não me vou daqui embora
Sem me dares um beijinho.
(Guarda; Lisboa, CPP I, pág. 123-4)

§I-891

Onde vais, ó padeirinha,
Vais hoje tão asseada!
Eu gosto mais de te ver
Com a saia enfarinhada.

A moda do Maripum
Quem a havia de inventar?
Foi a filha da padeira
Quando estava a peneirar.

Ora bate, padeirinha,
Ora bate o pé no chão;
Ora bate, padeirinha,
Amor do meu coração.
(Guarda e Beiras, CPP I, pág. 124)

§I-895

Ora vai do vira,
Eu hei-de virar
Um copo de vinho
Do fundo p'ro ar.

...
Ora vai do vira,
Da casca da noz,
Eu sou pequenina
Mas chego p'ra vós.
(Barcelos, CPP I, pág. 125)

§I-897

Botei o limão ao poço,
Foi ao fundo criou rama;
Inda não tenho amores,
Já me quereis pôr fama.

Botei o limão correndo,
À tua porta parou;
Quando o limão tem amores,
Que fará quem o botou?...
(M. Canaveses, CPP I, pág. 125)

§I-898

Cantando, Manuel, dançando,
Quem tem ervilha tem grão.
Não venhas à minha casa
Por via de meu irmão.

Cantando, Manuel, dançando,
Quem tem ervilha tem pó.
Não venhas à minha casa
Por via da minha avó.

Cantando, Manuel, dançando,
Quem tem ervilha tem trigo.
Não venhas à minha casa:
Não quero casar contigo.
(Portimão, CPP I, pág. 125)

§I-900

Chora a videira,
A videirinha chora,
Pelo seu amor
Que se vai embora.

Chora a videira
E torna a chorar,
Pelo seu amor
Que se vai a andar.
(Ídanha-a-Nova, CPP I, pág. 126)

§I-901

Chora a videira,
Ó videirinha,
Chora a videira,
Ó vida minha.

Chora a videira,
Ó videirão,
Chora a videira,
Meu coração.
(Chaves, CPP I, pág. 126)

§I-902

Chora a videirinha,
Videirinha chora
Pelos seus amores,
Que se vão embora.

Chora, videira,
Ó videirinha!
Chora, videira,
Ó prenda minha!

Chora a videirinha,
Deixá-la chorar,
Pelos seus amores
Que a vão deixar.

...
Chora a videirinha,
De penas que tem;
Eu choro se estou
Longe do meu bem.
...
(Ponte de Lima, CPP I, pág. 126)

§I-903

Da palmeira nasce a palma,
Da palmeira nasce o botão;
...
Da palmeira nasce a palma,
Da palma nasce o palmito;
Tu és amor da minh'alma:
Já o disse e tenho dito.
(Alandroal, CPP I, pág. 127)

§I-904

Dá-me a a tua mão esquerda,
Que a quero apertar;
A direita não ta dou,
Que já não ta posso dar...

Ó limão,
Ó verde limão,
Solteirinha sou,
Ai meu coração!

Ó limão,
Ó verde limão,
Amor da minha alma,
Dá-me a tua mão!
(A. Valdevez; Guarda, CPP I, pág. 127)

§I-905

Das flores que há no bairro
A papoila é a rainha;
...
Das ervas que há no bairro
O saramago é o rei;
...
(Ovar, CPP I, pág. 127)

§I-906

Das flores que há no campo
O rosmaninho é rei;
...
No alto daquela serra
O rosmaninho é rei;
...
Do alto daquela serra
O rosmaninho é rei:
...
(Ovar, CPP I, pág. 127)

§I-908

Debaixo desta ramada
Nem chove, nem faz orvalho;
...
Debaixo desta ramada
'Stou à sombra, 'stou ao sol;
...
Debaixo desta ramada
Videirinhas dão anéis;
Por via de ti, menina,
Padeço penas cruéis.
(Minho, CPP I, pág. 128)

§I-910

Deixa-te estar, maçãzinha,
À sombra da macieira;
Se te deixas abanar,
Já não achas quem te queira.

Já não achas quem te queira
À sombra do alvoredo;
Não te deixes abanar,
Que até no amor há medo!
(Seia, CPP I, pág. 128)

§I-911

Despedida, despedida,
Como fez o milharoco,
Ele se despediu cantando,
Deixou as penas no choco.
...

(Aladroal; Évora, CPP I, pág. 128)	Corri-o de nó em nó; Desejava, amor saber Se me amas a mim só.	Já te tenho dito Que ao poço não vás. (Portimão, CPP I, pág. 135)
§I-912 Deste-me uma pera verde, Para eu amadurar. Pera verde, ó da verde pera, Pera verde não m'há-de enganar. Pera verde não m'há-de enganar, Pera verde não me engana, não. Deste-me uma pera verde, Ai, amor do meu coração. (O. Hospital, CPP I, pág. 128-9)	- Eu subi ao alto freixo, Corri-o de nó em nó; O agrado é para todos, O amor é p'ra ti só (Serpa, CPP I, pág. 132)	§I-942 Já um rico quis entrar Lá no Céu a um cantinho. O Senhor lhe respondeu: - Vá vender trigo a quartinho. ... (Castro Verde, CPP I, pág. 135)
§I-913 Do céu caiu um suspiro, Partiu o pé açucena; ... Do céu caiu um suspiro, No ar se desfarinhou; ... (Évora, CPP I, pág. 129)	§I-928 ... Eu vi a Amélia No pinheirinho, ... Eu vi a Amélia No laranjal, ... Eu vi a Amélia Na oliveira ... (V. Castelo, CPP I, pág. 132)	§I-946 - Lá te mandei um raminho De alecrim por aparar; Se tu tens outros amores, Manda-me desenganar. ... - Lá te mandei um raminho Colhidinho em Janeiro, Atado com fio cru; O retrós custa dinheiro...
§I-914 ... - Onde vens, Maria? - Venho do Pinhão, De lavar a roupa Mesmo sem sabão. (Barcelos, CPP I, pág. 129)	§I-929 Fui acima ao castanheiro, Fui colher uma castanha. Tu dizes que me namoras: Oh! que mentira tamanha! (Covilhã, CPP I, pág. 133)	Lá te mandei um raminho, Leva silva que é prisão; Também leva lírio roxo, Que é sinal de apartação.
§I-919 Estes rapazes d'agora Foram à noite ao café, Por causa das raparigas Armaram lá um banzé. (s/i, CPP I, pág. 130)	§I-930 Fui acima ao marmeleiro, Fui colher uma gamboa; S'eu deixava o meu amor, Essa sim que estava boa! (R. Monsaraz, CPP I, pág. 133)	Lá te mandei um raminho, Que inda agora foi cortado, Inda vai orvalhadinho Das lágrimas que tenho chorado.
§I-923 Eu já vi'star a saloia Na praça a vender toucinho: Deitava por contrapeso As asas dum passarinho.	§I-937 Já lá vai o Sol abaixo No fundo duma caneca; Vai um amor e vem outro, Nunca vi coisa mais certa! (Amarante, CPP I, pág. 134)	- Aceito este raminho, O aceitar é cortesia... O amor com que me tratas Será pago algum dia. (M. Canaveses, CPP I, pág. 136)
Eu já vi'star a saloia Na praça a vender sabão: Deitava de contrapeso As asinhas dum pavão. (Lisboa, CPP I, pág. 131)	§I-941 Já te tenho dito Que não vás ao poço; Toma lá dinheiro, Ajusta um moço.	§I-948 Laranjeira carregada De laranjas, de limões! Já não há quem queira amar Estes nossos corações.
§I-926 - Eu subi ao alto freixo	Ajusta um moço, Ajusta um rapaz.	Estes nossos corações, Dentro dum prato lavado.

Muito bem parece a rosa Ao pé do seu namorado! (s/i, CPP I, pág. 136-7)	Tapar as bocas ao mundo.	'Stá um galeão que é meu, ... Na praça da Figueira 'Stá um gato dando gritos, ... Na praça da Figueira 'Stá um gato pendurado ... (Portimão, CPP I, pág. 141)
§I-950 Lòreiro, berde lòreiro, A baga é o teu fruto, Foste o meu amor primeiro, Deixar-te custou-me muito.	Minha maçã vermelhinha, Picada do rouxinol, Se não fora picadinha, Era linda como o Sol.	§I-965 Não te encostes à parreira, Que a parreira deita pó; Encosta-te ao meu peitinho: Sou solteira, vivo só. ... (Porto, CPP I, pág. 131)
Lòreiro, berde lòreiro, Lòreiro do pé da fonte, Por amor de ti, menina, Muito sapato se rompe. (Baião, CPP I, pág. 137)	Minha maçã vermelhinha, Que ma deu um caiador; Há dois anos já que a tenho, Inda não perdeu a cor.	§I-968 ... No outro lado do rio Tem meu pai um castinheiro: Dá castanhas em Agosto, Uvas brancas em Janeiro.
§I-951 Manjerico, Ó meu manjerico, Se te vais embora Eu aqui não fico.	Minha maçã vermelhinha, Que m'a deu um carpinteiro; Há três anos que a tenho, Inda não perdeu o cheiro. (Ponte do Lima, CPP I, pág. 140)	No outro lado do rio Tem meu pai uma latada, Que dá castanhas e nozes, Aguardente refinada... (A. Valdevez, CPP I, pág. 142)
Manjerico, Meu manjericão, Amor da minha alma, Dá-me a tua mão. (Estremadura, CPP I, pág. 137)	§I-961 Minha mora madurinha Diz-me, quem te madurou? Foi o sol e o calor E a sombra que te apanhou?	§I-970 O amieiro do rio Dá-lhe o vento belangueia; ... O amieiro do rio Deixa passar os peixinhos: ... O amieiro do rio Perguntou ao do ribeiro ... O amieiro do rio Tem a sua dor, ... O amieiro do rio Também tem sua criada: Eu também tenho a minha De aguardente refinada. (M. Canaveses, CPP I, pág. 142)
§I-952 Manjerico, vira a folha Sentinela, sentinela: Eu morro duma paixão, Se te não logro, donzela!	A sombra que te apanhou Lá no meio da calçadinha; Anda cá, ó silva verde, Minha mora madurinha.	§I-971 Ó amor, que assim te enleias
Se te não logro, donzela, Se te não logro, amor! Manjerico, vira a folha, Sentinela, meu amor! (Avis, CPP I, pág. 138)	Mora verde, não me prendas, Olha que me não seguras; Olha que eu tenho quebrado Outras cadeias mais duras.	
§I-958 Menina, que leva a bilha, Veja lá se a bilha entorna; Vá levar a bilha a casa, Venha p'ra dançar a morna. ... (Melgaço, CPP I, pág. 139)	A morinha bate, bate, Eu bem na ouço bater Com a rama no telhado, P'ra o meu amor entender. (V. Pouca Aguiar, CPP I, pág. 140)	
§I-960 Minha maçã vermelhinha, Navega, não vai ao fundo; Inda que eu queira, não posso	§I-962 ... Tua mãe é bruxa Tenho medo dela. Tenho medo dela, Porque ela me come: Tua mãe é bruxa, Teu pai lobisome. (Nisa, CPP I, pág. 140)	
	§I-963 Na praça da Figueira	

À volta do acipreste, ... (Porto, CPP I, pág. 142)	A palha barata. Sim, meu bem! A palha barata. ... (P. Varzim, CPP I, pág. 144-5)	Ó Maria Nova, De saia rasgada Deixaste-a na venda Por meia canada. (Barcelos, CPP I, pág. 147)
§I-973 ... Inda que seja em demanda Inda que em demanda seja, Hei-de amar esses teus olhos, Minha cara de cereja. Minha cara de cereja, Minha cara de limão, Hei-de amar esses teus olhos, Amor do meu coração. (Alentejo, CPP I, pág. 143)	§I-982 O maldito do picanço Foi acima da figueira, Com o bico, pica, pica, E o rabo beja, beja. O maldito do picanço Em cima do alecrim, Com o bico beija, beija, E o rabo assim, assim.	§I-989 ... O Manuel da Horta Lá vai p'rá sachada, C'u(m) meia rota, Outra remendada A Maria Rita Lá vai p'rá sachada, Chapéu à vareira, Saia recortada.
§I-976 O frade foi ao moinho, Trouxe farinha na c'roa Para levar de presente Às meninas de Lisboa.	O maldito do picanço Em cima do hortelão, Com o bico pica, pica, E o rabo que não, que não. (Portimão, CPP I, pág. 145)	O Manuel da Horta Vai para Coimbra ... O Manuel da Horta Lá vai p'ra Viseu, ... (Douro, CPP I, pág. 147)
O frade foi ao moinho Veio carregado de farinha, Para fazer um bolinho Para dar a uma menina. (Nisa, CPP I, pág. 143)	§I-985 Ó malhão, malhão, Que vida é a tua? Comer e beber Ai, trim, tim, tim, Passear na rua. ... (Douro, CPP I, pág. 146)	§I-991 ... O meu amor e o teu Andam no cais da Ribeira, Anda o meu à erva doce, O teu à erva cidreira. ... (V. Conde, CPP I, pág. 148)
§I-978 ... O ladrão do meio Está preso à estaca, À espera que venha A palha barata. ... A palha espanhola. (Guarda, CPP I, pág. 144)	§I-986 ... Ó mar manso na baía; Todas as caras trigueiras Têm sua galantaria. ... (Ilha S. Jorge, CPP I, pág. 146)	§I-997 ... João Farrapão Lá vai pela'strada Vendendo sardinha, Tocando guitarra. (Minho, CPP I, pág. 149)
§I-979 O ladrão do meio É bem bonitinho, ... O ladrão do meio É parvo e é louco, Parece a galinha Quando está no choco. Sim, meu bem! Quando está no choco ... Está preso à'staca, À espera que venha	§I-987 Ó Maria Augusta, Olha o que te digo: Olha que o Loureiro Não casa contigo! ... Olha que o Loureiro Não é mais do que eu! (Almeida, CPP I, pág. 146-7)	§I-998 Ó minha menina, Raminho de murta, ... (Barroso, CPP I, pág. 150)
	§I-988	§I-1000 Ó pavão, real pavão, Bás-te imhora, ainda não;

Bás-te imhora, adeus, adeus, Amor do meu coração.	As mentiras são dos homens, As verdades das mulheres. (M. Canaveses, CPP I, pág. 151-2)	Ao pombal de São João. Ao pombal de São João, Ao pombal de São José, Os pombinhos da Catrina Andaram de pé em pé.
Ó pavão, real pavão, Lindas penas que ele tem; Não há olhos que me agradem Como são nos do meu bem!	§I-1009 Olha a pombinha, Caiu no mar! Leva-a para casa, Deixa-a lá ficar.	Andaram de mão em mão, Andaram de pé em pé; Foram ter à quinta nova, Ao pombal de São José. (C. Rainha, CPP I, pág. 153)
Como são nos do meu bem, Como são da minha amada; Pavão, ó real pavão, Rosa branca e encarnada. (V. Pouca Aguiar, CPP I, pág. 150)	Olha a pombinha, Caiu no laço! Dá-me um beijinho, Que eu dou-te um abraço. (Évora, CPP I, pág. 152)	§I-1015 Os sete-estrelas caíram, Deram na beira da couve; Quem me dera assim cair No coração de quem me ouve!
§I-1004 ... O verde gaio passou À sua porta a pedir, Num sei se queria ismola Se cama para dormir... ... (V. Pouca Aguiar, CPP I, pág. 151)	§I-1010 Olha a rola, olha a rola, Onde foi fazê'lo ninho! Por baixo da laranjeira, No mais alto ramalhinho. Olha, olha a rola, Fê'lo ninho na ramada: Quem quiser caçá'la rola Fale co'o meu camarada.	Os sete-estrelas caíram, Deram na beira do tanque: Quem aqui vem de tão longe Já me tem amor bastante. (Baião, CPP I, pág. 153)
§I-1006 Oh que lindos olhos Tem a padeirinha! Tão mal empregados De andar à farinha!	Olha a rola, olha a rola, Fê'lo ninho no alecrim; Quem quiser caçá'la rola Fale co'o o meu Joaquim.	§I-1016 Papagaio, olha a rola, Olha a rola, coitadinha, Quem quiser amar a rola, Vá lá em baixo à cozinha.
Oh que lindos olhos Tem o meu José! Tão mal empregados De andar ao café!	A rolinha a andar, andou, Caiu no laço, logo lá ficou.	Lá em baixo é que ela mora, ... (Lamego, CPP I, pág. 153)
Oh que lindos olhos Tem o meu João! Tão mal empregados De andar ao carvão! (s/i, CPP I, pág. 151)	- Dá-me um abraço? – Coisa que eu não faço. - Dá-me um beijinho? Lindo amor, num dou. (s/i, CPP I, pág. 152)	§I-1018 Pegue lá este raminho De alecrim por aparar; Se não for ao seu agrado, Tornará-mo a mandar. ... Pegue lá este raminho De folhas de castinheiro Atado com linhas pretas, O retrós custa dinheiro.
§I-1007 Oh que pinheiro tão alto! Quem lhe há-de colher a rama? ... Oh que pinheiro tão alto! Quem lhe há-de colher as pinhas? ... Oh que pinheiro tão alto, Com um ramo d'oiro na ponta! ... Oh que pinheiro tão alto! Que bom pau para colheres!	§I-1013 Os janotas d'agora Já não vão ao botequim, Para guardar o dinheiro, Para mantas de cetim... ... (M. Canaveses, CPP I, pág. 153)	Pega lá este raminho Que no meio leva goivos; Este ano conversaremos, P'rò ano seremos noivos. Pegue lá este raminho
	§I-1014 Os pombinhos da Catrina Andaram de mão em mão; Foram ter à quinta nova,	

De rainhas e morangos; Este ano conversaremos P'ró ano'staremos ambos. (A. Valdevez, CPP I, pág. 154)	'Stá co' o bico pica, pica, E as asinhas fujo, fujo. (Silves, CPP I, pág. 156)	(V. Pouca Aguiar, CPP I, pág. 157)
§I-1019 ... Pelo mar abaixo Vai uma panela; Quem pega e não pega? Pega o dono dela. (Cinfães, CPP I, pág. 154-55) Var.: Tigela (Mínho).	§I-1027 ... Quem me dera estar No teu pensamento, Como está o sumo Do limão lá dentro. ... (V. do Alentejo, CPP I, pág. 156)	§I-1033 Salva da beira do rio, Alecrim da outra banda, Hei-de lograr os teus olhos, Inda que eu ponha demanda. Salva da beira do rio, De verde se está torcendo; Também tu, minha menina, De falsa me estás vendendo. (P. Lima, CPP I, pág. 158)
§I-1020 ... Pólo mar abaixo Vai uma canastra. Quem acod'ò fogo Em casa da cabaça! (s/i, CPP I, pág. 155)	§I-1028 Quem quiser comprar cabaços Vá lá acima à cabaceira; Vá comendo, vá bebendo, Vá metendo na algibeira. Já levaste um cabaço Colhido na cabaceira; Já te podes ir gabando Que não achas quem te queira. (Portimão, CPP I, pág. 157)	§I-1035 Se eu soubesse, Marianita, Que tu eras tecedeira, Havias-me tecer um ninho, Num tear de laranjeira. ... (Portimão, CPP I, pág. 158)
§I-1021 Por o mar abaixo Vai uma cabaça, Se ela leva vinho Leva toda a graça. ... Por o mar abaixo Vai uma galinha, Se ela leva ovos, Pitinha, pitinha. ... (Ponte do Lima, CPP I, pág. 155)	§I-1031 Rola a pomba, rola a pomba, Rola a pomba no pombal; Estes meninos de agora De nada se vão gabar. Rola a pomba, rola a pomba E rola o pombo também; A pomba, sem no pombinho, Nenhuma graça que tem! (Portimão, CPP I, pág. 157)	§I-1036 Se o loureiro não tivesse No meio tanta felor, Ai, ai, ai, Da minha janela eu via Os olhos ao meu amor. Se o loureiro não tivesse No meio tanta ramada, Ai, ai, ai Da minha janela eu via Os olhos à minha amada.
§I-1024 ... - Que andas a fazer. Ao sol e ao frio? - A rilhar num osso Como o cão vadio. (Porto, CPP I, pág. 156)	§I-1032 Rola a pombinha Lá no telhado; Bem no pombinho Põe-se de lado	Os olhos à minha amada, Os olhos ao meu amor, Ai, ai, ai, Se o loureiro não tivesse No meio tanta felor. (Ponte do Lima, CPP I, pág. 158-9)
§I-1026 ... Que passarinho é aquele 'Stá em cima do marmelo? 'Stá co' o bico pica, pica, E as asinhas quero, quero. Que passarinho é aquele 'Stá em cima do zambujo?	Rola a pombinha Lá na baranda; Bem no pombinho Põe-se de banda. Rola a pombinha Lá na'scaleira; Bem no pombinho Põe-se de esgueira.	§I-1037 ... Senhor Francisco Bandarra Não é homem, nem mulher; Ó tirum, ah! ah! Ó tirum, meu bem! É um pratinho de sopa, Que se come sem colher! ... (Aveiro, CPP I, pág. 159)

§I-1042	Hei-de pisar o montraste Dar-lhe o sumo a beber.	(s/i, CPP I, pág. 163)
- Senhora vizinha Prenda-me o seu galo Que me vai à horta Ô feijão foral.	Hei-de ir ao campo Apanhar montraste, Para dar ao amor Que se não agaste. (V.N. Foz-Côa, CPP I, pág. 161-2)	§I-1063 Quem me fora rato, rato, Que ratara pelo chão, Que ratara as maçarocas Às meninas do serão! (Guarda, CPP I, pág. 166)
- Ô feijão foral Eu não gosto disso; A sua galinha Tem o seu derriço.	§I-1049 ... A Tirana morreu ontem Deixou-me as chaves da adega, Deixou-me as pipas vazias E o vinho bebeu ela! (V.N. Gaia, CPP I, pág. 162)	§I-1065 - A felor da amendoeira É a primeira do ano; Estes teus olhos, menina, São nos primeiros que eu amo.
- Tem o seu derriço Você que se emporta? O galo à janela E a galinha à porta. (Portimão, CPP I, pág. 160)	§I-1052 Vai-te embora, António, Vai-te embora, vai; Deixa a padeirinha Que ela não tem pai. Que ela não tem pai, Que ela não tem não; Deixa a padeirinha Fazer bem o pão. (Guarda, CPP I, pág. 162)	- A felor da amendoeira É bonita ao nascer. Ficaste de boca aberta Sem saberes responder. (Portimão, CPP I, pág. 166)
§I-1044 Sou varina, sou varina, Oh, ai! Sou varina, sou de Ovar; Se eu sou varina ou não Oh, ai! Reparem p'rò meu trajar ... Reparem p'rà canastrinha; A andar de porta em porta: Oh, ai! Quem compra a bela sardinha? ... Quem compra a bela pescada? A vida dum varina, Oh, ai! É'ma vida amargurada. (Aveiro, CPP I, pág. 161)	§I-1053 - Valverde, Valverde, Valverde, trovisco, ... Já fui sordado, Servi a Rainha; Caçadores sete, Da farda curtinha. (s/i, CPP I, pág. 163)	§I-1066 - A minha sogra é um cântaro ... - Que não sou das melhores prendas Tu já bem o sabias, Porque és uma boa besta Que bebes água nas pias. (s/i, CPP I, pág. 166)
§I-1047 Tanto limão, tanta lima, Tanta laranja no chão: Tanta menina bonita, Nenhuma na minha mão. Tanto limão, tanta lima, Tanta silva, tanta amora: Tanta menina bonita, Só meu pai sem u(m)a nora! (Norte, CPP I, pág. 161)	§I-1054 Venho da beira do rio De regar o meu nabal: Já cá trago u(m)a folhinha No laço do avental (Baião, CPP I, pág. 163)	§I-1067 A silva que me prendeu No teu silveiral nasce, ... - Ó montraste cuidadoso, Grande cuidado me dais: ... (Barcelos, CPP I, pág. 167)
§I-1048 Tenho o amor agastado, Não sei que lh'hei-de fazer:	§I-1062 Quem me dera ser a pulga, Lá nas noites do serão, Apalpava as raparigas: Esta é gorda, Aquele não...	§I-1068 - Adeus, ó minha menina, Ó meu lindo girassol, ... (Penaguião, CPP I, pág. 167)
		§I-1069 ... - Lá te mando um ramico De dois cravos e dois goivos: Quer eis queiram, quer não queiram, Nos hemos de ser dois noivos! (Vimioso, CPP I, pág. 167-8)

- §I-1070
- Anda cá, meu bago de oiro,
Minha renda engomada:
No ventre da tua mãe
Já meu coração te amava.
...
(Nisa, CPP I, pág. 168)
- §I-1071
- Antre silvas e silvais
Água deve de nascer:
Menina, que vai à fonte,
Venha-me dar de beber.

- Eu a água bem lha dava,
Por o copo não lha dou;
Não quero que te tu gabes
Do que se outro não gabou.

- Oh que copo tão brilhante,
Oh que água tão virtuosa!
Quem na bebe, é um cravo,
Quem na dá é uma rosa.
(A. Valdevez, 168)
- §I-1072
- Aqui tenho este raminho,
Raminho de hortelão;
Quero que me diga, menina,
Quando me dá a sua mão.
...
- O «mostraste» é cuidadoso
Vós com ele me tratais.
...
(Barcelos, CPP I, pág. 168-9)
- §I-1073
- Entre canas e canais,
Água deve de nascer:
Menina que está na fonte,
Mandai-me dar de beber.

- Auguinha eu vo-la dou,
Pucarinho não vo-lo dou:
Não quero que vos gabeis
Do que ninguém se gabou.

- Oh que água tão gostosa!
As pernas assim serão;
Menina, dai-me licença
De ver que tais ela são.
- ...
(s/i, CPP I, pág. 169)
- §I-1074
- Entre folhas e caninhas
Água fresca há-de nascer:
Diga-me, ó minha menina,
Se me há-de dar de beber.

- O pucarinho é vidrado,
Tocadinho do amor:
Oh! quem fora tão ditosa,
Que desse água a tal senhor!
...
- Antes eu qu'ria ser cravo
Disposto pela raiz,
Do que ser enxovalhado
Duma porca que assim diz!
(Tarouca, 1876, CPP I, pág. 170-1)
- §I-1075
- O mentrasto é cuidadoso,
Vós nele não cuidais:
...
(s/i, CPP I, pág. 171)
- §I-1076
...
- As cantigas que cantaste
Mete-mas num grão de çanteo:
Se cá'stivesse o meu moço,
Mandava-te pôr o freio.
(Lamego, CPP I, pág. 171)
- §I-1077
- As cantigas que cantaste
Meti-as no forno frio;
Tu já não sabes cantar
Comigo ao desafio!

As cantigas que cantaste
Meti-as num assadeiro;
Tu já não sabes cantar,
Barbas de oiriço cacheiro.

As cantigas que cantaste
Meti-as no forno quente;
Tu já não sabes cantar
Diante de tanta gente!
(Nisa, CPP I, pág. 171-2)
- §I-1079
- Cala-te aí, boca aberta.
Cara de sardinha frita,
Vai dizer a Santo António
Que te faça mais bonita.

- Cala-te lá, boca aberta,
Barbas de cão perdigueiro:
Já vi andar teu pai
Às turras com um carneiro.
(Lamego; R. Monsaraz, CPP I, pág. 172)
- §I-1082
- Cantas bem, não cantas mal,
Barbas de chibarro velho:
Essas tuas cantiguinhas
Deito eu p'ra trás dum cerro!

- Cantas bem, não cantas mal,
Barbas de galinha choca:
Essas tuas cantiguinhas
Deito eu p'ra trás da porta.
(Algarve, CPP I, pág. 172)
- §I-1083
Cantastes m'u(m)a cantiga
Entr'o milho a regar:
Cantigas de beiras d'auga
Que reposta l'hei-de dar?
(s/i, CPP I, pág. 173)
- §I-1090
- Da figueira nasce o figo,
Do figo se faz a passa,
Diga-me lá em cantigas,
Ó menina, a sua graça.
...
- Por se erra uma cantiga
Não se deixa de cantar,
Também o bom caçador
Errou a peça no ar.

- Eu trago a minha colher,
Eu como que me desunho,
Cala-te daí, gaiato,
Qu'inda t'assoas ao punho.
...
(Serra da Ossa em 1941, CPP I, pág. 174)
- §I-1091
- Dá-me da tua merenda

Um bocadinho de pão: Eu vou para o Limoeiro, Eu te trarei um limão.	(Castro Verde, CPP I, pág. 176) §I-1102 ...	§I-1107 - Eu sou moiral das cabras, Das cabras do sor tenente; Dou-lhes voltas de repente, Digo-te destas gracinhas... Quando te venho cá ver, Ficam as cabras sozinhas.
- Traz' me de lá um limão, Do limoeiro azedo, Para tirar o fastio A quem mo causou tão cedo! (V.N. Foz-Côa, CPP I, pág. 174)	É bem certo que se diz Que quem porfia mata caça. ... - Na tua terra o centeio Malha-se com muita pancada; Tu também precisas delas Por seres desconfiada. Ainda te doem as pernas Depois de estares assentada? ...	- Eu não sou flor de jardim, Nem tão pouco de Jericó, E por môr de mim não deixes Todo o teu gado só.
§I-1094 Desafio, desafio, Desafio da navalha; A culpa tive-a eu Em me meter com canalha! (Nelas, CPP I, pág. 174)	- Já tinhas o pássaro na mão, Não o deixasses escapar... ...	- Eu venho-te ver é só Para matar o desejo. Eu de leite tenho muito Há-des-me fazer muito queijo.
§I-1095 ... - Desafio, desafio, Na ponta duma navalha, Eu nunca desafiei Com semelhante canalha. ... (Baião; Lamego, CPP I, pág. 174-5)	(Feira, CPP I, pág. 176-8) §I-1103 ... - Resolve-te, ó rapariga, Que eu te quero arreceber, Não me deixes mal contente, Que eu te darei de comer.	- Eu em queijo inda não peguei, Uma vez é a promeira; 'Stou em tempo de tomar'stado Que ainda estou solteira. ... - Panelinha, que estás no fogo, Acaba já de ferver; Quero fazer u(m)as sopinhas Para o meu amor comer. (Alentejo, CPP I, pág. 179-180)
§I-1098 ... - Despedida, despedida, Como fez o trigueirão, Despediu-se a cantar, Deixou-me as penas na mão. (s/i, CPP I, pág. 175)	- Tu darás-me de comer Ou pouco ou muito que tenhas: Inda não'stous resolvida, Nem'spero que tu cá venhas! (Lousada, CPP I, pág. 178)	§I-1109 ... - Por casar, casar, casar... Quem quer seria casado! Sustentar mulher e filhos É que troce a porca o rabo! (Cerveira, CPP I, pág. 180)
§I-1099 ... Mas tenho ouvido contar Que eles têm falinhas doces, Mas é só para enganar. ... (s/i, CPP I, pág. 175-6)	§I-1104 ... Eu de cá pareço um lírio Tu de lá um rouxinol. ... (Idanha-a-Nova, CPP I, pág. 179)	§I-1112 - Laranja no ramo, Ó do pé da laranjeira, Para cantar e bailar É que eu vim à brincadeira. É que eu vim à brincadeira, Com raminho de alecrim... ... (s/i, CPP I, pág. 180-1)
§I-1101 - Duas castanhas assadas, Dois copinhos de água ardente, Dois beijinhos numa moça. Faz'andar o rapaz quente.	§I-1106 ... - Eu já estive nos teus braços, Numa quinta para a sexta; Tinhas a faca na mão, Cortasses, não fosses besta!	
- Duas castanhas assadas, Dois copinhos de licor, Duas 'staladas na cara Também te hão-de dar calor!	- Eu procuro, mas não acho A espiga do milho-rei; Olha há que tempos, Maria, Eu já te não abracei! ... (Matosinhos, CPP I, pág. 179)	§I-1113 - Menina, que é tão esperta, Faça-me lá esta conta: Quatrocentos guardanapos,

Seis vinténs em cada ponta.	(Redondo, CPP I, pág. 182)	- Adeus, ó Maria coxa, Dá-me cá a tua mão. No dia do casamento Há-de se comer leitão. ...
- Quatrocentos guardanapos Tenho eu no meu tesouro, Seis vinténs em cada ponta, Quarenta moedas de ouro. (V. Conde, CPP I, pág. 181) Var.: Minha conta já'stá feita, Em cima do meu balcão: Quatrocentos guardanapos Quarenta moedas são – Castro Verde.	§I-1126 No resto desta cantiga, Torna o coelho à moita. Espera-me lá, meu amigo, Que inda te vou cantar outra. (Coimbrões, CPP I, pág. 184)	- Arrecebo o Manuelzinho Por meu homem verdadeiro. No dia do casamento Há-de se comer carneiro. ...
§I-1114 ...	§I-1127 - Nunca vi pinheiro torto Com a ramada direita: ...	(Alijó, CPP I, pág. 187)
- Antes eu queria ser povre, Cavar terra num balado, Que queria ser a esposa De tão reles namorado.	- O ano tem doze meses, E tem cinquenta luas; Tu, p'ra teres catorze tetas, Não te faltam senão duas... (s/i, CPP I, pág. 184)	§I-1140 ... - O que trago nesta mão, Nem é meu nem de meu pai; É do senhor seu marido Que de maduro já cai. (s/i, CPP I, pág. 188) Nota: «(...) em uma romaria. Manuel levava o seu pau enfeitado, na parte superior, com um chifre (...)»
- Antes eu queria ser cravo Enxertado p'la raiz, Qu'eu queria ser namorado Da velhaca qu'assim diz. (Oleiros, CPP I, pág. 181)	§I-1130 - Ó mancebo, ó mancebinho, Ó mancebo, ó mancebão, Inda ontem guardaste gado E hoje tens opinião!	§I-1141 ... - Espreitastes à minha porta Pois tens mais esse defeite! Devia-te a minha mãe Terar-te um para azeite. (s/i, CPP I, pág. 188)
§I-1115 ...	- Eu bem sei que guardei gado ... (s/i, CPP I, pág. 185)	§I-1143 - Pessegueiro abanado Antes da mão que do vento, Comigo tende-la fama Com outra passais o tempo.
- Antes eu qu'ria ser rosa, Enxertada na borrage, Do que ser um rapazinho Duma tão fraca linhage. ... (Baião, CPP I, pág. 181-2)	§I-1136 ... - Eu gosto de ti, Rosinha, E quero-te pela vida! O encanto dos meus olhos É ao fundo da barriga	- Pessegueiro abanado, Aqui'stá quem te abanou; Se queres casar comigo, Fala a quem me criou. (S. Maria de Basto, CPP I, pág. 188)
§I-1116 Menina, que sabe ler, Faça-m'esta conta bem: Um moio de trigo limpo Quantas meias quartas tem?	Sempre fui advertido. Pândego gosto de ser: Eu ainda estou solteiro, 'Sta noite arranjo mulher. (Melgaço, CPP I, pág. 186)	§I-1146 - Que linda noute que está Para apanhar ameixas; Quando eu estiver contigo Te conto as minhas queixas.
- Tu falas-me em trigo, Quem sabe se ele tem joio? Quatrocentos e oitenta Meias quartas tem um moio. (s/i, CPP I, pág. 182)	§I-1137 ... - Ó Serrana, ó serraninha, Ó prima minha do limoeiro! - Sim senhor, eu da serra sou Dançar não vou: não tenho dinheiro. (Alcáçovas, CPP I, pág. 187)	
§I-1120 Muita chama, pouca brasa Faz a lenha de figueira; Se vens a cantar por fama, Daqui não levas bandeira!	§I-1139 ...	- Contas-me as tuas queixas Quando estivermos sós,

Vamos pular a fogueira E comer os caracós. (s/i, CPP I, pág. 189)	... (s/i, CPP I, pág. 190)	(Porto, CPP I, pág. 190-1) Nota: «Da autoria do cego popular e analfabeto Nabiça, do Porto.»
§I-1148 - São pratos de prateleira, Uns tirados, outros postos: Tu cuidas, por me deixares, Que me dás alguns desgostos.	§I-1159 Vinho: Sou o luxo das tabernas, Dou grandeza aos arraiais, E também prazer a muitos Dentro de finos cristais.	§I-1160 Subi ao outeiro, E vi o Sol a beber: Precisa memória de anjo Quem te houver de responder! (Penafiel, CPP I, pág. 191)
- Tu dizes que não me queres Porque eu não tenho fazenda: Não é o teu pai tão rico, Nem tu tão linda prenda! (Monchique, CPP I, pág. 189)	Água: Sejam vasos de madeira, De louça fina ou cristal, A todos vou dar limpeza, Deixo a todos por igual.	§I-1162 Tenho um saco de cantigas Inda mais um guardanapo S'isto vai com desafio, Eu vou e desato o saco. (C. Beira, CPP I, pág. 191)
§I-1151 Se és galo, ribana a crista. Se és frango, larga a penuge; Se vens pera cantar comigo, Ata os sapatos e fuge! (Serra da Ossa, CPP I, pág. 189)	Outra virtude mais tenho De tão grande estimação: Que foi Cristo baptizado Com a água do Jordão; «S. João baptizou Cristo, Cristo baptizou João», Todo o império cristalino Ficou cheio de benção.	§I-1164 - Toma lá esta laranja, Que ela é doce, sabe bem; Amor, se não é teu gosto, Não falarei a mais ninguém.
§I- 1152 - Se fores à minha horta Na murta não me bulais, Que tem a folha miúda E mais miúdos são meus ais.	Com a mesma virtude Aos racionais baptizo, Para que possam entrar No celeste paraíso.	- A meu gosto não o é, ... (Mogadouro. CPP I, pág. 192)
- Eu hei-de ir à tua horta, A murta te hei-de colher; A murta dá-se a quem morre, Eu por ti hei-de morrer. (Bragança, CPP I, pág. 189)	Vinho: Basta que andas de rasto, Como a cobra no espinhado: Vagueias só pelo mundo E eu estou arrecadado.	§I-1165 - Tu de lá e eu de cá... Dois ouriços numa cesta: Nunca venceste demanda, Nem agora vences esta. ... (Paredes, CPP I, pág. 192)
§I-1155 Se queres cantar mais, Canta, canta, rapariga, Agora não te acompanho Porque me dói a barriga. (P. Lima, CPP I, pág. 190)	É ditado bem antigo E costuma-se dizer: Fazenda que anda de rasto, Pouco valor pode ter!	§I-1166 ... - Tu és um grande cantor, És um grande cantarina; Eu já tenho depenado Dois galos de maior crista! (V. Real, CPP I, pág. 192)
§I-1156 Se tu fôes à meu sobrado Não ponhas os pés no solho, A respeito à cantar Pôr as barbinhas de molho. (Feira, CPP I, pág. 190)	Água: No mundo nada se cria Sem a minha protecção, E tu me és obrigado Se conheces a razão.	§I-1168 - Uma cepa bem podada Vinte varas deve ter; Cada vara vinte cachos, Quantos cachos vem a ser?... - Eu sou filha dum letrado, Neta dum tabelião:
§I-1157 Sei um cento de cantigas E mais uma rasa cheia,	Não vês provas e mais provas Desta razão verdadeira? Que deixavas de ser vinho, Se eu não regasse a videira!	

Se nenhum cacho secar Quatrocentos cachos são! ... (Arruda dos Vinhos, CPP I, pág. 192)	(Baião, CPP I, pág. 194)	A quem me pede que eu cante. (Braga, CPP I, pág. 198)
§I-1169 - Uma velha cozeu papas E à noute deitou-as fora; Querem saber quem foi? A malvada minha sogra!	§I-1179 ... Canta o pastor na serra, Quando vem de ver o gado. (Ilha S. Jorge, CPP I, pág. 194)	§I-1243 ... Ouvi cantar uma pomba No coração de Maria. (Serpa, CPP I, pág. 200)
- Ó filho, não te admito Que de minha mãe tu troces. Porque, se dela não gostas, É melhor comeres troços. (s/i, CPP I, pág. 193)	§I- 1186 - Canta o artista na loja, Na forja canta o ferreiro; Canta o militar na batalha, Na taberna o taberneiro. (Vimioso, CPP I, pág. 194)	§I-1249 - Quem me dera uma lima Para limar a garganta, Para cantar como a rola. - Como a rola ninguém canta. (Idanha-a-Nova, CPP I, pág. 200)
§I-1171 - Vem cá, meu burrinho branco, Que te vou levar ao pó; Tens o nariz de pau preto, Rebuçado à enxó.	§I-1199 Da jinela da cidreira Me atiraram c'uma cidra; Se o cantar fizer perder, Toda a moça está perdida. (Baião, CPP I, pág. 196)	§I-1256 Quero cantar, ser alegre, Que a tristeza nada tem. Eu nunca via a tristeza, Dar de comer a ninguém. (C. Branco, CPP I, pág. 201)
Vem cá, meu burrinho banco, Que te quero levar à sardinha, Quero-te dar de buber Água borna com farinha.	§I-1200 Dai-me uma pinguinha d'água, Quero molhar a garganta, Eu sou como o rouxinol, Quando bebe logo canta. (Mafra, CPP I, pág. 196)	§I-1258 ... Cantando uma cantiga P'ra dar gosto à minha amada. (C. Verde, CPP I, pág. 196)
- Sapo concho d'antre a horta, Todo cheio de piolhos: Sai-te daqui, sapo concho, Que nos enches a nós todos.	§I-1208 ... Cantando uma cantiga P'ra dar gosto à minha amada. (C. Verde, CPP I, pág. 196)	§I-1269 Sei um saco de cantigas E mais uma rasa cheia, Para cantar aos meus amos Ao jantar e mais à ceia. (P. Coura, CPP I, pág. 202)
Vós bebestes a tamarga Para cantar e saber; Aqui está quem vos arruma Sem a tamarga beber. (s/i, CPP I, pág. 193)	§I-1222 Já me deram a beber Água da açucena branca Para cantar como a rola, Como a rola ninguém canta! (s/i, CPP I, pág. 198)	§I-1272 A azeitona galega Anda balhando no pio; Também vós, minha menina, Andais quebrando com brio. (C. Branco, CPP I, pág. 202)
§I-1173 Ai de mim, que já não posso Cantar como já cantei: Já bebi água de amores, Minha fala demudei. (P. Lima, CPP I, pág. 193)	§I-1223 Minha mãe é vareira, Eu com ela me criei: Vou cantar a «vareira», Que outra moda não sei. (Mirandela, CPP I, pág. 198)	§I-1284 Carvoeira, carvoeira, Carvoeira, sem carvão: 'Stamos para ver quem balha Na noite de S. João. (Tábua, CPP I, pág. 203)
§I-1177 Aqui, neste canto, canto, Aqui neste recantinho, Onde a pomba bate as asas, Onde a rola faz o ninho.	§I-1229 ... Só canto p'ra dar o gosto	§I-1285 Co'as moças bonitas

Lá'stá uma casa cheia: Por causa do bálhinho Deitaram-se sem ceia. (Algarve, CPP I, pág. 203)	§I-1323 'Stou farto de tirar água, Já tenho um tanque cheio; Dou um pontapé no balho Se me não levam ao meio. (Serpa, CPP I, pág. 207)	Coitados dos alfaiates Que têm de comer sardinhas. ... (Cabeceiras de Basto; Barcelos, CPP I, pág. 216)
§I-1286 Dançai, raparigas, Rapazes pimpões, Quais mós de moinho, Quais vivos piões. (V. Castelo, CPP I, pág. 203)	§I-1329 A viola do meu mano É do pau duma giesta; A viola é boa, Mas o tocador não presta. (Cabeceiras Basto, CPP I, pág. 208)	§I-1383 A vida dum almocreve É uma vida arriscada Ao subir duma ladeira E ao descer duma carrada. (Moura, CPP I, pág. 216)
§I-1291 Eu gosto da pera doce, Gosto dela bem madura; Eu gosto de dançar saias C'um rapaz da minha altura. (Nisa, CPP I, pág. 204)	§I-1335 As armas do meu adufe São de pau de laranjeira; Quem quiser tocar nele Há-de ter a mão ligeira. (Idanha-a-Nova, CPP I, pág. 208)	§I-1391 O meu amor é barbeiro Fá'la barba ao juiz C'uma navalha de prata E a água do chafariz. (Paredes, CPP I, pág. 217)
§I-1306 O verdegar à vareira É uma moda bem bonita; Todas as modas me esquecem Só o verdegar me fica. (Feira, CPP I, pág. 205)	§I-1336 Dá-me cá esse adufe, Qu'eu o farei retinir; ... (Idanha-a-Nova, CPP I, pág. 208)	§I-1392 O meu amor é barbeiro, Faz a barba ao juiz, Com uma toalha de renda, Lavada no chafariz. (Proença-a-Nova, CPP I, pág. 217)
§I-1308 Olha aqui o meu par - Que beleza de hortaliça! Se alguém mo vier roubar Eu vou falar co'a justiça. (s/i, CPP I, pág. 205)	§I-1343 Minha violinha nova, Feita de pau de colheres, Toda a vez que toco nela Faço dançar as mulheres. (Ponte Lima, CPP I, pág. 209)	§I-1393 O meu amor é barbeiro, Não é quem o mundo diz: Tem na loja no terreiro Virada p'rò chafariz. (S. J. Pesqueira, CPP I, pág. 217)
§I-1314 Quem tem gatos, tem gatinhos; Quem tem porcos tem presuntos. Oh! moças, levem-me ao meio, Por alma dos seus defuntos. (Serpa, CPP I, pág. 206)	§I-1345 Minha violinha nova Tem um buraco no meio, Que lho fizeram os ratos Cuidando que era centeio. (Ponte Lima, CPP I, pág. 209)	§I-1394 - Ó minha mãe, não me dê Com varas de marmeleiro, Que eu 'stou muito doentinha, Mande chamar o barbeiro. ... (Portimão, CPP I, pág. 217)
§I-1316 Raparigas e rapazes Venham todos ao terreiro, Entre pequenos e grandes Toda a palha faz palheiro. (V. Alentejo, CPP I, pág. 206)	§I-1379 Trabalha, rapaz, trabalha, Trabalha, faz'por ser home: Eu tenho ouvido dizer: - Que não trabalha, não come! (Vila de Rei, CPP I, pág. 215)	§I-1397 O meu amor é boieiro, Eu guardo gado miúdo; Bota p'ra cá os seus bois, Ajuntemos isso tudo. (Alcobaça, CPP I, pág. 218)
§I-1319 Se o Padre Santo soubesse O gosto que o fado tem, ... (Lisboa, CPP I, pág. 206)	§I-1380 Agora já não há ovos Que morreram as galinhas,	§I-1398 Se cortar's a oliveira, Dá-me um cajado ou dois,

Para dar ao meu amor Que é boieiro: guarda bois. (Salvaterra Magos, CPP I, pág. 218)	Num é por caçar o coelho, É por caçar a menina Do coletinho vurmelho. (Sinfães, CPP I, pág. 219)	Ao sábado leva o burro, Ao domingo traz dinheiro. (s/i, CPP I, pág. 221)
§I-1399 Sou boieiro, corto rama, Faço belas enramadas, Morra um homem, fique fama Defenda o seu camarada. (Nisa, CPP I, pág. 218)	§I-1407 Perdiz, ao alto! Ao alto! Que anda caçador na serra: Que el'tem um cano de prata, Aonde aponta não erra! (Guarda, CPP I, pág. 219)	§I-1426 Alfaiates não são homens, Sapateiros também não, Onde chega o cavador, Abre a terra, treme o chão. (Nisa, CPP I, pág. 221)
§I-1401 Meu pai é boticário, Minha mãe faz o remédio; Tenho botica de casa S'eu morrer é porque quero. (Penafiel, CPP I, pág. 218)	§I-1412 - Ó camponesa do campo, A como vende os feijões? - Quatro quartas um alqueire, À razão de seis tostões. (Montemor-o-Velho, CPP I, pág. 219)	§I-1427 Antes qu'ria ser soldado, Comer pão na munição, Que manter mulher e filhos Ao rabo do enxadão! (Baião, CPP I, pág. 221)
§I-1402 Sou cabreiro, guardo cabras, Toda a vida guardei gado; Tenho uma chaga no peito De me encostar ao cajado.	§I-1413 Sou uma moça do campo Vivo muito envergonhada; Centeio na minha terra Malha-se a muita pancada. (Melgaço, CPP I, pág. 219)	§I-1428 Não quero amor moleiro Que é officio de langão; Quero amor cavador: Cava a terra, treme o chão! (Cartaxo, CPP I, pág. 221)
§I-1403 Caçador que vai à caça, Não é por caçar a lebre, É por caçá-la menina Do coletinho alegre. (Braga; Sinfães, CPP I, pág. 218)	§I-1417 ... O sapateiro é macaco Que rói no cordovão. (Nisa, CPP I, pág. 220)	§I-1429 Ceifeira que andas à calma, No campo, a ceifar o trigo, Ceifa as penas que eu padeço; Ceifa-as, e leva-as contigo. (Serpa, CPP I, pág. 221)
§I-1404 Caçador que vai à caça, Não vai caçar o coelho, Vai por ver uma menina Do coletinho burmelho.	§I-1421 ... O meu amor é carreiro, Anda sempre no caminho. Eu quero um amor moleiro, Que está sempre no moinho. ... (Mesão Frio, CPP I, pág. 220)	§I-1430 Corta, minha foice, corta Neste pão que é pleininho; Quem houver de andar por outrem Tem que andar com cuidadinho. (Góis; C. Beira, CPP I, pág. 221)
Caçador que vai à caça, Não vai por colher a lebre, Vai por caçá-lo namoro Qu'anda na serra da neve. (s/i, CPP I, pág. 218-9)	§I-1424 Ó que lindos olhos Que tem o João, São mal empregados No pó do carvão. (V. Alentejo, CPP I, pág. 221)	§I-1431 - Eu hei-de ir à ceifa ao campo, Um ano só por meu gosto, Só p'ra ver as camponesas Em que água lavam o rosto. - Na água da melancia Colhida no mês de Agosto. (Tondela, CPP I, pág. 221) Var.: Com a folha da carqueja Colhida no mês de Agosto! (C. Beira)
§I-1405 Caçador que vai à caça, Não vai só pelo coelho, Também vai pela menina De seu colete vermelho. (Feira, CPP I, pág. 219)	§I-1425 Se eu tomar amores Há-de ser c'um carvoeiro.	§I-1432
§I-1406 Caçador que vai à caça,		

Hei-de ir à vossa segada, Minha linda segadeira, Hei-de vos atar os molhos, E vós sereis a vencelheira. (Terras de Miranda, CPP I, pág. 221)	§I-1439 - O meu amor e o teu Andam no Cais da Ribeira: O meu anda à erva doce, O teu à erva cidreira. (Braga, CPP I, pág. 222)	Belas lândeas avarejei. Entre os medos da cortiça Belos beijos apanhei. (Portimão, CPP I, pág. 223)
§I-1433 Menina, que anda à erva, Não se fira não se corte, Que as suas f'ridas, menina, Podem causar a minha morte. (Barcelos, CPP I, pág. 221)	§I-1440 O que dirá meu amor Amanhã em me avistando: - Ora adeus, como passaste, Onde é que andaste ceifando? (Castro Verde, CPP I, pág. 222)	§I-1458 A nossa cozinheiro d'oixe O seu caldo cheira bem; Di-nos u(m)a pinguinha dele P'rà i alma de quem lá tem. (Chaves, CPP I, pág. 224)
§I-1434 Minha mãe mandou-me à erva, De sapatos ao lameiro: Agradeço à minha mãe Tenha um genro sapateiro... (Lousada, CPP I, pág. 222)	§I-1441 Oh, que bela calma cai, Eu à sombra estou suando; Que fará o meu amor, Naquele campo ceifando! (Nisa, CPP I, pág. 222)	§I-1459 Ainda agora aqui cheguei Pus o pé na escaleira, Para dar as boas noites À senhora cozinheira. E a minha cozinheira E o seu caldo cheira, cheira, Cheira a cravo, cheira a rosa, E a flor de laranjeira.
§I-1435 Minha mãe mandou-me à erva, Eu à erva não hei-de ir; O lameiro tem buracos, Tenho medo de cair. (Baião, CPP I, pág. 222)	§I-1442 Oh que rica calma cai Em cima dos ceifadores! Quem fora ramo de palma Que cobria meus amores! (Idanha-a-Nova, CPP I, pág. 222)	E a senhora cozinheira E ela cozinhasse bem, E ela deixou a cozinha E foi a falar ao seu bem.
§I-1436 Minha mãe mandou-me à erva, Eu erva não sei segar; Mandou-me falar de amores, Eu de amores sei falar.	§I-1443 Por cima se ceifa o pão, Por baixo fica o restolho; Menina, não se namore De rapaz que pisca o olho. (s/i, CPP I, pág. 223)	Pastorzinhos que a viram E ela logo lhe acenou, E esse modo de acenar Foi quem a mim me enganou.
Minha mãe mandou-me à erva, Eu erva não sei segar; Mandou-me falar p'r'amores, Eu p'r'amores não sei falar. (Lousada, CPP I, pág. 222)	§I-1444 Se fôreis ceifar ao campo, Levai a vossa samarra, Ceifeis muito, ceifeis pouco, Fazende grande rasmalhada. (s/i, CPP, pág. 223)	E a senhora cozinheira E ela andava de avental; E ela deixou a cozinha E foi a falar ao quintal.
§I-1437 Não é a acêfa que mata, Nem os calores do Verão: É a erva unha-gata E o cardo beija-mão. (s/i, CPP I, pág. 222)	§I-1445 Sega, sega, seitorinha, Por esta palhinha rala, Quanto mais devagar ando, Quanto mais se me enrazalha. (Trás-os-Montes, CPP I, pág. 223)	E a senhora cozinheira E ela andava de jaqué; E ela deixou a cozinha E foi a falar ao José.
§I-1438 Não me mandeis à segada, Que eu não sei correr a eito; Mandai-me falar de amor Que eu p'ra isso tenho jeito. (M. Douro, CPP I, pág. 222)	§I-1449 Debaixo daquel'sobreiro	E a senhora cozinheira E ela cozinhasse assim, E ela deixou a cozinha E foi a falar ao jardim.

(Lousada, CPP I, pág. 224-5)	Ó minha mãe quem me dera O tempo qu' stá p'ra vir, O tempo das esfolhadas Para m'eu adivertir. (V. N. Gaia, CPP I, pág. 227)	Com a filha da fortuna. (S. Tirso, CPP I, pág. 228)
§I-1460 Eu fui ao fundo do mar Buscar pedras de ferir: Não há já quem tome amores Com criadas de servir! (ilha de S. Miguel, CPP I, pág. 225)	§I-1476 Quem me dera cá o Verão, O tempo das escamisadas, Para dar ao meu amor Maçãzinhas assadas. (Alcobaças, CPP I, pág. 227)	§I-1490 'Studante, vagante, Chapéu de alguidar, C'o sentido nas moças Num pode 'studar. (Cinfães, CPP I, pág. 228)
§I-1461 Eu não tenho que te dar, Sou criada de servir, Só se te der o meu corpo Para contigo dormir. (Feira, CPP I, pág. 225)	§I-1477 Quem me dera cá o Verão, O tempo das esfolhadas, Para comer co'as moças Quatro castanhas assadas. (Vila Real, CPP I, pág. 227)	§I-1493 Eu casei-me c'um ferreiro Fado tinha de passar: Gastei tudo quanto tinha Em sabão para o lavar. (Guimarães, CPP I, pág. 229) Var.: Gastei o meu dote todo – Barcelos.
§I-1462 Indàgora aqui chigui, Já me mandom assentar; Sou criada de servir Não me posso demorar. (Portimão, CPP I, pág. 225)	§I-1478 Quem me dera que viera O tempo que há-de vir O tempo das esfolhadas Para eu me adivertir. (Baião; Guimarães, CPP I, pág. 227)	§I-1496 O meu amor é ferreiro, Não é para desprezar: Tem o meu dote todo, E sabão para o lavar. (Minho, CPP I, pág. 229)
§I-1463 Mariquinhas, lava a loiça, Não penses que é mangação: Cada prato que quebrares Hás-de pagar um tostão. (Viana do Alentejo, CPP I, pág. 225)	§I-1479 Quem me dera que viesse O tempo das esfolhadas: Quero dar ao meu amor Quatro castanhas assadas. (Feira, CPP I, pág. 227)	§I-1497 O meu amor é ferreiro Trabalha na fundição: O dinheiro que ele ganha Num le chega p'rò sabão. (Baião, CPP I, pág. 229)
§I-1464 Ó Maria, lava a louça, Ó Maria, lava-a bem; Cada prato que quebrares Te custará um vintém. (Tavira, CPP I, pág. 225)	§I-1480 Tomara eu viera O tempo das esfolhadas, Para comer co'as moças Catro castanhas assadas. (P. Coura, CPP I, pág. 227)	§I-1501 Esta noite choveu neve Lá nas minhas alfacinhas; Todos logram seus amores, Só eu 'stou torcendo linhas! (Viana do Alentejo, CPP I, pág. 230)
§I-1465 Que bela sociedade Que me deu tão boa ceia! Hoje em dia ser criada Vale mais que fazer meia. (Alvaiázere, CPP I, pág. 226)	§I-1481 Tomara eu que viera O tempo que há-de vir, O tempo das esfolhadas Para m'eu adivertir (P. Coura, CPP I, pág. 228)	§I-1510 Tenho uma roca de pau de oliveira, Minha mãe diz que eu não sou fiandeira E eu barro a casa e lavo a louça E boto u(m)a vaca P'rà lama da touca. (s/i, CPP I, pág. 231)
§I-1466 Sou criada de servir, Não me posso demorar: Inda agora aqui cheguei, Já me mandaram chamar! (Vila de Rei, CPP I, pág. 226)	§I-1489 O meu amor é tunante, Ele há-de ir para a tuna, Vai comer quanto ganhou,	§I-1511 Tenho uma roca de pau de videira Diz minha mãe que eu sou fiadeira.
§I-1475		

Diz meu pai: - Casar, casar!	De cada galadela sai uma franguinha.	Que fazem tremer o chão. (Oliveira, CPP I, pág. 233)
Diz minha mãe: - Que não hai que le dar.	(Loures, CPP I, pág. 232)	§I-1519
Diz meu pai: - Um carneirinho...	§I-1515 Estava à janela para ver quem vinha:	Já não há quem queira dar Uma filha a um ganhão.
Diz minha mãe que está bravinho.	Vinha uma saloia pela rua acima.	Pensam que lhe há-de vir Das ilhas um capitão...
Diz meu pai: Amansaremo-lo...	Ela apregoava com a sua boquinha:	(Nisa, CPP I, pág. 233)
Diz minha mãe: - Assim le faremos! (Melgaço, CPP I, pág. 231)	- Quem merca os ovos e uma galinha?	§I-1520
§I-1512	- Anda cá, saloia, chega aqui os cestos,	Mais vale um ganhão
Mais valia ê ser fornêro	Eu te compro os ovos, se eles forem frescos.	Todo roto e esfrangalhado, Que valem trinta pandilhas
Ê fornêro haverá ser:	Tenho uma menina muito doentinha,	Dos que usam marrafa ao lado. (Portalegre, CPP I, pág. 233)
E'star à porta do forno	O médico manda dar caldo de galinha.	§I-1521
P'ra me poder aquecer. (Lagos, CPP I, pág. 231)	- Já lá vou, senhora, lá vou à janela.	O meu amor é ganhão,
§I-1513	Fugiu-lhe a galinha e foi atrás dela. (Arrentela; Seixal, CPP I, pág. 232)	Anda todo esfarrapado; Mais vale o meu ganhão
A mulher da aldeia	§I-1516	Que o teu de marrafa ao lado. (Mação, CPPI, pág. 233)
Quando foi à vila,	Fui para a janela, para ver quem vinha	§I-1522
Co'a cestinha de ovos	Vinha uma saloia, muito lavadinha,	Ó rapaz do boi Cadete,
E a galinha em cima,	Com uma cesta d'ovos, a galinha em cima.	Mais obras, menos razões...
Ao passar da ponte	- Ó mulher dos ovos, suba a escada acima:	Pareces um ramalhete
Caiu-le a cestinha,	Quanto quer pelos ovos, mais pela galinha?	No mêo dos outros ganhões. (Alentejo, CPP I, pág. 233)
Quebraram-se os ovos,	- Peço três mil réis, que eu sou pobrezinha.	§I-1523
Fugi'a galinha. (s/i, CPP I, pág. 231)	Ela chora, chora, triste, coitadinha!	Tenho vida de ganhão,
§I-1514	Ao descer da escada, ao virar da esquina,	Não te posso assistir:
Cheguei à janela, para ver quem vinha:	Quebraram-se os ovos, fugiu-lhe a galinha. (s/i, CPP I, pág. 232)	De dia ganho o meu pão,
Vinha uma saloia pela rua acima,	§I-1517	De noite quero dormir. (Portalegre; C. Branco, CPP I, pág. 233)
C'uma cesta d'ovos, uma galinha em cima.	Bom arado e bom tomão	§I-1524
- Ó mulher dos ovos, assuba cá acima,	Faz'uma bela intanchadura;	Todo o ganhão que é poeta
Quanto quer pelos ovos e pela galinha?	Boa junta e bom ganhão	Até no lavar se apura,
- Quero seis tostões, por ser p'ra menina.	Deitam um rego à d'reitura. (Nisa, CPP I, pág. 233)	Deita grades ao cerrado
- Já não quero os ovos, nem quero a galinha!	§I-1518	No centro da terra dura. (C. Branco, CPP I, pág. 233)
Ela desce a escada e ao virar da esquina,	Eu sou ganhão da ribêra,	§I-1525
Ela parte os ovos, foge-lhe a galinha.	Da ribêra sou ganhão.	Eu sou bom hortelão,
Ela chora, chora, chora, coitadinha!	Lavro com dois bois vermelhos	Comigo trago o regador,
- Galo, não me gales, que eu não sou galinha.		P'ra regar o pé à açucena,
		De tarde quando faz calor. (Faro, CPP I, pág. 233)

- §I-1526
Minha mãe é joeira,
Joeireira em casa rica,
Guarda o trigo na algibeira
Para dar à franganita.
(Lagos, CPP I, pág. 233)
- §I-1528
A vida da lavadeira
É coma do caracol:
De Inverno morre com frio,
E de V'rao morre com sol.
(s/i, CPP I, pág. 234)
- §I-1529
Fui lavar ao rio turvo,
Escorregou-me o sabão,
Abracei-me com as rosas,
Ficou-me o cheiro na mão.
(R. Monsaraz, CPP I, pág. 234)
- §I-1531
Já morreu quem me lavava,
...
Fazia a roupa de neve
Sem lhe pôr nenhum sabão.
(C. Beira, CPP I, pág. 234)
- §I-1532
Já o rio não leva água,
Senão folhas de alecrim,
Onde eu ia lavar o lenço
Do meu amor que é Joaquim.
(s/i, CPP I, pág. 234)
- §I-1537
...
Ó meu amor, se tu queres
A tua roupa enxuta,
Fala a outra lavadeira,
Qu'eu não sou a flor da murta.
(Cadaval, CPP I, pág. 235)
- §I-1542
Alfaiates não são homens,
Sapateiros também não;
Homens são os lavradores
Que enchem as caixas de pão.

Carpinteiros não são homens,
Os artistas também não;
- Homens são nos lavradores
Que enchem as arcas de pão.
(Bragança, CPP I, pág. 236)
- §I-1543
Chamaste-me trigueirinha
[Eu] não o sou de nação;
Sou filha de lavrador,
Ando ao rigor do Verão.
(Penamacor, CPP I, pág. 236)
- §I-1545
Hei-de namorar, cantando,
Um filho dum lavrador:
Quem anda ao frio e anda à calma
Goza sempre da mesma cor!
(Cuba, CPP I, pág. 236)
- §I-1546
Já lá vai o lavrador
Todo cheio de aflição,
Que le morreu o porquinho
E já não come o rojão...
(Baião, CPP I, pág. 236)
- §I-1547
Já morreu o boi Capote
Qu'era parceiro do Pombinho,
Quem não sabe dar um rego,
Não lavr'ao pé do caminho.
(s/i, CPP I, pág. 236)
- §I-1548
Meu amor é lavrador,
Lavra terra na feiteira,
O arado com que lavra
É de pau de laranjeira.
(Nisa, CPP I, pág. 236)
- §I-1549
Meu pai é lavrador,
Anda sempre co'o agulhão
Eu cá sou «arre burro»,
Tenho esta ocupação.
(Óbidos, CPP I, pág. 236)
- §I-1550
Morreu o boi Ramallete,
Camarada do Pombinho,
Já não há quem tão bem deite
Regos ao pé do caminho.
(s/i, CPP I, pág. 237)
- §I-1551
Não há coisa que mais brilhe
Que a filha dum lavrador:
Vai à calma, vai ao frio,
E nunca lhe muda a cor.
(Nisa, CPP I, pág. 237)
- §I-1552
No alto daquela serra
Canta alegre o lavrador;
...
(s/i, CPP I, pág. 237)
- §I-1553
Quando eu vou para a cidade
Passo à quinta do vedor.
Não te quero, não me és dado,
Que és filho de um lavrador.
(Nisa, CPP I, pág. 237)
- §I-1554
Sapateiros não são homens
Carpinteiros homens não são;
Homens são nos lavradores
Que enchem a casa de pão.
(Penaguião, CPP I, pág. 237)
- §I-1555
Sou um pobre lavrador,
Assim não posso existir:
De dia ando na arada
E à noite quero dormir.
(A. Fé, CPP I, pág. 237)
- §I-1556
A vendeira vende leite,
Também vende requeijão,
Também fala ao seu derriço,
Quando tem ocasião.
(Redondo, CPP I, pág. 237)
- §I-1557
O mê amor é do campo,
Chêram-le as botas a lête;
Quando vem domingo à missa,
Parece-me um ramallete.
(Alandroal, CPP I, pág. 237)
- §I-1558
Olé, que eu venho das vacas,
Olé, que das vacas venho;

Olé, que eu venho sem leite, Olé, que sem leite venho. (Ilha S. Jorge, CPP I, pág. 237)	Também no há de mister: A esse cavalheiro Daremos de beber.	Cheira a flor de laranjeira. Ó senhora cozinheira, Ponha o caldinho na sala; Já cá'stão os malhadores Que vêm da sua malhada. (s/i, CPP I, pág. 239)
§I-1559 Sou leiteira, vendo leite Na cidade de Lisboa, Dizem uns para os outros: - Ó que leiteira tão boa! (Queluz, CPP I, pág. 237)	Água o milho rega O vinho chega, chega! Se o vinho não vem, Não malha ninguém! (Trancoso, CPP I, pág. 238)	§I-1573 Meu Deus que assim aquece o sol Na eira aos malhadores, ... Eu, à sombra, estou suando... Que fará o meu amor, Naquela eira malhando! (Nisa, CPP I, pág. 239)
§I-1560 Sou leiteira, vendo leite, Também vendo requeijão, Também falo ao meu amor Quando tenho ocasião. (Nisa, CPP I, pág. 237)	§I-1567 Ao malhar do trigo, Ao malhar do pão, Ninguém aqui malha Sem vir garrafão! (C. Beira, CPP I, pág. 238)	§I-1574 Que assim aquece o sol Na eira aos malhadores! Venha um raminho de salsa P'ra assombrar os meus amores.
§I-1561 Sou saloia, vendo leite, Também vendo requeijão, Também falo ao meu Manel Quando tenho ocasião. (Leiria; Sintra, CPP I, pág. 238)	§I-1568 As malhas da nossa terra São alegres, divertidas, ... (Bragança, CPP I, pág. 238)	§I-1575 Venha vinho, venha vinho, Venha mais meia canada; Se me não dão de beber Deixo ir o pão na palha. (Bragança, CPP I, pág. 240)
§I-1563 O meu amor é da raia É da raia, é loiceiro: Já me deu um pucarinho P'ra regar o meu craveiro. (Almeida, CPP I, pág. 238)	§I-1569 Balha-me Deus que assim'quece Na eira òs malhadores! ... (Bragança, CPP I, pág. 239)	§I-1576 Oliveiras, oliveiras, Oliveiras, olivais, Por causa dos tais malteses Fogem as filhas aos pais.
§I-1564 Sou pintor de louça fina, Ainda hoje pintei um prato: Na pedra do meu anel Trago eu o teu retrato. (Castro Verde, CPP I, pág. 238)	§I-1570 Dai-me vinho, dai-me vinho, Que água não posso beber; A água tem sanguessugas, Tenho medo de morrer. (s/i, CPP I, pág. 239)	§I-1577 (mandamentos do maltês) Primeiro: dormir em palheiro,
§I-1565 Sou pintor da louça fina, Já hoje pintei um prato, Ainda espero de pintar Em teu peito o meu retrato. (s/i, CPP I, pág. 238)	§I-1571 - Ó do baila, baila, Bem a vi bailar. - Baila o vinho da cabaça Para o malhador malhar! (Mirandela, CPP I, pág. 239)	§I-1572 ... Venham ver os malhadores Que vêm da sua malhada.
§I-1566 - Ao dar a palha O vinho não vem? - Não malha ninguém! Também o rei da malhada	§I-1572 ... Venham ver os malhadores Que vêm da sua malhada. Ó senhora cozinheira, O seu caldo cheira, cheira... Cheira a cravo, cheira a rosas,	

Segundo: andar aos saltos pelo mundo, Terceiro, não trazer fato inteiro, Quarto: de fome andarás farto; Quinto: de dinheiro andarás limpo. (Cadaval, CPP I, pág. 240)	Boa saia de veludo, Vá casar com o moleiro, Que a maquia paga tudo... (C. Beira, CPP I, pág. 241)	§I-1593 Não quero amor moleiro Que é ofício de langão; Quero amar cavador: Cava a terra, treme o chão! (Cartaxo, CPP I, pág. 242)
§I-1578 Pro me veres de pau e manta Não julgues que sou maltês; Que a maldita da enxada Calos nas mãos não mos fez. (Alandroal, CPP I, pág. 240)	§I-1587 Minha mãe foi ao moinho E meu pai ficou à mó. Pica, pica, moleirinha, Pica d'uma banda só!	§I-1594 Não quero amor moleiro Que 'stá sempre no moinho: Quero amor lavrador Que me leva no caminho. (s/i, CPP I, pág. 242)
§I-1579 Toda a vida fui maltês, Toda a vida andei à tuna, Toda a vida andei ganhando Para os filhos da fortuna. (Figueiros, CPP I, pág. 240)	Moleirinha nova, Teu moinho mói ao vento. Andas para te casar, Deus te dê bom casamento. (V. do Alentejo, CPP I, pág. 241)	§I-1595 Ó Adelina moleira, Se tens moinho, mói farinha: Eu t'irei picá'las azenhas, Se prometes de ser minha. (V. Pouca Aguiar, CPP I, pág. 242)
§I-1584 Amores d'além do rio São caros, custam dinheiro; Se quero falar com eles, Hei-de pagar ao moleiro.	§I-1588 - Moleiro, anda p'rò Céu, - Agora num tenho vagar, Tenho a maquia no munho, Inda está por maquiar. (P. Coura, CPP I, pág. 241)	§I-1596 O meu amor é moleiro, Passa a vida regalada: Quando vai para o moinho Leva a sua namorada. (Miranda; Mirandela, CPP I, pág. 242)
Amores d'além do rio, Não os quero nem de graça, Que sempre dão por desculpa O moleiro que os não passa.	§I-1589 - Moleiro, anda p'rò céu. - Senhor, não tenho vagar, Que tenho o pão na moega, A maquia por tirar. (Guarda, CPP I, pág. 241)	§I-1597 O meu amor é moleiro, Tem a cara enfarinhada, Os beijos sabem a pão, Amor, não quero mais nada. (Barcelos, CPP I, pág. 242)
Passa, passa, moleirinho, Passa-me no teu batel, Que a vida de namorados É uma vida cruel. (Mirandela, CPP I, pág. 241)	§I-1590 Nã quero amor moleiro Que 'stá sempre no moinho: Antes quero amor boêro. Que s'incontra no caminho. (Cadaval, CPP I, pág. 242)	§I-1598 Ó moleirinha da serra, Dá-me da tua farinha, Que a quero peneirar Pela nova peneirinha. (Seia, CPP I, pág. 242)
§I-1585 Matias Leal tem u(m)a atafona Unde mói a burra mais a sua dona: Se a burra mói, deixá-la moer. E se ela não sabe é para aprender. (Ilha Faial, CPP I, pág. 241)	§I-1591 - Não quero amar moleiro Que é ofício de ladrão; Ao morrer vai p'ra o Inferno, Leva a maquia na mão. (C. Beira, CPP I, pág. 242)	§I-1599 O moleiro Tira o seu maqueiro, Lá vem a mulher Que tira o que quer; Lá vem a filha Maria Que tira a sua maquia, Depois vem o criado Que diz que ainda não 'stá maquiado
§I-1586 Mê amor é sozinho É sozinho, dorme só: Inda esta noite dormiu Encostadinho à mó.	§I-1592 Não quero amor moleiro, Nem trolha, nem carpinteiro; Quero um estudantinho, Que me traz muito dinheiro. (Chaves, CPP I, pág. 242)	
Menina, se quer trajar		

(s/i, CPP I, pág. 242)	Na monda é que eu arranjei Dinheiro p'ra me casar. (Nisa, CPP I, pág. 243)	Que vás à monda mondar. (Nisa, CPP I, pág. 244)
§I-1600 Ó que lindos olhos tem A filha da moleirinha; São mal empregados No pó da farinha! (V. Alentejo, CPP I, pág. 243)	§I-1607 Hei-de fazer uma maia De ervilhacas e palanco P'ra mandar ao meu amor Que eu ando a mondar no campo... (Nisa, CPP I, pág. 243)	§I-1613 Não quero que vás à monda, Nem à ribeira lavar; Vai p'ra baixo do sobreiro, Tens as landes que apanhar. (Portimão, CPP I, pág. 244)
§I-1601 Que lindos olhos tem A filha da moleirinha! Mal empregada é ela Em andar ao pé da farinha. Andar ao pé da farinha, Andar ao pé do farelo; Mal empregada é ela Em sujar o seu cabelo! (s/i, CPP I, pág. 243)	§I-1608 Maria, monda o teu linho, Não te ponhas à janela, ... (s/i, CPP I, pág. 243)	§I-1614 O meu amor não está cá, Nem cá está nem cá vem, Foi p'ra monda do arroz Passou a vala p'ra além. (Cadaval, 244)
§I-1602 Vai o moleiro p'ra o moinho Para moer o seu grão, Ficam as filhas em casa Fartinhas de pedir pão. (Cartaxo, CPP I, pág. 243)	§I-1609 Menina, monde o seu linho, Das quatro ervas que tem: O joio e mai'la gorga, Cabaços e azevém (Baião, CPP I, pág. 243)	§I-1615 Semeei trigo no adro, Chamei gente para a monda; Estes meninos de agora Já não se importam da ronda. (A. da Fé, CPP I, pág. 244)
§I-1603 Aí te mando um ramalhete, De ervilhaca e de balanco, P'ra que saibas, meu amor, Que ando na monda no campo. (Alcobaça, CPP I, pág. 243)	§I-1610 Não me mande para a ponta, Que eu não sei talhar a eito, Mande-me falar d'amores Que eu p'ra isso tenho jeito. (Mação, CPP I, pág. 244)	§I-1616 Toma lá este raminho De ervilhaca e balanco Para que saibas, amor, Que ando na monda do campo. (Trancoso, CPP I, pág. 245)
§I-1604 Amanhã me vou embora, Se não for ainda hoje, Mê amor, se me quer's ver, Vai às mondas do arroz. (Mação, CPP I, pág. 243)	§I-1611 Não quero que vás à monda, Não quero que vás mondar, No dia do casamento Não te vou acompanhar. (Mação, CPP I, pág. 244)	§I-1617 - Ui, moças, não queiram Os oficiais, Que lhes chega a fome Até aos portais. - Oh, cala-te aí, Cabeça de vento! Ela chega à porta, Não entra p'ra dentro. (s/i, CPP I, pág. 244-5)
§I-1605 Eu ando aqui a mondar Sozinha, não tenho medo: Bem pudera o meu amor Tirar-me deste degredo! (s/i, CPP I, pág. 243)	§I-1612 Não quero que vás à monda, Não quero que vás sozinha, No dia do casamento Não vou ser tua madrinha Não vou ser tua madrinha, Não te vou acompanhar, Não quero que vás à monda, Não quero que vás mondar.	Nota: «Oficial – aquele que trabalha num ofício.» §I-1618 Mas que lindos olhos Tem a padeirinha! É mal empregada Andar à farinha. Andar à farinha,
§I-1606 Eu bem sei que ando na monda, Eu bem sei que ando a mondar,	§I-1606 Não quero que vás à monda, Nem à ribeira lavar, Não quero que vás à monda	

Andar ao calor;
Mas que lindos olhos
Tem o meu amor!
(s/i, CPP I, pág. 245)

§I-1619

Minha mãe é padeirinha
Quando coze faz um bolo;
Quando se zanga comigo,
Bate-me com a pá do forno.
(V. Alentejo, CPP I, pág. 245)

§I-1620

Ó minha mãe, não me mande
Vender o pão a Coimbra,
Que dizem os estudantes:
- Oh que padeira tão linda!
(Penaguião, CPP I, pág. 245)

§I-1621

Sábado por estas horas
Eu 'stava a tender o pão
Para dar às meus meninos
Mais à meu Sabastião.
(Feira, CPP I, pág. 245)

§I-1623

Fazer palitos
É a nossa sorte.
Gira a navalha
De fino corte.
Um golpe, dois,
- Fli – flá! –
O marquesinho
Já feito está.
(Penacova, CPP I, pág. 245)

§I-1624

Meu sogro é paneleiro,
Minha sogra faz panelas.
Minha cunhada Maria
Vai ao barro para elas.
(Lamego, CPP I, pág. 245)

§I-1625

O meu amor é da serra,
É da será, faz panelas,
Minha cunhada Maria
Amassa barro para elas.
(Setúbal, CPP I, pág. 246)

§I-1626

Sou um probe paneleiro
Num te posso assistir,
De dia, ando à vela
De noite, quero dormir.
(Lamego, CPP I, pág. 246)

§I-1627

A minha saia amarela
Não ma deu nenhum prior:
Ganhei-a com muita honra
Na cabana dum pastor!
(C. Beira, CPP I, pág. 246)

§I-1628

Alegre canta o pastor,
Quando guarda o seu rebanho.
Alegre canta o palmante
Quando faz o seu cardanho.
(Cadaval, CPP I, pág. 246)

§I-1629

Casaram-me c'um pastor,
Mal empregada cachopa!
Morreram as ovelhinhas,
Ficou-m'o geirão à porta!
(C. Beira, CPP I, pág. 246)

§I-1630

É um regalo na vida
Ouvir cantar os pastores:
São criadinhos no monte,
Não são leais aos amores!
(Vimioso, CPP I, pág. 246)

§I-1631

Erva cidreira do monte
É alívio dos pastores:
Deitam o gado a ela,
Vão falar aos seus amores.
(s/i, CPP I, pág. 246)

§I-1632

Estão os touros deitados
À sombra a descansar,
Tenho o coração magoado
Somente de os guarda.
(Cartaxo, CPP I, pág. 246)

§I-1633

Eu não quero amar pastor
Que são brutos e alimales;
Comem leite nos caldeiros,

Ouvem missa nos currales.
(Nisa, CPP I, pág. 246)

§I-1634

Eu vou-me daqui embora,
Que eu aqui não posso 'star,
Tenho que ir para o monte
Que é para o gado ceivar.
(Ourique, CPP I, pág. 246)

§I-1635

Foste casar c'um pastor,
Mal empregada taroca!
Morreram-lhe as ovelhas
Ficou o espantalho à porta.
(Idanha-a-Nova, CPP I, pág. 247)

§I-1636

Já fui pastor, guardei gado
Na charneca aqui à beira,
Encostado ao meu cajado,
Namorei a sardinheira.
(Moimenta Beira, CPP I, pág. 247)

§I-1637

Já não há quem queira dar
Uma filha a um pastor:
Pensa que lhe há-de vir
Das Ilhas algum doutor.
(Castelo Vide, CPP I, pág. 247)

§I-1638

Já o sol no céu vai alto
Vou direita ao meu curral,
Com a roca carregada
E estrigas no avental.

Vou direita ao meu curral,
Todo o arredor me vê,
Cada ovelha uma amiga,
Como isso ninguém tem!

Minhas lindas ovelhinhas,
Minha doce companhia,
Pastorinha mais formosa
Não na há na freguesia.
(s/i, CPP I, pág. 247)

§I-1639

Não há vida mais alegre
Que a vida do pastor:
Deixa o seu gado na erva

Vai falar ao seu amor. (Ilha S. Jorge, CPP I, pág. 247)	§I-1647 Sou pastor, isgalho rama Trago a vida ligada: Morra homem, fique fama, Defenda o seu camarada! (Pinhel, CPP I, pág. 248)	Quebro pedra, amasso barro, ... (Lamego, CPP I, pág. 249)
§I-1640 Ninguém case c'um pastor, A julgar que tem milhões: O dinheiro que ele tem É polainas e safões. (Seia, CPP I, pág. 247)	§I-1648 Toda a bida fui pastora, Toda a bida gardei gado, Trago o meu coração f'rido De o incostar ò cajado. (Gouveia, CPP I, pág. 248)	§I-1661 Assubi à gambonêra A colher uma gamboa; Quem tem amores porqueros A lenços finos se assoa! (Elvas, CPP I, pág. 249)
§I-1641 Noite escura, noite escura, Eu bem sei quem t'arreceia! Quem tem o amor pastor, Para l'ir luvar a ceia. (Guarda, CPP I, pág. 247)	§I-1649 Toda a vida fui pastor Toda a vida gardei gado, Cada vez que venho à vila Chamam-me cravo raixado. (s/i, CPP I, pág. 248)	§I-1662 Água que rega, que rega, Eu não sei que água é É água do lavrador Que erga o milho p'lo pé. (Coura, CPP I, pág. 249)
§I-1642 O meu amor é pastor, É pastor e guarda gado; Traz uma chaga ao peito De se encostar ao cajado. (Guarda; Sabugal, CPP I, pág. 247)	§I-1650 Toda a vida fui pastor Toda a vida gardei gado Tenho uma chaga no peito De me encostar ao cajado. (Algarve, CPP I, pág. 248)	§I-1663 Deixa-me ir, qu'eu vou com presa, Vou regar o meu linhar; Amanhã é dia santo Temos tempo de falar. (Lamego, 249) Var.: Levo água p'ra regar – C. Beira. Var.: Falaremos com vagar – Barcelos.
§I-1643 O meu amor é pastor No campo a guardar gado; Tem uma nódoa no peito De se encostar ao cajado. (Cartaxo, CPP I, pág. 247)	§I-1651 Triste vida é a minha Em ter um amor pastor Andar de serra em serra: - Não vistes lá meu amor? (Nisa, CPP I, pág. 248)	§I-1664 Eu venho da ribeirinha De regar o laranjal, Inda trago uma folhinha No laço do avental. (Mirandela; C. Beira, CPP I, pág. 249)
§I-1644 Ovelhas não são p'ra mato, Já m'ò disse o pastor; Fica-lhe a lâ no carrasco, E a perca é p'ró lavrador. (Redondo, CPP I, pág. 248)	§I-1652 Vou aqui pêr d'abaixo C'uma cajadinha às costas; S'eu não achar as ovelhas, Vou ser pastor das cachopas. (Nisa, CPP I, pág. 248)	§I-1665 Menina, que anda na rega, Tire o pé do talhadoiro: Eu não quero que se molhe, Minha perolinha de oiro. (Baião, CPP I, pág. 250)
§I-1645 Pastorinha, vem comigo, Amores meus! Deix'ò gado, deix'à serra, Pastorinha, adeus, adeus! (Beja, CPP I, pág. 248)	§I-1655 Não quero amor pedreiro Que'stá sempre pica, pica Só quero amor doutor Que'stá sempre na botica. (P. Coura, CPP I, pág. 249)	§I-1666 Regar o centeio, Regar a cevada; Anda comigo, Minha namorada. (s/i, CPP I, pág. 250)
§I-1646 Rapariga, tola, tola, Foste casar c'um pastor: Andarás de vais em vais: - Viste por aí meu amor? (Idanha-a-Nova, CPP I, pág. 248)	§I-1660 Sou um pedreirinho novo, ...	§I-1667

<p>Sete-estrela vai im pino E o Cajado vai de volta; Alevanta-te, Zé Buseira, Vai regar a tua horta. (Portimão, CPP I, pág. 250)</p>	<p>P'ra sachar o milho todo. (C. Branco, CPP I, pág. 250)</p>	<p>§I-1710 Se eu soubera, rica prima, Tu que eras tecedeira, Mandava vir da cidade Um tear de laranjeira. (s/i, CPP I, pág. 254)</p>
<p>§I-1668 Vou-me embora, levo pressa, Levo auga de regar: Amanhã é dia santo, Temos tempo de falar! (Paredes, CPP I, pág. 250)</p>	<p>§I-1675 Se quiseres que eu sache o milho, Trazei-mo aqui p'rá sombra, Que ao sol não no vou sachar Indas que a milhã o coma! (Melgaço, CPP I, pág. 250)</p>	<p>§I-1711 Se eu soubesse, Marianita, Que tu eras tecedeira, Havias-me tecer um ninho Num tear de laranjeira. (s/i, CPP I, pág. 255)</p>
<p>§I-1669 Vou-me embora, vou com pressa, Levo água, vou regar; Sou criado de servir, Não me posso demorar. (Alvaiázere, CPP I, pág. 250)</p>	<p>§I-1676 Meu amor é sacristão Abre e fecha sepulturas; Com o azeite com pão, Deixa os santos às escuras. (s/i, CPP I, pág. 251)</p>	<p>§I-1718 Indas que eu sou pequena Sou mulher de minha casa, Para chegar à masseira Ponho-me em cima da rasa. (s/i, CPP I, pág. 255)</p>
<p>§I-1670 Fui à seara a respigar, Muita espiga encontrei: Eram tantas e tão bastas, Para a seara as levei. (Alandroal, CPP I, pág. 250)</p>	<p>§I-1678 Eu já vi o meu amor Na toca dum castanheiro, C'u(m)a sovela na mão A coser de sapateiro. (Melgaço, CPP I, pág. 251)</p>	<p>§I-1719 Já te tenho dito Que não vás ao poço: Toma lá dinheiro, Ajusta um moço.</p>
<p>§I-1671 Dizeis que não sei sachar Que todo o milho arranco: Ainda Deus me há-de dar Uma leirinha no campo. (Vouzela, CPP I, pág. 250)</p>	<p>§I-1680 O ofício de sapateiro É uma vida desgraçada: Quanto ganha é p'ró almoço, P'ró jantar já não tem nada. ... (Portimão, CPP I, pág. 251)</p>	<p>Ajusta um moço, Ajusta um rapaz: Já te tenho dito Que ao poço não vás! (Algarve, CPP I, pág. 256)</p>
<p>§I-1672 Eito fora, eito fora, Eito ao cabo do chão; Depois do eito fora, Descansa, meu coração. (Mortágua, CPP I, pág. 250)</p>	<p>§I-1688 A senhora tecedeira Leva o ganho na barriga: Quando bota a lançadeira, Perna abaixo perna arriba! (Ilha S. Jorge, CPP I, pág. 252)</p>	<p>§I-1720 Mariquinhas, teu pai deu-te, Que te podia matar: Tinhas o caldinho feito E a loicinha por lavar... (Nelas, CPP I, pág. 256)</p>
<p>§I-1673 Sachadeiras do meu trigo, Sachai o meu trigo bem: Não olheis para o portal, Que a merenda logo bem. (Melgaço; Lamego, CPP I, pág. 250)</p>	<p>§I-1695 Aprendi a tecedeira, Hoje estou arrependida: Passa o meu amor na rua, E eu na gaiola metida! (C. Branco, CPP I, pág. 253)</p>	<p>§I-1721 Não quero que vás à monda, Nem tão pouco a mondar; Quero que fiques em casa, Carolina, a remendar.</p>
<p>§I-1674 Sachadeiras, que sachais O milharal do meu sogro, Deus nos faça o dia grande,</p>	<p>§I-1702 Mariquinhas tecedeira Tem o tear à barriga, ... (V. Conde, CPP I, pág. 253)</p>	<p>Não quero que vás à monda, Nem tão pouco ao serão; Quero que fiques em casa Remendar o teu calção. (Lousada, CPP I, pág. 256)</p>

§I-1723 Tenho uma roca de pau de oliveira. Minha mãe diz que não sou fiandeira. E eu barro a casa e lavo a louça E boto u(m)a vaca p'ra a lama da touca. (O. Azeméis, CPP I, pág. 256)	Em se acabando a azeitona, Lá vão amor's, lá vai tudo! (Crato, CPP I, pág. 257)	O pão na cabaça vai. (Resende, CPP I, pág. 258)
§I-1728 Ó moças, vamos à palma, A palma dá para tudo: Dá para meia de seda, Sapatinho de veludo. (Algarve, CPP I, pág. 257)	§I-1736 Os amores da azeitona São como o verde tramoço: Em s'acabando a azeitona Ficam os burros em osso. (Nisa, CPP I, pág. 257)	§I-1743 Fui ao Doiro às vindimas; Não achei que vindimar; Vindimar minhas costelas Foi o que lá fui ganhar. (Baião, CPP I, pág. 258)
§I-1779 Oh que rica calma cai Para quem anda no campo! Meu amor que por lá anda Encosta-se ao lírio branco. (Idanha-a-Nova, CPP I, pág. 257)	§I-1737 Os amores da azeitona São como os da cotovia: Em se acabando a azeitona, Fica-te com Deus, Maria! (Crato, CPP I, pág. 258) Var.: Logo que se acaba a fega (C. Branco)	§I-1744 Fui ao Doiro às vindimas, Só ganhei uns trinta réis; Dei um vintém ao barqueiro, Só me ficaram dê reis. (Trás-os-Montes, CPP I, pág. 258)
§I-1730 Que calma que está caindo P'rò homem trabalhador! Oh, quem fosse parra verde Que tapasse o meu amor!... (Moura, CPP I, pág. 257)	§I-1738 Se a oliveira se queixa, Eu acho que tem razão: Varejam-lhe a azeitona, Deitam-lhe a rama ao chão. (Bragança, CPP I, pág. 258)	§I-1745 Manuel, Manuelzinho, Vamos vindimar a lata, Vamos tirar a menina Do poder de quem a mata. (Melgaço, CPP I, pág. 258)
§I-1733 Apanhai, apanhadeiras, Varejai, varejadores: Muita azeitona se perde Nos olivais dos amores! (Lamego; Feira, CPP I, pág. 257)	§I-1739 Ai Jesus, tanto calor À sombra me'tô queimando, Que fará o meu amor Que anda na vinha raspando? (Cartaxo, CPP I, pág. 258)	§I-1746 Não se me dá da vindima, Nem de andar a vindimar. Dá-se-me das tristes noites Que se passam no lagar. (Lamego, CPP I, pág. 258)
§I-1734 Já o sol vai arraiando Por cima das oliveiras; Varejai, varejadores, Apanhai, apanhadeiras. Varejai, varejadores, Apanhai, apanhadeiras, Apanhai bolinhas de oiro Que caem das oliveiras. (Alcobaça, CPP I, pág. 257)	§I-1740 Anda cá, ó Manuel, P'r'aonde vais tu a abalar? Tenho uma parreira à porta, Não faço s'não vindimar. (R. Maior, CPP I, pág. 258)	§I-1747 Ó moças, não há tempo Como é o de vindimar: De dia escolhe-se a uva E à noite é namorar. (R. Monsaraz, CPP I, pág. 259)
§I-1735 Os amores da azeitona São como o milho miúdo:	§I-1741 Antoninho, pede, pede, Eu não tenho que te dar: Darei-te um gachinho de uvas Quando meu pai vindimar. (Baião, CPP I, pág. 258)	§I-1748 Venho de cima do Doiro, Daquela terra mofina: Venho cheia de água-pé E de rabos de sardinha... (s/i, CPP I, pág. 259)
	§I-1742 Eu fui à segada à serra, À vindima de meu pai; O vinho lá vai na cesta,	§I-1749 A nossa i ama d'hoje É um ramo de d'alegria: O que não fizemos hoje Ficará para outro dia ... A nossa i ama d'hoje

Ponha a candeia na sala, Se quer ver os malhadores Que vêm da sua malha.	(Trás-os-Montes, CPP I, pág. 260) Nota: «[Quebra-costelas:] Encostas altas onde se cria o centeio.»	O que há-de a gente fazer! (s/i, CPP I, pág. 261)
A nossa i ama d'hoje É rica tem dinheiro, Traz a sua filha Como a guia do loureiro. (Bragança, CPP I, pág. 259)	§I-1755 Este nosso amo de hoje É rico e tem dinheiro: Diz que nos quer pagar Co'a folha do castanheiro.	§I-1764 O nosso amo de hoje É rico e tem dinheiro: Mandou fazer uns sapatos Da casca do amieiro.
§I-1751 Afasta-te, alfarrobeira, Deita para cá um ramo, Que eu quero ir à minha terra Fazer contas com o meu amo. (Portimão, CPP I, pág. 259)	Este nosso amo de hoje É um ramo de alegria: O que não fizemos hoje Fazemo-lo outro dia! ...	O nosso amo de hoje Espeta a candeia na sala, Para ver a bizzarria Que traz na sua malhada. (Alto Douro, CPP I, pág. 261)
§I-1752 Corta, minha foice, corta, Neste pãozinho que é raro: Quem houver de andar por outrem Há-de ter muito cuidado. (s/i, CPP I, pág. 259)	§I-1758 Já s'acabou a azeitona, Já se ganhou o dinhêro, Damos vivas ao noss'amo Màs ò nosso managêro. (V. Alentejo, CPP I, pág. 261)	§I-1765 Ó Senhora nossa ama, Ponha a candeia na mesa, Que a quero apagar Com dois beijos à francesa. (T. Moncorvo, CPP I, pág. 261)
§I-1753 ... A senhora nossa ama Saia cá para o serão, Venha ver os segadores Que lhe segaram o pão.	§I-1759 Já são horas da merenda Ainda não veio o jantar. O senhor nosso amo Que tem lá para nos dar? (Idanha-a-Nova, CPP I, pág. 261)	§I-1767 Ó senhora nossa ama, Ponha a candeia na sala, Se quer ver a bizzarria Que vem da sua segada. (Vimioso, CPP I, pág. 262)
Eu hei-de ser o primeiro Que hei-de subir a escaleira, Para dar as boas-noites À senhora cozinheira. (Vinhais, CPP I, pág. 259-260)	§I-1761 Ò almoço me dão peras, Ò jantar peras me dão: Valha-me Deus, tanta pera, Nesta casa não há pão! (Portimão, CPP I, pág. 261)	§I-1768 Ó senhora nossa ama, Saia cá para o serão, Venha ver os segadores Que lhe segaram o pão.
§I-1754 É mei-dia, é mei-dia, Que eu bem o ouvi tocar: Rapazes e raparigas, Vamos todos a jantar. ... Ai de mim! que eu já não posso, Com a fome resistir: A barriga dá-me estralos E a saia está-me a cair!	§I-1762 O gato foi à panela Pelo rabo da colher; Viva o senhor nosso amo E mais a sua mulher Por mil anos e um dia, Porque têm na sua adega Uma fonte de alegria! (Nisa, CPP I, pág. 261)	A senhora nossa ama É um vaso de alegria, Se nos pagar bem a jeira Tornaremos outro dia. ... (Nisa, CPP I, pág. 262)
O nosso amo anda triste Porque vê poucas gavelas Mas não nos mandara ele Para estas quebra-costelas.	§I-1763 O lavrador quanto tem É tudo para vender, Não faz caso dos criados;	§I-1771 - Almoço cedo, cedo, E o jantar aferventado, E a marena logo, logo, E a ceia com cuidado, E s'por acaso puder ser A soldada adiantado. (Cadaval, CPP I, pág. 262)
		§I-1772

Que bela sociedade Que me deu tão bom jantar! Vale mais ser casada Do que patrões aturar. (s/i, CPP I, pág. 262)	Toda a semana no mar Em cima da água salgada! (s/i, CPP I, pág. 264)	Fui ao mar pescar um peixe, Não pesquei senão atum, Para dar ao meu amor... Queira Deus não sejas tu! (Guarda, CPP I, pág. 267)
§I-1773 Quem no meio da eira não bebe Colmo e palha se lhe perde: Se nos derem bem bem de beber Nem colmo, nem palha se lhe há-de perder	§I-1789 A vida do pescador É uma vida tirana: Toda a semana no mar, Só uma noite na cama! (s/i, CPP I, pág. 264)	§I-1823 Fui ò mar pescar de cana, Apanhei uma garoupa: Esta é para o meu prato, Não sei se apanharei outra. (Ilha S. Jorge, CPP I, pág. 267)
Nossa ama perdeu as chaves Na margem do cebolinho, Nosso Senhor as depare: Sequer as chaves do vinho. ...	§I-1791 Aí vem o barco à vela, Aí vem sardinha boa, Aí vem o meu amor, Assentadinho na proa. (Alcobaça, CPP I, pág. 264)	§I-1829 Já lá vem o barco à vela, Lá vem a sardinha boa, Lá vem o meu Antoninho, Assentadinho na proa. (Norte e Beira, CPP I, pág. 268)
(s/i, CPP I, pág. 262-3)	§I-1792 Além vêm as armações Carregadas de sardinha, Vem o meu amor à proa Amanhando pescadinha. (Portimão, CPP I, pág. 264)	§I-1833 Macharrinhas, macharrinhas; Macharrinhas de armação; Inda ontem de lá vim, Bem bonitas que elas são! (Portimão, CPP I, pág. 268)
§I-1774 Sachadeiras do meu milho, Sachai-m'ò meu milho bem: Não olheis para o portal Qu'a merenda logo vem. (Amares; Mesão Frio, CPP I, pág. 263)	§I-1811 Eu deitei a rede ao mar, A fita da mesma linha, Para apanhar a fataça E juntamente a tainha. (s/i, CPP I, pág. 266)	Nota: «Macharro/a = peixeiro ou peixeira de armação, isto é, que colhe lá o peixe e o vai vender.»
§I-1776 Um raminho, dois raminhos, Em cada ramo um confeito, Viva o nosso manageiro Esta vai a seu respeito! (s/i, CPP I, pág. 263)	§I-1812 Eu fui ao mar às laranjas, Coisa que lá não havia; Eu fiquei admirada Das ondas que o mar fazia.	§I-1835 Mandei fazer um barquinho Da casquinha de um limão, Para embarcar os teus olhos Dentro do meu coração.
§I-1777 Viva o dono da malhada, Que ela bem malhada fica, Pois nos deu o pão da arca E mai-lo vinho da pipa. (s/i, CPP I, pág. 263)	§I-1812 Eu fui ao mar às laranjas, Vim de lá toda molhada. (Cadaval, CPP I, pág. 266)	Mandei fazer um barquinho De um bocadinho de trevo, Para me embarcar contigo, Que sozinho tenho medo. (Setúbal, CPP I, pág. 268)
§I-1782 A laranja, quando nasce, Nasce com a casca dura, Assim é o meu amor: Até nas ondas se apruma. (Serra da Ossa, CPP I, pág. 264)	§I-1821 Fui à praia passear, Vi a zorra num rochedo; O peixe era tão grande, Que a sardinha tinha medo! (Portimão, CPP I, pág. 267)	§I-1836 - Maria, a canoa virou! - Se ela virou Deixá-la virar, Peixinho do rio, Camarão do mar. (Portimão, CPP I, pág. 268)
§I-1788 A vida do pescador É uma vida arrastada:	§I-1822	§I-1890 Não choro porque te vás,

Ele há mais homens no mundo; Choro que te vás meter Num poço de água sem fundo. (Ilha S. Jorge, CPP I, pág. 269)	(Aveiro, CPP I, pág. 270)	Sustento para meus filhos, Que estão de fome a gritar! (s/i, CPP I, pág. 272)
§I-1843 Não quero homem do mar, Que traz o gabão molhado: Quero um mocinho da terra Que cheira a figo torrado. (Algarve, CPP I, pág. 269)	§I-1853 Ó mar, abaixai as ondas, Que quero apanhar um pêxe Quero-me dêxar do mundo Antes que o mundo me dêxe! ... (Monchique, CPP I, pág. 270)	§I-1882 Ondas do mar, abrandai, Que eu quero pescar um peixe; Eu quero deixar o mundo, Antes que o mundo me deixe. (V. Conde; Maia, CPP I, pág. 273)
§I-1844 Não seguei'lo trigo verde Deixai-o amadurar, Que nas ondas do mar anda Quem no há-de vir segar. (Bragança, CPP I, pág. 269)	§I-1860 Ó mar salgado, ladrão, Quantas almas tens em ti! ... (Albufeira, CPP I, pág. 271)	§I-1883 - Onde vás, ó Mariazinha, Com o teu cabelo à faia? - Vou a ver o meu amor Que anda nas ondas da praia.
§I-1845 Não segueis os trigos loiros, Deixai-os amadurar: Nas ondas do mar é que anda Quem nos há-de vir segar. (M. Douro, CPP I, pág. 269)	§I-1861 O mar salgado, ladrão, Tantas almas tens em ti! ... (s/i, CPP I, pág. 271)	Que anda nas ondas da praia, Que anda na praia à sardinha, - Onde vás, ó Mariazinha, Com o teu cabelo à faia?
§I-1846 Nas ondas do mar se criam Peixinhos e salmonetes, Também na terra se criam Rosas para ramalhetes. (Portimão, CPP I, pág. 269)	§I-1862 O mar salgado me disse Que eu que fosse marinheiro; Em cima das suas ondas Se ganha belo dinheiro. (Ilha S. Jorge, CPP I, pág. 271)	§I-1884 Pescador, que foste à pesca, Pescador, que foste ao mar: Pescas a sardinha fresca, P'rà fome poder matar. (Espinho, CPP I, pág. 273)
§I-1848 Nossa Senhora da Ajuda, Que aí' stais nos vosso altar, Ajudai os pescadores Que andam nas águas do mar. (s/i, CPP I, pág. 269)	§I-1863 O mar salgado me disse Que não amasse a ninguém, ... (Ilha S. Jorge, CPP I, pág. 271)	§I-1893 Se fores ao mar caçar, Leva redinhas de linho: Hás-de me cair nos laços, Hás-de ser o meu peixinho. (Guimarães, CPP I, pág. 274)
§I-1849 O alfaquete é bom peixe, Ditoso quem o apanhou! Tem dois dedinhos escritos Quando Cristo t'apegou. (Portimão, CPP I, pág. 270)	§I-1875 Ó minha caninha verde, Ó minha sanjoaneira! O peixinho vai vendido, O ganho vai na algibeira. (Sinfães, CPP I, pág. 272)	§I-1894 Se fores ao mar pescar, Para que a sorte te não deixe, Faz-te bruto, bruto, bruto, Que quanto mais bruto mais peixe. (s/i, CPP I, pág. 274)
§I-1851 Ó bela praça do peixe, Cercada de água salgada, No meio tem água doce Donde se o meu amor lava!	§I-1877 O pobre do pescador Já lá morreu afogado: Foi à pesca lá ficou Nas ondas do mar salgado. (Portimão, CPP I, pág. 272)	§I-1895 Se fores ao mar pescar, Pesca ao nascer da Lua; S'eu cair na tua rede, Pesca-me, amor, que sou tua. (Mação, CPP I, pág. 274)
	§I-1880 Ó soberbo mar ufano, Que me não deixas pescar	§I-1896 Se fores ao mar pescar,

Pesca cachucho ou dentão; Custe lá o que custar, O dinheiro está na mão. (Portimão, CPP I, pág. 274)	(Baião, CPP I, pág. 277)	Sega-a tu, deita-a ao rocino. Não na quer comer com brio. A lameirinha tem erva.
§I-1898 Se o mar fosse de leite, E as ondas de requiejão, Os homens do mar comiam As ondas do mar com pão. (Olhão, CPP I, pág. 274)	§I-1933 Mais valia ser figueira Enxertada num valado Do que ser rapaz solteiro Empregado num soldado! (Portimão, CPP I, pág. 277)	Sega-a tu, moço Gonçalo Sega-a tu, deita-a ao cavalo. Não na quer comer de malo. A lameirinha tem erva.
§I-1899 Se tu fores ao mar pescar, Pesca Santa Margarida, Rica santa da minh'alma Qu'anda pelo mar perdida! (s/i, CPP I, pág. 274)	§I-1934 Mandaste-me assentar praça No coração duma pomba: Depois de ter praça assente, Deste-me baixa redonda! (Alandroal, CPP I, pág. 277)	Non la quer comer com brio, Leva-o a beber ao rio. A lameirinha tem erva. Non la quer comer de malo Leva-o tu, moço ao lago. ...
§I-1902 Tenho barco, tenho redes, Tenho sardinhas no mar, Tenho uma mulher bonita Que não me quer trabalhar... (Olhão, CPP I, pág. 274)	§I-1951 O ramo da oliveira Debaixo d'água se acende; A sombra do militar Onde chega logo prende. (Sinfães, CPP I, pág. 279)	(Vinhais, CPP I, pág. 281) §I-1974 - Álvaro, que queres, Álvaro? Álvaro, que queres agora? - Quero carneiro assado, Quero merendar que é hora.
§I-1905 Toma lá esta laranja Tira-lhe o que ela tem dentro; Da tona faz'um barquinho P'ra passar teu pensamento. (Barcelos, CPP I, pág. 275)	§I-1952 Ó Senhora do Castelo, Cor de cereja-soldar, Bem podíeis vós, Senhora, De soldado me livrar. (s/i, CPP I, pág. 279)	- Álvaro, que queres, Álvaro? Álvaro, que queres agora? - Quero vinho branco, Quero merendar que é hora. (Vinhais, CPP I, pág. 282)
§I-1908 Vamos, ó rapazes todos, À praia do rochedo; O atum era tamanho Que a sardinha tinha medo! (Portimão, CPP I, pág. 275)	§I-1953 O serpão é miudinho, Nasce no laço da terra: Quem tem o amor soldado, Trá'lo sentido na guerra. (P. Coura, CPP I, pág. 279)	§I-1975 - Álvaro, que queres, Álvaro? Álvaro, que queres ora? - Mas quero merendar que é hora. Mas quero merendar cabrito assado, Com pimenta e sal picado.
§I-1917 Anda o mar todo cercado De boninas amarelas; Já o rei não quer soldados, Já se acabaram as guerras. (s/i, CPP I, pág. 276)	§I-1973 A lameirinha tem erva, Erva tem, que ela verdega. Erva tem, trevo florido, Erva tem, que ela verdega. Sega-a tu, moço Rodrigo. A lameirinha tem erva.	Mas quero merendar cabrito cozido, Com pimenta e sal moído. (s/i, CPP I, pág. 282)
§I-1926 Esta ramada tem uvas, Quem tem uvas tem que dar: Bem puderas tu, menina, De soldado me livrar!	Erva tem, trevo granado. Sega-a tu, moço Gonçalo, Sega-a tu, deita-a ao cavalo. A lameirinha tem erva. Sega-a tu, moço Rodrigo,	§I-1976 Álvaro quer Merendar que é hora. - Quero merendar Cabrito assado. Quero merendar, Que é a hora. Quero merendar bom vinho.

Mas Álvaro quer Merendar, que é hora.	Na boca leva uma pita, Ferrungando se vai a raposa Na boca leva uma pata... ...	Lavra, boi, lavra, ao redor do carrinho, Vou dar os parabéns à moça que deita o vinho.
- Quero merendar Bom trigo.	- Raposa, deixa a minha pita, Ora vai ferrungando... - Raposa, deixa a minha pata... ...	Lavra, boi, lavra à beira do mar, A moça da grade não sabe cantar.
Mas Álvaro quer Merendar que é hora.	...	Lavra, boi, lavra ao redor do carrinho, Este nosso amo, hoje tem-nos dado muito vinho! (A. Valdevez, CPP I, pág. 286)
- Quero salpicão, Quero sal picado.	- Antes deixarei a p'elica, Ora vai ferrungando ... Antes deixarei a samarra ...	§I-1985 Boi lavrou, boi lavrou por detrás da igreja O rapaz do gado quer uma cereja.
Álvaro quer Merendar que é hora (Bragança, CPP I, pág. 282-3)	Que deixar tão gordinha pita ... Que deixar tão gordinha pata ... (Bragança, CPP I, pág. 284-5)	Boi lavrou, boi lavrou por detrás da capela, O rapaz do gado quer uma sovelã.
§I-1977 - Que queres, Álvaro, ora? - Quero merenda que já é a hora.	§I-1982 Lavra, boi, lavra de arredor da eira, O tangedor do gado tem muita chieira!	Boi lavrou, boi lavrou por detrás do rio, O rapaz do gado quer um assobio. (A. Valdevez, CPP I, pág. 286-7)
Para merendar quero eu a boa belha, Para merendar, merendar dara-o ela.	Lavra, boi, lavra de volta do poço, Lá vem a mulher co'o cesto do almoço.	§I-1986 O boi a lavar ao redor do caminho; O nosso amo de hoje tem-nos dado muito vinho!
Para merendar cabrito assado, Com pimenta e sal picado.	Lavra, boi, lavra de volta do penedo, As moças solteiras têm o mocho negro. (Ponte do Lima, CPP I, pág. 285-6)	Lavra, boi, lavra e torna a lavar, 'Stá a ser mei'-dia, queremos jantar! (A. Valdevez, CPP I, pág. 287)
Para merendar cabrito cozido, Com pimenta e sal moído. (s/i, CPP I, pág. 283)	§I-1983 Lavra, boi, lavra de arredor do arado, O nosso amo de hoje tem o chapéu furado.	§I-1987 Matias Leal tem uma atafona, Onde mói a burra, mais a sua dona. Se a burra mói, deixá-la moer, E se ela não sabe é para aprender. (Faial, CPP I, pág. 287)
§I-1979 As meninas todas, três Marias, Foram-se a colher as andrinhas.	Lavra, boi, lavra por trás da capela, Repique, repique na vaca amarela!	§I-1992 Na ribeirinha, ribeira, Naquela ribeira, ... Anda lá um peixe vivo. ... Anda lá um peixe bravo. ...
As meninas todas, três Joanas, Foram-se a colher as maçana.	Lavra, boi, lavra, por trás da rodinha, Lavra, boi, lavra e torna a lavar, Comer e beber, tornar a voltar. (A. Valdevez, CPP I, pág. 286)	...
Quando lá chigaram, acharam-nas colhidas, Quando lá chigaram, acharam-nas talhadas. (Bragança, CPP I, pág. 284)	§I-1984 Lavra, boi, lavra e com toda a graça, O dono do serviço que traga a cabaça.	...
§I-1980 Eu bem sei quem no mar anda: É a flor duma laranja... ... (Valpaços, CPP I, pág. 284)
§I-1981 Ferrungando se vai a raposa

Vamo-lo caçar, meu amigo. ...	E o lobo s'istronca. (s/i, CPP I, pág. 290)	... Toda a água s'empolvorava. ...
Vamo-lo caçar, meu amado. ...	§I-1999 O boi ronca, O olmo se estronca, O pastor toca o tambor, (s/i, CPP I, pág. 293) §I-2005 O perdigão, que de amores ali anda, Pousa na flor, que não pousa na rama.
Comeremo-lo cozido, Or'lá na ribeira,
Comeremo-lo assado. ...	(Bragança, CPP I, pág. 291)	...
C'um bocado de pão trigo. ...	§I-2000 - Ó malvinha, malveta, Ó da malva, moreneta, Malva do corpo vazio, ...	O perdigão, que de amores ali ia, ... O perdigão, que de amores andava, ... Fora-se a buber a uma fontezinha fria, Dentro andava uma cobrezinha biba;
C'um canabarro de bom vinho tinto.
C'um canabarro de bom vinho claro. ...	(Vinhais, CPP I, pág. 291)	...
P'ra mim e p'rò meu amigo. ...	§I-2001 Ó meu caro Santo António, ...	Fora-se a buber a uma fonte de água clara, Dentro andava uma cobrezinha braba.
Pr'a mim e p'rò meu amado. (Bragança, CPP I, pág. 288-9)	Ela virá de Granada, Da tenda duma fidalga.
§I-1993 Naquela fonte da torre alguida, Ó minha mãe, deixai-me ir a ela.	(Vinhais, CPP I, pág. 291)	Ela entraba, ela saía, Toda ai água impolboria.
Nela entraba e nela saía Nela andava uma cobrezinha viva. (s/i, CPP I, pág. 289)	§I-2004 O perdigão, pela madrugada, Pousa na flor, que na rama não pousava. ...	Ela saía, ela intraba Toda ai água impolboraba. (Bragança, CPP I, pág. 294)
§I-1994 Naquela fonte, que eu não vi ne na sei, Disse o meu amor que eu a enramei.	E três meninas pela hortezinha vão, Prècurando vão pelo hortelão. Foram-se a buber a um tanque de água fria;	§I-2006 As meninas pela horta vão. Perguntando vão pelo hortelão. Ela entrava e ela saía,
Pois nela entrava e nela saía Uma cobrezinha viva.	Pousa na flor, que na rama não podia.	Pousa na flor, que na rama não podia.
Naquela fonte de aguinha clara Disse o meu amor que eu a enramara. (S. Pedro das Cebolas, CPP I, pág. 289)	Foram-se a buber a um tanque de água clara; Pousa na flor, que na rama não pousava. Dentro dela andava uma cobrezinha viva;	Toda a água se empolvorizava, Pousa na flor, que na rama não pousava. Toda a água se empolvorizaria, Pousa na flor, que na rama não podia.
§I-1998 O boi ronca E o lobo s'istronca.
E o pastor Toca o tambor. ...	Dentro dela andava uma cobrezinha brava. ...	Dentro dela andava uma cobrezinha viva. ...
O boi ronca	Ela entrava e ela saía; ... Toda a água s'empolvoraria.	O perdigão pela manhãzinha ... O perdigão pela madrugada

...	A folha do castinheiro	Deixá-los isso é que mata.
(s/i, CPP I, pág. 294-5)	Cortada é como a renda;	(C. Branco, CPP I, pág. 302)
§I-2007	Quem tem seus amores bonitos	§I-2035
Ó Rosinha, ó Rosinha do meio,	Não falta quem lhos pretenda.	A oliveira da serra
Vem comigo malhar o centeio.	(Baião, CPP I, pág. 302)	De ventos é combatida;
	§I-2028	É como a moça solteira;
O centeio, o centeio, a cevada,	A laranja, de madura,	De amores é perseguida.
Ó Rosinha, minha namorada!	Caiu aos pés do limão;	(V. Velha Ródão, CPP I, pág. 302)
(Ponte Lima, CPP I, pág. 295)	A moça conversadeira	§I-2036
§I-2016	De uma escapa, doutra não.	A oliveira do adro
Vem por um cordão verde de seda	(s/i, CPP I, pág. 302)	Dá sombra a toda a igreja;
lavrada,	§I-2029	Quem tem o amor à vista
...	A laranja e a tangerina	Tem tudo quanto deseja.
(Bragança, CPP I, pág. 299)	São doces e a casca amarga:	(V. Alentejo, CPP I, pág. 302)
§I-2017	É como o amor dos homens,	§I-2037
A açucena co'pé na água	Que é pouco e depressa acaba.	A oliveira pé de oiro
Laureia p'ra onde quer;	(V. Alentejo, CPP I, pág. 302)	Bota ranquinhos de prata,
É como o rapaz solteiro,	§I-2030	Tomar amores não custa
Enquanto não tem mulher.	A maçã do acipreste	Deixá-los é que me mata.
(Óbidos, CPP I, pág. 301)	De verde não amadura;	(Feira, CPP I, pág. 303)
§I-2020	Triste de quem não tem homem,	§I-2038
A amora nasce da silva	Pobre de quem o atura!	A olivêra ao pé de água
E a silva nasce do chão,	(V. Velha Ródão, CPP I, pág. 302)	Sempre se está bandeando;
O falar nasce da boca	§I-2031	Um amor ao pé do outro
E o amor do coração.	A maçã do acipreste	Sempre se está namorando.
(Mafra, CPP I, pág. 301)	É doce, na casca amarga:	(Alcoutim, CPP I, pág. 303)
§I-2024	É como o amor dos homens	§I-2039
A flor de malva é roxa	Tanto pega como larga.	A progunta tem resposta
Azul a da violeta;	(Cartaxo; C. Beira, CPP I, pág. 302)	Quem progunta quer saber;
...	§I-2032	Estes segundos amores
(s/i, CPP I, pág. 301)	A maçã do acipreste	É comer p'ra não morrer.
§I-2025	É doce, na tona amarga:	(A. da Fé, CPP I, pág. 303)
A folha da oliveira	É como o amor dos homens,	§I-2040
Deitada no lume roge;	Hoje pega, amanhã larga.	A roseira cardinal
Quem tem o amor bonito	(A. Valdevez, CPP I, pág. 302)	Dá rosas a três a três;
Pensa sempre que lhe foge.	§I-2033	...
(Barcelos, CPP I, pág. 302)	A mora nasce da silva,	(Nisa, CPP I, pág. 303)
§I-2026	A silva nasce do chão;	§I-2054
A folha do castanheiro	O amor nasce da alma,	A sobreira é obrigada
Picadinha é como a renda;	Do centro do coração.	A sustentar a cortiça;
Quem tem um amor bonito	(s/i, CPP I, pág. 302)	...
Não pode ter melhor prenda.	§I-2034	(Cuba, CPP I, pág. 303)
(Baião, CPP I, pág. 302)	A oliveira com pés de ouro,	§I-2055
§I-2027	Deita folhinhas de prata;	Alecrim à borda de água
	Tomar amores não custa,	

Deita cheiro que recende; Não há coisa mais humilde Que o amor quando pretende. (V. N. Foz-Côa, CPP I, pág. 304)	§I-2081 Apanhaste um cabaço Apanhado da cabaceira: Quem namora está sujeito A cabaços desta maneira. (s/i, CPP I, pág. 307)	Não se espeta na parede; (Maia, CPP I, pág. 308)
§I-2056 Alecrim à borda de água Sempre está a bandear: É como o rapaz solteiro Quando está a namorar. (Algarve, CPP I, pág. 304)	§I-2083 Aquele carreira de olmos Hei-de a mandar cortar; Quem anda cego de amores Não pode ver verdegar. (Bragança, CPP I, pág. 307)	§I-2099 Castanheiro das castanhas, Bem te vejo as candeias; O amor é como o sangue: Corre por todas as veias. (s/i, CPP I, pág. 308)
§I-2057 Alecrim da charneca Ao longe faz aparência; Muitos amores se perdem Pela pouca diligência! (Évora, CPP I, pág. 304)	§I-2088 As couves da minha horta Uma folha só tempera; Mais vale um amor de longe, Que vinte e cinco da terra. (s/i, CPP I, pág. 307)	§I-2100 Chamaste-me amor-perfeito, Coisa é que a Terra não cria! Amor-perfeito há só um: Filho da Virgem Maria. (Castro Verde, CPP I, pág. 308)
§I-2072 Amores de ao pé da porta Ninguém os queira tomar: São como os pintos de Inverno Que andam sempre a piar. (Nisa, CPP I, pág. 306)	§I-2091 Até os peixes no mar, Aqueles lá mais no fundo, Também têm os seus amores, Como nós cá neste mundo. (V. Conde, CPP I, pág. 307)	§I-2106 Coitadinho de quem tem Amores em terra alheia! Gasta solas e sapatos, Muita vez fica sem ceia. (s/i, CPP I, pág. 309)
§I-2075 Amores velhos deixá-los Acho que não é rezão: Já estão enraizados Na raiz do coração. (Loulé, CPP I, pág. 306)	§I-2092 Atirei o limão ao poço, Apodreceu-lhe a metade; Quem ama dois corações, Algum é com falsidade. (V. Alentejo, CPP I, pág. 307)	§I-2107 Como a rosa das campinas, Tem abrolhos a mulher: Atrai muito o seu perfume, Mas faz mal a quem a quer. (Penaguião, CPP I, pág. 309)
§I-2076 Na cá, meu goivo roxo, Criado na goivaria: ... (Mação, CPP I, pág. 306) Var.: O meu amor é um goivo.	§I-2093 Atirei o limão correndo, Correndo foi dar à fonte; Quem tem amores na vila, Não pode assistir no monte. (Beja, CPP I, pág. 308)	§I-2108 Como pode um candeiro Alumiá dois corredores? ... (V. Alentejo, CPP I, pág. 309)
§I-2077 Anda cá se queres, Se não, lá te avenhas, Com águas passadas Não moem azenhas. (Moura, CPP I, pág. 306)	§I-2095 Bem parece um carro novo À porta dum lavrador: Bem parece u(m)a menina Nos braços do seu amor. (Bragança, CPP I, pág. 308)	§I-2112 Cortei o bico à rola E a espiga ao centeio, Quem tem o amor bonito Ri-se de quem o tem feio. (P. Lima; S. Tirso, CPP I, pág. 309)
§I-2080 Ao romper da bela aurora Sai o pastor da cabana ... (Nisa, CPP I, pág. 306)	§I-2098 Candeia que não dá luz	§I-2114 Cupido, quando nasceu, Logo doce desejou; Por isso o amor é doce, Pois com doce se criou. ... (Moura, CPP I, pág. 309)

§I-2115 Da palmeira nasce a palma Da palma nasce o palmito: Do coração é que nasce O amor mais afélito. (C. Verde, CPP I, pág. 309) Var.: O amor que nasce da alma Dura até ao infinito – V. Alentejo.	(Minho, CPP I, pág. 310)	§I-2138 Estes primeiros amores Que no mundo tem a gente Não sei que doçuras têm Que lembram constantemente. (Lisboa, CPP I, pág. 311)
§I-2116 Da salsa da minha horta Só um raminho tempera: Vale mais um amor de fora Que vinte e cinco da terra. (O. Hospital, CPP I, pág. 310)	§I-2122 Deste-me alecrim por prenda, Por ter a folha miúda: Quiseste-me experimentar... Amor firme não se muda. (s/i, CPP I, pág. 310)	§I-2152 Eu subi ao limoeiro, Colhi uma só vergasta; O amor que é entendido, Meia palavra lhe basta. (S. Tirso, CPP I, pág. 313)
§I-2117 Dá-se às torradas manteiga, Eu comi, num quero mais; Quem dá falas a garotos, O qu' mais recebe são ais! (C. Basto, CPP I, pág. 310)	§I-2123 Detrás duma clara fonte Há uma pedra escondida Com um letreiro que diz: - Quem ama sempre duvida. (s/i, CPP I, pág. 310)	§I-2153 Eu vi Amor entretido À borda duma ribeira, Com uma cana pescando Corações por brincadeira. (V. Alentejo, CPP I, pág. 313)
§I-2118 Debaixo da água está lodo, Debaixo do lodo areia; Debaixo de uma amizade É que o amor se falseia.	§I-2128 Do céu caiu um sinal, No chão se desfarinhou; Quem neste mundo não ama No outro não se salvou... (Redondo, CPP I, pág. 311)	§I-2155 Figueira que não dá figos Não se vai acima dela; Menina que fala a todos Não se faz mais caso dela. (s/i, CPP I, pág. 313)
Debaixo da água está lodo, Debaixo do lodo chão; Debaixo de uma amizade Se descobre uma paixão.	§I-2134 Encontrei o Sol de noite Na rua dos mercados; Quando o Sol anda de noite Que fará quem tem amores! (Portimão; V. Velha Ródão, CPP I, pág. 311)	§I-2156 Fiz a cama na Moreira, A travesseira na amora; Desgraçada rapariga Que do rico se namora! (s/i, CPP I, pág. 313)
Debaixo da água está lodo, Debaixo do lodo lama; Debaixo de uma amizade Se descobre uma má fama. (Loulé, CPP I, pág. 310)	§I-2135 Entre a salsa e o coentro Hei-de dispor o cebolo; Mais vale feio engraçado, Que bonito sendo tolo. (P. Lima, CPP I, pág. 311)	§I-2157 Fui à figueira aos figos, Andei de ramo em ramo, Fui ao céu tomar amores, Que os da terra são engano. (Moimenta Beira, CPP I, pág. 313)
§I-2119 Debaixo do verde cedro Cai o orvalho da aurora; É um pecado mortal Estorvar a quem namora. (V. Castelo, CPP I, pág. 310)	§I-2136 Entre o trevo nasce o trevo, Entre o trevo nasce a salsa; Mais vale uma feia firme Do que uma bonita falsa. (P. Lima, CPP I, pág., 311)	§I-2158 Fui ao jardim do teu peito Numa tarde bem pequena, Achei lá o teu retrato Na mais bonita açucena.
§I-2121 Delicado é o fumo Que bara a telha dobrada; Delicados são os olhos Que namora de pancada.	§I-2137 Entre pedras e pedrinhas Nascem polinhas de salsa; Pega-te à feia que é firme, Deixa a bonita que é falsa. (P. Coura, CPP I, pág. 311)	A açucena era de ouro, ... (Minho, CPP I, pág.313)

§I-2159 Fui ao mato à carqueja ’Scorreguei e dei um tombo: Ninguém se fie nos homens, Que são malhados no ombro! (s/i, CPP I, pág. 314)	(s/i, CPP I, pág. 315)	Que nasce de madrugada; ... (C. Verde, CPP I, pág. 317) Var.: não há flor como o suspiro... - C. Verde.
§I-2163 Fui-me deitar a dormir Ao pé do triste sargaço; ... (s/i, CPP I, pág. 314)	§I-2181 Majarico redondinho Já lhe caiu a felor; Vale mais morrer dum tiro Do que deixar um amor. (s/i, CPP I, pág. 315)	§I-2201 Não há flor como o suspiro ... (Castro Verde, CPP I, pág. 317)
§I-2164 Fui ò mar buscar auga Numa bacia de prata. ... (Cinfães, CPP I, pág. 314)	§I-2186 Meu amor, se tu lá fores, Lá ao rancho das formosas, Agarra-te às trigueirinhas, Qu’as brancas são enganosas. (Nisa, CPP I, pág. 316)	§I-2203 Não há machado que corte A raiz ao aljábão; Não há justiça que aparte O amor do coração. (s/i, CPP I, pág. 317)
§I-2170 Inda não vi a figueira Dar o fruto na raiz; Inda não vi rapaz solteiro Ser constante no que diz. (Portimão, CPP I, pág. 314)	§I-2187 Minha murteira acamada Quebra com o viço que tem, É como os amores novos Enquanto se querem bem. (V. Velha Ródão, CPP I, pág. 316)	§I-2204 Não há pão como o pão alvo, Nem carne como o carneiro, Nem peixe como a pescada, Nem amor como o primeiro! (Arruda Vinhos, CPP I, pág. 317) Var.: Não há pão como o pão trigo Mondim de Basto
§I-2173 Já puxei a giesta branca, Já lhe fiz a diligência; Ninguém deite seu sentido Onde outro faz assistência. (s/i, CPP I, pág. 315)	§I-2188 Moro à beira cá do rio Minha vizinha é a grama; ... (s/i, CPP I, pág. 316)	§I-2205 Não há pão como pão trigo, Nem carne como carneiro, Nem regalo como a cama, Nem amor como o primeiro. (Mangualde, CPP I, pág. 317)
§I-2176 Jurei pelo junco verde, Que é a jura do lavrador: Não há fonte sem ter água, Nem donzela sem amor. (Castro Verde, CPP I, pág. 315)	§I-2196 Não é nada ir à palma Senão saber apanhar: Não é nada ter amores Senão sabê-los amar. (Alportel, CPP I, pág. 317)	§I-2208 Não há roxo como o lírio, Nem verde como o loureiro, ... (s/i, CPP I, pág. 318)
§I-2179 Lá vem o Sol peneirando Aljôfar sobre as meninas: Nem todos os que namora Alcançam pérolas finas. (S. Tirso; Viseu, CPP I, pág. 315)	§I-2198 Não há cravo como o branco Que até no cheirar é doce; ... (M. Canaveses, CPP I, pág. 317)	§I-2209 Não há sábado sem sol, Nem alecrim sem flor, Nem casada sem desgosto, Nem solteira sem amor. (C. Beira, CPP I, pág. 318)
§I-2180 Laranjeira de pé de ouro, Deita raminhos de prata; O tomar amores não custa, O deixá-los é que mata.	§I-2199 Não há flor como a da giesta Pela manhã ao abrir; ... (s/i, CPP I, pág. 317) Var.: não há flor como o junquilha – Sertã. §I-2200 Não há flor como giestra,	§I-2211 Não há sábado sem sol Nem rosmaninho sem flor, Nem casada sem ciúme, Nem solteira sem amor.

(Coimbra, CPP I, pág. 318)	Dar os figos verdeais; Nunca vi moça solteira Que fosse leal aos pais. (s/i, CPP I, pág. 319)	§I-2239 O amieiro do rio Perguntou ao do ribeiro ... (M. Canaveses, CPP I, pág. 320)
§I-2213 Não te fies na doçura Com que teu amor te trata: Detrás da doçura vem Uma pena que te mata. (s/i, CPP I, pág. 318)	§I-2228 O alecrim à beira de água Sempre está a bandear: É como o rapaz solteiro Quando está a namorar. (Portimão, CPP I, pág. 319)	§I-2240 O amor do velho é frio, Já lá não entra paixão; É como o pombal vazio Onde as pombas já não vão. (Faro, CPP I, pág. 320)
§I-2215 Naquelas altas montanhas Ouvi dizer aos pastores: ... (Amarante, CPP I, pág. 318)	§I-2229 O alecrim ao pé de água Muita flor desperdiça; Quem não ama de vontade, Não se obriga por justiça. (Loulé, CPP I, pág. 319)	§I-2244 O amor é como o feto Que nasce na outonada, Nasce muito viçozinho, Ao depois torna-se em nada. (Cabeceiras Basto, CPP I, pág. 321)
§I-2217 Nem toda a árvore dá fruto, Nem toda a erva dá flor, Nem toda a mulher bonita Pode dar constante amor. (s/i, CPP I, pág. 318)	§I-2230 O alecrim ao pé de água Sempre se está bandeando; Um amor ao pé do outro Sempre está namorando. (Tavira, CPP I, pág. 319)	§I-2255 O amor quando se encontra Causa pena e dá gosto; Sobressalta o coração, Sobem as cores ao rosto. (Penaguião; Mogadouro; V. Conde, CPP I, pág. 322)
§I-2218 No alto daquela serra Andam dois coelhos bravos; Muitos amores se perdem Por não serem procurados. (Mogadouro, CPP I, pág. 318)	§I-2231 O alecrim de chapada É comprido e não faz moita: É como o rapaz solteiro, Quer casar, mas não se afoita. (s/i, CPP I, pág. 320)	§I-2259 O caldo está bem temp'rado, O que lhe falta é limão; O pai quer, a mãe consente, A filha não diz que não. (Lisboa, CPP I, pág. 322)
§I-2219 No alto daquela serra, Canta alegre o lavrador; Que fará quem não arrasta Os duros grilhões de amor! (Barcelos, CPP I, pág. 318)	§I-2232 Ó alecrim, rei das ervas, Ó ouro, rei dos metais, Quem dá falas a brejeiros O que recebe são ais. (Feira, CPP I, pág. 320)	§I-2261 O casar é uma coisa Que se come enquanto quente; Enquanto dura o pão da boda Anda a noiva bem contente. (Alvaiázere, CPP I, pág. 322)
§I-2223 Noite escura, noite escura, Quem ama, sempre arreceia. Quem tivesse tal ventura: Do almoço ficar p'rá ceia! (ilha S. Maria, CPP I, pág. 319)	§I-2233 Ó alecrim, rei das ervas, Rei dos cheiros que há na horta: Donde houver muita amizade Decerto há logo volta. (A. Valdevez, CPP I, pág. 320)	§I-2262 O cipreste não se rega, Que nasce à fresquidão; ... (s/i, CPP I, pág. 322)
§I-2224 Nunca vi figueira preta Dar os figos na raiz; Nunca vi moça solteira Servir vara de juiz. (B. Baixa, CPP I, pág. 319)	§I-2238 O amieiro do rio Dá'lo vento, balanceia; ... (Penafiel, CPP I, pág. 320)	§I-2264 O coelho é matreiro, Fê-la cama na queiró;
§I-2225 Nunca vi figueira preta		

É como a moça solteira, Fá'la cama e dorme só. (Feira, CPP I, pág. 322)	§I-2275 Ó limão, verde limão, Que brilhas no limoeiro, Não há flor como a rosa, Nem amor como o primeiro. (Mafra, CPP I, pág. 323)	(Abrantes, CPP I, pág. 324)
§I-2265 O coração é uma herdade, Que Deus dá de arrendamento. Com amor e amizade Paga-se a renda a contento. (Santarém, CPP I, pág. 322)	§I-2276 O lobo quando tem fome Não respeita o povoado: É como o rapaz solteiro Quando está enamorado. (Nelas, CPP I, pág. 323)	§I-2288 Ó oliveira do adro, Não assombres a igreja, Que bem assombrado anda Quem não logra o que deseja. (s/i, CPP I, pág. 324)
§I-2266 O cravo branco é firme, Até no cheirar é doce. ... (s/i, CPP I, pág. 322-3)	§I-2277 O loureiro é pau verde, Criado na flor branca; Quem houver de ter amores Não l'há-de mostrar carranca. (Famalicão, CPP I, pág. 323)	§I-2289 Ó olhos da preta amora Riscadinhos a compasso, Na vida de quem namora Sempre há-de haver embaraço! (Avis, CPP I, pág. 324)
§I-2267 O cravo p'ra ser bonito Há-de ser almiscarado; ... (s/i CPP I, pág. 323)	§I-2278 O loureiro é pau berde É rachado ò correr! Quem casa co'mulher feia É comer p'ra não morrer. (Valença, CPP I, pág. 324)	§I-2290 O perdigão anda no monte, Come da erva que quer; É como o rapaz solteiro Enquanto não tem mulher. (Bragança, CPP I, pág. 324)
§I-2270 O jasmineiro é verde, Que dá suas flores brancas: Ele não pode ser leal Quem dá falinhas a tantas! (T. Moncorvo, CPP I, pág. 323)	§I-2282 O mar pediu a Deus peixes Para andar acompanhado: Quando o mar quer companhia, Que fará um desgraçado!	§I-2291 O pessegueiro é triste Enquanto não tem felor: Assim são nas raparigas, Enquanto não têm amor. (Baião, CPP I, pág. 325)
§I-2272 O limão é fruta azeda, Criada na flor branca; Quem houver de ter amores, Não lhe há-de mostrar carranca. (Maia, CPP I, pág. 323)	§I-2284 O medronheiro é triste Enquanto não tem felor: Assim são nas raparigas Enquanto não têm amor. (s/i, CPP I, pág. 324)	§I-2294 O rouxinol do loureiro Faz o ninho onde quer; É como o rapaz solteiro, Enquanto não tem mulher. (V. Velha Ródão, CPP I, pág. 325)
§I-2273 O limão é fruta azeda Que se vende na botica: Ama-se quem é de gosto, Quem não é de gosto fica. (M. Douro; P. Coura, CPP I, pág. 323)	§I-2286 O meu peito é enxertia, Onde se enxerta o amor; Quem vem tarde leva a rama, Quem vem cedo leva a flor.	§I-2297 O serpão é miudinho, Não se pode atar òs molhos; Amar a quem me não ama, É grande cegueira de olhos! (s/i, CPP I, pág. 325)
§I-2274 O limão tira o fastio De cima do limoeiro: Quais amor será mais firme, S'ê o do resto ou o primeiro? (Cinfães, CPP I, pág. 323)		§I-2298 O sete-estrela vai alto E o cajado dos pastores; Na vida não tem descanso Quem se perde por amores. (O. Hospital, CPP I, pág. 325)
		§I-2303

Oh que pinheiro tão alto, Oh que pinhas tão coradas! Assim são nas raparigas Enquanto não estão casadas. (Baião, CPP I, pág. 326)	(V. N. Gaia, CPP I, pág. 328)	É sinal de verde engano. Vale mais o amor numa hora Que a justiça em todo o ano. (V. Alentejo, CPP I, pág. 331)
§I-2304 Oliveira de pé de oiro Deita galhadas de prata; Tomar amores não custa, Mas deixá-los é que mata. (Mogadouro; Resende, CPP I, pág. 326)	§I-2341 Quem diz que amar é doce? Eu digo que amarga bem... Pelo que eu tenho passado, Não se pode amar ninguém. (s/i, CPP I, pág. 329)	§I-2368 Salsa verde na parede, Qualquer raminho tempera. Vale mais um amor de fora Que quatro ou cinco na terra. (Elvas, CPP I, pág. 331)
§I-2305 Oliveira verdeal Em terra fria não medra; É como a menina nova Casada fora da terra. (A. da Fé, CPP I, pág. 326)	§I-2349 Quem quiser que a água corra Dê um golpe na levada; Quem quiser o amor firme Cale-se, não diga nada. (Barcelos, CPP I, pág. 329)	§I-2372 Se quiseres um limão verde Vai colhê-lo ao limoeiro, Se quiseres um amor firme Volta-lhe as costas primeiro. (O. Hospital, CPP I, pág. 331)
§I-2310 Os meus olhos são anzóis Que pescam no mar sem rede; O amor que não é firme Não se faz cabedal dele. (s/i, CPP I, pág. 326)	§I-2350 Quem quiser que a água corra Faça-lhe um rego direito; Quem quiser amor firme Tem que andar com ele a jeito. (C. Branco, CPP I, pág. 330)	§I-2373 Se tu queres que eu te diga Como começa o amor: Começa em uma gracinha, Acaba em um dissabor. (Penaguião, CPP I, pág. 331)
§I-2313 Os peixinhos no mar frio, Aonde não encha calor, Aí mesmo se alimentam Na doce união de amor. (Ilha S. Jorge, CPP I, pág. 326)	§I-2353 Quem tem amores não dorme, Nem de noite nem de dia, Dá tantas voltas na cama, Como peixe na água fria. (s/i, CPP I, pág. 330)	§I-2378 Suspiros, ais e tormentos, Lamentações e cuidados É o manjar dos amantes Quando vivem separados. (V. Alentejo, CPP I, pág. 332) Var.: Quando se acham maltratados – Feira
§I-2315 Passei pela junca verde Com'speranças de lavrador: Não há ribeira sem água, Nem donzela sem amor. (Loulé, CPP I, pág. 326)	§I-2357 Quem tem pinheiros, tem pinhas, Quem tem pinhas, tem pinhões, Quem tem amores, tem saudades, Quem tem zelos, tem paixões. (Granja Nova ?, CPP I, pág. 330)	§I-2379 Tantas voltas dá o rio Ao redor do amieiro: ... (Baião, CPP I, pág. 332)
§I-2321 Pus o pé no junco verde, Fi-lo andar de redor: ... (Baião, CPP I, pág. 327)	§I-2365 Salgueiro à borda d'água Deita a raiz onde quer, ... (Alcanena, CPP I, pág. 331)	§I-2382 Tenho dentro do meu peito Dois moinhos a moer: Um anda, outro desanda, Que assim faz o bem querer. (Loulé, CPP I, pág. 332)
§I-2331 Quatro voltas dá o rio, Em roda do amieiro, ...	§I-2366 Salsa verde na parede Ao longe faz aparência; Eu já vi amores perdidos Por falta de diligência. (V. Alentejo, CPP I, pág. 331)	§I-2383 Tenho dentro do meu peito Duas azenhas a moer, Uma anda, outra desanda,
	§I-2367 Salsa verde na parede	

Assim é o bem-querer. (V. Conde, CPP I, pág. 332)	(s/i, CPP I, pág. 338)	...
Var.: Duas rodas a moer – P. Ferreira; C. Branco	§I-2402 ...	(Penafiel, CPP I, pág. 339) §I-2411
Var.: Duas'zenhas a moer – Feira	B sempre é pelo beijinho, Também é pela doçura:	...
§I-2385	...	O terceiro, que é cheirar, Bom raminho de alecrim:
Tenho dentro do meu peito	(Portimão, CPP I, pág. 338)	Peço-te, amor da minh'alma, Que te não'squeças de mim.
Duas pedras a moer: Uma mói as saudades, Outra mói o bem-querer. (V. Velha Ródão, CPP I, pág. 332)	§I-2403 A'çucena c'os pés n'auga Tem os seus cinco sentidos; ...	O quarto, que é gostar, Eu que gosto posso ter! Ausente de um bem que adoro, Melhor me fora morrer!
§I-2388	(Feira, CPP I, pág. 338)	...
Todo o cipreste florido Deita cheiro que rescende; ...	§I-2404 À oliveira do adro Cinco folhas lhe colhi: Era os cinco sentidos Que eu tinha postos em ti. (A. Fé, CPP I, pág. 338)	(s/i, CPP I, pág. 340) §I-2412
(s/i, CPP I, pág. 333)
§I-2389	Que eu tinha postos em ti. (A. Fé, CPP I, pág. 338)	O terceiro é cheirar Num raminho de alecrim; Só te peço, meu amor Que não te esqueças de mim.
Todos os pássaros verdes Vão beber à flor do rio; E todos os namorados Por fim têm o seu desvio. (Penaguião, CPP I, pág. 333)	§I-2405 Assubiu ao limoeiro, Cinco folhas lhe tirei, Cinco sentidos que eu tinha Todos em ti empreguei. (s/i, CPP I, pág. 339)	O quarto é gostar, Gosto do teu coração ...
§I-2391	...	(C. Verde, CPP I, pág. 340)
Torradas e mais torradas, Venha a faca, corte, corte, A paixão do amor firme É pior que a negra morte. (C. Daire, CPP I, pág. 333)	§I-2409 ...	§I-2413 Passei junto da oliveira Cinco folhas acolhi; Cinco sentidos que eu tinha, Amor, em ti empreguei. ...
§I-2400	O terceiro é cheirar; Meu raminho de alecrim, Só peço que não me deixes, Nem que te apartes de mim.	O terceiro é cheirar, Num raminho de alecrim; Todas as penas se acabam Só as minhas não têm fim.
...	E o quarto é gostar, Mas que gostos posso ter? Ausente do meu amor, Melhor me fora morrer. ...	O quarto é gostar, Que eu tenho em ti grande gosto: ...
Anda cá, meu doce encanto, Ouvirás, prenda querida, ...	(Penafiel, CPP I, pág. 339)	(Lagoa, CPP I, pág. 340-1)
Pelas fontes dos meus olhos Correm rios de cristais; Já te ausentas de mim P'ra me não ouvir dar ais! ...	§I-2410 ...	§I-2414
(s/i, CPP I, pág. 234-6)	O terceiro é cheirar Este ramo de alecrim; Pelo amor de Deus te peço: Nunca te esqueças de mim.	Passei pela aroeira, Cinco ramos apanhei; Cinco sentidos que eu tinha Todos em ti empreguei. (s/i, CPP I, pág. 341)
§I-2401	O quarto que é gostar... Muito gosto de te ver:	
...		
O x é um xarope, Sem ira e muito amargo, Para os nossos corações Que se vêm de amor abrasados. ...		

§I-2415 Passei pela oliveira, Cinco folhas apanhei; Foram os cinco sentidos Lindo amor, que pus em ti. (Monchique, CPP I, pág. 341)	(C. Branco, CPP I, pág. 342)	§I-2443 ... Quem se cativa de gosto Não tem de quem se queixar! (C. Verde, CPP I, pág. 344)
§I-2416 Passei pela oliveira, Cinco folhas eu colhi; Foram os cinco sentidos Que eu, amor, pus em ti. (Tavira, CPP I, pág. 341)	§I-2421 Passei pela oliveira Cinco folhas lhe cortei: Era os cinco sentidos Que eu em ti logo empreguei. ... O segundo é ouvir Tuas doces expressões, Que fazem ternos e doces Os mais duros corações.	§I-2449 Debaixo do alecrim, Pus-me a colher a semente, Logo que vi os teus olhos Fiquei presa para sempre. (V. Conde, CPP I, pág. 345)
§I-2417 Passei pela oliveira, Cinco folhas l'apanhei; Cinco sentidos que eu tenho Todos em ti empreguei. (Taruca, CPP I, pág. 341)	O terceiro é cheirar Essa cândida açucena; ... (F. Algodres, CPP I, pág. 342)	§I-2450 Delicado é o peixe, Que faz a cama no lodro; Delicados os teus olhos Que me prenderam de todo. (Idanha-a-Nova, CPP I, pág. 345)
§I-2418 Passei pela oliveira, Cinco folhas lh'acolhi: Cinco sentidos que eu tinha Todos em ti empreguei. ... O terceiro é cheirar, Num raminho de alecrim: Todas as paixões se acabam, Só a minha não tem fim.	§I-2422 A laranja nasce verde, O sol é que a cor lhe deu: Meu coração nasceu livre, Só o teu é que o prendeu! (C. Verde, CPP I, pág. 342)	§I-2463 Indo pela rua abaixo, Logo ao lado dali, Ficaram meus olhos presos Numa açucena que eu vi. (A. Fé, CPP I, pág. 346)
O quarto é gostar, Que gosto poderei ter, Vivendo de ti ausente? ... (Loulé, CPP I, pág. 341)	§I-2427 A silva que me prendeu Saiu do arco da fonte; A silva não me prendeu, Prendeu-me quem está defronte. (T. Moncorvo, CPP I, pág. 343)	§I-2464 Já sinto o meu coração De amores prisioneiro; Dizeis que é grilhão pesado, Acho doce o cativoiro. (P. Coura, CPP I, pág. 346)
§I-2419 Passei pela oliveira, Cinco folhas lhe apanhei; Foram os cinco sentidos Que no jardim empreguei. ... (de O Elvense, 1891, CPP I, pág. 341-2)	§I-2436 Adeus, fonte de três bicas, Aonde eu apago a sede! Lá me fizeram um laço, Mas eu não caí na rede!... (C. Basto, CPP I, pág. 344)	§I-2465 Limoeiro da calçada, Que já num das mais limões, Já te cortaro' nas guias Pera render corações. (Baião, CPP I, pág. 346)
§I-2420 Passei pela oliveira, Cinco folhas lhe colhi, Foram os cinco sentidos, Que eu tinha posto em ti.	§I-2437 Alecrim da borda de água Deita cheiro que rescende; Assim é o meu amor: Onde chega, logo prende. (V. Alentejo, CPP I, pág. 344)	§I-2467 Manjerição da janela, Feito à luz da candeia, Se quiseres que eu seja tua Faz dos teus braços cadeia. (Minho, CPP I, pág. 346)
	§I-2441 Chamastes ao meu cabelo Canavial de Cupido: ... (Nisa, CPP I, pág. 344)	§I-2468 Margarida me prendeu, 'Zabel me deu à prisão. Margarida da minh'alma!

- ...
(Serpa, CPP I, pág. 346)
- §I-2475
O elo da videirinha
Está sujeito à prisão;
Também eu m'assujeitei
A amar o teu coração.
(Baião, CPP I, pág. 347)
- §I-2479
O trevo diz que se atreve
A apartar dois corações,
...
O trevo diz que se atreve,
O trevo é atrevido:
O trevo diz que se atreve
A arranjar amor's comigo.
(Cartaxo, CPP I, pág. 347)
- §I-2482
Os meus peitos são limões,
O meu corpo limoeiro,
Os meus braços são grillhões,
Onde tu'stás prisioneiro.
(Moura, CPP I, pág. 348)
- §I-2485
Os teus olhos são candeias
Que prendem os namorados;
...
(C. Branco, CPP I, pág. 348)
- §I-2502
A azeitona, quando nasce,
Nasce logo redondinha;
Também tu, quando nasceste,
Foi logo para ser minha.
(Avis, CPP I, pág. 349)
- §I-2503
A flor da amendoeira
É a primeira do ano
Esses teus olhos, menina,
São os primeiros que eu amo.
(Monchique; Ourique, CPP I, pág. 349)
- §I-2504
A flor da amendoeira
É a primeira do ano;
Também tu, minha menina,
- És a primeira que eu amo.
(Olhão, CPP I, pág. 350)
- §I-2505
A folha da vinha branca
O sol claro a passa.
Hê-de empregar todo'ô gêto,
Para te cair em graça.
(R. Monsaraz, CPP I, pág. 350)
- §I-2507
A laranja de madura
Caiu no tanque da neve;
Menina, se quer amores
Aqui está um que lhe serve.
(Mogadouro, CPP I, pág. 350)
- §I-2508
A laranja é redondinha,
Cabe dentro de um limão.
Também tu, minha menina,
Cabes no meu coração.
(Baião; M. Canavezes, CPP I, pág. 350)
- §I-2509
A laranja, quando nasce,
Logo nasce redondinha;
Também tu, minha menina,
Nasceste para ser minha.
(Baião; M. Beira; M. Canavezes;
Bragança, CPP I, pág. 350)
Var.: Também tu, quando nasceste
Foi logo para ser minha – Alijó;
Redondo
- §I-2510
A noqueira é de segredo,
Tem no segredo na noz;
Vós chamais-me doido, doido,
Eu endoideço por vós.
(Tarouca, CPP I, pág. 350)
- §I-2511
Aceita o meu coração
Que a pombinha leva aí!
Se eu voara como ela,
Sempre estava ao pé de ti.
(V. Alentejo, CPP I, pág. 350)
- §I-2512
Açucena co' o pé n'auga
- Aos três dias vai abrindo;
Assim são nos meus amores:
Passam por mim, vão-se rindo.
(Baião, CPP I, pág. 350)
- §I-2514
Alto pinheiro redondo,
Dá-lhe o vento, balanceia,
Por via duma menina
Uma paixão se me ateia.
(F. Algodres, CPP I, pág. 351)
- §I-2516
«Amor do meu coração»...
Não vi palavra mais doce!
...
(Alandroal, CPP I, pág. 351)
- §I-2517
Amor, três vezes amor,
Oh que palavra tão doce!
...
(V. Velha Ródão, CPP I, pág. 351)
- §I-2524
Apagai essa candeia,
Que está o azeite caro;
Diante de mim'stão olhos,
Que alumiam mais claro.
(s/i, CPP I, pág. 351)
Var.: Apagaste a candeia
No ano do azeite caro.
- §I-2528
Assubi à amendoeira,
Encontrei-me, adormeci;
Nunca cuidei que chegava
A gostar tanto de ti!
(Baião, CPP I, pág. 352)
- §I-2529
Assubi à oliveira,
Colhei flores ao desdém:
A todos digo que morro,
Só a ti digo por quem.
(s/i, CPP I, pág. 352)
- §I-2530
Assubi ao limoeiro,
Duma cama fiz encosto:
Se me tu quiseras bem,
Eu de ti fizera gosto!

- (C. Basto, CPP I, pág. 352)
- §I-2532
Cara de leite coado,
Todo o mundo te cobiça;
Ô domingo na igreja
Quem te vê não ouve missa.
(Feira, CPP I, pág. 352)
- §I-2536
Da palmeira nasce a palma,
Da palma nasce o palmito,
O querer-bem nasce da alma;
Quero-te bem, tenho dito.
(Alandroal, CPP I, pág. 352)
- §I-2540
Debaixo da terra se criam
Coisinhas que sabem bem;
Também tu, menina, nasceste
Para o amparo de alguém.
(M. Canaveses, CPP I, pág. 353)
- §I-2541
Delicado é o fumo
Que vara a telha e meia;
Delicados são teus olhos
Que namoram à candeia.
(Baião, CPP I, pág. 353)
- §I-2543
Dizeis que não há rosas
Nem brancas nem amarelas,
Ide à fábrica das rolas
Está lá uma sala delas.
(C. Branco, CPP I, pág. 353)
- §I-2546
És bonita como o Sol
Corados como o medronho;
Tu és aquela pequena
Com quem eu de noite sonho.
(P. Ferreira, CPP I, pág. 353)
- §I-2550
És uma branca açucena,
És uma rosa corada
...
(V. Alentejo, CPP I, pág. 354)
- §I-2552
Esta noite caiu neve
- Numa folhinha de couve;
Oh quem me dera cair
Nos braços de quem me ouve!
(V. Conde, CPP I, pág. 354)
- §I-2560
Eu hei-de ir acima à serra,
A segar e atar molhos;
...
(C. Beira, CPP I, pág. 354)
- §I-2566
Fui ao jardim de açucenas
Onde a Primavera nasce,
Não achei flor nascida
Que contigo comparasse.
(V. Alentejo, CPP I, pág. 355)
- §I-2568
Fui ao jardim do império
Onde a malva branca nasce,
Não achei flor nenhuma
Que contigo comparasse.
(C. Verde, CPP I, pág. 355)
- §I-2589
Menina que anda na horta
Dê-me um raminho de oregos
Que eu lhe darei um de cravos
Ou de goivos amarelos.
(Baião, CPP I, pág. 357)
- §I-2590
Menina, que está à janela,
Olhando, vendo quem passa:
Tem olhos de caçadora,
Ande comigo à caça.
(Famalicão, CPP I, pág. 357)
- §I-2593
Meu pinheiro ramalhudo,
Dourado do pé à ponta,
...
(Baião, CPP I, pág. 357)
- §I-2594
Meu ramo de murta fina,
Eu hei-de-te combater:
A murta dá-se a quem morre,
Eu por ti quero morrer.
(B. Alta, CPP I, pág. 357)
- §I-2595
Não há cravo como o branco,
Nem verde como a ortiga;
Sempre gosto de te ver,
Inda que nada te diga.
(s/i, CPP I, pág. 357)
- §I-2599
Não me namoram corais,
Nem pendentes nas orelhas:
Namoram-me os teu sasseios,
Doeirinha das ovelhas.
(Vouzela, CPP I, pág. 358)
- §I-2606
Ó acipreste do vale,
Retiro dos passarinhos,
Bem retirada que eu ando,
Lindo amor, dos teus carinhos!
(s/i, CPP I, pág. 358)
- §I-2607
O alecrim, quando nasce,
Ao teu peito faz encosto:
Se não querias que eu te amasse,
Não nascesses ao meu gosto.
(Avis, CPP I, pág. 358)
- §I-2608
Ó alecrim, rei das ervas,
Ó ouro, rei dos metais,
Também vós, minha menina,
Sonde'lo rei de meus ais.
(Vinhais, CPP I, pág. 358)
- §I-2609
Ó Antoninho, Antoninho,
Cara de leite ecoado,
Se tu não fosses meu primo,
Já te tinha namorado.
(V. Franca Campo, Açores, CPP I, pág. 359)
Var.: Ó João, ó Joãozinho – Nisa)
- §I-2614
Ó José, pinheiro verde,
Sombra para todo o Verão:
Toda a sombra se acaba,
Sós a tua é que não!
(A. Valdevez, CPP I, pág. 359)
- §I-2615

O loureiro é pau preto Que nasce pelos quintais, Também tu, minha menina, És alívio dos meus ais. (Feira, CPP I, pág. 359)	(P. Lima, CPP I, pág. 360)	Tenho uma laranja de ouro Ao canto do meu baú Para dar ao meu amor... Deus queira que sejas tu! (Alandroal, CPP I, pág. 363)
§-2618 Ó meu cravo felorido, Minha doce adoração, ...	§I-2634 Petisquei no seixo branco, Queimei-me numa fásca; Namorei-me dos teus olhos Logo à primeira vista. (A. Fé, CPP I, pág. 361)	§I-2663 Tira-te dessa janela, Minha folhinha de alface, Já daqui me estás par'cendo Raios do Sol quando nasce. (B. Alta, CPP I, pág. 363)
(Baião, CPP I, pág. 359)	§I-2635 Pinheiro, dá-me uma pinha, Ó pinha, dá-me um pinhão; Menina, dá-me os teus olhos, Que eu dou-te o meu coração! (M. Canaveses, CPP I, pág. 361)	§I-2664 Todas as flores em Maio Se sujeitam à cilindra; Também eu me sujeitei À tua feição que é linda. (Matosinhos, CPP I, pág. 363)
§I-2621 Ó minha cabra amarela, Pelada pela barriga, Eu também me estou pelando Por aquela rapariga. (Vouzela, CPP I, pág. 360)	§I-2644 Sois branquinho com'ò leite, Corado com' à geadá: Sois uma estrela brilhante Que nasce na madrugada. (Melgaço, CPP I, pág. 361)	§I-2668 Vai já a nascer o Sol Numa maçã coradinha. Enganei-me, era a Lua, Eras tu, minha menina. (V. Alentejo, CPP I, pág. 363)
§I-2623 Ó minha pombinha branca, Ó asas da Primavera, Coração de amêndoa doce, Boquinha d' açucre e mel. (P. Sor, CPP I, pág. 360)	§I-2645 Sois branquinho com'ò leite, Ingrato com'ò medronho Sois um feitichinho de alma Com quem toda a noite sonho. (Melgaço, CPP I, pág. 362)	§I-2671 A figueirinha tem figos, Cada figo, tem seu nome; Eu qu'ria-te amar, menina, Não sei quando, nem adonde. (Vimioso, CPP I, pág. 364) Var.?: Seis espécies de figos: lampos, moscatéis, etc. – Vimioso
§I-2624 O serpão é miudinho Que eu não o amiudei; Desde que nasci até'gora Sempre por ti esperei. (C. Basto, CPP I, pág. 360)	§I-2650 Tendes loureiro à porta, Tendes sombra regalada. Tendes fama de bonita, Deveis de ser procurada. (Lousã, CPP I, pág. 362)	§I-2672 A folha do castanheiro É bicada como a renda Diga-me, ó minha menina, P'ra quem está de encomenda. (Baião; T. Moncorvo, CPP I, pág. 364)
§I-2630 Oh que lindas pombas brancas Eu vejo naquele pombal! Quem me dera ser o par De que não tenha casal. (Vimioso, CPP I, pág. 360)	§I-2653 Tenho cravos, tenho rosas, Manjericões a nascer; Tenho-te tanto amor, Que to não posso dizer! (s/i, CPP I, pág. 362)	§I-2674 A minha salva de prata Não vai à mesa do rei; Minha alma por ti se mata E a tua por mim não sei. (Monção, CPP I, pág. 364)
§I-2631 Oh que lindo limoeiro, Carregado de limões, Ainda te não namorei, Mas trago essas tenções. (Redondo, CPP I, pág. 360)	§I-2654 Tenho dentro de meu peito Laranja, lima, limão; Para ter de toda a fruta, Falta-me o teu coração. (A. Fé; Serpa, CPP I, pág. 362)	§I-2675
§I-2632 Oh que pinheiro tão lato, Só com uma pinha no meio, Oh que menina tão linda, Filha de um homem tão feio!	§I-2659	

Açucena é uma flor Para quem quiser'scolher: O teu sentido, amor, Eu desejava saber. (Avis, CPP I, pág. 364)	§I-2713 Mandei fazer um ilustre P'ra pôr na mesa redonda; Se tu não casas comigo, Para engano já abonda. (s/i, CPP I, pág. 367)	(Baião, CPP I, pág. 371) §I-2756 Em qualquer charco de água Faz o peixe habitação; ... (T. Moncorvo, CPP I, pág. 371)
§I-2676 Adeus, senhoras, que eu parto; Não sei se parta se não. Se parto fico partida Em quartos, como o limão. (V. Alentejo, CPP I, pág.364)	§I-2714 Maria, minha Maria, Minha malga de água fria, Não sei se te beba agora Se te deixe p'ra de dia. (Mangualde, CPP I, pág. 368)	§I-2759 Eu hei-de amar a cereja Hei-de amar a cerijeira; Hei-de amar a sobrinha, Indas que a tia não queira! (Alto Minho, CPP I, pág. 371)
§I-2678 Anda lá, que eu já lá vou, Espera, meu alecrim, Que te quero procurar Que queixa tinhas p'ra mim. (M. Douro, CPP I, pág. 364)	§I-2720 Ó amieiro do rio, Empresta-me a tua sombra; Eu furtei uma menina Não tenho aonde a esconda. (s/i, CPP I, pág. 368)	§I-2764 Eu nasci à borda de água, Criei-me na fresquidão; Quem me quiser, que me busque, Onde eu'stiver me acharão. (Ilha S. Jorge, CPP I, pág. 372)
§I-2679 Andais abaixo, arriba, Nem atais nem desatais: Oitro pilh'òs passarinhos No laço que vós armais. (Baião, CPP I, pág. 365)	§I-2721 O amieiro do rio Escreveu ao do ribeiro: Q'ais amor era mais firme, Se o segundo se o primeiro. (M. Canaveses; A. Fé, CPP I, pág. 368)	§I-2768 Hei-de amá'la cereijinha, Que é primeira novidade: Hei-de amar quem eu quijer, Quem for da minha vontade. (Baião, CPP I, pág. 372)
§I-2686 Aqui'stou à tua porta, Comò feixinho de lenha: 'Stou à espera da reposta Que da tua mão me venha. (V. N. Cerveira, CPP I, pág. 365)	§I-2726 O mantrasto é verdura, O cizirão é enleio; Amor, faz-me uma escritura, Que eu não me fio em paleio. (Nisa, CPP I, pág. 369)	§I-2770 Hei-de amar a cereijinha, Que é a primeira novidade: Hei-de amar quem eu quijer, Quem for da minha vontade. (Cinfães; Mesão Frio, CPP I, pág. 373)
§I-2690 Botei o cravo de molho, Dentro de um copo de vinho; Resolve o teu coração, Que o meu já'stá resolvido. (s/i, CPP I, pág. 365)	§I-2740 Tenho dentro do meu peito Duas espinhas de peixe, Uma diz que te não ame Outras diz que te não deixe. (V. Alentejo; Lamego; P. Coura; Terras de Bouro, CPP I, pág. 370)	§I-2772 Hei-de amar o cordon berde, Inquanto tiber berdura; Hei-de amar a quem quijer, Qu'inda num fije'scritura. (Melgaço, CPP I, pág. 373)
§I-2709 Fui à horta colher trevo, Achei o trevo colhido... Atrevo-me? Não me atrevo A ter amores contigo.	Var.: duas escamas... - Ilha Graciosa; Moura.	§I-2773 Hei-de amar-te que é meu gosto, Querer-te que é meu regalo; Eu não sou como a pombinha Que morreu ao desamparo. (V. Conde, CPP I, pág. 373)
A ter amores contigo, Por seres o mais extremo. Fui à horta colher trevo, Achei o trevo cheiroso. (Portimão, CPP I, pág. 367)	§I-2755 Arriguei o sargacinho, Arriguei-o, está arrigado; Eu deixei o meu amor, Deixei-o, está bem deixado.	§I-2780

Menjarico miudinho, Vira as costas ò sol-posto, Tamém eu viro as costas A quem não é do meu gosto. (C. Branco, CPP I, pág. 373)	Que ele turva na garrafa; Tanto te hei-de andar ao jeito, Que te hei-de cair em graça! (Baião, CPP I, pág. 377)	(Baião, CPP I, pág. 379) §I-2848 Atiraste ao meu peito, Ao coração co'uma bala; Quem ao meu peito atira Pouco bem lhe quer ou nada. (s/i, CPP I, pág. 379)
§I-2785 Ó mar, abaixai as ondas, Que eu quero apanhar um peixe. Eu quero deixa o mundo, Antes que o mundo me deixe. (Portimão, CPP I, pág. 374) Var.: Ó mar de Deus, amansai... - Ilha S. Jorge.	§I-2824 Ó José, ó Josezinho, Olhos de coelho manso, Ainda espero de ter Contigo algum descanso. (Feira, CPP I, pág. 377)	§I-2851 Atiraste-me com o lenço Entre a rama do loureiro, Olha o diavo do lenço Que foi teu alcobiteiro. (s/i, CPP I, pág. 380)
§I-2786 O meu canivete de prata, Caiu ao mar e afundou: Por mais que o mundo fale, Quero-te bem, acabou! (Minho, CPP I, pág. 374)	§I-2830 Ó oliveira do monte, Que do vento és combatida, Inda espero de passar Contigo esta minha vida. (s/i, CPP I, pág. 378)	§I-2854 Atiraste ao meu peito C'uma laranja redonda; Vós comigo não casais... Para mangação já bonda! (Trás-os-Montes, CPP I, pág. 380)
§I-2801 A felor da fava é branca, No meio faz um rigor. Quem se foi, ainda volta, Que inda espero ter amor. (Moura, CPP I, pág. 375)	§I-2832 Os sete-estrelas cairom Derom na beira da couve: Inda espero de cair Nos braços de quem me ouve. (Baião, CPP I, pág. 378)	§I-2855 Atirei co'a a laranja ao ar, Atirei e não quis subir; Quem tem amores com Ana Vai ao céu e torna a vir. (Beira, CPP I, pág. 380)
§I-2806 Aqui'stous à tua porta Como um feixinho de lenha, Esperando da resposta Que dos teus olhos me venha. (C. Verde, CPP I, pág. 376)	§I-2835 Se fores ao mar caçar, Leva redinhas de linho; Hás-de me cair nos braços, Hás-de ser o meu peixinho. (Guimarães, CPP I, pág. 378)	§I-2856 Atirei co'a laranja ao ar, Co'a laranja ao ar, caiu n'areia; Com a vista dos teus olhos Quem tem juízo vareia. (Trás-os-Montes, CPP I, pág. 380)
§I-2807 Cheira-me a forno varrido, É alguém que anda a cozer; É a mãe do meu amor: Um bolo me há-de fazer! (Cadaval, CPP I, pág. 376)	§I-2836 Semeei no meu quintal Salsa, coentros e goivos. Hoje somos namorados, Amanhã seremos noivos. (V. Alentejo, CPP I, pág. 378)	§I-2858 Atirei com balas de ouro Ao passarinho voante: Desgraçadinho de mim, Que matei o meu amante! (A. Valdevez, CPP I, pág. 380)
§I-2812 Dizem que não sei sachar, Que todo o milho arranco: Ainda Deus me há-de dar Uma leirinha no campo. (Mortágua, CPP I, pág. 376)	§I-2842 A perdiz canta na serra O perdigão no barroco; Quem entende por acenos Não lhe tem custado pouco. (s/i, CPP I, pág. 379)	§I-2860 Atirei co'o limão verde, À tua porta foi rodando: Ele te foi avisar De que eu te estava esperando. (Alentejo, CPP I, pág. 380)
§I-2820 Não boteis a-i-água ao vinho	§I-2847 Assubi ao marmeleiro, Cortei uma só verdasca: Quem tem o amor defronte, Meio açano lhe basta!	§I-2861

Atirei co' o limão verde, À tua porta parou: Quando o limão te quer bem, Que fará quem o deitou! (Alentejo, CPP I, pág. 380)	§I-2868 Atirei c'uma azeitona À menina da janela: A azeitona caiu dentro; A menina, quem ma dera! (Beira, CPP I, pág. 381)	(Entre Douro e Minho, CPP I, pág. 382)
§I-2862 Atirei co' o limão verde, À tua porta parou; Quando o limão tem amores, Que fará quem nel'pegou! (Entre Douro e Minho, CPP I, pág. 380)	§I-2869 Atirei c'uma azeitona À menina da varanda: A azeitona caiu dentro, A menina, já cá anda! (Entre Douro e Minho, CPP I, pág. 381)	§I-2880 Daquela jinela-i-alta M'atiraro' c'um limão A casca deu-me no peito, O sumo no coração. (Baião, CPP I, pág. 382)
§I-2863 Atirei co' o lírio ao lírio, Atirei co' o lírio ao céu: Voltou o lírio p'ra baixo E caiu no meu chapéu. (Alentejo, CPP I, pág. 381)	§I-2870 Atirei c'uma laranja À janela do meu bem: Ai, Jesus, que fui fazer? Amar sem saber a quem! (s/i, CPP I, pág. 381)	§I-2882 ... Falar-te-ei no São Lourenço. (Trás-os-Montes, CPP I, pág. 382)
§I-2864 Atirei co'uma azeitona À menina da janela, A azeitona caiu dentro, A azeitona não deu nela. (Coimbra, CPP I, pág. 381)	§I-2871 Atirei um limão verde, À tua porta parou. Quando o limão te quer bem, Que fará quem no deitou? (Moura, CPP I, pág. 381) Var.: Se eu te qu'ria bem ou mal No limão se experimentou – Redondo.	§I-2883 Deitei o limão correndo À roda do verde v'lado, P'ra o meu amor entender Que eu ando desconfiado. (Alentejo, CPP I, pág. 382)
§I-2865 Atirei c'u(m)a azeitona À jinela dum morgado; Já lá vem a morgadinha, Ai de mim, que'stou culpado! (Cinfães, CPP I, pág. 381) Var.: laranja	§I-2873 Botei o limão a andar À tua porta passou, Diga o mundo o que disser, Quero-te bem, acabou. (Bragança, CPP I, pág. 381)	§I-2884 Deitei o limão correndo, À tua porta parou: Olha a graça do limão... Parece que adivinhou! (Alentejo, CPP I, pág. 382)
§I-2866 Atirei c'um limão doce Às janelas de Guiomar: Ai, Jesus! Que lá matei Aquela pomba real! (Entre Douro e Minho, CPP I, pág. 381)	§I-2874 Deitei o limão correndo, Da praça ao peloirinho; Quanto mais o limão corre Mais te quero, amorzinho. (Tarouca, CPP I, pág. 381)	§I-2885 Deitei o limão correndo, À tua porta parou: Quando o limão toma amores, Quem fará quem o deitou! (Penafiel, CPP I, pág. 382) Var.: Quando o limão te quer bem – V. Velha Ródão.
§I-2867 Atirei c'uma azeitona À jinela do morgado: Aceitei na morgadia, Ai de mim, que estou culpado! (Entre Douro e Minho, CPP I, pág. 381)	§I-2879 Da janela da cidreira M'atiraram c'uma cidra; S'ó cantar fizer perder, Toda a moça está perdida!	§I-2886 Deitei o limão correndo, À tua porta parou: Verde foi e verde vem... Ai falso, que me enganou! (Alentejo, CPP I, pág. 282)
		§I-2887 Deitei o limão de rolo, À tua porta parou. O amor que tu me tinhas No limão se exp'rimetou. (Ilha Gracioso, CPP I, pág. 383)

§I-2888 Delicado é o fumo Que passa a telha dobrada: Delicados são teus olhos Que namoram por pancada. Que namoram por pancada, Delicado é o fumo; Delicado é o fumo Que passa a telha dobrada. (C. Verde, CPP I, pág. 383)	(P. Lima, CPP I, pág. 384)	Se fores domingo à missa, Dá-me um sinal que se entenda: Dá um toque numa pedra Como quem parte uma amêndoa. (Portimão, CPP I, pág. 385)
§I-2889 Duma janela mui alta M'atiraram c'um limão, A casca deu-me no peito, O sumo no coração. (Lamego, CPP I, pág. 383)	§I-2904 Não me atireis com pedrinhas Que estou a lavar a louça: Atirai-me ao coração, Onde a minha mãe não oiça. (Beira; Barcelos, CPP I, pág. 384)	§I-2921 Se ouvires assobiar, Não julgues que é caçador: Anda agora muito em moda Assobiar ao amor. (Vila do Rei, CPP I, pág. 385)
§I-2894 Eu subi ao limoeiro Cortei-lhe uma só vergasta: Para quem é entendido, Só meio aceno lhe basta. (Penafiel, CPP I, pág. 383)	§I-2908 O loureiro bate, bate, Eu bem no ouço bater, Com as pontas no telhado Para o amor entender. (B. Alta, CPP I, pág. 384)	§I-2923 Tendes o loureiro à porta, Que eu bem no sinto bater Com a rama no telhado, P'ró meu amor intender. (V. N. Cerveira, CPP I, pág. 386)
§I-2898 Loureiro bate, loureiro, Que eu bem o ouço bater Co'as pontas no telhado, P'ró seu amor entender. (Penafiel, CPP I, pág. 384)	§I-2911 O serpão é miudinho, Não se pode atar aos molhos, Quem tem o amor defronte, Nunca'stá quedo co'os olhos. (s/i, CPP I, pág. 385)	§I-2926 A azeitona é um segredo, Tem o caroço escondido; Todos sabem que eu namoro, Ninguém sabe o meu sentido. (Alcobaça, CPP I, pág. 386)
§I-2901 Não me atires com pedrinhas À panela do cerol: Atira-me com beijinhos... 'Stou a remendar ao sol. (Alentejo, CPP I, pág. 384)	§I-2912 O serpol é miudinho Debaixo daquele souto; Quem namora por açanos Não diga que sabe pouco. (Baião, CPP I, pág. 385)	§I-2928 A oliveira no alto Tem na folha aos anéis, Quem namora às escondidas, Sempre anda a fazer papéis... (R. Monsaraz, CPP I, pág. 386)
§I-2902 Não me atires com pedrinhas À roda da minha saia, Não julgues eu que sou filha Dalgum pescador da praia. (P. Lima, CPP I, pág. 384)	§I-2914 Pescador que vai à pesca Não vai por pilhar o peixe, Vai fazer senha ao amor, Com medo que o amor o deixe. (Baião, CPP I, pág. 385)	§I-2929 A oliveirinha do adro Tem as folhas aos anéis; Quem namora às escondidas Passa tormentos cruéis. (C. Rainha, CPP I, pág. 386)
§I-2903 Não me atires com pedrinhas, Que estou a lavar a louça; Atira-me com beijinhos, Com que minha mãe não ouça.	§I-2916 Por cima se apanha o trigo, Por baixo fica o restolho; Menina, toma cautela, Num rapaz que pisca o olho. (Mafra, CPP I, pág. 385)	§I-2930 A perdiz anda no monte, O perdigão no valado; Diga-me, ó minha menina, Quem é o seu namorado. (s/i, CPP I, pág. 386)
	§I-2917 Por cima se ceifa o pão Por baixo fica o restolho; Menina, não se namore Do rapaz que pisca o olho. (Guarda, CPP I, pág. 385)	§I-2933 À sombra da malva roxa Anda o amor encoberto; Andam todos em consultas,
	§I-2920	

Ninguém no sabe de certo.
(s/i, CPP I, pág. 387)

§I-2934

Adeus, lodão da ramada,
Do vento és combatido;
Nessa vergonta do meio
Fica o meu amor metido...
(Lamego, CPP I, pág. 387)

§I-2936

Alecrim à borda de água,
Dá-lhe o vento, torce, torce.
Assim é o meu amor:
Passa por mim, dá-lhe a tosse.
(V. Alentejo, CPP I, pág. 387)

§I-2939

Andas morta por saber
Quem é o meu ramallete,
É um rapaz trigueirinho,
Vestido de azul ferrete.
(Alentejo, CPP I, pág. 387)

§I-2941

Antoninho, verde maçã,
Criado no ramo novo;
Bem puderas tu ser meu
Sim dares motim ò povo.
(Avis, CPP I, pág. 387)

§I-2946

Atiraste-me com pedrinhas,
Estando a lavar a loiça:
Atira-me antes com beijos,
De modo que ninguém oiça.
(s/i, CPP I, pág. 388)

§I-2949

Canta'nos galos, é dia,
Relógio dos namorados:
Vamo-nos daqui imbora,
Que nós semos begiados
(Baião, CPP I, pág. 388)

§I-2950

Chove água miudinha
Nas gradinhas do meu poço:
Eu se quiser dizer, bem sei
O amor que é do meu gosto.
(Sabugal, CPP I, pág. 388)

§I-2954

Debaixo da madressilva
Anda o meu bem encoberto;
Anda o mundo suspeito,
Ninguém o sabe de certo.
(V. Conde, CPP I, pág. 388)

§I-2955

Debaixo da malvarosa
'Stá meu sangue derretido;
Todos sabem que eu namoro,
Ninguém sabe o meu sentido.
(C. Rainha, CPP I, pág. 388)

§I-2956

Debaixo da malva roxa
Tenho o amor incoberto.
Qu'importa que o mundo fale
Se ninguém o sabe ao certo!
(C. Branco, CPP I, pág. 388)

§I-2957

Debaixo da malva roxa
Tenho um segredo escondido;
Todos sabem que eu namoro,
Ninguém sabe o meu sentido.
(s/i, CPP I, pág. 389)

§I-2958

Debaixo da malva roxa
Trazeis o amor encoberto;
Anda o mundo suspeito
Ninguém o sabe de certo.
(Penafiel, CPP I, pág. 389)

§I-2959

Debaixo da pedra nasce
Água quelara sem lodo;
É muito de adivinhar
Os amor's por quem eu morro.
(Fafe, CPP I, pág. 389)

§I-2960

Dei um ai à tua porta,
Outro à tua janela;
Outro às guardas da fonte,
Ninguém soube por quem era.
(A. Fé, CPP I, pág. 389)

§I-2963

Dizeis que a arruda que amarga,
Quem vo-la deu a beber?

Os segredos do meu peito
Quem vo-los deu a saber?
(Penafiel, CPP I, pág. 389)

§I-2966

Ele é noite, ele é dia,
Está para amanhecer:
Que já cantaram os galos
E podem-nos conhecer.
(s/i, CPP I, pág. 389)

§I-2968

Eu, domingo, fui à missa,
Regalei-me de te ver:
Dei de comer òs meus olhos
Sem ninguém o perceber.
(Feira, CPP I, pág. 389)

§I-2971

Eu queria-te falar,
Mas tenho guardas defronte,
Que me trazem em vigia,
Como coelho no monte.
(V. Conde, CPP I, pág. 390)

§I-2973

Eu sou a que bate palmas
Na palmeira do deserto,
Eu sou a que tenho amores
Há três anos encoberto.
(Estarreja, CPP I, pág. 390)

§I-2975

Fui ao mar buscar laranjas,
Não achei senão oregos;
Andam aqui namorados,
Querem fazer os mais cegos!
(Beja, CPP I, pág. 390)

§I-2978

Já quebrei o jarro verde,
Por três partes'stá rendido;
Sabes o bem que te quero,
Faz-te, amor, desentendido.
(Minho, CPP I, pág. 390)

§I-2980

Já te mandei soidades
Dentro dum bago de trigo;
Não quero que teu pai saiba,
Que tens amores comigo.
(Moura, CPP I, pág. 290)

§I-2983

Jasmineiro, à borda de água,
Deixa passar os peixinhos;
Quem namora às escondidas
Leva abraços e beijinhos.
(s/i, CPP I, pág. 391)

§I-2985

Manjarico da janela,
Dá-me a mão, quero assubir,
Que eu sou amor encoberto,
Pela porta não hei-de ir!
(Silves, CPP I, pág. 391)

§I-2993

Minha maçã vurmelhinha,
Se te como, morrerei;
Peço-te que não descubras
O que eu contigo passei...
(Baião, CPP I, pág. 392)

§I-2997

Não me atires com pedrinhas
Que podes quebrar a louça:
Atira-me ao coração,
Devagar, que ninguém ouça.
(Norte, CPP I, pág. 392)

§I-2998

Nas telhas do teu telhado
Tenho um cigarro escondido:
Não quero que teu pai saiba
Que tenho amores contigo.

Que tenho amores contigo,

Que te tenho namorado;
'Stá um cigarro escondido
Nas telhas do teu telhado.
(Portimão, CPP I, pág. 392)

§I-3001

Ó alto do lírio roxo,
Cobre-me com tua sombra
Eu roubei uma menina
Não tenho adonde a esconda.

Ó alto do lírio roxo,

Não digas que eu aqui vim;
Não quero que o amor saiba,
Nem tenha novas de mim.
(s/i, CPP I, pág. 392)

§I-3004

Ó detrás da laranjeira,
Bem te podes ir embora;
Que o meu pai 'stá em casa,
Eu não posso ir lá fora.
(Maia, CPP I, pág. 393)

§I-3007

O jasmim mesmo escondido
Não pode ocultar o cheiro;
Assim são os namorados
Dando voltas no terreiro.
(s/i, CPP I, pág. 393)

§I-3008

O limoeiro tem pé de ouro,
Tem a folha prateada;
Tu sabes os meus segredos,
Cala-te, não digas nada.
(Serpa, CPP I, pág. 393)

§I-3020

Oliveirinha do adro
Deita a folha aos anéis;
Quem namora às escondidas
Passa tormentos cruéis.
(Avis, CPP I, pág. 394)

§I-3026

Pus o pé no junco verde
À tua porta nascido;
Sabes o bem que te eu quero,
Fazes-te desentendido.
(Baião, CPP I, pág. 394)

§I-3033

Salgueiro de ao pé do rio,
Deixa passar os peixinhos,
Quem namora às escondidas
Dá abraços e beijinhos.
(Nelas, CPP I, pág. 395)

§I-3034

Se a oliveira falara,
Ela diria o que viu:
Debaixo da sua rama
Dois amantes encobriu.
(V. Alentejo, CPP I, pág. 395)

§I-3041

Tenho dentro do meu peito

Um suspiro por abrir

Ninguém sabe os meus intentos
Nem os que eu hei-de seguir.
(Nelas, CPP I, pág. 396)

§I-3048

À videira cai a folha
Ao castinheiro o ouriço;
Se tu queres e eu quero,
Tua mãe que tem com isso?
(s/i, CPP I, pág. 396)

§I-3050

Alto pinheiro da serra,
Lá no meio canta a cobra;
...
(T. Moncorvo, CPP I, pág. 396)

§I-3055

Botei a laranja ao ar,
Lá do ar ao chão caiu;
Quis falar ao meu amor,
Minha mãe não consentiu.
(s/i, CPP I, pág. 397)

§I-3057

Da minha janela à tua
Vai o salto duma toupeira,
Eu hei-de casar contigo
Mesmo que teu pai não queira.
(s/i, CPP I, pág. 397)

§I-3059

Eu hei-de amá'la cerdeira,
Eu hei-de amá'la cerdeira;
Eu hei-de amar o sobrinho,
Indas que a tia não queira.
(P. Coura, CPP I, pág. 397)

§I-3060

Eu hei-de amar a cereja,
E deixar a cerejeira:
Eu hei-de amar a menina,
Ainda que seu pai não queira!
(Guarda, CPP I, pág. 397)

§I-3062

Eu já vi nascer o sol
Numa bacia de prata:
'Stou ao pé de quem eu quero,
Defronte está quem me mata!
(s/i, CPP I, pág. 397)

- §I-3069
Lindos olhos tem a truta,
Quando olha de repente;
Por vias de si, menina,
Dou penas à minha gente.
(Bragança, CPP I, pág. 398)
- §I-3076
Ó alta serra da neve,
Donde a flor da murta assiste,
S'eu não lograr os teus olhos
Toda a vida andarei triste.
(Nisa, CPP I, pág. 398)
- §I-3077
Ó carvalho cai a folha,
Ó castanheiro o ouriço;
Querendo nós ambos de dois,
Tua mãe que tem co'isso?
(Cinfães, CPP I, pág. 398)
- §I-3080
Ó minha pombinha branca,
Dá-me uma pena da asa!
Por causa de ti, pombinha,
Levo ralhadas em casa.
(C. Branco, CPP I, pág. 398)
- §I-3087
Queira ou não a tua mãe,
Por força que hás-de ser minha;
Sempre se roubaram uvas
Na mais bem guardada vinha.
(O. Hospital, CPP I, pág. 399)
- §I-3094
Tens olhos de amora preta,
Rosto d'amêndoa branca.
Como querem que eu te deixe,
Se esse teu rosto me encanta?
(V. Alentejo, CPP I, pág. 400)
- §I-3096
A açucena co'o pé na água
Pode estar quarenta dias;
Eu sem ti nem uma hora,
Quanto mais noites e dias.
(V. Castelo, CPP I, pág. 400)
- §I-3098
A azeitona é humilde
- A ela me humildei;
Tanto amor que tenho tido,
Só a ti me assujeitei.
(Crato, CPP I, pág. 400)
- §I-3099
A azeitona nasce verde,
O sol a cor lhe deu;
Eu nasci para ser tua,
Tu nasceste p'ra ser meu.
(Crato, CPP I, pág. 400)
- §I-3100
A candeia, por estar alta,
Não deixa de alumiar;
...
(Vila do Rei, CPP I, pág. 400)
- §I-3101
A estaca que me prendeu
Saiu do arco da fonte.
...
(Bragança, CPP I, pág. 400)
- §I-3102
A folha da oliveira,
Quando chega ao lume, estala:
Assim é meu coração
Quando contigo não fala.
(Amarante, CPP I, pág. 401)
- §I-3104
A murtinheira de vidro
Fechada na mão se quebra;
Assim é o meu amor:
Julgo que o vento mo leva.
(s/i, CPP I, pág. 401)
- §I-3109
A salsa põe-se p'ra gosto,
Eu muito gosto de ti:
Quando eu deixar de te amar,
Lembra-te que eu já morri.
(Vimioso, CPP I, pág. 401)
- §I-3114
Açucena com o pé na água
Pode estar sessenta dias;
Eu sem ti nem uma hora,
Que fará noites e dias!
(V. Alentejo, CPP I, pág. 402)
- §I-3115
Açucena com pé na água
Vai abrindo e vai cheirando;
Assim são os meus amores,
Quando por mim vão passado.
(V. Castelo, CPP I, pág. 402)
- §I-3116
Adeus, jardim das flores,
Adeus, meu amor-perfeito,
Se alguém te perguntar
Será dentro em meu peito
(C. Daire, 1878, CPP I, pág. 402)
- §I-3121
Ainda hoje não comi
Coisa que a terra criasse;
Já hoje vi meu amor:
Foi o mesmo que almoçasse.
(V. Velha Ródão, CPP I, pág. 402)
- §I-3130
«Amor do meu coração»
Não vi palavra mais doce;
Ou gastes de mim ou não,
Tenho-te amor, acabou-se!
(Alandroal, CPP I, pág. 403)
- §I-3131
Amor perfeito não dura,
Não é possível durar:
Em chegando a certa altura,
Começa a dequelinar.
(C. Verde, CPP I, pág. 403)
- §I-3132
Amor perfeito, só um
É custoso de encontrar,
Se eu topasse amor perfeito
Eu me obrigaria a amar.
(V. Conde, CPP I, pág. 403)
- §I-3134
Anda cá, meu bago de oiro,
Minha renda engomada;
No ventre da tua mãe
Já meu coração te amava!
(Nisa, CPP I, pág. 403)
- §I-3187
Andas vestida de azul,
Andas à honestidade,

Andas ao gosto do mundo, Andas à minha vontade. (Nisa, CPP I, pág. 403)	§I-3160 Debaixo do alecrim Pus-me a colher a semente, Logo que vi os teus olhos Fiquei presa para sempre. (V. Conde, CPP I, pág. 405)	A todos disse que não, Só a ti não pode ser! (A. Valdevez, CPP I, pág. 407)
§I-3139 Ao passar do ribeirinho, Água sobe, água desce; Nem a-i-água mata a sede, Nem o meu amor me esquece. (Barroso, CPP I, pág. 404)	§I-3161 Delicado amor-perfeito, Aponde fostes florir? Ao vaso deste meu peito Tenho fé qu'inda hás-de vir! (s/i, CPP I, pág. 405)	§I-3185 Eu subi ao damasqueiro E desci de nó em nó; A fala é para todos, O amor para ti só. (V. Velha Ródão, CPP I, pág. 407)
§I-3148 Assubi à laranjêra, Corri-a de nó em nó. A (<i>sic</i>) agrado é para todos, O amor para um só. (s/i, CPP I, pág. 404)	§I-3164 Dizem que a folha do trigo Que é a maior que à da cevada, Também a minha amizade Ao pé da tua é dobrada. (Moura, CPP I, pág. 406)	§I-3188 Fui ao jardim de Minerva, Colher uma linda flor, Não achei amor-perfeito, Mas achei perfeito amor! (s/i, CPP I, pág. 408)
§I-3151 Azeitona cordovesa, Amor, comemo-la ambos: Se ela peçonha tive Amor, morreremos ambos! (Vimioso, CPP I, pág. 405)	§I-3165 Dizem que sou pobrezinha, Não tenho casa, nem horta; Sou rica do teu amor: O resto pouco me importa. (Estremoz, CPP I, pág. 406)	§I-3189 Fui ao jardim do teu peito Para buscar uma flor; Não achei amor-perfeito, Que não há perfeito amor. (Douro, CPP I, pág. 408)
§I-3152 Botei a laranja ao ar, Caiu no chão, fez um i; Ande lá por onde andar, Nunca me esqueço de ti. (s/i, CPP I, pág. 405)	§I-3169 Erva cidreira no vale É sinal de pasto haver; De todo o mundo me aparto, Só de ti não pode ser! (C. Verde, CPP I, pág. 406)	§I-3190 Fui ò jardim do Senhor, Colhi uma camoesa; Ganhei o céu em te amar, Já não quero mais riqueza. (Campo Maior, CPP I, pág. 408)
§I-3155 Dá-me a tua mão direita, Ligamos palma com palma; Liga-se o meu coração À raiz da tua alma. (V. Velha Ródão, CPP I, pág. 405)	§I-3171 Este cravo encarnadinho Já foi branco, meu amor, Foi o calor do meu peito Que lhe deu tão linda cor. (Mafra, CPP I, pág. 406)	§I-3193 Hei-de assubir ao lòireiro Do meio hei-de descer: Nascemos um par'ò outro, Que lhe havemos de fazer? (Baião, CPP I, pág. 408)
§I-3158 Das felores roxas do campo O rosmaninho é o rê; Ó meu amor, quer'te tanto, A amizade bem se vê! (Estremoz, CPP I, pág. 405)	§I-3175 Eu bem vi nascer o Sol Numa malga de beber; Nascemos um para o outro, Que lhe havemos de fazer? (P. Ferreira, CPP I, pág. 407)	§I-3203 Já não tenho coração, Já mo tiraram do peito; No lugar do coração Nasceu-me um amor perfeito. Nasceu-me um amor-perfeito, Uma rosa em botão; ... (Portimão, CPP I, pág. 409)
§I-3159 Debaixo desta latada Me quiseram conhecer ... (Minho, CPP I, pág. 405)	§I-3179 Eu já vi nascer o Sol Numa máurga de berber;	Var.: Já mo uniram ao teu Com laços de amor-perfeito – C. Branco.

Var.: No lugar dele ficou O mais lindo amor-perfeito – Serpa. Var.: Onde tinha o coração Nasceu-me um amor-perfeito – Amarante.	Amor-perfeito saiu. (Minho, CPP I, pág. 411)	§I-3271 Pessegueiro abanado, Aqui'stá quem te abanou: Aqui'stá quem, por amores, Pai e mãe tudo deixou. (s/i, CPP I, pág. 414)
§I-3206 Joguei a laranja ao ar, Caiu no chão fez um i: Em toda a parte que eu esteja Nunca me esqueço de ti. (Loulé, CPP I, pág. 409)	§I-3233 O limão às rodeichinhas Enche uma malga migada; Eu, ao pé do meu amor, Sem comer me sustentava. (M. Douro, CPP I, pág. 411)	§I-3276 Quando se encontra o amor Causa pena e dá gosto: Sobressalta o coração, Assobem as cores ao rosto. (s/i, CPP I, pág. 415)
§I-3208 Mal sabes quanto me alegre Quanto te vejo defronte: É como quem morre à sede E põe a boca na fonte! (s/i, CPP I, pág. 410)	§I-3234 O limão tira o fastio, A laranja o bem-querer; Tira de mim o sentido, Se me queres ver morrer. (Vila Nova, c. de ?, CPP I, pág. 412)	§I-3277 Quando te eu peguei a amar Ainda estavas por nascer, No ventre de tua mãe Te peguei a conhecer. (V. Velha Ródão, CPP I, pág. 415)
§I-3210 Manjaricão em meu peito Reverdece está a crescer: Deixar eu de te qu'rer bem, Só Deus tem esse poder. (s/i, CPP I, pág. 410)	§I-3241 O meu amor é estudante Filho do juiz de Direito, Quando vai a passear Parece um amor-perfeito! (Bragança, CPP I, pág. 412)	§I-3283 Sameei amores-perfeitos, Não nascem, que a terra é forte: Nasçam amores-perfeitos, nasçam, Que eu sou firme até à morte. (A. Sal, CPP I, pág. 415)
§I-3220 Na beira do meu telhado Nasceu-me um amor-perfeito, Mas não tem tão vivas cores Como o que vem do teu peito. (s/i, CPP I, pág. 411)	§I-3259 O serpão nesse seu peito Enverdece, está a crescer: Também eu à tua vista, Me sustento sem comer. (s/i, CPP I, pág. 414)	§I-3284 São os nossos dois amores Iguaisinhos me parece, Podem pôr-se na balança Que nenhum dos pratos desce! (V. Alentejo, CPP I, pág. 416)
§I-3222 Não posso comer sem dar, Nem beber sem dar a ti; Não me posso assentar Sem dizer: «Assenta aqui». (Barcelos, CPP I, pág. 411)	§I-3262 O Sol, quando quer nascer, Busca verdes olivais; Também eu levo em timbre De te amar cada vez mais. (s/i, CPP I, pág. 414)	§I-3288 Se eu soubesse na verdade Que te não tornava a ver, Mandava vir da botica, Remédio para morrer. (s/i, CPP I, pág. 416)
§I-3225 Não sei que auga me deste Por um jarro a beber, Não sei que amor te ganhei, Que to não posso perder! (Baião, CPP I, pág. 411)	§I-3265 Oliveira, ponta seca, Debaixo de água se acende: Não sei que amor é o teu Que de tão longe me prende. (Baião, CPP I, pág. 414)	§I-3291 Se o bem-querer se pesara Na balança da razão, Levaria ao meu amor Correntes até ao chão. (V. Velha Ródão, CPP I, pág. 416)
§I-3232 O cravo por simpatia A meia rosa se uniu; Destes dois ditosos laços	§I-3266 Oliveiras, oliveiras, Ao longe são olivais: Por muito que tu me queiras, Eu inda te quero mais! (Alandroal; Moura, CPP I, pág. 414)	§I-3296 Semeei amor-perfeito, Não nasce que é terra forte;

Nasce, nasce, amor-perfeito, Que eu sou firme até à morte! (C. Verde, CPP I, pág. 416)	§I-3333 Atirei à pera parda, Acertei na de amorim. Descansado no Céu esteja Quem te criou para mim. (s/i, CPP I, pág. 419)	§I-3375 'Stou em casa do meu pai, Ninguém'stá melhor do que eu: Estou como o peixe na água, Que em saindo já morreu. (C. Verde, CPP I, pág. 423)
§I-3305 Tenho dentro do meu peito Garrafinhas de licor, Ninguém o há-de beber A não ser o meu amor. (Mogadouro, CPP I, pág. 417)	§I-3352 Laranjinha, limão doce, Limão doce, assim seria. Já no meu peito bate O coração de Maria. (Portimão, CPP I, pág. 421)	§I-3377 Uma castanhit'assada, Um copinho de aguardente, Um bêjinho duma moça Põem um homem contente. (Beja, CPP I, pág. 423)
§I-3318 A flor da malva é roxa O verde lhe dá virtude; Eu passei por ti doente, Agora levo saúde! (V. Conde, CPP I, pág.418)	§I-3353 Mal sabes quanto me alegre Quando te vejo defronte! É como quem morre à sede E põe a boca na fonte! (V. Alentejo, CPP I, pág. 421)	§I-3378 Vós me chamais trigueirinha Da cor do arvaralhão; Sou trigueirinha no rosto, Alegre no coração. (Baião, CPP I, pág. 423)
§I-3319 A flor da oliveira Ao longe parece renda; Quem tem o amor à vista Não pode ter melhor prenda. (s/i, CPP I, pág. 418)	§I-3366 Os pratos na prateleira Sempre estão tlim, tlim, Assim é o meu amor Quando está ao pé de mim. (V. Alentejo, CPP I, pág. 422)	§I-3380 A laranja, quando nasce, Logo nasce redondinha; Também, quando tu nasceste, Logo foi para ser minha. (Moimenta Beira, CPP I, pág. 424)
§I-3321 A oliveira no adro Dá sombra a toda a igreja; Quem tem o amor à vista, Tem a fruta que deseja. (Moura, CPP I, pág. 418)	§I-3371 Quero cantar, ser alegre Que a tristeza não faz bem; Inda não vi a tristeza Dar de comer a ninguém. (Lagos; Ilha S. Miguel, CPP I, pág. 423)	§I-3383 A pomba que me mandaste Veio-me voar à mão; Quem me dera assim voar Ao pé do teu coração! (s/i, CPP I, pág. 424)
§I-3325 Água que me deste a beber Na palma da tua mão; A água deu-me frescura, O vaso consolação. (V. Alentejo, CPP I, pág. 419)	Var.: Nunca vi que a tristeza Desse de comer a alguém – Mafra.	§I-3387 Ai quem fora rato, rato, Que ratara pelo chão, Que ratara as maçarocas Às meninas do serão. (Covilhã, CPP I, pág. 424)
§I-3327 Alecrim à borda de água Dá-lhe o vento faz encosto, Regala-me a caçoadá, Sendo rapaz de meu gosto. (V. Alentejo, CPP I, pág. 419)	§I-3373 'Stou à sombra da parreira, Estou à sombra do sol, 'Stou ao pé do meu amor Não há regalo maior! (Condeixa-a-Nova, CPP I, pág. 423)	§I-3388 Ai quem me dera morrer, Depois de morto ter vida, Para ver se te lograva, Ó rolinha fugitiva! (Penaguião, CPP I, pág. 424)
§I-3331 Aqui me tens a teu lado, Lindo amor, haja alegria; Sem comer posso passar, Sem te ver, nem um só dia. (Faro, CPP I, pág. 419)	§I-3374 'Stou à sombra da latada Nem à chuva nem ao sol; 'Stou à beira do amor, Não há regalo maior! (Minho, CPP I, pág. 423)	§I-3391 Alto pinheiro redondo

Com ramo de pinhas verde, Quem me dera agora ver Quem em lembra tantas vezes! (B. Alta, Diário de Notícias, 1881, CPP I, pág. 425)	Q'inda num comeu nenhuma. (Baião, CPP I, pág. 426)	§I-3436 Dumas três perdigotinhas, Que dormem todas no chão, É da mais pequerruchinha Que hei-de ser o perdigão. (V. Alentejo, CPP I, pág. 428)
§I-3392 Alto pinheiro redondo Lá no meio canta a cobra; Inda espero de chamar À tua mãe minha sogra. (A. Fé, CPP I, pág. 425)	§I-3416 Chova água, cresça o rio, Arrase-se o Limoeiro, Saíam os presos cá fora, Meu amor seja o primeiro. (C. Branco, CPP I, pág. 427)	§I-3439 Esta noite, à meia noite, Ouvi cantar uma truita; Eu queria dormir um sono Nos braços de quem me escuita. (s/i, CPP I, pág. 429)
§I-3396 Amor perfeito só tu, - Feliz de quem te lograr! – ... (Baião, CPP I, pág. 425)	§I-3421 Da janela do meu quarto Vejo o pomar do meu sogreo; Antes queria ver o filho Do que ver o pomar todo. (A. Valdevez, CPP I, pág. 427)	§I-3440 Esta noite caiu neve Numa folhinha de couve; Oh quem me dera cair Nos braços de quem me ouve! (s/i, CPP I, pág. 429)
§I-3402 António, lindo António, Coração feito de cera: Quem me fora lampião Que no teu peito ardera! (Valença, CPP I, pág. 425)	§I-3422 Dá-me uma pinguinha de água, Não ma dês por a panela: Dá-ma por a tua boca, Que eu não tenho nojo dela. (Lamego, CPP I, pág. 427)	§I-3442 Este mundo é uma vinha, Hei-de mandá-lo cavar, Para semear desejos, Para contigo falar. (Granja Nova, CPP I, pág. 429)
§I-3409 Atirastes ao meu peito À parte mais belindrosa Pede a Deus, que eu não morra Sem te lograr, minha rosa. (Baião, CPP I, pág. 426)	§I-3426 Dai-me uma pinguinha de água, Da boca fazei'ma bica: Quanto mais água me dais, Tanto mais sede me fica! (Baião, CPP I, pág. 427)	§I-3544 Eu já morri em teus braços, Achei o morrer tão doce... ... (Serpa, CPP I, pág. 429)
§I-3410 Atirei c'uma azeitona À menina da janela; A azeitona caiu dentro, A menina... quem ma dera! (Penafiel; P. Lima; Cinfães; V. N. Cerveira, CPP I, pág. 426)	§I-3428 De te ir roubar ao teu monte Tenho eu tido vontadinha... Toda a vida ouvi dizer: O medo é que guarda a vinha. (C. Verde, CPP I, pág. 428)	§I-3546 Eu quero ser como a brisa, Que a brisa é flor mimosa, ... (Portimão, CPP I, pág. 429)
§I-3411 Atirei c'uma bala e ouro À menina da janela: A bala caiu dentro, A menina quem ma dera! (C. Basto, CPP I, pág. 426)	§I-3434 Dizes que te vais embora, Que te andas aparelhando: Quem me dera ser pombinha, Que te fora acompanhando! (Minho, CPP I, pág. 428)	§I-3450 Francisquinho, ramo verde À janela do abade, Queira Deus que tu não sejas Raminho da falsidade. (Minho, CPP I, pág. 429)
§I-3415 Castinheiro, dá castanhas, Castinheiro, dá só uma, Para dar ao meu amor	§I-3435 Duas pombas numa casa Andam ambas a voar; Ai quem fora caçador Que uma pudera caçar! (O. Hospital, CPP I, pág. 428)	§I-3451 Hei-de amá'la cereijinha Por amor da cerejeira, Hei-de amar o teu corpinho, Por amor de ti, brejeira.

(Lousada, CPP I, pág. 430)	Ó alta serra da neve, Onde a flor da murta assiste, Se não logro o meu amor Toda a vida andarei triste. (Avis, CPP I, pág. 431)	(s/i, CPP I, pág. 432)
§I-3452 Hei-de viver trás os montes, Colhendo mimoso trigo; Lá nos céus ou cá na terra Só quero viver contigo. (T. Moncorvo, CPP I, pág. 430)	§I-3472 ... Ó Ana feita de cera, Quem me dera ser a vela, Que eu no teu peito ardera!... (Melgaço, CPP I, pág. 431)	§I-3488 O mar anda salpicado De erva doce miudinha; Assim eu seja de Deus, Como tu há-de ser minha! (Ilha S. Jorge, CPP I, pág. 433)
§I-3457 Lindos olhos tem na truita Quando olha de repente; Quem me dera a liberdade De estar ao pé de ti sempre! (Lamego, CPP I, pág. 430)	§I-3474 O cizirão é enleio Que s'enleia pelo trigo: Eu queria ser cizirão Que enlevava o teu sentido! (Barcelos; R. Monsaraz, CPP I, pág. 431)	§I-3490 O mar pediu a Deus peixes E os peixes a Deus fundura, As mulheres lealdade E os homens a Deus ventura. (Tarouca, CPP I, pág. 433)
§I-3459 ... Quem te atirara mil tiros, C'uma pistola de prata Carregada de suspiros. (V. Conde, CPP I, pág. 430)	§I-3478 Ó coração de uma pomba, Ó ares da Primavera, ... (Alentejo, CPP I, pág. 432)	§I-3491 O mar pediu a Deus peixes Para andar acompanhado; Quando o mar quer companhia, Que fará um desgraçado! (s/i, CPP I, pág. 433)
§I-3462 Não há roxo como o lírio Nem verde como a ortiga; Desejo-te encontrar, Inda qu'eu nada te diga! (Minho, CPP I, pág. 430)	§I-3479 O cravo caiu ao poço, Fechado e saiu aberto; O mundo diz que eu sou tua, Fazemos do dito certo. (A. Fé, CPP I, pág. 432)	§I-3493 O meu amor embarcou, Não se despediu de mim; O mar se lhe torne em rosas, O navio num jardim Os mastros em açucenas, Que se não'squeça de mim! (M. Canaveses, CPP I, pág. 433)
§I-3463 Não posso comer sem dar, Nem beber sem dar a ti: Não posso fazer a cama Sem dizer: deita-te aqui... (Monção, CPP I, pág. 431)	§I-3481 Ó ingrato, tu me tiras O comer e o dormir; Levo as noites em pensar Como te hei-de possuir. (Serpa, CPP I, pág. 432)	§I-3497 O meu amor'stá doente Nu(m)a cama de laranjeira, Nossa senhora o melhora Que eu não posso estar solteira! (V. Alentejo, CPP I, pág. 433)
§I-3467 No alto daquela serra Está uma lebre deitada, Em manguinhas de camisa Ó lebre, quem te agarrara! (Bragança, CPP I, pág. 431)	§I-3482 O loureiro é pau preto Que se cria nos quintais; Bem qu'ria que me esquecesses, Cada vez me lembras mais! (Penafiel, CPP I, pág. 432)	§I-3498 O meu coração é terra, Hei-de mandá-lo lavar P'ra semear os desejos Que tenho de te falar. (Ilha S. Jorge; Trás-os-Montes; V. Conde, CPP I, pág. 433)
§I-3468 No cimo daquela serra Estão dois coelhos bravos; Já é tempo que se juntem Dois corações desejados. (s/i, CPP I, pág. 431)	§I-3486 Ó luar, que alumeias Lá no mar os pescadores; ...	§I-3503 Ó minha pombinha branca Ó minha banca pombinha, ... Ó minha pombinha branca,
§I-3469	...	

Quando há-de sê'la hora Que tu há-des dar um voo Desse pombal para fora? (A. Valdevez, CPP I, pág. 434)	§I-3526 Passa o rio, passa o rio, Passa o rio e não bebe; Assim eu passara a noute Contigo, cara de neve. (S. M ^a de Basto, CPP I, pág. 436)	Rodeada de açucenas. (A. Fé, CPP I, pág. 439)
§I-3504 Ó minha pombinha branca, Ó minha veneradora, ... (C. Branco, CPP I, pág. 434)	§I-3531 Quatro peras no raminho Sem neu(m)a ter diferença Hei-de casar co'a mais velha Se a mais nova der licença. (Nisa, CPP I, pág. 436)	§I-3566 Tantos anjos me acompanham, Valha-me o rei da ventura, Vejo bulir as plantas, Meu amor se me afigura. (Serpa, CPP I, pág. 439)
§I-3506 Ó parreira, dá-me um cacho, Ó silva, dá-me uma amora, Ó amor, dá-me um remédio P'ra te ver a toda a hora. (Serpa, CPP I, pág. 434)	§I-3532 Que lindo casal de pombas Vejo naquele pombal! Quem me dera ser o pombo Daquela que não tem par. (C. Branco, CPP I, pág. 436)	§I-3567 Tendes andar de perdiz, Passear de galinhola. Oh quem fora caçadora, Nesta terra, meia hora. (M. Douro, CPP I, pág. 439)
§I-3514 Oh que pinheiro tão alto, De tão alto comprimento! ... (Taruca, CPP I, pág. 435)	§I-3533 Que passarinho é aquele Que passa o rio e nem bebe? ... (Baião, CPP I, pág. 436)	§I-3568 Tenho sede, amor, dá-me água, Não ma dês pela panela: Dá-me pela tua boca, Que eu não tenho nojo dela. (Loulé, CPP I, pág. 439)
§I-3515 Oh que pinheiro tão alto, Oh que pinhas tão maduras! Oh que meninas tão lindas Quem mas caçara nas unhas! (Melgaço, CPP I, pág. 435)	§I-3536 Quem me dera a liberdade Que tem o galo na rua! Namorava as moças todas, Não casava com nenhu(m)a! (Barroso, CPP I, pág. 437)	§I-3569 Tenho terra na algibeira, Água fechada na mão Para plantar uma rosa Dentro do teu coração. (Bragança, CPP I, pág. 439)
§I-3416 Oh que rico luar faz! Oh que noite tão sarena! Oh que bela ocasião, P'ra te falar, açucena! (Alcanena, CPP I, pág. 435)	§I-3547 Quem me dera ser o linho Enquanto tem a felor! Quem me dera, m'nha menina, Ser o teu primeiro amor! (Peso Régua, CPP I, pág. 438)	§I-3570 Toda a vida me agradou Mulher de peito subido: Terra seca não dá fruto, Mas gorda, é fruto sabido. (S. Vouga; Vieira Minho, CPP I, pág. 439)
§I-3522 Ondas do mar, abrandai, Eu quero caçar um peixe. Eu quero deixar o mundo, Antes qu'ele a mim me deixe. (Feira, CPP I, pág. 435)	§I-3551 Quem me dera um limão De um limoeiro azedo, Para tirar o fastio A quem o tomou tão cedo! (Bragança, CPP I, pág. 438)	§I-3573 A barra da minha saia Foi você que ma queimou Com o morrão do seu cigarro, Quando comigo falou. (Nisa, CPP I, pág. 440)
§I-3524 Os sete-estrelas caíram, Deram na beira da couve: Quem me dera assim cair No coraçõ de quem me ouve! (Baião, CPP I, pág. 436)	§I-3559 Se eu soubesse quando vinhas, Alívio das minhas penas, Tinha a casa entapetada,	§I-3574 A baunilha ao pé do muro Vai trepando a bom trepar; Assim são os namorados Se em casa os deixam entrar. (s/i, CPP I, pág. 440)

- §I-3576
A cebola me faz rir,
O alho me faz chorar,
A vergonha me retira,
O amor me faz chegar.
(A. Valdevez, CPP I, pág. 440)
- §I-3579
A oliveira se falasse,
Ela diria o que viu:
Debaixo da sua rama
Dois amantes encobriu.
(V. Conde, CPP I, pág. 440)
- §I-3580
A perdiz anda no mato
Depenicando seixinhos,
Também eu depenicava
Na tua boca beijinhos.
(Bragança, CPP I, pág. 440)
- §I-3582
À sombra da oliveira
É um belo namorar:
Tem a folha miudinha,
Não le penetra o luar.
(Cerveira, CPP I, pág. 440)
- §I-3584
Aguardente, vinho tinto,
Toneladas de café:
Se for da tua vontade,
Da minha também o é...
(Nisa, CPP I, pág. 441)
- §I-3590
Ando cansado da vida,
Ando cansado do peito;
Dá-me xarope de beijos,
Dá-me chá de amor-perfeito.
(s/i, CPP I, pág. 441)
- §I-3591
- Ando doido por saber
Onde fazes tua cama.
- À sombra do milho verde,
Debaixo da verde rama.
(Algarve, CPP I, pág. 441)
- §I-3593
Ando por aqui de noite,
Como o perdigão no trigo;
Deitou-me meu pai fora,
Deixa-me dormir contigo.
(Trás-os-Montes, CPP I, pág. 441)
- §I-3594
Ando por aqui de noite
Como o perdigão perdido:
Minha mãe botou-me fora,
Deixa-me ir dormir contigo!
(Baião; Lamego; Melgaço;
Armamar, CPP I, pág. 441)
- §I-3600
Caçador que vai à caça,
Num é por caçá'la lebre:
É por caçá'la menina
De coletinho alegre.
Caçador que vai à caça
Num é por caçá'lo coelho:
É por caçá'la menina
Do coletinho vormelho.
(Cinfães, CPP I, pág. 442)
- §I-3601
Castanheiro, faz-me sombra,
Que eu abafo de calor;
Quem dera dormir um sono
Nos braços do meu amor!
(P. Lima, CPP I, pág. 442)
- §I-3602
Chapéu de meia moeda
Ninguém o tem senão eu;
Quero bem ao meu amor,
Dou figas a quem mo deu.
...
(s/i, CPP I, pág. 442)
- §I-3603
Dá-me, pomba, a tua mão
Para subir ao teu ninho.
...
(V. Alentejo, CPP I, pág. 442)
- §I-3605
Dá-me uma pinguinha de água
Da raiz do teu peitinho;
Dos lados de aonde eu venho
Nem fontes há no caminho!
(«bem alentejana», CPP I, pág. 443)
- §I-3606
Dá-me uma pinguinha de água,
Não ma dês pela tijela,
Dá-ma pela tua boca
Que eu não tenho nojo dela.
(V. Real, CPP I, pág. 443)
Var.: panela – Lamego
- §I-3607
Dai-me uma pinguinha de água,
Da boca fazei-me a bica:
Quanto mais água me dais,
Tanto mais sede me fica!
(Baião, CPP I, pág. 443)
- §I-3608
Debaixo da oliveira
É um regalo amar,
Tem a folha miudinha
Não entra lá o luar.
(Penaguião; Cinfães; Tarouca, CPP
I, pág. 443)
Var.: Meninas é que é amar
Var.: meu amor, é que é estar –
Sabugal
- §I-3609
Dei-te um beijo na cozinha,
Dei-te uma dúzia na escada:
Tantos beijos já trocámos,
Mas quanto ao resto... nem nada.
(Amarante, CPP I, pág. 443)
- §I-3611
Deixa que eu te apanharei
No meu quintal às pinhas
E eu te perguntarei
Se elas são tuas ou minhas.
(Porto, CPP I, pág. 443)
- §I-3618
Esse teu peito, menina,
É um pombal de pombinhas,
Deixa-me ir lá co'a mão
Apalpar se tem asinhas.
(s/i, CPP I, pág. 444)
- §I-3630
Eu subi ao castanheiro
Deixei-o bem varejado;
Sempre que a ti me chego

Eu fico enfeitado. (P. Lima, CPP I, pág. 445)	§I-3643 Manjaricão da janela, Dá-me a mão, quero subir: Qu'eu sou muito envergonhoso, Lá por fora não hei-d'ir. (Baião, CPP I, pág. 446)	§I-3655 Minha mãe me deu pancadas E me puxou as orelhas, Porque eu fugia das moças Como o lobo das ovelhas. (s/i, CPP I, pág. 447)
§I-3631 Eu tenho quatro vinténs, Com dez réis são quatro e meio, P'ra comprar as belancias Que as moças trazem no seio. (Portimão, CPP I, pág. 445)	§I-3644 Manjaricão da janela, Dá-me a mão, quero subir: Sou amante vergonhoso, Pela porta não hei-de ir. (Mogadouro, CPP I, pág. 446) Var.: Que eu sou muito envergonhado Pela porta não sei ir. – Bragança	§I-3657 Não corte'la videirinha Qu'atrepa pela janela, Por onde o meu amor vai, Assobe e desce por ela. (Baião, CPP I, pág. 447)
§I-3632 Fi-la cama no loreiro Não lhe deitei trabesseiro; A cama sem moça noba, Bale bem pouco dinheiro. (Baião, CPP I, pág. 445)	§I-3645 Manjerico da janela, Dá-me a mão, quero subir, Que eu sou amor encoberto, Pela porta não hei-de ir. (Portimão, CPP I, pág. 446)	§I-3658 Não cortes a vide branca Que sobe para a janela: Assim faz o meu amor, Que sobe e desce por ela. (Entre Douro e Minho, CPP I, pág. 447)
§I-3633 Fiz a cama na amoreira A travesseira no chão; A cama sem rapariga É como o caldo sem pão. (Loures, CPP I, pág. 445)	§I-3647 Menina, que está à janela, Na janelinha do meio, Dê-me uma pinguinha de água Da garrafinha do seio. (Penaguião, CPP I, pág. 446)	§I-3659 Não cortes a videirinha Que sobe pela janela: É a escada do amor Que sobe e desce por ela. (Chaves; P. Lima, CPP I, pág. 447)
§I-3636 Hei-de assubir ò loreiro, Hei-de descer pela hera: Hei-de vê'la tua cama; A mais quem se deita nela. (Baião, CPP I, pág. 445)	§I-3649 Menina, que está à jinela, Olhando p'ra quem passa, Tem olhinhos de cadela; Ande comigo à caça. (Cinfães, CPP I, pág. 446)	§I-3660 Não há machado que corte A raiz ao meu afecto; Bem puderas tu, menino, Ao pé de mim'star quieto. (s/i, CPP I, pág. 447)
§I-3637 Hei-de subir ao loureiro, Do loureiro ao telhado, Para ver a tua cama, Se tem belo cortinado... (T. Moncorvo, CPP I, pág. 445)	§I-3652 Menina, que está na janela Recolha-se para a baranda Que num lhe bá eu fazer Como o galo faz à franga. (Minho, CPP I, pág. 446)	§I-3666 Noa te encostes à parreira, Que a parreira deita pó: Encosta-te à minha cama, Sou solteira, durmo só. (Bombarral; Faro, CPP I, pág. 448) Var.: bota pó – Condeixa-a-Nova
§I-3638 Hei-de subir ao loureiro, Hei-de descer pela rama, Hei-de ver o travesseiro Que a menina tem na cama. (s/i, CPP I, pág. 445)	§I-3654 - Minha maçã vermelhinha, Aonde deixaste o cheiro? - Deixei-o na tua cama, Na renda do travesseiro. (Mogadouro, CPP I, pág. 447)	§I-3667 Não te encostes à parreira, Que a parreira está rendida. Encosta-te ao meu peito, Que é fixe para toda a vida. (Nelas, CPP I, pág. 448)
§I-3642 Manjaricão da janela, Dá-me a mão par'assubir, Qu'eu sou muito vergonhoso: Pela porta não hei-de ir. (Baião, CPP I, pág. 446)		§I-3668

<p>Não te encostes ao loureiro, Que é verde, pode quebrar; Encosta-te ao meu peitinho, Que te há-te regalar! (P. Lima, CPP I, pág. 448)</p>	<p>Na renda do travesseiro. (Feira, CPP I, pág. 449)</p>	<p>§I-3700 Salgueiro de ao pé do rio Dá-lhe a água e retorce; ... (Tarouca, CPP I, pág. 450)</p>
<p>§I-3669 Não te encostes ao loureiro, Que é verde, pode quebrar; Infínca-te ao meu peitinho, Qu'ele é firme no amar. (s/i, CPP I, pág. 448)</p>	<p>§I-3683 - Ó rosa de Alexandria, Onde perdeste o teu cheiro? - Perdi-o na tua cama Debaixo do travesseiro. (s/i, CPP I, pág. 449)</p>	<p>§I-3701 São Gonçalo de Amarante É feito de mel e azeite. Dai-me lá na vossa cama Um lugar donde me eu deite! (Baixo Douro, CPP I, pág. 451)</p>
<p>§I-3670 Não te incostes ò loreiro É verde, pode trocar, Incosta-te ao meu peitinho Que teu há-de vir a ser. (Alijó; Chaves, CPP I, pág. 448)</p>	<p>§I-3685 Oh que lindo lugar faz Para colher a marcela! Vamo-la colher ambinhos, Faremos a cama nela. (Porto; Lousada, CPP I, pág. 449)</p>	<p>§I-3705 Se eu tivesse que dar, dera, Não tenho que dar, aceito; Aceitaria por esmola Esse corpinho bem feito... (Tarouca, CPP I, pág. 451)</p>
<p>§I-3674 - Ó madressilva cheirosa, Onde deixaste o cheiro? - Deixei-o na tua cama, Nos folhos do travesseiro. (Avis, CPP I, pág. 448)</p>	<p>§I-3686 Oh que lindo luar vai Para apanhá'la marcela! Apanha, menina, apanha, Fazemo'la cama nela. (Feira; P. Coura; Vieira Minho, CPP I, pág. 449)</p>	<p>§I-3710 'Stou aqui à tua porta Debaixo do teu colmaço. Menina, abre-me a porta, Venho cheio de cansaço. (Penafiel, CPP I, pág. 451) Nota: «Colmo que cobre a casa. O colmo propriamente é a palha do centeio.»</p>
<p>§I-3678 O meu coração é coutada Onde manda um só senhor. Já que sou mulher ousada Serei livre no amor. (s/i, CPP I, pág. 449)</p>	<p>§I-3687 Oh que lindo luar vem Para colher a marcela: Apanhá-la e moê-la E fazer a cama nela. (V. Castelo, CPP I, pág. 449)</p>	<p>§I-3712 Tendes o cravo ao peito, Com a raiz p'rà garganta; Quem vo-la fora regar À hora que o galo canta! (T. Moncorvo, CPP I, pág. 451)</p>
<p>§I-3680 Ó minha delicadinha, Vejo-te andar a pedir. Não sei se te dê esmola. Se cama para dormir. (P. Lima, CPP I, pág. 449)</p>	<p>§I-3688 Os peitos da minha amada Eu os beijei, eu os vi: Eram de leite coalhado Não sei como não morri. (s/i, CPP I, pág. 450)</p>	<p>§I-3713 Tenho um melancial nascido No peito duma donzela: Em tudo levo sentido, Quando vou falar com ela. (C. Verde, CPP I, pág. 452)</p>
<p>§I-3681 Ó minha descoradinha, Roubastes a cor ao leite; Olha lá na tua cama Se há lugar onde me eu deite. (Nelas, CPP I, pág. 449)</p>	<p>§I-3698 Quem me dera ser pastor Dum rebanhito de ovelhas, Daquelas que usam saias E põem brincos na orelhas! (Portimão, CPP I, pág. 450)</p>	<p>§I-3726 Dizes que é impossível Cair a parra da vinha; Assim eu fosse de Deus Como tu há-de ser minha. (V. Alentejo, CPP I, pág. 453)</p>
<p>§I-3682 - Ó rosa da Alexandria, Onde deixaste'lo cheiro? - Deixei-o na tua cama,</p>	<p>§I-3699 Salgueiro à borda de água Dá-lhe o vento, torce, torce; ... (Alvaiázere, CPP I, pág. 450)</p>	<p>§I-3729</p>

Eu já fiz um juramento Na casca de noz que é forte, Em te ser firme e leal, Em te amar até à morte. (Alandroal, CPP I, pág. 453) Var.: De não amar outros olhos Senão os teus'té à morte – Vidigueira.	§I-3758 Se te tornar a falar, Eu seja como a farinha! Há muita mulher no mundo, Não cuides que és tu sozinha... (Guarda, CPP I, pág. 456)	(Baião, CPP I, pág. 457) §I-3778 A oliveira pequenina Dá azeitona p'rò lagar; Eu também sou pequenina, Mas sou firme no amar. (Barcelos; R. Monsaraz, CPP I, pág. 458)
§I-3738 Jura, amor, que eu também juro Na casca da noz, que é forte, De não ter outros amores Até à hora da morte. (Alandroal, CPP I, pág. 454)	§I-3766 Tenho feito juramento Na bela pedra da fonte De não amar outros olhos, Senão os que estão defronte. (Penaguião, CPP I, pág. 456)	§I-3780 A quarta-feira é do trevo Que nasce rente do chão. ... (V. Alentejo, CPP I, pág. 458)
§I-3741 Jurei pelo junco verde E p'la folha da linhaça Que à tua vista andar hei-de Até te cair em graça.	§I-3772 A azeitona é humilde A ela me humildei; Tanto amor que eu tenho tido Só me a ti assujeitei. (Oleiros, CPP I, pág. 457)	§I-3781 A rabaça da ribeira Deita as raízes ao lodo; Inda que eu queira, não posso Deixar meu amor de todo. (Nisa, CPP I, pág. 458)
Jurei pelo junco verde, Que é jura do lavrador, ... Jurei pelo junco verde Que é a jura dos pastores, ... (Alandroal; Vidigueira, CPP I, pág. 454)	§I-3773 A folha da fava é triste, No campo mete terror; Quem te quis bem algum dia Inda te há-de ter amor! (Castro Marim, CPP I, pág. 457)	§I-3782 A rosa que é encarnada Nunca perde a linda cor; ... (C. Verde, CPP I, pág. 458)
§I-3743 Menina, qu'anda na horta A apanhar a chamiçada, Você há-de ser minha Ou perdida ou furtada. (Baião, CPP I, pág. 455)	§I-3774 A folha da fava é verde, No meio tem seu rigor; Todas dizem que te deixe, Não quero, que és meu amor. (C. Verde, CPP I, pág. 457)	§I-3785 Adeus, chafariz da praça, Onde a água sobe e desce, Nem a água me mata a sede, Nem o teu amor me esquece. (V. Conde, CPP I, pág. 458)
§I-3746 Não t'apagues, ó candeia, Que há-des ir ao juramento: À vista dessa candeia Se fez o meu casamento. (Vila de Rei, CPP I, pág. 455)	§I-3775 A folha da hera atrepa, O junquilha vai descendo; (Guimarães, CPP I, pág. 457)	§I-3790 Alfádega é rico cheiro, Segurelha, amor-perfeito; Hei-de amar-te até à morte, Que é voto que tenho feito. (Barcelos, CPP I, pág. 459)
§I-3749 O meu amor, ont'à noite, Pela vida me jurou Que se ia deitar ò poço; Se ele vai eu também vou. (Alcoutim, CPP I, pág. 455) Var.: que se ia deitar ao mar – Serpa. ...	§I-3776 A folha da vinha branca De noite mete terror; Quem me algum dia quis bem Inda me hoje tem amor. (Murça, CPP I, pág. 457)	§I-3798 Aqui tens meu coração; Retalha-o como o marmelo: Depois dele retalhado, Verás o bem que te eu quero! (Baião, CPP I, pág. 459)
	§I-3777 A folha do olmo vira, Vira que lhe dá o vento;	§I-3801 Atirei c'um limão ao ar

E no ar apodreceu; Não tomes outros amores: Teu amor firme sou eu. (Minho, CPP I, pág. 460)	(M. Canaveses, CPP I, pág. 461)	Não cortes a rama ao freixo, Deixa-lhe as guias crescer; ... (Serra de Ossa, CPP I, pág. 464)
§I-3802 Atirei c'uma laranja Lá p'ró meio dos olivais; Cuidava que me esquecias, Cada vez me lembras mais. (Nisa, CPP I, pág. 460)	§I-3819 Em qualquer fraguinha seca Nasce um raminho de salsa; Mais vale um feia e firme Do que uma bonita e falsa. (Castelo Paiva, CPP I, pág. 461)	§I-3858 Noite escura, noite escura Vejo que não amanhece; Nem na água mata a sede, Nem o meu amor me esquece. (Baião, CPP I, pág. 464)
§I-3804 Candeeiro por'star alto Não deixa de alumiar; ... (Montemor-o-Velho, CPP I, pág. 460)	§I-3821 Entre pedras e pedrinhas Nascem peras carvalhais; Julgavas que me esquecias... Cada vez me lembras mais! (s/í, CPP I, pág. 461)	§I-3859 O alecrim é arbusto Que nasce pelos quintais. Longe de me esqueceres, Cada vez me lembras mais. (P. Lima, CPP I, pág. 464)
§I-3808 Debaixo das frias ondas Cansa o peixe de nadar; Só eu não canso, menina, De te querer e adorar. (V. Conde, CPP I, pág. 460)	§I-3825 Eu corri a serra à roda, Oliveiras, olivais: Para ver se me esquecias, Cada vez me lembras mais! (Cadaval, CPP I, pág. 462)	§I-3864 Ó José, garfo de prata, Com que me sirvo à mesa, Ainda que eu olhe p'ra outro, Só a ti guardo firmeza. (Porto, CPP I, pág. 465)
§I-3810 Deste-me alecrim por prenda, Por ter a folha miúda, Hei-de amar-te até à morte, Meu coração não se muda. (s/í, CPP I, pág. 460)	§I-3826 Eu culpado, tu culpada, Venham as culpas à mesa; Eu, culpado por ser firme, Tu pela pouca firmeza. (V. Conde, CPP I, pág. 462)	§I-3865 O limão tira o fastio, A laranja o bem-querer: Tira de mim o sentido, Se me queres ver morrer. (Melgaço, CPP I, pág. 465)
§I-3811 Deste-me o alecrim por prenda Por ter a folha miúda; Anda por onde quiseres, Que o meu coração não muda. (V. Alentejo, CPP I, pág. 460)	§I-3832 Eu subi à laranjeira E corri-a de nó em nó; O agrado é para todos E o amor para um só. (s/í, CPP I, pág. 462)	§I-3866 O lírio no fundo vale É retrato de tristeza; ... (V. Velha Ródão, CPP I, pág. 465)
§I-3813 Diz ao Sol que apague o brilho, Diz ao mar que afogue o peixe, Diz à mãe que odeie o filho, Mas não digas que te deixe. (Ilha Graciosa, CPP I, pág. 461)	§I-3834 Fui à fonte beber água Onde o rio desce, desce: Nem a água apaga a sede, Nem o meu amor me esquece. (V. N. Gaia, CPP I, pág. 462)	§I-3867 ... A folha do álomo vira, Eu ainda me não virei. (Feira, CPP I, pág. 465)
§I-3818 Em qualquer charquinho de água Salta a truita, nada o peixe; Por mais amores que eu tenha, Não te temas que te eu deixe.	§I-3836 Fui dispor a salsa verde Lá p'ró meio dos olivais, Para ver se me esquecias. Cada vez me alembra mais. (Moura, CPP I, pág. 462)	§I-3869 Ó oliveira do adro, Do vento és combatida! Por vida das invejosas Hei-de te amar toda a vida! (M. Canaveses, CPP I, pág. 465)
	§I-3855	

§I-3870 Ó que reguinho de água, Pura prata que reluz; Como queres que te eu deixe Se eu todo o amor te pus? (Taruca, CPP I, pág. 465)	Hei-de lograr os teus olhos, Inda qu'eu ponha demanda. (Baião, CPP I, pág. 467)	Cada vez m'alembra mais. (Sobral do Monte Agraço, CPP I, pág. 468)
§I-3871 O serpão é miudinho, Tem a folha ao desdém; Olha que já passa de ano, Amor, que te quero bem. (Taruca, CPP I, pág. 465)	§I-3888 Salsa verde no mar É mais alta qu'um navio. Amor, sustenta a palavra, Eu sustentarei meu brio. (Mação, CPP I, pág. 467)	§I-3899 Tenho cravos sameados Manjaricos a nascer; Tenho-te amor de criança, Deixar-te não pode ser. (Moura, CPP I, pág. 468)
§I-3877 Passei pela travisqueira Tombei-li-a rama p'rò lado; Não posso, aindas qu'eu queira, Mostrar-te ruim agrado. (Abrantes, CPP I, pág. 466)	§I-3889 Salsa verde tem gosto, Eu também gosto de ti: Quando deixar de te amar, Faz de contas que morri. (M. Canaveses, CPP I, pág. 467)	§I-3901 Tenho dentro do meu peito Duas pedras a moer; Uma mói a lealdade Outra mói o bem-querer. (A. Fé, CPP I, pág. 468)
§I-3879 Pega lá meu coração, Retalha-o como o marmelo; De dentro dele há-de achar O bem ou mal que te quero. (Lamego, CPP I, pág. 466)	§I-3890 Se eu'stivesse na certeza Do meu amor me não qu'erer, Mandava vir da farmácia Remédio para morrer. (Loulé, CPP I, pág. 467)	§I-3906 A azeitona já'stá preta, Já se pode armar aos tordos. Diga-me, ó minha menina, Como vai de amores novos. (C. Branco, CPP I, pág. 469)
§I-3881 Pomba, leva-me este lenço Ao dono para o romper; Diz-lhe que a nossa amizade Será firme até morrer. (Trás-os-Montes, CPP I, pág. 466)	§I-3891 - Se não me amas com ternura, Tornamos ao que era dantes; É o manjar dos amantes Cobrem na maior jura. ... (Veiros, CPP I, pág. 467)	§I-3907 A folha do cardo pica, A raiz que gosto tem! Tu me guardas lealdade, Enquanto outro não vem... (Norte, CPP I, pág. 469)
§I-3882 Por mais qu'ó loureiro cresça, Ó céu nu(m) há-de chigar; Por mais amores qu'eu tenha, A ti nu(m) t'hei-de deixar. (Baião; V. Real, CPP I, pág. 466)	§I-3893 Semei a salsa verde Nos escuros pinheirais; Cuidando que me esquecias; Cada vez me lembras mais. (jornal O Dão (4-8-82), CPP I, pág. 467)	§I-3908 A folha do olmo vira, Vira que a vira o vento; Também tu, minha menina, Viraste'lo pensamento. (Mogadouro, CPP I, pág. 469)
§I-3884 Primavera felôrida, Té o louro felôrece. Eu p'rò mê bem'stou esquecida, Ele a mim nunca me esquece. (Campo Maior, CPP I, pág. 466)	§I-3894 Semei um malmequer Entre os verdes pinheirais Para ver se me esquecias: Cada vez me alembra mais. (Barcelos, CPP I, pág. 467)	§I-3909 A maçã do acipreste Nem apodrece nem cai, A amizade que te eu tinha Era pouca, já lá vai! (Baião, CPP I, pág. 469)
§I-3887 Salsa da beira do rio, Alecrim da outra banda,	§I-3898 Tenho corrido mil terras, Oliveiras, olivais, Para ver se me esquecias...	§I-3910 A rabaça brava tem Repartimentos na folha; Ó meu amor, fazes bem Em teres duas à escolha. (Mação, CPP I, pág. 469)

- §I-3911
A salsa subiu ao alto,
A hortelã foi de volta;
Amores que não são firmes,
Deixá-los pouco me importa.
(Mogadouro, CPP I, pág. 469)
- §I-3912
A salsa verde na serra
Verdeja com'ò travisco;
O meu amor foi-me falso,
Como Judas foi a Cristo.
(R. Monsaraz, CPP I, pág. 469)
- §I-3913
Abre-te, ó cana da Índia,
Que eu quero-te ver o meio;
Há quem diga que me és falsa,
Eu também o arreceio.
(s/i, CPP I, pág. 469)
- §I-3917
Alguns dias era eu
No teu prato a melhor sopa;
Agora sou eu veneno
Que entra nessa tua boca.
(Alandroal, CPP I, pág. 470)
- §I-3922
Alto pinheiro ramudo,
Com pintas de ouro na ponta!
...
(Albufeira, CPP I, pág. 470)
- §I-3925
Amor, lá vão balas,
Que o chumbo vareia
Não posso ser firme
A quem me falseia.
(Moura, CPP I, pág. 470)
- §I-3926
Amor vário, amor louco,
Amor das ervas do campo,
Eu já me ia admirando
Do teu amor durar tanto.
(Trás-os-Montes, CPP I, pág. 470)
- §I-3932
Assubi ao carrasqueiro
Para tirar um carrasco;
- Quem tem um amor, quer outro...
Dessa fruta é que eu não gasto!
(Melgaço, CPP I, pág. 471)
- §I-3933
Atirei c'ò limão ao tanque,
Apodreceu a metade;
Quem ama dois corações
Algum é com falsidade.
(Odemira, CPP I, pág. 471)
- §I-3934
Atirei com lírios de ouro
Ao vaso da lealdade;
...
(Castro Verde, CPP I, pág. 471)
- §I-3935
Candeeiro de três luzes
Que alumia quatro cantos;
Mal empregada menina
Ser namorada de tantos!
(C. Daire, CPP I, pág. 471)
- §I-3938
Como pode um candeeiro
Alumiar duas salas?
Como pode um coração
Ser leal a duas falas?
(C. Branco, CPP I, pág. 471)
- §I-3939
Como pode um candeeiro
Dar luz a dois corredores?
Como pode um coração
Ser fiel a dois amores?
(C. Branco, CPP I, pág. 471)
- §I-3940
Debaixo do mar é verde,
Por cima do verde é peixe;
O amor que não é firme,
Nunca trabalhos o deixem!
(Ilha S. Jorge, CPP I, pág. 472)
- §I-3941
Deixaste-me ao desamparo,
Como o pão na sementeira;
Acharás quem mais te adore,
Não achas quem mais te queira.
(Valpaços, CPP I, pág. 472)
- §I-3945
Entrei em verdes salgueiros,
Voaram mil passarinhos,
Em altas vozes dizendo:
Falsos foram teus carinhos!
(Serpa, CPP I, pág. 472)
- §I-3948
Eu correi o mar em roda
C'uma fateixa na mão,
Em todo o mar vi fundura
Menos no teu coração.
(Algarve, CPP I, pág. 472)
- §I-3949
Eu gosto muito de peras,
Também gosto de pericos,
Gosto muito dos Antónios,
Também gosto dos Franciscos.
(V. Castelo, CPP I, pág. 472)
- §I-3953
Eu subi ao limoeiro,
Cheguei ao meio, caí.
Descaí da tua graça,
Outra subiu, eu descí.
(C. Daire, CPP I, pág. 473)
- §I-3959
Francisquinho, ramo de oiro
Ramo que eu tanto amei!
Amei-te com tanto gosto,
Tão depressa te deixei!
(s/i, CPP I, pág. 473)
- §I-3961
Hei-de subir ao loureiro
De lá hei-de clamar:
O meu amor me deixou
Na maior força d'amor.
(Baião, CPP I, pág. 473)
- §I-3965
Corri o mar à roda
Com vela na mão acesa,
...
(A. Fé, CPP I, pág. 474)
- §I-3974
Manjerico da janela,
Já te podes ir secando:
Quem te regava morreu

E eu já me vou enfadando. (C. Daire, CPP I, pág. 475)	Var.: como pode ter firmeza – V. Alentejo.	Sois água, não matais sede, Sois pimenta, não queimais; Sois uma, pintais-vos outra, Quando comigo falais. (Resende, CPP I, pág. 479)
§I-3975 Manjerico verde é mimo, Eu também já fui mimosa; Se tu não me foras falso, Não me mostrara queixosa. (s/i, CPP I, pág. 475)	§I-4003 O sabugueiro é vário, As copas que dá são brancas; Como te hei-de eu ser leal, Se tu namoras a tantas?! (Tarouca, CPP I, pág. 477)	§I-4046 A açucena com o pé n'água Pode estar quarenta dias. Eu sem ti nem uma hora, Tu sem mim noites e dias. (Mangualde, CPP I, pág. 481)
§I-3977 Namorava três amores, Deixei um por não ter jeito, Agora nem um, nem outro, 'Stá um cabaço bem feito! (Loulé, CPP I, pág. 475)	§I-4006 Os meus primeiros amores Mandei-os ao rosmaninho; Estes qu'eu agora tenho, Hei-de amá-los com jeitinho. (V. Real, CPP I, pág. 477)	§I-4047 A açucena luminosa Entre pedras é nascida; Sabes que eu te quero bem, Mas fazes-te desentendida. (C. Branco, CPP I, pág. 481)
§I-3980 Ó alecrim, rei das ervas, Já meu peito foi teu vaso; Tomaste novos amores, Paciência, são vontades. (V. Alentejo, CPP I, pág. 475)	§I-4008 Papagaio, bico de ouro, Bebe em pia de prata: S'ó teu amor num é firme, O meu tamén se num mata. (Minho, CPP I, pág. 477)	§I-4049 A folha da hera atrepa O junquilha vai descendo; ... (s/i, CPP I, pág. 481)
§I-3981 O alecrim variado Vareia co'ar da noute: Anda cá, meu variado, Fostes meu, agora és de outre. (Guimarães, CPP I, pág. 475)	§I-4014 Prendi o meu coração À murteirinha do mato; Logo a mim avisaram Que me havias de ser falso. (C. Branco, CPP I, pág. 478)	§I-4050 A folha da oliveira, De comprida, chega ao chão, Tu já para mim não olhas: São conselhos que te dão. (Moura, CPP I, pág. 481)
§I-3990 O cizirão é enleio, O mentraste é verdura; Eu não me fio em paleio, Faz-me, amor, uma escritura. (s/i, CPP I, pág. 476)	§I-4022 Rapazes e raparigas, Sou varejeiro do alto; Faltará o Sol à Lua, Que ao meu amor também falto. (P. Lima, CPP I, pág. 479)	§I-4051 A hortelã é crueza E a salsa é traidoria, Se eu soubera quem tu eras, Não te amava nem um dia! (Cinfães, CPP I, pág. 481)
§I-3996 O meu coração é sala, Onde passeia açucena; Amei-te com tanto gosto, Deixei-te, não tive pena. (Avis, CPP I, pág. CPP I, pág.476)	§I-4024 Salgueiro à borda de água Co'ó vento se está torcendo; ... (Alvaiázere, CPP I, pág. 479)	§I-4052 A laranja, de madura, Cai ò poço da neve; O teu coração é falso, O meu de leal se perde. (s/i, CPP I, pág. 481)
§I-4002 O rouxinol do loureiro Tem um cantar solitário; Como pode ser sisudo Quem toda a vida foi vário? ... (Penafiel, CPP I, pág. 477)	§I-4026 Semeei a minha horta, Já me nasceram favinhas; Já tomei amores novos, Os velhos que torçam linhas. (Minho, CPP I, pág. 479)	§I-4053 A laranjeira do adro Na folha tem a valia; Nas falas que me tu davas Oh quem se não fiaria!...
	§I-4032	

(s/i, CPP I, pág. 482)

§I-4055

A salsa do meu quintal
A folha parece renda;
Estes rapazes d'agora
Já não há quem oe entenda.

Estes rapazes d'agora

São como os figos corigos:
O que se passa com as noivas
Vão contar aos seus amigos.
(Idanha-a-Nova, CPP I, pág. 482)

§I-4057

Adeus, sobreiro da lama,
Castanheiro da devesa,
Não cuidei que me deixavas
Com tamanha ligeireza.
(C. Basto, CPP I, pág. 482)

§I-4059

Algun dia era eu
Linda pena de pavão,
Agora já o não sou
Des'que dei na tua mão.

Algun dia era eu

No teu prato a melhor sopa;
Agora sou um veneno
Rosaltar na tua boca.
(Montalegre, CPP I, pág. 482)

§I-4063

Anda cá, meu bago de ouro,
Minha estrela reluzente,
Meu ramo de falsidade
Para mim tens sido sempre.
(V. Alentejo, CPP I, pág.482)

§I-4070

Assubi à amendoeira
Corri-a de nó em nó;
Tu falas com quem tu queres,
Eu falo contigo só!
(Mesão Frio, CPP I, pág. 483)

§I-4071

Assubi ao limoeiro,
Duma cana fiz encosto;
Se me tu quiseras bem,
Tu de mim fizeras gosto.

(S. M^a Basto, CPP I, pág. 483)

§I-4072

Atira, mano, atira,
À pomba qu'anda na eira.
Ó ladrão, que a mataste!
Andava para ser freira.
(Valpaços, CPP I, pág. 483)

§I-4075

Atirastes-me ao meu peito
C'uma laranja redonda;
Vós comigo não casais...
Para mangação já bonda!
(Valpaços, CPP I, pág. 483)

§I-4081

Manjerição da janela,
Já meu peito foi teu vaso;
Já lá tens outros amores,
Já de mim não fazes caso.
(Norte, CPP I, pág. 484)

§I-4082

Dei um ai à tua porta
Entrou pela fechadura,
Pedi-te água não ma deste,
Coração de pedra dura.
(Bragança, CPP I, pág. 484)

§I-4083

Deste-me um ramo de arruda,
Fazias de mim diabo,
O diabo eras tu
Que me trazias enganado.
(s/i, CPP I, pág. 484)

§I-4084

Deste-me uma pera verde
Que havia de amadurar,
O que é verde é sempre verde,
'Scusavas de me enganar.
(Maia, CPP I, pág. 484)

§I-4098

Eu subi à amendoeira,
Corri-a de nó em nó;
Tu falas com quem tu queres
Eu falo contigo só.
(Lamego, CPP I, pág. 485)

§I-4104

Hei-de fazer um vestido
De malva roxa do chão,
Para ver se te resolvo,
Ó ingrato coração.

(s/i, CPP I, pág. 486)

§I-4107

Ingrato, permita òs Céus
Que ainda te chegue a ver
No açougue feito em postas
Aos arrates a vender!
(C. Verde, CPP I, pág. 486)

§I-4112

Já as ervas do campo choram
Já as flores de mim têm dor,
Só por ver a crueldade
Com que me tratas, amor.
(s/i, CPP I, pág. 487)

§I-4121

Maria, linda Maria,
O pecado te atentou;
Eras como o peixe n'água,
O mimo te derrancou.
(Penafiel, CPP I, pág. 487)

§I-4123

Mariquinhas, teu pai deu-te
Bem te pudera matar;
Tinhas o caldo mal feito
E a loucinha por lavar.
(Feira, CPP I, pág. 487)
Var.: Por teres o caldo cru.

§I-4133

Ó alecrim, rei das ervas,
Já meu peito foi teu vaso;
Já lá tens outros amores,
Já de mim não fazes caso.
(Minho e Douro, CPP I, pág. 488)

§I-4134

Ó alto pé de amoreira,
Onde canta a cotovia,
Que assim me foste falsa
A quem tão leal te fazia!
(s/i, CPP I, pág. 488)

§I-4144

O jasmineiro é verde,
As flores que dá são brancas.

Não te posso amar firme, Que te adevertes com tantas! (Portimão, CPP I, pág. 489)	(Alcanena, CPP I, pág. 490)	Perjunção de criatura, Olha amor, que Deus não dorme. Queira Deus tanta fartura Não te venha a dar em fome! (Estremoz, CPP I, pág. 492)
§I-4148 O loureiro é pau preto Que se dá por os quintais. Sois uma, pintais outra, Quando comigo falais. (Entre Douro e Minho, CPP I, pág. 490)	§I-4163 Ó rio, que assim vais turvo, Ó peixes, que assim nadais, Ó ingrata, que assim dormes, Não recordas a meus ais. (C. Beira, CPP I, pág. 491)	§I-4184 Pu'lo pé no junco verde, À tua porta nascido; Sabe'lo bem que t'eu quero, Fazes-te desentendido... (Baião, CPP I, pág. 493)
§I-4150 O manjaricão é verde, As felores que dá são brancas; Não pode ter amor firme Quem tem amor a tantas. (Abrantes, CPP I, pág. 490)	§I-4173 Passei pela tua porta, Espreitei pela fechadura; Pedi-te água não ma deste, Coração de pedra dura. (A. Fé, CPP I, pág. 492)	§I-4188 Quanto te eu cuidei que tinha Pelo pé como o limão, Fostes falso como Judas, Fugistes-me da prisão. (Cabeceiras de Basto, CPP I, pág. 493)
§I-4151 O manjericão verde é mimo, Também eu estava mimosa; Se tu não me ofendesses, Não me mostrava queixosa. (B. Alta, CPP I, pág. 490)	§I-4174 Passei pela tua porta, Pedi-te água, não ma deste: Nem os moiros da Moirama Fazem o que tu fizeste! (Baião, CPP I, pág. 492)	§I-4190 Quem te pôs sal na boca Deu-te nome sem razão: Tu devias ser chamada Dos homens a perdição. (Ilha Graciosa, CPP I, pág. 493)
§I-4152 Ó Maria, teu pai deu-te, Bem te podia matar: Tinhas o caldinho feito E a loiça por lavar. (s/i, CPP I, pág. 490)	§I-4175 Passei pela tua porta, Pedi-te água, não ma deste; Quando passares pela minha, Farei como me fizeste. (V. N. Cerveira, CPP I, pág. 492)	§I-4192 Salgueiro de ao pé do rio, Donde a água faz cachão, Não sei onde irá bater Essa tua opinião. (s/i, CPP I, pág. 493)
§I-4153 Ó Maria tola, tola, Que tão tola te puseste; Vinhas um dia da fonte, Pedi-te água, não ma deste. (A. Fé, CPP I, pág. 490)	§I-4176 Passei pela tua porta, Pedi-te água não ma deste; Valha-te Deus, rapariga, Tão ingrata te fizeste! (V. Alentejo)	§I-4197 Sois branquinho coma o leite, Ao leite pagais tributo; Com outra impondes o tempo, Comigo nem um minuto... (Melgaço, CPP I, pág. 494)
§I-4154 O mentrasto é cuidado Vós com ele me tratais: Bem pensei, minha menina, Que me vós querieis mais. (Alto Minho, CPP I, pág. 490)	§I-4179 Pedi uma pinga de água À ingrata duma prima: Vinha com ela da fonte E disse-me que a não tinha. (Alentejo, CPP I, pág. 492)	§I-4198 Sou aquele pobrezinho Que a tua porta bateu, Que te pediu uma esmola E que nunca a recebeu. (V. Alentejo, CPP I, pág. 494)
§I-4156 Ó meu amor, meu amor, Bem te dizia eu Que havia de dar em droga O teu amor, nanja o meu.	§I-4182 Pelo céu vai uma nube, Carregadinha de ameixas: Nem sequer me deste tempo De te queixar minhas queixas! (Melgaço, CPP I, pág. 492)	§I-4201 Tens a parreirinha à porta, Não a sabes estimar;
	§I-4183	

- Tens o amor ao teu lado,
 Não o sabes namorar.
 (S. Comba Dão, CPP I, pág. 494)
- §I-4202
 Tens uma parreira à porta,
 Não a sabes vindimar;
 Tens o teu amor à vista,
 Não o sabes namorar.
 (Lousã; Vidigueira, CPP I, pág. 494)
- §I-4211
 Vai, amor, por esse mundo,
 Com um cestinho às ameixas,
 Para ver se acaso encontras
 Um amor como o que deixas.
 (Moura, CPP I, pág. 495)
- §I-4217
 A folha da laranjeira
 De amarela encaracolou:
 Eras para mim tão firme,
 Meu amor, quem te voltou?
 (O. Azeméis, CPP I, pág. 496)
- §I-4219
 A verde rabaça tem
 Repartimento na folha;
 Ó meu amor, fazes bem:
 Enquanto há duas, há escolha.
 (Nisa, CPP I, pág. 496)
- §I-4220
 Açucena, flor sombria,
 Para te amar não tive arte;
 Já lá tens novos amores:
 Parabéns da minha parte!
 (Castro Verde, CPP I, pág. 496)
- §I-4226
 Alecrim verde, viçoso,
 Já meu peito foi teu vaso;
 Já lá tens outros amores,
 Já de mim não fazes caso!
 (Mafra, CPP I, pág. 497)
- §I-4256
 Eu já vi nascer o Sol
 Numa bacia a nadar;
 Eu já vi o meu amor
 Com outras a palear.
 (s/i, CPP I, pág. 500)
- §I-4263
 Falas comigo e com outra,
 Trazes-me a mim enganada;
 Eu sou grossa p'ra palito:
 Procura-a mais delicada.
 (Condeixa, CPP I, pág. 500)
- §I-4269
 Manjaricão repolhudo,
 Lá do centro do jardim,
 Falinhas que dás a outro,
 Facadas que dás a mim!
 (s/i, CPP I, pág. 501)
- §I-4270
 Manjarico da janela,
 Meu peito já foi teu vaso,
 Tomastes novos amores
 Já de mim não fazes caso!
 (P. Coura, CPP I, pág. 501)
- §I-4271
 Manjarico verde é mimo,
 Eu também já fui mimosa:
 Se tu não masses outra,
 Não me mostrava queixosa.
 (Monchique, CPP I, pág. 501)
- §I-4276
 Ó alecrim, rei das ervas,
 Já meu peito foi teu vaso.
 Tomaste novos amores,
 Já de mim não fazes caso!
 (V. Alentejo, CPP I, pág. 501)
 Var.: Ó alecrim, rei das flores –
 Faro.
- §I-4279
 Ó José, assopra ao lume,
 É de cepa, não dá chama:
 Quem namora tem ciúme,
 Quem é bonita, tem fama.
 (Proença-a-Nova, CPP I, pág. 502)
- §I-4291
 Ó minha pombinha branca,
 Já não vais beber à vala;
 Por causa de ti, pombinha,
 Outra pomba não me fala!
 (V. Velha Ródão, CPP I, pág. 503)
- §I-4294
 O serpol está'spreitando
 Pelas grades do jardim;
 As falas que dais a outros
 São penas que dais a mim.
 (Baião, CPP I, pág. 503)
- §I-4295
 Olha como o ouriço
 Espreita a linda castanha!
 Dizes que namoro com outra?
 Ó que mentira tamanha!
 (P. Lima, CPP I, pág. 503)
- §I-4302
 Os lírios roxos são ais,
 Que eu dou por ti, ó meu bem!
 ...
 (Serpa, CPP I, pág. 504)
- §I-4310
 Pessegueiro abanado,
 Antes da mão que do vento!
 Comigo tendes as fama,
 Com outra passai o tempo!
 (C. Basto, CPP I, pág. 504)
- §I-4313
 Pus-me a chorar saudades
 À sombra dum saragaço,
 Uma flor me respondeu:
 - Não chores por quem te é falso!
 (Óbidos, CPP I, pág. 505)
- §I-4316
 Quem tem pinheiros, tem pinhas,
 Quem tem pinhas, tem pinhões,
 Quem tem amores, tem zelos,
 Quem tem zelos, tem paixões.
 (Penafiel, CPP I, pág. 505)
- §I-4317
 Salsa da beira do rio,
 De mimosa cai-lhe a folha;
 Tenho um amor bem bonito,
 Se não houver quem mo tolha.
 (s/i, CPP I, pág. 505)
- §I-4328
 Uma taça de veneno
 À minha rival of'reço.
 Digo-te, amor, a verdade:

É figura que aborreço. (Moura, CPP I, pág. 506)	Var.: Hei-de te ver perseguida Coma o coelho no monte	Entre as folhas da linhaça! (s/i, CPP I, pág. 511)
§I-4329 Vai andando que eu já vou, Espera-me ao alecrim; Que te quero procurar A quem queres mais que a mim. (A. Fé, CPP I, pág. 506)	§I-4359 Eu hei-de te armar o laço Donde tu tens a saída: Ou tu hás-de cair nele Ou t'hei-de tirar a vida. (Mesão Frio; Baião, CPP I, pág. 509)	§I-4388 Segurelha, segurai-me, Que eu quero andar segura, Que eu ando ameaçada De uma fraca figura. (Cinfães, CPP I, pág. 511)
§I-4337 À sua porta corre água, Menina, faça l'um rego, Que eu ando ameaçado De quem tenho pouco medo! (Guarda, CPP I, pág. 507)	§I-4360 Eu hei-de te armar um laço, No caminho da igreja... Há-des ficar caçadinha Pelo pé, com'à cereja! (Feira; Mesão Frio, CPP I, pág. 509)	§I-4390 Tenho vinte e quatro linhas Para arranjar um stremalho Hei-de-t'agarrar, menina, Cumà boga no cascalho. (Nisa, CPP I, pág. 511)
§I-4338 Adeus, rua da lameira, Ladrilhada ò compasso; Hei-de te agarrar, menina, Como o perdigão no laço! (s/i, CPP I, pág. 507)	§I-4362 Eu já vi nascer o sol Numa estufa de ananases; Ainda te hás-de arrepender Das repisas que me fazes. (Ilha S. Miguel, CPP I, pág. 509)	§I-4391 Tu dizes que não me queres, Porque eu não tenho fazenda; Deus queira que dês com um Que até as cabras te venda! (Monchique, CPP I, pág. 511)
§I-4340 Alumeia-me, candeia, Até ò cabo do rego, Que eu ando ameaçada De quem tenho pouco medo. (Baião, CPP I, pág. 507)	§I-4366 Hei-de me ir, e deixar-te Como água deixa a fonte: Ficarás desemparrada, Como a florinha do monte. (F. Algodres, CPP I, pág. 509)	§I-4395 A salsa do meu quintal De verde retorcede o pé, Retorcida tenha a língua Que diz o que assim não é. (V. Alentejo, CPP I, pág. 512)
§I-4347 Coração, coraçãozinho, Com uma faca te hei-de abrir: Que te deixaste agarrar A quem podias fugir. (T. Moncorvo, CPP I, pág. 508)	§I-4367 Hei-de me ir, hei-de deixar-te Como a água deixa a fonte; Hei-de deixar-te tão só, Como o espargo no monte. (Avis, CPP I, pág. 509) Var.: Pr'a te ver andar chorando Lágrimas de monte em monte – Avis.	§I-4396 As coibes da minha horta Arrebentaram ao nascer: Assim arrebente'os olhos A quem me não pode ver! (Penafiel, CPP I, pág. 512)
§I-4348 De te ir roubar ao teu monte Tenho eu tido vontadinha; Toda a vida ouvi dizer: O medo é que guarda a vinha. (C. Verde, CPP I, pág. 508)	§I-4369 Hei-de te amar, que é meu gosto, Deixar-te, que é meu regalo; Hás-de ser como a pombinha, Que morreu ao desamparo. (Penafiel, CPP I, pág. 509)	§I-4398 Bem sei que te andas gabando Que tens quatro à escolha. Hás-de ficar sem nenhum Como a amoreira sem folha. (Idanha-a-Nova, CPP I, pág. 513)
§I-4354 Eu hei-de me ir e deixar-te Como a água deixa a fonte; Hei-de te deixar, menina, Ao desamparo no monte. (O. Hospital; Vila de Rei, CPP I, pág. 508)	§I-4385 Picadinha das bexigas, Que assim me caíste em graça! Ainda eu te agarrarei	§I-4399 Debaixo desta latada Quem me cobre são as folhas. Olha os olhos que me deitas... Alho porro! Não me tolhas! (A. Valdevez, CPP I, pág. 512)

- §I-4407
Ingrato, permita o Céu,
Que eu inda te chegue a ver,
O teu corpo feito em quartos,
Aos arrates a vender.
(Alandroal, CPP I, pág. 513)
- §I-4408
Já lá tens amores novos,
Parabéns da minha banda:
Deus queira que dures tanto
Como a água na ciranda.
(R. Monsaraz, CPP I, pág. 513)
- §I-4413
Malo hajas tu, barbeiro,
A mais as tuas navalhas!
Cortastes o meu amor
Nas faces mais delicadas.
(Baião, CPP I, pág. 513)
- §I-4420
No alto daquela serra
Vai um coelho a fugir;
Debaixo dum burro esteja
Quem de mim se estava a rir.
(s/i, CPP I, pág. 514)
- §I-4429
O meu amor me deixou
Para amar outra mais rica,
Queira Deus que o que ela tem
O gaste todo na botica.
(C. Branco, CPP I, pág. 515)
Var.: Deus queira que o que ele tem
O beba todo em botica – V. Velha
Ródão.
- §I-4430
O meu amor me deixou,
Para amar quem tem fazenda,
Deus queira que dê com uma,
Que até o chapéu lhe venda.
(C. Branco, CPP I, pág. 515)
- §I-4432
Ó oliveira do adro,
Não assombres a igreja;
Que bem assombrado ande
Quem a mim o mal deseja.
(Barcelos, CPP I, pág. 515)
- §I-4436
Rua abaixo, rua acima,
Majaricão à janela,
Mal o haja quem não deixa
Falar à minha donzela.
(s/i, CPP I, pág. 515)
- §I-4441
A felor da amendoeira
É a primeira do ano;
Também eu fui a primeira
Que te dei o desengano.
(Mação; Nisa, CPP I, pág. 516)
- §I-4442
A felor do charão
É um roxo engraçado:
Já me ausentei de ti,
Podes viver descansado.
(Ilha Faial, CPP I, pág. 516)
- §I-4444
A folha do castanheiro
É recortada na ponta;
Quem eu quero não me quer,
Quem me quer não me faz conta.
(Covilhã, CPP I, pág. 516)
- §I-4445
A hortelã é crueza,
E a salsa é traidoria;
Se eu soubera quem tu eras,
Não te amava nem um dia.
(Cinfães, CPP I, pág. 516)
- §I-4446
A madressilva é cheirosa,
Amargosa na raiz,
Não te gabes que me deixas,
Pois fui eu que te não quis.
(Guimarães, CPP I, pág. 516)
- §I-4448
A nogueira é sagrada,
O segredo stá na noz;
Vós dizeis que eu que morro,
Se morro, não é por vós...
(Baião, CPP I, pág. 516)
- §I-4449
A oliveira pequena
Também tem pequena sombra;
- Inda que sou pequenina,
Você comigo não zomba.
(s/i, CPP I, pág. 516)
- §I-4452
A salsa subiu ao muro,
A hortelã foi descendo;
Se pensas que por ti morro,
Eu de ti nada pretendo.
(s/i, CPP I, pág. 517)
- §I-4453
A silva nasceu-me em casa,
Deu volta na cantareira;
Podes andar à vontade,
Que eu já tenho quem me queira.
(Alentejo, CPP I, pág. 517)
- §I-4454
A videirinha no monte
Dá uvas sem ser podada;
Indas que sou pobre e feia,
Em ti sou mal empregada.
(Baião, CPP I, pág. 517)
- §I-4455
Acipreste felorido
Foi coisa qu'eu nunca vi!
Não te gabes que me deixas,
Que eu nunca te pretendi!
(Baião, CPP I, pág. 517)
- §I-4456
Acipreste ñ se rega,
Nasce a água da raiz;
Ñ digas que me dexastes
Que fui eu que ñ te quis.
(Avis, CPP I, pág. 517)
- §I-4457
Açucena com pé n'água
Dura mais quarenta dias.
Eu contigo nem uma hora,
Quanto mais noites e dias!
(s/i, CPP I, pág. 517)
- §I-4462
Alecrim pega de galha,
Pessegueiro de raiz,
Não te gabes que me deixas,
Que fui eu que te não quis.
(s/i, CPP I, pág. 518)

§I-4465 Algum dia eras tu Do meu prato a melhor sopa; Agora és o veneno Que não vai à minha boca. (V. Real, CPP I, pág. 518)	Nunca tão alto subi: Quem quiser tomar amores Assuba, que eu já descí. (Rio Maior, CPP I, pág. 520)	Alegre do coração. (Penaguião, CPP I, pág. 521)
§I-4478 Alto pinheiro ramudo Com bagas de ouro na ponta, Podes amar quem quiseres, Comigo não faças conta. (C. Verde, CPP I, pág. 519)	§I-4493 Atirei c'um ai ao céu, Quebrei o pé ao damasco; Não faças conta comigo, Que eu contigo não na faço. (s/i, CPP I, pág. 520)	§I-4500 Chamaste-me moreninha Isto é do pó da eira, Hás-de me ver p'ra domingo Como a rosa na roseira. (Mação, CPP I, pág. 521)
§I-4486 Antes que teu pai me desse A burra mais o burrinho Eu não cansava contigo, Má cara, pior focinho. (Algarve, CPP I, pág. 520)	§I-4494 Atirei e não matei, Bem mal empregado tiro! Tão mal empregado tempo! Qu'andei d'amores contigo! (Penaguião; Baião, CPP I, pág. 520)	§I-4501 Chamaste-me moreninha Não me desprezo do nome; A cereja bem madura Qualquer fidalgo a come. (Penaguião, CPP I, pág. 521)
§I-4487 Antes que teu pai tivesse O mais belo castanheiro, Eu não casava contigo, Ó meu ouriço cacheiro. (s/i, CPP I, pág. 520)	§I-4495 Botei o cravo ao poço, Apodreceu a metade: Nem eu era do teu gosto, Nem tu da minha vontade. (s/i, CPP I, pág. 520)	§I-4502 Chamaste-me pé de ginja, Não sou eu tão delicada! Não sou bonita nem feia, Só em ti mal empregada! (Monchique, CPP I, pág. 522)
§I-4488 Aquela menina cuida Que não há outra no mundo; Não é o poço tão alto Que se lhe não veja o fundo. (Maia; P. Lima, CPP I, pág. 520)	§I-4496 Botei o cravo ao poço E a rosa ao chafariz; Não te gabes que me deixas Que fui eu que te não quis! (M. Canaveses, CPP I, pág. 520)	§I-4503 Chamaste-me pera podre, Não te quero desmentir; Nem que caia de madura P'ra ti não hei-de cair. (Algarve, CPP I, pág. 521)
§I-4489 Arriguei o rosmaninho, Arriguei, está arrigado: Tira de mim o sentido Que eu em ti já não o trago. (Baião, CPP I, pág. 520)	§I-4497 Chamaste-me amor-perfeito, Eu não sou tão delicada, Assim mesmo bem pensando Em ti sou mal empregada. (C. Branco; Redondo, CPP I, pág. 521)	§I-4504 Chamaste-me triste, triste, Cuma a flor do marmelo; Eu sou triste para ti, Alegre p'ra quem eu quero. (Portimão, CPP I, pág. 521)
§I-4491 Assubi à'mendoeira, Corria de ponta a ponta; Tu falas com quem tu queres E eu só com quem me faz conta. (V. Real, CPP I, pág. 520)	§I-4498 Chamaste-me cereijinha, Cereijinha quero ser; Nem que caia de madura, Você não me há-de colher! (Bragança, CPP I, pág. 521)	§I-4510 Comparo a tua par'cença Com a espiga do centeio: Se algum dia te quis bem Foi à falta de paleio. (Nisa, CPP I, pág. 522)
§I-4492 Assubi ao alto choupo	§I-4499 Chamaste-me moreninha Da cor do alvarelhão; Sou moreninha do rosto,	§I-4512 Cuidavas, por me deixares, Que cortava o meu cabelo, Botei-lhe pózes e banha, Vou-me vestir de burmelho. (Baião, CPP I, pág. 522)

- §I-4516
Cuidavas, por me ver rir,
Que já me tinhas na mão;
Eu não sou tão rabaceira,
Que coma a fruta do chão.
(Lamego, CPP I, pág. 522)
- §I-4517
Cuidavas que eu que te qu'ria,
Guardanapo de estalagem!
Quando falava contigo,
Era água de passagem.
(Baião, CPP I, pág. 522)
- §I-4518
Cuidavas que eu te queria,
Meu botelho agarrado,
Gostei sempre de trazer
Meio mundo enganado.
(Baião, CPP I, pág. 522)
Nota: «Botelha = espécie de abóbora.»
- §I-4519
Cuidavas, qu'eu que te queria,
Meu remelado dos olhos!
Tinha-te a casa varrida,
A cama feita nos tojos.
(Baião, CPP I, pág. 523)
- §I-4521
Cuidavas que eu te queria,
Olha o toleiro do mundo!
Meus olhos já navegaram
Em outro poço mais fundo.
(s/i, CPP I, pág. 523)
- §I-4522
Das felores que há no campo
O rosmaninho é rei;
Não digas que me deixaste:
Fui eu a que te deixei.
(C. Beira, CPP I, pág. 523)
- §I-4523
Debaixo da água há lodro,
Debaixo do lodro há areia;
Quando tu me falseaste,
Todo o mundo me falseia.
(Nisa, CPP I, pág. 523)
- §I-4526
Botei o limão correndo
Lá pelo adro da Sé;
Amores que eu não pretendo
Deito-os p'ra banda c'o pé.
(s/i, CPP I, pág. 523)
- §I-4529
Disseste que eu era feia,
Digo que tinhas razão.
Mulher feia e lenha verde
Servem só na ocasião.
(O. Hospital, CPP I, pág. 523)
- §I-4530
Diz que me havias de dar
C'um pau da tua ramada;
Esse tempo já lá vai
Qu'eu era tua criada!
(Minho, CPP I, pág. 524)
- §I-4533
És clara como o leite,
Corada como a palmeira,
És apalpada de todos
Como o figo na figueira.
(Nisa, CPP I, pág. 524)
- §I-4534
Esta noite fiz um ramo
De alfazema dobrada;
Os passos que por mim destes
Não te valerom de nada.
(C. Branco, CPP I, pág. 524)
- §I-4537
...
Casar contigo, xó rola!
Tira de aí o sentido.
...
(Barroso, CPP I, pág. 524)
- §I-4540
Eu amava-te, ó menina,
Se não fora um só senão:
Seres pia de água benta
Onde todos põem a mão.
(V. Velha Ródão, CPP I, pág. 524)
- §I-4543
Eu escrevi no freixo verde,
Num raminho fiz encosto:
Se não qu'rias que eu te amasse,
- Em mim não fizesses gosto!
(Loulé, CPP I, pág. 525)
- §I-4547
Eu já fui ao teu pomar
Eu já fui teu pomareiro:
Já comi da tua fruta,
Mas não fui eu o primeiro.
(s/i, CPP I, pág. 525)
- §I-4553
Eu pus à minha janela
Um copo de água composto;
Eu não sou de quem me quer,
Sou de quem é do meu gosto.
(Ilha Graciosa, CPP I, pág. 525)
- §I-4554
Eu quero-te tanto bem
Como à água da barrela,
Que vai pelo rio abaixo,
Nunca mais se sabe dela.
(Barcelos, CPP I, pág. 526)
- §I-4555
Eu quero-te tanto bem
Como à cinza da barrela;
Que, ao depois de tirada,
Não quero mais saber dela.
(s/i, CPP I, pág. 526)
- §I-4556
Eu quero-te tanto e tanto
Como à cinza da barrela
Que se arruma para um canto
E ninguém faz caso dela.
(Bragança, CPP I, pág. 526)
- §I-4559
Fiz a cama na roseira,
E a cabeceira no tojo;
Se alguma vez te quis bem,
Agora tomei-te nojo!
(Bragança, CPP I, pág. 526)
- §I-4561
Hei-de amar o junco verde,
Enquanto tiver verdura,
Mas o teu coração não:
Inda não fiz escritura.
(V. Conde, CPP I, pág. 526)

- §I-4565
Já fui hortelão na praça,
Em teu peito um jardineiro,
Já fui teu amor de graça,
E agora nem por dinheiro.
(Moura, CPP I, pág. 526)
- §I-4582
Julgavas que eu te queria,
Guardanapo de estalaje!
Quando falava contigo,
Era água de passage!
(Baião, CPP I, pág. 528)
- §I-4583
Julgavas que eu te queria,
Que te dava a minha mão:
Eu não sou tão rabaceira
Que coma a fruta do chão!
(Minho, CPP I, pág. 528)
Var.: Julgavas por me ver rir
Que já me tinhas na mão –
Bragança.
- §I-4585
Linda flor da gesta branca,
Não percas comigo tempo.
Noutra barquinha mais alta
Navega o meu pensamento...
(Vimioso, CPP I, pág. 528)
- §I-4586
Malo hajas tu, amor,
De ribeiro em ribeiro,
Julgavas que eu que te qu'ria,
Meu barbas de peneireiro.
(Baião, CPP I, pág. 528)
- §I-4590
Manjaricão da janela
Bem te podes ir secando:
Já morreu quem te regava,
Eu já me vou enfadando.
(P. Lima, CPP I, pág. 529)
- §I-4592
Meu amor, canastro velho,
Arco de cesto sem fundo;
Já te podes ir deixando
Das vaidades deste mundo.
(s/i, CPP I, pág. 529)
- §I-4595
Meu canivete de prata,
Posto na mesa de el-rei,
Deixa-me tu, meu amor,
Que eu a ti já te deixei.
(s/i, CPP I, pág. 529)
- §I-4596
Minha maçã vermelhinha,
Picada do rouxinol,
Quem te picou que te coma,
Que te picou no melhor.
(s/i, CPP I, pág. 529)
- §I-4597
Moras ao cimo da rua,
Comes com garfo de vidro;
Fazias de mim tão tola
Que eu em ti punha o sentido.
(A. Fé, CPP I, pág. 529)
- §I-4602
Não cuides, por me deixares,
Que eu me encosto à paixão,
Não sou apaixonadiça
Por fruta que cai no chão.
(Loulé, CPP I, pág. 530)
- §I-4604
Não me andes fazendo as frentes,
Que eu não sou o teu amor;
Eu não sou com'á figueira
Que dá fruto sem flor.
(Évora, CPP I, pág. 530)
- §I-4610
Não olhes para mim, não,
Que eu não sou o teu amor,
Que eu não sou como a figueira
Que dá fruto sem flor.
(V. Alentejo, CPP I, pág. 530)
- §I-4612
Não passes à minha rua,
Carapeto em botão.
Inda te hei-de andar a ver
Se tenho outro ou não.
(Moura, CPP I, pág. 530)
- §I-4613
Não penses que eu por ti morro,
Que eu por ti tenho paixão;
- Nunca fui apaixonado
Por fruta que cai ao chão.
(A. Fé, CPP I, pág. 531)
- §I-4614
Não quero amor de poupa,
Nem de caracóis na testa;
Não quero que venha o cuco,
Que le faça muita festa.
(V. Castelo, CPP I, pág. 531)
- §I-4618
Não se me dá que vindimem
Videirinha que eu podei;
Não se me dá que outro logre
O que eu há muito deixei!
(Mesão Frio, CPP I, pág. 531)
- §I-4625
Navalha, minha navalha,
Navalha de meia lua;
Namora com quem quiseres:
Eu agora não sou tua.
(V. Real, CPP I, pág. 532)
- §I-4627
Nem que teu pai me desse
Uma vaca c'um bezerro
Para eu casar contigo,
Minha russa de má pelo.
(Tarouca, CPP I, pág. 532)
- §I-4628
No mar há um peixinho
Que anda à roda do vapor:
Inda 'stá para nascer
Quem há-de ser meu amor.
(s/i, CPP I, pág. 532)
- §I-4630
O acipreste não se rega,
Inda nunca se regou.
Não te gabes que me deixas
Que aqui está quem te deixou.
(Moura, CPP I, pág. 532)
- §I-4636
O anel que tu me destes
Na quinta-feira ao sol posto,
Barri o forno com ele,
Deitei o pão ao meu gosto.
(Almeirim, CPP I, pág. 532)

- §I-4639
O cipreste não se rega,
Nasce-lhe água da raiz;
Tu dizes que me não queres,
Vê lá bem, quem te não quis.
(Évora, CPP I, pág. 533)
- §I-4640
O cizirão é enleio
Que se enleia pelo chão,
De ti não quero saber,
Nem da tua geração.
(R. Monsaraz, CPP I, pág. 533)
- §I-4643
Ó felor da gesta branca,
Comigo não percas tempo,
Que noutros poços mais fundos
Embarca o meu pensamento.
(Barroso, CPP I, pág. 533)
- §I-4645
O lenço que tu me deste
No domingo, ò sol posto,
Varri o forno com ele
Ficou então ao meu gosto.
(Nisa, CPP I, pág. 533)
- §I-4648
O meu amor é cabreiro,
Uma cabra m'of'receu.
Acabemos co'a conversa!
Não quero que sejas meu.
(Loulé, CPP I, pág. 533)
- §I-4665
Ó minha cabra amarela,
Ó meu sino sem badalo,
Queira Deus não sejas tu
O amor com quem eu falo!
(Viseu, CPP I, pág. 535)
- §I-4667
O pessegueiro é louco,
Eu por ti não enlouqueço:
Eu nunca te pretendi
Nem na cama, nem no berço.
(Baião, CPP I, pág. 535)
Var.: O sabugueiro – Penafiel
- §I-4669
O salgueiro é loucura,
Toca na variedade;
Nem eu era do teu gosto,
Nem tu da minha vontade.
(s/i, CPP I, pág. 535)
- §I-4677
Os meus primeiros amores
Eram cortiça queimada;
Estes que eu agora tenho
São obra mais delicada.
(Nelas, CPP I, pág. 536)
- §I-4678
Os meus primeiros amores
Mandei-os ao rosmaninho;
Estes que eu agora tenho
Vão pelo mesmo caminho.
(Baião; Nelas, CPP I, pág. 536)
- §I-4679
Os pinheiros do meu pinhal
Deitam resina p'rò chão;
Se eu algum dia te quis,
Hoje digo-te que não.
(Ponta Barca, CPP I, pág. 536)
- §I-4680
Para torradas manteiga,
A faca corta a cebola;
Falinhas, quantas quiseses,
Casar contigo... tó rola!
(s/i, CPP I, pág. 536)
- §I-4684
Pensavas em me eu rir
Que já me tinhas na mão.
Inda há-de dar tantas voltas,
Como o moinho em vão.
(s/i, CPP I, pág. 536)
- §I-4685
Pensavas que eu te queria,
Meu hortelão ciganado,
Sempre gostei de trazer
Meio mundo enganado.
(Baião, CPP I, pág. 537)
- §I-4686
Pensavas que por me rir
Já tu me tinhas na mão?
Eu não sou tão rabaceira
- Que coma a fruta do chão.
(P. Lima, CPP I, pág. 537)
- §I-4687
Perpétua, flor sombria,
P'ra te amar não tenho arte.
...
(Mação, CPP I, pág. 537)
- §I-4688
Pessegueiro abanado,
Antes da mão que do vento,
Anda muito enganado
Quem comigo perde o tempo.
(Barcelos, CPP I, pág. 537)
- §I-4690
Pus-me a chorar saudades
À sombra do alecrim,
Uma voz me respondeu:
- Não te ama só a ti.
(s/i, CPP I, pág. 537)
- §I-4695
Quando o carvalho der nozes,
A parreira der cortiça,
Então te amarei, meu bem,
Se não me der a preguiça.
(Porto, CPP I, pág. 537)
Var.: Quando o sobreiro der baga
O loureiro der cortiça.
- §I-4698
Quero-te, tanto, tanto
Como à água da barrela,
Que vai pelo rio abaixo
Não sei que caminho leva!
(Bragança, CPP I, pág. 538)
- §I-4700
Ripa as folhas ao teu olmo
Que eu ao meu já l'as ripei;
Tira de mim o sentido,
Que eu de ti já o tirei.
(Bragança, CPP I, pág. 538)
- §I-4702
Salgueiro pega de estaca
Amieiro de raiz;
Não te gabes que me deixas:
Fui eu a que te não quis.
(Melgaço, CPP I, pág. 538)

- §I-4710
Se eu soubera que era tua,
Que tua viria a ser,
Mandava vir da botica
Remédios para morrer.
(Feira, CPP I, pág. 539)
- §I-4711
Se me queres amar, ama,
Se ao queres, não te mando;
Na minha loge não entra
Fazendo de contrabando.
(Feira, CPP I, pág. 539)
- §I-4712
Se o meu amor me morresse
Já tinha o luto comprado:
Uma saia cor de vinho,
E um casaco encarnado.
(s/i, CPP I, pág. 539)
- §I-4713
Se pensas que por ti morro
Ou por ti tenho paixão,
Nunca fui apaixonada
Por fruta que cai no chão.
(Porto; Redondo; Serra Ossa, CPP I, pág. 539)
- §I-4718
Silva verde nasce em casa
Vai beber à cantareira;
Peça a meu pai que me sirva,
Que eu já tenho quem me queira.
(V. Alentejo, CPP I, pág. 539)
- §I-4719
Tanto te quero, menina,
Comà cinza da barrela:
Boto-a pela água abaixo,
Não faço mais caso dela...
(Barroso, CPP I, pág. 539)
- §I-4723
Tu andas atrás de mim
Como a pera atrás do ramo.
Tu andas p'ra me enganar,
Lá em ti fica o engano.
(Montargil, CPP I, pág. 540)
- §I-4724
Tu cuidavas em me eu rir
Que já me tinhas na mão.
Eu não sou tão rabaceira,
Que coma a fruta do chão!
(Minho, CPP I, pág. 540)
- §I-4728
Um loreiro bem florido
Foi cousa que eu nunca vi;
Não te gabes que me deixas
Que eu nunca te pretendi.
(Lamego, CPP I, pág. 540)
- §I-4729
Vá-se embora, seu maroto,
Longe de mim vá morrer,
Cá me deixa no meu rosto
Duas fontes a correr.
(Alvaiázere, CPP I, pág. 540)
- §I-4731
Vai-te daí para fora,
Pernas de galo assado;
Vai seguindo o teu caminho,
Deixa as doeiras do gado.
(s/i, CPP I, pág. 540)
- §I-4739
A folha da malva-roxa
Pôs demanda ao poejo;
O teu gosto é deixar-me,
Satisfá'lo teu desejo.
(Baião, CPP I, pág. 541)
- §I-4740
A folha da vinha branca
Era amarela, encarnou.
Estavas para mim tão firme!
Meu amor, quem te virou?...
(R. Monsaraz, CPP I, pág. 541)
- §I-4742
Adeus, caminho da fonte,
Já por mim não és seguido,
Já se fecham as janelas
Donde eu trazia o sentido.
(Alijó; Chaves, CPP I, pág. 541)
- §I-4744
Algum dia era eu
Do teu prato a melhor sopa;
Hoje sou o sal amargo
- Que entra na tua boca.
(C. Branco, CPP I, pág. 542)
- §I-4748
Algum dia, tendo sede,
Ia beber ao teu monte;
Agora estou mal contigo,
Vou beber a outra fonte.
(Moura, CPP I, pág. 542)
Var.: Agora passo de roda –
Portimão.
- §I-4756
Assubi ò alto cedro
Nunca tão alto me bi;
Descaí da tua graça...
Olha, amor, o qu'eu perdi!
(Baião, CPP I, pág. 543)
- §I-4759
Dei um ar que fez tremer
A maçã do acipreste;
Enraivaste-te comigo,
Grande favor me fizeste!
(V. Real, CPP I, pág. 543)
- §I-4765
- Eu não sei que significa
Salsa verde nos telhados.
- Significa a pouca dura
Da raiva dos namorados.
(Bragança, CPP I, pág. 543)
- §I-4766
Eu por ti é que aqui venho,
Raminho de erva cidreira,
Acredita que eu não tenho
No mundo a quem mais queira.
(s/i, CPP I, pág. 543)
- §I-4770
Hei-de subir ao mentrasto,
Do mentrasto ao poejo;
O teu gosto é deixar-me...
Satisfaz o teu desejo.
(Baião, CPP I, pág. 544)
- §I-4778
Lírio roixo, sentimento,
Eu bem sentida estou:
Não me manda o coração
Amar a quem me deixou.

- (s/i, CPP I, pág. 544)
- §I-4779
Loureiro, verde loureiro,
Vós, que dais a baga branca,
Não posso mostrar carinho,
A quem em mostra carranca.
(V. Conde, CPP I, pág. 545)
- §I-4781
Manjaricão da janela,
Já meu peito foi teu vaso;
Tomaste novos amores,
Já de mim não fazes caso...
(Alijó; Chaves, CPP I, pág. 545)
- §I-4788
Ó alto pinheiro ramudo
Lá em cima canta a pega.
Há-des vir à minha mão,
Mais mansa que uma borrega.
(Moura, CPP I, pág. 545)
- §I-4793
O jasmineiro é verde,
A felor que dá é branca.
Não posso mostrar agrado
A quem me mostra carranca.
(V. Alentejo, CPP I, pág. 546)
- §I-4794
O junquilha amarelo
Com as pontas quer bailar;
São rufos de namorados
São carinhos para amar.
(s/i, CPP I, pág. 546)
- §I-4796
O loureiro é retiro,
Retira as cousas de gosto,
Também retirado ando,
Menina, para convosco.
(V. Conde, CPP I, pág. 546)
- §I-4800
O meu amor amou-se
Foi às amoras ao mato:
Anda cá, meu amorado,
Que d'amoras já 'stás farto.
(Baião, CPP I, pág. 546)
- §I-4801
- O meu amor amou-se
Amou-se foi ás'moras
Ada cá meu amuado,
Isso é por poucas horas!
(Vila Chão, CPP I, pág. 547)
- §I-4802
O meu amor amou-se,
Foi às amoras ao mato;
Anda cá, meu amorzinho,
Tu de amoras já vens farto!
(V. Castelo; Baião, CPP I, pág. 547)
- Var.: Anda cá, meu amuado
Que eu de amoras já'stou farta –
Estremoz.
Var.: anda cá, meu amuado
Que de amoras já vens farto – V.
Castelo.
Var.: Deixa-te vir, meu amor,
Que de amoras virás farto – V.
Conde.
- §I-4803
O meu amor assanhou-se,
Não tenho que le fazer;
Hei-de segar o trovisco,
E dar-lhe o sumo a beber.
(M. Canaveses, CPP I, pág. 547)
- §I-4816
Ó minha pombinha branca,
Já não vais beber à vala;
Por casa de ti, pombinha,
Já o meu amor me não fala.
(P. Sor, CPP I, pág. 548)
- §I-4817
Ó oliveira do adro,
Carregada de azeitona,
Inda olhas para mim,
Cara de pouca vergonha!
(V. Real, CPP I, pág. 548)
- §I-4818
Ó oliveira do adro,
Deita para cá um ramo;
O meu amor é teimoso:
Duram-lhe as teimas um ano.
(Minho; V. Alentejo, CPP I, pág. 548)
- §I-4870
- O roxo é sentimento
Eu por sentida me dou,
...
(Trás-os-Montes, CPP I, pág. 549)
- §I-4822
Oliveira, pende, pende,
Dá-me para cá um ramo,
Qu'eu sou menina teimosa,
Duram-m'as teimas um ano.
(Vidigueira, CPP I, pág. 549)
- §I-4828
Quem me dera um limão
Ou uma lima madura
Para dar ao meu amor
Que anda de má catadura.
(Amarante; Baião, CPP I, pág. 549)
- §I-4829
Quem me dera um pão quente,
Uma laranja partida,
Para dar ao meu amor,
Que anda de beija caída.
(Guimarães, CPP I, pág. 549)
- §I-4830
Salgueiros de além do rio,
Deitai para cá um ramo;
O meu amor é raivoso,
Dura-lhe a raiva um ano.
(A. Fé, CPP I, pág. 549)
- §I-4833
Semeci o bem-te-quero
Na cerca do bem-te-amei;
Tomaste uns amores novos,
Da minha parte estimei!
(Paredes, CPP I, pág. 550)
- §I-4836
Suspiros e ais e dores
Imaginações e cuidados
São o manjar dos amores,
Quando andam arrufados.
(V. Conde, CPP I, pág. 550)
- §I-4837
Tenho dentro do meu peito
Uma laranja partida,
Para dar ao meu amor
Que anda de beija caída.

- (Baião; Barcelos, CPP I, pág. 550) A perdiz anda no monte,
Depenicando seixinhos,
Também eu depenicava
Na tua boca beijinhos.
(Tarouca, CPP I, pág. 553)
- §I-4838
Tenho o amor agastado
Não sei o que hei-de fazer;
Hei-de pisar a açucena
E dar-lhe o sumo a beber.
(s/i, CPP I, pág. 550)
- §I-4847
Cortei a cruta ao cedro
E já lha tornei a pegar.
Quem me algum dia deixou,
Já me tornou a falar.
(s/i, CPP I, pág. 551)
- §I-4848
Cortei o elo à couve,
E pu-lo a serenar;
Andavas muito doidinho,
Dei-te tempo de assentar.
(Alijó, CPP I, pág. 551)
- §I-4854
Joguei um limão correndo,
À tua porta parou:
Quando o limão te quis bem,
Que fará quem te amou!
(Loulé, CPP I, pág. 551)
- §I-4862
Pederneira, seixo branco,
Incêndio de bem-querer,
Quem se vai, logo se esquece;
Tu nunca me hás-de esquecer!
(Mogadouro, CPP I, pág. 552)
- §I-4872
A lenha da macieira
Racha toda aos cavaquinhos,
Acudam aos namorados,
Que se matam com beijinhos!
(Vimioso, CPP I, pág. 553)
- §I-4873
A perdiz anda no monte
Depenicando onde quer,
É como o rapaz solteiro
Enquanto não tem mulher.
(Tarouca, CPP I, pág. 553)
- §I-4874
- §I-4877
Acepreste verde-triste,
Refúgio dos passarinhos,
Onde foste dar os abraços
Vai também dar os beijinhos.
(Tavira, CPP I, pág. 553)
- §I-4878
Acipreste, rei dos vales,
Abrigo dos passarinhos!
A quem destes os abraços,
Dá-lhe também os beijinhos.
(V. N. Foz-Côa, CPP I, pág. 554)
- §I-4882
Ando cansado da vida,
Ando doente do peito!
Dá-me xarope de beijos,
Dá-me chá de amor-perfeito!
(Penaguião, CPP I, pág. 554)
- §I-4885
A pombinhas quando nascem,
Começam logo aos beijinhos:
Assim são os amores
Quando se encontram sozinhos.
(Vila Rei, CPP I, pág. 554)
- §I-4886
As pombinhas quando nascem,
Namoram-se com beijinhos.
Anda cá, minha menina,
Seremos como os pombinhos.
(Serpa, CPP I, pág. 554)
- §I-4887
Bem feita seja a gaiola,
Bem feita como desejo,
Para mandar a Josina
Dar-te em recompensa um beijo.
(Braga, CPP I, pág. 554)
- §I-4889
Borda de água, borda de água,
Deixa lá'star os peixinhos;
Quem namora às escondidas
- Leva abraços, dá beijinhos.
...
(V. Alentejo, CPP I, pág. 554-5)
- §I-4890
Botei um cravo ao poço,
Chegou lá meio aberto:
Esses teus braços, menina, são ligas
com que me aperto.
(Tarouca, CPP I, pág. 555)
- §I-4893
Da pera que'stás comendo,
Amor, dá-me um bocadinho,
Desses braços um abraço,
Dessa boca um beijinho.
(C. Verde, CPP I, pág. 555)
- §I-4894
Dá-me da pera a metade,
Da maçã um bocadinho;
Inda espero de te dar
Nessa boca um beijinho.
(Baião, CPP I, pág. 555)
- §I-4895
Dá-me da pera a perada,
Da maçã um bocadinho,
Da laranja dá-me um gomo,
Da tua boca um beijinho.
(Lamego, CPP I, pág. 555)
- §I-4896
Dá-me da pera madura,
Da maçã um bocadinho,
Desses braços um abraço,
Dessa boca um beijinho.
(P. Lima, CPP I, pág. 555)
- §I-4904
Dei-te um abraço na sala,
Dei-te um beijo na cozinha,
Inda te daria mais,
Se tu'stivesses sozinha.
(Amarante, CPP I, pág. 556)
- §I-4911
Fi'la cama no sargaço
A cabeceira no toijo:
Dá-m'um beijo, Mariquinhas,
Qu'eu de ti não tenho noijo.
(Baião, CPP I, pág. 556)

- §I-4913
Hortolão é rei das ervas
Que se deita nas açordas:
Quando me der's algum beijo,
Toma conta, não me mordas.
(Lagoa, CPP I, pág. 557)
- §I-4914
Lá te mandei um raminho
Atado com linho cru;
...
(Taruca, CPP I, pág. 557)
- §I-4917
Mariquinhas, anda à loja,
Anda-me pesar um queijo:
Hás-de dar por contrapeso
Da tua boca um beijo.
(M. Canaveses, CPP I, pág. 557)
- §I-4920
Menina, que'stá à janela,
Comendo seu pão e queijo,
Faça da boca pistola,
Atire-me cá c'um beijo.
(Moimenta Beira, CPP I, pág. 557)
Var.: Comendo trigo com queijo –
C. Branco.
- §I-4922
Meu amor, vamos à murta;
Se a souberes apanhar,
Debaixo da mesma murta
Mil beijinhos te hei-de dar.
(Penaguião, CPP I, pág. 557)
- §I-4923
Moro à beira do rio,
Meu sustento são peixinhos;
Ai Jesus, que vida a minha!
Dar abraços e beijinhos.
(P. Lima, CPP I, pág. 557)
- §I-4924
Não me atires com pedrinhas,
Que eu'stou a lavar a louça;
Atira-me com beijinhos,
De modo que ninguém ouça.
(P. Coura, CPP I, pág. 557)
- §I-4926
Ó acipreste do adro,
Retiro dos passarinhos,
A quem destes os abraços,
Dá-lhe também os beijinhos.
(Baião, CPP I, pág. 558)
Var.: Ó acipreste do vale – Feira.
Var.: Ó acipreste do alto
Livra-te dos passarinhos – O.
Hospital.
Var.: Ó alecrim, lá da serra – V.
Conde.
- §I-4931
O elo da vide abraça,
Eu em ti já me abracei;
O melhor gosto que tenho:
Liberdade não te dei.
(Norte, CPP I, pág. 558)
- §I-4932
Ó figueira, dá-me um figo,
Moreira, dá-me u(m)a'mora,
Ó menina, dá-me um beijo,
Que eu amanhã vou-me embora.
(Lamego, CPP I, pág. 558)
Var.: Ó silva, dá-me uma amora –
Baião.
- §I-4933
Ó figueira dá-me um figo,
Ó figo dá-me um bocado;
Ó meu amor, dá-me um beijo,
Que eu te darei um abraço.
(Albufeira, CPP I, pág. 558)
- §I-4936
Ó menina da janela,
De colete cor de anil,
Desça abaixo, dar-lhe-ei
Só de beijos mais de mil.
(P. Lima, CPP I, pág. 559)
- §I-4937
Ó parreira, dá-me um cacho,
Ó cacho, dá-me um baguinho:
Menina, dá-me um abraço,
Que eu te darei um beijinho.
(Arruda Vinhos, CPP I, pág. 559)
- §I-4938
O poejo é rei das ervas,
Que se deita na açorda:
- Ó menina, dê-me um beijo,
Mas, cautela, não me mordas.
(C. Verde, CPP I, pág. 559)
- §I-4940
Ó que pinheiro tão alto,
Com tamanho comprimento!
Quem me dera ir co'os braços
Onde vai o pensamento!
(Cinfães, CPP I, pág. 559)
- §I-4942
Ó saloia, dá-me um beijo,
Que eu te darei um vintém,
Os beijos duma saloia
São poucos ma sabem bem.
- Ó saloia, dá-me um beijo,
Que me estou morrendo à fome.
O beijo duma saloia
É o sustento dum home.
- Ó saloia, dá-me um beijo,
Que eu venho da confissão;
Um beijo não é pecado,
Dado na boa tenção.
- Ó saloia, dá-me um beijo,
E eu dou-te o meu coração;
Se me não deres um beijo
Morro com afelição.
(Lisboa, CPP I, pág. 559)
- §I-4946
Os pombinhos inocentes
Namoram-se e dão beijinhos,
Falemos, amor, falemos,
Seremos como os pombinhos.
(V. Alentejo, CPP I, pág. 560)
- §I-4947
Pinheiro, dá-m'uma pinha,
Pinheiro, dá-m'um pinhão,
Menina, dê-m'um abraço
Do fundo do coração.
(P. Coura, CPP I, pág. 560)
Var.: Menina, dá-me um abraço
Que eu dou-te o meu coração – V.
Alentejo.
- §I-4950
Quando eu era pequenino,

E inda não comia pão, Davam-me as moças beijinhos Agora já não mos dão! (Nisa, CPP I, pág. 560)	(P. Lima; Feira; Lisboa; Muxagata, CPP I, pág. 562)	À menina da varanda; A azeitona caiu dentro, A menina já cá anda. (Minho, CPP I, pág. 564)
§I-4953 Quatro castanhas assadas, Quatro pingas de água-pé Quatro beijos duma moça Faze'andar um home a pé. (V. Real, CPP I, pág. 561) Var.: Quatro castanhas assadas Quatro pingas de aguardente Quatro beijos duma moça Trazem um homem contente.	§I-4970 Tira-te da borda da água, Deixa passar os peixinhos; Quem namora sempre alcança Um abraço, dois beijinhos. (Portimão, CPP I, pág. 562)	§I-4995 Azeitona miudinha Também vai para o lagar; O amor que não é firme, De nada se vai gabar. (A. Fé, CPP I, pág. 564)
§I-4955 Quem acode ao acipreste Que se racha aos bocadinhos! ... (Lamego, CPP I, pág. 561)	§I-4976 Vai, pomba, leva-me este lenço Àquelas mãos de marfim; Responde, sabe falar Dá mil abraços por mim. (Cinfães, CPP I, pág. 563)	§I-4997 Bem sei que te andas gabando, Eu também me gabarei: Que me deste calabaça Eu é que fui que ta mandei. (s/i, CPP I, pág. 565)
§I-4959 Quem vai ao mar, sempre apanha Ou robalos ou peixinhos: Quem namora, sempre alcança Ou abraços, ou beijinhos. (V. Castelo, CPP I, pág. 561)	§I-4981 Água que nasce da serra Ao longe faz zoadá; Quem temer, que se afaste: Não tenho medo de nada. (Maia, CPP I, pág. 563)	§I-4998 Cachopinhas do meu tempo, Deixai-vos por aí andar, Que eu hei-de ser o rendeiro Que vos há-de dizimar. (s/i, CPP I, pág. 565)
§I-4963 Salgueiros da beira de auga, Deixais passar os peixinhos; Quem namora às escondidas, Quer abraços e beijinhos. (s/i, CPP I, pág. 562)	§I-4986 Amorzinho com'ò meu Não no achas tu, não, não, Inda que ronde'lo mundo C'uma candeia na mão. (Vinhais, CPP I, pág. 564)	§I-5002 Chamaste-me cereijinha, Não me desprezo do nome: A cereja bem madura, Qualquer fidalgo a come. (P. Lima, CPP I, pág. 565)
§I-4964 Se os beijinhos espigassem, Como espiga o alecrim, Tinham muitas raparigas A cara como um jardim. (M. Canaveses; Odemira, CPP I, pág. 562) Var.: A cara do meu amor Era um perfeito jardim – Minho.	§I-4989 Ao passar do mar p'ra terra, Caiu a pena ao pavão; ... (Lousada, CPP I, pág. 564)	§I-5005 Chamaste-me pé de ginja, Não serei tão delicada; Não sou bonita nem feia, Nem em ti mal empregada. (Portimão, CPP I, pág. 565)
§I-4969 Tenho fome, tenho sede, Mas não é de pão nem vinho: Tenho fome de um abraço, Tenho sede de um beijinho.	§I-4990 Arranca-se o piorneiro, Debaixo fica o chabouco; ... (Nisa, CPP I, pág. 564)	§I-5006 Chamaste-me pera parda, Pera parda quero ser; Já lá vem o mês de Agosto, Todos me querem comer. (Alcanena; Proença-a-Nova, CPP I, pág. 565)
	§I-4992 Assubi ao limoeiro, Lá no meio fiz encosto: Namorei-te, fiz eu bem, Não foras tu ao meu gosto! (Cinfães, CPP I, pág. 564)	§I-5007 Chamaste-me preta, preta, Eu sou preta bem o sei, Também a azeitona é preta
	§I-4994 Atirei c'uma azeitona	

E vai à mesa do rei. (V. Alentejo, CPP I, pág. 565)	§I-5019 Dizem que o trevo se atreve A nascer por entre o trigo. E eu sem ser trevo me atrevo A ter amores contigo. (Serpa, CPP I, pág. 567)	Já me perseguem de amores. (Lamego; Idanha-a-Nova, CPP I, pág. 568) Var: Tão pretendida de amores – Lamego.
§I-5008 Chamaste-me preta, preta, Sou preta mas sou airosa: Também a pimenta preta Faz a comida gostosa. (Ilha S. Miguel, CPP I, pág. 566) Var.: Tamém na pimenta é preta.	§I-5022 Em qualquer pinguinha d'auga Salta o peixe e nada a truita; Eu hei-de dormir um sono Nos braços de quem me escuita. (Feira, CPP I, pág. 567)	§I-5039 Eu subi ao alto frêxo Fui colher uma varinha; Ó rapaz, se és pimpão, Faz uma obra igual à minha. (s/i, CPP I, pág. 568)
§I-5009 Chamaste-me trigueirinha, Eu não me escandalizei: Triguerinha é a pimenta E vai à mesa de El-rei. (P. Lima, CPP I, pág. 566)	§I-5023 Encostei-me ao pessegueiro, Logo me enchi de flores: Ai de mim, tão criancinha, Tão perseguida de amores! (Ilha S. Miguel, CPP I, pág. 567)	§I-5042 Fui à fonte das três bicas, Pus o pé na lealdade, Muito parva era eu, Se te falava a verdade. (Nisa, CPP I, pág. 568)
§I-5010 Chamaste-me trigueirinha, Eu não o sou de Nação; Sou trigueirinha na cor, Clara de geração. (s/i, CPP I, pág. 566)	§I-5024 Ergui-me de manhã cedo Quando cantava a perdiz... Inda fui dormir um sono Nos braços de quem eu quis. (F. Algodres, CPP I, pág. 567)	§I-5049 Já te quis um bem na vida, Mas tu foste-te gabar; Pela boca perde o peixe, Tu perdeste por falar. (Penafiel, CPP I, pág. 569)
§I-5011 Chamaste-me trigueirinha, Isso é do pó da eira; Lá me verás ao domingo Como a rosa na roseira.	§I-5025 És trigueirinha na cara, Tens olhos à flor do rosto; ...	§I-5050 Já vi o lobo na serra, A mais inda não temi: Quando eu não temo o lobo, Também te não temo a ti. (Penafiel, CPP I, pág. 569)
Chamaste-me triguerinha, Isso é do pó da estrada; Lá me verás ao domingo Como a rosa encarnada. (Baião; Alportel; Cinfães; Nisa, CPP I, pág. 566)	(Mora, CPP I, pág. 567)	
§I-5015 Cortei o bico à rola E mais a espiga ao centeio; Quem tem seu amor bonito Ri-se de quem o tem feio. (S. Tirso, CPP I, pág. 566)	§I-5026 Esta noite hei-de ir às ginjaas, Esta noite hei-de ir a elas; Quem tiver as filhas, guarde-as, Que não me hei-de guardar delas. (s/i, CPP I, pág. 567)	§I-5052 Julgas que eu, por me rir, Que me deixo enganar; Eu sou como o marmeleiro Que verga e não quer quebrar. (Nisa, CPP I, pág. 569)
§I-5017 De uma fala que te dei, Logo te foste gabar, Pela boca morre o peixe, Bem te puderas calar. (O Dão, 1-9-89, CPP I, pág. 566)	§I-5037 Eu sou filha duma rosa, Neta dum cravo almirante, Sobrinha duma açucena, Desposa dum estudante. (Faro, CPP I, pág. 568)	§I-5054 Linho verde, linho verde, Linho da folha amarela: À sombra do linho verde Namorei uma donzela. (Óbidos, CPP I, pág. 569)
	§I-5038 Eu subi à amendoeira Toda me cobri de flores; Inda sou tão pequenina	§I-5056 Milho alto, milho alto, Milho alto folha largar: À sombra do milho alto,

Namorei uma morgada. (Melgaço, CPP I, pág. 570)	Nota: «(...) erva espinhosa do campo.»	§I-5092 Ó meu lindo tanque de água, No meio tudo são flores! Deixaste-me em boa idade, Não me hão-de faltar amores... (Portalegre, CPP I, pág. 573)
§I-5057 Milho verde, milho verde, Milho verde, folha estreita, À sombra do milho verde Namorei uma sujeita. ... Milho verde, folha larga; ... Namorei uma casada. ... Milho verde, folha miúda: ... Namorei uma viúva. (Portimão, CPP I, pág. 570)	§I-5065 Não me chames camponesa, Que eu em campos nunca andei, Chama-me rosa de sala, Que eu em sala me criei. (Coruche, CPP I, pág. 571)	§I-5095 Ó pombinha, ó coração, ... (M. Canaveses, CPP I, pág. 573)
§I-5058 Milho verde, milho verde, Milho verde, maçaroca, À sombra do milho verde Namorei uma cachopa. (Fundão, CPP I, pág. 570)	§I-5067 Não sei se reparaste P'ra o pôr e nascer do Sol; Eu hei-de te comer a isca E hei-de te sujar o anzol. (Ilha S. Miguel, CPP I, pág. 571)	§I-5096 Ó rosa de Jaricó, Vai dromir, que eu já dromi. - Agora vai-te gabar Que eu de inocente caí. (Feira, CPP I, pág. 573)
§I-5059 Minha maçã vermelhinha, Picada do rouxinol, Há três anos que a tenho Está linda como o Sol. (A. Valdevez, CPP I, pág. 570)	§I-5070 O alecrim na valeta Dá-lhe o vento, faz encosto. Se não querias que eu te amasse Não nascesses a mê gosto. (Évora, CPP I, pág. 571)	§I-5097 O rouxinol sempre canta, Vai cantar ao meu jardim; Põe o pé na pimpinela P'ra viver ao pé de mim. (s/i, CPP I, pág. 573)
§I-5060 Muitas com os seus encargos Se fiam no mel que é doce; Com mel se enganam os parvos, Quis Deus que parva não fosse. (s/i, CPP I, pág. 570)	§I-5071 O alecrim, rei das ervas, O ouro, rei dos metais, Meu amor é rei dos homens, Não desfazendo nos mais. (Olhão, CPP I, pág. 571)	§I-5099 O serpol é miudinho, De miúdo cobre a terra; Não tornas a ter amor Tão leal como t'eu era. (Baião; Amarante, CPP I, pág. 573)
§I-5062 Namorei-me, foi meu gosto, Olhar foi o meu regalo, Não quero ser como a rola, Que morreu ao desamparo. (Minho, CPP I, pág. 570)	§I-5073 Ó bela, minha menian, Eu não tenho nenhum erro: Eu sou comà laranjinha, Quando sai do arvoredro. (s/i, CPP I, pág. 571)	§I-5105 O trevo diz que se atreve, O trevo é bem atrevido, O trevo diz que se atreve A tomar amor comigo. (s/i, CPP I, pág. 574)
§I-5063 Não fujas, não fujas, Minha tengarrinha; Quanto mais fugires, Mais depressa és minha. (s/i, CPP I, pág. 570)	§I-5074 O coelho é matreiro Dorme c'os olhos abertos; Eu durmo c'os meus fechados, Tenho os meus amores certos. (Amarante, CPP I, pág. 571)	§I-5106 Oh que pinheiro tão alto, Com fio de oiro na ponta! ... (s/i, CPP I, pág. 574)
	§I-5076 O loendro felorido Faz fachada na ribeira; Meu amor, eu tenho sido P'ra ti a mais verdadeira. (Alandroal, CPP I, pág. 572)	§I-5109 Onde o sol bate de chapa Faz a maçã coradinha; Assim eu fora de Deus, Como tu hás-de ser minha!

(s/i, CPP I, pág. 574)	De nada se vão gabar! (Portimão, CPP I, pág. 575)	Tua baga, ó loureiro, Alguém a há-de apanhar; Quem tem o amor que eu tenho Bem se pode regalar! (P. Lima, CPP I, pág. 578)
§I-5111 Os meus primeiros amores Mandei-os ao rosmaninho; Aqueles que agora tenho Hão-de ir por esse caminho. (O. Hospital, CPP I, pág. 574)	§I-5123 Salsa da beira do rio, Coentros da outra banda; Hei-de te vencer, menina, Nem que seja por demanda! (C. Basto, CPP I, pág. 576)	§I-5157 Vós dizeis que sou pequena, Sou mulher de minha casa: Para chegar à masseira, Ponho-me em cima da rasa. (s/i, CPP I, pág. 578)
§I-5112 Os pratos da cantareira Sempre estão a dar, a dar; Assim é o meu amor Quando me anda a namorar.	§I-5131 Se tu andas aos respigos Na vinha que eu vindimei! Se tu andas namorando Amores que eu rejeitei! (s/i, CPP I, pág. 576)	§I-5158 A auga de trás dos montes Em cálix de vidro vem; Chega à porta do amor, Duas horas se detém. (s/i, CPP I, pág. 579)
Os pratos da cantareira Sempre estão terem tim-tim; Assim é o meu amor Quando está ao pé de mim. (Covilhã, CPP I, pág. 575)	§I-5135 Sou saloia, honro-se disso, P'ra casacas não sou má. Os janotas atrevidos Sei correr a varapau (Barcelos, CPP I, pág. 577)	§I-5159 A laranja de madura Foi cair ao pé do tanque; Quem vem aqui por te ver Já te tem amor bastante. (s/i, CPP I, pág. 579)
§I-5113 Passarinho passa o rio, Passa o rio e não bebe; ... (s/i, CPP I, pág. 575)	§I-5138 Tendes loureiro à porta, Tendes sombra regalada; Tendes fama de bonita, De feia não tendes nada. (Penafiel, CPP I, pág. 577)	§I-5160 A maçã da maçaneira Sempre está «telim, telim»: É como o meu lindo amor, Quando está ao pé de mim. (s/i, CPP I, pág. 579)
§I-5114 Pela folha bem conheço O vidonho à latada; Faço-me desentendida, A mim não me escapa nada. (s/i, CPP I, pág. 575)	§I-5145 Tenho vinte e três lenços, Vinte e três são encarnados; ... (V. Alentejo, CPP I, pág. 577)	§I-5161 A minha pombinha branca Onde quer ela que eu vá? ... (Portimão, CPP I, pág. 579)
§I-5115 Pela folha da oliveira Conheço a da ramada. Faço-me desentendida, A mim não me escapa nada. (Mondim Beira, CPP I, pág. 575)	§I-5146 Tens a parreirinha à porta, É a sombra regalada, Tens fama de boa moça Deves de ser procurada. (Nisa, CPP I, pág. 578)	§I-5163 Adeus, caminho da fonte, Hei-de te mandar varrer C'uma varroira de prata, Que de oiro não pode ser. (s/i, CPP I, pág. 579)
§I-5116 Por cima s'acêfa o trigo Por baixo fico chabouco Serias tu o primeiro Que de mim farias pouco! (R. Monsaraz, CPP I, pág. 575)	§I-5149 Trigo louro, trigo louro Quem me dera a tua cor! À sombra do trigo louro Namorei o meu amor. (C. Branco, CPP I, pág. 578)	§I-5164 Adeus, caminho da fonte, Já de mim não és seguido, Já cobraram as vidraças Onde eu trazia o sentido.
§I-5122 Rola a pomba, rola a pomba, Rola a pomba no pombal: Estes marotos de agora	§I-5152	

- (s/i, CPP I, pág. 579)
 Var.: Que já secou a roseira – Foz-Côa.
- §I-5167
 Adeus, pedrinha da fonte,
 Onde me eu ia assentar,
 Onde passei muitas noites
 E noitinhas de luar...
 (s/i, CPP I, pág. 579)
- §I-5168
 Adeus, pedrinhas da fonte,
 Onde se assentam pimpões,
 Donde se rasgam baetas,
 Panos finos e bretões.
 (Braga, CPP I, pág. 579)
- §I-5169
 Água leva o regadinho,
 Água leva o regador,
 Enquanto rega e não rega
 Vou falar ao meu amor.
 (P. Coura, CPP I, pág. 579)
- §I-5174
 Amanhã é domingo,
 Eu vou ò moinho;
 Se queres ir comigo,
 Vai ter ò caminho.
 (s/i, CPP I, pág. 580)
- §I-5180
 Apanhei murta que é dor,
 De manjerona fiz molhos;
 P'ra te ver, torço caminhos,
 Feiticeira dos meus olhos.
 (s/i, CPP I, pág. 580)
- §I-5184
 Caçador que vai à caça,
 Não vai p'ra caçar a lebre,
 Vai p'ra caçar a menina
 Que anda na serra da neve.
 (Braga, CPP I, pág. 581)
- §I-5188
 Da raiz da cana verde
 Nasceu água a correr;
 Menina, que estás na fonte,
 Dá-me água, quero beber.
 (Alandroal, CPP I, pág. 581)
- §I-5190
 Esta noite sai a ronda,
 Quem será o rondador?
 É o filho da açucena,
 Vai falar c'o seu amor.
 (Bragança, CPP I, pág. 581)
- §I-5194
 Eu'srevo com tinta verde,
 Minha letra não desnera;
 Bebo água sem ter sede,
 Meu amor, à tua espera.
 (Moura, CPP I, pág. 581)
 Var.: Fui à fonte beber água
 Só p'ra estar à tua espera.
- §I-5195
 Fostes à fonte descalça,
 Só p'ra te verem os pés;
 Em manguinhas de camisa,
 Co'os dedos cheios de anés.
 (Nisa, CPP I, pág. 582)
- §I-5196
 Fui à fonte a buscar água
 Na casca da belancia
 Nem bebi, nem trouxe a água,
 Nem falei com quem eu qu'ria.
 (Braga, CPP I, pág. 582)
- §I-5197
 Fui à fonte beber água,
 Achei um ramo de flores,
 Quem no perdeu tinha sede,
 Quem no achou tinha amores.
 (Nisa, CPP I, pág. 582)
- §I-5198
 Fui à fonte beber água,
 Bebi tornei a beber,
 'Stava o meu amor defonte
 Regalei-me de o ver!
 (Baião; P. Lima, CPP I, pág. 582)
 Var.: Minha boca não se enfada
 Nem meus olhos de te ver – Nisa.
- §I-5199
 Fui à fonte beber água
 Debaixo da flor da murta;
 Fui para ver os teus olhos,
 Que a sede não era muita.
- (Alandroal; V. Alentejo, CPP I, pág. 582)
- §I-5200
 Fui à fonte beber água,
 Debaixo da vide branca.
 Fui p'ra ver o meu amor,
 Que a sede não era tanta...
 (Baião, CPP I, pág. 582)
- §I-5201
 Fui à fonte beber água
 Por baixo da folha verde;
 Encontrei o meu amor,
 Bebi água sem ter sede.
 (s/i, CPP I, pág. 582)
- §I-5202
 Fui à fonte buber auga
 Em casca de belancia;
 Nem bubi, nem truxe a auga,
 Nem falei com quem eu qu'ria.
 (V. Pouca Aguiar, CPP I, pág. 582)
- §I-5203
 Fui à fonte buscar água,
 E encontrei-te no caminho;
 Ao ouvir as tuas falas
 Quebrei o meu cantarinho.
 (s/i, CPP I, pág. 582)
- §I-5204
 Fui à fonte com Maria,
 Encontrei-me com Manuel,
 Foi a coisa como eu qu'ria:
 Caiu a sopa no mel.
 (s/i, CPP I, pág. 582)
- §I-5205
 Fui à fonte das três bicas,
 Bebi, tornei a beber:
 'Stava lá o meu amor,
 Regalei-me de o ver.
 (A. Valdevez, CPP I, pág. 582)
 Var.: Nem minha boca se enfada
 Nem meus olhos de te ver –
 Barcelos.
- §I-5206
 Fui à fonte dos amores
 Dar a mão à lealdade:
 Enchi o pote de rosas,

Fiz a rodilha de cravos. (A. Valdevez; Nisa, CPP I, pág. 582)	§I-5223 Já me doem os meus olhos De olhar para a estrada, Para ver se vejo vir O da cinta encarnada.	A dar água ao meu amor. (s/i, CPP I, pág. 585)
§I-5207 Fui à fonte dos amores, Encontrei dois namorados; Enchi a talha de flores, Fiz a rodilha de cravos. (C. Branco, CPP I, pág. 583) Var.: Passei pela dos cuidados – V. Conde Enchi o cânt'ro de rosas – Cinfães.	Tenho peneiras nos olhos De tanto olhar p'ró caminho, Para ver se aparece O da cana cor de vinho. (P. Lima, CPP I, pág. 584)	§I-5238 Na pedra da fonte Achei um lencinho Com letras que dizem: - Viva o Francisquinho! (s/i, CPP I, pág. 585)
§I-5208 Fui à fonte por ver Ana, Vinha meu primo com ela, Adeus primo e adeus Ana, Raminho de Primavera! (Crato, CPP I, pág. 583)	§I-5224 Já o caminho tem erva, Já o atalho tem feno; Quando me encontro contigo O dia é sempre pequeno... (Pinheiro ?, CPP I, pág. 584)	§I-5239 Não corteis a videirinha, Está ao pé da janela: É a escada do amor, Que sobe e desce por ela. (Penaguião, CPP I, pág. 585)
§I-5209 Fui à fonte p'ra te ver, Ao rio para te falar; Nem na fonte, nem no rio, Nunca te pude encontrar. (Lamego, CPP I, pág. 583)	§I-5226 Lá'cima naquela serra 'Stá um pinheiro a arder: Eu passei pelo incêndio, Só, menina, p'ra te ver. (Baião, CPP I, pág. 584)	§I-5240 Não há cravo como o branco, Nem verde como a ortiga; Sempre gosto de te ver, Inda que nada te diga. (s/i, CPP I, pág. 585)
§I-5210 Fui à fonte p'ra ver Ana, Encontrei-me com Isabel: Encontrei-me com quem qu'ria, Caiu-me a sopa no mel... (Alandroal, CPP I, pág. 583)	§I-5228 Mandaste-me vir, eu vim, Ao pé do pinheiro manso: Eu vim e tu num viestes Olha, amor, o teu descanso. (s/i, CPP I, pág. 584)	§I-5241 Não há roxo como o verde, Nem verde como a ortiga; Eu desejo-te encontrar, Indas que eu nada te diga. (s/i, CPP I, pág. 585)
§I-5211 Fui à fonte sem ter sede, Bebi água como terra 'Stava o meu amor defronte, Atirou-me c'uma pedra.	§I-5229 Manuel, p'ra ver as moças, Fez uma fonte de prata; As moças não vão à fonte, Manuel todo se mata. (s/i, CPP I, pág. 585)	§I-5244 No meio daquele mar Tem um pial de vidro, Onde o meu amor se assenta Quando vem falar comigo. (Ilha S. Miguel, CPP I, pág. 586)
A pedra era de vidro, Toda se encheu de flores: Agora posso dizer Que a beber tomei amores. (C. Beira, CPP I, pág. 583)	§I-5230 Mariquinhas, anda à loja, Anda-me dar de beber: Anda ver o teu amor, Mariquinhas, anda-o ver. (M. Canaveses, CPP I, pág. 585)	§I-5245 - O alecrim é encontro, Eu morro por te encontrar. - Se tu morres por me ver, Eu morro por te faltar. (Baião, CPP I, pág. 586)
§I-5221 Indo à fonte beber água, Achei a fonte caída: Mais vale que a fonte caia Que o meu amor perca a vida. (Algarve, CPP I, pág. 584)	§I-5236 Minha mãe mandou-me à fonte Pela hora do calor; Eu quebrei a cantarinha	§I-5246 Ó amieiro do rio, Arreda, deixa passar: ... (Baião, CPP I, pág. 586)
		§I-5249

Ó caminho da fonte,
Já por mim não és seguido:
Já quebraram as vidraças,
Onde eu tinha o meu sentido.
(V. Alentejo, CPP I, pág. 586)

§I-5250
Ó detrás da laranjeira,
Bem te podes ir embora;
Que meu pai' stá em casa,
E num posso ir lá fora.
(Maia, CPP I, pág. 586)

§I-5254
Ó Maria descuidada,
Ó descuidada Maria,
Vais com teu amor à fonte
E passas lá todo o dia!...
(P. Lima, CPP I, pág. 586)

§I-5264
Ó minha pombinha branca,
Onde quer ela que eu vá?
É de noite, faz escuro...
E de dia não vou lá!
(s/i, CPP I, pág. 587)

§I-5266
O terreiro da igreja
Lavrando-o, dava trigo:
Vós dizeis que eu num vou lá,
Num vou lá falar contigo!
(Bragança, CPP I, pág. 587)

§I-5267
- Oh! Maria...
- Oh! João...
- Lindas pernas!
- Isso são.
- Vais co' o gado?
- Pois então!
- Vens à noite?
- Lá por mim!...
- Se o teu pai ralha...
- Isso sim!
- Onde dormes?
- Detrás do forno.
- Dás-me um beijo?
- Dou-te um corno.
(s/i, CPP I, pág. 588)

§I-5268

Oh que lindo luar faz
Para irmos às maçãs,
Ao quintal da formosura,
Onde estão duas irmãs.
(V. Velha Ródão, CPP I, pág. 588)

§I-5270
Olhos pretos vão à fonte,
Que irão eles lá buscar?
Não sei se irão buscar água,
Se penas para me dar.
(C. Branco, CPP I, pág. 588)

§I-5272
- Onde vais, ó Carolina?
'Spera aí que eu também vou.
- Vou à horta colher couves,
Que minha mãe me mandou.
(Porto, CPP I, pág. 588)

§I-5273
- Onde vais, ó Mariquinhas,
Com a cestinha da meia?
- Vou a ver o meu amor
Que está preso na cadeia.
(s/i, CPP I, pág. 588)

§I-5274
Onte' à noite fui à fonte:
Pela brincadeira de ontem'
Não me deixastes encher.
Deixa estar, filho da mãe,
Qu'inda me hás-de pagar bem,
Se algum de nós não morrer.
(Ilha S. Miguel, CPP I, pág. 588)

§I-5275
Os sete-estrelas caíram
Deram na beira do tanque;
Quem vem aqui de tão longe
Já te tem amor bastante!
(Baião; M. Canaveses, CPP I, pág. 588)

§I-5277
Por causa de um Saramago
Arranqui um pé de trigo.
Olha a vontade que eu trago,
Amor, de falar contigo!
(Alentejo, CPP I, pág. 588)

§I-5279

Púcaro tão delicado,
Que água tão saborosa!
Quem na bebe é um cravo,
Quem na basa é uma rosa!
(Alandroal, CPP I, pág. 589)

§I-5284
Rua direita à praça
Tem um letreiro que diz:
Toda a moça que namora
Vai à noite ao chafariz.
(O. Hospital, CPP I, pág. 589)

§I-5285
Salgueiro ao pé do rio
Dá-lhe o vento, balanceia;
...
(s/i, CPP I, pág. 589)

§I-5286
Se a oliveira falasse,
Se ela dissesse o que viu...
Debaixo da sua rama
Dois amantes encobriu.
(Moura, CPP I, pág. 589)

§I-5298
Toma lá este raminho
De alecrim por aparar;
Vou dizer ao meu amor
Que estou farta de esperar.
(Amarante, CPP I, pág. 590)

§I-5301
Um dia, ao pé duma fonte,
Por acaso fui parar.
Vi no fundo o teu retrato,
Quis-me deitar a afogar.
(s/i, CPP I, pág. 591)

§I-5303
Vais ao rio, vais à fonte,
Vais encher o cantarinho:
Aí que alegria que eu sinto,
Se te encontro no caminho!...
(Amarante, CPP I, pág. 591)

§I-5304
Vai-te da pedra da fonte,
Passarinho dum ladrão!
Não sejas alcoviteiro
Das moças que à fonte vão!

- (Alentejo, CPP I, pág. 591)
- §I-5308
A laranja é redonda,
É redonda brinca bem;
Deixa brincar a laranja
Teresinha, do meu bem.
(Alvaiázere, CPP I, pág. 592)
- §I-5310
A oliveira do adro
Tem a folhinha aos anéis,
Muito gosto das Marias
E muito mais dos Manéis.
(Mogadouro, da Revista Nova, 1894, CPP I, pág. 592)
- §I-5311
A rosa, para cheirar,
Há-de ser de Alexandria,
...
(Alcanena, CPP I, pág. 592)
- §I-5313
A rosa para ser rosa,
Deve ser de Alexandria;
...
(Lisboa; Mesão Frio, CPP I, pág. 592)
- §I-5318
Antoninho, pé de cravo,
Manuel pé de cereja;
Antoninho, meu amor,
Manuel, nunca te eu veja!
(M. Canaveses, CPP I, pág. 593)
- §I-5322
António, lindo António,
Lindo copo de beber;
Toda a gente nos tem raiva
Deste nosso bem-querer!
(Baião, CPP I, pág. 593)
- §I-5327
António me deu um lenço
Cheio de nozes, à praça,
Se eu nasci para José,
Que quer António que eu faça?
(Nisa, CPP I, pág. 593)
Nota: «Pão com nozes sabe a casar.»
- §I-5329
António me deu um lenço
Para o passar pela água;
Se ele fosse José
Até sabão lhe deitava!
(V. Alentejo, CPP I, pág. 593)
- §I-5331
António, meu oratório,
João, meu verde limão,
Francisquinho da Trindade,
José do meu coração.
(V. Alentejo, CPP I, pág. 594)
- §I-5332
António, ramo de murta,
Ao peito hei-de trazer:
A murta dá-se a quem morre,
Eu por ti estou a morrer.
(M. Canaveses, CPP I, pág. 594)
- §I-5336
Chamaste-me triste, triste
Como a folha do limão;
Eu sou triste para ti,
Alegre para João.
(s/i, CPP I, pág. 594)
- §I-5339
Dei um nó na fita verde,
Outro no verde trovisco,
E tenho outro para dar
No meu amor que é Francisco.
(s/i, CPP I, pág. 594)
- §I-5340
Desde criança gostei
Do nome de Daniel,
Por achar nele doçura
Que tem o favo de mel.
(A. Fé, CPP I, pág. 594)
- §I-5347
Eu jurei e fiz protesto
Em folha de papel pardo
De não amar outro nome
Senão o do meu Bernardo.
(V. Alentejo, CPP I, pág. 595)
- §I-5350
Francisco, cravo vermelho,
Serpão da minha varanda,
Caixinha de meus segredos,
Onde meu coração anda.
(Trás-os-Montes, de O Elvense, 1891
CPP I, pág. 595)
- §I-5351
Francisco, lindo Francisco,
Meu pucarinho de Aveiro,
Andam duas em demanda,
Qual te há-de lograr primeiro.
(s/i, CPP I, pág. 595)
- §I-5358
Já passei o mar a nado
Em tamancos de marafim;
...
(s/i, CPP I, pág. 596)
- §I-5361
Joaquina, Joaquina,
Tu és o meu doce bem;
...
(Monção, CPP I, pág. 596)
- §I-5367
José, o teu nome é doce,
O teu nome doce é:
Quando me falam em doce,
Logo me lembra José.
(Nisa, CPP I, pág. 597)
- §I-5368
José, pinheirinho verde,
Sombra de todo o Verão,
...
(V. Alentejo, CPP I, pág. 597)
- §I-5371
Josezinho, pé de cravo,
Manuel, pé de cereja,
São os olhos mais bonitos
Que entram na nossa igreja.
(P. Lima, CPP I, pág. 597)
- §I-5372
Josezinho, ramo verde,
Salsa da minha varanda,
Caixinha dos meus segredos,
Onde o meu sentido anda.
(s/i, CPP I, pág. 597)

- §I-5376
Manjerona, bate à porta,
Alecrim, vai ver quem é,
Se é cravo, se é rosa,
Se é o meu amor José.
(s/i, CPP I, pág. 597)
- §I-5380
Manuel, Manuelzinho,
Olhos de milho miúdo:
Trazeis vosso pai descalço,
Vós, vestido de veludo!
(P. Coura, CPP I, pág. 598)
- §I-5385
Maria, linda Maria,
Meu pucarinho de Aveiro,
Andam todos à porfia
Quais te logrará primeiro.
(s/i, CPP I, pág. 598)
- §I-5386
Maria, linda Maria,
O pecado te atentou;
Estavas como o peixe n'água,
O mimo te derrancou.
(s/i, CPP I, pág. 598)
- §I-5389
Maria, minha Maria,
Maria, meu ai Jesus,
Nos dias que te não vejo
Nem a candeia dá luz.
(Alandroal, CPP I, pág. 598)
- §I-5392
Maria, minha Maria,
Meu pucarinho da tenda,
Se te vierem procurar
Dize que estás de encomenda.
(Idanha-a-Nova, CPP I, pág. 599)
- §I-5394
Maria, minha Maria,
Minha malga de água fria,
Não sei se te beba agora,
Se te deixe p'ra de dia.
(s/i, CPP I, pág. 599)
- §I-5395
Maria, minha Maria,
Minha malga de beber;
- Mais de quatro têm inveja
Deste nosso bem-querer.
(C. Branco, CPP I, pág. 599)
- §I-5396
Maria, minha Maria,
Minha rendinha gomada,
...
(C. Branco, CPP I, pág. 599)
- §I-5404
Minha mão chamou-me Rosa
Que é o nome duma flor;
Que gosto poderei ter,
Se sou rosa sem valor?
(O. Azeméis, CPP I, pág. 600)
- §I-5405
Na mais alta laranjeira,
No raminho mais cerrado,
'Stá o nome de meu bem,
Numa folhinha assentado.
(Serpa, CPP I, pág. 600)
- §I-5406
Na pedra da fonte
Achei um lencinho
Com letras que dizem:
Viva o Francisquinho.
(s/i, CPP I, pág. 600)
- §I-5407
Não há machado que corte
A raiz do malvaíscio;
Nã há nome que eu mais goste
Que é o nome de Francisco.
(C. Maior, CPP I, pág. 600)
- §I-5408
...
Não há machado que corte
A raiz do agrião;
Não há nome que eu mais goste
Que é o nome de João.
(Moura, CPP I, pág. 600)
- §I-5409
Não há machado que corte
A raiz do alecrim;
Não há nome que me agrade
Senão o de Joaquim.
(Barcelos, CPP I, pág. 600)
- §I-5410
Não há machado que corte
O pinheiro pelo pé;
...
(Campo Maior, CPP I, pág. 600)
- §I-5413
Não quero amor António,
Que amarga como trovisco,
Antes quero Manuel,
Que é nome de Jesus Cristo.
(Barcelos, CPP I, pág. 600)
- §I-5415
Não quero amor do mar,
Que me cheire a marisco;
Quero amor desta terra,
Seja António ou Francisco.
(s/i, CPP I, pág. 600)
- §I-5418
Ó alecrim, rei das ervas,
Ó ouro, rei dos metais;
Na valia dos amores
Os Antónios valem mais.
(P. Coura, CPP I, pág. 601)
- §I-5423
Ó Ana, três vezes Ana,
Ó Ana feita de cera:
Quem me dera ser a vela
Que eu no teu peito ardera...
(Melgaço, CPP I, pág. 601)
- §I-5424
Ó Aninhas, ó Aninhas,
Ó Aninhas da varanda,
És o cestinho fechado
Ond'o meu coração anda!
(A. Valdevez, CPP I, pág. 601)
- §I-5425
Ó António, lindo António,
Colhido na macieira
Não te cases, ó António,
Enquanto eu estiver solteira.
(V. Alentejo, CPP I, pág. 601)
- §I-5431
Ó Francisco, pé de cravo,
Manuel, pé de cereja;

O Francisco, sempre, sempre,
Manuel nunca me veja!
(C. Verde, CPP I, pág. 602)

§I-5432
Ó João, ó Joãozinho,
Cara de leite coado,
Se tu não fosses meu primo
Já te tinha namorado!
(Nisa, CPP I, pág. 602)

§I-5440
Ó José, ó Josezinho,
Ó José, quero-te muito:
És como o pão do padeiro
Que se come sem conduzido.
(Nelas, CPP I, pág. 603)

§I-5442
Ó José, pinheiro manso,
Minha sombrinha de Verão:
Toda'las sombras se acabam,
Só a tua, José, não!
(Melgaço, CPP I, pág. 603)

§I-5443
O loureiro, de viçoso,
Tomou posse do jardim;
Também tu, ó Joãozinho,
A podes tomar de mim.
(Avis, CPP I, pág. 603)

§I-5455
Ó Rosa, minha Rosinha,
Minha rosinha da fonte,
...
(s/i, CPP I, pág. 604)

§I-5461
Oh que pinheiro tão alto!
Quem lhe há-de colher as pinhas?
Há-de ser uma menina
Que se chama Mariquinhas.
(Baião, CPP I, pág. 604)

§I-5468
Se o meu amor fosse António,
Mandava-o engarrafar
Numa garrafa de vidro,
Para o sol não o queimar.
(V. Alentejo, CPP I, pág. 605)

§I-5471
Toda a vida desejei
O nome de Francisquinho;
Agora na mão o tenho,
Caiu-m'a sopa o vinho.
(Cinfães, CPP I, pág. 605)

§I-5472
Todas as Marias são
Mais doces que o caramelo;
Eu como guloso sou
Todas as Marias quero.
(C. Verde, CPP I, pág. 605)

§I-5476
Vê as flor's do meu jardim:
A melhor é a Margarida,
Eu a todas quero bem,
Só por ela dou a vida.
(Feira, CPP I, pág. 605)

§I-5483
Aceite este raminho
Que eu no mato apanhei;
No meio leva barbasco,
Donde me eu embasbaquei.
(Baião, CPP I, pág. 606)

§I-5493
Antoninho, cravo roxo,
Cara de leite coado,
Foste-te gabar ao Porto
Que eu já te dera um cravo.
...
(V. Real, CPP I, pág. 607)

§I-5498
Aqui tens este raminho
Com três amoras, que é luito,
Uma delas vai dizendo:
- Meu amor, quero-te muito.
(Castro Verde, CPP I, pág. 608)

§I-5501
Castanheiro, dá castanhas,
Castanheiro, dá só uma,
Que é p'ra dar ao meu amor,
Qu'inda não comeu nenhuma.
(Baião; Tondela, CPP I, pág. 608)

§I-5504
Dei um lenço o Lourenço

Sem a minha mãe saber;
Ó Lourenço, dá-me o lenço
Que já lo foram dizer.
(V. Real, CPP I, pág. 608)

§I-5505
Deste-me alecrim por prenda,
Por ter a folha miúda;
Quiseste-me exp'rimentar:
Meu coração não se muda.
(V. Conde, CPP I, pág. 608)

§I-5506
Deste-me o alecrim por prenda,
Eu por prenda o aceitei;
Quiseste-me exp'rimentar:
Eu por ti nunca mudei.
(Estremoz, CPP I, pág. 608)

§I-5509
Destes-me alecrim por prenda
Pró num teres que me dar;
O alecrim dá-se o's mortos,
Num me queiras tu matar.
(P. Coura, CPP I, pág. 608)

§I-5510
Destes-me um cravo no poço
Queira Deus não visse alguém.
Muita gente tem invejas
Deste nosso querer bem!
(Alcoutim, CPP I, pág. 609)
Var.: Destes-me um cravo na fonte.

§I-5511
Destes-me um ramo de arruda,
Fizestes de mim diabo:
Ocalá que eu o fora
Que te trouxera atentada!
(Felgueiras, CPP I, pág. 609)

§I-5512
Dou-te já a minha mão,
Meu raminho de azevém,
Quer tu queiras, quer não queiras,
Eu sempre te quero bem.
(s/i, CPP I, pág. 609)

§I-5517
Eu te vou dar um raminho
Todo feito de alecrim;
Vou-te dar a minha mão

Para séculos sem fim. (Felgueiras, CPP I, pág. 609)	(C. Paiva, CPP I, pág. 611) Nota: «Peras = pedras de enfeite»	Quero ver-te a toda a hora. (s/i, CPP I, pág. 614)
§I-5518 Eu tenho uma figa de ouro Ao canto do meu baú, Para dar ao meu marido... ... (Alentejo, CPP I, pág. 609)	§I-5538 Minha maçã vermelhinha, Que me deu um carpinteiro, Há dez anos que a tenho, Inda não perdeu o cheiro. (Baião, CPP I, pág. 611) Var.: Tenho-a na minha caixa Para não perdê'lo cheiro.	§I-5580 Os cravos do meu craveiro De encarnado me aborrecem. (s/i, CPP I, pág. 614)
§I-5520 Fui ao jardim, fiz um ramo De alecrim e limonete Para dar ao meu amor, Para o bolso do colete. (s/i, CPP I, pág. 609)	§I-5547 O anel que tu me deste, Antoninho lavrador, ... (Feira, CPP I, pág. 612)	§I-5581 Pega lá esta laranja, Não digas que eu que ta dei; Eu não tenho laranjal, Dizem que eu que a roubei! Dizem que eu que a roubei, Acredita o povo todo; A laranja foi criada No laranjal do meu sogro. (Nisa, CPP I, pág. 614-5)
§I-5522 Já te mandei um raminho, Leva silva que é prisão, Também leva lírio roxo Que é sinal de apartação. (s/i, CPP I, pág. 610)	§I-5557 O anel que tu me deste No terreiro de São Pedro, Atirei com ele à vinha, Logo quebrou um bacelo! (Arganil, CPP I, pág. 612)	§I-5583 Pessegueiro, dá-me um pêssego Com a casca aveludada; Quero dá-lo de presente À minha bela namorada. (P. Lima, CPP I, pág. 615)
§I-5526 Lá te mandei um raminho Com três'moras de amoreira, A do meio vai dizendo: - Adeus até à primeira! (Bragança, CPP I, pág. 610) Var.: Com três folhas de figueira.	§I-5558 O anel que tu me deste, Ó Adelino padeiro, Era-me largo no dedo, Logo o perdi no lameiro. (Amarante, CPP I, pág. 613) Var.: Ó Gerimano padeiro – M. Canaveses.	§I-5588 Quem me dera um limão Que tivera quatro esquinas, Para o dar ao meu amor Cheio de pérolas finas! (Tarouca, CPP I, pág. 615)
§I-5532 ... Que lhe quero dar um cravo, Uma rosa e um jasmim. (Vila Viçosa, CPP I, pág. 610)	§I-5566 Ó José, pega lá uvas, Apanha-as no teu chapéu, A ramada inda tem mais Para ti, anjo do céu. (Mesão Frio, CPP I, pág. 613)	§I-5590 Se fores ao laranjal, Trazei-me uma laranjinha, Ainda que ela seja azeda, De tua mão é docinha. (M. Canaveses, CPP I, pág. 615)
§I-5534 Meu amor, quando se foi, Duas prendas me deixou: Duas garrafinhas de água Que dos seus olhos deitou. (C. Branco, CPP I, pág. 611) Nota: «Água de cheiro. A graça provém daí»	§I-5576 - Ó minha pombinha branca, Que é da fita do chapéu? - Tenho-a na minha gaveta, Ó meu serafim do Céu. (Alentejo, CPP I, pág. 614)	§I-5593 Tenho uma colher de pau De estimação, de valor, Para amostrar às visitas, Que ma deu o meu amor. (Estremoz, CPP I, pág. 616)
§I-5536 Meu anel das sete peras Torna para quem te deu! Quem aceita prendas de outr' Nunca anda livre de seu.	§I-5577 Ó parreira, dá-me um cacho, Ó silva, dá-me uma amora; Amor, dá-me o teu retrato,	§I-5594 Tinha uma laranja de ouro Ao canto do meu baú Para a dar ao meu amor;

Queira Deus não sejas tu! (s/i, CPP I, pág. 616)	§I-5608 Toma lá o que eu te dou, Não é nada de comer; É um lenço de saudades Que tenho por te não ver. (Baião; CPP I, pág. 617)	Quem é o meu ramilhete. É um rapazinho trigueiro, Vestido de azul ferrete. (V. Alentejo, CPP I, pág. 619)
§I-5596 Toma lá esta laranja, Não repares para o dado, Olha que é uma lembrança Do nosso tempo passado. (Mogadouro, CPP I, pág. 616)	§I-5609 Toma lá o que eu te dou Olha o que te eu quero dar: Um ramo de ameixas verdes, Que eu agora fui talhar. (Feira, CPP I, pág. 617)	§I-5623 Antoninho lindo era, Quando era pequenino: Agora está desmudado Como a flor do rosmaninho. (Dão, CPP I, pág. 619)
§I-5597 Toma lá esta laranja, Tira-lhe o sumo de dentro; Da casca faz um barquinho, Embarca o teu pensamento. (M. Canaveses, CPP I, pág. 616)	§I-5611 Toma lá que te dou eu Não é nada de comer; É um lenço de suspiros, Que te não torno a ver. ... (Resende, CPP I, pág. 617)	§I-5630 Chamaste-me pé de ginja, Não serei tão delicada: Não sou bonita nem feia, Nem em ti mal empregada! (Sul, CPP I, pág. 620)
§I-5598 Toma lá esta laranja, Toma lá que ta dou eu; É esta a primeira fruta Que o pomar do meu pai deu. (Mogadouro, CPP I, pág. 616)	§I-5612 Toma lá que te dou eu, Um ramo de rosmaninho, Já que te não posso dar Mil abraços, mil beijinhos. (V. N. Foz-Côa, CPP I, pág. 617)	§I-5634 Erva-mate, erva-mate, Erva-mate, pau de buxo, Tenho raiva aos homens altos, Meu amor é pequerrucho. (Nisa, CPP I, pág. 620)
§I-5599 Toma lá esta navalha, Retalha o meu coração, Faze dele uma medalha P'ra pores no teu cordão. (Alandroal, CPP I, pág. 616)	§I-5614 Trago dentro do meu peito Um canivete dourado Para dar ao meu amor No bom dia do noivado. (s/i, CPP I, pág. 617)	§I-5635 És bonita como o Sol, Corada como a cereja, Tu és a cara mais linda Que entra na nossa igreja. (P. Ferreira, CPP I, pág. 620)
§I-5602 Toma lá este raminho. Da felor de pessegueiro, Atado com linhas brancas. O retrós custa dinheiro. (Feira, CPP I, pág. 616)	§I-5616 Vou regar o manjerico Que o Manelito me deu, Tem um cheiro que regala, Capaz de chegar ao Céu. (s/i, CPP I, pág. 618)	§I-5636 És branca como o leite, Corada como a cereja, És a coisa mais bonita Que o meu coração deseja! (Idanha-a-Nova, CPP I, pág. 620)
§I-5603 Toma lá este raminho De quantas frores eu achei; No me tem o brabasco Com que te eu imbrasbaquei. (V. N. Gaia, CPP I, pág. 616)	§I-5618 Ai, maçã encarnadinha, Picada do rossinol... Se não fosses trigueirinha, Eras mais linda que o Sol. (Nisa, CPP I, pág. 619)	§I-5637 És branquinha como o leite, Corada como o medronho, És uma cara de enganos Com quem eu à noite sonho. (A. Fé, CPP I, pág. 620)
§I-5604 Toma lá este raminho Feito de joio-palanco, É p'ra que saibas, amor, Que eu que trabalho no campo. (Mação, CPP I, pág. 616)	§I-5622 Andas morto por saber	§I-5638 És quelara coma o leite, Corada como a palmeira, És apalpada por todos Como o figo na figueira...

(Nisa, CPP I, pág. 621)	...	
§I-5639	É trigueirinho no rosto,	§I-5693
És quelara coma o lête,	Delicado na cintura.	Tu és como a tangerina,
E o lête também se come;	(V. Velha Ródão, CPP I, pág. 623)	Que apodrece de madura:
Tens uns olhos tão bonitos	§I-5666	Por fora tudo é beleza,
Que encantam todo o home.	O meu amor é da rua,	Por dentro tudo é doçura.
(Avis, CPP I, pág. 621)	Eu no andar o conheço:	(s/i, CPP I, pág. 626)
§I-5640	Tem no andar miudinho	§I-5698
És quelaro coma o leite,	Como a folha do codesso.	Viste por aqui passar
Corado coma cebola:	(s/i, CPP I, pág. 624)	Josezinho da lição?
Carinhos, quantos tu queiras,	§I-5670	Cara de leite coado,
Casar contigo... xô-rola!	O meu amor não é aquele,	Olhos de verde limão.
(P. Sor, CPP I, pág. 621)	Qu'eu pelo andar o conheço:	(s/i, CPP I, pág. 626)
§I-5641	Tem no andar miudinho	§I-5700
És uma ginja na cor,	Como a folha do codesso.	A açucena co'o pé na água
Um abrunho na doçura;	(Baião; Mesão Frio, CPP I, pág. 624)	Sempre se está bandeando,
Tu és a cara mais linda	§I-5676	É como a moça solteira
Que nasceu de criatura.	O teu corpo é um palmito,	Quando se está pinteando.
(Moura, CPP I, pág. 621)	Chegam-lhe as palmas ò chão;	(Avis, CPP I, pág. 627)
§I-5646	Tens um modo tão bonito,	§I-5717
Fui ao jardim passear	Cativa o teu coração!	- Menina detrás da serra,
Para abrandar minha pena:	(V. Velha Ródão, CPP I, pág. 624)	Onde cria o seu cabelo?
Encontrei o teu retrato	§I-5680	- Nas ervinhas do monte
Na mais brilhante açucena.	Tendes o andar de rola	Que se chamam tormentelo.
(Lousada, CPP I, pág. 622)	O manear de pombinha,	(Minho, CPP I, pág. 628)
§I-5652	...	§I-5728
Meu amor vai além,	(Idanha-a-Nova, CPP I, pág. 625)	O seu cabelo, menina,
Vai além que eu bem no vejo;	§I-5683	São confeitos, não se vendem;
Tem os passos miudinhos	Tendes olhos de pau preto,	São balas com que me atira,
Como a folha do poejo.	Sobrancelhas de veludo,	Cadeias com que me prende.
(s/i, CPP I, pág. 622)	Beijos de lacre vermelho,	(s/i, CPP I, pág. 629)
§I-5653	Dentes de milho miúdo.	§I-5734
Moreninha, moreninha,	(Serpa, CPP I, pág. 625)	Penteai-vos, asseai-vos
Morangal dos meus desejos,	§I-5684	À sombra da manjerona;
Tua boca é a cestinha,	Tendes olhos de pau preto,	O cabelo que tirardes
Morangos são os teus beijos.	Sobrancelhas de veludo,	Vendei-mo, feiticeirona.
(s/i, CPP I, pág. 622)	Vosso rosto encarnado...	(s/i, CPP I, pág. 629)
§I-5657	Eu por eles perco tudo!	§I-5735
Ó João, ó Joãozinho,	(s/i, CPP I, pág. 625)	Quem quiser ter bom cabelo
Cara de leite coado,	§I-5692	Que lhe arraste pelo chão,
Se tu não fosses meu primo	Tu és alta como a faia,	Vá colher a douradinha
Já te tinha namorado!	Delicada como a linha,	Na véspera de S. João.
(Nisa, CPP I, pág. 623)	Tu tens o andar de rola,	(V. Alentejo, CPP I, pág. 629)
§I-5663	O passear de andorinha.	§I-5438
	(Proença-a-Nova, CPP I, pág. 626)	Tende'lo cabelo loiro;

Menina, querei-lo vender Para cordas de viola Para o meu amor tanger? (s/i, CPP I, pág. 630)	Esses teus olhos, menina, São os que eu agora amo! (M. Canaveses, CPP I, pág. 632)	§I-5786 António é cális de ouro Que serve à mesa do rei; ...
§I-5740 Tede'lo cabelo loiro Todo em maçoquetes; (s/i, CPP I, pág. 630)	§I-5762 A oliveirinha, pé de ouro, Deita folhinhas de prata; Menina, dê os seus olhos A aquém por eles se mata. (Lamego, CPP I, pág. 632)	§I-5794 Aqui tens meu coração, Retalha-o como ò marmelo; Depois dele retalhado, Verá'lo bem que te quero. (Feira, CPP I, pág. 635)
§I-5741 Tende'lo cabelo loiro, Todo encaracolado; ... (Melgaço, CPP I, pág. 630)	§I-5763 A perdiz anda no monte, De penedo em penedo; Quem tem o amor defronte Nunca os olhos têm sossego. (Baião, CPP I, pág. 632)	§I-5801 As meninas dos meus olhos São duas pobres mendigas: Andam pedindo esmola Aos olhos das raparigas. (Loulé, CPP I, pág. 635)
§I-5745 Tendes o cabelo loiro, Loiro e encaracolado: ... (Melgaço, CPP I, pág. 630)	§I-5770 Ai, amor, amor, Nem candeia temos! Co'a luz dos teus olhos Nos alumiemos... (Estremoz, CPP I, pág. 633)	§I-5803 Atirei co'a laranja ò ar, Co'a laranja ò ar E caiu na areia; À vista desses teus olhos, Quem tem juízo vareia. (Vinhais, CPP I, pág. 636)
§I-5748 Tendes um lindo cabelo Todo encaracolado, ... (Ponte Lima, CPP I, pág. 631)	§I-5771 Ai Jesus, que me piquei! Nesta rua não há tojos... Picou-me aquela menina Da janela com seus olhos. (Tavira, CPP I, pág. 633)	§I-5806 Botei o cravo ao poço, Foi fechado e veio aberto. Os olhos do meu amor São ligas com que me aperto. (Penafiel, CPP I, pág. 636)
§I-5755 Tu tend'lo cabelo loiro Todo encaracolado: Em cada caracolinho Anda o amor enganado. (Melgaço, CPP I, pág. 631)	§I-5774 Alumeia-me, ó candeia, Qu'ò azeite nã'stá caro; Defronte de mim'tão olhos Que me alumiom mais claro. (Proença-a-Nova, CPP I, pág. 633)	§I-5807 Chafariz de quatro esquinas, Feito de pedra morena, Defronte de mim'stão olhos Que me causam tanta pena! (Braga, CPP I, pág. 636)
§I-5758 A alegria dum quinta É um verde limoeiro; A alegria dos meus olhos É o meu amor primeiro. (Moura, CPP I, pág. 632)	§I-5782 Antoninho, cor de cravo, Manuel, cor de limão, São os mais bonitos olhos Que à nossa igreja vão. (Barcelos, CPP I, pág. 634)	§I-5809 Chamaste-me pé de cereja, Eu não sou tão delicada: Delicados são teus olhos Que namoram de pancada. (Bragança, CPP I, pág. 636)
§I-5760 A flor da amendoeira É a primeira do ano; Esses teus olhos, menina, São os primeiros que eu amo. (Albufeira, CPP I, pág. 632)	§I-5784 Antoninho, pé de cabra, Zezinho, pé de cereja, São nos mais bonitos olhos Que entram na nossa igreja. (Braga, CPP I, pág. 634)	§I-5811 Coitadinha da rabaça,
§I-5761 A laranja, quando nasce, Nasce na ponta do ramo;		

Coitadinho do agrão, Coitados desses teus olhos Que tão fagueiros são! (F. Algodres, CPP I, pág. 636)	(Veiros, CPP I, pág. 639)	Laranjinha, limão doce, Limão doce, assim seria: Já o meu coração combate No coração de Maria. (Portimão, CPP I, pág. 642)
§I-5812 Com a pena do pavão Fiz uma chave inglesa, Para abrir teu coração Com toda a delicadeza... (Mação, CPP I, pág. 636)	§I-5839 É batel meu coração, Voga no mar da tortura, Leva à praia a ilusão, Tem por leme a desventura. (Monchique, CPP I, pág. 639)	§I-5879 Lindos olhos tem a truta, Quem me dera assim os meus; Hei-de lavar os meus olhos Onde a truta lava os seus. (Barroso; Bragança; C. Beira; Mogadouro, CPP I, pág. 642)
§I-5814 Coração, coraçãozinho, C'uma faca te hei-de abrir, Que te deixaste agarrar De quem podais fugir. (Barcelos, CPP I, pág. 637)	§I-5845 Esses teus olhos, menina, São dois tanques de água fria, Bacia onde me eu lavo, Espelho onde me eu via. (Ponte Barca, CPP I, pág. 639)	§I-5885 Maria da Conceição, Oh que palavra tão doce! ... (s/i, CPP I, pág. 643)
§I-5830 Debaixo daquela lata Vi umas ervas aos anéis; Os teus olhos, ó menina, Valem mil contos de réis. (Minho, CPP I, pág. 638)	§I-5846 Esses teus olhos, menina, São duas peras num ramo; São fechados na firmeza E abertos no desengano. (Portimão, CPP I, pág. 639)	§I-5890 Meu coração abre e fecha Sem ser arca nem baú; 'Stá fechado para todos, Aberto só para um. (Alvaiázere, CPP I, pág. 643)
§I-5834 Delicado é o fumo Que passa a telha dobrada, Delicados são teus olhos Que namoram de pancada. (V. Alentejo; C. Verde, Guimarães; Lamego, CPP I, pág. 638)	§I-5862 Eu hei-de amar um pau verde Enquanto tiver verdura; Eu hei-de amar os teus olhos Chegados à sepultura. (A. Fé, CPP I, pág. 641)	§I-5901 Na rocha se apanham pombas, No mar se apanham tainhas; Se me quer's dar os teus olhos, Não mos dêis às migalhinhas. (Ilha S. Jorge, CPP I, pág. 644)
§I-5835 Delicado é o fumo Que vara telha e meia; Delicados são os olhos Que namoram à candeia. (Baião; Lamego, CPP I, pág. 638)	§I-5868 Fui ao mar buscar lume Queimeimei numa faísca; Namorei-me dos teus olhos Logo à primeira vista. (P. Lima, CPP I, pág. 641)	§I-5903 Não deiteis água no vidro, Que derramais a garrafa; Os olhos que bem se querem Já de longe metem graça. (V. Real, CPP I, pág. 644)
§I-5836 ... Dá-me a vida, quero a morte Bebida no teu olhar! (Castro Verde, CPP I, pág. 638)	§I-5869 Fui ò mar às concharinhas Ao recolher da maré; Não há olhos que m'agrade' Como são nos de José. (Feira, CPP I, pág. 641)	§I-5904 Não me envejo de quem tem Muitos carros e parelhas: Só m'envejõ nos teus olhos Mais as tuas sobranceiras. (Ourique, CPP I, pág. 644)
§I-5838 Duma pena de pavão Fiz uma chave inglesa P'ra abrir o teu coração Com toda a delicadeza.	§I-5873 Já não tenho coração, Já mo tiraram do peito. Onde eu tinha o coração, Nasceu-me um amor-perfeito. (Avis, CPP I, pág. 642)	§I-5908 Nesta rua me piquei, Nesta rua não há tojos; Pico-me aquela menina
	§I-5875	

Da janela com seus olhos. (O. Hospital, CPP I, pág. 645)	§I-5937 O meu coração é tanque, Cheio de água mete medo; Abra-se meu coração, Vá regar teu arvoredor! (Vila Rei, CPP I, pág. 647)	(Ponte Lima, CPP I, pág. 649) §I-5966 ... Os olhos acastanhados São os olhos verdadeiros. (Castelo Paiva, CPP I, pág. 650)
§I-5909 No mar navega a baleia, Nas florestas o leão, Eu navego nos teus olhos E tu no meu coração. (Vila Flor, CPP I, pág. 645)	§I-5944 O meu coração, menina, Já não pode suspirar. Com remédios da botica Vai morrendo devagar. (C. Branco, CPP I, pág. 648)	§I-5968 Olhos de azeitona preta, De amarem é sinal certo: Se ao longe nos metem medo, Cativam vistos de perto. (Alentejo, CPP I, pág. 650)
§I-5910 No mar se apanham canas, No mar se apanham tainhas. Dá-me os teus olhos inteiros, Não mos dês às migalhinhas. (P. Varzim, CPP I, pág. 645)	§I-5952 Ó parreira, dá-me um cacho, Ó cacho, dá-me um baguinho; Ó amor, dá-me os teus olhos, 'Spensa-mos um bocadinho. (Cadaval, CPP I, pág. 648)	§I-5975 ... Os olhos acastanhados 'Stão dizendo o que não é. (s/i, CPP I, pág. 650)
§I-5913 Ó alto cerro da neve, Onde a flor da murta existe: Se eu não logro esses teus olhos Toda a vida andarei triste. (Loulé, CPP I, pág. 645)	§I-5954 O serpol é miudinho, Não se pode atar aos molhos; Quem tem o amor defronte, Nunca está quieto c'os olhos. (Resende, CPP I, pág. 648)	§I-5976 Os olhos pretos são falsetes, Os azuis enganadores, Estes meus acastanhados São leais aos meus amores. (Crato; Serpa, CPP I, pág. 650)
§I-5916 O arcipreste vira a ponta Quando mais não quer crescer; Assim viram os meus olhos Quando te não querem ver. (V. Real, CPP I, pág. 658)	§I-5955 O sol quando nasce inclina Na folha do palmeirão; Também eu vivo inclinada Nesses teus olhos, João. (s/i, CPP I, pág. 649)	§I-5978 ... Os olhos acastanhados São os olhos verdadeiros. (M. Canaveses, CPP I, pág. 651)
§I-5925 O limão é fruta azeda, Que para isso é limão: No botar dos olhos vê-se Quem ama do coração. (Baião, CPP I, pág. 646)	§I-5960 Oh que lindos olhos Tem o meu João! São mal empregados Andar ao carvão.	§I-5980 Olhos pretos são marotos Os azuis enganadores, Os castanhos não têm preço, Esses são os matadores. (s/i, CPP I, pág. 651)
§I-5926 O loureiro bate à porta, Alecrim vai ver quem é: São os olhos de Maria Que vêm ver o seu José. (Baião; F. Algodres, CPP I, pág. 464)	Oh que lindos olhos Tem o meu José! São mal empregados Andar ao café. (Cinfães, CPP I, pág. 649)	§I-5981 ... Os olhos acastanhados São os leais verdadeiros. (Castro Verde, CPP I, pág. 651)
§I-5927 O loureiro bate à porta, Ó salsa, vai ver quem é; São os ladrões dos teus olhos Que roubam à falsa fé. (Mogadouro, CPP I, pág. 646)	§I-5964 Oh que pinheiro tão alto, Com fio de ouro na ponta! ...	§I-5983 Olhos pretos tenho eu, Acastanhados meu bem, Sobrancelhas ramalhudas Não as invejo a ninguém!

(Mação, CPP I, pág. 651)	Os olhos de José são Trigo malhado na eira, Semeado ao domingo Nascido à segunda-feira. (Sertã, CPP I, pág. 653)	São leais e verdadeiros. (Porto; Idanha-a-Nova, CPP I, pág. 655)
§I-5987 Olhos verdes são marotos, Os azuis são engraçados, E os pretos são medonhos, Castanhos desafiados. (s/i, CPP I, pág. 651)	§I-6016 Os olhos do meu amor São bonitos como o Sol, Se os vejo fico preso, Como peixe no anzol. (P. Lima, CPP I, pág. 654)	§I-6033 ... Os olhos acastanhados Esses são os verdadeiros. (Ilha S. Jorge, CPP I, pág. 655)
§I-5989 Oliveiras, oliveiras, Ao longe são olivais; Os olhos do meu amor, Cada vez me lembram mais. (C. Branco, CPP I, pág. 651)	§I-6017 Os olhos do meu amor São confeitos, não se vendem. São balas com que me ferem, São grilhões com que me prendem. (V. Alentejo, CPP I, pág. 654)	§I-6034 Olhos pretos são vários, Os azuis têm fama: Estes meus acastanhados São leais a quem os ama. (Nisa, CPP I, pág. 655)
§I-5999 Os meus olhos são dois peixes, Navegam numa alagoa; Choram lágrimas de sangue Por causa duma pessoa... (O. Hospital, CPP I, pág. 652)	§I-6019 Os olhos do meu amor São dois bagos de pimenta; Namorei-os na igreja, Ao tomar da água benta. (C. Verde, CPP I, pág. 654)	§I-6036 Os olhos que vivos são O seu alimento é ver, Dos olhos nasce a afeição, Da afeição o bem-querer. (Castro Verde, CPP I, pág. 655)
§I-6004 Os nossos dois corações Unidos deitam felores: O teu deita malmequeres, O meu perfeitos-amores. (Avis, CPP I, pág. 653)	§I-6022 Os olhos do meu amor São duas azeitoninhas, Fechados são dois botões Abertos, duas rosinhas. (Crato, CPP I, pág. 654) Var.: São duas amendoinhas.	§I-6053 Os teus olhos, pretos, pretos, São pretos que eu bem o sei; Também a pimenta é preta E vai à mesa do rei. (Loulé, CPP I, pág. 657)
§I-6006 Os olhos da Marianita São verdes, cor do limão; Ai sim, Marianita, ai sim, 'Stão presos na Relação... (Mesão-Frio, CPP I, pág. 653)	§I-6023 Os olhos do meu amor São duas bichinhas vivas, Eles entram em meu peito Mas não me fazem feridas. (s/i, CPP I, pág. 654)	§I-6055 Os teus olhos são de lume, O meu coração de cera, Inda que fosse de pedra Com eles se derreteria. (O. Hospital, CPP I, pág. 657)
§I-6007 Os olhos da minha amada São grãos de trigo na eira; Semeados ao domingo, Nascem à segunda-feira. (A. Fé, CPP I, pág. 653)	§I-6026 Os olhos do meu amor São grão de trigo na eira, Semeados ao domingo, Nados à segunda-feira. (Ilha S. Miguel, CPP I, pág. 655)	§I-6057 Os teus olhos são dois sóis Que ao mundo dão clareza; As sobranceiras anzóis Que trazem minha alma presa. (R. Monsaraz, CPP I, pág. 657)
§I-6010 Os olhos de Ana parecem Trigo malhado na eira, Que inda não está semeado Já verdega na ribeira. (M. Douro, CPP I, pág. 653)	§I-6032 ... Os olhos acastanhados	§I-6065 Pinheiro, dá-me uma pinha, Ó pinha, dá-me um pinhão. Menina, dê-me os seus olhos, Que eu dou-lh'o meu coração. (Baião, CPP I, pág. 658)
§I-6011		

- §I-6066
Prantei azeite no mar
E aguardente na candeia:
À vista desses teus olhos
Quem tem juízo vareia.
(Loulé, CPP I, pág. 658)
- §I-6073
Quebrei a casca à noz,
Parti-a, tirei-lhe o grão;
Também tu, sem me partires,
Me tiraste o coração.
(P. Lima, CPP I, pág. 658)
- §I-6076
Quem me quer vender qu'eu compro
Um limão por um vintém,
Para tirar uma nódoa
Que este meu coração tem.
(Minho, CPP I, pág. 659)
- §I-6084
Salsa da beira do rio,
Alecrim da outra banda;
Por via desses teus olhos
Andam os meus em demanda.
(Melgaço, CPP I, pág. 659)
- §I-6086
Se o loureiro não tivesse
No meio tanta felor,
Da minha janela eu via
Os olhos do meu amor.

Se o loureiro não tivesse
No meio tanta ramada,
Da minha janela eu via
Os olhos da minha amada.

Se o loureiro não tivesse
Tanta rama ao redor
Da minha janela eu via
Os olhos do meu amor.
(Baião, CPP I, pág. 660)
- §I-6097
Tendes os olhinhos pretos,
Comparados a nigela;
Se não foras tão bonita
Mal haja quem te quijera.
(Mogadouro, CPP I, pág. 661)
- §I-6099
Tenho dentro do meu peito
Laranja, cidra, limão:
Para ter o ramo inteiro,
Só falta o teu coração.
(Loulé, CPP I, pág. 661)
- §I-6106
Teus olhos são dois tinteiros
Teu nariz pena aparada,
Os dentes letra miúda,
A boca carta fechada.
(Mação, CPP I, pág. 661)
- §I-6108
Toma lá meu coração,
Retalha-o como marmelo:
Depois dele retalhado,
Verás o bem que eu te quero.
(Cinfães, CPP I, pág. 662)
- §I-6112
Trazeis chapéu à vareira,
Mandai-o arredondar;
Debaixo do chapéu andam
Olhinhos de namorar.
(s/i, CPP I, pág. 662)
Nota: «Chapéu de roda grande, na
origem chapéu de vendedeira de
sardinha.»
- §I-6113
Trazeis chapéu à vareira,
Por baixo lenço riscado,
Ainda mais por baixo andam
Olhinhos do meu agrado.
(Minho, CPP I, pág. 662)
- §I-6114
Troquei os meus olhos pretos
Por outros acastanhados;
...
(Baião, CPP I, pág. 662)
- §I-6120
A água da vala vai turva
P'ra regar a horta ao duque;
As falas do meu amor
São mais doces que o açucré.
(Almeirim, CPP I, pág. 663)
- §I-6122
Aguardente bem temp'rada
É que faz a fala fina;
Eu gosto da minha amada
Por ser a mais pequenina.
(R. Monsaraz, CPP I, pág. 663)
- §I-6123
Ai Jesus, que eu já não posso
Cantar como já cantei.
Bebi água de outra fonte
E até a fala mudei!
(s/i, CPP I, pág. 663)
- §I-6126
As palavras do meu bem,
São como as cerejas belas;
Atrás dumas se vão outras,
Não há quem se aparte delas.
(V. Velha Ródão, CPP I, pág. 663)
- §I-6131
Estou rouca, enrouquecida,
Do meu peito cerradinha:
Já bebi água de amores,
Ficou-me a fala brandinha.
(Baião, CPP I, pág. 664)
- §I-6132
Estou rouca, enrouquecida,
Não é de beber vinagre;
É de falar ao amor,
Novinha, sem ter idade.
(V. Real, CPP I, pág. 664)
- §I-6133
Fui-me ao mar, às alcofinhas,
Ao rebentar da maré;
Se eu muito gostava, gosto
Das falinhas de José.
(s/i, CPP I, pág. 664)
- §I-6134
- Graças a Deus para sempre,
Já ouvi a tua voz;
Donde estava metidinha?
- Dentro da casca da noz.
(Arruda dos Vinhos, CPP I, pág. 664)
- §I-6135
Graças a Deus que t'òvi
Mê amor, a tua voz;

Parece que tens andado Dentro da casca de noz... (Estremoz, CPP I, pág. 664)	§I-6156 ... Chega-te a essa janela E debruça-te na varanda, Meu molhinho de açucenas, Collido de madrugada.	§I-6184 Fi'la cama na calçada, 'Scorregou-me o cobertor; Abanei o pessegueiro, Cobri-me com a felor. (s/i, CPP I, pág. 669)
§I-6137 Já não tenho a minha fala, Como d'atrasadamente: Bubi da tua cisterna, Constipei-me, estou doente. (Vidigueira, CPP I, pág. 664)	Chega-te a essa janela, Traze o vestido de folhos, Quero acender o cigarro Nas meninas dos teus olhos.	§I-6185 Fui-me deitar a dormir À sombra da laranjeira; Caiu-me uma flor no rosto, Ai Jesus, que tanto cheira! (V. Alentejo, CPP I, pág. 669)
§I-6138 Minha fala de algum dia Soava tão docemente: ... (Moura, CPP I, pág. 664)	Chega-te a essa janela, Rosto de jasmim florido ... (Coimbra; V. Alentejo, CPP I, pág. 666-7)	§I-6186 Fui-me deitar a dormir Ao pé da água que corre, E a água me respondeu: - Quem tem amores não dorme. ... (Porto, CPP I, pág. 670)
§I-6139 Não posso, meu bem, não posso Cantar como já cantei: Bebi água do teu poço, Até a fala mudei. (Alentejo, CPP I, pág. 664)	§I-6163 A maçã da maçaneira De amarela quer cair; Esses teus olhos, menina, Têm sono, querem dormir. (Alentejo, CPP I, pág. 667)	§I-6187 Fui-me deitar a dormir Ao pé da água que corre, E a água me respondeu: - Quem tem amores não dorme. ... (s/i, CPP I, pág. 670)
§I-6144 Pinheiro, dá-me uma pinha, Pinha, dá-me um pinhão; Meu amor, dá-me uma fala, Que eu dou-te o meu coração. (s/i, CPP I, pág. 665)	§I-6171 Debaixo da tua janela Deitando-me, adormeci, Acordaram-me os galos Cantando: «Quiquiriqui». (V. Alentejo, CPP I, pág. 668)	§I-6191 Indo eu por'i abaixo Em busca do meu amor, Encontrei um laranjal Carregadinho de flor.
§I-6148 'Stou rouquinha do meu peito, Num é de comer azedo: É de falar ao amor Pela manhã tão cedo. (s/i, CPP I, pág. 665)	§I-6172 Debaixo do lírio roxo Adormece quem quer bem; ... (Porto, CPP I, pág. 668)	Deitei-me debaixo dele Para me abrigar do sol, Acordei de madrugada Ao cantar do rouxinol. (s/i, CPP I, pág. 670)
§I-6149 Tende'la voz tão doce, Vosso rir tão eicelente, Tendes um jardim na boca, Um cravo em cada dente. (Baião, CPP I, pág. 665)	§I-6175 Deitei-me e adromeci Ao pé da água que corre; A água me segredou: - quem tem amores não dorme. ... (Alentejo, CPP I, pág. 669)	§I-6194 Meu amor é daroito; Criado na daroeira, Dá tanta volta na cama Como o peixe na ribeira. (Portimão, CPP I, pág. 671)
§I-6153 A pombinha está na cama, Regalada muito quente. Mas o pombo está na rua A bater dente com dente. (s/i, CPP I, pág. 666)	§I-6176 Dêtê-me a dormir um sono Ao pé da água que corre; Acordei e ouvi dizer: De mal de amor's ninguém morre. (Alentejo, CPP I, pág. 669)	§I-6196 O coelho é um gaiato,

Dorme co'os olhos abertos;
Eu durmo c'os meus fechados,
Que eu tenho os meus amores certos.
(s/i, CPP I, pág. 671)

§I-6205

Pus-me a chorar de saudades
Ao pé da água que corre;
A água me respondeu:
- Quem tem cuidados não dorme.
(s/i, CPP I, pág. 672)

§I-6204

Pirolito, olé,
À porta assentado!
Todos a dormirem,
Só ê acordado.
(s/i, CPP I, pág. 672)

§I-6209

Quem tem amores não dorme
Nem de noite, nem de dia;
Dá tantas voltas na cama
Como o peixe na água fria.
(s/i, CPP I, pág. 672)

§I-6270

Vamos a deitar,
Vamos a dormir:
Tu levarás a manta,
Eu levarei o candil.
(V. N. Foz-Côa, CPP I, pág. 673)

§I-6235

Fiz a cama na figueira,
Meu travesseiro foi um figo,
O meu dormir foi um sonho,
E o meu sonho foi contigo.
(C. Branco, CPP I, pág. 674)

Fim do tomo I do CPP de LV.
Contém 6246 textos ao total.

- §II-5
Adeus, caminho da fonte,
Adeus, carreiro das vinhas;
Faça o mal quem o fizer,
As culpas são todas minhas...
(T. Moncorvo, CPP II, pág. 1)
- §II-9
Adeus, fonte, adeus, rio,
Adeus, pedras de lavar,
Onde eu passava o meu tempo...
Agora vai a acabar!
(Nelas, CPP II, pág. 2)
- §II-19
Adeus, ó largo da fonte,
Onde a água remanseia,
Onde o meu amor se lava
E o seu cabelo penteia.
(Sabugal, CPP II, pág. 2)
- §II-22
...
Adeus, sombra dos pinheiros,
Onde eu stive a namorar.
(s/i, CPP II, pág. 3)
- §II-24
Adeus, praça, adeus, castelo,
Adeus, caminho da fonte:
Por causa das raparigas
Muito calçado se rompe!
(Alandroal, CPP II, pág. 3)
- §II-35
Adeus, que me vou embora
Para a terra do açucare,
Já que por aqui não há
Quem se comigo ocupe.
(Cinfães, CPP II, pág. 4)
- §II-48
Daqui te digo adeus,
Como a cereja ao ramo;
Se te não tornar a ver,
Adeus, até outro ano!
(Baião, CPP II, pág. 5)
- §II-53
Dizes que te vais embora,
Flor do manjericão,
Se te vais é porque queres,
- Por minha vontade não.
(O. Hospital, CPP II, pág. 5)
- §II-54
É já quase meia-noite,
Ainda o galo não cantou.
Adeus, que me vou embora,
Eu já embora me vou!
(P. Coura, CPP II, pág. 5)
- §II-60
Fui-me a despedir de ti,
Lá baixo aos olivais;
O nosso despedimento
Foram suspiros e ais.
(Bragança, CPP II, pág. 6)
- §II-65
Loureiro, verde loureiro,
A baga é o teu fruto;
Foste o meu amor primeiro,
Deixar-te custa-me muito.
(B. Alta, CPP II, pág. 6)
- §II-66
Manjaricão da janela,
Manjaricão, manjarico;
A maior pena que eu tenho
É se tu vais e eu fico.
(Baião, CPP II, pág. 6)
- §II-77
Ó meu girassol brilhante,
Aberto ao meio-dia,
Muitas saudades levo
Dessa tua companhia!
(Cadaval, CPP II, pág. 7)
- §II-78
Ó moleirinha do adro,
Deita-me cá uma amora;
Que me quero ausentar
Desta terra para fora.
(A. Fé, CPP II, pág. 7)
- §II-87
Regala-te, passa bem,
Já não ouves minha fala;
Vou a fazer-te uma ausência
Como o fumo quando abala.
(Serpa, CPP II, pág. 8)
- §II-99
A cana verde no mato,
É sinal de fonte haver;
De todo o mundo me aparto
Só de ti não pode ser.
(s/i, CPP II, pág. 10)
- §II-100
A pomba que está soidosa
Suspira na solidão;
Eu também suspiro dei
Na nossa separação.
(Baião, CPP II, pág. 10)
- §II-103
Apartar por apartar,
O cachinho da videira,
A mim também me apartaram
De uma menina solteira.
(Minho, do Elvense 1891, CPP II, pág. 10)
- §II-104
Assubi à amendoeira,
Pus o pé na estacaria,
Ai Jesus, que estou ausente
Dum bem que tanto queria!
(S. Tirso, CPP II, pág. 10)
- §II-110
...
Quanto mais ao longe, ao longe,
Mais aperta o doce nó.
(s/i, CPP II, pág. 11)
- §II-126
Pessegueiro, flor triste,
Vive num mar de tormentos;
Ninguém sente mais do que eu
Os vossos apartamentos.
(V. Conde, CPP II, pág. 12)
- §II-133
Se eu soubesse, ó meu amor,
Que te não tornava a ver,
Mandava vir da botica
Remetido para morrer.
(V. Alentejo, CPP II, pág. 12)
- §II-137
A candeia por star alta,
Não deixa de alumiar;

- ...
(V. Alentejo; C. Branco; Loulé, CPP §II-153 II, pág. 13)
- §II-139
A felor da gesta branca,
De pequenea, cobre o chão;
Também as tuas ausências
Cobrem o meu coração.
(Mesão Frio, CPP II, pág. 13)
- §II-140
A felor da malva é roxa,
Significa paciência:
Eu bem dela tenho tido,
Amor meu, na tua ausência.
(s/i, CPP II, pág. 13)
- §II-141
A folha da oliveira,
Em chegando ao lume, estala;
Assim é meu coração
Quando contigo não fala.
(s/i, CPP II, pág. 13)
- §II-142
A nossa igreja matriz
É feita de pedra-lipes;
...
(Elvas, CPP II, pág. 13)
- §II-143
À oliveira da serra
O vento leva a flor;
Só a mim ninguém me leva
Para o pé do meu amor.
(Guarda; Baião; C. Beira; F. Foz; Aljustrel, CPP II, pág. 13)
- §II-144
A oliveira, quando nasce,
Sempre trá'la flor alvinha;
Onde estás que eu te não vejo,
Ó minha feiticeirinha?
(Melgaço, CPP II, pág. 13)
- §II-147
Almocei lágrimas tristes,
Jantei penas e dor,
Merendei ais e suspiros
Na ausência de meu amor.
(Monchique, CPP II, pág. 14)
- Às oito em ti'stou cuidando,
Sem ter mais algum sossego;
Às nove, meu doce emprego,
Em ti'stou considerando;
Às dez, de quando em quando,
Me alabram os meus amores;
Às onze, quando souberes,
Vivo sem ter alegria;
Mas, quando dá o meio-dia,
Janto suspiro e dores;
À tarde merendo ais,
À noite ausência de amores.
(S. Tirso, CPP II, pág. 14)
- §II-155
Assubi à amendoeira,
Pus o pé na estacaria;
Ai, Jesus! que estou ausente
De um bem, que tanto queria.
(Baião, CPP II, pág. 14)
- §II-157
Ausente de ti, meu bem,
Como poderei estar,
Sem comer e sem beber,
Sem dormir, sem sossegar?
(Ilha S. Miguel, CPP II, pág. 15)
- §II-173
É um regalo lavar
Na água da melancia;
Quem tem o amor lá longe,
Chora de noite e de dia.
(Loulé, CPP II, pág. 16)
- §II-183
Hei-de fazer uma ausência
Como a flor do Saramago:
Tu não me queres, paciência,
Deito o coração ao largo.
(Alandroal, CPP II, pág. 17)
- §II-186
Lá cima, naquela serra,
Nasce água, arrebentam bredos;
Onde estarás tu agora,
Caixinha dos meus segredos?
(C. Beira, CPP II, pág. 17)
- §II-189
Mandeí buscar à botica
Remédio para uma ausência,
Mandaram-me, com saudades,
Xarope de paciência.
(Ilha Graciosa; Moura, CPP II, pág. 17)
- §II-190
Mandeí buscar à botica
Remédio para uma ausência,
Respondeu-me o boticário
Que tivesse paciência.
(V. Alentejo; Silves; CPP II, pág. 18)
- §II-191
Mandeí fazer um relógio
Da casca dum caranguejo,
Para contar os minutos
Das horas que te não vejo.
(Cadaval; C. Beira, CPP II, pág. 18)
- §II-196
Não há nada que mais cheire
Que o cacho em felor.
Não há nada que mais custe
Que a ausência do amor!
(s/i, CPP II, pág. 18)
- §II-197
Não olhes para a noqueira,
Que ela nozes tem só duas,
Olha para este meu peito:
'Stá cheio de ausências tuas.
(Nisa, CPP II, pág. 18)
- §II-203
O castanho dá castanhas,
Que eu já lhe vi as candeias;
O dia que te não vejo
Foge-me o sangue das veias!
(s/i, CPP II, pág. 19)
- §II-205
O jasmim caiu do céu,
Deu na folha da açucena;
Amei-te com tanto gosto,
Deixei-te com tanta pena!
(s/i, CPP II, pág. 19)
- §II-206
O jasmim caiu do céu,

Entre as rosas se espalhou; Como não há-de viver triste Quem do amor se ausentou! (s/i, CPP II, pág. 19)	(Sabugal, CPP II, pág. 24)	Já o mar veste de luto, Os campos de lírios verdes, Meu coração de tristeza, Por não te ver bastas vezes. (s/i, CPP II, pág. 26)
§II-207 Ó loureiro, ó desterro, Que desterrou a cortiça, Eu bem desterrada ando, Meu amor, da tua vista. (A. Valdevez, CPP II, pág. 19)	§II-272 De jinela em jinela, Olhando p'ros altos montes, Um dia que te não bejo Meus olhos são duas fontes. (Penaguião, CPP II, pág. 24)	§II-297 Limpa-me daqueles pingos Que deita aquela candeia, Que eu te contarei martírios Passados na terra alheia. (Óbidos, CPP II, pág.27)
§II-215 Ó reixinol do loureiro, Não cantes, que eu'stou doente, Bem bonda a minha paixão Do meu amor'star ausente. (Braga, CPP II, pág. 20)	§II-274 Deitei o papel ao ar, No ar se fez um limão; Uma fachada tem cura, Uma saudade não. (Tarouca, CPP II, pág. 25)	§II-301 Meu amor está lá longe, 'Stá lá longe, não me ouve, Hei-de mandar-lhe saudades Numa folhinha de couve. (Faro, CPP II, pág. 27)
§II-216 O rouxinol, quando bebe, Bebe na água corrente, Escreve co' o bico na areia Penas do amor ausente. (Barcelos, CPP II, pág. 20)	§II-277 É de noite, é de noite, Para mim nunca amanhece! Nem a água me mata a sede, Nem o meu amor me esquece. (Mértola, CPP II, pág. 25)	§II-307 Nem a candeia dá luz Nem para mim amanhece Nem água me tira a sede Nem o meu amor me esquece. (V. Alentejo, CPP II, pág. 27)
§II-230 Quero tanto ao meu amor Como folhas tem o trigo, 'Scurece-me o coração, Quando não falo contigo. (Avis, CPP II, pág. 21)	§II-283 Eu já fui jantar ao Céu Em companhia dos anjinhos; De sobremesa me deram Lembrança dos seus carinhos. (Moura, CPP II, pág. 26)	§II-308 Nos dias que te não vejo Nem sequer posso comer; Deito-me na minha cama E nem posso adormecer. (Barcelos, CPP II, pág. 28)
§II-240 Tão longe da minha vista, A tua ausência me mata; Tu é que és o meu prazer, Ó minha salva de prata! (Serpa, CPP II, pág. 22)	§II-287 Há quatro dias com hoje Que nem janto nem almoço; Alembra-me o meu amor... Vou para comer, não posso! (Mação, CPP II, pág. 26)	§II-309 O céu está cheio de estrelas, O campo de lírios verdes, O coração meu de saudades De te ver tão poucas vezes. (Évora, CPP II, pág. 28)
§II-254 A folhinha da oliveira Não é larga nem comprida, Só nela posso escrever Saudades de uma amiga. (C. Branco, CPP II, pág. 23)	§II-289 Hei-de me meter num poço Onde haja cobras vivas; Que eu não posso aturar Saudades tão activas. (T. Moncorvo, CPP II, pág. 26)	§II-313 O limoeiro é verde, De verde nasce o limão; Uma fachada tem cura, Uma soidade não. (Baião, CPP II, pág. 28)
§II-269 Chova água, cresça o rio, Arrasem-se os olivais, Venha o vento e me leve Lá para onde vós estais.	§II-291 Indo eu pelo mar fora, Donde esta terra não via, Lembrei-me a fonte da rocha, E água que nela bebia. (Ilha S. Jorge, CPP II, pág. 26)	§II-320 O meu coração é terra Hei-de mandá-lo cavar Para semear saudades
	§II-294	

Que tenho de te falar. (Barcelos, CPP II, pág. 28)	§II-344 Saudade, saudade, Saudade é uma flor; Saudade tenho eu De não ver o meu amor. (Nisa, CPP II, pág. 31)	Agora, por meus pecados, Água turva beberei. (Barcelos; P. Lima, CPP II, pág. 34)
§II-321 É meu girassol brilhante, Aberto ao meio-dia, Muitas saudades levo Dessa tua simpatia! (Cadaval, CPP II, pág. 29)	§II-345 Saudade, saudade, Saudade, linda flor, Eu tenho uma saudade Que ma deu o meu amor. (Nisa, CPP II, pág. 31)	§II-388 A arruda é aborrecida, Eu bem sei que te aborreço; Dize-me os erros que tenho, Que eu em mim num nos conheço. (P. Coura, CPP II, pág. 35)
§II-327 Os gomos da silva choram Lágrimas de cinco em duas; Também os meus olhos choram Por terem saudades tuas. (Moura, CPP II, pág. 29)	§II-350 Saudades são felores Que se colhem no jardim; As minhas para contigo Só à vista terão fim. (Vila Bispo, CPP II, pág. 31)	§II-393 A maçã do acipreste Abre, não amadurece. Esses teus olhos, menina, Logra-os quem os não merece. (Alcanena, CPP II, pág. 35)
§II-331 P'ra todo o mal há remédio Em se indo a qualquer botica, Só para a saudade não: Quem a tem com ela fica. (Avis, CPP II, pág. 30)	§II-360 'Stou longe de ti, meu bem, A tristeza me rodeia, A minha vida é'ma casa Às escuras, sem candeia. (Barcelos, CPP II, pág. 32)	§II-395 A oliveira do adro Que azeitona pode dar? A filha da cabaneira Que amores pode tomar? (Barcelos, CPP II, pág. 35)
§II-334 Pus-me a chorar soidades Ao pé duma fonte fria; Mais choravam os meus olhos Que água da fonte corria. (Évora; Moura, CPP II, pág. 30)	§II-370 Tenho dentro do meu peito Uma azenha de aguardente, Para distilar saudades Quando de ti for ausente. (Baião, CPP II, pág. 33)	§II-397 A salsa cresce p'rò ar, A hortelã no pé fica Não sei que amor é o teu, Que tanto me mortifica! (Resende, CPP II, pág. 35)
§II-341 Saudade é flor que nasce Entre as brenhas duma ausência, É regada com suspiros, Colhida com paciência. (Avis, CPP II, pág. 30)	§II-373 Todos os males se curam Com remédio da botica Só o mal da saudade Quem o tem, com ele fica. (Serpa, CPP II, pág. 33)	§II-398 A salsa verde na serra Verdeja com o travisco. O meu amor foi-me falso Como Judas foi a Cristo. (R. Monsaraz, CPP II, pág. 35)
§II-342 Saudade é uma flor Que em qualquer vaso aparece; Não há nenhuma que iguale A que meu peito padece. (C. Verde, CPP II, pág. 31)	§II-378 Uma facada tem cura Com remédio da botica Uma saudade não...	§II-400 À tua porta corre água, Pela outra corre vinho, Pela outra corre sangue Do meu amor, coitadinho. (s/i, CPP II, pág. 36)
§II-343 Saudade é uma flor Que se põe em qualquer vaso. Amor firme e verdadeiro Só se encontra por acaso. (Serpa, CPP II, pág. 31)	... (V. Real, CPP II, pág. 34)	§II-402 Abanei a laranjeira E a laranja não caiu. Hei-de-me bestir de preto, Que o meu amor me fugiu. (Baião, CPP II, pág. 36)
	§II-385 A água do rio vai turva, Eu não foi que a turvei;	

- §II-405
Acipreste, verde e triste,
Imagem da minha figura:
...
(s/i, CPP II, pág. 36)
- §II-410
Ai que belo tanque de água
Quem me dera aqui sabão
Para tirar uma nódoa,
Que eu trago no coração!
(s/i, CPP II, pág. 36)
- §II-424
Alto pinheiro ramudo,
Na ponta pinhas de prata;
...
(Algarve, CPP II, pág. 37)
- §II-425
Alto pinheiro redondo,
Pinhas não há quem lhas veja!
Oh que menina tão linda,
Não alcança o que deseja!
(Serra do Barroso, CPP II, pág. 37)
- §II-437
Apanhei um limão verde,
Atirei com ele ao mar;
Atirei com meu sentido
Onde não posso chegar!
(s/i, CPP II, pág. 38)
- §II-440
Arrimei-me ao pessegueiro,
Toda me enchi de felores;
Vejo-me tão pequenina,
Tão perseguida de amores.
(Avis, CPP II, pág. 39)
Var.: Ainda sou tão novinha,
Já me pretendem de amores – V.
Conde.
Var.: Vejo-me tão pequenina,
Já me falam em amores! – Porto.
- §II-441
Arrola o pombo, arrola a pomba,
Arrola, arrola, arrolador,
Tudo tem, só eu não tenho
Nesta terra o meu amor.
(Porto, CPP II, pág. 39)
- §II-445
As ondas do mar são verdes,
Tudo no mar é verdura;
Todos logram teus carinhos,
Só eu não tive ventura.
(B. Alta, 1891, CPP II, pág. 39)
- §II-446
As penas duma pombinha
Contadas são vinte e cinco,
Mas as penas que eu padeço
Conta-as Deus e eu as sinto.
(V. Conde, CPP II, pág. 39)
- §II-452
Atirei à pera parda,
Acertei na de baguim;
Todas as penas se acabam,
Só as minhas não têm fim!
(Tarouca, 1877, CPP II, pág. 40)
- §II-453
Atirei com balas de ouro
Àquele poço sem fundo;
Cuidei que tirava água,
Tirei enganoso do mundo!
(Felgueiras, CPP II, pág. 40)
Var.: Cuidei que tirava amores.
- §II-454
Azeitona cordovesa,
Já morreu quem te apanhava:
Agora virás a ser
Por este chão arrastada!
(Penacova, CPP II, pág. 40)
- §II-459
Canta o galo na gaiola,
A galinha no poleiro,
Passa-se a vida a cantar
E os presos no Limoeiro.
(Nelas, CPP II, pág. 40)
- §II-462
Cipreste dos vales,
Retiro dos passarinhos,
Bem retirada que eu ando,
Meu amor, dos teus carinhos!
(V. Alentejo, CPP II, pág. 40)
- §II-464
Coitadinho de quem nasce
Ao mundo, sem ter ventura:
É como o prato quebrado
Que atiram com ele à rua!
(Dão, CPP II, pág. 41)
- §II-473
Da figueira nasce o figo,
Do figo nasce a ciência;
No bom pano cai a nódoa,
Caiu em mim: paciência!
(s/i, CPP II, pág. 41)
- §II-475
Da minha janela à tua
Vejo uma silva de rosas;
Não te posso namorar
Por causa das invejosas!
(Faro, CPP II, pág. 42)
- §II-476
Daqui donde estou bem vejo
Correr as bicas e a fonte.
Ai de mim, que estou à morte
Tendo o remédio defronte.
(Moura, CPP II, pág. 42)
- §II-479
De encarnado veste a rosa,
De verde o manjeriço;
De branco veste a açucena,
De luto o meu coração.
(Alandroal; Amarante; Avis; Baião;
Braga; S. Bartolomeu Messines; V.
Real, CPP II, pág. 42)
- §II-480
De jinela em jinela
Olho eu p' rós altos montes;
Em dia que te num bejo
Meus olhos são duas fontes.
(Penaguião, CPP II, pág. 42)
- §II-481
De que serve a uma cativa
Comer em pratos de prata,
Ser presa com grilhões de ouro,
Se a liberdade lhe falta?
(V. Alentejo, CPP II, pág. 42)
- §II-482
De um vaso de violetas

Fiz um disfarce p'ró peito, P'ra disfarçar as desfeitas Que o meu amor me tem feito. (s/i, CPP II, pág. 42)	(V. Conde, CPP II, pág. 43)	(Loulé, CPP II, pág. 45)
§II-483 Debaixo da oliveira Não se pode namorar: Tem a folha miudinha Deixa passar o luar. (Minho, CPP II, pág. 42)	§II-492 Do céu caiu uma estrela Partiu o pé à açucena. Amei-te com muito gosto, Deixei-te com muita pena! (s/i, CPP II, pág. 43)	§II-521 Eu sou como a triste rola Quando os seus amores perde, Que anda de ramo em ramo, Nem água clara bebe! (Baião, CPP II, pág. 45)
§II-484 Debaixo desta ramada Videirinhas dão anéis: Por via de ti, menina, Padeço penas cruéis! (Alto Douro; A. Valdevez, CPP II, pág. 42)	§II-498 Esta noite choveu neve No gargalinho do poço; Todas as flores abriram, Só tu não, meu cravo roxo! (Nisa, CPP II, pág. 43)	§II-522 Eu subi à amendoeira Corri-a do pé à ponta; Quem eu quero, não me quer, Quem me quer não me faz conta. (Porto, CPP II, pág. 45)
§II-485 Deitei o limão correndo, Navegando foi ao fundo: Para mim já se acabaram Variedade do mundo. (Tarouca, CPP II, pág. 42)	§II-503 Eu devia de nascer Na maré do caranguejo. Quanto mais adiante olho, Quanto mais atrás me vejo! (Ilha S. Jorge, CPP II, pág. 44)	§II-525 Eu subi ao limoeiro, Pus o pé na lealdade, Arrisquei a minha vida P'ra te fazer a vontade. (S. Tirso, CPP II, pág. 46)
§II-486 Delicada pomba branca, Desejada teu bestido, Teu bestido é de penas, Im grandes penas eu bivo. (Gouveia, CPP II, pág. 42)	§II-506 Eu fui que acendi o lume Numa chaminé dourada, Eu fui a que reparti De amores... fiquei sem nada. (Vimioso, CPP II, pág. 44)	§II-526 Eu vivo triste, sozinha, Sem pai, sem mãe, sem ninguém, Só conheço a fome e o frio, Não conheço o que é o bem! (Ilha Terceira, CPP II, pág. 46)
§II-487 Dizeis que a vida é amarga, Quem vo-la deu a beber? Segredos deste meu peito Quem vo-los deu a saber?	§II-514 Eu não tenho pai nem mãe Nem nesta terra parentes; Sou filha das tristes ervas, Neta das águas correntes. (Douro; Feira; Maia; Portimão, CPP II, pág. 45) Var.: Sou filha das águas turvas – Portimão.	§II-530 Fui à fonte buber auga Na casca da melancia; Nem bubí, nem trouxe auga, Nem falei com quem queria. (Baião, CPP II, pág. 46)
§II-488 Dizem que a folha do trigo É maior que a da cevada, Também a minha amizade Ao pé da tua é dobrada. (s/i, CPP II, pág. 43)	§II-515 Eu perdi os meus anéis Entre a folha do serpão. Eu sou mesmo uma perdida. Perco tudo o que me dão! (Montalegre, CPP II, pág. 45)	§II-531 Fui à fonte das três bicas Dará mão à liberdade; 'Stava vária do juízo Quando te fiz a vontade! (Baião, CPP II, pág. 46)
§II-490 Do alto desse teu peito Ouvi cantar a perdiz; Dos amores que tiveste Eu fui o mais infeliz.	§II-519 Eu sou a felor mais triste Que nasceu ao pé da vinha: Nada se faz neste mundo Que a culpa não seja minha!	§II-533 Fui ao monte à carqueja, Fiz um molho na açucena; Amei-te com tanto gosto, Deixei-te com tanta pena! (Barcelos, CPP II, pág. 46)
		§II-535

Hei-de deitar os meus olhos Àquele poço sem fundo; Olhos que não têm ventura De que me servem no mundo? (Avô, CPP II, pág. 46)	Com pena que tu me deixes. (Baião, CPP II, pág. 48)	§II-584 Minha maçã vermelhinha, Colhida no mês do Outono, É grande cegueira minha Amar a quem já tem dono. (P. Lima, CPP II, pág. 50)
§II-538 Hei-de-me deitar ao poço Onde me logo eu afogue; Já que o meu amor me deixa, Não quero que outro me logre. (Mangualde, CPP II, pág. 47)	§II-563 Já o meu faval tem favas, Já vai criando favinhas; Todos logram seus amores, Só eu 'stou a torcer linhas. (Portimão, CPP II, pág. 49)	§II-588 Namorei-me, foi meu gosto, A pouco chegou meu brio: De dia morro de fome, De noite estalo com frio. (Minho, CPP II, pág. 51)
§II-540 Hei-de subir ao loureiro E de lá hei-de clamar Que me fugiu a ventura Na maior força de amar. (s/i, CPP II, pág. 47)	§II-564 Já te disse, ó laranjeira, Que não desses mais felor: Posso passar sem laranjas Como passo sem amor. (Moura, CPP II, pág. 49)	§II-590 Não deites água ao vinho Que se turva na garrafa; De três amigas que tinha A mais leal me foi falsa... (Idanha-a-Nova, CPP II, pág. 51)
§II-543 Já as ervas do campo choram, Já as flores de mim têm dor, Só por ver a crueldade Com que me tratas, amor. (V. Conde, CPP II, pág. 47)	§II-572 Manjaricão da janela, Já meu peito foi teu vaso; Já lá tens outros amores, Já de mim não fazes caso! (Alandroal, CPP II, pág. 49)	§II-593 Não pensei que o lírio roxo Ao pé da água secasse; Não pensei que o meu amor Sem motivos me deixasse. (Moura, CPP II, pág. 51)
§II-545 Já fui cetim e veludo, Primavera, mais limiste, Agora sou violeta daquela roxa, mais triste. (V. Conde, CPP II, pág. 47)	§II-573 Manjaricão é mimo, Eu também já fui mimosa; Se não 'stivesse sentida, Não me mostrava queixosa. (Mogadouro, CPP II, pág. 49)	§II-612 Ó acipreste do adro, Não ensombre 'la igreja Bem ensombrada anda Quem não logra o que deseja. (Baião, CPP II, pág. 52)
§II-550 Já na praça nascem silvas, Já não há passeadores, Já não há quem por 'qui veja Passea 'los meus amores. (Moura, CPP II, pág. 48)	§II-575 Maria, minha Maria, Maria, meu ai-Jesus, No dia que te não vejo, Nem a candeia dá luz! (s/i, CPP II, pág. 49)	§II-613 O acipreste verde é mimo, Eu também já fui mimosa; ... (Mação, CPP II, pág. 53)
§II-551 Já não há quem queira dar Um limão por um vintém Para tirar uma nódoa Que este meu coração tem. (Algarve, CPP II, pág. 48)	§II-576 Mê coração veste luto, Minha alma, damasco preto; Passo penas encobertas Causadas por teu respeito. (Alandroal, CPP II, pág. 50)	§II-617 O amieiro do rio Também tem a sua dor: ... (M. Canaveses; Mesão Frio, CPP II, pág. 53)
§II-560 Já o mar anda de luto, Que le morreram nos peixes; Assim trago o coração	§II-583 Minha coleirinha nova, Infiada ao calor, Todo o meu brio guardei Para o dar a um pastor. (Idanha-a-Nova, CPP II, pág. 50)	§II-622 Ó coração, pede, pede Terra para um pomar: Já que os meus olhos se obrigam

A dar-te água p'ró regar. (Vilar Seco, c. de ?, CPP II, pág. 53)	Ó minha pombinha branca, Empresta-me o teu vestido; Inda que seja de penas Eu de penas também vivo. (Penaguião; C. Rainha; Mesão Frio; Lamego, CPP II, pág. 55)	Os gomos da silva choram Lágrimas de quatro em cinco. As penas que eu por ti passo Deus sabe se eu as sinto. (Moura, CPP II, pág. 57)
§II-626 Ó fonte, que estás chorando, Não tardarás a secar, Mas os meus olhos são fontes Que não param de chorar. (Lisboa; Resende, CPP II, pág. 53)	§II-645 Ó moreirinha do adro, Tens a folha ò cai, cai; Por causa de ti, menina, Enganei eu o meu pai. (A. Fé, CPP II, pág. 55)	§II-685 Passei pelo pessegueiro, Toda me enchi de felores Tão pequenina que eu sou, Tão perseguida de amores! (Portimão, CPP II, pág. 58)
§II-627 Ó grades do Limoeiro, Sepultura de homens vivos! ... (Portimão; Porto, CPP II, pág. 54)	§II-647 Ó oliveira do adro, Num ensombre'la igreja; Bem assombradilha anda Quem não logre o que deseja. (Baião, CPP II, pág. 55)	§II-688 Pomba que vai à rocha, Desmói a pedra co'o bico, Só não pode desmoer Coisas que o meu bem tem dito. (Ilha Graciosa, CPP II, pág. 59)
§II-628 O limão tira o fastio, A laranja o bem-querer; Tira de mim o sentido, Se me queres ver morrer. (Bragança, CPP II, pág. 54)	§II-654 O que cantas, passarinho, Nesse verde limoeiro? Cantas tua liberdade E é canto o meu cativoiro. (Lagoa, CPP II, pág. 56)	§II-691 Por'mor do limão, Do verde limão, Perdi a menina Do meu coração. (A. Valdevez, CPP II, pág. 59)
§II-629 O loureiro é pau preto Que se cria nos quintais; Bem qu'ria que me esquecesses, Cada vez me lembrás mais! (s/i, CPP II, pág. 54)	§II-670 Oh, vida da minha vida, Oh, vida do sim ou não! Fugiu-me a minha pombinha, Deixou-me as penas na mão! (s/i, CPP II, pág. 57)	§II-737 Relógio que dás as onze, Porque não dás o meio-dia? Fazes andar meu amor Sem jantar em todo o dia. (Mação, CPP II, pág. 62)
§II-631 O mar pediu a Deus peixe Para andar acompanhado. Quando o mar quer companhia, Que fará um desgraçado? (s/i, CPP II, pág. 54)	§II-671 Oliveiras, oliveiras, Oliveiras, olivais, Trago o coração mais negro Que a azeitona que vós dais. (Guarda; T. Moncorvo, CPP II, pág. 57)	§II-740 Salgueiro à borda de água, Onde o rio faz remanso; ... (Alcanena, CPP II, pág. 63)
§II-636 O meu coração é sala Onde passeia a açucena; Amei-te com tanto gosto, Deixei-te com tanta pena! (Sertã, CPP II, pág. 54)	§II-672 Oliveiras, oliveiras, Querem dizer olivais; Valem mais as minhas penas Que a azeitona que vós dais. (A. Fé; T. Moncorvo, CPP II, pág. 57)	§II-741 Salsa verde, atrepa, atrepa, Que a hortelã alta fica; Não sei que amor é o teu, Que tanto me mortifica. (Baião, CPP II, pág. 63)
§II-637 O meu coração é tanque, Cheio de água, mete medo; Abre-te, ó coração, Vai regar o arvoredado. (A. Fé, CPP II, pág. 54)	§II-674	§II-742 Salsa verde tenho eu Nas pedras do meu jardim; Todas as penas se acabam, Só as minhas não têm fim!
§II-643	§II-674	

(Beira, CPP II, pág. 63)	§II-774	Ao cipreste verde escuro
§II-748	Tenho à minha janela	Minhas penas contar quis,
Se eu soubera quem tu eras	Um ramo de violetas;	Mas as lágrimas partiram-no
Ou quem tu vinhas a ser,	...	E secaram-lhe a raiz.
Mandava vir da botica	(V. Conde, CPP II, pág. 66)	(V. Alentejo, CPP II, pág. 69)
Remédio para morrer.	§II-787	§II-824
(s/i, CPP II, pág. 63)	Todas as nódoas se tiram	Chora a flor da laranjeira
§II-760	Com água limpa e sabão;	Lágrimas de três em duas;
Semear e não colher	Só não há nada que tire	Também os meus olhos choram
É que atrasa o lavrador;	As nódoas do coração.	Tantas ausências tuas.
Também eu'stou atrasado	(C. Beira, CPP II, pág. 67)	(Avis, CPP II, pág. 70)
Em falar ao meu amor.	§II-794	§II-825
(Idanha-a-Nova, CPP II, pág. 64)	Tu dizes, eu acredito	Chora a rosa na roseira,
§II-761	Que a felor da malva é roxa.	Choram os peixes no mar,
Semei e não colhi,	Todas fazem o delíto,	Choro eu de não poder
Se colhera, melhor fora;	Só eu carrego co'a trouxa.	Minha paixão disfarçar.
Arrisquei a minha vida	(Crato, CPP II, pág. 67)	(C. Verde, CPP II, pág. 70)
Por amor duma senhora.	§II-804	§II-826
(S. Tirso, CPP II, pág. 64)	Vós dizeis que neva, neva,	Chora a videirinha
§II-762	Na folha da verde couve,	De cima da lata;
Semei, não recolhi,	Eu também digo que neva	Chora o meu amor,
Bem pudera recolher:	No coração de quem me ouve.	Chora que se mata.
Semei os teus carinhos,	(C. Basto, CPP II, pág. 68)	(P. Lima, CPP II, pág. 70)
Não me quiseram nascer.	§II-806	§II-838
(Penaguião; P. Lima, CPP II, pág. 65)	A ponta da vide chora	Das ervinhas que há no monte
§II-763	Lágrimas a seis e seis;	O sargaço é o rei;
Semei um cravo branco,	Também os meus olhos choram;	Chorastes por mim, amor,
Nasceu-me um cravo encarnado;	A causa bem na sabeis.	Chorastes, que eu bem no sei.
Fui procurar-te inocente,	(Tarouca, CPP II, pág. 68)	(Baião, CPP II, pág. 71)
Caí contigo em pecado...	§II-808	§II-844
(Melgaço, CPP II, pág. 65)	Ainda hoje não comi	Eu fui-me a chorar saudades
§II-770	Senão lágrimas com pão:	Ao pé duma fonte fria.
Sou quelara como a água,	Isto são os almocinhos	Mais choravam os meus olhos
Moro no centro da areia;	Que os meus amores me dão.	Que a água da fonte corria.
Sou leal a todo o mundo,	(s/i, CPP II, pág. 69)	(Albufeira, CPP II, pág. 72)
Todo o mundo me falseia.	Var.: Estes são os bons manjares –	§II-848
(Baião; Mirandela, CPP II, pág. 65)	V. Velha Ródão.	Eu sou como a triste rola
§II-772	§II-811	Quando os seus amores perde:
Tanto limão, tanta lima,	Anda cá se queres água,	Anda de ramo em ramo,
Tanta laranja no chão;	Que meus olhos ta darão.	Nem água quelara bebe!
Tanta menina bonita,	Ela é pouca, mas é clara,	(s/i, CPP II, pág. 72)
Nenhuma na minha mão!	Nascida do coração.	§II-850
(Baião; P. Lima, CPP II, pág. 65)	(Alentejo; V. Velha Ródão, CPP II, pág. 69)	Fui à fonte buscar água,
§II-815	§II-815	Trouxe lágrimas no cântaro;
		Não quero mais amores,

Que deixá-los custa tanto! (s/i, CPP II, pág. 72)	§II-889 O meu amor foi-se, foi-se, Não me deixou que comer; Deixou-me nas minhas faces Duas fontes a correr. (A. Fé, CPP II, pág. 76)	§II-905 Pus-me a chorar saudades, Ao pé duma fonte fria, Mais choravam os meus olhos Que a água da fonte corria. (Évora; Moura; Sertã, CPP II, pág. 77)
§II-854 Há três dias que não como Senão lágrimas com pão; São estes os alimentos Que os amores me dão. (V. Conde, CPP II, pág. 73)	§II-890 O meu coração é tanque, Cheio de água mete medo; Abra-se o meu coração, Regue-se o teu arvoredro. (Alvaiázere; Baião; Vimioso, CPP II, pág. 76) Var.: Cheio de lágrimas.	§II-915 Se eu soubesse, não te amava Nem ei ti fazia gosto, 'Scusava de agora ter Duas fontes no meu rosto. (Nisa; V. Velha Ródão, CPP II, pág. 78)
§II-856 Lágrimas ao pôr da mesa, Suspiros ao levantar! Diga-me, ó minha menina, Por quem é tanto chorar. (B. Alta, Diário Notícias, 1881, CPP II, pág. 73)	§II-891 O olho da vide chora Lágrimas de seis a seis; Também os meus olhos choram, A causa bem a sabeis. (s/i, CPP II, pág. 76)	§II-930 Tenho sede, tenho água, Tenho uma fonte de meu; Tenho água nos meus olhos, Tanta lhes não qu'ria eu. (Alvaiázere, CPP II, pág. 79)
§II-857 Lágrimas são meu almoço, Janto suspiros e dores, À tarde merendo ais, À noite ausência de amores. (V. Conde, CPP II, pág. 73)	§II-895 Os gomos da silva choram Lágrimas de cinco em duas; Também os meus olhos choram Por terem soidades tuas. (Moura, CPP II, pág. 76)	§II-931 Tenho uma escada em mê peto Toda fêta de abrolhos, Por onde as lágrimas sobem Do coração para os olhos. (Algarve, CPP II, pág. 79)
§II-860 Meu coração é um tanque, Cheio de água mete medo: Abre-te, meu coração, Vai regar o arvoredro! (s/i, CPP II, pág. 73)	§II-900 Os meus olhos são dois peixes Que nadam numa lagoa; Choram lágrimas de sangue Por uma certa pessoa... (A. Valdevez; Baião; Lamego, CPP II, pág. 76)	§II-935 Vejo-te correr, ó auga, E não te vejo nascer; Vejo-te chorar, menina, E não te posso valer. (V. Real, CPP II, pág. 79)
§II-869 Não olheis para a noqueira, Que tem as nozes cortadas, Olhai cá para o meu rosto Todo cheio de bagadas. (Baião, CPP II, pág. 74)	§II-901 Os meus olhos se obrigaram Ao que eu nunca me obriguei: A dar água todo o ano Para o chafariz do rei. (s/i, CPP II, pág. 77)	§II-938 A pomba que está soidosa Suspira na solidão; Eu também suspiro dei Na nossa separação. (Baião, CPP II, pág. 80)
§II-881 Ó coração, pede, pede Terra para um pomar; Os meus olhos se obrigam A dar água p'ró regar. (V. Alentejo, CPP II, pág. 75)	§II-904 Pus-me a chorar saudades Ao pé do triste sargaço, A flor me respondeu: - Tu choras por quem te é falso. (Montalegre, CPP II, pág. 77)	§II-946 Considera, amor, que eu durmo Numa cama de junquinhos, Adormeço a dar ais, E acordo a dar suspiros. (Penaguião, CPP II, pág. 80)
§II-882 Ó fonte, que estás correndo, Não tardarás a secar, Mas os meus olhos são fontes Que não param de chorar. (s/i, CPP II, pág. 75)		

§II-954 Dei um ai que fez tremer A raiz à pionia. Matam-me os sonhos de noite E as saudades de dia. (Bragança, CPP II, pág. 81)	Que dissesse ao meu amor: - Tira-te dessa poeira! (Avis, CPP II, pág. 83)	(Nisa, CPP II, pág. 87)
§II-958 Erva cidreira no monte É retiro dos pardais; Lembre-se dos meus suspiros, Que eu me lembro dos seus ais! (Melgaço, CPP II, pág. 81)	§II-987 Se os pires caem no chão Fazem grande traquinada; Eu bem sei quem dá suspiros Sem lhe valerem de nada. (P. Sor, CPP II, pág. 84)	§II-1030 A carta que te mandei Foi escrita à candeia; ... (V. Velha Ródão, CPP II, pág. 87)
§II-971 No tronco da verde faia O teu nome fui gravar, A mesma faia chorou Só por me ver suspirar. (Ilha Graciosa, CPP II, pág. 82)	§II-1003 Suspiros e ais e dores, 'Maginações e cuidados É o manjar dos amores Quando vivem ausentados. (C. Daire, 1878; Mangualde; Nespereira, CPP II, pág. 85)	§II-1031 À oliveira da serra Dá-lhe o vento, leva a flor; Só a mim ninguém me leva Cartinhas ao meu amor! (Alcobaça; V. Real, CPP II, pág. 87)
§II-973 O loureiro é pau verde Que nasce pelos quintais; À tua porta, menina, Se dão repetidos ais. (B. Alta, CPP II, pág. 82)	§II-1004 Suspiros e ais e penas, 'Maginações e cuidados É o manjar dos amantes, A amargura dos casados. (V. Conde, CPP II, pág. 85)	§II-1032 A pena com que te escrevo Não é de nenhum pavão: Foi criada e nasceu Dentro do meu coração. (C. Verde; Tarouca, CPP II, pág. 87)
§II-975 Ó meus mansos cordeirinhos, Que em altos montes pastais, Deixai vós a tenra erva, Vinde ouvir meus ternos ais. (Ilha S. Miguel, CPP II, pág. 83)	§II-1006 Suspiros me põem na mesa, Lágrimas é meu comer; Com suspiros me sustento Até o tornar a ver. (s/i, CPP II, pág. 85)	§II-1039 Antes que canto bem alto, O meu amor não me ouve: Hei-le mandar escrever Numa folhinha de couve. (Lamego, CPP II, pág. 88)
§II-976 O serpão é miudinho, Eu bem o amiudei, Desde muito pequenino, Sempre por ti suspirei. (P. Lima, CPP II, pág. 83)	§II-1007 Suspiros, prantos e ais, Lamentações e cuidados São o manjar dos amantes Quando vivem separados. (semanário O Algarve, 1915, CPP II, ... pág. 85)	§II-1047 Carta, vai onde te eu mando, Àquelas mãos de marfim; ... (Tarouca, CPP II, pág. 89)
§II-978 Passei pela tua porta Pela cantada do galo; Ouvi-te dar um suspiro, Meu coração deu um'stalo. (Mogadouro, CPP II, pág. 83)	§II-1025 A carta que me escreveste Deitei-a p'ra trás do lume: Se me tornas a escrever Já sabes o meu costume. (Nisa, CPP II, pág. 87)	§II-1053 Com a pena do pavão E o sangue da cotovia ... (V. N. Gaia, CPP II, pág. 89)
§II-983 Quem me dera dar um ai Que chegasse àquela eira,	§II-1026 ... Faltava-le pôr no meio Uma rosa encarnada.	§II-1054 Com a pena do pavão E o sangue do rouxinol ... (Feira; V. N. Gaia, CPP II, pág. 89)
		§II-1055 Com a pena do pavão E o sangue das minhas veias ... (s/i, CPP II, pág. 89)

- §II-1056
Com a pena do pavão
Escrevi no pé da rosa
...
(Tarouca, CPP II, pág. 89)
- §II-1062
Escrevera-te eu um carta,
Assim tu souberas ler:
Mas tu dá-la a ler a oitre,
Sabem no nosso viver.
(Minho, CPP II, pág. 90)
Nota: «Em várias quadras das Cartas nota-se a situação dolorosa de analfabetos.»
- §II-1075
...
Com a pena do pavão
E o sangue da cotovia.
(s/i, CPP II, pág. 91)
- §II-1079
Já não há papel nas lojas
Nem tinta nas olarias
Nem aves que deitem penas
Para escrever simpatias.
(Serpa, CPP II, pág. 91)
- §II-1080
Já não há papel nas lojas
Nem tinta pelos conventos
Nem aves que deitem penas
Para escrever sentimentos.
(Serpa, CPP II, pág. 91)
- §II-1086
Malo haja pai e mãe
Que ensinam filhas a ler!
'Screvem cartas aos amores,
Deitam casas a perder.
(s/i, CPP II, pág. 92)
- §II-1090
Morreu-me a minha pombinha,
Já não tenho portador
Que me vá levar recados
A casa do meu amor.
(s/i, CPP II, pág. 92)
- §II-1091
Não me mandes cartas,
Cartas são papéis;
Não quero que gaste
Esses tantos réis.
(Trás-os-Montes, CPP II, pág. 92)
- §II-1094
Nesta terra não há tinta
Nem papel que tenha cor
Nem ave que tenha pena
Para escrever ao amor.
(s/i, CPP II, pág. 92)
- §II-1097
O meu amor é de longe,
Indes que eu cante, não ouve.
Hei-de-lhe mandar'screver
Numa folhinha de couve.
(O. Azeméis, CPP II, pág. 93)
- §II-1098
O meu amor está longe,
'Stá lá longe, não o vejo.
Hei-de mandar-lhe uma carta
Na folhinha dum poejo.
(R. Monsaraz, CPP II, pág. 93)
- §II-1100
Ó meu amor, se te fores,
Escreve lá do cantinho,
Se não tiveres papel,
Nas asas dum passarinho.
- Da cabeça faz tinteiro,
Do bico, pena aparada,
Dos olhos, letra redonda,
Das asas, carta fechada.
(Barcelos, CPP II, pág. 93)
- §II-1104
Ó minha pombinha branca,
Lá levas na tua guia
Uma carta que eu'screvi
Ao meu amor de algum dia.
(s/i, CPP II, pág. 93)
- §II-1106
O papel em que te escrevo
Tirei-o à amendoeira
Para ver se tu me escreves
No paquete da carreira.
(s/i, CPP II, pág. 94)
- §II-1108
Passa água pelo mar
E raminhos de alecrim;
Já não tenho quem me leve
Cartinhas ao Joaquim.
(Baião, CPP II, pág. 94)
- §II-1110
Pomba, leva-me esta carta
Nas asas, nêja no bico:
Pomba, quando lá chegares,
Abre as asas, dá um grito!
(Ilha S. Miguel, CPP II, pág. 94)
- §II-1128
Se soubesse escrever na água,
Como escrevo na areia,
Escrevia-te uma carta
À luz da candeia.
(V. Velha Ródão, CPP II, pág. 95)
- §II-1135
Vai, carta, adonde eu te mando,
Àquelas mãos de marfim:
...
(Tarouca, CPP II, pág. 96)
- §II-1143
Vai, pombinha venturosa,
Àquelas mãos de marfim,
Conta-lhe a minha paixão,
Dá-lhe um abraço por mim.
(V. Conde, CPP II, pág. 97)
- §II-1144
Vai, pombinha venturosa,
Às mãos do meu bem parar,
Vai, ditosa, possuir
O que eu não posso lograr.
(V. Conde, CPP II, pág. 97)
- §II-1150
Vai-te, carta, vai-te, carta,
Nas asinhas duma pomba,
Vai dizer ao meu amor
Que depressa me responda.
(C. Beira, CPP II, pág. 97)
- §II-1167
A hortelã é crueza,
Menina, não seja crua;

Seu pai não a mete a freira, Aceite quem a procura. (V. Alentejo, CPP II, pág. 99)	... (V. Alentejo; Porto, CPP II, pág. 101)	§II-1219 Dá-me da pera madura, Da maçã um bocadinho, Da laranja só um gomo, Dos teus olhos um jeitinho. (s/i, CPP II, pág. 103)
§II-1176 Menina, que está à jinela Olhando para quem passa, Tem olhinhos de cadela: Venha comigo à caça. (Feira, CPP II, pág. 99)	§II-1198 Amor, pela tua vida, Pelo leite que mamaste, Nunca digas a ninguém O que comigo passaste. (Mogadouro, CPP II, pág. 101)	§II-1222 Dá-me uma gotinha de água, Dessa que eu ouço correr; Entre silva e mentrastos Alguma pinga há-de haver! (C. Verde, CPP II, pág. 103)
§II-1182 Ó minha bela menina, Vamos à praia pescar; Eu serei o camisinho, Vós, o peixinho do mar. (Ilha S. Jorge, CPP II, pág. 100)	§II-1203 Antoninho, cravo roxo, Não venhas ao meu quintal, Que te querem dar um tiro, Não te posso ver matar. (Penaguião, CPP II, pág. 102)	§II-1223 Dá-me uma pinguinha de água Da fontinha do outeiro, Que me não saiba ao lodo Nem à raiz do loureiro. (Coimbra, CPP II, pág. 103)
§II-1185 Pastorinha, vem comigo, Amores meus, Dêx'ò gado, dêx'à serra, Pastorinha, adeus, adeus. (Beja, CPP II, pág. 100)	§II-1204 Antre pedras e pedrinhas Auga deve de nascer: Menina, que está na fonte, Queira-me dar de beber. (Baião, CPP II, pág. 102)	§II-1225 Debaixo da trovisqueira Passa a perdiz o calor; Já que me deitaste em fama, Não me percas o amor. (s/i, CPP II, pág. 104)
§II-1186 Pinheiro, dá-me uma pinha, Ó pinha, dá-me um pinhão! Menina, dá-me os teus olhos, Que eu dou-te o meu coração! (M. Canaveses; P. Lima; Rio Maior, CPP II, pág. 100) Var.: Menina, dá-me os teus braços – Minho.	§II-1205 Aqui estou à tua porta Como o molhinho da lenha; 'Stou à espera da resposta Que da tua mão me venha. (Feira, CPP II, pág. 102)	§II-1227 Deitei o limão correndo, Olhem onde ele parou! Menina, dá-me uma fala, Que há três horas aqui estou. (V. Alentejo, CPP II, pág. 104)
§II-11887 Se for da tua vontade, Assim como é da minha, Era bem que se ajuntasse O relão co'a farinha... (s/i, CPP II, pág. 100)	§II-1206 Aqui tens este raminho De alecrim por aparar; Se tens outros amores, Manda-me desenganar. (P. Coura, CPP II, pág. 102)	§II-1232 Esta ramada tem uvas, Quem tem uvas, tem que dar. Bem podias tu, menina, De soldado me livrar. (Mesão Frio, CPP II, pág. 104)
§II-1193 Açucena com pé de oiro Sustenta rama de prata; Menina, deia os seus olhos A quem por eles se mata. (Lamego, CPP II, pág. 101)	§II-1211 Bem me vês que sou pobrezinho, Dá-me de esmola... um sorriso; ... (V. Alentejo, CPP II, pág. 102)	§II-1234 Eu já tenho as solas rotas De tanto ir aos medronhais; Menina, que há-de ser minha, Não mas faça romper mais. (Idanha-a-Nova, CPP II, pág. 104)
§II-1195 Alto pinheiro redondo Com um fio de oiro ao pé,	§II-1216 Debaixo da oliveira Nem chove nem faz orvalho; Menina, se há-de ser minha, Não me dê tanto trabalho. (C. Rainha, CPP II, pág. 103)	§II-1235 Eu pintei num pessegueiro Cinco letras de ouro fino;

Não me mates com rigor, Que eu morro com desatino. (s/i, CPP II, pág. 104)	§II-1262 Na horta se apanham couves, No mar se apanham sardinhas;	Minha doce companhia, ... (Norte, CPP II, pág. 108)
§II-1237 Francisquinho, maçã doce Criada na macieira, Não te cases, Francisquinho, Enquanto eu for solteira. (Covilhã, CPP II, pág. 105)	Dá-me os teus olhos inteiros, Não mos dês às migalhinhas. (s/i, CPP II, pág. 107)	§II-1286 Ó lampião da esquina, Alumeia cá p'ra baixo, ... (P. Lima, CPP II, pág. 109) Var.: Ó Senhora da Alumieira Mandai acender o facho... - Beira.
§II-1238 Fui à vinha rabiscar, Quatro bagos encontrei, Ó meu amor, não me deixes, Que eu inda te não deixei! (Alandroal, CPP II, pág. 105)	§II-1265 Não corte'la oliveira Nem l'assentes o podão; À sombra da oliveira Descansa o meu coração. (C. Rainha, CPP II, pág. 107)	§II-1289 O mar pediu a Deus peixes, Para dar ao pescador; Eu peço a Deus ventura Para dar ao meu amor. (B. Baixa, CPP II, pág. 109)
§II-1242 Jasmim à borda do rio É coisa que nunca vi; Não percas o amor, Que eu inda não to perdi. (Tavira, CPP II, pág. 105)	§II-1266 Não cortes a videirinha Que sai da tua janela, Qu'ê a escada do amor Que sobe e desce por ela. (P. Coura, CPP II, pág. 107)	§II-1295 ... A folha do almo vira, Eu inda me não virei. (Feira, CPP II, pág. 109)
§II-1243 Loureiro, verde loureiro, Cobre-me com tua sombra, Que eu roubei uma menina Não tenho donde a esconda. (B. Baixa, CPP II, pág. 105)	§II-1267 Não deites água no copo Que cria lodo no fundo; Amor, não ames a outra Enquanto eu viver no mundo. (Aljustrel, CPP II, pág. 107)	§II-1300 - Ó minha Rosa da Vinha, Dá-me cá um cacho de uvas. - Ó meu cravo-almirante, Ind'as cá não há maduras. (Rio Maior, CPP II, pág. 110)
§II-1249 Menina, que está à janela Com o pucarinho na mão, Dê-lhe volta, se tem água, P'ra regar meu coração. (s/i, CPP II, pág. 105)	§II-1272 Nesta rua há negrilhos, Onde há negrilhos há sombra; Bem puderas tu, menina, Sair comigo à ronda. (s/i, CPP II, pág. 107)	§II-1302 O serpão é miudinho Nasce no meio do cravo; Se tu tens outros amores, Não me enganes, que é pecado. (Tarouca, CPP II, pág. 110)
§II-1252 Menina, que está à janela, Está comendo pão e queijo; Faça da boca pistola, Atire-me cá um beijo. (Mangualde, CPP II, pág. 106)	§II-1274 Ó alto do lírio roxo, Cobre-me com tua sombra; Eu roubei uma menina, Não tenho onde a esconda. (Baião; Porto, CPP II, pág. 108)	§II-1303 Ó vida da minha vida, Castanhas ao assador; Anda lá por onde queiras, Não me percas lo amor. (Tarouca, CPP II, pág. 110)
§II-1261 Minha perpétua amarela, Disposta em altas torres, Dá liberdade òs meus olhos Que nim de olhar são senhores. (C. Branco, CPP II, pág. 106)	§II-1279 Ó cana verde da Índia, Regada com violência! Ó meu amor, se tens alma, Mete a mão na consciência! (Mogadouro, CPP II, pág. 108)	§II-1308 Pereira, dá-me uma pera, Moreira, dá-me uma amora, Dê-me uma fala, menina, Que me quero ir embora. (s/i, CPP II, pág. 111)
	§II-1285 Ó José, ó Josezinho,	

§II-1309 Pinheiro, dá-me uma pinha, Ó pinha, dá-me um pinha; Menina, dá-me o teu sim, Que eu dou-te o meu coração. (s/i, CPP II, pág. 111)	(V. Alentejo, CPP II, pág. 113)	Enquanto o mundo for mundo Não temas que eu te deixe. (P. Coura, CPP II, pág. 114)
§II-1318 Se a salsa é crueza, Menina, não seja crua; Seu pai não a quer p'ra freira, Aceite quem a procura. (s/i, CPP II, pág. 111)	§II-1332 Alecrim, alecrim dourado Nasce no mato sem ser semeado. Muito te quero e hei-de querer Quando vieres para o meu poder. Alecrim, alecrim de Viana Nasce no mato sem flor nem rama. ... (V. Alentejo, CPP II, pág. 113)	§II-1352 Debaixo da murta fina 'Stá um amor a chorar: Vale mais não prometer, Que prometer e faltar. (Baião, CPP II, pág. 115)
§II-1323 Se queres, pombinha branca, Comigo tomar amores, ... (Penafiel, CPP II, pág. 112)	§II-1337 Antes que o loureiro cresça, Ao céu não há-de chegar; Haja os enredos que houver, Eu não te hei-de deixar. (V. Alentejo, CPP II, pág. 113)	§II-1353 Dei um nó na veia de água, Ficou largo, desatou-se; Eu hei-de-te deixar de amar Quando o piorno for doce. (Avis, CPP II, pág. 115)
§II-1325 'Stou aqui à tua porta, Como o feixinho da lenha: 'Stou à espera da resposta Que da tua mão me venha. (V. N. Cerveira, CPP II, pág. 112)	§II-1338 Antoninho pede, pede, Eu não tenho que te dar; Eu darei-te um gacho de uvas, Quando meu pai vindimar. (Baião, CPP II, pág. 113)	§II-1358 Esta noite caiu orvalho Na folha di a morganiça; Eu hei-de ti amar, menina, Nem que seja por justiça! (s/i, CPP II, pág. 115)
§II-1326 Tendes olhos de pau preto, Sobrancelhas de oiro fino, Não me percas o amor, Que eu em ti não perco o tino. (C. Branco, CPP II, pág. 112)	§II-1339 Antoninho, pera doce, - Açúcar, quero dizer, - Toma conta do meu peito Se ele p'ra ti há-de ser. (Baião, CPP II, pág. 113)	§II-1376 Hei-de me ir esconder Numa roseira de armar, De todas me hei-de esquecer, Só de ti me hei-de lembrar. (Nisa, CPP II, pág. 117)
§II-1327 Tendes olhos, mercais olhos, Andais na mercadoria; Mercai-me também os meus Para a vossa companhia. (Penafiel, CPP II, pág. 112)	§II-1342 Ao loureiro, por castigo, Deu-lhe Deus a baga preta. Eu, prometendo, não falto: Pede a Deus que eu te prometa. (Minho, CPP II, pág. 114)	§II-1383 Menina da saia branca, Rodeirinha panasqueira, Eu hei-te de amar, menina, Cum'ò figo na figueira. (Baião, CPP II, pág. 117)
§II-1330 A roseira cardinal Dá rosas a oito e oito; ... (R. Monsaraz, CPP II, pág. 113)	§II-1349 Com as penas do pavão E o sangue da cotovia ... (s/i, CPP II, pág. 114)	§II-1389 Minha maçã vermelhinha Não a comi nem a dei; Tenho-a na minha caixa, Com ela te pagarei. (V. Conde, CPP II, pág. 118)
§II-1331 À sombra do alto freixo Não se recebem calores; ...	§II-1351 Debaixo da água lodo, Debaixo do lodo peixe,	§II-1390 Minha maçã vermelhinha, Que estás no ramo alto, Inda que sou rapaz novo Ao que prometo não falto. (s/i, CPP II, pág. 118)

- §II-1408
O trevo diz que se atreve
A comer a espiga ao trigo;
Também me eu hei-de atrever
A tomar amor's contigo!
(Baião, CPP II, pág. 119)
- §II-1411
Por mais que o loureiro cresça,
Ao céu não há-de chegar;
Por mais amores que eu tenha,
A ti não te hei-de deixar!
(B. Alta, CPP II, pág. 120)
- §II-1413
Quando o carvalho der nozes,
A parreira diamantes,
Então deixarei de amar
Os teus olhos tão galantes.
(Porto, CPP II, pág. 120)
- §II-1416
Salva verde requer gosto
E eu gosto faço de ti;
Quando deixar de te amar,
Considera que morri.
(P. Lima, CPP II, pág. 120)
- §II-1423
Se tu queres vir comigo,
Se comigo queres vir,
Comes aonde eu comer,
Dormes aonde eu dormir.
(Feira, CPP II, pág. 121)
- §II-1425
Si o meu bem me morrer
Depois da palavra dada,
Nem a terra me comia,
Nem outro amor me lograva.
(Avis, CPP II, pág. 121)
- §II-1429
Tenho uma laranja doce
O fundo do meu baú
Para dar ao meu amor.
Queira Deus que sejas tu!
(C. Branco, CPP II, pág. 121)
- §II-1433
Vou-te dar um raminho
- Se ele fosse de alecrim;
Vou-te dar a minha mão
Para séculos sem fim!
(s/i, CPP II, pág. 121)
- §II-1436
Coitadinho do meu pai
Que não tem senão a mim;
Furtaram-lhe os bois da corte,
Também me furtam a mim.
(V. Castelo, CPP II, pág. 123)
- §II-1445
Ó minha mãe, minha mãe,
Minha doce companhia,
...
- §II-1464
Eu quero bem ao cigarro,
Muito mais ao fumador;
Quem bem à minha sogra
Por ser mãe do meu amor.
(Penafiel, CPP II, pág. 126)
- §II-1465
Eu sou como o pão de ló,
Eu onde estou cheiro bem,
Só a mãe do meu amor
Não sei que raiva me tem.
(Feira, CPP II, pág. 126)
- §II-1469
Manjarico recortado
Dá-lhe o vento, troce a raminha;
Inda espero conhecer
Tua mãe por sogra minha.

Tua mãe por sogra minha,
Tua mana por cunhada;
Manjarico na janela
Com a folha recortada.
(Portimão, CPP II, pág. 126)
- §II-1471
Mariquinhas, teu pai deu-te,
Bem te podia matar,
Tinhas-le o caldinho feito,
A loucinha por lavar!
(Lamego; Minho, CPP II, pág. 127)
- §II-1474
- Minha mãe, batem à porta!
- Filha, vai ver quem é.
- Minha mãe, é o meu amor.
- Filha, traz lá o café.
(Arronches, CPP II, pág. 127)
- §II-1476
Minha mãe, case-me cedo,
Enquanto sou rapariga;
O milho sachado tarde
Não dá palha nem dá espiga.
(Minho; Nisa, CPP II, pág. 127)
- §II-1483
Minha mãe é minha amiga,
Quando coze, dá-me um bolo;
Quando eu lhe meto raiva
Dá-me com a pá do forno.
(Baião, CPP II, pág. 128)
- §II-1485
Minha mãe já não me ralha
Por dar falas ao loureiro,
Só diz que lhe hei-de achar
O seu dito verdadeiro.
(V. Real, CPP II, pág. 128)
- §II-1487
Minha mãe mandou-me à erva
De sapatos ao lameiro,
...
- §II-1488
Minha mãe mandou-me à erva
Eu à erva não hei-de ir:
...
- §II-1489
Minha mãe mandou-me à erva,
Eu erva não sei segar;
Mandou-me falar de amores
Eu de amor sei falar.
(s/i, CPP II, pág. 1489)
- §II-1490
Minha mãe mandou-me à fonte,
Eu parti a cantarinha,
Minha mãe não me bateu,
Por inda ser pequenina.
(s/i, CPP II, pág. 128)

- §II-1491
Minha mãe mandou-me à fonte
Pela hora do calor,
Eu quebrei a cantarinha
A dar água ao meu amor
- Ó minha mãe, não me bata,
Que eu inda sou pequenina,
Inda hei-de ganhar dinheiro
Para outra cantarinha.
(Mirandela, CPP II, pág. 128)
- §II-1494
Minha mãe, minha mãezinha,
O arroz leva canela:
O António da vizinha
Gosta de mim que se pela!
(Nisa, CPP II, pág. 129)
- §II-1499
Minha mãe quando me teve
Cuidava que estava rica.
Agora quer-me matar
Com remédios da botica.
(Baião, CPP II, pág. 129)
- §II-1514
Ó minha mãe, não me mande
A Coimbra vender pão,
Que eu sou padeirinha nova,
Padeirinha de feição.
(Cinfães, CPP II, pág. 130)
- §II-1516
Oh, que pinheiro tão alto,
Oh, que pinha tão corada!
Oh, que menina tão linda,
Quem ma dera p'ra cunhada!
(Minho, CPP II, pág. 131)
- §II-1517
Os pratos da cantareira
'Stão sempre talim, talim;
Bem no haja a minha mãe
Que os guardou para mim!
(Nisa, CPP II, pág. 131)
- §II-1518
Pessegueiro abanado,
Aqui'stá quem te abanou,
Aqui'stá quem por amores
- Pai e mãe, tudo deixou.
(Mangualde, CPP II, pág. 131)
- §II-1526
Tua mãe é bruxa,
Tê pai lobisome,
Tenho medo dele
E dela que me come.
(s/i, CPP II, pág. 131)
- §II-1527
A flor do carapeto
Ao longe a vista que faz!
Se me não amas por jeito,
À força não és capaz.
(C. Verde, CPP II, pág. 133)
- §II-1528
A folha da oliveira
É mais comprida que estreita;
Desengana o teu amor,
Não o tragas em suspeita.
(s/i, CPP II, pág. 133)
- §II-1529
A hortelã é crueza,
Menina, não seja crua,
Seu pai não na põe freira,
Aceite quem na procura.
(Baião, CPP II, pág. 133)
- §II-1530
A laranja caiu na água,
Tinha sede, foi beber;
Rapariga, não te cases
Que te deitas a perder.
(Mogadouro, CPP II, pág. 133)
- §II-1532
Adeus, 'çucena amorosa,
Que à minha ausência dás fim.
Dum ramalhete, uma rosa
Guarda sempre para mim.
(Serpa, CPP II, pág. 133)
- §II-1535
Altos montes, altas penhas,
Olivais com suas ramas,
Não dês ouvidos a queixas,
Não deixes de amar quem amas.
(Moura, CPP II, pág. 134)
- §II-1537
Amores d'ò pé da porta
Ninguém os queira tomar:
São como pintos de Inverno
Que estão sempre a piar.
(F. Algodres, CPP II, pág. 134)
- §II-1538
Antre pedras e pedrinhas
Nascem polinhas de salsa;
Ama a feia que é leal,
Deixa a bonita que é falsa.
(s/i, CPP II, pág. 134)
Var.: Pega-te à feia que é firme – V.
Conde.
- §II-1551
Eu fui ao jardim da nora
Colher a branca'çucena;
Considera, amor, agora;
Ao depois não tenhas pena.
(Redondo, CPP II, pág. 135)
- §II-1552
Eu já disse à laranjeira
Que não desse mais felor;
Podes passar sem laranjas,
Como eu passo sem amor.
(C. Verde, CPP II, pág. 135)
- §II-1554
Lá cima naquela serra
Está um pinheiro a arder;
Quem não souber namorar
Faça como vir fazer.
(Baião, CPP II, pág. 135)
- §II-1555
Lavrador, casai a filha
Que tirai-a da janela:
Que anda aí um gaio novo
Que não tira os olhos dela.
(Feira; V. N. Gaia, CPP II, pág. 135)
- §II-1565
Namora, casa-te logo,
Não sejas coma o Cartaxo,
Que foi namorar a cereja,
Caiu dum tranquinho abaixo.
(Peral, CPP II, pág. 136)
- §II-1567

Não deites água no copo, Que cria lodo no fundo. Não ames outros amores, Que eu inda existo no mundo. (Moura, CPP II, pág. 136)	(Moura, CPP II, pág. 138)	§II-1618 A azeitona miudinha Toda vai para o lagar; Toda a moça que é solteira Diz ao pai que quer casar. (Nisa, CPP II, pág. 147)
§II-1574 Ó António, lindo António, Não venhas ao meu quintal, Que te querem dar um tiro, Não te posso ver matar. (Serpa, CPP II, pág. 137)	§II-1591 Papagaio, pena verde, Não vás à fonte beber, Que te querem dar um tiro, Não te quero ver morrer. (P. Coura, CPP II, pág. 138)	§II-1619 A folha da lata cai, Eu bem a sinto cair; Se tu quer's casar comigo, A meu pai me vai pedir. (P. Coura, CPP II, pág. 147)
§II-1579 ... Ó menina, não se leve No rapaz que pisca o olho: Por cima se ceifa o trigo, Por baixo fica o restolho. (C. Rainha, CPP II, pág. 137)	§II-1594 Pediste-me uma maçã, Eu não sou a macieira; Vai pedi-la a meu pai Que é o dono da fruteira. (Cinfães, CPP II, pág. 138)	§II-1620 A folha da lata cai, Que eu bem a vejo cair: Se quiser's que eu seja tua, A meu pai me vai pedir. (V. N. Cerveira, CPP II, pág. 147)
§II-1584 Ó meu amor, tu não vás, Não vás à fonte beber, Que tens lá penas de morte Não te quero ver morrer. (Fragoso, CPP II, pág. 138)	§II-1595 Pus-me a chorar saudades À sombra do saragaço, Uma flor me respondeu - Não chores por que te é falso. (s/i, CPP II, pág. 139)	§II-1621 A perdiz anda no monte, Come da erva que quer, É como o rapaz solteiro Enquanto não tem mulher. (Mogadouro, CPP II, pág. 147)
§II-1586 Ó rosa de Alexandria, Vai-te deitar a dormir, ... (Montalegre, CPP II, pág. 138)	§II-1609 Tendes a parreira à porta, Bem a podes vindimar; Tendes o amor ao pé, Bem o podes estimar. (Nisa, CPP II, pág. 140)	§II-1622 A querujinha no monte Faz a cama na queiró, É como o moço solteiro: Faz a cama, dorme só. (s/i, CPP II, pág. 147)
§II-1588 O salgueiro co' o pé na água Tem as raízes no lodo; ... (Bragança, CPP II, pág. 138)	§II-1613 Toma lá esta laranja, Tira-lhe o sumo de dentro, Das cascas faz um barquinho, Embarca teu pensamento. (Alcoutim; Alvaiázere; Portimão, CPP II, pág. 140)	§II-1623 A rabaça com pé na água Sempre se está bandejando: É como a moça solteira Quando se está penteando. (Mação, CPP II, pág. 147)
§II-1589 O serpão é miudinho, Não se pode atar aos molhos; Menina, não se namore Do moço que empisca os olhos. (s/i, CPP II, pág. 138)	§II-1616 Vai-te deitar a dormir, Pássaro desaninhado, Inda não é meia-noite, Já os galos têm cantado. (V. N. Foz-Côa, CPP II, pág. 140)	§II-1631 Castanha e bolota É fruta do ar. Já te tenho dito: Não me quer' casar.
§II-1590 Oliveira da chapada Tem na folha miudinha. Faz o gosto à tua mãe: Namora a tua vizinha.	§II-1617 A alegria dum quinta É'ma verde laranjeira; A alegria dum mãe É ter'ma filha solteira. (Moura, CPP II, pág. 147)	§II-1631 Castanha e bolota É fruta do ar. Já te tenho dito: Não me quer' casar, Já to tenho dito; Quando eu morrer Quer' levar palmito.

(Nisa, CPP II, pág. 148)	(s/i, CPP II, pág. 150)	O serpão é miudinho, Tem na flor ao cai-cai; Vê lá se te não astreves A ser genro de meu pai. (s/i, CPP II, pág. 152)
Nota: «Quando morre uma rapariga virgem, colocam sobre o cadáver um palmito = ramo de flores artificiais.»	§II-1656 Lá em cima naquela serra Andam dois coelhos bravos; Já é tempo de se unirem Dois corações desejados. (V. Alentejo, CPP II, pág. 150)	§II-1686 Oh ai, oh ai! A folha da lata cai! Quem quiser casar comigo Vá-me pedir a meu pai! (Melgaço, CPP II, pág. 153)
§II-1637 Da janela donde eu'stou Vejo o pombal do meu sogro; Antes quero ver a filha Do que ver o pombal todo. (s/i, CPP II, pág. 149)	§II-1657 Limoeiro da calçada Tem nas folhas amarelas; - Ó pai, que tens duas filhas, Tens de me dar u(m)a delas. (Baião, CPP II, pág. 150)	§II-1694 Quem me dera ser figueira, Ser podada num jambujo! Quem me dera ser solteira, Namorada dum marujo!
§II-1641 Debaixo da malva-rosa Contratei meu casamento. Não pensei que a malva-rosa Tinha tanto mer'cimento! (Lamego, CPP II, pág. 149)	§II-1658 Mais valia ser figueira, Enxertada num valado, Que rapariga solteira Empregada num soldado. (Portimão, CPP II, pág. 150)	Quem me dera ser figueira, Ser podada num valado! Quem me dera ser solteira, Namorada dum soldado! (Faro, CPP II, pág. 153-4)
§II-1642 Este é o último ano Que eu colho a frança-mouta; P'rò ano já cá não venho: Minha vida já é outra. (Nisa, CPP II, pág. 149)	§II-1668 Namora, casa-te logo, Não sejas como o Cartaxo, Foi namorar a cereja Caiu dum tranquinho abaixo. (Cartaxo, CPP II, pág. 151)	§II-1706 Semeei um pinheirinho Na beira do teu telhado, Quando o pinheiro der pinhas Andarei ao teu mandado. (Barcelos, CPP II, pág. 155)
§II-1645 Eu tenho à minha janela Cinco réis há muito tempo Para te dar de pão branco No dia do casamento. (P. Coura, CPP II, pág. 149)	§II-1673 Nunca vi figueira negra Dar figos pela raiz; Nunca vi rapaz solteiro Cumprir as falas que diz. (Lagos, CPP II, pág. 152)	§II-1707 Tanto limão, tanta lima, Tanta silva, tanta amora, Tanta mocinha bonita Sem meu pai ter uma nora! (Ilha S. Miguel, CPP II, pág. 155)
§II-1647 Falei co'uma rapariga Como a felor da ervilha: A mãe bem me tem pedido Para eu casar com a filha. (s/i, CPP II, pág. 150)	§II-1677 O meu amor é de longe, É da terra da cebola, Falinhas quantas quiseses, Casar contigo... tó rola. (Barcelos, CPP II, pág. 152)	§II-1708 Tendes o cravo no peito, É sinal de casamento; Deixai-o cair ao chão Que o casar inda tem tempo. (Mogadouro, CPP II, pág. 155)
§II-1649 Fui ao jardim das solteiras, Entrei lá sem ser chamada; Vi lá a erva cidreira Ficar toda admirada. (V. Alentejo, CPP II, pág. 150)	§II-1679 Ó minha caninha verde, Ó minha sanjoaneira, Não há coisa mais bonita Que a mocidade solteira. (P. Coura, CPP II, pág. 152)	§II-1710 Tenho dentro do meu peito Um canivete dourado Para partir pão de ló No dia do teu noivado. (V. Alentejo, CPP II, pág. 155)
§II-1651 Hei-de cantar, hei-de rir, Hei-de ser pantomineiro, Hei-de meter palha às moças Enquanto estiver solteiro.	§II-1682	

§II-1711	(C. Beira, CPP II, pág. 159)	Mulher bonita, casada, Sempre parece solteira. (Silves, CPP II, pág. 160)
Tenho-lhe dito a ela Que não tenha medo à fome; Ela sempre me diz: - Quem não casa também come. (s/i, CPP II, pág. 155)	§II-1738 ... A roseira que te criou E o leite que te ela deu, P'ra ta ir meter nas mãos, A quem nunca conheceu!	§II-1744 A silva lá nasce em casa No pial da cantareira, A mulher casada, alegre, Sempre parece solteira. (Mação, CPP II, pág. 161) Var.: Mulher casada e formosa – Monchique.
§II-1712 Tenho uma laranja de ouro Metida no guarda-vento, Para dar ao meu amor Na noite do casamento. (Nisa, CPP II, pág. 155)	O leite que te ela deu, Com bem mimo foi criada... Quanto ela chorará Se a vir maltratada! ... Demorem-se lá, senhores, Defronte do loureiro: Que eu quero dar o ramo A quem já não é solteiro. ... Eu, queijato não to pido Dá-lo a tua madrinha Que é preciso convidá-la Para que te dê a pinha ... (Vimioso, CPP II, pág. 160) Nota: «Queijato: bolo para o dia do casamento.»	§II-1746 A viola sem a prima, A prima sem o bordão, A mulher sem o marido É como o caldo sem pão. (Maia, CPP II, pág. 161)
§II-1715 Torradinhas com manteiga Torradas, ai li, ai lé, Casar com mulher sem dote, É remar contra a maré. (Tarouca, CPP II, pág. 155)	§II-1716 Trazeis chapéu à vareira Eu também sou vareirinho; Menina, casai comigo, Que eu sou bem arranjadinho. (Moura, CPP II, pág. 155)	§II-1747 - Agora que estás casado, Deves estar mais contente; Trata de me comprar Um vestido mais decente. - Darei-te de tudo e tudo Aquilo que tu quiseres; Até pancadas te dou Quando por elas fizeres. - Ai Jesus, se eu soubera, Já não me qu'ria casar: Se algum dia tu mas deres Hei-de comer e calar. (Baião, CPP II, pág. 161)
§II-1736 ... Saí hoje da Matela Pela cantada do galo. ... Toma lá esse ramo, Na ponta leba uma passa. Tu casada e eu solteira, Já num l'acho munta graça. (Vimioso, CPP II, pág. 158-9)	§II-1740 À luz daquela candeia Se fez o meu casamento: Ó candeia, não te apagues Que inda vás a juramento. (Mação, CPP II, pág. 160)	§II-1752 Casada que eu nunca o fora, Solteira duzentos anos; Casada, cheia de fezes, Solteira, cheia de enganoso. (Alandroal, CPP II, pág. 161)
§II-1737 ... Olha, por dizes isto Não vivas apaixonada: Quando as pelantas se mudo' Ou darão fruto ou nada. Aqui te boto o trigo 'Scolhidinho na ribeira: Queira Deus que não te lembre Da vidinha de solteira! ...	§II-1741 A oliveira cortada Sempre fica oliveira; A moça casada cedo Ainda julga que é solteira. (Baião, CPP II, pág. 160)	§II-1756 Casei-me no mês de Maio, Minha sogra não tem pão; Morrem-me os filhos de fome, Ai que dor de coração! (F. Algodres, CPP II, pág. 162)
	§II-1742 A oliveira é paz Que se dá aos bem-casados, Se eles forem amiguinhos De Deus serão ajudados. (Óbidos, CPP II, pág. 160)	§II-1769
	§II-1743 A oliveira no adro Sempre parece oliveira;	

<p>Eu cuidava que o casar Que era só o dar da mão; Sustentar mulher e filhos É uma grande pensão! (Moura, CPP II, pág. 163)</p> <p>§II-1770 Eu queria-me casar, Mas tive medo à fome; Eu tornei-me a considerar: Quem trabalha sempre come. (P. Lima, CPP II, pág. 163)</p> <p>§II-1771 Hei-de-me deitar a um poço Onde a água faz remanso; Nunca vi solteira triste Nem casada com descanso. (s/i, CPP II, pág. 163)</p> <p>§II-1773 Homem casado, vadio, Vai ver da tua mulher, Vai dar pão aos teus filhos, Vai ver o que ela te quer. (Mação, CPP II, pág. 163)</p> <p>§II-1775 Isto só pelo diabo, Que tal mulher não queria; Se o quero comer de noite, Tenho de o ganhar de dia. (Trás-os-Montes, CPP II, pág. 163)</p> <p>§II-1779 Minha maçã vermelhinha, Vermelhinha na macieira, Vermelhinha em casa Que faria em solteira? (A. Valdevez; P. Coura, CPP II, pág. 164)</p> <p>§II-1781 Namorei-me da bonita, Não me alembrava a fazenda; Agora morro de fome, A bonita não me alembra. (Idanha-a-Nova, CPP II, pág. 164)</p> <p>§II-1785 - Ó Amélia, ó Amélia, Onde vais tu a chorar?</p>	<p>- Vou chamar o meu marido Está na taberna a jogar.</p> <p>'Stá na taberna a jogar, 'Stá na bela brincadeira! Se me q'ria dar má vida, Deixasse-me estar solteira.</p> <p>...</p> <p>(Seia, CPP II, pág. 164)</p> <p>§II-1790 Ó minha mãe, venha ver O estardalho do meu home; Eu tinha o caldinho feito, O estardalho não mo come! (s/i, CPP II, pág. 165)</p> <p>§II-1792 Ó rosa, tu és a lima, O teu par é um limão; Casaste, fizeste bem, Já deste a tua mão. (s/i, CPP II, pág. 165)</p> <p>§II-1793 Oh que pinheiro tão alto! Oh que pinha tão corada! Oh que menina tão linda, Se ela não fora casada! (M. Canaveses, CPP II, pág. 165)</p> <p>§II-1794 Olha como está corada A maçã da macieira, Olha como se diferente A casada da solteira! (Lamego, CPP II, pág. 165)</p> <p>§II-1796 Ponde lenha nesse lume, 'Stá verde, não pode arter; A mulher que é mal casada, Mais le valera morrer. (s/i, CPP II, pág. 165)</p> <p>§II-1811 Tenho barco, tenho redes, Tenho sardinha no mar, Tenho uma mulher bonita, Já não quero trabalhar. (Portimão, CPP II, pág. 167)</p>	<p>§II-1820 Menina, não se namore De homem que já viuviu: Não queira criar os pintos Que outra galinha chocou. (Condeixa, CPP II, pág. 167)</p> <p>§II-1821 Não quero homem viúvo Que outra mulher arranjou; Não quero tirar os ovos Que outra galinha chocou. (s/i, CPP II, pág. 168)</p> <p>§II-1825 A silva nasceu em casa No pial da cantareira; A mulher casada alegre Sempre parece solteira. (s/i, CPP II, pág. 169)</p> <p>§II-1826 À tua porta, menina, 'Stá um tanque de água fria, Tanque onde me eu lavava, Espelho onde me eu via. (Castelo da Maia, CPP II, pág. 169)</p> <p>§II-1829 Aqui, à beira do rio É um regalo morar: Quem tem sede vai beber, Quem tem calor vai nadar. (B. Alta; Lisboa, CPP II, pág. 169)</p> <p>§II-1834 Aqui'stou à tua porta, Como o feixinho da lenha, À espera da resposta Que da tua boca me venha. (O. Hospital, CPP II, pág. 169)</p> <p>§II-1838 As telhas do teu telhado São vermelhas, têm virtude, Passei por elas doente, Logo me deram saúde. (s/i, CPP II, pág. 170)</p> <p>§II-1843 Deitei o limão correndo, Olha onde ele foi parar:</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

À porta do meu amor, Onde eu costumava estar. (V. Alentejo, CPP II, pág. 170)	Moro à beira do mar, Ali mesmo à beira da [água]. (Chaves, CPP II, pág. 171)	(Faro, CPP II, pág. 173)
§II-1844 Deitei um limão correndo, Olha onde ele foi cair: À porta do meu amor, Onde eu costumava ir. (V. Alentejo, CPP II, pág. 170)	§II-1853 Eu moro à beira do rio, Sou filha dum pescador; Caço peixinhos à cana Para dar ao meu amor. (Amares, CPP II, pág. 171)	§II-1870 Manjaricão da janela, Parente da pionia, Secretário do meu peito Já o foste algum dia. (Braga, CPP II, pág. 173)
§II-1845 Detrás daquela janela 'Stá uma lebre deitada; Ó janela, quem te abrira, Ó lebre, quem te caçara! (s/i, CPP II, pág. 170)	§II-1854 Eu moro à beira do rio, Sozinha, sem mais ninguém. Suspiros me põem na mesa Soidades me mantêm. (Baião, CPP II, pág. 171)	§II-1871 - Manjaricão da janela, Que tendes, que estais tão murcho? - Foi o ano muito seco... Ficar eu verde, foi muito! (s/i, CPP II, pág. 173)
§II-1846 É um regalo na vida À beira da água morar: Quem tem sede vai beber, Quem tem calma vai nadar. (Coimbra; Faro; Feira; A. Fé; Santarém; V. N. Gaia, CPP II, pág. 170)	§II-1857 Eu tenho à minha janela O que tu não tens à tua: Raminho de violetas Que alumeia toda a rua. (Tarouca, CPP II, pág. 172)	§II-1872 Menina, que está à janela, Co' o pucarinho na mão, Dê-lhe a volta, se tem água, P'ra regar meu coração. Menina, que está à janela Encostada ao craveiro, Deite lá um cravo a mim E outro ao meu companheiro. (Fundão; P. Coura, CPP II, pág. 173)
§II-1847 Esta casa está caiada, Quem seria a caiadeira? Foi a mãe do meu amor C'um tranquinho de oliveira. (Cadaval, CPP II, pág. 171)	§II-1858 Eu tenho à minha janela O que tu não tens à tua: Um vaso de manjarico, Que dá cheio em toda a rua. (Tondela, CPP II, pág. 172)	§II-1875 Moro à beira do mar, Moro mesmo à beirinha; Lá pela noite adiante Oízo passar a sardinha. (Alvaiázere, CPP II, pág. 173)
§II-1849 Estas casas'stão caiadas, Quem seria a caiadeira? Foi o noivo mais a noiva C'um raminho d'oliveira. (s/i, CPP II, pág. 171) Var.: Talvez fosse o meu amor C'um tranquinho d'oliveira – Óbidos.	§II-1859 Eu tenho à minha janela O que tu não tens à tua: Um vaso de violetas Que dão cheiro a toda a rua. (V. Alentejo, CPP II, pág. 172)	§II-1876 Moro à beira do mar, Moro mesmo à entrada, Da janela do meu quarto Vejo saltar a pescada. (Almada, CPP II, pág. 173)
§II-1852 Eu moro à beira do mar, Ali mesmo à beirinha, Da janela do meu quarto Vejo saltar a sardinha. Vejo saltara sardinha, Vejo saltar a pescada,	§II-1863 Graças a Deus que cheguei Ao palácio onde habita, Para mal de meus cuidados, Uma pomba tão bonita. ... (V. Alentejo, CPP II, pág. 172)	§II-1878 Na janela donde eu coso Não quero manjaricão; Bate o sol não le repassa Vivo numa escuridão. (s/i, CPP II, pág. 174)
	§II-1869 Manjaricão da janela É arbre que não dá fruto: Seca-se o manjaricão, Fica a janela de luto.	§II-1880 Não corteis a videirinha Qu'assobe pola jinela,

<p>Qu'ê a escada do amor, Qu'assobe e desce por ela. (V. Castelo, CPP II, pág. 174) Var.: Não corteis a bide branca – P. Coura.</p>	<p>Se eu soubera tu que vinhas, Antoninho carpinteiro, Tinha-te a casa varrida C'um raminho de pinheiro. (s/i, CPP II, pág. 175)</p>	<p>Tenho à minha janela O que tu num tens à tua: Manjaricão recortado Que cheira por toda a rua. (Baião, CPP II, pág. 176)</p>
<p>§II-1881 Não quero que vás à monda, Nem tão pouco a mondar; Quero que fiques em casa, Carolina, a remendar.</p>	<p>§II-1901 'Stou aqui à tua porta Debaixo do teu culmaço: Menina, abre-me a porta, Venho cheio de cansaço. (Penafiel, CPP II, pág. 176)</p>	<p>§II-1914 Tenho à minha janela Um vaso de violetas; ... (Monchique; Nisa, CPP II, pág. 177)</p>
<p>Não quero que vás à monda, Nem tão pouco ao sermão; Quero que fiques em casa Remendar o teu calção. (Bragança, CPP II, pág. 174)</p>	<p>Nota: «O colmo propriamente é a palha do centeio.»</p> <p>§II-1903 Tendes loureiro à porta, Que sombra tão regalada! Como tendes boa fama Haveis de ser procurada. (P. Lima, CPP II, pág. 176)</p>	<p>§II-1915 Tenho à minha janela O que tu não tens à tua: Dois vasos de violetas Voltadinhos para a rua. (Alcanena, CPP II, pág. 177)</p>
<p>§II-1882 Ó catita, ó catita, Ó catita, meu amor, Tem'la parreirinha à porta, A sombra livra o calor. (Cadaval, CPP II, pág. 174)</p>	<p>§II-1904 Tendes loureiro à porta, Tendes lo balcão sombrio; Quem tem sombra tem regalo Quem tem regalo tem brio. (Guarda, CPP II, pág. 176)</p>	<p>§II-1917 Tens a parreirinha à porta, Não a sabes vindimar; Tens o amor ao teu lado, Não o sabes namorar. (Bombarral, CPP II, pág. 177)</p>
<p>§II-1883 O loureiro bate, bate, Qu'eu bem no ouço bater, Com as pontas no telhado Para o amor perceber. (s/i, CPP II, pág. 174)</p>	<p>§II-1905 Tendes loureiro no eido, Tendes sombra regalada; Tendes fama de bonita E mais não sois procurada! (Guimarães; V. Conde, CPP II, pág. 176)</p>	<p>§II-1919 Tira-te dessa janela, Não me sejas ventaneira Que a cuba que tem bom vinho Não precisa taberneira. (Bragança, CPP II, pág. 177)</p>
<p>§II-1887 O salgueiro à beira de água Dá-lo vento balanceia; ... (Penacova, CPP II, pág. 174)</p>	<p>§II-1908 Tenho à minha janela O que tu não tens à tua: Manjerico orvalhado Que dá cheio a toda a rua. (Trás-os-Montes, CPP II, pág. 176)</p>	<p>§II-1924 Assim se amassa, Assim se peneira, Assim se dá volta Ao pão, na masseira. (Guarda, CPP II, pág. 178)</p>
<p>§II-1892 Perguntas-me onde é que moro, Ó felor do rosmaninho, Eu moro na minha casa Com as portas ao caminho. (Ovar, CPP II, pág. 175)</p>	<p>§II-1911 Tenho à minha janela O que tu não tens à tua: Um vaso de violetas Que dão cheiro a toda a rua. (Monchique; Nisa, CPP II, pág. 176)</p>	<p>§II-1925 Fui um dia à padaria, Vi-te encostada à masseira, Dando socos na farinha: Fez-me tamanha cegueira!... (s/i, CPP II, pág. 178)</p>
<p>§II-1898 Salgueiro ao pé do rio Dá-lhe o vento, balanceia. ... (s/i, CPP II, pág. 175)</p>	<p>§II-1912</p>	<p>§II-1926 («Quando se acaba de amassar [o pão]») Que Deus te acrescente e torne a acrescentar</p>
<p>§II-1899</p>	<p>§II-1912</p>	

Para comer e mais para dar. (Castelo Paiva, CPP II, pág. 178)	O coma a gente! (s/i, CPP II, pág. 178)	Deus te abençoe no forno E fora do forno. E os nossos vizinhos Que comam um corno! (s/i, CPP II, pág. 179)
§II-1927 Deus te acrescente Par'emprego de tanta gente. (Algarve, CPP II, pág. 178)	§II-1934 São Mamede Te alevede, São Vicente Te acrescente, São João Te ponha a mão Para que faça bom pão. (s/i, CPP II, pág. 178)	§II-1941 Deus te acrescente E te deite a virtude, Que eu da minha parte Fiz tudo o que pude. (Óbidos, CPP II, pág. 179)
§II-1928 Deus te acrescente Que é para muita gente. (Nisa, CPP II, pág. 178)	§II-1935 Deus te acrescente Seja eu o primeiro Que te aferre o dente. (s/i, CPP II, pág. 179)	§II-1942 Deus te acrescente No forno e fora do forno, Pela graça de Deus Por esse mundo todo. Nós a comer, Vós a crescer, Que vos não possamos vencer. (s/i, CPP II, pág. 179)
§II-1929 Deus te acrescente E às almas do céu para sempre. (Nisa, CPP II, pág. 178)	§II-1936 São Vicente Te acrescente, São «Levede» Te levede; São João Te faça pão. (V. N. Gaia, CPP II, pág. 179)	§II-1943 Deus te acrescente Como o folinho da semente. Nós a comer, Tu a crescer. (s/i, CPP II, pág. 179)
§II-1930 Em louvor de São Gonçalo, Não saia ensoço nem salgado. (Amarante, CPP II, pág. 178)	§II-1937 «Ao enfiar do pão» Cresça o pão no forno E as almas na glória E os bens na casa do dono. (Lagoa, CPP II, pág. 179)	§II-1944 Deus Nosso Senhor te ponha a fortuna no forno Como a graça pelo mundo todo E dê saúde a quem o ganhe E farte a quem o comer! (Castelo Paiva, CPP II, pág. 179)
§II-1931 («Depois de junta a massa, para levedar:») Em nome de Deus Primeiramente; São Vicente te acrescente, São Mamede te levede, São João te faça pão E a Virgem Nossa Senhora Te deite a sua benção. (Arouca, CPP II, pág. 178)	§II-1938 Cresça o pão no forno E o bem de Deus Pelo mundo todo. E vivam nos lavrados E morram nos malfeitores. (s/i, CPP II, pág. 179)	§II-1945 Tanto cresças tu no forno Como a graça de Deus pelo mundo todo. Que Deus te ponha a virtude Que eu, por mim, fiz o que pude. (Sintra, CPP II, pág. 179)
§II-1932 São Mamede Te levede; São Frangil Te veja livre; Nós a comer E tu a crescer; Tudo o Senhor Pode fazer. (Viseu, CPP II, pág. 178)	§II-1939 Deus te abençoe no forno E fora do forno! Nós a comer E tua crescer, Que te não possamos vencer! (Felgueiras, CPP II, pág. 179)	§II-1946 Aguardente está na estila, Já não quero vinho branco, Já não quero amores da vila, Enquanto estiver no campo. (Nisa, CPP II, pág. 180)
§II-1933 São Mamede Te levede, São Vicente Te acrescente, Com saúde	§II-1940	

§II-1947 Aguardente, vinho tinto E licor feito de rosa, Dentro do meu peito sinto Uma paixão tão gostosa! (Nisa, CPP II, pág. 180)	Dá o sprito a quem não o tem. (Alandroal, CPP II, pág. 180)	(Elvas, CPP II, pág. 181)
§II-1948 Ai, ai, que arrebenta o pipo, Ai, ai que se verte o vinho! Ó pipo, ó pipo, ó pipo, Estás cheio e estás vazio! (Mirandela, CPP II, pág. 180)	§II-1954 Dá-me vinho, meu amor, Que eu água não sei beber: A água tem sanguessugas, Não me apetece morrer. (s/i, CPP II, pág. 180)	§II-1961 Dói-me tanto a cabeça Que me quer cair ò chão. Dai-me mais uma pinguinha Quer ela caia quer não. (Feira, CPP II, pág. 181)
§II-1949 Amor's da beira do rio Ninguém os queira tomar: Passam o tempo nas tabernas Aos domingos a jogar. (Cinfães, CPP II, pág. 180)	§II-1955 Dai-me uma pinga de vinho P'ra refrescar a garganta, Que eu sou como o rouxinol: Quanto mais bebe mais canta. (Bragança; Viseu, CPP II, pág. 180)	§II-1962 É o meu vinhinho verde Criado na cepa torta; A uns faz andar aos tombos, Outros empurrar a porta. (Baião, CPP II, pág. 181)
§II-1950 Ao dar da palha, Se o venho não vem, A palha ao palheiro Levem-na os d'além!	§II-1956 Dai-me uma pinguinha de água, De vinho, quero dizer: A água faz mal ao peito, Tenho medo de morrer. (Maia, CPP II, pág. 180)	§II-1963 Em cima daquele pinheiro 'Stá uma pipa feita ao torno; As mulher's bebem no vinho E os homens bebem um corno. (Penafiel, CPP II, pág. 181)
Venha o vinho se há-de vir No caminho não se deite a dormir. Ou ele vem ou, se não vier, A palha ao palheiro leve-a quem quiser. (s/i, CPP II, pág. 180)	§II-1957 Dai-me vinho, dai-me vinho, Por um copo de beber: A água tem samessugas, Tenho medo de morrer. (s/i, CPP II, pág. 181)	§II-1964 Este vinho é quinino É do tal que faz sonar, Alegra-me e põe-me fino Mas estorva-me de andar. (Barcelos, CPP II, pág. 181)
§II-1951 Aqui d'el rei, peixe frito! Caia-me aqui um pão mole, Chovam garrafas de vinho Tudo ao meu ò redol. (Nisa, CPP II, pág. 180)	§II-1958 Dê-me uma pinga de vinho Para molhar a garganta, Quero cantar comà rola: Comà rola ninguém canta. (C. Beira, CPP II, pág. 181)	§II-1965 Eu gosto muito do vinho Criado na cepa torta: Ele a uns roda a cabeça, A outros faz errar a porta. (Viseu, CPP II, pág. 181)
§II-1952 Belo vinho vou bebendo Sem ser da minha tenção; Se ele soubera a raiva, Que vai no meu coração!	§II-1959 Dizem que o vinho endoidece E a aguardente entesica: Pois eu bebo e bebo bem E a saúde'inda cá fica. (Baião, CPP II, pág. 181)	§II-1966 Eu já bebi umas pingas Eu já molhei a garganta; Eu sou como o rouxinol, Quando bebe logo canta. (Penafiel, CPP II, pág. 181)
§II-1953 Dá-me uma pinga de vinho Se queres que eu cante bem: O vinho é coisa santa	§II-1960 Dizem que um copo de vinho, Quando é bom, dá força à gente, É mentira certamente, Tal não posso acreditar: Eu já hoje bebi treze E, senhores, não posso andar!	§II-1967 Eu só bebo e bebo bem Água pisada òs peses; Ninguém me venha gabar A fama dos seus cafeses. (Condeixa, CPP II, pág. 181)
		§II-1968

Diálogo do vinho e da aguardente Vinho: Eu sou o verde licor Criado por entre as matas; Os homens são valentes, Mas faço-os andar de gatas.	§II-1973 Não há vinho como o de Bragança, Quem o bebe, logo dança, A uns faz perder as portas, A outras faz andar co'as pernas tortas. (Bragança, CPP II, pág. 182)	Para a lei de Deus seguir: Ainda aqui tenho dinheiro Para o vinho mandar vir. (V. N. Gaia, CPP II, pág. 183)
Sou rijo e valente, Derribo seja a quem for; Faço do néscio discreto, Um rigoroso doutor.	§II-1974 Ó água, tem-te na serra, Não me saias ao caminho, Não quero fontes na eira, Só se elas forem de vinho. (Penafiel, CPP II, pág. 182)	§II-1981 - Ó meu amor, vinho, vinho, Ó meu amor, vinho verde! - Vamos antes ao maduro, Que apaga melhor a sede. (s/i, CPP II, pág. 183)
Aguardente: E eu sou a sua filha, Gerada em finos vapores, Derrubo para três dias Quem se finta em meus amores. (Bragança, CPP II, pág. 181-2)	§II-1975 O amieiro do rio Também tem sua criada, Eu também tenho a minha De aguardente refinada. (M. Canaveses, CPP II, pág. 182)	§II-1982 Ó meu amor, vinho, vinho, Que eu a água não sei beber: A água faz tropeira Tenho medo de morrer. (Guimarães, CPP II, pág. 183) Nota: «Tropeira: hidropsia»
§II-1969 Grande bicho é uma aranha, Que pica no pau de pinho... Bem me podia a senhora Dar a provar do seu vinho... (Vila Bispo, CPP II, pág. 182)	§II-1976 O diabo leve os homens Aqueles que bebem vinho; O Senhor me guarde o meu: É de beber poucochinho! (Baião; C. Daire, CPP II, pág. 182)	§II-1983 Ó meu amor, vinho, vinho, Que eu água não sei beber, Est'água tem sanguessugas Tenho medo de morrer. (Dão; Mesão Frio, CPP II, pág. 183) Var.: A água é venenosa.
§II-1970 Já comi e já bebi, Já molhei minha garganta; Eu sou como o rouxinol: Quando bebe, logo canta. (Penafiel, CPP II, pág. 182)	§II-1977 O diabo leve os homens, Os que bebem muito vinho! O Senhor me guarde a mim, Que só bebo um bocadinho! (s/i, CPP II, pág. 182)	§II-1984 Ó meu rico vinho tinto, Criado nas verdes latas, Tem cautelinha comigo, Não m'faças andar de gatas. (s/i, CPP II, pág. 183)
§II-1971 - Meu amor, eu bebo vinho, Não te quero enganar: Eu fumo no meu cigarro, Ando a aprender a jogar. - Meu amor, se bebes vinho, Que te faça bom proveito! O jogar cartas é vício, O fumar é de respeito! (Arruda Vinhos, CPP II, pág. 182)	§II-1978 O diabo leve os homes Que bebem muito vinho... O Senhor me guarde o meu Que bebe poucochinho... (C. Daire, CPP II, pág. 183)	§II-1985 Ó pau, três vezes ó pau, Ó pau, três vezes direi: Quem tem dinheiro é conde, Quem tem bom vinho é rei. (Bragança, CPP II, pág. 183)
§II-1972 Meu amor, quando eu morrer, Enterra-me num cantinho, Deixa-me a língua de fora P'ra beber algum copinho. (Nisa, CPP II, pág. 182)	§II-1979 O frade vendeu, vendeu, Não tinha mais que vender: Vendeu o rabo da burra Para de vinho o beber. (Barcelos, CPP II, pág. 183)	§II-1986 Fala a cepa velha: O ser velha não se nega, Mas desta idade que sou Doze filhos me carrega' O Inverno me faz cega, Os olhos ambos dá-me o V'rão. Tenho um filho por condão Que é tão grande o seu poder, Que aos homens faz perder
	§II-1980 Ó José, tu não és home	

Honra e brio e estimação.		§II-1999
O vinho: Sou muito rijo e valente, Derrubo seja quem for: Faço rudo e dissidente O mais sábio doutor.	§II-1992 Para cantar dói-me um dente, P'ra bailar dói-me uma perna; Se me queres ver contente Põe-me à porta da taberna. (Nisa, CPP II, pág. 184)	Quem quijer que eu cante bem, Dê-me pinguinhas de vinho, O vinho é coisa santa, Faz o cantar leveirinho. (Maia, CPP II, pág. 185)
O vinagre: Sou da mesma velha neto.	§II-1993 Para cantar dói um dente, Trabalhar, dói-m'uma perna, Quando tenho algum alívio É à porta da taberna. (Nisa, CPP II, pág. 184)	§II-2000 Quem quiser que eu cante bem Dê-me vinho ou dinheiro, Esta minha gargantinha Não é fole de ferreiro! (Tondela, CPP II, pág. 185)
A aguardente: Eu sou muito fina e esperta Todos me vêm visitar E eu encerrada e encoberta. (Terras do Bouro, CPP II, pág. 183-4)	§II-1994 Passei pela tua porta, Pedi-te auga, bebi vinho: Quando passar's pela minha, Fala, que eu não adivinho. (Baião, CPP II, pág. 184)	§II-2001 Se queres que eu cante bem Dá-me pinguinhas de vinho, Que o vinho é coisa santa; Faz o cantar miudinho.
§II-1987 O vinho mata as tristezas, A água cria lombrigas. Quando vejo vinho puro Peço a Deus sete barrigas. (Faro, CPP II, pág. 184)	§II-1995 Quando colho algum vintém Gastá-lo é o meu costume, Em água pisada a pés, Fervida sem ir ao lume. (Alvaiázere, CPP II, pág. 184)	Dá-me pinguinhas de vinho, Quero molhar a garganta, Quero cantar cuma a rola, Cuma a rola ninguém canta! (Portimão, CPP II, pág. 185)
§II-1988 Ó vinho, ó vinho, ó vinho, Acende-me esta candeia, Que está o meu amor morto Antre as portas da cadeia. (Alandroal, CPP II, pág. 184)	Nota: «A quadra é cantada no São Martinho.»	§II-2002 Se queres que eu cante bem Dá-me uma pinga de vinho, Que o vinho é coisa boa: Faz o cantar delgadinho. (Alto Minho, CPP II, pág. 185)
§II-1989 Os olhos da Marianita Incobrem no garraão. Ai sim, Marianita, ai sim, Ai sim, Marianita, ai não. (Mesão Frio, CPP II, pág. 184)	§II-1996 Quatro castanhas assadas, Quatro pingas de aguardente, Quatro beijos duma moça Fazem um homem contente. (C. Beira, CPP II, pág. 184)	§II-2003 Se queres que eu cante bem Dá-me uma pinga de vinho, Que o vinho é coisa santa: Faz cantar afinadinho. (Barcelos, CPP II, pág. 185)
§II-1990 Os santos não bebem vinho Nem eu na escritura o acho; Santo António está borracho, Toca abaixo. (s/i, CPP II, pág. 184)	§II-1997 Quatro castanhas assadas, Quatro pinguinhas de vinho, Quatro beijos duma moça Fazem um velho menino. (s/i, CPP II, pág. 184)	§II-2004 Sentei-me ao pé da videira Sentei-me e pus-me a rir: Os cachos já' stão maduros, Outros estão a florir.
§II-1991 Para cantar dói-me um dente, Para bailar, uma perna, Onde tenho algum alívio É à porta da taberna! (s/i, CPP II, pág. 184)	§II-1998 Quem me dera estar doente! Quem me dera ter saúde! Quem me dera ter a cama Ao pé de um pipo de almude! (Minho, CPP II, pág. 185)	Outros estão a florir, Outros' stão a amadurar; Os cachos já' stão maduros, Vamos-los a vindimar. Vamos-los a vindimar,

Vamos a fazer o vinho, Depois do vinho estar feito, Venha de lá um copinho. (Coimbra, CPP II, pág. 185)	§II-2010 Vê lá tu, home, Como se come: Antes da sopa Lavar a boca, A meio dela Lavar a guela; Sopa acabada Guela lavada. (s/i, CPP II, pág. 186) Nota: «Lavar com vinho.»	Venham também um cigarro, Para dar a esta gente! (Nelas, CPP II, pág. 187)
§II-2005 Tanto me dói a cabeça Que me quer cair ao chão Dai-me mais uma pinguinha, Inda que caia quer não. (Valpaços, CPP II, pág. 185)		§II-2017 Letreiro em taberna: Verde é o vinho E sem rival; Aqui se vende, Não há igual. (Lisboa, CPP II, pág. 187)
§II-2006 Tenho dentro do meu peito Um copinho de aguardente, Quem ma quiser beber Há-de ser meu para sempre.	§II-2011 Venha o copo, venha a pinga, Venha mais meia canada. Eu sem o copo não bebo, Sem a pinga não sou nada. (Serpa, CPP II, pág. 186)	§II-2018 Vinho fino do Alto Douro De forte me faz cantar, Põe-me alegre, põe-me fino E só me estrova o andar. (Penaguião, CPP II, pág. 187)
Tenho dentro do meu peito Um copinho de licor Pois quem o quiser beber Há-de ser o meu amor. (Trás-os-Montes, CPP II, pág. 185-6)	§II-2012 Venha o diabo, leve os homens, Aqueles que bebem vinho: Deixe só o meu amor Que ele bebe poucachinho! (C. Verde, CPP II, pág. 186)	§II-2019 Vinho velho rebicundo Com teu isprito alegras o mundo; Haija pirum, haija leitão Haija tudo canto resta, Não havendo vinho numa mesa, nada presta. (s/i, CPP II, pág. 187)
§II-2007 Tenho na minha janela Garrafinhas de aguardente: Por via de si, menina, Dou pena à minha gente. (M. Douro, CPP II, pág. 186)	§II-2013 Venha vinho, corra o copo, Venha mais meia canada! Sem beber vinho, não canto Cantigas à minha amada. (Bragança, CPP II, pág. 186) Var.: Venha vinho, venha trigo – Maia.	§II-2020 Agora já não há ovos, Que morreram nas galinhas; Coitados dos alfaiates Que têm de comer sardinhas! (s/i, CPP II, pág. 187) Nota: «A comida dos alfaiates é fina, é de ovos, porque anda (<i>sic</i>) por casas, a trabalhar.»
§II-2008 Tenho-te dito mil vezes Que não me tenhas amor. Eu fumo, eu bebo vinho, Sou um grande jogador.	§II-2014 Venha vinho, venha vinho Para molhar a garganta; Eu sou como o rouxinol: Quanto mais bebe mais canta. (Bragança, CPP II, pág. 186)	§II-2021 Ai de mim, que já não posso Com a fome resistir! A barriga dá-me estalos E a saia está-me a cair. (s/i, CPP II, pág. 187)
- O vinho, se tu o bebes, Que te faça bom proveito O vinho é para os homens, O tabaco é respeito. (s/i, CPP II, pág. 186)	§II-2015 Venha vinho, venha vinho, Venha mais meia canada, Se me não dão de beber Deixo ir o pão na palha. (Bragança, CPP II, pág. 187)	
§II-2009 Toda a gente se admira Do macaco fazer renda; Eu já vi uma perua Ter caixeiros numa venda. (Baião, CPP II, pág. 186) Nota: «Perua = bebedeira»	§II-2016 Venha vinho, venha vinho, Venha também aguardente,	§II-2022 Ao almoço dão-me peras, Ao jantar peras me dão; À merenda, pão com peras, À ceia peras com pão. (Lisboa e por todo o país, CPP II, pág. 187)

§II-2023 Ao almoço me dão peras, Ao jantar peras me dão; Valha-me Deus, tanta pera, Nesta casa não há pão! (Portimão, CPP II, pág. 187)	É sinal de comer bolo. Alegra-te, ó barriguinha, Já anda lume no forno. (Feira, CPP II, pág. 188)	(Nisa, CPP II, pág. 189)
§II-2024 Castinheiro, dá castanhas, Castinheiro, dá só uma, Para dar ao meu amor, Qu'inda não comeu nenhuma. (Baião; CPP II, pág. 188)	§II-2031 Eu deitei a rede ao mar, A fita da mesma linha, Para apanhar a fataça E juntamente a tainha. Para comer, a pescada, Para governo, a sardinha, Para gosto, carne assada, Para caldos, a galinha. Se a doença for delatada, Receita-se uma mezinha. (Cadaval, CPP II, pág. 188)	§II-2037 Na horta se apanham couves, No mar se apanham tainhas, Dá-me os teus olhos inteiros, Não mos dês às migalhinhas. (s/i, CPP II, pág. 189)
§II-2025 Chamaste-me pera parda, Pera parda quero ser, Lá virá o mês de Agosto Em que me queiras comer. (s/i, CPP II, pág. 188)	§II-2032 Fui ao mar pescar de cana, Apanhei uma garoupa. Esta é para o meu prato, Não sei se apanharei outra. (Ilha S. Jorge, CPP II, pág. 188)	§II-2038 Não há pão como o pão trigo, Nem carne como carneiro, Nem regalo como a cama, Nem amor como primeiro. (Mangualde, CPP II, pág. 189)
§II-2026 Dá-me da pera madura, Da maçã um bocadinho, Da laranja só um gomo, Dos teus olhos um jeitinho. (s/i, CPP II, pág. 188)	§II-2033 Fui ao mar pescar um peixe, Não pesquei senão atum, Para dar ao meu amor. Queira Deus não sejas tu! (Guarda, CPP II, pág. 188)	§II-2039 Não quero homem do mar Que traz o gabão molhado; Quero um mocinho da terra Que cheira a figo torrado. (Algarve, CPP II, pág. 189) Nota: «Figo seco, torrado, que se guarda para alimento no Inverno.»
§II-2027 Dá-me da pera madura; Da maçã uma talhada, Da laranja um só gomo, Do limão não quero nada. (Idanha-a-Nova, CPP II, pág. 188)	§II-2034 Já lá vai o Entrudo Com galinhas e capões; Agora vem a Quaresma, Rezemos as orações. (Serpa, CPP II, pág. 188) Var.: Com pezinhos e lacões.	§II-2040 O almoço cedo, cedo E o jantar logo arrimado E a merenda às suas horas E na ceia haja cuidado. (Cuba, CPP II, pág. 189)
§II-2028 Dá-me da tua ramada Um gacho de moscatel, Que eu te darei um dos meus Quando maduro'stiver. (Mesão Frio, CPP II, pág. 188)	§II-2035 Minha vida são castanhas Comidas com bedroegas; Em bem sei das tuas manhas, Eu não sei p'ra que mo negas. (s/i, CPP II, pág. 2036)	§II-2041 Ó Maria, ó Maria, Ó Maria, tu bem ouves, Se fores à tua horta, Traz-me um caldinho de couves. (s/i, CPP II, pág. 189)
§II-2029 Dá-se às torradas manteiga, Eu comi, não quero mais; Quem dá falas a garotos O que recebe são ais! (C. Beira, CPP II, pág. 188)	§II-2036 Minha vida são castanhas, Meus desejos são bolotas; Quem quiser casar comigo Vai p'rò Céu às cambalhotas.	§II-2042 Ó meu lindo amor, P'ra que será isso? Eu bem sei que gostas De pão com chouriço. (C. Verde, CPP II, pág. 189)
§II-2030 Dói-me tanto a barriga,		§II-2043 - Ó minha mãe, tire, tire. - Ó filha hei-de tirar. - Tire o caldo da panela Que são horas de jantar. (Ovar, CPP II, pág. 189)

§II-2044 O poejo é o rei das ervas Que se deita na açorda; Ó menina, dê-me um beijo, Mas cautela: não me morda. (C. Verde, CPP II, pág. 189)	O tempo das 'scamisadas, Para dar ao meu amor Maçaroquinhas assadas. (Vouzela, CPP II, pág. 190)	(s/i, CPP II, pág. 190)
§II-2045 O tocador da viola Merece uma galinhinha, Passada pelos meus dentes Para a minha barriguinha. (C. Basto, CPP II, pág. 189)	§II-2052 Quem me dera um pão mole E uma sardinha barrenta Para dar às quadrilheiras Que andam comigo na amenta. (s/i, CPP II, pág. 190)	§II-2059 Se quiseres que eu cante bme, Dá-me a comer marmelada, Comi-a ontem à noite, Cantava que regalava! (A. Valdevez, CPP II, pág. 191)
§II-2046 Oliveira pequenina Que azeitona pode dar? Dá só um ou dois baguinhos Para o meu amor provar. (s/i, CPP II, pág. 190)	§II-2053 Quinta-feira de comadres Tive açorda p'ró jantar, Para a ceia feijões frades: Foi o que pude alcançar. (Nisa, CPP II, pág. 190)	§II-2060 (dos cantos dos janeiros) Senhora, saia daí Desse banco de cortiça, Venha-nos dar as janeiras: Ou morcela ou chouriça.
§II-2047 Pescador, que foste à pesca, Pescador, que foste ao mar, Pescas a sardinha fresca P'rá fome poder matar. (Espinho, CPP II, pág. 190)	§II-2054 São parras, são uvas, Castanhas ou nozes, Amêndoas, cumfêtes, Fatias, filhoses. (Albufeira, CPP II, pág. 190)	Somos quatro camaradas, Todos quatro de gabão, Traga-nos de lá o copo E também o cangirão.
§II-2048 Quatro castanhas assada Quatro pingas de aguardente, Quatro beijos duma moça Faz'um homem andar contente. (Mangualde, CPP II, pág. 190)	§II-2055 Sardinha assada, Um copo de vinho Dê reis de aguardente P'rá cova num dente! (s/i, CPP II, pág. 190)	Eu daqui bem o vejo O pratinho ao pé do lar, É o prato das filhos Que a senhora nos quer dar. (s/i, CPP II, pág. 191)
§II-2049 Quatro castanhas assadas, Uma pinga de água-pé, Três beijinhos duma moça Trazem um homem de pé. (F. Algodres, CPP II, pág. 190)	§II-2056 Se fores ao mar pescar, Pesca cachucho ou dentão, Custe lá o que custar O dinheiro está na mão. (Portimão, CPP II, pág. 190)	§II-2061 Sou da serra, sou serranho, Como carne às arrobas, Não sou como vocês outros Que só comem alfarrobas. (Algarve, CPP II, pág. 191)
§II-2050 Quem me dera cá o V'irão O tempo das desbulhadas, Para comer com as moças Quatro castanhas assadas. (s/i, CPP II, pág. 190)	§II-2057 Se o meu bem quer tremoços Meta a mão no prato: Olhe que hoje em dia Não há nada mais barato. (Nisa, CPP II, pág. 190)	§II-2062 Toma lá pinhões Do meu pinheiral; Come pouquechinhos, Não te façam mal. (Covilhã, CPP II, pág. 191)
§II-2051 Quem me dera cá o V'irão,	§II-2058 Se quer alvos ovos, Arroz com canela, Menina bonita Não sobe à janela.	§II-2063 Torradinhas com manteiga, Por cima café e limão; Ele há coisas que são boas E há coisas que o não são. (s/i, CPP II, pág. 161)
		§II-2064 Venho de cima do Drouro, Daquela terra mofina, Venho cheia de água-pé

E de rabos de sardinha. (s/i, CPP II, pág. 191)	§II-2080 Este Maio é comprido, Minha mãe faltou-lhe a «massa»; Cantemos uma cantiga Enquanto a fome não passa. (O. Azeméis, CPP II, pág. 192)	Ó salva, que Deus te salve, Alecrim, que Deus te prenda; Valem mais amores sem nada Do que outros com grande renda. (Bragança, CPP II, pág. 195)
§II-2065 A cantar ganhei dinheiro, A cantar se me acabou; O dinheiro mal ganhado Água o deu, água o levou. (Alto Minho; Baião; Foz-Côa; Paredes; A. Fé, CPP II, pág. 191)	§II-2085 Fiz a cama na'moreira E o travesseiro na'mora; Coitadinha da menina Que de rico se namora! (Baião, CPP II, pág. 193)	§II-2107 Oliveira pequечinha Que aceitona pode dar? Homem pobre sem dinheiro Que amores pode tomar? (Mogadouro, CPP II, pág. 195)
§II-2066 A oliveira do norte Que aceitona pode dar? E as filhas dos cabaneiros Que amores podem tomar? (Minho, CPP II, pág. 191)	§II-2092 Lá vai lobo, lá vai lobo, Não leva nada na boca; Não basta a fome ser muita, Senão a roupa ser pouca! (Portimão, CPP II, pág. 194)	§II-2112 Quem quijer que eu cante bem Dai-me vinho e dinheiro. Esta minha gargantinha Não é forja de ferreiro. (Baião, CPP II, pág. 195)
§II-2067 A oliveira pequena Que azeite pode dar? Sou filha dum homem pobre, Que amores posso tomar? (s/i, CPP II, pág. 191)	§II-2095 Namori-me da bonita, Nunca le perguntei fazenda; Agora morro com fome, Nem da bonita me alembra! (Monchique, CPP II, pág. 194)	§II-2118 Tendes o carro à porta, É sinal de lavrador; ... (Baião, CPP II, pág. 196)
§II-2068 A poupa diz que poupe, Eu não tenho que poupar; Quatro comeres ao dia Não se podem escusar. (s/i, CPP II, pág. 191)	§II-2096 Não me enlevo de quem bebe Água em todas as fontes; Só me enlevo de quem tem Carros, parelhas e «montes». (Vidigueira, CPP II, pág. 194)	§II-2119 Tenho apenas um bom gosto Na vida, posso dizer: Trabalho constante, é certo, Mas grangeio p'ra comer. (Bragança, CPP II, pág. 196)
§II-2070 As mulheres e a galinha Ê bichinho interesseiro: As galinhas pelo ovinho As mulher's pelo dinheiro. (Barcelos, CPP II, pág. 192)	§II-2101 Ó avelaneira Da flor granada, Só me casarei Por ouro ou por prata. (C. Basto, CPP II, pág. 194)	§II-2122 Tu dizes que me não queres Por eu ter pouca fazenda; ... (Barcelos, CPP II, pág. 196)
§II-2072 Castanheiro sem ouriço Que castanhas pode dar? Homem pobre, sem dinheiro, Que amores pode tomar? (Guarda, CPP II, pág. 192)	§II-2102 O dinheiro paga tudo, Não se fica a dever nada; Toma, toma o limão verde, O da verde limonada. (V. Alentejo; Lisboa, CPP II, pág. 194)	§II-2123 Tu é que és o trigo limpo, Eu sou a pura cevada: Tu és rica e eu sou pobre, Ao pé de ti não sou nada! (Vila Rei, CPP II, pág. 196)
§II-2078 Enjeitaste-me por pobre, Eu a ti por geração, Não quero do teu fermento Misturando co'o meu pão. (P. Lima, CPP II, pág. 192)	§II-2105	§II-2126 Você diz que me não quer Porque eu não tenho fazenda: ... (Mértola, CPP II, pág. 196)

§II-2128 A barra da minha saia Foi você que ma queimou Com a ponta do cigarro Quando comigo dançou. (s/i, CPP II, pág. 197)	§II-2163 Eu sempre gostei e gosto Dum amor apuradinho: À semana lavrador, Ao domingo fidalguinho. (Penafiel, CPP II, pág. 200)	Amarelo, cor de cana. (C. Rainha, CPP II, pág. 204)
§II-2130 A capa dos estudantes É um jardim de flores, Forrada de amores-perfeitos Cada um de sua cor. (V. N. Foz-Côa, CPP II, pág. 197)	§II-2164 Eu subi ao loureiro, Ao mais alto ramallete; Se cair, apegarei-me Ao cordão do meu colete. (Trás-os-Montes, CPP II, pág. 200)	§II-2214 - Ó minha pombinha branca, Que é da fita do chapéu? ... (Alentejo, CPP II, pág. 204)
§II-2131 A Maria Rita Lá vai p'rá sachada, Chapéu à vareira, Saia recortada. (Douro, CPP II, pág. 197)	§II-2175 Maria, minha Maria, Meu gargalinho de infusa, Sapatinho com seu salto É o que agora se usa. (V. Alentejo, CPP II, pág. 201)	§II-2216 Ó rapaz da carapuça, Põe o chapéu qui é melhor: Essa carinha de neve Não pode andar ao sol. (Avis, CPP II, pág. 204)
§II-2134 Agora já se não usa Barra preta nos aventais: Usam-se lenços de malha, Redes de apanhar pardais. (Mação, CPP II, pág. 197) Nota: «lenços de pescoço de malha aberta.»	§II-2176 Menina, chegue à janela, Venha ver o meu amor, Vestidinho à camponesa, Cinta larga à lavrador. (V. Alentejo, CPP II, pág. 201)	§II-2221 Os rapazes da Nazaré Usam camisa às risquinhas, Andam descalços na areia, Vão à pesca das sardinhas. (Alcobaça, CPP II, pág. 205)
§II-2146 Cachiné de meia libra Ninguém usa senão eu, Aqui anda na função O alarve que mo deu. (s/i, CPP II, pág. 198) Notas: cache-nez; função = baile.	§II-2188 Meu amor não quer que eu use Caracóis e travessinhas; ... (s/i, CPP II, pág. 202)	§II-2228 Se fores à porta nova Rega o pé à violeta; ... (Nisa, CPP II, pág. 206)
§II-2149 Chapéu de meia moeda Lá o leva a moleirinha; Mal empregado chapéu P'r'andar ao pó da farinha. (Guarda, CPP II, pág. 199)	§II-2203 Ó chula, vareira chula, Deixa-te andar asseada: Bom sapato, boa meia, Boa fivela doirada. (Douro, CPP II, pág. 203)	§II-2229 Se quereis chapéu à vareira, Mandai-o arredondar; Debaixo do chapéu andam Olhinhos de namorar. (Trás-os-Montes, CPP II, pág. 206)
§II-2154 Como dança, como brinca, Como brinca a laranjinha! Eu conheço o meu amor Pelo nó da gravatinha! ... (Beja; Cadaval, CPP II, pág. 199)	§II-2212 O meu lenço amarelo, Recortado, cor de ameixa: ... (Baião, CPP II, pág. 204)	§II-2230 Sou saloia, trago botas E mantéu até ao meio, Lenço grande no pescoço P'ra tapar meu lindo seio.
	§II-2213 Ó meu lenço encarnado, Já te trato ò de semana: Já tenho quem me dê outro,	Sou saloia, trago botas, Também trago as minhas meias, Tenho a cintura delgada Sem precisar de baleias. Sou saloia, trago botas, Também trago meias pretas; Não me fales em namoro: Não creio nas tuas tretas.

Sou saloia, trago botas, Também trago meu mantéu Também tiro a carapuça A quem me tira o chapéu.	Que palavra pode ter? (Albufeira, CPP II, pág. 208)	Estes rapazes de agora Fazem a barba à fadista Com quatro, cinco navalhas Compradas à minha vista. (Ilha S. Miguel, CPP II, pág. 210)
Sou saloia, trago botas, Também trago o meu cordão, E por medalha pendente De ouro um bom coração. (Mértola, CPP II, pág. 206) Nota: «Varas da baleia, para se apertar, usadas nos espartilhos.»	§II-2255 A azeitona pequenina Que azeite pode render? Quem não tem barba na cara Que vergonha pode ter? (Coimbra, CPP II, pág. 208)	§II-2273 Eu quero bem ao cigarro Que me custa o meu dinheiro; Quando vou falar às moças Serve-me de alcoviteiro. (T. Moncorvo, CPP II, pág. 210)
§II-2239 Trazeis chapéu à vareira, Mandai-o arredondar: Debaixo dele anda' Olhinhos de namorar. (Cinfães, CPP II, pág. 207)	§II-2257 Anjos do Céu, vinde ao mundo, Vinde ver o que cá vai: Deu a morrinha nos homens E toda a barba lhes cai! (Melgaço, CPP II, pág. 209)	§II-2277 Já tens tabaco, já fumas, Já tens relógio, já brilhas; Vergonha da minha cara, Se eu namorava pandilhas! (Vila Rei, CPP II, pág. 210)
§II-2240 Trazeis chapéu à vareira, Por baixo lenço riscado, Ainda mais por baixo andam Olhinhos do meu agrado. (Minho, CPP II, pág. 207)	§II-2258 As barbas do meu amor São pretas como o carvão; ... (C. Beira, CPP II, pág. 209)	§II-2278 Lá em baixo vem a Lua Metida num pucarinho; Estes rapazes de agora São malhados no focinho. (C. Beira, CPP II, pág. 210)
§II-2242 Trazes a saia bordada, Também a fininha meia, Sapatos à papo-seco Como as meninas de aldeia. (s/i, CPP II, pág. 207)	§II-2260 Chamastes ao meu bigode Poleiro de passarinhos; Eu chamo à vossa boca Enleio dos meus beijinhos. (s/i, CPP II, pág. 209)	§II-2279 - Meninas de além do rio, Com que lavais o cabelo? - Com a ervinha do monte Que se chama tormontelo. (A. Valdevez; Porto, CPP II, pág. 210)
§II-2246 Tricaninha de saia leve, Lenço branco de aguadeira, Quem me dera toda a vida Conhecer-te assim solteira! (s/i, CPP II, pág. 208)	§II-2061 Com cinco réis de cigarros, Arranja-se uma namorada; Em' stando ao pé do pai dela, Lá vai uma cigarrada. (C. Verde, CPP II, pág. 209)	[§II-2280 Meu espelhinho sem aço, Viradinho p'rá panela (<i>sic</i>), Toda a mulher que é barbada, Todos devem fugir dela! (s/i, CPP II, pág. 211)
§II-2253 A azeitona cordovil Que azeite pode render? Os homens de pouca barba Que respeito podem ter? (Norte, CPP II, pág. 208)	§II-2062 Dizem que, fumando, passam As penas do coração; Fumado, o cigarro acaba, As penas nunca se vão. (V. Alentejo, CPP II, pág. 209)	§II-2283 O meu amor é um faia, É um faia todo fino: ... (Alvaiázere, CPP II, pág. 211) Nota: «[Faia] Fadista.»
§II-2254 A azeitona galeguinha Que azeite pode render? O homem que não tem barbas	§II-2065 Estes mocinhos de agora São franguinhos de vintém; Prometem dez réis às almas A ver se lhe a barba vem. (Espinho, CPP II, pág. 209)	§II-2284 Ó rapaz, dá-me um cigarro, Que amanhã faremos contas,
	§II-2269	

<p>Todo o rapaz que é pimpão Dá cigarros, não dá pontas! (Idanha-a-Nova, CPP II, pág. 211)</p>	<p>§II-2299 À entrada desta rua, À primeira porta não, 'Stá uma perdiz cantando. Oh quem fosse perdigão! (Moura, CPP II, pág. 213)</p>	<p>De comprida mete graça; Tem um chafariz no meio, Dá de beber a quem passa. (s/i, CPP II, pág. 216)</p>
<p>§II-2285 Ó rapaz, dá-me um cigarro Se tens tabao faz dous; Fumas tu e fumo eu, Fumemos ambos e dous. (Trás-os-Montes, CPP II, pág. 211)</p>	<p>§II-2303 À entrada desta rua, Logo aqui à entrada, 'Stá uma pereirinha nova Que inda não foi «embanada». (A. Fé, CPP II, pág. 213)</p>	<p>§II-2347 Esta rua tem pedrinhas, Hei-de a mandar varrer C'uma vassoura de prata Que de ouro não pode ser. (s/i, CPP II, pág. 217) Var.: C'uma vassoura de trevo.</p>
<p>§II-2286 Ó vizinha, tem cá lume? Faça favor duma brasa. O cigarro é confiança Para entrar em qualquer casa. (s/i, CPP II, pág. 211)</p>	<p>§II-2318 - Alumia-me, ó candeia, Até ò cimo da rua. - Como te hei-de alumiar, Se ele está claro, faz lua? (Fundão, CPP II, pág. 214)</p>	<p>§II-2353 Indo eu pela rua acima Não achei senão urtigas, Vou abaixo ao cruzeiro, Onde passa'as raparigas. (V. Castelo, CPP II, pág. 217)</p>
<p>§II-2288 Oliveira pequenina Que azeitona pode dar? Em homem de pouca barba Que vergonha se há-de achar? (Alvaiázere, CPP II, pág. 211)</p>	<p>§II-2321 Anoiteceu-me na serra, Deitei-me no carreirão, Acordei de madrugada Ao cantar do perdigão. (T. Moncorvo, CPP II, pág. 215)</p>	<p>§II-2362 Ladeira da Fonte Santa, Hei-de-te mandar calçar Com pedras de diamantes, P'rò meu amor passear. P'rò meu amor passear, P'ra passear mais quem queira: Ladeira da Fonte Santa, Da Fonte Santa Ladeira. (s/i, CPP II, pág. 218)</p>
<p>§II-2291 Por cima se ceifa o pão Por baixo fica a margaça; Estes rapazes de agora Não usam senão marrafa. (s/i, CPP II, pág. 211)</p>	<p>§II-2323 Aqui nesta rua, rua, Aqui neste recantinho É que o pombo bate as asas, É que a pomba tem o ninho. (C. Verde, CPP II, pág. 215)</p>	<p>§II-2368 Na rua da fonte nova, Ladrilhada, mal segura, Quando o meu amor lá passa Não há pedra que não bula. (Amarante, CPP II, pág. 219)</p>
<p>§II-2292 Quem não souber namorar Compre cigarros e fume, Entre pela porta dentro: - Menina, dê-me cá lume. (s/i, CPP II, pág. 212)</p>	<p>§II-2333 Esta rua cheira a azeite, É sinal de fritar ovos. Diga-me, minha menina, Como vai de amores novos? (Guarda, CPP II, pág. 216)</p>	<p>§II-2374 Não sei o que me aqui pica, Nesta rua não há tojos. Pica-me aquela menina Da janela, com seus olhos. (V. Real, CPP II, pág. 219)</p>
<p>§II-2293 Se queres tomar amores, Compra cigarros e fuma, Vai à porta do amor: - Ó menina, dá-me lume. (Óbidos, CPP II, pág. 212)</p>	<p>§II-2335 Esta rua da Carreira Hei-de passeá-la à força: Tenho trigo semeado No coração duma moça. (Faro, CPP II, pág. 216)</p>	<p>§II-2378 Nesta rua há negrilhos, Onde há negrilhos, há sombra; Bem puderas tu, menina, Sair comigo à ronda! (Zeive, CPP II, pág. 220)</p>
<p>§II-2296 Tricaninha feiticeira, Mão na cinta, trança solta, Vem de roda, vem ligeira, Mais um beijo e vai de volta. (Coimbra, CPP II, pág. 212)</p>	<p>§II-2336 Esta rua é comprida,</p>	

- §II-2381
O caminho da fonte
Já por mim não é seguido:
Já quebraram as vidraças,
Onde eu tinha o meu sentido.
(T. Moncorvo, CPP II, pág. 220)
- §II-2390
Oh que rua tão comprida,
No meio apertadinha;
Por ela se vai jogando
O jogo da laranjinha.
(C. Beira; T. Moncorvo, CPP II, pág. 221)
- §II-2393
Oh que rua tão escura,
Ninguém vê nada por ela!
Bem podias tu, menina,
Pôr candeias à janela.
(Barcelos; Penafiel, CPP II, pág. 221)
- §II-2394
Os piaís da minha rua
De roxo os hei-de cair,
Para mostrar sentimento
Do meu amor cá não'star.
(Alentejo, CPP II, pág. 221)
- §II-2409
Rua abaixo, rua acima,
Rua direita à botica:
Lá me ficaram meus olhos
Numa cara tão bonita!
(O. Hospital; Nelas, CPP II, pág. 222)
- §II-2417
Se eu soubesse que tu vinhas,
Como de facto vieste,
Mandava varrer a rua
C'um raminho de acipreste.
(V. Real, CPP II, pág. 223)
- §II-2418
Se passares pela rua,
Faz-me um sinal que eu entenda:
Bate co' o pé na calçada,
Como quem parte uma amêndoa.
(Montijo; Olhão, CPP II, pág. 223)
- §II-2420
Toma lá esta laranja,
Chupa-lhe o sumo que é tua:
Da casca faz um barquinho,
Embarca p'ra minha rua.
(Baião, CPP II, pág. 223)
- §II-2423
Vou ò cimo do povo,
Não vejo senão ortigas;
Vou à rua da lameira,
Vejo belas raparigas.
(s/i, CPP II, pág. 223)
- §II-2424
A fonte da minha terra
Ao brotar deixa dizer:
- Serei tua até à morte,
Serei tua até morrer.
(Bragança, CPP II, pág. 224)
- §II-2425
À fonte dos maus amores
Vou minha bilha levar,
Quero enchê-la só de beijos
P'ró meu amor se banhar.
(V. Alentejo, CPP II, pág. 224)
- §II-2426
Adeus, caminho da fonte,
Onde me eu ia assentar,
Onde passei muitas noites
E noitinhas de luar.
(s/i, CPP II, pág. 224)
- §II-2427
Adeus, pedrinha da fonte,
Onde me eu ia assentar,
Onde passei muitas noites
E noitinhas de luar.
(s/i, CPP II, pág. 224)
- §II-2428
Adeus, pedrinhas da fonte,
Onde se assentam pimpões;
Donde se rasgam baetas,
Panos finos e bretões.
(Bragança, CPP II, pág. 224)
- §II-2429
Bota-te daí abaixo,
Pintassilgo, ó ladrão,
Tu és o alcoviteiro
Das moças que à fonte vão.
(Resende, CPP II, pág. 224)
- §II-2430
Dá-me uma pinguinha de água
Da raiz do coração;
Dos lados de aonde eu venho
Nem as fontes água dão.
(s/i, CPP II, pág. 2431)
- §II-2431
Da raiz da cana verde
Nasceu água a correr;
Menina, que estás na fonte,
Dá-me água, quero beber.
(Alandroal, CPP II, pág. 224)
- §II-2432
- Diz-me lá, fonte melina,
Onde teus o teu nascente.
- Debaixo da prata fina,
Em cima do ouro patente.
(P. Sor, CPP II, pág. 224)
- §II-2433
Entre pedras e pedrinhas
Água deve de nascer:
Menina, que vem da fonte,
Dê-me água, quero beber.
Dê-me água, quero beber,
Cantarinho vai quebrado;
Menina, que vem da fonte,
Dê água ao seu namorado.
(O. Hospital, CPP II, pág. 224)
- §II-2434
Fostes à fonte descalça,
Só p'ra te verem os pés,
Em manguinhas de camisa,
Co'os dedos cheios de anés.
(Nisa, CPP II, pág. 224)
- §II-2435
Fui à fonte beber água,
Achei a fonte caída;
Mais vale que a fonte caia,
Que meu amor perca a vida.
(Lagos, CPP II, pág. 225)

- §II-2436
Fui à fonte beber água,
Achei um raminho verde;
Quem o achou, tinha amores,
Quem o perdeu, tinha sede.
(C. Verde, CPP II, pág. 225)
- §II-2437
Fui à fonte beber água,
Achei um ramo de flores;
Quem no perdeu, tinha sede,
Quem no acho tinha amores.
(Baião; Nisa, CPP II, pág. 225)
Var.: Quem as perdeu, tinha penas
Quem as topou, tem amores – V.
Castelo.
- §II-2438
Fui à fonte beber água,
Bebi, tornei a beber;
Minha boca não se enfada
Nem meus olhos de te ver.
(Nisa, CPP II, pág. 225)
- §II-2439
Fui à fonte beber água,
Bebi, tornei a beber;
'Stava o meu amor defronte
Muito gostei de o ver!
(Baião; Mesão Frio; P. Lima; Nisa,
CPP II, pág. 225)
- §II-2440
Fui à fonte beber água
Debaixo da flor da murta:
Foi só p'ra ver os teus olhos,
Que a sede não era muita...
(Alandroal, CPP II, pág. 225)
- §II-2441
Fui à fonte beber água
Por baixo da folha verde,
Encontrei o meu amor,
Bebi água sem ter sede.
(s/i, CPP II, pág. 225)
- §II-2442
Fui à fonte, buber auga,
Bubi auga como terra;
'Stava o meu amor defronte
Arrimou-me c'uma pedra.
- A pedra era amorosa,
Toda cheia de felores,
Agora posso dizer
Qu'a buber tomei amores.
(V. Pouca Aguiar, CPP II, pág. 225)
- §II-2443
Fui à fonte buscar água
Em botinhas de veludo,
Em quebrei a cantarinha,
Re-ché-chiu que lá foi tudo!
(Norte, CPP II, pág. 225)
- §II-2444
Fui à fonte buscar água
Na casca da melancia;
Nem bebi, nem trouxe água,
Nem falei com quem eu qu'ria.
(Bragança, CPP II, pág. 225)
- §II-2445
Fui à fonte com Maria,
Encontrei-me com Manuel,
Foi a coisa como eu qu'ria,
Caiu a sopa no mel.
(s/i, CPP II, pág. 225)
- §II-2446
Fui à fonte da Garcia
Beber água graciosa,
'Stava lá o meu amor,
Era a folha duma rosa.
(V. Velha Ródão, CPP II, pág. 226)
- §II-2447
Fui à fonte das três bicas,
Dei a mão à libardade,
'Stava vária do sentido
Quando te fiz a vontade...
(Moimenta Beira, CPP II, pág. 226)
- §II-2448
Fui à fonte dos amores
Dar a mão à lealdade;
Enchi o pote de rosas,
Fiz a rodilha de cravos.
(A. Valdevez; Nisa, CPP II, pág.
226)
- §II-2449
Fui à fonte dos amores,
Encontrei dois namorados:
- Enchi a talha de rosas,
Fiz a rodilha de cravos.
(C. Branco, CPP II, pág. 226)
Var.: Fui à fonte dos amores
Passei pela dos cuidados – V.
Conde; P. Lima.
- §II-2450
Fui à fonte por ver Ana,
Vinha meu primo com ela:
Adeus, primo, e adeus, Ana,
Raminho de Primavera!
(Crato, CPP II, pág. 226)
- §II-2451
Fui à fonte p'ra te ver,
Ao rio para te falar,
Nem na fonte nem no rio
Nunca te pude encontrar.
(Lamego, CPP II, pág. 226)
- §II-2452
Fui sentar-me ao pé da fonte
Para a água ver correr;
Vi correr a dos meus olhos
Para mais penas eu ter.
(s/i, CPP II, pág. 226)
- §II-2453
Lá no monte aonde eu moro
Há uma fonte na rua:
É de lágrimas que eu choro;
Sabe Deus se a culpa é sua!
(s/i, CPP II, pág. 226)
- §II-2454
Minha mãe mandou-me à fonte
Eu quebrei a cantarinha:
- Ó minha mãe, não me bata,
Que eu inda sou pequenina.
(P. Lima, CPP II, pág. 226)
- §II-2455
Minha mãe mandou-me à fonte
Pela hora do calor;
Eu quebrei a cantarinha
A dar água ao meu amor.
(s/i, CPP II, pág. 226)
- §II-2456
Na pedra da fonte
Achei um lencinho

Com letras que dizem: - Viva o Francisquinho! (s/i, CPP II, pág. 226)	(Lisboa, CPP II, pág. 227)	
§II-2457 Não venhas p'ró pé da fonte Quadras de amor ouvir: O teu cântaro é de barro, Bem se poderá partir. (Trás-os-Montes, CPP II, pág. 226)	§II-2463 'Screvi-te com tinta roxa, Minha letra não degenera; Fui à fonte beber água Só p'ra estar à tua espera. (s/i, CPP II, pág. 227)	§II-2478 Da banda de além do rio É um regalo morar Quem tem sede, vai beber, Quem tem calma, vai nadar. (Paredes, CPP II, pág. 228)
§II-2458 No laijeado da fonte Caiu semente às urtigas; Já perdi o norte à terra E a amizade às raparigas.	§II-2464 Se fores ao monte, Leva um pucarito, Bebe água da fonte Qu'ê p'ra ser's bonito. (Albufeira, CPP II, pág. 227)	§II-2479 Da outra banda do rio, Da outra banda de além, Tem meu pai um laranja Que muitas laranjas tem. (s/i, CPP II, pág. 228)
No laijeado da fonte Caiu semente ao poejo; Chegaram-me saudades De quem agora não vejo. (s/i, CPP II, pág. 227)	§II-2465 Todos os dias à tarde Tenha esta devoção: De ir buscar'ma quarta de água À Senhora da Conceição. (Estremoz, CPP II, pág. 227)	§II-2481 Dizei-me, ó águas salobras, Por que não adocicais; Correm rios e ribeiras, Salobras cada vez mais! (Ilha S. Jorge, CPP II, pág. 229)
§II-2459 Olhos pretos vão à fonte, Não sei que lá vão buscar: Não sei se vão buscar água, Se penas para me dar. (V. Alentejo; C. Branco, CPP II, pág. 227)	Nota: «Capela em Veiros, com fonte de bicas.»	§II-2483 Este rio leva água, Aquele outro leva vinho, Aquele além leva sangue Do meu amor, coitadinho. (Amarante, CPP II, pág. 229)
§II-2460 Onte'à noite fui à fonte; Pela brincadeira d'onte, Não me deixaste encher. Deixa estar, filho da mãe, Qu'inda me hás-de pagar bem, Se algum de nós não morrer. (Ilha S. Miguel, CPP II, pág. 227)	§II-2466 Um dia, ao pé duma fonte, Por acaso fui parar. Vi no fundo o teu retrato, Quis-me deitar a afogar. (s/i, CPP II, pág. 227)	§II-2484 Eu venho de além do rio, De regar o meu nabal, Trago uma folhinha verde Na ponta do avental. (Sernancelhe; Aveiro, CPP II, pág. 229)
§II-2461 Púcaro tão delicado Que água tão saborosa! Quem na bebe, é um cravo, Quem na basa é uma rosa. (Alandroal, CPP II, pág. 227)	§II-2467 Vais ao rio, vais à fonte, Vais encher o cantarinho. Ai, que alegria que eu sinto Se te encontro no caminho! (Amarante, CPP II, pág. 227)	§II-2485 Moro à beira do rio, Sozinha sem mais ninguém; Suspiros me põem a mesa, Saudades me mantêm. (Baião, CPP II, pág. 229)
§II-2462 Pus-me a chorar saudades Ao é duma fonte fria; Mais choravam os meus olhos Do que a água que corria!	§II-2470 Ao passar do ribeirinho, Água sobe e água desce; Nem a i água mata a sede, Nem o meu amor me esquece. (V. Castelo, CPP II, pág. 228)	§II-2490 O rio é dos barqueiros, A fonte dos estudantes, A praça das regateiras, A calçada dos amantes. (Coimbra, CPP II, pág. 229)
	§II-2474 Aqui à beira do rio É um regalo morar Quem tem sede, vai beber, Quem tem calma, vai nadar. (B. Alta, CPP II, pág. 228)	§II-2496

Vamos todos atalhar Esta desgraça tamanha: O rio leva as barracas, Ficam'steios para lenha! (Vieira Minho, CPP II, pág. 230)	De viver sem ter má fama. (Monchique, CPP II, pág. 235)	§II-2550 A folha do cardo pica, Ela picou-me na mão; Também a maldade pica Os homens no coração. (Penaguião, CPP II, pág. 236)
§II-2497 Venha ver, ó minha mãe, Da janela do pomar, Do outro lado do rio Um rouxinol a cantar. (s/i, CPP II, pág. 230)	§II-2540 A azeitona pequenina Tamei vai para o lagar; É como a moça bonita Que todos lhe querem falar. (V. N. Foz-Côa, CPP II, pág. 235)	§II-2551 A folha do castanheiro É bicada como a renda; Eu, dando-me a escolher, Queria gente e não fazenda. (Bragança, CPP II, pág. 236)
§II-2498 A folha da farrobera Cai no chão faz-se amarela; Não há moças mais bonitas Que as moças da minha terra! (s/i, CPP II, pág. 231)	§II-2542 A castanha no ouriço 'Stá com toda a gravidade: É como a menina solteira Na felor da sua idade. (Bragança, CPP II, pág. 235)	§II-2552 A folhinha do salgueiro É a primeira novidade; Quem madruga não alcança, Que fará quem se ergue tarde! (Alter do Chão, CPP II, pág. 236)
§II-2503 Ai de mim, aonde estou, Minha terra aonde fica! Remédio para o meu mal Não no há nesta botica. (Vila Rei, CPP II, pág. 231)	§II-2544 A cobra no rosmaninho Enrola-se e não aparece; É como o amor dos homens: É pouco e não se conhece. (Monchique, CPP II, pág. 235)	§II-2554 A hortelã é-me falsa, Falemos com o serpon; Quem não quer que o mundo fale Não lhe dê ocasion. (Minho, CPP II, pág. 236)
§II-2513 Eu hei-de ir à tua terra E tu hás-de vir à minha; Eu hei-de ir à tua sala E tu à minha cozinha. (V. Alentejo, CPP II, pág. 232)	§II-2545 A cobra pelo panasco Corre que desaparece. Quem dá confiança a homens Grande castigo merece. (Baião, CPP II, pág. 235)	§II-2555 A laranja, quando nasce, Nasce com a casca dura: É como a moça solteira Que até ao andar se apura. (s/i, CPP II, pág. 236)
§II-2515 Fica-te embora, ó Doiro, Com tuas casas caiadas, Que eu vou para a minha terra Ver as minhas defumadas. (s/i, CPP II, pág. 232)	§II-2547 A felor da oliveira Ao longe parece renda Amor, namora a pessoa, Não te invejas da fazenda. (Moura, CPP II, pág. 235)	§II-2558 À minha porta'stá um louro, À tua está um loureiro; Quem quiser dizer mal de outro, Olhe para si primeiro. (Loulé, CPP II, pág. 236)
§II-2516 Fui-me pôr num barquinho Só por vê-la minha terra: Os doentes sarariam Com os ares que vinham dela! (C. Beira, CPP II, pág. 232)	§II-2548 A flor da malva é roxa, De roxa causa terror; Já não há homem que tenha Lealdade ao seu amor. (Mesão Frio, CPP II, pág. 236)	§II-2561 A mocidade é um fruto Que se não pode comer; Quando se há-de aproveitar Assim se deita a perder! (Vimioso, CPP II, pág. 237)
§II-2538 A açucena bem regada Conserva a sua verde rama; Ninguém tenha presunção	§II-2549 A folha da oliveira É mais comprida que estreita; Desengana o teu amor, Não no tragas em suspeita. (Penafiel; Lamego, CPP II, pág. 236)	§II-2566 A oliveira recortada Tem recortes coma renda:

Enleva-te na pessoa, Não te enlevares na fazenda. (Portimão, CPP II, pág. 237)	Água clara já eu fui, Por minhas mãos me turvei. Neste mundo ninguém diga Desta água não beberei. (Por todo o país, CPP II, pág. 238)	Menina, guarda o que é teu, Quem o perde não o acha! (s/i, CPP II, pág. 240)
§II-2567 A parreira tem mil parras, Por dentro tem uns enleios; Muita coisa se faria Se não fossem os arreceios. (Portimão, CPP II, pág. 237)	§II-2584 Alto pinheiro redondo A flor que deita é branca, Quantas meninas se perdem Por causa da confiança.	§II-2605 Assubi ao limoeiro, Cheguei ao meio, caí; Dizem que o limoeiro é morte, Eu, para morrer, nasci. (s/i, CPP II, pág. 240)
§II-2568 A poupa põe o pé na água E o bico para beber: Nada se faça no mundo Que se não venha a saber. (Portimão, CPP II, pág. 237)	Alto pinheiro redondo, Senhora da Conceição, ... Alto pinheiro redondo, Senhora da piedade, ... (C. Beira; V. N. Foz-Côa, CPP II, pág. 239)	§II-2608 Azeitona miudinha Que azeite pode render? Homem pequeno sem barba Que vergonha pode ter? (Penaguião, CPP II, pág. 241)
§II-2570 A rosa, para ser rosa, Deve ser de Alexandria, ... (s/i, CPP II, pág. 237)	§II-2585 Altos montes endurecidos, Olivais com verdes ramas, Não dês ouvidos a queixas Nem deixes de amar quem amas. (A. Fé, CPP II, pág. 239)	§II-2611 Botei o cravo ao poço, Foi fechado, veio aberto; É um regalo na vida Enganar a quem é esperto. (Maio, CPP II, pág. 241)
§II-2571 A salsa vende-se aos molhos, A hortelã às mancheias: Tanto custaram a Deus As bonitas como as feias. (s/i, CPP II, pág. 237)	§II-2586 Alvaiada na botica Sem dinheiro não a dão; Muito custa ser bonita A quem não o é de nação. (V. Velha Ródão, CPP II, pág. 239)	§II-2614 - Carvalho, que dás bugalhos, Porque não dás coisa boa? - Cada um dá o que tem, Conforme a sua pessoa. (Barcelos, CPP II, pág. 241)
§II-2574 À tua porta tens loiro, À minha, tenho loureiro; Quando falares de mim, Olha para ti primeiro. (Cadaval, CPP II, pág. 238)	§II-2593 Anda cá, cidra, considra, Anda cá, considra bem: Depois da cidra partida O mal remédio não tem. (Portimão, CPP II, pág. 239)	§II-2616 Coitadinha da rabaça Que está sempre na friura; Coitadinho de quem nasce Ao mundo com pouca ventura. (s/i, CPP II, pág. 241)
§II-2576 A viola sem a prima, A prima sem o berdão E a mulher sem no home É como o caldo sem pão. (Feira, CPP II, pág. 238)	§II-2598 Anoiteceu-me na serra, Das moitas fiz enxergão; Uma mulher sem marido É coma mesa sem pão. (Bragança, CPP II, pág. 240)	§II-2617 Coitadinho de quem morre Se ao Paraíso não vai; Quem cá fica, come e bebe, A paixão sempre se vai. (Feira, CPP II, pág. 241)
§II-2577 Adeus, cipreste do adro, Não assombres a igreja, ... (Terras de Bouro, CPP II, pág. 238)	§II-2602 As saudades são securas. - Meu amor, dá cá a borracha –	§II-2620 Coração, não andes triste Nos dias qu'hás-de viver; Anda alegre, se puderes, Que a terra te há-de comer. (Nisa, CPP II, pág. 242)
§II-2579		

§II-2628 Corta, minha foice, corta Neste pão que é miudinho; Quem houver de andar por outrem Deve andar com cuidadinho. (C. Beira, CPP II, pág. 242)	Cada casa uma latada, Vem a morte fez vindima, Fica a vinha vindimada. (Monchique, CPP II, pág. 244)	(Tarouca, CPP II, pág. 246)
§II-2629 Cupido, como discreto, Deixou na pedra da fonte: - Quem quiser ter o amor firme, Há-de-lhe morar defronte. (s/i, CPP II, pág. 242)	§II-2651 Este mundo é uma vinha, Cada cepa seu cristão; Vem a morte e faz vindima, Não procura geração. (s/i, CPP II, pág. 244)	§II-2674 Há silvas que dão amoras, Há oitras que as num dão: Ele há homes que são firmes, Há outros que o num são. (B. Alta, CPP II, pág. 246)
§II-2632 Debaixo da murta fina 'Stá o amor a chorar; Mais vale não prometer, Que prometer e falhar. (Penaguião, CPP II, pág. 243)	§II-2653 Eu fui ao golfo do mar Engolfar uma çucena; Uma flor me respondeu: - Triste vida tem quem pena. (Ilha S. Jorge, CPP II, pág. 244)	§II-2675 Hei-de amar a cereijinha, Que é a primeira novidade; Quem madruga, não alcança, Que fará quem se ergue tarde! (Lamego, CPP II, pág. 246)
§II-2634 Debaixo do verde cedro Passa o rouxinol à tarde; Quem não guarda os seus segredos, Como quer os outros lhos guarde? (Maia, CPP II, pág. 243)	§II-2654 Eu fui ao mar p'r uma linha, Desci por um cacho de uvas, Não há que fiar nos homens, Que são falsos como Judas. (P. Lima, CPP II, pág. 245)	§II-2677 ... O sábio me respondeu: Vou-te dizer a verdade De que são feitos os homens? Da raiz da falsidade. (A. Fé, CPP II, pág. 246-7)
§II-2636 Deitei um limão correndo, Correndo foi à botica; Anda agora muito em moda: - Quem é tolo, asno fia. (s/i, CPP II, pág. 243)	§II-2659 Eu não digo que não hei-de Desta fonte água beber... Pode-me a sede obrigar E outro remédio não ter. (Mértola, CPP II, pág. 245)	§II-2679 Hei-de subir ao loureiro, Hei-de pôr o pé na ponta: Aquilo que está na mão d'outre' É'cusado fazer conta. (Amarante, CPP II, pág. 247)
§II-2645 Entre a salsa e o coentro Hei-de plantar o cebolo; Mais vale o feio engraçado Que o bonito sendo tolo. (O. Hospital, CPP II, pág. 244)	§II-2661 Eu pus-me a chorar saudades Ao pé da verde giesta; A flor me respondeu: - Não ames a quem não presta. (s/i, CPP II, pág. 245)	§II-2681 Já comi um cacho de uvas Da videira mal podada: O pouco com Deus é muito, O muito sem Deus é nada. (A. Valdevez, CPP II, pág. 247)
§II-2649 Este ano há muito linho É sinal de haver linhaça; Há muita moça perdida Por causa da desgraça. (Beja, CPP II, pág. 244)	§II-2663 Eu subi ao limoeiro, Pus o pé na segurança; Nunca dei ponto sem nó Nem papas sem confiança. (V. Castelo, CPP II, pág. 245)	§II-2682 ... Ninguém se fie nos homens Que é um gado sem vergonha. (s/i, CPP II, pág. 247)
§II-2650 Este mundo é uma vinha,	§II-2672 Fui-me deitar a dormir Ao pé do triste sargaço; As flores me responderam: - Não chores por quem te é falso.	§II-2688 Já vi nascer o Sol Numa bacia aos quadrados, Sempre há-de haver quem se meta Na vida dos namorados. (Estremoz, CPP II, pág. 247)
		§II-2689

Lá vai'ma criança presa, Foi encontrada a pedir, ...	§II-2708 Muita pedra faz parede E muita parede altura; O muito falar faz sede, Muita sede faz segura. (s/i, CPP II, pág. 249)	O Senhor era bem rico E mais andou a pedir. (Feira, CPP II, pág. 251)
(Idanha-a-Nova, CPP II, pág. 248)		
§II-2690 Laranjeira com pé de ouro, Disposta no areal, Dá-lhe o vento não revira, Assim faz quem é leal. (V. Velha Ródão, CPP II, pág. 248)	§II-2712 Na minha terra se ceifa O alecrim às paveias; Tanto custaram a Deus As bonitas como as feias. (Alcobaça, CPP II, pág. 250)	§II-2738 Ninguém diga nesta vida: - Desta água não beberei... O passado está passado, O que está p'ra vir não sei. (Tarouca, CPP II, pág. 252)
§II-2692 Loureiro, verde loureiro, Loureiro, verde na rama Não sou quem o mundo cuida, Que o mundo também se engana. (Minho, CPP II, pág. 248)	§II-2715 Não corte'lo cacho branco Da videira grangeal; Não contes os teus segredos Nem à amiga mais leal. (Mesão Frio, CPP II, pág. 250)	§II-2739 Ninguém se fie nos homens Nem nas falas que eles dão: Na boca, favo de mel, Rosalgar no coração. (P. Lima, CPP II, pág. 252)
§II-2695 Menina, não se namore De rapaz que embisga o olho: Por cima se ceifa o pão, Por baixo fica o restolho. (Idanha-a-Nova, CPP II, pág. 248)	§II-2716 Não cortes o cacho verde À videira cercial; Não conteis o teu segredo A quem te não é leal. (Gouveia, CPP II, pág. 250)	§II-2741 Ninguém se fie nos homens Nem no seu doce falar, Que eles têm falinhas doces, Coração de rosalgar. (P. Lima, CPP II, pág. 252)
§II-2696 Menina, não suba ao alto, Poderá dar em baixeza, Que eu já vi toalha limpa Servir de rodilha à mesa. (Moura, CPP II, pág. 249)	§II-2724 Não há machado que corte O tronco da oliveira; Não há dinheiro que pague Honra de moça solteira. (C. Verde, CPP II, pág. 251)	§II-2742 No alto daquela serra Corre água, nascem agriões; Já se não pagam finezas Senão com ingratidões. (Bragança, CPP II, pág. 252)
§II-2698 Menina, que vai passando, Faz favor de se não rir, Porque no mais fino pano Pode uma nódoa cair. (s/i, CPP II, pág. 248)	§II-2726 Não há sábado sem sol Nem rosmaninho sem flor, Nem casada sem ciúme, Sem solteira sem amor. (Coimbra, CPP II, pág. 251)	§II-2745 No mar se forma as nuvens, Nos campos, as novidades, Nas conversas, as afeições, Nos brincos, as liberdades. (Ovar, CPP II, pág. 252) Nota: «Novidades (em agr. popular) = frutos do campo.»
§II-2699 Mesa bem abastecida, Leito mole e bom conforto, Sem fome nem sono, o rico, O pobre, de inveja morto.	§II-2728 Não sei o que sanefica Salsa verde nas paredes. Quem escuta, sempre ouviu Falar de si muitas vezes. (Ponte Barca, CPP II, pág. 251)	§II-2748 Numa manhã de geada Caiu a folha ao jasmim; Quem mais faz, menos merece, Que assim me acontece a mim. (C. Verde, CPP II, pág. 253)
O pobre, de inveja morto E a faltar-lhe o que deseja, Mas com apetite e sono: E o rico... morto de inveja. (V. Alentejo, CPP II, pág. 248)	§II-2729 Não te ponhas nas estrelas, Que é alto, podes cair;	§II-2749 Nunca vi figueria brava Dar figos na raiz, Nunca vi moço solteiro

Ter assento no que diz. (Mogadouro, CPP II, pág. 253)	§II-2768 O jasmim caiu do céu, Quebrou o pé à açucena; Não há gosto sem desgosto, Que logo não cause pena. (Guimarães, CPP II, pág. 254)	Muita presunção Faz a gente tola. (V. Alentejo, CPP II, pág. 256)
§II-2753 O alecrim desta terra Ao sábado faz mudança. Rapaz de fora da terra Dai-lhe pouca confiança. (Amares, CPP II, pág. 253)	§II-2769 O jarmineiro é verde, A felor que dá é branca. Não posso fazer carinhos A quem me mostra carranca! (Resende, CPP II, pág. 254)	§II-2785 O rico até se regala Do pobre não ter dinheiro; O rico vive na sala E o pobre num palheiro. (Nisa, CPP II, pág. 256)
§II-2754 Ó alecrim, rei das ervas, Ó oiro, rei dos metais; Quem dá falas a brejeiros O que recebe são ais! (Minho e Douro, CPP II, pág. 253)	§II-2771 O mar pediu a Deus água E os peixes a Deus fundura, Os homens a Deus riqueza E as mulheres formosura. (Por todo o país, CPP II, pág. 255)	§II-2789 O rouxinol do loureiro Tem o cantar solitário: Como há-de ter juízo Quem toda a vida foi vário? (s/i, CPP II, pág. 256)
§II-2757 Ó alto pinheiro redondo, Já te tiraram cavacas; Já descobriste teu peito, Já te vêem tuas faltas. (V. Alentejo, CPP II, pág. 253)	§II-2772 O mar pediu a Deus peixes, Para andar acompanhado; Quando o mar quer companhia, Que fará um desgraçado? (s/i, CPP II, pág. 255)	§II-2791 O São Bento é das peras, O São Lázaro, dos anéis, As árvores, dos passarinhos, As Marias, dos Manéis. (Porto, CPP II, pág. 256)
§II-2761 O caracol é vadio, Vadio, porque ele quer: É como o rapaz solteiro Enquanto não tem mulher. (Condeixa, CPP II, pág. 254)	§II-2776 O meu carvalho landeiro Dá lande sem ter casulo: Ó minha linda menina, Quem se cala, vence tudo. (s/i, CPP II, pág. 255)	§II-2796 Ó vida da minha vida, Adeus, adeus, regalar, Bota o peixinho na água Se o queres ver nadar. (Barcelos, CPP II, pág. 257)
§II-2762 Ó cipreste lá do adro, Não assombres a igreja, Que bem assombrado anda Quem não logra o que deseja. (P. Lima, CPP II, pág. 254)	§II-2779 Ó minha caninha verde, Verde cana d'incarnar, Pela boca morre o peixe, Quem te manda a ti falar? (Minho, CPP II, pág. 255)	§II-2800 Oh que pinheiro tão alto, Lindo pau para colheres! As verdades são dos homens, As mentiras das mulheres. (Porto, CPP II, pág. 257)
§II-2766 O filho do caranguejo Imita o pai no andar: O filho do pai malino Sempre o há-de imitar. (s/i, CPP II, pág. 254)	§II-2780 Ó oliveira do adro, Não assombres a igreja, Que na era em que estamos, Ninguém logra o que deseja. (Penaguião, CPP II, pág. 255)	§II-2801 Oliveira que é varada No meio é combatida; Coração que é magoado Nunca se la mágoa tira. (Lamego, CPP II, pág. 257)
§II-2767 O girassol, quando nasce, Traz maravilhas ao pé; Contratos com gente falsa Quanto menos, melhor é. (s/i, CPP II, pág. 254)	§II-2782 Ó papo, ó papo, Ó papo de rola,	§II-2802 Oliveira recortada Tem recortes como a renda; Enleva-te na pessoa, Não te enlevés na fazenda. (Portimão, CPP II, pág. 257)

§II-2802	Quem com perdas vive	(Sernancelhe; Aveiro, CPP II, pág. 262)
...	E delas faz cabedal	
Os olhos acastanhados	Ou vai parar à cadeia	
São os leais, verdadeiros.	Ou vai morrer ao hospital.	§II-2854
(A. Fé, CPP II, pág. 257)	(Silves, CPP II, pág. 259)	Salsa verde à minha porta
		Qualquer raminho tempera,
§II-2805	§II-2822	Val' mais um rapaz de fora
Passei pela manjerona,	Quem diz que a serra é serra,	Que quatro ou cinco da terra.
Joguei de mãos à semente;	À serra também dá pão;	(V. Alentejo, CPP II, pág. 262)
Mais vale um bom desengano,	Também na serra se criam	
Que andar enganado sempre.	Meninas de estimação.	§II-2855
(Loulé, CPP II, pág. 257)	(Penamacor; Loulé, CPP II, pág. 259)	Sameei na minha horta
		Lírio roxo, meu bem,
§II-2808	§II-2830	Também cai numa inorância
- Pilriteiro, das pilritos	Quem tem pinheiros, tem pinhas,	Quem por esperto se tem.
Tu não das coisa boa.	Quem tem pinhas, tem pinhões;	(Feira, CPP II, pág. 262)
- Cada um dá o que tem	Quem tem amores, tem zelos,	§II-2863
Conforme a sua pessoa.	Quem tem zelos, tem paixões.	Se Deus quisera, dera vinho
(Por todo o país, CPP II, pág. 258)	(Norte, CPP II, pág. 260)	À vida, sem ser podada...
Var.: Sobreiro, que das bolota – A.		O pouco com Deus é muito,
Fé.	§II-2833	O muito sem Deus é nada.
	Quero bem à salsa verde	(Baião, CPP II, pág. 262)
§II-2811	Por um conselho que me deu:	
Pus-me a chorar ao pé da água	Que não tivesse outro amor	§II-2866
Lágrimas de sentimento,	Senão o que fosse meu.	Se passardes pela murta,
A água me respondeu:	(V. Alentejo, CPP II, pág. 260)	Olhai lá como passais!
- Nada cura como o tempo.		A murta é miudinha...
(C. Branco, CPP II, pág. 258)	§II-2834	Mais miúdos são nos ais!
	Quero cantar, ser alegre	(s/i, CPP II, pág. 263)
§II-2812	Que a tristeza não faz bem,	
Pus-me a chorar saudades	Inda não vi a tristeza	§II-2867
Ao pé da água corrente;	Dar de comer a ninguém.	Se te vires afelito,
A água me respondeu	(A. Fé, CPP II, pág. 260)	Pede paciência, amor,
Que amores não duro' sempre.		Que a paciência é remédio
(Famalicão, CPP II, pág. 258)	§II-2852	Contra a mais sensível dor.
	Salamão do Oriente,	(V. Alentejo, CPP II, pág. 263)
§II-2813	Por muito saber, errou;	
Quando eu saio de casa	É como o homem valente:	§II-2874
Minha mãe me recomenda	A mesma força o matou.	Subi ao céu p'r uma ameixa,
Que não fale para os homens,		Desci por um cacho de uvas;
Porque são fraca fazenda.	Algum dia Salamão	Não há que fiar nos homens,
(Paredes, CPP II, pág. 258)	Andava de madrugada;	Que são falsos como Judas.
	Bem podia Deus dar pão:	(Penaguião, CPP II, pág. 263)
§II-2819	Terra sem ser semeada.	
Quem às vezes caminha	(Nisa, CPP II, pág. 261)	§II-2875
Sua desgraça precura;		Tanta silva, tanta amora,
Eu já vi uma pombinha	§II-2853	Tanta laranja no chão!
Andar na mesma loucura.	Salsa ao longo do rio,	Tanta amizade enfengida,
(Nisa, CPP II, pág. 259)	Ao longo do rio salsa;	Tanto bem-querer em vão!
	Mais vale uma feia firme	(Alentejo, CPP II, pág. 263)
§II-2820	Do que uma bonita falsa.	

§II-2876 Tendes loreiro à porta, Tendes sombra regalada, Tendes fama de bonita, Deveis ser mui procurada. (Braça, CPP II, pág. 263)	Tudo que é verde se seca, Até os limos do rio; ... (F. Algodres, CPP II, pág. 265)	É da cana de coentro, Um cravo roxo na ponta Significa sentimento. (Trás-os-Montes, CPP II, pág. 268)
§II-2879 Teu cabelo é um feixe, Penteia-o com marfim; Pela boca morre o peixe, Assim acontece a ti. (Avis, CPP II, pág. 264)	§II-2893 Tudo requer a idade, Tudo requer o que é seu: O peixe nada no mar, Salta cá fora, morreu. (Baião, CPP II, pág. 265)	§II-2916 Apanhei murta que é dor, Da manjerona fiz molhos; P'ra te ver torço caminhos, Feiticeira dos meus olhos. (s/i, CPP II, pág. 268)
§II-2881 Toda a moça que é bonita, Que ela chore, que ela grite, Nunca houvera de nascer: É como a maçã madura Em casa do padre-cura... Todos la querem comer! (Ilha S. Miguel, CPP II, pág. 264)	§II-2902 Vós dizeis que não, que não, Inda haveis de vir querer: Tanto dá a auga na pedra Que a faz amolecer. (s/i, CPP II, pág. 266)	§II-2917 Beldroegas são ciúmes, A couve arrependimento, A alfádega são saudades Que eu por ti tive algum tempo. (Baião, CPP II, pág. 268)
§II-2883 Todas as aves de pena Descem a beber ao rio; Também todas as amizades Por tempo têm seu desvio. (s/i, CPP II, pág. 264)	§II-2906 O encarnado é guerra, Quem o traz não é ninguém. (V. Alentejo, CPP II, pág. 267)	§II-2919 De saudades e perpétuas Hei-de fazer um raminho E mandá-lo por mão própria Entregar ao meu benzinho. (s/i, CPP II, pág. 268)
§II-2884 Todos os males se curam Com remédios da botica; Só tristezas e saudades Quem as tem com elas fica. (Penaguião, CPP II, pág. 264)	§II-2907 O encarnado é guerra Vai na proa do navio; Vai-te embora, ó encarnado, Que cá fica o alvadio. (V. Alentejo, CPP II, pág. 267)	§II-2920 - Diz-me amor que senifica Hortelã, salsa e goivos. - Senifica esposados, Não sei se seremos noivos. (Vimioso, CPP II, pág. 268)
§II-2885 Torradinhas com manteiga, Por cima café, limão; Toda a facada tem cura Não chegando ao coração! (P. Lima, CPP II, pág. 264)	§II-2909 Quem diz que o encarnado Não tem bonita cor? (V. Alentejo, CPP II, pág. 267)	§II-2921 Esta flor que te remeto, Como sabes, é saudade, Vai dizer-te quanto soffro Por não ter tua amizade. (V. Alentejo, CPP II, pág. 268)
§II-2889 Tu pensas que és mais do que eu, Por teres mais olivais; Às vezes os pobrezinhos Têm menos e valem mais. (A. Fé, CPP II, pág. 264)	§II-2912 A oliveira é paz Que se dá aos bem casados, A palma aos sacerdotes, Alecrim aos namorados. (s/i, CPP II, pág. 268)	§II-2923 - Eu não sei que significa Salsa verde nas paredes. Significa saudades De nos vermos raras vezes. (Barcelos, CPP II, pág. 268)
§II-2892 A roca com que fiais	§II-2913 A oliveira é paz Que se dá aos bem casados; O alecrim é ramalhudo Que se dá aos namorados. (s/i, CPP II, pág. 268)	§II-2925 Fui ao jardim das felores Buscar um amor-perfeito; Achei o jardim fechado, Pus um martírio ao peito.

- (A. Fé, CPP II, pág. 269)
 §II-2926
 Lá te mandei um raminho,
 Leva silva que é prisão,
 Também leva lírio roxo
 Que é sinal de apartação.
 (M. Canaveses, CPP II, pág. 269)
- §II-2928
 Meu ramo de murta fina,
 Eu hei-de-te combater:
 A murta dá-se a quem morre,
 Eu por ti quero morrer.
 (B. Alta, CPP II, pág. 269)
- §II-2929
 Não sabes que significa
 A arruda pelos valados?
 Significa durar pouco
 Arrufo dos namorados.
 (s/i, CPP II, pág. 269)
- §II-2930
 Quatro flores em teu peito
 Fizeram sociedade:
 Junquilha, amor-perfeito,
 Perpétua e saudade.
 (Tramagal, CPP II, pág. 269)
- §II-2931
 Só te mandei um raminho
 Da murta e nada mais;
 A murta é para os mortos,
 Se morro, vós me matais.
 (s/i, CPP II, pág. 269)
- §II-2932
 A água do rio vai turva,
 Eu não fui que a turvei;
 Agora, por meus pecados,
 Água turva beberei.
 (Baião, CPP II, pág. 271)
- §II-2933
 A castanha no ouriço
 'Stá com toda a liberdade,
 Depois de cair no chão
 Não falta quem na arrecade.
 (Baião, CPP II, pág. 271)
- §II-2936
 A flor da pionia
 No jardim é a melhor planta,
 Tem um riso excelente
 Que a todo o mundo encanta.
 (V. Conde, CPP II, pág. 271)
- §II-2937
 A mimosa trepadeira
 No trono vai enrolar;
 Não é tão gostosa a fruta
 Senão depois de enxertar.
 (Portimão, CPP II, pág. 271)
- §II-2938
 A pena com que te escrevo
 Não é de nenhum pavão,
 Criada foi em meu peito,
 Junto do meu coração.
 V. Alentejo, CPP II, pág. 271)
- §II-2939
 A perdiz que anda na selva
 Ela julga que anda só;
 Mal ela se descuida
 Está caída na enxó.
 (Ourique, CPP II, pág. 271)
 Nota: «[Enxó] Armadilha.»
- §II-2944
 Amor-perfeito não há,
 Já se acabou a semente,
 A perpétua variou;
 Não há nada permanente!
 (s/i, CPP II, pág. 272)
- §II-2946
 Apanhei a pera verde,
 Para a pera amadurar:
 Pera verde, verde pera,
 Sempre me hades enganar!
 (Monchique, CPP II, pág. 272)
- §II-2947
 ...
 Aqui, bate a pomba as ansas,
 Aqui é que tem o ninho.
 (s/i, CPP II, pág. 272)
 Var.: Aqui tem a rola o ninho –
 Lamego.
- §II-2948
 Aqui nesta rua havia
- Uma pombinha bem boa;
 Não fizeram caso dela,
 Veio o gavião, levou-a.
 (C. Beira, CPP II, pág. 272)
- §II-2950
 Assubi ao limoeiro,
 Cheguei ao meio caí;
 Ao acipreste da morte
 Cai lá e não morri.
 (Montalegre, CPP II, pág. 272)
- §II-2951
 Atira, caçador, atira
 À pomba que está na eira;
 Ah, ladrão que me mataste,
 Que eu 'stava para ser freira!
 (Lagoa, CPP II, pág. 272)
- §II-2953
 Azeitona miudinha
 O rouxinol a namora.
 Agarra nela o bico,
 Bate as asas, vai-se embora!
 (Coimbra, CPP II, pág. 273)
- §II-2955
 Bem te vejo, laranjeira,
 Carregada de laranjas!
 Todo o mundo me dizia:
 - Laranjeira, cais co' o peso.
 (Douro, CPP II, pág. 273)
- §II-2956
 Chamaste-me pintainho,
 Pintainho de vintém,
 Deixa-me ir ao teu poleiro,
 Saberás se canto bem.
 (s/i, CPP II, pág. 273)
- §II-2959
 Cravos e amores-perfeitos
 O jardim 'stá sem nenhum;
 Só conservo em meu peito
 Amor perfeito, só um.
 (P. Sor, CPP II, pág. 273)
- §II-2961
 Daquela janela alta
 Me atiraram c'um limão
 A casca deu-me no peito,
 O sumo no coração.

- (Mesão Frio, CPP II, pág. 273)
- §II-2962
Das flores do meu jardim
A melhor é a margarida;
Eu a todas quero bem,
Só por ela dou a vida.
(Feira, CPP II, pág. 273)
- §II-2963
Deixa-te estar, maçazinha
Em cima da macieira;
Se te deixas abanar,
Já não achas quem te queira.
(Alvaiázere, CPP II, pág. 273)
- §II-2965
Detrás daquela janela
Está uma lebre agachada
Em manguinhas de camisa:
- Ó lebre, quem te caçara!
(Guarda, CPP II, pág. 274)
- §II-2969
E a rola se vai queixando
Que lhe tiraram os ovos,
Não os puseras tu, rola,
Tanto ao pé dos meus olhos.
(Idanha-a-Nova, CPP II, pág. 274)
- §II-2971
Esta noite correu vento,
Mais la outra passada;
Minha laranjeira doce,
Que assim ficas abanada!
(Montalegre, CPP II, pág. 274)
- §II-2974
Eu hei-de ir à tua relva,
Ao teu ninho temporão,
Para ver se ajuntamos
A farinha co' o rolão.
(Lamego, CPP II, pág. 274)
- §II-2975
Eu hei-de subir ao alto,
Ao mais alto que eu puder,
Ao mais alto ramalhinho
Que a oliveira tiver.
(Amarante, CPP II, pág. 275)
- §II-2976
- Eu hei-de subir ao cedro,
Ao cedro tirar um ninho;
Ó cedro, que estás quebrado
Co' o peso do passarinho!
(M. Canaveses, CPP II, pág. 275)
- §II-2977
Eu já morri uma vez,
Achei o morrer tão doce...
Ainda queria morrer mais
Se o morrer sempre assim fosse.
(Maia, CPP II, pág. 275)
- §II-2978
Eu já morri uma vez,
Achei o morrer tão doce...
Inda tornava a morrer,
Se por tua causa fosse.
(s/í, CPP II, pág. 275)
- §II-2979
Eu sempre junto à rosa
Estou como um cordeirinho,
Porque estou com meu receio
De picar-me algum espinho.
(V. Conde, CPP II, pág. 275)
- §II-2980
Eu sinto chilrear
Passarinho novo no trigo;
Ando para o apanhar,
Não trago o laço comigo.
(V. Alentejo, CPP II, pág. 275)
- §II-2982
Eu subi ao limoeiro,
Cheguei ao meio, caí;
Ó limões da minha morte,
Ó Jesus, eu já morri!
(Braga, CPP II, pág. 275)
- §II-2983
Eu vou por aqui abaixo,
Como quem não vai a nada,
Vou abanar'ma pereira
Que inda não foi abanada.
(V. N. Cerveira; V. N. Gaia, CPP II, pág. 275)
- §II-2984
Figos daquela figueira
Quem os houver de comer
- Deve ter o pé ligeiro
Para subir e descer.
(O. Hospital, CPP II, pág. 275)
- §II-2986
Fui ao jardim das felores
Fui colhê'la margarida,
Foi o primeiro amor
Que tive na minha vida.
(Lamego, CPP II, pág. 275)
- §II-2988
Fui no monte jardineiro
No tempo do rasaluto;
Haja quem te colha a rama,
Que eu já te colhi o fruto.
(Portimão, CPP II, pág. 276)
- §II-2992
Lá cima naquela serra
Nem chove nem faz orvalho;
Não quero no meu rebanho
Carneiro que traz chocalho.
(Baião, CPP II, pág. 276)
- §II-2993
Lá vai uma, lá vão duas,
Três pombinhas a voar;
Uma é minha, outra é tua,
A outra p'ra quem a apanhar.
(Loures, CPP II, pág. 276)
- §II-2994
Limoeiro da calçada
Já não torna a dar limões,
Que lhe cortaram a rama
Para render corações.
(A. Valdevez, CPP II, pág. 276)
- §II-2995
Manjaricão da janela,
Já podias ir secando,
Já morreu quem te regava
Eu já me vou enfadando.
(Baião, CPP II, pág. 276)
- §II-2996
Menina, que vai co' o gado,
Leve-me o meu bezerrinho;
Solte-mo no seu lameiro
E farte-mo bem fartinho.
(Maia, CPP II, pág. 276)

§II-2998 Minha cereja bical, Amei-te dêz pequenina; Deixei-te comer aos gaios, A culpa foi toda minha. (Baião, CPP II, pág. 276)	(do Esposende, n.º 636)	Ó rosa, se tu és rosa, Sustenta a tua beleza: Andas por mãos de figaldos, Cheiram, põem-te na mesa. (C. Beira, CPP II, pág. 279)
§II-2999 Minha cereja bical, Picada do rouxinol, Quem te picou que te coma, Que te comeu o melhor. (s/i, CPP II, pág. 277) Var.: Minha maçã vermelhinha. Var.: que te tirou o melhor – Alijó; Chaves.	§II-3013 Ó José, pinheiro verde, Que dás sombra todo o V'irão, Não andes, José, à calma, Que tens a sombra na mão! (Monchique, CPP II, pág. 278)	§II-3032 Oh que lindas pombas brancas Vejo naquele pombal! Quem me dera ser o pombo Da que não tenha casal. (C. Branco, CPP II, pág. 279)
§II-3000 Minha maçã coradinha, Picada do rouxinol, Se não foras picadinha, Eras linda como o Sol. (s/i, CPP II, pág. 277)	§II-3016 Ó loureiro, ó loureiro, Ó loureiro ramalhudo, O loureiro diz que paga, O loureiro paga tudo! (V. N. Cerveira, CPP II, pág. 278)	§II-3033 Oh que lindo cacho de uvas Aquela latada tem! De baixo ninguém lhe chega Por cima não vai ninguém. (A. Valdevez, CPP II, pág. 279)
§II-3003 Não me invejo de quem tem Carros, parelhas e montes, Só me invejo de quem bebe Água de todas as fontes... (Ourique, CPP II, pág. 277)	§II-3018 O meu amor é uma vinha Toda ela já madura E que tem na mesma cepa De cachos uma fartura. (V. Alentejo, CPP II, pág. 278)	§II-3034 Papagaio, olha a rola, Olha a rola, coitadinha! Quem quiser namorá'la rola Vá lá baixo à cozinha.
§II-3008 No mar há um peixinho Que se chama tubarão Se ele não comesse gente, Dava-lhe o meu coração. (s/i, CPP II, pág. 277)	§II-3019 Ó meu amor, meu amor, Ó meu amor, bem te entendo! Raminhos de peras novas Na praça se estão vendendo. (Cadaval, CPP II, pág. 278)	Vá lá baixo à cozinha, Lá baixo é que ela mora; O ladrão do papagaio É bem novo, já namora! (s/i, CPP II, pág. 280)
§II-3009 No meio da rua grande Andam pombas pelo chão, Quem as houver de caçar Há-de ser bom gavião. (T. Moncorvo, CPP II, pág. 277)	§II-3020 Ó minha pequerruchinha, Roubastes a cor ao leite... O que te pôs nesse estado Agora que te aproveite! (Melgaço, CPP II, pág. 278)	§II-3035 Passarinho trigueiro, Salta cá fora, Tem as asas queimadas, Não vai lá agora.
§II-3011 O cravo bateu na rosa, A açucena foi qu'relar; Oh que lindo juramento O jardim tem para dar! (Minho, CPP II, pág. 278)	§II-3021 Ó minha pombinha branca De biquinho amarelo, Já te vi' star a beber Na água do caramelo. (Armamar, CPP II, pág. 278)	Passarinho trigueiro, Salta na janela. Em vindo a noite, Chega-te a ela. (V. Alentejo, CPP II, pág. 280)
	§II-3022 Ó rola, que estás rolando Pelo adro da igreja! Não há tiro que a mate Nem caçador que a veja. (s/i, CPP II, pág. 278)	§II-3038 Quando eu vinha de abalada, Deu-me sede no caminho, Uma rosa me deu água Do sumo do rosmaninho. (C. Rainha, CPP II, pág. 280)
	§II-3028	§II-3039

Quando te eu vi, laranjeira, De laranjas carregada, Logo o coração me disse: - Laranjeira desgraçada! (Melgaço, CPP II, pág.280)	Todo o meu tempo gastei A guardar uma latada, Numa hora que lá faltei Logo a encontrei vindimada! (F. Algodres, CPP II, pág. 283)	A ter amores contigo. (Portimão, CPP II, pág. 287)
§II-3040 Quatro flores em meu peito Fizeram sociedade: Açucena, lírio roxo, Perpétua e saudade. (V. Velha Ródão, CPP II, pág. 280)	§II-3072 Trigo loiro, trigo loiro, Trigo malhado na eira: Inda não'stá sameado Já verdega na ribeira! (Baião, CPP II, pág. 283)	§II-3101 Fui ao jardim do teu peito Para colher uma flor; Não achei amor-perfeito, Achei só perfeito amor. (V. Conde, CPP II, pág. 287)
§II-3044 Quem quiser comprar, que eu vendo Cabaços da cabaceira? Ninguém se livra dum cabaço, Dum cabaço, antes que queira. (V. Alentejo, CPP II, pág. 280) Nota: «Cabaço = fruto; cabaço = recusa de namoro.»	§II-3074 Um manjaricão no monte Não sei como não tem medo; Faz a cama, dorme só, Debaixo dum arvoredado. (Porto, CPP II, pág. 283)	§II-3102 Fui ao trevo colher trevo, Achei o trevo colhido. Se me atrevo? Não me atrevo A tomar amores contigo. (V. Alentejo, CPP II, pág. 287)
§II-3047 Rola a pomba, rola a pomba, Rola o pombinho também; A pomba sem o pombinho Nenhuma graça que tem! (Portimão, CPP II, pág. 281)	§II-3075 Uma linda laranjeira Só uma laranja tem; De baixo ninguém lhe chega, Acima não vai ninguém. (V. Velha Ródão, CPP II, pág. 283)	§II-3105 O meu amor e o teu Andam ambos na ribeira: O meu anda à erva cidra E o teu à erva cidreira. (Bragança, CPP II, pág. 287)
§II-3059 Se fores ao meu jardim, Não cortes a margarida, Que foi o primeiro amor Que eu tive na minha vida. (Baião; M. Canaveses; Mesão Frio, CPP II, pág. 282)	§II-3078 Vós, menina, sois a árvore Onde se enxerta o amor: Quem vai tarde, colhe a rama, Quem vai cedo, colhe a flor. (s/i, CPP II, pág. 283)	§II-3107 Ó minha pombinha branca, Empresta-me o teu vestido, O teu vestido são penas, Eu também em penas vivo. (Tarouca, CPP II, pág. 287)
§II-3060 Se fores às minhas hortas, Não bulas na açucena; Ela é muito melindrosa, Coisa pouca lhe dá pena! (Vila de Rei, CPP II, pág. 282)	§II-3079 Vou cantar uma cantiga Viradinha p'rá parede; Não cuidei peixe tão fino De me vir cair à rede. (s/i, CPP II, pág. 283)	§II-3109 O trevo diz que se atrevo A ser mais alto que o trigo; Eu, sem ser trevo, me atrevo A tomar amores contigo. (Alentejo, CPP II, pág. 288)
§II-3068 Toda a noite choveu água No gargalinho do poço; Todos os cravos se abriam, Só tu não, meu cravo roxo. (Portimão, CPP II, pág. 282)	§II-3080 Vou por este caminho adiante Como quem não vai a nada, Abanar uma p'reirinha Que nunca foi abanada. (Penafiel, CPP II, pág. 283)	§II-3110 O trevo diz que se atrevo A trazer amor's ausentes; Eu não sou trevo e me atrevo A tomar amor's p'r sempre. (Alentejo, CPP II, pág. 288)
§II-3070	§II-3099 Fui à hora colher trevo, Achei o trevo colhido. Atrevo-me? Não me atrevo	§II-3111 O trevo diz que se atrevo, O trevo é atrevido; Eu sem ser trevo, me atrevo A tomar amores contigo. (Alcanena, CPP II, pág. 288)

- §II-3123
A folha da alfarrobeira
É erva que o boi não come;
Mal empregada menina
Casar com quem não é home!
(Portimão, CPP II, pág. 289)
- §II-3124
A laranja caiu na água,
De madura foi ao fundo;
Mal empregada menina
Andar nas bocas do mundo!
(Portimão, CPP II, pág. 289)
Var.: Desgraçada da menina
Que cai nas bocas do mundo –
Alportel.
Var.: Desgraçada da donzela
Cair nas bocas do mundo –
Alandroal.
- §II-3125
A laranja, quando nasce,
Sempre tem a tona dura;
É como a moça donzela,
Cantigas p'ra quem murmura.
(s/i, CPP II, pág. 289)
- §II-3126
A maçã da macieira
Não se quer abocanhada,
Como a menina solteira
Que espera de ser casada.
(V. N. Gaia, CPP II, pág. 289)
- §II-3127
A madressilva cheirosa
Amargosa é na raiz;
Nã posso amar um tirano
Que de mim tanto mal diz.
(Alentejo; Portimão, CPP II, pág. 289)
- §II-3129
A poejeira no vale,
Quando reverdece, chora;
Que lhe importa a cada qual
A vida de quem namora?
(R. Monsaraz, CPP II, pág. 290)
- §II-3130
A salsa da minha horta
Tem a folha retorcida;
- Retorcida seja a língua
Que fala da minha vida!
(s/i, CPP II, pág. 290)
- §II-3131
A salsa subiu ao muro,
A hortelã deu a volta;
Não sei que amor é o nosso
Que toda a gente se importa.
(V. Alentejo, CPP II, pág. 290)
- §II-3133
À tua porta está louro,
Junto à minha está loureiro;
Quem quiser falar mal de outrem
Há-de olhar p'ra si primeiro.
(Algarve, CPP II, pág. 290)
- §II-3134
A azinheira bem rodada
É o brio do corta-rama;
Antes que eu te não namore,
Já não me livro da fama.
(Mação, CPP II, pág. 290)
- §II-3135
Alecrim à beira de água
Dá-lhe o vento e torce o pé,
Assim eu torcera a língua
A quem diz o que não é.
(Trás-os-Montes, CPP II, pág. 290)
De O Elvense, 1892)
- §II-3137
Alto pinheiro da serra
Lá no meio canta a cobra;
Quanto mais o mundo fala,
Mais o nosso amor dobra.
(T. Moncorvo, CPP II, pág. 290)
- §II-3138
Alto pinheiro redondo,
Já te tiraram cavacas,
Já descobriste teu peito,
Já sabem as tuas faltas.
(Alandroal; V. Velha Ródão, CPP II, pág. 290)
- §II-3143
Arrebenta o pessegueiro,
Arrebenta pelo pé;
Assim arrebente a língua
- De quem diz o que não é.
(Baião, CPP II, pág. 291)
- §II-3145
Assubi à amendoeira,
Quem me há-de agora descer?
Difamaram-me contigo,
Quem me há-de agora querer?
(Lamego, CPP II, pág. 291)
- §II-3146
Assubi à gamboeira,
Gamboas deitei à terra;
Coisa que Deus não perdoa:
Testemunhos a donzela!
(Condeixa, CPP II, pág. 291)
- §II-3147
Assubi ò castinheiro,
Pus o pé nu(m)a castanha;
Dizeis que eu não tenho amores,
Oh que mentira tamanha!
(Lamego, CPP II, pág. 291)
- §II-3149
Botei o limão ao poço,
Foi ao fundo, criou rama;
Inda não tenho amores,
Já me quereis pôr fama!
(M. Canaveses, CPP II, pág. 291)
- §II-3155
Debaixo da trovisqueira
Saiu a perdiz cantando;
Deixemos falar quem fala:
É mundo, vamos andando.
(Mogadouro, CPP II, pág. 292)
Da Revista Nova, 1894.
- §II-3156
Deitei um limão correndo,
À tua porta parou.
Olha o mundo o que é de ingrato,
Até nisso reparou!
(s/i, CPP II, pág. 292)
- §II-3158
Dizes que eu não conheço
A arruda pelo cheiro,
Que sou tão afortunado
Como os cães que acham dinheiro.
(O. Azeméis, CPP II, pág. 292)

§II-3159 Eu hei-de amar a margaça, Que é erva que os bois não comem; Mal empregada menina Num rapaz que não é homem! (Mafra, CPP II, pág. 292)	Loureiro, berde na rama, Inda não tenho o amor Já me deitaste a fama. (Melgaço, CPP II, pág. 295)	Caiu no mar afogou-se; Eu bem sei que fala o mundo, Quero-te bem, acabou-se. (Mogaroudo, CPP II, pág. 296)
§II-3160 Eu já não vou à ribeira Nem ò chafariz do rei, Que lá'stá um homem morto, Dizem que eu o matei. ... (V. Pouca Aguiar, CPP II, pág. 292)	§II-3193 Loureiro, verde loureiro, Loureiro de baga preta, Da fama ninguém se livra, Ao p'riço ninguém se meta. (P. Lima, CPP II, pág. 295) Var.: Em obras ninguém se meta – V. Conde.	§II-3206 Minha laranjinha verde, Meu limão antecolhido, Muitas almas se incarrigo' De me ver falar contigo. (M. Canaveses, CPP II, pág. 296)
§II-3162 Eu sou como o piorneiro Quando começa a amarelejar; Quem escuta, de si ouve... Quem te mandou lá'scutar? (Alandroal, CPP II, pág. 292)	§II-3194 Loureiro, verde loureiro, Seca seja a tua rama! Inda não tenho amores, Já me trazedes na fama! (Bragança, CPP II, pág. 295)	§II-3207 Minha maçã vermelhinha Navega, não vai ao fundo, Inda que eu queira, não posso Tapas as bocas do mundo. (V. Conde, CPP II, pág. 296)
§II-3167 Fiz a cama no loureiro Cuidando que era calado: Loureiro é chocalheiro, Tudo traz assoalhado. (s/i, CPP II, pág. 293)	§II-3195 Loureiro, verde loureiro, Seca seja a tua rama! Inda sou tão pequenina, Já me quereis pôr essa fama! (P. Lima, CPP II, pág. 295)	§II-3208 Moro ao redor do rio, Bebo água sem ter lodo; Eu não falo de ninguém, De mim fala o mundo todo. (Tarouca, CPP II, pág. 296)
§II-3181 Já cortei o meu cabelo, Já atirei co'ele ao chão; As padeiras da rua Nem assim me deixarão? (s/i, CPP II, pág. 294)	§II-3198 Manjarico verde cheira Lá no meio da minha sala; Como posso eu, amor, Tapar a boca a quem fala? (V. Velha Ródão, CPP II, pág. 296)	§II-3212 Não há gosto como a salsa Nem cheiro como a cilindra; Na boca das chuncalheiras Tudo cresce e nada minga. (Feira, CPP II, pág. 297)
§II-3185 Já o mar não leva água Senão areia e lodo; ... (s/i, CPP II, pág. 294)	§II-3199 Mariquinhas, dá-me lume, Que eu lume vi reluzir; Bota o teu amor cá fora Que eu bem o vi p'ra lá ir. (S. Tirso, CPP II, pág. 296)	§II-3214 Não quero nada do mundo Senão uma coisa só: Era a língua dos homens Torrada, feita em pó. (P. Sor, CPP II, pág. 297)
§II-3191 Levantaste-me uma fama Que Deus me há-de livrar dela. Água clara não se enturva Por mais que bulam com ela. (Nelas, CPP II, pág. 295)	§II-3204 Meu amor, vamos às'moras Que as há pelos caminhos; Não há faca que mais corte Que a língua dos maus vizinhos. (Mogadouro, CPP II, pág. 296) Da Revista Nova, 1894.	§II-3215 Não se me dá de quem fala, Nem de quem de mim marmura, Eu sou como a oliveira Que sempre vai em altura. (Feira, CPP II, pág. 297)
§II-3192 Loureiro, berde loureiro,	§II-3205 Meu canivete de prata	§II-3221 No meu quinteiro faz lama, À tua porta, lameiro; Quando falares de mim, Olha para ti primeiro!

(V. N. Cerveira, CPP II, pág. 297)

§II-3222

Noutro tempo era eu
No teu prato a melhor sopa;
Hoje cortas-me na vida
Como a tesoura na roupa.
(Monchique, CPP II, pág. 298)

§II-3223

O acipreste no vale
Muda a folha a toda a hora;
Que lhe importa a cada qual
A vida de quem namora?
(R. Monsaraz, CPP II, pág. 298)

§II-3224

Ó água, que assim vais turva,
Quando hás-de aclarar?
Ó línguas difamadoras,
Quando me haveis de deixar?
(s/i, CPP II, pág. 298)

§II-3225

O alecrim da chapada
Dá-lhe o vento, troce o pé;
Assim eu trocesse a língua
A quem diz o que não é!
(Moura, CPP II, pág. 298)

§II-3226

O alecrim da ribeira
Encostado deita a chora.
Que se importa muita gente
Da vida de quem namora?
(V. Velha Ródão, CPP II, pág. 298)

§II-3227

O chaparro dá boleta,
A estava correpio;
Anda aí uma sujeita,
Não pode falar com brio.
(R. Monsaraz, CPP II, pág. 298)

§II-3230

O loureiro é temido,
Eu não me temo de nada;
Temo-me da tua língua
Que me dizem que é danada.
(B. Alta, CPP II, pág. 298)
Nota: «Há superstições ligadas às
folhas do loureiro.»

§II-3236

O melro canta na faia,
A galinha no outeiro;
Cala-te daí para fora,
Boca dum alcoviteiro!
(Ilha S. Miguel, CPP II, pág. 299)

§II-3242

Ó rio, não leves água,
Leva sumo de limão.
Quem não quer que o mundo fale,
Não lhe dê ocasião.
(s/i, CPP II, pág. 299)

§II-3243

O trigo é o que estala
Quando se le mete a foice:
Quem não tem boca é que fala,
Quem não tem pé quer dar coice.
(Nisa, CPP II, pág. 299)

§II-3248

Pessegueiro abanado,
Aqui'stá quem te abanou:
Se me quer's algu(m)a coisa,
Fala-me que eu aqui estou.
(Baião, CPP II, pág. 300)

§II-3251

Quando a sobreira der bago
E a cortiça for ao fundo,
Só assim se acabarão
As más línguas neste mundo.
(s/i, CPP II, pág. 300)

§II-3252

Quando o pinheiro der baga
A corça for ao fundo,
Só então é que se acabam
As más línguas neste mundo.
(C. Verde, CPP II, pág. 300)

Var.: Quando o loureiro der cachos –
B. Alta.

§II-3261

Quem me dera cinco réis
Para comprar uma figa
Para dar àquela esperta...
...
(s/i, CPP II, pág. 301)

§II-3264

Saibas que levei'ma espiga
Por ter ido ao botequim,
Por causa daquela porca
Ir ladrar ao pé de mim.
(Trás-os-Montes, CPP II, pág. 301)

§II-3265

Salsa da beira do rio
Bota raízes ao lodo;
Eu não falo de ninguém,
De mim fala o mundo todo.
(C. Basto, CPP II, pág. 301)

§II-3270

Subi-me ao castanheiro,
Pus o pé numa castanha;
Dizeis que eu tenho amores,
Oh que mentira tamanha!
(A. Fé, CPP II, pág. 302)

§II-3272

Tenho cinco réis em prata
Para comprar uma figa,
Para dar às invejosas
Que falam na minha vida.
(Lisboa, CPP II, pág. 302)

§II-3273

Tenho cinco réis trocados
Para comprar de pimenta,
Para impregar na língua
À menina que é escarmenta.
(C. Beira, CPP II, pág. 302)

§II-3274

Tenho meio tostão em prata
Para comprar uma figa,
Por causa das invejosas
Que se metem na m'nha vida.
(Alentejo, CPP II, pág. 302)

§II-3281

A B C da laranjeira:
Fez um ano quinta-feira,
Fez domingo sete semanas
Que pariu uma porca
Vinte e sete ratazanas.
(Minho, CPP II, pág. 303)

§II-3285

A figueira tem seis figos,

Cada figo tem seu nome, Eu qu'ria-te amar, menina, Não sei quando nem aonde! (Vimioso, CPP II, pág. 303)	§II-3294 Agora, que tenho vagar, Vou contar quatro mentiras: Já pelo mar andei às lebres E pelos campos às enguias.	§II-3301 Alto pinheiro redondo No cimo tem quatro pinhas: Quem me dera ser pastor Daquelas quatro meninas! (Covilhã, CPP II, pág. 305)
§II-3286 A folha da malva-rosa Anda no mar a dançar, Assentada numa pedra A aprender a namorar. (C. Branco, CPP II, pág. 303)	Eu sou um triste ninguém Que ando sempre a saltar caminhos, Nas garrafas levo pão, Nos alforques levo vinho.	§II-3302 - Alumeia-me, candeia, Que me quero ir deitar. - Sem torcida nem azeite, Como te hei-de alumiar? (Lamego, CPP II, pág. 305)
§II-3288 À luz desta candeia Tratei do meu casamento; Num te apagues, ó candeia, Que hás-de ir ò recebimento. (Feira; Ovar, CPP II, pág. 304)	Entrei numa taberna, O que havia de encontrar: O homem estava a parir E a mulher andava a lavar!	§II-3303 Anda cá, amor, Anda cá, vem ver O fogo no mar E os peixes a arder! (Aldeia Galega Ribatejo, CPP II, pág. 305)
§II-3289 A maçã que me tu deste Nem na comi nem na dei: Tenho-a na minha caixa Com ela te pagarei. (Baião, CPP II, pág. 304)	Botei os bois às costas E o arado a pastar; Sentei-me para correr E deitei-me p'ròs agarrar. (Mogadouro, CPP II, pág. 304)	§II-3304 Anda cá, meu todo preto, Meu torrãozinho do sol, ... Minha saca de carvão, Quanto mais preto mais firme, Mais te quer meu coração. (V. Alentejo, CPP II, pág. 305)
§II-3290 - A mim não me enganas tu, A panela ao lume e o arroz'stá cru. - Se está cru, deixa-o cozer, Eu tenho fome e quero comer. (s/i, CPP II, pág. 304)	§II-3295 Agora vem uma moda De dentro duma maçaroca: Os homes bobê'lo vinho E as mulheres ourina choca. (Cinfães, CPP II, pág. 304)	§II-3305 Ao almoço me dão peras, Ao jantar, peras me dão, À merenda me dão peras, Nesta casa não há pão! (Nisa; V. Castelo, CPP II, pág. 305)
§II-3291 A mulher do boticairo Tem uma saia de chita, Que lha deu o boticairo Lá das drogas da botica. (s/i, CPP II, pág. 304)	§II-3297 Ai lari, lari, lólé, Ai laria, lolé, Cartaxo; Uma pulga deu-me um couce, Deitou-me da cama abaixo! (s/i, CPP II, pág. 305)	§II-3306 Ao azangar do pontelo, 'Scorreguei no tamanquinho; Quando cheguei ao ribeiro, Tinha o tacho partidinho.
§II-3292 A pulga é bicho negro, Tem os dentes de marfim: ... (Feira, CPP II, pág. 304)	§II-3298 Ainda hoje não comi, Ainda espero de comer; Ainda não vi o meu bem Mas ainda espero de o ver. (V. Alentejo, CPP II, pág. 305)	§II-3313 Ó balancé, balancé, Pela tua porta abaixo, 'Scorreguei e caí E quebrei o fundo ao tacho. (Baião, CPP II, pág. 306)
§II-3293 A tristeza deu comigo, Ando doente do peito: Sinapisma-me com beijos, Dá-me chá de amor-perfeito. (s/i, CPP II, pág. 304)	§II-3300 Alto pinheiro ramudo Deita pinhas com pinhões; O tê pai é caçador P'ra matar os algrivões. (Portimão, CPP II, pág. 305) Nota: «Alcaravão = ave pernalta.»	As pulgas são nos demonhos,

Têm dentes de marafim, ... (Cadaval, CPP II, pág. 306)	Caminhei o mar em roda C'um tronquinho de oliveira, Com minha mulher nos braços, Minha sobra na algibeira. (V. Alentejo, CPP II, pág. 307)	Recolheu-a de cevada. (Baião, CPP II, pág. 308)
§II-3314 Assenta-te aqui, meu bem, Aqui'stá o teu assento: Uma cadeirinha nova, Feita de pau de coentro. (Alcanena, CPP II, pág. 306)	§II-3323 Campos verdes de cambraia, Semeados que darão? Tanta menina bonita, Tanto rapaz de feição. (s/i, CPP II, pág. 307)	§II-3331 Da banda de além rio Tem meu pai um castanheiro Que dá castanhas em Maio, Uvas brancas em Janeiro. (Penaguião, CPP II, pág. 308) Var.: Uvas ferrais em Janeiro – Baião.
§II-3315 Atirei ao negro melro Antre a rama do loreiro Primeiro que o agarrasse Andei eu um mês inteiro. (Baião, CPP II, pág. 306)	§II-3324 Castinheiro, dá castanhas, Castinheiro, dá só u(m)a, Pera pôr de sobremesa Ao meu amor que jeju(n)a. (Fafe, CPP II, pág. 307)	§II-3333 Da janela da botica Me atiraram c'um limão; A casca deu-me no peito, O sumo no coração. (Mangualde, CPP II, pág. 308)
§II-3316 Atirei com bala de ouro À janela do prior; ... (s/i, CPP II, pág. 306)	§II-3325 Castinheiro, dá castanhas, Castinheiro, dá só uma, Para dar ao meu amor Que ainda não comeu nenhuma. (C. Beira, CPP II, pág. 307)	§II-3334 Dai uma esmolinha ao cego, ... Uma camisinha velha Que nunca fosse trazida. (s/i, CPP II, pág. 308)
§II-3317 Atirei com balas de ouro À janela dum morgado. ... (Monchique, CPP II, pág. 306)	§II-3327 Chamaste-me cerejinha Diante de tanta gente; Agora fica-me o nome «Cerejinha» para sempre... (Baião; Seia, CPP II, pág. 307)	§II-3336 De Lisboa me mandaram, Eu p'ra Lisboa mandei Duas garrafinhas de água Que eu dos meus olhos deitei.
§II-3318 Atirei c'uma laranja À janela do reitor, Ai de mim que o matei! Quem será meu confessor? (Bragança, CPP II, pág. 307)	§II-3328 Chamaste-me pera parda Diante de tanta gente, P'ra agora me ficar nome De «pera parda» p'ra sempre. (s/i, CPP II, pág. 307)	De Lisboa me mandaram Quatro peras num raminho; Como era fruta boa, Comeram-mas no caminho.
§II-3319 Boa erva é o Maio Que se dá em terra dura; Segura-me, amor, qu'eu caio Par'dentro da sepultura. (Redondo, CPP II, pág. 307)	§II-3329 - Com licença, entra o pinto Seu papinho quer encher. - Onde estão galos de fama, Que vem o pinto fazer? (V. Conde, CPP II, pág. 307)	De Lisboa me mandaram Um guisadinho sem molho: As costeletas duma pulga, As fressuras dum piolho.
§II-3320 Botei o cravo ò poço, Foi fechado, veio aberto; É um regalo na vida Enganar a quem é'sperto! (Cinfães, CPP II, pág. 307)	§II-3330 Da banda de além do rio Tem meu pai u(m)a tapada; Semeou-a de centeio,	De Lisboa me mandaram Uma sardanica assada; Comeram-ma no caminho, Foi caso de caçoada! (s/i, CPP II, pág. 308)
§II-3322	§II-3330 Da banda de além do rio Tem meu pai u(m)a tapada; Semeou-a de centeio,	§II-3337 Degradastes-me p'ràs hortas, P'ra debaixo das gamboas. Nas hortas é que me eu quero,

P'ra brincar co'as horteloas. (Moura, CPP II, pág. 308)	Que morava numa aldeia, Não tinha medo à fome Depois da barriga cheia. (s/i, CPP II, pág. 310)	(Nisa, CPP II, pág. 311) Nota: «Trata-se dum rapaz que foi procurar rapariga.»
§II-3338 Deita-te daí abaixo, Laranja da laranjeira, Eu te apanharei nos braços Ou no lenço da algibeira.	§II-3355 Esta noite à meia-noite, Já meia-noite seria, Ouvi eu cantar o galo No teu poleiro, Maria. (M. Canaveses, CPP II, pág. 310)	§II-3368 Eu fui lutar co'o lobo, ... E da pel'do dito lobo Fiz vinte e quatro juijéis, Não falando em odres, Mais vinte e cinco tonéis. (A. Valdevez, CPP II, pág. 311)
Deita-te daí abaixo, Cara de limão maduro, Eu te apanharei nos braços Ou no chão, que é mais seguro. (Barcelos, CPP II, pág. 309)	§II-3356 Esta noite que há-de vir Foram os ladrões ao «monte»; Roubaram-me o que eu na oтинha, Deitaram o fogo à fonte... (Nisa, CPP II, pág. 310)	§II-3369 Eu hei-de fazer um relójo Com migalhinhas de queijo, Para matar os minutos Das horas que te não vejo. (Montargil, CPP II, pág. 311) Var.: Mandeí fazer um relógio Das pernas dum caranguejo – Alentejo.
§II-3339 Deitei-me a dormir um sono Debaixo duma nogueira: Caiu-me uma noz p'rà boca, Engoli-a logo inteira. (s/i, CPP II, pág. 309)	§II-3358 Estando eu dormindo a sesta Debaixo dum limoeiro, Pus-me a jogar à bola Co'a cabeça dum ferreiro. (Portimão, CPP II, pág. 310)	§II-3370 Eu hei-de ir e mais meu primo Às cerejas ao Marão: Eu hei-de assubir acima, Meu primo fica no chão. (Baião, CPP II, pág. 311)
§II-3340 Deixei-te ficar no meu cortelho, Fiz-te um grande favor: Botei-te uma canastra de mato A servir de cobertor. (s/i, CPP II, pág. 309)	§II-3360 Estando eu no botequim A tomar o meu café, Veio a pulga maldita E mordeu-me num pé. (Minho, CPP II, pág. 310)	§II-3378 Eu já fui pastor de gado, Agora sou das ovelhas, Daquelas que vestem saias E arrecadas nas orelhas. (Ilha S. Jorge, CPP II, pág. 312)
§II-3344 Dói-me a barriga com fome, A cabeça, com doença, As pernas me trambelicam Coma os sinos de Valença. (A. Valdevez, CPP II, pág. 309)	§II-3365 Eu cuidava que a rabaça Era o nome de algum home; Ela é uma erva verde Que arebenta quem a come. (Portimão, CPP II, pág. 311)	§II-3380 Eu já vi uma andorinha Fazer paradas no chão; Outra vez não le aconteça Mígar sopas sem ter pão!
§II-3348 Dói-me o coração com fome E o estômago com lazeira; Tudo isto me causou O boleco da padeira. (Mangualde, CPP II, pág. 309)	§II-3366 Eu deitei a rede ao mar, Apanhei um tubarão; Dentro dele trazia Maria da Conceição. (Portimão, CPP II, pág. 311)	§II-3385 Eu ontem fui ao moinho Com três quartos de centeio;
§II-3350 É cá'stou muito contente Arrimado ao meu cajado: Quando te vi de repente Eu às cabras dei um brado. (Estremoz, 1915, CPP II, pág. 310)	§II-3367 Eu fui ao mar, às laranjas, Coisa que lá não havia; Vim de lá todo molhado Das ondas que o mar fazia.	
§II-3352 Era de uma vez um homem		

Dei um beijo na moleira, Logo trouxe alqueire e meio... (P. Lima, CPP II, pág. 313)	§II-3397 Fui à figueira aos figos, Ataquei-me de limões; Veio o dono dos marmelos, Agarrou-me nos calções. (s/i, CPP II, pág. 314)	... (Algarve, CPP II, pág. 315)
§II-3387 Eu pulei sete quintais Por uma ameixa reinol; Inda pulava outros sete, Se a ameixa fosse melhor! (Portimão, CPP II, pág. 313)	§II-3398 Fui à praça da Figueira Buscar um vintém de pão; Anoiteceu no caminho, Tive medo do papão. (s/i, CPP II, pág. 314)	§II-3417 Hei-de subir ao loureiro, Hei-de descer pela rama, Se cair apegarei-me Ao travesseiro da cama. (Valpaços, CPP II, pág. 315)
§II-3388 Eu quebrei o cantarinho À porta do meu amor; Mandou-me apanhar os cacós E tornou-os a compor. (s/i, CPP II, pág. 313)	§II-3399 Fui a um nabal aos grelos E o nabal por semear, Ainda tenho unto velho Do porco que hei-de matar. (Trás-os-Montes, CPP II, pág. 314)	§II-3418 Inda hoje num comi Senão um verde limão; Isto são os alimentos Que os meus amores me dão! (Baião, CPP II, pág. 315)
§II-3391 Eu sou como o milharuco, ... (Redondo, CPP II, pág. 313)	§II-3400 Fui acima dum salgueiro Deitar paus para um sarilho, Veio o dono, deu comigo: - Foge, ladrão, que te pilho. (Barcelos, CPP II, pág. 314)	§II-3419 Indo eu por aqui abaixo, Aos pulinhos como a lebre, Não há cão que me apanhe Nem caçador que me leve. (V. Alentejo, CPP II, pág. 316)
§II-3392 Eu subi ao loureiro, Ao mais alto ramallete; Se cair, apegarei-me Ao cordão do meu colete. (Trás-os-Montes, CPP II, pág. 313)	§II-3402 Fui ao mar caçar peixinhos, Cacei uma rapariga; Se eu assim caçara sempre, Eu nunca do mar saíra. (s/i, CPP II, pág. 314)	§II-3422 Já lá vem o Sol nascendo Nas pontas dum guardanapo; Cada ponta traz dez réis, Faz a conta dum pataco. (Lagoa, CPP II, pág. 316)
§II-3393 Eu tenho à minha janela Um vaso de violetas. Tolda a gente se admira: Degerenou, deu boletas. (V. Alentejo, CPP II, pág. 313)	§II-3403 Fui ao pinheiral às peras, Toda me enchi de pinhões. Veio o dono das castanhas: - Ó ladrão, deixa os feijões! (Baião, CPP II, pág. 314)	§II-3424 Já lavrei com dois lagartos Na coitadinha do rei, Inda agora me estou rindo Dos regos que lá deitei. (Nisa, CPP II, pág. 316)
§II-3394 Eu tenho no meu baú Cinco réis há muito tempo, Para comprar de sardinha No dia do casamento. (B. Alta, CPP II, pág. 313) Do Diário de Notícias, 1881	§II-3407 Fui-me confessor ao Carmo Em noite de nevoeiro, Cuidei que estava no Carmo, Estava no pasteleiro. (Minho, CPP II, pág. 314)	§II-3425 Já ouvi cantar o cuco Dentro duma maçaroca; P'ros homens vinho maduro, P'ràs mulheres ourina choca. (s/i, CPP II, pág. 316)
§II-3396 Fui à caça p'ra caçar, P'ra caçar uma perdiz, E cacei uma donzela Pela ponta do nariz. (V. Alentejo, CPP II, pág. 314)	§II-3415 Hei-de rir, hei-de zombar, Hei-de dar figas ao mundo;	§II-3428 Josezinho, pede, pede, Eu não tenho que lhe dar; Darei-lhe um cacho de uvas Quando meu pai vindimar. (Barcelos, CPP II, pág. 316)

- §II-3429
Lá no meio daqueles mares
Tem meu pai um castanheiro,
Dá as castanhas em Maio,
Cravos roxos em Janeiro.
(s/i, CPP II, pág. 316)
- §II-3432
Lindos olhos tem na truta,
- Oh! quem me assim dera os meus!
-
Lavados na veia de água,
Onde a truta lava os seus!
(B. Alta, 1876, CPP II, pág. 317)
- §II-3435
- Manjarico, bate à porta,
Manjarona, vai ver quem é:
- É o cravo e a rosa
Vêm procurar José.
(Portimão, CPP II, pág. 317)
- §II-3437
Maria, vai soltar os porcos
Que te roem na cancela;
Cada vez que te não vejo
Vou prantar feijões na panela.
(Monchique, CPP II, pág. 317)
- §II-3438
- Menina da saia verde,
Que leva na regaçada?
- Levo copinhos de vidro,
Se caio não levo nada.
(C. Beira, CPP II, pág. 317)
- §II-3441
Menina, não se admire
Dum gato a fazer renda:
Eu já vi u(m)a perua
De caixeira nu(m)a tenda.
(Lamego, CPP II, pág. 317)
- §II-3442
Menina, que anda na vinha,
Dê-me um cacho da boal;
Eu lhe darei um corinto,
Quando meu pai vindimar.
(V. Alentejo, CPP II, pág. 318)
- §II-3445
Meu amor, se eu morrer,
- Enterra-me à chaminé,
Deixa-me a cabeça de fora
Para buber o café.
(Alandroal, CPP II, pág. 318)
- §II-3446
Meu amor, você tem coisas!
Num no posso entender:
Você assado num come,
Cozido num quer comer.
(Baião, CPP II, pág. 318)
- §II-3447
Minha alcachofra mentiu
Como mente o mundo inteiro:
Ela de florir, floriu,
Mas de noivo nem o cheiro!
(Albufeira, CPP II, pág. 318)
Nota: «Alusão à queima de
alcachofras na ocasião dos santos
populares. Se florescem, há namoro
certo.»
- §II-3448
Minha galinha pintada
Põe-me três ovos ao dia;
Se me ela pusesse quatro,
Melhor conta me faria.
(Cadaval, CPP II, pág. 318)
- §II-3449
Minha mãe pariu-me ao lume,
Cobriu-me c'uma tigela
Deram os gatos comigo
Cuidado que era vitela.
(Penaguião; Baião; S. Tirso, CPP II,
pág. 318)
Var.: Veio o gato e lambeu-me.
Var.: Vieram os gatos, comeram-me.
- §II-3450
- Minha mãe, que é aquilo
Que está no canto da lenha?
...
(V. Real, CPP II, pág. 318)
- §II-3453
Minha vida são castanhas,
Meu desenfado boletas;
Hei-de arranjar um rapaz
Da terra das castanhetas.
(Mação, CPP II, pág. 319)
- §II-3454
Minha vida são coutadas
Cozidas com beldroegas;
Eu bem sei das tuas manhas,
Eu não sei p'ra que mo negas.
- Minha vida são coutadas,
Meus desejos são bolotas,
Quem quiser casar comigo
Vai p'rò Céu às cambalhotas.
(s/i, CPP II, pág. 319)
- §II-3455
Na outra banda do rio
Tenho eu os meus marmelos;
Se o barqueiro me não passa
Lá se caem de amarelos.
(M. Douro, CPP II, pág. 319)
- §II-3457
Namorei-me duma preta
Da cor do carvão de gás,
Para ver se a fazia branca
Lavei-a com aguarrás.
(V. Alentejo, CPP II, pág. 319)
- §II-3464
No meio do mar lá fora
'Stá uma parreira de uvas;
Não há barco que lá vá,
Lá se perdem de maduras...
(Ilha S. Jorge, CPP II, pág. 320)
- §II-3465
No telhado da igreja
'Stá uma verde nabíça
Que a regam os meus olhos
Cada vez que vou à missa.
(Bragança, CPP II, pág. 320)
- §II-3466
Nunca vi figueira preta
Dar figos inté à ponta;
Nunca vi moça solteira
Que me não fizesse conta.
(Foz-Côa, CPP II, pág. 320)
- §II-3467
Ó alta serra da neve,
Donde se cria o trambolho,
Levas hoje uma tosquia,

Meu borreguinho redolho! (s/i, CPP II, pág. 320)	Ó Margarida moleira, Dá-me da tua farinha, Que eu vou-te arranjar a azenha, Se permetes de ser minha. (s/i, CPP II, pág. 321)	E ides morrendo à sede! (Baião, CPP II, pág. 323)
§II-3469 O amor é uma tigela O amor é ma colher de pau, O amor é uma mistura De batatas e bacalhau. (s/i, CPP II, pág. 320)	§II-3480 Ó meu amor da minha alma, Castanhas ao assador, Quem nas quiser mais assadas Dê-le voltas ao redor. (Baião, CPP II, pág. 321)	§II-3495 Ó minha vizinha, Repreenda o seu galo, Que a minha galinha Vai lá namorá-lo. (Cadaval, CPP II, pág. 323)
§II-3471 Ó cumpadre, estás tão magro, Pareces um carapau; Bebes bifés, comes leite, Isso não é muito mau. (Almeida, CPP II, pág. 320)	§II-3481 Ó meu amor da minha alma, Pareces um belindrinho: À semana, à lavradora, Ao domingo, fidalguinho. (Peso da Régua, CPP II, pág. 321)	§II-3496 O primeiro amor que tive Mandei-o ao rosmaninho, Este que agora vier Há-de ir p'lo mesmo caminho. (A. Valdevez, CPP II, pág. 323)
§II-3472 Ó de patos e patinhos e patecos A mulher do boticário Deu-me cabo dos tarecos!	§II-3486 O meu amor era torto, Eu mandei-o cavacar, Agora já tenho lenha Para fazer o jantar. (Barcelos, CPP II, pág. 322)	§II-3498 Ó Santa Bárbara bendita, Dos trovões procede o medo: Haja vinho e carne frita Até dar-lhe com um dedo. (Castro Marim, CPP II, pág. 323)
Ó de patos e patinhos e patões A mulher do boticário Deu-me cabo dos botões! (s/i, CPP II, pág. 320)	§II-3488 O meu amor não'stá cá, 'Stá para lá da ribeira; Foi p'ra lá tomar o chá Da folha da laranjeira. (Redondo, CPP II, pág. 322)	§II-3500 Ó senhor padre da missa, Eu confesso o meu pecado: Eu comi à sexta-feira Um frangalhito assado. (Cadaval, CPP II, pág. 323)
§II-3475 O lampião da esquina, Alumeia cá p'ra baixo Que eu perdi o meu amor, Às escuras não o acho.	§II-3489 O meu coração é terra, É terra que eu já o disse; Hei-de-o mandar cavar P'ra samear hortalice. (Feira, CPP II, pág. 322)	§II-3501 O teu coração é doce, O meu é mais azedinho, Ajuntemo-los nós ambos, Façamos um guisadinho. (P. Lima, CPP II, pág. 323)
Às escuras não o acho, Eu já dei um tropeção; Já achei o meu amor, Bem hajas, ó lampião! (V. Real, CPP II, pág. 321)	§II-3490 O meu lindo amor Merece, merece Uma colher grande P'ra comer almece. (Serpa, CPP II, pág. 322)	§II-3503 O tocador da guitarra Precisa uma galinhinha Passada pelos meus dentes, Para a minha barriguinha. (Lamego; Lisboa, CPP II, pág. 323)
§II-3476 Ó laranja, ó laranja, Ó laranja, ó limão; O pai quer, a mãe consente, A filha não diz que não. (Alvaiázere, CPP II, pág. 321)	§II-3494 Ó minha pombinha branca, Que andais no lameiro verde, Andais co'o biquinho na água	§II-3505 Oh que pinheiro tão alto, Só c'uma pinha no meio! Oh que menina tão linda, Filha dum homem tão feio! (C. Beira, CPP II, pág. 323)
§II-3479 Ó Margarida moleira, A saia ficou comprida; Foi culpa do alfaiate Que se enganou na medida. ...		

§II-3507 Olhos pretos e azuis Tenho eu num cabazinho; Os pretos são a cruzado, Os azuis a quartinho. (s/i, CPP II, pág. 324)	Que passarinho é aquele Que canta na carvalheira? É o galo do abade Ao sair da capoeira. (s/i, CPP II, pág. 325)	(Portimão, CPP II, pág. 326-7)
§II-3508 Oliveira pequenina Carregada de algodão; As mulheres pesam-se a oiro, Os homens a pelo de cão. (s/i, CPP II, pág. 324)	§II-3525 Que passarinho é aquele Que subiu p'rá oliveira? É o galo do abade Que fugiu da capoeira. (s/i, CPP II, pág. 325)	§II-3543 Se eu fosse rato, ratinho Que eu andasse pelo chão, Eu roía as maçarocas Às meninas do serão. (s/i, CPP II, pág. 327)
§II-3514 Pega lá esta laranja Tira-le o sumo de dentro: Da casca faz um navio, Embarca o teu pensamento. (Avis, CPP II, pág. 324)	§II-3528 Quem me vir de pau e manto Cuida que eu sou lavrador; Sou filho duma infanta, Neto dum imperador... (Benfica, CPP II, pág. 326)	§II-3545 Se eu soubesse que voando Alcançava o teu amor, Ia pedir à sopeira As asas do assador. (Olhão, CPP II, pág. 327)
§II-3515 Pegureirinha do monte, Dai-me da vossa merenda, Que eu a minha não na troixe, Se a troixe, não me alembra. (Baião, CPP II, pág. 324)	§II-3531 Quem quer vender, que eu compro Um limão por um vintém, Para tirar uma nódoa Que o meu coração tem? (s/i, CPP II, pág. 326)	§II-3547 Se o meu bem quer tremoço, Meta a mão no prato; Olhe que hoje em dia Não há nada mais barato. (Nisa, CPP II, pág. 327)
§II-3521 Quando eu era rapaz ... Nisto acorda a mãe E o ginja do pai a ralar ... (Baião, CPP II, pág. 325)	§II-3533 Quem tem olivais tem vinho, Quem tem vinhas tem azeite, Quem tem cabras tem tócinho, Quem tem porcos vende leite. (Almeida, CPP II, pág. 326)	§II-3548 Se os beijos espigassem Como espiga o alecrim, A cada do meu amor Era um perfeito jardim. (s/i, CPP II, pág. 327)
§II-3522 Quando meus olhos te viram, 'Stavas tu a assar castanhas, Na rua do merca-tudo, No armazém das aranhas. (s/i, CPP II, pág. 325)	§II-3535 Rapariga, tu és tonta, O teu sentido vareia: Deitastes água no vinho, Aguardente na candeia. (Nisa, CPP II, pág. 326)	§II-3550 Se quiser's que cante bem, Dá-me a comer marmelada; Comi-a ontem à noite, Cantava que regalava! (A. Valdevez, CPP II, pág. 328)
§II-3523 Quando Tróia se arrasou, Choveu três dias de areia, Só uma alma se salvou No ventre duma baleia. (Mértola, CPP II, pág. 325)	§II-3536 Raparigas duma cana, Rapazes de cana e meia, Por causa das raparigas Ficam os rapazes sem ceia. (Nisa, CPP II, pág. 326)	§II-3552 Se tu viras o que eu vi, Havias-te de admirar: Uma cadela com pintos, Uma galinha a ladrar. (Alcanena, CPP II, pág. 328)
§II-3524	§II-3537 Rapazes, quando eu morrer, Hão-de estar trinta dias sem comer; ...	§II-3555 Se tu viras o que eu vi No carucho dum pinheiro: A mulher a dar no homem, Às mãos ambas, c'um fueiro! (Barcelos, CPP II, pág. 328)
		§II-3556

Se tu viras o que eu vi Tu te riras como a mim: Uma cabra a deitar água, Outra a regar um jardim! (B. Alta, CPP II, pág. 328)	§II-3565 Semeei na minha horta Hortelã de bota ao tacho; Nasceu-me lá um rapaz Co'os alforges ao cachaço. (Cinfães, CPP II, pág. 329)	Agarradinho a um pau. (s/i, CPP II, pág. 329) Var.: Nasceu-me lá uma velha C'umas cangalhas de pau.
§II-3559 Semeei as docelimas No altar de São João; Semeei-as cor de rosa, Nasceram cor de limão. (Mação, CPP II, pág. 328)	§II-3566 Semeei na minha horta O brio das raparigas; Nasceu-me uma rosa branca Cercada de margaridas. (Paredes, CPP II, pág. 329) Var.: Nasceu-me uma videirinha – A. Valdevez. Var.: Cercada de maravilhas – Felgueiras.	§II-3572 Semeei no meu quintal A flor da malva roxa; Nasceu-me um velho careca C'uma batata num olho. (s/i, CPP II, pág. 329)
§II-3560 Semeei na minha horta A asa duma caneca; Nasceu-me um velho sem dentes A tocar numa rabeca. (M. Canaveses, CPP II, pág. 328)	§II-3567 Semeei na minha horta O brio das tecedeiras; Nasceu-me uma rosa branca Cercada de lançadeiras. (M. Canaveses, CPP II, pág. 329)	§II-3573 Semeei no meu quintal A semente das mulheres, Nasceu uma laranjeira: Já tenho pau p'ra colheres. (Redondo, CPP II, pág. 330)
§II-3561 Semeei na minha horta A semente das tecedeiras; Nasceu-me uma flor honesta Cercada de lançadeiras. (C. Branco, CPP II, pág. 329)	§II-3568 Semeei na minha horta O brio dos estudantes; Nasceu-me uma videirinha Cercada de diamantes. (A. Valdevez; Felgueiras; P. Lima; V. N. Cerveira, CPP II, pág. 329)	§II-3574 Semeei no meu quintal A semente do bacalhau; Nasceu-me uma burra branca Tocando num berimbau. (Monchique, CPP II, pág. 330)
§II-3562 Semeei na minha horta A semente do repolho; Nasceu-me uma velha ruça C'uma batata num olho. (s/i, CPP II, pág. 329) Var.: Nasceu-me uma velha careca – Douro.	§II-3569 Semeei na minha horta Os cacos duma caneca; Nasceu-me lá um rapaz A tocar numa rabeca. (Cinfães, CPP II, pág. 329)	§II-3575 Semeei no meu quintal A semente do repolho; Nasceu-me um velho careca C'uma batata num olho. (Trás-os-Montes, CPP II, pág. 330) Var.: Co'uma maçã num olho – Algarve. Nasceu-me uma velha careca Que era torta de miolo – Bragança.
§II-3563 Semeei na minha horta Bacalhau frito às postas; Nasceu-me um frade capucho C'uma corcova nas costas. (Felgueiras, CPP II, pág. 329) Var.: Nasceu-me uma burra branca Com uma tortura nas costas – P. Lima.	§II-3570 Semeei na minha horta Semente dos estudantes, Nasceram num viveirinho Cercado de diamantes. (Barcelos, CPP II, pág. 329)	§II-3576 Semeei no meu quintal A semente dum pepino; Nasceu-me lá um velho A tocar num violino. (s/i, CPP II, pág. 330)
§II-3564 Semeei na minha horta Bacalhau partido às postas; Nasceu-me uma burra velha C'uma corcunda nas costas. (Felgueiras, CPP II, pág. 329)	§II-3571 Semeei na minha horta Um rabo de bacalhau; Nasceu-me um frade capucho	§II-3577 Semeei no meu quintal As pevides do melão: Nasceu-me uma burra cega C'uma candeia na mão. (Paredes, CPP II, pág. 330)
		§II-3578

Semei no meu quintal O amor dos estudantes; Nasceu-me uma rosa branca Cercada de diamantes. (M. Canaveses, CPP II, pág. 330)	§II-3590 Suspiros dum amêijoa, Saudades dum berbigão, Lágrimas dum conquiilha Faz'chorar o lagueirão. (Portimão, CPP II, pág. 331) Nota: «[Lagueirão] Molusco.»	§II-3601 Tenho dentro do meu peito O alambique de aguardente Para distilar saudades Quando de ti'stous ausente. (Minho, CPP II, pág. 332)
§II-3579 Semei no meu quintal O brio das violetas; Nasceu-me uma rosa branca Cercada de rosas pretas. (M. Canaveses, CPP II, pág. 330)	§II-3591 Tanta parra, tanta uva, Tanta silva, tanta amor, Tanta menina bonita, Sem meu pai ter uma nora! (Lisboa, CPP II, pág. 331) Var.: Só meu pai não tem'ma nora! – Cadaval. Var.: Só minha mão não tem nora! – Lisboa.	§II-3602 Tenho dentro do meu peito Um canivete dourado Para partir pão de ló No dia do meu noivado. (Lamego, CPP II, pág. 332) Var.: Tenho dentro dum baú – Avis. Minho.
§II-3580 Semei no meu quintal O brio dos estudantes; Nasceu-me uma videirinha Cercada de diamantes. (Paredes, CPP II, pág. 330)	§II-3592 Tanto limão, tanta lima, Tanta laranja no chão; Tanta menina bonita Nenhuma na minha mão. (Maia, CPP II, pág. 331)	§II-3603 Tenho dentro do meu peito Um frasquinho de licor; Quando o coração tem sede, Abro o frasco e bebo amor. (Moura, CPP II, pág. 332)
§II-3581 Semei no meu quintal Os cacos dum caneca; Nasceu-me um frade capucho A tocar numa rabeça. (Barcelos, CPP II, pág. 330) Var.: Nasceu-me uma burra preta – Trás-os-Montes.	§II-3593 Tanto limão, tanta lima, Tanta silva, tanta amora, Tanta menina bonita E eu sem ter nenhuma agora.	§II-3605 Tenho um colete de abob'ra Forrado de belancia, As asas de vento Norte E os botões de calmaria (Monchique, CPP II, pág. 332)
§II-3582 Semei no meu quintal Um raminho de açafão; Nasceram-me pés de burro C'uma candeia na mão. (Trás-os-Montes, CPP II, pág. 330)	§II-3599 Eu sem ter nenhuma agora, Eu sem ter com quem brincar; Ai de mim, tanta laranja! Lá vai o limão ao ar! (S. Comba Dão, CPP II, pág. 331)	§II-3607 Tenho uma terra lá longe Semeada de cesirão; Anda cá, ó besta nova, Quero-te pôr albardão. (Óbidos, CPP II, pág. 332)
§II-3583 Semei trigo no mar, Só me nasceu uma beira; Quando vararam os homens, Nasceu fraca sementeira. (P. Lima, CPP II, pág. 330)	§II-3599 Tenho dentro do meu peito Duas espinhas de peixe: Uma diz-me que te ame, Outra diz-me que te deixe. (V. Real, CPP II, pág. 332)	§II-3608 Tenho uma viola nova Feita de pinheiro bravo, Eu pus-me a tocar viola, Ela arrebitou-me o rabo. (S. Tirso, CPP II, pág. 333)
§II-3584 Senhora dona da casa, Empreste-me um pão de rala P'ra dar a estas meninas, Que se lhes quitou a fala. (Ilha Terceira, CPP II, pág. 330) Nota: «Subentende-se [no final] «por fome».»	§II-3600 Tenho dentro do meu peito Laranja, lima e limão; Para ter a fruta toda Falta-me o teu coração. (Viseu, CPP II, pág. 332)	§II-3611 Toma lá esta laranja, Tira-lhe o sumo, que é tua, Da casca faz um navio, Embarca p'ra minha rua. (s/i, CPP II, pág. 333)

§II-3614 Troquei os meus olhos pretos Pelos teus acastanhados; ... (P. Sor; Serpa, CPP II, pág. 333)	Para ver a clareza, Que alegria pode ter Quem perdeu os seus alforges? (C. Verde, CPP II, pág. 335)	(Alandroal, CPP II, pág. 336)
§II-3618 Venho aqui de tão longe À fama deste barulho; Julgava que eram bolotas, Achei-me com cascabelho. (Nisa, CPP II, pág. 333)	§II-3632 Eu vou-me por'qui abaixo Cortar nabos c'um podão; O dia que te não vejo Não ponho os feijões ao lume. (Feira, CPP II, pág. 335)	§II-3642 Indo eu por aqui abaixo Encontrei uma galinhola, Esses teus olhos, menina, São como a roda dum carro. (Alentejo, CPP II, pág. 336)
§II-3619 Venho do fundo do mar Nas asas dum galeão, Trago água, trago sal, Trago os temperos na mão. (Ilha S. Jorge, CPP II, pág. 333)	§II-3634 Ferros velhos, ferros novos, Aldrabas e fechadura; Eu morro por ti, amor, Que nem gato por salada! (C. Verde, CPP II, pág. 335)	§II-3643 No alto daquela serra Anda o sobreiro a arder; Toda a gente me diz: Vai c'um carro apagá-lo! (M. Cavaleiros, CPP II, pág. 336)
§II-3621 Vou-me casar este ano Co'a Maria dos Trabalho: Ela tem uma burrinha E eu tenho uma réstea de alhos. Vamos ambos pelas feiras: - Arre burro, quem merca os alhos! (Portimão, CPP II, pág. 334)	§II-3635 Ferros velhos, ferros novos, Torcidas sem candeeiros; Estas quatro castas de olhos Em poucas caras os vedes. (Lamego, CPP II, pág. 335)	§II-3644 Nunca vi pinheiro torto Deitar madeira direita; Vê lá o rapaz solteiro Beber água com farelo! (C. Beira, CPP II, pág. 336)
§II-3625 Ando aqui de noite e dia, Como o perdigão perdido; Venho ver se coze o forno P'ra assar umas batatinhas. (Lamego, CPP II, pág. 335)	§II-3637 Fui à figueira aos figos, Ataquei-me de laranjas, Veio o dono dos marmelos: - Ó ladrão, deixa as castanhas! (s/i, CPP II, pág. 336)	§II-3645 O alecrim da chapada Atado p'la cintura, De noite, no meio da estrada Parece alguém. (Redondo, CPP II, pág. 336)
§II-3627 Caracol, que vais subindo Por essa parede abaixo; Tem-te nas pernas, não caias: Quebras as unhas dos pés. (V. Alentejo, CPP II, pág. 335)	§II-3638 Fui à figueira òs figos, Enchi-me de laranjas; Veio o dono das ameixas: - Quem te deu essas castanhas! (Penaguião, CPP II, pág. 336)	§II-3648 Ó vida da minha vida, Rita ò sério, regular; Ó Maria, dá cá a espada, Que teu pai caiu ao poço! (V. N. Cerveira, CPP II, pág. 336)
§II-3628 Da banda de além do rio Tem meu pai um marmeiro, Se o barqueiro lá não vai Eles caem de maduros. (Paredes, CPP II, pág. 335)	§II-3639 Fui ao pinhal às pinhas, Enchi-me lá de cerejas; Veio o dono das laranjas: - Ó ladrão, deixa as castanhas! (s/i, CPP II, pág. 336)	§II-3656 Quando eu cheguei às Portelas C'umas formas à cabeça, Logo o meu coração disse: - Rosa branca, pé de boi. (Alandroal, CPP II, pág. 337)
§II-3036 Eu fui ao forno da cal	§II-3641 Indo eu por aqui abaixo Com um podão às enguias, Veio lá meu pai de dentro, Atirou-me c'uma bota n'alma.	§II-3657 Quando eu te ouvi falar, 'Stava a comer três batatas: Comia-as com pele e tudo. Vi modos de me entalar! (s/i, CPP II, pág. 337)
		§II-3658

Quando for à minha horta Te darei um chouriço; Quando matar o meu porco Te darei uma selada. (Alandroal, CPP II, pág. 337)	Nem a caldos de galinha... (V. Alentejo; A. Valdevez, CPP II, pág. 339)	§II-3679 A rola, que vai rolando, Onde vai fazê'lo ninho? No cachaco dum abade, Mesmo atrás do focinho! (s/i, CPP II, pág. 340)
§II-3659 Quando vou por aqui abaixo Com o machado às costas, No dia que te não vejo Não deito feijões ao púcaro. (Paredes, CPP II, pág. 337)	§II-3669 A braça rabaça tem Repartimentos na folha; Ó meu amor, fazer bem: Enquanto há duas, há escolha. (Nisa, CPP II, pág. 339)	§II-3680 A salsa é para os ovos, A hortelã para as couves; Os homens são para Deus E as mulheres p'ros açougues. (Trás-os-Montes, CPP II, pág. 340) Nota: «Cfr. o adágio: «Quando não há porco, matar a mulher.»»
§II-3662 Semeei no meu quintal A semente da abundância; Nasceu-me uma pobre velha Com um bacalhau às costas. (s/i, CPP II, pág. 338)	§II-3672 A folha do castinheiro Rendilhada como a renda... Diga-me, ó minha menina, P'ra quem anda de encomenda? (Baião, CPP II, pág. 339)	§II-3681 A sala por as paredes Dá bicos como a renda; Estes rapazes de agora Já não há quem nos entenda. (s/i, CPP II, pág. 340)
§II-3663 Semeei no meu quintal O brio dos estudantes; Nasceu-me um pé de burro C'uma candeia na mão. (s/i, CPP II, pág. 338)	§II-3673 A ideia da presunçosa Que até no andar tem brio! Aí vem o açúcar em ponto: O doce mete fastio. (s/i, CPP II, pág. 339)	§II-3694 Ali vai um rapazinho Que me parece pequeno; Tem cabeça de boi bravo E olhos de touro moreno. (s/i, CPP II, pág. 341)
§II-3664 Semeei no meu quintal O elo da vide branca; Que te importa a ti, menina, O que lá'stá semeado? (Paredes, CPP II, pág. 338)	§II-3674 A minha mãe, quando ralha, Puxa-me pelas orelhas, Porque eu fujo das cachopas Como o lobo das ovelhas... (Nisa, CPP II, pág. 340)	§II-3696 Alto lá, real, senhores, Tome lá uma pitada; Isto coisa de mulheres É tudo uma cambada. (Feira, CPP II, pág. 341)
§II-3666 A amizade que te eu tenho, A que eu te virei a ter, Cabe na folha do tojo, A mais não a há-de encher. (Baião, CPP II, pág. 339)	§II-3675 A minha nódoa de azeite Por tempo se há-de tirar, Mas a tua, de judia, Contigo se há-de acabar. (s/i, CPP II, pág. 340)	§II-3697 Alvaiada na botica Sem dinheiro não ma dão; P'ra que quer's tu ser bonita Sendo feia de nação? (Nisa, CPP II, pág. 341)
§II-3667 A amizade que te eu tenho Não é para comparar: Cabe na folha do tojo, Crescem pontas p'ro atar. (Baião, CPP II, pág. 339)	§II-3676 A mulher do amarelo Mandou trabalhar o homem: - Trabalha, homem, trabalha, Quem não trabalha, não come. (Ovar, CPP II, pág. 340)	§II-3703 Anda cá, meu galo pedrês, Ponta de garra amarela, Se não sabes mais do que isso, Estás aqui, estás na panela. (s/i, CPP II, pág. 342)
§II-3668 A ausência do amor Tem-me posto na espinha, Já não torno a ser quem era	§II-3677 A mulher do meu vizinho E uma santa mulher: Dá os ossos ao marido E a carne a quem ela quer. (s/i, CPP II, pág. 340)	

- §II-3704
Anda cá para os meus braços
Que terás vida folgada:
Andarás morta de fome,
Levarás muita pancada.
(s/i, CPP II, pág. 342)
- §II-3706
Andais abaixo e acima
Nem atais nem desatais,
Outros caçam pintassilgos
No laço que vós armais.
(Lagoa, CPP II, pág. 342)
- §II-3707
Andas abaixo e acima
Como a palha na imprensa;
Namoras no mei'da rua,
Que em casa não dão licença...
(Nisa, CPP II, pág. 342)
- §II-3708
Andei a apanhar ortigas,
Chapotos por o ribeiro:
Quando tu aqui chegaste
Ninguém mais parou com cheiro!
(Paredes, CPP II, pág. 342)
- §II-3710
Aquela menina pensa
Que não há outra no mundo,
Não é o poço tão alto,
Que se lhe não veja o fundo!
(Porto, CPP II, pág. 343)
Var.: Não é o caldo tão gordo – P.
Lima.
- §II-3711
Aqui nesta rua mora
Uma moça farfalhuda,
Que a tem seu pai guardada
Para a tampa duma furda.
(Idanha-a-Nova, CPP II, pág. 343)
- §II-3712
As cantigas que cantaste
Meti-as numa barroca,
Tu já não sabes cantar,
Barbas de galinha choca!
(Nisa, CPP II, pág. 343)
- §II-3713
- As moças cá do mê «monte»
Algumas, que não são todas,
Usam dois pares de mêas
P'ra terem as pernas gordas.
(Alentejo, CPP II, pág. 343)
- §II-3715
As moças da serra dizem:
- Minha horta, minha horta!
Ela é uma cerca velha
Com dois cavacos à porta!
(Cuba, CPP II, pág. 343)
- §II-3718
Assubi à zambonêra
A colher uma gamboa;
Quem tem amores porquêros
A lenços finos se assoa!
(Elvas, CPP II, pág. 343)
- §II-3720
Bartolomeu Taragola
Sete pães come em uma hora;
Come um boi pelo focinho,
Bebe um almude de vinho
E ainda diz que é poucachinho.
(s/i, CPP II, pág. 343)
- §II-3722
Boa erva é o poejo,
Que faz açorda aos ganhões.
É a primeira vez que vejo
Catar chibos em funções!
(Alandroal, CPP II, pág. 344)
- §II-3723
Botei o cravo ao poço
Lá no fundo ganhou lodo;
Como te hei-de amar, menina,
Se tu és do mundo todo?
(Maia, CPP II, pág. 344)
- §II-3724
Cá vem o Luís
Que é um rapaz fadista,
Comeu nove tetos
No forno da Francisca.
(Mirandela, CPP II, pág. 344)
Nota: «Um têtô é um canto de pão
de trigo. Cada pão tem três têtos.»
- §II-3726
- Cala-te aí, boca aberta,
Boca de pampilo choco,
...
(Ovar, CPP II, pág. 344)
- §II-3727
Cala-te, boca aberta;
Cara de sardinha crua,
Que eu já hoje vi um sapo
Com melhor cara que a tua.
(Cadaval, CPP II, pág. 344)
- §II-3728
Cala-te de aí, boca aberta,
No sabes o que estás a dezer,
Tu és uma caldeira rota,
Onde os porcos vão comer.
(C. Branco, CPP II, pág. 344)
- §II-3730
Cala-te lá, boca aberta,
Cara de sardinha crua,
As regateiras da praça
Têm melhor cara que a tua.
(s/i, CPP II, pág. 344)
- §II-3731
Cala-te, meu papa-açorda,
Meu alimpa barranhões,
Já te foram convidar
P'ró refugio dos ganhões.
(Nisa, CPP II, pág. 344)
Nota: «Barranhões = alguidares onde
comem os ganhões.»
- §II-3733
Cantas bem, não cantas mal,
Barbas de chibarro velho,
...
Barbas de galinha choca,
...
Gargalo de ametolia,
...
Vai roendo nesses troços
Até que venha a palha boa.
...
Cantas bem, não cantas mal,
Como o sapo no alquêve.
Vai roendo esses troços
Até que o diabo de leve!
(Portimão, CPP II, pág. 344-5)

§II-3734 ... As cantigas que tu cantas, Meto-as num grão de cevada, ... Meto-as num grão de trigo. ... (C. Branco, CPP II, pág. 345)	Dizes que eu ando roto, É traje de lavrador: Trazeis a roupa fina, Devei'la ao mercador. (Penafiel, CPP II, pág. 347)	Nem volta lhe sabem dar. Estas meninas de agora Não querem senão regalo: Bom sapato, boa meia, E a barriga dando estalo. (Mértola, CPP II, pág. 348)
§II-3736 Chamais-me pito choco, Fui criado em Janeiro. Esta noite à meia-noite Hei-de ir cantar ao poleiro. (s/i, CPP II, pág. 345)	§II-3759 És bonita como a morte, Alegre como um enterro, És direita como um izol, Delicada como um cerro. (C. Verde, CPP II, pág. 347)	§II-3771 Estas meninas de agora São como a pera pigarça: Por dentro são combalidas, Por fora cheias de graça. (do semanário O Algarve 1915, CPP II, pág. 348)
§II-3738 Chamaste-me pé de ginja, Eu não sou tão delicada, Não sou bonita que espante Nem em ti mal empregada. (Lisboa, CPP II, pág. 346)	§II-3760 És branca como a amora, Corada como a cebola; Paleio, quanto quiseses, Casar contigo, tó rola! (Baião, CPP II, pág. 347)	§II-3773 Este Matoso tem manha Que lhe ensinou sua avó: Para a missa quer companhia, Para a taberna vai só. (s/i, CPP II, pág. 349)
§II-3742 Coitadinha da rabaça, Coitadinho do agrão! Coitados desses teus olhos Que tão fagueirinhos são! (F. Algodres, CPP II, pág. 346)	§II-3761 És clara como o leite, Corada como a palmeira; És apalpada por todos Como o figo na figueira. (Nisa, CPP II, pág. 347)	§II-3775 Estes homens de agora São poucos, mais são valentes: Pegõn na pia dos porcos Atravessada nos dentes. (Baião, CPP II, pág. 349)
§II-3745 Cuidavas que eu que te queria, Meu remelado dos olhos! Tinha-te a casa varrida, A cama feita nos tojos. (Baião, CPP II, pág. 346)	§II-3762 Escolhe, enquanto é tempo, Não te faças tão rogada: A mulher depois dos trinta É uma pera passada. (s/i, CPP II, pág. 348)	§II-3776 Estes janotas de agora Já não vão ao botequim, Querem guardar o dinheiro P'ra gravatas de cetim. (Braga, CPP II, pág. 349)
§II-3748 Diabos levem os homens, Que eu aos homens quero bem: Quem mos dera ver assados Ou fritos, numa serte(n)i. (Baião, CPP II, pág. 346)	§II-3764 Esta noite chovem papas, Ó moças, tragam colheres. Quem quiser ouvir mentiras, Chegue-se ao pé das mulheres. (Serpa, CPP II, pág. 348)	§II-3777 Estes meninos de agora De pouco se vão gabar: São como os pitos de Inverno Que não faz'senão piar. (Feira, CPP II, pág. 349)
§II-3749 Disse o boi para o arado: - Deu-me grade afelição! Não sei se a culpa é tua, Se é do ruim ganhão. (Alentejo, CPP II, pág. 346)	§II-3766 Estas meninas de agora Co' o brio não vão à missa, Fico'na corte das burras A rilhar palha painça. (V. Pouca Aguiar, CPP II, pág. 348)	§II-3778 Estes mocinhos de agora Estes que de agora são Comem papas de farelos Aduçadas com sabão. (Cinfães, CPP II, pág. 349)
§II-3750	§II-3767 Estas meninas de agora Não querem senão casar; Põem na panela ao lume	§II-3779

Estes rapazes de agora De asseados metem nojo: Soa como os pintos de Inverno, Trazem as asas de rojo. (F. Algodres, CPP II, pág. 349)	(V. Velha Ródão, CPP II, pág. 350) §II-3790 Eu cuidava que a rabaça Que era mulher de algum home; Ela é uma erva verde Que arrebenta quem a come! (Minho, CPP II, pág. 350)	Eu julgava que a margaça Que era mulher de algum homem; É uma erva do campo Que nem o gado a come! (C. Branco, CPP II, pág. 351)
§II-3780 Estes rapazes de agora, Estes que de agora são, São como os ouriços chochos, Dá-lhes o vento, caem ao chão. (M. Canaveses, CPP II, pág. 349)	§II-3792 Eu devia de nascer À sombra da oliveira, Muito enganado vive Quem comigo tem canseira... (Maia, CPP II, pág. 350)	§II-3802 Eu não namoro o teu ouro Nem os brincos das orelhas; Já fostes dormir um sono Ao palheiro das ovelhas! (Mação, CPP II, pág. 351)
§II-3781 Estes rapazes de agora, Franganitos de vintém, Quando estão a falar p' rãs moças Cuidam que nas mãos as têm. (s/i, CPP II, pág. 349)	§II-3793 E fui por aqui abaixo, Fui direito à botica, Lá me ficaram meus olhos Numa conta tão bonita. (Nelas, CPP II, pág. 350)	§II-3806 Eu, quando vou à caça, De casa vou prevenido: Boto os pés fora da porta E trago caça comigo. (Paredes, 1878, CPP II, pág. 351)
§II-3782 Estes rapazes de agora Não comem senão lavage, Para poupar o dinheiro P'ra andarem de carruagem.	§II-3794 Eu hei-de amar mulher gorda, Mulher gorda, braços grossos: Não hei-de amar mulher magra Que não tem senão os ossos. (s/i, CPP II, pág. 350)	§II-3807 Eu queria-me casar, Não topo moça ao meu jeito: Umas têm as pernas tortas, Outras são secas do peito. (Melgaço, CPP II, pág. 352)
As raparigas de agora Não comem senão farelo, Para poupar o dinheiro Para andarem de amarelo. (Penaguião, CPP II, pág. 349)	§II-3796 Eu hei-de pôr um pinheiro Em cima do teu telhado; Quando o pinheiro der pinhas, Andarei a teu mandado. (Coura, CPP II, pág. 351)	§II-3808 Eu quero-te tanto bem. Metade com outro tanto, Cabe na folha do tojo, Arrumadinho a um canto. (Barcelos, CPP II, pág. 352)
§II-3783 Estes rapazes de agora São como o pão bolorento: São bonitinhos por fora, Refalseados por dentro. (s/i, CPP II, pág. 350)	§II-3798 Eu hei-me casar este ano Ou para o ano que vem, Que estão os homens baratos: Quatrocentos ao vintém. (Melgaço, CPP II, pág. 351)	§II-3809 Eu semeei o milho-rei, Nasceu-me uma leira, Quando nasceram os homens Nasceu uma fraca sementeira. (Porto, CPP II, pág. 352)
§II-3784 Estes rapazes de agora Usim calças cor de vinho Trazem sarrilha nos queixos E cabresto no focinho. (Nisa, CPP II, pág. 350)	§II-3800 Eu já vi o Sol nascer Em cortinas de damasco; Não me falem em amores Que é fazendo que eu não gasto. (Cinfães, CPP II, pág. 351)	§II-3811 Eu toda a vida gostei Duma mulher mediana E deus deu-me uma pandorga, Que me não cabe na cama! (s/i, CPP II, pág. 352)
§II-3787 Eu amara-te, ó menina, Se não fora um só senão: Seres pia de água-benta Onde todos põem na mão.	§II-3801	§II-3813 Fui ao céu para ameixas, Desci por um cacho de uvas; Eu morro por teus agrados,

- Como o gato por leitugas!
(Baião, CPP II, pág. 352)
- §II-3815
Fui ao mato à carqueja,
Fiz o molho, dei-l'um tombo;
O ladrão do meu amor
É pelado pelo lombo.
(Tondela, CPP II, pág. 352)
- §II-3816
Francisquinho está nas malvas;
Caindo para as ortigas:
Acontece aos Francisquinhos
Por causa das raparigas...
(F. Algodres, CPP II, pág. 352)
- §II-3817
Gostava de ser pastor
Dum rebanho de ovelhas:
Daquelas que trazem saias
E brinquinhos nas orelhas.
(V. Rei, CPP II, pág. 352)
- §II-3823
Hei-de-me casar este ano
Ou para o ano que vem,
Que vão as moças baratas:
Quatrocentas ao vintém!
(s/i, CPP II, pág. 353)
- §II-3825
Hei-de-me casar este ano
Que está o trigo barato;
Os homens pesam-se a ouro,
As mulheres a lâ de gato.
- Hei-de-me casar este ano
Que é ano de muito trigo;
Minha sogra dá-me um moio
Mais o paspalhão do filho.
(Nisa, CPP II, pág. 353)
- §II-3827
Dez mandamentos:
1.º - Ir òs peixes c'um guicheiro;
2.º - Meter o anzol ò fundo;
3.º - Comer baca e carneiro;
4.º - Jejuar depois de farto;
5.º - Buber do branco e do tinto;
...
8.º - Ir ao cortiço, tirar um fabo;
- 9.º - Espreitar num benha o dono;
10.º - Quem assim não fizer
Num terá cera nem mel
Para o São Miguel.
(Maia, CPP II, pág. 353)
- §II-3830
Já lá vai, já se acabou
O tempo dos agriões,
As rabaças também servem
Em certas ocasiões.
(s/i, CPP II, pág. 354)
Nota: «Rabaça tem o sentido popular
de pessoa desajeitada,
desengraçada.»
- §II-3831
Já não quero mais ameixas
Da horta do meu compadre,
Que eu passei por lá um dia,
Fez-me bailar toda a tarde.
(Serpa, CPP II, pág. 354)
- §II-3832
O loureiro já tem baga,
Já se pode armar òs tordos;
Diga-me, ó minha menina,
Como vai de amores novos.
(B. Alta, CPP II, pág. 354)
- §II-3833
Já passei o mar p'r'além
Nas costas da vaca loura;
As mulheres comem à mesa,
Os homens à manjedoura.
(Porto, CPP II, pág. 354)
- §II-3836
Julgavas que, por me eu rir,
Que já me tinhas na mão?
Hás-de dar tantas voltinhas
Como o munho dá em vão.
(Maia, CPP II, pág. 354)
- §II-3837
Lá cima naquela serra
Cai a flor à carqueja.
Tenho na minha cartilha:
Quem é tolo não no seja.
(Cinfães, CPP II, pág. 354)
- §II-3838
- Lá vem lobo, lá vem logo!
Não leva nada na boca.
Não basta a fome ser muita,
Senão a roupa ser pouca!
(Algarve, CPP II, pág. 354)
- §II-3840
Lá vem o açúcar em ponto,
Lá vem o andar de brio
Lá vem a cara amarela
Que ao longe mete fastio.
(V. Real, CPP II, pág. 355)
- §II-3843
..
Se elas têm falinhas doces
Coração de rosalgar,
Ninguém se fie nas mulheres,
Nelas num há que fiar.
(Cinfães, CPP II, pág. 355)
- §II-3847
Manjaricão miudinho
À janela do abade;
Nunca vi homem mentir
Nem mulher falar verdade.
(s/i, CPP II, pág. 355)
- §II-3849
Menina, ata o teu cabelo,
Que atado parece bem;
Se não tiveres a fitinha,
Os carvalhos verga têm.
(Cinfães, CPP II, pág. 355)
- §II-3850
Menina da saia branca,
Não gaste tanto sabão:
Nem o seu pai é tão rico
Nem o rapaz que lhe dão!
(C. Verde, CPP II, pág. 356)
- §II-3858
Meu amor, vai-te lavar
De ribeiro em ribeiro;
Inda agora aqui me chegas,
Meu barbas de peneireiro!
(V. Real, CPP II, pág. 356)
- §II-3867
Não cortes a barba ao milho
Nem a raiz à serralha,

- Que é o sustento dos homens
Enquanto não vem a palha.
(C. Beira, CPP II, pág. 357)
- §II-3871
Não quero mulher bonita
Nem de caracóis na testa;
...
(s/i, CPP II, pág. 357)
- §II-3874
Ninguém se fie nos homens
Nem no seu doce falar:
Têm falinhas de mel doce,
Coração de rosagar.
(s/i, CPP II, pág. 358)
- §II-3878
Nos dias que te não vejo
Não ponho feijões ao lume;
Choro lágrimas de sangue
Na forma do meu costume...
(Maia, CPP II, pág. 358)
- §II-3885
O amor dos homens
É bom, dura pouco,
É como a galinha
Quando está no choco.
(V. Alentejo, CPP II, pág. 359)
- §II-3886
O amor dos homens
É como o fermento,
Ao fim de oito dias
Já'stá bolorento.
(Serpa, CPP II, pág. 359)
- §II-3888
Ó António, ó António,
Ó António, ó vadio,
Caíste da ponte abaixo,
Foste beber água ao rio.
(Mirandela, CPP II, pág. 359)
- §II-3891
O balão da minha amada
É como a roda dum carro:
Quando vai para a cozinha
Faz abanar o sobrado.
(Coimbra, CPP II, pág. 359)
- §II-3893
O carvalho dá a casca
E o castanheiro o ouriço;
O homem que não tem barba
Pode-se chamar enguiço!
(s/i, CPP II, pág. 359)
- §II-3894
O coração dos rapazes
Tola é quem o cobiça,
Ele é um cabaço velho
C'uma rolha de cortiça.
(Mação, CPP II, pág. 360)
- §II-3895
O coração duma pulga
Frito numa frigideira
Dá de comer a seis padres,
Chega bem à cavalheira!
(Vila de Rei, CPP II, pág. 360)
Nota: «Comer bem: à fidalga.»
- §II-3899
O diabo leve las mulheres
Enfiadas numa agulha!
Parecem nas éguas velhas,
Quando vão para a debulha!
(s/i, CPP II, pág. 360)
- §II-3907
Ó loureiro, bate, bate
Com as pontas na Galiza;
É um regalo brincar
Com as moças sem camisa.
(Minho, CPP II, pág. 361)
- §II-3908
Ó loureiro, ó loureiro,
Ó loureiro, ramallete,
Eu rifei o meu amor
Cinco réis cada bilhete.
...
(Mirandela, CPP II, pág. 361)
- §II-3912
O meu amor de brioso,
Não leva chapéu à missa:
Leva contas de bogalho,
Padre-nossos de cortiça.
(Montemor-o-Velho, CPP II, pág. 361)
- §II-3914
O meu amor é cabreiro,
Guarda cabras, guarda ovelhas,
Daquelas que vestem saias,
Trazem brincos nas orelhas.
(Ameixial, CPP II, pág. 361)
- §II-3917
O meu amor é dos altos,
Hei-de mandá-lo serrar:
Fica-me um amor bem feito
E lenha para queimar...
(Nisa, 1933, CPP II, pág. 362)
- §II-3919
O meu amor é guarda-porcos
Vive só na imundície
Mas por ele ser porqueiro
É que é o meu derriço.
(Nisa, CPP II, pág. 362)
- §II-3922
O meu amor é tão lindo
E mais ninguém o namora:
É branco como a fulige,
Corado como u(m)a amora.
(Baião, CPP II, pág. 362)
- §II-3925
O meu amor é um cuco,
Anda pelos pinheirais;
Traz uma rola de choco
Com vinte e cinco pardais.
(Penaguião, CPP II, pág. 362)
- §II-3929
O meu amor foi-se embora
Faz amanhã oito dias.
Inda me deixou a tempo,
Que estão as pias vazias.
(Barcelos, CPP II, pág. 363)
- §II-3936
Ó meu rico rai's te parta',
Andas de ribeiro em ribeiro;
Inda me aqui apareces,
Meu barbas de peneireiro!
(Baião, CPP II, pág. 363)
- §II-3939
Ó minha pequerruchinha,
Roubastes a cor ao leite...

O que te pôs nesse estado Agora que te aproveite! (Melgaço, CPP II, pág. 363)	Ó vida da minha vida, Qualquer tolo é casado; Ao manter mulher e filhos Aí torce a porca o rabo! (Barcelos, CPP II, pág. 364)	(Faro, CPP II, pág. 365)
§II-3940 Ó minha rapaziada, O meu pau é de zambujo, Vejo o caso mal parado, Ato os sapatos e fujo! (Alvaiázere, CPP II, pág. 364)	§II-3952 Oh que janela tão alta, Feita de cal e areia; ...	§II-3960 Os homens comparo-os eu Com a cinza da barreira Que se deita para a rua E ninguém faz caso dela. (Idanha-a-Nova, CPP II, pág. 365)
§II-3942 - Ó mulher, ó mulher, Eu mercara-te uma roca... - Isso não, marido, não, Que me fã'la cara torta; C'o dinheiro e co'a roca Compraremos um burrinho: O burrinho leva os odres, E os odres levo'o vinho. ...	(A. Fé, CPP II, pág. 365)	§II-3963 Os homens são como o lobo, Só lhes falta ter o rabo. Aparecem às meninas Na figura do diabo. (Amarante; Paredes; Portimão, CPP II, pág. 366)
(Cabeceiras Basto, CPP II, pág. 364)	§II-3953 Oh que pinheiro tão alto, Lindo pau para colheres! Quem quiser ouvir mentiras Vá ao serão das mulheres. (V. N. Cerveira, CPP II, pág. 365)	§II-3964 Os homens são como os lobos, Só lhes falta ter o rabo, Andam de noite e de dia Na tentação do pecado. (Mirandela, CPP II, pág. 366)
§II-3943 Ó oliveira do monte, Dá raminhos de algodão! As mulheres pesam-se a ouro Os homens a lâ de cão. (V. Alentejo; Faro, CPP II, pág. 364)	§II-3954 Olha a rola, olha a rola, Olha a rola, coitadinha, Quem quiser caçar a rola, Vá lá'baixo à cozinha. (Bragança, CPP II, pág. 365)	§II-3965 Os homens são uns fingidos, São como o pinheiro bravo: Em solteiros são uns anjos, Casados são o diabo. (Baião, CPP II, pág. 366)
§II-3944 Ó preta, dá-me um cabelo Dessa tua carapinha, Para eu pôr na guitarra Que se lhe quebrou'ma prima. (Portimão, CPP II, pág. 364)	§II-3955 Olha o diabo do homem, Sempre é muito pequenino. Que traz a sachola às costas... Só lhe falta o cestinho! (s/i, CPP II, pág. 365)	§II-3967 Os meus primeiros amores Mandei-os ao resmaninho; Os que eu agora tenho Vão pelo mesmo caminho. (C. Branco, CPP II, pág. 366)
§II-3945 Ó rapaz, toma lá pão, Vai-te acabar de criar, Que essa tua opinião Não sei onde irá parar. (Alvaiázere, CPP II, pág. 364)	§II-3956 Olhem a cara de porca Do que ela se foi gabar: Que tinha sete camisas De tomentos a corar! (A. Valdevez, CPP II, pág. 365)	§II-3969 Os olhos do meu amor São duas sardinhas fritas; Cada vez que vejo o moço Sinto revolver as tripas. (C. Verde, CPP II, pág. 366)
§II-3948 Ó vida da minha vida, Eu fui ao mar ao sargaço, Quem tem o amor pequeno Leva-o debaixo do braço. (Barcelos, CPP II, pág. 364)	§II-3957 Oliveira pequenina Cercada de neve pura, Onde nasceram os homens Nasceu toda a diabrura. (Alentejo, CPP II, pág. 365)	§II-3972 Passei pela tua porta Lá no mês de Janeiro, As espigas do teu canastro Eram achas de pinheiro! (Melgaço, CPP II, pág. 366)
§II-3949	§II-3958 Ontem à noite choveu neve Na alcofinha das colheres; Quem quiser ouvir mentiras Ponha-se ao pé das mulheres.	

Nota: «Não tinha pão lá dentro, só lenha.»	Ou um limão azedo Para talhar o fastio A quem o ganhou tão cedo! (Amarante; C. Paiva, CPP II, pág. 368)	Andarei ao teu mandado. (Barcelos, CPP II, pág. 370)
§II-3974 Prometi-te uma castanha, Se a der o castinheiro; Prometi-te de ser tua, Não vindo outro primeiro. (C. Beira, CPP II, pág. 367)	§II-3992 Quem quiser comprar que eu vendo - A venda é de leilão – Oficiais a dez réis, Trabalhadores a tostão. (Serpa, CPP II, pág. 368)	§II-4016 Senhora Dona Maria, O seu «dom» não vale nada: Vai à fonte, vai ao rio, Vai à missa sem criada. (Alentejo, CPP II, pág. 370)
§II-3977 Vou-me por aqui abaixo Co'os meus botões de coquilho: ... (Maia, CPP II, pág. 376)	§II-3994 Quem tem amores não dorme Nem de noite nem de dia: Dá tantas voltas na cama Como o peixe na água fria. (s/i, CPP II, pág. 368)	§II-4017 Seu galego, pé de chumbo, Calcanhar de frigideira, Quem lhe deu a confiança De casar com brasileira? (s/i, CPP II, pág. 370)
§II-3978 Quando eu saio de casa, Minha mãe me recomenda Que não me finte nos homens Que ele é fraca sementeira. (Porto, CPP II, pág. 367)	§II-3997 Quero bem à minha sogra Como à cinza da barrela, Que se aventa para a rua, Não se faz já caso dela... (Nisa, CPP II, pág. 369)	§II-4018 Sinhor Antoinho'Stanquêro Fico-le munto obrigado De me dar o tabaco fiado Que é levo dinhêro, De me aviar a mim primêro Quando lá nã está ninguém... Demonstra a querer-me bem, Que assim rezom nos papes O que òs mais dá por dé reis, Custa-me a mim um vintém. (Alandroal, CPP II, pág. 370)
§II-3980 Quando nasceram os homens, Oh que fraca sementeira! Semeei um campo deles Só nasceram numa beira. (Barcelos, CPP II, pág. 367)	§II-3999 Recolhi a malva roxa No telhado da igreja; Já não há mulheres que mintam Nem homens que leais sejam. (Mesão Frio, CPP II, pág. 369)	§II-4019 Subi a uma parreira, P'ra apanhar um cacho de uvas; Ninguém se fie nos homens Que soa falsos como Judas. (V. Alentejo, CPP II, pág. 371)
§II-3981 Quando o chaparro der uvas, A parreira der cortiça, Então é que te hei-de amar, Se me não der a preguiça... (Ponte de Sor, CPP II, pág. 367)	§II-4005 Se eu soubera quem tu eras Ou quem tu vinhas a ser Mandava vir da botica Remédio para morrer!... (Aveiro, CPP II, pág. 369)	§II-4020 Tanto chapéu de palhinha, Tanta fivela de prata, Tanto palerma no mundo, Deus ponha a palha barata. (Alvaiázere, CPP II, pág. 371)
§II-3983 Quando o sol deixar de dar Naquele mais alto freixo, ... (s/i, CPP II, pág. 367)	§II-4013 Semeei na minha horta Um açafate de formigas Para mandar de presente A quem ensinou as cantigas. (P. Ferreira, CPP II, pág. 370)	§II-4021 Tanto chapéu, tanta fita, Tanta corrente de prata, Tanta besta que há no mundo, A palha que está barata! (C. Verde, CPP II, pág. 371)
§II-3985 Quando vires mulher magra Não tens mais que perguntar: Se é casada é ciumenta, Se é solteira, quer casar. (s/i, CPP II, pág. 367)	§II-4014 Semeei um pinheirinho Na beira do teu telhado; Quando o pinheiro der pinhas,	§II-4022
§II-3988 Quem me dera uma lima		

Tanto chapéu, tanta tinta,
Nos dedos tantos anéis,
Tanta cabra que há no mundo,
Os queijinhos a dez réis!
(C. Verde, CPP II, pág. 371)

§II-4024

Tendes dois olhos na cara
Que parecem dois marmelos:
Tendes boca de charroco,
Beiços de apanhar farelos.
(Algarve, CPP II, pág. 371)

§II-4027

Tenho dentro do meu peito
Duas bilhas de aguardente,
Para disfarçar a mágoa
Do amor que trago ausente.
(Loulé, CPP II, pág. 371)

§II-4028

Tenho dentro do meu peito
Um lambique de aguardente,
Para estilar saudades
Quando estou de ti ausente.
(s/i, CPP II, pág. 371)

§II-4030

Tenho o meu bem retratado
Na pia do meu chiqueiro:
Dou parabéns ao meu porco,
Por ter mais um companheiro!
(Ilha S. Miguel, CPP II, pág. 371)

§II-4031

Tenho o meu sapato roto
De saltar ao teu quinteiro:
Olha o proveito que eu tinha
Se não fosse sapateiro!
(Baião, CPP II, pág. 372)

§II-4039

Tens uns olhos mais lindos
Que parecem dois marmelos,
A tua voz quando cantas
Vale um alqueire de farelos.
(V. Alentejo, CPP II, pág. 372)

§II-4045

Toda a palha faz palheiro,
Todo o farrapo faz pano;
Quem tem a mulher azeda

Tem vinagre todo o ano.

Toda a palha faz palheiro,
Todo o farrapo faz pano,
Quem tem a mulher magriça,
Tem bacalhau todo o ano.
(Algarve, CPP II, pág. 373)

§II-4047

Toda a vida desejei
Mulher alta e delgadinha,
Logo me caiu por sorte
Da grossura duma linha.
(Nisa, CPP II, pág. 373)

§II-4048

Toda a vida desejei
Mulher gorda, braços grossos:
Aqueles que são magrinhas
Têm a maldade nos ossos.
(Arruda dos Vinhos, CPP II, pág. 373)

§II-4049

Toda a vida desejei
Mulher gorda, braços grossos;
Deu-me Deus uma tão seca
Que não tem senão os ossos!
(Alvaiázere, CPP II, pág. 373)

§II-4050

Toda a vida desejei
Uma delicada dama;
Deu-me Deus uma tão gorda,
Que me não cabe na cama!
(Alvaiázere, CPP II, pág. 373)

§II-4051

Toda a vida desejei
Uma mulher mediana;
Deu-me Deus uma pandorga
Que me não cabe na cama.
(P. Lima, CPP II, pág. 373)

§II-4052

Toda a vida fui pastor,
Amiguinho das ovelhas,
Daquelas que trazem saias,
Brincos de ouro nas orelhas.
(Bragança, CPP II, pág. 374)

§II-4053

Toda a vida fui pastor
E tenho guardado ovelhas,
Daquelas que vão à missa
De arrecadas nas orelhas.
(B. Baixa, CPP II, pág. 374)

§II-4055

Toda a vida me enlevou
Mulher gorda, braços grossos,
Logo Deus me castigou
Que me deu'ma carga de ossos.
(s/i, CPP II, pág. 374)

§II-4057

Todas as terras dão favas,
Só as minhas dão farinhas;
As frangas, quando se enfeitam,
Logo se julgam galinhas.
(do semanário O Algarve, 1915 -
CPP II, pág. 374)

§II-4060

Todo o pássaro come trigo,
Quem o paga é o pardal;
Todos namoraram Joana,
Quem pagou foi o Balasar!
(Portimão, CPP II, pág. 374)

§II-4061

Trago terra na algibeira
Para dispor alecrim;
Quanto mais terra le boto,
Mais o asno olha p'ra mim!

Trago terra na algibeira

Para dispor alfavaca:
Quanto mais terra le boto,
Mais o asno se embasaca!
(Monchique, CPP II, pág. 374)

§II-4063

Tu chamaste-me a mim porca,
Inda não me vieste limpar:
És tão asseada na massa
Como a porca no lamal.
(Algarve, CPP II, pág. 375)

§II-4064

Tu chamaste-me migalhas,
Migalhas também é pão:
Sabe Deus na tua casa
Se migalhas haverão.

- (Minho, CPP II, pág. 375)
 §II-4065
 Tu é que és o trigo puro
 Limpo de concha e pá,
 Criado no mês de Abril,
 Outro como tu não há...
- Tu é que és o trigo limpo,
 E eu sou a suja cevada,
 Tu és bom, eu sou ruim,
 Contigo não quero nada.
 (Nisa, CPP II, pág. 375)
- §II-4066
 Tu és cinco réis de gente,
 Tu és um grande badelo,
 És padeiro sem farinha,
 O que mais tens é farelo!
 (A. Valdevez, CPP II, pág. 375)
- §II-4067
 Tu julgas que eu por ti morro,
 Que por ti 'strago sapatos!
 Tendes cara de faneca
 Toda ratada dos ratos!
 (Portimão, CPP II, pág. 375)
- §II-4068
 Tu sabes tão bem cantar
 Como eu sei mungir galinhas;
 'Stava a comer bacalhau,
 Atirei-te co'as espinhas.
 (Loures, CPP II, pág. 375)
- §II-4069
 Um estudante, menina,
 Compara-o com a sardinha,
 Salgadito e com escamas,
 Pouca carne e muita espinha.
 (C. Branco, CPP II, pág. 375)
- §II-4070
 Um galo sozinho rege
 Dez galinhas como quer;
 E tanto custa a um homem,
 Governar uma mulher.
 (Loulé, CPP II, pág. 375)
- §II-4073
 Vai-te daí para fora,
 Pernas de galo assado;
- Vai seguindo o teu caminho,
 Deixa as doeiras do gado.
 (Vouzela, CPP II, pág. 375)
- §II-4074
 Vai-te embora, papo-seco,
 Papo-seco, cor de leite,
 À tua mãe, que te arrole,
 Ao teu pai, que te deite.
 (Mirandela, CPP II, pág. 376)
- §II-4076
 Vós gostais de falar baixo
 Por eu' star aqui defronte,
 Vós trazeis-me vigiada
 Como o coelho no monte.
 (B. Baixa, CPP II, pág. 376)
- §II-4084
 Hei-de casar este ano,
 Um vendeiro anda nisso;
 Meu dote é uma castanha,
 Se a vingar o ouriço.
 (s/i, CPP II, pág. 376)
- §II-4085
 Menina, case comigo,
 Não tenha medo à fome:
 O meu pai tem uma quinta
 Que sustenta a quem não come.
 (s/i, CPP II, pág. 376)
 Nota: «A quinta-feira.»
- §II-4086
 Menina, case comigo,
 Que eu sou rico abonado:
 Tenho um curral sem ovelhas
 E uma casa sem telhado.
 (Cadaval, CPP II, pág. 377)
- §II-4089
 Minha mãe tem unto velho
 Do porco que há-de matar:
 No sábado há-de cozer,
 No domingo há-de amassar...
 (Guimarães, CPP II, pág. 377)
- §II-4092
 Ó moças, casai comigo,
 Que eu sou muito afazendado:
 Tenho chão que já foi vinha,
 Tenho casa sem telhado.
- (Portimão, CPP II, pág. 377)
 §II-4094
 O Sol é posto, é noite,
 Eu não tenho que cear,
 Só se for peixes do rio,
 Que ando' no mar a nadar.
 (Cinfães, CPP II, pág. 377)
- §II-4095
 O sono e a preguiça
 Andam na nossa segada:
 Um diz que durma, durma,
 Outro que não ceife nada.
 (Foz-Côa, CPP II, pág. 377)
- §II-4101
 Minha mãe, por me casar,
 Prometeu-me quanto tinha,
 Depois que me viu casada
 Deu-me um fole sem farinha.
 (S. Tirso, CPP II, pág. 378)
- §II-4105
 Minha mãe, p'ra me casar,
 Prometeu-me quanto tinha
 Depois de me ver casada
 Deu-me um prato de farinha.
 Fui p'ra casa, fiz um bolo,
 Lá se foi a fazendinha!
 (Silves, CPP II, pág. 378)
- §II-4106
 Minha mãe, p'ra me casar,
 Prometeu-me três ovelhas:
 Quando me apanhou casada,
 Deu-me um gato sem orelhas.
 (Nisa, CPP II, pág. 378)
- §II-4107
 Minha mãe, p'ra me casar,
 Prometeu-me três ovelhas:
 Uma manca, outra cega,
 Uma mona, sem orelhas.
 (Barcelos, CPP II, pág. 379)
- §II-4108
 Minha mãe, p'ra me casar,
 Prometeu-me três tigelas;
 Depois que me viu casada:
 - Se tas dou, fico sem elas!
 (C. Basto, CPP II, pág. 379)

§II-4110 Minha mãe, p'ra me casar, Prometeu-me uma escudela; Depois que me viu casada, Quebrou-me as costas com ela! (s/i, CPP II, pág. 379)	1 Deus te salve, saco! Dois te tiro e dois te papo. Vai aí para o canto, Senão ainda tiro outro tanto. E se não fosse pelo dono temer, Nenhum saco havia de ver. (Cadaval, CPP II, pág. 381)	Mostrou saber medicina. (S. João Pesqueira, CPP II, pág. 382)
§II-4111 Minha mãe, p'ra me casar, Prometeu-me uma panela; No fim de me ver casada Partiu-me a cara com ela. (Nisa, CPP II, pág. 379)	§II-4134 2 Deus te salve, saco! Tu a mim deves-me três, eu tiro-te quatro. Mais tarde vem a minha filha Maria	§II-4239 O padre diz: Deus mate Quem me farte. O cirurgião: Deus adoente Quem em sustente. ...
§II-4112 Minha mãe, p'ra me eu casar, Prometeu-me uma galinha; Depois de me ver casada, Deu-me as penas que ela tinha. (Cadaval, CPP II, pág. 379)	§II-4134 2 Deus te salve, saco! Tu a mim deves-me três, eu tiro-te quatro. Mais tarde vem a minha filha Maria	§II-4140 Médicos e boticários Ninguém na missa os achou; Porque exclamam os mortos: - Aí vem quem me matou. (s/i, CPP II, pág. 382)
§II-4117 Menina, não te namores De homem casado nenhum Nem de padre nem de frade, Que esse gado todo é um. (s/i, CPP II, pág. 379)	§II-4134 2 Deus te salve, saco! Tu a mim deves-me três, eu tiro-te quatro. Mais tarde vem a minha filha Maria	§II-4151 Não há pau como o carvalho, Nem lenha como o azevinho, ...
§II-4118 O amor duma mulher É como o duma galinha: Quando lhe falta o homem, Vai com outro e se aninha. (s/i, CPP II, pág. 380)	§II-4135 3 Vem minha filha, Tira uma maquia. Vem minha mulher, Tira o que quer. Vem o criado, Tira o que lhe é dado; Venho eu, Tiro o que é meu, Vai-te, fole, Para esse canto: Se me arrenego, Tiro-te outro tanto! (Baixo Douro, CPP II, pág. 381)	(Braga; Guarda, CPP II, pág. 383)
§II-4127 Quatrocentos alfaiates, Outros tantos cardadores P'ra matarem uma aranha Foram chamar os pastores. (C. Beira, CPP II, pág. 380)	§II-4135 3 Vem minha filha, Tira uma maquia. Vem minha mulher, Tira o que quer. Vem o criado, Tira o que lhe é dado; Venho eu, Tiro o que é meu, Vai-te, fole, Para esse canto: Se me arrenego, Tiro-te outro tanto! (Baixo Douro, CPP II, pág. 381)	§II-4152 Nunca vi figueira preta Dar os figos da raiz; Nunca vi moça de padre Que tivesse bom nariz. (T. Moncorvo, CPP II, pág. 383)
§II-4131 Semei no meu quintal O brio dos alfaiates: Nasceu-me uma parreirinha Rodeada de bonifrates. (s/i, CPP II, pág. 381)	§II-4137 Menina, se quer saber, Quais são nos quatro ladrões, São vendeiros e moleiros E meirinhos e escribões. (Baião, CPP II, pág. 382)	§II-4157 O sê padre Zé Lá tem por costume Vir à minha porta: - Rosinha, tem lume? (s/i, CPP II, pág. 384)
§II-4133 «Perlengas do Moleiro:»	§II-4138 Consta que um médico fora Imbentor da guilhotina: Deu bem rapidez à morte,	§II-4159 Padre-cura foi aos ovos, Que tem a dama parida. - Alegra-te, ó Padre-cura, Que tens uma rapariga! (Baião, CPP II, pág. 384)
	§II-4161 Quando eu era sacristão Fazia várias figuras: Comia o azeite com pão,	

Deixava os santos às'scuras. (V. Alentejo, CPP II, pág. 384)	Tratemos de casar. (s/i, CPP II, pág. 385-6)	E uma casa sem telhado. (Nisa, CPP II, pág. 387)
§II-4167 A morte do meu marido É como a do alguidar; Quebra-se um, compra-se outro, 'Stá tudo no seu lugar! (Portimão, CPP II, pág. 385)	§II-4176 (Pranto dum viúva. Canta-se nas malhadas:) ... Ó irmãos da Misericórdia, Que o meu marido levais, Desviai-o das esquinas, Que não alargue os cunhais! Ele era amigo dos grelos, Andava pelos Nabais; Ele era amigo das velhas E eu dos novos muito mais! Fazei-l'a cova bem funda, Que não torne ele cá mais!	§II-4187 Minha avó, quando morreu, Levou palma e capela, Deixou-me as chaves da adega, O vinho... bebeu-o ela! (Nisa, CPP II, pág. 387)
§II-4169 A tirana morreu ontem, Deixou-me as chaves da adega, Deixou as pipas vazias Mas o vinho bebeu ela. (Minho, CPP II, pág. 385)		§II-4189 Minha avó, quando morreu, Ficou com um olho aberto, E deixou em testamento Uma figa para o neto. (Alentejo, CPP II, pág. 388)
§II-4172 Ah, seu velho, ah, seu velho, Ah, seu velho, velharrão! Você tem as barbas sujas, É de andar ao carvão! (Penafiel, CPP II, pág. 385)	Assim o quer, assim o terão: Pater noster; Kyrie eleisão! (os malhadores repetem:) Kyrie eleisão, Kyrie eleisão, Kyrie eleisão!	§II-4190 Minha sogra morreu ontem, Enterrei-a num palheiro; ... (Bragança; Baião, CPP II, pág. 388)
§II-4174 Bem casou o Jòquim de Pina Co'a ti' Ana bonita; Vou munta vez ao cinema, Nunca vi tão linda fita!	Venha o vinho do garrafão! (Grande algazarra quando aparece o vinho que começam a beber.) (C. Beira, CPP II, pág. 386)	§II-4191 Minha sogra moreu ontem, Enterrei-a num valado: Deixou um braço de fora Para enxotar o gado. (s/i, CPP II, pág. 388)
O beijo que ambos trocaram, Na noite do seu casanço, A ela soube-lhe a queijo, A ele soube-lhe a ranço. (Do Diário de Notícias, 1931, CPP II, pág. 385)	§II-4182 Eu namorei uma velha Debaixo duma rasoula. Os ratos foram a ela Cuidando que era caçoula. Eu namorei uma velha Debaixo duma varanda:	§II-4192 Minha sogra morreu ontem, Mil diabos vão co'ela; Deixou-me a pipa vazia, O vinho bebeu-o ela! (C. Paiva, CPP II, pág. 388)
§II-4175 ... - Ainda quero tomar amor, Eu lhe vou expelicar: Tudo o que o menino pedir, Eu tudo lhe hei-de dar.	Ela cheirava a tabaco, Três alqueires de cada banda! (Ilha S. Miguel, CPP II, pág. 387)	§II-4194 Novidades do meu velho Tenho para lhe contar: Eu foi dar co'o velho morto Antre as virges do lagar, Foi chamar as choradeiras Que o viessem chorar. (Penafiel, CPP II, pág. 388)
Eu o doto com quarenta contos, Postos por uma escritura E tem que comer e beber, Viver sempre na fartura.	§II-4185 Já morreu a minha avó Enterrei-a na chaminé, Deixei-lhe um braço de fora Para mexer o café. (s/i, CPP II, pág. 387)	Nota: «Virges = paus altos que abarcam o fecho do lagar.»
- Vossemecê, minha velha, Eu lhe vou expelicar: Então por ser velha,	§II-4186 Minha avó, quando morreu, Deixou-me bem herdado: Deixou-me uma vinha sem ceoa	§II-4196 ... Ó meu velho, velho, Ó meu velhorrucu,

Queimaram-te as barbas, Cheiras a chamusco. ... (Condeixa, CPP II, pág. 389)	(Cinfães, CPP II, pág. 390)	Ai, quão custoso é sofrer, Neste mundo mil cabaças! Mas que lhe hei-de eu fazer, Se me dispensam tantas graças! ... Ora vejam quão alarve, Neste mundo tenho sido! Mas vou levando pela cara, P'ra não ser tão atrevido. ... Foi o meu amigo Pinto. ... Este meu amigo Pinto! ... Eu, porém, o que queria ... Ser lavrador das lameiras. ... Porém nesta matéria Não estenderei mais guita, Para lhe dizer também que quis A filha o Inácio da Pipa. ... Ora vejam como eu Neste mundo vou vivendo: Levando mil cabaças, Para vinagre ir metendo. ... Apelei para outro lado: P'rà sobrinha das Palmeiras. ... Este novo casamento, P'lo senhor Zé Vicente arranjado, É em troco de laranjas Que eu por vezes lhe tenho dado
§II-4197 O velho mais a velha Levam vida excelente: O velho a beber vinho, A velha a comer pão quente. (Barcelos, CPP II, pág. 389)	§II-4208 Tenho o meu pão p'ra cozer E o meu velho p'ra morrer. Antes o meu velho morra, Que o meu pão se perder. Se o meu pão se me perde, Ninguém mo cá vem ganhar, E se o meu velho me morrer, Alguém mo há-de enterrar. ... Arrumai-o das paredes, Que não salte ele aos quintais, Que ele é amigo de ervilhas E de peras cabeçais E guardai-o dos nabais. (Terras da Feira, CPP II, pág. 390)	... Este novo casamento, P'lo senhor Zé Vicente arranjado, É em troco de laranjas Que eu por vezes lhe tenho dado
§II-4198 O velho foi ao moinho, Entrou pela porta dentro, Trouxe farinha nas barbas, Que chegava p'ra um fermento. (Famalicão, CPP II, pág. 389)	§II-4209 Uma velha cozeu papas, O pote deitou-as fora; Há um ano que isto foi E ainda a velha chora. (Lagos, CPP II, pág. 390)	... Este novo casamento, P'lo senhor Zé Vicente arranjado, É em troco de laranjas Que eu por vezes lhe tenho dado
§II-4200 O velho perdeu a velha Entre o milho da lagoa. Procura, velho, procura Que ela inda era bem boa. (s/i, CPP II, pág. 389)	§II-4210 Uma velha, muito velha, Debaixo duma figueira, Até os figos dançaram De ver a velha gaiteira. (Penafiel, CPP II, pág. 391)	... Este novo casamento, P'lo senhor Zé Vicente arranjado, É em troco de laranjas Que eu por vezes lhe tenho dado
§II-4201 Ora vira, vira, Da casca do alho, Qualquer mulher velha Parece um'spantalho. (Barcelos, CPP II, pág. 389)	§II-4211 Uma velha muito velha, Despois de velha gaiteira, Mandou fazer u(m)a saia, Redonda como a zoeira. (s/i, CPP II, pág. 391) Nota: «Joeira.»	... Este novo casamento, P'lo senhor Zé Vicente arranjado, É em troco de laranjas Que eu por vezes lhe tenho dado
§II-4205 Se eu morrer ao pé do lume, Enterrem-me nos carvões, Deixem-me um braço de fora Para mexer os tições. (Lousã, CPP II, pág. 390)	§II-4215 Uma velha, quando meja, Trinta moinhos faz andar. ... (Maia, CPP II, pág. 391)	Limões, laranjas, tangerinas Com fartura lhe tenho dado Por isso agora vou eu ser Por ele bem recompensado. ... Não é como o amigo Pinto. ... Ora o que eu muito sinto É que ele não vença a batalha, Mas eu já lhe mandei vir De Espanha uma grande navalha. ... Meu avô era tio Manoé, Teve boa posição: Foi forneiro nesta terra, Forneiro de porfissão.
§II-4206 Se eu morrer na tua casa, Enterra-me à chaminé, Deixa-me a boca de fora Para tomar um café. (Cuba, CPP II, pág. 390)	§II-4216 (José Garcia é apresentado a fazer as suas confidências) Este novo casamento, P'lo senhor Zé Vicente arranjado, É em troco de laranjas Que eu por vezes lhe tenho dado
§II-4207 Tenho o meu pão amassado E o meu marido a morrer, Antes meu marido morra Do que o pão se perder.	§II-4216 (José Garcia é apresentado a fazer as suas confidências) Este novo casamento, P'lo senhor Zé Vicente arranjado, É em troco de laranjas Que eu por vezes lhe tenho dado

Minha avó era Anastácia E no mesmo se ocupava, Também de casa dos fregueses Os tabuleiros acarretava.	Raminho de majaricão, Se há-de pôr o pé na rua Ponha-o no meu coração! ... - Viva o senhor José Garcia, Todo ele é um primor, Convence e enche carne, Sejamos francos, sim senhor!	Feiticeiras não me empecem. (V. Conde, CPP II, pág. 401)
Meu pai também nisso se ocupava Em tempo de meus avós, E também já foi cigano, Isto aqui só entre nós...	- É a Estrudes do Cabril Que por madrinha foi convidar ... Viva agora que é noivo Da sobrinha das Palmeiras. ... E quando quis casar co'a filha Do José Maria da Horta do Mestre! ... (Barbacena, 1877, CPP II, pág. 395-8)	§II-4241 A oliveira é benta, Ramo dela tem virtude: Passei por ela doente, Melhorei, trago saúde. (Baião; Barcelos; P. Coura; Penaguião; V. N. Cerveira, CPP II, pág. 401)
Hoje muda de figura Somos todos cidadãos Mas ainda com ciganos Temos grandes relações. ... (Alandroal? (cf. nota §II-4217), 1877, CPP II, pág. 391-5)	§II-4217 (Diálogo entre José Garcia e um Coro) ... - Viva o senhor José Garcia, Raminho de salsa crua, Viva lá dentro de casa E também cá na rua! ... - Dava pois as Caraças, Horta do Mestre e Vale Cortiço ... - Pois então que me dizem Da criada aqui das Solas? Não tenho eu muito bem Com ela jogado as carambolas? ... - Viva o Senhor José Garcia Mais todas as suas belas Lá num certo dia Esteve enchendo as morcelas! ... - Viva o Senhor José Garcia, Raminho de manjerona, Viva quando se enfeitava Também p'rà menina Joana. ... - Viva o Senhor José Garcia Quando fuma o seu charuto! Para tratar o casamento É ele como um puto. ... - Viva o senhor José Garcia	§II-4242 Adeus, ó Rua Direita, Em te ver me dá cubranto: Eu hei-de-te mandar pôr Uma figa a cada canto. (Beira, CPP II, pág. 401)
	§II-4218 Anel de sete pedrinhas Ao meu dedo não há-de ir, Que eu já ando difamada Das criadas de servir. (s/i, CPP II, pág. 399)	§II-4243 Alcachofra do amor, Onde se pinta a vontade, Se me saíres florida, Trato-te com liberdade. (Óbidos, CPP II, pág. 401)
	§II-4219 Debaixo das sete faias Espalho as minhas paixões ... (T. Moncorvo, CPP II, pág. 399)	§II-4245 Aqui vou neste cambão, Na noite de São João, P'ra trazer, atrás de mim, Pipas de vinho e carros de pão. (Minho, CPP II, pág. 401)
	§II-4228 Os sete-estrelas caíro Derõ na borda do tanque Quem aqui vem por te ver, Já te tem amor bastante. (Baião, CPP II, pág. 400)	§II-4247 Assim como eu pico este limão, Assim pico o teu coração, Que não possas comer Nem beber Nem dormir Nem descansar, Enquanto não me vieres falar. (Minho, CPP II, pág. 401)
	§II-4235 Há três dias que não janto, Já cinco que não almoço, Há sete que te não falo, Meu amor, porque não posso. (s/i, CPP II, pág. 400)	§II-4248 Assubi ao limoeiro, Cheguei ao meio, caí; O limoeiro dá morte, Cai lá e não morri. (C. Basto, CPP II, pág. 402)
	§II-4240 A bichinha pela areia Corre, que desaparece, Eu trago alho comigo,	§II-4249 Azevinho, meu menino,

Aqui te venho colher. Para que me dê fortuna No comprar e no vender E em todos os negócios Em que me eu meter. (s/i, CPP II, pág. 402)	§II-4261 Debaixo dos olivais Quem me cobre são as folhas; À vista que me deitaste, Anjo Bento, não me tolhas! (Minho, Esposende n.º 636, CPP II, pág. 403)	Para ver quem me deixou Se me torna a procurar. (Cinfães, CPP II, pág. 404) Nota: «Talvez por absintio.»
§II-4250 Chapéu de meia moeda Traz o meu amor ò campo, Cercado de figas de ouro P'ra lhe não darem quebranto. (Alentejo, CPP II, pág. 402)	§II-4262 Deste-me um ramo de arruda, Fizeste de mim diabo; Oxalá que eu o fora, Que te trazia atentado! (Baião; Mesão Frio, CPP II, pág. 403)	§II-4279 Eu tenho uma figa de ouro Ao canto do meu baú Para dar ao meu marido. Queira Deus que sejas tu! (Alentejo, CPP II, pág. 404)
§II-4251 Chape de moeda de ouro Ninguém no tem coma o meu: Hei-de amar a quem quiser, Dar figas a quem mo deu. (Cadaval, CPP II, pág. 402)	Nota: «A arruda toma-se em chá para o diabo não atentar a gente. Fazem-se defumaduras com ela para afastar as bruxas.»	§II-4282 Limoeiro da calçada Já não torna a dar limões, Que lhe cortaram as guias Para render corações. (s/i, CPP II, pág. 405)
§II-4252 Com a pena do pavão E o sangue da cotovia ...	§II-4264 Diz que o loureiro é pau santo Que onde está não cai geada, Hei-de encostar-me ao loureiro Para não ser praguejada. (s/i, CPP II, pág. 403)	§II-4283 Meu azevinheiro novo, Aqui te venho buscar, Para que me dê fortuna No vender e no comprar. (Amarante, CPP II, pág. 405) Nota: «Colhe-se o azevinho na manhã de S. João e canta-se a quadra.»
§II-4255 Cruzes, figas, anjo bento, Vade retro, Satanás! Faça-se um defumadoiro, P'ra tudo ficar p'ra trás. (Penacova, CPP II, pág. 402)	§II-4265 Dizeis que a arruda amarga, Quem vo-la deu a beber? Os segredos do meu peito, Quem vo-los deu a saber? (Baião, CPP II, pág. 403)	§II-4284 Não sei que auga me deste Por um jarro a beber: Não sei que amor te ganhei Que to não posso perder. (Baião, CPP II, pág. 405)
§II-4259 Debaixo desta ramada Não reluzem senão folhas; Olhais para mim de banda, - Alho-porro! – Não me tolhas. (s/i, CPP II, pág. 403) Nota: «Muita gente traz o alho-porro em saquinhos, «por via de maus olhos». A rapariga, segundo explicaram, é que podia tolher o namorado»	§II-4269 Erva de Nossa Senhora, Aqui te venho colher, P'ra me livrares do demónio Que me não torne a apar'cer. (Porto, CPP II, pág. 404)	§II-4285 Não venhas à minha rua, Não te assomes ao mê canto, Não venhas cá fazer figas A quem te queria tanto. (s/i, CPP II, pág. 405)
§II-4260 Debaixo do olmo branco Falaram-me em casamento; Não pensei que o olmo branco Tinha tanto merecimento! (Bragança, CPP II, pág. 403)	§II-4271 Eu a todos faço figas, Faço figas, figas, figas; Vem o demo do rapaz, Entra ao rol das raparigas! (Melgaço, CPP II, pág. 404)	§II-4288 O loureiro é pau santo, Onde está não cai geada; Hei-de encostar-me ò loureiro Para não ser praguejada. (s/i, CPP II, pág. 405)
	§II-4272 Eu hei-de cortá-lo acintro Hei-de pô-lo a secar,	§II-4289 O loureiro é temido,

Eu não me temo de nada, Só me temo da tua língua, Que me dizem que é danada. (V. N. Cerveira, CPP II, pág. 405) Nota: «Há a superstição que três folhas de loureiro feitas em chá matam o homem ou mulher.»	§II-4300 Rapazes da minha terra, Meninas do meu lugar, Dêem quatro figas ao demo, Não se deixem enganar! (Alvaiázere, CPP II, pág. 406)	(Lagoa, CPP II, pág. 407) §II-4210 Tua mãe é bruxa, Teu pai lobisome Tenho medo dela E dele que me come! (s/i, CPP II, pág. 407)
§II-4290 O meu amor é tão lindo Que é de todos cobijado: Hê-de-le dar uma figa P'ra ninguém le dar olhado. (Alentejo, CPP II, pág. 405)	§II-4301 Se matares a pombinha, Guarda as penas da cabeça; Já que andas mal de amores, Tenho medo que enlouqueças. (V. Conde, CPP II, pág. 406)	§II-4329 Alfarrobas e passas de figo É o remédio apurado Para pôr no embigo De quem'stiver empachado. (Faro, CPP II, pág. 409)
§II-4293 O trevo de quatro folhas Quem no achar tem fartura, ... (Minho, CPP II, pág. 406)	§II-4303 'Stou debaixo desta vinha, Quem me cobre são as folhas; Com a vista que me botas, Alho bento, não me tolhas! (V. Castelo, CPP II, pág. 407)	§II-4330 Esta minha rouquidão Não é de comer azedo, É de falar ao amor Logo de manhã cedo. (Baião, CPP II, pág. 409)
§II-4295 Olha para mim direito, Não olhes atravessado, Eu não sou o sempre-verde Que te talha o ruborado. (Minho, CPP II, pág. 406) Nota: «Ruborado = erisipela. Sempre-verde – referência ao sabugueiro.»	§II-4304 Tenho cinco réis em prata Para comprar uma figa, Para dar à chocalheira Que fala da minha vida. (A. Valdevez, CPP II, pág. 407)	§II-4331 Meninas da serra, Com que le caem os dentes? É de beber água fria E comer castanhas quentes. (Bragança, CPP II, pág. 409)
§II-4297 Quem me dera cinco réis Para comprar uma figa, Para dar àquela esperta Que lhe importa a minha vida. (s/i, CPP II, pág. 406)	§II-4305 Tenho dentro do meu peito Garrafinhas de licor: Quem houver de buber delas Há-de sê'lo meu amor. (Baião, CPP II, pág. 407)	§II-4333 Quatro sardinhas assadas, Tiradas da salgadeira, É remédio aprovado Para o mal da catarreira. (Cadaval, CPP II, pág. 409)
§II-4298 Quem quiser curar feitiços Tome chá de erva cidreira, Colhida por uma moça, Na noite sanjoaneira. (s/i, CPP II, pág. 406)	§II-4306 Toda'las ervas têm préstimo Na manhã de São João: Só o trevo de quatro folhas Colhido na má tenção... (Maia, CPP II, pág. 407)	(ensalmos) §II-4335 Assim como abelha e abelhame Entra no seu cortiçame; ... Assim a espinhela, espinhaço e baço Torne a seu lugar. (Guimarães, CPP II, pág. 410)
§II-4299 Quero cantar e bailar, Dar quatro figas ao mundo: Quem se mete no inferno, Que se meta bem no fundo. (Alentejo, CPP II, pág. 406)	§II-4309 Tu bebeste'la cardina Para melhor fala ter; Aqui'stá quem te injumina Sem em cardina beber. Se eu bebi la cardina, Eu não'stoui encardinado, Pois tenho no céu da boca O Bom Jesus sacramentado.	§II-4336 A Senhora tem três filhas Uma cose, outra fia, Outra corta o raminho da azia. Padre-Nosso, Ave-Maria (Gandra, c. de ?, CPP II, pág. 410)

- §II-4337
 Indo eu por uma carreirinha
 Encontrei a uma portinha
 A Virgem Maria
 Com seus librinhos na mão:
 Num lia,
 Noitro escrebia,
 Noitro talhava a azia.
 (P. Ferreira, CPP II, pág. 410)
- §II-4338
 Talho-te, azia, talho-te a trela,
 Sai-te, burro, de cima dessa pedra.
 (s/i, CPP II, pág. 410)
- §II-4339
 - Ai, Senhor, que tenho medo!
 - Não temas, Pedro,
 Que isso é cobrelo:
 Dá-lhe com água da fonte
 E com esparto do monte.
 ...
 (Cadaval, CPP II, pág. 410)
- §II-4342
 Eu te talho
 ...
 Ar das fontes
 ...
 E todo o ar que em ti esteja
 Metido ou requerido
 Ou que alguém te botasse
 Ou que contigo entrasse.
 Eu te talho,
 Eu te quero talhar,
 E com esta faca
 Te quero cortar
 ...
 Eu te desenfeição
 De quem te enfeitiçou,
 Para que deixes esta criatura
 Comer, beber, passear
 E ser alegre como até agora.
 Eu te talho dos pés até à barriga,
 Da barriga para as costas
 E das costas para o monte marinho,
 Onde não haja pão nem vinho
 Nem bafo de menino,
 Para que fique tudo em nada
 ...
 («Depois fazem uma defumadura»)
- Assim eu te defumo p'ra sarares,
 Assim como te estou defumando
 Virado para o nascente,
 Assim tu fiques são e salvo para
 sempre.
 Jesus, nome de Jesus,
 Eu te talho em cruz
 (Guimarães, CPP II, pág. 411)
- §II-4344
 («Para talhar a escaldadura:»)
 Assim como o lume é quente
 E a água é fria,
 ...
 Tudo é verdade:
 Esta escaldadura não mais lavre.
 (Minho, CPP II, pág. 412)
- §II-4348
 («Para talhar o bicho:»)
 Bichinhos, que comeis e rabiais
 E graças a Deus não dais,
 ...
 Eu te talho,
 ...
 (Guimarães, CPP II, pág. 412)
- §II-4349
 Bicho, bichão,
 Cobra, cobrão,
 Aranha, aranhão,
 Assim tu seques
 Como este carvão.
 (s/i, CPP II, pág. 412)
 Nota: «Para talhar o «bicho» passa-
 se a mão sobre o lume e depois sobre
 a parte inflamada.»
- §II-4351
 («Para talhar o alfobre da boca das
 crianças:»)
 Bicho, bichocro,
 Que vens cá buscar?
 Com seiva da boca
 E cinza do lar
 To hei-de queimar.
 (s/i, CPP II, pág. 413)
- §II-4352
 («Para talhar o mau olhado:»)
 Com este lenço que entrou em
 sagrado
- Eu te requeiro, mau olhado
 Para que passes dos pés para a
 barriga,
 Da barriga para as costas,
 Das costas para a cabeça,
 Da cabeça para o mar coalhado,
 Para que deixes este corpo aliviado
 (Guimarães, CPP II, pág. 413)
- §II-4354
 Em Jesus, nome de Jesus seja!
 Eu que talho? Erzipula
 Com esparto do monte
 E água da fonte,
 Que logo lhe abrandará.
 (Bouças, CPP II, pág. 413)
- §II-4355
 Éfrica, Éfrica.
 Três filhas tinha:
 Uma ia pela água,
 Outra ia pelo lume,
 Outra em fogo ardia
 Proguntando pela Virgem Maria.
 E a Virgem le respondia:
 - 'Scope, 'scope três vezes ao dia.
 Cobra, cobrão,
 Sapo, sapão,
 Bicho de toda a nação,
 Assim tu seques
 Como este carvão.
 (Minho, CPP II, pág. 414)
 Nota: «durante este ensalmo tem-se
 um carvão na mão e faz-se três
 cruces com ele.»
- §II-4356
 Fol'que já foste encarnado,
 Agora és enfarinhado,
 Talha esta erisipela
 E este ruborado
 ...
 (s/i, CPP II, pág. 414)
- §II-4357
 ...
 Pedro Paulo foi a Roma,
 Jesus Cristo encontrou.
 ...
 - Senhor, morre muita gente
 De zipla e ziplão.
 - Torna lá, Pedro e talha

Co' o azeite da oliva E a lâ de ovelha viva. ...	(Cadaval, CPP II, pág. 415)	§II-4373 («Para talhar o «bichoco»:») - Bicho, basalho Talharei Com sal do mar E óleos de olive, P'ra que não comerá Nem beberá Nem cabeça Nem rabo terá. (s/i, CPP II, pág. 417)
§II-4358 Pela serra de Naia passei, ...	§II-4363 Empige, Rabige, Sai-te daqui. Assim como tu dizes Que comi e bebi E fui a Roma	
E le perguntou que remédio le daria: - Talha-le a rosa vermelha, Que te come e dói e prói, Com sal do mar E água da fonte E erva do monte. Com o poder de Deus e da Virgem Maria ...	E estou aqui, Assim como tu falas verdade, Assim tu medres aqui. (Cinfães, CPP II, pág. 415)	
Que o que eu figer tudo preste. (Fafe, CPP II, pág. 414) (Nota: «Este ensalmo para talhar a erisipela... 1881...»)	Assim como tu dizes Que comi e bebi E fui a Roma E estou aqui, Assim como tu falas verdade, Assim tu medres aqui. (Cinfães, CPP II, pág. 415)	§II-4374 Por Jerusalém passei, Jesus Cristo encontrei, Eu lhe perguntei: - Que se faz ao bichoco? - Talha-o com sempre verde, ...
§II-4360 ...	§II-4367 (Para benzer a cosedura dos pés) - Eu que coso? - Carne quebrada. ...	§II-4375 («Para talhar o unheiro») Santa Iria Três filhas tinha: Uma no monte, Outra na fonte, Outra no fogo ardia. Que lhe soprasse, Que lhe bufasse, Que o fogo amainaria. (Cinfães, CPP II, pág. 417)
- Muita ersipela, Muita gente morre dela. - Torna lá, Pedro Paulo, Cura-a com auga da fonte, Acintro do monte, Sal da marinha. Reza nove vezes E uma Salvé Rainha. (Cinfães, CPP II, pág. 415)	(«Para talhar a «dada» no seio das mulheres:») Home bom pediu dormida, Mulher ruim lhe fez a cama Sobre a grade e a lama. Sai-te, dada, deixa a mama. (Guimarães, CPP II, pág. 416) Nota: «A «dada» é uma inflamação que aparece nos seios das mulheres quando estas amamentam.»)	
§II-4361 ...	§II-4370 O bô homem me deu pousada, A má mulher me fê'la cama Em cima das vides, em cima da lama. Vai-te, dada desta mama. (s/i, CPP II, pág. 417)	§II-4376 («Para talhar as bichas (= lombrigas):») Santo Elói teve nove filhos, De nove ficaram oito; ...
- Muita doença de erisipela. Muita gente morre dela. - Vai para casa e talha-a Com água da fonte, Com ervas do monte E azeite de oliveira E pelo poder de São Tiago Virão ao seu estado. (Guimarães, CPP II, pág. 415)	§II-4371 («Para talhar as gretas das mãos:») - Jesus! Nome de Jesus! Eu que coso? - Carne aberta, fio torto. - Isso mesmo é o que eu coso Pelo poder da Virgem Maria Que me ensinou o que eu sabia. (Guimarães, CPP II, pág. 417)	De um, nenhum. Bichas, bichais, Delidas seiais. (s/i, CPP II, pág. 418)
§II-4362 Em louvor de Santa Andresa E de santa Andresinha, Com água das três fontes E um raminho de oliveira Me curou o cobrelo que tinha.		§II-4380 Sol, toma a tua quentura E a erva me dê a sua frescura. (s/i, CPP II, pág. 418)
		§II-4382 ...

Unheiro forte, tem-te nas tuas veias, Assim como o Senhor se teve à hora das suas ceias. ... (Gondomar, CPP II, pág. 418)	Corpo santo quero ver: O corpo do meu amor, Antes de a terra a comer. (Bragança, CPP II, pág. 424)	A terra te há-de comer. (s/i, CPP II, pág. 425)
§II-4401 António, eras um cravo Enquanto eras pequenino; Agora estás desbotado, Como a flor do rosmaninho. (s/i, CPP II, pág. 421)	§II-4441 Alto Céu, que me roubaste Minha doce companhia! Se eu hei-de viver sem ela, Acabou-se-me a alegria. (Mesão Frio, CPP II, pág. 424)	§II-4456 Coração, que andas triste Dois dias que hás-de viver, Anda alegre se puderes: A terra te há-de comer. (V. Alentejo, CPP II, pág. 425)
§II-4414 Ó fonte do musgo verde, Quem me dera a tua sina! És velhinha e nunca perdes O teu cantar de menina. (Diário de Lisboa, 1927, CPP II, pág. 422)	§II-4445 Apagou-se-me a candeia, Já lá vai a minha luz, Já lá vai a minha alminha, Já lá vai para Jesus. (s/i, CPP II, pág. 424)	§II-4459 Debaixo da oliveira `Stá a minha sepultura Coberta com letras de oiro: - Descansa, amor, que sou tua. (Tarouca, CPP II, pág. 426)
§II-4417 Pus-me a brincar com o tempo A ver a graça que tinha: Encheu-me a cara de rugas E a cabeça de farinha... (Diário de Lisboa, 1927, CPP II, pág. 422)	§II-4447 Assubi ao limoeiro, Do meio dele cá; Se o limoeiro é morte, Eu, para morrer, nasci. (Alcanena, CPP II, pág. 425)	§II-4466 Encontrei a morte ao adro A comer um cacho de uvas: - Sai-te daqui, morte negra, Desamparo das viúvas! (A. Valdevez, CPP II, pág. 426)
§II-4432 Abre-te, campa sagrada, Que minha mãe quero ver; Que lhe quero dar dois beijos, Antes de a terra a comer. (Baião, CPP II, pág. 423)	§II-4449 Azeitona cordovesa, Amor, comemo-la ambos: Se ela veneno tiver, Amor, morreremos ambos. (s/i, CPP II, pág. 425)	§II-4468 És do lírio, lírio, lírio, És do lírio, leriidade; À porta do cementério Acaba a nossa amizade. (C. Maior, CPP II, pág. 426)
§II-4433 Abre-te, ó campa de rosas, Minha amada quero ver; Eu pretendo dar-lhe beijos, Antes de a terra a comer. (A. Fé, CPP II, pág. 423)	§II-4450 ... Meu amor, quando morrer, Vai-me pegar ao caixão C'uma fita cor de rosa, Outra, cor de açafão. (Lamego, CPP II, pág. 425)	§II-4472 Este mundo é uma vinha, Cada cepa é o cristão, Vem a morte leva tudo, Não procura geração. (Baião; Bragança, CPP II, pág. 427)
§II-4434 Abre-te, ó campa, estala, Que a minha mãe quero ver: Quero-lhe beija o rosto Antes de a terra a comer. (Ovar, CPP II, pág. 423)	§II-4454 Coitadinho de quem morre Se para o Céu não vai: Quem cá fica, come e bebe E a paixão logo se vai! (Portimão, CPP II, pág. 425)	§II-4473 Este mundo é uma vinha, Cada qual uma latada, Vem a morte faz vindima, Fica a vinha vindimada. (Alandroal, CPP II, pág. 427)
§II-4435 Abre-te, terra sagrada,	§II-4455 Coração, não vivas triste Dois dias que hás-de viver; Considera bem na morte:	§II-4474 Este mundo é uma vinha E as cepeiras os cristãos; Vem a morte, faz vindima, Não procura geração. (Baião, CPP II, pág. 427)

§II-4477 Eu entrei no cemitério, Colhi um ramo de goivos, Nascido entre as saudades Na campa duns pobres noivos. (V. Verde Ficalho, CPP II, pág. 427)	Corpinho tão delicado! (s/i, CPP II, pág. 432)	§II-4554 ... - Na folha da mesma rosa, Na que for mais encarnada! (s/i, CPP II, pág. 434)
§II-4481 Eu hei-de escrever no adro Quatro letras à capucha, Para que a terra não coma Os olhos à pequerrucha. (V. Conde, CPP II, pág. 428)	§II-4532 Ó água, que estás correndo, Por baixo da sacristia, Ó terra, que estás comendo O meu amor de algum dia! (Redondo, CPP II, pág. 432) Var.: O espelho onde eu me via! – Baçal	§II-4555 Ó sepultura tirana, Terra que me hás-de comer, Já te podes ir preparando, ... (Minho, CPP II, pág. 434)
§II-4482 Eu hei-de escrever p'ró Céu Cartas que bão rebolindo; Não quero que a terra coma Cara e corpo tão lindo. (Melgaço, CPP II, pág. 428)	§II-4534 Ó carneira dos ossos, Ó dos ossos carneira, Esses teus ossos e os meus São da mesma maneira. Assim te admiras De me ver's aqui? Como eu sou, hás-de tu ser, Como tu és, já me eu vi. (Portimão, CPP II, pág. 432)	§II-4564 Põe na minha sepultura Um presente bem singelo: Dois goivos, uma saudade, Ao pé dum cravo amarelo. (s/i, CPP II, pág. 434)
§II-4490 Eu já vi a morte andar Com um cabazinho de ovos; Ó morte, quando vieres, Vem primeiro pelos novos. (s/i, CPP II, pág. 428)	§II-4543 O meu amor'stá doente Nu(m)a cama de laranjeira; Nossa Senhora o melhore, Que eu não posso estar solteira. (V. Alentejo, CPP II, pág. 433)	§II-4577 Quem me dera a mim morrer, Depois de morto ter vida, Para ver quem te lograva, Pomba branca, adebertida. (V. N. Gaia, CPP II, pág. 435)
§II-4514 ... Venha deitar violetas Na tampa do meu caixão. (Cadaval, CPP II, pág. 430)	§II-4546 O meu pobre coração Já não pode suspirar; Com remédios da botica Vai morrendo devagar. (Avis, CPP II, pág. 433)	§II-4578 Quem me dera uma faca, Uma faca de bom corte! Mais me custa a tua ausência Que me há-de custar a morte. (Nisa, CPP II, pág. 436)
§II-4528 Ó adro, terra da igreja, Lindas caras'stás comendo; Também'stás comendo o amor Que eu andava pretendendo. (O. Azeméis, CPP II, pág. 431)	§II-4548 Ó morte, ó tirana morte, ... Levaste a minha amada P'rá sombra do acipreste! (Porto, CPP II, pág. 433)	§II-4579 Quem morre de mal de amores Não se enterra em sagrado; Enterra-se em campo verde, Onde se apastora o gado. (s/i, CPP II, pág. 436)
§II-4529 Ó adro, terra da igreja, Onde se encontram anjinhos, Ai terra, que estás comendo Corpos tão delicadinhos! (Baião, CPP II, pág. 431)	§II-4552 Ó morte, vem devagar, Que inda não'stou preparada: Não tenho farnel já feito Para tão longa jornada. (Ovar, CPP II, pág. 433)	§II-4586 Se eu morrer ao pé das faias, Enterrem-me ao pé do freixo. Se eu morrer duma paixão, Contra o meu amor me queixo. (Moura, CPP II, pág. 436)
§II-4530 Ó adro, terra de igreja, Onde se enterra o pecado, Ó terra que estás comendo		§II-4593 Se eu morrer, enterrarás-me No adro, ao pé da murta; Se eu morrer de saudades,

A ti te boto a curpa. (Barcelos, CPP II, pág. 437)	Ele: Eu sou das cabras cornel Não me envergonho de o dezer. ...	Adeus, 'çucena amorosa, Tua ausência foi o meu fim ... (s/i, CPP II, pág. 443)
§II-4600 Se eu soubera quem tu eras Ou quem tu vinhas a ser, Mandava vir da botica Remédio para morrer. (V. N. Gaia, CPP II, pág. 437)	E, se me dexter que sim, Dou-lhe dois chibos e um anaco	§II-4630 ... Que sendes um amor perfêto. Hê-de fazer em meu peto Uma cova e enterrar-te. (Alandroal, CPP II, pág. 444-5)
§II-4601 Se eu soubesse que morria Depois da palavra dada, Nem a terra me comia Se meu amor cá ficava! (s/i, CPP II, pág. 437)	Ela: Dois chibos e um anaco Me quer o senhor dar... Pode-se já retirar, Antes que leve co'um sapato! ...	§II-4635 Altos Céus que me roubastes Minha doce companhia: ... P'ra nunca mais tornar a ser Minha doce companhia.
§II-4604 Se eu tivesse na certeza Que te não tornava a ver, Mandava vir da botica Remédio para morrer. (Alenquer, CPP II, pág. 438)	Ele: Muita cabra e boa fazenda Que tem o senhor moiral! Não quero tanto cabedal, ... Não no quero por ser cabreiro, Que tem de ser muito aluado.	§II-4638 Ó homem, tu que dirás Se me vires no lupanar? Só tu a culpa tiveste De eu à desgraça chegar. ... Eu, com a minha pobreza, Tinha p'ra me arremediar Com que a fome mantigar. ... (s/i, CPP II, pág. 450)
§II-4606 Se fores ao cemitério No dia do meu enterro, Diz à terra que não coma As tranças do meu cabelo. (Dão; Minho, CPP II, pág. 438)	Ela: Muita cabra e boa fazenda Que tem o senhor moiral! Não quero tanto cabedal, ... Não no quero por ser cabreiro, Que tem de ser muito aluado.	§II-4639 ... No meu ventre se gerou Um filho que eu à luz dei. ... (s/i, CPP II, pág. 451)
§II-4611 - Se passares pelo aidro No dia do meu enterro, Pede a terra que não coma As tranças do meu cabelo. - As tranças do teu cabelo Não pode a terra comer: Não tem a boca tamanha Que nela possam caber. (Mação; F. Algodres; Loulé, CPP II, pág. 438)	Ele: ... Pois eu tenho muito lête, Já algum lhe tenho dado... ... Olhe que eu a dita cabaça Hê-de levá-la no bolso dos calções. (Alandroal, CPP II, pág. 441-2)	§II-4639 ... No meu ventre se gerou Um filho que eu à luz dei. ... (s/i, CPP II, pág. 451)
§II-4616 Sobre a tua ria cova, Duma grinalda de flores, Disse-me um goivo, chorando, Que eram falsos teus amores! (V. Alentejo, CPP II, pág. 439)	§II-4628 Toca, toca, tocador, P'ra que te dêem uma pinga; ... - Toca lá uma moda linda Para esta gente dançar; Ôs senhores faz a vontade P'ra que te dêem uma pinga. ... Disseste bem, ó Palmela, ... (F. Foz, CPP II, pág. 442-3)	§II-4640 Tu és rico opulento, Eu sou pobre sem vintém; Dá-me aonde eu ganhe pão P'ra me sustentar também. Eu, cercado de filhinhos, Sem ter da noite para o dia, Dá-me aonde tire a valia P'ròs sustentar, coitadinhos. Abre-me portos e caminhos De onde eu tire o meu alimento, De onde eu tire o meu sustento
§II-4627	§II-4629 ... Eu amo e vivo com gosto. ...	

P'ra aliento do meu cadáver, Já que eu sou tão miserável. Tu és rico e opulento.	§II-4644 ... Apronta-me no inferno as caldeiras Que eu as quero acender; ... De pinho ardentes fogueiras Se fosse eu que as aquecesse. ... Ó Maria da Conceição, És de todos mais marcada, És a mulher mais relaxada, És de todos o maior cação. Eu metia-te no coração Um punhal, sem ter ent'resse. ... (F. Foz, CPP II, pág. 456)	§II-4647 ... O Caifaz teve lombrigas. ... Até o próprio Caifaz Teve uma grande malina: Deram-lhe por medicina Água-forte e aguarrás. Voltou a maleita atrás Com picadelas de ortigas, Umhas poucas brasas vivas E uma grande porção de urina Até lhe queimar a barriga, Quando Herodes teve as bexigas. ... No dia do seu noivado Houve diversas comidas: Unhas de cabras cozidas E com sumo de limão, Deu ao noivo uma indigestão, Quando Caifaz teve lombrigas. (Leiria, CPP II, pág. 457-8) («Composição dita por um indivíduo que a aprendeu, em 1901, de um outro de uns 30 anos, de Vieira; cantava isto como fado em casamentos e bailes, entremeado de palavras espanholas (...)»)
Sou um pobre malfadado, Vivo neste mundo de enganoso, Deito trinta mil pelanos Ao fim tudo me sai errado. Quando à noite vou cansado Para aonde os meus filhos'stão, Até corta o coração Vê-los sem nada que comer! Tu me podes secorrer, Dá-me aonde eu ganhe o pão.	§II-4645 Homem, tens tanto talento! ... Pareces filho da corte celeste, Que queres a todo comer. ... (s/i, CPP II, pág. 456)	§II-4648 Rapazes, quando eu morrer, Enterrem-me com jeitinho; Façam-me uma cova de aguardente, Por cima cubram-me com vinho. Levem-me ò almazém de pinetra, Direito ò cemitério. P'ò interro ser mais sério Levem-me às costas duma marreca, Arranjem-me um tocador de rabeça Para esta gente entreter Para quem passa dizer: - O vinho é que alegre! Metam-me à porta duma adega, Rapazes, quando eu morrer.
Muito custa ver um homem Os seus filhos a gritar Ao pé da mãe a chorar Dizendo: - Ó mãe, tenho fome! Esto até nos consome O coração a uma pobre mãe, Com misérias mais de cem, Arrastada como a cobra. Dá-me as migalhas que te sobra' P'ra me sustentar também. (s/i, CPP II, pág. 452)	§II-4646 Esta noite que há-de vir Foram-me os ladrões ò monte, Roubaram-me o que é não tinha Puxaram-me fogo à fonte. ... Já me robaram na caxa Donde cozia o jantar; ... 'Stava acordado a dormir, Ouvi rasmalhar um ovo, ... Robaram-me um conto do mel, Quatro canastras de azête, Robaram-me um saco de lête, ... Rôbaram-me um coiro de batatas, Uma gorpelha de vinagre, ... Um garrafão de sardinhas, ... Alimenti o mê pranto. Que desgraça a que é a minha! Assim, como nada tinha, Puxaram-me fogo à fonte. (Elvas, CPP II, pág. 456-7)	§II-4643 ... Chega o mineiro ao almazém Ou a outra qualquer panilha: - Venha lá pão e morcilha É a canha, vai dando bem. Pergunta vinho se tem: - Dête mais meia canada. Ali se lhe vai a pionada E passa a noite sem dormir. E anda sempre co'a bolsa a tinir, Dinheiro nunca tem nada. («Composição da autoria de um mineiro», CPP II, pág. 454-5)
§II-4643 ... Chega o mineiro ao almazém Ou a outra qualquer panilha: - Venha lá pão e morcilha É a canha, vai dando bem. Pergunta vinho se tem: - Dête mais meia canada. Ali se lhe vai a pionada E passa a noite sem dormir. E anda sempre co'a bolsa a tinir, Dinheiro nunca tem nada. («Composição da autoria de um mineiro», CPP II, pág. 454-5)	§II-4643 ... Chega o mineiro ao almazém Ou a outra qualquer panilha: - Venha lá pão e morcilha É a canha, vai dando bem. Pergunta vinho se tem: - Dête mais meia canada. Ali se lhe vai a pionada E passa a noite sem dormir. E anda sempre co'a bolsa a tinir, Dinheiro nunca tem nada. («Composição da autoria de um mineiro», CPP II, pág. 454-5)	§II-4643 ... Chega o mineiro ao almazém Ou a outra qualquer panilha: - Venha lá pão e morcilha É a canha, vai dando bem. Pergunta vinho se tem: - Dête mais meia canada. Ali se lhe vai a pionada E passa a noite sem dormir. E anda sempre co'a bolsa a tinir, Dinheiro nunca tem nada. («Composição da autoria de um mineiro», CPP II, pág. 454-5)

Para a venda do Portachinho, Levem à irmandade de São Martinho, Cada qual seu garrafão. Não me atirem algum empurrão: Enterrem-me com jeitinho.	Nunca mais tinha esta pobreza; Comprava p'ra minha defesa Uma espingarda de ouro ou cobre ... (Panóias de Ourique, CPP II, pág. 459-60) §II-4653	§II-4655 Alentejo: Sou o Alentejo opulento, Tenho gado e cereais. Algarve, quero saber Qual de nós valerá mais. ... Tenho montanhas de cortiça, ... Tenho p'ra fora vendido Cereais de valimento; ... Tenho muitas azinheiras, Com a lande das sobreiras Engordo gado bastante; ... Tenho muitos olivais. ... Tenho gado e cereais.
Tenho-vos a pedir um pedido: A esse bêbado fiel, A cova seja um tonel, Para lá ir conduzido. Depois de eu lá estar metido, Que esteja ò menos treze dias patente, P'ra que diga a esta gente Que não tenham dó de mim. Para que não queiram assim, Façam-me uma cova de aguardente.	Fez sábado quinta-fêra ... Agarri nos alforjinhos, Pus um pão em quatro enxacas, Uma gamela com duas vacas, Uma borracha com toucinho, Uma açafate com vinho, Trinta metros de banana. ... Eu já stive em Era-pouca, Numa ocharia empregado, Sumiu-se um carro carregado Dentro duma abobra canoca, ... (Elvas, CPP II, pág. 461)	Eu tenho em mim celeiros Cheios de trigo até mais não; Sou abundante de pão ... Até os teus corticeiros Ajudo-os a bem a viver. ... Dou-te tudo p'ra comer Em toda a minha grandeza. ... Eu tenho muito toicinho E o precioso presunto, Eu tenho de tudo munto. Sou a fama do bom vinho, ... Algarve: Sou o recreio do teu povo E sou cheio como um ovo Cá na minha pequenez. ... Só tens charnecas e mato. ... P'ra que vens a mim buscar P'ra ti tanta pescaria? Não passa nem um só dia Nem um sequer, com certeza, Que eu não mande com franqueza Peixe para a minha vizinha; Não pescas nem uma sardinha, Tu, com a tua grandeza.
Tenho-vos a pedir um favor, Que vos faça benefícios Para lhe fazer os officios: Bamos ó almazém do regador. Se a aguardente fosse licor, Eu queria-me bem salgadinho; Levem-me o borrascadinho, Quero-me antão bem salpicado. Depois de eu star enterrado, Cubram-me por cima com vinho. (F. Foz, CPP II, pág. 458-9)	§II-4654 Pernes, terra de piratas, ... Alcanena, terra de coiros ... Contra Pernes vou bramar, ... Não há ali senão manaças. Não têm senão batatas, Nas algibeiras não têm nada. É'ma terra tão desgraçada... ... Alcanena é uma tulha. Tem dinheiro como palha ... Como ela não há segunda De peles, vacas e toiros; Cabelinhos pretos e loiros Ali é tudo rapado. Está tudo endinheirado Alcanena, terra de coiros. ... Torradas, novas torradas, Eu não nego a minha nação; Eu sei que sou de Minde, Não digo a ninguém que não. (por Domingos da Silva Estevães Pelancho (pele ancho), Minde, CPP II, pág. 461-2)	
§II-4649 Eu vi umas casas a boar Uma pombinha a lá pôr ... Uma pescada com dragonas Bem montada em mosquitos, Mesmo muda deu um grito, Queria matar as patronas. Veio o rei das azeitonas Com uma cantiga aventar, Somente para cantar O desafio com um caracol. ... (s/i, CPP II, pág. 459)		
§II-4651 Sou um rapaz muito pobre, ... Só qu'ria ter esta riqueza: Cinco tostões, nada mais. Comprava muitos olivais,		

Quem em ti tem passado O que vem p'ra cá dizer? Que és um país de temer P'los lobos que tens criado. Eu sou todo cultivado P'la minha população.	Que tu não lhe vês o fim. ... (Lisboa, CPP II, pág. 462-5)	... Ao pobre e triste soldado: Morre em bichos gafado E muitas vezes não come, Passa muita sede e fome E morre assim desgraçado! ... (Arraiolos, 1863, CPP II, pág. 468-472)
Alentejo: Cala-te, Algarve faminto, Que me estás a provocar! ... Tu decerto tens desejo De ser rico como eu sou E dar, assim como eu dou, Muita cera, mel e queijo. ... Cala-te, Algarve faminto.	§II-4656 ... Chifar, Quinta da Alegria, Samel, Quinta do Perdigão. Murtede, Antes, Murtosa, ... Bustos, Trouviscal e Mamarrosa, ... Fermentelos, Travassô e Eixo, ... Oliveirinha e Salgueiro, ... Verdemilho, Quinta do Picado e Achada, ... Vila Nova de Outil, Zambujeiro, ... Alfeles, Avelãs e Pereiro, ... Águas Boas, Malhapão, ... Ovar e mais a Murtosa, ... Rio Tinto e São Romão Fazem todos uma caçada; ... (Bairrada, CPP II, pág. 466)	Nota: «Bicentenário da batalha do Ameixial.» §II-4660 Com dinheiro de contado Ninguém a morte comprou, Por ser fruto precioso Que no mundo se pagou. ... A vida é fruta outonada, Nunca tem muita doçura: Quando está quase madura P'la mão da morte é cortada. Depois da vida acabada Fica o corpo desditoso, Medonho e pavoroso, Como árvore denegrida Que inda chora pela vida, Por ser fruto precioso.
Os homens que tens em ti, Coitados, como andarão? Esp'rando que venha o V'ráo P'ra virem ceifar p'ra aqui: Se eu o teu peixe comi, Tenho pão para te dar ... Cala-te, faminto e pobre, ... Nos meus matos tu verás Gados de lâ a valer Vila Nova de Outil, Zambujeiro, ... Alfeles, Avelãs e Pereiro, ... Águas Boas, Malhapão, ... Ovar e mais a Murtosa, ... Rio Tinto e São Romão Fazem todos uma caçada; ... (Bairrada, CPP II, pág. 466)	O fruto que esta árvore deu No mundo se pôs à venda; Se o comprou a morte horrenda, Foi a Parca que o vendeu. Até'qui disputei eu E agora perguntar vou - Se algum sábio me escutou, Responda p'ra seu produto! – Qual foi o mais caro fruto Que no mundo se pagou? (de António Eusébio, «o Calafate», Setúbal, CPP II, pág. 473)
Algarve: ... De fábricas tenho milhões, Tudo que é rico há aqui. ... Embora menos porção Eu tenha de olivais, Mas também tenho olivais, Tenho cortiça e pão; Em mim tenho o bom feijão, Tenho o grão e o bom vinho, Também tenho algum toicinho Para te imitar um dia. De tudo o que lá se cria Tenho eu cá um puquechinho.	§II-4657 ... Como Palhais não achei. ... Não há lugar como Palhais. ... O primeiro é o Pereiro, ... A Tojeira, quem por lá passa, ... 'Stá o Carvalhal em carreira, ... Digo e outra vez repito: Palhais é o mais bonito. (Estremadura, CPP II, pág. 467)	§II-4662 Foi a maçã da ciência O fruto que Deus proibiu; Só se pagou com a morte: Bem cada a todos saiu!
Eu tenho alfarrobeiras Que tu nunca tens criado, Tenho bom figo passado, Estou coberto de figueiras E milhar's de amendoeirás	§II-4659 ... E lá no campo do Ameixoal	Adão foi o que se via Rei, senhor de todo o mundo: ... No jardim da inocência

Toda a ventura lhe deu; Somente o que não foi seu Foi a maçã da ciência.	(F. Foz, CPP II, pág. 480)	Rendo conto, rendo milhão No reino de Portugal. Já me a mim vendem por sal E eu sou fêmea de nação.
Seu rival foi Satanás, ... Com a astúcia perspicaz A nossos pais seduziu, Mas Adão não engoliu: Ficou-lhe o nó na garganta, Porque era a maçã santa O fruto que Deus proibiu. ... O mundo todo se encheu De uma glória vã. Por causa de uma maçã Que nem toda Adão comeu Tudo o que é vivo morreu! À morte ninguém fugiu! Se o fruto que Deus proibiu É ferro que a todos mata... Sendo a maçã tão barata, Bem cara a todos saiu! (Setúbal, CPP II, pág. 474) (de António Maria Eusébio, o «Calafate». Poeta popular, analfabeto)	§II-4670 ... Eu vi o filho do pobre Em tristes palhas deitado. ... Cria uma mãe um filho seu Em tristes palhas deitado! (s/í, CPP II, pág. 481-2) §II-4671 ... Dos danos que me tens feito! ... Não haja faca que corte, Uma pinga de água-forte Te dê alguém por castigo, Quando comer's algum figo Te arrebente a boca logo, P'rò fato te salte o fogo, Já que és engrata comigo! De mesa te fuja o prato, A panela se te apegue, ... A loiça te quebre o gato, Sempre malfadada sejas! Quando comeres cireijas, Te dê logo uma degestão; ... Quando for's ferir lume, Mil pancadas dê nos dedos, ... Cases com um homem que fume, ... Comas sempre o pão de rala, ... (s/í, CPP II, pág. 482-3)	Por comportas tive entrada, Nunca mais tive saída E p'ra fazê'la fugida Logo fiquei imprisionada. Fiquei em pedra formada Que se deita no comer. Quando me levam a vender P'ra esses reinos' estrangeiros É por falta de dinheiro. Macho me querem fazer. Tenho navios ingleses Que me levam lá p'ra fora; Levem-me já sem demora Para acudir aos fregueses. Paguem bem aos portugueses Que me sabem fabricar, Peçam bom tempo no mar, Meu navio não vá ao fundo. Perde-se o tempero ao mundo, Se me deixam afogar. Eu vou a meus arraiais Onde estão duques, marqueses. Donde eu falte algumas vezes O comer insonso achais. Dão por mim tantos metais Donde me levam a vender! Logo me põem a derreter Dentro de algumas caldeiras, Debaixo fazer fogueiras P'ra fêmea tornar a ser. (Silves, CPP II, pág. 483-4)
§II-4663 ... Em um presépio por encosto E em uma menjedoura exposto O que não cabe nos Céus. Renderam-lhe seus troféus ... De ouro, mirra e encenso; ... (Alandroal, 1891, CPP II, pág. 476)	§II-4672 ... Eu sou fêmea de nação Macho me querem fazer. Hei-de-me deitar a afogar P'ra fêmea tornar a ser. Em tempos fui água pura, Fui acoalhada ao calor, No comer deito sabor Mesmo assim em pedra dura. Nos olhos ninguém me atura: Causo grande aflição.	§II-4675 ... No lugar da Cividade Havia um alcpreste, Onde os mouros duvidavam Que se levantava a peste. No meio do alcpreste Geravam-se os scorpions ... Entre Coté e Cividé Três minas é: U(m)a de ouro, outra de prata
§II-4668 ... Só Deus é que podia Certas coisas arranjar, ... Só Ele era lavrador Cá no meu fraco saber. ... É o Autor da Natureza, Que o homem formou, Uma enxada lhe entregou, Podes ficar na certeza. ...		

E outra de veneno que mata. (Melgaço, CPP II, pág. 487-8)	... A cavalo no Saldanha, ... (s/i, CPP II, pág. 492)	Adubadas com sabão. (s/i, CPP II, pág. 494)
§II-4677 Esta é Lisboa desprezada, Mirá-la e deixá-la. Se quiserdes carneiro, Qual deram ao Andeiro; Se quiserdes cabrito, Qual deram ao bispo. (s/i, CPP II, pág. 488) (Nota: «Cfr. Fernão Lopes, Crónica de D. João I, Iª parte, cap. CXV.»)	§II-4702 O rei chegou, o rei chegou, Em Belém desembarcou; Como palha não achou, Logo aos coices começou. São burros e mais que burros, São burros a comer palha, São burros e mais que burros De Dom Miguel a canalha.	§II-4722 - Quem vive? Dom Pedro ou Dom Miguel? - Este mundo é uma dança! Dom Pedro e Dom Miguel Andaram na mesma pança! ... (s/i, CPP II, pág. 494-5)
§II-4683 Rei ao torno, E Pombal no trono. (s/i, CPP II, pág. 489)	Chegou o pacote, Trabalha o cacete! (s/i, CPP II, pág. 492)	§II-4728 Avança, caçadores, avança, Soldados, tropa de linha, P'ra matar o Remexido Que foi traidor à Rainha.
§II-4684 ... - Vem o Luís de Oliveira. ... (s/i, CPP II, pág. 489)	§II-4705 À entrada de Lisboa, 'Stá um verde limoeiro; As folhinhas vão dizendo: - Viva Dom Miguel primeiro! (s/i, CPP II, pág. 492)	Isto é bem bom, 'Stá menos mau Tudo remexido Com bacalhau. (s/i, CPP II, pág. 495)
§II-4685 ... O Jinó mai'lo Maneta Ambos andõ ò contrato: O Jinó ganha p'ró vinho, O Maneta p'ró tabaco. (Cadaval, CPP II, pág. 490) Nota: «Junot e Loison.»	§II-4708 Com carne, pão e vinho Sustenta-se o Miguelinho; Sem carne, vinho e pão Sustenta-se a Constituição. (s/i, CPP II, pág. 493)	§II-4729 A Maria da Fonte É uma grande matrona; ... A Maria da Fonte É uma guerreira boa: ... A Maria da Fonte É uma mulher guerreira: Bateu-se co' o Saldanha ... A Maria da Fonte Co'a sua espada na mão ... - Vamos para a frente Bater o Saldanha ... (s/i, CPP II, pág. 496)
§II-4691 ... Que obteve uma pastoral Em nome do padre. ... (Sousel, CPP II, pág. 491)	§II-4714 Lá na praça da Figueira ... Lá na praça da Figueira Uma velha apregoou: - Quem quiser comprar, eu vendo A cabeça do rei chegou! ... Lá na praça da Figueira Apregoou uma mulher: Quem quiser comprar que eu vendo A cabeça de Dom Miguel. (Portimão, CPP II, pág. 494)	§II-4730 A Maria da Fonte Regateira da sardinha, Inda não era açafata, Já queria ser rainha! (s/i, CPP II, pág. 496)
§II-4692 (A respeito de D. João VI) - Como te chamas? - Chamo-me João. Faço o que me mandam, Como o que me dão, Sento-me co'os frades, Canto cantochão. (s/i, CPP II, pág. 491)	§II-4717 Os tripeirinhos do Porto Já não comem pão: Comem papas de farelos	§II-4731 Ai, a Maria da Fonte
§II-4697		

A cavalo sem cair ... (s/i, CPP II, pág. 496)	§II-4749 À entrada de Elvas 'Stá um chafariz, Em letras de ouro: - Viva Dom Luís! (Mafra, CPP II, pág. 498)	Por causa do Pimenta 'Stá mais caro o feijão. Olha o Pimenta, Olha o clorau, Por causa do Pimenta 'Stá mais caro o bacalhau.
§II-4734 Lá vai a Maria da Fonte A fiar a sua roca, ... (Póvoa Lanhoso, CPP II, pág. 496)	§II-4757 Coradas, manas, coradas, Core(n)i-nas nas bananeiras; Eu prindi o Gungunhana À sombra das bananeiras.	Olha o Pimenta, Olha o Pimentão, Por causa do Pimenta É que foi a revol'ção.
§II-4735 Olha a Maria da Fonte Co'as pistolas na algibeira Para matar os Cabrais ... (C. Beira, CPP II, pág. 496)	Vivam as armas reais Que nunca perderam a fama Viva o capitão Mousinho Que prindeu o Gungunhana! (Coimbra, CPP II, pág. 499)	Olha o Pimenta, Olha o Pimentela, O Pimenta qu'ria cá A rainha D. Amélia. (s/i, CPP II, pág. 508-9)
§II-4736 Viva a Maria da fonte Que é'ma mulher com'as mais, Traz'ma pistola na mão Para matar os Cabrais.	§II-4761 João Franco, João Franco, Valei-me, que bem podeis; O tabaco está mais caro: Cada maço, trinta réis.	§II-4784 O Tejo, quando vai cheio, Leva cavacos e lanha; ... (V. Velha Ródão, CPP II, pág. 509)
Viva a Maria da Fonte Mais as suas companheiras, ... (s/i, 496-7)	O Franco está a decair, Já fez o seu testamento, Por reforçar os tabacos Com vinte e dois e meio por cento. (C. Beira, CPP II, pág. 500)	§II-4789 ... Quero ver se vejo vir O Sacadura Cabral. ... (s/i, CPP II, pág. 510)
§II-4737 ... O Saldanha à Inglaterra. (Melgaço, CPP II, pág. 497)	§II-4762 João Franco, João Franco, Teus amigos são barbeiros, Para isto deste descanso Aos domingos aos caixeiros.	§II-4790 O Sacadura Cabral ... (s/i, CPP II, pág. 510)
§II-4739 Todos dizem que o Saldanha ... (s/i, CPP II, pág. 497)	Se o João Franco soubesse O que diz o Zé Povinho: - 'Stom nas tabernas fechadas, Ao domingo não há vinho! (s/i, CPP II, pág. 500-1)	§II-4791 Viva Gago Coutinho E Sacadura Cabral! ... (s/i, CPP II, pág. 510)
§II-4741 Morreu Dona Estefânia, 'Stá num carneiro fechado. Os arames vão dizendo: 'Stá Portugal desgraçado! ... (s/i, CPP II, pág. 497)	§II-4777 Olha o Pimenta, Olha o Pimentinha, Por causa do Pimenta, 'Stá mais cara a farinha.	Fim do II tomo do CPP de LV. Contém 4791 textos ao total.
§II-4748 Pintassilgo canta na balsa E o rouxinol no loureiro Os anjos cantam e dizem: - Vivam Dom Luís Primeiro! (V. Alentejo, CPP II, pág. 498)	Olha o Pimentão, Olha o Pimentão,	

§III-3 Portugal, já foste rico, Hoje estás abandonado: Deu a moléstia nas vinhas, 'Stá Portugal desgraçado! (Portimão, CPP III, pág. 1)	Cercada de farrobeirões; ... (s/i, CPP III, pág. 3)	Adeus, Aldeia de Lima, ... (R. Monsaraz, CPP III, pág. 5)
§III-11 Ó Abrantes, ó Abrantes, Terra da maganaria, Também eu era magano Quando para Abrantes ia. (s/i, CPP III, pág. 2)	§III-32 Alcácer do Sal 'Tá no seu recreio ... (s/i, CPP III, pág. 4)	§III-45 Adeus, Aldeia da Luz, No centro tens dois piaís, Onde o meu amor se assenta Dando suspiros e ais... (s/i, CPP III, pág. 5)
§III-12 Ó Abrantes, ó Abrantes, Terra da maltesaria, Quando eu era maltês, Também a Abrantes ia... (Nisa, CPP III, pág. 2)	§III-33 Alcácer do Sal Tem bonitas vistas. ... (A. Sal, CPP III, pág. 4)	§III-46 Adeus, Aldeia do Mato, É terra de boa gente, Dá de comer a quem passa Que leve dinheiro corrente... (R. Monsaraz, CPP III, pág. 5)
§III-18 O lugar de Adão-Lobo É u lugar bem bonito: À entrada tem'ma rosa, À saída um manjerico. (Cadaval, CPP III, pág. 2)	§III-34 Ó Alcaide, ó Alcaide, Duas coisas te dão graça. É uma torre no adro, Lindo chafariz na praça. (s/i, CPP III, pág. 4)	§III-50 Adeus, Aldeia da Serra, Boa terra, melhor gente, Dá de comer a quem passa, Se leva dinheiro corrente... (Serra de Ossa, CPP III, pág. 5)
§III-19 Aguiar da Beira, Adeus, Aguiar da Beira, Logo ali à entrada 'Stá uma pereirinha nova Que inda não foi abanada. (s/i, CPP III, pág. 2)	§III-35 A ribeira de Alcobaça Todo o ano dá verdura; O rapaz que é gabarola Tem cabaços à fatura. (Mação, CPP III, pág. 4)	§III-54 Aldeia de Val-Maceiras, ... (Arronches, CPP III, pág. 6)
§III-22 Dá-me uma pinguinha de água Da fonte do 'Landroal, Dá-ma pela tua boca: Pelo copo sabe mal. (s/i, CPP III, pág. 3)	§III-36 Adeus, ruas de Alcobaça, No meio têm'ma palmeira, Onde os rapazes se juntam Quando vão p'rà brincadeira. (Alcobaça, CPP III, pág. 4)	§III-63 Eu venho do Alentejo De fazer parede à sombra, Eu venho admirado Do cantar daquela pomba! (Mação, CPP III, pág. 6)
§III-26 Vila do Alandroal É pequena mas tem graça, Com sua fonte no meio Dá de beber a quem passa. (s/i, CPP III, pág. 3)	§III-37 Ó ciranda, ó ciranda, Ó ciranda de Alcolena, Por causa de ti, ciranda, Não falei hoje à pequena. (V. Alentejo, CPP III, pág. 4)	§III-65 No Alentejo ougar videira É a minha labutação; Quem quiser que me procure: Onde eu'stiver me acharão. (s/i, CPP III, pág. 6)
§III-28 Adês, vila de Albufêra,	§III-39 Adês, vila de Alcoutim, Cercada de amendoêras, Onde o mê amor passeia Todas as segundas-fêras. (Alcoutim, CPP III, pág. 4)	§III-73 Adês, terra do Algarvi, Terra de pouco sustento: É uma ferrovinha podre E um figuinho bolarento. (Alcoutim, CPP III, pág. 7)
	§III-43	§III-74

Algarve, Algarve, Terra de pouco valor, Não comem senão figos E algu(m)a alfarroba podre. (Monchique, CPP III, pág. 7)	E o algarvio tem farrobas. (Algarve, CPP III, pág. 8)	(Fundão, CPP III, pág. 9)
§III-75 Dá-me uma pinguinha de água Lá da fonte do Algarve, Com que ela não saiba a logo Nem à raiz de uma árvore. (Nisa, CPP III, pág. 7)	§III-88 Sou da serra, sou serrenho, Como carne às arrobas, Eu não sou como vocês Que só comem alfarrobas. (Faro, CPP III, pág. 8)	§III-104 Adeus, ó vila de Alter, Adeus, ó Alter do Chão. O chafariz dos bonecos É ao pé da Mangação. (s/i, CPP III, pág. 10)
§III-76 Do Algarve me mandaram Cinco peras num raminho: Qual seria o guloso Que mas papou no caminho? (Lagos, CPP III, pág. 7)	§III-89 Adeus, sítio do Algoz, ... (Portimão, CPP III, pág. 8)	§III-109 Já lá vai o Sol abaixo, Metido num cantarão; Já lá vai o brio todo Das moças de Alvação. (Minho; Trás-os-Montes, CPP III, pág. 10)
§III-77 Do Algarve vem a palma, A junça vem da ribeira; Não posso, amor da minha alma, Deixar-te, antes que queira. (s/i, CPP III, pág. 8)	§III-92 ... No caminho de Aljustrel ... (C. Verde, CPP III, pág. 9)	§III-110 O meu amor é de Alvito, Criado na daroeira: Dá tantas voltas na terra Como peixe na ribeira. (s/i, CPP III, pág. 10)
§III-83 Moças do Algarve Estavam de função: Papas de milho, Que outra coisa não. (Lagos, CPP III, pág. 8)	§III-94 Dentro da praça de Almeida Cuidei de morrer à sede; Uma sécia me deu água Num ramo de sala verde. (s/i, CPP III, pág. 9)	§III-111 O meu amor é de Alvito, Eu hei-de o mandar buscar; Enquanto fizer palito, Tem muito que falquijar. (Montemor-o-Novo, CPP III, pág. 10)
§III-84 Ó Algarve, ó Algarve, Terra da minha afeição: O Algarve tem no peixe, O Algarve tem no pão. (s/i, CPP III, pág. 8)	§III-98 À entrada de Almeirim, Logo ali à entrada, 'Stá uma pereirinha nova Qu'inda não foi abanada. (Almeirim, CPP III, pág. 9)	§III-116 À entrada de Amarante ... (Amarante, CPP III, pág. 11)
§III-85 Ó Algarve, ó Algarve, Terra do meu lindo bem, As farrobas são p'ros burros, Os figos p'ra quem nos tem. (s/i, CPP III, pág. 8)	§III-99 Atirei c'uma azeitona Às muralhas de Alpalhão, Saiu-me um cravo roxo Fechadinho, com botão. (Nisa, CPP III, pág. 9)	§III-126 Já lá vai o sol abaixo No fundo de um pucarinho; Já lá vai o brio todo Das moças do Ribeirinho. (s/i, CPP III, pág. 12)
§III-87 Sô da Serra, sô serrenha, Peso o Algarve às arrobas: Sô da Serra, tenho pão,	§III-100 Ó Anjo da minha guarda, Quem vos varreu a capela? - Foram as moças de Alpedrinha, Com raminhos de marcela. - Ó Anjo da minha Guarda, Quem vos varreu o terreiro? - Foram as moças de Alpedrinha Com raminhos de loureiro.	§III-132 Sou da bila de Amarante, Da bareja da azeitona; Inda me aqui apareces, Cara de pouca vergonha! (Maia, CPP III, pág. 12)
		§III-135

As moças da Amendoeira São bonitas de laivosas: Andam enganando os moços Com amêndoas amargosas... (Loulé, CPP III, pág. 12)	§III-162 Adeus, Armação de Pera, Cá te trago na garganta: No mê peto retratada Nos banhos da Fonte Santa. (Algarve, CPP III, pág. 15)	§III-185 Belo cais das Pirâmides Onde se formam namorados, Por detrás das tramagueiras Muitos beijos são roubados! (Aveiro, CPP III, pág. 17)
§III-136 Dizem que nu(m) haiem rosas No sito da Amendoeira: ... (Algarve, CPP III, pág. 12)	§III-163 Adeus, Armação de Pera, Cercada de amendoeiras, Vão os moços p'ra marinha, Ficam as moças solteiras. (Olhão, CPP III, pág. 15)	§III-188 Ó Costa Nova do Prado, Onde os meus amores estão, Ó Costa de São Jacinto, Onde trabalha o vagão. (s/i, CPP III, pág. 17) Vagão – nota: «Trilho puxado a bois para levar o peixe.»
§III-137 O Calvário da Amieira Tem três bicas a correr; Ó meu amor, se tens sede, Vai ao Calvário beber. (s/i, CPP III, pág. 13)	§III-170 Eu hei-de cercar Arruda ... (s/i, CPP III, pág. 15)	§III-192 Meu amor, não vás a Avintes Nem p'ra lá tomes o jeito, Olha que as moças de lá Trazem a semente do feito. (s/i, CPP III, pág. 17) Nota: «Feito = feto. Trazem a semente do feto = enfeitiçam.»
§III-139 A laranjeira caiu, A laranjeira ficou; Viva o rancho de Andorinha: Em toda a parte reinu. (s/i, CPP III, pág. 13)	§III-171 Minha terra é Arruda, A Carvalha é meu lugar. ... (Arruda, CPP III, pág. 15)	
§III-141 - Donde são estas meninas? Donde são? Donde serão? - São da terra da Andorinha, Cheiram ao manjeriço. (O. Hospital, CPP III, pág. 13)	§III-172 O melhor que tem a Arruda É chafariz e botica; Senhora da Salvação No meio da vila fica. (Arronches, CPP III, pág. 16)	§III-195 - Eu sou abegão de madeira, Todos os dias almoço açorda, ... O boeiro: Não sou magro nem sou gordo, Sou assim como Deus quis: Sou chaparro de alto bordo, Que ao largo deito a raiz, ... Cá na comarca de Avis. (Nisa, CPP III, pág. 18)
§III-151 Adeus, adeus, Ansiães, Cercada de ameixoeiras, Todas cheiinhas de fruto... No meio são feiticeiras! (Amarante, CPP III, pág. 14)	§III-173 Adeus, vila de Atalaia, Duas coisas lhe dão graça: É o relógio da torre E o candeeiro da praça. (Gavião, CPP III, pág. 16)	
§III-159 Ó minha santa Jabel, Rainha de Portugal, 'Stou na extrema de Argoncilhe, Aparta co'o olival. (Feira, CPP III, pág. 14)	§III-178 Com os ossos da baleia Tem a Atouguia a igreja; Quem lá vai alguma vez, Lá voltar sempre deseja. (Bombarral, CPP III, pág. 16)	§III-196 Quem me dera em Avis, À sombra da rosa aberta, P'ra contar ao meu amor O que eu passei na charneca! (Avis, CPP III, pág. 18)
§III-160 Argozelo já não é, ... (Vimioso, CPP III, pág. 15)	§III-183 Aveiro, com ser Aveira, Com ter marinhas de sal, Não há terra como Aveiro No reino de Portugal. (s/i, CPP III, pág. 16)	§III-198 O lugar da Azambujeira ... (s/i, CPP III, pág. 18)
		§III-199

- Ó moleiro, ó moleirinho,
Lá da banda de Azeitão,
Larga velas ao moinho,
Deita o trigo no taigão.
(Palmela, CPP III, pág. 18)
- §III-202
Ó aldeia do Baldio,
Casas novas de Carneiro,
Dá de comer a quem passa
Se leva muito dinheiro...
(s/i CPP III, pág. 18)
- §III-205
O lugar dos Baraçais
Tem valadinhos de areia,
Onde eu tenho os meus amores
Escolhidinhos à candeia.
(Óbidos, CPP III, pág. 19)
- §III-207
Vai-te, carta, vai-te, carta,
Pela folha da nogueira;
Vai visitar meu amor,
Vai à Barca da Amieira.
(s/i, CPP III, pág. 19)
- §III-211
Este lugar do Barral
É pequeno, mete graça,
Tem a fonte no caminho,
Dá de beber a quem passa.
(Melgaço, CPP III, pág. 19)
- §III-215
Adeus, ó Alto das Eiras,
Capela de Santo Antonho;
Todos os dias me benzo,
Faço dígas ao demonho.
(s/i, CPP III, pág. 19)
- §III-218
Se me quer's ouvir cantar
Madrugadas e serões,
Vai ao lugar dos Barreiros,
À britada dos pinhões.
(Leiria, CPP III, pág. 20)
- §III-219
Ó lugar do Barril,
...
(V. Alentejo, CPP III, pág. 20)
- §III-220
O carvalho da Barroca
Dá quatro castas de fruta:
Bugalhos e bugalhinhos,
Bolotas e maçãs-cucas.
(C. Beira, CPP III, pág. 221)
- §III-221
A salsa da minha horta
Qualquer raminho tempera;
Eu não quero amor dos Barros:
São só testos de panela.
(s/i, CPP III, pág. 20)
- §III-222
Faz calor que abrasa o mundo,
À sombra me estou queimando.
Que fará o meu amor
Que anda nos Barros ceifando?
(Mação, CPP III, pág. 20)
- §III-223
Antes que sou de Barroso,
Criado na Carrasqueira,
...
(Montalegre, CPP III, pág. 20)
- §III-224
Fui lá acima a Barroso,
Trouxe um molho pequenino;
Estes rapazes de agora
São marcados no focinho.
(Chaves, CPP III, pág. 20)
- §III-225
Hei-de casar p'ra o Barroso,
Que é terra de muito pão?
Antes quero morrer à fome
Que casar c'um barrosão!
(Chaves, CPP III, pág. 20)
- §III-226
Segadinhas de Barroso
Deixam-me muita paixão:
Deixei lá a minha centoria
Numa gabela de pão.
(Chaves, CPP III, pág. 21)
- §III-227
Vamos lá acima a Barroso,
À segada de meu pai:
- O vinho já vai na cesta
E o pão na cabeça vai.
(Chaves, CPP III, pág. 21)
- §III-228
Vós chamais-me barrosã
Por eu ser lá do Barroso:
Antes que a terra é áspera,
Sempre tem gado mimoso.
(Chaves, CPP III, pág. 21)
- §III-229
A terra de Basto é farta,
Seu vinho tem senhoria.,
Mas há cá em mor fartura
Toleima e fidalgaria.
(C. Basto, CPP III, pág. 21)
Var.: tem vinho, tem milharia.
- §III-231
A Beira Alta e Baixa têm
Campinas, rios e serras,
Ricas águas, puros ventos,
Belas moças lindas terras.
(s/i, CPP III, pág. 21)
- §III-235
Eu não sou daqui,
Sou da Beira Alta;
Por causa de ti
É que ando aqui à malta.
(Sabugal, CPP III, pág. 21)
- §III-252
Adeus, terra dos Bogalhos,
Pinheiro é a freguesia
Adonde eu fui baptizado
Naquela sagrada pia.
(s/i, CPP III, pág. 23)
- §III-269
Na Rua Nova em Braga
Um cipreste vi nascer;
Olha o amor que me tinhas
Nem sequer me foste ver!
(s/i, CPP III, pág. 24)
- §III-270
O meu amor é de Braga,
Da terra dos pucarinhos;
Anda com ele de jeito,
Não mo ponhas em caquinhos!

(P. Lima, CPP III, pág. 25)	§III-287 Neste lugar dos Cabaços	(s/i, CPP III, pág. 27)
§III-271 O meu amor é de Braga, É de Braga cidadão, Vem só afeito ao trigo, Não me quer comer o pão! (s/i, CPP III, pág. 25)	... (Alvaiázere, CPP III, pág. 26)	§III-300 Adeus, ó vila das Caldas, Terra dos pucarinhos, Vá devagar com a loiça, Não faça tudo em caquinhos. (Caldas da Rainha?, CPP III, pág. 27)
§III-277 Adeus, lugar de Brandeiro ... (s/i, CPP III, pág. 25)	§III-288 As lindas moças Da Cabeça Gorda Cuidam que o casar É comer açorda. (Moura, CPP III, pág. 26)	§III-301 Não sei que terra é Cambeses, Que vós tanto me gabais: Terra de milho miúdo, P'ra sustento dos parciais. (Alto Minho, de O Regional, 1904, CPP III, pág. 27)
§III-278 Brinche, ó lindo Brinche, ... (Alentejo, CPP III, pág. 25)	§III-289 Em Cabeça Gorda, 'Stá um santo só: É de pau de azinho Falcado à inxó. (Alcoutim, CPP III, pág. 26)	§III-302 Vou mandar fechar Caminha C'um loquete pequeninho; Só hei-de deixar de fora A lança do Rio Minho. (s/i, CPP III, pág. 27) Nota: «Nome da lancha para fiscalização da pesca.»
§III-282 Adeus, lugar dos Cabaços, ... (Alvaiázere, CPP III, pág. 26) Nota: «Cabaços – lugar da freguesia de Maçãs de Oliveira, c. de Alvaiázere.»	§III-290 Cabeceiras não tem moços Que os comeu a geada; Apenas escapou um Debaixo de uma arribada. (P. Barca, CPP III, pág. 26)	§III-303 ... No campo do Ameal. (Coimbra, CPP III, pág. 28)
§III-283 Adeus, lugar dos Cabaços, Cercado de pinheirais, ... (Alvaiázere, CPP III, pág. 26)	§III-291 Os homens de Cabeceiras Todos bebem muito vinho; Deus me guarde o meu amor Que bebe muito pouquinho. (Basto, CPP III, pág. 27)	§III-305 Meu amor, se fores à cêfa Vai para Campo Maior; Hê-de-te mandar um lenço Para alimpar o suor. (Mação; V. Rei, CPP III, pág. 28)
§III-284 Adeus, lugar dos Cabaços, Quem te lançara o fogo Com um açafate de rosas, Meu coração fora o tojo! (Alvaiázere, CPP III, pág. 26)	§III-292 Ó lugar de Cadafás, Pequenino, ladeirento, Correm as águas ao fundo Sem nenhum impedimento. (C. Beira, CPP III, pág. 27)	§III-306 Ó belo Campo Maior, ... Cantas bem, balhas melhor Cantigas à camponesa. (s/i CPP III, pág. 28)
§III-285 Boa terra é os Cabaços, Dá de comer a quem passa: A quem não levar dinheiro, Nem água lhe dão de graça! (Alvaiázere, CPP III, pág. 26)	§III-293 O lugar de Cadafás, Rodeado de oliveiras, Também 'stá rodeadinho De belas moças solteiras. (C. Beira, CPP III, pág. 27)	§III-309 Ó meu amor delicado, E ó minha cara de ouriço, Toda a vida 'stou repesa, Namorar um campaniço! (Aljustrel, CPP III, pág. 28)
§III-286 Minha terra é Cabaços ... (s/i, CPP III, pág. 26)	§III-297 Adeus, Caldas de Monchique, Adeus, ó fonte da bica; A saúde vai na mesma, O meu dinheiro cá fica.	

§III-311 Se fores ceifar no campo, Ide por Campo Maior; Se lá verdes o meu mano, Que se retire do Sol. (s/i, CPP III, pág. 28)	§III-325 Adeus, ó Carregal do Sal, ... (Carregal do Sal, CPP III, pág. 30)	Ficam as moças solteiras. (C. Verde, 1917, CPP III, pág. 32)
§III-312 Hei-de ir casar no Campo, Que é terra de muito pão: Sobem-se os galos às medas, Chegam com o rabo ao chão. (Vimioso, CPP III, pág. 28) Nota: «Campo de Víboras»	§III-328 As meninas da Carvalha São bonitas, balham bem, Mas quando abrem a boca, Cabe-lhe um pão de vintém! (Arruda dos Vinhos, CPP III, pág. 30)	§III-352 Adeus, Cebolais de Cima, Do alto te caem as beiras; ... (C. Branco, CPP III, pág. 32)
§III-314 Já lá vai o sol abaixo Metido numa panela; Já lá vai o brio todo Das meninas da cancela. (Minho; Trás-os-Montes, CPP III, pág. 29)	§III-329 Eu hei-de aprender a ler Nas costas duma navalha, Para saber responder Às meninas da Carvalha. (Arruda dos Vinhos, CPP III, pág. 30)	§III-353 Adeus, Cebolais de Cima, Tens figueiras ao redol; Tens rapazes como a Lua, Raparigas como o Sol. (C. Branco, CPP III, pág. 32)
§III-315 Adeus, vila de Candós, Cercada de cachos de uvas; Adeus, Carolina Augusta: Viçou no rol das viúvas. (M. Canaveses, CPP III, pág. 29)	§III-330 As moças de Carvoeiro São poucas mas são bonitas, Andam atrás das ovelhas A apanhar caganitas. (s/i, CPP III, pág. 30)	§III-354 Adeus, Cebolais de cima, Vou-te dar a despedida, (C. Branco, CPP III, pág. 33)
§III-317 Adeus, terra de Caria, Semeada, davas pão; Se já me deste alegria, Agora dás-me paixão. (Sernancelhe, CPP III, pág. 29)	§III-332 Adeus, adeus, ó Castedo, Rodeado de olivais, Adeus, adeus, minha terra, Adeus, para nunca mais! (Trás-os-Montes, CPP III, pág. 30)	§III-356 Ó vila de Celorico, Onde a água faz cachão, Tenho aí os meus amores Da raiz do coração. (C. Basto, CPP III, pág. 33)
§III-319 Caria, eras boa terra, Se não tivesses dois erros: Rodeada de pinhais E no meio dois penedos. (Sernancelhe, CPP III, pág. 29)	§III-334 Adeus, ó Castelo Branco, Sem igual no Tejo à Serra, Se morrer de ti ausente, Não me há-de comer a terra. (C. Branco, CPP III, pág. 31)	§III-359 Celorico é boa terra, Dá de comer a quem passa: A quem não levar dinheiro Nem água lhe dá de graça!... (s/i, CPP III, pág. 33) Var.: Cada um co'o seu dinheiro Não dão lá nada de graça.
§III-323 Minha terra é Carneiro, Não sei que graça lhe achais: Terra de milho miúdo, Alimento dos pardais. (Amarante, CPP III, pág. 29)	§III-340 Ó belo Castelo de Vide, Que não há outro no mundo! ... (Alentejo, CPP III, pág. 31)	§III-365 A rolinha vai rolando Por cima de Chaves fora, Todos logro'seus amores, Só os meus se vão embora! (Vieira, CPP III, pág. 34)
	§III-346 Adeus, ó vila de Castro, Cercada de laranjeiras; Vão-se os moços parà guerra,	§III-367 Atirei c'uma laranja Pelo vale de Chaves fora: A laranja ficou dentro, Eu de Chaves vou-me embora. (s/i, CPP III, pág. 34) Var.: Adeus, Chaves, vou-me embora – Chaves.

- §III-370
Adeus, ó terra de Cimbres,
Cercada de amendoeiras,
Do cimo até ao fundo
São todas umas feiticeiras.
(Mondim da Beira, CPP III, pág. 34)
- §III-371
Adeus, vila de Cinfães,
Adeus, tanque de água fria,
Onde o meu amor se lava
A toda a hora do dia.
(Cinfães, CPP III, pág. 34)
- §III-375
O lugar da Cividade
É lugar de poucas gentes:
Trazem a pia dos porcos
Atravessada nos dentes.
(Melgaço, CPP III, pág. 35)
- §III-389
Coimbra, por ser Coimbra,
Tais coisas há-de contar:
Guitarras, fados, tricanas
E um estudante a cantar.
(s/i, CPP III, pág. 36)
- §III-392
De Coimbra me mandaram
Cinco peras num raminho;
Quem me dera agora ver
Quem fez o ramalhetinho!
(V. Alentejo, CPP III, pág. 36)
- §III-394
Do Choupal a Santa Clara,
Dos Olivais à Portela...
...
(Coimbra, CPP III, pág. 36)
- §III-397
Lindos campos de Coimbra
Rodeados de linhaça:
Tanto te hei-de dar na vista,
Que te hei-de cair na graça.

Lindos campos de Coimbra,
Semeados de açafão,
Essa tua ária tão linda
Foi a minha perdição.
- (Alentejo, CPP III, pág. 37)
- §III-400
- Ó minha mãe, não me mande
A Coimbra vender pão,
Que lá vêm os estudantes:
- Padeirinha é de feição!...
- Ó minha mãe não me mande
Vender o pão a Coimbra,
Que dizem os estudantes:
- Oh que padeira tão linda!
(Penaguião, CPP III, pág. 37)
- §III-401
O rio é dos barqueiros,
A ponte é dos estudantes,
A praça, das regateiras,
A calçada, dos amantes.
(Coimbra, CPP III, pág. 37)
- §III-402
Os' estudantes de Coimbra
Não comem senão ortigas:
Andam a poupar dinheiro
Para o dar às raparigas.
(s/i, CPP III, pág. 37)
- §III-403
Sansão é dos frades crúzios,
A feira, dos estudantes,
A praça, das regateiras,
A calçada, dos amantes.
(Coimbra, CPP III, pág. 37)
- §III-407
Tenho um amor em Celas,
E outro nos Olivais,
Quero mais bem ao de Celas,
Que me vem falar ao cais.
(F. Algodres, CPP III, pág. 37)
- §III-409
Corri a Columbeira à roda,
Não encontrei senão malatas
Com rodilhas ao pescoço
A servir de gravatas.
(s/i, CPP III, pág. 38)
(Nota: «Malatas = janotas»)
- §III-410
Meninas da Columbeira
- Não comem senão farinha,
Para poupar o dinheiro
Para a saia «à travadinha».
(B. Baixa, 1913, CPP III, pág. 38)
- §III-411
O lugar da Columbeira
É um lugar bem bonito:
À entrada uma palmeira,
À saída um palmito.
(Bombarral, CPP III, pág. 38)
- §III-412
O lugar da Columbeira
É um lugar bem bonito:
...
(B. Baixa, CPP III, pág. 38)
- §III-413
O lugar da Columbeira,
Freguesia da Roliça,
À entrada é a Cachaneta;
À saída é a Feliza.
(s/i, CPP III, pág. 38)
Nota: «Nomes de raparigas.»
- §III-418
Adeus, lugar de Cortiço, Arrasado
sejas tu
De abraços e beijinhos!
Não te rogo mal nenhum.
(Montalegre, CPP III, pág. 38)
- §III-419
Adeus, lugar de Cortiço,
Cercadinho de botões,
Raparigas como rosas,
...
(Montalegre, CPP III, pág. 38)
- §III-420
Adeus, lugar de Cortiço,
...
(Montalegre, CPP III, pág. 39)
- §III-420
Raparigas de Cortiço,
Abençoada sejas!
...
(Montalegre, CPP III, pág. 39)
- §III-423

...	Fala, amor, não tenhas medo,	(Elvas, CPP III, pág. 42)
Vou-me daqui até Couço	Qu'inda estou do mesmo lado.	
...	(Nisa, CPP III, pág. 41)	§III-466
(Maia, CPP III, pág. 39)		O Senhor da Piedade
§III-425	§III-442	Tem vinte e quatro janelas;
Já lá vai o sol abaixo	À entrada de Elvas	Quem me dera ser pombinha
Metido numa panela;	Achei'ma camélia	Para pousar numa delas!
Já lá vai o brio todo	...	(s/i, CPP III, pág. 43)
Das mocinhas de Covela.	(Portimão, CPP III, pág. 41)	§III-472
(A. Valdevez, CPP III, pág. 39)	§III-444	...
§III-428	À entrada de Elvas	Se fores a Elvas,
Eu hei-de ir à Cruz da Pedra,	'Stá um chafariz	Vai lá cima ao forte,
Hei-de subir e descer;	E em letra de oiro:	Onde os caçadores
Tanto dá a água na pedra,	- Viva Dom Luís!	Temeram a morte.
Até que a faz render.	(Mafra, CPP III, pág. 41)	(Mafra, CPP III, pág. 44)
(Portimão, CPP III, pág. 39)	§III-447	§III-475
§III-429	...	Os rapazes do Ervedal,
Eu venho, eu venho,	Adeus, fonte de Alcobaca,	...
Eu venho de Cuba,	Adeus, chafariz do Melo.	(s/i, CPP III, pág. 44)
...	(Alandroal, CPP III, pág. 41)	§III-476
(Portimão, CPP III, pág. 39)	§III-454	Adeus, lugar de Ervilhais,
§III-431	Já Elvas não é cidade	...
À entrada da Dagorda	Nem vila lhe chamarão:	(Cinfães, CPP III, pág. 44)
...	Já os arcos da Amoreira	§III-477
(Óbidos, CPP III, pág. 40)	Deram consigo no chão.	Ô lugar de Espadanedo,
§III-433	(C. Branco, CPP III, pág. 42)	Defronte são pinheirais,
Raparigas da Delgada	§III-455	...
Não comem senão bagaço,	Já fui a Elvas,	(s/i, CPP III, pág. 44)
Para poupar o dinheiro	Já por lá passei,	§III-481
P'ra sapatinhos de laço.	Já comi laranjas	Quando a Estremoz cheguei,
(s/i, CPP III, pág. 40)	Do pomar do rei.	...
§III-437	(s/i, CPP III, pág. 42)	Cinco sentidos que tinha
Adeus, ó Eiraqueimada	§III-456	Ao Gadanha os fui entregar.
...	Lá na praça de Elvas	Mandei uma carta ao Gadanha,
(s/i, CPP III, pág. 40)	Se vendem laranjas;	...
§III-438	Diga-me, ó menina,	Adeus, amigo Gadanha,
Adeus, fonte do Senhor,	Se a anágua tem franjas.	...
Direitinha ao Eirô;	Lá na praça de Elvas	(Estremoz, CPP III, pág. 45)
Não há terra mais bonita	Se vendem limões;	§III-487
Do que aquela onde eu'stou.	Diga-me, ó menina,	Quem me dera na Falperra,
(Gouveia, CPP III, pág. 40)	Se a anágua tem cordões.	Ou ao menos na ribeira,
§III-441	Lá na praça de Elvas	Para ver se te gozava,
A azeitona que vem de Elvas	Se vendem repolhos;	Minha flor de laranjeira!
Tem o caroço tapado;	Diga-me, ó menina,	(Bragança, CPP III, pág. 45)
	Se a anágua tem folhos.	

§III-489 Adeus, cidade de Faro, Onde a palma reverdece, Onde eu tenho o meu amor, Por certo nunca me esquece! (Aljustrel, CPP III, pág. 46)	Para ver as figueirenses Quando se vão banhar! (Alentejo, CPP III, pág. 47)	§III-511 O meu amor é ganhão Lavra na Fonte Redonda, O arado com que lavra É o bico duma pomba. (s/i, CPP III, pág. 47)
§III-491 Adeus, adeus, ó Favaios, Cercadinho de oliveiras, Des' o cimo até ò fundo Um bando de feiticeiras. (s/i, CPP III, pág. 46)	§III-503 ... É a estrada da Figueira ... (Coimbra, CPP III, pág. 47)	§III-512 A água da Fonte Santa Quem na bebe'tá doente; De lá bebe o meu amor, E goza saúde encelente! (s/i, CPP III, pág. 48)
§III-494 Meu pai na Feira-Nova Era grande figurão; A quinta maior da porta Não dá'ma quarta de pão. (s/i, CPP III, pág. 46)	§III-504 Fui à praia da Figueira, Deitei um limão ao mar. Navega, limão, navega, Que as ondas te hão-de levar. (s/i, CPP III, pág. 47)	§III-513 Adeus, lugar de Fontelas, ... (Mesão Frio, CPP III, pág. 48)
§III-495 As meninas de Felgueiras Logo lhe caem os dentes De beberem água fria E comerem filhós quentes. (Trás-os-Montes, CPP III, pág. 46)	§III-505 Fui ò forte da Figueira, ... (s/i, CPP III, pág. 47)	§III-514 Adeus, ó lugar de Fornos, Em breve te deixarei; ... (M. Canaveses, CPP III, pág. 48)
§III-496 As moças de Ferragudo Não comem senão berbigão; Vão à missa por chalaça, Namoram por presunção. (Portimão, CPP III, pág. 46)	§III-506 Não sei que terra é a Figueira Que tão nomeada é. Figueira que não dá figos, Oh! quem lhe cortara o pé! (Coimbra; F. Foz, 1894, CPP III, pág. 47)	§III-515 Adeus, ó lugar de Fornos, Lá no meio tem um cravo; ... (M. Canaveses, CPP III, pág. 48)
§III-500 A Figueira é uma delícia, O figo é a deligência, Ter amores não lhe falar Já me falta a paciência! (s/i, CPP III, pág. 47)	§III-507 Ó Figueira, ó Buarcos, ... (F. Foz, CPP III, pág. 47)	§III-516 Adeus, ó lugar de Fornos, Onde me eu hei-de casar (M. Canavezes, CPP III, pág. 48)
§III-501 Adeus, terra da Figueira, Já de ti não quero nada: Lá p'ràs bandas de ... Tenho fateixa deitada. (F. Foz, 1894, CPP III, pág. 47)	§III-508 Ó Figueira, ó Figueira, ... (s/i, CPP III, pág. 47)	§III-517 Quem me dera ser de Fornos Ou em Fornos ter alguém! Quem me dera a liberdade Que as moças de Fornos têm! (M. Canaveses, CPP III, pág. 48)
§III-502 Bela praia da figueira, Quem me dera já lá'star,	§III-509 ... Ò ranchinho da Figueira. (F. Foz, CPP III, pág. 47)	§III-518 Eu sou da vila de Fornos, O meu ofício é padeira; Tenho coração de trigo Moído na mó alveira. (F. Algodres, CPP III, pág. 48)
	§III-510 As m'ninas de Flor da Rosa Já não vão à leitaria Sem caixas de pó de arroz P'ra tapar a lixaria. (Gavião, CPP III, pág. 47)	§III-519 Eu era das que dizia

Que o Freixo era má terra;	(s/i, CPP III, pág. 51)
(M. Canaveses, CPP III, pág. 48)	Adeus, ó bário da Fonte, De pequenino, tens graça: Tens um chafariz no meio, Dás de beber a quem passa.	§III-551 Adeus, adeus, Granja Nova, Não tarda que te vá ver; ...
§III-524 Venho dos altos do mar, E dos centros do Fundão; Trago água, trago sal, Trago o tempero na mão. (s/i, CPP III, pág. 49)	Adeus, ó bário da Fonte, Adeus, bário pequenino, Onde a pomba bate as asas, Onde a rola faz o ninho. ...	(s/i, CPP III, pág. 51) §III-552 Adeus, adeus, Granja Nova, Quem te agora passeara ...
§III-528 Galveias, terra pequena, Tem lá muitos lavradores, Em redor são laranjais, Carregadinhos de flores. (P. Sor, CPP III, pág. 49)	(Bragança, CPP III, pág. 50)	(s/i, CPP III, pág. 51)
§III-529 Se Galveias fosse minha Como é dos lavradores, ...	§III-543 Adeus lugar de Gradiz, No meio tens um inzol; Há cá rapazes bonitos, Raparigas como o Sol. (s/i, CPP III, pág. 51)	§III-553 ... No adro da Granja Nova. (s/i, CPP III, pág. 51)
(s/i, CPP III, pág. 49)	§III-544 Adeus, lugar de Gradiz, Pequenino, resoluto; É como o pão da padeira Que se come sem conduzido. (s/i, CPP III, pág. 51)	§III-554 Adeus, adeus, ó Grijó, Ao cimo tens um chorão; ... (M. Cavaleiros, CPP III, pág. 51)
§III-530 Ai, ó casal das Gamelas, Tens uvas e tens espigas E flores pelas janelas Despostas por raparigas. (Bombarral, CPP III, pág. 49)	§III-547 Fui à segada à Gralhadeira Somentes p'ra ganhar dinheiro, P'r amor de ver se arranjava Para mim um cavalheiro. (Resende, CPP III, pág. 51)	§III-557 Adeus, cidade da Guarda, Adeus chafariz da Dorna, Adeus campo de São Francisco, Onde o regimento forma. (s/i, CPP III, pág. 52)
§III-532 Tenho uma casa no campo, Por isso sou camponesa; ...	§III-548 Adeus, ó lugar da Granja Sabugueiros sem felor; Já não tenho por quem mande Visitas ao meu amor. (Baião, CPP III, pág. 51)	§III-558 Adeus, cidade da Guarda, Adeus, chafariz da Dorna, Adeus, meu querido amor, Já te falo pela forma. (s/i, CPP III, pág. 52)
(Coimbra, CPP III, pág. 49)	§III-549 Adeus, adeus, Granja Nova, Adeus, tanque de água fria, Aonde eu ia lavar A toda a hora do dia. (Mondim da Beira, CPP III, pág. 51)	§III-562 Adeus, cidade da Guarda, Adeus, moinho de vento, Adeus, linda rapariga, Com quem eu passava o tempo. (s/i, CPP III, pág. 52)
§III-534 Dá-me água, que tenho sede, Da fonte do Gavião, Antes que ela saiba a lodo, Sempre vem da tua mão. (V. Velha Ródão, CPP III, pág. 49)	§III-550 Adeus, adeus, Granja Nova, Linda terra p'ra mulhero, ...	§III-564 Adeus, cidade da Guarda, Contra ti vou dando ais; Arrecolhes os estranhos, Deitas fora os naturais. (s/i, CPP III, pág. 52)
§III-537 ... Sou da Gelfa, sou gelfeira ...		
(Caminha, CPP III, pág. 50)		
§III-538 Adeus, lugar de Gimonde,		

§III-568 Adeus, cidade da Guarda; Logo ali à botica Minha boca se vai rindo Meu coração cá me fica. (s/i, CPP III, pág. 53)	Com teus olivais à roda, Que eu vou para a minha terra Dar alívio a quem chora. (B. Baixa, CPP III, pág. 54)	§III-612 Já hoje fui a Lamego, Já hoje comi um bolo; Eu bem sei a quem tu amas: Não faças de mim tão tolo! (Lamego, CPP III, pág. 56)
§III-573 Lembram-me as bicas da Dorna, Águas que delas corria; Também me lembram as falas Que o meu amor me dizia. (Guarda, CPP III, pág. 53)	§III-585 Fica-te embora, Idanha, Com teus verdes olivais, Que eu vou para a minha terra Dar conforto a quem dá ais. (s/i, CPP III, pág. 54)	§III-615 A nossa lanchinha nova Foi pescar ao Lameirão P'ra trazer um peixe-espada, Só colheu um peixe-cão! (Minho, CPP III, pág. 56)
§III-575 Quem vai às ceifas à Guarda Boas migas vai comer: Beber águas encharcadas, Arriscado a morrer. (s/i, CPP III, pág. 53)	§III-593 Adeus, ponte de Jogueiros, ... (Mirandela, CPP III, pág. 55)	§III-616 Quem me dera no Landal, ... (C. Rainha, CPP III, pág. 56)
§III-578 Guimarães é boa fila, Dá de comer a quem passa, Só a quem levar dinheiro... Ninguém dá nada de graça. (Guimarães, CPP III, pág. 53)	§III-595 Se fordes ceifar ao campo, Não vades ao Ladoeiro, Que dão lá pão de cevada, Pagam com pouco dinheiro. (Idanha-a-Nova, CPP III, pág. 55)	§III-617 Não quero cavar em Landre ... (s/i, CPP III, pág. 57)
§III-579 Ó meu padre Santo António, Da igreja de Guimarães, Livrai-me das chocalheiras Que elas mordem coma os cães (A. Valdevez, CPP III, pág. 53)	§III-596 Marmelada, marmelada, Marmelada, coisa boa, Marmelada trago eu, Òs arrates, de Lagoa. (Portimão, CPP III, pág. 55)	§III-619 ... Que eu quero ver a Lardosa ... (Covilhã, CPP III, pág. 57)
§III-582 Adeus, Idanha-a-Velha, Bem puderas ser colégio! A água da fonte do arco Tem fama no Alentejo. (Idanha-a-Nova, CPP III, pág. 54)	§III-597 Adeus, cidade de Lagos, Cercada de cachos de uvas: Foi-se o batalhão embora, Ficaram as moças viúvas. (Portimão, CPP III, pág. 55)	§III-620 Atirei à pera de água, Acertei na de baguim; Ai de mim, que estou culpada No lugar de Lazarim. (Baião, CPP III, pág. 57)
§III-583 Adeus, Idanha-a-Velha, Cercadinha de eucaliptos, Cá, por causa da fome, Também costumam dar fânicos. (s/i, CPP III, pág. 54)	§III-600 Lá na praça de Lagos, Um baleote se vendeu, Filho duma baleia Que na praia à costa deu! (Portimão, CPP III, pág. 55)	§III-622 Ó lugar de Lazarim, Que ao fundo tem um ribeiro, Eu venho cheio de sede: A culpa é do bendeiro. (Baião, CPP III, pág. 57) Nota: «O vendeiro = o taberneiro.»
§III-584 Fica-te embora, Idanha,	§III-601 Lá nas praias de Lagos Também há embarcações, Donde vão os algarvios Apanhar os berbigões. (Portimão, CPP III, pág. 55)	§III-624 Minha terra é Leiria, Eu também sou Leirião, Eu sou da terra do trigo, Onde não há nem um grão. (Leiria, CPP III, pág. 57)

§III-626 No pinhal de Leiria Caem pinhas de repente. Mais vale um bom desengano Que andar enganado sempre. (Alcanena, CPP III, pág. 57)	(Alandral, CPP III, pág. 58) Var.: Quem seria o guloso Que mas comeu no caminho? – Portimão	(V. Alentejo, CPP III, pág. 60)
§III-628 Tomara-me eu em Leiria À sombra da manjerona, P’ra contar à minha mãe O que eu passei na azeitona. (s/i, CPP III, pág. 58)	§III-648 De Lisboa me mandaram Uma sardânica assada; Comeram-ma no caminho: Foi caso de cachopada. (s/i, CPP III, pág. 59)	§III-669 Ó Lisboa, ó Lisboa, Deita para cá sabão, Para tirar uma nódoa Que tenho no coração. (s/i, CPP III, pág. 61)
§III-629 Ó Lentisciais pequenino, Semeado de rego a rego, Quem nele semeia joio, Recolhe trigo galego. (C. Branco, CPP III, pág. 58) Nota: «[Trigo galego] É o melhor que há em Castelo Branco.»	§III-654 Fui à praça da Figueira, ... (s/i, CPP III, pág. 60)	§III-674 ... Este pátio do Biagi, Tem um letreiro que diz: As meninas que namoram Vão à noite ao chafariz. ... (Lisboa, CPP III, pág. 61)
§III-630 Em Ligares me ligaram, ... (Moncorvo, CPP III, pág. 58)	§III-655 Já Lisboa está cercada De garrafas de licor, Já o rei não pede tropa, Já lá não vai meu amor. (Gavião; Vila de Rei, CPP III, pág. 60)	§III-675 Quem me dera em Lisboa, À porta duma taberna, Para ver o meu amor Com bota de meia perna! (Minho, CPP III, pág. 61)
§III-631 Adeus, vila de Linhares ... (s/i, CPP III, pág. 58)	§III-657 Lisboa, com ser Lisboa, Tem também terra de pão; Também tem moças bonitas, Claras como carvão. (Alandroal; V. Alentejo; Nisa, CPP III, pág. 60)	§III-682 Adeus, povo de Lobão, ... (s/i, CPP III, pág. 62)
§III-638 De Lisboa me mandaram, Eu p’ra Lisboa mandei Duas garrafinhas de água Que dos meus olhos deitei. (Tábua, CPP III, pág. 58)	§III-661 Lisboa, terra de fome, Que maldita sejas tu! Criei ferrugem nos dentes, Teias de aranha no cu... (s/i, CPP III, pág. 60)	§III-684 Adeus, Lodão das Ramadas, Do vento és combatido; Nessa vergonta do meio Fica meu amor metido. (Lamego, CPP III, pág. 62)
§III-639 De Lisboa me mandaram Quatro frades num ceirão: Frei Vinagre, Frei Azeite, Frei Alho, Frei Pimentão. (s/i, CPP III, pág. 58)	§III-665 Na cidade de Lisboa, Cuidei de morrer à sede, Acudiu-me uma menina, Com sumo de salsa verde. (P. Lima, CPP III, pág. 60)	§III-686 Adeus, ó terra da Lomba Lugar da Carvalha Alta; ... (Amarante, CPP III, pág. 62)
§III-640 De Lisboa me mandaram Quatro peras num raminho: Como eram frutas novas, Comeram-nas no caminho!	§III-666 Não me cortes a oliveira, Não lhe deites a podoa É a sombra do meu bem Quando vai para Lisboa.	§III-690 ... É lá na terra da Lomba, Ao cimo do pinheiral. (Amarante, CPP III, pág. 63)
		§III-692 Três coisas tem Longroiva, Bem mal empregadas lhe são:

São os sinos e as águas E a Senhora do Torrão. (s/i, CPP III, pág. 63) Nota: «Águas termais, sulfurosas.»	§III-715 Sou da Maia, sou da Maia, Sou da Maia, dentre os tojos; Aprendi a namorar, Só não sei piscar os ohos... (A. Valdevez, CPP III, pág. 65)	... (Manteigas, CPP III, pág. 66)
§III-696 Adeus, lugar de Lorvão, Ó terra dos paliteiros, A fazer dois palitinhos Se ganham muitos dinheiros. (s/i, CPP III, pág. 63)	§III-716 Sou da Maia, sou da Maia, Sou da Maia, lá da beira: Sou filha duma varina, Trago chapéu à vareira. (A. Valdevez, CPP III, pág. 65)	§III-723 Se me deres o degredo, Dai-mo lá para Manteigas, Para ver correr as águas Daquelas altas barreiras. (s/i, CPP III, pág. 66)
§III-697 Eu vou entrar em Lorvão E mesmo no confelito, Vejo estar toda a gente A fabricar no palito. (Lorvão, CPP III, pág. 63)	§III-717 Sou da Maia, sou maiata, Sou da Maia, lá da beira, Sou filha de uma maiata, Trago chapéu à vareira. (Barcelos, CPP III, pág. 65)	§III-727 Minha terra é o Marco No lugar de Canaveses ... (s/i, CPP III, pág. 66)
§III-699 Tenho um amor em Lourosa ... (Amarante, CPP III, pág. 64)	§III-718 Venho da beira da Maia, Trago chapéu à vareira, Se me quer's alguma coisa Aqui'stou à tua beira. (Cabeceiras Basto, CPP III, pág. 65)	§III-730 Adeus, lugar da Margeira, Sítio da murta florida, Onde os meus olhos paravam, Agora vão de corrida. (Almada, CPP III, pág. 67)
§III-700 ... O sabão que lava a roupa Vai-se buscar a Lousada. (Baião, CPP III, pág. 64)	§III-719 Quem me dera em Malpica, À porta duma taberna, Só por ver as malpiqueiras Com saia à meia perna. (C. Branco; Nisa, CPP III, pág. 65)	§III-735 Atirei c'uma azeitona Às muralhas de Marvão: Apanhei uma malva-roxa Fechadinha em botão. (s/i, CPP III, pág. 67)
§III-703 Adeus, vila de Macedo ... (Mirandela, CPP III, pág. 64)	§III-720 Para as bandas das Manadas Já não há que procurar: De dia tudo são velhas, De noite, cães a ladrar... (s/i, CPP III, pág. 66)	§III-737 Ó adro do Salvador Cercado de êcalitros: ... (Marvão, CPP III, pág. 67)
§III-704 Adeus, aldeia de Machede, ... (R. Monsaraz, CPP III, pág. 64)	§III-721 Adeus, vila de Manteigas, Adeus, meu rico banheiro, ... (s/i, CPP III, pág. 66)	§III-740 Sou do termo de Marvão, Lavrador duma juntinha; Se a terra me não der pão, Que desgraça é a minha! (s/i, CPP III, pág. 67)
§III-707 Adeus, ó vila de Mafra, Cercada de lampiões, ... (s/i, CPP III, pág. 64)	§III-722 Adeus, vila de Manteigas, Tudo tendes ao divino:	§III-741 Adeus, vila da Matança, Ao cimo tem um loureiro, Onde se poisam os cucos Quando saem do poleiro. (C. Beira, CPP III, pág. 67)
§III-708 Ó alta serra de Mafra, Onde a flor da malva assiste; Tu que tens, ó meu amor. Que olhas para mim tão triste? (A. Fé, CPP III, pág. 64)		§III-742 Sei dum ninho duma rola

No pinheiro de Mateus; O ninho pertence à rola E os passarinhos são meus. (Chaves, de O Republicano, 1913, CPP III, pág. 68)	§III-761 Adeus, Mexilhoeira Grande, Adeus, alto da calçada. ... (Portimão, CPP III, pág. 69)	(Alcanena, CPP III, pág. 70)
§III-744 ... Minha terra é Mazedo ... (Monção, CPP III, pág. CPP III, pág. 68)	§III-762 Adeus, Mexilhoeira Grande, Logo mesmo à entrada, Donde está uma p'reira doce, Que inda não foi varejada.	§III-772 Não há dinheiro que pague A lavoura cá do Minho: As mulheres cuidam do pão, Os homens cuidam do vinho. (A. Valdevez, CPP III, pág. 70)
§III-745 As meninas de Medrões Não comem senão farelos P'ra pouparem o dinheiro P'ra lencinhos amarelos. (Penaguião, CPP III, pág. 68)	Que inda não foi varejada, Que inda não foi sacudida; Adeus, Mexilhoeira Grande, Logo mesmo à saída. (s/i, CPP III, pág. 69)	§III-775 Sou do Minho, sou do Minho, Sou do Minho, lá da beira; Sou filha duma minhota, Trago o chapéu à vareira. (Bouro; Melgaço, CPP III, pág. 71)
§III-748 Adeus, vila de Melgaço, Feita de pedra morena, ... (Alto Minho, de O Regional, 1904, CPP III, pág. 68)	§III-763 Adeus, Mexilhoeira Grande, Logo mesmo à entrada ... (Portimão, CPP III, pág. 70)	§III-782 Vós dizeis que viva o Minho, Não sei que graça lhe achais: Terra de milho miúdo, Alimento dos pardais. (s/i, CPP III, pág. 71)
§III-749 Sou da terra de Melgaço, Meu retiro são os montes, No dia que te não vejo Meus olhos são duas fontes. (Melgaço, CPP III, pág. 68)	§III-765 Adeus, lugar dos Milagres, De tão altos arredores, São muitos os castanheiros, Poucos os varejadores. (Monção, de O Regional, 1904, CPP III, pág. 70)	§III-785 Adeus, vila de Miranda, Adeus, pedras da Botica, Antes que eu me vá embora, O meu amor sempre fica. (M. Corvo, CPP III, pág. 72)
§III-750 Rua Direita de Melides ... (Grândola, CPP III, pág. 68)	§III-766 Ao passar do ribeirinho Perdi a minha carapuça; As cachopas de Milhundos São filhas da porca ruça. (Penafiel, CPP III, pág. 70)	§III-786 Boa terra é Miranda, Dá de comer a quem passa! A quem não leva dinheiro Nem água lhe dão de graça!... (M. Corvo, CPP III, pág. 72)
§III-754 Adeus, ó vila de Mértola, Onde a palma reverdece! Quem nela não tem amores É porque não nos merece. (s/i, CPP III, pág. 69)	§III-769 Mina de São Domingos, Formada numa ladeira, As Cortas é o açougue E contramina a carneira. (Mértola, CPP III, pág. 70)	§III-789 Adeus, adeus, ó Miranda, Adeus, adeus, ó Toural, ... (M. Douro, CPP III, pág. 72) Nota: «Campo de feira de gados.»
§III-760 Messejana, verde lima, Lá na rua da igreja 'Stá o meu amor à janela Vendo passar quem deseja. (Aljustrel, CPP III, pág. 69)	§III-770 Adeus, Minde, adeus, Minde, Terra de maganaria; Quando eu era magano Nenhuma noite dormia.	§III-792 Coração, arriba, arriba, Lá p'rá terra de Miranda! Vamos a comer canhoa E caldo como vianda. (Bragança, CPP III, pág. 72)
		§III-797

- A ponte de Mirandela
Hei-de a mandar fundir
Que ela i é a perdição
Das criadas de servir.
(s/i, CPP III, pág. 73)
- §III-802
Já te estás a desmaiar,
Já te estás a pôr'marela:
Foste a beber a i água
Ao rio de Mirandela.
(Mirandela, CPP III, pág. 73)
- §III-803
O lugar da Misarela,
Ao fundo, no cimo não,
...
(C. Beira, CPP III, pág. 73)
- §III-809
Suspiros, acompanhai-me
Até Moimenta da Beira,
Onde eu tenho os meus amores
Em casa de uma padeira.
(s/i, CPP III, pág. 74)
- §III-810
Hei-de fazer um barquinho
Da casquinha dum limão,
P'ró meu amor passear
De Valença até Monção.
(s/i, CPP III, pág. 74)
- §III-811
Adeus, vila de Monchique,
Cercada de pinheirais;
(Monchique, CPP III, pág. 74)
- §III-812
As donzelas de Monchique
São bonitas mas sem dentes,
Porque bebem água fria
E comem castanhas quentes.
(Faro, CPP III, pág. 74)
- §III-813
As moças de Monchique
Não comem senão rastolho
P'ra apouparem no dinheiro
Para as saias de folho.
(Algarve, CPP III, pág. 74)
- §III-818
Não há machado que corte
A raiz ao alecrim;
Não há rapaz que mereça
Raparigas de Mondim.
(s/i, CPP III, pág. 75)
- §III-822
Adeus, vila de Monsanto,
Cercadinha de olivais,
Dobradas são minhas penas
Da azeitona que vós dais!
(Moimenta Beira, CPP III, pág. 75)
- §III-826
Ó barrocal de Monsanto,
Cercadinho de oliveiras,
O melhor que lá tens dentro
São as mocinhas solteiras.
(s/i, CPP III, pág. 75)
- §III-829
Monsaraz é boa terra,
Boa terra, melhor gente:
Dá de comer a quem passa,
Se traz dinheiro corrente.
(R. Monsaraz, CPP III, pág. 75)
- §III-830
Monsaraz é boa terra,
Terra de muita hortaliça,
Tem muita moça bonita
Mas não me metem cobiça.
(R. Monsaraz, CPP III, pág. 76)
- §III-832
Monsaraz está num alto,
Dando vistas a quem passa;
A fonte é no Telheiro,
Santa Maria na Praça.
(Alandroal; R. Monsaraz, CPP III, pág. 76)
- §III-839
Na aldeia de Monte trigo
Não se pode namorar,
De dia, tudo são velhas,
À noite, cães a ladrar.
(Portel, CPP III, pág. 76)
- §III-844
Os rapazes da Moreira
- São pitinhos de vintém:
Levam pão às raparigas
P'ra ver se lhes querem bem.
(Alto Minho, CPP III, pág. 77)
Nota: «É costume naquela freguesia
de os rapazes darem um «pão
branco» ou «pão – trigo» às suas
pretendidas quando começam a
namorá-las.»
- §III-849
As moças da Mouraria
Mataram um'scarapão
E as gulosas do Castelo
Comeram-no com feijão.
(Moura, CPP III, pág. 77)
Nota: «Cobra pequena, muito
conhecida do povo.»
- §III-852
...
Em chegando à Guadiana,
As ondas me vão levando.
(Moura, CPP III, pág. 78)
- §III-854
Lá dos lados de Mourão
Armou-se uma lavareda;
Há-des me vir ter à mão
Mais mansa que uma borrega!
(R. Monsaraz, do semanário Terra
Alentejana, 1925, CPP III, pág. 78)
- §III-857
Adeus, ó vila de Muge,
...
(Salvaterra Magos, CPP III, pág. 78)
- §III-858
Rapariga, tu és tola,
O demónio te atentou.
Foste casar a Mujães,
Onde a fome se gerou.
(V. Castelo, CPP III, pág. 78)
- §III-863
Lugarinho da Murteira
No meio tem'ma bacia,
Onde o meu amor se lava
Das onze para o meio dia.
(Cadaval, CPP III, pág. 79)
Nota: «Às horas de ir jantar.»

- §III-865
Manjerona, bate à porta,
Alecrim vai ver quem é:
É um ranchinho de moças
Que vai para a Nazaré.
(Alvaiázere, CPP III, pág. 79)
Var.: É o rancho da Carqueja –
Óbidos.
- §III-868
Os rapazes da Nazaré
Usam camisa às risquinhas,
Andam descalços na areia,
Vão à pesca das sardinhas.
(s/i, CPP III, pág. 79)
- §III-869
Viva o rancho das varinas
Do sítio da Nazaré,
Co'a canastrinha à cabeça
E o chinelinho no pé.
(s/i, CPP III, pág. 79)
- §III-871
Está Nisa cercada,
Cercada de pau de buxo:
Está o mundo perdido
Por causa de tanto luxo.
(Nisa, CPP III, pág. 79)
- §III-875
Adeus, ó terra de Olhão,
Cercada de cachos de uvas,
Vão os homens p'ra Laracha,
Ficam as mulheres viúvas.
(Olhão, 1935, CPP III, pág. 80)
Nota: «Larache (Marrocos).»
- §III-876
Adeus, ó terra de Olhão,
Cercada de figueirais,
Eu vou-me ir para o mar alto
Apanhar os vendavais.
(s/i, CPP III, pág. 80)
- §III-877
Adeus, ó vila de Olhão,
Cercada de murraçais,
És a mãe dos forasteiros,
Madrasta dos naturais.
(Olhão, CPP III, pág. 80)
- §III-878
Dá-me uma gotinha de água
Dos poços novos de Olhão,
Que os poços da minha terra
'Stão secos: nem água dão!
(Albufeira, CPP III, pág. 80)
- §III-879
Minha terra era Olo,
Se não fora o arvoredado:
É terra de muita rama,
Canta a rola muito cedo.
(Amarante, CPP III, pág. 80)
- §III-882
Óguela, por ser Óguela,
Também é terra de pão,
Também há moças bonitas
Quelaras como carvão.
(Campo Maior, CPP III, pág. 80)
- §III-884
Adeus, ó vila de Ourique,
Cercadinha de olivais,
No centro tens uma torre
Onde combatem meus ais.
(s/i, CPP III, pág. 80)
- §III-887
Adeus, lugar do Outeiro,
Cercado de olivais,
No meio tem uma torre
Donde combatem meus ais.
(Baião, CPP III, pág. 81)
- §III-892
Dá-me uma pinguinha de água
Lá do cimo do Outeiro,
Que me não saiba ao lodo
Nem à raiz do loureiro.
(Nelas, CPP III, pág. 81)
- §III-893
Adeus, lugar de Ovadas,
Lugar das ameixoeiras;
No fundo tudo são bruxas,
No cimo são feiticeiras...
(Resende, CPP III, pág. 81)
- §III-897
Adeus, lugar de Painho,
Tem piteiras ao redol,
Tem rapazes bem bonitos,
Raparigas comò Sol.
(Sertã, CPP III, pág. 81)
- §III-898
Adeus, rua de Palhais,
Tem duas bicas a fio:
Uma da bica p'ró prato,
Outra, do prato p'ró pio.
(Cadaval, CPP III, pág. 82)
- §III-900
Abalei de Palma,
Fui dormir à serrinha.
Quem te dixeu, galo,
Que eu era galinha?
(s/i, CPP III, pág. 82)
- §III-901
As moças de Palma
Já não vão à missa:
Quebraram nos santos
Que eram de cortiça.
(A. Sal, CPP III, pág. 82)
- §III-902
Atirei c'ma maçã de oiro
Ao castelo de Palmela:
Matei uma palmeola
Que estava de sentinela.
(s/i, CPP III, pág. 82)
- §III-903
Marmelada, marmelada,
Marmelada, coisa bela;
Marmelada trago eu
Aos arráteis de Palmela.
(Portimão, CPP III, pág. 82)
- §III-904
Ò rapaz do camarão,
Menina, tenha cuatela,
Que inda hoje veio da aldeia,
Amanhã ir p'ra Palmela.
(Portimão, CPP III, pág. 82)
- §III-906
Minha mãe mandou-me à fonte,
À fonte do Palvarinho,
Mandou-me roçar a talha
Com flores de rosmaninho.

(C. Branco, CPP III, pág. 82) Nota: «Em vésperas de festa é costume «roçar as talhas e limpar os amarelos» (amarelos = tachos e outros utensílios de latão, cobre, etc.)...	Cercadinho de olivais, Tem bonitas raparigas, Rapazes não é demais. (Trás-os-Montes, CPP III, pág. 84)	§III-938 Adeus, vila de Penela, Adeus, largo da Fontinha, Onde namoro aquela A quem chamam moreninha. (s/i, CPP III, pág. 86)
§III-907 Ó Panóias, verde lima Lá na rua da igreja 'Stá meu amor à janela Vendo passar quem deseja. (Ourique, CPP III, pág. 82)	§III-918 Ao chegar a Pedras Rubras Avistei a tabuleta. Ó rapazes, mandai vir O copo de tinta preta... (s/i, CPP III, pág. 84)	§III-939 Adeus, vila de Peniche, Cercada de água salgada, No meio tem água doce Onde o meu amor se lava. (s/i, CPP III, pág. 86)
§III-909 Belo dia fui à caça Lá p'rá ponte da Parada, Cacei vinte e oito trutas Depois da cana quebrada. Despi calças e ceroulas Com toda a sastisfação, Tornei-me a deitar ao rio A caçar trutas à mão. (Bragança, CPP III, pág. 83)	§III-919 Adeus, ó Pedras Salgadas, Adeus, ó fonte da bica! A saúde vai na mesma E o dinheiro cá me fica. (V. Pouca Aguiar, CPP III, pág. 84)	§III-940 Adeus vila de Peniche, Murtinheira florida, Onde os meus olhos paravam; Agora vão de fugida. (Bombarral, CPP III, pág. 86)
§III-911 Quatro bários tem Parada Que se podem passear: Bar' da Fonte e Bar' de Oleiros, Bar' de Açougue e Carriçal. Ó Bário de Bar' de Fonte, Ó bário da formosura: Aqui não há que escolher... Cada um pega na sua! ... Ó bário de Bar' de Açougue, És um bário delicado, És o barrico dos ricos, E é bem do meu agrado... ... (Bragança, CPP III, pág. 83)	§III-920 Adeus, ó Pedras Salgadas, Adeus, ó grande hoteleiro; A saúde vai na mesma E a bolsa vai sem dinheiro. (s/i, CPP III, pág. 84)	§III-945 Adeus, lugar de Peral, ... (Cadaval, CPP III, pág. 86)
§III-912 Cabreiros de Parada Vinde cá puxar de pau, Que haveis de ir parar ao Seco, Se não passardes o Vau! (s/i, CPP III, pág. 83)	§III-923 As mulheres do Pedrógão Já não sabem massar linho, Sabem ir à cantareira Ver se o pichorro tem vinho. (Pedrógão Grande, CPP III, pág. 84)	§III-946 Lugar de Pero-Soares, Ao cabo está a moreirinha, Onde vão os rapazes solteiros A fazer a marrafinha. (Guarda, CPP III, pág. 86)
§III-915 O lugar de Pastoria,	§III-925 ... Quero ser de Longomel, da terra donde eu me acho. (Nisa, CPP III, pág. 85)	§III-951 O lugar de Pero-Soares, Rodeado de oliveiras, Também está rodeado De belas moças solteiras. (Guarda, CPP III, pág. 87)
	§III-926 Adeus, ó Pego da Bula, Água mansa, Riotinto: As paixões que eu por ti trago Deu'las sabe e eu as sinto! (Baião, CPP III, pág. 85)	§III-953 A Régua era bonita Se não tivesse dois erros: Ladrilhada de vareiros, Passeada de galegos. (Régua; Mesão Frio; Lamego; Trás-os-Montes, CPP III, pág. 87)
	§III-928 Defronte de Penacova 'Stá um salgueiro no rio; Quem tem sombra tem regalo, Quem tem regalo tem brio! (Penacova, CPP III, pág. 85)	§III-954 Adeus, ó Peso da Régua, Santa Marta de Jugeiros:

...	As moças da Piroliva	Pela manhã, quando abre,
(Douro, CPP III, pág. 87)	Andam com o rabo alçado.	À cidade chega o cheiro.
	(R. Monsaraz, CPP III, pág. 89)	(Alter do Chão, CPP III, pág. 91)
§III-956		
Eu hei-de ir morar pró Peso	§III-974	§III-998
P'ra aquele lugar sombrio.	...	Quem me dera em Portalegre,
Para ver se sou mimosa	Minha terra é o Pisão	À sombra do lírio branco,
Dos peixes daquele rio.	...	P'ra contar ao meu amor
(Baião, CPP III, pág. 87)	(Alentejo, CPP III, pág. 89)	O que eu cá passo no campo.
		(Portalegre, CPP III, 91)
§III-958	§III-975	
Adeus vila da Pesqueira,	Adeus, lugar de Pitões,	§III-1002
...	...	Adeus, lugar da Portela,
(S. João da Pesqueira, CPP III, pág. 87)	(Montalegre, CPP III, pág. 89)	Sabugueiro dá felores!
		Já não tenho por quem mande
	§III-980	Vijitas aos meus amores.
§III-959	O lugar de Pó	(Baião, CPP III, pág. 91)
Ó Pias, ó Pias,	É espinheira florida	
Ó Pias, piaís,	Onde os meus olhos paravam,	§III-1003
À roda das Pias	Agora vão de corrida.	As meninas da Portela,
Tudo são currais.	(Óbidos, CPP III, pág. 89)	Elas todas poucas são,
...		Andam todas p'ra parir:
Tudo são currais.	§III-981	Não falta leite p'rò V'raão!
(Serpa, CPP III, pág. 87-8)	Minha terra é Pocariça,	(Guimarães, CPP III, pág. 92)
	...	
§III-960	(Alenquer, CPP III, pág. 90)	§III-1005
Do comboio à Tua,		O negrilho da Portela
Da Tua ao Pinhão...	§III-984	Tem a folha revirada,
(Armamar; Moimenta Beira, CPP III, pág. 88)	As moças do Pocinho	...
	Só comem xerém;	(Mirandela, CPP III, pág. 92)
	Colherada vai...	
§III-964	Colherada vem...	§III-1017
Já lá vai o sol abaixo	(V. R. S. António, CPP III, pág. 90)	Antoninho, cravo roxo,
Metido num pucarinho;	Nota: «Papas de farinha.»	Cara de leite coado,
Já lá vai o brio todo		Foste-te gabar ao Porto
Das moças do Pinheirinho!	§III-986	Que eu que te dera um cravo.
(Tavira, CPP III, pág. 88)	Esta é a vila da Barca,	(V. Real, CPP III, pág. 93)
	Pequenina mas tem graça:	
§III-967	Tem uma fonte no meio,	§III-1018
Adeus, terra de Pinheiro,	Dá de beber a quem passa.	As moças do Porto cuidam
...	(Ponte da Barca, CPP III, pág. 90)	Que não há outras no mundo;
(Mondim da Beira, CPP III, pág. 88)		Não é o poço tão alto
	§III-990	Que se lhe não veja o fundo.
§III-971	Ponte do Lima é uma lima,	(s/i, CPP III, pág. 93)
Oh que lindos arrabaldes	Uma lima ou um limão,	
Tem Pinhel por despedida:	Para curar uma f'rida	§III-1025
...	Na raiz do coração.	Já o mar de cheio verte,
(s/i, CPP III, pág. 89)	(P. Lima, CPP III, pág. 90)	Já deitam as Fontainhas,
		...
§III-973	§III-996	(Lamego, CPP III, pág. 93)
Já ouvi cantar o cuco	Igreja de Portalegre	
Na ponta do meu arado;	Tem as portas de pinheiro;	§III-1026

Lá na cidade do Porto Nasceram dois aciprestes; Se neste mundo há feitiços, Se eu os tenho, tu mos destes. (Penafiel, CPP III, pág. 93)	Tem fama até ò Lantejo. (Idanha-a-Nova, CPP III, pág. 96)	§III-1070 Raparigas de Revordelo Não sabem fiar la'stopa: Só sabem ir ao louceiro Ver se a malga tem sopa.
§III-1035 ... Oh que pinheiro tão alto! Quem lhe há-de colher as pinhas? Uma menina do Porto Que se chama Mariquinhas. (S. Tirso, CPP III, pág. 94)	§III-1053 Adeus, ai adro de Pussos, Hei-de-te mandar cavar Para semear desejos Que tenho de te falar. (Alvaiázere, CPP III, pág. 96)	Raparigas de Revordelo Não sabem fiar lo linho: Só sabem ir ao louceiro Ver se a malga tem vinho. (s/i, CPP III, pág. 97)
§III-1039 Se eu soubera Mariquinhas, Que tu eras tecedeira, Mandava-te vir do Porto Um tear de laranjeira. (Lamego, CPP III, pág. 95)	§III-1055 Adeus, ó adro de Pussos, Bem regalado tens sido: Que corpinhos delicados Que tu, adro, tens comido! (Alvaiázere, CPP III, pág. 96)	§III-1071 Raparigas de Revordelo Todas juntas numa eira São como cabras novas Quando vão para a vezeira. (s/i, CPP III, pág. 97)
§III-1042 Tenho uma prima no Porto, Outra no cais da Ribeira, A do Porto era linda Se não fora regateira. (Baião, CPP III, pág. 95)	§III-1057 Querença, minha Querença, Minha contradança; Tenho muito figo P'ra meter na balança! (Loulé, CPP III, pág. 96)	§III-1072 Não vás casar à Redinha; ... (Cabaços, c. de ?, CPP III, pág. 98)
§III-1046 Adeus, ó lugar de Prados, ... (C. Beira, CPP III, pág. 95)	§III-1058 Adeus, ó lagar da Quinta, Ó portão da abegoaria; Andam três para amar um: Fazem'ma grande avaria. (Almeirim, CPP III, pág. 96)	§III-1079 À entrada de Resende Há um tanque de água fria, Onde o meu amor se lava A toda a hora do dia. (s/i, CPP III, pág. 98)
§III-1050 As moças da Praia Não comem senão frangolho: Cada colherada Que rabeia o olho! (s/i, CPP III, pág. 96) Nota: «Papás.»	§III-1061 O queijo do Rabaçal Tem uma fama afamada: À roboria dele vendem Queijos que não valem nada. (s/i, CPP III, pág. 97)	§III-1081 As meninas de Resende É casar, casar, casar; Põem o púcaro ao lume, Não o sabem sobraçar. (S. Cruz Douro, CPP III, pág. 98)
§III-1051 Vamos, ó rapazes todos, Oh, à praia do rochedo! O atum era tamanho Que a sardinha tinha medo! (Portimão, CPP III, pág. 96)	§III-1065 O meu amor é da Raia, É da Raia, é louceiro; Já me deu um pucarinho P'ra regar o meu craveiro. (Sabugal, CPP III, pág. 97)	§III-1086 Ó rola, que vais rolando, Onde vais fazer o ninho? No pinhal de Rio Maior, No mais alto pinheirinho. (Alcobaça, CPP III, pág. 99)
§III-1052 Ó Proença pequenina, Bem puderas ser colejo; Auga da Fonte da Goma	§III-1066 Dezeis que viva o Ramalde Num sei que graça lhe achais: Terra do milho miúdo, Alamento dos pardais! (Cinfães, CPP III, pág. 97)	§III-1087 Ó serra de Rio Maior, Abaixa-te um palmo ou dois, Quero ver o meu amor, Que é maior: guarda bois. (Alcobaça, CPP III, pág. 99)

- §III-1088
Adeus, ó Rocha da Pena,
Terra dos farrobeirais,
...
(Loulé, CPP III, pág. 99)
- §III-1090
As meninas da Roliça
Não comem senão bagaço
Para poupar o dinheiro
P'ra sapatinho de laço.
(Bombarral, CPP III, pág. 99)
- §III-1091
O lugar da Roliça
Tem no meio um loureiro;
Andam dois à demanda
Qual te há-de levar primeiro.
(Bombarral, CPP III, pág. 99)
- §III-1093
Ó lugar da Rua Nova
Sabugueiro sem felor!
...
(Baião, CPP III, pág. 100)
- §III-1095
Este lugar de Sacóias
Não é vila nem aldeia:
É um lugar pequenino
Feito à luz da candeia.
...
(Bragança, CPP III, pág. 100)
- §III-1097
Lá em baixo, aos Salgueirais,
Vi um bando de andorinhas;
...
(C. Beira, CPP III, pág. 100)
- §III-1098
Adeus, Salgueiro do campo,
Oh, quem lá há-de subir!
...
C. Branco, CPP III, pág. 100)
- §III-1101
Salvaterra não tem água,
Vanha cá que eu lha darei:
Co'as lágrimas dos meus olhos
Salvaterra regarei.
(s/i, CPP III, pág. 100)
- §III-1102
Salvaterra pequenina,
Cercadinha de oliveiras,
O melhor que lá'stá dentro
São as mocinhas solteiras.
(Idanha-a-Nova, CPP III, pág. 101)
- §III-1103
Ó relógio das Salzedas,
...
(Mondim Beira, CPP III, pág. 101)
- §III-1105
Vou-me casar a Salzedas,
Que me deram por degredo,
...
(Mondim da Beira, CPP III, pág. 101)
- §III-1108
Minha terra é Sanguinhal,
Terra da minha paixão,
...
(Covilhã, CPP III, pág. 101)
- §III-1116
A quinta de Santa Justa
De pequenina tem graça;
Tem um chafariz no meio
P'ra beber quem nela passa.
(A. Fé, CPP III, pág. 102)
- §III-1118
A pomba já vai rolando,
Onde irá fazer o ninho?
No pinheiro de Santana
No mais baixinho raminho.

O ladrão do negro melro
Onde foi fazer o ninho?
No pinheiro de Santana
No mais alto raminho.
(Portimão, CPP III, pág. 102)
- §III-1119
Tenho um amor em Santar
E outro no rio Dão:
Tenho o coração partido
Aos favos, como o limão.
(s/i, CPP III, pág. 102)
- §III-1120
Atirei co' o limão ao ar
Foi parar a Santarém:
Uma carta no correio
P'ra mandar a tua mãe!
(Óbidos, CPP III, pág. 102)
- §III-1126
- Ó moças de Santo André,
Com que lavais o cabelo?
- Com uma ervinha do monte
Que se chama tormentelo.
(Barcelos, CPP III, pág. 103)
- §III-1129
A vida de Santo Tirso
De pequenina tem graça;
Tem um chafariz no meio,
Dá de beber a quem passa.
(A. Fé, CPP III, pág. 103)
- §III-1132
Ó lugar de São Gião,
A água bate no tanque;
Quem aqui vem por te ver
Já te tem amor bastante!
(Lamego, CPP III, pág. 104)
- §III-1138
Ó minha caninha verde,
Ó meu doce belindrinho;
Para cantar e dançar
As moças de São Martinho.
(Resende, CPP III, pág. 104)
Nota: «Bolo. Possivelmente o mesmo que a broinha do Minho. De «melindre»?»
- §III-1140
No serro de São Miguel,
Em baixo, que em cima não,
Está uma horta perdida
Por falta dum hortelão.
(Olhão, CPP III, pág. 104)
- §III-1144
Fui a São Paio às ervas,
Meti um cravo no pé;
Diga-me, ó minha menina,
São Paio que santo é...
(s/i, CPP III, pág. 105)

§III-1147 Os olivais de São Pedro Semeados que darão? Darão corpinhos bem feitos Para a minha perdição. (Alvaiázere, CPP III, pág. 105)	(s/i, CPP III, pág. 106)	...
§III-1151 Ó lugar de São Tomé, Sabugueiro sem felor: Já não tenho por quem mande Visitas ao meu amor. (Baião, CPP III, pág. 105)	§III-1169 ... Minha terra é Sarzedo, ... (Paredes, CPP III, pág. 107)	§III-1186 Adeus, ó lugar do Souto, Lá no meio tem um rego; Os rapazes que lá há Num vale'um feijão galego. (M. Canaveses, CPP III, pág. 109)
§III-1156 Ó rua da Sarnadinha, ... (C. Branco, CPP III, pág. 106)	§III-1170 ... Adeus, pinhal da Bemposta: ... (Espinho, CPP III, pág. 107)	§III-1188 Lugar de Soutomoninho Ò longe parece vila; Tem no chafariz à entrada E a capela à saída. (C. Beira, CPP III, pág. 109) Nota: «É assim é. Bebi da fonte e vi a capela (de S. Miguel) em 10-IV- 1912.»)
§III-1158 Adeus, vila das Sarzedas, ... (C. Branco, CPP III, pág. 106)	§III-1172 Na rua nova de Silves Eu hei-de passar à força: Trago trigo semeado No coração duma moça. (s/i, CPP III, pág. 107)	§III-1189 Adeus, ó lugar de Sucres, ... (Lamego, CPP III, pág. 109)
§III-1159 Fica-te embora, Sarzedo, Mais as tuas quatro manhas; Quer cozidas, quer assadas, Reduz-se tudo a castanhas. (C. Beira, CPP III, pág. 106)	§III-1174 Adeus, ó terra de Simbres, Cercada de amendoeirias, Desde o de cima até ao fundo Todas são'mas feiticeiras. (Tarouca, CPP III, pág. 107) Nota: «É crença que há lá muitas feiticeiras. De facto são aí numerosas as curandeiras (1876).»	§III-1195 Adeus, lugar de Trouquela, É o lugar das laranjeiras; Ao fundo tem no bruxedo E no meio as feiticeiras. (s/i, CPP III, pág. 109)
§III-1160 Adeus, adeus, Sedielos, ... (Mesão Frio, CPP III, pág. 106)	§III-1175 Adeus, ó vila de Sines, Cercada de água salgada, No meio tem uma fonte, Onde o meu amor se lava. (s/i, CPP III, pág. 107)	§III-1197 Adeus, lugar de Trouquela, Onde a auga faz cachão, Onde eu tenho o meu amor Da raiz do coração. (s/i, CPP III, pág. 110)
§III-1161 Se um dia tu fores a Seia E beberes boa água Da fonte das quatro bicas, Um golo de cada bica, Diz-to quem não se arreceia, Afogará toda a mágoa E com certeza lá ficas E fica bem quem lá fica. (Seia, CPP III, pág. 106)	§III-1178 Esta gente de Soajo Dá de buber a quem passa: Tem a fonte na estrada E o pelourinho na praça. (A. Valdevez, CPP III, pág. 108)	§III-1202 Minha terra é Telhado, Meu ofício é oleiro: Do barro faço a loiça, Da loiça faço dinheiro. (Fundão, CPP III, pág. 110)
§III-1164 O lugar de Sarapicos, Rodeado de oliveiras, Do cimo até ao fundo Tudo são moças solteiras.	§III-1180 Adeus, vila da Sobreira, ... (Proença-a-Nova, CPP III, pág. 108)	§III-1205 Adeus, ó vila de Trena, Toda à roda são quintais; Adeus, poço da Coitada, Sepultura dos meus ais. (Alandroal, CPP III, pág. 110)
	§III-1185 Adeus, adeus, Soutelinho,	

§III-1209 Adeus, lugar de Tinalhas, Tem figueiras ao redol; ... (C. Branco, CPP III, pág. 111)	§III-1230 As mocinhas de Tregosa - São algumas, não são todas – Calçam dois pares de meias P’ra fazer as pernas gordas. (s/i, CPP III, pág. 113)	§III-1257 Ò Val’ da Mó, Val’ da Mó, Hei-de lá voltar p’rò ano, A comer leitão assado Na adega do Semiano. (Anadia, CPP III, pág. 115)
§III-1211 Adeus, vila de Tolosa, Cada vez és mais bonita: Já tens caixa de correio, Só te falta uma botica. (Nisa, CPP III, pág. 111)	§III-1234 Linda terra do Tripeiro ... (C. Branco, CPP III, pág. 113)	§III-1258 ... A estação do Val’ do Peso; ... (Crato, CPP III, pág. 115)
§III-1215 Quem me dera em Tolosa, Ao pé da pedra redonda, P’ra contar à minha mãe O que eu cá passei na monda. (s/i, CPP III, pág. 111)	§III-1237 Adeus, fontes, adeus ruas, Adeus, pedras de lavar, ... (s/i, CPP III, pág. 113)	§III-1260 Dói-me a barriga com fome, A cabeça com doença, As pernas me trambelicam Como os sinos de Valença. (s/i, CPP III, pág. 115)
§III-1518 Adeus, lugar de Toreixas, Terra das ameixoeiras, Ao fundo tudo são bruxas, Ao cimo são feiticeiras. (Baião, CPP III, pág. 111)	§III-1242 Adeus, adeus, ó Ucanha, Cercada de olivais; ... (s/i, CPP III, pág. 113)	§III-1266 Ó Valverde, ó Valverde, Janela do manjerico; A maior pena que tenho É se te vais e eu fico. (s/i, CPP III, pág. 116)
§III-1519 A treze do mês de Julho Fui eu bailar ao Torrão: ... (s/i, CPP III, pág. 111)	§III-1243 Adeus, adeus, ó Ucanha, Cercada de pinheirais; ... (s/i, CPP III, pág. 114)	§III-1267 Quem me dera em Valverde, Onde a água sobe e desce; ... (s/i, CPP III, pág. 116)
§III-1223 Se eu chegar a ter amores Há-de ser c’uma vareira Que tenha os pés calejados De passear a Torreira. (s/i, CPP III, pág. 112)	§III-1250 Adeus, lugar de Valada, Pinheiroca felorida, Onde os meus olhos pousavam, Agora vão de fugida! (s/i, CPP III, pág. 114) Nota: «Pinheiro manso de pouca altura.»	§III-1268 Adeus, aldeia de Varge, No meio tem duas fontes, É a aldeia mais bonita Que há em Trás-os-Montes. (Bragança, CPP III, pág. 116)
§III-1224 ... Zebreira nem um vintém, ... (Idanha-a-Nova, CPP III, pág. 139)	§III-1253 Vou-me embora, deixo o campo, Já Valada me aborrece, Nem a água me mata a sede Nem o meu amor me esquece. (s/i, CPP III, pág. 114)	§III-1269 Adeus, ó lugar de Varge, Cercado de oliveiras, Do cimo até ao fundo Todas são moças solteiras. (s/i, CPP III, pág. 116)
§III-1226 ... Aldeia do Tramagal. (Tondela, CPP III, pág. 112)	§III-1255 ... Na terra de Val’ do Freixo, ... (s/i, CPP III, pág. 115)	§III-1275 A casinha da Ventosa É um regalo lá’star: Se lá nos dão o almoço Também nos dão o jantar.

(Condeixa, CPP III, pág. 117)		No dia em que te não vejo, Meus olhos são duas fontes. (Baião; Barcelos; Trás-os-Montes; V. Velha Ródão, CPP III, pág. 122)
§III-1281 O alecrim de Viana Deita a raiz para o lado; Para as dores de cotovelo Está o remédio provado. (Minho, do Esposendense, n.º 636, CPP III, pág. 117)	§III-1299 Os rapazes de Vieiros São poucos mas são valentes: Quando comem com os porcos, Quebram a pia co'os dentes. (Trás-os-Montes, CPP III, pág. 119)	§III-1330 Ó Vila Real alegre, Lá ia morrendo à sede! Uma sécia me deu água Da raiz de salsa verde. (Alcoutim; Mértola; Portimão, CPP III, pág. 122)
§III-1284 Ó cidade de Viana, Ó Viana do Bagio, Caíste da ponte abaixo, Foste beber água ao rio. (s/i, CPP III, pág. 118)	§III-1306 Lugar de Vila Cortês, Rodeado de olivais, No meio tens uma pedra Onde vão pousar meus ais. (Guarda, CPP III, pág. 119)	§III-1333 Vila Seca não tem água, Venha cá, que eu lha darei: Com a água dos meus olhos Vila Seca regarei. (Armamar, CPP III, pág. 122)
§III-1287 - Rola que vai rolando Onde irá fazer o ninho? ... (s/i, CPP III, pág. 118)	§III-1309 Vila Franca, Vila Franca, Cinco bicas a correr; Quem não vai a Vila Franca Não sabe que há-de morrer. (s/i, CPP III, pág. 120)	§III-1338 Ó Vila Velha de Ródão, Já lá tens o que tu queres: É a bomba a tirar água Que é o regalo das mulheres. (s/i, CPP III, pág. 122)
§III-1292 Hei-de casar em Vidago Que mo deram por degredo: É terra de muita pinha, P'ra lá canta o cuco cedo. (Chaves, CPP III, pág. 118)	§III-1310 Vila Franca, Vila Franca, Tem a correr cinco bicas: Quem não vai a Vila Franca Não vê boas raparigas. (s/i CPP III, pág. 120)	§III-1344 Ó Vila Velha de Ródão, Tu és a minha cegueira; Quando lá chego à tarde, Encosto-me à oliveira. (s/i, CPP III, pág. 123)
§III-1293 Adeus, ó lugar de Vide, ... (Vide entre Vinhas, C. Beira, CPP III, pág. 118)	§III-1317 Vila Nova de Cerveira, ... (Barcelos, CPP III, pág. 120)	§III-1347 Torradas, novas torradas, Por cima também chazinho; A Câmara de Vila Velha Já tirou o pelourinho. (s/i, CPP III, pág. 123)
§III-1294 Minha terra é Videmonte ... (Guarda, CPP III, pág. 118)	§III-1318 Vila Nova não tem água, Se não tem, eu la darei: Com a água dos meus olhos Vila Nova regarei. (V. N. Cerveira, CPP III, pág. 121) Nota: «Hoje (1920) já há água.»	§III-1349 Se fores a Vila Verde, Leva água no chapéu: Vila Verde não tem água Senão a que cai do céu! (Braga, CPP III, pág. 123) Nota: «Tomar água nas abas do chapéu para beber. É costume no Minho.»
§III-1297 Se fores à Vidigueira, Pergunta por Mariana, Uma moça trigueirinha Que no cantar tem fama. (Portimão, CPP III, pág. 119)	§III-1327 Ó Vila Real alegre, Dá de beber a quem passa, P'ra quem não levar dinheiro 'Stá o chafariz na praça. (s/i, CPP III, pág. 121)	
§III-1298 A Vieira tem na fama, ... (s/i, CPP III, pág. 119)	§III-1329 Ó Vila Real alegre, Província de Trás-os-Montes,	

Nota: «Cfr. a cantiga alentejana: Alentejo não tem água / Senão a que vem do céu».	§III-1381 Lindo lugar é Vinhó, ...	(Armamar; Régua; Sabrosa, CPP III, pág. 129)
§III-1357 As meninas de Vilar É só casar, casar. Põe nas panelas ò lume, Num nas sabe'sobraçar. (Cinfães, CPP III, pág. 124)	(s/i, CPP III, pág. 126)	§III-1422 Boa raba de Soeira, Bom pão trigo de Paçó, Bom vinho de Alvaredos, Boa castanha de Sobreiró. (Vinhais, CPP III, pág. 129) Nota: «Variedade de rábano.»
§III-1358 Dai-me uma pinguinha de auga Da fontinha do Barreiro, Que me não saiba ao lodo Nem à raiz do loureiro. (Alijó, CPP III, pág. 124)	§III-1384 A flor da malva roxa, De roxa chega a Viseu, De tu teres novos amores Que raiva posso ter eu! (Baião, CPP III, pág. 126)	§III-1428 ... Cemitério de Loureiro Onde me eu hei-de enterrar. (s/i, CPP III, pág. 130)
§III-1359 Adeus, adeus, Vilar Seco, Rodeado de olivais, Os rapazes são bonitos, Raparigas muito mais! (s/i, CPP III, pág. 124)	§III-1399 Dizeis que viva Pinheiros, Eu também digo que viva. Viva Pias e Cambeses, Vira Moreira po'riba! (Monção, CPP III, pág. 127)	§III-1431 Não há terra com'a Veiga Em todo Penaguião: Santa Marta só da vinho E Veiga dá vinho e pão. (Penaguião, CPP III, pág. 130)
§III-1360 Adeus, ó fonte do Vale, Onde a água sobe e desce; Quem me dera eu amar Onde ninguém o soubesse! (s/i, CPP III, pág. 124)	§III-1405 Hei-de fazer um barquinho De folhas de castanheiro, P'ra passar o meu amor De Durrães p'ra Carvoeiro. (Barcelos, CPP III, pág. 128)	§III-1434 O meu amor é carreiro Da Régua para o Pinhão. Leva a vida regalada C'uma aguieira na mão. (Mesão Frio, CPP III, pág. 130)
§III-1368 Hei-de ir para os Vilares Por ser terra de muito pão: Sobem os galos às medas, Chegam com o rabo ao chão... (A. Fé, CPP III, pág. 125)	§III-1408 Ó lugar de Arga de Cima, Terra da i água encharcada, Agora vou p'rà Castanheira Beber água regalada. (Caminha, CPP III, pág. 128)	§III-1435 O Salgueiral é veludo, Fontelas um tafetá, ... (Trás-os-Montes, CPP III, pág. 130)
§III-1369 Fui pastor na Terra Quente, Criado na Vilhariça; Roubero-me umas chocalhas, Fui-me queixar à justiça. (Bragança, CPP III, pág. 125)	§III-1409 Ó vida da minha vida, A súcia vai p'rò Pomar; ... (s/i, CPP III, pág. 128)	§III-1440 Os lordes de Além da Pinha, ... (C. Basto, CPP III, pág. 131)
§III-1374 Os barrais de Vilariça, Semeados, que darão? Darão meninas bonitas Para a minha perdição! (T. Moncorvo, CPP III, pág. 125)	§III-1415 A fome nasceu em Sendas, Foi baptizada em Paçó, Achou-se doente em Paredas, Foi morrer em Grijó. (Bragança, CPP III, pág. 129)	§III-1443 Santo Amaro não vale água, ... (V. N. Foz-Côa, CPP III, pág. 131)
	§III-1417 Adeus, lugar da Folgosa ... Na cortinha de Goivinhas.	§III-1444 Trás da Serra, Trás da Serra, Carquejinha do Marão, Os amores que eram meus Agora de quem serão?

(V. Real, CPP III, pág. 131)	(s/i, CPP III, pág. 133) Nota: «Ironia (...)»	(Guarda, CPP III, pág. 135)
§III-1449 ... Ó pedras de Rio Tinto, ... (Feira, CPP III, pág. 132)	§III-1465 Hei-de casar na Gafanha, Hei-de ser um gafanhão, Para vender as batatas Às meninas de Alqueidão. (s/i, CPP III, pág. 133)	§III-1485 ... Comboio da Beira Alta, Que é negro como a azeitona, ... (s/i, CPP III, pág. 135)
§III-1450 Adeus, ó lugar da Pala, Onde a água faz remanso; Onde eu tenho o meu amor No lugar de Porto Manso. (Baião, CPP III, pág. 132)	§III-1469 ... E minha mãe, de Calvão. (Mira, CPP III, pág. 133)	§III-1487 Fui à festa à Rapa, Não achei senão farrapos. Voltei p'ró lugar do Porco, Achei belos guardanapos. (s/i, CPP III, pág. 135)
§III-1454 Fui-me confessar ao Porto, Comungar a Rio Mau; Deram-me de penitência Batatas com bacalhau... (Baião, CPP III, pág. 132)	§III-1470 Os de Sarzedos são faias, Os de Arganil são bailões, Os da Serra são chaparros, Os de Coja, bezerrões. (s/i, CPP III, pág. 133)	§III-1488 Já em Melo não há rosas, Que secaram as roseiras; Raparigas de Nabais Honradas e cavalheiras. (Gouveia, CPP III, pág. 135)
§III-1459 ... Já benho do Carvalhido, ... (Lousada, CPP III, pág. 132)	§III-1472 Tavarede, limão verde, Buarcos, panela velha Figueira, barquinho de ouro Onde o meu amor navega. (s/i, CPP III, pág. 134)	§III-1490 Já o Ral não vale nada, ... (Nelas, CPP III, pág. 136)
§III-1461 Anadia é boa terra, Melhor é Famalicão, Melhor é a fonte do Luso Que tem água todo o V'raão. (Anadia, CPP III, pág. 133)	§III-1474 Vós dizeis que viva Ul, Viva também Oliveira, ... (S. J. Madeira, CPP III, pág. 134)	§III-1491 Lapa do Lobo é lima, Val'de Madeiros, limão E Canas é um brinquedo Onde os meus amores estão. (Nelas, CPP III, pág. 136)
§III-1462 Entre Arganil e Góis Eu achei uma maçã; Adeus, meninas de Coja, Eu vou ver as da Lousã. (Arganil, CPP III, pág. 133)	§III-1478 Adeus, adeus, Vilar Seco, Terra de tantas ortigas, Carvalhal tem pinheirais, Vilar Seco, reparigas. (Nelas, CPP III, pág. 134)	§III-1492 Linda terra é Teixoso Para pera e maçã; Para meninas bonitas Tortozendo, Covilhã. (C. Beira, CPP III, pág. 136)
§III-1463 Fui ao serão ao Loureiro, ... (O. Azeméis, CPP III, pág. 133)	§III-1482 Adeus, Várzea da Serra, Carquejinha do Marão; Olhinhos que foram meus, Agora de quem serão? (s/i, CPP III, pág. 135)	§III-1494 Minha terra é Pedrelas, Fornos minha freguesia, ... (B. Alta, CPP III, pág. 136)
§III-1464 Há quatro terras no mundo Que sustentam Portugal: Alqueve, Macelavista, Medas e Salgueiral.	§III-1483 ... É no lugar da Urgueira.	§III-1496 Mondim de Cima, uma lima, Mondim de Baixo, um limão, Almodafa, manjarona,

Valdevez, manjaricão. (Mondim da Beira, CPP III, pág. 136)	(s/i, CPP III, pág. 137)	...
§III-1498 Ó padeiras de Valongo, Arrumai-vos para um canto, Que lá vêm as de Lamego, Vestidas de azul e branco. (s/i, CPP III, pág. 136)	§III-1518 Castelo Branco se queixa Que não tem moças formosas; Ir ao Cebolais de Cima, Que até as silvas dão rosas! (C. Branco, CPP III, pág. 138)	§III-1531 Corri Figueiros à roda, Não encontrei senão urtigas, Dei um salto ao Painho, Oh que belas raparigas! (Cadaval, CPP III, pág. 139)
§III-1500 ... Entre Mós e Ferreirim! ... (s/i, CPP III, pág. 137)	§III-1519 Castelo Branco tem loiça, Idanha tem pucarinhos, Cebolais tem lindas moças, O Retaxo, macaquinhos. (C. Branco, CPP III, pág. 138)	§III-1532 Eu nasci na Castanheira, Já passei pelo salgado; Sou filho da Pederneira, Deito faíscas ao lado. (V. Alentejo, CPP III, pág. 139)
§III-1501 Raparigas de Pinheiro, ... (s/i, CPP III, pág. 137)	§III-1520 Castelo Melhor são malvas, Almendra dá ortigões, Muxagata, os pimentos, Vila Nova, os pimpões. (B. Baixa, CPP III, pág. 138)	§III-1533 Eu passei à Casa Nova, Deram-me água no Sobreiro; Um lugar de tanta púcara, Deram-me água p'r um caqueiro! (Mafra, CPP III, pág. 139)
§III-1504 Se fordes ceifar ao Campo, Não vades a Ladoeiro, Que dão lá pão de cevada, Pagam com pouco dinheiro! (C. Beira, CPP III, pág. 137)	§III-1521 Idanha, por ser Idanha, Não tem'moreiras na praça; Proença, por ser Proença, Dá de comer a quem passa. (Proença-a-Velha, CPP III, pág. 138)	§III-1534 Fui à serra da Neve às uvas, A Peniche comprar gado, À praia da Nazaré A comprar peixe salgado. (Mafra, CPP III, pág. 139)
§III-1505 Se Nabais fora cidade, Assim como é aldeia, ... (Gouveia, CPP III, pág. 137)	§III-1526 ... Cebolais é que o ganhou! (s/i, CPP III, pág. 139)	§III-1537 Na Borda Serra faz fumo, Na Vermelha faz fumaça; ... (Cadaval, CPP III, pág. 140)
§III-1506 Val'de Madeiros é lima, Lapa do Lobo, limão, E Canas é um brinquinho Onde os meus amores estão. (C. Senhorim, CPP III, pág. 137)	§III-1528 As meninas do Painho Valem tudo quanto têm, As de Figueiros nem nada E as de Alguber um vintém. (Cadaval, CPP III, pág. 139)	§III-1538 Na linha p'ra Pinhal Novo, Na que passa ò Poceirão, ... (Nisa, CPP III, pág. 140)
§III-1507 Venho de Vila de Mós, Não há lá senão ortigas; Vou para Vila Meã, Ver as belas raparigas. (s/i, CPP III, pág. 137)	III-1529 Boa vista tem Almada Mas melhor tem Caparica; Camarões de Vila Franca, Água da Fonte da Pípa. (s/i, CPP III, pág. 139)	§III-1540 ... Ribaldeira, um manjerico, Dois Portos, manjericão. (T. Vedras, CPP III, pág. 140)
§III-1511 Adeus, vila da Sobreira, ...	§III-1530 Casalinho é dos limos, Casal Velho, dos limões,	§III-1542 Olhalvo é uma rosa, (Alenquer, CPP III, pág. 140)

§III-1546 Borda de Água, Borda de Água, Borda de Água, Santarém, ... (Lamego, CPP III, pág. 140)	Mais bonito é 'Landroal, Que tem seis bicas na fonte. (Alandroal, CPP III, pág. 142)	§III-1587 Rosa branca é lá de Nisa, ... Perpétuas, de Alpalhão. (Castelo Vide, CPP III, pág. 144)
§III-1551 Salvaterra, Benavente, Jericó fica no meio; Não sei como as mulheres podem Com tanta carne no seio! (s/i, CPP III, pág. 141)	§III-1564 Campinho, terra das bruxas, ... Reguengos, das borracheiras. (R. Monsaraz, CPP III, pág. 142)	§III-1592 Vou-me embora p'ra Alpalhão, ... (Alpalhão, CPP III, pág. 145)
§III-1554 Adeus, monte do Terruge, Charneca da Boa Vista; ... (Alter do Chão, CPP III, pág. 141)	§III-1567 Castel' de Vide não presta, Alpalhão vale um vintém, Nisa vale mil cruzados P'las lindas moças que tem. (Nisa, CPP III, pág. 143)	§III-1594 ... Panóias e Messejana, ... (Ourique, CPP III, pág. 145)
§III-1555 ... Val' de Peso e Alpalhão. (s/i, CPP III, pág. 141)	§III-1568 Comparo Avis com Galveias, Só lhe falta o laranja; Benavila com a Figueira E o Cano com Ervedal. (Avis, CPP III, pág. 143)	§III-1597 Bebo água enxovalhada, Para não morrer à sede. ... (s/i, CPP III, pág. 145)
§III-1556 Adeus, ó vila de Nisa, Cravo roxo de Alpalhão, Goivos de Castelo de Vide, Açucenas de Marvão. (V. Velha Ródão, CPP III, pág. 141)	§III-1571 ... Trago mulher p'ra cama E burro p'ra lenha. (Alentejo, CPP III, pág. 143)	§III-1598 Cada vez que eu vejo vir Rapazes à mei'ladeira, Lembram-me as moças de Selmes E o vinho da Vidigueira! (Portimão, CPP III, pág. 145)
§III-1557 ... Bagaceiros de Amieira, ... Cada feira valem menos! ... Escalda-favais do Crato, ... Passarinhos de Cabeço de Vide; ... Borba e Estremores ... (Nisa, CPP III, pág. 141-2) Nota: «[Amieira] Fabricam muito azeite.» Nota: «Escalda-favais = assomadiço.»	§III-1574 Galveias é das laranjas, Cantarinho é dos limões, ... (s/i, CPP III, pág. 143)	§III-1600 Do Monte da Légua às Pias À missa não vai ninguém. ... (Baixo Alentejo, CPP III, pág. 145)
§III-1563 ...	§III-1580 Montalvão não vale nada, Castelo de Vide, um vintém, ... (Castelo Vide, CPP III, pág. 144)	§III-1601 Do Monte da Légua às Pias Já não há quem vá à missa. (s/i, CPP III, pág. 145)
	§III-1581 Não há flor como a da malva, ... (Elvas, CPP III, pág. 144)	§III-1602 Do Monte da Légua às Pias Já se não pode ir à missa; ... (Alentejo, CPP III, pág. 146)
	§III-1586 ... O que eu passei na Charneca! (Avis, CPP III, pág. 145)	§III-1603 Eu tenho quarenta amores ... Dez em Brinches, dez nas Pias. (Moura, CPP III, pág. 146)

§III-1607	Para não morrer à sede Bebem água enxovalhada.	§III-1640
Já os Aivados é vila, Horta do Vale é aldeia, ...	Bebem água enxovalhada Para não morrer à sede; Mais abaixo fica a Nora; Meu amor é bandoleiro, ...
(Ourique, CPP III, pág. 146)	(Alentejo, CPP III, pág. 147)	(Elvas, CPP III, pág. 149)
§III-1608	§III-1623	§III-1641
...	Vila Nova de Milfontes, Ó chafariz de el-rei, ...	Adeus, ruas de Tolosa, Poços de água encharcada: Agora vou para a Beira Beber água regelada. (Nisa, CPP III, pág. 149)
As Pias ficam no meio, ...	(Lagos, CPP III, pág. 147)	
(s/i, CPP III, pág. 146)		
§III-1609	§III-1625	§III-1644
Lá vai Serpa, lá vai Moura, As Pias ficam no meio; Não sei como as mulheres podem Com tanta carne no seio! (s/i, CPP III, pág. 146)	Adeus, praia da Quarteira, Com seu pinhal ao pé. (s/i, CPP III, pág. 148)	Alentejo, Algarve e Beira É a minha habitação; Quando me oferecem bobida Não posso dizer que não. (Carregal Sal, CPP III, pág. 149)
	§III-1626	
§III-1610	...	§III-1646
...	Mais vale a água de Monchique Que é riqueza do Algarve. (s/i, CPP III, pág. 148)	... Sou filha da Borda de Água, Criada na fresquidão. (Espinho, CPP III, pág. 150)
E as Pias ficam no meio; ...		
(s/i, CPP III, pág. 146)		
§III-1612	§III-1627	§III-1648
...	...	Algarve é pai do figo, A Beira é mãe da couve; Eu hei-de casar contigo, Teu pai é cego e não ouve. (Nisa, CPP III, pág. 150)
As Pias ficam no meio: ...	Co'a aldeia do Azinhal; ...	
(Mértola; Serpa, CPP III, pág. 146)	(Castro Marim, CPP III, pág. 148)	
§III-1613	§III-1628	§III-1650
Ó Ourique, verde lima, Ó Castro, verde limão, ...	Já a Pera não val'de nada, ...	As meninas do Alentejo Com a fama vão p'ra Beira: Apalpadas dos rapazes, Como os figos da figueira. (s/i, CPP III, pág. 150)
(Ourique, CPP III, pág. 146)	(Silves, CPP III, pág. 148)	
§III-1614	§III-1631	§III-1652
Ó Póvoa, rei dos alarves, ...	Nos Giões há-de haver pão Anquanto hòverem padêras; ...	Chamaste a Abrantes vila, A rio de Moinhos aldeia, ...
(s/i, CPP III, pág. 147)	Também háiem azinhêras. ...	(s/i, CPP III, pág. 150)
§III-1616	(S. Bartolomeu Castro Marim, 1896, CPP III, pág. 148)	
...	§III-1633	
É que ficam os Malveiros; ...	Oh que rico mel da Vila, Leite da Raposeira, ...	
(Aljustrel, CPP III, pág. 147)	(Portimão, CPP III, pág. 149)	
§III-1622	...	§III-1655
Vila Nova de Ferreira Tem uma fonte à entrada;	Tabaquistas da Mexilhoeira. (Portimão, CPP III, pág. 149)	... Das quintas, o Carrascal. (Trás-os-Montes, CPP III, pág. 150)

§III-1658 De Lisboa me mandaram Uma peneira de seda, Para peneirar a neve Que há na Serra da Estrela. (s/i, CPP III, pág. 151)	§III-1679 ... À missa do Azinhal: ... (Castro Marim, CPP III, pág. 153)	E ninguém te granjeou. (C. Basto, CPP III, pág. 155)
§III-1660 Do Algarve vem a passa, De Portalegre, a castanha; Quem diz que eu sou que sou falsa? Oh que mentira tamanha! (Alandroal, CPP III, pág. 151)	§III-1682 Na praia da Nazaré Ver pescar é coisa linda: Não há nada mais bonito Que é o Campo de Coimbra! (Coimbra, CPP III, pág. 153)	§III-1708 Borda de Água, Borda de Água, Borda de Água, Santarém, Vale mais a Borda de Água Do que quanto o mundo tem. (s/i, CPP III, pág. 155)
§III-1661 Do Algarve vem o bom figo, De Moura, o bom azêto, Do Alentejo, o bom trigo E castanha, de Alegrete. (C. Verde; Portalegre, CPP III, pág. 151)	§III-1684 ... Em Rio Maior há fumaça. ... (Alcobaça, CPP III, pág. 153)	§III-1709 Borda de Auga, Santarém, Terras que eu tenho corrido! ... (V. F. Xira, CPP III, pág. 156)
§III-1662 ... Sou maltês da Borda de Água, Lá da banda do Paião. ... Há por aí quem queira Assoldadar um ganhão Desde o cabo do Inverno 'Té o princípio do V'raão? (Bombarral, CPP III, pág. 151)	§III-1687 O Algarve é o pai do figo E a Beira é mãe da couve: Eu hei-de falar contigo, Teu pai é mouco e não ouve. (s/i, CPP III, pág. 153) Var.: Eu hei-de casar contigo: Tua mãe é cega e não ouve – Nisa.	§III-1710 Ó rapaz da Borda de Água, Comer peixe não é força Pelas notícias que eu tenho, O rapaz não leva a moça! (Cadaval, CPP III, pág. 156)
§III-1669 ... Não achei que te trazer, Minha açucena, meu Sol. (Lamego, CPP III, pág. 152)	§III-1688 ... Nem Borda d'Água le ganha: ... (Crato, CPP III, pág. 153)	§III-1711 Pela Borda de Água abaixo Navios à vela vão; ... (Arruda Vinhos, CPP III, pág. 156)
§III-1677 Margarida tecedeira ... (s/i, CPP III, pág. 152)	§III-1692 Ó rapaz, vai ver as cabras Que te abalam p'ra Cardosa; Tu vens aqui de tão longe Ver as moças de Tolosa. (Nisa, CPP III, pág. 154)	§III-1712 Pela Borda de Água abaixo Toda a gente me quer bem; ... (Vila de Rei, CPP III, pág. 156)
§III-1678 Meu amor é algarvio, Passa passas do Algarve, Agora vem p'ro Alentejo, Passando passas de alarve. (Coruche, CPP III, pág. 153)	§III-1695 Ponte do Lima é uma lima, Viana é um limão, Braga é um ramalhete, O Porto um manjerição. (Monção, CPP III, pág. 154)	§III-1713 Pela Borda de Água abaixo Vai um bugalho trás-trás; ... (V. F. Xira, CPP III, pág. 156)
	§III-1707 Medronheiro de Além d'Água, Mal haja quem te cortou: Davas fruto, davas sombra	§III-1714 Pela Borda de Água abaixo Vai um cãozinho béu-béu; ... (Cadaval, CPP III, pág. 156)
		§III-1715 Adeus, ó lugar do Campo, Adeus, fonte de água fria, Onde o meu bem se lava A toda a hora do dia.

(Mesão Frio, CPP III, pág. 156)	(s/i, CPP III, pág. 157)	§III-1734
§III-1717	§III-1727	Vós chamastes-me Charneca,
- Eu hei-de ir ceifar ao Campo	...	Por eu trazer avental;
Um ano, só por meu gosto,	Minha terra é a Charneca	...
Para ver a camponesa	...	(s/i, CPP III, pág. 158)
Com que água lava o rosto.	(C. Branco, CPP III, pág. 157)	§III-1736
- Na água da melancia		Não me afaço na Montanha
Criada no mês de Agosto.	§III-1728	Entre o tojo e a carqueja;
(B. Baixa, CPP III, pág. 156)	O alecrim da Charneca	...
	Ao longe parece moita.	(s/i, CPP III, pág. 158)
§III-1718	Toda a moça que é bonita	§III-1738
Eu milho não sei sachar,	Até no lar é'foita!	Cangados da Outra Banda
Eu todo o milho arranco;	(Avis, CPP III, pág. 157)	Já não sabem comer pão:
Ainda Deus me há-de dar	§III-1729	Comem papas de farelos
Uma leirinha no Campo!	O alecrim da Charneca	Adubadas com sabão.
(Coimbra, CPP III, pág. 156)	Deita a raiz para os vais;	(s/i, CPP III, pág. 158)
§III-1719	Toda a moça que é poeta	§III-1739
...	Traz laços nos aventais.	Cangados da Outra Banda
Meu amor, que andas a ela,	(Avis, CPP III, pág. 157)	Já não sabem ir à missa:
Encosta-te ao lírico branco.	§III-1730	Ficam na corte do burro
(Penamacor, CPP III, pág. 156)	Ó Charneca, ó Charneca,	A comer palha maiça.
§III-1721	Terra de maltesaria!	(s/i, CPP III, pág. 158)
Tenho uma casa no Campo,	Também eu era maltesa	§III-1742
Que o vento lhe leva a telha,	Quando à Charneca ia.	- Meninas da Outra Banda
Hei-de acenar ao amor	(Chamusca, CPP III, pág. 157)	Com que lavais o cabelo?
C'um ramo de sigurelha.	§III-1731	- Com as ervinhas do monte
(s/i, CPP III, pág. 157)	Ó Charneca, ó Charnequinha,	Chamadas o tormentelo.
§III-1723	Onde vais tão apressada?	(Terras do Bouro, CPP III, pág. 159)
A moda do «garra-cão»	- Vou falar ao meu amor	§III-1744
Anda agora na Charneca;	Que veio hoje de jornada.	O povo da Outra Banda
...	(C. Branco, CPP III, pág. 157)	É um povo jovial;
(Gavião, CPP III, pág. 157)	§III-1732	Na Outra Banda há bons petiscos,
§III-1724	Pensamento atrevido,	Ali ninguém passa mal.
Adeus, Charneca morena,	Não me leves à Charneca:	(Estremadura, CPP III, pág. 159)
...	...	§III-1747
(Odemira, CPP III, pág. 157)	(Gavião, CPP III, pág. 157)	Na Outra Banda do rio,
§III-1725	§III-1733	Na Outra Banda de além,
As meninas da Charneca	...	Tem meu pai um castanheiro
São bonitas, trajam bem:	Que aí vêm chegando	Que muitas castanhas tem.
...	As moças da Charneca.	(Póvoa Lanhoso, CPP III, pág. 159)
(Almada, CPP III, pág. 157)	Aí vêm as Charnequeiras	§III-1750
§III-1726	E também os Charnequeiros,	A Ribeira é terra boa,
Lá ao longo da Charneca	...	É terra de muito vinho.
Já não há nenhuma esteva;	(Portimão, CPP III, pág. 158)	Antes quero morrer à sede
...		Que casar com um ribeirinho.

(Barroso, CPP III, pág. 159)	...	Nota: «... há alusão a
§III-1752	(Cadaval, CPP III, pág. 161)	«deslocamentos de gente (...) no
Já lá vai o sol abaixo	§III-1773	tempo da apanha das castanhas, e
Metido numa peneira;	Eu venho de Trás da Serra	(...) no tempo da apanha das
Já lá vai o brio todo	De apanhar cevada à mão,	azeitonas».
Das meninas da Ribeira.	Venho fugindo ao calor,	
(Baião, CPP III, pág. 160)	...	§III-1785
	(Cadaval, CPP III, pág. 162)	O milho grande da Veiga
§III-1754	§III-1774	Tem muita velhacaria:
O meu amor e o teu	Indo eu p'ra Trás da Serra	Guarda o orvalho de noite
Andam ambos na Ribeira:	Apanha cevada à mão...	Para se regar de dia.
O meu anda à erva doce,	Minha mãe é lavandeira,	(Chaves, CPP III, pág. 163)
O teu, à erva cidreira.	Lava a roupa sem sabão.	§III-1787
(Baião, CPP III, pág. 160)	(Cadaval, CPP III, pág. 162)	Abaixai-vos, Serra de Arga,
§III-1758	§III-1776	Que eu quero ver a Areosa,
As moças da Serra dizer:	Trás da Serra, Trás da Serra,	Quero ver o meu amor
- Minha horta! Minha horta!	Trás da Serra, trás dos montes,	Debaixo da malvarosa.
É uma cerquinha velha	O dia que te não vejo	(V. N. Cerveira, CPP III, pág. 163)
Com dois tanguinhos à porta.	Meus olhos são duas fontes.	§III-1793
(Algarve, CPP III, pág. 160)	(Cadaval, CPP III, pág. 162)	Adeus, ó serra da Estrela,
§III-1760	§III-1777	Adeus, ó gesta negria;
De oliveira da Serra	As moças da Terra Fria	...
Ramo dela tem virtude;	Já não sabem maçar linho,	(Seia, CPP III, pág. 164)
Passei por ela doente,	Sabem ir à cantareira	§III-1796
Vim p'ra casa com saúde.	Ver se o pichorro tem vinho.	- Aonde quer's, pomba branca,
(s/i, CPP III, pág. 160)	(Penamacor, CPP III, pág. 162)	Aonde quer's que eu te leve?
§III-1761	§III-1781	- Leva-me à Serra da Estrela,
- Meninas da Serra,	Eu venho da Terra Quente,	Enterra-me lá na neve!
Com que vos caem os dentes?	Da segada do centeio;	(Covilhã, CPP III, pág. 164)
- Com água fria	Defamaram-me contigo,	§III-1799
E castanhas quentes.	Hei-de-te amar a rego cheio.	Hei-de ir à serra da Estrela
(Trás-os-Montes, CPP III, pág. 160)	(Douro, CPP III, pág. 162)	Fazer um queijo de neve;
§III-1763	§III-1783	Para ser casada triste,
Ó Serra, deita cá água,	Fuí pastor na Terra Quente	Antes ser solteira alegre.
Pelos canos à cidade;	Criado na Vilhariça	(s/i, CPP III, pág. 164)
Quero regar uma rosa,	Roubero-me umas chocalhas,	§III-1800
Muito da minha vontade.	Fui-me queixa à justiça.	Moro na Serra da Estrela,
(Bragança, CPP III, pág. 161)	(Bragança, CPP III, pág. 163)	À neve pago tributo,
§III-1769	§III-1784	Pago renda dos teus olhos,
Sou serrano, sou da Serra	Sou do Vale e tu da Serra,	É bem que l'eu colha o fruto.
Moro detrás da urgueira,	Sou Figueiró e tu serrano;	(B. Alta; B. Baixa, CPP III, pág.
(Tarouca, CPP III, pág. 161)	A visita que te faço	164)
§III-1771	'Spero ma tornes p'rò ano.	§III-1813
Na Borda Serra faz fumo,	(Bragança, CPP III, pág. 163)	Se fores à serra da Estrela,
Na Vermelha faz fumaça;		Não te esqueças de ir a Seia:
		...

(Seia, CPP III, pág. 165)	Na serra de Montalvão. (Fundão, CPP III, pág. 167)	... Salgueiros do rio Dão: ... (Nelas, CPP III, pág. 170)
§III-1814 Venho da serra da Estrela, De apanhar o azevém; Gosto muito de dançar Mas é com quem dança bem... (Nelas, CPP III, pág. 166)	§III-1831 Adeus, serra do Pilar, Que eu vou para Rio Tinto, ... (Porto, CPP III, pág. 167)	§III-1863 A sala de além do Douro Grande conselho me deu: Ninguém ponha amor a homens, Sem primeiro de ser seu. (Trancoso, CPP III, pág. 170)
§III-1815 Venho da Serra da Estrela De apanhar o sabugueiro; Gosto muito de brincar Mas é c'um moço solteiro (O. Hospital, CPP III, pág. 166)	§III-1833 Serra de Rio Maior, Abaixa-te um palmo ou dois, Quero ver o meu amor Que anda a tocar os bois. (Rio Maior, CPP III, pág. 167)	§III-1864 Adeus, ó Cima de Douro, Adeus, terra relaxada; Eu cá vou p'rá minha terra Beber água regalada. (s/i, CPP III, pág. 170)
§III-1816 Abaixa-te, serra alta, Que as outras se abaixarão; Eu quero passar c'ó gado Para a serra do Marão. (T. Moncorvo, CPP III, pág. 166)	§III-1836 No cerro de São Miguel, Em baixo, que em cima não, 'Stá uma horta perdida Por falta dum hortelão. (Olhão, CPP III, pág. 168)	§III-1865 Adeus, ó Par'dão de Bula, Donde a água sobe e desce: Nem a água mata a sede, Nem o meu amor me esquece! (Baião, CPP III, pág. 170)
§III-1821 Trás da Serra, trás da serra, Carqueijinha do Marão, Os amores que eram meus, Agora de quem serão? (s/i, CPP III, pág. 166)	§III-1844 Ao passar do Rio Ave, Minha maçã vermelhinha, Rio Ave não me leva, Que eu inda sou pequeninha. (S. Tirso, CPP III, pág. 169)	§III-1876 Alto do Douro alegre, Videirinha que eu podei, Não se me dá que oitro logre O que eu por gosto deixei. (Baião, CPP III, pág. 171)
§III-1822 Lá na serra de Monchique Se formou um batalhão, De cabeças de sardinha E um gato por capitão. (Algarve, CPP III, pág. 166) Nota: «Ironia. Para lá vai pouca sardinha.»	§III-1851 - Divino Senhor da Barca, Dizei-me adonde morais. - Do lado de cá do Côa, Ao cimo dos olivais. (Almeida, CPP III, pág. 169)	§III-1878 Cima do Douro é lima, Mais abaixo é limão, No meio tem um retiro Onde os meus amores estão. (Mesão Frio, CPP III, pág. 171)
§III-1824 Eu já fui pastor de gado Na serra de Montalvão, De pastor fui a soldado, De soldado a capitão E cheguei a ser c'roado E ter o ceptro na mão. (M. Douro, CPP III, pág. 166)	§III-1852 Eu hei-de ir a Cima Côa A segar e a atar pão; Hei-de levar comigo Prenda do meu coração... (s/i, CPP III, pág. 169)	§III-1882 Eu hei-de ir além Douro A esgalhar e a atar molhos. Hei-de-te levar comigo, Linda prenda dos meus olhos. (s/i, CPP III, pág. 172)
§III-1825 Quem me vir de pau e manta Há-de crer que sou ganhão; Sou pastor e guardo gado	§III-1853 Moro à beira do Côa, Moro mesmo à beirinha, Da janela do meu quarto Ouço cantar a moleirinha. (Almeida, CPP III, pág. 169)	§III-1885 Fica-te embora, ó Douro, Videira de alvarelhão, Que eu vou para a minha terra, Ou cá tornarei ou não.
	§III1858	

- (Douro, CPP III, pág. 172) Nota de III-1884: «Embora» revela aqui ainda o sentido primitivo de «em boa hora».)
- §III-1886
Fui ao Douro à vindima
Não achei que vindimar;
Encontrei o meu amor
No jardim a namorar...
...
(s/i, CPP III, pág. 172)
- §III-1887
Fui ao Douro à vindima,
Não achei que vindimar:
Encontrei uma menina,
Com ela hei-de casar.
(Baião, CPP III, pág. 172)
- §III-1888
Fui ao Douro à vindima,
Não achei que vindimar:
Vindimaram-me as costelas
Foi o que lá fui buscar!
(C. Beira, CPP III, pág. 172)
Var.: Foi o que eu lá fui ganhar! –
Moimenta Beira.
- §III-1889
Fui ao Douro à vindima,
Não ganhei senão dé réis;
Vim pelo Douro acima,
Empreguei-os em anéis.
(Lamego, CPP III, pág. 172)
- §III-1890
Fui ao Douro à vindima,
Pagaram-me a trinta réis;
Fui ao mercado da Torre
Empreguei-os em anéis.
(T. Moncorvo, CPP III, pág. 173)
- §III-1891
Fui ao Douro à vindima,
Pagaram-me a trinta réis:
Gastei um vintém de cigarros,
Só me ficaram dez réis.
(Penaguião, CPP III, pág. 173)
- §III-1892
Fui ao Douro à vindima,
- Só ganhei... trinta réis:
Dei um vintém ao barqueiro,
Ficaram-me só dez réis.
(Lamego, CPP III, pág. 173)
- §III-1893
Fui ao Douro aos respigos,
Não achei que respigar:
Minhas conversas contigo
No que vieram a dar!
(V. N. Foz-Côa, CPP III, pág. 173)
- §III-1894
Fui lavar ao rio Douro,
Levou-me a água o sabão:
Ensaboei c'uma rosa,
Ficou-me o cheiro na mão.
(Resende, CPP III, pág. 173)
- §III-1896
Meu trabalho é no Douro,
Ganhando pouco dinheiro,
Com minha enxada na mão
Sou um triste cardanheiro.
(Mesão Frio, CPP III, pág. 173)
Nota: «Trabalhador que vem de
fora.»
- §III-1900
Não botei auga ao Douro
Que o Douro auga leba,
Botai-a ao meu lameiro
Onde bou segar a erba.
(Tabuaço, CPP III, pág. 173)
- §III-1901
Não há roxo como o lírio,
Nem verde como o loureiro,
Nem vinho como o do Douro,
...
(V. Real, CPP III, pág. 173)
- §III-1903
Ó Douro, que eras tão lindo,
Par'cias uma açucena,
Quem te viu e quem te vê,
Ó Douro que metes pena.
- Nós requ'remos ao Governo
Para samear tabaco;
Ele só quer os seus d'reitos
E de nós não dá cavaco.
- (Peso da Régua, CPP III, pág. 174)
- §III-1906
O meu amor'stá p'ra cima,
Foi carregar ao Pinhom,
Nossa Senhora mo livre
Dos embalos do Cadom.
(Cinfães, CPP III, pág. 174)
- §III-1908
Ó rapazes de Além Douro,
Botai p'ra cá a vendeira,
Que aí vai a rapaziada
Do povinho da Ribeira.
(Mesão Frio, CPP III, pág. 174)
- §III-1909
Os lavradores do Douro
São todos uns lanheiros
P'ra fazerem o trabalho
Mandam vir os cardanheiros.
(s/i, CPP III, pág. 174)
- §III-1910
Por bandas de Além Douro
Tinha eu os meus marmelos;
Se me não passa o barqueiro
Lá me caem de amarelos!
(T. Moncorvo, CPP III, pág. 174)
- §III-1918
Se queres que te vá ver
Além Douro, à Pesqueira,
Manda-me fazer o barco
Da casca de laranjeira.
(Resende, CPP III, pág. 175)
- §III-1919
Se queres que te vá ver
Além Douro, ao Pinhão,
Manda fazer um barquinho
Da raiz do coração.
(T. Moncorvo, CPP III, pág. 175)
- §III-1920
Se queres que te vá ver
Além Douro, Margarida,
...
(Resende, CPP III, pág. 175)
- §III-1922
Venho da terra do Douro,

Da vareja da azeitona. Inda me aqui apareces, Cada de pouca vergonha! (Penafiel, CPP III, pág. 175)	(Alandroal, CPP III, pág. 177)	Não os quero, toma-os tu: É como a fruta sombria, Que não tem gosto nenhum. (Nelas, CPP III, pág. 179)
§III-1925 Venho de Cima do Douro Da apanha da azeitona. Inda me aqui apareces, Cara de pouca vergonha! (Baião, CPP III, pág. 176)	§III-1938 No meio do Guadiana 'Stá um copo de água-mel. Não é copo nem é água: São os olhos de Manel.	§III-1965 Mondego, gostas de ver, As pernas às raparigas: Se são grossas ou delgadas, Se são curtas ou compridas. (Coimbra, CPP III, pág. 179)
§III-1926 Venho de Cima de Douro, Daquela terra mofina: Venho cheia de água-pé E de rabos de sardinha. (Mesão Frio, CPP III, pág. 176)	No meio do Guadiana 'Stá um copo de água fria. Não é copo nem é água: São os olhos de Maria. (s/i, CPP III, pág. 177)	§III-1966 Mondego, para que levas No meio tanto anecrim? Traz-me também uma carta De Coimbra para mim! (Coimbra, CPP III, pág. 179)
§III-1927 Venho de Cima do Douro, De ouvir cantar o coelho: Namorei uma menina Pela trança do cabelo. (Baião, CPP III, pág. 176)	§III-1942 Se ouvires cantar a c'ruja Lá p'ró rio da Guadiana, Não cuides que eu sou filha De algum maltês de cabana. (Portimão, CPP III, pág. 177)	§III-1968 Ó aguas do rio, ó águas, Ó águas do rio Mondego, Quem te teme não te bebe, Quem te bebe não tem medo. (s/i, CPP III, pág. 179)
§III-1929 Venho de Cima do Douro Venho fugindo à sede: Açucena me deu água Da raiz da salsa verde. (Baião, CPP III, pág. 176)	§III-1943 Também ouvi a coruja Nas barreiras do Guadiana, Quem tiver medo que fuja, Que eu sou o maltês Cabana. (Alandroal, CPP III, pág. 177)	§III-1971 Os areias do Mondego Semeados que darão? Darão cravos, darão rosas Para minha perdição. (C. Beira, CPP III, pág. 180)
§III-1930 Vinho fino do Alto Douro De forte me faz falar: Põe-me alegre, põe-me fino, E só me estrova o andar... (Penaguião, CPP III, pág. 176)	§III-1948 A água do rio Minho Vai ter ao rio Jordão; A mulher que é falsa ao homem Requer faca ao coração. (P. Coura, CPP III, pág. 178)	§III-1972 Os areais do Mondego Semeados que darão? Darão meninas bonitas Para a minha estimação. (C. Beira, CPP III, pág. 180) Var.: Para a minha perdição – Nelas.
§III-1933 Eu ouvi cantar a c'ruja Na arraia do Guadiana; Quem tiver medo que fuja, Que eu sou maltês de cabana. (Alentejo, CPP III, pág. 176)	§III-1953 ... Adeus, sombra dos salgueiros, Onde eu ia namorar. (Condeixa-a-Nova, CPP III, pág. 178)	§III-1973 Passarinho passa o Mondego; Passa o Mondego e não bebe; Também eu passo a noite Sem te ver, cara de neve. (s/i, CPP III, pág. 180)
§III-1935 Eu ouvi cantar a poupa Na barreira do Guadiana; Matei um pato real C'uma espingarda de cana.	§III-1959 Adeus, ó rio Mondego, Boas trutas lá agarrei; Não te gabes que me deixas, Que fui eu que te deixei! (Guarda; Melgaço, CPP III, pág. 179)	§III-1980 Ó rio, que assim bais grande, Oh, malo hajjas, Sabor! ...
	§III-1962 Amores de Além Mondego,	

(s/i, CPP III, pág. 180)	Da Tua ao Pinhão	Lisboa,
§III-1981	...	Papa fina, coisa boa.
Ó Sabor, que tanto cantas,	(s/i, CPP III, pág. 182)	(Cadaval, CPP III, pág. 185)
Ó Douro, que vais calado;	§III-2005	§III-2029
...	Meu amor, que estás em Tua,	Matança, Matancinha,
(s/i, CPP III, pág. 181)	Manda-me de lá sabão,	Magueija, Magueijinha,
§III-1982	Para lavar uma mágoa,	Terra de lobos
A ribeira do Sado	Que trago no coração.	E cima de todos.
Toda ela é minha,	(s/i, CPP III, pág. 183)	(s/i, CPP III, pág. 185)
Do Poço de El-Rei	§III-2007	Nota: «[Matancinha] Terra do
Até à Barrosinha.	Ó raparigas do Tua,	concelho de Maqueija».
(Portimão, CPP III, pág. 181)	Vinde lavar ao Pinhão:	§III-2032
§III-1991	A-i-água do rio Douro	Pesqueira,
Adeus, ó rio Teixeira,	Lava a roupa sem sabão.	Ladroeira.
Pedrinha onde eu lavava,	(Pesqueira, CPP III, pág. 183)	(s/i, CPP III, pág. 185)
À sombra do amieiro,	§III-2010	§III-2033
Aonde me eu namorava	A água da Vala vai turva,	Pesqueira,
(Mesão Frio, CPP III, pág. 181)	A do Tejo vai barrenta;	Linda roseira.
§III-1992	A água da Vala tem sal,	(s/i, CPP III, pág. 185)
Ai de mim, que já não posso	A do Tejo tem Pimenta.	§III-2034
Cantar uma cantiguinha!	(s/i, CPP III, pág. 183)	...
Eu bebi água do Tejo	Nota: «A Vala recebe as águas dos	Leva mulher p'ra cama
Ficou-me a fala baixinha.	pauis das searas de arroz e	E burro p'ra lenha.
(V. Alentejo, CPP III, pág. 181)	desemboca no Tejo.»	(s/i, CPP III, pág. 185)
§III-1993	§III-2024	§III-2041
Auga do rio do Tejo,	...	A minha nódoa de azeite
Auga de rio Maior,	Olha que quatro!	Por tempo se há-de tirar,
Não ateimes que eu não bebo,	E Alpalhão,	Mas a tua de judia
Não ateimes que é pior!	Oh que cinco terras são!...	Contigo se há-de acabar.
(Mação, CPP III, pág. 182)	(s/i, CPP III, pág. 184)	(Coimbra, CPP III, pág. 186)
§III-1999	§III-2025	§III-2046
O Tejo, quando vai grande	Juromenha,	Eu já vi'star a saloia
Leva a folha ao miomendro	Bem de trigo,	Na praça a vender sabão:
A palavra que te eu digo	Melhor de lenha.	Deitava de contrapeso
'Stá firme, não me arrependo.	(s/i, CPP III, pág. 184)	As asinhas dum pavão.
(s/i, CPP III, pág. 182)	§III-2026	(s/i, CPP III, pág. 186)
§III-2003	Homem do Minho	§III-2047
Fui lavar ao Rio Tinto,	Calça de pau, veste de linho,	Eu já vi'star a saloia
Deixei fugir o sabão:	Come pão de passarinho,	Na praça a vender toucinho:
Lavei a roupa com rosas	Bebe vinho de enforcado,	Deitava por contrapeso
Ficou-me o cheiro na mão!	Arrenega dele como do diabo!	As asas dum passarinho.
(s/i, CPP III, pág. 182)	(s/i, CPP III, pág. 184)	(Lisboa, CPP III, pág. 186)
§III-2004	Nota: «Primoroso como síntese	§III-2048
Do Pinhão à Tua,	etnográfica e psicológica.»	Não há sapato que ature
	§III-2028	

Nem perna que possa andar, Que acompanhe uma saloia De Loures ao Lumiar. (Sintra, CPP III, pág. 186)	§III-2056 Sou saloia, honro-me disso, P'ra casacas não sou má. Os janotas atrevidos Sei correr a varapau. (s/i, CPP III, pág. 187)	Também falo ao meu amor Quando tenho ocasião. (Leiria, CPP III, pág. 187)
§III-2049 Não há sapato que ature Nem perna que tanto ande, Que acompanhe uma saloia De Loures ao Campo Grande. (s/i, CPP III, pág. 186)	§III-2057 Sou saloia, trago botas, E mantéu até ao meio, Lenço grande no pescoço P'ra tapar meu lindo seio. (Mértola, CPP III, pág. 187)	§III-2064 Sou saloia, vendo leite, Também vendo requeijão, Também falo ao meu Manuel, Quando tenho ocasião... (Sintra, CPP III, pág. 187)
§III-2050 O bailarico saloio Não tem nada que saber: ...	§III-2058 Sou saloia, trago botas, Também trago as minhas meias, Tenho a cintura delgada, Sem precisar de baleias. (Mértola, CPP III, pág. 187)	§III-2077 - Minha preta, toma, toma. - Mê Senhor qu'hê de ê tomar? - Toma esta caranguejola Que inda agora veio do mar. (Portimão, CPP III, pág. 189)
§III-2051 Ó saloia, dá-me um beijo, E eu dou-te o meu coração; ...	§III-2059 Sou saloia, trago gotas, Também trago meias pretas; Não me fales em namoro, Não creio nas tuas tretas. (Mértola, CPP III, pág. 187)	§III-2080 ... A dança dos pretos Não tem mais que ver; Acabada a dança, Vamos a beber. (s/i, CPP III, pág. 189)
§III-2052 Ó saloia, dá-me um beijo, Que eu te darei um vintém, Os beijos de uma saloia São poucos, mas sabem bem...	§III-2060 Sou saloia, targo botas, Também trago meu mantéu, Também tiro a carapuça A quem em tira o chapéu. (s/i, CPP III, pág. 187)	§III-2086 - Olé, quem é? - O preto que vem da Sé Com seu charuto na boca E seu sapato no pé. (Gondomar, CPP III, pág. 190)
§III-2053 Ó saloia, dá-me um beijo, Que me estou morrendo à fome, O beijo duma saloia É o sustento dum home. (s/i, CPP III, pág. 187)	§III-2061 Sou saloia, trago botas, Também trago o meu cordão, E por medalha pendente De ouro um bom coração. (Mértola, CPP III, pág. 187)	§III-2088 Real Senhor eu vou passando À sombra da bananeira, Diz o preto para a preta: - Está bonita a brincadeira! (s/i, CPP III, pág. 190)
§III-2054 Quem me dera em Lisboa, À porta duma taberna, P'ra ver dançar as saloias, De bota à meia perna. (Rio Maior, CPP III, pág. 187)	§III-2062 Sou saloia, Na cedade de Lisboa; Dizem todos os janotas: - Ó saloia, és tão boa! (Mértola, CPP III, pág. 187)	§III-2089 - Sabes tu bem cozinhar, Meu pretinho? ... - E não sabo nara risso, Meu sior. (s/i, CPP III, pág. 190)
§III-2055 Quero cantar à saloia, Já que outra moda não sei, Minha mãe era saloia, E eu com ela me criei...	§III-2063 Sou saloia, vendo leite, Também vendo requeijão,	§III-2090 Torradas, novas torradas, Torradas lá baixo à Bica! Dei um beijo numa preta,

Que me soube a fava rica. (s/i, CPP III, pág. 190)	(Ilha S. Jorge, CPP III, pág. 192)	§III-2151 ...
Nota: «A quadra deve ser originária de Lisboa, onde existe o bairro da Bica. Aí se vendia «fava rica», pelas ruas, de manhã.»	§III-2134 Adeus, terra do Faial, Canada dos olmos brancos, ... (Ilha Faial, CPP III, pág. 194)	Terceira, faca sem ponta, ... (Ilha Faial, CPP III, pág. 195)
§III-2091 - Trás! Trás! – Quem é? - É preto que vem de Angola, Com seu charuto na boca E seu chapéu à espanhola. (s/i, CPP III, pág. 190)	§III-2135 Adeus, terra do Faial, Terra de muita Faieira, ... (Ilha Faial, CPP III, pág. 194)	§III-2152 ... Terceira, faca sem ponta, ... (s/i, CPP III, pág. 195)
§III-2092 Os da Serra são labregos, ... (Ilha S. Maria, CPP III, pág. 190)	§III-3138 Ir à Caldeira é gosto, ... (Ilha Faial, CPP III, pág. 194)	§III-2153 Coração de pedra dura, Entranhas de pederneira: Foi-se o meu amor embora Para a ilha da Madeira. (Portimão, CPP III, pág. 196)
§III-2097 No mar da Ribeira Quente Se apanham caranguejolas; Coitado de quem cria filhas Para certos mariolas! (Ilha S. Miguel, CPP III, pág. 191)	§III-2140 Ó Caldeira, ó Caldeira, Quem te largara o fogo Para semear de milho Para sustento do povo! (s/i, CPP III, pág. 194)	§III-2157 Nossa Senhora do Monte Tem um filho lavrador, Para lavrar a madeira P'ra capela do Senhor. (Ilha Madeira, CPP III, pág. 196)
§III-2099 Se tu for's para a cidade, Passas pelo Livramento; Eu te rogo que não bebas Água do esquecimento. (Ilha S. Miguel, CPP III, pág. 191)	§III-2141 Adeus, Fajã, vou deixar-te! ... Fajã Grande à beira-mar, ... (Ilha Flores, CPP III, pág. 194)	§III-2158 Pescador de água doce, Empresta-me o teu anzol; Quero pescar as garoupas No mar da Ponta do Sol. (Ilha Madeira, CPP III, pág. 196)
§III-2101 Vale das Sete Cidades, Vale de muita faieira: Vem o vento, leva a rama, Apenas fica a madeira! (Ilha S. Miguel, CPP III, pág. 191)	§III-2145 ... Fui buscar tabaco ao Pico, P'ra fumar c'os da Madeira. (Ilha Faial, CPP III, pág. 195)	§III-2159 Senhora da Piedade, Morais no alto do monte, Protegei os pescadores Que pescam aí defronte. (Ilha Madeira, CPP III, pág. 196)
Nota: «Faieira: (...) Cepa com muitas folhas. Faia é a madeira.»	§III-2146 Graciosa, mãe das uvas, Pico e Faial dos damascos, Terceira é mãe das nesp'ras, São Jorge é o rei dos pastos. (Ilha S. Jorge, CPP III, pág. 195)	§III-2161 A azeitona caiu na água, Embarcou para o Brasil; Quem por mim perdia o sono Agora pode dormir. (s/i, CPP III, pág. 196)
§III-2115 ... Para lá do Norte Grande, À borda da água salgada! (Ilha S. Jorge, CPP III, pág. 192)	§III-2149 ... Ó Pico, Pico das faias: ... (s/i, CPP III, pág. 195)	§III-2162 A laranja caiu na água, Embarcou, foi p'ro Brasil; Quem por mim perdia sonos, Agora os pode dormir.
§III-2117 Para a banda das Manadas Já não há que procurar: ...		

(Mogadouro, CPP III, pág. 196)	O alecrim do Brasil Tem a folha recortada: Para a dor de cotovelo Não há coisa mais provada... (Minho, CPP III, pág. 199)	Vossos cabelos da testa Mandai-os tingir de anil Para servirem de amarras À nau que vem do Brasil. (Ilha S. Jorge, CPP III, pág. 202)
§III-2164 Atirei c'uma azeitona De além do mar ao Brasil; Quem por mim perdia o sono, Agora pode dormir. (Lamego, CPP III, pág. 197) Var.: Atirei c'uma laranja – T. Moncorvo.	§III-2194 O alecrim do Brasil Tem na forma como o nosso: Quero-te dizer adeus, Com as saudades não posso! (M. Canaveses, CPP III, pág. 199)	§III-2228 As mulatas da Baía Já não comem bacalhau: Comem belo arroz doce, Bela farinha de pau. (s/i, CPP III, pág. 202)
§III-2166 - Brasileiro de água doce, ... (s/i, CPP III, pág. 197)	§III-2201 Ó oliveira do Brasil, Bota cachinhos de prata, Tomar amores não custa, O deixá-los é que mata! (V. Castelo, CPP III, pág. 200)	§III-2238 Já fui ao Brasil, Já fui ao Pará, Já comi banana Do seu bananã. (C. Sal, CPP III, pág. 203)
§III-2169 Deitei o limão correndo, Correndo foi ao Brasil; Quem por mim perdia o sono Já pode agora dormir. (s/i, CPP III, pág. 197)	§III-2202 Ó oliveira do Brasil, Manda-me p'ra cá um ramo, Que o meu amor é teimoso: A teima dura-lhe um ano. (Penafiel; P. Lima, CPP III, pág. 200)	§III-2246 Adeus, Rio de Janeiro, Cercado de água salgada, No meio tem água doce, Onde o meu amor se lava! (M. Canaveses, CPP III, pág. 204)
§III-2177 Eu o vinho não o pago, Que eu dinheiro não o tenho; Esp'rai moças um bocado Que eu vou ao Brasil e venho... (V. N. Cerveira, CPP III, pág. 198)	§III-2206 Quando eu fui ao Brasil, Num navio de carvão, ... (Baião, CPP III, pág. 200)	§III-2251 Lá no Rio de Janeiro Ia eu morrendo à sede: Uma sécia me deu água Da raiz da salsa verde. (Alentejo, CPP III, pág. 204)
§III-2183 Já fui ao Brasil e vim, De lá trouxe o meu cruzado: Eu andei pelas tavernas, Lá o deixei empenhado! (Minho, CPP III, pág. 198)	§III-2214 Se o mar fosse de leite, Como é de água salgada, Ia-te ver ao Brasil, Minha rosinha encarnada! (Beira, CPP III, pág. 201) Var.: Embarcava para a América Sem pagar frete nem nada – Ilha S. Miguel.	§III-2268 Eu casei c'um rapazito De além da raia de Espanha; Posso-me agora gabar: Já tenho um burro p'ra lenha! (C. Beira, CPP III, pág. 206)
§III-2186 Já não há quem queira dar Uma filha a um moleiro; 'Stá à espera que lhe venha Do Brasil um brasileiro. (C. Beira, CPP III, pág. 199)	§III-2215 Se o mar fosse de leite E as ondas de requeijão, Eu ia-te ver ao Brasil, Amado, querido irmão. (s/i, CPP III, pág. 201)	§III-2269 Eu vou daqui para Espanha Vou segar e atar molhos; ... (Mesão Frio, CPP III, pág. 206)
§III-2187 Limocero do Brasil, Deita p'ra cá um limão: Quero tirar uma nódoa Que trago no coração. (Baião, CPP III, pág. 199)	§III-2227	§III-2275 ... Passei a raia da Espanha A cavalo duma lebre, P'ra que digam os'spanhóis:
§III-2193	§III-2227	

- Que cavalo tão alegre! (Bragança, CPP III, pág. 206)	Às meninas de Castela: Matei uma castelhana Que estava de sentinela. (s/i, CPP III, pág. 209)	(Castelo Vide, CPP III, pág. 210) Nota: «Las muchachas de Olivenza / No són como las demás, / porque són hijas de España / Y nietas de Portugal. Cfr. Etnografía Portuguesa, vol. III, 605.»
§III-2276 Quem me vir de pau e manta Julgará que sou pastor: Sou filho do rei de Espanha, Neto dum imperador. ... (Barroso, CPP III, pág. 206)	§III-2301 O alecrim de Castela Tem a folha recortada; Quem souber dos meus amores Cale-se, não diga nada. (B. Alta, 1891, CPP III, pág. 209)	§III-2318 Joguei o limão correndo, Correndo foi dar à França: Encontrei co' o meu amor Dançando uma contradança. (Portimão, CPP III, pág. 211)
§III-2281 Galeguinhos da Galiza, Vós que vindes cá buscar? - Vimos ao vinho barato Para nos emborrachar. (Melgaço, CPP III, pág. 207)	§III-2309 Eu já fui a Olivença No tempo que andive à malta; É preciso ter paciência Quando a ventura nos falte. (Elvas, CPP III, pág. 209)	§III-2322 O alecrim na Itália Deita cheiro que descende, Assim é o meu amor: Onde quer que chega, prende. (s/i, CPP III, pág. 211)
§III-2284 O loureiro bate, bate Com as pontas na Galiza: É um regalo brincar Com as moças em camisa. (M. Canaveses, CPP III, pág. 207)	§III-2310 Eu já fui a Olivença ... (Nisa, CPP III, pág. 210)	§III-2327 Se o Padre Santo soubera O gosto que o fado tem, ... (Santo Adrião, CPP III, pág. 211)
§III-2289 Os galegos da Galiza Nem sabem fiar a lã: Andam de porta em porta Co' o gadelinho na mão.	§III-2311 Eu já fui a Olivença, ... (Crato, CPP III, pág. 210)	§III-2330 Ó meu copo de Vineza, Ó salva de prata fina, Ó Lua, que dás clareza, Ao Sol quando inclina. (Avis, CPP III, pág. 212)
Os galegos da Galiza Nem sabem fiar o linho, Andam de porta em porta Co' a estriça no focinho. (C. N. Cerveira, CPP III, pág. 208)	§III-2312 Mandei vir a verde salsa Da Olivença de Espanha; Tenho raiva à gente falsa, Que a mim tanto acompanha. (Mação, CPP III, pág. 210)	§III-2332 Eu há pouco mandei vir Uma peneira de Hamburgo, Para peneirar a neve Da serra do Caramulo. (s/i, CPP III, pág. 212)
§III-2297 Se fores a Portugal Não fales co' os portugueses, Que eles prometem e dão Semente de nove meses... (s/i, CPP III, pág. 208)	§III-2313 Na vila de Olivença Não se pode namorar: ... (Olivença, CPP III, pág. 210)	§III-2333 Fui à Espanha, sou' spanhola, Fui à França, sou francesa, Passei por Campo Maior, Me chamaram camponesa. (s/i, CPP III, pág. 212)
§III-2298 Tenho um pinheiro muito alto, A rama chega a Galiza: ... (s/i, CPP III, pág. 209)	§III-2314 No caminho de Olivença ... (C. Beira, CPP III, pág. 210)	§III-2337 Minha Senhora dos Verdes Metida nos olivais: Eu vou preso para as Índias,
§III-2299 Atirei c' uma azeitona	§III-2316 Olivença, Olivença, Olivença não é Espanha. Amor, faz a deligença E vem p' rã minha companha.	

...	§III-2354	Na cidade de ...
(Loulé, CPP III, pág. 213)	Adeus, ...	Cuidei de morrer à sede;
§III-2338	Logo ali à entrada	Uma sécia me deu água
Ó minha caninha verde,	'Stá uma pereirinha nova	Da raiz da salva verde.
Ó minha verde caninha,	Que inda não foi abanada.	(fórmula, CPP III, pág. 218)
Meu amor, quem te atirara	(fórmula, CPP III, pág. 215)	
Com uma laranja da China!	Var: Que ainda não foi varejada.	§III-2401
(V. Alentejo, CPP III, pág. 213)	§III-2379	Ó ... pequenino,
§III-2339	Atirei c'uma laranja	Tens figueiras ao redol,
Por aquele mar abaixo	De ... ao cais;	Raparigas como a Lua
Vai um barco – tope, tope:	Cuidando que me esquecias,	E rapazes como o Sol.
Leva laranjas da China	Cada vez me lembrás mais!	(fórmula, CPP III, pág. 219)
Para as meninas do norte.	(fórmula, CPP III, pág. 217)	
(V. N. Gaia, CPP III, pág. 213)	§III-2380	§III-2404
§III-2340	Boa terra é ...	O lugar de ...
Toma lá este limão,	Boa terra, melhor gente:	É um lugar bem bonito:
É da China, veio do mar,	Dá de comer a quem passa	À entrada tem'ma rosa
Para te tirar o fastio	Se leva dinheiro corrente...	E à saída um manjerico.
Que tu tens de me falar.	(fórmula, CPP III, pág. 217)	(fórmula, CPP III, pág. 219)
(Maia, CPP III, pág. 213)	§III-2381	§III-2410
§III-2341	Boa terra é ...	Ó oliveira do ...
Que lindas camélias brancas	Dá de comer a quem passa:	Bota cachinhos de prata.
Colhidas no Jarapão!	Se não levarem dinheiro,	Tomar amores não custa,
Quem me dera ser camélia	Nem água lhes dão de graça!...	O deixá-los é que mata.
Colhida por tua mão!	(fórmula, CPP III, pág. 217)	(fórmula, CPP III, pág. 219)
(Nisa, CPP III, pág. 213)	§III-2387	§III-2414
§III-2344	Fui lavar ao rio ...	Os homens de ...
A vila de ...	Deixei fugir o sabão;	São poucos e são valentes:
De pequena, mete graça:	Lavei a roupa com rosas,	Levam a pia dos porcos
Tem uma fonte no meio,	Ficou-me o cheiro na mão.	Atravessada nos dentes.
Dá de beber a quem passa.	(fórmula, CPP III, pág. 217)	(fórmula, CPP III, pág. 220)
(fórmula, CPP III, pág. 214)	§III-2388	§III-2415
§III-2345	Hei-de ir para ...	Quereis que eu viva em ...
A vila de ...	Por ser terra de muito pão:	Não sei que graça lhe achais:
De pequenina, tem graça:	Sobem os galos às medas,	Terra de milho miúdo,
Tem um chafariz no meio	Chegam com o rabo ao chão...	Alimento de pardais.
P'ra beber quem nela passa.	(fórmula, CPP III, pág. 218)	(fórmula, CPP III, pág. 220)
(fórmula, CPP III, pág. 214)	§III-2389	§III-2419
§III-2346	Já lá vai o sol abaixo	Venho da terra do ...
À vila de ...	Metido num pucarinho;	Da vareja da azeitona.
Duas coisas lhe dão graça:	Já lá vai o brio todo	Inda me aqui apareces,
É a torre do relógio	Das meninas de ...	Cara de pouca vergonha!
E o chafariz da Praça.	(fórmula, CPP III, pág. 218)	(fórmula, CPP III, pág. 220)
(fórmula, CPP III, pág. 214)	Var.: laranja / tigela.	§III-2421
	§III-2395	A azeitona cordovil
		Que dá o azeite bento,
		Alumia toda a noite

Ao Divino Sacramento. (Norte, CPP III, pág. 221)	§III-2440 Não cortes a oliveira Nem lhe metas o machado, Que a oliveira é benta: Alumeia ao sagrado. (V. N. Cerveira, CPP III, pág. 222)	Amor perfeito é Jesus, Filho da Virgem Maria. (s/i, CPP III, pág. 224)
§III-2425 Apanhemos a azeitona, Que ela tem azeite dentro; Alumia toda a noite Ao Divino Sacramento. (V. Alentejo, CPP III, pág. 221)	Var.: Que é o que dá o azeite P'ra alumiar ao sagrado.	§III-2483 Alto pinheiro redondo, Senhora da Conceição, Muitas meninas se perdem Por causa da presunção.
§III-2429 Deus deixou aos homens Por suas artes, lições, Livres de pestes e fomes, Que rezassem orações. (Aljustrel, 1899, CPP III, pág. 222)	§III-2447 Quando as três vozes soaram Para o homem ser formado Nem as terras davam pão Nem o mar era sagrado. (s/i, CPP III, pág. 223)	Alto pinheiro redondo, Senhora da Piedade, Muitas meninas se perdem Por causa da liberdade. (V. N. Foz-Côa, CPP III, pág. 226)
§III-2433 Fui-me deitar a dormir Sobre a fonte cristalina; Acordei, 'stava sonhando Na graça de Deus divina. (C. Beira, CPP III, pág. 222)	§III-2448 Quando Deus formou a Adão Duma mancheia de barro, Nem a terra dava pão Nem o mar era sagrado.	§III-2487 Cheira-me aqui a incenso, É um cheiro que consola. É o manto da Senhora, Que lho puseram agora. (O. Hospital, CPP III, pág. 227)
§III-2436 Muito lindo, é o Céu, Todo cheio de felores: Lá não há fome nem sede Nem afelições nem dores. (V. Castelo, CPP III, pág. 222)	Quando Deus formou a Eva Numa costela de Adão, Nem o mar era sagrado, Nem as terras davam pão. (Parede, CPP III, pág. 223)	§III-2492 Ergui-me de manhã cedo, Cedinho, ao cantar do galo, ... E no meio do caminho O Menino pediu água. Logo se abriu uma fonte De manjedoura cercada.
§III-2437 Não corte'la oliveira, Ao fio do tê machado, Que dá fruto que alumia A Jesus sacramentado. (Beja, 1898, CPP III, pág. 222)	§III-2452 Quando se diz Sanctus, Sanctus, Desce Deus do Céu à Terra; Naquela hóstia divina Todo o nosso bem se encerra. (Portimão, CPP III, pág. 224)	Que fonte tão preciosa, Água de tanta alegria, Onde bebe o Deus Menino, ... A fonte tinha três chaves, As três com que se servia: Uma com que se fechava, Outra com que se abria, A outra convertia as almas De todo o que ali apar'cia. (Faro, CPP III, pág. 227)
§III-2438 Não cortei'la oliveira Que ela tem azeite dentro, Que alumeia toda a noite O Santíssimo Sacramento. (s/i, CPP III, pág. 222)	§III-2458 Trigo loiro, trigo loiro, Ninguém sabe o teu valor; Tu entras na hóstia santa, Serves a Nosso Senhor. (Alcobaça, CPP III, pág. 224)	§III-2498 Levantei-me de madrugada Ô cantar do perdigão, ... (V. Real, CPP III, pág. 228)
§III-2439 Não cortes a oliveira, Não lhe metas o machado, Porque o seu fruto alumia A Jesus sacramentado. (Alcobaça, CPP III, pág. 222)	§III-2459 Trigo louro, trigo louro, Quem me dera o teu valor; Entras no cálix divino, Serves a Nosso Senhor! (V. Alentejo, CPP III, pág. 224)	
	§III-2462 Chamaste-me amor perfeito, Coisa que a terra não cria;	§III-2502 No meio daquele mar

'Stá um copo de água fria; Não é copo, não é nada: É o coração de Maria. (Aveiro, CPP III, pág. 228)	Os dez mandamentos da Lei do Amor ... Sexto é guardar castidade, Deus me livre da impureza, Amo-te, porque és tão pura Como a rosa e a açucena. ... (s/i, CPP III, pág. 232)	O alimento que vamos tomar Para melhor podermos Servir e amar. (s/i, CPP III, pág. 235)
§III-2512 Ó pastorinho da serra, Deus te guarde o gado teu, Vai ao povo e anuncia Qual é o desejo meu. (Bragança, CPP III, pág. 229) Nota: «Quadra referente à Senhora das Neves em Rebordãos.»	§III-2540 Os Sete Sacramentos ... O terceiro é comunhão, Quem comungar é cristão. Trago a Deus na minha alma E a ti no meu coração. ... (Bragança, CPP III, pág. 233)	§III-2545 Graças vos dou, meu Deus, Que me destes de comer Sem eu merecer. Dai-me o céu quando eu morrer. (s/i, CPP III, pág. 235)
§III-2522 Todos os dias à tarde Tenho esta devoção De ir buscar'ma quarta de água À S'nhora da Conceição. (Estremoz, CPP III, pág. 230) Nota: «Capela em Vieiros, com fonte de bicas.»	§III-2541 Os sacramentos ... Terceiro é comunhão, Quem comunga, confessou-se, Encerrou-se bem em nós, Para o outro acabou-se. (Barcelos, CPP III, pág. 234)	§III-2549 Bendita seja a luz do dia, Bendito seja que ma cria, Bendita a água das fontes, Bendita a urze dos montes, Bendito o linho da estriga, Bendito o pão na espiga E o pão alvo já cozido. Bendito o rico e o desvalido, Bendita a ovelha que dá a lã E o arado que lavra a chã. Bendita a Virgem Maria, P'ra que nos dê um bom dia E na hora da nossa morte Nos assista e nos conforte, Nos dê graça, nos dê luz Ora e sempre. Amém Jesus. (B. Alta, CPP III, pág. 236) Nota: «Cfr. Aquilino Ribeiro. Andam Faunos pelos Bosques.»
§III-2525 Vou-me por aqui p'ra baixo Aos pinchinhos como a rola. ... (Mesão Frio, CPP III, pág. 230)	§III-2542 Os sacramentos são sete, ... É o quarto comunhão, Por ela adorar-te juro; Se estás na graça de Deus, Conta o Céu como seguro. ... (V. Alentejo, CPP III, pág. 234)	§III-2550 ... Bendito seja o ventre sagrado Da Virgem Santa Maria, ... (B. Alta, CPP III, pág. 236)
§III-2527 Ao Senhor do Palheirinho Vou fazer uma novena: O meu amor enjeitou-me, Eu arreberto de pena. (C. Daire, CPP III, pág. 231)	§III-2543 ... Nestes sete sacramentos. ... O terceiro é comunhão. Quem comunga, confessou; És a mais linda rosa Que no meu peito entrou. ... (Baião, CPP III, pág. 235)	§III-2552 ... Que seja tão alegre em minha vida Assim como foi o Verbo em carne No ventre da Virgem Maria. (Guimarães, CPP III, pág. 236)
§III-2532 O meu amor'stá doente Num leite de laranjeira; Nossa Senhora que o visite, Que eu não posso, antes que queira. (Sines, CPP III, pág. 231)	§III-2544 Abençoai, Senhor,	§III-2562 ... Nosso Pai'stava chorando Pelos copinhos da espada Por lhe meter freirinha,
§III-2534 Ó Senhora da Boa Nova, Dai-me novas do meu bem, Que eu não posso estar atida Às migalhas de ninguém. (Maia, CPP III, pág. 231)		
§III-2540		

Freirinha de Santa Clara. ... (Resende, CPP III, pág. 239)	§III-2569 Quando Deus era menino Pôs o pé no seu altar E o sanguinho a pingar. - Tem-te, tem-te, Madanela, Não no queiras alimpar; Que isto são as cinco chagas ... (Minho, CPP III, pág. 243)	§III-2577 ... São Miguel de Creixomil, Dai-nos favas e perrexil. Castanhinhas temo-las nós. ... (Guimarães, CPP III, pág. 244)
§III-2563 ... Bendito, louvado seja O divino Sacramento; Dos anjos sejais maná E das almas feliz sustento.	§III-2570 ... Cruz no monte, cruz na fonte, Nunca o Diabo me encontre, ... (Lamego, CPP III, pág. 243)	§III-2582 A semana tem seis dias Que os vou eu distinguir; ... À terça-feira é a água Que rega toda a verdura, Também rega esses teus olhos E essa tua formosura. ... À quinta-feira é o alecrim Que dá a flor excelente; A todos falas verdade Só a mim é que me mentes.
Este divino maná Quem o tomar dignamente Terá por certo viver Lá nos Céus eternamente.	§III-2571 ... Sete candeias a alumiar. ... Canta o galo, sai a cruz, Ó meu Menino Jesus! (V. Castelo, CPP III, pág. 243)	À sexta-feira é o trevo Que nasce rente com o chão; Só o meu amor é que sabe Se lhe quero bem ou não (Tavira, CPP III, pág. 247)
É tão suave sustento Que se nos dá neste pão, Que nele se representa Os mistérios da Paixão. ... (Aveiro, CPP III, pág. 240)	§III-2573 Cruz no monte, cruz na fonte, Nunca o diabo me encontre, ... (s/i, CPP III, pág. 243)	§III-2585 Os seis dias da semana Eu tos vou a distinguir; ... Segunda-feira é o trevo Que anda rentinho ò chão, Delicado na cintura, Inda me há-de vir à mão. ... Sexta-feira é águas claras Que regam toda a verdura. ... (Póvoa Lanhoso, CPP III, pág. 248)
§III-2564 Mandamentos da lei de Deus ... O nono: não desejar A mulher que não é sua Por isso é que se jejua Para vícios mortificar. ... (Alenquer, CPP III, pág. 241-2)	§III-2575 Santa Bárbara bendita, Que no Céu estais escrita Com vosso livro na mão, Pedi a Nosso Senhor Que nos livre do trovão, Espalhai-o p'ra bem longe, Onde não haja pão nem vinho Nem felor de rosmaninho Nem oiçais cantar o galo Nem repenicar o sino. (s/i, CPP III, pág. 243)	§III-2592 ... Domingo vou comungar; Diz-me agora, comadrinha, Quando hei-de trabalhar. (Trás-os-Montes, CPP III, pág. 250)
§III-2566 ... Esta água benta toma Em refeição de meus pecados: ... (Portimão, CPP III, pág. 242) Nota: «Cfr. lat. refectio = remédio.»	§III-2576 Santa Helena ... Co'as três Marias vos encontrastes, Com elas pão e peixes ceastes, ... (Régua, CPP III, pág. 244)	§III-2593 ... Na sexta amasso,
§III-2568 Quando Deus era menino Assubiu ao seu altar. O sanguinho a pingar. Tem-te, tem-te, Madalena, Não o queiras alimpar, Que isto são as cinco chagas ... (A. Valdevez, CPP III, pág. 242)		

...		Já lá vem o mês de Março
Que mais queres, homem de todos os diabos? (V. N. Famalicão, CPP III, pág. 250)	§III-2602 Quinta-feira de comadres, Tive açorda p'ró jantar, Para a ceia feijões frades, Foi o que pude alcançar!	Quando se semeia o milho; Eu de onde estou bem vejo Andar tudo num sarilho. (Baião, CPP III, pág. 253)
§III-2596 Aí vai já o Entrudo Pelo caminho do poço; Vai gritando em altas vozes Que lhe cortaram o pescoço. (Castro Verde, CPP III, pág. 251)	Detrás daquele outeiro 'Stá um calhameiro A comer carne de burro, Cuidando que é de carneiro.	§III-2614 Domingo de Lázaro Agarrei um páxaro; Domingo de Ramos O depenamos; Domingo da'Surreição O papamos. (C. Basto, CPP III, pág. 253)
§III-2597 Aí vem o Santo Entrudo Gordo e repochunchudo; ...	Vivam os calhameiros, Dormem no minturo: Por baixo tojos, Por cima peles de burro. (Nisa, CPP III, pág. 252)	§III-2618 ... Era no Maio, no Maio, O regalo dos boieiros; Coitadinhos dos pastores Que dormem pelos chiqueiros! (s/i, CPP III, pág. 254)
Ele é um homem tão honrado Que a maior matança fez: Foi um rato... Ele, o unto era tão cheio Que tinha uma quarta-feira Menos arrátel e meio. (Amarante, CPP III, pág. 251)	§III-2606 Já lá se vai o Entrudo Com galinhas e capões; Agora vem na Quaresma, Estudam-se as orações.	
§III-2598 ... Esta pulha vai deitada, Vai por cima duma navalha: Traz para cá muita besta Mas este ano há pouca palha! ...	Já lá se vai o Entrudo Com galinhas e carofos, Agora vem na Quaresma, Estudam-se os padres-nossos.	§III-2619 ... Veides o Maio, O Maio, mocinhos? Vamos à caixa Das castanhinhas.
(Cadaval, 1897, CPP III, pág. 251)	Já lá se vai o Entrudo Pelo barranco da nora, Gritando em altas vozes: - A Quaresma me põe fora! (Serpa, CPP III, pág. 252-3)	Este Maio, moças Chama-se boticário, Vendeu a botica P'ra comprar o saio; O saio era roto, Botica vendida.
§III-2599 Eu hei-de mandar fazer, Que eu não posso fazer tudo, Uma ponte de filhoses Para passar o Entrudo. (C. Verde, CPP III, pág. 251)	§III-2607 Já se acabou o Entrudo, Já não se fazem funções; Agora vem a Quaresma: Calabaças com feijões. (Alandroal, CPP III, pág. 253)	Ele lá vai, ele lá vem, Pelos hortas de Santarém; Viva, viva, viva o Maio! (Penaguião, CPP III, pág. 254) Nota: «No 1.º de Maio, segundo superstições locais, é preciso comprar castanhas, porque senão, ao passar-se por um burro, este deita-se à pessoa e morde-a.»
§III-2600 Lá abaixo vem a raposa Com seu rabo gadelhudo Perguntando aos pastores Quando é o dia de Entrudo. (V. Alentejo, CPP III, pág. 251)	§III-2610 Sarre-se a velha Dentro da panela; Sarre-se a nova Dentro da gaiola; Sarre-se a preta Dentro da gaveta. (Guimarães, CPP III, pág. 253)	
§III-2601 O coração duma pomba É maior que o dum pardal; ...	§III-2611	§III-2620 ... O Maio-moço era boticairo, Vendeu a botica p'ra comprar um saio.
(Arronches, CPP III, pág. 251)		

O saio era roto, botica perdida!	Ele além vem Pelas hortas abaixo.	Pelas hortas De Santarém!
Lá vai pela horta abaixo, Lá vai pela horta acima. (Lamego, CPP III, pág. 256)	... (Alvações do Corgo, CPP III, pág. 257)
O Maio-moço era celeirão, Vendeu a botica ao Bota-carvão!	§III-2626 O meu Maio-moço ...	§III-2630 No Maio, era no Maio, No tempo das ervas-flores; Agora chegou o tempo Das boeiras ter amores. (Bragança, CPP III, pág. 257)
Lá vai pela horta abaixo, Lá vai pela horta acima ... (Mesão Frio, CPP III, pág. 255)	Ele lá vai Por hortas abaixo, Ele lá vai Por vinhas acima; ...	
§III-2622 O meu Maio é de lírios ... O meu Maio, Maio, mocinhas, Vamos à caixa Das castanhinhas. (Minho, CPP III, pág. 255)	(Algarve, CPP III, pág. 256) §III-2627 O meu Maio-moço Era boticairo Vendeu a botica P'ra comprar um saio.	§III-2631 O mês de Maio é comprido, A minha mãe não amassa; Cantemos uma cantiga Enquanto a fome passa. (s/i, CPP III, pág. 257)
§III-2623 O meu Maio-moço ... Ele além vem Pelas hortas acima; Ele além vem Pelas hortas abaixo. ... Ele além vem Pelas hortas acima; Ele além vem Pelas hortas abaixo. (Lamego, CPP III, pág. 255-6) Nota: «Colhi em 12-8-77.»	O saio era roto, Botica vendida: Agora, meu Maio, Procura tua vida. (Viseu, CPP III, pág. 257)	§III-2632 Vai-te embora, mês de Maio, Deixa vir o São João; Se as searas me ajudarem Casarei-me para o V'rao. (Moura, CPP III, pág. 257)
§III-2624 O meu Maio-moço ... Hortas abaixo, Hortas acima, ... (Lamego, CPP III, pág. 256) Nota: «(...) pelos anos de 1840 (...).»	§III-2628 Vede-lo Maio, Maio anão; Vede-lo Maio Pelo rego do pão. ... (Viseu, CPP III, pág. 257)	§III-2638 ... Toda a mulher que é honrada Pela esmola é conhecida. ... Esta noite não se dorme, Que é noite de janeiras, Cheira a cravo, cheira a rosas, Cheira a flor de laranjeiras. ... Vinha eu por ali abaixo, Encalhei co'uma tamiça; Não venho aqui por mais nada Senão por uma chouriça.
§III-2625 O meu Maio-moço, ... Ele além vem Pelas hortas acima;	§III-2629 Vedes o Maio, Maio, mocinhas! Vamos à caixa Das castanhinhas ... Este Maio, moças Era boticário: Vendeu a botica Pra comprar um saio. O saio era roto Botica perdida: Agora, meu Maio, Procura tua vida. ... Ele lá vem,	Vinha eu por ali abaixo A cavalo no meu chó-chó, Não venho aqui por mais nada Senão pelo prato da filhó. ... Senhor dono da casa, Raminho de bom viver, O seu peito é uma fonte Onde os anjos vão beber.

Inda lhe jogo mais uma Por cima do seu telhado, Mande-nos dar a esmola Em louvor de Deus sagrado.	Na folhinha da giesta? ... (Guimarães, CPP III, pág. 260-1)	Esta noite de janeiras É de grande merecimento, Por ser a noite primeira Em que Deus passou tormento.
Inda lhe jogo mais esta Por cima do seu telhado: Deus lhe dê muita fortuna Com o que tem semeado.	§III-2640 ... Quem diremos nós que viva No copinho de aguardente? Viva o patrão desta casa E mais toda a sua gente!	Tormento que Deus passou Foi porque Ele o quis passar; Suas carnes lhe cortaram Suas carnes deixou cortar.
Somos quatro camaradas Todos quatro de gabão; Traga-nos lá um copo E também o cangirão.	Quem diremos nós que viva Na casquinha da cebola? Viva o patrão desta casa E mais a sua senhora!	O Seu sangue derramou, Seu sangue quis derramar E essas três pingas de sangue Vamos nós aproveitar.
Somos quatro camaradas Todos quatro de varino; Traga-nos o prato de filhós E também o copo de vinho.	(Cinfães, 1878, CPP III, pág. 261) §III-2641 ... Levante-se daí, senhora, Desse banco de cortiça, Venha-nos dar as janeiras: Ou morcela ou chouriça. ... Quem diremos nós que viva Na folhinha da figueira? Viva lá, menina Maria, Que é uma bela cozinheira.	A primeira fez o pão, A segunda fez o vinho, E a terceira que sobejar Para todo o fiel cristão.
Eu daqui bem o vejo O pratinho ao pé do lar: É o prato das filhós Que a senhora nos quer dar. ... Mande-nos dar a esmola Por esse anjo que aí tem. ... Senhora dona da casa, Deixe-se estar que está bem; Mande-nos dar a esmola Por esse anjo que aí tem. ... Viva a senhora dona ... Raminho de salsa crua, Lá aos pés da sua cama Nasce o Sol e põe-se a Lua. (Alportel, CPP III, pág. 258-260)	Ó senhora cozinheira, Abra lá essa janela, Deite p'ra cá um chouriço E também uma morcela. ... Viva lá, senhora Engrácia, Raminho de amendoeira, Mal empregada senhora Não ser rainha da Beira. ... Viva lá, senhor doutor, Raminho de salsa crua; Debaixo da sua cama Nasce o Sol e põe-se a Lua.	Não procuro por pousada Nem por quem ma possa dar, Procuro pelo Deus Menino Onde o irei encontrar.
§III-2639 ... Quem diremos nós que viva Antre cravos e cebolas? Viva o senhor desta casa A mai-la sua senhora. ... Quem diremos nós que viva Dentro dum copo de vidro? Viva o senhor desta casa Que é São Gonçalo vestido. ... Quem diremos nós que viva	... Viva lá, senhora Engrácia, Raminho de amendoeira, Mal empregada senhora Não ser rainha da Beira. ... Viva lá, senhor doutor, Raminho de salsa crua; Debaixo da sua cama Nasce o Sol e põe-se a Lua. ... Olha o alto pinheirinho, Onde ele foi nascer! À porta destes senhores P'ròs ajudar a viver. (s/í, CPP III, pág. 261-3) Var.: Ou de carne ou de chouriço	Saio esta noite a pedir Já que Deus me fez tão pobre, De casa de gente nobre Sem esmola não hei-de eu vir.
	§III-2642	Ora dai, senhora, dai, Ora dai, que todos dão, De Deus tereis o pago, Da Virgem, o galardão
		Inda lhe canto mais esta Em louvor de Santo Alberto, Venha-nos dar a esmola, Que o saco já está aberto.
		Se o toucinho é grosso E a faca custa a cortar, Dê-lhe mais um sarragoço No debrum do alguidar.
		Quem tão boa esmola deu Aos portais da sua porta, Deus lhe dê a salvação Lá no Céu, depois de morta. (Monchique, CPP III, pág. 263)

<p>Nota: «Janeira cantada no 1.º de Janeiro, visto haver referência à Circuncisão.»</p>	<p>Seu sangue lhe derramaram, Essas três pingas de sangue De apanhar não as deixaram.</p>	<p>Na folhinha da nabiça? - Via o senhor padre ... No altar a dizer missa. ...</p>
<p>§III-2643 Janeirinha, Janeiró, Venha o prato da filhó! ... Deus lhe dê muita fortuna No que tiver semeado! Senhora, que estais lá dentro, Rezando nas contas brancas, Vinde-nos dar a esmola Em louvor das almas santas. ... (Alportel, CPP III, pág. 264)</p>	<p>A primeira é para o pão, A segunda é para o vinho, E a outra que sobejar P'ra ofer'cer ao Deus Menino. ... Um raminho, dois raminhos, Um raminho de salsa crua, À porta destes senhores Põe-se o Sol e nasce a Lua. ... Ainda lhe jogo mais esta Por cima de suas cadeiras: Deus lhe dê muita fortuna Com as suas sementeiras.</p>	<p>Quem diremos nós que viva Num raminho de serpol? Viva a senhora... Tão bonita comò Sol. ... Venham-nos dar as janeiras, Se nas houverem de dar, Que somos de muito longe: Não podemos cá tornar. Alevante-se, senhora, Desse banco de cortiça; Venha-nos dar os «natais», Não tenha tanta perguiça. (Cinfães; S. João Pesqueira; Tabuaço, CPP III, pág. 266-7)</p>
<p>§III-2644 ... Esta casa, casa é É casa dum lavrador, ... Eu estou aqui cantando Cantigas que já sabia, Cantando uma charolada Em vista por Vosseoria.</p>	<p>Toda esta noite ando cantando Com uma forte geada; A barriga está vazia E o saquinho não traz nada. Viva lá senhor ..., Cara de muitos amigos, Venha-nos com as filhós E a mulher com os figos. ...</p>	<p>§III-2648 ... Eu sou preto da Guiné, Mascarrado com cortiça; Venha dessa chaminé Uma bela linguariça.</p>
<p>Inda lhe jogo mais esta Por cima do seu telhado, P'ra que Deus lhe dê fortuna Com o que tem semeado. ... Não venho cá por bolotas, Que este ano não as houve, Venho por carne e chouriço P'ra amanhã deitar na couve. (Olhão, CPP III, pág. 264-5)</p>	<p>... (Silves, CPP III, pág. 265-6)</p> <p>§III-2646 Ó senhor dono da casa, Meu ramo de salsa crua, Mandai-nos abrir a porta Que há muito frio na rua. ... (Ilha das Flores, CPP III, pág. 266)</p>	<p>Não venho cá por boletas, Boletas hai na tapada, Venho por caixinhas doces, Talhadas de marmelada. Janeiras, que tanto tardam, Toicinho nos querem dar, Ò a moça é preguiçosa Ò a faca não quer cortar. Dai um brusco sarrabusco Na borda do alguidar.</p>
<p>§III-2645 ... Esta noite é de janeiras, É de grande merecimento, Por ser a noite primeira Foi que Deus passou o tormento.</p>	<p>§III-2647 ... Quem diremos nós que viva Na folhinha da salsa branca? Seu corpinho é de neve, Sua alma já'stá santa.</p>	<p>Eu, por ser o mais artêro Na matéria do pedir, Me fizeram dispensêro Para este saco abrir. Venha pão, carne ò dinhêro,</p>
<p>Tormento que Deus passou Foi por nossa salvação, Deu-nos paz e alegria Viva a Mãe da Conceição!</p>	<p>Quem diremos nós que viva No grãozinho do arroz? Viva o senhor ... Por muitos anos e bôs.</p>	<p>Tudo o mais que pode vir, Que tenho com quem repartir: Co'as almas do cativêro. ...</p>
<p>Suas carnes lhe cortaram,</p>	<p>Quem diremos nós que viva</p>	<p>Ai, a esmola que nos dão P'ràs bentas almas há-de ser.</p>

...
(Elvas, CPP III, pág. 267-8)
Nota: «O que juntavam era uma súcia e o que sobrava em dinheiro davam ao padre para missas pelas almas.»

§III-2649

Três cantados deu o galo
Com prazer e alegria
...
Três cantados deu o galo
Quando o Menino nasceu:
- Deus te salve, ó bago de oiro,
Rei da glória, amparo meu!
...
Ande lá, patrão da casa,
Veja lá se a pipa escorre:
Trago aqui um camarada,
Se não bebe vinho, morre.

Ainda lhe atiro mais esta
Por cima do seu vestido:
Deus le dê muita fortuna
Co'a sementeira do trigo.

Inda le jogo mais esta
Por cima do seu chapéu:
Deus le dê muita fortuna
Com a fava e o griséu.

...
(Faro, CPP III, pág. 268)
Nota: «[Griséu] Nome popular da ervilha.»

§III-2650

Venham almas, venham almas
Para junto do altar,
Desçam anjos das alturas,
Venham todos comungar.

Não procuro por coalhada,
Que não é tempo de leite;
Procuro pelas quentinhas
Que são feitas no azeite.

Já ouço ferver a massa
E bater no caldeirão;
Nesta porta com certeza
Não recebemos perdão.

Míam gatos lá p'ra dentro

E ouço a dona guerrear;
Queira Deus que não comessem
O que tinha p'ra nos dar!

Senhora, que está deitada,
Deixe-se estar que está bem,
Mande-nos dar a esmola
Pola filha que aí tem.

Mas se houver a mesa posta,
Mande entrar um bocadinho
Este grupo das janeiras
E dê-lhe pão com toucinho.

Não podemos'star parados
Porque faz um grande frio
E a Lua já se vai pondo
E eu tenho o saco vazio.
...
Inda lhe canto mais esta
Em louvor de santo Alberto;
Não lhe canto mais nenhuma
Que já tenho o saco aberto.

Quem tão boa esmola deu,
Dada de tão boamente,
Deus lhe dei muita saúde
Mais a toda a sua gente.

Quem tão boa esmola deu,
Dada por tão boa mão,
Do Senhor terá o pago,
Da Virgem a salvação.

Quem tão boa esmola deu
Aos poiais da sua porta
Que Deus lhe faça render
O trigo da sua horta.

...
(Aljezur, CPP III, pág. 268-9)
Nota: «Quando não se dá esmola a um pobre diz-se «perdoe, pelo amor de Deus». Isto é dar o perdão.»

§III-2651

...
Este dia de Janeiro
Tem grandes merecimentos,
Por ser o dia primeiro
Em que Deus passou tormentos.

Suas carnes Lhe cortaram

O seu sangue derramaram,
Tudo isto passou Cristo
Para bem de nos salvar.

...
Botei um arco de flores
Por riba do limoeiro,
Deus dê muitos bons anos
Também aos meninos solteiros

...
(do jornal Fayalense, 1899, CPP III,
pág. 269-271)

§III-2653

Aqui chegam nos três Reis,
...
- Quem diremos nós que viva
Por cima do amieiro?
...
- Quem diremos nós que viva
Por cima da flor da malva?
- Viva a senhora ...
Que tem acções de fidalga.

- Viva a senhora ...
Raminho de salsa crua,
Quando se põe à jinela
Alumeia todà rua.

Viva a senhora ...
Raminho de palma branca,
Seu corpinho é de neve,
Sua alma será santa.
...
Viva a senhora ...
Raminho de salsa crua;
No meio da sua sala
Nasce o Sol e põe-se a Lua.

Viva a senhora ...
'Çafatinho de confeitos!
No meio da sua sala
Têm nos amores-perfeitos!
- Quem diremos nós que viva
Por cima da belaluz?
- Viva a família do senhor ...
Que amanheçam com Jesus!

Levante-se daí, senhora,
Desse estradinho dourado,
Venha-nos a dá'los reis,
Que já os temos ganhado.

Lá em cima no fumeiro 'Stão chouriços num pauzinho. Ó senhora lavradora, Dê-me aquele maiorzinho.	Meu raminho de serpão; ... Viva o senhor ... Quando põe o seu chapão E vai p'rò meio da sala Parece um manjerião.	... Se nos dais licença, Os reis vos pedimos. ... - Quem diremos vós que viva Na folhinha do serpão? ... - Quem diremos nós que viva Na folhinha da nabiça? ... A pombinha vai voando Por cima da oliveira; ... - Quem diremos nós que viva Na folhinha da giesta? ... (s/i, CPP III, pág. 276)
Levante-se daí, senhora, Desse banco de cortiça; Venha-nos a dá'los reis: Um salpicão ou chouriças.	- Quem diremos nós que viva Na casquinha do pinhão? ... - Quem diremos nós que viva Na folhinha do codesso? ... Quem diremos nós que viva Na folhinha do nabal? ... (Baião, CPP III, pág. 273-4)	... - Quem diremos nós que viva Na folhinha da nabiça? ... A pombinha vai voando Por cima da oliveira; ... - Quem diremos nós que viva Na folhinha da giesta? ... (s/i, CPP III, pág. 276)
Quando nada recebem: Cantemos e recantemos, Tornemos a recantar: Este barbas de farelos Não tem nada p'ra nos dar! (Melgaço, V. N. Foz-Côa, CPP III, pág. 271-2)	§III-2656 ... - Quem diremos nós que viva Na folhinha do serpão? ... (Ribeira de Pena, CPP III, pág. 274- 5)	§III-2660 ... Sobreiro ramalhudo, Ao pé le cai a bolota; Se nos hão-de dá'los reis, Mandem-nos abri'la porta. ... (Porto, CPP III, pág. 277)
§III-2654 Aqui chegam os três Reis ... - Quem diremos nós que viva No grãozinho do confeito? ... Viva o senhor Joaquim, Cara de fino papel, Correm as moças a ele Como as abelhas ao mel.	§III-2657 ... Oferecem ouro fino, Como ouro celestial, Incenso como divino, Mirra como mortal. ... (s/i, CPP III, pág. 275)	§III-2662 Já vão chegando os três Reis ... Dai esmola à sociedade, ... Esmola que tanto tarda Assim nos querem dar, Ou a moça é preguiçosa Ou a faca corta mal.
- Quem diremos nós que viva No grãozinho do arroz? ... (Lamego, CPP III, pág. 272-3)	§III-2658 ... Ó da casa, dê nos reis, Se no-los houver de dar; Venham nos reis para o sacor, P'ràs suas mãos despejar. ... - Quem diremos nós que viva Na casquinha da cebola? ... - Quem diremos nós que viva Na casquinha da açucena? ... (Penafiel; Guimarães, CPP III, pág. 276)	... Nem a moça é preguiçosa Nem a faca corta mal: Foi espreitar o namorado Pela janela do quintal. (Cadaval, CPP III, pág. 277-8)
§III-2655 ... Aqui lhe vimos cantar Debaixo desta latada, Vimos-lhe pedir os reis, Os mimos da consoada. ... Com cálix de ouro na mão, Missa nova quer cantar. ... - Quem diremos nós que viva Na folhinha do lòreiro? ... - Quem diremos nós que viva Num copinho de licor? ... Viva a senhora ...	§III-2659	§III-2663 ... Precuro por Jesus Cristo Aonde o poderei achar. ... Fomos achá-lo em Roma Revestido num altar, Com cálix bento na mão E a hóstia por consagrar,

Com dez mil almas à roda Todas por comungar. ... Cá me diz um camarada Que quer provar do teu vinho.	Se o seu porco é morto, Dê-nos p'ra cá de comer; Se a sua adega tem vinho, Dê-nos p'ra cá de beber.	Em busca de Jesus Cristo, ... Foram dar com Ele em Roma Revestido no altar, Com um cálix de ouro na mão, Missa nova quer cantar.
Quando eu vinha além abaixo Logo eu disse ao meu parceiro: Esta casa cheira a fritos Ou eu me enganei no cheiro. ... Deus lhe dê boa fortuna Com a sua sementeira. ... Mandai-nos dar a esmola ... Mande-nos dar a esmola Que o saco já está aberto! (Algarve, CPP III, pág. 278-9)	Faz favor os nossos reis, Já os temos bem ganhados; Faz favor de nos trazer Num açafato de cravos. Alto pinheiro verde, Criado na lamarosa, ... (Alvaiázere; Ferreira do Zêzere, CPP III, pág. 279-280)	... Senhores, dê-nos os reis, Se nos os houver de dar, ... (Melgaço, CPP III, pág. 282)
§III-2664 ... Três Marias se vestiram ... Para achar o Deus menino, ... Foram-no encontrar em Roma, Revestido no altar, A cantar a missa nova. Missa nova quer cantar, Erguendo o cálix de ouro P'ra todos o adorar. ... D'aqui donde eu 'stou, bem vejo Um canivete a bailar, Para cortar o chouriço Que a senhora me há-de dar!	§III-2665 Nós vimos cantar os reis, Não vimos cá por dinheiro: Por galinhas e capões E salpicões de fumeiro. ... Nós vimos de lá de baixo, De campos verdes, pastores. ... (A. Valdevez; Castro Laboreiro; Soajo, CPP III, pág. 280-1)	§III-2671 ... Vinde ouvir vossos amigos Que vos vêm cantar os reis. ... Dai-nos vinho de seis anos, Dai-nos doces dos natais. Os anjos fazem doce harmonia, E nós cantamos com alegria. ... - Quem diremos nós que viva Na folhinha do loureiro? ... Os anjos fazem doce harmonia, ... Senhores, que estais lá dentro, Deitai cá um salsichão.
Quando aqui cheguei, Dei um tope na calçada: Logo o meu coração disse Que me desse uma talhada. Ó moça, que estás ao lume, Sentada nesse cortiço, Deita os olhos ao fumeiro; Traz-nos de lá um chouriço.	§III-2667 ... Levante-se daí, senhor, Desse banquinho de prata, Venha-nos dar os reisinhos Que está um frio que mata. ... (Armamar; Tarouca; Famalicão; Serpa, CPP III, pág. 281)	Os anjos fazem doce harmonia, E nós cantamos com alegria. ... - Quem diremos nós que viva Na folhinha do loureiro? ... Os anjos fazem doce harmonia, ... Senhores, que estais lá dentro, Deitai cá um salsichão.
Quando aqui cheguei, Dei um tope na calçada: Logo o meu coração disse Que me desse uma talhada. Ó moça, que estás ao lume, Sentada nesse cortiço, Deita os olhos ao fumeiro; Traz-nos de lá um chouriço.	§III-2668 ... Levantai-vos, pomba branca, Desse assento adonde estais, Vinde-nos dar a ismola Por alma dos vossos pais. ... (s/i, CPP III, pág. 282)	§III-2673 ... Esta vai por despedida Por cima da salsa crua: Viva a senhora dona ... Que alumeia toda a rua. ... Esta vai por despedida Por cima dum girassol: ... Levantem-se, ó senhores, Desse estrado de cortiça, Venham-nos a dar os reis Nem que seja uma chouriça.
Ou o toucinho é alto, Ou a faca não quer cortar, Ou a moça é preguiçosa Ou o patrão não quer dar.	§III-2669 ... Donde vão as três Marias ...	§III-2671 ... Vinde ouvir vossos amigos Que vos vêm cantar os reis. ... Dai-nos vinho de seis anos, Dai-nos doces dos natais. Os anjos fazem doce harmonia, E nós cantamos com alegria. ... - Quem diremos nós que viva Na folhinha do loureiro? ... Os anjos fazem doce harmonia, ... Senhores, que estais lá dentro, Deitai cá um salsichão.

Levantam-se, ó senhores, Desse estrado dourado, Venham-nos dar os reis Que já os temos ganhado. ... Esta vai por despedida Por cima duma colher: ... (Bragança, CPP III, pág. 284-5)	Que a Jásus foram buscar. ... 'Stava dizendo missa nova, ... São João ajuda à missa, São Pedro muda o missar, Com trinta mil almas à roda, Todas'stão por comungar. Depois que a comunhão deu, P'rò céu as foi a luar, ... A esmola não é p'ra nós, É para as almas benditas. Levanta-te, ó pomba branca, Do lugar donde estejas E vem dar a esmolinha Em honra dos Santos Reses. (Elvas, CPP III, pág. 286-7) Nota: «Três noites antes do dia de Reis, andam seis homens, quase sempre ganhões, (...) batendo às portas e pedindo esmola para as almas benditas. (...). As esmolas que recolhem são entregues ao prior da freguesia no dia de Reis e, nesse dia, leiloadas à hora da missa. Os seis ganhões só tiram das esmolas o seu almoço desse dia.»	As palhinhas deitom rosas, Oh que belas três formosas! Lá vem a pombinha branca À ponta da oliveira: Viva o senhor desta casa, A mai'la sua companheira. Sobreirinho ramalhudo, Já le caiu a belota: Se nos hom-de dá'los reis, Mande'-nos abri'la porta: Qué'los deis, qué'los num deis, Co'a graça de Jásus fiquesis. (Cinfães, 1878, CPP III, pág. 287)
§III-2674 ... Nós vimos cantar os reis, Não cantamos por dinheiro, Cantamos por passas, figos Ou carne do seu fumeiro Ou vinho do seu tonel Do melhor que lá houver. ... (s/i, CPP III, pág. 286)	§III-2675 ... Três reis que vão adorar, Em busca de Jesus Cristo ... Foram achá-Lo em Roma Revestido no altar, Com cálix de ouro na mão E a hóstia p'ra consagrar. Se nos querem dar os reis, Começai-os a talhar; ... (s/i, CPP III, pág. 286)	§III-2682 São chegados os três reis ... Quem diremos nós que viva Na folhinha da açucena? (Guimarães, CPP III, pág. 288-9)
§III-2676 Pastores, que andais no monte, Vinde abaixo a Belém, Visitar o Deus Menino ... Entrai p'ra aí, pastorinhos, Por esse portal sagrado, Vinde ver o Deus Menino Nas palhinhas deitado ... (Lamego, CPP III, pág. 286)	§III-2678 ... Aqui lhe vimos cantar Debaixo desta latada. Vimos-lhe pedir os reis, Os mimos da consoada. (Felgueiras, CPP III, pág. 287)	§III-2683 São chegados três Reis magos ... Viva a senhora ... Raminho de amendoeira, ... Mande-nos dar a esmola Não nos mande dar perdão. Quem diremos nós que viva Num copinho de gengibre? Viva a senhora ... Que nos há-de dar pão leve.
§III-2677 ... - Foram os três do Oriente	§III-2679 - Que pastores são aqueles Que vêm à beira do rio? - Som aqueles santos Reis Magos ... Entrai, pastores, entrai Por esse portal sagrado: Lá vereis'star o Menino Nu(m)as palhinhas deitado. As palhinhas deitom lírios, Oh que belos três martírios!	§III-2684 ... Ó meu Menino Jesus, ... Oiro fino lhe ofereceram,

Como rei oriental, Incenso como divino, E mirra como mortal. ...	Ou nos venha dar os reis Ou nos mande abri'la porta. ...	(Cadaval, CPP III, pág. 293)
(do jornal Fayalense, 1899, CPP III, pág. 289-290)	Já nasceu o Deus-Menino À primeira voz do galo. ...	§III-2693 Esta casa cheira a pinho, Aqui mora algum diabinho. (s/i, CPP III, pág. 293)
§III-2685 Se nos há-de dar os reis, Não nos façam delatar, ...	§III-2688 ... Quem diremos nós que viva Na folhinha de oliveira? ...	§III-2696 Esta casa é de pinhão, Aqui mora algum diabão. (s/i, CPP III, pág. 293)
- Quem diremos nós que viva Na folhinha da nabiça? ...	Ó sobreirinho do adro Já vai cair a bolota, Se nos qu'rendes dar os reis, Vinde-nos abrir a porta! (Melgaço, CPP III, pág. 292)	§III-2697 Estes barbas de farelo Não têm nada p'ra nos dar: Só têm uma arquinha rota Onde os ratos vão cagar! (Bragança, CPP III, pág. 293)
- Quem diremos nós que viva Na folhinha do ai-ai? ...	§III-2689 Viva o senhor ..., Raminho de bem-querer! Se a sua pipa tem vinho, Venha-nos dar de beber. ...	§III-2698 Estes barbas de farelos Não nos querem convidar, Têm o seu porco morto Nem o rabo querem dar! (Lousa, CPP III, pág. 293)
- Quem diremos nós que viva Na folhinha do arroz? ...	Viva o senhor ..., Raminho de salsa crua, ...	§III-2699 Estes reis que nós cantámos, Tornemos a cantar; Estes barbas de farelos Não têm nada que nos dar! (M. Canaveses, CPP III, pág. 293)
§III-2686 ... Ó divino Sacramento, Na minha alma sois cordeiro; ...	Quando agora aqui cheguei, Dei um tope no tijolo, Logo o coração me disse Que me haviam de dar um bolo.	
Levantai-vos, pombas brancas, Desse leito em que vós'stais, Vinde-nos trazer os reis, ...	Vamos dar a despedida Por cima da amendoeira: As flores le estão caindo Sobre a sua cabeceira. (Mangualde, CPP III, pág. 292)	§III-2700 Viva o senhor ... Embrulhado no capote; El'gosta muito de vinho, É capaz de beber um pote! (s/i, CPP III, pág. 293)
Sobreirinho ramalhudo Ao pé le cai a bolota, Se não quer trazer os reis, Mande-nos abrir a porta. ...	§III-2690 Esta casa cheira a barro, Aqui mora algum chibarro. (s/i, CPP III, pág. 293)	§III-2701 ... A consoada de vós Eu espero receber, Para em noite consagrada Mais dum brinde vos fazer. ...
(Braga, CPP III, pág. 291)		(Braga, CPP III, pág. 293-4)
§III-2687 Viemos de cantar os reis Pelo tempo da azeitona; Dê-nos um bocado de unto Para untar a sanfona.	§III-2691 Esta casa cheira a breu, Aqui mora algum judeu. (Cadaval, CPP III, pág. 293)	
Ô loureiro de Lisboa Já lhe caiu a bolota;	§III-2692 Esta casa cheira a unto, Aqui mora algum defunto.	§III-2703 ... A comitiva do Rei,

Marqueses, condes, barões, Já fretaram um vapor P'ra andar à pesca dos camarões. ... (Porto, 1911, CPP III, pág. 294)	Que lhes não deis as fazendas Que lhes deis as migalhinhas Que crescem das vossas mesas!	Nota: «Cantar à porta do prior para ele lhes dar as «alvissaras» - vinho e passas aos homens e passas às mulheres.»
§III-2709 Ó mê São Sebastião, Ó nosso protector, Dai-me água e misericórdia, Pelo vosso amor! (s/i, CPP III, pág. 295)	Esses bens que possuis, Reparti-os em vossa vida, Lá os achareis na Glória, Quando fordes à partida. ... (Leiria, 1922, CPP III, pág. 297-9)	§III-2739 A flor da laranjeira seca, Seca e oliveira dá flor; Já os passarinhos cantam A Ressurreição do Senhor. (Lamego, CPP III, pág. 304)
§III-2714 Da minha janela rezo À Senhora das Candeias ... (s/i, CPP III, pág. 296)	§III-2728 Nossa Senhora das Dores Aonde a foram deitar: Na canada das adegas, À rociada do mar! (Ilha S. Jorge, CPP III, pág. 300)	§III-2743 A Senhora da saúde Está no meio dos olivais, Está guardando a azeitona, Não na comam os pardais. (Campo Maior, CPP III, pág. 304)
§III-2715 Senhora do Barrocal Tem nas pontas de pinheiro; ... (s/i, CPP III, pág. 296)	§III-2730 - Manso cordeiro, P'ra onde caminhaís? - P'rò Monte Calvário. - Bendito seiais! (Toucou, CPP III, pág. 300)	§III-2745 A Senhora da Saúde, Que lá'stá nos olivais, Vai guardando a azeitona Para a comerem os pardais... (V. Alentejo, CPP III, pág. 305)
§III-2717 ... Minha Senhora de Entráguas, ... Detrás da vossa capela Está um poço sem fundo. ... A água da vossa fonte Anda a regar em Coimbra. ... A água de vossa fonte Anda a regar em Castela. ... (Ovar, CPP III, pág. 296-7)	§III-2731 Já os galos cantam, cantam, Já os anjos se levantam, Já o Senhor subiu à cruz Para sempre, amém, Jesus! (s/i, CPP III, pág. 300)	§III-2747 A Senhora da Saúde Tem uma maçã na mão Para dar ao seu menino Quando vier da lição. (Ovar, CPP III, pág. 305)
§III-2719 Eu hei-de ir ao São Brás De costas p'ra trás; Hei-de comer orelheira P'ra apanhar uma borracheira; Hei-de-me incher de salpicão, Porque sou grande borrachão. (s/i, CPP III, pág. 297)	§III-2733 Lá cima, naquela serra, 'Stá Nosso Senhor à morte. Ai, Jesus, que tanto cheira, Cheira a cravos e a rosas E à flor da laranjeira! (Armamar; Lamego, CPP III, pág. 300)	§III-2753 Ó Senhora da Saúde, Olhai p'ra este desterro: Os sapatos dos vareiros É a pele com que nascero! (Feira, CPP III, pág. 305)
§III-2721 ... Como Lázaro, vos pedem	§III-2736 Ó meu Deus ó meu Senhor, Vossa cruz é de oliveira, ... A Vossa divina boca Cheia de fel amargoso! ... (Toucou, CPP III, pág. 301-3)	§III-2758 Adês, Sinhora dos Prazeres, Que lá'stá nos azinhais; ... (Avis, CPP III, pág. 306)
	§III-2738 Medelin, CPP III, pág. 303-4	§III-2782 Virgem Senhora da Graça, Dai-me água graciosa Da vossa fonte sagrada Toda coberta de rosas. (s/i, CPP III, pág. 308)

§III-2783 Virgem Senhora da Graça, Dizei-me: como pudestes Conservar inteira a graça, Rodeada de aciprestes? (F. Algodres, CPP III, pág. 308)	§III-2818 Ó Meu Senhor de Matosinhos, Permita Deus que lá fosses, Que eu me quero satisfazer De cerejas e de doces. (Castelo da Maia, CPP III, pág. 312)	Ó divino Espírito Santo, 'Stás sentado na cadeira; Pega o pagem na pombinha E o alferes na bandeira. (s/i, CPP III, pág. 314)
§III-2785 ... Que estais em Maceiradão, ... (s/i, CPP III, pág. 308)	§III-2819 Valha-me Santa Quitéria, Minha sogra está danada: Antes de casar co'a filha Já me deu uma dentada! (Santarém, CPP III, pág. 312)	§III-2840 Mas onde e aonde hei-de ir Buscar o valor – quando dele Preciso tanto - para sofrer com Dor – na ausência do Divino Espírito Santo?
§III-2787 Senhora de Vila Velha, ... Dá saúde ò meu amor Que é um pobre mulateiro. (Fronteira, CPP III, pág. 308)	§III-2821 Hei-de ir ao Senhor da Pedra Co'ò meu chapéu à vareira: ... (V. N. Gaia, CPP III, pág. 312)	Ó minha tão nobre pomba de branco, Que assim'stais para voar, Pois deixando-me neste campo Para meu alívio chorar. ... Augustíssimo Sacramento, ... Que aos homens vos dais por sustento Àqueles que são do vosso maior agrado, Para lhes servir de alimento E os livrares do pecado.
§III-2788 Senhora da Vila Velha, ... Dá saúde ao meu amor, Que ele é um triste ganhão. (Fronteira, CPP III, pág. 308)	§III-2824 Meu rico Senhor da Pedra, De penedo em penedo, Quando o mar se alevanta As camarinhas têm medo. (Ovar, CPP III, pág. 312)	Eu, com o meu coração enleado, De Vos alcançar queria, Para que ninguém desta freguesia Haja de cair em pecado.
§III- ... Minha rosa encarnada: ... (Idanha-a-Nova, CPP III, pág. 309)	§III-2825 Meu rico Senhor da Pedra, Este ano lá hei-de ir; Para o ano não prometo Que sou moça de servir. (V. N. Gaia, CPP III, pág. 312)	Se alguém está nesse estado, Dai-lhe luz e entendimento, Para que, depois de bem confessado, Vos receba por sustento. ... (Fundão, CPP III, pág. 314-321)
§III-2810 O Senhor dos Mártires Lá da Carvalheira É o pai dos pretos De toda a Ribeira.	§III-2827 Meu rico Senhor da Pedra, Eu este ano lá vou; Lá vou p'ra ver a pegada Que o boi na pedra deixou. (Ovar, CPP III, pág. 312)	§III-2844 Nossa Senhora da Póvoa Diz que não tem coroa, Quer um lenço na cabeça À moda da lavradora. (Idanha-a-Nova, CPP III, pág. 322)
Lavrador João, Inda aqui'stou eu: Se ele é pai dos pretos, Também o é seu. (A. Sal, CPP III, pág. 311)	§III-2835 ... Divino Espírito Santo, Que estais no Vosso altar!	§III-2845 Nossa Senhora da Póvoa, Dizei-me aonde morais. Ao pé de Casal de Cinza, No meio dos pinheirais. (s/i, CPP III, pág. 322)
§III-2814 Ó meu Senhor de Matosinhos, A vossa capela cheira, Cheira a cravos e a rosas E à flor da laranjeira. (Castelo da Maia, CPP III, pág. 311)	Ó senhor alferes novo, Venha dar-nos de jantar. ... (Covilhã, CPP III, pág. 314)	
	§III-2838	

§III-2848 Nossa Senhora da Póvoa, Quem te varreu o terreiro? As moças de Salvaterra Com raminhos de loureiro. (Idanha-a-Nova, CPP III, pág. 322)	Eu venho de São Gonçalo, Toda a vida ouvi dizer Pita que canta quer galo. (Mondim Beira, CPP III, pág. 324)	Fazer de um santo vendeiro! (s/i, CPP III, pág. 327)
§III-2849 Nossa Senhora da Póvoa Quem vem varrer a capela? O rancho da Covilhã C'um raminho de marcela. (s/i, CPP III, pág. 322)	§III-2875 São Gonçalo de Amarante, Acudi a Figueiró: Deu o gorgulho nos homens, Não deixou nem um só! (Amarante, CPP III, pág. 325)	§III-2899 No altar de Santo António 'Stá um vaso de açucenas, Donde vão nos namorados 'Leviar as suas penas. (Évora, CPP III, pág. 327)
§III-2856 Nossa Senhora dos Verdes Tem'ma cerdeirinha à porta: Corte-me cá um raminho Para pôr na minha horta. (A. Beira, CPP III, pág. 323)	§III-2880 São Gonçalo de Amarante, Casamenteiro das moças, Casai também as velhinhas C'uma tigela de sopas. (s/i, CPP III, pág. 325)	§III-2901 ... Santo António, que deitavas Todas as bilhas ao chão, Não me partas, meu santinho, Por favor, o coração. (Lisboa, CPP III, pág. 327)
§III-2859 Prometi-me a Santa Comba Com três castanhas cozidas, Que me fizesse mordomo Daquilo das raparigas... (s/i, CPP III, pág. 323)	§III-2882 São Gonçalo de Amarante É feito de mel e azeite. Dai-me lá na vossa cama Um lugar onde me eu deite. (Baixo Douro, CPP III, pág. 326)	§III-2906 O sol bate de chapa, Faz a maçã coradinha; Tenho fé em Santo António Que inda há-des vir a ser minha. (s/i, CPP III, pág. 328)
§III-2860 Prometi-me a Santa Comba Com três folhinhas de coube, Que me casasse p'ró ano; Santa Comba nu(m) me oube! (s/i, CPP III, pág. 323)	§III-2884 São Gonçalo de Amarante Feito de pau de amieiro, Irmão das minhas tamancas, Criado no meu lameiro. (Amarante; Entre Douro-e-Minho; Vizela, CPP III, pág. 326)	§III-2907 Os santos não bebem vinho Nem eu na escritura o acho; Santo António está borracho, Toca abaixo. (s/i, CPP III, pág. 328)
§III-2862 Senhora Santa Combinha Cercadinha de queirogas, Cercai a minha alma de anjos, Eu vos cercarei de rosas. (S. Comba Dão, CPP III, pág. 324)	§III-2886 São Gonçalo de Amarante, Que dais a quem vos vem ver? - Dou água das minhas fontes Se a quiserdes beber. (Amarante, CPP III, pág. 326)	§III-2911 Santo António da Terruge', Feito de pau de azinho, Tem mais força no canelo Que um barrasco no focinho. (Elvas, CPP III, pág. 328)
§III-2868 À porta de São Gonçalo 'Stá um ramo de lôreiro: É uma pouca vergonha Fazer do Santo vendeiro. (s/i, CPP III, pág. 324)	§III-2897 Lá'baixo vem Santo António Com a raposa às costas; A raposa come as pitas E o santo abre-lhe as portas. (Mogadouro, CPP III, pág. 327)	§III-2913 Santo António de Lisboa Não tem velas no altar; ... (Lisboa, CPP III, pág. 328)
§III-2869 Ai lari, lari, ló lela,	§III-2898 No altar de Santo António 'Stá um ramo de lôreiro; Olha que pouca vergonha,	§III-2914 Santo António de Lisboa, ... Dizia tantas verdades, Quando se punha a pregar, Que uma vez até os peixes O vieram escutar.

...	§III-2933	À sombra das carvalheiras. (s/i, CPP III, pág. 333)
Faz dar uvas à parreira Quando esta as não tem, Faz rebentar as nascentes Quando a sede abrasa alguém. ...	Até o pastor banha o gado Na noite de São João; ... (s/i, CPP III, pág. 331)	§III-2953 Orvalhadas milagrosas, Que saram de tantas dores, Neste coração, meu santo, Acalmem os meus ardores. (Melgaço, CPP III, pág. 333)
(Lisboa, CPP III, pág. 329-330)	§III-2934 - Donde vindes, São João, Que assim cheiras a marcela? - Venho do rio Jordão, De formar uma capela. (Porto, CPP III, pág. 331)	§III-2954 Orvalhadas por cima do muro, Vamos ao pão quente e ao vinho maduro! Orvalhadas por entre o centeio, As velhas p'ró canto e as novas p'ró meio! ... (Melgaço, CPP III, pág. 333)
§III-2915 Santo António de Lisboa, Venha ver o que cá vai: Deu a rabugem nos homens Como dá nos animais. (s/i, CPP III, pág. 330)	§III-2936 - Donde vindes, São João, Que vindes tão molhadinho? - Venho de regar aquelas hortas De regar o cebolinho. (Porto, CPP III, pág. 332)	§III-2957 Peguei no meu São João, Levei-o para o jardim, Lavei-o de pés e mãos Em aguinha de alecrim. (s/i, CPP III, pág. 334) Nota: «O banho à imagem do santo ainda hoje persiste (...) verifica-se também no Brasil (...).»
§III-2916 Santo António dos Olivais, Ó meu santinho adorado, Tenho a certeza que vais Arranjar-me um namorado. (Coimbra, CPP III, pág. 330)	§III-2940 Manuel, tão lindas moças, Manuel, tão lindas são, Manuel que vai à fonte Na véspera de São João. (V. Alentejo, CPP III, pág. 332)	§III-2960 São João estava na fonte À espera das raparigas, P'ra lhe entrançar o cabelo, P'ra lhe apertar as ligas... (s/i, CPP III, pág. 334)
§III-2917 Santo António é bom santo, Mas tem cara de velhaco: Leva as moças para a fonte, Faz delas gato sapato. (Aldeia Galega do Ribatejo, CPP III, pág. 330) Nota: «Actual Montijo.»	§III-2941 Na manhã de São João Hei-de ir ao rio, ao banho; Corre a água abençoada, Nunca doenças apanho. (s/i, CPP III, pág. 332)	§III-2961 São João fora bom santo Se não fosse tão gaiato: Levava as moças p'rá fonte, Iam três, trazia quatro. (V. Castelo, CPP III, pág. 334)
§III-2924 Santo António me depare O que eu já hoje perdi: Foi o pão do almoço Que ainda hoje não comi. (V. Alentejo, CPP III, pág. 331)	§III-2942 Na manhã de São João Hei-de ir banhar-me ao açude; Nesse dia é benta a água, Para tudo tem virtude. (s/i, CPP III, pág. 332)	§III-2962 São João, por ver as moças, Fez uma fonte de bica; As moças não vão a ela, São João se mortifica. (Porto, CPP III, pág. 334)
§III-2926 Santo António, por ser santo Não deixa de ser velhaco: Levou as moças à fonte, Levou duas, trouxe quatro! (s/i, CPP III, pág. 331)	§III-2943 Na noite de São João Deixai a água ao relento; Amassai com ela o pão, Já não precisa fermento. (s/i, CPP III, pág. 332)	§III-2963
§III-2927 Santo António vende peras, Vende peras a vintém; Lá irá o meu menino, Santinho, avia-o bem. (Lisboa, CPP III, pág. 331)	§III-2949 - Ó meu São João de Braga, Que dais às vossas romeiras - Dou água fresca das fontes	

São João, por ver as moças,
Fez uma fonte de pedra;
As moças não vão a ela,
São João bem se arrepele.
(Tarouca, CPP III, pág. 334)

§III-2964

São João, por ver as moças,
Fez uma fonte de prata;
As moças não passam lá,
São João todo se mata.
(Alandroal; Ovar; Porto; Santarém,
CPP III, pág. 334)

§III-2965

São João, por ver as moças,
Fez uma fonte de prata,
Passam por ela as velhas...
São João todo se mata!
(Amarante, CPP III, pág. 334)

§III-2966

São João, por ver as moças,
Fez uma fonte de vidro;
As moças não vão a ela,
São João vê-se perdido.
(Ovar; Tondela, CPP III, pág. 334)

§III-2967

Vamos por aqui abaixo
Até São João da Ponte,
A tomar as orvalhadas
Ao redor da sua fonte.
(Braga, CPP III, pág. 334)

§III-2968

A alcachofra, que deitei,
Toda floriu ao luar;
Tu até pelas alcachofras
Tens artes de me enganar.
(s/i, CPP III, pág. 335)

§III-2969

Apanhar o trevo,
O trevo no chão,
Apanhar o trevo
Na manhã de São João.
(Algarve; Santarém, CPP III, pág.
335)

§III-2970

Como esta fogueira abrasa

A minha alcachofra benta,
Assim ao meu amor abra-se
A chama do amor violenta.
(s/i, CPP III, pág. 335)

§III-2971

Como eu queimo esta alcachofra
Em vossa fogueira benta,
Assim se queime a saudade
Que no meu peito arrebenta.
(Porto, CPP III, pág. 335)

§III-2972

- Dizem que me queres bem,
Inda o hei-de exp'rimentar:
Na noite de São João
Junco verde hei-de queimar.

- Não cortes o junco verde,
Que não é exp'rimentação;
Se tu queres exp'rimentar
Exp'rimenta o meu coração.
(Paredes, CPP III, pág. 335)

§III-2973

(Ao queimar a alcachofra:)
Em louvor de São João,
A ver se o meu amor
Me quer bem ou não

§III-2975

Hei-de deixar ao relento
Uma folha de figueira;
Se o São João a orvalhar,
Hei-de encontrar quem me queira.
(s/i, CPP III, pág. 335)

§III-2976

Hei-de queimar alcachofras
Na noite de São João,
Para ver se o meu amor
Me quer bem a mim ou não.
(s/i, CPP III, pág. 335)

§III-2977

Já tenho a vista cansada
De tanto olhar p'rò limão,
A ver se ele florece
Na noite de São João.
(s/i, CPP III, pág. 335)

§III-2978

Na manhã de São João
Muita pancada apanhei,
Por via das alcachofras
Que por ti, amor, deitei.
(Tarouca, CPP III, pág. 335)
Var.: Por causa duma alcachofra
Que por meu amor deitei – Mondim
Beira.

§III-2979

Na noite de São João
É que é tomar amores,
Que estão os trigos nos campos
Todos com as suas flores.
(s/i, CPP III, pág. 335)

§III-2981

Quem quiser curar feitiços
Tome chá de erva cidreira
Colhida por uma donzela,
Na noite Sanjoaneira.
(s/i, CPP III, pág. 336)

§III-2982

Sacudi do alto céu
Vossa capela de flores,
Que neste ramo queimado
Renasçam por meus amores.
(s/i, CPP III, pág. 336)

§III-2983

São João de Deus amado,
São João de Deus querido,
Dei-me a minha boa sorte,
Neste copinho de vidro.
(Tarouca, CPP III, pág. 336)

§III-2984

Todas ervas têm préstimo
Na manhã de São João,
Só o trevo de quatro folhas
Colhido na má tenção...
(Minho; Mondim Beira, CPP III,
pág. 336)

§III-2985

Todas as ervas são bentas
Na manhã do São João:
Só o trevo, coitadinho,
Fica de rastos no chão.
(Tarouca, CPP III, pág. 336)

§III-2986 Aramá pelas ervinhas do São João, Saúde no meu coração.	Mal por as formigas, Saúde para a minha barriga!	(s/i, CPP III, pág. 340)
Aramá por ti, Saúde em mi.	Mal por formigão; Saúde no meu coração!	§III-3031 Ali vem o Evangelista, Lá por entre os olivais. ...
Aramá pelo sargaço, Saúde no meu peitão.	Mal por os feitos, Saúde no meu peito!	(s/i, CPP III, pág. 340)
Aramá pelo feito, Saúde no meu peito.	Mal por as urtigas Saúde por entre as pernas das raparigas!	§III-3032 Aquele campo das hortas Foi a minha perdição: Perdi o meu anel de oiro Na manhã de São João. (Fafe, CPP III, pág. 240)
Aramá pelo rosmaninho, Saúde no meu peitinho. (Tarouca, CPP III, pág. 336)	Mal por os pentes, Saúde nos meus dentes! (Guarda, CPP III, pág. 337)	§III-3033 Assentai-vos, raparigas, À sombra deste pinheiro; ... (s/i, CPP III, pág. 340)
§III-2990 - Donde vindes, São João, Com a capa cor do lírio? ... (Porto, CPP III, pág. 337)	§III-2995 O são João da Figueira É o mais lindo que há; ... (F. Foz, CPP III, pág. 337)	§III-3035 Bom pirum e bái assado De binho um câijerão, São coisas que nunca faltam Na noite de São João. (Bragança, CPP III, pág. 340)
§III-2992 Em louvor de São João, Que dê saúde a meu coração.	§III-3007 Sarna nos de Rochoso, Que nunca largam o pichorro! (s/i, CPP III, pág. 338)	§III-3039 Dai-me um noivo, São João, Nem muito gordo nem magro, Que me adore e corresponda Ao amor que lhe consagro. (s/i, CPP III, pág. 341)
Não é nada, não é nada: São João a comer pescada.	§III-3010 Vamos, raparigas todas, Ao rosmaninho que cheira, Na noite de São João A fazer uma fogueira. (s/i, CPP III, pág. 338)	§III-3040 Dançai, moças, esta noite, Se do vosso gosto é; Cheiram bem todas as ervas Onde vós podes o pé. (s/i, CPP III, pág. 341)
Não é isso, não é isso: São João a comer chouriço. (Sintra, CPP III, pág. 337)	§III-3016 Venha mal pelas bananas E bem pelas Urbanas. (C. Beira, CPP III, pág. 339)	§III-3042 - Donde vindes, São João, Com o cajadinho às costas? - Venho de guarda'las moças Que vinho'das alcachofras. (Cadaval, CPP III, pág. 341)
§III-2993 Fogo no sargaço, Saúde no meu braço.	§III-3023 À porta de São João 'Stá um ramo de loureiro. Oh que pouca vergonha Fazer do santo vendeiro! (Vouzela, CPP III, pág. 339)	§III-3043 - Donde vindes, São João, Que assim cheiras a pivete?
Fogo no rosmaninho, Saúde no meu peitinho.	§III-3028 Ai, São João chora, chora Lágrimas de prata fina, Que lhe fugiu o cordeiro Por aquela serra acima!	
Fogo na bela-luz, Saúde nas minhas cruces.		
Fogo no feito, Saúde no meu peito.		
Fogo na giesta, Saúde na minha testa. (s/i, CPP III, pág. 337)		
§III-2994		

- Venho do jardim dos anjos,
De fazer um ramalhete.
(Bragança, CPP III, pág. 341)
- §III-3047
...
Este mastro foi acima
Com fitinhas cor das uvas,
Para quem passar que diga:
- Viva o mastro das viúvas!
(Olhão, CPP III, pág. 342)
- §III-3051
Eu hei-de ir ao São João,
Que me hei-de regalar
Com uma roca de cerejas
Que o meu amor me há-de dar.
(Minho, CPP III, pág. 342)
- §III-3054
Fui ao São João a Braga,
Pus a mão na portara:
- Deixai passar os pastores,
Que vêm da romaria.
(s/i, CPP III, pág. 343)
- §III-3057
Fui ao São João da Lapa,
Varri-lhe a sua testeira,
Ele do altar me disse:
- Não te deixarei solteira.
(Porto, CPP III, pág. 343)
- §III-3058
Já lá vem o São João,
Ai Jesus, quem mo cá dera,
Meu amor é hortelão,
Prometeu-me uma campela.
(Mação, CPP III, pág. 343)
- §III-3059
Já o São João vem perto,
'Stão as ameixas maduras;
Já se trocam os lencinhos
Por as fitinhas escuras.
(Vouzela, CPP III, pág. 343)
- §III-3060
Lá vai este mastro acima,
Vai acima, com bom vento;
Lá no meio tem'ma charola
P'ra meter as moças dentro,
- P'ra meter as moças dentro,
Pirolito, olaré, tem mão.
Dá-me uma gotinha de água,
Refresca o meu coração!
(Portimão, CPP III, pág. 343)
Nota: «[Charola] Espécie de nicho
feito de arcos de peneira e varas,
quase ao cimo do mastro. Metem lá
dentro a imagem do santo, feita de
massa, que, no fim da festa, se
come.»
- §III-3063
Na noite de São João
Foi a minha perdição,
Que perdi um anel de oiro
Entre as folhas do serpão.
...
(s/i, CPP III, pág. 343)
- §III-3067
No altar de São João
Há um vaso de açucenas,
Aonde vão os namorados
Dar alívio às suas penas.
(s/i, CPP III, pág. 344)
- §III-3068
...
No altar de São João
Nascem belas cerejeiras.
São João subiu ao Céu
A pedir pelas solteiras.
...
No altar de São João
Nascem rosas, nascem uvas.
São João subiu ao Céu
A pedir pelas viúvas.
(s/i, CPP III, pág. 344)
- §III-3070
No aurtar de São João
Nasceu uma cerejeira;
Ditosa será aquela
Que le colhê'la primeira.
(s/i, CPP III, pág. 344)
- §III-3071
No dia de São João
Comei eu muita cereja,
Que me deu o meu amor
- Nas escadas da igreja.
(s/i, CPP III, pág. 344)
- §III-3072
No eirado do Baptista
Nasceu'ma cerejeira.
Qual seria o atrevido
Que lhe colheu a primeira?
(Porto, CPP III, pág. 345)
- §III-3076
O Baptista não vem hoje,
Há-de vir segunda-feira,
Há-de achar a cama feita
Com ramos de erva cidreira.
(Castro Verde, CPP III, pág. 345)
- §III-3081
- Ó meu rico São João,
Quem vos deu essas cuecas?
- Foram as matosinheiras
Do dinheiro das fanecas.
(s/i, CPP III, pág. 345)
- §III-3082
Ó meu São João Baptista,
A vossa capela cheira:
Cheira a cravos, cheira a rosa
E a flor da laranjeira.
(Braga, CPP III, pág. 345)
- §III-3083
Ó meu São Joao Baptista,
Dai sardinha em demasia,
Mas, ao vir a nossa véspera,
Mandai ao mar maresia.
(s/i, CPP III, pág. 345)
- §III-3089
Ó meu São João da Ponte,
Enfeitado de açucenas,
...
(Braga, CPP III, pág. 346)
- §III-3090
O meu São João da Ponte
Na porta tem um carneiro:
- Vamo-lo comer, João,
No domingo ao pasteleiro.
(s/i, CPP III, pág. 346)
- §III-3092

- Ó meu São João de Braga, Que vais às vossas romeiras? - Dou água fresca da fonte À sombra das carvalheiras. (s/i, CPP III, pág. 346)	Ripapoila, ripapoila, ripapoila, Feijão frade e arroz de caçoila. (C. Beira, CPP III, pág. 348)	- Dai-me uma pinga de vinho. (s/i, CPP III, pág. 350)
§III-3093 ...	§III-3119 São João adormeceu Ao pé do moinho novo; As galinhas do mosteiro Depenicaró'-no todo! (Baião, CPP III, pág. 349)	§III-3137 ... São João foi para o Norte Com vinte e cinco viúvas: Embarca, não desembarca, São João a comer uvas. (Tarouca, CPP III, pág. 350)
- Ó meu São João de Malta Que tendes no campanário? - Um galo preto romano Que canta que é um regalo. (Covilhã, CPP III, pág. 347)	§III-3120 São João adormeceu Debaixo da laranjeira, Ficou coberto de flores: - São João que bem que cheira! (Vouzela, CPP III, pág. 349)	§III-3139 São João mandou'ma carta Dentro duma maçaroca: Que as mulheres bebessem vinho E os homens água choca. (s/i, CPP III, pág. 351)
§III-3099 Ó São João da minha alma, Dai-me um noivo, dai-me um home, Ainda que ele me bata, Que me mate e que me esfole. (s/i, CPP III, pág. 347) Nota: «Cfr. a cantiga popular galega: «San Antonio bendito / Dadme un home / Anque me mate / Anque me esfole (...).»	§III-3122 São João adormeceu Nas escadinhas do coro: Deram as freiras com ele, Depenicaram-no todo. (Douro; Tarouca; Trás-os-Montes, CPP III, pág. 349) Var.: Deram as bruxas com ele – S. Tirso; Tarouca.	§III-3140 São João me prometeu De me dar um bom marido, Quando está o trigo em grão E o limoeiro florido. (s/i, CPP III, pág. 351)
§III-3102 O São João do Bonfim É um santo milagroso: Pedi-lhe um noivo bonito, Deu-me um barbas de raposo. (s/i, CPP III, pág. 347)	§III-3128 São João Baptista 'Stá todo ratado: Rataram-no as moças O ano passado. (Alentejo; Mafra, CPP III, pág. 350)	§III-3142 São João me prometeu Me havia de dar as lampas: ... As lampas que vós me deisteis, Pelo buraco da porta, Foram duas ginjas verdes Colhidas da minha horta.
§III-3104 O São João do Bonfim Quer que eu seja a sua nora; Só se me der o carneiro Que está no altar de fora. (s/i, CPP III, pág. 348)	§III-3132 São João do oratório, Feito de pau de amieiro, ... (s/i, CPP III, pág. 350)	As lampas que vós me deisteis Na manhã de São João, Foram duas ginjas verdes Colhidas por minha mão. (Covilhã, CPP III, pág. 351) Nota: «Quando vão colher a fruta, na manhã de São João, pela orvalhada, dizem que são as lampas de São João.»
§III-3106 O São João pequenino Vendeu o pão do almoço, Para comprar umas contas Para botar ao pescoço.	§III-3133 São João durante meses Simplesmente mel bebeu; Olha o milagre! Eu há anos Que vivo dum beijo teu! (V. Alentejo, CPP III, pág. 350)	§III-3152 São João, São Joãozinho, Eu não tenho que vos dar. Darei-vos um carneirinho Para domingo jantar. (s/i, CPP III, pág. 352)
O São João pequenino Vendeu o pão do jantar, Para comprar umas contas P'ra no domingo rezar. (Tarouca, CPP III, pág. 348)	§III-3134 São João e o seu carneiro Iam ambos pelo caminho; O carneiro ia dizendo:	§III-3154
§III-3115		

São João tem um carneiro Com dois guisos no pescoço; Quando toca o guiso fino Também toca o guiso grosso. (s/i, CPP III, pág. 352)	(P. Varzim, CPP III, pág. 353)	São dois santos muidadores: São João muida os casais, São Pedro muida os pastores. (Alandroal, CPP III, pág. 355)
§III-3161 Sentai-vos aqui, pastores, À sombra deste sobreiro; É um ano que esperamos Por São João verdadeiro. (Monção, CPP III, pág. 353)	§III-3174 ... Ó apóstolo São Pedro, Onde tindes a morada! Na altura das Cabeças De manjerona cercada. (C. Verde, CPP III, pág. 354)	§III-3192 Ó minha santa Isabel, Rainha de Portugal, 'Stou na extrema de Argoncilhe, Aparta co' o olival. (Feira, CPP III, pág. 356)
§III-3162 Sentemo-nos, raparigas, À sombra deste pinheiro; Há já um ano que esperamos O São João Verdadeiro. (s/i, CPP III, pág. 353)	§III-3175 Ó meu rico São Pedrinho, Ó meu rico pescador, Faze que peguem as trutas Na isca do meu amor.	§III-3196 Senhora Santa Marinha, Minha santa lavradeira, Senhora, dai-me bom tempo, Que trago o milho na eira. (Baião, CPP III, pág. 356)
§III-3163 Uma coroa hei-de tecer, Na noite de São João, De cheirosa madressilva, De verde murta em botão. (s/i, CPP III, pág. 353)	Dá-me redes, dá-me anzóis, P'ra fazer uma caçada, E os remos para remar Nos braços da minha amada. (s/i, CPP III, pág. 354)	§III-3199 - Senhora Santa Marinha, Quem bos barreu a capela? - As meninas de Andorinha C'um raminho de marcela.
§III-3164 ... Que no ventre de Isabel Foi concebido em graça. ... (s/i, CPP III, pág. 353)	§III-3180 São Pedro foi pescador, Foi de santidade espanto: O maior milagre foi Ser barqueiro e ser santo. (Porto, CPP III, pág. 354)	- Senhora Santa Marinha, Quem bos barreu o terreiro? - As meninas de Andorinha C'um raminho de loureiro. (O. Hospital, CPP III, pág. 356)
§III-3165 ... Deu-lhe a sua madrinha, Santa Clara do Loredo. (s/i, CPP III, pág. 353)	§III-3181 São Pedro, largai a cana, Não queiras ser pescador, Vinde para Nosso Mestre, Que é Cristo, Nosso Senhor. (Aveiro, CPP III, pág. 355)	§III-3203 Senhora Sant'Ana Assubiu ao monte: Onde se assentou Abriu-se uma fonte.
§III-3172 Milagroso São Pedro, Mandai cortar o canteio; Que eu tenho fama de amar, Hei-de amar a rio cheio! (Cinfães, CPP III, pág. 353)	§III-3186 O São Pedro leva as chaves, O São João leva a palma E Jesus, que é pai de todos, Há-de levar a minha alma. (Castro Verde, CPP III, pág. 355)	Oh que água tão doce! Oh que água tão bela! Anjinhos do Céu, Vinde beber dela! (V. Castelo, CPP III, pág. 357)
§III-3173 Nas praias da Galileia São Pedro foi pescador: Deixou barcos, deixou redes Para seguir o Senhor.	§III-3189 São João e mais São Pedro Foram ambos à faneca; São Pedro comeu mais uma, São João foi-lhe à careca. (Mesão Frio, CPP III, pág. 355)	§III-3204 Senhora Sant'Ana Assubiu ao monte, Onde se assentou Nasceu uma fonte.
	§III-3190 São João e mais São Pedro	Vieram os anjos E beberam nela Oh que água tão doce!

Senhora tão bela! (Cabeceiras Basto, CPP III, pág. 357)	§III-3237 Senhora Santa Helena, Onde tendes a morada! Lá no cimo dos fragões, No meio da carquejada. (Tarouca, CPP III, pág. 360)	Vem pelo Douro acima, Co' a cestinha e a tesoura Fazendo sua vindima. (s/i, CPP III, pág. 362)
§III-3208 As vossas tranças, Senhora, São loiras como as espigas; Senhora do Livramento, Protegei as raparigas. (Alcobaça, CPP III, pág. 357)	§III-3238 A Senhora da Abadia Andava no pinheiral A apanhar as pinhas mansas Para a noite do Natal. (Amares; Barcelos, CPP III, pág. 360)	§III-3266 ... Levai-lhe a santa unção. (s/i, CPP III, pág. 363)
§III-3213 Adeus, Senhora da Serra, Carquejinha do Marão, Eu pró ano lá hei-de ir Co' o meu amor pela mão. (Mesão Frio, CPP III, pág. 358)	§III-3241 A Senhora da Abadia Fez um milagre na serra: O Menino pediu-lhe água, Abriu-se a fonte na pedra. (Barcelos, CPP III, pág. 361)	§III-3267 Ó Senhora do Desterro, Vosso caminho tem gestas; Bem pudéreis vós, Senhora, Tê-lo de ruas abertas. (s/i, CPP III, pág. 363)
§III-3214 Nossa Senhora da Serra, Carquejinha do Marão, Onde eu tenho o meu amor Da raiz do coração. (Baião; Mesão Frio, CPP III, pág. 358)	§III-3244 Adeus, Senhora da Abadia, Adeus, terreiro tamém, Adeus, castanheiros verdes, Até ao ano que vem! (Guimarães, CPP III, pág. 361)	§III-3268 Fui à Senhora das Febres Namorar um gandarês De nariz abatado, Olhos de porco montês. (Cantanhede, CPP III, pág. 363)
§III-3215 Nossa Senhora da Serra Lá anda no pinheiral, Apanhando pinha mansa Para a noite de Natal. (V. Castelo, CPP III, pág. 358)	§III-3257 A Senhora da Assunção Está no meio dos Olivais, ...	§III-3275 Nossa Senhora da Lapa Ela lá vem ao Moledo, Co' a cestinha no braço, Vendendo pão de Lamego. (Baião, CPP III, pág. 363)
§III-3227 Ó anjo da minha guarda, Raminho de salsa crua, ...	§III-3258 A Senhora do Calvário, Minha linda marinheira, Anda no mar navegando, Numa folha de oliveira. (Idanha-a-Nova, CPP III, pág. 362)	§III-3283 - Nossa Senhora da Lapa, Que dais aos vossos romeiros? - Água dos meus chafarizes, Sombra dos meus castinheiros. (Guimarães, CPP III, pág. 364)
§III-3230 Nossa Senhora das Neves Onde foi fazer morada! No alto daquela serra, De alecrins rodeada. (Cadaval, CPP III, pág. 360)	§III-3261 A Senhora do Desterro Tem uma carvalha à porta, Hei-de trazer um ranquinho Para pôr na minha horta. (O. Hospital, CPP III, pág. 362)	§III-3287 Nossa Senhora da Lapa Tem um galo no seu sino, Quando canta, à meia-noite, Acorda o Verbo divino. (Armamar, CPP III, pág. 364)
§III-3231 Nossa Senhora das Neves, Pregadinha na parede, Dá-me uma pinguinha de água, Senão eu morro à sede. (s/i, CPP III, pág. 360)	§III-3263 A Senhora do Desterro	§III-3290 Nossa Senhora da Lapa Tem uma toalha de ouro Lavada na fonte santa, Corada no miradouro. (Tarouca, CPP III, pág. 365)

- §III-3291
Ó Senhora da Lapinha,
Senhora tão pequenina!
Ela foi benzer a água
Na forma de uma pombinha.
(Guimarães, CPP III, pág. 365)
- §III-3297
- Virgem Senhora da Lapa,
Que dais a quem vos vai ver?
- Dou-vos água do chafariz
Se a quiserdes buber.
(Trancoso, CPP III, pág. 365)
- §III-3298
- Virgem Senhora da Lapa,
Que dais aos vossos romeiros?
- Auga dos meus chafarizes,
Sombra dos meus castinheiros.
(s/i, CPP III, pág. 365)
- §III-3305
A Senhora do Pilar
Tem um lenço de oiro fino,
Lavado na água benta
E seco ao sol divino.
(s/i, CPP III, pág. 366)
- §III-3315
Senhor São Bento,
Senhor São Bento,
Mate o bicho
Que lá'stá dentro.
- Senhor São Bento,
Senhor São Bento,
Mas, ai, que bicho
Tão peçonhento!
- Senhor São Bento,
Senhor São Bento,
Mate o bicho
Que lá'stá dentro.
(Alandroal, CPP III, pág. 367)
- §III-3316
Senhor São Bento do Cando,
Feito de pau de amieiro,
Irmão das minhas tamancas,
Criado no meu lameiro.
(A. Valdevez, CPP III, pág. 367)
- §III-3317
Senhor São Bento do Cando,
Feito de pau de piorno,
Botai-me o vinho, botai,
P'ra eu beber por este corno.
- Senhor São Bento do Cando,
Feito de pau de azevinho,
Tende-me mão na cabeça,
Enq'anto eu bebo o vinho...
- Senhor São Bento do Cando,
Feito de pau de giesta,
Enchei-me a minha barriga,
Para acabarmos co'a festa.
(A. Valdevez, CPP III, pág. 368)
- §III-3318
Senhor São Bento do Ermelo,
Mandai fazer um navio:
O barqueiro do Vitelo
Afoga a gente no rio.
(Ponte Barca, CPP III, pág. 368)
- §III-3339
...
O ranchinho da Abrunhosa.
(Mangualde, CPP III, pág. 370)
- §III-3342
Senhor São Bartolomeu,
Mandai varrer o patim
Às meninas da Igreja
C'um raminho de alecrim.
- Senhor São Bartolomeu,
Mandai varrer o terreiro
Às m'ninas de Senhorim
C'um raminho de lôreiro.
(Nelas, CPP III, pág. 370)
- §III-3344
Senhor São Bartolomeu
Tem carvalhinhas à porta;
Hei-de ir lá arrancar uma
Para pôr na minha horta.
(s/i, CPP III, pág. 370)
- §III-3345
Senhor São Bartolomeu
Tem um galo no seu sino:
Quando dá a meia-noite
- Recorda o Verbo divino.
(Nelas, CPP III, pág. 370)
- §III-3346
Senhor São Bartolomeu,
Vós fizeste'la chapada,
Caçaste'la gente junta,
Mandaste'la trovoadá!
(s/i, CPP III, pág. 370)
- §III-3348
Vais ao São Bartolomeu
A melhor das romarias;
Há doces, figos e uvas,
Melões e melancias.
(Penafiel, CPP III, pág. 370)
- §III-3351
Coração, arriba, arriba,
Arriba ao Senhor da Serra!
Que lá'stá uma fontinha,
Quem tem sede bebe nela.
(V. Alentejo, CPP III, pág. 371)
- §III-3353
Divino Senhor da Serra,
Lá no cimo da ladeira
Tudo são cravos e rosas
E ramos de erva cidreira.
(V. Alentejo, CPP III, pág. 371)
- §III-3358
Se eu for ao Senhor da Serra,
Hei-de ir mais o meu amor;
Havemos de ir beber água
Lá na fonte do Senhor.
(V. Alentejo, CPP III, pág. 371)
- §III-3361
Tu foste ao Senhor da Serra
Não mo deste a saber;
Deixaste na minha casa
Duas fontes a correr.
(V. Alentejo, CPP III, pág. 372)
- §III-3370
Nosso Senhor do Calvário,
Tendes a cor da cereja,
No vosso terreiro anda
Quem a vossa cor deseja.
(s/i, CPP III, pág. 372)

§III-3374 Ó meu Senhor do Calvário, Vossa cruz é de oliveira; ... (Mesão Frio, CPP III, pág. 373)	§III-3398 Lá na fraga da Peneda, Cheira a maçã que rescende: É a graça da Senhora Que pelo mundo se estende. (Melgaço, CPP III, pág. 375)	Todo o fiado lhe grela. (Mangualde, CPP III, pág. 377)
§III-3375 ... Senhor da Saúde, Aqui Vos trazemos Estes romeirinhos Que vos prometemos. ... (Ponte Lima, CPP III, pág. 373)	§III-3399 Lá na fraga da Peneda Já não há senão carvalhos; ... (Melgaço, CPP III, pág. 375)	§III-3417 A Senhora do Castelo Vai pelo barrocal acima C'uma cestinha no braço Julgando que é vindima. (Mangualde, CPP III, pág. 377)
Nota: «(...) leva à cabeça um cesto novo, onde transporta uma refeição frugal, coberta com uma toalha branca e arrendada.»	§III-3406 ... Senhora da Ajuda, Vestida de branco, Mandai-nos água Que se seca o campo.	§III-3418 Azeitona cordovil Deita azeite amarelo Que alumia todo o ano A Senhora do Castelo. (s/i, CPP III, pág. 377)
§III-3377 A Senhora da Alagada, Que lá vai ao Tejo acima Com uma cesta no braço, Cuida que vai à vindima. (V. Velha Ródão, CPP III, pág. 373)	Senhora da Ajuda, Vestida de luto, Mandai-nos água Que se seca o fruto. (B. Baixa, CPP III, pág. 376)	§III-3420 Ó Senhora do Castelo, Do Castelinho maior, Dai-me uma pinguinha de água Da fonte do Caracol. (s/i, CPP III, pág. 377)
§III-3386 A Senhora da Peneda Anda na Chã da Avelreira, ... (Melgaço, CPP III, pág. 374)	§III-3407 Nossa Senhora da Ajuda, Que aí'stais no vosso altar, Ajudai os pescadores Que andam nas águas do mar. (s/i, CPP III, pág. 376)	§III-3423 Ó Senhora do Castelo, Quem fora vossa devota, Que vos enchera a capela De salva até à porta!
§III-3394 A Senhora da Peneda Tão altinha se foi pôr! Entre soutos e penedos E carvalhos em redor. (Minho, CPP III, pág. 375)	§III-3408 A Senhora das Amoras Vem pelo rio acima Co'a cestinha no braço, Fazendo sua vindima. (Cinfães, CPP III, pág. 376)	Ó Senhora do Castelo, Quem fora vossa mordoma, Que vos enchera a capela De salva e de manjerona! (Mangualde, CPP III, pág. 378)
§III-3396 A Senhora da Peneda Tem um lenço de ouro fino; Lavado na fonte santa, Enxuito ao sol divino. (A. Valdevez, CPP III, pág. 375)	§III-3411 Minha Senhora de Carque, O vosso mosteiro cheira, Cheira a cravos e a rosas E à felor da laranjeira. (Resende, CPP III, pág. 377)	§III-3425 Senhora do Castelo, Cor de cereja madura, Bem podeis, vós, Senhora, Repartir da formosura. (s/i, CPP III, pág. 378)
§III-3397 Adeus, fraga da Peneda, Adeus, carvalhos tamém, Adeus castinheiros verdes, Até o ano que vem! (Melgaço, CPP III, pág. 375)	§III-3414 A Senhora do Castelo Tem o tear à janela: Vem o vento, vem a chuva,	§III-3426 Senhora do Castelo, Cor de cereja soldar, Bem podeis vós, Senhora, De soldado me livrar. (Mangualde, CPP III, pág. 378)
		§III-3433 Senhora da Cola

De altares teve onze; Por cima das torres Dois galos de bronze. (Ourique, CPP III, pág. 378)	§III-3458 ... A quem Deus quer ajudar O vento l'apanha a lenha! (Gafanha, CPP III, pág. 381)	§III-3472 À Senhora dos Remédios Aqui vem a sua gente; Dê-l'a Senhora saúde Que ela toda vem doente. (Tarouca, CPP III, pág. 382)
§III-3434 Senhora da Cola É muito bonita, Já lhe prometi Uma franganita. (s/i, CPP III, pág. 379)	§III-3462 A Senhora da Oliveira Bota fitas a voar: Brancas e vermelhinhas Todas vão cair ao mar. (Guimarães, CPP III, pág. 381)	§III-3476 A Senhora dos Remédios Tem no remédio na mão: Tem-no para dá'la vida E p'ra dá'la salvação. (Cinfães, CPP III, pág. 383)
§III-3435 Senhora da Cola É uma felor, Tem muita rosquilha Lá no seu andor. (Ourique, CPP III, pág. 379) Nota: «Bolo em forma de argola.»	§III-3463 A Senhora da Oliveira De Carapinha tem manto ... (Guimarães, jornal A Época, 1925, CPP III, pág. 382)	§III-3477 A Senhora dos Remédios Tem os remédios na mão; Um é o remédio da vida, Outro é da salvação. (Feira, CPP III, pág. 383)
§III-3449 Ó Figueira, ó Buarcos, Senhora da Encarnação, ... (s/i, CPP III, pág. 380)	§III-3464 A Senhora da Oliveira É madrinha do João; ... (Guimarães, CPP III, pág. 382)	§III-3478 A Senhora dos Remédios Tem um remédio na mão; O remédio dá saúde E também dá salvação. (s/i, CPP III, pág. 383)
§III-3451 Senhora da Encarnação, Vinde abaixo à ladeira, Vinde dar a mão direita Ò ranchinho da Figueira. (s/i, CPP III, pág. 380)	§III-3465 A Senhora da Oliveira Mandou-me agora chamar: ... (Guimarães, CPP III, pág. 382)	§III-3484 Ó Senhora dos Remédios A vossa capela chêra Chêra a cravo, chêra a rosas Chêra a flor de amendoêra. (C. Branco, CPP III, pág. 383)
§III-3455 O Murtinho bate à porta, Murtinha, vai ver quem é É o ranchinho da murta Que vai para a Nazaré. (Alcobaça, CPP III, pág. 381)	§III-3466 Nossa Senhora da Penha Tem uns brincos de giesta, Que lhe deram os pastores No dia da sua festa. (Guimarães, A Época, 1925, CPP III, pág. 382)	§III-3488 Ó Senhora dos Remédios, Cara de maçã madura, ... (C. Branco, CPP III, pág. 384)
§III-3457 Senhora da Nazaré 'Stá metida na guarita, Que valeu ao cavaleiro Quando ia na fugida.	§III-3467 Serra da Santa Cat'rina, Má fogo te dê na lenha, ... (Guimarães, CPP III, pág. 382)	§III-3491 Ó Senhora dos Remédios, Dos remédios de Lamego; ... (Baião; Cinfães; Mesão Frio; Lamego; Resende; Penaguião, CPP III, pág. 384)
O cavaleiro ia a correr, Quando ia sobre o veado; Quando se viu afelito Soltou gemidos e brado. (s/i, CPP III, pág. 381)	§III-3468 Virgem Senhora da Penha, Vizinha dos olivais, Guardai-me a minha azeitona, Não ma comam os pardais. (Castelo Vide, CPP III, pág. 382)	§III-3493 Ó Senhora dos Remédios,

Inda agora me alembrou: O rancho dos Cebolais Foi o que lá desbancou. (V. Velha Ródão, CPP III, pág. 384)	Lindo botão de rosa branca, ... (s/i, CPP III, pág. 385)	Nota: «Variante de Cebolal.»
§III-3494 Ó Senhora dos Remédios, Já cá vamos à ribêra; ... Ó Senhora dos Remédios, Já cá vamos ò cabeçaço; ... (C. Branco, CPP III, pág. 385)	§III-3501 Ó Senhora dos Remédios, Meu açafate de cravos, ... Ó Senhora dos Remédios, Meu açafate de fitas, ... Ó Senhora dos Remédios, Meu açafate de flores. ... (C. Branco, CPP III, pág. 386)	§III-3519 Quim me dera estar sozinha, Como a perpétua no campo, Ò pé da Senhora dos Remédios; Nunca o meu mal fora tanto! (C. Branco, CPP III, pág. 388)
§III-3495 Ó Senhora dos Remédios, Já vos não hei-de rezar, Que me levastes as sestas E as horas de merendar. (s/i, CPP III, pág. 385)	§III-3506 - Ó Senhora dos Remédios, Que dais a quem vos vai ver? - Dou água das minhas fontes P'ra quem a quiser beber. (s/i, CPP III, pág. 386)	§III-3521 - Virgem Mãe dos Remédios, Que dais a quim vos vem ver? - Dou-lhe água das minhas fontes Que sempre estão a correr. (C. Branco, CPP III, pág. 388)
§III-3496 Ó Senhora dos Remédios, Já vos não hei-de rezar, Que me tirasteis o descanso E a hora de merendar. (Mesão Frio, CPP III, pág. 385)	Var.: Auguinha das minhas fontes P'ra quem na quijer buber – Lamego. Var.: Se a quiserem buber – Douro.	§III-3524 - Ó Senhora do Torrão, Quem vos barreu o terreiro? - Foi as moças de Longroiva C'um raminho de loureiro. (Meda, CPP III, pág. 388)
§III-3497 Ó Senhora dos Remédios, Já vos não torno a rezar: Vós tirastes a merenda E as horas de descansar. (Baião, CPP III, pág. 385)	§III-3507 - Ó Senhora dos Remédios, Que dais aos vossos romeiros? - Dou-lhe água das minhas fontes, Sombra dos meus castanheiros. (Lamego, CPP III, pág. 386)	§III-3527 Nossa Senhora do Viso, Vou deixar de te rezar, Que me tiraste a merenda E as horas de descansar. (C. Basto, CPP III, pág. 388)
§III-3498 Ó Senhora dos Remédios, Linda flor de laranjeira, ... (C. Branco, CPP III, pág. 385)	§III-3517 Ó Virgem-Mãe dos Remédios Olhai o que diz o povo: Dentro do vosso alpendre Está um chafariz novo. (s/i, CPP III, pág. 387)	§III-3530 Ó São Paio da Torreira, Arregaçai os calções; Eu hei-de lá ir p'rò ano Apanhar os camarões. (Aveiro, CPP III, pág. 389)
§III-3499 Ó Senhora dos Remédios, Linda rosa em botão, ... Ó Senhora dos Remédios, Linda rosa encarnada. ... (s/i, CPP III, pág. 385)	§III-3518 - Ó Virgem-Mãe dos Remédios, Quim vos barreu o terrêro? - O rancho do Sabolal C'um raminho de lourêro. - Ó Virgem-Mãe dos Remédios, Quim vos barreu a capela? - O rancho do Sabolal, C'um raminho de marcela. (C. Branco, CPP III, pág. 388)	§III-3531 O São Paio da Torreira, C'uma grande bebedeira, Foi tomar banhos à praia: Era tamanha a piela Que, ao vestir da farpela, Às calças chamava saia! (s/i, CPP III, pág. 389)
§III-3500 Ó Senhora dos Remédios,		§III-3532 Ó São Paio da Torreira, Ó milagroso santinho, Hei-de cá voltar p'rò ano, Lavar o santo com vinho. (Aveiro, CPP III, pág. 389)

- Nota: «Há uma imagem pequena ao lado do altar; lavam-na com vinho que bebem contra as sezões.»
- §III-3538
- Márt'la Santa Eufémia,
...
- Guardai-me a minha azeitona,
Não ma comam os pardais;
Comam uma, comam duas,
Comam três; não comam mais.
(O. Hospital, CPP III, pág. 390)
- §III-3539
- Milagrosa Santa Eufémia,
Donde tendes a morada?
- Ó cima de Bagaúste
Nos olivais de Parada.
(Lamego, CPP III, pág. 390)
- §III-3543
Milagrosa Santa Oufémia,
Do lugar de Fonte-Fria,
Fazeis milagres de noite,
Fazei-os também de dia.
(s/i, CPP III, pág. 390)
- §III-3544
- Senhora Santa Eufémia,
Que dais a quem vos vai ver?
- Dou água das minhas fontes
Se a quiserem beber.
(F. Algodres; Lamego, CPP III, pág. 390)
- §III-3545
- Senhora Santa Eufémia,
Que dais aos vossos romeiros?
- Dou água das minhas fontes,
Sombra dos meus castanheiros.
(F. Algodres; Lamego, CPP III, pág. 390)
- §III-3551
O Senhor da Piedade
Tem as portas de gamboa;
P'la manhã, quando se abrem,
O cheiro chega a Lisboa.
(Elvas, CPP III, pág. 391)
- §III-3552
O Senhor da Piedade
- Tem vinte e quatro janelas;
Quem me dera ser uma pombinha
Para pousar numa delas!
(s/i, CPP III, pág. 391)
- §III-3555
Vim ao sítio da Piedade,
...
Ouvi, ó Senhor Jesus,
...
Por quem sois, abençoi
Nossos olivais e terra,
Livrai-nos dos males todos
Da peste, da fome e guerra.
(Elvas, CPP III, pág. 391)
- §III-3556
Fui ao mar a pescar peixe,
Pesquei Santa Margarida:
- Vem cá, santa da minha alma,
Que andavas no mar perdida!
(B. Baixa, CPP III, pág. 391)
- §III-3557
Fui ao mar, cacei um peixe,
Cacei Santa Margarida;
Ó santinha da minha alma,
Que estavas no mar metida!
(Trás-os-Montes, CPP III, pág. 391)
- §III-3561
- Nossa Senhora da Veiga,
Com que dourais o cabelo?
- Com uma ervinha do monte,
Que se chama tomantelo.
(s/i, CPP III, pág. 392)
- §III-3563
Nossa Senhora da Veiga
Fez um milagre no monte:
O Menino pediu-lhe água,
Logo lhe abriu uma fonte.
A fonte era de prata,
A água era de cheiro;
O Menino era santo,
Filho de Deus verdadeiro.
(V. N. Foz-Côa, CPP III, pág. 392)
- §III-3565
Nossa Senhora da Veiga
Tem o galo no seu sino:
- Cada vez que o galo canta
Recorda o Verbo divino.
(s/i, CPP III, pág. 392)
- §III-3567
Nossa Senhora da Veiga,
Vizinha dos olivais,
Guardai-me a minha azeitona
Não a comam os pardais.
Comam uma, comam duas,
Comam três, não comam mais.
(V. N. Foz-Côa, CPP III, pág. 392)
- §III-3571
Já os passarinhos cantam
Lá na oliveira do adro,
...
(s/i, CPP III, pág. 393)
- §III-3576
(Peditório do Pão por Deus):
Bolinhos, bolinhos,
Para mim e para vós,
Pelos vossos finados
Que estão enterrados
Ao pé da vera cruz
Para sempre. Amém, Jesus.
Truz; truz; truz.
(Coimbra, CPP III, pág. 393)
Nota: «No dia de Todos os Santos, depois da missa, os rapazes vão com sacos receber passas de uvas, figos secos, castanhas e nozes, o chamado «pão por Deus». Em algumas localidades, o peditório (...) realiza-se no dia de Finados (...). Vão pedir pelas portas, cantando e batendo ao ferrolho.»
- §III-3577
Pão, pão por Deus
À mangarola,
Encham-me o sacco
E vou-me embora
(Se lhes recusam esmola, dizem:)
O gorgulho, gorgulhote
Que lhe dê no pote
E não deixe farelo
Nem farelote.
(Alcobaça, jornal O Popular, 1898, CPP III, pág. 394)

§III-3579 Anda cá, meu Manelinho, Vamos a ver o São Martinho Que nos está dando larapa Dizendo-nos que é vinho. (s/i, CPP III, pág. 394)	Quem dá lenha Ou um pau Para a fogueira De São Nicolau?	Bendito e louvado seja O Menino Jesus nascido; No ventre de Nossa Senhora Nove meses andou'scondido. (V. N. Foz-Côa, CPP III, pág. 398)
§III-3580 São Martinho quente Vamos à aguardente. (s/i, CPP III, pág. 394)	Quem dá lenha Ou chamiça Ou a fralda Da camisa? (s/i, CPP III, pág. 395)	§III-3622 ... Só Vós, meu Menino, Em palhas deitado!
§III-3581 São Martinho, bispo, Vamos ao rabisco. (s/i, CPP III, pág. 394)	§III-3598 Senhora Santa Luzia Da capela de Moreira ... (A. Valdevez, CPP III, pág. 396)	Em palhas deitado, Em palhas nascido, ... (Algarve, CPP III, pág. 398)
§III-3582 São Martinho, papa, Vamos à larapa. (Penamacor, CPP III, pág. 394)	§III-3599 - Senhora Santa Luzia, Dizei-me aonde morais. - Para lá do Castelejo, No meio dos pinheirais. (s/i, CPP III, pág. 396)	§III-3623 ... É o Verbo encarnado. Eva nos fez desgraçados, Provou do pomo vedado, Maria nos traz a graça Em seu fruto abençoado. ... José santo, que bem vestes A alegria dos pastores, ... (Aveiro, CPP III, pág. 399)
§III-3583 No adro de São Martinho 'Stá meu corpo sepultado Entre dois toéis de vinho, Sete pães de cada lado. À cabeceira há toucinho, Aos pés, chouriço assado. Tudo isto é preciso P'ra um homem ser governado. (Viseu, CPP III, pág. 394)	§III-3600 Senhora Santa Luzia, Do lugar de Freixeiro, ... (Guimarães, CPP III, pág. 396)	§III-3626 Ó meu Menino Jesus, Amar-vos é um regalo; Nascestes à meia-noite, À primeira voz do galo. (A. Valdevez, CPP III, pág. 399)
§III-3584 Supremo Senhor da Terra, Dai-me luz e entendimento P'ra adorar a São Martinho E depois de ser velhinho, Mandai-me para a taberna Despejar copos de vinho, P'ra aguentar o frio da serra. (Penamacor, CPP III, pág. 394)	§III-3604 Coração, acima, acima, Acima ao pinheiral, Colher a pinhinha verde Para o dia de Natal (F. Algodres, CPP III, pág. 396)	§III-3627 ... - É a noite de Natal, Amanhã dia de festa. (Algoz, CPP III, pág. 399)
§III-3585 Em dia de Santo André Pega-se no bacorito pelo pé E, se ele disser: - Cué... cué... - Diz-se-lhe que tempo é. (Amarante, CPP III, pág. 394)	§III-3605 Nossa Senhora da Serra Lá anda no pinheiral, Apanhando pinha mansa Para a noite de Natal. (V. Castelo, CPP III, pág. 396)	§III-3629 São José, vinde cá baixo Acender o fogareiro, Que pariu Nossa Senhora ... (s/i, CPP III, pág. 399)
§III-3588	§III-3606 Acabemos, acabemos, Nanja de morrer agora! Vamos a britar pinhões Para nos irmos embora. (Leiria, CPP III, pág. 396)	§III-3630 Tais palavras disse a Virgem

Quando nasceu o Menino: Vinde cá, meu bago de oiro, Meu sacramento divino! (Alentejo, CPP III, pág. 399)	E cada moio um milhão. (Faro, CPP III, pág. 400)	Mais dela não terás ventura.
§III-3631 ... E foi nascer em Belém Numas palhinhas deitado.	§III-3633 ... Vamos ver o Deus Menino Que está deitado em palhinhas. ... Numa pobre manjedoura Onde comia o boi bento E a mula maliciosa.	Benedição de dêto, boi, Que donde lavres haja pão Sejam cerros, sejam vales, Sejam terras de reção. Que dum grão nasça um cento E dum cento um milhão. ... (Lagoa, CPP III, pág. 401)
Numas palhinhas deitado, Em gruta silenciosa, Onde estava o boi bento E a mula maliciosa.	O boi bento encobria Co'a sua benta armadura E a mula descobria Com a mão da ferradura.	§III-3635 ... Verdadeiro Rei Messias. ... Se lhe déreis esmola Vede lá como lha dais, Tendes no outro mundo Vossas mães e vossos pais.
O boi bento o encobria Com a benta armadura E a mula o destapava Com a mão e a ferradura.	Maldição te deito, mula, Que não pairas cria alguma E dessa que tu parires Dela não tenhas ventura.	O pãozinho é Deus que o cria E Jesus que no-lo dá; ... Vinde todos à missão, Vinde ver os vossos filhos À mesa da comunhão.
E bendito é o lugar Onde o boi pousar a mão: Sejam montes, sejam vales, Sejam terras de dar pão.	A abenção te deito, boi, E às terras que tu lavrares, Sejam cerros, sejam vais, Sejam terras que dêem pão, Cada bago nasça um cento, De cada cento um milhão. ... Esta noite é de Natal, É a noite dos pastores, ... (Portimão, CPP III, pág. 401)	Entrai, entrai, pastorinhos, Por esses portais adentro ... Entrai, entrai, pastorinhas, Por esses portais sagrados, Visitar o Deus menino Numas palhinhas deitado. ... (Almeida, CPP III, pág. 402)
E por isso sobre a mula Foi cair a maldição De não ter cria nenhuma E vir doutra geração. ... (Portimão, CPP III, pág. 400)	§III-3632 ... Aqui nasceu o menino Entre um boi e uma mula.	Nota: «Canta-se à noite, pelo Natal, de porta em porta, como nas Janeiras e nos Reis. Recebem também de comer e beber.»
A mula, como era má, Destapava-o co'a ferradura; O boi, como era bento, Tapava-o com'a armadura.	§III-3634 ... Nasce um rei celestial Do ventre da gloriosa. ... Foi nascer em Belém Numa pobre manjedoura, Donde come o boi bento E a mula maliciosa.	§III-3636 ... Bem podia Deus nascer Numa cama de veludo E nasceu numas palhinhas Para dar exemplo ao mundo. ... (Guimarães; Vidigueira, CPP III, pág. 403)
Eu te amaldiçoo, ó mula, Que não tenhas cria alguma E, se alguma tu tiveres, Que não veja Sol nem Lua.	O boi bento bem cobria Com a benta cornadura E a mula descobria Com a mão da ferradura.	§III-3637
Eu te abendiçoo, boinho, Que as terras que tu lavrares, Sejam altas, sejam baixas, Sejam terras de dar pão, Cada bago dê um moio	- Maldição te dêto, mula, Que não pares cria tua, Criatura, se parires,	

Entrai, pastorinhos, entrai, Por esse portal adentro, ...	(V. N. Foz-Côa, CPP III, pág. 404)	(s/i, CPP III, pág. 405-6)
§III-3638 Pastores, deixai o gado, ...	§III-3642 ... Já o galo cantou Com prazer e alegria; Vamos ver o Deus menino, ...	§III-3645 ... Ó meu Menino tão belo, Donde viestes a nascer No rigor do caramelo! ...
§III-3638 Pastores, deixai o gado, ...	Ó meu Menino Jusus, Ó meu lindo amor-perfeito, ...	Aqui vos venho of'recer, Meu divino Menino, Esta maçaroquinha, P'ra sua divina Mãe Lhe fazer os cueirinhos P'ra tapar a sua minhoquinha. (Campo Maior, CPP III, pág. 406)
§III-3639 Pastorinhas do deserto, Correi todas a Belém ...	(Faro, CPP III, pág. 404)	Nota: «[Maçaroquinha] De estopa.»
§III-3640 Pastorinhas do deserto, Correi todas, ide a ver ...	§III-3643 Entrai, pastores, entrai, Por este portal sagrado, ...	§III-3646 ... Nasceu em Belém, Em palhas deitado. ...
§III-3640 Em Belém, entre pastores. Nós samos os pastorinhos Que vamos para Belém, ...	- Ó meu Menino Jesus, Quem vos deu o resplendor? - Deu-me uma moça donzela, Filha dum lavrador. ...	(Baião, CPP III, pág. 406)
§III-3641 Aqui vos trago, Senhora Um queijinho na francela, Para dareis ò Menino, Que é coisa nova na terra. ...	(s/i, CPP III, pág. 403)	§III-3647 ... Ó Virgem do Rosário, Do cabelo anelado, Que alegria vós tivesteis Pela cantada do galo! ...
§III-3641 Aqui vos trago, Senhora, Um pucarinho de mel, Para fareis as papas Ò divino Emanuel. ...	§III-3644 O gado deixemos Entregue aos pastores, Vamos a Belém Ver nossos amores. Deixemos o gado Entregue ao rafeiro; Vamos adorar Jesus verdadeiro. ...	Já nasceu o Deus Menino, Vinde adorá-lo, pastores. ... Ó meu Menino Jusus, O que estais de pobrezinho! Se os mordomos me derem da rosca, Darei-bos um bocadinho. ...
...	Ó meu doce amor, Meu bem adorado. ...	Se vos não derem da rosca, Por eles serem descuidados, Ainda temos dinheiro P'ra vos comprar reбуçados. ...
...	Aqui vos of'reço Este meu surrão, Também vos of'reço O meu coração. Aqui vos of'reço Este fraco dado; Eu sou pobrezinha: Só tenho o meu gado.	(Bragança, CPP III, pág. 408)
...	Aqui vos of'reço Esta ovelhinha, Que vós bem sabeis Que sou pobrezinha.	§III-3648 ... Ó meu Menino Jusus, Minha boquinha sem fel, Com vergonha vos ofereço Esta parrinha de mel.

	(Alentejo, CPP III, pág. 411)	...
Entraí, pastores, entraí, Por estes portais sagrados, Vinde ver o Deus Menino Numas palhinhas deitado. ...	§III-3670 ...	Vós sendes o pastor de almas, Eu hei-de ser vossa ovelha. (Cabeceiras Basto, CPP III, pág. 413)
Entra, pastores entraí, Por estes portais adentro, Vinde ver o Deus Menino Pondo as palhinhas ao vento. ...	Ó meu Menino tão belo, Logo havíeis de nascer No rigor do caramelo! (Alentejo, CPP III, pág. 411)	§III-3691 Ó meu Menino Jesus, Ó meu baguinho de passa, ...
- Ó meu Menino Jasus, O que levais no balaio? - Levo continhas de cheiro Para a Virgem do Rosário. ...	§III-3671 Ó meu amado Menino, Ó meu tão belo jasmim, ...	(T. Moncorvo, CPP III, pág. 413)
(Portimão, CPP III, pág.409)	(s/i, CPP III, pág. 411)	§III-3694 Ó meu Menino Jesus, Ó meu lindo amor-perfeito, ...
§III-3650 - Onde vens, meu Menino, Que cheiras tanto a marcela? - Venho do jardim dos anjos, De enfeitar uma capela. (Óbidos, CPP III, pág. 410)	§III-3677 Ó meu Menino Jesus, A vossa capela cheira: Cheira a cravos, cheira a rosas, Cheira a flor de laranjeira. (Penafiel, CPP III, pág. 412)	(s/i, CPP III, pág. 413)
§III-3660 Ó mê Menino Jasus Da Lapa do coração, Dai-me da vossa merenda, Que a minha mãe não tem pão. (Alandroal, CPP III, pág. 410)	§III-3679 Ó meu Menino Jesus, ...	§III-3695 Ó meu Menino Jesus, ...
§III-3661 Ó mê Menino Jasus, Quem vos pudera valer, Com sopinhas da panela Sem a vossa Mãe saber! (Alandroal, CPP III, pág. 411)	Nasceste à meia-noite, À primeira voz do galo. (A. Valdevez, CPP III, pág. 412)	Logo vós fostes nascer Na noite do caramelo! (s/i, CPP III, pág. 414)
§III-3663 ...	§III-3680 Ó meu Menino Jesus, Boquinha de marmelada, ...	§III-3698 - Ó meu Menino Jesus, Que é da vossa camisinha? - Deixei-a na Fonte Santa, ...
Meu Menino da minha alma, Quem vos pudera valer Com sopinhas da panela Sem a minha mãe saber! (Alentejo, CPP III, pág. 411)	Boquinha de requeijão, Dai-me da vossa merenda, Que minha mãe não tem pão. (Portimão, CPP III, pág. 412)	(Faro, CPP III, pág. 414)
§III-3666 Ó meu amado Menino, Boquinha de marmelada, Dai-me da vossa merenda, Que a minha mãe não tem nada.	§III-3681 Ó meu Menino Jesus, Boquinha de requeijão, ...	§III-3703 - Ó meu Menino Jesus, Que trazeis nessa joeira? - Lágrimas de Nossa Senhora, Choradas na sexta-feira. (Silves, CPP III, pág. 414)
	(s/i, CPP III, pág. 412)	§III-3706 - Ó meu Menino Jesus, Quem Vos deu? Porque chorais? - Deram-me as moças da fonte; Não hei-de lá tornar mais. (Alentejo, CPP III, pág. 415)
	§III-3682 Ó meu Menino Jesus, Boquinha de sangue e lête, ...	§III-3710 Oh, dai-lhe leite Ao Deus Menino! Oh, dai-lhe leite Que é pequenino. (s/i, CPP III, pág. 415)
	(Silves, CPP III, pág. 412)	
	§III-3685 Ó meu Menino Jesus,	

§III-3713 Pastores, que andais no campo, Não colhei'la bela-luz, Que é onde a Virgem estendia Os cueiros de Jasus. (s/i, CPP III, pág. 415)	§III-3725 - Quando o sê Menino chora: - Anda cá, mê bago de oiro, ... (Nisa, CPP III, pág. 416)	... Foi lavar os cueirinhos À fontinha de Belém. (s/i, CPP III, pág. 418)
§III-3714 ... - Choro porque nasci em palhas E hei-de morrer numa cruz. (s/i, CPP III, pág. 415)	§III-3726 ... Foi lavar os cueirinhos À fontinha de Belém. (Óbidos, CPP III, pág. 416)	§III-3750 Ó meu amado Menino, No presépio deitadinho, ... (s/i, CPP III, pág. 419)
§III-3715 Tais palavras disse a Virgem Quando nasceu o menino: - Vinde cá, meu bago de oiro, Meu sacramento divino! (Alentejo, CPP III, pág. 415)	§III-3729 ... Foi lavá'los cueirinhos À fontinha de Belém. (T. Moncorvo, CPP III, pág. 417)	§III-3751 ... Vou lavá'los cueirinhos À fonte do caramelo. (Alentejo, CPP III, pág. 419)
§III-3716 Vamos, moças, a dar vivas Nascidos do coração: - Viva Jesus no presepe ... (Alentejo, CPP III, pág. 415)	§III-3730 ... Foi lavar os cueirinhos À fontinha de Belém. (Mesão Frio; Penafiel, CPP III, pág. 417)	§III-3752 Ó meu Menino Jesus, Quem Vos há-de acalantar? É a mamãzinha Que lhe há-de dar de mamar. (Tondela, CPP III, pág. 419)
§III-3720 ... Foi lavá'los cueirinhos À fontinha de Belém. (T. Moncorvo, CPP III, pág. 416)	§III-3733 ... Calai-vos, Menino, Calai-vos, Senhor, Que as vossas bagadas Me cortam com dor.	§III-3754 Ró, ró! Tou pau fui a carbo(n)u E tũe mái a violeta: Não tens quem te dê la teta. (Terras de Miranda, CPP III, pág. 419)
§III-3721 ... Foi lavar os cueirinhos À fontinha de Belém. (Valpaços, CPP III, pág. 416)	Os filhos dos ricos Em berço doirado, Só vós, meu Menino, Em palhas deitado! (Ilha S. Miguel, CPP III, pág. 417)	§III-3755 ... Foi lavar os cueirinhos À fontinha de Belém. (V. N. Foz-Côa; Tarouca, CPP III, pág. 419)
§III-3722 ... Foi lavar os cueirinhos À fontinha de Belém. (s/i, CPP III, pág. 416)	§III-3737 Menino Jesus, Escondei os olhinhos, Que lá vem o papão Papar os meninos. (Vinhais, CPP III, pág. 418)	§III-3756 ... Foi lavá'los cueirinhos À fontinha de Belém. (Tarouca, CPP III, pág. 419)
§III-3723 ... Foi lavá'los cueirinhos À pocinha de Belém. (Alentejo, CPP III, pág. 416)	§III-3739 ... Foi lavar os cueirinhos À fontinha de Belém. (s/i, CPP III, pág. 418)	§III-3757 Tua Mãe foi lavar panos À fontinha de Belém. Estende-os na bela-luz; Oh que rico cheiro têm! (T. Moncorvo, CPP III, pág. 420)
	§III-3742	

§III-3759 À entrada de Portelo Cheira-me a manjaricão: É o sangue derramado Do Senhor da Afelição. (Lamego, CPP III, pág. 420)	À sombra da carvalheira. ... Debaixo da carvalheira Dois amantes encobriu. (s/i, CPP III, pág. 422)	Eu quero-te tanto Como à flor da murta Criada no campo. (s/i, CPP III, pág. 428)
§III-3760 Divino Senhor da Barca, Dizei-me adonde morais. Do lado de cá do Côa, Ao cimo dos olivais. (Almeida, CPP III, pág. 420)	§III-3777 Senhora dos Montes Ermos, Que estais lá no cabecinho, Lançai um púcaro de água Ao meio deste caminho. (T. Moncorvo, CPP III, pág. 422)	§III-3816 Ailé, Lá baixo à muralha, Moças solteiras Não usam navalha. (Alentejo, CPP III, pág. 428)
§III-3766 - Nossa Senhora de Azares Dizei-me onde morais. - Moro na Serra do Ral, Ao fundo dos pinheirais. (s/i, CPP III, pág. 421)	§III-3782 Senhora da Sanguinheira Tem a casa na ladeira. ... (Mira, CPP III, pág. 422)	§III-3825 Compadre, ferrim, pim, pim, Compadre, ferrim, pim, pão, Já morreu a ratazana, Só ficou um larião. (s/i, CPP III, pág. 429)
§III-3769 A Senhora da Enxara Tem a ermida nos matos: ... (C. Maior, CPP III, pág. 421)	§III-3787 Eu venho da romaria Da senhora da Alcachopa; Agora venho santinho, Dá-me um beijo, ó cachopa. (Mirandela, CPP III, pág. 423) Nota: «(...) menção de romaria a invocação inexistente (...).»	§III-3828 É pau, é pau, é pau, É pau, é bicho mau, O gato da vizinha Já comeu o carapau. (Sacavém, CPP III, pág. 429)
§III-3772 Nossa Senhora da Granja Para o ano lá hei-de ir A colher ramos de murta, Já que ela não quer cair. (Idanha-a-Nova, CPP III, pág. 421)	§III-3790 Damos vivas às senhoras E mais ao nosso patrão Também lhe queremos pedir O azeite p'ra função. (Estremoz, CPP III, pág. 425)	§III-3830 Laranja ao ar, Limão ao chão, És o meu amor, Ou serás ou não! (s/i, CPP III, pág. 429)
§III-3773 - Nossa Senhora da Granja, Quem vos varreu a capela? - Foram os moços da aldeia, C'um raminho de marcela. (Idanha-a-Nova, CPP III, pág. 421)	§III-3794 Viva a pomba, viva o pombo; Viva a pomba no telhado, Viva também a menina Ao pé do seu namorado. (Baião, CPP III, pág. 425)	§III-3831 Laranja, laranja, Laranja, limão; Quem não tem amores Morre de paixão. (Ovar, CPP III, pág. 429)
§III-3775 A Senhora do Martírio Tem uma toalha de oiro: Foi tecida em Quintela, Curada no Miradoiro. (Baião, CPP III, pág. 422)	Remates de cantiga começam aqui: §III-3808 ... Eu não prometo de certo: Sou criada de servir. (s/i, CPP III, pág. 427)	§III-3835 Ó balancé, balancé, Balancé da neve pura, Ó minha Salvé Rainha Minha Virgem de doçura! (s/i, CPP III, pág. 429)
§III-3776 A Senhora do Martírio, Se ela fora chocalheira, Ela dixerá o que viu	§III-3814 Ailé,	§III-3838 Ó do vira, vira, Eu hei-de virar Um copo de vinho, Do fundo p'ro ar!

(s/i, CPP III, pág. 430)		(Alvaiázere, CPP III, pág. 433)
§III-3839	§III-3849	§III-3885
Ó limão,	Os olhos da Marianita	Vou a dar a despedida,
Ó verde limão,	São verdes, cor de limão;	Por cima duma maçã;
Amor da minha alma	Ai, sim, Marianita, ai, sim,	...
Dá-me a tua mão!	Ai, sim, Marianita, ai não.	(s/i, CPP III, pág. 434)
(A. Valdevez; Guarda, CPP III, pág. 430)	(s/i, CPP III, pág. 431)	
§III-3842	§III-3858	§III-3891
Ó rama, ó linda rama,	Se queres, toma limão,	Vou deitar a despedida,
Ó rama de oliveira,	Que ele é doce, não amarga não.	Minha laranja redonda,
O meu par é o mais lindo	(Estremoz, CPP III, pág. 431)	...
Que anda aqui na roda inteira.	§III-3860	(s/i, CPP III, pág. 435)
(s/i, CPP III, pág. 430)	Tem coisas, ti'Manel, tem coisas,	§III-3896
§III-3843	Tem coisas más de entender:	Tenho apenas um bom gosto
O remate da cantiga	Mandou-me fazer'ma açorda	Na vida, posso dizer:
Foi à fonte, logo vem;	E agora não na quer comer!	Trabalho constante, é certo,
A cantiga sem remate	(Alentejo, CPP III, pág. 431)	Mas granjeio p'ra comer.
Graça nenhuma não tem.	§III-3861	(Bragança, CPP III, pág. 437)
(Nisa, CPP III, pág. 430)	Tiro, li, liro,	§III-3897
§III-3845	Lá da madrugada;	- Estas casas'stão caiadas,
O remate da cantiga	Canta o rouxinol,	Quem seria a caiadeira?
Foi à vila, logo vem,	Maçaroca assada.	- Foi o noivo mais a noiva
Foi p'ra buscar os temperos	(Portimão, CPP III, pág. 431)	C'um ramo de laranjeira.
P'rá galinha saber bem.	Nota: «Quando as maçarocas estão	(s/i, CPP III, pág. 437)
(Portimão, CPP III, pág. 430)	tenras, isto é, quando o milho está a	§III-3898
§III-3846	«enxaropar», comem-nas assadas ou	Barrete verde à campina
Ó ripompoila,	cozidas.»	Não no posso ver usar:
Ripompoilinha!	§III-3862	Alembra-me o meu amor
Ai, arroz doce,	Toma lá cerejas	E não passo sem chorar!
Na caçoilinha!	Duma banda só;	(Cartaxo, CPP III, pág. 437)
(s/i, CPP III, pág. 430)	Toma lá cerejas	§III-3899
§III-3847	Da quinta da minha avó.	O meu amor é campino,
Olha a laranjinha	(Tomar, CPP III, pág. 431)	É campino e é moiral;
Que caiu, caiu,	§III-3865	Quando quer falar comigo
No cimo do monte,	Tum, tum, ó, ó, ol,	Bota a vara p'rò quintal.
Ninguém mais a viu.	Meu bem, caracol,	(Cartaxo, CPP III, pág. 437)
(s/i, CPP III, pág. 430)	Toca o pintassilgo,	§III-3901
Var.: Nas águas do mar.	Canta o rouxinol.	Que bela sociedade
§III-3848	(Tomar, CPP III, pág. 432)	Que nos deu tão boa m'renda!
Olha a rolinha	Fim dos remates de cantiga.	Hoje em dia, ser criada
Que andou, andou,	§III-3873	Vale mais que fazer renda.
Caiu no laço	Despedidas, despedidas,	(s/i, CPP III, pág. 437)
E ela lá ficou.	Já hoje não canto mais,	§III-3903
(s/i, CPP III, pág. 430)	Tenho uma pulga no choco	Principiei em alfaiate,
	Com vinte e cinco pardais.	Ofício que não tem valor:

Para ver se ganho o pão, Mudei para ferrador. (s/i, CPP III, pág. 437)	P'ra tu andares bem gordinha.
§III-3904 ... Dá saúde ao meu amor Que ele é um triste ganhão. (Vila Velha, CPP III, pág. 438)	- Ó meu querido Josezinho, Minha doce companhia, ... (s/i, CPP III, pág. 440)
§III-3905 - Quem é? - A jornaleira do V'rao. - Fecha-lhe a porta E açula-lhe o cão. (A. Valdevez, CPP III, pág. 438)	§III-3911 ... - Ainda podias ser feliz Se usasses com impostura Para enganar as moças, Dar-lhe falas de doçura. - Minha mãe, se isso é remédio, Vou usar dessa comida, Vou usar a meter doces Cá p'ra dentro da barriga.
§III-3906 ... Lava a roupa, lavadeira, O sabão quemquer o tem. (Mesão Frio, CPP III, pág. 438)	- Valha-te Deus, ó meu filho, Ainda és tão inocente! A palavra com doçura É condão que Deus dá à gente. ... - Teu pai, quando nós casámos, Eu de cá lhe respondia: Pegou-me daí num cacete, Deu-me até que eu aprendi. Toma lá esta receita E guarda-a para ti: Se a tua te responder, Que coma do que eu comi. (s/i, CPP III, pág. 441) («De literatura de cordel.»)
§III-3907 Sol divino, põe-te, põe-te Lá por trás das azinheiras; Deixa vir a noite escura Que é p'ràs tristes mondadeiras. (C. Verde, CPP III, pág. 438)	§III-3912 ... Aterrar o aeroplano Ao pé do Monte Barão. ... Vi lá muito trabalhador E vi muito ganadeiro, Também vi muito carrero E vi muito lavador. ... Estava ao pé uma lebre deitada, Ia-a matando primeiro. (Vila Nova de Baronia, Diário de Lisboa, 1928, CPP III, pág. 442-3)
§III-3908 ... Dá saúde ao meu amor Que é um pobre mulateiro. (V. Velha, CPP III, pág. 438)	Fim do CPP III, de LV. Contém 3 912 textos ao total.
§III-3910 ... Se gosta de namorar Também é meu intento: Essas suas falas doces São de muito fundamento. ... Podemos casar ambinho Se é teu gosto, é meu intento. ... Lá por todo o mês de Maio É que se colhe a cereja; ... Será minha consorte feliz A menina Rosarinha Hei-de-te dar bom viver	